
DAVID
COPPERFIELD
CHARLES
DICKENS
DAVID
COPPERFIELD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

PREFÁCIO
À EDIÇÃO DE 1867

Observei, no prefácio original deste livro, que não considerei fácil me distanciar o suficiente, ainda nas primeiras sensações depois de terminá-lo, para me referir a ele com a compostura que esta abertura formal parece exigir. Meu interesse nele era tão recente, e tão forte, e minha mente estava tão dividida entre o prazer e o lamento – prazer pela conclusão de um longo projeto, lamento por me separar de tantos companheiros – que eu corria o risco de cansar o leitor com confidências pessoais e emoções particulares.

Al ém disso, tudo o que eu poderia dizer sobre a história, quaisquer que fossem as razões para isso, procurei dizer nela.

Pouco interessaria ao leitor, talvez, saber como senti pena de deixar a caneta de lado ao encerrar uma tarefa imaginativa de dois anos; ou como um autor se sente ao lançar uma parte de si mesmo no mundo de sombras quando uma multidão de criaturas de sua cabeça sai dele para sempre. No entanto, eu nada mais tinha a dizer; a menos, de fato, que fosse confessar (o que pode ser ainda menos importante) que ninguém jamais poderá acreditar nesta narrativa, ao lê-la, mais do que eu acreditei ao escrevê-la.

Tão verdadeiros são esses sentimentos no presente que agora s ó posso fazer ao leitor mais uma confidência. De todos os meus livros, este é o de que gosto mais. é fácil acreditar que sou pai afetuoso de todos os filhos de minha fantasia, e que ninguém jamais amará essa família mais do que eu. Mas, assim como muitos pais afetuosos, tenho no fundo do meu coração um filho predileto. E seu nome é **DAVID COPPERFIELD**.

Charles Dickens

CHARLES DICKENS

TRADUÇÃO JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

DAVID COPPERFIELD

Nasço

Se serei o herói de minha própria vida, ou se essa posição será ocupada por alguma outra pessoa, é o que estas páginas devem mostrar. Para começar minha vida com o começo de minha vida, registro que nasci (conforme me informaram e acreditei) numa sexta-feira, à meia-noite. Notaram que o relógio começou a bater as horas e comecei a chorar simultaneamente.

Considerando o dia e a hora de meu nascimento, a parteira e algumas mulheres sábias do bairro, que tinham um vivo interesse em mim meses antes de qualquer possibilidade de nos conhecermos pessoalmente, declararam, primeiro, que eu estava destinado a ser infeliz na vida; e, em segundo lugar, que teria o privilégio de enxergar fantasmas e espíritos; ambos os dotes inevitáveis, como elas acreditavam, a toda infeliz criança de qualquer gênero, nascida nas primeiras horas de uma noite de sexta-feira.

Não preciso dizer nada aqui, logo no começo, porque nada pode demonstrar melhor que minha própria história se essa previsão se confirmou ou se desmentiu. No segundo aspecto da questão, observarei apenas que, a menos que eu tenha esgotado essa parte de minha herança quando bebê, ainda não tomei posse dela. Mas não reclamo nem um pouco de ser poupado dessa privação; e se alguma outra pessoa goza dela no presente momento, será muito bem-vinda a conservá-la consigo.

Nasci empelicado,{1} e a membrana foi posta à venda nos jornais ao módico preço de quinze guinéus. Se as pessoas que viajavam por mar naquela época estavam sem dinheiro, ou estavam sem fé e preferiam os coletes de cortiça, eu não sei; tudo o que sei é que houve apenas um lance solitário, e foi de um advogado ligado ao câmbio, que ofereceu duas libras em dinheiro, e o resto em xerez, mas declinou da garantia de não morrer afogado por um preço superior. Em consequência, o anúncio foi

retirado com prejuízo total – pois quanto ao xerez, o xerez de minha pobre e querida mãe estava no mercado então – e dez anos depois a membrana de empelicado foi rifada em nossa região, em cinquenta números a meia-coroa por cabeça, o vencedor vindo a gastar cinco xelins. Eu estava presente e me lembro de ter me sentido bem incomodado e confuso diante de uma parte de mim ser oferecida desse jeito. Quem ganhou a membrana de empelicado, eu me lembro, foi uma velha com uma cesta, que, muito relutante, apresentou os estipulados cinco xelins, tudo em moedas de meio penny, e faltando dois pence e meio, coisa que exigiu tempo imenso e grande gasto de matemática no empenho infrutífero de provar isso a ela. O fato é que por muito tempo será lembrado como notável por lá que ela nunca se afogou, mas morreu triunfante em sua cama aos noventa e dois anos. Soube que essa foi, até o final, sua maior vaidade, o fato de nunca ter estado na água em sua vida, a não ser numa ponte; e, durante o chá (sobre o qual era extremamente exigente), ela, até o final, sempre expressava sua indignação pela audácia insolente de marinheiros e outros que tinham a presunção de sair "vagando" pelo mundo. Inútil relembrar a ela que algumas conveniências, inclusive talvez o chá, resultavam dessa prática questionável. Ela sempre respondia com ênfase ainda maior e com um conhecimento instintivo da força de sua objeção: "Não vamos divagar".

Para não divagar, eu próprio, neste momento, voltemos ao meu nascimento.

Nasci em Blunderstone, Suffolk, ou "por ali", como dizem na Escócia. Fui filho póstumo. Os olhos de meu pai estavam fechados para a luz deste mundo havia seis meses quando os meus se abriram para ele. Há algo de estranho para mim, mesmo hoje, na ideia de que ele nunca me viu; e algo ainda mais estranho na lembrança sombria que tenho de minhas primeiras associações infantis com sua branca lápide no adro da igreja e da indefinível compaixão que costumava sentir, por ele estar ali deitado sozinho na noite escura, quando nossa saleta era quente e iluminada por fogo e vela, e as portas de nossa casa estavam – quase cruelmente, me parecia às vezes – fechadas e trancadas.

Uma tia de meu pai, e portanto tia-avó minha, sobre quem terei mais a

relatar adiante, era a principal magnata da família. A srta. Trotwood, ou srta. Betsey, como minha pobre mãe a chamava, quando conseguia superar seu horror a essa personagem tremenda a ponto de nem sequer mencioná-la (o que era raro), havia se casado com um marido mais jovem que ela, que era muito bonito, exceto no sentido do adágio popular "bonito é quem o bem faz", porque havia forte suspeita de que ele batia na srta. Betsey e de que havia mesmo, numa questão polêmica sobre provisões, feito algumas apressadas, mas decididas, tentativas de jogá-la pela janela de um segundo andar. Esses sinais de incompatibilidade de temperamentos levou a srta. Betsey a pagar a ele e efetuar uma separação amigável. Ele foi para a Índia com seu capital e lá, segundo uma lenda desvairada de nossa família, foi visto uma vez montado num elefante na companhia de um babuíno; mas creio que se tratava de um babu ou uma begum.{2} Seja como for, da Índia chegaram em casa notícias de sua morte, dez anos depois. Como isso afetou minha tia, ninguém soube; pois imediatamente após a separação, ela retomou seu nome de solteira, comprou um chalé num povoado no litoral, muito longe, lá se instalou como mulher solteira com uma criada, e ficou claro que viveria isolada, para sempre, em retiro inflexível.

Meu pai havia sido o queridinho dela, creio eu; mas ela ficou mortalmente ofendida com o casamento dele, em razão de minha mãe ser "uma boneca de cera". Ela jamais vira minha mãe, mas sabia que não tinha ainda vinte anos. Meu pai e a srta. Betsey nunca mais se encontraram. Ele tinha o dobro da idade de minha mãe quando se casaram e era de constituição um tanto delicada. Morreu um ano depois, e, como disse, seis meses antes que eu viesse ao mundo.

Esse era o estado das coisas na tarde daquela que *eu* posso ter a licença de considerar uma sexta-feira agitada e importante. Não tenho como saber em que pé estavam as coisas naquele momento; nem guardo lembrança alguma, fundada em prova de meus sentidos, do que se segue.

Minha mãe estava sentada diante do fogo, mas indisposta e de moral muito baixo, olhando as chamas através das lágrimas, e se desesperando penosamente por si mesma e pelo pequeno estranho sem pai que, já bem recebido por algumas dúzias de proféticos alfinetes, numa gaveta do

andar de cima, em um mundo nada animado pela questão de sua chegada; minha mãe, digo, estava sentada junto ao fogo naquela manhã clara e ventosa de março, muito temerosa e triste e duvidando muito que fosse sair viva da provação que tinha diante de si, quando, erguendo os olhos ao enxugá-los, viu pela janela em frente uma dama desconhecida entrando pelo jardim.

Minha mãe teve, ao segundo olhar, uma firme premonição de que era a srta. Betsey. O sol poente brilhava sobre a dama desconhecida, por cima da cerca do jardim, e ela avançava para a porta com a feroz rigidez de porte e compostura de expressão que não podiam pertencer a mais ninguém.

Quando chegou à casa, deu uma prova a mais de sua identidade. Meu pai sempre insinuara que ela quase nunca se portava como um cristão comum; e então, em vez de tocar a sineta, ela chegou e olhou para dentro daquela mesma janela, pressionando a ponta do nariz no vidro a tal ponto que minha pobre e querida mãe costumava dizer que ficou perfeitamente chato e branco por um momento.

Ela deu tamanho susto em minha mãe que sempre achei que devia à srta. Betsey o fato de ter nascido numa sexta-feira.

Em sua agitação, minha mãe havia deixado a cadeira, e ido para trás dela. A srta. Betsey percorreu com os olhos a sala, devagar e interrogativamente, começando pelo outro lado e conduzindo os olhos como uma cabeça de mouro num relógio holandês até encontrar minha mãe. Então fez para minha mãe uma carranca e um gesto de alguém acostumada a ser obedecida, para que viesse abrir a porta. Minha mãe foi.

– Senhora David Copperfield, *imagino* eu – disse a srta. Betsey; a ênfase se referindo, talvez, ao luto de minha mãe e à sua condição.

– Sim – minha mãe disse, abatida.

– Senhorita Trotwood – disse a visitante. – Ouviu falar dela, se ouso dizer.

Minha mãe respondeu que tinha tido o prazer. E teve a desagradável consciência de não deixar transparecer que havia sido um prazer opressivo.

– Agora está diante dela – disse a srta. Betsey. Minha mãe baixou a cabeça e a convidou a entrar.

Foram para a saleta de onde minha mãe havia saído, não estando acesa a lareira da sala melhor, do outro lado do corredor – não fora acesa, na verdade, desde o enterro de meu pai; e quando se sentaram e a srta. Betsey não disse nada, minha mãe, depois de tentar inutilmente se controlar, começou a chorar.

– Ah, ora, ora, ora! – logo disse a srta. Betsey. – Não faça isso! Vamos, vamos!

Minha mãe mesmo assim não conseguiu se controlar, de forma que chorou até não ter mais o que chorar.

– Tire a touca, menina – disse a srta. Betsey – e me deixe ver você.

Minha mãe estava com muito medo dela para se recusar a obedecer a esse pedido estranho, mesmo que tivesse alguma disposição para tal. Portanto, fez o que lhe foi ordenado, e o fez com mãos tão nervosas que o cabelo (que era farto e bonito) caiu por todo o rosto.

– Ora, Deus me perdoe! – exclamou a srta. Betsey. – Você é mesmo uma criança!

Minha mãe era, sem dúvida, excepcionalmente jovem de aparência, até para sua idade. Ela baixou a cabeça, como se fosse culpa sua, coitadinha, e disse, soluçando, que de fato acreditava ser nada mais que uma viúva menina e não seria mais que uma mãe menina se sobrevivesse. Na breve pausa que se seguiu, ela teve a impressão de sentir a srta. Betsey tocar seu cabelo, e com mão não indelicada; mas olhando para ela, em sua tímida esperança, descobriu que a dama estava sentada com a saia erguida, as mãos dobradas sobre um joelho e os pés na grade de proteção, testa franzida para o fogo.

– Em nome dos céus – disse a srta. Betsey de repente –, por que Gralhada?

– Está falando da casa, minha senhora? – perguntou minha mãe.

– Por que Gralhada? – perguntou a srta. Betsey. – Fornada teria sido muito mais adequado, se tivessem alguma visão prática da vida, vocês dois.

– O nome foi escolha do sr. Copperfield – respondeu minha mãe. – Quando comprou a casa, ele gostava de pensar que haveria gralhas em torno dela.

O vento do entardecer fez então tamanha agitação entre alguns olmos altos no fim do jardim que nem minha mãe nem a srta. Betsey conseguiram deixar de olhar nessa direção. Já que os olmos se inclinavam uns na direção dos outros, como gigantes que sussurrassem segredos, e depois de alguns segundos desse repouso caíssem em violenta agitação, sacudindo os loucos braços, como se suas últimas confidências fossem realmente pérfidas demais para sua paz de espírito, alguns velhos ninhos de gralhas esfiapados, desgastados pelo tempo, que pesavam dos galhos mais altos, sacudiam como náufragos num mar tempestuoso.

– Onde estão os pássaros? – perguntou a srta. Betsey.

– Os...? – Minha mãe estava pensando em outra coisa.

– As gralhas... o que aconteceu com elas? – perguntou a srta. Betsey.

– Não veio nenhuma desde que moramos aqui – disse minha mãe. – Achamos, o senhor Copperfield achou, que eram muitas gralhas; mas os ninhos eram bem velhos e tinham sido abandonados pelos pássaros muito tempo antes.

– David Copperfield sem tirar nem pôr! – exclamou a srta. Betsey. – David Copperfield da cabeça aos pés! Chamar uma casa de Gralhada quando não existe gralha nenhuma por perto e achar que há pássaros porque vê os ninhos!

– O senhor Copperfield – respondeu minha mãe – está morto e se a senhora se atrever a falar mal dele para mim...

Minha pobre e querida mãe, acho, tinha alguma intenção momentânea de atacar e espancar minha tia, que podia com facilidade dar conta dela com uma só mão, embora minha mãe tivesse tido melhores condições para um enfrentamento desses do que tinha nessa noite. Mas isso passou com o ato de levantar da cadeira e ela se sentou de novo, muito fraca, e desmaiou.

Quando voltou a si, ou quando a srta. Betsey a trouxe de volta, seja o que for, viu a outra parada diante da janela. O entardecer a essa altura

estava caminhando para a escuridão; e, na penumbra, não conseguiriam se ver sem a ajuda do fogo.

– Bom – disse a srta. Betsey indo até sua cadeira, como se estivesse considerando casualmente a possibilidade –, e para quando você espera...

– Estou toda trêmula – minha mãe disse, vacilante. – Não sei o que está acontecendo. Eu vou morrer, tenho certeza!

– Não, não, não – disse a srta. Betsey. – Tome um chá.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus, acha que vai me fazer bem? –minha mãe exclamou desamparada.

– Claro que sim – disse a srta. Betsey. – Isso não passa de capricho. Como você chama a sua menina?

– Não sei ainda se será uma menina, não, senhora – disse minha mãe, inocente.

– Bendita criança! – a srta. Betsey exclamou, citando sem saber a frase da almofada de alfinetes na gaveta do andar de cima, mas aplicada a minha mãe e não a mim. – Não falei disso. Estou falando da criada.

– Peggotty – disse minha mãe.

– Peggotty! – repetiu a srta. Betsey com certa indignação. – Você está me dizendo, filha, que um ser humano entrou numa igreja cristã e adquiriu o nome de Peggotty?

– É o sobrenome dela – disse minha mãe, fraca. – O senhor Copperfield a chamava assim porque o nome de batismo dela é igual ao meu.

– Venha cá! Peggotty! – gritou a srta. Betsey abrindo a porta da saleta. – Chá. Sua patroa não está muito bem. Não demore.

Dada essa ordem com tal veemência como se ela fosse uma autoridade reconhecida na casa desde que era uma casa, e tendo confrontado a perplexa Peggotty que surgira no corredor com uma vela ao som de uma voz estranha, a srta. Betsey fechou a porta de novo e sentou-se como antes: com os pés no anteparo, a saia do vestido erguida e as mãos dobradas em cima de um joelho.

– Você estava falando de ser menina – disse a srta. Betsey. – Não

tenho dúvida de que vai ser menina. Tenho um pressentimento de que deve ser uma menina. Agora, filha, no momento em que essa menina nascer...

– Talvez menino – minha mãe tomou a liberdade de interromper.

– Estou dizendo que tenho um pressentimento de que deve ser uma menina – insistiu a srta. Betsey. – Não me conteste. Desde o momento do nascimento dessa menina, filha, pretendo ser amiga dela. Pretendo ser sua madrinha e peço que dê a ela o nome de Betsey Trotwood Copperfield. Não deve haver nenhum equívoco na vida com *esta* Betsey Trotwood. Não deve haver nenhuma bobagem com os afetos *dela*, pobrezinha. Ela deve ser bem educada e bem preservada para não depositar sua confiança onde não é merecida. Disso farei a *minha* obrigação.

A cabeça da srta. Betsey fazia um movimento depois de cada uma dessas frases, como se os seus próprios erros do passado estivessem agindo dentro dela e, através de forte repressão, ela impedisse qualquer referência mais direta a eles. Assim suspeitou minha mãe, ao menos, ao observá-la à luz baixa do fogo: muito amedrontada pela srta. Betsey, muito inquieta por si mesma e muito calada e confusa no todo para observar qualquer coisa com clareza ou saber o que dizer.

– E David era bom para você, filha? – perguntou a srta. Betsey, depois de ficar um pouquinho calada e esses movimentos de cabeça aos poucos terem cessado. – Vocês se davam bem?

– Nós éramos muito felizes – disse minha mãe. – O senhor Copperfield era muito bom para mim.

– O quê? Ele mimava você, eu suponho – replicou a srta. Betsey.

– Como estou bem sozinha e dependo só de mim neste duro mundo outra vez, acho que mimava, sim, de fato – soluçou minha mãe.

– Bom! Não chore! – disse a srta. Betsey. – Você não era par para ele, filha, se é que duas pessoas *possam* ser par uma para outra, por isso fiz a pergunta. Você era órfã, não?

– Era.

– E governanta?

– Era babá numa família que o senhor Copperfield visitava. O senhor Copperfield era muito gentil comigo, olhava muito para mim, me dava bastante atenção e finalmente me propôs casamento. E eu aceitei. Nos casamos – disse minha mãe, com simplicidade.

– Ah, pobre menina! – divagou a srta. Betsey, a testa franzida ainda inclinada para o fogo. – Você sabe alguma coisa?

– O que foi que a senhora disse? – minha mãe perguntou, hesitante.

– De cuidados com a casa, por exemplo – disse a srta. Betsey.

– Não muito, acho – respondeu minha mãe. – Nem de longe o quanto eu gostaria. Mas o senhor Copperfield estava me ensinando...

(E ele lá sabia alguma coisa?!) – disse a srta. Betsey num parênteses.

– ... e acho que eu teria melhorado, estando tão ansiosa para aprender e ele tão paciente para ensinar, se a grande infelicidade de sua morte... – De novo minha mãe calou-se aí e não conseguiu continuar.

– Bem, bem! – disse a srta. Betsey.

– ... eu mantinha o livro de despesas da casa e conferia com o senhor Copperfield toda noite – exclamou minha mãe em outro jorro de tristeza e caindo no choro outra vez.

– Bem, bem! – disse a srta. Betsey. – Não chore mais.

– ... e sei ao certo que nunca tivemos uma palavra de desacordo quanto a isso, a não ser quando o senhor Copperfield protestava que meus três e cincos eram muito parecidos, e que eu punha rabinhos enrolados em meus setes e noves – continuou minha mãe em mais um jorro, interrompendo-se outra vez.

– Vai passar mal – disse a srta. Betsey –, e sabe que isso não será bom nem para você, nem para minha afilhada. Vamos! Não fique assim!

Esse argumento teve algum efeito para aquietar minha mãe, embora sua crescente indisposição tenha tido talvez efeito maior. Houve um intervalo de silêncio, quebrado apenas pelos ocasionais *Ah!* jaculatórios da srta. Betsey sentada com os pés no anteparo.

– Sei que David havia feito um plano de pensão com o dinheiro dele – disse ela, afinal. – O que ele deixou para você?

– O senhor Copperfield – disse minha mãe, respondendo com alguma

dificuldade – foi muito atencioso e bom e garantiu a reversão de uma parte disso para mim.

– Quanto? – perguntou a srta. Betsey.

– Cento e cinquenta libras por ano – disse minha mãe.

– Podia ter sido pior – disse minha tia.

A palavra era adequada ao momento. Minha mãe estava tão pior, que Peggotty, ao entrar com a bandeja de chá e velas e ver de imediato como ela estava mal, e que a srta. Betsey teria visto antes se houvesse luz suficiente, a levou para seu quarto no andar de cima a toda pressa; e imediatamente despachou Ham Peggotty, seu sobrinho, que estava fazia alguns dias em segredo na casa, sem que minha mãe soubesse, como mensageiro especial em caso de emergência, para buscar parteira e médico.

Essas duas forças aliadas ficaram consideravelmente perplexas quando, ao chegar com minutos de intervalo entre um e outro, encontraram uma dama desconhecida de aspecto portentoso sentada diante do fogo, com o chapéu amarrado ao braço esquerdo, tapando os ouvidos com algodão. Como Peggotty nada sabia sobre ela e minha mãe nada disse sobre ela, era um grande mistério na saleta; e o fato de ter um estojo de algodão no bolso e colocar esse artigo nos ouvidos daquela forma em nada depreciava a solenidade de sua presença.

O médico, tendo subido e descido outra vez, e concluído, creio, que havia uma possibilidade de essa dama desconhecida e ele terem de sentar face a face por algumas horas, dispôs-se a ser educado e sociável. Ele era o mais manso exemplar de seu sexo, o mais delicado homenzinho. Esgueirava-se ao entrar e sair de uma sala, para ocupar menos espaço. Pisava tão macio como o Fantasma em *Hamlet*, e mais devagar. Inclinava a cabeça para um lado, em parte por modesta autodepreciação, em parte em modesta reverência aos outros. Não se pode dizer que seria capaz de cometer grosserias nem com um cachorro. Ele não *cometia* grosserias nem com um cachorro louco. Podia oferecer uma palavra mais dura gentilmente, ou meia palavra, ou um fragmento, pois falava tão devagar como andava; mas não seria rude com ele, e não poderia ser ríspido com ele, por nenhum motivo imaginável.

O dr. Chillip, olhando com delicadeza para minha tia, a cabeça de lado, e com uma pequena reverência, disse, aludindo ao algodão, tocando suavemente a orelha esquerda:

– Alguma irritação local, minha senhora?

– O quê? – minha tia respondeu, tirando o algodão de um ouvido como se fosse uma rolha.

O dr. Chillip ficou tão alarmado com sua aspereza, conforme contou a minha mãe, posteriormente, que foi um alívio não perder a presença de espírito. Mas repetiu, docemente:

– Alguma irritação local, minha senhora?

– Bobagem! – replicou minha tia, e arrolhou-se de novo, num só golpe.

O dr. Chillip nada podia fazer depois disso, senão ficar sentado e olhar debilmente para ela, ali sentada, mirando o fogo, até ser chamado de novo para o andar de cima. Depois de uma ausência de um quarto de hora, ele voltou.

– Então? – disse minha tia, removendo o algodão da orelha mais próxima dele.

– Bom, minha senhora – respondeu o dr. Chillip –, estamos... estamos progredindo devagar.

– Ba-a-ah! – disse minha tia, com uma sacudida perfeita ao proferir a interjeição desdenhosa. E arrolhou-se de novo, como antes.

Sinceramente... sinceramente... como disse o dr. Chillip a minha mãe, ele quase ficou chocado; falando de um ponto de vista estritamente profissional, ele quase ficou chocado. Mas sentou-se e olhou para ela mesmo assim, durante quase duas horas, ela voltada para o fogo, até ser chamado de novo. Mais uma ausência e de novo ele voltou.

– E então? – disse minha tia, removendo o algodão daquele lado outra vez.

– E então, minha senhora – respondeu o dr. Chillip –, estamos... estamos progredindo devagar, senhora.

– Sim, sim, sim! – disse minha tia. Com um esgar tamanho que o dr. Chillip não conseguiu absolutamente suportar. Era algo de fato calculado

para derrubar seu ânimo, disse ele depois. Preferiu dar meia-volta e sentar-se na escada, no escuro e na forte corrente de ar, até ser chamado de novo.

Ham Peggotty, que frequentara a Escola Nacional e era mesmo uma fera no catecismo, e que podia, portanto, ser visto como uma testemunha digna de crédito, contou no dia seguinte que, ao espiar a saleta uma hora depois disso, foi imediatamente notado pela srta. Betsey, então caminhando de um lado para outro em estado de agitação, e agarrado antes que pudesse escapar. Que se ouviam então ruídos ocasionais de pés e vozes no andar de cima que, ele supunha, o algodão não amortecia, circunstância que o fez ser agarrado pela dama como vítima em quem despejar sua superabundante agitação quando os ruídos eram mais altos. Que, marchando constantemente de um lado para outro com ele pelo colarinho (como se ele andasse tomando láudano demais), ela, nessa ocasião, o sacudiu, despenteou seu cabelo, amarrotou sua camisa, tapou os ouvidos *dele* como se os confundisse com os seus próprios, e de outras maneiras o sacudiu e maltratou. Isso foi em parte confirmado pela tia dele, que o viu à meia-noite e meia, logo depois de ter sido solto, e afirmou que estava tão vermelho quanto eu.

O amável dr. Chillip não poderia julgar com maldade nesse momento, se é que em algum momento poderia. Esgueirou-se para dentro da saleta assim que teve chance e disse a minha tia com seu jeito mais brando:

– Bom, minha senhora, fico feliz em lhe dar os parabéns.

– Por que razão? – perguntou minha tia, ríspida.

O dr. Chillip estremeceu de novo diante da extrema severidade dos modos de minha tia, de forma que fez uma pequena reverência e deu-lhe um pequeno sorriso, para abrandá-la.

– Misericórdia, esse homem, o que ele está fazendo! – minha tia bradou, impaciente. – Não sabe falar?

– Fique calma, minha cara senhora – disse o dr. Chillip com seu tom mais suave. – Não há mais motivo para inquietação, senhora. Fique calma.

Considerou-se sempre um milagre o fato de minha tia não ter sacudido o doutor para arrancar dele o que tinha a dizer. Ela apenas

sacudiu a própria cabeça, mas de tal forma que ele estremeceu.

– Bom, minha senhora – retomou o dr. Chillip assim que teve coragem –, estou feliz de lhe dar os parabéns. Está tudo terminado, senhora, e em bons termos.

Durante os cinco minutos e tanto que o dr. Chillip dedicou a pronunciar essa sentença, minha tia olhava firme para ele.

– Como ela está? – perguntou minha tia, cruzando os braços com o chapéu ainda amarrado a um deles.

– Bom, minha senhora, ela logo estará se sentindo bem, espero – replicou o dr. Chillip. – Tão bem quanto se pode esperar de uma jovem mãe nesta melancólica situação doméstica. Não há nenhuma objeção em ir ver a mãe, minha senhora. Pode fazer bem a ela.

– E *ela*. Como está *ela*? – minha tia perguntou, ríspida.

O dr. Chillip inclinou um pouco mais a cabeça para um lado e olhou minha tia como um afável passarinho.

– A bebê – disse minha tia. – Como ela está?

– Minha senhora – retomou o dr. Chillip –, achei que soubesse. É um menino.

Minha tia não disse nem uma palavra, apenas pegou o chapéu pelas fitas, à maneira de uma atiradeira, e desferiu com ele um golpe na cabeça do dr. Chillip, vestiu o chapéu, saiu e nunca mais voltou. Ela desapareceu como uma fada descontente; ou como um daqueles seres sobrenaturais que popularmente se supunha que eu fosse capaz de enxergar; e nunca mais voltou.

Não. Eu estava deitado em meu cesto e minha mãe deitada em sua cama; mas Betsey Trotwood Copperfield ficou para sempre na terra dos sonhos e sombras, a região extraordinária para onde eu tão tardiamente viajei; e a luz na janela de nosso quarto brilhou sobre o destino terreno de todos os viajantes e sobre o túmulo das cinzas e do pó que um dia foram aquele sem o qual eu nunca teria existido.

II

Observo

Os primeiros objetos que assumem presença distinta diante de mim, quando olho para trás, para o vazio de minha infância, são minha mãe com seu belo cabelo e formas jovens, e Peggotty sem forma nenhuma, os olhos tão escuros que parecem escurecer até o que os cerca em seu rosto, faces e braços tão firmes e vermelhos que eu me perguntava por que os passarinhos não preferiam picar a ela em vez de maçãs.

Creio que consigo me lembrar dessas duas um pouco separadas, aos meus olhos diminuídas por se curvarem ou ajoelharem no chão, e eu indo com passo incerto de uma para outra. Tenho em minha mente uma impressão que não consigo distinguir da lembrança de fato, do contato do indicador de Peggotty, que ela costumava estender para eu segurar, e que era áspero pelo trabalho com agulha, como um pequeno ralador de noz-moscada.

Isso pode ser fantasia, embora eu ache que a memória da maioria de nós é capaz de recuar a esses tempos mais do que muitos supomos; assim como acredito que o poder de observação de números em crianças muito novas seja bem mais admirável por sua atenção e precisão. De fato, acho que se pode dizer, da maioria dos homens adultos notáveis nessa área, que eles não perderam essa faculdade e não que a adquiriram; ademais, como observo no geral, esses homens retêm certo frescor e delicadeza, uma capacidade de se satisfazer que é também uma herança preservada de sua infância.

Eu deveria ter escrúpulos de estar “divagando” ao me deter para falar disso, mas é o que me leva a observar que cultivei essas conclusões em parte na experiência do meu próprio eu; e se, por qualquer coisa que eu ponha nesta narrativa, vier a parecer que fui uma criança muito observadora, ou que, como adulto, tenho uma forte lembrança de minha infância, eu sem dúvida admito ambas essas características.

Olhando para trás, como eu dizia, para o vazio de minha infância, os primeiros objetos de que me lembro destacados por si mesmos da confusão das coisas são minha mãe e Peggotty. De que mais me lembro? Vamos ver.

Destacando-se dessa nuvem, emerge a nossa casa, não nova para mim, mas bastante familiar, em sua lembrança mais antiga. No piso térreo está a cozinha de Peggotty, abrindo para um quintal, com um pombal numa estaca, no centro, sem nenhum pombo nele; um grande canil num canto, sem nenhum cachorro; e uma quantidade de aves que parecem incrivelmente altas para mim, andando por ali de maneira feroz e ameaçadora. Há um galo que trepa numa estaca para cantar e parece me observar sobretudo quando olho para ele pela janela da cozinha, e que me dá arrepios, tão feroz ele é. Com os gansos que ficam fora do portão lateral e que vêm correndo atrás de mim com os longos pescoços esticados quando passo por ali eu sonho à noite: assim como um homem cercado por animais selvagens pode sonhar com leões.

Aqui está um longo corredor – que grande expectativa eu crio a respeito!–, que leva da cozinha de Peggotty à porta da frente. Um escuro depósito se abre para ele, e esse é um lugar para se passar correndo de noite; porque não sei o que pode haver no meio daquelas tigelas, potes e velhas caixas de chá quando não há ninguém ali dentro com uma pequena lamparina, fazendo o ar mofado sair pela porta, onde há cheiro de sabão, picles, pimenta, velas e café, tudo ao mesmo tempo. Depois há duas salas: a sala em que nos sentamos à noite, minha mãe, eu e Peggotty, porque Peggotty é nossa companhia constante quando termina seu trabalho e estamos sozinhos, e a sala melhor onde sentamos aos domingos; com elegância, mas não tanto conforto. Para mim, há um certo ar lúgubre nessa sala, porque Peggotty me contou, não sei quando, mas aparentemente há séculos, sobre o enterro de meu pai e os acompanhantes com capas pretas. Ali, num domingo à noite, minha mãe lê para Peggotty e para mim como Lázaro se levantou dos mortos. E fico tão assustado que elas depois são obrigadas a me tirar da cama e me mostrar o silencioso cemitério da igreja pela janela do quarto, com os mortos todos descansando em seus túmulos, embaixo de uma lua solene.

Nada do que eu conheço em toda parte é tão verde como a grama daquele cemitério de igreja; nada tão cheio de sombras como suas árvores; nada tão silencioso como suas lápides. Os carneiros pastam ali, quando me ponho de joelhos, logo cedo de manhã, na minha caminha numa alcova dentro do quarto de minha mãe, e olho para lá; vejo a luz vermelha brilhando no relógio de sol e penso comigo: será que o relógio de sol está contente, me pergunto, de saber dizer as horas?

Eis o nosso banco na igreja. Que encosto alto tem o banco! Com uma janela perto, pela qual dá para ver a nossa casa, que *é* observada muitas vezes durante a cerimônia da manhã, por Peggotty, que gosta de se certificar sempre que possível de que não está sendo roubada, nem pegando fogo. Mas embora os olhos de Peggotty se distraiam, ela fica muito ofendida quando os meus se distraem, franze a testa para mim quando me ponho de pé no banco, porque não estou olhando o pastor. Mas não posso ficar olhando o tempo todo para ele, eu o conheço sem aquela coisa branca no corpo, e tenho medo que ele estranhe se eu ficar olhando muito, talvez pare a cerimônia para me questionar e aí o que eu faço? É uma coisa horrível olhar de boca aberta, mas devo fazer isso às vezes. Olho para minha mãe, mas ela finge que não me vê. Olho para um menino no corredor e ele faz caretas para mim. Olho o sol que entra pela porta aberta da varanda e lá vejo uma ovelha perdida, não falo de um pecador, mas de um carneiro, decidindo se entra ou não na igreja. Sinto que, se ficasse olhando para ele mais um pouco, podia sofrer a tentação de falar alto alguma coisa; e o que seria de mim então? Olho as placas monumentais na parede e tento pensar no falecido sr. Bodgers, desta paróquia, e quais devem ter sido os sentimentos da sra. Bodgers quando, tomado por feridas, muito tempo sofreu o sr. Bodgers e os médicos foram inúteis. Eu me pergunto se chamaram o dr. Chillip e se ele foi inútil; e se foi, o que ele sente ao se lembrar disso uma vez por semana. Desvio o olhar do dr. Chillip, com sua gravata de domingo, para o púlpito; e penso que lugar bom seria para brincar, que castelo daria, com outro menino subindo a escada para atacá-lo e dar com a almofada de veludo com pingentes na cabeça dele. Aos poucos meus olhos vão fechando; e depois de ouvir o pastor cantando uma música sonolenta no calor, não escuto

mais nada, até cair do banco com ruído, e sou levado embora, mais morto que vivo, por Peggotty.

E agora vejo o exterior de nossa casa, com as janelas de treliça dos quartos abertas para deixar entrar o ar de cheiro doce, os esfarrapados ninhos velhos das gralhas ainda pendurados nos olmos no fundo do jardim. Agora estou no quintal, além do pátio onde se encontram o pombal e o canil: uma verdadeira reserva de borboletas, pelo que me lembro, com uma cerca alta, e um portão com cadeado; onde há frutas em pencas nas árvores, mais maduras e saborosas que qualquer fruta que vi desde então em qualquer outro jardim, e onde minha mãe colhe algumas com um cesto, enquanto espero ao lado, engolindo groselhas furtivamente, tentando parecer indiferente. Sopra um vento forte e o verão vai embora num instante. Estamos brincando na penumbra de inverno, dançando pela sala. Quando minha mãe fica sem fôlego e se apoia numa poltrona, olho enquanto ela enrola os cachos brilhantes nos dedos, apruma a cintura, e ninguém sabe melhor do que eu que ela gosta de sua bela aparência e tem orgulho de ser tão bonita.

Isso está entre minhas primeiras impressões. Isso e uma sensação de que ambos temos um pouco de medo de Peggotty, e de que nos submetemos à sua orientação em quase tudo, estão entre as primeiras opiniões, se podem ser chamadas assim, que formei a partir do que via.

Peggotty e eu estávamos uma noite sentados junto à lareira da sala, sozinhos. Eu tinha lido para Peggotty sobre crocodilos. Devo ter feito uma leitura muito perspicaz, ou a pobre alma deve ter ficado profundamente interessada, porque me lembro que, quando terminei, ela ficou com uma impressão enevoada de que eles eram uma espécie de planta. Eu estava cansado de ler e morrendo de sono; mas tendo licença, como um grande prêmio, de esperar acordado até minha mãe voltar depois da visita noturna à casa de um vizinho, eu preferia morrer ali mesmo (claro) a ir para a cama. Havia atingido aquele estágio de sonolência em que Peggotty parecia inchar e ficar imensa. Segurei as pálpebras abertas com os dois indicadores e olhei com perseverança para ela, sentada a trabalhar; para o pedacinho de cera de vela que ela guardava para sua linha – que estranho era, riscado em todas as

direções!–, para a casinha com telhado de palha onde morava uma fita métrica; para a caixa de trabalho com tampa de correr, com uma vista da catedral de Saint Paul (com cúpula cor-de-rosa) pintada em cima; para o dedal de latão em seu dedo; para ela, que eu achava linda. Estava com tanto sono que sabia que, se perdesse de vista qualquer coisa por um minuto, adormeceria.

– Peggotty – eu disse, de repente –, você já foi casada?

– Nossa, seu Davy – replicou Peggotty. – De onde apareceu essa ideia de casamento?

Ela respondeu com tamanho susto que me deixou bem acordado. Então parou o trabalho, olhou para mim com a agulha estendida na ponta da linha.

– Mas você *já* foi casada, Peggotty? – digo eu. – Você é uma mulher muito bonita, não é?

Eu pensava que o estilo dela era muito diferente do de minha mãe, com certeza; mas a considerava um exemplo perfeito de outra escola de beleza. Na sala melhor, havia um banquinho de veludo vermelho para apoiar os pés, no qual minha mãe havia pintado um ramalhete. A base daquele banquinho e a pele de Peggotty me pareciam uma coisa só. O banquinho era macio e Peggotty era áspera, mas não fazia diferença.

– *Eu* bonita, Davy! – disse Peggotty. – Nossa, não, meu bem! Mas que ideia é essa de casamento?

– Não sei! Não pode casar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, pode, Peggotty?

– Claro que não – diz Peggotty, com a mais imediata determinação.

– Mas se você casa com uma pessoa e a pessoa morre, ora, então pode casar com outra pessoa, não pode, Peggotty?

– Você pode – diz Peggotty –, se quiser, meu bem. É questão de opinião.

– Mas qual é a sua opinião, Peggotty? – disse eu.

Perguntei e olhei para ela com curiosidade, porque ela olhou para mim com muita curiosidade.

– Minha opinião é que – disse Peggotty, desviando os olhos de mim,

depois de uma pequena indecisão e voltando a seu trabalho – eu mesma nunca fui casada, seu Davy, e que não espero ser. É só isso que eu sei.

– Não está chateada, Peggotty, está? – perguntei, depois de me manter sentado e calado um minuto.

Achei que estava, sim, que tinha sido muito seca comigo; mas estava bem errado: pois ela deixou de lado o trabalho (que era uma meia dela mesma) e, abrindo os braços, tomou minha cabeça encaracolada entre eles e me deu um aperto. Sei que foi um bom aperto porque, sendo muito gorda, sempre que fazia algum esforço depois de estar vestida, alguns botões da parte de trás da roupa voavam longe. E me lembro de dois explodindo para lados opostos da sala enquanto ela me abraçava.

– Agora deixe eu ouvir mais alguma coisa dos *cocodrilos* – disse Peggotty, que ainda não dominava bem a palavra –, porque ainda não ouvi nem metade do que eu queria.

Não entendi bem por que Peggotty estava tão estranha, nem por que queria tanto voltar aos crocodilos. Porém, voltamos a esses monstros, eu novamente alerta, e deixamos os ovos deles na areia para o sol chocar; corremos deles e os enganamos mudando a toda hora de direção, coisa que não eram capazes de fazer depressa por conta de sua constituição desajeitada; entramos na água atrás deles, como nativos, pusemos pedaços de madeira em suas gargantas; e em resumo escapamos de todos os perigos dos crocodilos. Eu escapei, pelo menos; mas tenho minhas dúvidas quanto a Peggotty, que ficava pensativamente espetando a agulha em várias partes de seu rosto e braços o tempo todo.

Tínhamos esgotado os crocodilos e começado com os aligátores quando o sino do jardim tocou. Saímos pela porta e lá estava minha mãe, excepcionalmente bonita, eu achei, e com ela um cavalheiro com belo cabelo e bigodes pretos, que havia nos acompanhado da igreja até em casa no domingo anterior.

Quando minha mãe se curvou na porta para me erguer nos braços e me beijar, o cavalheiro disse que eu era um rapazinho mais privilegiado que um monarca, ou algo assim; pois meu entendimento posterior, sei disso, vem em meu auxílio aqui.

– O que quer dizer isso? – perguntei, por cima do ombro dela.

Ele deu um tapinha em minha cabeça; mas de alguma forma não gostei dele, nem de sua voz grave, e fiquei com ciúmes de que a mão dele tocasse a de minha mãe ao me tocar, o que aconteceu. Afastei-a o melhor que pude.

– Ah, Davy! – ralhou minha mãe.

– Bom menino! – disse o cavalheiro. – Não me admira a sua devoção!

Nunca antes vi um colorido tão bonito no rosto de minha mãe. Ela ralhou delicadamente comigo por ter sido rude; e me segurando perto de seu xale, virou-se para agradecer ao cavalheiro pelo trabalho de acompanhá-la até em casa. Ela estendeu a mão ao falar e, quando ele a pegou, achei que minha mãe olhou de relance para mim.

– Vamos dizer "boa noite", bom rapaz – disse o cavalheiro quando estava com a cabeça inclinada, eu vi!, sobre a pequena luva de minha mãe.

– Boa noite! – eu disse.

– Ora! Vamos ser os melhores amigos do mundo! – disse o cavalheiro, rindo. – Aperte aqui!

Minha mão direita estava na mão esquerda de minha mãe, então estendi a ele a outra.

– Ora, essa é a mão errada, Davy! – o cavalheiro riu.

Minha mãe estendeu a minha mão direita, mas eu estava decidido, pela razão anterior, a não estendê-la a ele, e não estendi. Estendi a outra, que ele apertou com gosto, disse que eu era um sujeito valente e foi embora.

Nesse minuto, eu o vejo virar-se no jardim e nos dar um último olhar com um mau presságio naqueles olhos negros antes que a porta se fechasse.

Peggotty, que não tinha dito nem uma palavra, nem mexido um dedo, fechou os trincos imediatamente e fomos todos para a sala. Minha mãe, ao contrário de seus hábitos, em vez de ir para a poltrona da lareira, ficou do outro lado da sala e sentou-se, cantando para si mesma.

– Espero que tenha tido uma boa noite, sim, senhora – disse Peggotty, parada, dura feito um poste no meio da sala, com uma vela na mão.

– Muito obrigada a você, Peggotty – respondeu minha mãe, com voz alegre –, tive uma noite *muito* proveitosa.

– Um desconhecido, ou quase, é uma mudança agradável – Peggotty sugeriu.

– Uma mudança muito agradável, de fato – minha mãe respondeu.

Peggotty continuou parada, imóvel no meio da sala, minha mãe voltou a cantar, eu dormi, embora não estivesse dormindo tão profundamente que não ouvisse vozes, sem entender o que diziam. Quando quase acordei desse desconfortável cochilo, encontrei Peggotty e minha mãe ambas em lágrimas, ambas falando.

– De um que nem esse aí, o seu Copperfield não ia gostar – disse Peggotty. – Isso eu digo e juro!

– Deus do céu – minha mãe exclamou –, você vai me deixar louca! Será que existiu algum dia uma pobre moça tão maltratada pelos criados como eu? Por que cometo comigo mesma a injustiça de me chamar de moça? Eu nunca fui casada, Peggotty?

– Deus sabe que sim, senhora – retorquiu Peggotty.

– Então, como você se atreve – disse minha mãe –, você sabe que não quero dizer que não pode se atrever, Peggotty, mas como você pode ter a coragem de me deixar tão incomodada e dizer coisas tão duras para mim, quando sabe muito bem que não tenho, neste lugar, um único amigo a quem recorrer?

– Mais razão ainda – respondeu Peggotty – pra dizer que não pode ser. Não! Não pode ser. Não! Não pode ser por nada deste mundo. Não! – Achei que Peggotty ia atirar o candelabro, tão enfática era.

– Como você pode ser tão irritante – disse minha mãe, vertendo ainda mais lágrimas que antes – a ponto de falar de maneira tão injusta! Como pode insistir como se estivesse tudo decidido e arranjado, Peggotty, quando repito a você insistentemente, mulher cruel, que além das gentilezas mais comuns nada aconteceu! Você fala de admiração. O que posso fazer? Se as pessoas são tão bobas a ponto de se permitirem esse sentimento, a culpa é minha? O que posso fazer, pergunto a você? Gostaria que eu raspasse a cabeça e pintasse o rosto de preto, ou me

desfigurasse com uma queimadura, uma escaldadura ou algo desse tipo? Diria mesmo que você ia gostar disso, Peggotty. Diria que você ia gostar bem disso.

Peggotty pareceu levar essa acusação muito a sério, achei.

– E meu menino querido – exclamou minha mãe, vindo até a poltrona onde eu estava e me acariciando –, meu queridinho Davy! Vão insinuar que não demonstro afeto por meu tesouro precioso, o rapazinho mais querido que já existiu!

– Ninguém nunca falou nada disso, não – disse Peggotty.

– Você insinuou, Peggotty! – retrucou minha mãe. – Sabe que sim. O que mais se pode concluir do que você disse, criatura malvada, quando sabe tão bem como eu que por causa dele, não faz nem três meses, deixei de comprar para mim um guarda-sol novo, quando o velho verde está todo puído até em cima e a franja está em fiapos? Você sabe disso, Peggotty. Não pode negar. – Então, virando afetuosamente para mim, com o rosto apertado no meu: – Eu não sou uma boa mãe para você, Davy? Sou uma mamãe malvada, cruel, egoísta, ruim? Diga que eu sou, meu filho; diga "é", meu menino, e Peggotty vai amar você; e o amor de Peggotty é muito melhor do que o meu, Davy. Eu não amo nada você, amo?

Diante disso, todos nós começamos a chorar juntos. Acho que eu chorava mais alto no grupo, mas tenho certeza de que éramos todos sinceros. Eu estava bem triste e acho que nos primeiros entusiasmos de sensibilidade ferida chamei Peggotty de fera. Aquela honesta criatura estava em profunda aflição, eu me lembro, e deve ter perdido muitos botões nessa ocasião; porque ocorreu uma pequena saraivada desses explosivos quando, depois de fazer as pazes com minha mãe, ela se ajoelhou junto à poltrona e fez as pazes comigo.

Fomos para a cama muito abatidos. Meus soluços ficaram me acordando durante um bom tempo; e quando um soluço muito forte quase me levantou da cama, encontrei minha mãe sentada sobre as cobertas, inclinada sobre mim. Adormeci em seus braços depois disso, e dormi profundamente.

Não sei se foi no domingo seguinte que vi de novo o cavalheiro, ou se

houve algum lapso de tempo maior antes de ele reaparecer, não me lembro. Não me proponho a ser exato com datas. Mas lá estava ele, na igreja, e nos acompanhou até em casa depois. E entrou para ver um famoso gerânio que tínhamos na janela da sala. Não me pareceu que tenha olhado muito a planta, mas antes de ir embora pediu a minha mãe que lhe desse um pouco da flor. Ela pediu que ele mesmo escolhesse, mas ele se recusou, não entendo por que, então ela colheu a flor para ele e deu em sua mão. Ele disse que nunca, nunca mais se separaria dessa flor; e achei que ele devia ser bem bobo de não saber que a flor ia cair aos pedaços dentro de um ou dois dias.

Peggotty começou a ficar conosco à noite menos do que sempre ficava. Minha mãe se dirigia a ela bastante, mais que nunca, me ocorreu, e éramos os três excelentes amigos; mesmo assim éramos diferentes de antes, não mais tão à vontade entre nós. Às vezes, achava que Peggotty talvez não gostasse que minha mãe usasse todos os vestidos bonitos que tinha em suas gavetas; ou que visitasse tantas vezes aquele vizinho; mas não conseguia, para minha tranquilidade, entender o que havia.

Aos poucos fui me acostumando a ver o cavalheiro de bigodes pretos. Não gostei mais dele que da primeira vez, e sentia o mesmo ciúme inquieto; mas se eu tinha alguma razão para isso além da repulsa instintiva de uma criança e de uma ideia geral de que Peggotty e eu podíamos muito bem cuidar de minha mãe sem nenhuma ajuda, certamente não era *a* razão que eu poderia ter encontrado se fosse mais velho. Nada desse tipo passava por minha mente, nem de perto. Eu era capaz de observar pedaços pequenos, por assim dizer; mas quanto a fazer uma rede com uma porção desses pedaços e pegar alguém com ela, isso estava, ainda, fora do meu alcance.

Numa manhã de outono, eu estava no jardim com minha mãe quando o sr. Murdstone, que agora eu conhecia pelo nome, apareceu, a cavalo. Ele freou o cavalo para saudar minha mãe e disse que ia para Lowestoft visitar uns amigos que lá estavam com um iate e alegremente propôs me levar na sela à sua frente se eu quisesse passear.

O ar estava tão claro e agradável e o cavalo parecia gostar tanto da ideia do passeio, ali bufando e batendo a pata no portão do jardim, que

senti grande vontade de ir. Então, fui enviado ao andar de cima para Peggotty me aprontar; e nesse meio-tempo o sr. Murdstone desmontou e, com a rédea do cavalo debaixo do braço, caminhou devagar para um lado e outro da cerca de roseiras, enquanto minha mãe caminhava de um lado para outro por dentro para acompanhá-lo. Me lembro de Peggotty e eu espiando os dois de minha pequena janela; me lembro de como pareciam estar examinando com atenção a roseira entre eles, ao passear; e como, depois de estar num humor absolutamente angélico, Peggotty se zangou em um momento e escovou meu cabelo do lado errado, com força demais.

O sr. Murdstone e eu logo partimos, e trotamos pelo gramado verde do lado da rua. Ele me segurava com bastante facilidade com um braço e não acho que eu fosse sempre inquieto, porém não conseguia ficar sentado ali na frente dele sem virar a cabeça às vezes, para olhar o seu rosto. Ele tinha aquele tipo de olho escuro e raso, eu queria uma palavra melhor para expressar um olho que não tem profundidade para se olhar, o qual, quando está distraído, parece, por alguma peculiaridade de luz, se desfigurar por um momento, num relance. Muitas vezes, quando olhava para ele, observava essa aparência com uma espécie de assombro e me perguntava no que ele pensava tão intensamente. Seu cabelo e bigodes eram mais pretos e mais grossos, olhando assim tão de perto, do que até mesmo eu pensava que fossem. Certa angulosidade na parte inferior de seu rosto e a indicação pontilhada da barba preta cerrada que ele raspava rente todos os dias me lembravam um museu de cera que havia passado por nosso bairro uns seis meses antes. Isso, suas sobrancelhas regulares, a riqueza do branco, do negro, do marrom de sua pele (confundo sua pele e sua lembrança!), me fizeram considerá-lo, apesar de minhas reservas, um homem muito bonito. E não tenho dúvida de que minha pobre e querida mãe também achava isso.

Fomos para um hotel à beira-mar, onde dois cavalheiros estavam fumando charutos sozinhos num quarto. Cada um deitado em cima de pelo menos quatro cadeiras, e usando um grande paletó áspero. Num canto, havia uma pilha de casacos, um barco dobrável, uma bandeira, tudo embolado.

Os dois se puseram de pé de um jeito desmazelado quando entramos e disseram:

– Salve, Murdstone! A gente achou que você tinha morrido!

– Não ainda! – disse o sr. Murdstone.

– E quem é esse rapaz? – perguntou um dos cavalheiros, me segurando.

– Este é o Davy – respondeu o sr. Murdstone.

– Davy o quê? – perguntou o cavalheiro. – Jones?

– Copperfield – disse o sr. Murdstone.

– O quê! Cria da encantadora senhora Copperfield? – exclamou o cavalheiro. – A linda viuvinha?

– Quinion – disse o sr. Murdstone –, cuidado, por favor. Alguém aqui é esperto.

– Quem é esperto? – perguntou o cavalheiro, rindo.

Ergui os olhos depressa, curioso para saber.

– Brooks de Sheffield, só – disse o sr. Murdstone.

Fiquei bem aliviado ao descobrir que era apenas Brooks de Sheffield porque, de início, realmente pensei que fosse eu.

Parecia haver algo de muito cômico na reputação do sr. Brooks de Sheffield, porque os dois homens riram com gosto quando ele foi mencionado e o sr. Murdstone também se divertiu bastante. Depois de rir um pouco, o cavalheiro que ele havia chamado de Quinion disse:

– E qual a opinião de Brooks de Sheffield quanto ao negócio planejado?

– Ora, não sei se Brooks entende muito disso no presente – replicou o sr. Murdstone –, mas no geral ele não é favorável, eu acho.

Com isso houve mais risadas e o sr. Quinion disse que ia tocar a campainha para pedir xerez e brindar a Brooks. Fez isso; e quando o vinho chegou, ele me fez tomar um pouco, com um biscoito, e antes que eu bebesse, me fez levantar e dizer: “À confusão de Brooks de Sheffield!”. O brinde foi recebido com grande aplauso e risadas tão gostosas que me fizeram rir também; diante do que eles riram ainda mais. Em resumo, nós nos divertimos bastante.

Passeamos pelo rochedo depois disso, sentamos na grama e olhamos coisas com um telescópio. Não consegui ver nada quando ele foi posto diante do meu olho, mas fingi que vi, e depois voltamos ao hotel para comer cedo. O tempo todo que estivemos fora os dois cavalheiros fumaram incessantemente, o que, pensei, a julgar pelo cheiro de seus casacos de lã, deviam estar fazendo desde que os casacos vieram do alfaiate. Não devo esquecer que fomos a bordo do iate, onde os três desceram para a cabine e se ocuparam com alguns papéis. Vi que estavam trabalhando bem pesado quando olhei lá dentro por uma escotilha aberta. Durante esse tempo, me deixaram com um homem muito bom, com uma grande cabeleira vermelha e um chapéu brilhante muito pequeno em cima dela, que usava camisa ou colete listrado, com "Cotovia" escrito no peito. Achei que era o nome dele; e que, como ele vivia a bordo e não tinha uma porta onde colocar o nome, havia posto ali; mas quando o chamei de sr. Cotovia, ele disse que era o nome do barco.

Observei o dia inteiro que o sr. Murdstone era mais sério e mais firme que os dois cavalheiros. Eles eram muito alegres e descuidados. Brincavam na maior liberdade um com o outro, mas raramente com ele. Me pareceu que ele era mais inteligente e frio que os dois, e que o viam com algo igual a meu próprio sentimento. Observei que, uma ou duas vezes, quando o sr. Quinion estava falando, olhava de lado para o sr. Murdstone, como para ter certeza de que ele não estava insatisfeito; e que uma vez, quando o sr. Passnidge (o outro cavalheiro) estava animado, tropeçou no pé dele e deu um olhar de alerta, para observar o sr. Murdstone, que estava sentado, austero e silencioso. Não me lembro tampouco se o sr. Murdstone riu em algum momento nesse dia, exceto da piada de Sheffield, e essa, no fim das contas, era piada dele mesmo.

Voltamos para casa no começo da noite. Era uma noite muito boa e minha mãe e ele deram outro passeio pelo roseiral, e quanto a mim, mandaram jantar. Quando ele foi embora, minha mãe me perguntou tudo sobre o dia e o que eles tinham falado e feito. Mencionei o que disseram a respeito dela e ela riu, me disse que eram sujeitos sem-vergonha que falavam bobagens, mas eu sabia que ela havia gostado.

Sabia tão bem como sei agora. Aproveitei a oportunidade para perguntar se ela conhecia o sr. Brooks de Sheffield, mas ela respondeu que não, só que achava que devia ser um fabricante de facas e garfos.

Poderia eu dizer que o seu rosto se foi – mudado como tenho razão para lembrar, morto como sei que está – se ele volta a surgir diante de mim neste instante, tão nítido como qualquer rosto que eu possa escolher olhar numa rua cheia de gente? Poderia eu dizer, de sua inocente e jovem beleza, que se apagou e não existe mais, quando seu hálito me chega ao rosto agora, como chegou naquela noite? Poderia eu dizer que ela mudou, quando minha lembrança a traz de volta à vida assim; e que, mais fiel que jamais fui à sua adorável juventude, ou que o ser humano jamais foi, ela conserva ainda o que a valorizava então?

Escrevo sobre ela exatamente como ela era quando fui para a cama depois dessa conversa e ela veio me dar boa-noite. Ela se ajoelhou, alegre, ao lado da cama, e apoiando o rosto nas mãos, riu e disse:

– O que foi que eles disseram, Davy? Me conte de novo. Não posso acreditar.

– Encantadora... – comecei a dizer.

Minha mãe pôs as mãos em meus lábios para me calar.

– Não foi encantadora – ela disse, rindo. – Não pode ter sido encantadora, Davy. Eu sei que não!

– Foi, sim. “Encantadora senhora Copperfield” – repeti com firmeza. – E “linda”.

– Não, não, não pode ter sido linda. Linda, não – interpôs minha mãe, pondo os dedos em meus lábios de novo.

– Foi, sim. “Linda viuvinha”.

– Que criaturas bobas e atrevidas! – minha mãe exclamou rindo e cobrindo o rosto. – Que homens ridículos! Não são? Davy, meu bem...

– Bem, mãe.

– Não conte para Peggotty; ela pode ficar zangada com eles. Eu mesma estou muito zangada; mas prefiro que Peggotty não fique sabendo.

Prometi, claro; nos beijamos e nos beijamos muitas vezes e eu logo caí no sono.

Me parece, agora, tão longe no tempo, que deve ter sido no dia seguinte que Peggotty apareceu com a incrível e ousada proposta que irei mencionar; mas provavelmente foi dois meses depois.

Estávamos sentados como antes, uma noite (quando minha mãe havia saído, como antes), em companhia da meia e da fita métrica, da bola de cera e da caixa com a catedral de Saint Paul na tampa, e o livro de crocodilo, quando Peggotty, depois de olhar várias vezes para mim, e abrir a boca como se fosse falar, sem falar – o que achei que era apenas bocejo, do contrário teria ficado bem preocupado –, disse, sedutoramente:

– Seu Davy, o que o senhor acha de ir comigo passar uns quinze dias na casa de meu irmão em Yarmouth? Não ia ser divertido?

– Seu irmão é um homem agradável, Peggotty? – perguntei, hesitante.

– Ah, que homem agradável ele é! – Peggotty exclamou, erguendo as mãos. – E tem o mar; os barcos e navios, os pescadores, a praia e o Am pra brincar...

Peggotty estava falando de seu sobrinho Ham, mencionado no primeiro capítulo; mas dizia seu nome como um bocado de gramática inglesa.{3}

Fiquei animado com seu resumo de delícias e repliquei que de fato seria divertido, mas o que diria minha mãe?

– Ora, pois sou capaz de apostar um guinéu – disse Peggotty, com intensidade no rosto – que ela deixa a gente ir. Vou perguntar pra ela, se você quiser, assim que ela chegar em casa. Pois então!

– Mas como ela vai fazer enquanto estivermos longe? – perguntei, apoiando meus pequenos cotovelos na mesa para defender minha posição. – Ela não consegue viver sozinha.

Se Peggotty estava procurando um buraco, de repente, no calcanhar daquela meia, devia ser um muito pequenino de fato, que não valia a pena remendar.

– Estou dizendo! Peggotty! Ela não consegue viver sozinha, você sabe.

– Ah, bendito seja! – disse Peggotty, olhando de novo para mim, afinal. – Não sabe? Ela vai ficar quinze dias com a dona Grayper. A dona

Grayper vai ter muita companhia.

Ah! Se fosse isso, eu estava pronto para ir. Esperei, na mais absoluta impaciência, até minha mãe voltar da casa da sra. Grayper (pois ela estava na casa dessa mesma vizinha) para ver se teríamos licença de levar adiante essa grande ideia. Sem ficar nem um pouco surpresa como eu esperava, minha mãe concordou prontamente; e à noite estava tudo arranjado, minha hospedagem e alimentação durante a visita seriam pagos.

Logo chegou o dia de irmos. A data chegou muito depressa, até mesmo para mim que estava numa febre de expectativa, meio temeroso de que um terremoto ou uma montanha de fogo, ou alguma outra grande convulsão da natureza, pudesse se interpor para impedir a expedição. Iríamos na carroça do entregador, que partia de manhã depois do desjejum. Daria qualquer coisa para deixarem eu me arrumar na noite da véspera e dormir de chapéu e botas.

Mesmo agora me emociono, embora eu conte em tom leve, ao lembrar como estava ansioso para deixar meu lar feliz; e pensar que nem desconfiava do quanto o estava deixando para sempre.

Gosto de relembrar que, quando a carroça do entregador estava no portão, minha mãe parada ali me beijando, uma grata ternura por ela e pelo velho local ao qual eu nunca havia voltado as costas antes me fez chorar. Fico contente de saber que minha mãe chorou também e que senti seu coração batendo contra o meu.

Gosto de relembrar que, quando a carroça começou a rodar, minha mãe saiu correndo do portão e pediu que parasse para ela poder me beijar mais uma vez. Gosto de me deter na seriedade e amor com que ela ergueu o rosto para o meu e me beijou.

Quando a deixamos parada na rua, o sr. Murdstone foi até onde ela estava e pareceu censurá-la por estar tão comovida. Eu estava olhando para trás debaixo do toldo da carroça e me perguntei o que ele tinha a ver com isso. Peggotty, que também estava olhando para trás do outro lado, não pareceu nada satisfeita, como demonstrava o rosto que voltou para dentro da carroça.

Fiquei olhando para Peggotty durante algum tempo, num devaneio

sobre esse caso espúrio: se ela, por acaso, estava encarregada de me perder como o menino do conto de fadas, eu poderia encontrar meu caminho de volta para casa pelos botões que ela deixaria cair.

Uma mudança

O cavalo da carroça era o cavalo mais preguiçoso do mundo, penso eu, e se arrastava com a cabeça baixa como se gostasse de deixar esperando as pessoas para quem os pacotes eram endereçados. Pensei também, de fato, que ele às vezes ria audivelmente diante dessa reflexão, mas o cocheiro falou que era só uma tosse de que ele sofria. O cocheiro tinha um jeito de manter a cabeça baixa que era igual ao do seu cavalo, e de pender sonolentamente para a frente ao conduzir com um braço em cima de cada joelho. Eu disse “conduzir”, mas me ocorre que a carroça teria ido para Yarmouth da mesma forma sem o cocheiro, porque o cavalo sabia tudo, e quanto a conversar, nem lhe passava pela ideia, ele só assobiava.

Peggotty levava uma cesta de merenda sobre os joelhos que teria durado lindamente se estivéssemos indo até Londres pelo mesmo transporte. Comemos bastante e dormimos bastante. Peggotty adormecia sempre com o queixo apoiado na alça da cesta, de cuja posse nunca relaxava; e eu não acreditaria, a menos que eu mesmo ouvisse, que uma mulher indefesa pudesse roncar tanto.

Fizemos tantos desvios subindo e descendo alamedas, demoramos tanto entregando uma cama numa taverna e parando em outros lugares, que eu estava bastante cansado e muito contente quando avistamos Yarmouth. Parecia bem esponjosa e úmida, pensei, quando voltei os olhos para um grande espaço vazio e sem graça do outro lado do rio, e não pude deixar de me perguntar se o mundo seria realmente tão redondo como dizia meu livro de geografia, uma vez que uma parte dele era tão plana. Mas refleti que Yarmouth podia estar situada em um dos polos; o que explicaria a questão.

Quando chegamos um pouco mais perto, e vimos toda a perspectiva adjacente traçando uma linha reta debaixo do céu, insinuei a Peggotty

que um monte ou alguma coisa assim podia melhorar aquilo; e também que se a terra fosse um pouco mais separada do mar, se a cidade e a maré não fossem tão misturadas, como torrada e água, seria melhor. Mas Peggotty disse, com maior ênfase que o usual, que devemos aceitar as coisas como as encontramos, e que, de sua parte, tinha orgulho de se considerar um arenque de Yarmouth.

Quando entramos na rua (que para mim era bem estranha) e sentimos o cheiro de peixe, piche, estopa, alcatrão, e vimos os marinheiros circulando, carroças sacudindo para cima e para baixo nas pedras, senti que eu havia cometido uma injustiça com um lugar tão movimentado; e disse isso a Peggotty, que ouviu minhas expressões de prazer com grande complacência e me falou que era bem sabido (acho que por aqueles que tiveram a boa sorte de nascer arenques) que Yarmouth era, de longe, o melhor lugar no universo.

– Olhe aí o Am – Peggotty gritou –, cresceu que nem dá pra reconhecer!

De fato, ele estava esperando por nós, na taverna; e perguntou como eu estava como se eu fosse um velho conhecido. Não senti, de início, que o conhecesse tão bem como ele me conhecia, porque ele nunca tinha estado em nossa casa desde a noite em que nasci e naturalmente levava vantagem sobre mim. Mas nossa intimidade em muito progrediu quando ele me pôs nas costas para levar para casa. Ele era agora um sujeito imenso, forte, de um metro e oitenta, proporcionalmente largo, espadaúdo; mas com cara de menino tímido, e o cabelo claro encaracolado lhe dava um aspecto bem cordato. Usava paletó de lona e calça muito rígida que devia muito bem ficar em pé sozinha, sem nenhuma perna dentro. E não se pode dizer propriamente que usava chapéu, uma vez que estava coberto no alto, como um velho edifício, com alguma coisa betumada.

Com Ham me carregando nas costas e levando uma pequena caixa nossa debaixo do braço e Peggotty carregando outra pequena caixa nossa, viramos por alamedas juncadas com lascas de madeira e montinhos de areia, passamos por gasômetros, corredores de esticar corda, pátios de artesãos de barcos, pátios de construtores de navios,

pátios de desmanche de navios, pátios de calafetagem, depósitos de armadores, forjas de ferreiros e um grande número desses lugares, até que chegamos à vastidão sem graça que eu tinha já visto à distância, quando Ham falou:

– Pra lá é a nossa casa, seu Davy.

Olhei em todas as direções, até onde conseguia enxergar no deserto, e longe no mar e longe no rio, mas nenhuma casa conseguia enxergar. Havia uma barcaça negra ou algum tipo de barco aposentado, não muito longe, plantado no chão seco, com um funil metálico saindo dele à guisa de chaminé e fumegando de modo muito aconchegante; mas nada semelhante a uma habitação era visível para mim.

– Não é essa? – perguntei. – Essa coisa que parece um navio?

– É essa, seu Davy – Ham respondeu.

Se fosse o palácio de Aladim, com ovo do pássaro roca e tudo, acho que eu não ficaria mais encantado com a ideia romântica de morar ali. Havia uma porta deliciosa que se abria do lado, o teto era forrado por dentro e havia pequenas janelas; mas o encanto maravilhoso dela era ser um barco de verdade, que sem dúvida havia estado na água centenas de vezes e que nunca fora pensado como residência em terra firme. Isso é que era cativante para mim. Se tivesse sido pensado para se morar, eu acharia pequeno, inconveniente ou solitário; mas não tendo sido nunca projetado para tal fim, tornava-se uma morada perfeita.

Era maravilhosamente limpo por dentro e o mais arrumado possível. Havia uma mesa, um relógio holandês, uma arca de gavetas, e em cima da arca de gavetas uma bandeja de chá que tinha nela a pintura de uma dama com guarda-sol, passeando com uma criança de aspecto militar que rolava um aro. A bandeja era impedida de tombar por uma bíblia; e a bandeja, se tivesse tombado, teria estilhaçado inúmeras xícaras, pires e uma chaleira agrupados em torno do livro. Nas paredes havia alguns quadros coloridos comuns, emoldurados com vidro, de temas das escrituras, tais como nunca mais vi iguais nas mãos dos mascates sem rever todo o interior da casa do irmão de Peggotty outra vez. Abraão de vermelho a ponto de sacrificar Isaac de azul, e Daniel de amarelo jogado numa cova de leões verdes eram os mais destacados deles. Acima de um

pequeno aparador havia um quadro do barco pesqueiro *Sarah Jane*, construído em Sunderland, com um pequeno leme de madeira de verdade pregado nele, uma obra de arte, combinando composição com carpintaria, que considerei um dos bens mais invejáveis que o mundo podia oferecer. Havia alguns ganchos nas vigas do teto cujo uso não adivinhei então; alguns baús e caixas, e outras peças desse tipo que serviam como assentos e substituíam pobremente as cadeiras.

Tudo isso vi num primeiro olhar, assim que entrei pela porta –, feita para uma criança, segundo minha teoria – e então Peggotty abriu uma portinha e me mostrou meu quarto. Era o quarto mais completo e desejável que eu já tinha visto, na popa do barco; com uma janelinha, onde passava o leme; um pequeno espelho, da altura certa para mim, pregado na parede e emoldurado com conchas; uma caminha que tinha apenas o tamanho exato para eu entrar; e um buquê de algas numa jarra azul em cima da mesa. As paredes eram caiadas, brancas como leite, e a colcha de retalhos fazia meus olhos quase doerem com suas cores vivas. Uma coisa que notei em particular nessa casa deliciosa foi o cheiro de peixe; tão marcante que, quando tirei do bolso meu lenço para limpar o nariz, descobri que cheirava exatamente como se tivesse embrulhado uma lagosta. Ao revelar essa descoberta em segredo para Peggotty, ela me informou que seu irmão comerciava lagostas, caranguejos e lagostins; e depois descobri que um monte dessas criaturas, num estado de maravilhosa conglomeração umas com as outras, sem nunca deixar de pinçar o que pudessem alcançar, sempre podia ser encontrado em uma casinha de madeira externa onde guardavam panelas e chaleiras.

Fomos recebidos por uma mulher muito civilizada com avental branco, que eu tinha visto fazendo uma reverência na porta quando eu estava nas costas de Ham, a uns quatrocentos metros. E também por uma menininha muito bonita (ou assim achei) com colar de contas azuis, que não me deixou beijá-la quando me ofereci, mas saiu correndo e se escondeu. Pouco depois, quando tínhamos jantado suntuosamente linguados cozidos, manteiga derretida e batatas, com costeleta para mim, um homem peludo, com um rosto de muita bondade, voltou para casa. Como chamou Peggotty de “menina” e lhe deu um sonoro beijo na

bochecha, não tive dúvida, pela adequação geral de sua conduta, que era o irmão dela. Isso se comprovou, e ele foi apresentado a mim como sr. Peggotty, o dono da casa.

– Prazer de ver o senhor – disse o sr. Peggotty. – A gente aqui é tudo simples, mas está sempre a seu dispor.

Agradeci e repliquei que eu tinha certeza de que seria feliz num lugar tão delicioso.

– Como vai sua mãe? – perguntou o sr. Peggotty. – Ficou contente lá?

Dei a entender ao sr. Peggotty que ela havia ficado tão contente quanto eu podia desejar e que mandava seus cumprimentos, o que era uma gentil ficção de minha parte.

– Fico muito gradecido, decerto – disse o sr. Peggotty. – Bom, seu Davy, se conseguir se ajeitar aqui esses quinze dia, com ela aí – indicou a irmã com a cabeça – mais o Ham, e a pequena, a Em'ly, vamo fazer muito gosto na sua companhia.

Tendo feito as honras da casa à sua maneira hospitaleira, o sr. Peggotty saiu para se lavar com uma chaleira de água quente, observando que a "fria nunca consegue me tirar a sujeira". Ele logo voltou, com a aparência muito melhorada, mas tão rubicundo que não pude deixar de pensar que tinha isso em comum com as lagostas, caranguejos e lagostins, os quais iam para a água quente muito pretos e saíam muito vermelhos.

Depois do jantar, quando a porta estava fechada e tudo aconchegado (as noites agora eram frias e enevoadas), aquilo me pareceu o abrigo mais delicioso que a imaginação do homem podia conceber. Ouvir o vento subir do mar, saber que o fog estava rolando pela planície desolada lá fora, e olhar o fogo, pensar que não havia nenhuma casa perto além daquela, e que aquela era um barco, parecia um encantamento. A pequena Em'ly superou a timidez e estava sentada ao meu lado em cima do menor dos baús, que acomodava apenas nós dois e cabia justo no canto da chaminé. A sra. Peggotty, com o avental branco, tricotava do lado oposto ao fogo. Peggotty e sua costura estavam bem em casa com a catedral de Saint Paul e o pedaço de cera de vela, como se nunca tivessem conhecido outro teto. Ham, que tinha me dado minha primeira lição de

um jogo de cartas, estava tentando lembrar o truque de tirar a sorte com o baralho sujo, imprimindo impressões suspeitas do polegar em todas as cartas que virava. O sr. Peggotty fumava seu cachimbo. Senti que era um momento para conversa e confidência.

– Senhor Peggotty! – digo eu.

– Sim, senhor – diz ele.

– Deu a seu filho o nome de Ham porque vive numa espécie de arca?

O sr. Peggotty aparentemente achou a ideia profunda, mas respondeu:

– Não, senhor. Eu nunca dei nenhum nome pra ele, não.

– Quem deu esse nome para ele então? – fazendo ao sr. Peggotty a pergunta número dois do catecismo.

– Ora, seu Davy, o pai que deu esse nome pra ele – disse o sr. Peggotty.

– Achei que o senhor era o pai dele!

– Meu irmão Joe é que era pai *dele* – disse o sr. Peggotty.

– Morreu, senhor Peggotty? – insinuei depois de uma pausa respeitosa.

– Afogado – disse o sr. Peggotty.

Fiquei muito surpreso de o sr. Peggotty não ser o pai de Ham, e comecei a imaginar se estaria errado acerca da relação dele com qualquer pessoa ali. Estava tão curioso para saber que resolvi arrancar isso do sr. Peggotty.

– A pequena Em'ly – perguntei, olhando para ela. – É sua filha, não é, senhor Peggotty?

– Não, senhor. Meu cunhado Tom que era o pai *dela*. Não pude evitar.

– Ele morreu, senhor Peggotty? – insinuei depois de outro silêncio respeitoso.

– Afogado – respondeu o sr. Peggotty.

Senti dificuldade de retomar o assunto, mas ainda não tinha chegado ao fundo e precisava chegar ao fundo de alguma forma. Então disse:

– O senhor não tem *nenhum* filho, senhor Peggotty?

– Não, senhor – ele respondeu com uma risada curta. –Sou solteirão.

– Solteiro! – falei, perplexo. – Ora, quem é aquela, senhor Peggotty? – apontando para a pessoa de avental que estava tricotando.

– Aquela é dona Gummidge – disse o sr. Peggotty.

– Gummidge, senhor Peggotty?

Mas a essa altura Peggotty, quero dizer, a minha peculiar Peggotty, fez gestos tão veementes para que eu não fizesse mais perguntas que só pude ficar sentado e olhar todo o grupo silencioso, até a hora de ir para a cama. Então, na privacidade de minha pequena cabine, ela me informou que Ham e Em'ly eram sobrinho e sobrinha órfãos, que meu anfitrião havia, em momentos diferentes, adotado na infância, quando foram deixados desamparados; e que a sra. Gummidge era viúva do parceiro dele num barco, que tinha morrido muito pobre. Ele próprio não passava de um homem pobre, disse Peggotty, mas bom como ouro e firme como aço, essas foram suas comparações. O único assunto, ela me informou, a respeito do qual ele mostrava temperamento violento ou falava palavrões era essa generosidade dele; e se isso era mencionado por qualquer um, ele dava um soco forte na mesa com a mão direita (tinha quebrado uma mesa numa dessas ocasiões) e falava um palavrão horrendo, que ficaria "engrumado", largaria tudo e iria embora para sempre se aquilo fosse mencionado outra vez. Parece, em resposta às minhas perguntas, que ninguém fazia a menor ideia da etimologia dessa terrível expressão, ficar "engrumado", mas que todos consideravam constituir uma imprecação das mais solenes.

Sensibilizado com a bondade de meu anfitrião, ouvi as mulheres irem para a cama em outro pequeno nicho como o meu no extremo oposto do barco, e ele e Ham pendurarem duas redes para si nos ganchos que eu havia notado no teto, num estado de espírito muito prazeroso, enfatizado pela minha sonolência. Quando o sono foi aos poucos baixando sobre mim, ouvi o vento uivando no mar e vindo pela planura com tamanha ferocidade que tive uma preguiçosa apreensão de que a grande profundidade do mar pudesse se erguer durante a noite. Mas pensei comigo mesmo que estava num barco, afinal, e que não era nada mau um homem como o sr. Peggotty estar a bordo se acontecesse alguma coisa.

Nada aconteceu, porém, a não ser a chegada da manhã. Quando ela brilhou na moldura de conchas de meu espelho, quase imediatamente eu estava fora da cama e ao ar livre com a pequena Em'ly, catando pedras

na praia.

– Acho que você deve ser boa marinheira – eu disse a Em'ly. Não sei se eu achava alguma coisa assim, mas senti que era um ato de cortesia dizer alguma coisa, e a vela brilhante de um barco perto de nós produziu uma imagenzinha de si mesma tão linda no olho brilhante dela que me veio à cabeça dizer isso.

– Não – replicou Em'ly, sacudindo a cabeça –, eu tenho medo do mar.

– Medo! – eu disse, com um ar adequado de ousadia, olhando do alto o poderoso oceano. – Eu não tenho!

– Ah! Mas ele é cruel – disse Em'ly. – Já vi ele ser muito cruel com alguns homens nossos. Vi ele arrebentar um barco do tamanho da nossa casa, tudo despedaçado.

– Espero que não tenha sido o barco que...

– Em que meu pai se afogou? – Em'ly perguntou. – Não. Não foi, esse barco eu nunca vi.

– Nem ele também? – perguntei.

A pequena Em'ly sacudiu a cabeça.

– Não lembro!

Que coincidência! Comecei imediatamente a explicar que eu nunca tinha visto meu pai; e como minha mãe e eu sempre vivemos sozinhos na maior felicidade que se pode imaginar, vivíamos assim agora e viveríamos assim sempre; e que o túmulo de meu pai era no cemitério da igreja perto da nossa casa, sombreado por uma árvore, debaixo de cujos ramos eu caminhava e ouvia os pássaros cantarem em muitas manhãs agradáveis. Mas havia algumas diferenças entre a orfandade de Em'ly e a minha, ao que parece. Ela havia perdido a mãe antes do pai; e ninguém sabia onde era o túmulo do pai, exceto que ficava em algum ponto nas profundezas do mar.

– Além disso – disse Em'ly, enquanto procurava conchas e pedrinhas –, seu pai era um cavalheiro e sua mãe é uma dama; e meu pai era pescador e minha mãe filha de pescador, e meu tio Dan é pescador.

– Dan é o senhor Peggotty, é? – perguntei.

– Tio Dan, esse aí – Em'ly respondeu indicando com a cabeça a casa-

barco.

– É. Ele mesmo. Deve ser muito bom, eu acho?

– Bom? – disse Em'ly. – Se algum dia eu fosse dama, dava para ele um casaco azul-celeste, com botão de diamante, calça preta, um colete vermelho, chapéu de aba revirada, um relógio de ouro bem grande, um cachimbo de prata e um baú de dinheiro.

Eu disse que não tinha dúvida de que o sr. Peggotty merecia esses tesouros. Devo admitir que achei difícil visualizá-lo à vontade com a roupa proposta por sua agradecida sobrinha, e tinha dúvidas sobretudo sobre a adequação do chapéu de abas reviradas, mas guardei esses sentimentos para mim mesmo.

A pequena Em'ly tinha parado e olhava o céu em sua enumeração desses artigos, como se fossem uma visão gloriosa. E continuamos então catando conchas e pedrinhas.

– Você gostaria de ser uma dama? – perguntei.

Em'ly olhou para mim, riu e fez que sim.

– Gostaria muito. Todo mundo aqui ia ser fino também. Eu, o tio, Ham, a senhora Gummidge. A gente não ia ligar então quando viesse tempestade. Não pela gente, quero dizer. A gente ia pensar nos pobres pescadores, claro, ajudava com dinheiro quando eles carecessem.

Esse me pareceu um quadro muito satisfatório e portanto nada improvável. Expressei meu prazer na contemplação dele, e a pequena Em'ly ganhou coragem para dizer, timidamente:

– Você tem medo do mar, agora?

Fiquei bem quieto para me acalmar, mas não tenho dúvidas de que, se tivesse visto uma onda medianamente grande vir rolando, sairia correndo, com uma horrível lembrança dos parentes dela afogados. Mas disse que não e acrescentei:

– Você também parece não ter, apesar de dizer que tem – porque ela estava andando muito na beira daquela espécie de velho píer ou passadiço de madeira por onde passeávamos e fiquei com medo que caísse.

– Não tenho medo desse jeito – disse a pequena Em'ly. – Mas acordo

quando ele fica agitado e tremo quando penso no tio Dan e Ham e acho que estão pedindo socorro. Por isso que eu ia gostar tanto de ser uma dama. Mas não tenho medo do mar desse jeito. Nem um pouco. Olhe só!

Ela saiu do meu lado e correu por um tronco todo marcado que se projetava do lugar onde estávamos, pairando acima da água profunda a certa altura, sem a menor proteção. O incidente está marcado tão fundo em minha lembrança que se fosse artista podia desenhá-lo agora, diria até que com a mesma precisão daquele dia, a pequena Em'ly saltando para a destruição (tal me pareceu) com um olhar que nunca esqueci, dirigido ao alto-mar.

A figurinha leve, ousada, agitada, virou-se e voltou para mim em segurança, e logo ri de meus medos e do grito que tinha dado; inútil em todo caso, pois não havia ninguém perto. Mas houve momentos desde então, em minha idade adulta, muitos momentos houve, em que pensei: é possível, entre as possibilidades de coisas ocultas, que, no repentino arroubo da menina e em seu estranho olhar ao longe, houvesse alguma indulgente atração dela pelo perigo, alguma tentação advinda de seu falecido pai, e que a vida dela pudesse talvez terminar naquele dia? Houve um momento a partir do qual me perguntei, se a vida futura dela pudesse me ser revelada num relance, e revelada de tal forma que uma criança pudesse entender completamente, se a preservação dela poderia depender de um movimento de minha mão, e se eu a teria estendido para salvá-la. Houve um momento – não digo que tenha perdurado, mas houve – a partir do qual fiz a mim mesmo a pergunta: teria sido melhor para a pequena Em'ly que as águas tivessem se fechado sobre sua cabeça naquela manhã diante dos meus olhos? e então respondi: sim, teria, sim.

Isso pode ser prematuro. Cedo demais para escrever, talvez. Mas vamos deixar assim.

Passeamos por um longo trajeto e nos enchemos de coisas que achamos curiosas, devolvemos cuidadosamente algumas estrelas-do-mar perdidas de volta à água (ainda hoje, não sei o suficiente dessa espécie para ter bem certeza de nos agradecerem por isso, ou o contrário) e depois voltamos para a casa do sr. Peggotty. Paramos a sota-vento da casinha de lagosta para trocar um beijo inocente, e entramos para tomar

o café da manhã rebrilhando de saúde e prazer.

– Feito dois malviz – disse o sr. Peggotty. Eu sabia que isso queria dizer, em nosso dialeto local, como dois jovens tordos, e recebi aquilo como um elogio.

Claro que eu estava apaixonado pela pequena Em'ly. Tenho certeza de que amei aquela menina com muita verdade, muita ternura, com maior pureza e maior desprendimento que possa ter havido no melhor amor de um momento posterior da minha vida, por elevado e nobre que tenha sido. Tenho certeza de que meu sentimento despertava naquela pequena criança de olhos azuis alguma coisa que a tornava etérea e fazia dela um anjo. Se em alguma tarde ensolarada ela abrisse um par de asinhas e voasse para longe de meus olhos, não creio que eu fosse achar isso demais para o que tinha motivo para esperar.

Caminhávamos por aquela velha planura sombria de Yarmouth de um jeito amoroso, horas e horas. O dia passava por nós, como se o Tempo não tivesse crescido ainda, mas fosse criança também e sempre a brincar. Contei a Em'ly que a adorava e que a menos que ela confessasse que me adorava eu me veria reduzido à necessidade de me matar com uma espada. Ela disse que me adorava e não tenho dúvidas de que era verdade.

Quanto a qualquer sensação de desigualdade, infantilidade ou outra dificuldade em nosso caminho, a pequena Em'ly e eu não tínhamos nenhum problema, porque não tínhamos futuro. Não fazíamos nenhuma previsão quanto a ficar mais velhos, como não fazíamos quanto a ficar mais novos. Éramos a admiração da sra. Gummidge e de Peggotty, que sussurrava para nós à noitinha quando sentávamos, amorosos, lado a lado em nosso bauzinho: "Nossa! não é lindo?". O sr. Peggotty sorria para nós por trás do cachimbo e Ham sorria a noite inteira e não fazia mais nada. Sentiam uma espécie de prazer conosco, eu acho, algo que poderiam sentir por um brinquedo bonito ou por uma miniatura do Coliseu.

Logo descobri que a sra. Gummidge nem sempre era tão agradável quanto seria de se esperar, nas condições de residente na casa do sr. Peggotty. A sra. Gummidge era de disposição bastante irritável e às vezes

se lamuriava mais que o aceitável para os outros em ambiente tão pequeno. Eu tinha pena dela, mas havia momentos em que teria sido mais agradável, penso, se a sra. Gummidge possuísse um aposento conveniente para onde se retirar, e lá ficasse até seus ânimos reavivarem.

De vez em quando, o sr. Peggotty ia a uma taverna chamada Boa Vontade. Descobri isso quando ele saiu na segunda ou terceira noite de nossa visita, e a sra. Gummidge olhou o relógio holandês, entre oito e nove horas, e disse que ele estava lá e que desde de manhã ela sabia que ele iria lá.

A sra. Gummidge estivera deprimida o dia inteiro e caíra em prantos de manhã, quando o fogo soltou fumaça.

– Sou uma criatura sozinha e abandonada – foram as palavras da sra. Gummidge quando essa desagradável ocorrência se deu – e tudo me sai ao contrário.

– Ah, a fumaça logo para – disse Peggotty (de novo, falo de nossa Peggotty) – e além disso, a senhora sabe, não é mais desagradável pra senhora que pra nós.

– Eu sinto mais – disse a sra. Gummidge.

Era um dia muito frio, com rajadas de vento cortantes. O canto particular da sra. Gummidge junto à lareira me parecia o mais quente e confortável do local, e sua cadeira certamente era a melhor, mas nada a agradava nesse dia. Estava a toda hora reclamando do frio que provocava em suas costas o que ela chamava de “os arrepio”. Por fim, ela chorou por causa disso e disse de novo que era “uma criatura sozinha e abandonada” e que tudo lhe saía ao contrário.

– Está mesmo muito frio – disse Peggotty. – Todo mundo deve estar sentindo.

– Eu sinto mais que os outros – disse a sra. Gummidge.

No jantar, a mesma coisa, com a sra. Gummidge sempre servida imediatamente depois de mim, a quem era dada a precedência como visita importante. O peixe era pequeno e cheio de espinhas, as batatas estavam um pouco queimadas. Nós todos admitimos que sentíamos certa

decepção, mas a sra. Gummidge disse que sentia mais do que nós, chorou de novo e fez essa declaração com grande amargura.

Da mesma forma, quando o sr. Peggotty voltou para casa por volta das nove horas, a infeliz sra. Gummidge estava tricotando em seu canto, num estado deplorável, infeliz. Peggotty trabalhava alegremente. Ham estivera consertando um grande par de botas impermeáveis; e eu, com Em'ly ao lado, tinha lido para eles. A sra. Gummidge em nenhum momento fez outra observação além de dar um suspiro desanimado, e em nenhum momento ergueu os olhos desde o jantar.

– Bom, amigos – disse o sr. Peggotty se sentando –, como vão vocês?

Todos dissemos alguma coisa, ou fizemos alguma expressão, para lhe dar as boas-vindas, exceto a sra. Gummidge, que apenas sacudiu a cabeça em cima do tricô.

– O que é que foi? – perguntou o sr. Peggotty batendo as mãos. – Se anime, minha velha! (O sr. Peggotty não dizia isso como ofensa.)

A sra. Gummidge não parecia capaz de se animar. Puxou o velho lenço de seda preta e enxugou os olhos, mas em vez de colocá-lo de volta no bolso, deixou-o fora, se enxugando de novo, e sempre fora, pronto para usar.

– O que é que está ruim, minha dama? – perguntou o sr. Peggotty.

– Nada – respondeu a sra. Gummidge. – Você veio do Boa Vontade, Dan'l?

– Pois vim, fiquei um pouquinho no Boa Vontade agora de noite – disse o sr. Peggotty.

– Sinto muito forçar você a isso – disse a sra. Gummidge.

– Me forçar a isso! Ninguém me força a isso, não – respondeu o sr. Peggotty com uma risada sincera. – Só vou lá porque quero mesmo.

– E quer muito – disse a sra. Gummidge sacudindo a cabeça, enxugando os olhos. – É, é, quer muito. Sinto muito que seja por minha causa que você quer tanto.

– Por sua causa? Não é por sua causa, não! – disse o sr. Peggotty. – Nem pensa nisso.

– É, é, sim – exclamou a sra. Gummidge. – Eu sei o que sou. Sei que

sou uma criatura sozinha e abandonada e além de tudo sair ao contrário para mim, eu sou do contra com todo mundo. É, é. Eu sinto mais que os outros e demonstro mais. Esse que é o meu problema.

Realmente não pude deixar de pensar, absorvendo tudo isso, que o infortúnio se estendia a alguns outros membros daquela família, além da sra. Gummidge. Mas o sr. Peggotty não deu nenhuma resposta, apenas respondeu com outro pedido para a sra. Gummidge se animar.

– Eu não sou o que podia ser – disse a sra. Gummidge. – Longe disso. Eu sei o que sou. Meus problema me deixaram do contra. Eu sinto meus problema e eles me botam do contra. Queria não sentir eles, mas sinto. Queria me acostumar com eles, mas não me acostumo. Eu incomodo nesta casa. Não tenho dúvida. Incomodei sua irmã o dia inteiro, e o seu Davy.

Aí, de repente me comovi e bradei, com grande aflição mental:

– Não, não incomodou, não, senhora Gummidge.

– Não está nada certo eu fazer isso – disse a sra. Gummidge. –Eu não valho a pena. Melhor eu ir pro asilo e morrer. Sou uma criatura sozinha e abandonada e o melhor era não ser contrariedade nenhuma aqui. Se as coisa têm de dar ao contrário pra mim e tenho de ir contra eu mesma, eu que vá ser contrariedade na minha paróquia. Dan'l, melhor eu ir pro asilo, morrer, e vocês fica livre de mim!

A sra. Gummidge retirou-se com essas palavras e foi para a cama. Quando ela saiu, o sr. Peggotty, que não havia demonstrado nem um traço de outro sentimento além de profunda consideração, olhou para nós e, sacudindo a cabeça com uma expressão viva desse sentimento ainda animando seu rosto, disse num sussurro:

– Ela está pensando no velho!

Eu não entendi bem em qual velho a sra. Gummidge podia ter fixado sua mente, até que Peggotty, ao me pôr na cama, explicou que era o falecido sr. Gummidge; e que o irmão dela sempre tomava isso por uma verdade estabelecida nessas ocasiões e que sempre tinha um efeito comovedor sobre ele. Algum tempo depois, ele estava em sua rede essa noite, quando eu mesmo ouvi que repetia para Ham: "Coitada! Está pensando no velho!". E sempre que a sra. Gummidge ficava arrasada

desse jeito durante o restante de nossa estada (o que aconteceu algumas vezes), ele sempre dizia a mesma coisa para minorar a situação e sempre com a mais terna comiseração.

Então a quinzena passou, variada em nada além da variação da maré, que alterava as horas de saída e chegada do sr. Peggotty, como alterava os compromissos de Ham também. Quando este último estava sem trabalho, às vezes caminhava conosco para nos mostrar os barcos e navios, e uma ou duas vezes nos levou para remar. Não sei por que um ligeiro conjunto de impressões se associa mais particularmente a um lugar do que a outro, embora acredite que isso ocorra com a maioria das pessoas, em relação sobretudo às associações da infância. Nunca ouço o nome nem leio o nome de Yarmouth sem me lembrar de certo domingo de manhã na praia, os sinos da igreja tocando, a pequena Em'ly encostada em meu ombro, Ham preguiçosamente atirando pedras na água, e o sol, lá longe no mar, rompendo apenas a névoa pesada, a nos mostrar navios como suas próprias sombras.

Finalmente chegou o dia de voltar para casa. Suportei bem a separação do sr. Peggotty e da sra. Gummidge, mas minha agonia mental por deixar a pequena Em'ly era lancinante. Fomos de braços dados até a taverna onde a carroça parava e prometi, na estrada, escrever para ela. (Cumpri essa promessa depois, em letras maiores do que aquelas dos anúncios manuscritos de apartamentos para alugar.) Estávamos muito abalados com a partida; e se algum dia em minha vida se fez um vazio em meu coração, foi nesse dia.

Ora, durante o tempo em que estive de visita, fui ingrato com a minha casa de novo, e pensara pouco ou nada nela. Mas assim que me voltei para ela, minha jovem consciência acusadora pareceu apontar nessa direção com um dedo firme; e senti, com ainda mais força por causa de minha tristeza, que era o meu ninho e que minha mãe era minha consoladora e amiga.

Isso tomou conta de mim durante a viagem, de forma que quanto mais perto chegávamos, quanto mais familiares se tornavam os objetos pelos quais passávamos, mais excitado eu ficava para chegar e correr para os braços dela. Mas Peggotty, em vez de participar desses

entusiasmos, tentou controlá-los (embora muito gentilmente) e pareceu confusa e incomodada.

A Gralhada de Blunderstone chegaria, porém, apesar dela, quando o cavalo da carroça quisesse, e chegou. Como me lembro bem disso, naquela tarde fria e cinzenta, com céu encoberto, ameaçando chuva!

A porta se abriu, e meio rindo, meio chorando em minha agradável agitação, procurei minha mãe. Não era ela, mas uma criada estranha.

– Ora, Peggotty – falei, sentido –, ela não está em casa!

– Está, sim, seu Davy – disse Peggotty. – Ela está em casa. Espere um pouco, seu Davy, e eu... eu vou te contar uma coisa.

Com sua agitação e sua natural falta de jeito para descer da carroça, Peggotty fazia um incrível carnaval consigo mesma, mas eu estava muito vazio e estranho para dizer isso a ela. Quando ela desceu, me pegou pela mão; me levou, intrigado, para a cozinha, e fechou a porta.

– Peggotty! – eu disse, muito assustado. – Tem algum problema?

– Nenhum problema, bendito seja, seu Davy, meu querido! – ela respondeu, assumindo um ar de vivacidade.

– Alguma coisa tem, tenho certeza. Onde está mamãe?

– Onde está mamãe, seu Davy? – Peggotty repetiu.

– É. Por que ela não foi até o portão e por que viemos para cá? Ah, Peggotty! – Meus olhos estavam transbordando e era como se fosse cair.

– Bendito meu menino precioso! – Peggotty exclamou, me segurando. – O que foi? Fale, meu bem!

– Não morreu também! Ah, ela não morreu, Peggotty?

Peggotty gritou "Não!" com um incrível volume de voz; então sentou-se, começou a ofegar e disse que eu tinha lhe dado um susto.

Dei-lhe um abraço para tirar o susto, ou dei-lhe outro susto na direção certa e parei na sua frente, olhando para ela em dúvida ansiosa.

– Sabe, meu bem, eu devia ter contado pra você antes – disse Peggotty –, mas não tive oportunidade. Devia de ter inventado a oportunidade, quem sabe, mas não consegui me concentrar nisso *pacificamente* (esse era sempre o substituto para "especificamente" na milícia de palavras de Peggotty).

– Continue, Peggotty – eu disse, mais assustado que antes.

– Seu Davy – disse Peggotty, desamarrando o chapéu com mão trêmula e falando de um jeito sufocado. – O que você acha? Você tem um papai!

Estremeci, fiquei branco. Alguma coisa, não sei o quê, nem como, ligada ao túmulo do cemitério da igreja, erguendo-se dentre os mortos, pareceu me tocar como um vento doentio.

– Um novo – disse Peggotty.

– Um novo? – repeti.

Peggotty deu um suspiro, como se estivesse engolindo alguma coisa muito dura e, estendendo a mão, disse:

– Venha ver ele...

– Não quero.

– ... e sua mamãe – disse Peggotty.

Parei de reagir e entramos diretamente para a sala melhor, onde ela me deixou. De um lado da lareira, estava minha mãe sentada; do outro, o sr. Murdstone. Minha mãe deixou cair o trabalho, levantou-se apressada, mas tímida, pensei.

– Ora, Clara, minha querida – disse o sr. Murdstone. – Não esqueça, controlar-se, sempre controlar-se! Davy, meu rapaz, como vai?

Dei a mão a ele. Depois de um momento de suspense, fui e beijei minha mãe: ela me beijou, me deu tapinhas carinhosos no ombro e voltou a se sentar com seu trabalho. Eu não conseguia olhar para ela, nem olhar para ele, sabia muito bem que ele estava olhando para nós dois; virei para a janela e olhei lá fora, para alguns arbustos que baixavam a cabeça no frio.

Assim que consegui escapar, me esgueirei para o andar de cima. Tinham me mudado do meu velho quarto querido, e eu teria de dormir bem longe. Me arrastei para baixo para descobrir se alguma coisa estava como antes, tão alterado tudo parecia; e vaguei pelo quintal. Logo em seguida saí dali, porque o canil vazio estava ocupado com um grande cachorro – de boca enorme e pelos pretos como Ele –, que ficou muito bravo ao me ver, e que saltou em cima de mim.

IV

Caio em desgraça

Se o quarto para onde minha cama foi removida fosse uma coisa consciente que pudesse prestar depoimento, eu apelaria a ele ainda hoje (quem dorme lá agora, eu me pergunto!) para que atestasse em meu lugar o coração pesado que para lá levei. Subi, ouvindo o cachorro no quintal latir para mim o tempo todo em que subi a escada e olhando para o quarto tão vazio e estranho como o quarto olhava para mim, sentei com minhas pequenas mãos cruzadas e pensei.

Pensei as coisas mais estranhas. Na forma do quarto, nas rachaduras do teto, no papel de parede, nas ondulações da vidraça produzindo ondas e fendas na perspectiva, na bacia bamba em suas três pernas, sentindo alguma coisa desgostosa naquilo, que me lembrou a sra. Gummidge sob influência do falecido marido. Eu chorava o tempo todo, mas não pela consciência do frio e do desânimo, tenho certeza de que em nenhum momento pensei por que chorava. Por fim, em minha desolação comecei a pensar que estava loucamente apaixonado pela pequena Em'ly e tinha sido separado dela para vir para cá, onde ninguém parecia me querer, ou se importar comigo, nem metade do que ela me queria. Isso tornava tudo tão deplorável que me enrolei num canto da colcha da cama e chorei até dormir.

Fui acordado por alguém dizendo "Ele está aqui!" e descobrindo minha cabeça quente. Minha mãe e Peggotty tinham vindo me procurar e uma delas havia feito isso.

– Davy – disse minha mãe. – O que houve?

Achei estranho ela me perguntar e respondi:

– Nada. – E afundei o rosto, me lembro, para esconder o lábio que tremia, o que respondia a ela com mais verdade.

– Davy – disse minha mãe. – Davy, meu filho!

Eu diria mesmo que nenhuma palavra que ela pronunciasse teria me afetado tanto, então, como ela me chamar de seu filho. Escondi as lágrimas na roupa de cama e empurrei-a com a mão quando ela tentou me levantar.

– Isso é obra sua, Peggotty, mulher cruel! – disse minha mãe. – Não tenho nenhuma dúvida. Como pode encarar sua consciência, eu gostaria de saber, indispondo meu próprio filho contra mim, ou contra qualquer pessoa querida para mim? O que pretende com isso, Peggotty?

A pobre Peggotty ergueu as mãos e os olhos e só respondeu, numa espécie de paráfrase das graças que eu costumava repetir depois do jantar:

– Deus lhe perdoe, senhora Copperfield, e que possa nunca ter de se arrepender pelo que disse nesse minuto!

– Basta de me incomodar – exclamou minha mãe. – E ainda na minha lua de mel, quando seria de se esperar que até meu mais inveterado inimigo recuasse, sem invejar meu tantinho de paz de espírito e felicidade. Davy, menino malvado! Peggotty, criatura selvagem! Ah, meu Deus – exclamou minha mãe, virando de um de nós para o outro, à sua maneira caprichosa e irritada –, como o mundo está complicado, quando a pessoa deveria ter todo direito de esperar que fosse o mais agradável possível!

Senti o toque de uma mão que sabia não ser dela nem de Peggotty e me pus de pé ao lado da cama. Era a mão do sr. Murdstone e ele a manteve em meu braço ao dizer:

– O que é isto? Clara, meu amor, você esqueceu? Firmeza, minha querida!

– Sinto muito, Edward – disse minha mãe. – Eu queria ser boa, mas estou tão pouco à vontade.

– É fato! – ele respondeu. – Foi um mau encontro, tão cedo, Clara.

– É que, para mim, é muito difícil agir assim agora – respondeu minha mãe, projetando os lábios –, e é... muito difícil... não é?

Ele a puxou para si, sussurrou em seu ouvido e a beijou. Entendi também, quando vi minha mãe repousar a cabeça no ombro dele e o

braço dela tocar seu pescoço – entendi também que ele era capaz de moldar a natureza flexível dela na forma que escolhesse, como sei hoje que o fez.

– Desça, meu amor – disse o sr. Murdstone. – David e eu vamos descer juntos. Minha amiga – ele voltou um rosto sombrio para Peggotty quando viu que minha mãe já havia saído e a dispensou com um aceno e um sorriso: – Sabe o nome da sua patroa?

– Ela é minha patroa faz bastante tempo, sim, senhor – respondeu Peggotty. – Tenho de saber.

– É verdade – ele respondeu. – Mas acho que ouvi você, quando estava subindo a escada, usar com ela um nome que não é dela. Ela assumiu o meu nome, você sabe. Vai se lembrar disso?

Peggotty, com alguns olhares inquietos para mim, fez uma reverência e saiu do quarto sem responder, vendo, acredito, que era o que se esperava que fizesse e sem desculpa nenhuma para ficar. Quando nós dois ficamos sozinhos, ele fechou a porta e, sentando numa cadeira, me segurou de pé na frente dele, olhou firme nos meus olhos. Senti os meus atraídos com não menos firmeza para os dele. Assim como me lembro de estarmos assim opostos, cara a cara, parece que escuto outra vez meu coração batendo forte e depressa.

– David – ele disse, afinando os lábios e apertando-os um contra o outro –, se tenho de lidar com um cavalo ou cachorro teimoso o que acha que eu faço?

– Não sei.

– Bato nele.

Eu havia respondido numa espécie de sussurro sufocado, mas senti, em meu silêncio, que estava com a respiração mais curta.

– Faço ele se encolher e sofrer. Digo para mim mesmo: “Vou dominar esse sujeito”; e ainda que custe todo o sangue dele, vou conseguir. O que é isso no seu rosto?

– Sujeira – eu disse.

Ele sabia tanto quanto eu que era a marca das lágrimas. Mas se ele fizesse a pergunta vinte vezes, com vinte golpes a cada vez, acredito que

meu coração de criança teria explodido antes de revelar isso a ele.

– Você tem uma boa dose de inteligência para um menino pequeno – ele disse, com o sorriso grave que lhe era característico –, e me entende muito bem, pelo que vejo. Lave esse rosto, rapaz, e desça comigo.

Ele apontou a bacia que eu tinha achado que parecia com a sra. Gummidge e indicou com a cabeça que o obedecesse imediatamente. Não tive dúvidas então, e tenho ainda menos agora, de que ele teria me batido sem o menor escrúpulo se eu houvesse hesitado.

– Clara, minha querida – ele disse, quando terminei o que me mandou fazer e me levou à sala com a mão ainda em meu braço –, você não será mais incomodada, eu espero. Logo iremos melhorar nossos impulsos juvenis.

Valha-me Deus, eu poderia ter melhorado para toda a vida, poderia ter me transformado em outra criatura, talvez, pela vida inteira, com uma palavra gentil naquele momento. Uma palavra de estímulo e explicação, de pena pela ignorância infantil, de boas-vindas em casa, de garantia para mim de que *era* meu lar, poderia ter me tornado obediente a ele em meu coração daí por diante, em vez de hipócrita por fora, e ele poderia ter me levado a respeitá-lo em vez de odiá-lo. Achei que minha mãe ficou triste de me ver parado na sala tão apavorado e estranho e que, naquele momento, quando me sentei numa poltrona, ela me acompanhou com os olhos, ainda mais tristonha, sentindo falta, talvez, de alguma liberdade em minha movimentação infantil, mas a palavra não foi dita e o momento de dizê-la passou.

Jantamos sozinhos, nós três. Ele parecia gostar muito de minha mãe (creio que não gostei mais dele por isso) e ela gostava dele. Entendi, pelo que disseram, que uma irmã mais velha dele viria morar na casa, e que era esperada essa noite. Não tenho certeza se descobri então ou depois que, sem estar ativamente ocupado com nenhum negócio, ele possuía uma cota, ou algum rendimento anual dos livros de uma casa de vinhos em Londres, à qual sua família estava ligada desde o tempo de seu bisavô e na qual sua irmã tinha interesse similar; mas posso mencionar isso a esta altura, tivessem ou não.

Depois do jantar, quando estávamos sentados junto à lareira e eu

meditava em como dar uma escapada até Peggotty sem ter a coragem de me esgueirar, sob risco de ofender o dono da casa, uma carruagem parou no portão do jardim e ele saiu para receber a visita. Minha mãe o seguiu. Eu estava timidamente indo atrás dela, quando ela se virou na porta da sala, na penumbra, e me tomando em seus braços como era seu costume, sussurrou para mim que amasse meu novo pai e fosse obediente a ele. Fez isso com pressa e em segredo, como se fosse errado, mas com ternura; e pondo a mão para trás, segurou a minha, até chegarmos perto de onde ele estava parado no jardim, quando soltou minha mão e passou as dela pelo braço dele.

Era a srta. Murdstone quem havia chegado, e que aspecto sombrio tinha ela; morena, como o irmão, com quem se parecia imensamente de rosto e de voz e com sobrancelhas muito pesadas, quase ligadas no alto do nariz largo, como se, não capacitada pelas deficiências de seu sexo a usar bigodes, ela tivesse aquilo em seu lugar. Trouxe com ela dois baús pretos, despojados e sólidos, com suas iniciais incrustadas na tampa, em duras tachas de latão. Quando pagou o cocheiro, tirou o dinheiro de uma bolsa rígida de aço, e guardava a bolsa dentro de uma sacola que mais parecia uma jaula, pendurada em seu braço por correntes pesadas e que se fechava com um estalo. Até essa data, nunca tinha visto uma dama tão inteiramente metálica como a srta. Murdstone.

Ela foi levada à sala com muitas demonstrações de boas-vindas e ali reconhecida formalmente por minha mãe como parenta nova e próxima. Depois, ela olhou para mim e disse:

– É o seu menino, cunhada?

Minha mãe disse que sim.

– De modo geral – disse a srta. Murdstone –, não gosto de meninos. Como vai, menino?

Diante dessas circunstâncias animadoras, repliquei que ia muito bem e que esperava que ela fosse igualmente, mas com tamanha elegância indiferente que a srta. Murdstone me dispensou com duas palavras:

– Precisa de educação!

Depois do que, com grande distinção, solicitou o favor de ser levada a seu quarto, que passou a ser para mim, a partir daquele momento, um

lugar de espanto e horror, onde os dois baús pretos nunca eram vistos abertos, e talvez nem fossem destrancados, e onde (porque espiei lá dentro uma ou duas vezes quando ela estava fora) numerosas correntes e broches, com que a srta. Murdstone se embelezava quando arrumada, costumavam ficar pendurados no espelho, num arranjo assustador.

Pelo que pude concluir, ela viera para ficar e não tinha intenção de ir embora. Começou a ajudar minha mãe na manhã seguinte e entrou e saiu do quarto de guardados o dia inteiro, acertando as coisas e arrasando com os velhos arranjos. Uma das primeiras coisas notáveis que observei na srta. Murdstone foi o fato de ser constantemente perseguida pela suspeita de que os criados tinham um homem escondido em algum lugar da casa. Sob a influência dessa ilusão, ela mergulhava no depósito de carvão nas horas mais inconvenientes e quase nunca abria a porta de um armário sem batê-la de novo, acreditando que o tinha pegado.

Embora não houvesse nada leve na srta. Murdstone, ela era um perfeito passarinho quando o assunto era levantar da cama. Acordava (e acredito, até agora, à procura daquele homem) antes que qualquer um na casa se mexesse. Peggotty era da opinião de que ela até dormia com um olho aberto, mas eu não podia concordar com essa ideia, porque eu próprio tentara isso depois de ouvir formulada a sugestão e descobri que não era possível.

Já na primeira manhã depois de sua chegada, ela estava de pé e tocando sua campainha junto com o canto do galo. Quando minha mãe desceu para tomar o desjejum e ia fazer o chá, a srta. Murdstone deu-lhe uma bicada na face que era o mais próximo que chegava de um beijo e disse:

– Agora, Clara, minha querida, eu vim para cá, você sabe, para aliviar você de todos os problemas que puder. Você é muito bonita e desmiolada – minha mãe corou, mas riu e pareceu não desgostar desse papel – para sofrer a imposição de qualquer dever que possa ser realizado por mim. Se tiver a bondade de me dar suas chaves, minha querida, cuidarei de todas essas coisas no futuro.

A partir desse momento, a srta. Murdstone guardava as chaves em

sua pequena jaula o dia inteiro e debaixo do travesseiro à noite, e minha mãe não tinha a ver com elas nada mais do que eu.

Minha mãe não permitiu a transferência total de sua autoridade sem uma sombra de protesto. Uma noite, quando a srta. Murdstone estava explicando alguns planos de cuidados da casa para seu irmão, os quais ele devia aprovar, minha mãe de repente começou a chorar e disse que achava que devia ser consultada.

– Clara! – disse o sr. Murdstone severamente. – Clara! Me admira muito você.

– Ah, está muito bem você dizer que se admira, Edward! – exclamou minha mãe. – E está muito bem para você falar de firmeza, mas você mesmo não gostaria disso.

Firmeza, no meu entender, era a grande qualidade primordial para o sr. e srta. Murdstone. Qualquer que tivesse sido a expressão de minha compreensão disso naquela época, se consultado eu diria ter compreendido claramente, à minha maneira, que se tratava de outro nome para tirania; e para certo humor sombrio, arrogante, diabólico que havia nos dois. O credo deles, como vou explicar agora, era o seguinte: o sr. Murdstone era firme; ninguém em seu mundo podia ser tão firme como o sr. Murdstone; ninguém em seu mundo podia ser nada firme, pois todos tinham de se curvar à sua firmeza. A srta. Murdstone era uma exceção. *Ela* podia ser firme, mas apenas por parentesco, e num grau inferior e tributário. Minha mãe era outra exceção. *Ela* podia ser firme e tinha de ser; mas só para manter a firmeza deles e para acreditar firmemente que não havia outra firmeza na terra.

– É muito difícil – disse minha mãe – que em minha própria casa...

– *Minha* própria casa? – repetiu o sr. Murdstone. – Clara!

– *Nossa* própria casa, quero dizer – vacilou minha mãe, evidentemente assustada –, espero que saiba o que quero dizer, Edward; é muito difícil que em *sua* própria casa eu não possa dizer uma palavra sobre as questões domésticas. Tenho certeza de que me saía muito bem antes de nos casarmos. Há provas disso – disse minha mãe, chorando –; pergunte a Peggotty se eu não me saía muito bem quando ninguém interferia!

– Edward – disse a srta. Murdstone –, vamos pôr um fim nisso. Eu vou

embora amanhã.

– Jane Murdstone – disse o irmão –, fique quieta! Como ousa insinuar que não conhece meu caráter melhor do que indicam suas palavras?

– Com certeza – minha pobre mãe continuou, em penosa desvantagem e com muitas lágrimas –, não quero que ninguém vá embora. Eu ficaria muito arrasada e infeliz se alguém fosse embora. Não peço tanto. Não sou irracional. Só quero ser consultada às vezes. Sou muito grata a alguém que me ajuda e só quero ser consultada como mera formalidade, às vezes. Achei que você chegava a gostar que eu fosse um pouco inexperiente e juvenil, Edward, com certeza você disse isso, mas parece me odiar por isso agora, de tão severo.

– Edward – disse a srta. Murdstone outra vez –, vamos pôr um fim nisso. Eu vou embora amanhã.

– Jane Murdstone – trovejou o sr. Murdstone –, pode ficar quieta? Como se atreve?

A srta. Murdstone liberou da jaula o seu lenço de bolso e o pôs diante dos olhos.

– Clara – ele continuou, olhando para minha mãe –, você me surpreende! Me assombra! Sim, eu sentia satisfação com a ideia de me casar com uma pessoa inexperiente e despretensiosa, e formar seu caráter, infundir nela certa dose da firmeza e determinação de que necessitasse. Mas quando Jane Murdstone tem a gentileza de vir em meu auxílio nesse empenho, e de assumir, por mim, uma condição semelhante à de governanta, e quando ela encontra uma retribuição grosseira...

– Ah, por favor, por favor, Edward – minha mãe exclamou –, não me acuse de ingrata. Com certeza não sou ingrata. Ninguém antes disse isso de mim. Tenho muitos defeitos, mas esse não. Ah, não, meu querido!

– Quando Jane Murdstone encontra, eu dizia – continuou ele, depois de esperar que minha mãe se calasse –, uma retribuição grosseira, esse meu sentimento esfria e se modifica.

– Meu amor, não diga isso! – minha mãe implorou, de modo comovente. – Ah, não, querido Edward! Não suporto ouvir isso. Posso ser

qualquer coisa, mas sou afetuosa. Sei que sou afetuosa. Eu não diria isso se não tivesse certeza do que sou. Pergunte a Peggotty. Tenho certeza de que ela vai dizer a você que sou afetuosa.

– Nenhuma simples fraqueza, Clara – disse o sr. Murdstone em resposta –, terá o menor peso comigo. Está gastando seu fôlego.

– Por favor, vamos ser amigos – disse minha mãe –, não conseguiria conviver com frieza ou indelicadeza. Sinto muito. Tenho grandes defeitos, eu sei, e é muita bondade sua, Edward, com sua força mental, se empenhar em corrigir esses defeitos por mim. Jane, não me oponho a nada. Ficaria arrasada se você pensasse em ir embora... – Minha mãe estava perturbada demais para continuar.

– Jane Murdstone – disse o sr. Murdstone a sua irmã –, quaisquer palavras ásperas entre nós são, espero, incomuns. Não é culpa minha que uma ocorrência tão fora do comum tenha se dado hoje. Fui induzido a isso por outra pessoa. Não é culpa sua. Você foi induzida a isso por outra. Por favor, vamos tentar esquecer isso, nós dois. E a propósito – acrescentou depois dessas magnânimas palavras –, não é uma cena adequada para o menino... David, vá para a cama!

Mal pude encontrar a porta através das lágrimas que tinha nos olhos, com pena da aflição de minha mãe; mas saí às cegas, às cegas subi para meu quarto no escuro, sem ânimo nem para dizer um boa-noite a Peggotty ou pegar uma vela com ela. Quando ela veio me ver uma hora e tanto depois, eu acordei e ela me disse que minha mãe tinha ido para a cama muito infeliz e que o sr. e a srta. Murdstone estavam sentados sozinhos.

Ao descer na manhã seguinte, bem mais cedo que o usual, parei na porta da sala ao ouvir a voz de minha mãe. Ela estava, muito empenhada e humilde, implorando o perdão da srta. Murdstone, que essa dama concedeu, e uma perfeita reconciliação aconteceu. Nunca mais vi minha mãe dar uma opinião sobre nenhum assunto sem antes apelar para a srta. Murdstone ou sem antes assegurar-se claramente sobre qual era a opinião da srta. Murdstone; e nunca mais vi a srta. Murdstone, quando destemperada (ela era pouco firme nesses momentos), erguer a mão para sua sacola como se fosse tirar as chaves e oferecer submetê-las a minha

mãe, sem ver minha mãe terrivelmente assustada.

O tom sombrio que havia no sangue Murdstone sombreava a religião Murdstone, que era austera e cheia de ódio. Pensei, desde então, que assumia esse caráter como consequência inevitável da firmeza do sr. Murdstone, que não lhe permitia isentar ninguém do peso absoluto das mais severas penas que podia encontrar razões para aplicar. Seja como for, bem me lembro dos semblantes tremendos com que costumávamos ir à igreja, e como tudo estava mudado. Mais uma vez, chega o detestado domingo e me enfio no velho banco dianteiro, como um prisioneiro cativo condenado a uma cerimônia. Mais uma vez, a srta. Murdstone, com vestido preto de veludo, que parece ter sido feito de um caixão de defunto, me acompanha de perto; depois minha mãe, depois seu marido. Nada de Peggotty agora, como nos velhos tempos. Mais uma vez, ouço a srta. Murdstone murmurar as respostas, enfatizando todas as palavras de horror com cruel prazer. Mais uma vez, vejo seus olhos escuros passearem pela igreja quando ela diz “desafortunados pecadores”, como se estivesse xingando toda a congregação. Mais uma vez percebo raros relances de minha mãe, movendo os lábios timidamente entre os dois, com um deles sussurrando-lhe em cada ouvido, como um trovão baixo. Mais uma vez, me pergunto com um súbito medo se é possível que nosso bom e velho clérigo esteja errado e o sr. e a srta. Murdstone certos e que todos os anjos do Céu possam ser anjos destruidores. Mais uma vez, se mexo um dedo, ou relaxo um músculo do rosto, a srta. Murdstone me cutuca com o livro de orações e machuca minhas costelas.

Sim, e mais uma vez, quando vamos para casa, noto alguns vizinhos olhando para minha mãe e eu, e sussurrando. Mais uma vez, quando os três seguem de braços dados fico para trás sozinho, acompanho alguns desses olhares e me pergunto se o passo de minha mãe não é realmente tão leve como eu julgava, se a alegria de sua beleza está quase desgastada. Mais uma vez, me pergunto se algum dos vizinhos relembra, como eu, de quando voltávamos para casa juntos, ela e eu; e me pergunto idiotamente sobre isso durante todo o dia desanimador.

Ocasionalmente, falavam de eu ir para o colégio interno. O sr. e a srta. Murdstone inventaram isso e minha mãe, claro, teve de concordar com

eles. Nada, porém, havia se concluído sobre o assunto. Nesse meio-tempo, eu tinha aulas em casa.

Nunca vou esquecer essas aulas! Teoricamente, eram presididas por minha mãe, mas na verdade o eram pelo sr. Murdstone e sua irmã, que estavam sempre presentes e as achavam ocasiões favoráveis para ensinar a minha mãe lições daquela equivocada firmeza, que era a ruína da vida de nós dois. Acredito que fui mantido em casa com esse propósito. Eu era bem apto a aprender e bem-disposto, quando minha mãe e eu vivíamos juntos só nós dois. Me lembro ligeiramente de aprender o alfabeto em seus joelhos. Até o dia de hoje, quando olho as gordas letras pretas da cartilha, a intrigante novidade de suas formas, a natureza boa e fácil do O, do Q, do S sempre parecem se apresentar de novo diante de mim como antes. Mas elas não fazem lembrar nenhum sentimento de aversão ou relutância. Ao contrário, parecem ter seguido um caminho de flores até o Livro do Crocodilo e ter sido saudadas com a delicadeza da voz e maneiras de minha mãe o tempo todo. Mas essas aulas solenes que vieram depois daquelas, relembro como o golpe mortal em minha paz e como um doloroso esforço e tormento diários. Eram muito longas, muito numerosas, muito difíceis, algumas delas perfeitamente ininteligíveis para mim, e eu ficava no geral tão confuso com elas como acredito que ficava minha mãe.

Permitam que eu lembre como era e traga de volta uma manhã.

Entro na sala menos boa depois do desjejum, com meus livros, meu caderno de lições e uma lousa. Minha mãe está disponível para mim em sua escrivaninha, mas nem de longe tão disponível quanto o sr. Murdstone em sua poltrona junto da janela (embora ele finja ler um livro), ou como a srta. Murdstone, sentada ao lado de minha mãe, enfiando contas metálicas. A simples visão desses dois tem tal influência sobre mim que começo a sentir escorregar e ir não sei para onde todas as palavras que tive de enfiar em minha cabeça com dores infinitas. Me pergunto para onde elas *de fato* acabam indo.

Entrego o primeiro livro a minha mãe. Talvez seja de gramática, talvez de história, ou de geografia. Dou um último olhar disfarçado para a página quando o entrego em sua mão e começo a falar muito depressa

enquanto tudo ainda está fresco. Tropeço numa palavra. O sr. Murdstone ergue os olhos. Tropeço em outra palavra. A srta. Murdstone ergue os olhos. Fico vermelho, me atrapalho com meia dúzia de palavras e paro. Acho que minha mãe me mostraria o livro se tivesse coragem, mas ela não tem e diz baixinho:

– Ah, Davy, Davy!

– Ora, Clara – diz o sr. Murdstone –, seja firme com o menino. Não diga "Ah, Davy, Davy!". É infantil. Ou ele sabe a lição ou não sabe.

– Ele *não* sabe – a srta. Murdstone interpõe, horrivelmente.

– Acho mesmo que ele não sabe – diz minha mãe.

– Então, está vendo, Clara – insiste a srta. Murdstone –, você devia devolver o livro para ele e fazer o menino aprender.

– Claro, está certo – diz minha mãe –, é isso que eu pretendo fazer, minha querida Jane. Então, Davy, tente mais uma vez, não seja bobo.

Obedeço à primeira cláusula da determinação tentando de novo, mas não sou muito bem-sucedido na segunda, porque sou muito bobo. Tropeço antes de chegar ao ponto anterior, um ponto que acertei antes, e paro para pensar. Mas não penso na lição. Não consigo. Penso em quantos metros tem a rede do chapéu da srta. Murdstone, ou no preço do roupão do sr. Murdstone, ou em qualquer problema assim ridículo que não é da minha conta, e com que não quero ter nada a ver. O sr. Murdstone faz um gesto de impaciência que venho esperando há muito tempo. A srta. Murdstone faz a mesma coisa. Minha mãe olha, submissa, para eles, fecha o livro e o põe de lado como um saldo a ser trabalhado quando terminarem minhas outras tarefas.

Dentro de muito pouco tempo há uma pilha desses saldos que aumenta como uma bola de neve. Quanto mais alta fica, mais bobo *eu* fico. É um caso tão perdido, e sinto que estou chafurdando num pântano de tolice tamanho, que desisto da ideia de sair e me abandono ao meu destino. O desespero com que minha mãe e eu nos olhamos, quando continuo cambaleando, é verdadeiramente melancólico. Mas o maior efeito dessas lições infelizes é quando minha mãe (achando que ninguém está olhando) tenta me dar uma pista movendo os lábios. Nesse instante, a srta. Murdstone, que não esperava nada além disso, diz numa voz

grave de alerta:

– Clara!

Minha mãe se sobressalta, fica vermelha e sorri de leve. O sr. Murdstone sai de sua cadeira, pega o livro, atira em mim ou me bate nas orelhas e me leva de volta para o quarto pelos ombros.

Mesmo quando as lições estão feitas, o pior ainda está por acontecer, na forma de uma soma horrenda. Isso é inventado para mim e me é passado oralmente pelo sr. Murdstone, que começa: "Se entro na loja do queijeiro e compro cinco mil queijos duplo-Gloucester a catorze meios pence cada, pagarei..." – e diante disso vejo a srta. Murdstone secretamente satisfeita. Me debruço sobre esses queijos sem nenhum resultado ou compreensão até a hora do jantar, quando, tendo me transformado num mulato ao espalhar o pó da lousa nos poros de minha pele, recebo uma fatia de pão para me ajudar com os queijos e sou considerado uma vergonha pelo resto da noite.

Hoje me parece, tão distante no tempo, que meus malfadados estudos tomaram esse rumo no geral. Eu poderia ter ido muito bem se fosse sem os Murdstone; mas a influência dos Murdstone sobre mim era como o fascínio de duas serpentes sobre um pobre passarinho. Mesmo quando eu realmente conseguia algum crédito tolerável durante a manhã, não havia muita recompensa além da refeição; pois a srta. Murdstone não podia suportar me ver sem tarefas, e se eu descuidadamente dava qualquer demonstração de estar desocupado, chamava a atenção do irmão para mim dizendo: "Clara, minha querida, nada como o trabalho: dê um exercício para seu filho"; o que fazia com que eu fosse amarrado a algum novo trabalho no mesmo instante. Quanto a qualquer recreação com outras crianças de minha idade, tive muito pouco, pois a sombria teologia dos Murdstone rezava que todas as crianças lá fora eram um bando de pequenas víboras (embora tivesse *havido* um menino entre os discípulos)[4] e contaminavam umas às outras.

O resultado natural desse tratamento, que perdurou durante uns seis meses ou mais, foi me tornar tristonho, amortecido e teimoso. E isso em nada diminuía, pela sensação de ser diariamente mais e mais afastado e alienado de minha mãe. Acredito que eu teria me tornado quase estúpido

não fosse por uma circunstância.

Era a seguinte. Meu pai havia deixado num quartinho de cima, ao qual eu tinha acesso (pois era adjacente ao meu), uma pequena coleção de livros com que ninguém mais na casa se importava. Desse abençoado quartinho saíram *Roderick Random*, *O peregrino Pickle, Humphrey Clinker, Tom Jones, O vigário de Wake Field, Dom Quixote, Gil Blas* e *Robinson Crusoé*, um bando glorioso, para me fazer companhia. Eles mantiveram viva minha fantasia e minha esperança em alguma coisa além daquele tempo e lugar. Eles e *As mil e uma noites* e os *Contos dos gênios*, e nenhum mal me fizeram, pois o mal que houvesse em alguns deles não existia para mim, *eu* não tinha nada a ver com aquilo. Me surpreende hoje que tenha achado tempo, em meio a meus estudos e erros em temas mais pesados, para ler esses livros. Para mim é curioso como consegui me consolar de meus pequenos problemas (que eram grandes problemas para mim) encarnando meus personagens favoritos desses livros, como fiz, e colocando o sr. e a srta. Murdstone em todos os piores deles, como fiz também. Fui Tom Jones (um Tom Jones criança, uma criatura inofensiva) durante toda uma semana. Alimentei minha própria ideia de Roderick Random durante um mês seguido, acredito sinceramente. Tinha um voraz prazer em alguns volumes de *Viagens e expedições* (agora me esqueço quais) que havia naquelas estantes; e durante dias e dias me lembro de ocupar minha região de nossa casa armado com o eixo central de um velho par de formas de botas, a encarnação perfeita de um Capitão Alguém, da Real Marinha Britânica, sob risco de ser atacado por selvagens e decidido a entregar a vida a um alto preço. O Capitão nunca perdia a dignidade ao receber golpes nas orelhas com a Gramática Latina. Eu, sim; mas o Capitão era um Capitão e um herói, apesar de todas as gramáticas de todas as línguas do mundo, mortas ou vivas.

Esse era meu único e constante consolo. Quando penso nisso, me vem sempre à mente a imagem de uma noite de verão, os meninos brincando no pátio da igreja e eu sentado em minha cama, lendo como se fosse para salvar a vida. Cada celeiro do bairro, cada pedra da igreja, cada pé pisando o pátio da igreja tinha alguma associação própria em minha

mente, relacionada a esses livros, e representava alguma localidade tornada famosa neles. Vi Tom Pipes escalando a torre da igreja; assisti Strap, com o fardo às costas, parando para descansar diante do portão pequeno; e *sei* que o comodoro Trunnion mantinha aquele clube com o sr. Pickle na sala da pequena cervejaria de nossa cidade.

O leitor agora entende tão bem como eu o que eu era quando cheguei a esse ponto de minha história infantil, à qual retorno agora.

Uma manhã, quando fui à sala com meus livros, encontrei minha mãe com expressão ansiosa, a srta. Murdstone com expressão firme e o sr. Murdstone enrolando alguma coisa na ponta de uma vara, uma vara esguia e flexível que ele parou de enrolar quando entrei, e a ergueu e agitou no ar.

– Digo, Clara – disse o sr. Murdstone –, que eu mesmo muitas vezes apanhei.

– Com certeza, claro – disse a srta. Murdstone.

– Sem dúvida, minha querida Jane – minha mãe titubeou, mansamente. – Mas... mas você acha que isso fez bem a Edward?

– Você acha que fez mal a Edward, Clara? – perguntou o sr. Murdstone gravemente.

– Essa é a questão! – disse sua irmã.

Ao que minha mãe respondeu:

– Sem dúvida, minha querida Jane – e não disse mais nada.

Fiquei apreensivo de que eu estivesse pessoalmente envolvido nesse diálogo e procurei os olhos do sr. Murdstone quando pousaram nos meus.

– Então, David – ele disse. E vi aquele brilho de novo quando ele falou – Você hoje tem de ser muito mais cuidadoso do que sempre. – Ergueu de novo a vara e agitou outra vez, e tendo terminado seus preparativos com ela, deixou-a de lado, com um ar expressivo, e pegou seu livro.

Isso foi um bom estímulo à minha presença de espírito ao começar. Senti as palavras de minhas lições escorregando, não uma a uma, nem linha a linha, mas páginas inteiras. Tentei detê-las, mas elas pareciam, se posso expressar assim, ter calçado patins e deslizado para longe de

mim com uma ligeireza que não havia como controlar.

Começou mal e continuou pior. Eu havia chegado com a ideia de me distinguir bastante, considerando que estava muito bem preparado, mas acabou sendo um grande erro. Livro após livro se somavam à pilha de fracassos, a srta. Murdstone nos vigiando com firmeza o tempo todo. E quando chegamos finalmente aos cinco mil queijos (nesse dia, eram bengalas, me lembro), minha mãe rompeu a chorar.

– Clara! – disse a srta. Murdstone, com sua voz de alerta.

– Acho que não estou muito bem, minha querida Jane –disse minha mãe.

Vi quando ele piscou solenemente para sua irmã, levantou-se e disse, pegando a vara:

– Ora, Jane, não se pode esperar que Clara suporte com perfeita firmeza a preocupação e o tormento que David ocasionou a ela hoje. Seria estoica. Clara progrediu e está mais forte, mas não podemos esperar tanto dela. David, você e eu vamos subir, meu rapaz.

Quando ele saiu comigo pela porta, minha mãe correu até nós. A srta. Murdstone disse:

– Clara! Que bobagem é essa? – e se intrometeu. Vi minha mãe tapar os ouvidos então e ouvi seu choro.

Ele me levou para meu quarto devagar, com gravidade, tenho certeza de que tinha prazer naquele cortejo formal de execução da justiça, e quando chegamos lá, de repente torceu minha cabeça debaixo do braço.

– Senhor Murdstone! – exclamei para ele. – Não! Imploro que não me bata! Eu tentei aprender, mas não consigo aprender quando o senhor e a senhorita Murdstone estão perto. Não consigo mesmo!

– Não mesmo, David? – ele perguntou. – Vamos tentar isto aqui.

Ele apertou minha cabeça como num torno, mas eu girei em volta dele de alguma forma e o detive por um momento, pedindo que não me batesse. Foi apenas por um momento que o detive, porque ele me dominou pesadamente um instante depois e no mesmo instante peguei entre os dentes a mão com que ele tapava minha boca e mordi. Sinto meus dentes só de pensar nisso.

Ele então me bateu como se quisesse me espancar até a morte. Por cima de todo o barulho que fazíamos, ouvi quando subiam a escada, gritando, ouvi minha mãe gritando, e Peggotty. Então ele saiu e trancou a porta por fora, eu caído, febril, acalorado e machucado, dolorido, raivoso em minha fragilidade, no chão.

Como me lembro bem, quando sosseguei, da calma antinatural que pareceu reinar por toda a casa! Como me lembro bem quando minha dor e paixão começaram a esfriar, como comecei a me sentir malvado!

Fiquei sentado, ouvindo, um bom tempo, mas não havia nenhum som. Rastejei até a porta, vi meu rosto no espelho, tão inchado, vermelho e feio, que quase me assustou. Os vergões, rijos e doloridos, me faziam chorar de novo quando me mexia, mas não eram nada diante da culpa que sentia. Devo confessar que senti o peito mais pesado do que se fosse o mais atroz criminoso.

Tinha começado a escurecer e eu precisava fechar a janela (havia ficado, quase todo o tempo, com a cabeça no peitoril, às vezes chorando, cochilando e olhando inquieto para fora), quando a chave girou e a srta. Murdstone entrou com pão, carne e leite. Pôs essas coisas em cima da mesa sem uma palavra, olhando o tempo todo para mim com exemplar firmeza, e se retirou, trancando a porta ao passar.

Muito depois que escureceu, lá estava eu sentado, me perguntando se mais alguém viria. Quando isso pareceu improvável essa noite, me despi e fui para a cama; e ali comecei a imaginar, temeroso, o que seria feito de mim. Se eu havia cometido algum ato criminoso. Se eu devia ser detido e mandado para a prisão. Se eu corria algum risco de ser enforcado.

Nunca esquecerei o despertar na manhã seguinte; a sensação alegre e fresca do primeiro momento, e depois o peso da opressão da lembrança. A srta. Murdstone apareceu antes de eu sair da cama; me disse, com estas mesmas palavras, que eu podia passear no jardim por meia hora, não mais, e se retirou deixando a porta aberta para que eu pudesse me valer dessa permissão.

Fiz isso e o fiz todas as manhãs de meu encarceramento, que durou cinco dias. Se pudesse ver minha mãe a sós, teria me ajoelhado diante dela e implorado seu perdão; mas não vi ninguém, com exceção da srta.

Murdstone, durante todo o tempo, a não ser nas orações da noite na sala, às quais era escoltado pela srta. Murdstone depois que todo mundo havia se instalado e onde era posto, como um fora da lei, sozinho perto da porta, e daí solenemente conduzido por minha carcereira antes que qualquer um se erguesse da postura devocional. Só observei que minha mãe estava tão distante de mim quanto era possível e mantinha o rosto voltado para o outro lado, de forma que eu nunca o via; e que a mão do sr. Murdstone tinha um grande curativo de pano branco.

Do quanto esses cinco dias demoraram a passar não consigo dar ideia para ninguém. Eles ocuparam o lugar de anos em minha lembrança. O jeito como ouvia todos os incidentes da casa que me eram audíveis; o soar de campainhas, o abrir e fechar de portas, o murmúrio de vozes, os passos na escada; qualquer riso, assobio ou canto lá fora pareciam mais tristonhos para mim que qualquer outra coisa em minha solidão e ruína – o passar lento das horas, principalmente à noite, quando eu acordava pensando que era de manhã e descobria que a família ainda não havia saído da cama e que todo o resto da noite ainda havia de passar –, os sonhos deprimentes e pesadelos que tinha, a volta do dia, o meio-dia, a tarde, o anoitecer, quando os meninos brincavam no pátio da igreja e eu olhava de longe, de dentro de meu quarto, sentindo vergonha de aparecer na janela e alguém saber que eu era um prisioneiro – a estranha sensação de nunca ouvir a minha voz –, os breves intervalos de algo como alegria, que vinham de comer e beber e iam embora com isso – a chegada da chuva um fim de tarde, com um cheiro fresco, e a velocidade cada vez maior com que ela caía entre mim e a igreja, até ela e a noite que se aproximava parecerem me sufocar de tristeza, medo, remorso –, tudo isso parece ter se repetido por anos em vez de dias, tão vívida e fortemente está tudo gravado em minha lembrança.

Na última noite de minha detenção, fui despertado ao ouvir meu próprio nome falado num sussurro. Sentei na cama num susto, estendi os braços no escuro e perguntei:

– É você, Peggotty?

Não houve uma resposta imediata, mas então ouvi meu nome de novo, e num tom tão misterioso e horrível que acho que teria tido um ataque se

não me ocorresse que devia estar vindo pelo buraco da fechadura.

Fui tateando até a porta, pus os lábios na fechadura e sussurrei:

– É você, minha querida Peggotty?

– Sou eu, meu precioso Davy – ela replicou. – Fale baixinho feito um rato, senão o gato ouve a gente.

Entendi que isso queria dizer a srta. Murdstone e senti a urgência do caso, sendo o quarto dela muito próximo.

– Como está mamãe, Peggotty querida? Ela está muito brava comigo?

Ouvi Peggotty chorando baixinho de seu lado da fechadura, como eu chorava do meu, antes de responder:

– Não. Não muito.

– O que vão fazer comigo, Peggotty querida? Você sabe?

– Escola. Perto de Londres – foi a resposta de Peggotty. Fui obrigado a fazê-la repetir, porque ela falou a primeira vez para dentro da minha garganta, uma vez que eu tinha esquecido de afastar a boca da fechadura e pôr a orelha ali; e embora suas palavras tenham me feito muitas cócegas, não as ouvi.

– Quando, Peggotty?

– Amanhã.

– Por isso é que a senhorita Murdstone tirou minhas roupas das gavetas? – Coisa que ela havia feito, embora eu tenha esquecido de mencionar.

– Foi – disse Peggotty. – Baú.

– Não vou ver a mamãe?

– Vai – disse Peggotty. – De manhã.

Então, Peggotty aproximou a boca do buraco da fechadura e pronunciou através dele estas palavras com mais sentimento e seriedade que qualquer fechadura jamais ouviu ao servir de meio de comunicação, me arrisco a afirmar: emitindo cada pequena frase numa pequena explosão própria.

– Davy, meu bem. Se eu não fui *pacificamente* íntima de você esses dias, como eu era antes, não é porque eu não te amo. Tanto e mais, meu lindo. É porque achei melhor pra você. E pra uns outros também. Davy,

meu querido, está me ouvindo? Consegue me ouvir?

– Con-si-si-si-sigo, Peggotty! – eu solucei.

– Meu querido! – disse Peggotty, com infinita compaixão. – O que eu quero dizer é. Que você não deve nunca esquecer de mim. Porque eu nunca vou esquecer de você. E vou cuidar muito da sua mamãe, Davy. Como cuidei de você. E não vou largar dela. Dia virá em que ela vai gostar de descansar a pobre cabeça. Nos braços desta velha idiota e mal-humorada Peggotty de novo. E vou escrever pra você, meu bem. Apesar de não ser nenhuma professora. E vou... vou... – e Peggotty ficou beijando a fechadura já que não podia beijar a mim.

– Obrigado, Peggotty, querida! – eu disse. – Ah, obrigado! Obrigado! Me prometa uma coisa, Peggotty? Vai escrever e contar para o senhor Peggotty, a pequena Em'ly, a senhora Gummidge e o Ham que eu não sou tão mau como eles podem pensar e que mando para eles todo o meu amor, principalmente para a pequena Em'ly? Você escreve, por favor, Peggotty?

A boa alma prometeu e nós dois nos beijamos pela fechadura com grande afeição, toquei-a com minha mão, eu me lembro, como se fosse o leal rosto dela, e nos separamos. Desde essa noite, cresceu em meu peito um sentimento por Peggotty que não consigo definir. Ela não substituiu minha mãe, ninguém podia fazer isso, mas ocupou um vazio em meu coração, que se fechou em torno dela, e senti por ela alguma coisa que nunca tinha sentido por nenhum outro ser humano. Era uma espécie de afeição engraçada e, no entanto, se ela morresse, nem sei o que eu poderia fazer ou como lidaria com a tragédia que isso seria para mim.

De manhã, a srta. Murdstone apareceu como sempre e me disse que eu ia para a escola; o que não era uma total novidade para mim como ela supunha. Ela me informou também que, quando eu estivesse pronto, devia descer para a sala e tomar meu desjejum. Lá, encontrei minha mãe, muito pálida e de olhos vermelhos, para cujos braços corri e implorei seu perdão para a minha alma sofredora.

– Ah, Davy! – ela disse. – Você ser capaz de machucar alguém que eu amo! Tente melhorar, reze para melhorar! Eu perdoo você; mas fiquei muito aflita, Davy, de você ter sentimentos tão maus em seu coração.

Eles a tinham convencido de que eu era uma pessoa má e ela estava mais triste por isso do que pelo fato de eu ir embora. Senti amargamente. Tentei tomar meu desjejum de despedida, mas as lágrimas caíam no pão com manteiga, escorriam no meu chá e me sufocavam. Vi minha mãe olhar para mim às vezes e depois olhar para a vigilante srta. Murdstone, e então baixar os olhos, ou olhar ao longe.

– O baú do jovem senhor Copperfield está aqui! – disse a srta. Murdstone quando se ouviram rodas no portão.

Achei que fosse Peggotty, mas não era ela; nem ela nem o sr. Murdstone apareceram. Meu antigo conhecido, o cocheiro, estava na porta; o baú foi levado à carroça e erguido.

– Clara! – disse a srta. Murdstone em seu tom de alerta.

– Pronto, minha querida Jane – minha mãe respondeu. –Até logo, Davy. Você vai para o seu próprio bem. Até logo, meu filho. Vai voltar para casa nas férias e seja um menino melhor.

– Clara! – a srta. Murdstone repetiu.

– Sem dúvida, minha querida Jane – minha mãe replicou, ainda me abraçando. – Eu perdoo você, meu filho querido. Deus te abençoe!

– Clara! – a srta. Murdstone repetiu.

A srta. Murdstone teve a bondade de me levar até a carroça e dizer, no trajeto, que esperava que eu me arrependesse, ou terminaria mal; então embarquei na carroça e o cavalo preguiçoso a puxou.

V

Expulso de casa

Devíamos ter rodado menos de um quilômetro e meu lenço de bolso estava completamente molhado, quando o cocheiro parou.

Olhando para fora para saber a razão, vi, para minha surpresa, Peggotty sair correndo de uma moita e subir na carroça. Ela me pegou com ambos os braços e me apertou contra seu espartilho até a pressão em meu nariz ficar extremamente dolorosa, embora depois eu não tenha mais achado isso, e sim que foi tudo muito terno. Peggotty não disse uma palavra. Soltando um dos braços, enfiou-o no bolso até o cotovelo e tirou uns sacos de papel contendo bolos que enfiou em meus bolsos, e uma bolsa que pôs em minha mão, mas não disse nem uma palavra. Depois de outro apertão, o último, com ambos os braços, ela desceu da carroça e foi correndo embora, e minha convicção é, e sempre foi, que sem um único botão no vestido. Peguei um dos muitos que estavam rolando por ali e guardei como um tesouro durante muito tempo.

O cocheiro olhou para mim, como para inquirir se ela iria voltar. Sacudi a cabeça e disse que achava que não.

– Então, em frente – disse o cocheiro ao cavalo preguiçoso, que seguiu em frente condizentemente.

Tendo a essa altura chorado tudo o que podia, comecei a pensar que não adiantava chorar mais, sobretudo porque nem Roderick Random, nem aquele Capitão da Real Marinha Britânica jamais haviam chorado, que me lembrasse, em situações penosas. O cocheiro, me vendo com essa determinação, propôs que meu lenço de bolso fosse estendido nas costas do cavalo para secar. Agradeci e concordei e o lenço pareceu bem pequeno naquelas circunstâncias.

Tinha agora tempo para examinar minha sacola. Era uma sacola de couro rígido, com fecho, e havia dentro dela três moedas brilhantes de xelim, que Peggotty evidentemente havia polido com polidor para meu

maior prazer. Mas o conteúdo mais precioso eram duas meias coroas embrulhadas num pedaço de papel, no qual estava escrito, com caligrafia de minha mãe: “Para Davy. Com meu amor”. Fiquei tão comovido com isso que pedi ao cocheiro que tivesse a bondade de alcançar meu lenço de volta; mas ele disse que era melhor eu me virar sem ele e achei que era mesmo, então enxuguei os olhos na manga e me controlei.

E me controlei para sempre, embora, como consequência de minhas emoções anteriores, ainda fosse tomado ocasionalmente por um tormentoso soluço. Depois de rodarmos por um breve tempo, perguntei ao cocheiro se ele faria o caminho todo.

– O caminho todo pra onde? – perguntou o cocheiro.

– Até lá – eu disse.

– Lá onde? – perguntou o cocheiro.

– Perto de Londres? – perguntei.

– Ora, esse cavalo – disse o cocheiro sacudindo a rédea para indicá-lo – ia estar mais morto que um porco antes de chegar na metade do caminho até lá.

– Então vai só até Yarmouth? – perguntei.

– Isso aí – disse o cocheiro. – E lá tenho de levar você pra diligência e a diligência vai levar você pra... seja lá onde for.

Como isso era muita coisa para o cocheiro (cujo nome era sr. Barkis) dizer, sendo ele, como observei em capítulo anterior, de temperamento fleumático e nem um pouco conversador, ofereci um bolo como sinal de gratidão, que ele comeu de um só bocado, exatamente como um elefante, e não deixou em seu rosto largo impressão maior do que deixaria no de um elefante.

– *Ela* que fez esses, foi? – perguntou o sr. Barkis, sempre inclinado para a frente no banco da carroça, à sua maneira desleixada, com um braço em cada joelho.

– Peggotty, o senhor está dizendo?

– Ah! – disse o sr. Barkis. – Ela.

– Foi. Ela faz todos os nossos doces e faz toda a nossa comida.

– Faz, é? – perguntou o sr. Barkis.

Fez com a boca o gesto de assobiar, mas não assobiou. Continuou olhando as orelhas do cavalo, como se visse alguma coisa ali, e assim ficou por um tempo considerável. Até que falou:

– Bem casada, será?

– Bem-casados o senhor disse, senhor Barkis? – Pois pensei que queria mais alguma coisa para comer e havia aludido diretamente a essa descrição de doce.

– Casada – disse o sr. Barkis. – Ou namorado; ninguém sai com ela?

– Com Peggotty?

– Ah – disse ele. – Ela.

– Ah, não. Ela nunca teve namorado.

– Não mesmo, é? – disse o sr. Barkis.

Mais uma vez projetou a boca para assobiar e mais uma vez não assobiou, só ficou sentado, olhando as orelhas do cavalo.

– Então ela faz – disse o sr. Barkis depois de um longo intervalo de reflexão – todas torta de maçã e faz a comida toda, é?

Respondi que era isso mesmo.

– Bom. Te digo uma coisa – falou o sr. Barkis. – Quem sabe o senhor podia escrever pra ela?

– Com toda a certeza vou escrever para ela – respondi.

– Ah! – ele disse, virando devagar os olhos para mim. –Bom! Se ia escrever pra ela, quem sabe podia lembrar de dizer que o Barkis tá disposto, podia?

– Que Barkis está disposto – repeti, inocentemente. – É só esse o recado?

– Is-so – disse ele, considerando. – Is-so. Barkis tá disposto.

– Mas o senhor vai estar em Blunderstone amanhã de novo, senhor Barkis – eu disse, hesitando um pouco diante da ideia de eu estar longe –, e podia dar seu recado muito melhor.

Como ele repudiou essa sugestão, porém, sacudindo a cabeça, e mais uma vez confirmou o pedido anterior dizendo com profunda gravidade: "O Barkis tá disposto. Esse é o recado", eu prontamente entendi a mensagem. Enquanto esperava a diligência no hotel em Yarmouth essa

mesma tarde, procurei uma folha de papel e um tinteiro e escrevi um bilhete para Peggotty que dizia assim: “Minha querida Peggotty. Cheguei aqui em segurança. Barkis está disposto. Meu amor a mamãe. Afetuosamente seu. P.S. Ele diz que quer particularmente que você saiba: *Barkis está disposto*”.

Quando aceitei essa futura comissão, o sr. Barkis voltou a seu perfeito silêncio; e eu, muito cansado com os acontecimentos recentes, deitei num saco na carroça e adormeci. Dormi profundamente até chegarmos a Yarmouth; que era tão inteiramente nova e estranha para mim no pátio do hotel a que nos dirigimos, que na mesma hora abandonei a esperança latente que tinha de encontrar com alguém da família do sr. Peggotty, talvez até mesmo a pequena Em’ly em pessoa.

A diligência estava no pátio, brilhando muito inteira, mas sem nenhum cavalo ainda; e naquele estado parecia não haver nada mais improvável do que ela ir para Londres. Estava pensando nisso e imaginando o que ia acabar acontecendo com meu baú, que o sr. Barkis tinha posto no calçamento do pátio junto ao poste (tendo ele circundado o pátio para virar a carroça), e também o que ia acabar acontecendo comigo, quando uma dama olhou para fora de uma sacada onde havia umas aves e peças de carne penduradas e perguntou:

– Esse aí é o pequeno cavalheiro de Blunderstone?

– Sim, senhora – respondi.

– Como chama? – a dama inquiriu.

– Copperfield, minha senhora – eu disse.

– Não serve – retorquiu a dama. – Não tem nenhuma refeição paga aqui com esse nome.

– Será Murdstone, minha senhora? – perguntei.

– Se o senhor é Murdstone – disse a dama –, por que pega e dá outro nome primeiro?

Expliquei à dama a razão disso e ela então tocou um sino e gritou:

– William! Mostre o refeitório! – Isso fez com que um garçom viesse correndo de uma cozinha do lado oposto do pátio para mostrar a sala e pareceu bem surpreso quando descobriu que tinha de mostrar só para

mim.

Era uma grande sala comprida com grandes mapas. Duvido que eu pudesse me sentir muito mais estranho se os mapas fossem países estrangeiros de verdade e eu naufragasse no meio deles. Senti que estava tomando liberdade ao me sentar, com o boné na mão, no canto da cadeira mais próxima da porta, e quando o garçom estendeu uma toalha para mim e pôs em cima um conjunto de galheteiros, acho que devo ter ficado todo vermelho de vergonha.

Ele me trouxe umas costeletas e legumes e tirou as tampas de um jeito tão vigoroso que temi que lhe tivesse feito alguma ofensa. Mas ele me deixou muito aliviado ao colocar uma cadeira para mim à mesa e dizer, muito afável:

– Então, grandão! Venha!

Agradeci e tomei meu lugar à mesa, mas achei extremamente difícil manejar garfo e faca com algo semelhante a destreza, ou para evitar me sujar com o molho, com ele à minha frente, olhando muito intensamente e me fazendo corar da maneira mais terrível cada vez que percebia o olhar dele. Depois de me ver comer a segunda costeleta, ele disse:

– Tem um copo de cerveja para o senhor. Vai querer agora?

Agradeci e disse “sim”. Diante disso ele serviu a cerveja de uma jarra para um copo grande, ergueu diante da luz e mostrou como era bonita.

– Minha nossa! – disse. – Parece ótimo, não?

– Parece, sim – respondi com um sorriso, porque era muito agradável para mim vê-lo tão gentil. Era um homem de olhos brilhantes, rosto cheio de espinhas, com o cabelo todo espetado e parado ali com uma mão na cintura, segurando o copo de cerveja contra a luz com a outra, parecia bem simpático.

– Ontem esteve aqui um cavalheiro – disse ele –, um cavalheiro forte, com o nome de Topsawyer, quem sabe conheça?

– Não – eu disse –, acho que não...

– Com calção e perneira, chapéu de aba larga, casaco cinzento, gravata de pintas – disse o garçom.

– Não – respondi timidamente –, não tive o prazer...

– Ele veio aqui – disse o garçom, olhando a luz através do copo –, pediu um copo dessa cerveja, que não *pedisse* não, eu disse pra ele, mas ele bebeu e caiu morto. Era muito madura pra ele. Não devia mais ser servida, a verdade é essa.

Fiquei muito chocado de saber desse melancólico acidente e disse que achava melhor eu tomar água.

– Ora, sabe – disse o garçom, ainda olhando a luz através do copo, com um olho fechado –, o pessoal aqui não gosta que peçam coisas e deixem resto. Ficam ofendidos. Mas *eu* bebo, se quiser. Estou acostumado e o costume é tudo. Acho que não vai me fazer mal, se eu jogar a cabeça para trás e beber depressa. Devo?

Repliquei que estaria me fazendo um grande favor se achava que podia beber com segurança, mas que de jeito nenhum se arriscasse. Quando ele realmente jogou a cabeça para trás e bebeu depressa, senti um medo horrível, confesso, de vê-lo encontrar a mesma sorte do infeliz sr. Topsawyer, e cair sem vida no tapete. Mas não lhe fez mal. Ao contrário, achei que ele até pareceu mais bem-disposto.

– O que temos aqui? – ele perguntou, pondo um garfo em meu prato. – Não é costeleta?

– Costeletas – eu disse.

– Deus me perdoe! – ele exclamou –, não sabia que era costeleta. Ora, costeleta é a coisa certa para tirar o mau efeito dessa cerveja! Não é sorte minha?

Então pegou uma costeleta pelo osso numa mão, uma batata na outra, e comeu com muito bom apetite, para minha extrema satisfação. Em seguida pegou outra costeleta e outra batata, e depois disso outra costeleta e outra batata. Quando tinha terminado, me trouxe um pastelão e ao colocá-lo na minha frente pareceu ruminar e ficar absorto por alguns momentos.

– Como está a torta? – perguntou, voltando a si.

– É um pastelão – respondi.

– Pastelão! – ele exclamou. – Ora, pois não é que é! Ora! –olhou mais de perto. – Não vá me dizer que é um pastelão de ovos e leite!

– Pois é, sim.

– Ora, um pastelão de ovos – disse ele, pegando uma colher –, meu pastelão favorito! Não é sorte? Vamos lá, pequeno, vamos ver quem come mais depressa.

O garçom com certeza comeu mais depressa. Ele me animou mais de uma vez a comer e vencer, mas ele com a colher de sopa, eu com a colher de chá, a habilidade dele e a minha habilidade, o apetite dele e o meu apetite, fiquei muito para trás logo no primeiro bocado e não tive chance diante dele. Nunca vi ninguém gostar tanto de um pastelão, acho; e ele riu, quando acabou, como se seu prazer ainda perdurasse.

Vendo que era tão amigo e companheiro, foi então que pedi caneta, tinta e papel para escrever a Peggotty. Ele não só me trouxe tudo imediatamente, como teve a bondade de ficar ao meu lado enquanto eu escrevia a carta. Quando terminei, ele perguntou onde era a minha escola.

Eu disse:

– Perto de Londres – que era tudo o que eu sabia.

– Ah, coitado! – ele disse, parecendo muito desanimado. – Sinto muito.

– Por quê? – perguntei.

– Ah, meu Deus! – ele disse, sacudindo a cabeça –, lá é a escola onde quebraram as costelas do menino, duas costelas, menino pequeno que era. Eu diria que ele tinha, deixa ver, quantos anos você tem, mais ou menos?

Disse a ele que tinha oito, quase nove.

– Exatamente essa idade – ele disse. – Ele tinha oito anos e seis meses quando quebraram a primeira costela dele, oito anos e oito meses quando quebraram a segunda e isso acabou com ele.

Não consegui disfarçar de mim mesmo, nem do garçom, que se tratava de uma coincidência incômoda, e perguntei como tinha acontecido. A resposta dele não foi animadora, porque consistia em duas palavras preocupantes:

– Com surra.

O toque da buzina da diligência no pátio foi uma interrupção bem-vinda, que me fez correr e perguntar, hesitante, na mistura entre orgulho e desconfiança de ter uma carteira (que tirei do bolso), se tinha de pagar alguma coisa.

– Tem a folha de papel para carta – ele respondeu. – Já comprou uma folha de papel de carta algum dia?

Eu não me lembrava de já ter comprado.

– É caro – ele disse –, por causa do imposto. Três pence. É assim que cobram a gente neste país. Não tem mais nada, a não ser o garçom. A tinta é grátis. Por *minha* conta.

– Quanto eu devo ao senhor... quanto eu... quanto seria... o que seria certo pagar para o garçom, por favor? – gaguejei, corando.

– Se não tivesse família e essa família não sofresse de varíola bovina – disse o garçom –, eu não aceitava seis pence. Se não sustentasse um pai velho e uma linda irmã – e aí o garçom ficou muito agitado –, não aceitava nem um vintém. Se tivesse uma boa casa e fosse bem tratado lá, eu pediria que aceitasse uma coisinha em vez de eu pegar. Mas eu vivo de restos e durmo no depósito de carvão – e aí o garçom caiu em prantos.

Fiquei muito preocupado com seus infortúnios e senti que qualquer reconhecimento menor que nove *pence* seria mera desumanidadee dureza de coração. Portanto entreguei a ele um dos meus três xelins brilhantes, que ele recebeu com muita humildade e veneração e girou no polegar imediatamente, conferindo se era bom.

Foi um pouco desconcertante para mim descobrir, quando me ajudavam a embarcar na diligência, que se supunha que eu tivesse comido todo o jantar sem a ajuda dele. Descobri isso ao ouvir a mulher na sacada dizer para o guarda: “Cuide desse menino, George, senão ele explode!”, e ao observar as criadas dali saírem para olhar e rir de mim como um pequeno fenômeno. Meu infeliz amigo garçom, que tinha recuperado totalmente seus ânimos, não pareceu incomodado com isso, mas se juntou à admiração geral sem se atrapalhar nem um pouco. Se eu tinha alguma dúvida a respeito dele, creio que isso a despertou; mas tendo a acreditar que, dada a alma simples de uma criança e a dependência natural de uma criança em relação a alguém mais velho

(qualidades que sinto pena que qualquer criança substitua prematuramente pela esperteza do mundo), não tive sérias desconfianças dele no geral, mesmo nesse momento.

Eu senti muito, devo admitir, ter sido, sem merecer, objeto de piadas entre o cocheiro e o guarda quanto à diligência estar pesada atrás por eu estar sentado lá e quanto à maior velocidade se eu tivesse viajado de carroça. A história de meu suposto apetite circulou entre os passageiros que também se divertiram e me perguntaram se na escola eu ia pagar como dois irmãos ou três, e se eu tinha condições especiais ou normais; além de outras perguntas divertidas. Mas o pior foi que eu sabia que devia me envergonhar de não ter comido nada quando a oportunidade se ofereceu e que, depois de uma refeição bem leve, ficaria com fome a noite inteira, pois na pressa havia deixado meus bolos no hotel. Minhas apreensões se concretizaram. Quando paramos para jantar, não tive coragem de pedir nada, embora quisesse muito; só me sentei ao lado do fogo e disse que não queria nada. Isso não me poupou de piadas também, pois um cavalheiro de voz rouca, com uma cara grosseira, que tinha comido coisas de uma caixa de sanduíches a viagem quase toda, a não ser quando estava bebendo de uma garrafa, disse que eu era como uma jiboia que comia o suficiente numa refeição para se manter um bom tempo, depois do que se serviu de um bom pedaço de carne cozida.

Tínhamos partido de Yarmouth às três da tarde e devíamos chegar a Londres às oito da manhã. Era meio do verão e a noite estava muito agradável. Quando passamos por uma aldeia, imaginei como seria o interior das casas e onde estariam seus moradores; e quando meninos vieram correndo atrás de nós, me levantei atrás e fiquei oscilando ali um trechinho, me perguntando se os pais deles estariam vivos e se eram felizes em casa. Tinha muito o que pensar, portanto, além de minha mente estar revirando o tempo todo sobre o tipo de lugar para o qual estava indo, o que era uma terrível especulação. Às vezes, me lembro, me resignava a pensar em minha casa e em Peggotty; e me esforçava, de um jeito cego e confuso, para lembrar o que havia sentido e que tipo de menino eu era antes de morder o sr. Murdstone: e com isso não conseguia me satisfazer de forma alguma, parecia que o tinha mordido

numa remota antiguidade.

Essa noite não foi tão agradável como a tarde, pois esfriou e, colocado entre dois cavalheiros (o de cara grosseira e um outro) para impedir que caísse para fora da diligência, fiquei quase esmagado quando dormiram, me imobilizando completamente. Eles me apertavam tanto, às vezes, que eu não conseguia evitar gritar: “Ah, por favor!”, coisa de que eles não gostavam nada, porque os acordava. Na minha frente estava uma senhora mais velha com um grande manto de pele que no escuro parecia mais um monte de feno que uma dama, a tal ponto estava enrolada nele. Essa dama tinha com ela uma cesta e durante um bom tempo não soube o que fazer com ela, até concluir que, como minhas pernas eram curtas, a cesta podia ficar embaixo de mim. Ela me incomodava e machucava tanto que me deixou completamente infeliz, mas se eu me mexesse um pouquinho e fizesse um copo que havia na cesta bater contra alguma outra coisa (como eu certamente fazia), ela me dava os mais cruéis cutucões com o pé e dizia: “Vamos, não se mexa tanto. *Os seus* ossos são bem novos, *eu* tenho certeza disso!”.

Por fim o sol nasceu e então meus companheiros pareceram dormir melhor. Não se podem nem conceber as dificuldades que eles enfrentaram a noite toda e que achavam expressão nos mais terríveis bufos e roncos. Quanto mais alto ficava o sol, mais leve era o sono deles, e assim gradualmente, um a um, foram acordando. Me lembro de ter ficado muito surpreso com o fingimento de todos, dizendo que não tinham dormido nada, e pela incomum indignação com que todo mundo repelia a acusação. Abrigo ainda hoje o mesmo tipo de assombro, tendo observado invariavelmente que de todas as fraquezas humanas aquela que nossa natureza comum está menos disposta a confessar (não consigo imaginar por que) é a fraqueza de cair no sono numa diligência.

Não preciso me deter aqui a relatar que Londres me pareceu um lugar incrível quando a vi à distância, e como acreditei que todas as aventuras de todos os meus heróis favoritos eram sempre criadas e recriadas ali, e como vagamente imaginava ser mais cheia de maravilhas e maldades que todas as outras cidades da Terra. Fomos nos aproximando aos poucos e chegamos, na hora devida, à estalagem do bairro de

Whitechapel, que era nosso destino. Me esqueço se era o Blue Bull ou o Blue Boar, mas sei que era Blue alguma coisa e que a sua imagem estava pintada na parte de trás da diligência.

Os olhos do guarda pousaram sobre mim quando estava desembarcando e ele disse, na porta da bilheteria:

– Tem alguém aqui para um menino registrado com o nome de Murdstone, de Blunderstone, Suffolk, que vai esperar até virem buscar?

Ninguém respondeu.

– Experimente Copperfield, por favor – eu disse, baixando os olhos, desamparado.

– Tem alguém aqui para um menino registrado com o nome de Murdstone, de Blunderstone, Suffolk, mas que usa o nome Copperfield, que desembarcou para virem buscar? – disse o guarda. – Vamos lá! *Tem* alguém?

Não. Não havia ninguém. Olhei ansiosamente em torno, mas a pergunta não impressionou nenhum dos presentes, exceto um homem de perneiras, com um olho só, que sugeriu que eles deviam era pôr uma coleira de latão no meu pescoço e me amarrar no estábulo.

Trouxeram uma escada e desci depois da dama que era igual a um monte de feno, sem ousar me mexer até ela remover a cesta. Nesse momento, a diligência estava vazia de passageiros, a bagagem logo foi descarregada, os cavalos levados embora antes da bagagem e a diligência empurrada e tirada do caminho por alguns cavalariços. E ninguém aparecia para reclamar o empoeirado rapazinho de Blunderstone, Suffolk.

Mais solitário que Robinson Crusoé que não tinha ninguém para olhar para ele e ver que ele estava solitário, entrei na bilheteria e, a convite do bilheteiro, passei para trás do balcão e me sentei numa balança com a qual pesavam a bagagem. Ali me sentei olhando os volumes, pacotes e livros, sentindo o cheiro de estábulo (desde então associado a essa manhã), uma procissão das mais tremendas considerações começou a marchar por minha mente. Achando que ninguém jamais viria me buscar, quanto tempo consentiriam em me manter ali? Será que me manteriam tempo suficiente para eu gastar sete xelins? Será que passaria

a noite em um daqueles escaninhos de madeira junto com a bagagem e me lavaria na bomba d'água do pátio de manhã? Ou seria expulso toda noite e teria de voltar de novo para esperar alguém me buscar, quando a bilheteria abrisse no dia seguinte? Supondo que não houvesse engano no caso, e que o sr. Murdstone tivesse planejado isso para se livrar de mim, o que eu devia fazer? Se permitissem que ficasse ali até os meus sete xelins serem gastos, não poderia ter a esperança de permanecer ali quando começasse a passar fome. Isso seria obviamente inconveniente e desagradável para os clientes, além de pôr o Blue Alguma Coisa em risco de despesas com enterro. Se eu partisse imediatamente e tentasse voltar a pé para casa, como encontraria o caminho, como poderia ter a esperança de andar até tão longe, como podia procurar qualquer um, a não ser Peggotty, se eu voltasse? Se encontrasse as devidas autoridades mais próximas e me oferecesse para ser soldado ou marinheiro, eu era tão pequeno que o mais provável era que não me aceitassem. Esses pensamentos e cem outros me deixaram queimando de febre e tonto de apreensão e desalento. Estava no pico de minha febre quando um homem entrou e sussurrou com o funcionário, que me ergueu da balança e me empurrou para ele, como se eu tivesse sido pesado, comprado, entregue e pago.

Quando saí da bilheteria, de mãos dadas com esse novo conhecido, dei uma olhada nele. Era um jovem esquelético, pálido, com faces encovadas e um queixo quase tão escuro quanto o do sr. Murdstone, mas aí terminava a semelhança, porque não tinha bigode e o cabelo, em vez de brilhante, era opaco e seco. Vestia um terno preto que estava bem opaco e seco também e um tanto curto nas mangas e pernas, um lenço branco no pescoço que não estava lá muito limpo. Não afirmei, como não afirmo, que aquele lenço era toda a roupa de baixo que usava, mas era tudo o que mostrava ou insinuava.

– Você é o menino novo? – ele perguntou.

– Sou, sim, senhor – respondi.

Achei que era. Eu não sabia.

– Sou um dos professores na Salem House – ele disse.

Fiz uma reverência e me senti muito intimidado. Senti tanta vergonha

de mencionar uma coisa tão corriqueira como o meu baú a um estudioso e professor da Salem House que já estávamos a certa distância do pátio quando tive a coragem de falar a respeito. Voltamos, diante da minha humilde insinuação de que poderia ser útil para mim mais adiante, e ele disse ao funcionário que o transportador tinha instruções para vir buscá-lo ao meio-dia.

– Por favor, meu senhor – eu disse quando tínhamos avançado mais ou menos a mesma distância de antes –, é longe?

– É em Blackheath – ele disse.

– *Isso* é longe, senhor? – perguntei, desanimado.

– É uma boa caminhada – ele disse. – Vamos de diligência. São uns nove quilômetros.

Eu estava tão fraco e cansado que a ideia de aguentar mais nove quilômetros era demais para mim. Reuni coragem para dizer a ele que não tinha comido nada a noite inteira e que, se ele permitisse que eu comprasse alguma coisa para comer, ficaria muito agradecido. Ele pareceu surpreso com isso (ainda o vejo parar e olhar para mim) e, depois de pensar uns momentos, disse que queria parar na casa de uma velha que morava não muito longe, que seria a melhor maneira de eu comprar um pedaço de pão, ou alguma coisa que eu preferisse que fosse saudável, e tomar meu desjejum na casa dela, onde haveria algum leite.

Então olhamos a vitrine da padaria e, depois de eu fazer uma série de propostas de comprar tudo o que era indigesto e ele rejeitar uma a uma, decidimos a favor de um bom pedaço de pão preto que me custou três *pence*. Então, na quitanda, compramos um ovo e uma fatia de bacon, o que ainda me deixou o que considerei uma boa quantia de troco pelo segundo dos xelins brilhantes, e me fez considerar Londres um lugar muito barato. Guardadas essas provisões, seguimos em meio a um grande barulho e agitação que confundiram indescritivelmente minha cabeça cansada, e pegamos uma ponte que, sem dúvida, era a ponte de Londres (na verdade acho que ele me disse isso, mas eu estava meio adormecido) até chegarmos à casa da pessoa pobre, que fazia parte de algum asilo, como entendi pelo aspecto e por uma inscrição numa pedra acima do portão, que dizia que era um estabelecimento para vinte e cinco

mulheres pobres.

O professor da Salem House abriu a trava de uma portinha preta entre uma porção de outras, todas iguais, que tinham ao lado uma janelinha em losango e uma outra pequena vidraça em losango acima, e entramos na casinha de uma dessas pobres velhas, que estava soprando o fogo para ferver uma panelinha. Ao ver o professor entrar, a velha parou com o fole no colo e disse algo que achei ter soado como "Meu Charley!", mas ao me ver entrar também ela se levantou e, esfregando as mãos, fez uma confusa reverência.

– Pode preparar o desjejum para este jovem cavalheiro, por favor? – disse o professor da Salem House.

– Se eu posso? – perguntou a velha. – Posso, sim, claro!

– Como vai a senhora Fibbitson hoje? – perguntou o professor, olhando para uma outra velha numa grande poltrona junto ao fogo, que parecia tanto uma trouxa de roupas que até hoje me sinto grato por não ter sentado em cima dela por engano.

– Ah, ela vai mal – disse a primeira mulher. – Está num dia ruim. Se o fogo apagar por acaso, acho mesmo que ela apaga também, nunca que vive de novo.

Olharam para ela e eu olhei também. Embora fosse um dia quente, ela parecia não pensar em nada além do fogo. Achei que sentia ciúmes até da panela no fogão; e tenho razão para pensar que ela se ressentia de usar o fogo para cozinhar meu ovo e fritar o bacon, porque vi, com meus próprios olhos cansados, que sacudiu o punho para mim quando ninguém estava olhando. O sol entrava pela janelinha, mas ela estava sentada com as próprias costas e as costas de sua grande poltrona viradas para ele, bloqueando o fogo como se ela estivesse esquentando aplicadamente a *ele*, em vez de ele esquentar a ela, vigiando o fogão do jeito mais desconfiado. A finalização do preparo de meu desjejum, liberando o fogo, deu a ela uma alegria tão extrema que ela riu alto, e sua risada era bem pouco melodiosa, confesso.

Sentei com meu pão preto, meu ovo e meu bacon, com um pires de leite ao lado, e fiz a mais deliciosa refeição. Enquanto eu estava ainda em pleno gozo dela, a velha da casa disse ao professor:

– Tá com a sua flauta aí?

– Estou – ele respondeu.

– Então sopre – disse a velha, convidando. – Toque!

Diante disso o professor pôs a mão debaixo da bainha do paletó e tirou uma flauta em três partes, que aparafusou e começou imediatamente a tocar. Minha impressão, depois de muitos anos de consideração, é que nunca houve ninguém no mundo que tocasse pior. Ele fazia os sons mais deploráveis que já ouvi serem produzidos por quaisquer meios, naturais ou artificiais. Não sei que música era, se é que havia música em sua execução, o que duvido, mas a influência da melodia sobre mim foi, primeiro, me fazer pensar em todos os meus sofrimentos até não conseguir mais conter as lágrimas; depois tirar meu apetite; e por último me deixar com tanto sono que era capaz de dormir de olhos abertos. Eles começam a fechar de novo e começo a cabecear quando essa lembrança surge dentro de mim. Mais uma vez, a salinha com a estante aberta no canto e as cadeiras de encosto reto, a escadinha angulosa levando ao quarto superior e suas três penas de pavão expostas sobre o aparador (me lembro de ter pensado, quando entrei nela pela primeira vez, o que aquele pavão acharia se soubesse a que suas lindas penas estavam condenadas) desaparecem diante dos meus olhos, minha cabeça pende e eu durmo. A flauta fica inaudível, em vez dela ouço as rodas da diligência, e estou em minha viagem. A diligência balança, acordo sobressaltado e a flauta volta, o professor da Salem House está sentado com as pernas cruzadas, tocando tristemente, enquanto a velha da casa parece deliciada. Ela se apaga por sua vez, ele se apaga, tudo se apaga e não existe flauta, nem professor, nem Salem House, nem David Copperfield, nem nada além de sono pesado.

Sonhei, acho, que a certa altura, quando ele estava tocando essa triste flauta, a velha da casa, que tinha chegado cada vez mais perto dele em seu êxtase de admiração, inclinou-se sobre as costas da cadeira e lhe deu um afetuoso apertão no pescoço, que o fez parar de tocar por um momento. Eu estava no estado intermediário entre sono e vigília, então ou imediatamente depois, pois, quando ele retomou, era um fato real que ele havia parado de tocar, vi e ouvi a mesma velha perguntar à sra.

Fibbitson se não era uma delícia (a respeito da flauta), ao que a sra. Fibbitson respondeu: “É, é! É, sim!”, e balançou a cabeça para o fogo: ao qual, acredito, ela dava o crédito de toda a apresentação.

Quando parecia que eu estava cochilando por um bom tempo, o professor da Salem House desenroscou a flauta em três pedaços, guardou-os onde estavam antes e me levou embora. Encontramos a diligência bem à mão e subimos ao andar superior; mas eu estava com tanto sono que, quando paramos na rua para pegar mais alguém, me puseram dentro de onde não havia nenhum passageiro, e ali dormi profundamente até sentir a diligência seguindo a passo por uma colina íngreme entre folhas verdes. Ela parou e tinha chegado ao seu destino.

Uma breve caminhada nos levou, quero dizer, o professor e eu, à Salem House, que era cercada por um alto muro de tijolos e parecia muito sem graça. Acima de uma porta nesse muro, uma placa dizia SALEM HOUSE, e quando tocamos o sino, através de uma grade nessa porta, fomos examinados por uma cara rude que descobri, quando a porta abriu, pertencer a um homem sólido, com pescoço de touro, perna de pau, têmporas salientes e o cabelo cortado rente em torno da cabeça.

– O menino novo – disse o professor.

O homem da perna de pau me olhou de alto a baixo, não demorou muito porque não havia muito de mim, trancou a porta ao passarmos e guardou a chave. Estávamos indo para a casa entre algumas árvores escuras e pesadas quando ele chamou meu condutor.

– Olá!

Olhamos para trás e ele estava parando na porta de um pequeno chalé, onde morava, com um par de botas na mão.

– Aqui! O sapateiro veio – disse ele – enquanto o senhor não estava, seu Mell, e disse que não dá mais pra consertar. Disse que não sobra mais nada da bota original e não entende o que o senhor tá querendo.

Com essas palavras, jogou as botas na direção do sr. Mell, que retornou uns passos para pegá-las e olhar para elas (muito desconsoladamente, creio) enquanto entrávamos juntos. Observei então, pela primeira vez, que as botas que ele usava estavam bastante piores

para uso e que sua meia havia rasgado num ponto, como uma flor.

A Salem House era um prédio quadrado de tijolos, com alas, de aparência nua e desolada. Tudo ali era tão silencioso que eu disse ao sr. Mell que achava que os meninos tinham saído; mas ele pareceu surpreso por eu não saber que era o período de férias. Que todos os meninos estavam em suas diversas casas. Que o sr. Creakle, o proprietário, estava na praia com a sra. e a srta. Creakle; e que tinham me mandado em tempo de férias como castigo por meu comportamento, coisas que ele me explicou enquanto caminhávamos.

Achei a classe à qual ele me levou o lugar mais lastimável e desolado que já tinha visto. Eu a vejo agora. Uma sala comprida com três longas fileiras de carteiras, e seis de bancos, eriçada a toda volta por ganchos para chapéus e lousas. Pedaços de cadernos e exercícios velhos espalhados pelo chão. Alguns casulos de bicho-da-seda feitos desse mesmo material, espalhados pelas carteiras. Dois infelizes ratinhos brancos, abandonados pelo dono, correndo para lá e para cá num embolorado castelo de pasta de papel e arame, procurando por todo lado, com seus olhinhos vermelhos, algo de comer. Um pássaro, numa gaiola só um pouquinho maior do que ele mesmo, faz um tristonho matraquear de vez em quando saltando do poleiro a cinco centímetros de altura, ou caindo dele, mas não canta, não trina. Há um estranho cheiro insalubre na sala, como de veludo mofado, maçãs doces querendo ar e livros podres. Não poderia haver mais tinta espalhada por ela, mesmo que fosse sem teto desde sua construção e o céu chovesse, nevasse, enviasse granizo e soprasse tinta sobre ela nas várias estações do ano.

Como o sr. Mell me deixou para levar suas botas impossíveis de consertar para o andar de cima, fui de mansinho até o extremo da sala, observando isso tudo ao caminhar. De repente, topei com uma placa de pasta de papel lindamente escrita, em cima de uma mesa, com estas palavras: CUIDADO. ELE MORDE.

Trepei na mesa imediatamente, temendo ao menos um cachorro grande debaixo dela. Mas embora olhasse a toda volta com olhos ansiosos, não consegui ver nada. Ainda estava ocupado nesse exame quando o sr. Mell voltou e me perguntou o que estava fazendo ali em

cima.

– O senhor me desculpe – eu disse –, por favor, estava procurando o cachorro.

– Cachorro? – diz ele. – Que cachorro?

– Não tem cachorro, não, senhor?

– Não tem qual cachorro?

– Que precisa tomar cuidado porque ele morde.

– Não, Copperfield – disse ele, sério –, não é um cachorro. É um menino. Minhas instruções, Copperfield, são para colocar essa placa nas suas costas. Sinto muito você começar assim, mas tenho de fazer isso.

Então me desceu da mesa e a placa bem construída para esse fim ele amarrou em meus ombros, como uma mochila; e aonde quer que eu fosse, depois, tinha o desconsolo de carregar aquilo.

O que eu sofri por causa dessa placa ninguém imagina. Quer pudessem me ver ou não, sempre achava que alguém a estava lendo. Não era nenhum alívio me virar e não haver ninguém, pois para onde quer que voltasse as costas, aí imaginava haver sempre alguém. Aquele homem cruel com a perna de pau piorava meus sofrimentos. Ele era o encarregado; e se me via encostado a uma árvore, numa parede, ou na casa, rugia da porta de seu chalé com uma voz estupenda: “Olá, o senhor aí! Você, Copperfield! Mostre bem essa placa senão eu te entrego!”. O parque era um pátio de cascalho nu, aberto para toda a parte de trás da casa e dos escritórios; e eu sabia que os criados liam, que o açougueiro lia, que o padeiro lia; numa palavra, que todo mundo que vinha à frente ou à parte de trás da casa, de manhã quando me mandavam caminhar por lá, lia que era preciso tomar cuidado comigo, porque eu mordia. Me lembro que simplesmente comecei a sentir horror de mim mesmo, como uma espécie de garoto selvagem que mordia de fato.

Havia uma velha porta nesse parque, na qual os meninos tinham o costume de entalhar seus nomes. Era toda coberta por essas inscrições. Em meu horror pelo fim das férias e a volta deles, não conseguia ler o nome de um menino sem imaginar com que tom de voz e com que ênfase *ele* leria: “Cuidado. Ele morde”. Havia um menino, um certo J. Steerforth,

que entalhava seu nome muito fundo e muitas vezes e que, eu imaginava, leria com voz bem forte e depois puxaria meu cabelo. Havia outro menino, Tommy Traddles, que eu temia viesse a brincar com a placa e fingir morrer de medo de mim. Havia um terceiro, George Demple, que eu achava que ia cantar os dizeres. Eu, uma pequena criatura encolhida, olhei aquela porta até parecer que os donos de todos os nomes (havia quarenta e cinco meninos na escola então, disse o sr. Mell) me mandavam para Coventry por aclamação geral e gritavam, cada um à sua maneira: “Cuidado. Ele morde!”.

Era a mesma coisa com os lugares nas carteiras e nos bancos. Era a mesma coisa com os sulcos nas cabeceiras das camas vazias que espiei quando estava a caminho de minha cama ou deitado nela. Me lembro de sonhar, noite após noite, que estava com minha mãe como ela era antes, ou que ia a uma festa na casa do sr. Peggotty, ou que viajava na parte aberta da diligência, ou que jantava de novo com meu infeliz amigo garçom, e em todas essas circunstâncias fazia as pessoas gritarem e olharem e descobria, infeliz, que só estava vestido com minha camisolinha de dormir e com a placa.

A monotonia de minha vida e minha constante apreensão com o recomeço das aulas eram uma imensa aflição insuportável! Todos os dias eu tinha longas tarefas a realizar com o sr. Mell; mas eu as fazia, não havendo lá nem sr. nem srta. Murdstone, e as realizava sem desespero. Antes e depois delas, eu perambulava, supervisionado, como mencionei, pelo homem da perna de pau. Como me lembro vivamente da umidade da casa, dos ladrilhos verdes rachados do pátio, dos velhos barris de água de chuva vazando e dos troncos descoloridos de algumas árvores tristes que pareciam ter gotejado mais chuva do que as outras e recebido menos sol! À uma hora, almoçávamos, o sr. Mell e eu, na extremidade do longo refeitório nu, cheio de mesas de pinho e cheirando a gordura. Depois, mais lições até a hora do chá, que o sr. Mell tomava numa xícara azul e eu numa caneca de estanho. O dia inteiro, até sete ou oito da noite, o sr. Mell, em sua própria mesa isolada na sala de aula, trabalhava duro com pena, tinta, régua, livros e papel de escrever, preparando (como descobri) as operações para o último semestre. Quando guardava as

coisas para a noite, pegava sua flauta e tocava, até eu achar que ele iria gradualmente soprar todo seu ser no buraco grande de cima e escorrer pelos buracos das notas.

Vejo minha pequena pessoa nas salas pouco iluminadas, sentado com a cabeça nas mãos, ouvindo a lúgubre performance do sr. Mell e ouvindo, através dela, o que costumava acontecer em casa, o soprar do vento nas planícies de Yarmouth, e me sentia muito triste e solitário. Me vejo indo para a cama, entre quartos sem uso, sentado à beira da cama chorando por uma palavra de conforto de Peggotty. Me vejo descendo a escada de manhã, olhando pela horrorosa fenda da janela da escada o sino da escola pendurado em cima de uma privada externa, com um cata-vento em forma de galo em cima; e abominando o momento que irá tocar chamando J. Steerforth e os outros para trabalhar: coisa que está só em segundo lugar nas minhas apreensões devido ao momento em que o homem de perna de pau destrancará o portão enferrujado para dar acesso ao terrível sr. Creakle. Não consigo pensar que eu pudesse ser um personagem muito perigoso em nenhuma dessas circunstâncias, mas em todas eu levava a mesma placa nas costas.

O sr. Mell nunca falava muito comigo, mas nunca era ríspido. Acho que éramos companhia um para o outro, sem conversar. Esqueci de mencionar que ele falava sozinho às vezes, sorria, cerrava o punho, rilhava os dentes, puxava o próprio cabelo de um jeito estranho. Mas tinha essas peculiaridades: e elas primeiro me assustaram, mas logo me acostumei.

VI

Amplio meu círculo de relações

Levei essa vida por cerca de um mês, até que o homem de perna de pau começou a circular com um esfregão e um balde de água, do que deduzi que se faziam preparativos para receber o sr. Creakle e os meninos. Não me enganei; pois o esfregão entrou na sala de aula pouco depois e expulsou o sr. Mell e eu, que vivemos onde pudemos e continuamos como pudemos por alguns dias, durante os quais estávamos sempre no caminho de duas ou três moças que poucas vezes haviam aparecido antes, e nos víamos continuamente em meio à poeira, de forma que eu espirrava quase tanto quanto se a Salem House fosse uma grande caixa de rapé.

Um dia, o sr. Mell me informou que o sr. Creakle ia voltar aquela noite. Ao entardecer, antes do chá, soube que ele havia chegado. Antes da hora de dormir, o homem de perna de pau foi me buscar para me apresentar a ele.

A parte do sr. Creakle na casa era bem mais confortável que a nossa, e ele tinha um lindo pedaço de jardim que parecia agradável depois do parquinho empoeirado, que era um tal deserto em miniatura que achei que ninguém, a não ser um camelo ou um dromedário, poderia se sentir à vontade ali. Pareceu-me ousado eu chegar a notar que o corredor parecia confortável enquanto eu ia, tremendo, para a presença do sr. Creakle: que me constrangeu a tal ponto, quando fui levado a ele, que mal notei a sra. Creakle ou a srta. Creakle (que estavam, ambas, na sala) nem nada além do sr. Creakle, um cavalheiro atarracado, com uma porção de correntes de relógio e brasões, sentado numa poltrona com um copo e uma garrafa ao lado.

– Então! – disse o sr. Creakle. – Este é o jovem cavalheiro cujos dentes precisam ser limados! Que ele gire.

O homem de perna de pau me fez girar de forma a exibir a placa; e

tendo dado tempo para um completo exame dela, me virou de volta, de frente para o sr. Creakle, e se colocou ao lado dele. O rosto do sr. Creakle era feroz, os olhos pequenos, fundos no rosto; tinha veias grossas na testa, nariz pequeno e queixo grande. Era careca no alto e atrás da cabeça e tinha cabelos finos, de aspecto molhado, que estavam ficando grisalhos, escovados de cada têmpora de forma a que os dois lados se cruzassem na testa. Mas o que mais me impressionou nele foi que não tinha voz, falava num sussurro. O esforço que isso lhe custava, ou a consciência de falar de forma tão fraca, tornava seu rosto ainda mais furioso e as veias grossas ainda mais grossas quando falava, e não me surpreende, olhando para o passado, que essa peculiaridade tenha me parecido a principal.

– Ora – disse o sr. Creakle. – Qual o relatório desse rapaz?

– Não tem nada contra ele ainda – respondeu o homem de perna de pau. – Ainda não teve oportunidade.

Achei que o sr. Creakle ficou decepcionado. Achei que a sra. e a srta. Creakle (para as quais então olhei pela primeira vez e que eram, ambas, magras e caladas) não ficaram decepcionadas.

– Venha cá, rapaz! – disse o sr. Creakle, me chamando com a mão.

– Venha cá! – disse o homem de perna de pau repetindo o gesto.

– Tenho a felicidade de conhecer seu padrasto – sussurrou o sr. Creakle, me pegando pela orelha –, e ele é um homem de valor, um homem de caráter forte. Ele me conhece e eu a ele. *Você* me conhece? Hã? – disse o sr. Creakle puxando minha orelha numa brincadeira feroz.

– Ainda não, senhor – respondi, encolhido de dor.

– Ainda não? Hã? – repetiu o sr. Creakle. – Mas vai conhecer logo. Hã?

– Vai conhecer logo. Hã? – repetiu o homem de perna de pau. Depois descobri que, com sua voz forte, ele servia como intérprete geral do sr. Creakle para os meninos.

Fiquei muito assustado e disse que esperava que sim, se ele quisesse. Senti, o tempo todo, que minha orelha queimava, tão forte ele a puxava.

– Vou lhe dizer o que eu sou – sussurrou o sr. Creakle, me soltando afinal com um apertão que fez sair água de meus olhos. – Eu sou um

tártaro.

– Um tártaro – disse o homem de perna de pau.

– Quando digo que vou fazer uma coisa, eu faço – disse o sr. Creakle –, e quando digo que quero uma coisa feita, ela é feita.

– ... uma coisa feita, ela é feita – repetiu o homem de perna de pau.

– Sou um caráter determinado – disse o sr. Creakle. – É isso que eu sou. Cumpro o meu dever. Isso é o que *eu* faço. Minha carne e sangue – ele olhou para a sra. Creakle ao dizer isso –, quando se ergue contra mim, não é minha carne e sangue. Eu me livro dela. Aquele sujeito – perguntou ao homem de perna de pau – esteve aqui outra vez?

– Não – foi a resposta.

– Não – disse o sr. Creakle. – Ele sabe que não deve. Ele me conhece. Que fique longe. Digo que fique longe – o sr. Creakle falou, batendo a mão na mesa e olhando para a sra. Creakle – porque ele me conhece. Agora você começou a me conhecer também, meu amiguinho, e pode ir. Leve o menino embora.

Fiquei muito contente de ser mandado embora, porque a sra. e a srta. Creakle estavam ambas enxugando os olhos, e me senti incomodado por elas, assim como por mim. Mas eu tinha em mente uma demanda que me dizia respeito tão de perto que não pude deixar de dizer, embora temesse por minha coragem:

– Se me permite, meu senhor...

O sr. Creakle sussurrou:

– Hã? O que é isso? – e voltou os olhos para mim, como se quisesse me queimar com eles.

– Se me permite, meu senhor – gaguejei –, se pudesse dar a permissão (eu sinto muito, meu senhor, muito mesmo, pelo que eu fiz) de tirar esta placa antes da volta dos meninos...

Não sei se foi a sério, ou se o sr. Creakle só agiu assim para me assustar, não sei, mas ele saltou da cadeira, diante do que me retirei precipitadamente, sem esperar a escolta do homem de perna de pau, e não parei até chegar ao meu quarto, onde, ao ver que não era seguido, fui para a cama, pois estava na hora, e fiquei tremendo por um bom tempo.

Na manhã seguinte, o sr. Sharp voltou. O sr. Sharp era o professor principal e superior do sr. Mell. O sr. Mell tomava as refeições com os meninos, mas o sr. Sharp almoçava e jantava à mesa do sr. Creakle. Era um cavalheiro frouxo, de aspecto delicado, achei, com uma boa dose de nariz e um jeito de inclinar a cabeça para um lado como se fosse um pouco pesada demais para ele. Seu cabelo era muito macio e ondulado, mas fui informado pelo primeiro menino que voltou que se tratava de uma peruca (de segunda mão, *ele* disse) e que o sr. Sharp saía todo sábado à tarde para mandar ondulá-la.

Foi ninguém menos que Tommy Traddles quem me deu essa informação. Ele foi o primeiro menino a voltar. Apresentou-se a mim informando que eu podia encontrar seu nome no canto direito do portão, acima da fechadura superior, o que me levou a perguntar: "Traddles?", e ele respondeu: "O próprio", e me pediu um relato completo sobre mim e minha família.

Para mim, foi um feliz acaso Traddles ter voltado primeiro. Ele gostou tanto da minha placa que me poupou do embaraço de revelá-la ou escondê-la, me apresentando a todos os outros meninos que voltavam, grandes ou pequenos, imediatamente quando chegavam, com esta forma de apresentação: "Olhe aqui! Que divertido!". Felizmente também, a maior parte dos meninos voltou bem desanimada e menos agressiva comigo quanto eu esperava. Alguns certamente dançaram à minha volta como indígenas e a maioria não conseguiu resistir à tentação de fingir que eu era um cachorro, alisando minha cabeça para eu não morder, dizendo: "Quietinho, cavalheiro!", me chamando de Totó. Isso era naturalmente perturbador, entre tantos estranhos, e me custou algumas lágrimas, mas no geral foi muito melhor do que eu esperava.

Não fui considerado formalmente recebido na escola, porém, até a chegada de J. Steerforth. À presença desse menino, que tinha a reputação de ser um grande estudioso e era muito bonito, pelo menos seis anos mais velho que eu, fui levado como se estivesse diante de um magistrado. Ele me perguntou, debaixo do abrigo do parquinho, sobre as particularidades do meu castigo, e gostou de expressar sua opinião de que era "um vexame divertido", o que me ligou a ele para sempre.

– Quanto dinheiro você tem, Copperfield? – ele perguntou, andando ao meu lado depois de resolver o meu caso dessa maneira.

Contei a ele dos meus sete xelins.

– Melhor me dar para eu tomar conta – ele disse. – Pelo menos, pode aceitar, se quiser. Não precisa, se não quiser.

Eu me apressei a atender sua amigável sugestão e, abrindo a bolsa de Peggotty, virei-a de cabeça para baixo na mão dele.

– Quer gastar alguma coisa agora? – me perguntou.

– Não, obrigado – repliquei.

– Pode, se quiser, sabe? – disse Steerforth. – Basta falar.

– Não, muito obrigado – repeti.

– Quem sabe vai querer gastar um ou dois xelins numa garrafa de vinho de groselha logo mais, no quarto? – disse Steerforth. – Você está no meu dormitório, eu descobri.

Claro que isso não havia me ocorrido antes, então disse que sim, gostaria, sim.

– Muito bem – disse Steerforth. – Vai gostar de gastar mais um xelim ou dois em bolos de amêndoa, aposto?

Disse que sim, gostaria disso também.

– E mais um xelim ou dois em biscoitos e um outro em fruta, hã? – disse Steerforth. – Eu sei, Copperfield, você vai querer!

Sorri porque ele sorriu, mas estava um pouco confuso também.

– Bom! – disse Steerforth. – Vamos ter de fazer o dinheiro esticar até onde der, só isso. Vou fazer por você tudo o que estiver a meu alcance. Eu posso sair quando bem entendo e trago o contrabando. – Dizendo isso, pôs o dinheiro no bolso e gentilmente disse para eu não ficar aflito; ele cuidaria para que tudo desse certo.

Steerforth foi fiel a sua palavra, tudo deu certo, embora eu tivesse um pressentimento secreto de que estava tudo errado, pois temia que fosse um desperdício dar as duas meias-coroas de minha mãe, embora eu tenha preservado o papel em que estavam embrulhadas: o que era uma economia preciosa. Quando ele subiu para se deitar, exibiu todo o produto dos sete xelins, arrumado em cima de minha cama, ao luar, e

disse:

– Aí está, jovem Copperfield, uma bela mesa a sua!

Eu não podia nem pensar em fazer as honras do banquete, naquele momento da vida, com ele perto, minha mão tremia só de pensar nisso. Pedi a ele que fizesse o favor de presidir e, como meu pedido foi secundado pelos outros meninos que estavam no quarto, ele concordou, sentou-se em meu travesseiro, servindo as iguarias (com perfeita justiça, devo dizer) e o vinho de groselha em um copinho sem pé que era de sua propriedade. Quanto a mim, sentei à sua esquerda e os outros se agruparam em torno de nós, nas camas mais próximas e no chão.

Como me lembro bem de nós sentados ali, falando aos sussurros; ou eles falando e eu ouvindo respeitosamente, eu devia dizer; o luar entrando um pouco no quarto, através da janela, desenhando uma pálida janela no chão, e a maior parte de nós na sombra, exceto quando Steerforth mergulhou um palito numa caixa de fósforo, porque queria procurar alguma coisa no chão, e lançou sobre nós uma luz azulada que logo se apagou! Uma certa sensação misteriosa, consequência do escuro, o segredo da festa e o sussurro em que tudo era dito tomam conta de mim outra vez, e escuto tudo o que eles me dizem com uma vaga sensação de solenidade e assombro que me deixa contente de estarem todos tão perto, e me assusta (embora eu finja rir) quando Traddles inventa ter visto um fantasma num canto.

Ouvi todo tipo de coisas sobre a escola e sobre fazer parte dela. Ouvi que o sr. Creakle não havia proferido à toa sua declaração de que era um tártaro; que ele era o mais duro e severo dos professores; que espancava para todo lado todos os dias da vida, atacando os meninos como um soldado e batendo sem piedade. Que ele não sabia nada além da arte de bater, sendo mais ignorante (J. Steerforth disse) que o pior menino da escola; que tinha sido, muitos anos antes, um pequeno comerciante de lúpulo no condado, e passara ao negócio escolar depois de ir à falência com o lúpulo e acabar com o dinheiro da sra. Creakle. E muitas outras coisas nesse estilo que me perguntei como eles sabiam.

Descobri que o homem de perna de pau, que se chamava Tungay, era um bárbaro obstinado que antigamente havia ajudado no negócio de

lúpulo, mas passara à área escolar com o sr. Creakle em consequência, como supunham os meninos, de ter quebrado a perna a serviço do sr. Creakle, e de ter feito muitos trabalhos desonestos para ele, conhecendo seus segredos. Ouvi que, com exceção apenas do sr. Creakle, Tungay considerava todo o estabelecimento, professores e alunos seus inimigos naturais, e que seu único prazer na vida era ser amargo e perverso. Ouvi que o sr. Creakle tinha um filho, que não se dera bem com Tungay e que, ajudando na escola, havia protestado com o pai, numa ocasião em que sua disciplina havia sido muito cruelmente exercida, e que protestava também, supunha-se, contra o uso que o pai fazia de sua mãe. Ouvi que o sr. Creakle o havia posto porta afora por causa disso; e que a sra. e a srta. Creakle tinham ficado muito tristes desde então.

Porém a coisa mais incrível que ouvi a respeito do sr. Creakle foi que havia na escola um menino em quem ele nunca ousava tocar, e esse menino era J. Steerforth. O próprio Steerforth confirmou isso, e disse que ia gostar de vê-lo começar a fazer isso. Quando um menino tranquilo (não eu) perguntou como ele agiria se começasse mesmo a acontecer isso, ele mergulhou um palito em sua caixa de fósforo para clarear sua resposta e disse que começaria batendo na testa dele com um frasco de tinta de sete xelins e seis *pence* que ficava sempre em cima do aparador. Ficamos sentados no escuro algum tempo, sem ar.

Ouvi que achavam que o sr. Sharp e o sr. Mell eram muito mal pagos; e que quando havia carne quente e fria à mesa do sr. Creakle para o jantar, esperavam que o sr. Sharp sempre dissesse que preferia a fria, o que foi mais uma vez corroborado por J. Steerforth, único interno que frequentava a mesa. Ouvi que a peruca do sr. Sharp não lhe servia e que ele não precisava ser tão "vaidoso" – alguém disse "orgulhoso"– por causa dela, porque seu cabelo vermelho aparecia por baixo.

Ouvi que um menino, filho de um carvoeiro, frequentava a escola em troca da conta de carvão, e por isso era chamado de "Câmbio ou Escambo", nome escolhido do livro de aritmética que expressava esse arranjo. Ouvi que a cerveja da mesa era um assalto aos pais e que o pastelão era obrigatório. Ouvi que todo mundo na escola considerava que a srta. Creakle era apaixonada por Steerforth; e tenho certeza de que

sentado ali no escuro, pensando em sua bela voz, seu lindo rosto, maneiras fáceis e cabelo cacheado, achei muito provável que fosse mesmo. Ouvi que o sr. Mell não era um mau sujeito, mas não tinha nem um tostão e que não havia dúvida de que a velha sra. Mell, sua mãe, era mais pobre que Jó. Pensei no meu desjejum então e no que soara como "Meu Charley!", mas fiquei, gosto de lembrar, mais mudo que um rato.

Ouvir tudo isso e muito mais durou algum tempo depois de terminado o banquete. A maior parte dos convivas tinha ido para a cama assim que acabaram a comida e a bebida, e nós, que ficamos sussurrando e ouvindo ainda semivestidos, por fim fomos para a cama também.

– Boa noite, jovem Copperfield – disse Steerforth –, vou cuidar de você.

– Você é muito gentil – respondi, agradecido. – Fico muito grato.

– Você não teria irmã, teria? – Steerforth perguntou, bocejando.

– Não – respondi.

– Que pena – disse Steerforth. – Se tivesse irmã, acho que ela seria bonita, tímida, pequena, de olhos brilhantes. Gostaria de conhecer alguém assim. Boa noite, jovem Copperfield.

– Boa noite – respondi.

Pensei muito nele depois que fui para a cama e me levantei, lembro bem, para olhar para ele onde estava deitado, ao luar, o lindo rosto virado para cima e a cabeça reclinada comodamente no braço. A meus olhos, ele era uma pessoa de grande força, essa, claro, a razão por que minha mente se sentia atraída por ele. Nenhum futuro velado e sombrio pairava sobre ele ao luar. Não havia nem sombra de seus passos no jardim onde sonhei que passeava a noite inteira.

VII

Meu primeiro semestre na Salem House

A escola começou de verdade no dia seguinte. Produziu em mim uma profunda impressão, me lembro, quando o rumor de vozes na classe de repente silenciou como a morte quando o sr. Creakle entrou, depois do desjejum, e parou na porta olhando para todos nós, como um gigante do livro de histórias examinando seus prisioneiros.

Tungay parado ao lado do sr. Creakle. Pensei que ele não teve ocasião de gritar ferozmente "Silêncio!" porque os meninos estavam todos mudos e imóveis.

Via-se que o sr. Creakle estava falando, e em função disso ouvia-se Tungay.

– Agora, meninos, estamos no novo semestre. Cuidado com o que aprontam neste novo semestre. Aconselho que venham dispostos para as lições, porque virei disposto para o castigo. Não vou vacilar. Não vai adiantar se esfregarem que não vão conseguir tirar as marcas que vou lhes deixar. Agora, ao trabalho, todos!

Quando esse exórdio horrendo terminou e Tungay se afastou mancando, o sr. Creakle veio até onde eu sentava e me disse que, se eu era famoso por morder, ele era famoso por morder também. Então me mostrou sua bengala e perguntou o que eu achava *daquilo* como dente. Seria um dente afiado, hã? Era um dente duplo, hã? Tinha presas grandes, hã? Mordia, hã? Mordia? A cada pergunta, me batia com a bengala, me fazia tremer e assim fui admitido na Salem House (como disse Steerforth) e em lágrimas, claro.

Não quero dizer que fossem marcas especiais de distinção que só eu recebia. Ao contrário, a grande maioria dos meninos (principalmente os menores) era brindada com semelhante exemplo de atenção quando o sr. Creakle passava pela classe. Metade do estabelecimento estava tremendo e chorando antes de começar o trabalho do dia, e quantos estavam

tremendo e chorando antes de terminar o dia eu realmente temo lembrar, para não parecer que exagero.

Penso que jamais deve ter havido ser humano que gostasse mais de sua profissão do que o sr. Creakle. Ele sentia ao castigar os meninos um prazer que era como a satisfação de um apetite. Sei que ele não conseguia resistir a um menino gordinho, principalmente, e que tinha por criaturas assim um fascínio que perturbava sua mente, que só se acalmava atacando e marcando. Eu próprio era gordinho e sei. Sei bem disso quando penso no sujeito agora, meu sangue ferve contra ele com a desinteressada indignação que eu deveria sentir se pudesse ter sabido tudo a seu respeito, sem ter nunca estado em seu poder. Mas me faz ferver o sangue porque sei que ele foi um bruto incapaz que não tinha o direito de ocupar o lugar que ocupava, tanto quanto não tinha de ser o lorde almirante ou o comandante em chefe: em qualquer um desses postos é provável que tivesse feito infinitamente menos maldades.

Infelizes devotos de um ídolo impiedoso, como ele nos considerava abjetos! Que começo de vida, penso agora, olhando para trás, ter de ser tão miúdo e servil diante de um homem com tal conduta e pretensão!

Sentado à mesa outra vez, estou olhando seus olhos, humildemente olhando seus olhos quando ele marca com a régua um caderno de contas de outra vítima, cujas mãos foram achatadas por essa mesma régua e que está tentando abrandar o ardor com um lenço. Tenho muito a fazer. Não olho seus olhos à toa, mas porque sinto por eles uma mórbida atração, um horrível desejo de saber o que ele vai fazer em seguida, se será a minha vez de sofrer, ou a de outro. Uma fileira de meninos pequenos além de mim com o mesmo interesse nos olhos, vigiando também. Acho que ele sabe, embora finja que não. Ele faz bocas horrendas quando marca o caderno de contas, e então volta os olhos de lado para a nossa fileira, e todos nos curvamos sobre nossos livros e trememos. Um momento depois, estávamos olhando para ele outra vez. Um infeliz infrator, considerado culpado de um exercício imperfeito, se aproxima por ordem sua. O culpado gagueja desculpas e professa a determinação de fazer melhor amanhã. O sr. Creakle faz uma piada antes de espancá-lo e todos rimos, pequenos cães miseráveis, rimos com os rostos brancos

como cinzas e os corações apertados no peito.

Aqui estou, sentado à mesa outra vez, numa sonolenta tarde de verão. Um zumbido e um rumor surgem à minha volta, como se os meninos fossem moscas azuis. Uma sensação pegajosa de gordura de carne morna toma conta de mim (jantamos há uma ou duas horas) e minha cabeça está pesada como chumbo. Daria tudo no mundo para dormir. Sento com o olho no sr. Creakle, piscando para ele como uma pequena coruja; quando o sono me domina por um minuto, ele ainda ronda em meu cochilo, brandindo aqueles cadernos de contas; até que chega de mansinho por trás e me acorda para uma percepção mais clara dele com um vergão vermelho em minhas costas.

Aqui estou no parquinho, com o olho ainda fascinado por ele, embora não possa vê-lo. A janela próxima, atrás da qual sei que ele está almoçando, é uma representação dele, substitui seu olho. Se ele aproxima o rosto dela, o meu assume uma expressão suplicante e submissa. Se ele olha para fora pela vidraça, o menino mais ousado (exceto Steerforth) interrompe no meio o grito e se torna contemplativo. Um dia, Traddles (o menino mais desafortunado do mundo) quebra a janela acidentalmente com uma bola. Ainda nesse momento estremeço com a tremenda sensação de assistir ao acontecimento e sentir que a bola bateu na sagrada cabeça do sr. Creakle.

Pobre Traddles! Num terno azul apertado, que transformava seus braços e pernas em salsichas ou rocamboles, era o mais alegre e o mais desgraçado de todos os meninos. Estava sempre apanhando, acho que apanhou todos os dias daquele semestre, exceto um feriado de segunda-feira em que apenas levou bolos nas duas mãos, e estava sempre dizendo que ia escrever a seu tio a respeito, mas nunca escrevia. Depois de ficar com a cabeça baixa na carteira um momentinho, ele se alegrava outra vez, de alguma forma, começava a rir de novo e desenhava esqueletos por toda sua lousa antes que lhe secassem os olhos. No começo, eu me perguntava por que Traddles gostava de desenhar esqueletos e durante algum tempo o considerei uma espécie de eremita, que com esses símbolos de mortalidade relembra a si mesmo que as surras não podiam durar para sempre. Mas acredito que ele só os desenhava porque era fácil

e não exigiam nenhum traço fisionômico.

Ele era muito digno, Traddles era, e tinha como dever solene que os meninos sempre apoiassem uns aos outros. Ele sofreu por isso em diversas ocasiões, principalmente uma vez, quando Steerforth riu na igreja e o bedel achou que tinha sido Traddles e o retirou. Eu o vejo agora, saindo escoltado, desprezado pela congregação. Ele nunca contou quem havia sido o verdadeiro transgressor, embora tenha sofrido por isso no dia seguinte e ficado preso tantas horas que quando saiu tinha um cemitério inteiro de esqueletos formando um enxame em todo o seu dicionário de latim. Mas recebeu sua recompensa. Steerforth disse que não havia nada de covarde em Traddles e nós todos sentimos que não podia haver elogio maior. De minha parte, suportaria muita coisa (embora fosse muito menos valente que Traddles e não tinha sua idade) para conquistar tal recompensa.

Ver Steerforth ir para a igreja à nossa frente, de braços dados com a srta. Creakle, foi uma das grandes visões de minha vida. Não creio que a srta. Creakle rivalizasse com Em'ly em beleza e eu não a amava (não me importava com ela), mas achava que era uma jovem de excepcionais atrativos, insuperável em questão de gentileza. Quando Steerforth, de calça branca, levou o guarda-sol para ela, senti orgulho de conhecê-lo e acreditei que ela não poderia senão adorá-lo de todo o coração. O sr. Sharp e o sr. Mell eram ambos personagens notáveis aos meus olhos; mas Steerforth era, comparado a eles, como o sol para duas estrelas.

Steerforth continuou a me proteger e mostrou-se um amigo útil, uma vez que ninguém ousava incomodar alguém que ele honrava com seu favor. Ele não podia (em todo caso, nunca o fez) me defender do sr. Creakle, que era muito severo comigo, mas sempre que eu era tratado pior que o normal, ele me dizia que eu precisava de um pouco da sua coragem e que ele próprio nunca teria tolerado aquilo; o que eu sentia que tinha a intenção de ser um encorajamento, e considerava muita bondade da parte dele. Havia uma vantagem, e apenas uma de que eu tenha notícia, na severidade do sr. Creakle. A placa se interpunha em seu caminho quando ele chegava por trás do banco onde eu sentava, querendo me dar uma bengalada ao passar, e por essa razão ela logo foi

removida e eu não a vi mais.

Uma circunstância acidental cimentou a intimidade entre mim e Steerforth, de um jeito que me inspirou grande orgulho e satisfação, embora às vezes levasse à inconveniência. Aconteceu numa ocasião em que ele estava me dando a honra de conversar comigo no parquinho, quando por acaso fiz a observação de que algo ou alguém, me esqueço o quê, era como algo ou alguém em *As aventuras do peregrino Pickle*. Ele não disse nada na hora, mas quando estava indo para a cama à noite, me perguntou se eu tinha aquele livro.

Eu disse que não, e expliquei como tinha lido esse e todos aqueles outros livros que já mencionei.

– E você se lembra deles? – Steerforth perguntou.

Ah, sim, respondi; eu tinha boa memória e acreditava me lembrar muito bem deles.

– Então, vou dizer uma coisa, jovem Copperfield – Steerforth falou –, você vai contar esses livros para mim. Não consigo dormir muito cedo à noite e geralmente acordo bem cedo de manhã. Vamos ver esses livros um depois do outro. Vamos fazer umas boas mil e uma noites deles.

Fiquei extremamente lisonjeado com esse arranjo e comecei a pô-lo em execução nessa mesma noite. Nem tenho condições de dizer e não tenho nenhuma vontade de saber as devastações que cometi com meus autores favoritos no curso da minha interpretação deles; mas tinha uma profunda confiança neles e possuía, acredito de coração, uma maneira simples e honesta de narrar o que narrei, e essas qualidades foram muito longe.

O problema era que eu estava sempre com sono à noite, ou desanimado e sem disposição de retomar a história, então aquilo era trabalho bem duro e tinha de ser feito, pois decepcionar ou desagradar Steerforth estava, evidentemente, fora de questão. De manhã também, quando me sentia cansado e teria gostado muito de mais uma hora de repouso, era para mim uma coisa custosa ser despertado, como a sultana Sherazade, e forçado a mergulhar numa longa história antes que tocasse o sino de despertar; mas Steerforth era resoluto e como, em troca, me explicava minhas somas e exercícios e tudo das tarefas difíceis demais

para mim, eu não saía perdendo na transação. No entanto, serei justo comigo mesmo. Não fui movido por interesse ou por motivos egoístas, nem por medo dele. Eu o admirava e amava, e sua aprovação era recompensa suficiente. Isso era tão precioso para mim que hoje relembro essas ninharias com dor no coração.

Mas Steerforth era atencioso; e demonstrou sua atenção, em um caso em particular, de maneira tão firme que foi um pouco torturante, desconfio, para o pobre Traddles e os outros. A prometida carta de Peggotty (que carta consoladora era!) chegou antes que tivessem passado muitas semanas do semestre, e com ela um bolo num ninho de laranjas perfeito, e duas garrafas de vinho de prímula. Esse tesouro, obrigado pelo dever, pus aos pés de Steerforth e pedi que distribuísse.

– Ora, vou te dizer uma coisa, jovem Copperfield – disse ele –, o vinho deve ser guardado para molhar seu bico quando estiver contando histórias.

Corei com a ideia e implorei, em minha modéstia, que nem pensasse nisso. Mas ele disse que observara que eu às vezes ficava rouco (raspando um pouco, foi sua expressão exata), e o vinho devia, cada gota dele, ser dedicado à finalidade que ele mencionara. Foi devidamente trancado em seu baú e servido por ele mesmo em um frasco e administrado a mim através de um canudo na rolha, quando eu precisava de um tônico. Às vezes, para deixá-lo mais eficiente, tinha a gentileza de espremer suco de laranja dentro dele ou misturá-lo com gengibre, ou dissolver uma gota de menta ali, e embora eu não possa afirmar que o sabor melhorava com esses experimentos, ou que fosse exatamente o composto que se devesse escolher como digestivo para ser a última coisa da noite e a primeira coisa da manhã, eu bebia agradecido e ficava muito sensibilizado com sua atenção.

Parece-me que passamos meses com o *Peregrino* e meses mais com as outras histórias. A atividade nunca fraquejou por falta de uma história, tenho certeza, e o vinho durou quase tanto quanto os assuntos. O pobre Traddles, nunca penso nesse menino sem uma estranha vontade de rir e com lágrimas nos olhos, era uma espécie de coro, no geral, e era dado a ataques de riso nas partes cômicas e a ser dominado pelo medo quando

havia alguma passagem de caráter alarmante na narrativa. Isso muitas vezes me desanimava. Uma grande cena dele, me lembro, era fingir que não conseguia deixar de bater os dentes sempre que se mencionava um alguazil relacionado às aventuras de Gil Blas e, me lembro, quando Gil Blas encontrou o capitão dos ladrões em Madri, esse infeliz brincalhão encenou tamanha agonia de terror que foi escutado pelo sr. Creakle, que rondava pelo corredor e o castigou fartamente por desordem no dormitório.

O que eu tivesse dentro de mim de romântico e sonhador foi encorajado por muita narração de histórias no escuro; e sob esse aspecto a atividade pode não ter sido muito proveitosa para mim. Mas ser querido como uma espécie de brinquedo no quarto e a consciência de que essa conquista minha era comentada entre os meninos e me valia uma boa dose de atenção, embora eu fosse o mais novo, me incitara à dedicação. Numa escola orientada por crueldade pura, fosse ou não presidida por um imbecil, não há muito o que se aprender. Acredito que nossos meninos eram, no geral, um bando tão ignorante como quaisquer meninos de escola; tão perturbados e tão castigados para aprender que não conseguiam progredir nada além do que aqueles que conseguem progredir numa vida de constantes infortúnios, tormento e preocupação. Mas minha pequena vaidade e a ajuda de Steerforth me motivavam até certo ponto, e mesmo sem me poupar de muita coisa, se é que me poupava de alguma coisa no que tange a castigos, fizeram de mim, no tempo que passei lá, uma exceção no corpo geral, na medida em que captei com constância algumas migalhas de conhecimento.

Nisso fui muito ajudado pelo sr. Mell, que tinha por mim uma simpatia que relembro com gratidão. Sempre me doía ver que Steerforth o tratava com sistemático menosprezo e raramente perdia a ocasião de ferir seus sentimentos ou de induzir os outros a isso. Tal coisa muito me perturbou durante um bom tempo, porque havia logo contado a Steerforth, de quem não conseguiria manter tal segredo, assim como não conseguia guardar nem um bolo, nem outro bem tangível, sobre as duas velhas que o sr. Mell havia me levado ver e sempre temia que Steerforth fosse revelar isso e provocá-lo.

Nenhum de nós dois poderia imaginar, ouso dizer, quando comi meu desjejum aquela manhã e adormeci à sombra das penas de pavão e ao som da flauta, quais consequências viriam da introdução de minha insignificante pessoa naquela casa de caridade. Mas a visita teve suas consequências inesperadas e de um tipo bem sério à sua maneira.

Um dia, quando o sr. Creakle ficou em casa com indisposição, o que naturalmente espalhava uma viva alegria pela escola, houve muito barulho no decorrer dos trabalhos da manhã. O grande alívio e satisfação experimentados pelos meninos se tornaram difíceis de controlar; e embora o detestado Tungay trouxesse sua perna de pau duas ou três vezes e tomasse nota dos nomes dos principais transgressores, nenhuma grande impressão causou, uma vez que tinham plena certeza de que se veriam em dificuldades amanhã, fizessem o que fizessem, e houveram por bem, sem dúvida, se divertir no dia de hoje.

Foi, sem tirar nem pôr, um meio feriado, visto que era sábado. Mas como o barulho no parque teria perturbado o sr. Creakle e o tempo não estava favorável para passear, recebemos ordem de passar a tarde na escola, e realizar algumas tarefas mais leves que as usuais, especiais para a ocasião. Era o dia da semana em que o sr. Sharp saía para ondular sua peruca, de forma que o sr. Mell, que sempre fazia o trabalho mais enfadonho, fosse qual fosse, ficava com a escola só para si.

Se eu pudesse associar a ideia de um touro ou de um urso a alguém tão brando como o sr. Mell, eu pensaria nele, com relação àquela tarde em que o tumulto chegou ao ápice, como um desses animais, açulado por dez mil cães. Me lembro de ele curvar a cabeça dolorida, sustentada pela mão magra, em cima do livro em sua mesa, e angustiadamente tentar continuar com seu trabalho cansativo, em meio a um tumulto que teria deixado tonto o orador da Câmara dos Comuns. Os meninos começaram a sair e voltar de seus lugares, brincando de pegador; havia meninos rindo, meninos cantando, meninos falando, meninos dançando, meninos uivando; meninos arrastando os pés, meninos girando em torno dele, rindo, fazendo caretas, imitando-o pelas costas e diante de seus olhos: imitando sua pobreza, suas botas, seu casaco, sua mãe, tudo o que pertencia a ele e que deveriam respeitar.

– Silêncio! – gritou o sr. Mell levantando-se de repente e batendo na mesa com o livro. – O que significa isso! Não dá para suportar. É enlouquecedor. Como podem fazer isso comigo, meninos?

Foi o meu livro que ele bateu na mesa e parado ali ao lado dele, acompanhando seus olhos a observar a sala, vi os meninos todos pararem, alguns repentinamente surpresos, a metade com medo e alguns talvez arrependidos.

O lugar de Steerforth era no fundo, no canto oposto da longa sala. Ele estava parado com as costas contra a parede, as mãos nos bolsos, e olhou para o sr. Mell com a boca fechada como se estivesse assobiando, quando o sr. Mell olhou para ele.

– Silêncio, senhor Steerforth! – disse o sr. Mell.

– Silêncio você – disse Steerforth, ficando vermelho. – Com quem pensa que está falando?

– Sente – disse o sr. Mell.

– Sente você – disse Steerforth – e meta-se com a sua vida.

Houve um riso abafado e algum aplauso, mas o sr. Mell estava tão branco que fez-se silêncio imediatamente; e um menino que tinha corrido para trás dele a fim de imitar sua mãe de novo mudou de ideia e fingiu que estava arrumando a caneta.

– Se você pensa, Steerforth – disse o sr. Mell –, que não sei do poder que pode exercer sobre qualquer mente aqui – inconscientemente, ele pôs a mão em minha cabeça – ou que não vi você, há poucos minutos, incitando seus colegas mais novos a todo tipo de ofensa contra mim, está muito enganado.

– Não me dou ao trabalho de pensar nada sobre você – disse Steerforth friamente –, então não estou fazendo nada errado.

– E quando faz uso de sua posição de favoritismo aqui – ralhou o sr. Mell, com o lábio inferior tremendo muito – para insultar um cavalheiro...

– Um quê? Onde está esse cavalheiro? – disse Steerforth. Então, alguém gritou:

– Que vergonha, J. Steerforth! Assim é demais! – Era Traddles, que o

sr. Mell censurou imediatamente, mandando que calasse a boca.

– Ao insultar alguém que não teve sorte na vida e que nunca ofendeu o senhor em nada, ao ignorar as muitas razões para não insultar uma pessoa que você tem idade e inteligência suficientes para entender – disse o sr. Mell, com o lábio tremendo cada vez mais –, o senhor pratica um ato baixo e mesquinho. Pode sentar ou ficar em pé como quiser. Copperfield, continue.

– Jovem Copperfield – disse Steerforth avançando pela sala –, pare um pouquinho. Vou dizer uma coisa, senhor Mell, de uma vez por todas. Quando toma a liberdade de me chamar de baixo e mesquinho, ou qualquer outra coisa do gênero, o senhor é um mendigo sem-vergonha. O senhor é sempre um mendigo, sabe disso; mas quando faz isso, é um mendigo sem-vergonha.

Não sei bem se ele ia bater no sr. Mell ou se o sr. Mell ia bater nele, ou se havia essa intenção de ambas as partes. Vi baixar uma rigidez sobre toda a classe como se todos tivessem se transformado em pedra, e ali estava o sr. Creakle no meio de nós, com Tungay ao lado, e a sra. e a srta. Creakle olhando pela porta como se estivessem assustadas. O sr. Mell, com cotovelos na mesa e o rosto nas mãos, ficou sentado imóvel durante alguns momentos.

– Senhor Mell – disse o sr. Creakle, sacudindo-o pelo braço; e seu sussurro era tão audível agora que Tungay achou desnecessário repetir as palavras –, o senhor não esqueceu seus limites, espero?

– Não, senhor, não – respondeu o professor, mostrando o rosto, sacudindo a cabeça e esfregando as mãos em grande agitação. – Não, senhor, não. Eu me lembrei, eu... não, senhor Creakle, não esqueci os limites, eu... eu lembrei, sim, senhor. Eu... eu... gostaria que o senhor tivesse me lembrado um pouco antes, senhor Creakle. Teria... teria... sido mais gentil, meu senhor, mais justo. Teria me poupado um pouco.

Olhando duro para o sr. Mell, o sr. Creakle apoiou a mão no ombro de Tungay, o pé no banco, e sentou na carteira. Em seu trono, ainda olhando duro para o sr. Mell, que continuava balançando a cabeça, esfregando as mãos e no mesmo estado de agitação, o sr. Creakle virou-se para Steerforth e disse:

– Então, Steerforth, já que ele não se digna a me contar, o que aconteceu?

Steerforth evitou a pergunta durante um momento, olhando com desdém e raiva para seu oponente, mantendo silêncio. Não pude deixar de pensar, mesmo naquele intervalo, me lembro, como era nobre a sua aparência, e como o sr. Mell era comum e sem graça em comparação.

– O que ele quis dizer com favoritismo? – Steerforth falou, afinal.

– Favoritismo? – repetiu o sr. Creakle, com as veias da testa inchando depressa. – Quem falou de favoritismo?

– Ele falou – disse Steerforth.

– Por favor, o que quer dizer com isso, professor? – perguntou o sr. Creakle voltando-se, raivoso, para seu assistente.

– Quis dizer o que disse, senhor Creakle – ele respondeu em voz baixa. – Que nenhum aluno tem o direito de se valer de sua posição de favoritismo para me humilhar.

– Humilhar *o senhor*? – exclamou o sr. Creakle. – Meu Deus! Permita que lhe pergunte, senhor Não-sei-o-quê – e o sr. Creakle cruzou os braços no peito com bengala e tudo, e fez um tal nó com as sobrancelhas que seus olhinhos ficaram quase invisíveis por baixo –, se quando fala de favoritos o senhor demonstra o devido respeito por mim. Por mim – disse o sr. Creakle avançando a cabeça para ele e retirando-a em seguida –, diretor deste estabelecimento e seu patrão.

– Não foi razoável, de fato, e estou disposto a admitir – disse o sr. Mell. – Não devia ter falado isso, se mantivesse a calma.

Aí, Steerforth atacou.

– Depois, ele disse que sou mesquinho e que sou baixo e aí falei que ele é um mendigo. Se *eu* tivesse mantido a calma, não chamaria ninguém de mendigo talvez. Mas chamei e estou pronto a assumir as consequências.

Sem considerar, talvez, se haveria alguma consequência a assumir, senti orgulho por aquele discurso imponente. Que impressionou os outros meninos também, pois houve uma agitação entre eles, embora ninguém tenha dito nem uma palavra.

– Estou surpreso, Steerforth, embora sua franqueza fale a seu favor,

sem dúvida, estou surpreso, Steerforth, devo confessar, que tenha usado tal epíteto para qualquer pessoa empregada e paga pela Salem House.

Steerforth deu uma risada curta.

– Isso não é resposta para a minha pergunta, rapaz – disse o sr. Creakle. – De você espero mais que isso, Steerforth.

Se o sr. Mell, aos meus olhos, parecia comum diante do lindo menino, seria quase impossível dizer o que parecia o sr. Creakle.

– Vamos ver se ele nega – disse Steerforth.

– Negar que é um mendigo, Steerforth? – exclamou o sr. Creakle. – Ora, onde ele vai mendigar?

– Se ele não é um mendigo, sua parente mais próxima é, sim – disse Steerforth. – É a mesma coisa.

Ele olhou para mim e a mão do sr. Mell deu um tapinha camarada em meu ombro. Ergui os olhos, com rubor no rosto e remorso no coração, mas os olhos do sr. Mell estavam fixos em Steerforth. Ele continuava a acariciar delicadamente meu ombro, mas olhava para Steerforth.

– Como o senhor espera, senhor Creakle, que eu me justifique – disse Steerforth – e explique o que quero dizer, o que tenho a dizer é que a mãe dele vive de caridade num asilo.

O sr. Mell continuava olhando para ele, continuava acariciando meu ombro e disse a si mesmo, num sussurro, se ouvi direito:

– É, achei que era isso mesmo.

O sr. Creakle virou para seu assistente com o rosto severo e cortesia forçada.

– Ora, o senhor ouviu o que disse este cavalheiro, senhor Mell. Tenha a bondade, por favor, de explicar isso diante da classe toda.

– Ele tem razão, meu senhor, sem dúvida – respondeu o sr. Mell, em meio a um silêncio mortal – o que ele disse é verdade.

– Tenha a bondade de declarar publicamente, faça o favor – disse o sr. Creakle inclinando de lado a cabeça e passando os olhos pela classe –, se isso algum dia foi de meu conhecimento até o momento.

– Acredito que não diretamente – ele respondeu.

– Ora, o senhor não sabe? – disse o sr. Creakle. – Não sabe?

– Acredito que o senhor nunca pensou que eu tivesse uma situação econômica muita boa – replicou o assistente. – O senhor sabe qual é e sempre foi minha posição aqui.

– Se assim é, temo – disse o sr. Creakle com as veias mais salientes que nunca – que o senhor esteve sempre em posição equivocada e tomou nossa escola, erroneamente, por uma escola de caridade. Senhor Mell, devemos nos separar, por favor. Quanto antes melhor.

– Nada melhor – respondeu o sr. Mell, levantando-se – que o presente momento.

– Como queira! – disse o sr. Creakle.

– Eu me despeço do senhor, senhor Creakle, e de todos vocês – disse o sr. Mell, olhando em torno da sala e mais uma vez dando um tapinha camarada em meu ombro. – James Steerforth, o melhor que posso desejar a você é que possa se envergonhar do que fez hoje. Neste momento, prefiro que seja qualquer coisa, menos amigo meu ou de qualquer pessoa por quem eu me interesse.

Mais uma vez, ele pousou a mão em meu ombro, pegou a flauta e alguns livros de sua mesa, deixando nela a chave para seu sucessor, e saiu da sala com seus pertences debaixo do braço. O sr. Creakle então fez um discurso, por intermédio de Tungay, no qual agradeceu a Steerforth por ter defendido (embora talvez um pouco calorosamente demais) a independência e a respeitabilidade da Salem House; e apertou a mão de Steerforth, enquanto nós dávamos três vivas, não sei bem por que, mas suponho que por Steerforth, então gritei junto com entusiasmo, embora me sentisse arrasado. O sr. Creakle então deu uma bengalada em Tommy Traddles porque estava chorando em vez de festejar a dispensa do sr. Mell; e voltou ao seu sofá, ou sua cama, ou seja lá de onde havia saído.

Deixados por nossa conta, olhamos, perdidos, uns para os outros, se bem me lembro. De minha parte, sentia tamanha vergonha e contrição por meu papel no que havia acontecido que nada conseguiria controlar minhas lágrimas senão o medo de que Steerforth, que olhava para mim, eu vi, pudesse achar pouco amigável ou, melhor dizendo, diante de nossas idades próximas e da admiração que tinha por ele, desleal, se eu demonstrasse a emoção que me perturbava. Ele estava muito zangado

com Traddles e disse que ficou contente de ele ter sido castigado.

O pobre Traddles, que havia ultrapassado a fase de ficar com a cabeça deitada na carteira e estava se consolando, como sempre, com um surto de esqueletos, disse que não se importava. O sr. Mell tinha sofrido uma injustiça.

– Quem foi injusto com ele, mulherzinha? – perguntou Steerforth.

– Ora, você – Traddles respondeu.

– O que eu fiz? – perguntou Steerforth.

– O que você fez? – respondeu Traddles. – Magoou os sentimentos dele e fez com que perdesse o emprego.

– Sentimentos! – repetiu Steerforth desdenhoso. – Os sentimentos dele logo se recuperam, tenho certeza. Os sentimentos dele não são como os seus, srta. Traddles. Quanto ao emprego, que era bem precioso, não é? Acha que não vou escrever para casa e cuidar para que ele receba algum dinheiro? Polly?

Achamos muito nobre essa intenção de Steerforth, cuja mãe era uma viúva rica e fazia quase tudo que ele pedisse, era o que se dizia. Ficamos contentíssimos de ver Traddles tão arrasado e exaltamos Steerforth até o céu: sobretudo quando ele nos contou, numa concessão, que o que tinha feito era expressamente para nós e por nossa causa: e que havia conferido uma grande bênção a todos nós ao agir de modo tão desprendido.

Mas devo dizer que, quando eu estava contando uma história no escuro aquela noite, a velha flauta do sr. Mell pareceu mais de uma vez soar lamentosamente em meus ouvidos; e quando afinal Steerforth se cansou e me deitei em minha cama, acreditei ouvi-la tocando com tanta tristeza em algum lugar que fiquei bem arrasado.

Logo me esqueci dele na contemplação de Steerforth, que, à sua maneira fácil, amadora, e sem nenhum livro (parecia-me que ele sabia todos de cor), assumiu algumas de suas aulas até um novo professor ser encontrado. O novo professor vinha de uma escola elementar; e, antes de assumir seu encargo, jantou na sala um dia para ser apresentado a Steerforth. Steerforth o aprovou inteiramente e nos disse que ele era

ótimo. Sem entender direito o que significava essa alta distinção, eu o respeitei muito por isso e não tive nenhuma dúvida de seu conhecimento superior: embora ele nunca se dedicasse a mim (não que *eu* fosse alguém), como o sr. Mell havia se dedicado.

Só houve, nesse meio ano de nossa vida escolar cotidiana, um outro evento que deixou em mim uma impressão que ainda sobrevive. E sobrevive por muitas razões.

Uma tarde, quando estávamos todos agitados num estado de horrível confusão, com o sr. Creakle ameaçando terrivelmente, Tungay entrou e anunciou com o jeito forte de sempre:

– Visitas para Copperfield!

Umas poucas palavras trocadas entre ele e o sr. Creakle quanto a quem eram as visitas e a que sala deviam ser levadas; e então eu, que havia, segundo o costume, me posto de pé ao ser feito o anúncio, e me sentia bem tonto de perplexidade, recebi ordem de seguir pela escada dos fundos e vestir uma gola limpa, antes de me dirigir ao refeitório. Essas ordens eu obedeci, com tamanha pressa e agitação que meu jovem espírito jamais experimentara antes; e quando cheguei à porta da sala e me veio a ideia de que podia ser minha mãe, até esse momento eu só havia pensado no sr. e na srta. Murdstone, afastei a mão da maçaneta e parei para emitir um soluço antes de entrar.

De início, não vi ninguém, mas senti uma presença na porta, olhei em torno e ali, para minha surpresa, estavam o sr. Peggotty e Ham, curvados, tirando os chapéus para mim, e se apertando junto à parede. Não pude deixar de rir, mas foi muito mais pelo prazer de vê-los do que pela maneira como se portavam. Apertamos as mãos muito cordialmente e eu ri e ri até ter de tirar o lenço do bolso para enxugar os olhos.

O sr. Peggotty (que durante a visita, eu me lembro, não fechou a boca nem uma vez) mostrou grande aflição ao me ver fazer isso e cutucou Ham para que dissesse alguma coisa.

– Alegria, meu amigo, seu Davy! – disse Ham, com seu jeito tímido. – Nossa, como o senhor cresceu!

– Cresci? – perguntei, enxugando os olhos. Não estava chorando por nada definido que eu soubesse; mas de alguma forma ver velhos amigos

me fazia chorar.

– Cresceu, meu amigo Davy! Não cresceu? – disse Ham.

– Como ele cresceu! – disse o sr. Peggotty.

Os dois me fizeram rir de novo ao rir um para o outro, e então rimos os três até eu correr o risco de chorar de novo.

– Sabe como está mamãe, senhor Peggotty? – perguntei. – E como está a minha muito querida Peggotty?

– Muito bem – disse o sr. Peggotty.

– E a pequena Em'ly e a senhora Gummidge?

– Muito bem – disse o sr. Peggotty.

Fez-se silêncio. Para aliviá-lo, o sr. Peggotty tirou dos bolsos duas prodigiosas lagostas, um caranguejo enorme e um grande saco de lona de camarões, e empilhou tudo nos braços de Ham.

– Tá vendo? – disse o sr. Peggotty –, sabendo o quanto gostou duns quitutes nas suas vitualha quando esteve com a gente, nós tomamo a liberdade. A velha mãe que preparou, foi. Dona Gummidge que preparou, sim – disse, devagar, o sr. Peggotty, que me parecia estar preso ao assunto por não ter outro à mão. – Dona Gummidge, pode saber, foi ela que preparou.

Expressei meu agradecimento; e o sr. Peggotty, depois de olhar para Ham, que continuava sorrindo mansamente para os frutos do mar sem nenhuma tentativa de ajudá-lo, disse:

– A gente veio, sabe, com vento e maré a favor num dos nossos barco de Yarmouth até Gravesen'. Minha irmã, ela escreveu o nome deste lugar aqui, escreveu pra mim que se por acaso eu vinha até Gravesen', era pra vim e perguntar do seu Davy e apresentar seus respeito, humildemente desejar bons voto e contar que a família vai muito bem, pode ter certeza. A pequena Em'ly, sabe, ela vai escrever pra minha irmã quando eu voltar, contando que vi o senhor e que o senhor estava muito bem, então assim a gente fecha o círculo.

Fui obrigado a pensar um pouco até entender o que o sr. Peggotty queria dizer com essa imagem, expressiva de um círculo completo de informação. Então agradeci calorosamente a ele e disse, com a

consciência de ficar vermelho, que achava que a pequena Em'ly devia estar mudada também desde que catávamos conchas e pedrinhas na praia.

– Ela tá virando uma mulher, isso que ela tá – disse o sr. Peggotty. – Pergunte pra ele.

Indicou Ham, que sorriu, concordando, deliciado, por cima do saco de camarões.

– Que carinha mais bonita! – disse o sr. Peggotty, com a sua própria rebrilhando.

– E estudiosa! – disse Ham.

– E a letra! – disse o sr. Peggotty. – Mais preta que carvão! E tão grande que dá pra ver de longe.

Era absolutamente delicioso ver com que entusiasmo o sr. Peggotty se inspirava ao pensar em sua pequena protegida. Está parado diante de mim outra vez, o rosto franco e barbudo irradiando alegre amor e orgulho que não consigo descrever. Os olhos sinceros se acendem e cintilam como se nas profundezas se movesse algo luminoso. O peito largo arfa de prazer. As mãos fortes se fecham em seu entusiasmo; e ele enfatiza o que diz com um braço direito que aos meus olhos de pigmeu parece um malho.

Ham mostrou quase tanto entusiasmo quanto ele. Mas eu diria que teriam falado muito mais a respeito dela se não se intimidassem com a chegada de Steerforth, que, ao me ver num canto conversando com dois estranhos, interrompeu a música que vinha cantando e disse: "Não sabia que estava aqui, jovem Copperfield!" (porque não estávamos na sala de visitas como era o costume), e passou por nós ao se afastar.

Não tenho certeza se foi pelo orgulho de ter um amigo como Steerforth ou pelo desejo de explicar a ele como vim a ter um amigo como o sr. Peggotty que o chamei quando estava se afastando. E disse, modestamente (Deus do céu, como isso tudo me volta depois de tanto tempo!):

– Não vá embora, Steerforth, por favor. Estes são dois barqueiros de Yarmouth, gente muito boa e gentil, parentes de minha babá e que

vieram de Gravesend para me ver.

– Ah, é? – disse Steerforth, voltando. – Prazer em conhecer os dois. Como vão indo?

Havia tal naturalidade em suas maneiras, leves e alegres como eram, nada arrogantes, que, ainda acredito, possuíam uma espécie de encantamento. Ainda acredito que, em virtude de seu porte, seu ânimo, sua voz agradável, belo rosto e físico, e, disso bem sei, de algum outro poder inato de atração (que, acho, pouca gente possui), ele exercia um encantamento ao qual, por fraqueza natural, se cedia e ao qual pouca gente conseguia resistir. Não pude deixar de notar o quanto simpatizaram com ele e como pareceram lhe abrir imediatamente os seus corações.

– Conte lá em casa, por favor, senhor Peggotty – eu disse –, quando escrever para lá, que o senhor Steerforth é muito bom para mim e que não sei o que faria aqui sem ele.

– Bobagem! – disse Steerforth, rindo. – Não digam nada disso.

– E se enquanto eu estiver aqui, o senhor Steerforth algum dia for a Norfolk ou Suffolk, senhor Peggotty – eu disse –, pode ter a certeza de que irá comigo a Yarmouth, se ele aceitar, para conhecer sua casa. Você nunca viu uma casa igual, Steerforth. É num barco!

– Num barco, é? – perguntou Steerforth. – É o tipo certo de casa para um marinheiro de verdade.

– É isso mesmo, sim, senhor, isso mesmo – disse Ham, rindo. – Tem toda a razão, o mocinho. É, seu Davy, o mocinho tem razão. Marinheiro de verdade! Ha, ha! É isso que ele é mesmo!

O sr. Peggotty estava tão satisfeito como seu sobrinho, embora a modéstia o proibisse de externar um elogio pessoal tão abertamente.

– Bom – ele disse, curvando-se e rindo, puxando as pontas do lenço no peito –, eu agradeço, sim, senhor, agradeço! Faço tudo que eu tenho de fazer no meu serviço.

– É o que fazem os melhores, senhor Peggotty – disse Steerforth. Ele já havia memorizado seu nome.

– Garanto que é o que o senhor faz – disse o sr. Peggotty, balançando a

cabeça –, e que faz bem, muito bem! Agradeço, sim, senhor. Fico muito agradecido pelo jeito que me recebeu. Sou meio bruto, mocinho, mas sincero, pelo menos, *espero* ser sincero, se me entende. Minha casa não é grande coisa pra se ver, não, senhor, mas está às suas ordem quando vier com seu Davy pra visitar. Eu sou feito uma lesma, eu sou – disse o sr. Peggotty; com o que queria dizer que era muito lento, aludindo ao fato de estar demorando para ir embora, pois tentava ir depois de cada frase, e de uma forma ou de outra acabava voltando –, mas desejo tudo de bom pra vocês dois e desejo felicidade!

Ham repetiu esses sentimentos e nos separamos deles da maneira mais agradável. Essa noite, fiquei quase tentado a contar para Steerforth a respeito da linda Em'ly, mas me acanhei de mencionar seu nome, temendo que ele fosse rir de mim. Me lembro que pensei bastante e bem aflito no que o sr. Peggotty havia dito, que ela estava virando uma mulher, mas concluí que era bobagem.

Levamos às escondidas para o nosso quarto os frutos do mar, ou "quitutes", como o sr. Peggotty os havia chamado modestamente, e fizemos uma grande ceia essa noite. Mas Traddles não se deu muito bem. Não foi capaz nem de aproveitar o jantar como todo mundo. Passou mal à noite, bem prostrado ficou, por causa do caranguejo; e depois de ser drogado com poções pretas e pílulas azuis em tal medida que Demple (cujo pai era médico) disse ser suficiente para abater a constituição de um cavalo, levou uma surra e teve de ler seis capítulos do Novo Testamento grego por se recusar a confessar.

O resto do semestre é uma confusão em minhas lembranças da batalha e do esforço diário de nossas vidas; do final do verão e da mudança de estação; das manhãs geladas em que a campainha nos tirava da cama, e do cheiro frio, frio das noites escuras em que a campainha nos mandava para a cama de volta; da sala no fim do dia, iluminada em penumbra e aquecida com descuido, e da sala de manhã, que nada mais era que uma máquina de tremores; da alternância de carne cozida e rosbife, de carneiro cozido e carneiro assado; de fatias de pão com manteiga, livros escolares com as páginas orelhudas, lousas lascadas, cadernos manchados de lágrimas, surras de vara, de régua, cortes de

cabelo, domingos chuvosos, tortas de miúdos e uma suja atmosfera de tinta envolvendo tudo.

Porém me lembro bem de como a remota ideia de férias, depois de parecer por um tempo imenso um ponto estacionário, começou a vir em nossa direção e crescer mais e mais. Como, contando os meses, chegamos a semanas, depois a dias; e como comecei a temer então que não viessem me buscar, e quando soube por Steerforth que *tinham*, sim, mandado me buscar e que eu iria para casa com certeza, tive maus pressentimentos de poder quebrar a perna antes. Me lembro de como o último dia de aula mudou de lugar depressa, afinal, de semana após semana para a semana que vem, para esta semana, para depois de amanhã, amanhã, hoje, esta noite, e então eu estava dentro do carro de correio de Yarmouth, indo para casa.

Tive um sono muito entrecortado no correio de Yarmouth e muitos sonhos incoerentes sobre todas essas coisas. Mas quando acordava nos intervalos, o que via fora da janela não era o pátio da Salem House e o som em meus ouvidos não era a voz do sr. Creakle ralhando com Traddles, mas a voz do cocheiro atiçando os cavalos.

VIII

Minhas férias. Principalmente uma tarde feliz

Quando chegamos, antes do amanhecer, à estalagem onde parava o correio, que não era a estalagem onde vivia o garçom meu amigo, fui levado a um lindo quartinho, com a palavra GOLFINHO pintada na porta. Eu estava com muito frio, apesar do chá quente que tinham me dado diante de uma grande lareira no andar de baixo, e fiquei muito contente de deitar na cama do Golfinho, cobrir a cabeça com o cobertor do Golfinho e adormecer.

O sr. Barkis, o cocheiro, ia me acordar de manhã, às nove horas. Eu me levantei às oito, um pouco tonto pela brevidade do descanso noturno, e estava pronto à espera dele na hora marcada. Ele me recebeu exatamente como se não tivessem se passado nem cinco minutos desde que estivéramos juntos, e como se eu estivesse no hotel apenas tempo suficiente para trocar um dinheiro ou algo semelhante.

Assim que eu e meu baú estávamos no carro e o cocheiro a postos, o cavalo preguiçoso nos levou com seu passo costumeiro.

– O senhor parece muito bem, senhor Barkis – eu disse, achando que ele ia gostar de ouvir isso.

O sr. Barkis esfregou o rosto no punho e olhou para o punho como se esperasse que alguma coisa fosse brotar ali, mas não deu nenhuma atenção ao meu cumprimento.

– Dei o seu recado, senhor Barkis – eu disse. – Escrevi para a Peggotty.

– Ah! – disse o sr. Barkis.

O sr. Barkis pareceu áspero e respondeu secamente.

– Não estava certo, senhor Barkis? – perguntei, depois de uma breve hesitação.

– Ora, não – disse o sr. Barkis.

– O recado?

– O recado devia de tá certo, sim – disse o sr. Barkis –, mas parou aí.

Sem entender o que ele queria dizer, repeti, inquiridor:

– Parou aí, senhor Barkis?

– Não deu em nada – ele explicou, me olhando de soslaio. – Não teve resposta.

– O senhor estava esperando uma resposta, estava, senhor Barkis? – perguntei, de olhos bem abertos. Porque aquilo era novidade para mim.

– Quando um homem diz que tá disposto – disse o sr. Barkis, voltando os olhos para mim outra vez –, é a mesma coisa que dizer que tá esperando uma resposta.

– E então, senhor Barkis?

– Então – disse o sr. Barkis, voltando a olhar as orelhas do cavalo –, este homem aqui ainda tá esperando uma resposta.

– O senhor disse isso a ela, senhor Barkis?

– N... não – o sr. Barkis grunhiu, refletindo. – Não fui falar com ela, não, senhor. Nunca falei nem meia dúzia de palavra com ela eu mesmo. *Eu* é que não vou falar isso pra ela.

– Quer que eu fale, senhor Barkis? – perguntei, hesitante.

– Pode falar, se puder – disse o sr. Barkis com outro olhar lento para mim –, que o Barkis tá esperando resposta. Diga, como é o nome mesmo?

– O nome dela?

– Ah! – disse o sr. Barkis, balançando a cabeça.

– Peggotty.

– Nome de batismo? Ou apelido? – perguntou o sr. Barkis.

– Ah, não é o nome de batismo. O nome de batismo dela é Clara.

– É mesmo, é? – disse o sr. Barkis.

Ele pareceu encontrar um imenso motivo de reflexão nessa circunstância e ficou ponderando, assobiando baixinho durante algum tempo.

– Bom! – acabou retomando. – O senhor diga: “Peggotty! O Barkis tá esperando uma resposta”. Ela vai dizer, quem sabe: “Resposta pra quê?”. Aí, o senhor fala: “Pro que eu contei pra você”. “O que que é?”, ela vai dizer. “O Barkis tá disposto”, o senhor diz.

Essa sugestão extremamente engenhosa o sr. Barkis fez acompanhar com uma cutucada de cotovelo que me deu uma boa pontada do lado. Depois disso, ele se debruçou sobre o cavalo como sempre e não fez mais nenhuma outra referência ao assunto, a não ser, meia hora depois, quando pegou do bolso um pedaço de giz e escreveu dentro da cobertura da carroça: “Clara Peggotty”, ao que parece como um memorando pessoal.

Ah, que estranha sensação estar voltando para uma casa que não era um lar e descobrir que cada objeto que eu via me lembrava um velho lar feliz, que era como um sonho que eu nunca mais poderia sonhar! Os dias em que minha mãe, eu e Peggotty éramos tudo uns para os outros, e não havia ninguém entre nós, surgiram diante de mim com tamanha tristeza na estrada que eu não tinha certeza de estar feliz por estar ali, não tinha certeza se não preferiria ter permanecido longe, esquecendo de tudo na companhia de Steerforth. Mas lá estava eu e logo cheguei a nossa casa, onde os velhos olmos nus estendiam suas muitas mãos para o desolado ar de inverno e os restos dos velhos ninhos das gralhas oscilavam ao vento.

O cocheiro pôs meu baú no portão do jardim e foi embora. Segui o caminho até a casa, olhando as janelas, temendo a cada passo ver o sr. Murdstone ou a srta. Murdstone debruçados nelas. Mas nenhum rosto apareceu e, tendo chegado à casa, como sabia abrir a porta, antes do anoitecer, sem bater, entrei com passo tímido e silencioso.

Deus sabe o quanto devia ser infantil a lembrança que despertou dentro de mim o som da voz de minha mãe na velha saleta, quando entrei no hall. Ela estava cantando baixo. Pensei que devia ter deitado em seus braços e a ouvido cantar assim para mim quando era bebê. A melodia era nova para mim, no entanto, tão antiga que enchia meu coração até a borda, como um amigo que volta depois de longa ausência.

Acreditei, devido à maneira solitária e pensativa como minha mãe murmurava sua canção, que ela devia estar sozinha. E entrei silenciosamente na sala. Ela estava sentada diante do fogo, amamentando um bebê cuja mãozinha segurava junto ao pescoço. Os olhos voltados para seu rosto, era para ele que cantava. Eu estava certo,

ela não tinha outra companhia.

Quando falei, ela se assustou e deu um grito. Mas ao me ver, me chamou de seu querido Davy, seu menino!, e vindo até o meio da sala para me encontrar, ajoelhou-se no chão, me beijou e apertou minha cabeça ao peito junto à pequena criatura ali aninhada, e pôs a mão do bebê em meus lábios.

Eu quis morrer. Quis morrer naquele instante, com aquele sentimento em meu coração! Estaria mais pronto que nunca para o céu.

– É seu irmão – disse minha mãe, me acariciando. – Davy, meu lindo menino! Meu pobre filho! – E me beijou mais e mais, e me abraçou pelo pescoço. Estava fazendo assim quando Peggotty entrou correndo e se jogou no chão ao nosso lado, enlouquecida conosco durante quinze minutos.

Parece que eu não era esperado tão cedo, o carro havia chegado muito antes da hora. Parecia também que o sr. e a srta. Murdstone tinham ido fazer uma visita no bairro e só voltariam à noite. Eu jamais poderia esperar por isso. Nunca achei possível que nós três fôssemos estar a sós mais uma vez e me senti, naquele momento, de volta aos velhos dias.

Jantamos juntos diante da lareira. Peggotty queria nos servir, mas minha mãe não deixou e fez com que jantasse conosco. Comi em meu velho prato decorado com uma vista em marrom de um velho navio de guerra com velas enfunadas, que Peggotty havia escondido em algum lugar todo esse tempo e que não deixaria quebrar, disse ela, nem por cem libras. Bebi em minha velha caneca com David escrito nela e usei meu próprio garfo e faca sem corte.

Enquanto estávamos à mesa, senti que era a ocasião favorável para falar a Peggotty do sr. Barkis e ela, antes que eu terminasse de falar, começou a rir e cobriu o rosto com o avental.

– Peggotty! – exclamou minha mãe. – O que é isso?

Peggotty riu ainda mais e manteve o avental apertado ao rosto quando minha mãe tentou afastá-lo, como se estivesse com a cabeça dentro de um saco.

– O que está fazendo, sua boba? – disse minha mãe, rindo.

– Ah, esse desgraçado desse homem! – Peggotty exclamou. –Ele quer casar comigo.

– Seria um bom partido para você, não seria? – minha mãe perguntou.

– Ah! Não sei – Peggotty respondeu. – Não me pergunte. Eu não aceitava ele nem coberto de ouro. Nem ele, nem ninguém.

– Então, por que não diz isso a ele, e deixa de ser ridícula? – minha mãe perguntou.

– Dizer pra ele? – Peggotty respondeu, olhando por cima do avental. – Ele nunca me disse nem uma palavra disso aí. Ele sabe. Se ele tivesse coragem de falar uma palavra pra mim, eu dava um tapa na cara dele.

O rosto dela estava tão vermelho como eu nunca tinha visto, nem o de nenhuma outra pessoa, acho, mas ela o cobriu outra vez, por alguns momentos de cada vez, quando era violentamente sacudida pelo riso; depois de dois ou três desses ataques, ela continuou a jantar.

Observei que minha mãe, embora sorrisse quando Peggotty olhava para ela, ficou séria e pensativa. Logo de início, eu tinha percebido que ela estava mudada. Seu rosto ainda era muito bonito, mas parecia cansado e delicado demais; e suas mãos, tão magras e brancas que davam a impressão de ser quase transparentes. Mas a mudança a que me refiro se sobrepunha a isso: era em suas maneiras que ela se tornara ansiosa e inquieta. Por fim, falou, pousando a mão afetuosamente sobre a mão de sua velha criada.

– Peggotty, querida, você não quer se casar?

– Eu? – Peggotty respondeu, olhando no rosto dela. – Deus me livre, não!

– Ainda não? – minha mãe perguntou, com ternura.

– Nunca! – Peggotty exclamou.

Minha mãe segurou a mão dela e disse:

– Não me deixe, Peggotty. Fique comigo. Talvez não falte muito tempo. O que seria de mim sem você?

– Eu deixar a minha preciosa?! – Peggotty exclamou. – Nem por nada deste mundo. Ora, por que essa bobagem passou pela sua cabeça? – Havia muito Peggotty estava acostumada, em alguns momentos, a falar

com minha mãe como com uma criança.

Minha mãe não respondeu, senão para agradecer, e Peggotty continuou, à sua maneira de sempre.

– Eu deixar a senhora? Parece até que estou me vendo. Peggotty deixar a senhora? Se eu pego ela fazendo uma coisa dessas! Não, não, não – disse Peggotty, sacudindo a cabeça e cruzando os braços –, ela não, minha senhora. Não que não tenha gente por aí que ia gostar dela ir embora, mas ninguém vai fazer a vontade deles. Vão ter de aguentar. Fico com a senhora até virar uma velha entrevada e rabugenta. E quando estiver surda demais, manca demais, cega demais e resmungona demais porque perdi os dentes, e não servir pra mais nada, nem pra fazer coisa errada, vou pra casa do meu Davy e peço pra ele me aceitar.

– E eu, Peggotty – respondi –, vou ficar contente de te ver e vou te receber como uma rainha.

– Bendito seja, meu coração! – Peggotty exclamou. – Eu acredito! – E beijou minha testa, em gratidão por minha hospitalidade. Depois disso, ela cobriu a cabeça com o avental outra vez e deu risada outra vez por causa do sr. Barkis. Depois disso, pegou o bebezinho do berço e ninou. Depois disso, tirou a mesa do jantar; depois disso, entrou com uma touca diferente, a caixa de costura, fita métrica e um pedaço de vela de cera, exatamente como sempre.

Sentamos em torno da lareira e a conversa foi deliciosa. Contei a elas como o sr. Creakle era um professor bravo e ficaram com muita pena de mim. Contei como Steerforth era bom e o quanto era meu amigo, e Peggotty disse que era capaz de andar quilômetros para conhecê-lo. Carreguei no colo o bebezinho quando estava acordado e o ninei amorosamente. Quando adormeceu, me aconcheguei junto de minha mãe como era nosso velho costume, rompido agora havia tanto tempo, com meus braços em torno de sua cintura e minha face vermelha em seu ombro, e uma vez mais senti seu lindo cabelo espalhado sobre mim, como a asa de um anjo, como eu costumava pensar, me lembro bem, e estava muito feliz de verdade.

Sentado assim, olhando o fogo e vendo figuras nas brasas vermelhas, quase acreditei que nunca havia ido embora; que o sr. e a srta.

Murdstone eram apenas figuras como aquelas que desapareceriam quando o fogo diminuía; e que nada havia de real no que eu lembrava, a não ser minha mãe, Peggotty e eu.

Peggotty cerzia uma meia quando conseguia enxergar, depois ficava com ela vestida na mão esquerda feito uma luva, a agulha na direita, pronta para dar mais um ponto assim que houvesse uma claridade. Não consigo imaginar de quem eram as meias que Peggotty estava sempre cerzindo, ou de onde podia vir um tão infindável suprimento de meias precisando cerzir. Desde a minha mais tenra infância, ela parecia estar sempre ocupada com esse tipo de costura e nunca com nenhum outro.

– Queria saber – disse Peggotty, que às vezes era tomada por um impulso de curiosidade sobre alguma questão inesperada – o que aconteceu com a tia-avó do Davy.

– Nossa, Peggotty – observou minha mãe, voltando de uma divagação –, que bobagem está dizendo!

– Bom, mas eu queria mesmo – disse Peggotty.

– O que pode ter feito essa pessoa aparecer na sua cabeça? – perguntou minha mãe. – Não tem mais ninguém no mundo em quem pensar?

– Não sei como é isso – disse Peggotty –, vai ver que é porque eu não sou inteligente, mas minha cabeça não consegue escolher e separar as pessoas. Elas vêm e vão ou não vêm e não vão, como bem entendem. Queria saber o que aconteceu com ela.

– Que absurdo, Peggotty – minha mãe respondeu. – Dá para pensar que você gostaria de uma outra visita dela.

– Deus me livre! – Peggotty exclamou.

– Pois então não fale dessas coisas desagradáveis, seja boazinha – disse minha mãe. – A senhorita Betsey está, sem dúvida, encerrada lá no chalé dela perto do mar e lá vai ficar. De qualquer forma, provavelmente não vai mais nos incomodar.

– Não! – Peggotty refletiu. – Não é nem um pouco provável mesmo. Queria saber se, quando ela morrer, vai deixar alguma coisa pro Davy.

– Minha nossa, Peggotty – retorquiu minha mãe –, que mulher mais

absurda você é, quando sabe muito bem que ela ficou ofendida com o simples nascimento do menino!

– Acho que ela ia sentir vontade de perdoar ele agora – Peggotty insinuou.

– Por que ela haveria de perdoar Davy agora? – disse minha mãe, bastante seca.

– Agora que ele tem um irmão, eu digo – Peggotty falou.

Imediatamente, minha mãe começou a chorar e se perguntou como Peggotty ousava dizer tal coisa.

– Como se esse pobre inocente no berço tivesse feito algum mal a você ou a qualquer outra pessoa, mulher ciumenta! –disse ela. – Você devia era casar com o senhor Barkis, o cocheiro. Por que não casa?

– A senhorita Murdstone ia ficar contente se eu casasse – disse Peggotty.

– Que mal-humorada você é, Peggotty! – minha mãe replicou. – Não pode ser mais ridículo o ciúme que tem da senhorita Murdstone. Você gostaria de cuidar das chaves e distribuir as coisas todas, talvez? Não seria surpresa para mim se quisesse isso. Quando sabe que ela só faz o que faz por bondade e com a melhor das intenções! Você sabe disso, Peggotty, sabe muito bem.

Peggotty resmungou algo como “Boa intenção, é? Sei!”, e mais alguma coisa sobre haver um pouco de boas intenções demais acontecendo.

– Sei o que quer dizer, sua mal-humorada – disse minha mãe. – Entendo você, Peggotty, perfeitamente. Você sabe que entendo, e me admira que não fique afogueada e vermelha. Mas uma coisa de cada vez. Estamos falando da senhorita Murdstone agora, Peggotty, e você não pode escapar. Não ouviu ela dizer e repetir que acha que eu sou muito desmiolada e muito... hã... hã...

– Linda – Peggotty sugeriu.

– Bom – minha mãe respondeu, meio rindo –, e se ela é tão boba a ponto de dizer isso, que culpa tenho eu?

– Ninguém falou que a culpa é sua – disse Peggotty.

– Não, espero que não mesmo! – replicou minha mãe. –Não ouviu ela

dizer, mais de uma vez, que com isso quer me poupar muito trabalho, para o qual acha que não sou capaz, e realmente eu própria não sei do *que* sou capaz? e ela não se levanta cedo e se deita tarde e está sempre para cá e para lá, não faz todo tipo de coisas, vai a tudo que é lugar, ao depósito de carvão e à despensa, e nem sei mais aonde, que não deve ser muito agradável – e você quer insinuar que não existe nisso uma espécie de dedicação?

– Eu não insinuo nada – disse Peggotty.

– Insinua, sim, Peggotty – respondeu minha mãe. – Você nunca faz nada além disso, a não ser seu trabalho. Está sempre insinuando. Adora isso. E quando fala das boas intenções do senhor Murdstone...

– Eu nunca falei disso – Peggotty replicou.

– Não, Peggotty – minha mãe retorquiu –, mas insinuou. Foi isso o que acabei de dizer. É o que você tem de pior. Você *insinua*. Eu disse, agora mesmo, que entendo você, e você sabe que entendo. Quando fala das boas intenções do senhor Murdstone e finge menosprezo por elas (porque não acredito que você menospreze de verdade, no seu coração, Peggotty), deve estar tão convencida da bondade delas quanto eu e como ele exerce isso em tudo. Se ele parece ter sido severo com uma certa pessoa, Peggotty, e você entende, e tenho certeza que Davy também, que não estou aludindo a ninguém presente, é apenas porque ele acredita ser para o bem dessa pessoa. Ele naturalmente ama uma certa pessoa por minha causa; e age exclusivamente pelo bem de certa pessoa. Ele é mais capaz de avaliar do que eu, porque sei muito bem que sou uma criatura fraca, simples, imatura, e ele um homem firme, grave, sério. E ele se dá – disse minha mãe com as lágrimas geradas por sua natureza afetuosa rolando pelo rosto –, ele não poupa esforços por mim; e devo ser muito grata a ele e submissa até em meus pensamentos. E quando não sou, Peggotty, me arrependo e me condeno e fico cheia de dúvidas em meu coração, sem saber o que fazer.

Peggotty estava sentada com o queixo apoiado no pé de meia, olhando o fogo, silenciosa.

– Então, Peggotty – disse minha mãe, mudando de tom –, não vamos nos desentender porque eu não suportaria isso. Você é minha amiga de

verdade, eu sei, se é que tenho alguma amiga no mundo. Quando digo que é ridícula, ou irritante, ou qualquer coisa assim, Peggotty, quero dizer apenas que é minha amiga de verdade e sempre foi, desde a noite em que o senhor Copperfield me trouxe para esta casa pela primeira vez e você foi me receber no portão.

Peggotty não demorou a responder e ratificou o tratado de amizade me dando um de seus melhores abraços. Acho que tive alguns relances do verdadeiro caráter dessa conversa na época; mas hoje tenho certeza de que a boa criatura começou a conversa e participou dela apenas para que minha mãe pudesse se consolar com o pequeno resumo contraditório que havia se permitido. A atitude foi eficaz, pois me lembro que minha mãe pareceu mais à vontade durante o resto da noite, e que Peggotty a vigiou menos.

Depois que tomamos o chá, as brasas foram cobertas com cinza, as velas apagadas, li para Peggotty um capítulo do Livro do Crocodilo para lembrar os velhos tempos (ela o tirou do bolso: não sei se o tinha guardado ali desde então) e depois falamos sobre a Salem House, o que me levou de novo a Steerforth, que era meu maior assunto. Estávamos muito felizes; e essa noite, última de sua espécie e destinada a encerrar para sempre esse volume de minha vida, nunca sairá de minha memória.

Eram quase dez horas quando ouvimos o som de rodas. Todos nos levantamos então; e minha mãe disse depressa que era muito tarde e que o sr. e a srta. Murdstone eram favoráveis a que crianças deitassem cedo, que talvez fosse melhor eu ir para a cama. Eu a beijei e subi imediatamente com minha vela, antes de eles entrarem. Em minha fantasia infantil, ao subir para o quarto onde eu havia sido prisioneiro, achei que eles trouxeram à casa uma rajada de ar frio que apagou a sensação familiar como uma chama.

De manhã, me senti incomodado de descer para o desjejum, uma vez que não tinha mais visto o sr. Murdstone desde o dia em que cometera o meu crime memorável. No entanto, como não podia escapar, desci, depois de dois ou três começos falsos no meio do caminho e outros tantos retornos ao meu quarto na ponta dos pés, e me apresentei à saleta.

Ele estava parado diante da lareira de costas para o fogo, enquanto a

srta. Murdstone preparava o chá. Olhou-me com firmeza quando entrei, mas não deu nenhum sinal de reconhecimento.

Depois de um momento de confusão, fui até ele e disse:

– Peço que me perdoe, meu senhor. Sinto muito pelo que eu fiz, e espero que me dê seu perdão.

– Fico contente de saber que está arrependido, David – ele respondeu.

A mão que estendeu para mim foi a mão que eu tinha mordido. Não pude impedir que meus olhos pairassem um instante na mancha vermelha sobre ela; mas não tão vermelha como fiquei ao deparar com aquela expressão sinistra em seu rosto.

– Como vai a senhora? – perguntei à srta. Murdstone.

– Ah, minha nossa! – suspirou a srta. Murdstone estendendo para mim a colher da caixa de chá em vez de sua mão. – Quanto tempo duram as férias?

– Um mês, sim, senhora.

– A partir de quando?

– A partir de hoje, sim, senhora.

– Ah – disse a srta. Murdstone. – Então, *um* dia a menos.

Ela manteve um calendário das férias dessa forma, e toda manhã riscava um dia exatamente da mesma maneira. Fez isso ameaçadoramente até chegar a nove, mas quando chegou aos dois algarismos, ficou mais esperançosa e, com o passar do tempo, até brincalhona.

Foi nesse primeiro dia que tive a má sorte de lançá-la, embora ela não fosse sujeita a essas fraquezas no geral, a um estado de violenta consternação. Entrei na sala onde ela e minha mãe estavam sentadas, e como o bebê (que tinha apenas poucas semanas) estava no colo de minha mãe, eu o peguei cuidadosamente nos braços. De repente, a srta. Murdstone deu tamanho grito que por pouco não o derrubo no chão.

– Minha querida Jane! – minha mãe exclamou.

– Meu Deus, Clara, não está vendo? – a srta. Murdstone exclamou.

– Ver o quê, minha querida Jane? – perguntou minha mãe – onde?

– Ele pegou o bebê! – a srta. Murdstone gritou. – O menino pegou o

bebê!

Ela ficou mole de horror, mas enrijeceu-se para saltar em cima de mim e tirá-lo de meus braços. Então, perdeu as forças e ficou tão mal que foram obrigados a lhe dar um gole de conhaque. Quando se recuperou, fui solenemente proibido por ela de tocar meu irmão outra vez, sob qualquer pretexto, e minha pobre mãe que, eu percebia, pensava diferente, mansamente confirmou a proibição, dizendo:

– Sem dúvida, tem razão, minha querida Jane.

Em outra ocasião, quando estávamos os três juntos, esse mesmo bebê querido, que realmente me era querido, por causa de nossa mãe, foi a causa inocente de outro arrebatamento da srta. Murdstone. Minha mãe, que estava olhando os olhos dele em seu colo, disse:

– Davy! Venha cá! – e olhou os meus.

Vi a srta. Murdstone deixar de lado suas contas.

– São exatamente iguais – minha mãe declarou, com delicadeza. – Devem ser iguais aos meus. Acho que são da cor dos meus. Mas são maravilhosamente parecidos.

– Do que está falando, Clara? – disse a srta. Murdstone.

– Minha querida Jane – minha mãe gaguejou, um pouco envergonhada pelo tom áspero da pergunta –, acho que os olhos do bebê e os de Davy são exatamente iguais.

– Clara – disse a srta. Murdstone, levantando-se, raivosa –, você é definitivamente tola às vezes!

– Minha querida Jane – protestou minha mãe.

– Definitivamente tola – disse a srta. Murdstone. – Quem mais poderia comparar o filho de meu irmão com seu menino? Eles não são nada parecidos. São exatamente diferentes. São absolutamente diversos sob todos os aspectos. Espero que continuem assim. Não vou ficar sentada aqui e ouvir essas comparações. – Com isso, saiu depressa da sala e bateu a porta ao passar.

Em resumo, eu não era nenhum favorito da srta. Murdstone. Em resumo, eu não era um favorito de ninguém ali, nem de mim mesmo, pois os que gostavam de fato de mim não podiam demonstrar, e os que

não gostavam demonstravam tão claramente que eu tinha uma dolorida consciência de sempre parecer constrangido, rude e sem brilho.

Sentia que os deixava tão incomodados como eles a mim. Se entrava numa sala em que estavam conversando e minha mãe parecia alegre, uma nuvem de ansiedade passava sobre seu rosto no momento em que eu entrava. Se o sr. Murdstone estava em seu melhor humor, eu o incomodava. Se a srta. Murdstone estivesse em seu pior, eu o intensificava. Tinha percepção suficiente para saber que minha mãe era sempre a vítima; que tinha medo de falar comigo ou ser boa comigo, para que eles não se ofendessem com sua maneira e lhe passassem um sermão depois; que ela estava incessantemente temerosa não só de ofendê-los, mas de que eu os ofendesse, e observava inquieta a expressão deles ao menor movimento meu. Portanto, resolvi me manter o máximo possível fora do caminho deles; e muitas horas invernais ouvi o relógio da igreja bater sentado em meu quarto, sem alegria, enrolado em meu pequeno sobretudo, debruçado sobre um livro.

À noitinha, às vezes, ia me sentar com Peggotty na cozinha. Lá ficava à vontade, sem medo de ser eu mesmo. Mas nenhum desses recursos era aprovado na sala. O humor tormentoso que dominava ali detinha a ambos. Eu ainda era considerado necessário para a educação de minha mãe, e, como um de seus encargos, não podia me ausentar.

– David – disse o sr. Murdstone um dia, depois do jantar, quando eu estava saindo da sala, como sempre –, sinto observar que você anda mal-humorado.

– Mais emburrado que um urso! – disse a srta. Murdstone.

Fiquei parado e baixei a cabeça.

– Ora, David – disse o sr. Murdstone –, um temperamento taciturno e obstinado é o pior que pode existir.

– E o do menino é, de todos os que já vi – observou sua irmã –, o mais duro e teimoso. Acho, minha querida Clara, que você deve ter observado isso.

– Desculpe, minha querida Jane – disse minha mãe –, mas vocês têm bem certeza, sem dúvida você vai me desculpar, minha querida Jane, de que entendem o Davy?

– Eu deveria sentir vergonha de mim mesma, Clara – retorquiu a srta. Murdstone – se não fosse capaz de entender o menino, ou qualquer menino. Não pretendo ser profunda, mas acredito ter bom senso.

– Sem dúvida, minha querida Jane – minha mãe replicou –, seu entendimento é muito vigoroso...

– Ah, não! Por favor, não diga isso, Clara – interpôs a srta. Murdstone, furiosa.

– Mas tenho certeza que sim – insistiu minha mãe –, e todo mundo sabe que sim. Eu mesma aproveito tanto isso, de muitas formas, pelo menos acho que sim, que ninguém pode estar mais convicta do que eu. E portanto com grande modéstia, minha querida Jane, afirmo que é assim.

– Digamos que eu não entenda o menino, Clara – insistiu a srta. Murdstone, ajeitando os botões dos punhos. – Podemos concordar, se quiser, que não entendo absolutamente o menino. Ele é difícil demais para mim. Mas talvez a capacidade de percepção de meu irmão permita que ele tenha alguma noção de seu caráter. E acredito que meu irmão estava falando do assunto quando nós, não muito educadamente, interrompemos o que dizia.

– Acredito, Clara – disse o sr. Murdstone com voz baixa e grave –, que deve haver juízes melhores e mais isentos que você sobre essa questão.

– Edward – replicou minha mãe, timidamente –, você é um juiz muito melhor do que eu pretenda ser em todas as questões. Você e Jane. Eu só disse que...

– Você disse uma coisa sem lógica e impensada – ele replicou. – Procure não fazer isso de novo, minha querida Clara, e atente para si mesma.

Os lábios de minha mãe se mexeram como se ela respondesse: “Sim, meu querido Edward”, mas ela não disse nada em voz alta.

– Sinto, David, ter observado – disse o sr. Murdstone, virando rigidamente a cabeça e os olhos para mim – que você é de temperamento mal-humorado. Esse não é um caráter que eu possa tolerar que se desenvolva sob os meus olhos sem me esforçar para que melhore. Deve se empenhar em mudar isso. Nós devemos nos empenhar em mudar isso

em sua pessoa.

– Sinto muito, meu senhor – gaguejei. – Nunca pretendi ser mal-humorado desde que voltei.

– Não se esconda atrás de uma mentira, rapaz! – ele retorquiu com tamanha ferocidade que vi minha mãe estender a mão trêmula como se quisesse se pôr entre nós. – Você se recolheu mal-humorado ao seu quarto. Permaneceu em seu quarto quando devia estar aqui. Agora sabe, de uma vez por todas, que exijo que esteja aqui e não lá. Além disso, exijo que seja obediente aqui. Já me conhece, David. Será como eu digo.

A srta. Murdstone deu uma risada áspera.

– Exijo um comportamento respeitoso, disposto e pronto para comigo – continuou ele –, para com Jane Murdstone e para com sua mãe. Não vou aceitar que esta sala seja evitada como se estivesse contaminada, ao bel-prazer de uma criança. Sente-se.

Ele me mandou sentar como a um cachorro e eu obedeci como um cachorro.

– Mais uma coisa – disse ele. – Percebo que tem uma tendência a companhia baixa e vulgar. Não deve se aproximar de criados. A cozinha não vai melhorar você em nada, sob os muitos aspectos em que precisa melhorar. Dessa mulher que mima você, não direi nada, uma vez que você, Clara – dirigiu-se a minha mãe em voz baixa –, por antigas ligações e caprichos enraizados há muito, tem por ela um fraco que ainda não superou.

– Um equívoco muito inadequado! – exclamou a srta. Murdstone.

– Só digo – retomou ele, dirigindo-se a mim – que não aprovo sua preferência por companhias como a senhorita Peggotty, e que isso tem de ser abandonado. Agora, David, me entenda bem, pois sabe qual será a consequência se deixar de me obedecer ao pé da letra.

Eu sabia bem, talvez melhor do que ele imaginava, no que dizia respeito a minha mãe, e o obedeci ao pé da letra. Não me retirei mais para meu quarto; não me refugiei mais com Peggotty, apenas me sentava na sala, dia após dia, à espera da noite e da hora de dormir.

Que enfadonha repressão enfrentei, sentado na mesma atitude hora

após hora, temendo mexer um braço ou uma perna para que a srta. Murdstone não reclamasse (como reclamava pelo menor motivo) de minha agitação, temendo mexer um olho para não surpreender algum olhar de antipatia ou de exame que pudesse encontrar nova causa de reclamação contra mim! Que intolerável enfado sentar imóvel a ouvir o tique-taque do relógio, observando as contas metálicas que a srta. Murdstone enfileirava, pensando se ela algum dia iria se casar, e se isso acontecesse, com que tipo de homem infeliz. E contava as divisões do molde da chaminé, vagando com os olhos para o teto, por entre as curvas e espirais do papel na parede!

Quantas caminhadas fiz sozinho por ruas enlameadas, no clima ruim do inverno, carregando aquela sala, e o sr. e a srta. Murdstone dentro dela, por toda parte: um fardo monstruoso que era obrigado a suportar, um pesadelo diurno que era impossível romper, um peso que abafava meus pensamentos e os amortecia!

Quantas refeições fiz em silêncio, embaraçado, sempre sentindo que havia uma faca e um garfo a mais, e que eram os meus; um apetite a mais e que era o meu; um prato e uma cadeira a mais que eram os meus; alguém a mais que era eu!

Quantas noites, quando vinham as velas, e esperava-se que eu me ocupasse, não ousando ler um livro divertido, mas que me debruçasse sobre algum tratado de aritmética de ideias rígidas e coração mais rígido; nos quais as tabelas de pesos e medidas se organizavam por música como “Rule Britannia” ou “Away with Melancholia” e não parava quieto para aprender, as ideias dançando em minha cabeça infeliz, entrando por um ouvido, saindo pelo outro!

Em quantos bocejos e cochilos deslizei apesar de todo meu cuidado; com quantos sustos saí de sonecas escondidas; quantas respostas nunca obtive às pequenas observações que raramente fazia; que espaço em branco eu parecia, que todo mundo ignorava e que, no entanto, atrapalhava a todos; que pesado alívio era escutar a srta. Murdstone chamar ao primeiro toque das nove da noite e me mandar para a cama!

Assim se arrastaram as férias, até chegar a manhã em que a srta. Murdstone disse: “Chegou o último dia!”, e me deu a xícara de chá de

encerramento das férias.

Não senti ir embora. Tinha caído em um estado de torpor, mas me recuperado um pouco ao pensar em Steerforth, apesar do sr. Creakle pairando atrás dele. Mais uma vez o sr. Barkis apareceu no portão e mais uma vez a srta. Murdstone disse em tom de alerta: “Clara!”, quando minha mãe se curvou para se despedir de mim.

Beijei minha mãe e meu irmãozinho e então fiquei triste; não triste por ir embora, porque a distância entre nós ali estava e a separação ali estava, todos os dias. E não é tanto o abraço que ela me deu que vive em minha mente, embora fosse tão ardente quanto possível, mas sim o que veio depois do abraço.

Eu estava já na carroça quando a ouvi me chamar. Olhei para fora e ela estava de pé sozinha no portão do jardim, erguendo o bebê nos braços para que eu visse. O ar estava frio e parado; e nem um fio de cabelo, nem uma dobra de seu vestido se mexiam enquanto ela olhava intensamente para mim, erguendo o bebê.

Assim a perdi. Assim a vi depois, em sonho na escola, uma presença silenciosa junto à cama, olhando para mim com a mesma intensidade, erguendo seu bebê nos braços.

IX

Um aniversário memorável

Passo por cima de tudo o que aconteceu na escola, até meu aniversário, que chegou em março. A não ser por Steerforth merecer mais admiração do que nunca, não me lembro de nada. Ele ia embora ao final do semestre, senão antes, e aos meus olhos estava mais animado e independente do que antes e portanto ainda mais interessante; mas fora isso não me lembro de nada. A grande lembrança que marca essa época em minha mente parece ter engolido todas as recordações menores, para existir sozinha.

É até difícil para mim acreditar que houve um espaço de dois meses inteiros entre minha volta à Salem House e a chegada desse aniversário. Só posso entender que o fato assim foi, porque sei que foi assim, senão me convenceria de que não houve intervalo e que uma ocasião se deu no calcanhar da anterior.

Como me lembro bem de como foi esse dia! Sinto o cheiro do fog que pairava sobre o lugar; vejo a geada branca, fantasmagórica, através dele; sinto meu cabelo úmido roçando, frio, no meu rosto; olho a perspectiva da sala de aula em penumbra, com uma vela estralejante aqui e ali para iluminar a manhã enevoada e o hálito dos meninos espiralando como fumaça no duro frio quando sopravam os dedos e batiam os pés no chão.

Era depois do café da manhã e nos haviam chamado do pátio, quando o sr. Sharp entrou na sala e disse:

– David Copperfield, para o salão.

Eu esperava um cesto de Peggotty, e me animei com a ordem. Alguns meninos à minha volta pediram que não me esquecesse deles na distribuição das coisas gostosas, quando saí de meu lugar com grande entusiasmo.

– Sem pressa, David – disse o sr. Sharp. – Tem muito tempo, meu rapaz, sem pressa.

Eu poderia ter me surpreendido com o tom delicado que ele usou, se tivesse prestado atenção, mas só atentei para isso depois. Fui depressa para o salão e lá encontrei o sr. Creakle sentado diante do desjejum com a bengala e um jornal à sua frente e a sra. Creakle com uma carta aberta na mão. Mas nenhuma cesta.

– David Copperfield – disse a sra. Creakle me conduzindo ao sofá e sentando-se a meu lado. – Quero falar com você muito particularmente. Tenho uma coisa para contar, meu filho.

O sr. Creakle, para quem olhei, evidentemente, sacudiu a cabeça sem olhar para mim e reprimiu um suspiro com um pedaço muito grande de torrada com manteiga.

– Você é muito novo para saber como o mundo se transforma a cada dia – disse a sra. Creakle – e como as pessoas se vão. Mas todos temos de aprender isso, David. Alguns de nós, quando somos novos, alguns quando mais velhos, alguns em todos os momentos da vida.

Olhei para ela intensamente.

– Quando você veio de casa no fim das férias – perguntou a sra. Creakle, depois de uma pausa –, estavam todos bem? – Depois de outra pausa: – Sua mamãe estava bem?

Estremeci sem saber com clareza por que, ainda olhando intensamente para ela, sem tentar responder.

– Porque – disse ela – lamento informar que agora de manhã fiquei sabendo que sua mamãe está muito doente.

Uma névoa se ergueu entre mim e a sra. Creakle e sua imagem pareceu se mover ali dentro por um instante. Então senti as lágrimas ardentes correrem por meu rosto e me controlei outra vez.

– Ela está gravemente doente – ela acrescentou.

Eu entendi então.

– Ela morreu.

Nem era preciso me dizer. Eu já tinha caído num pranto desolado e me sentia um órfão no vasto mundo.

Ela foi muito boa comigo. Me manteve ali o dia inteiro, me deixando a sós às vezes, e chorei até adormecer, acordei e chorei de novo. Quando

não tinha mais o que chorar, comecei a pensar; e então foi mais pesada a opressão em meu peito, minha tristeza, uma dor surda que não podia ser aliviada.

No entanto, meus pensamentos voavam, não concentrados na calamidade que pesava sobre meu coração, mas vagando a esmo em torno dele. Pensei em nossa casa trancada e silenciosa. Pensei no bebezinho que, disse a sra. Creakle, vinha definhando fazia algum tempo e que, acreditavam, morreria logo. Pensei no túmulo de meu pai no pátio da igreja perto de nossa casa e em minha mãe deitada debaixo da árvore que eu conhecia tão bem. Subi na cadeira quando me deixaram sozinho e olhei no espelho para ver o quanto meus olhos estavam vermelhos e como meu rosto estava triste. Com o passar das horas, me perguntei: se minhas lágrimas eram tão difíceis de correr agora como pareciam ser, o que, em relação à minha perda, me afetaria mais quando chegasse em casa? Pois eu ia para o enterro. Me lembro de sentir que me havia investido de uma dignidade diante dos outros meninos e que eu era importante em minha desgraça.

Se algum dia uma criança foi tocada por sincera tristeza, essa criança era eu. Mas me lembro que essa importância foi uma espécie de satisfação para mim ao sair no pátio essa tarde, quando os meninos estavam em aula. Quando vi que me olhavam pelas janelas ao irem para suas classes, me senti especial, fiquei ainda mais melancólico e andei mais devagar. Quando a aula terminou e eles saíram para conversar comigo, me senti de fato bem comigo mesmo por não ser orgulhoso com nenhum e tratar a todos igualmente, como antes.

Eu devia ir para casa na noite seguinte, não no carro de correio, mas na pesada diligência noturna que era chamada de Fazendeira e usada principalmente pelo pessoal do campo que viajava por distâncias curtas pela estrada. Não contei histórias essa noite e Traddles insistiu em me emprestar seu travesseiro. Não sei por que ele achou que isso seria bom para mim, visto que eu tinha o meu, mas era tudo o que ele tinha para oferecer, coitado, a não ser uma folha de papel de carta cheia de esqueletos, que ele me deu na despedida, como consolo para minha tristeza e contribuição à minha paz de espírito.

Deixei a Salem House na tarde do dia seguinte. Não pensei, na hora, que estava indo embora para nunca mais voltar. Viajamos devagar essa noite e só chegamos a Yarmouth às nove ou dez da manhã. Procurei o sr. Barkis, mas ele não estava lá; e em vez dele um velhinho gordo, ofegante, de aspecto alegre, vestido de preto com laços vermelhos desbotados na barra da calça que ia até os joelhos, meias pretas e um chapéu de abas largas, veio bufando até a janela da diligência e perguntou:

– David Copperfield?

– Sim, senhor.

– Pode vir comigo, rapazinho, por favor – disse ele, abrindo a porta –, e terei prazer em levar você para casa.

Segurei na mão dele, imaginando quem seria, e fomos para uma loja numa rua estreita, em cuja placa estava escrito: OMER, DECORADOR, ALFAIATE, ARMARINHO, FORNECEDOR FUNERÁRIO & C. Era uma lojinha fechada e abafada, cheia de toda sorte de tecidos, confeccionados ou não, inclusive uma vitrine repleta de cartolas e toucas. Fomos para uma saletinha atrás da loja, onde encontramos três moças trabalhando com uma quantidade de tecido preto, empilhado em cima da mesa, o chão cheio de retalhos e pequenos pedaços de pano. Havia uma boa lareira na sala e um cheiro sufocante de crepe preto aquecido – na época, eu não sabia o que era aquele cheiro, mas agora sei.

As três moças, que pareciam muito diligentes e à vontade, ergueram a cabeça para olhar para mim e continuaram trabalhando. Costurando, costurando, costurando. Ao mesmo tempo, vinha de uma oficina do outro lado de um pequeno pátio do lado de fora da janela um som de marteladas que mantinha um ritmo: RAT-tat-tat, RAT-tat-tat, RAT-tat-tat, sem variação.

– Bom! – disse meu guia a uma das moças. – Como está indo, Minnie?

– Vai estar pronto para a hora da prova – ela respondeu, alegremente, sem erguer os olhos. – Não se preocupe, pai.

O sr. Omer tirou seu chapéu de aba larga, sentou-se e ofegou. Era tão gordo que foi forçado a ofegar durante algum tempo antes de dizer:

– Está certo.

– Pai! – disse Minnie, brincando. – Como o senhor está engordando!

– Bom, eu não sei por que isso, minha querida – ele replicou, pensativo. – *Estou* mesmo.

– O senhor é um homem tão tranquilo, sabe? – disse Minnie. – Leva tudo com tanta calma.

– Não adianta ser de outro jeito, querida – disse o sr. Omer.

– Não mesmo – a filha respondeu. – Nós somos todos bem alegres aqui, graças a Deus! Não somos, pai?

– Acredito que sim, querida – disse o sr. Omer. – Como recuperei o fôlego agora, acho que vou tirar as medidas deste jovem estudante aqui. Pode vir até a loja comigo, senhor Copperfield?

Segui à frente do sr. Omer, atendendo seu pedido, e depois de me mostrar um rolo de tecido que disse ser superextra e bom demais para qualquer luto que não fosse pelos pais, tirou minhas várias medidas, que anotou num caderno. Enquanto estava escrevendo, chamou minha atenção para a sua profissão e para certas modas que disse terem "acabado de aparecer" e certas outras modas que disse terem "acabado de passar".

– E por causa disso, sempre se perde um tantinho de dinheiro – disse o sr. Omer. – Mas as modas são como os seres humanos. Surgem ninguém sabe quando, como ou por que, e desaparecem ninguém sabe quando, como ou por quê. Na minha opinião, é tudo como a vida, se a gente olha desse ponto de vista.

Eu estava triste demais para discutir a questão que, de qualquer modo, estava além da minha compreensão, e o sr. Omer me levou de volta à sala, respirando com alguma dificuldade no trajeto.

Ele então chamou para dentro de uma escada perigosamente íngreme atrás de uma porta:

– Traga o chá e pão com manteiga! – coisas que, depois de algum tempo, durante o qual fiquei sentado olhando em torno e pensando, ouvindo a costura na sala e o ritmo que batia do outro lado do pátio, apareceram numa bandeja e que eram para mim.

– Eu conheço você – disse o sr. Omer, depois de olhar para mim

alguns minutos, durante os quais o desjejum não me impressionou muito porque aquelas coisas pretas acabavam com meu apetite. – Conheço você há um bom tempo, meu amiguinho.

– Conhece, senhor Omer?

– Sua vida inteira – disse o sr. Omer. – Posso dizer que até antes disso. Conheci seu pai antes de você. Ele media um metro e setenta e cinco e jaz em sete metros e meio de chão.

RAT-tat-tat, RAT-tat-tat, RAT-tat-tat – do outro lado do pátio.

– Ele jaz em sete metros e meio de chão, ou quase isso – disse o sr. Omer, amavelmente. – Foi pedido dele ou determinação dela, não me lembro qual.

– Sabe como está meu irmãozinho, senhor Omer? – perguntei.

O sr. Omer sacudiu a cabeça.

RAT-tat-tat, RAT-tat-tat, RAT-tat-tat.

– Ele está nos braços de sua mãe – disse ele.

– Ah, coitadinho! Morreu?

– Não se preocupe além do que pode aguentar – disse o sr. Omer. – É. O bebê morreu.

Minhas feridas se abriram de novo com essa informação. Deixei o desjejum que mal tocara, fui e deitei a cabeça em outra mesa num canto da salinha, que Minnie liberou depressa para que eu não manchasse com minhas lágrimas os tecidos de luto que ali estavam. Ela era uma moça muito boa e afastou meu cabelo dos olhos com um toque delicado, mas, muito contente por ter quase terminado seu trabalho a tempo, estava muito diferente de mim!

Então o ritmo parou e um rapaz bonito atravessou o pátio e entrou na sala. Tinha um martelo na mão e a boca cheia de pequenos pregos que foi obrigado a pegar antes de poder falar.

– Bom, Joram! – disse o sr. Omer. – Como *você* está indo?

– Tudo bem – disse Joram. – Está pronto, sim, senhor.

Minnie ficou um pouco vermelha e as outras duas moças sorriram uma para a outra.

– O quê! Então você trabalhou à luz de vela a noite passada enquanto

eu estava no clube? Foi? – perguntou o sr. Omer, piscando um olho.

– Isso mesmo – disse Joram. – Como o senhor disse que a gente podia fazer essa pequena viagem, os dois juntos, Minnie e eu, quando estivesse pronto... e o senhor...

– Ah! Achei que ia me deixar para trás – disse o sr. Omer, rindo até tossir.

– ... como o senhor teve a bondade de dizer isso – retomou o rapaz –, trabalhei com mais vontade, sabe? Pode me dar sua opinião?

– Posso – disse o sr. Omer, levantando-se. – Meu caro – ele parou e virou para mim –, gostaria de ver o...

– Não, pai – Minnie interrompeu.

– Achei que podia ser agradável, querida – disse o sr. Omer. – Mas talvez você tenha razão.

Não sei dizer como eu sabia que era o caixão de minha muito querida mãe que eles iam olhar. Nunca tinha ouvido um caixão ser feito; nunca tinha visto um, que eu soubesse, mas me veio à mente o que significava aquele ritmo enquanto estava soando; e quando o rapaz entrou, tive a certeza de que sabia o que ele estava fazendo.

Terminado agora o trabalho, as duas moças, cujos nomes eu não sabia, removeram os fiapos e fios de seus vestidos e foram à loja para arrumar tudo e esperar os clientes. Minnie ficou para trás, dobrando o que tinham feito e embalando em dois cestos. Isso ela fez sobre os joelhos, cantarolando uma melodia animada todo o tempo. Joram, que sem dúvida era seu namorado, entrou e roubou-lhe um beijo enquanto ela estava ocupada (ele pareceu não se importar em nada com minha presença) e disse que o pai dela tinha ido buscar a carruagem e que ele precisava se apressar e aprontar-se. Então saiu outra vez e ela pôs o dedal e a tesoura no bolso, espetou uma agulha enfiada com linha preta cuidadosamente no peito do vestido e arrumou com cuidado o casaco de sair diante de um pequeno espelho atrás da porta, no qual vi o reflexo de seu rosto satisfeito.

Tudo isso observei sentado na mesa do canto, com a cabeça apoiada na mão e os pensamentos percorrendo coisas muito diversas. A

carruagem logo parou na frente da loja, os cestos foram carregados primeiro, eu embarquei em seguida e os três depois. Me lembro que era uma espécie de meio carruagem, meio transporte de piano, pintada de cor sombria e puxada por um cavalo preto de cauda comprida. Havia muito espaço para todos nós.

Não creio ter experimentado antes uma sensação tão estranha em minha vida (hoje sou mais experiente, talvez) como a de estar com eles, lembrando em que estavam ocupados e vendo como se divertiam com o passeio. Não me zanguei com eles, senti mais foi medo deles, como se estivesse perdido entre criaturas com quem não tinha nada em comum. Eram muito alegres. O velho sentado à frente para conduzir e os dois jovens atrás dele, e sempre que ele lhes falava, se inclinavam um de um lado, outro do outro, de seu rosto alegre com muita atenção. Teriam conversado comigo também, mas eu me mantive no fundo, deprimido em meu canto, assustado com seus risos e animação, embora não fossem nem de longe ruidosos, e quase me surpreendia o fato de não terem nenhuma consciência de seu coração de pedra.

Então, quando pararam para alimentar o cavalo, para comer, beber e se divertir, não consegui tocar nada do que eles tocaram, e continuei em jejum. Então, quando chegamos em casa, desci de trás da carruagem o mais depressa possível para não estar na companhia deles diante daquelas janelas solenes, olhando cegamente para mim como olhos brilhantes, agora fechados.

Caí nos braços de Peggotty antes de chegar à porta e ela me levou para dentro de casa. Sua tristeza explodiu quando me viu, mas ela logo a controlou, falando em sussurros e pisando de leve como se pudesse incomodar os mortos. Descobri que havia muito nem se deitava. Passava a noite sentada, imóvel, velando. Enquanto sua pobre linda querida estivesse acima da terra, disse, nunca a abandonaria.

O sr. Murdstone não registrou minha presença quando entrei na sala onde ele estava, mas, sentado ao lado da lareira, chorava em silêncio, pensativo em sua poltrona. A srta. Murdstone, que estava ocupada em sua escrivaninha coberta de cartas e papéis, me estendeu as unhas frias e perguntou, num sussurro de ferro, se eu tinha tirado as medidas para

meu traje de luto.

Respondi:

– Tirei.

– E suas camisas – perguntou a srta. Murdstone –, trouxe para casa?

– Trouxe, sim, senhora. Trouxe todas as minhas roupas.

Esse foi todo o consolo que a firmeza dela dedicou a mim. Não tenho dúvida de que ela sentia prazer especial em exibir, numa tal ocasião, o que chamava de autocontrole e firmeza, força de vontade e bom senso e todo o diabólico catálogo de suas qualidades desagradáveis. Tinha orgulho sobretudo de saber cuidar dos negócios; e demonstrava isso agora reduzindo tudo a pena e tinta, sem se comover com nada. Durante todo o resto do dia, e da manhã à noite nos dias seguintes, ela ficou sentada àquela escrivaninha, raspando tranquilamente a pena dura, falando com o mesmo sussurro imperturbável com todo mundo, sem nunca relaxar um músculo da face, nem amaciar o tom de voz, nem deixar um átomo do vestido desarrumado.

Seu irmão às vezes pegava um livro, mas não lia, pelo que eu percebesse. Abria-o e ficava olhando como se lesse, mas passava uma hora inteira sem virar a página, depois o punha de lado e andava de um lado para outro da sala. Eu ficava sentado com as mãos juntas, observando-o e contando seus passos, hora após hora. Raramente ele falava com ela e nunca comigo. Ele parecia ser a única coisa inquieta, além dos relógios, em toda a casa imobilizada.

Nesses dias anteriores ao funeral, estive muito pouco com Peggotty, só quando, subindo ou descendo a escada, eu a via sempre perto do quarto onde jaziam minha mãe e o bebê, e à noite quando ela vinha e sentava ao lado da cabeceira da minha cama até eu dormir. Um dia ou dois antes do enterro, acho que foi um dia ou dois antes, mas tenho consciência de confusão em minha mente sobre aquele momento pesaroso, sem nada para marcar a passagem do tempo, ela me levou ao quarto. Só me lembro é que debaixo de uma coberta branca da cama, com a bela limpeza e frescor de tudo em torno, me parecia estar incorporada toda a solene imobilidade da casa; e quando ela ia delicadamente erguer a coberta, exclamei: “Ah, não! Não!”, e segurei sua mão.

Se o funeral tivesse sido ontem, eu não me lembraria melhor. O próprio ar da sala boa, quando entrei pela porta, a intensidade do fogo na lareira, o brilho do vinho nas garrafas, os conjuntos de copos e pratos, o cheiro doce de bolo, o odor do vestido da srta. Murdstone e de nossas roupas pretas. O dr. Chillip está na sala e vem falar comigo.

– E como está você, David? – ele pergunta, com gentileza.

Não consigo responder direito. Estendo a mão, que ele segura na dele.

– Nossa! – diz o dr. Chillip sorrindo mansamente, com os olhos brilhando. – Nossos amiguinhos crescem à nossa volta. Crescem que nem percebemos, a senhora não acha?

Diz isso à srta. Murdstone, que não responde.

– Não vê aqui um grande progresso? – diz o dr. Chillip.

A srta. Murdstone responde apenas com um franzir de sobrancelhas e uma inclinação formal; frustrado, o dr. Chillip vai para um canto, me levando com ele, e não abre mais a boca.

Falo disso porque falo de tudo o que aconteceu, não porque me importe, ou tenha me importado desde que voltei para casa. Então o sino começa a tocar, o sr. Omer e um outro entram para os preparativos. Como Peggotty costumava me contar, muito tempo antes, os que levaram meu pai ao mesmo túmulo prepararam tudo na mesma sala.

Lá está o sr. Murdstone, nosso vizinho o sr. Grayper, o dr. Chillip e eu. Quando saímos, os portadores e o caixão estão no jardim e seguem à nossa frente pelo caminho, passando pelos olmos, pelo portão, até o adro da igreja onde tantas vezes ouvi os pássaros cantarem numa manhã de verão.

Paramos em torno do túmulo. O dia me parece diferente de todos os outros dias e a luz não da mesma cor – mas de uma cor mais triste. Faz-se um silêncio solene, que trouxemos de casa com aquilo que repousa na terra, e ali parados, de cabeça descoberta, ouvimos a voz do pastor, soando remota ao ar livre e ainda assim clara e nítida, dizendo: “Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Senhor!”. Então, ouço soluços e, afastada de todos os presentes, vejo aquela boa e fiel criada, que de todas as pessoas do mundo eu mais amo e sobre a qual meu coração infantil tem a certeza

de que o Senhor um dia dirá: “Bem está, bom e fiel servo”.{5}

Há muitos rostos que conheço na pequena multidão; rostos que conheci na igreja, quando o meu estava sempre olhando; rostos que viram primeiro minha mãe, quando ela veio à cidade na flor de sua juventude. Não dou atenção a eles, não dou atenção a nada além de minha dor, e no entanto vejo e conheço todos. E mesmo ao fundo, longe, vejo Minnie observando, seu olhar procurando o namorado que está perto de mim.

Tudo terminado, o túmulo coberto de terra, voltamos. Diante de nós a nossa casa, tão bonita, tão impassível, tão ligada em minha mente à jovem ideia do que já passou, que toda minha tristeza não foi nada diante da tristeza que me evoca. Mas me levam; o dr. Chillip conversa comigo e, quando chegamos em casa, me faz beber água e, quando peço para subir ao meu quarto, me dispensa com a delicadeza de uma mulher.

Tudo isso, como disse, aconteceu ontem. Acontecimentos posteriores flutuaram para longe de mim, para as margens onde todas as coisas esquecidas reaparecem, mas isso se ergue como uma alta rocha no oceano.

Sabia que Peggotty iria ao meu encontro em meu quarto. A quietude de Shabat (o dia parecia tanto um domingo, tinha me esquecido disso!) era adequada a nós dois. Ela sentou a meu lado em minha cama, segurou minha mão, que às vezes levava aos lábios, às vezes acariciava com a dela, como teria confortado meu irmãozinho, e me contou, à sua maneira, tudo o que tinha de contar referente ao que acontecera.

– Durante muito tempo – disse Peggotty –, ela nunca estava boa. Nunca sabia o que pensar, e infeliz. Quando o bebê nasceu, achei, no começo, que ela ia melhorar, mas ficou mais delicada e foi caindo um pouco cada dia. Ela gostava de ficar sozinha antes do bebê chegar, e chorava; mas depois, cantava pra ele, tão macio, que uma vez pensei, quando ouvi, que era uma voz no ar, que ia subir e sumir. Acho que ela ficou mais tímida e mais assustada no final; e que qualquer palavra dura era um golpe. Mas era sempre igual comigo. Ela nunca mudou com a tonta Peggotty aqui, não mudou, a minha querida.

Peggotty parou então e por um momento deu tapinhas em minha

mão.

– A última vez que vi ela como sempre era foi na noite que você voltou pra casa, meu querido. No dia que você foi embora, ela falou pra mim: "Nunca mais vou ver o meu querido. Alguma coisa me diz isso, e acho que é verdade, eu sei". Depois, ela tentou resistir, e muitas vezes, quando diziam que ela era desmiolada e descuidada, ela acreditava; mas agora ficou tudo pra trás. Ela nunca falou pro marido o que falava pra mim, tinha medo de falar pra qualquer outra pessoa, até uma noite, pouco mais de uma semana antes de acontecer, que ela disse pra ele assim: "Meu querido, acho que estou morrendo". E pra mim ela falou, quando fui ajeitar ela na cama essa noite: "Agora tirei da cabeça, Peggotty. Ele vai acreditar cada vez mais, coitado, cada dia por mais alguns dias e aí vai passar tudo. Estou muito cansada. Se isto for sono, fique comigo enquanto eu durmo: não me deixe. Deus abençoe meus dois filhos! Deus proteja e cuide de meu filho sem pai!". Eu nunca mais saí do lado dela – disse Peggotty. – Ela sempre conversava com aqueles dois lá embaixo, porque amava os dois; não conseguia deixar de amar qualquer um que estivesse do lado dela, mas quando eles saíam do lado da cama dela, virava pra mim, como se existisse descanso onde Peggotty estava e nunca dormia de nenhum outro jeito. Na última noite, de noitinha, ela me beijou e disse: "Se meu bebê morrer também, Peggotty, por favor faça eles deixarem que ele fique nos meus braços e que enterrem nós dois juntos". (Assim foi feito; o pobrezinho só viveu um dia a mais que ela.) "Que o meu menino mais querido nos acompanhe até o nosso repouso", ela falou, "e diga que a mãe dele, quando ainda estava aqui, deixou não uma, mas mil bênçãos para ele."

Outro silêncio se seguiu e mais uns toques delicados em minha mão.

– Era bem tarde da noite – disse Peggotty – quando ela me pediu um pouco d'água. Depois que tomou, me deu um sorriso tão paciente, a querida!... Tão bonita!... O dia chegou, o sol estava subindo quando ela me contou o quanto o senhor Copperfield sempre foi bondoso e atencioso com ela e como ele tinha lidado com ela e falado, quando ela fraquejava, que um coração amoroso era melhor e mais forte que esperteza, e que ele era um homem feliz do lado dela. "Peggotty, meu bem", ela disse então,

“chegue mais perto de mim”, porque estava muito fraca. “Passe o seu braço debaixo do meu pescoço”, ela falou, “e me vire pra você, porque seu rosto está ficando longe e quero que fique perto.” Fiz o que ela pediu e, ah!, Davy!, chegou a hora que confirmou o que eu disse pra você quando a gente se despediu, que ela gostava de deitar a pobre cabeça nos braços da idiota da mal-humorada da Peggotty aqui, e ela morreu que nem uma criança que adormece!

Peggotty encerrou assim sua narrativa. A partir do momento em que soube da morte de minha mãe, a ideia dela como tinha sido nos últimos tempos desapareceu para mim. Me lembrei dela, a partir daquele instante, apenas como a jovem mãe de minhas primeiras impressões, que costumava enrolar os cachos brilhantes do cabelo com o dedo e dançar comigo na sala ao anoitecer. Longe de me levar de volta ao último período, o que Peggotty me contou naquele momento enraizou em minha cabeça uma imagem anterior. Pode ser curioso, mas é verdade. Na morte, ela voou de volta para sua calma e despreocupada juventude e cancelou todo o resto.

A mãe que estava no túmulo era a mãe de minha infância; a criaturinha em seus braços era eu, como fui um dia, silenciado para sempre em seu peito.

X

Abandonado e sustentado

O primeiro ato administrativo da srta. Murdstone, realizado no dia em que a solenidade terminou e deixou-se entrar luz livremente na casa, foi dar a Peggotty um mês de aviso prévio. Por mais que Peggotty desgostasse daquele emprego, acredito que, por mim, ela o teria mantido de preferência ao melhor da Terra. Ela me disse que tínhamos de nos separar e contou por que e nos compadecemos mutuamente com toda a sinceridade.

Quanto a mim ou a meu futuro, não foi dita nem uma palavra, nenhuma atitude tomada. Felizes eles ficariam, eu diria, se pudessem me dispensar com um mês de aviso prévio também. Um dia, reuni coragem e perguntei à srta. Murdstone se eu ia voltar para a escola; e ela respondeu secamente que achava que eu não voltaria de jeito nenhum. Nada mais me foi dito. Eu estava muito ansioso para saber o que seria de mim, assim como Peggotty, mas nem ela nem eu conseguíamos nenhuma informação sobre o assunto.

Houve uma mudança em minha situação que, embora aliviasse em grande medida minha ansiedade presente, podeter me tornado, fosse eu capaz de considerá-la em detalhe, ainda mais inquieto quanto ao futuro. Foi a seguinte. A repressão que havia sido exercida sobre mim foi totalmente abandonada. Estava tão longe de ser obrigado a manter meu tedioso posto no salão que em diversas ocasiões, quando me sentei lá, a srta. Murdstone fechou a carranca e me mandou embora. Eu estava tão longe de ser alertado quanto à companhia de Peggotty que, contanto que não estivesse na companhia do sr. Murdstone, nunca era procurado, nem inquirido. No começo, estava constantemente horrorizado com a possibilidade de ele assumir de novo a minha educação ou que a srta. Murdstone se dedicasse a isso. Mas logo comecei a pensar que esses temores eram infundados e que tudo que eu podia esperar era abandono.

Não acredito que essa descoberta tenha me causado muita dor na época. Ainda estava tonto com o choque da morte de minha mãe e num estado de amortecimento diante de tudo o que era supérfluo. Me lembro, de fato, de ter especulado uma vez ou outra sobre a possibilidade de não ir mais à escola e não ter mais quem cuidasse de mim; e me tornar um homem maltrapilho e taciturno, levando uma vida ociosa pela aldeia; assim como sobre a possibilidade de me livrar desse quadro indo para algum outro lugar, como o herói de uma história, em busca de meu destino. Mas eram visões transitórias, divagações que me ocorriam às vezes, como se fossem tenuemente pintadas ou escritas na parede de meu quarto e que, quando se dissolviam, deixavam a parede vazia outra vez.

– Peggotty – perguntei uma noite, num sussurro preocupado, quando estava aquecendo as mãos no fogão da cozinha –, o sr. Murdstone gosta de mim menos do que antes. Nunca gostou muito de mim, Peggotty, mas agora preferia nem me ver mais, se pudesse.

– Quem sabe é a tristeza dele – disse Peggotty, acariciando meu cabelo.

– Com certeza, Peggotty, eu também estou triste. Se achasse que era a tristeza dele, nem me preocupava. Mas não é isso, ah, não, não é isso.

– Como você sabe que não é isso? – Peggotty perguntou, depois de um silêncio.

– Ah, a tristeza dele é outra coisa muito diferente. Ele está triste neste momento, sentado diante da lareira com a srta. Murdstone, mas se eu entrar na sala, Peggotty, ele fica outra coisa além de triste.

– Fica como? – Peggotty perguntou.

– Zangado – respondi com uma imitação involuntária de sua testa franzida. – Se ele só estivesse triste, não olhava para mim como olha. *Eu* estou só triste e isso me deixa mais atencioso.

Peggotty não disse nada durante um momento e fiquei aquecendo as mãos tão silencioso como ela.

– Davy – ela acabou dizendo.

– Diga, Peggotty?

– Eu tentei, meu bem, de todo jeito que pude, resumindo, de todo jeito

que existe e todo jeito que não existe, conseguir um emprego direito aqui em Blunderstone, mas não existe isso aqui, meu bem.

– E o que você pretende fazer, Peggotty? – perguntei, preocupado. – Você vai partir em busca do seu destino?

– Acho que vou ser obrigada a ir pra Yarmouth – Peggotty replicou –, morar lá.

– Podia ir para mais longe ainda – eu disse, um pouco aliviado –, e seria como se eu te perdesse. Vou ver você lá às vezes, minha querida Peggotty. Não é exatamente o outro lado do mundo, não é?

– Ao contrário, se Deus quiser! – Peggotty exclamou, com grande animação. – Se você continuar aqui, meu benzinho, venho toda semana da minha vida visitar você. Um dia, toda semana da minha vida!

Senti que essa promessa tirava um grande peso de minha mente, mas mesmo isso não era tudo, pois Peggotty continuou e disse:

– Sabe, Davy, vou primeiro pra casa do meu irmão, fazer mais uma visita de quinze dias, só até ter tempo de ver como vão ser as coisas e voltar a ser mais ou menos como era antes. Ora, estou pensando que talvez, como eles não querem você aqui agora, pode ser que deixem você ir junto comigo.

Se alguma coisa, por exemplo, estabelecer uma relação diferente com todos à minha volta, exceto Peggotty, podia me dar algum prazer naquele momento, era esse projeto e nenhum outro. A ideia de estar de novo em meio àqueles rostos francos, brilhando à minha chegada; de renovar a tranquilidade de uma doce manhã de domingo, quando os sinos tocam, as pedras escorrem água e os navios sombrios rompem a névoa; de passear para lá e para cá com a pequena Em'ly, contando a ela meus problemas e encontrando alívio para eles nas conchas e seixos da praia, trouxe paz ao meu coração. Que se perturbou no momento seguinte, com certeza, pela dúvida de que a srta. Murdstone fosse consentir. Mas até mesmo isso logo se resolveu, pois ela entrou para dar uma espiada na despensa quando ainda estávamos conversando e Peggotty, com uma ousadia que me surpreendeu, puxou o assunto imediatamente.

– O menino vai ficar ocioso lá – disse a srta. Murdstone, olhando o frasco de picles –, e o ócio é a raiz de todo mal. Mas com toda certeza vai

ficar ocioso aqui, ou em qualquer lugar, na minha opinião.

Peggotty tinha uma resposta malcriada pronta, dava para ver, mas engoliu-a por mim e manteve silêncio.

– Hum – fez a srta. Murdstone ainda olhando os picles –, o mais importante de tudo, absolutamente importante, é que meu irmão não seja incomodado, nem perturbado. Acho que é melhor eu dizer sim.

Agradeci, sem dar nenhuma demonstração de alegria, para não levá-la a retirar a permissão. Nem pude evitar considerar essa atitude prudente quando ela desviou o olhar dos picles para mim com tamanha acidez nos olhos que parecia que haviam absorvido o conteúdo do frasco. Entretanto, a permissão foi dada e nunca retirada, e quando o mês se esgotou, Peggotty e eu estávamos prontos para partir.

O sr. Barkis veio até a casa para pegar os baús de Peggotty. Nunca antes o vi ultrapassar o portão do jardim, mas nessa ocasião entrou na casa. E ao levar no ombro o baú maior e sair, me deu um olhar que achei ter um sentido, se é que podia dizer que algum sentido conseguia encontrar espaço no rosto do sr. Barkis.

Peggotty estava naturalmente deprimida por ir embora daquela que havia sido sua casa durante tantos anos e onde haviam se formado as duas grandes ligações afetivas de sua vida: minha mãe e eu. Ela foi também à igreja de manhã muito cedo. E entrou no carro, acomodando-se enquanto enxugava os olhos com o lenço.

Enquanto ela permaneceu nesse estado, o sr. Barkis não deu nenhum sinal de vida. Ficou em seu lugar, na atitude de sempre, como uma grande figura embalsamada. Mas quando ela começou a olhar em torno e a falar comigo, ele balançou a cabeça e sorriu diversas vezes. Não tenho a menor ideia de para quem ou o que ele pretendia com isso.

– Está um lindo dia, senhor Barkis! – eu disse, num gesto de gentileza.

– Nada mau – disse o sr. Barkis, que sempre generalizava e raramente se comprometia.

– Peggotty está bem acomodada agora, senhor Barkis – observei, para satisfação dele.

– Tá, é? – disse o sr. Barkis.

Depois de refletir, com um ar sagaz, o sr. Barkis olhou para ela e disse:

– Tá *bem* acomodada?

Peggotty riu e deu uma resposta afirmativa.

– Mas de verdade mesmo, sabe. Tá, é? – grunhiu o sr. Barkis deslizando para mais perto dela no banco e cutucando-a com o cotovelo. – Tá? Bem acomodada mesmo de verdade? Tá? Hein? – A cada pergunta dessas, o sr. Barkis chegava mais perto dela e lhe dava outra cotovelada, de forma que acabamos todos apertados no canto esquerdo do carro, e eu tão apertado que mal podia suportar.

Quando Peggotty chamou a atenção dele para o meu sofrimento, o sr. Barkis imediatamente me deu um pouco mais de espaço e foi se afastando aos poucos. Mas não pude deixar de observar que ele parecia achar ter encontrado um maravilhoso expediente para se expressar de uma maneira clara, agradável e decidida, sem o inconveniente de inventar uma conversa. Ele sorriu abertamente por causa disso durante algum tempo. Aos poucos, virou-se de novo para Peggotty e repetindo: "Então tá bem acomodada?", se apertou contra nós como antes, até eu quase não conseguir mais respirar. Pouco depois, fez outro avanço sobre nós com a mesma pergunta e o mesmo resultado. Por fim, eu me levantava sempre que o via chegando e ficava de pé no estribo, fingindo olhar a paisagem; e com isso me dei muito bem.

Ele teve a gentileza de parar numa taverna, expressamente por nossa causa, para nos brindar com carneiro grelhado e cerveja. Peggotty estava no ato de beber quando ele foi tomado por uma daquelas aproximações e quase a fez engasgar. Mas quando fomos chegando ao fim da viagem, ele tinha mais o que fazer e menos tempo para cavalheirismo; e quando alcançamos a estrada pavimentada de Yarmouth, estávamos todos muito abalados e sacudidos, na minha opinião, para ter disposição para qualquer outra coisa.

O sr. Peggotty e Ham esperavam por nós no mesmo lugar. Receberam a mim e a Peggotty muito afetuosamente e apertaram a mão do sr. Barkis, que, com o chapéu empurrado para trás da cabeça, um ar envergonhado no rosto que descia até as pernas inquietas, apresentava

apenas uma aparência vazia, eu achei. Cada um pegou um baú de Peggotty, e estávamos a caminho quando o sr. Barkis, com um gesto solene do indicador, me chamou para baixo de um arco.

– Escute – grunhiu o sr. Barkis –, foi tudo bem.

Olhei para o rosto dele e respondi, com uma tentativa de ser muito profundo:

– Ah!

– Não vai ficar só naquilo, não – disse o sr. Barkis, balançando a cabeça confidencialmente. – Foi tudo bem.

De novo respondi:

– Ah!

– O senhor sabe quem estava disposto – disse meu amigo. – Era o Barkis e só o Barkis.

Assenti com a cabeça.

– Tudo bem – disse o sr. Barkis apertando minha mão –, eu sou seu amigo. O senhor fez tudo direitinho, fez sim. Tudo bem.

Em suas tentativas de ser especialmente lúcido, o sr. Barkis ficava extremamente misterioso, de tal forma que eu podia ficar olhando para a cara dele uma hora e com toda certeza obteria a mesma informação que se olhasse o mostrador de um relógio parado, mas Peggotty estava me chamando. Quando continuamos, ela me perguntou o que ele havia dito e contei que ele tinha dito que estava tudo bem.

– Que sem-vergonha – disse Peggotty –, mas eu não ligo! Davy, meu bem, o que você diria se eu pensasse em me casar?

– Ora... você ia continuar gostando de mim, Peggotty, igual você gosta agora? – retorqui depois de uma breve consideração.

Para grande perplexidade dos transeuntes, assim como de seus parentes que iam na frente, a boa alma se viu obrigada a parar e me abraçar ali mesmo, com muitos protestos de amor inalterável.

– Me diga o que você ia achar, meu bem? – ela insistiu, quando isso terminou e estávamos andando outra vez.

– Se você estivesse pensando em se casar... com o senhor Barkis, Peggotty?

– É – disse Peggotty.

– Acho que seria uma coisa muito boa. Porque então, sabe, Peggotty, você ia ter sempre o cavalo e o carro para ir me ver, podia viajar de graça e ter certeza de ir.

– Como é inteligente esse menino! – Peggotty exclamou. – É o que fiquei pensando todo esse mês passado! É, meu bem, e acho que eu ia ficar mais independente também, sabe, sem falar que ia trabalhar com mais gosto na minha própria casa, do que na de qualquer outra pessoa. Não sei mais se sirvo pra ser criada de gente estranha agora. E quero estar sempre perto do lugar de descanso da minha querida – disse Peggotty, pensativa –, pra poder visitar quando quiser; e quando *eu* descansar, não ser enterrada muito longe da minha menina querida!

Nenhum de nós dois falou nada durante algum tempo.

– Mas eu não ia pensar nisso uma segunda vez – disse Peggotty, animada – se o meu Davy não concordasse, nem que eu tivesse pedido os proclamas da igreja trinta e três vezes e estivesse com a aliança de casamento no bolso.

– Olhe para mim, Peggotty – repliquei –, e veja se não estou contente de verdade e se não quero mesmo isso! – E de fato eu queria, de todo o coração.

– Bom, minha vida – disse Peggotty, me dando um apertão –, pensei nisso dia e noite, de todo jeito que pude, e espero que do jeito certo; mas vou pensar tudo de novo e conversar com meu irmão a respeito. Por enquanto, isso fica entre nós, Davy, eu e você. O Barkis é uma criatura boa, simples – disse Peggotty –, e se eu tentar cumprir meu dever com ele, acho que vai ser só culpa minha se eu não ficar... não ficar "bem acomodada" – disse Peggotty, rindo com gosto.

Essa citação das palavras do sr. Barkis foi tão apropriada e nos fez tanta graça que ficamos rindo dela e estávamos de muito bom humor quando avistamos o chalé do sr. Peggotty.

Parecia exatamente igual, a não ser que podia, talvez, aos meus olhos, ter encolhido um pouco; e a sra. Gummidge esperava na porta, como se estivesse ali desde a última vez. Dentro, estava tudo igual, até as algas na jarra azul em meu quarto. Fui ao barracão para olhar em torno; e as

mesmas lagostas, lagostins e caranguejos, tomados pelo mesmo desejo de beliscar o mundo em geral, pareciam estar no mesmo estado de aglomeração, no mesmo canto.

Mas nada da pequena Em'ly, de forma que perguntei ao sr. Peggotty onde ela estava.

– Tá na escola, sim, senhor – disse o sr. Peggotty enxugando o suor produzido por transportar na cabeça o baú de Peggotty –, vai estar em casa – e olhou o relógio holandês – daqui uns vinte minuto, meia hora. A gente sempre sente muita falta dela, benza Deus!

A sra. Gummidge gemeu.

– Alegria, comadre! – exclamou o sr. Peggotty.

– Eu sinto mais falta que todo mundo – disse a sra. Gummidge –, sou uma criatura sozinha e abandonada e ela é a única que não teima comigo.

Gemendo e sacudindo a cabeça, a sra. Gummidge se empenhou em soprar o fogo. O sr. Peggotty, olhando para nós enquanto ela estava ocupada, disse baixinho, com a mão protegendo a boca: "É por causa do velho!". Diante disso, conjeturei acertadamente que desde minha última visita não tinha havido nenhuma melhora no humor da sra. Gummidge.

Ora, o lugar todo era, ou deveria ser, tão agradável como antes, e no entanto não me impressionou da mesma forma. Fiquei bastante decepcionado. Talvez porque a pequena Em'ly não estivesse em casa. Eu sabia de que lado ela viria, então me vi seguindo o caminho para encontrá-la.

Não demorou muito, uma figura apareceu ao longe, e logo vi que era Em'ly, que na estatura ainda era uma criatura pequena, embora tivesse crescido. Mas quando chegou mais perto, e vi seus olhos azuis ainda mais azuis e o rosto sardento mais brilhante, todo seu ser mais bonito e mais alegre, uma curiosa sensação me dominou que me fez fingir não reconhecê-la e passar como se estivesse olhando alguma coisa à distância. Fiz isso outras vezes depois em minha vida, se não me engano.

A pequena Em'ly não se importou nem um pouco. Ela me viu muito bem, mas em vez de se virar e me chamar, saiu correndo e rindo. Isso me

obrigou a correr atrás dela, e ela corria tão depressa que estávamos muito perto do chalé quando a alcancei.

– Ah, é você, é? – disse a pequena Em'ly.

– Ora, você sabia quem era, Em'ly – eu disse.

– E *você* não sabia que era eu? – Em'ly perguntou. Eu ia beijá-la, mas ela cobriu os lábios de cereja com as mãos, disse que não era mais uma menina e entrou correndo na casa, rindo mais que nunca.

Parecia tão satisfeita em me provocar, que essa mudança nela me fez pensar muito. O chá estava servido e nosso pequeno baú colocado no mesmo lugar de antes, mas em vez de sentar ao meu lado, ela foi e se pôs em companhia da rabugenta sra. Gummidge, e quando o sr. Peggotty perguntou por que, ela sacudiu o cabelo e escondeu com ele o rosto, mas se limitou a rir.

– É uma gatinha, ela! – disse o sr. Peggotty, fazendo-lhe um carinho com a mão imensa.

– É mesmo, é mesmo! – Ham exclamou. – Não é, não, seu Davy? – E sentou-se, rindo para ela algum tempo, num estado que era mistura de admiração e prazer, a ponto de seu rosto ficar muito vermelho.

A pequena Em'ly era mimada por todos, na verdade, e mais que todos pelo próprio sr. Peggotty, que ela podia convencer a fazer qualquer coisa, bastando encostar o rosto em seu rosto barbudo. Essa, ao menos, era a minha opinião, quando a vi fazer isso e achei que o sr. Peggotty estava muito certo. Mas ela era tão afetuosa e bem-humorada e tinha uma maneira tão agradável de ser tímida e provocante ao mesmo tempo que me cativou mais que nunca.

E era terna também, pois quando, sentados em torno da lareira, depois do chá, o sr. Peggotty fez, por cima do cachimbo, uma observação sobre a perda que eu sofrera, os olhos dela se encheram de lágrimas e ela me olhou com tanta bondade do outro lado da mesa, que fiquei muito agradecido.

– Ah – disse o sr. Peggotty, fazendo os cachos do cabelo dela deslizarem como água em sua mão –, esta aqui é outra órfã, sabe, seu Davy? E este – disse o sr. Peggotty batendo com as costas da mão no peito

da Ham –, mais um, se bem que ele até que não parece mais tanto.

– Se o senhor fosse meu tutor, senhor Peggotty – eu disse, sacudindo a cabeça –, acho que não me *sentiria* tão órfão.

– Tá muito certo, seu Davy! – Ham exclamou, entusiasmado. – Nossa! Muito bem falado! Não ia sentir mesmo, não! Nossa! Minha nossa! – E então devolveu o tapa carinhoso do sr. Peggotty e a pequena Em'ly se levantou e beijou o sr. Peggotty.

– E como está o seu amigo? – o sr. Peggotty me perguntou.

– Steerforth? – perguntei eu.

– É esse o nome! – exclamou o sr. Peggotty voltando-se para Ham. – Eu sabia que era alguma coisa por aí.

– O senhor disse que era Rudderford – Ham observou, rindo.

– E daí? – retorquiu o sr. Peggotty. – É bem parecido, não é? Não é tão diferente. Como vai ele?

– Ele estava muito bem quando fui embora, senhor Peggotty.

– Esse é amigo! – disse o sr. Peggotty, gesticulando com o cachimbo. – Esse é o que se pode chamar de amigo! O coração bate mais forte porque faz gosto olhar pra ele!

– Ele é bem bonito, não é? – perguntei, com o coração aquecido pelo elogio.

– Bonito! – exclamou o sr. Peggotty. – Ele para na frente da gente feito... feito um... ora, nem sei com o *que* que ele parece na frente da gente. É tão firme!

– É! Ele é exatamente assim – eu disse. – Valente como um leão, e a gente nem imagina o quanto é franco, senhor Peggotty.

– E acho também – disse o sr. Peggotty olhando para mim através da fumaça do cachimbo – que no estudo ele tá disparado na frente de quase todo mundo.

– Está – eu disse, deliciado –, ele sabe tudo. É incrivelmente inteligente.

– Esse é amigo de verdade! – o sr. Peggotty murmurou, com um movimento grave de cabeça.

– Para ele, nada parece um esforço – eu disse. – Ele entende uma

tarefa só de olhar. É o melhor jogador de críquete que já se viu. No jogo de damas, dá a vantagem que você quiser e ganha fácil.

O sr. Peggotty balançou a cabeça outra vez, como se dissesse: – Claro que ganha.

– Ele fala tão bem – continuei – que convence todo mundo, e nem sei o que o senhor ia dizer se ouvisse ele cantar, senhor Peggotty.

O sr. Peggotty balançou a cabeça outra vez, como se dissesse: "Não tenho a menor dúvida".

– Então, ele é um sujeito tão generoso, bom e nobre – eu disse, me deixando levar por meu tema favorito – que é difícil fazer todos os elogios que ele merece. Tenho certeza de que nunca vou sentir a gratidão devida pela generosidade com que ele me protegeu, eu tão mais novo e atrasado na escola do que ele.

Eu falava depressa, muito animado mesmo, quando meus olhos pousaram no rosto da pequena Em'ly, que estava curvada sobre a mesa, ouvindo com a mais profunda atenção, a respiração suspensa, os olhos azuis brilhando como joias, as faces rosadas. Ela parecia tão excepcionalmente séria e linda que parei, numa espécie de deslumbramento, e todos a notaram ao mesmo tempo, pois, quando parei, todos riram e olharam para ela.

– A Em'ly, como eu também – disse Peggotty –, ia gostar de ver esse menino.

Em'ly ficou confusa com nossos olhares e baixou a cabeça, o rosto muito vermelho. Ao erguer os olhos entre os cachos do cabelos e ver que todos ainda olhavam para ela (sei que eu, pelo menos, era capaz de olhar horas para ela), saiu correndo e não voltou até quase a hora de dormir.

Eu me deitei na velha caminha na popa do barco e o vento gemia na planície, como antes. Mas não podia deixar de imaginar, então, que ele gemia pelos que tinham ido embora; e em vez de pensar que o mar podia subir à noite e levar embora o barco, pensei no mar que havia subido desde a última vez que eu ouvira aqueles sons, e afogara o meu lar feliz. Me lembro que, quando o vento e a água começaram a soar mais distantes aos meus ouvidos, introduzi uma breve cláusula em minhas orações, pedindo que ao crescer eu pudesse casar com a pequena Em'ly, e

assim adormeci cheio de ternura.

Os dias passaram muito como da última vez, só que, e isso era uma grande queixa, a pequena Em'ly e eu raramente íamos à praia agora. Ela precisava fazer suas tarefas e sua costura e ficava ausente a maior parte de cada dia. Mas eu sentia que nós não devíamos fazer aqueles passeios de antes, mesmo que tudo fosse diferente. Agitada e cheia de caprichos infantis como havia sido, Em'ly se tornara uma mocinha mais do que eu supunha. Ela parecia ter passado muito à minha frente em pouco mais de um ano. Gostava de mim, mas ria de mim e me atormentava. E quando eu saía ao seu encontro, ela pegava outro caminho para casa e estava rindo na porta quando eu voltava, desapontado. Os melhores momentos eram quando ela sentava na porta para trabalhar, sossegada, e eu sentado no degrau de madeira a seus pés, lendo para ela. Nessas horas, me parecia que nunca tinha visto um sol igual ao daquelas tardes luminosas de abril, que nunca tinha visto uma pessoa tão ensolarada como a via, sentada na porta do velho barco, que eu nunca tinha visto tal céu, tal mar, tais gloriosos navios velejando pelo ar dourado.

Na primeira noite depois de nossa chegada, o sr. Barkis apareceu num estado excepcionalmente vago e estranho, com uma porção de laranjas embrulhadas num lenço. Como não fez nenhuma alusão a esse pacote, achou-se que havia esquecido por acaso quando foi embora; até que Ham, correndo atrás dele para devolvê-lo, voltou com a informação de que era para Peggotty. Depois dessa ocasião, ele voltou a aparecer todas as noites exatamente à mesma hora, e sempre com um pequeno embrulho, ao qual nunca aludia e que regularmente colocava atrás da porta e ali o deixava. Esses presentes afetuosos eram das mais variadas e excêntricas naturezas. Dentre eles, me lembro de dois pés de porco, uma imensa almofada de alfinetes, algumas maçãs, um par de brincos de azeviche, umas cebolas espanholas, uma caixa de dominós, um canário em sua gaiola e um pernil de porco curtido.

A corte do sr. Barkis, pelo que me lembro, era de um tipo todo especial. Era raro que dissesse alguma coisa; apenas ficava sentado junto à lareira na mesma atitude com que sentava em seu carro e olhava pesadamente para Peggotty, sentada em frente. Uma noite, inspirado

pelo amor, talvez, ele arrebatou o pedaço de vela de cera que ela guardava, pôs no bolso do casaco e levou embora. Depois disso, seu grande prazer era tirá-lo do bolso quando ela precisava, pegajoso do forro e semiderretido, e guardá-lo de novo quando ela terminava. Ele parecia se divertir muito com isso e não sentir a menor necessidade de conversar. Mesmo quando levava Peggotty para dar um passeio na praia, acredito que não tinha nenhuma inquietação na cabeça, contentando-se em perguntar de vez em quando se ela estava bem acomodada. Me lembro que às vezes, depois que ele ia embora, Peggotty cobria a cabeça com o avental e ria durante meia hora. De fato, nós todos nos divertíamos mais ou menos, exceto aquela infeliz sra. Gummidge, cujo namoro parecia ter sido de natureza exatamente igual, seu velho marido relembrado a toda hora por essas transações.

Quando o prazo de minha visita estava quase terminado, foi dito que Peggotty e o sr. Barkis iam passar um dia juntos e que eu e a pequena Em'ly iríamos acompanhar os dois. Tive um sono entrecortado na noite anterior, na expectativa do prazer de um dia inteiro com Em'ly. Nós todos levantamos antes da hora; e quando ainda estávamos à mesa do desjejum, o sr. Barkis apareceu ao longe, conduzindo uma charrete para o objeto de seu afeto.

Peggotty estava vestida como sempre, em seu luto discreto e bem arrumado, mas o sr. Barkis reluzia em um casaco azul novo, ao qual o alfaiate havia atribuído medidas tão generosas que os punhos teriam tornado desnecessário o uso de luvas no inverno mais frio e a gola era tão alta que erguia seu cabelo até o alto da cabeça. Os botões brilhantes também eram do maior tamanho. Complementado por calça parda e um colete de couro amarelo, achei o sr. Barkis um fenômeno de respeitabilidade.

Quando estávamos todos agitados na porta, descobri que o sr. Peggotty havia preparado um sapato velho para ser atirado em nós como sinal de boa sorte, e que ele ofereceu à sra. Gummidge com esse propósito.

– Não. Melhor outra pessoa atirar, Dan'l – disse a sra. Gummidge. – Eu sou uma criatura sozinha e abandonada e tudo que me lembra gente

que não é sozinha e abandonada me contraria.

– Vamos lá, minha velha! – exclamou o sr. Peggotty. – Pegue e atire!

– Não, Dan'l – insistiu a sra. Gummidge, gemendo e sacudindo a cabeça. – Se eu sentisse menos, podia fazer mais. Você não sente como eu, Dan'l, não deixa as coisas contrariar você, nem fica contrariado com elas. Melhor você mesmo atirar.

Mas nesse momento, Peggotty, que tinha corrido de um para outro, apressada, beijando todo mundo, gritou do carro em que já estávamos todos a essa altura (Em'ly e eu em duas cadeirinhas, lado a lado), de forma que a sra. Gummidge teve de atirar. Então a sra. Gummidge atirou o sapato e, me entristece relatar, lançou uma sombra ao clima festivo da partida caindo em prantos na mesma hora e despencando nos braços de Ham, com a declaração de que sabia que era um fardo e que o melhor seria que fosse para o asilo imediatamente. O que realmente achei que era uma ideia sensata, que Ham devia acatar.

Lá fomos nós, porém, para nossa excursão, e a primeira coisa que fizemos foi parar numa igreja, onde o sr. Barkis amarrou o cavalo a uma trave e entrou com Peggotty, deixando a pequena Em'ly e eu sozinhos no carro. Aproveitei a ocasião para passar o braço pela cintura de Em'ly e propor que, como eu iria embora logo, devíamos ser muito afetuosos um com o outro e muito felizes durante todo aquele dia. Como a pequena Em'ly consentiu e deixou que a beijasse, fiquei desesperado; informei-a, me lembro, que nunca poderia amar mais ninguém e que estava disposto a derramar o sangue de qualquer um que pretendesse merecer seu afeto.

Como a pequena Em'ly ficou alegre com isso! Com aquela afetada pretensão de ser imensamente mais velha e mais esperta que eu, a linda mocinha disse que eu era "um bobinho"; e riu com tamanho encanto que, no prazer de olhar para ela, esqueci a dor de ser chamado por um nome tão depreciativo.

O sr. Barkis e Peggotty ficaram um bom tempo na igreja, mas finalmente saíram e fomos para o campo. Quando estávamos indo, o sr. Barkis virou-se para mim e disse, com uma piscada (dificilmente eu pensaria, antes, que ele fosse *capaz* de piscar):

– Que nome foi que eu escrevi no carro?

– Clara Peggotty – respondi.

– Que nome eu devia escrever agora, se este aqui tivesse capota?

– Clara Peggotty outra vez? – sugeri.

– Clara Peggotty BARKIS! – ele respondeu e explodiu numa gargalhada que sacudiu a charrete.

Resumindo, estavam casados e tinham entrado na igreja com esse único propósito. Peggotty havia decidido que devia ser uma cerimônia discreta; e o sacristão entregou sua mão e não houve padrinhos na cerimônia. Ela ficou um pouco confusa quando o sr. Barkis fez esse abrupto anúncio de sua união, e não conseguia parar de me abraçar, como prova de seu afeto inalterado. Mas logo voltou ao normal e disse que estava muito contente de ter encerrado a questão.

Fomos para uma pequena hospedaria num estradinha secundária, onde éramos esperados, e onde nos serviram uma refeição muito gostosa, e passamos o dia com grande satisfação. Peggotty podia ter estado casada todos os dias dos últimos dez anos que não estaria mais à vontade a respeito. Não produziu nela a menor diferença: era a mesma de sempre e saiu para dar um passeio com a pequena Em'ly e eu antes do chá, enquanto o sr. Barkis, filosoficamente, fumava seu cachimbo e se divertia, acredito, na contemplação de sua felicidade. No máximo, o que aconteceu foi que lhe abriu o apetite, pois me lembro nitidamente que, embora tivesse comido bastante carne de porco e verduras e dado conta de um frango ou dois, precisou comer bacon cozido e frio com o chá, e em grande quantidade, sem nenhum remorso.

Depois, pensei muitas vezes que havia sido um casamento estranho, inocente e modesto! Embarcamos na charrete de novo quando escureceu e voltamos tranquilamente para casa, olhando as estrelas e conversando sobre elas. Eu era o que mais falava e expandi imensamente o conhecimento do sr. Barkis. Contei a ele tudo o que sabia, porém ele acreditaria em qualquer coisa que eu resolvesse revelar, uma vez que tinha profunda reverência por minhas habilidades e informou sua esposa, para que eu ouvisse, que eu era um "jovem Rósio",{6} que acho que queria dizer um prodígio.

Quando esgotamos o assunto estrelas, ou melhor, quando exauri as

faculdades mentais do sr. Barkis, eu e a pequena Em'ly fizemos de uma velha lona uma manta e seguimos debaixo dela o resto da viagem. Ah, como eu a amava! Que felicidade (eu pensava) se estivéssemos casados e fôssemos para qualquer lugar, viver entre árvores e campos, sem crescer nunca, sem ficar mais sabidos, sempre crianças, vagando de mãos dadas pelos campos floridos e ensolarados, repousando a cabeça no musgo à noite, num doce sono de pureza e paz, enterrados pelos passarinhos quando morrêssemos! Durante todo o trajeto, essa imagem distante do mundo real, iluminada pelo brilho de nossa inocência e tão vaga como as estrelas ao longe, ocupava meu pensamento. Fico contente de pensar que no casamento de Peggotty havia dois corações tão ingênuos como os da pequena Em'ly e o meu. Fico contente de pensar que os Amores e as Graças assumiam essas formas ligeiras em nosso trajeto para casa.

Bem, chegamos ao velho barco já tarde da noite; e ali o sr. e a sra. Barkis se despediram de nós e seguiram tranquilamente para sua própria casa. Senti então, pela primeira vez, que tinha perdido Peggotty. Sob qualquer outro teto que não aquele que abrigava a cabeça da pequena Em'ly, eu teria ido para a cama com o coração magoado.

O sr. Peggotty e Ham sabiam o que me preocupava tão bem como eu, e estavam esperando com o jantar e seus rostos amigos para me consolar. A pequena Em'ly veio e sentou a meu lado no baú, pela única vez em toda aquela visita. E foi um fecho absolutamente maravilhoso para um dia maravilhoso.

Com a maré noturna, logo depois que fomos para a cama, o sr. Peggotty e Ham saíram para pescar. Me senti muito valente de ficar sozinho na casa vazia, único protetor de Em'ly e da sra. Gummidge, e só queria que um leão ou uma serpente, ou qualquer monstro maldoso, nos atacasse para poder destruí-lo e me cobrir de glória. Mas como aconteceu de não haver nada desse tipo vagando nas planícies de Yarmouth essa noite, recorri ao melhor substituto, sonhando com dragões até de manhã.

Com a manhã, chegou Peggotty; que me chamou, como sempre, debaixo de minha janela, como se o sr. Barkis, o cocheiro, fosse do começo ao fim um sonho também. Depois do desjejum, ela me levou para

sua casa, e que linda casinha era. De todos os móveis que havia nela, devo ter ficado mais impressionado com uma certa escrivaninha velha, de madeira escura, na saleta (a cozinha de chão de ladrilhos era a sala de estar em geral), com uma tampa retrátil que abria, baixava e virava uma mesa, dentro da qual se encontrava uma grande edição *in-quarto* do *Livro dos mártires*, de Foxe. Esse volume precioso, do qual não me lembro nem uma palavra, eu descobri imediatamente e nele logo mergulhei. E nunca mais visitei a casa sem que me ajoelhasse numa cadeira, abrisse a escrivaninha onde estava entronizada aquela joia, apoiasse os braços na mesa e devorasse o livro de novo. O mais edificante para mim, acredito, foram as ilustrações, que eram numerosas, representando todos os tipos de lúgubres horrores, e os mártires e a casa de Peggotty passaram a ser inseparáveis em minha mente desde então e até hoje.

Nesse dia, me despedi do sr. Peggotty, de Ham, da sra. Gummidge e da pequena Em'ly. Passei a noite em casa de Peggotty, no quartinho do sótão (com o Livro do Crocodilo numa estante à cabeceira da cama) que seria sempre meu, disse Peggotty, mantido sempre exatamente no mesmo estado.

– Moça ou velha, Davy, meu bem, enquanto eu for viva e tiver este teto em cima da minha cabeça – disse Peggotty –, você vai encontrar esta casa esperando você a qualquer minuto. Vou cuidar dela todo dia, como cuidava do seu quartinho, meu querido; e se você tiver de ir pra China, pode pensar nela igualzinho sempre, o tempo todo que estiver longe.

Senti com todo o coração a sinceridade e a firmeza de minha querida velha babá e agradeci o melhor que pude. Mas não ficou nada bem, porque ela falou assim com os braços em torno de meu pescoço, de manhã, que eu ia voltar para minha casa de manhã e eu voltei para casa de manhã, com ela e o sr. Barkis no carro. Eles me deixaram no portão, o que não foi fácil, nem alegre, e para mim foi muito estranho ver o carro se afastar, levando Peggotty embora e me deixando debaixo dos olmos, olhando a casa na qual não havia mais nenhum rosto para olhar para mim com amor ou carinho.

Caí, então, num estado de abandono que não consigo relembrar sem

compaixão. Caí de imediato num estado solitário, apartado de qualquer olhar amigo, apartado da companhia de outros meninos de minha idade, apartado de qualquer companheirismo a não ser de meus pensamentos abatidos, coisa que parece lançar suas trevas sobre este papel enquanto escrevo.

O que eu não daria para ser mandado para a escola mais rígida que existisse! Para aprender alguma coisa, de alguma forma, em algum lugar! Nenhuma esperança assim baixava sobre mim. Não gostavam de mim e, secos, severos, sempre, me ignoravam. Creio que o sr. Murdstone estava com seus meios de sobrevivência comprometidos nesse momento, mas isso não importa. Ele não me suportava; e ao me afastar dele tentava, acredito, afastar a ideia de que eu pudesse esperar dele qualquer coisa – e conseguiu.

Eu não era abertamente maltratado. Não me batiam, não passava fome; mas o mal que me faziam não tinha nenhuma pausa de alívio, e era praticado de forma sistemática, desapaixonada. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, era ignorado com indiferença. Me pergunto, às vezes, quando penso no assunto, o que teriam feito se eu caísse doente; se teria jazido em meu quarto solitário, à minha usual maneira isolada, ou se alguém teria me ajudado.

Quando o sr. e a srta. Murdstone estavam em casa, eu tomava as refeições com eles. Em sua ausência, comia e bebia sozinho. O tempo todo vadiava pela casa e pelo bairro sem nenhuma atenção, a não ser quando temiam que eu fizesse amigos, pensando talvez que, se os fizesse, poderia reclamar com alguém. Por essa razão, embora o dr. Chillip sempre me convidasse para ir vê-lo (ele era viúvo, tendo, alguns anos antes, perdido uma esposa miúda, de cabelo claro, de quem só me lembro relacionada com um pálido gato rajado em meus pensamentos), só muito raramente eu gozava a felicidade de passar uma tarde em seu consultório, lendo algum livro que fosse novo para mim, com o odor de toda a farmacopeia chegando até minhas narinas ou moendo algo num almofariz sob sua terna orientação.

Pela mesma razão, somada sem dúvida à velha antipatia por ela, raramente tinha permissão para visitar Peggotty. Fiel à sua promessa,

ela vinha me ver, ou me encontrava em algum local próximo, uma vez por semana, e nunca de mãos vazias; mas muitas e amargas foram as decepções que sofri ao não ter permissão para visitá-la em sua casa. Algumas poucas vezes, no entanto, a longos intervalos, consentiam que eu fosse até lá, e então descobri que o sr. Barkis era um tanto sovina ou, como Peggotty expressava devidamente, "um pouco apegado", e mantinha uma pilha de dinheiro dentro de uma caixa debaixo da cama, que ele fingia estar cheia apenas de calças e casacos. Nesse cofre, escondiam-se suas riquezas com tamanha discrição que as menores despesas só podiam ser tentadas por artifício, de forma que Peggotty tinha de preparar um esquema longo e complicado, uma verdadeira conspiração, para as despesas de todo sábado.

Esse tempo todo, eu estava tão consciente de ter rompido todas as promessas que fizera e de estar irremediavelmente abandonado, que teria me sentido um completo infeliz, sem dúvida, se não fosse pelos velhos livros. Eles eram meu único consolo; e eu era fiel a eles, como eles a mim, e os li e reli não sei quantas vezes.

Abordo agora um período da minha vida de que não consigo jamais me esquecer quando me lembro de alguma coisa; e cuja recordação muitas vezes involuntária me surge como um fantasma e assombra tempos mais felizes.

Tinha andado, um dia, a vagabundear por algum lugar, do jeito meditativo que meu modo de vida provocara, quando, ao virar a esquina de uma alameda perto de nossa casa, encontrei o sr. Murdstone caminhando ao lado de um cavalheiro. Fiquei confuso e ia passar por eles quando o cavalheiro exclamou:

– O quê? Brooks!

– Não, senhor, David Copperfield – respondi.

– Não diga isso. Você é Brooks – disse o cavalheiro. – Você é Brooks de Sheffield. Esse é o seu nome.

Diante dessas palavras, observei mais atentamente o cavalheiro. Quando seu riso me voltou à lembrança, sabia que era o sr. Quinion, que eu tinha ido ver em Lowestoft com o sr. Murdstone, antes... Não importa, não preciso me lembrar quando.

– E como vai você e onde está estudando, Brooks? – perguntou o sr. Quinion.

Ele pôs a mão em meu ombro e me fez girar para caminhar com eles. Eu não sabia o que responder e olhei hesitante para o sr. Murdstone.

– Neste momento, ele está em casa – disse ele. – Não está indo a escola nenhuma. Não sei o que fazer com ele. É um sujeito difícil.

Aquele velho olhar dissimulado se deteve em mim por um momento, depois, com a testa franzida, seus olhos escureceram, ao se desviar, com aversão, para outro lado.

– Ha! – disse o sr. Quinion, que achei ter olhado para nós dois. – Lindo dia!

Seguiu-se o silêncio e eu estava pensando como fazer para livrar meu ombro da mão dele e ir embora quando ele falou:

– Acredito que ainda seja um rapaz bem esperto, hein, Brooks?

– É! Esperto até demais! – disse o sr. Murdstone, impaciente. – Melhor deixar ele ir embora. Não vai agradecer por seu incômodo.

Diante disso, o sr. Quinion me soltou e voltei para casa como pude. Ao entrar no jardim, olhei para trás e vi o sr. Murdstone apoiado num portãozinho do pátio da igreja e o sr. Quinion falando com ele. Estavam ambos olhando para mim, e senti que falavam de mim.

O sr. Quinion ficou em nossa casa essa noite. Depois do desjejum, na manhã seguinte, eu tinha afastado minha cadeira e ia para o meu quarto quando o sr. Murdstone me chamou de volta. Dirigiu-se, então, gravemente a outra mesa e sua irmã sentou-se à escrivaninha. O sr. Quinion, com as mãos nos bolsos, ficou olhando pela janela; e eu olhando para todos.

– David – disse o sr. Murdstone –, neste mundo os moços precisam agir, não lamentar e vagabundear.

– Como você faz – disse sua irmã.

– Jane Murdstone, deixe isto comigo, por favor. Estou dizendo, David, que os jovens neste mundo têm de agir, não lamentar e vagabundear. É assim principalmente para um rapazinho com seu temperamento, que precisa de muita disciplina; e para isso o melhor que se pode fazer é se

esforçar e se conformar com os usos do mundo do trabalho, submeter-se e acatar.

– Porque a teimosia não serve para nada nesse caso – disse a irmã. – Precisa é ser dobrada. Dobrada tem de ser. E será!

Ele olhou para ela, parte censurando, parte aprovando, e continuou:

– Acho que sabe, David, que não sou rico. De qualquer forma, agora ficou sabendo. Você já recebeu uma educação considerável. Educação é caro; e mesmo que não fosse e eu pudesse pagar, sou da opinião de que não seria nada vantajoso para você continuar numa escola. O que você tem pela frente é a luta com o mundo; e quanto mais cedo começar, melhor.

Acho que me ocorreu que eu já havia começado essa luta, à minha pobre maneira; mas me ocorre agora, de qualquer forma.

– Você já ouviu falar da "empresa" algumas vezes – disse o sr. Murdstone.

– Empresa, meu senhor? – repeti.

– A Murdstone e Grinby, comerciantes de vinhos – ele replicou.

Devo ter parecido perdido, porque ele continuou depressa:

– Já ouviu falar da "empresa", ou dos negócios, ou das adegas, ou do embarcadouro, de alguma coisa.

– Acho que ouvi falar de negócios, sim, senhor – respondi, me lembrando vagamente que sabia dos recursos dele e da irmã. – Mas não me lembro quando.

– Não importa quando – ele retorquiu. – O senhor Quinion é o gerente dessa empresa.

Olhei respeitosamente para este último, que olhava pela janela.

– O senhor Quinion sugere que, como dá emprego para outros rapazes, não vê razão por que não deveria, nos mesmos termos, dar emprego a você.

– Uma vez que ele – observou o sr. Quinion em voz baixa, virando-se um pouco – não tenha outro projeto, Murdstone.

Com um gesto impaciente, até zangado, o sr. Murdstone retomou, sem dar atenção ao que ele disse:

– Esses termos são que você ganharia o suficiente para prover comida, bebida e trocados para seus gastos. Seu alojamento (que eu providenciei) será pago por mim. Assim como a lavagem de sua roupa...

– ... até o limite que eu determinar – disse a irmã.

– Vamos cuidar de suas roupas também – disse o sr. Murdstone –, uma vez que você, pelo menos por enquanto, não vai conseguir dar conta sozinho. Então, você agora vai para Londres, David, com o senhor Quinion, para entrar no mundo por sua própria conta.

– Em resumo, será sustentado – observou a irmã dele –, faça o favor de cumprir seu dever.

Embora eu entendesse perfeitamente que o propósito desse anúncio era se livrar de mim, não tenho lembrança nítida de ter me deixado satisfeito ou assustado. Minha impressão é que fiquei em estado de confusão a respeito e, oscilando entre dois pontos, não toquei nenhum. Nem tive muito tempo para desanuviar os pensamentos, porque o sr. Quinion ia partir na manhã seguinte.

Vejam-me na manhã seguinte, com um chapeuzinho branco muito usado, com uma fita de crepe em luto por minha mãe, paletó preto e uma calça de veludo duro que a srta. Murdstone considerou a melhor armadura para minhas pernas na luta com o mundo que agora ia travar: vejam-me assim vestido, com meus poucos pertences todos diante de mim num pequeno baú, sentado, uma criança sozinha e abandonada (como diria a sra. Gummidge) no carro que levaria a Yarmouth o sr. Quinion, para tomar a diligência para Londres. Vejam como nossa casa e igreja vão diminuindo na distância; como o túmulo debaixo da árvore é encoberto pela intervenção de objetos; como as torres do meu velho pátio não apontam mais para o alto e o céu está vazio!

XI

Começo a vida por conta própria, e não gosto

Conheço o suficiente do mundo agora para quase ter perdido a capacidade de me surpreender muito com qualquer coisa; mas ainda hoje é motivo de alguma surpresa para mim que eu tenha sido abandonado com tanta facilidade em tão tenra idade. Um menino de excelentes habilidades, com forte poder de observação, rápido, interessado, delicado e logo machucado física e mentalmente, me parece incrível que ninguém tenha feito nenhum gesto em meu favor. Mas nenhum gesto foi feito; e aos dez anos de idade me tornei um pequeno trabalhador empregado na Murdstone e Grinby.

O depósito da Murdstone e Grinby ficava à margem do rio. Em Blackfriars. Reformas modernas alteraram o local, mas era a última casa no fim de uma rua estreita, descendo em curva para o rio, com uns degraus na extremidade, onde as pessoas tomavam barcos. Era uma bizarra casa velha, com ancoradouro próprio, junto à água quando a maré estava alta e junto à lama quando estava baixa, e literalmente dominada por ratos. As salas revestidas de madeira, descolorida pela sujeira e fumaça de centenas de anos, eu diria; os pisos e escada arruinados; o chiar e deslizar dos velhos ratos cinzentos nos porões e a sujeira e podridão do local; são coisas não de muitos anos antes em minha mente, mas do instante presente. Estão todas diante de mim, como estavam na má hora em que me vi diante delas pela primeira vez, com minha mão tremendo na mão do sr. Quinion.

A empresa Murdstone e Grinby tinha várias atividades, mas um ramo importante dela era o fornecimento de vinhos e destilados para certos navios. Me esqueço agora para onde iam primordialmente, mas acredito que alguns dentre eles faziam viagens tanto para as Índias Orientais como Ocidentais. Sei que uma imensa quantidade de garrafas vazias era uma das consequências desse comércio, e que certos homens e meninos

eram empregados para examiná-las contra a luz, rejeitando as defeituosas, e lavando e enxaguando todas. Quando acabavam as garrafas vazias, era preciso colar rótulos nas cheias, ou colocar rolhas nelas, ou selos sobre as rolhas, ou as garrafas prontas eram embaladas em barricas. Tudo isso era o meu trabalho e, dentre os meninos empregados nele, eu era um.

Éramos três ou quatro, contando comigo. Meu local de trabalho tinha sido definido num canto do depósito, onde o sr. Quinion podia me ver, quando escolhia se levantar sobre o travessão de seu banquinho no escritório e olhar para mim através de uma janela acima de sua mesa. Ali, na primeira manhã do começo de minha auspiciosa vida por conta própria, o mais velho dos meninos foi convocado para me mostrar meu trabalho. Seu nome era Mick Walker e ele usava avental rasgado e gorro de papel. Ele me contou que seu pai era balseiro e participava com chapéu de veludo preto do desfile anual do prefeito. Me informou também que nosso principal associado seria outro menino que me apresentou pelo nome excepcional – para mim – de Batata Farinhenta. Descobri, porém, que esse rapaz não tinha sido batizado com esse nome, que lhe fora atribuído no depósito, por causa de sua compleição pálida ou farinhenta. O pai do Batata era barqueiro, com a distinção extra de ser bombeiro, e como tal empregado em um dos grandes teatros onde algum parente mais novo do Batata, acho que sua irmã menor, fazia os duendes das pantomimas.

Não há palavras para expressar a secreta agonia de minha alma quando mergulhei nessa companhia; quando comparei esses que seriam agora companheiros de todo dia àqueles de minha infância mais feliz – sem falar de Steerforth, Traddles e dos outros meninos; e senti esmagada em meu peito a esperança de vir a ser um homem estudado e distinto. Impossível descrever a lembrança profunda da sensação de estar agora absolutamente sem esperança; da vergonha que sentia por minha situação; da desgraça que era para meu jovem coração acreditar que dia a dia o que eu havia aprendido, pensado, fruído, admirado e que me motivara, iria sair de mim pouco a pouco, para nunca mais voltar. Todas as vezes que Mick Walker se afastou no decorrer daquela tarde, misturei

minhas lágrimas à água com que lavava as garrafas e soluçava como se houvesse uma abertura em meu peito, correndo o risco de explodir.

O relógio do depósito marcava meio-dia e meia e houve uma preparação geral para a saída do almoço, quando o sr. Quinion bateu na janela do escritório e me chamou para entrar. Entrei e lá encontrei uma pessoa de meia-idade um tanto corpulenta, com sobretudo marrom, calça justa e sapatos pretos, com menos cabelos na cabeça (que era grande e muito brilhante) do que um ovo, e cara larga, que virou diretamente para mim. As roupas eram surradas, mas o colarinho da camisa era imponente. Usava uma espécie de bengala vistosa, com dois grandes pingentes avermelhados e uns óculos pendurados no peito do casaco, para ornamento, como descobri depois, porque quase nunca olhava através deles e não via nada quando olhava.

– Este – disse o sr. Quinion, referindo-se a mim – é ele.

– Este – disse o estranho com certo tom superior na voz e certo ar indescritível de estar agindo com grande distinção, que muito me impressionou – é o senhor Copperfield. Espero que esteja bem.

Eu disse que muito bem e que esperava que ele estivesse também. Deus sabe que estava bastante constrangido; mas não era de minha natureza reclamar muito naquele momento de minha vida, então disse que estava muito bem e que esperava que ele também.

– Estou – disse o estranho –, graças a Deus, muito bem. Recebi uma carta do senhor Murdstone na qual ele menciona o desejo de que eu receba o senhor no apartamento dos fundos de minha casa, que no momento está desocupado... e, em resumo, é para alugar como... em resumo – disse o estranho com um sorriso e um gesto de confiança – como dormitório... o jovem principiante que tenho agora o prazer de... – E o estranho gesticulou com a mão e ajeitou o queixo no colarinho.

– Este é o senhor Micawber – o sr. Quinion disse a mim.

– É o meu nome – pigarreou o estranho.

– O senhor Micawber – disse o sr. Quinion – é conhecido do senhor Murdstone. Ele comissiona pedidos para nós, quando consegue. Recebeu uma carta do senhor Murdstone sobre a questão do alojamento e vai receber você como inquilino.

– Meu endereço – disse o sr. Micawber – é Windsor Terrace, City Road. E... em resumo – disse o sr. Micawber, com o mesmo ar de distinção, com outro gesto de confiança – moro lá.

Inclinei a cabeça para ele.

– Tenho a impressão – disse o sr. Micawber – de que suas peregrinações por esta metrópole ainda não são extensas e que pode ter alguma dificuldade em penetrar nos enigmas da Moderna Babilônia em direção à City Road... Em resumo – disse o sr. Micawber, com outro gesto de confiança – já que pode se perder... terei prazer em voltar hoje à noite e situar você no caminho mais curto.

Agradeci de coração, pois era bondade dele se oferecer a todo esse trabalho.

– A que horas – perguntou o sr. Micawber – devo...

– Por volta das oito – respondeu o sr. Quinion.

– Por volta das oito – disse o sr. Micawber. – Peço que aceite meus votos de bom dia, senhor Quinion. Não quero incomodar mais.

Então pôs o chapéu e saiu com a bengala debaixo do braço, muito ereto, cantarolando uma canção ao se afastar do depósito.

O sr. Quinion então me encarregou formalmente de ser o mais útil possível no depósito da Murdstone e Grinby por um salário de, creio, seis xelins semanais. Não tenho certeza se era de seis ou sete. Tendo a acreditar, devido à minha incerteza no assunto, que começou com seis e depois passou para sete. Me pagou uma semana adiantada (acredito que do próprio bolso) e dei ao Batata seis pence para que levasse meu baú para Windsor Terrace à noite, uma vez que era pesado demais para minhas forças, mesmo pequeno. Paguei mais seis pence pela refeição, que foi uma torta de carne e água de uma bomba próxima; e passei a hora livre da refeição andando pelas ruas.

À noite, na hora marcada, o sr. Micawber reapareceu. Lavei as mãos e o rosto, para não destoar de sua elegância, e fomos juntos para nossa casa, que é como achei que devia chamá-la então. O sr. Micawber me mostrava os nomes das ruas e as fachadas das casas durante o trajeto, para eu poder encontrar com facilidade o caminho de volta de manhã.

Ao chegar à casa de Windsor Terrace (que notei ser tão maltratada como ele, mas também exibicionista como ele), ele me apresentou a sra. Micawber, uma mulher magra e apagada, nada jovem, sentada na sala (o primeiro andar era absolutamente vazio e as persianas mantidas sempre abaixadas para evitar os vizinhos), com um bebê ao seio. Esse bebê era um dos gêmeos; e devo observar aqui que muito dificilmente, em toda a minha convivência com a família, vi os dois gêmeos separados da sra. Micawber ao mesmo tempo. Um deles estava sempre mamando.

Havia dois outros filhos: o menino Micawber, de uns quatro anos, e a menina Micawber, de uns três. Esses e uma moça de rosto escuro, com o hábito de roncar, que era a criada da família e me informou, na primeira meia hora, que era "uma órfã" vinda do orfanato de Saint Luke no mesmo bairro, constituíam os moradores. Meu quarto ficava no alto da casa, nos fundos: um cômodo apertado, com as paredes pintadas com ornamentos que minha jovem imaginação representou como bolinhos azuis; e com muito pouca mobília.

– Nunca pensei – disse a sra. Micawber, quando subiu, com gêmeo e tudo, para me mostrar o apartamento e sentou-se para tomar fôlego –, antes de me casar, quando vivia com papai e mamãe, que um dia precisaria ter um inquilino. Mas como o senhor Micawber está passando por dificuldades, todas as considerações com sentimentos particulares devem ficar de lado.

Eu disse:

– Sim, senhora.

– As dificuldades do senhor Micawber são quase insuperáveis no momento – disse a sra. Micawber – e não sei se vai ser possível ele sair delas. Quando eu morava com papai e mamãe, nem entendia direito o que a palavra quer dizer, no sentido em que emprego agora, mas a experiência ensina, como papai costumava dizer.

Não consigo me lembrar se ela me contou que o sr. Micawber havia pertencido à Marinha, ou se imaginei isso. Só que acredito até hoje que ele *foi* marinheiro um dia, sem saber por quê. Era uma espécie de viajante urbano por uma porção de casas diferentes agora, mas ganhava pouco ou nada com isso, infelizmente.

– Se os credores do senhor Micawber *não derem* um prazo – disse a sra. Micawber –, vão ter de aguentar as consequências; e quanto mais depressa eles resolverem isso, melhor. Não se tira leite de pedra, assim como não dá para conseguir nada do senhor Micawber no momento (sem falar das despesas legais).

Nunca entendi bem se minha independência confundiu a sra. Micawber quanto à minha idade, ou se ela estava tão atormentada pelo assunto que teria conversado a respeito com os próprios gêmeos se não houvesse mais ninguém com quem se comunicar, mas foi desse jeito que ela começou, e continuou assim todo o tempo em que convivi com ela.

Pobre sra. Micawber! Ela disse que tinha tentado trabalhar, e não tenho dúvida de que tentou. O centro da porta da frente estava perfeitamente coberto com uma grande placa de latão, na qual se lia PENSIONATO EDUCACIONAL PARA MOÇAS DA SRA. MICAWBER: mas nunca descobri se alguma moça jamais estudou ali; ou se alguma moça foi para lá ou se propôs a ir; ou se jamais foi feita a menor preparação para receber qualquer moça. Os únicos visitantes que vi ou de que ouvi falar eram os credores. *Eles* vinham a qualquer hora, e alguns eram bastante ferozes. Um homem de cara feia, acho que sapateiro, costumava se enfiar no corredor já às sete da manhã e gritar na escada para o sr. Micawber: "Venha cá! O senhor ainda não saiu, que eu sei. Pague a gente, viu? Não se esconda, não; que coisa feia! Eu não faria feio se fosse o senhor. Pague a gente, viu? Tem de pagar, tá ouvindo? Venha cá!". Como não recebia resposta a essas provocações, sua raiva subia a palavras como "caloteiro" e "ladrão"; e como essas também não funcionavam, ele às vezes chegava ao extremo de atravessar a rua e gritar para as janelas do segundo andar, onde sabia que o sr. Micawber estava. Nesses momentos, o sr. Micawber era tomado por tristeza e mortificação, a ponto de (como fiquei sabendo por um grito de sua esposa) atentar contra si mesmo com uma navalha; mas meia hora depois, engraxava os sapatos com excepcional cuidado e saía, cantarolando uma canção com uma pose mais elegante que nunca. A sra. Micawber era quase tão flexível. Soube que tivera uma crise de desmaios com os impostos do rei às três da tarde, e às quatro comeu costeletas de carneiro, pão e bebeu cerveja morna (tudo pago com duas

colheres de chá penduradas na casa de penhores). Numa ocasião, quando uma ordem judicial havia sido executada, chegando de volta por acaso mais cedo, às seis da tarde, encontrei-a caída num desmaio (claro que com um dos gêmeos) diante da lareira, com o cabelo todo revolto contra o rosto. Mas nunca a vi mais alegre do que nessa mesma noite, diante de uma bisteca de vitela no fogo da cozinha, contando histórias sobre seu papai e mamãe e como costumava ficar em companhia deles.

Nessa casa, com essa família, eu passava meu tempo de lazer. Meu desjejum era um pãozinho de um penny e um penny de leite que eu mesmo comprava. Guardava outro pãozinho e um pedaço de queijo em determinada prateleira de determinado armário, para jantar quando voltava à noite. Isso abria um buraco nos seis ou sete xelins, sei bem, e passava o dia inteiro no depósito, tendo de me sustentar com aquele dinheiro a semana inteira. Da manhã de segunda-feira até a noite de sábado, eu não tinha nem conselho, nem orientação, nem estímulo, nem consolo, nem ajuda, nem apoio de nenhum tipo, de ninguém de que possa me lembrar, o céu é testemunha!

Eu era tão criança, tão imaturo, tão pouco qualificado – como podia ser diferente? –, para me encarregar de toda a minha própria existência, que muitas vezes, a caminho da Murdstone e Grinby de manhã, não conseguia resistir aos doces amanhecidos postos à venda por metade do preço à porta da padaria, e gastava nisso o dinheiro que seria para meu almoço. Então ficava sem comer, ou comprava um pão, uma fatia de pastelão. Me lembro de duas lojas de pastelões entre as quais me dividia, de acordo com minhas finanças. Uma ficava num pátio, perto da igreja de St. Martin – nos fundos da igreja –, que hoje desapareceu completamente. O pastelão dessa loja continha groselhas e era bem especial, mas custava caro, a fatia de dois pence não maior que a de um penny de um pastelão mais comum. Uma boa loja para este último ficava no Strand, em algum ponto daquela parte que foi reformada desde então. Era um pastelão pálido e consistente, pesado e macio, com grandes passas achatadas e presas à massa, bem distanciadas. Vinha quente na hora do meu almoço e muitas vezes foi o que almocei. Quando comia regularmente e bem, era um salame e um pão de um penny, ou um prato

de carne vermelha de quatro pence no balcão de um cozinheiro, ou então um prato de pão e queijo com um copo de cerveja num pub miserável na frente do nosso depósito, chamado Lion, ou Lion e mais alguma outra coisa que me esqueci. Uma vez, me lembro de levar meu próprio pão (ao sair de casa de manhã) embrulhado num papel, debaixo do braço como um livro, e de ir a um famoso restaurante de carnes perto de Drury Lane, onde pedi uma "porção pequena" daquele prato especial para comer com o pão. Não sei o que o garçom pensou daquela pequena aparição entrando sozinha, mas ainda o vejo agora, me olhando comer meu almoço e chamando outro garçom para olhar. Deixei uma gorjeta de meio penny para ele, e desejei que ele não aceitasse.

Acho que tínhamos meia hora para o chá. Quando tinha dinheiro, comprava um copo de café e uma fatia de pão com manteiga. Quando não tinha nenhum, ficava olhando uma casa de carne de caça na Fleet Street; ou dava um passeio durante esse tempo até o mercado de Covent Garden e ficava olhando os abacaxis. Gostava de passear por Adelphi, porque era um lugar misterioso, com aqueles arcos escuros. Me vejo surgindo uma noite de um daqueles arcos, num pequeno pub perto do rio que tinha um espaço aberto na frente, onde uns carregadores de carvão estavam dançando; e para olhar a dança me sentei num banco. Imagino o que devem ter pensado de mim!

Eu era tão criança, tão pequeno, que muitas vezes, quando ia ao balcão de algum pub estranho para um copo de cerveja de um tipo ou de outro que umedecesse o que acabara de comer, tinham medo de me servir. Me lembro de uma noite quente em que fui ao balcão de um pub e disse ao proprietário:

– Qual é a sua melhor cerveja em copo, a *melhor de todas*? – Porque era uma ocasião especial. Não me lembro qual. Podia ser meu aniversário.

– Dois pence e meio penny – diz o proprietário –, é o preço da cerveja Genuine Stunning.

– Então – digo eu, mostrando o dinheiro – me dê um copo da Genuine Stunning, por favor, com um bom colarinho de espuma.

O proprietário me olhou por cima do balcão, da cabeça aos pés, com

um estranho sorriso no rosto; e em vez de tirar a cerveja, olhou para dentro da cortina e disse alguma coisa à esposa. Ela apareceu, com a costura na mão, e juntou-se a ele para me examinar. Vejo nós três agora, na minha frente. O proprietário em mangas de camisa, encostado ao balcão, a esposa olhando pela meia-porta e eu, um tanto confuso, olhando para ele do lado de fora do balcão. Eles me fizeram muitas perguntas como: meu nome, quantos anos tinha, onde morava, onde trabalhava e por que estava ali. A todas as quais, para não comprometer ninguém, temo ter inventado respostas adequadas. Eles me serviram a cerveja, embora desconfie que não era a Genuine Stunning. E a esposa do proprietário, abrindo a meia-porta do balcão, inclinou-se, devolveu meu dinheiro e me deu um beijo que era meio de admiração, meio de pena, mas todo feminino e bondoso, disso tenho certeza.

Sei que não exagero, inconscientemente e sem querer, a escassez de meus recursos e as dificuldades de minha vida. Sei que, se o sr. Quinion me dava um xelim a qualquer momento, eu o gastava num almoço ou num chá. Sei que trabalhava, da manhã à noite, com homens e meninos comuns, uma criança maltratada. Sei que vagava pelas ruas, alimentado de forma insuficiente e insatisfatória. Sei que, não fosse a misericórdia divina, podia facilmente ter me tornado, por qualquer influência que exercessem sobre mim, um pequeno ladrão ou um pequeno vagabundo.

Porém eu tinha certa posição na Murdstone e Grinby. Embora o sr. Quinion, um homem desatento e tão ocupado, lidando com uma situação tão anômala, fizesse tudo o que podia para me tratar de um jeito diferente dos outros, jamais contei, a homem ou menino, como havia acabado ali, nem dei a menor indicação de estar triste por me encontrar ali. O que eu sofria e o quanto sofria, ninguém nunca soube além de mim. O quanto sofri, está, como já disse, absolutamente fora do meu alcance revelar. Mas guardava tudo para mim e fazia meu trabalho. Sabia desde o início que, se não conseguisse fazer meu trabalho tão bem como qualquer dos outros, não escaparia do desdém, do desprezo. Logo me tornei tão ativo e habilidoso quanto qualquer dos outros meninos. Embora perfeitamente familiar com eles, minha conduta e maneiras eram diferentes o bastante para pôr um espaço entre nós. Eles e os

homens em geral falavam de mim como “o pequeno cavalheiro”, ou “o menino de Suffolk”. Um certo homem chamado Gregory, que era capataz dos empacotadores e outro, chamado Tipp, que era o transportador e usava um paletó vermelho, costumavam às vezes me chamar de “David”: mas acho que isso era sobretudo nos momentos de intimidade e quando eu tinha feito algum esforço para entretê-los, durante o trabalho, com os resultados de minhas antigas leituras, que estavam morrendo depressa em minha memória. Batata Farinhenta protestou uma vez e se rebelou por me tratarem diferente, mas Mick Walker logo o pôs em seu lugar.

Considerava não haver nenhuma esperança de ser resgatado desse tipo de existência e abandonara toda e qualquer expectativa. Estou solenemente convencido de que nunca, nem por uma hora, aceitei essa situação ou me senti outra coisa que não desgraçadamente infeliz; mas suportei; e nem mesmo a Peggotty, parte por amor a ela e parte por vergonha, jamais em nenhuma carta (embora muitas tivessem sido trocadas entre nós) revelei a verdade.

As dificuldades do sr. Micawber eram uma coisa a mais em meu angustiado estado de espírito. Em meu estado de abandono, fiquei bastante ligado à família, e era comum perambular ocupado com os cálculos dos recursos da sra. Micawber e o peso das dívidas do sr. Micawber. Na noite de sábado, que era o meu maior prazer – em parte porque era uma grande coisa ir para casa com seis ou sete xelins no bolso, olhando as lojas a pensar no que essa soma podia comprar, em parte porque ia mais cedo para casa –, a sra. Micawber fazia emocionantes confidências; também na manhã de domingo, quando eu preparava numa tigela de barbear a porção de chá ou café que havia comprado na noite anterior e ficava até tarde tomando o desjejum. Não era nada incomum o sr. Micawber soluçar violentamente no começo dessas conversas noturnas de sábado e cantar uma canção sentimental no fim da noite. Eu o vi voltar para jantar em casa numa enxurrada de lágrimas, declarando que nada mais restava senão a cadeia; e ir para a cama calculando a despesa de colocar janelas novas na casa, “no caso de aparecer alguma coisa”, que era a sua expressão favorita. E a sra. Micawber era igual.

Uma curiosa amizade igualitária, originada, suponho, de nossas respectivas situações, surgiu entre mim e aquela gente, apesar da absurda diferença de nossas idades. Mas nunca me permiti valer-me de qualquer convite para comer ou beber com eles daquilo que tinham (sabendo como estavam mal com o açougueiro e o padeiro e muitas vezes não tinham muito para si), até que a sra. Micawber manifestou total confiança em mim. Isso aconteceu uma noite, da seguinte maneira:

– Senhor Copperfield – disse a sra. Micawber –, não considero você um estranho, e portanto não hesito em contar que as dificuldades do senhor Micawber estão ficando críticas.

Fiquei muito preocupado ao ouvir isso e olhei para os olhos vermelhos da sra. Micawber com total comiseração.

– A não ser por um pedaço de queijo holandês, que não é adequado para as necessidades de uma família jovem – disse a sra. Micawber –, não resta mais nada na despensa. Eu falava de despensa quando vivia com papai e mamãe, e uso a palavra quase inconscientemente. O que quero dizer é que não há nada para comer na casa.

– Minha nossa! – eu disse, muito preocupado.

Tinha dois ou três xelins do dinheiro da semana no bolso, o que me faz pensar que essa conversa deve ter sido numa quarta-feira à noite, e imediatamente os peguei e com sincera emoção implorei que a sra. Micawber os aceitasse como empréstimo. Mas aquela senhora, me beijando e fazendo com que eu guardasse o dinheiro no bolso, replicou que não podia nem pensar numa coisa dessas.

– Não, meu querido senhorzinho Copperfield – disse ela –, não posso nem pensar nisso! Mas você é mais discreto do que o normal em sua idade e pode me prestar um outro favor, se quiser. E um favor que aceitarei com gratidão.

Insisti com a sra. Micawber que dissesse qual era.

– Eu mesma venho me desfazendo da prataria – disse a sra. Micawber. – Seis colheres de chá, dois saleiros, um par de açucareiros, por todos, em momentos diferentes, consegui dinheiro emprestado, em segredo, com minhas próprias mãos. Mas os gêmeos me prendem muito; e para mim, com as lembranças de papai e mamãe, essas transações são muito

dolorosas. Ainda restam algumas coisas de que podemos nos desfazer. O senhor Micawber é sensível, *nunca* vai conseguir se desfazer delas, e como Clickett – a moça do orfanato – é vulgar, tomaria liberdades dolorosas se recebesse toda essa confiança. Mas se eu pedir a você...

Então entendi a sra. Micawber e pedi que contasse comigo sob todos os aspectos. Comecei a dispor dos artigos mais portáteis deles nessa mesma noite e saía em expedições semelhantes quase toda manhã, antes de ir para a Murdstone e Grinby.

O sr. Micawber tinha alguns livros numa pequena cômoda que ele chamava de biblioteca, e esses foram primeiro. Eu os levei, um depois do outro, a uma barraca de livros na City Road, parte da qual, perto de nossa casa, era quase toda de barracas de livros e de pássaros naquela época, e os vendi pelo que pagaram. O dono dessa barraca, que morava numa casinha atrás dela, costumava ficar meio bêbado toda noite e ser violentamente censurado pela mulher toda manhã. Mais de uma vez, quando cheguei cedo, encontrei-o na cama com um corte na testa ou um olho roxo, testemunhando seus excessos da noite (creio que ficava briguento com a bebida), e ele, com mão trêmula, batalhava para encontrar os devidos xelins em um ou outro bolso da roupa, atirada pelo chão, enquanto a mulher, com um bebê no colo e os sapatos calçados como chinelos, não parava de ralhar com ele. Às vezes, ele havia perdido o dinheiro e me pedia para voltar depois, mas a esposa sempre tinha algum – tirado dele, ouso dizer, enquanto estava bêbado –, e concluía secretamente a barganha na escada, quando descíamos juntos.

Na loja de penhores também comecei a ser bem conhecido. O cavalheiro principal que trabalhava atrás do balcão se interessou por mim, e me lembro que muitas vezes me fazia declinar um substantivo ou adjetivo em latim ou conjugar um verbo latino para ele ouvir, enquanto finalizava a transação comigo. Depois de todas essas ocasiões, a sra. Micawber sempre me dava um prêmio, geralmente um jantar, e havia nessas refeições um prazer especial de que me lembro bem.

Por fim, as dificuldades do sr. Micawber se tornaram críticas e ele foi preso uma manhã cedinho, levado para a prisão King's Bench, no condado. Ele me disse, ao sair da casa, que Deus o tinha abandonado, e

achei realmente que estava com o coração ferido tanto quanto eu. Mas depois fiquei sabendo que ele havia participado de um animado jogo de boliche antes do meio-dia.

No primeiro domingo depois que foi levado para lá, eu devia ir visitá-lo e almoçar com ele. Tinha de me informar como encontrar o local: pouco antes de chegar veria um outro prédio e logo em seguida um pátio, que devia atravessar e seguir em frente até encontrar um carcereiro. Fiz tudo isso; e quando finalmente encontrei o carcereiro (pobre coitadinho que eu era!) me lembrei que, quando Roderick Random estava no presídio de devedores, havia um homem que não tinha roupa nenhuma além de um tapete velho, e o carcereiro flutuou diante de meus olhos enevoados e de meu coração disparado.

O sr. Micawber estava esperando por mim no portão, subimos para seu quarto (no penúltimo andar) e ele chorou muito. Me aconselhou solenemente, me lembro, a não seguir seu destino e observar que, se um homem tem vinte libras por ano de rendimento e gasta dezenove libras e dezenove xelins e seis pence, será feliz, mas que se gastasse vinte libras seria uma desgraça. Em seguida, me pediu emprestado um xelim para a cerveja, me deu uma ordem escrita para a sra. Micawber me pagar o valor, guardou o lenço no bolso e se animou.

Ficamos sentados na frente de uma pequena lareira, com dois tijolos colocados debaixo de uma grade enferrujada, um de cada lado, para impedir o carvão de queimar demais, até que outro devedor, que repartia o quarto com o sr. Micawber, entrou, vindo da padaria, com o lombo de cordeiro que seria o nosso repasto. Me mandaram então subir à casa do "capitão Hopkins" no andar acima, com os cumprimentos do sr. Micawber, dizendo que era seu amigo, e se o capitão Hopkins podia emprestar uma faca e um garfo.

O capitão Hopkins me emprestou garfo e faca, com cumprimentos ao sr. Micawber. Havia uma mulher muito suja no quartinho e duas moças pálidas, suas filhas, com os cabelos emaranhados. Achei que era preferível pegar emprestado garfo e faca do capitão Hopkins a seu pente. O próprio capitão estava no extremo da miséria, com grandes costeletas e um sobretudo marrom muito, muito velho, sem nenhum paletó por

baixo. Vi o colchão enrolado num canto; e o que havia de pratos e travessas, numa prateleira, e adivinhei (Deus sabe como) que, embora as duas moças desgrenhadas fossem filhas do capitão Hopkins, a mulher suja não era casada com o capitão Hopkins. Minha tímida parada em sua porta não demorou mais que dois minutos, no máximo, e desci de novo sabendo de tudo isso com a mesma certeza com que levava o garfo e a faca na mão.

No fim das contas, a refeição teve algo de cigano e agradável. No começo da tarde, devolvi o garfo e a faca do capitão Hopkins e voltei para casa a fim de consolar a sra. Micawber com um relato de minha visita. Ela desmaiou quando me viu voltar e preparou uma jarrinha de bebida quente para nos consolar enquanto conversávamos.

Não sei como a mobília da casa veio a ser vendida em benefício da família, ou quem a vendeu, só sei que não fui *eu*. Vendida foi, porém, e levada embora numa carroça; menos a cama, umas cadeiras e a mesa da cozinha. Com esses bens acampamos, por assim dizer, em duas salas da casa vazia de Windsor Terrace, a sra. Micawber, as crianças, a órfã e eu, e passávamos noite e dia nesses cômodos. Não faço ideia de quanto tempo durou isso, mas me parece que foi um bom tempo. Por fim, a sra. Micawber resolveu mudar para a prisão, onde o sr. Micawber havia conseguido um quarto só para si. Então levei a chave da casa para o proprietário, que ficou muito contente de recebê-la. As camas foram mandadas para King's Bench, exceto a minha, para a qual um pequeno quarto foi alugado do lado de fora dos muros daquela instituição, para minha satisfação, uma vez que os Micawber e eu, em nossas dificuldades, tínhamos nos acostumado demais uns com os outros para nos separar. A órfã também foi acomodada em um quarto barato no mesmo bairro. O meu era um sótão sossegado, de teto inclinado, com uma vista agradável de uma madeireira; e quando o ocupei, pensando que os problemas do sr. Micawber tinham se tornado críticos afinal, achei que era o paraíso.

Durante todo esse tempo, trabalhei normalmente na Murdstone e Grinby, e com os mesmos companheiros, com a mesma sensação incessante de imerecida degradação do começo. Mas nunca, felizmente para mim, sem dúvida, fiz uma única amizade, nem conversei com

nenhum dos meninos que via dia após dia ao ir para o depósito, ao sair dele e nas caminhadas pelas ruas na hora das refeições. Levava a mesma vida secretamente infeliz; mas a levava da mesma maneira solitária, independente. As únicas mudanças de que tenho consciência, primeiro, é que havia ficado mais maltrapilho e, segundo, que estava muito aliviado do peso dos cuidados com o sr. e a sra. Micawber; pois alguns parentes, ou amigos, passaram a ajudá-los naquela circunstância, e eles viviam com mais conforto na prisão do que tinham vivido por longo tempo fora dela. Eu costumava tomar com eles o desjejum, em virtude de algum arranjo cujos detalhes esqueci. Esqueci também a que horas o portão se abria de manhã, permitindo que eu entrasse, mas sei que muitas vezes eu estava de pé às seis da manhã e que meu lugar favorito no intervalo era a velha ponte de Londres, onde me sentava em um dos recessos de pedra, observando as pessoas passarem ou espiando por cima da balaustrada o sol a brilhar na água, acendendo a chama dourada do alto do Monumento. A órfã ia me encontrar ali às vezes, para ouvir minhas incríveis invenções a respeito dos ancoradouros e da torre; das quais não posso dizer mais senão que acreditava nelas também. À noite, eu costumava ir à prisão, caminhar de um lado para outro do passeio com o sr. Micawber ou jogar cartas com a sra. Micawber e ouvir reminiscências de seu papai e mamãe. Se o sr. Murdstone sabia onde eu estava, não sei dizer. Não contei nada na Murdstone e Grinby.

Os negócios do sr. Micawber, embora superada a crise, tinham grande envolvimento com uma certa “promissória”, de que eu ouvia falar muitas vezes e acho, agora, que havia sido algum acordo anterior com seus credores, embora eu estivesse tão longe de entender do assunto com clareza na época que tenho consciência de tê-lo confundido com aqueles pergaminhos demoníacos que diziam ter existido um dia em grande número na Alemanha. Por fim esse documento parece ter sido eliminado de alguma forma; de qualquer modo, deixou de ser a pedra no caminho que havia sido e a sra. Micawber me informou que “sua família” havia concluído que o sr. Micawber deveria solicitar sua soltura, invocando o Decreto de Devedores Inadimplentes que o poria em liberdade, esperava ela, dentro de seis semanas.

– E então – disse o sr. Micawber, que estava presente – não tenho a menor dúvida de que, queira Deus, vou me preparar para enfrentar o mundo e viver de um jeito completamente novo se... em resumo, se alguma coisa aparecer.

Como estava aberto a qualquer coisa que pudesse aparecer, me vem à lembrança que o sr. Micawber, nesse momento, redigiu uma petição à Câmara dos Comuns solicitando uma alteração na lei de prisão por dívida. Registro aqui essa lembrança porque é para mim um exemplo da maneira como eu encaixava meus velhos livros à minha vida alterada, e inventava histórias para mim mesmo, a partir das ruas e a partir de homens e mulheres; e como alguns pontos importantes no caráter que inconscientemente desenvolverei, acredito, ao escrever a minha vida, foram aos poucos se formando nessa época.

Havia na prisão um clube, no qual o sr. Micawber, como cavalheiro, era uma grande autoridade. O sr. Micawber havia revelado no clube essa sua ideia da petição, e o clube lhe deu forte apoio. Diante disso, o sr. Micawber (que era um homem totalmente bondoso e uma criatura muito ativa a respeito de qualquer coisa que não fosse seus negócios, e nunca ficava tão feliz como quando se ocupava com algo que jamais seria de nenhuma valia para ele) se pôs a trabalhar na petição, criou-a, escreveu-a numa folha de papel imensa, estendeu-a em cima de uma mesa e marcou uma hora para todos do clube e todos da prisão, se quisessem, irem ao seu quarto e assinarem.

Quando ouvi falar da ocorrência dessa cerimônia, fiquei tão ansioso para vê-los chegar, um depois do outro, embora conhecesse a maioria deles já e eles a mim, que consegui uma hora de licença da Murdstone e Grinby e me postei num canto com essa finalidade. Todos os principais afiliados do clube que conseguiram entrar na pequena sala sem lotá-la apoiaram a petição do sr. Micawber, enquanto meu velho amigo, o capitão Hopkins (que havia se lavado em honra de ocasião tão solene) se pôs ao lado e lia seu conteúdo para todos os que não a conheciam. A porta então se abriu e o povo em geral começou a entrar, numa longa fila: vários esperando fora enquanto um entrava, assinava e saía. Para cada um depois do outro, o capitão Hopkins perguntava: “Leu a petição?”.

“Não.” “ Gostaria de ouvir uma leitura?” – Se a pessoa nem sequer insinuava a menor disposição para ouvir, o capitão Hopkins, numa voz sonora e forte, a brindava com cada palavra. O capitão a teria lido vinte mil vezes, se vinte mil pessoas o tivessem ouvido, uma a uma. Me lembro de certo tom saboroso que ele atribuía a frases como “Os representantes do povo reunidos no Parlamento”, “Seus requerentes portanto se dirigem humildemente à sua honrada Câmara”, “Os infelizes súditos de Sua bondosa Majestade”, como se as palavras fossem algo real em sua boca, deliciosas de saborear. Enquanto isso, o sr. Micawber escutava com um pouco de vaidade de autor, contemplando (não severamente) as grades da parede oposta.

Quando eu seguia diariamente de ida e volta para Southwark e Blackfriars e, à hora das refeições, percorria ruas obscuras cujas pedras devem, pelo que sei, estar hoje gastas por meus passos infantis, imagino quantas das pessoas padeciam naquela multidão que passava diante de mim e que revejo outra vez, ao som da voz do capitão Hopkins! Quando meus pensamentos retornam agora àquela lenta agonia de minha juventude, quanto das histórias que inventei para essas pessoas paira como uma névoa sobre fatos bem lembrados! Quando trilho o velho chão, não me surpreende ver diante de mim e sentir pena de um inocente menino romântico construindo seu mundo imaginativo com experiências tão estranhas e coisas tão sórdidas!

XII

Ainda insatisfeito em viver por conta própria, tomo uma grande resolução

Em seu devido tempo, a petição do sr. Micawber foi ouvida; e esse cavalheiro recebeu sua dispensa segundo o decreto, para minha grande alegria. Seus credores não foram implacáveis e a sra. Micawber me informou que até o vingativo sapateiro havia declarado em juízo que não guardava dele nenhum rancor, mas que quando lhe deviam dinheiro gostava de ser pago. Disse que achava ser essa a natureza humana.

O sr. Micawber voltou a King's Bench quando seu caso estava encerrado, uma vez que era preciso acertar certas taxas e observar certas formalidades antes que pudesse ser realmente liberado. O clube o recebeu com entusiasmo, e nessa noite realizou uma reunião harmoniosa em sua honra, enquanto a sra. Micawber e eu comíamos uma fatia de carneiro frito em particular, cercados pela família adormecida.

– Nesta ocasião vou oferecer a você – disse a sra. Micawber – mais uma dose de coquetel de gema de ovo – pois já estávamos bebendo – em memória de papai e mamãe.

– Eles já morreram? – perguntei, depois de brindar com um cálice de bebida.

– Minha mamãe deixou esta vida – disse a sra. Micawber – antes do começo das dificuldades do senhor Micawber, ou pelo menos antes que ficassem prementes. Meu papai viveu para resgatar o senhor Micawber diversas vezes, depois expirou, pranteado por um círculo numeroso.

A sra. Micawber sacudiu a cabeça e derramou uma lágrima piedosa sobre o gêmeo que estava a postos.

Como eu mal podia esperar por ocasião mais favorável para fazer uma pergunta de meu interesse pessoal, falei à sra. Micawber:

– Poderia me dizer o que a senhora e o senhor Micawber pretendem

fazer agora que ele está livre de dificuldades e em liberdade? Já decidiram?

– Minha família – disse a sra. Micawber, que sempre falava essas duas palavras com certa expressão, embora eu nunca descobrisse quem era assim qualificado –, minha família é de opinião que o senhor Micawber deve deixar Londres e exercer seus talentos no campo. O senhor Micawber é um homem de grande talento, senhor Copperfield.

Eu disse que não tinha dúvidas quanto a isso.

– De grande talento – repetiu a sra. Micawber. – Minha família é de opinião de que, com um pouquinho de empenho, alguma coisa possa ser feita na Alfândega por um homem com sua habilidade. Como a influência de minha família é local, o que desejam é que o senhor Micawber se mude para Plymouth. Acham indispensável que ele esteja lá.

– Para estar disponível? – perguntei.

– Exatamente – respondeu a sra. Micawber. – Para estar disponível... no caso de aparecer alguma coisa.

– E a senhora vai também?

Os acontecimentos do dia, combinados com os gêmeos, senão com o coquetel, deixaram a sra. Micawber histérica, e ela derramou algumas lágrimas ao responder:

– Nunca vou abandonar o senhor Micawber. O senhor Micawber pode ter escondido de mim todas as suas dificuldades no começo, mas com seu temperamento arrebatado ele sempre esperou superar tudo. O colar de pérolas e as pulseiras que herdei de mamãe foram vendidos por menos de metade do seu valor, e o conjunto de coral, presente de casamento de papai, foi jogado fora por nada. Mas nunca abandonarei o senhor Micawber. Não – exclamou a sra. Micawber, mais afetada que antes –, nunca farei isso! Não adianta nem me perguntar!

Eu me senti bastante incomodado, como se a sra. Micawber achasse que eu havia solicitado que fizesse tal coisa, e fiquei olhando para ela, alarmado.

– O senhor Micawber tem seus defeitos. Não nego que seja

imprevidente. Não nego que tenha escondido de mim seus recursos e suas dívidas, as duas coisas – continuou, olhando para a parede –, mas *nunca-vou-deixar-o-senhor-Micawber!*

Como ela ergueu a voz a um verdadeiro grito, fiquei tão assustado que fui correndo à sala do clube e interrompi o sr. Micawber, ocupado em presidir uma longa mesa liderando o coro de

> *Eia, pangaré,*
> *Eia, pangaré,*
> *Eia, pangaré,*
> *Eia, eia, e ho – o – o!*{7}

com a notícia de que a sra. Micawber estava num estado alarmante, o que o fez imediatamente cair em prantos e me acompanhar com o colete cheio de cabeças e rabos dos camarões que estava comendo.

– Emma, meu anjo! – exclamou o sr. Micawber, entrando depressa no quarto –; o que foi?

– Nunca vou abandonar você, Micawber! – ela exclamou.

– Minha vida! – disse o sr. Micawber abraçando a esposa. – Sei perfeitamente disso.

– Ele é o pai de meus filhos! Ele é o pai de meus gêmeos! O marido do meu afeto! – exclamou a sra. Micawber, se debatendo –; e *nun-ca-vou-abandonar* o senhor Micawber!

Ele ficou tão profundamente tocado com essa prova de devoção (quanto a mim, estava desfeito em lágrimas), que a abraçou com paixão, implorando que olhasse para ele e se acalmasse. Porém, quanto mais pedia à sra. Micawber que erguesse a cabeça, mais ela fixava os olhos no nada, e quanto mais pedia que ela se controlasse, menos ela o fazia. Em consequência, o sr. Micawber logo se sentiu derrotado, misturando suas lágrimas às dela e às minhas, até me pedir o favor de levar uma cadeira à escada, enquanto ele a punha na cama. Eu poderia ter ido embora para minha casa, mas ele não quis nem ouvir falar disso, enquanto não soasse a campainha para a saída de quem não morava na prisão. Então me sentei junto à janela da escada, até que ele saiu com outra cadeira e sentou-se a meu lado.

– Como está a senhora Micawber? – perguntei.

– Muito abatida – disse o sr. Micawber, balançando a cabeça. – Reação. Ah, foi um dia horrendo! Estamos sozinhos agora... não temos mais nada!

O sr. Micawber apertou minha mão, gemeu e chorou em seguida. Fiquei muito tocado e decepcionado também, porque esperava que ele fosse se alegrar com aquela ocasião alegre e muito esperada. Mas acho que o sr. e a sra. Micawber estavam tão acostumados a suas velhas dificuldades que se sentiram arruinados ao considerar que haviam se livrado delas. Toda a flexibilidade deles desaparecera e nunca os vi tão arrasados como nessa noite; de forma que, quando tocou a campainha, e acompanhei o sr. Micawber até o quarto e ele se despediu de mim com uma bênção, fiquei muito temeroso de deixá-lo sozinho, tão profundamente abalado estava ele.

Mas através de toda a confusão e depressão em que tão inesperadamente para mim havíamos nos envolvido, eu discernia plenamente que o sr. e a sra. Micawber e sua família iam embora de Londres, e que uma separação entre nós estava próxima. Ao voltar para casa essa noite, e nas horas insones que passei em seguida na cama, foi que me ocorreu pela primeira vez a ideia, embora não saiba como ela apareceu em minha cabeça, que depois tomou a forma de uma determinação.

Estava tão acostumado aos Micawber, tinha ficado tão íntimo deles em seu sofrimento, e ia ficar tão absolutamente sem amigos na ausência deles, que a perspectiva de ser lançado em nova mudança em busca de alojamento, e mais uma vez ir parar entre gente desconhecida, foi como me ver no momento à deriva em minha vida atual, com o conhecimento estabelecido pela experiência. Todos os sentimentos delicados tão cruelmente feridos, toda a vergonha e sofrimento aninhados em meu peito se tornavam mais pungentes quando pensava nisso, e concluí que a vida era insuportável.

Sabia muito bem que não havia escapatória, a menos que eu tomasse a iniciativa de escapar. Eu raramente ouvia falar da srta. Murdstone e nunca do sr. Murdstone, mas dois ou três pacotes de roupas novas ou

remendadas haviam chegado para mim, através do sr. Quinion, e em cada um havia um pedaço de papel dizendo que J. M. confiava que D. C. estava se empenhando no trabalho e se dedicando inteiramente a seus deveres: nem o menor indício de que eu viria a ser qualquer outra coisa além do operário comum em que depressa estava me transformando.

O dia seguinte demonstrou, enquanto minha mente ainda estava na primeira agitação daquilo que havia concebido, que a sra. Micawber não havia falado sem fundamento e que eles iam mesmo embora. Alojaram-se durante uma semana na casa onde eu morava, e ao final desse período deviam partir para Plymouth. O próprio sr. Micawber foi até o escritório à tarde, para dizer ao sr. Quinion que teria de me dispensar no dia de sua partida e para falar bem de mim, coisa que tenho certeza de que merecia. E o sr. Quinion chamou Tipp, o transportador, que era um homem casado e tinha um quarto para alugar, que reservou para minha futura acomodação, por consentimento mútuo, como ele tinha toda razão para pensar, porque eu nada disse, embora minha resolução estivesse tomada.

Durante o restante do tempo em que moramos sob o mesmo teto, eu passava as noites com o sr. e a sra. Micawber; e acho que ficamos gostando ainda mais uns dos outros com o passar do tempo restante. No último domingo, eles me convidaram para jantar e comemos lombo de porco com molho de maçã, e um pudim. No dia anterior, eu havia comprado um cavalo de madeira malhado como presente de despedida para o pequeno Wilkins Micawber, que era o menino, e uma boneca para a pequena Emma. Dei também um xelim à órfã que estava para ser dispensada.

Passamos um dia muito agradável, embora estivéssemos todos sensíveis com a proximidade da separação.

– David Copperfield – disse a sra. Micawber –, nunca lembrarei do período em que o senhor Micawber esteve em dificuldades, sem pensar em você. Sua conduta foi sempre a mais delicada e atenciosa. Você nunca foi um inquilino. Foi um amigo.

– Minha querida – disse o sr. Micawber –, Copperfield – pois passara a me chamar assim ultimamente – tem um coração capaz de sentir os sofrimentos de seus próximos quando estão num período sombrio, uma

cabeça para planejar e uma mão para... em resumo, uma capacidade geral de se desfazer das posses disponíveis de que se pode prescindir.

Expressei minha gratidão pelo elogio e disse que sentia muito por nos distanciarmos.

– Meu jovem amigo querido – disse o sr. Micawber –, sou mais velho que você, um homem de certa experiência na vida e... de certa experiência, em resumo, em dificuldades, em termos gerais. No presente momento e até que apareça alguma coisa (que, devo confessar, é o que espero a cada hora), nada tenho para dar além de meu conselho. E o meu conselho vale alguma coisa, porque... em resumo, porque eu mesmo nunca segui esses conselhos e sou... – Nesse ponto o sr. Micawber, que até agora tinha o rosto todo aberto num sorriso, se conteve e franziu as sobrancelhas. – ... o ser miserável que você vê na sua frente.

– Meu caro Micawber! – acudiu sua mulher.

– Estou dizendo – retomou o sr. Micawber, despreocupando-se e voltando a sorrir – o miserável que você vê na sua frente. Meu conselho é: nunca deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Deixar para depois rouba o tempo. Amarre o tempo!

– Era o lema de meu pobre papai – observou a sra. Micawber.

– Minha querida – disse o sr. Micawber –, seu pai era muito bom e Deus me livre de depreciar seu nome. Era um homem, em tudo e por tudo,{8} nunca mais... – em resumo, talvez nunca se encontre um homem que, com a idade dele, tivesse aquela força nas pernas e fosse capaz de ler qualquer tamanho de letra sem óculos. Mas ele aplicou esse lema ao nosso casamento, minha querida, coisa tão prematura que, consequentemente, nunca me recuperei da despesa.

O sr. Micawber olhou para a sra. Micawber e acrescentou:

– Não que eu lamente. Muito ao contrário, meu amor.

Depois disso ficou sério, um minuto talvez.

– Meu outro conselho, Copperfield – disse o sr. Micawber –, você já sabe. Renda anual de vinte libras, gasto anual de dezenove e noventa e seis, resulta em felicidade. Renda anual de vinte libras, gasto anual de vinte libras e seis xelins, resulta em miséria. O botão murcha, a folha

seca, e Deus se retira de cena... Em resumo, fica-se para sempre no chão, como eu!

Para tornar mais impressionante seu exemplo, o sr. Micawber tomou um copo de ponche com ar de grande satisfação e prazer, e assobiou uma canção escolar.

Garanti a ele que ia guardar esses preceitos na mente, embora de fato não precisasse dizer isso porque, naquele momento, me afetaram visivelmente. Na manhã seguinte, encontrei a família inteira no ponto da diligência e, com o coração desolado, os vi tomar seus lugares.

– David Copperfield – disse a sra. Micawber –, Deus te abençoe! Jamais conseguirei esquecer tudo o que fez, sabe, e mesmo que conseguisse, não ia querer esquecer.

– Copperfield – disse o sr. Micawber –, adeus! Toda a felicidade e prosperidade! Se com o correr dos anos eu conseguir me convencer de que meu triste destino foi um alerta a você, sentirei que não terei tomado o lugar de outro homem em vão. No caso de surgir alguma coisa (estou muito confiante), ficarei extremamente feliz se estiver a meu alcance melhorar suas perspectivas.

Acho que, quando a sra. Micawber se sentou nos fundos da diligência com as crianças e fiquei na estrada olhando tristonhamente para eles, clareou-se uma névoa em seus olhos e ela viu a criatura pequena que eu era de fato. Acho isso porque ela pediu que eu subisse, com uma expressão nova, maternal, no rosto, passou o braço por meu pescoço e me deu um beijo que daria no próprio filho. Mal tive tempo de descer antes que a diligência partisse e mal podia ver a família atrás dos lenços que abanavam. Desapareceram num minuto. A órfã e eu ficamos olhando sem expressão um para o outro no meio da rua, e nos despedimos com um aperto de mão; suponho que ela voltaria para o asilo de Saint Luke, e eu ia começar meu duro dia na Murdstone e Grinby.

Mas sem nenhuma intenção de passar mais muitos dias cansativos lá. Não. Tinha resolvido fugir. Ir, de uma forma ou de outra, para o sul do país, em busca do único parente que tinha no mundo, contar minha história a minha tia, a srta. Betsey.

Já disse que não sei como essa ideia desesperada surgiu em minha

cabeça. Mas, uma vez ali, ali permaneceu, e fortaleceu-se em determinação mais firme que qualquer outra determinação de minha vida. Não tenho nenhuma certeza de que acreditasse que havia nisso alguma esperança, mas estava absolutamente decidido a pôr esse plano em execução.

Uma vez, e outra, e cem vezes mais, desde a noite em que essa ideia primeiro me ocorreu e afastou o sono, repassei aquela velha história de minha pobre mãe a respeito de meu nascimento, que havia sido um dos grandes prazeres dos velhos tempos ouvi-la contar, e que eu sabia de cor. Minha tia entrou naquela história e saiu dela, um personagem horrível, temível, mas havia um pequeno traço em seu comportamento no qual eu gostava de me deter, e que me dava uma leve sombra de ânimo. Não conseguia esquecer como minha mãe sentira em seu lindo cabelo o toque dela com mão não pouco delicada e, embora possa ter sido uma total fantasia de minha mãe e não ter nenhuma base na realidade, fiz com isso um pequeno quadro de minha terrível tia rendendo-se à beleza juvenil de que eu tão bem me lembrava e que tanto amava, a ponto de abrandar toda a narrativa. É bem possível que aquilo estivesse em minha mente havia longo tempo, engendrando gradualmente minha determinação.

Como eu nem sabia onde vivia a srta. Betsey, escrevi uma longa carta a Peggotty e perguntei, a propósito, se ela se lembrava, fingindo que ouvira falar dessa dama morando em certo lugar que nomeei a esmo, e que tinha a curiosidade de saber se era a mesma. No corpo dessa carta, disse a Peggotty que tinha um motivo especial que dependia de meio guinéu, e se ela podia me emprestar esse valor que eu pagaria de volta, que ficaria muito agradecido e depois lhe contaria para que o queria.

A resposta de Peggotty chegou logo e, como sempre, cheia de afetuosa devoção. Ela anexou o meio guinéu (eu imaginava o mundo de dificuldade que havia enfrentado para tirar o dinheiro da caixa do sr. Barkis) e me contou que a srta. Betsey vivia perto de Dover, mas não sabia dizer se em Dover mesmo, em Hyther, Sandgate ou Folkestone. Como um dos nossos homens, porém, me informou, quando perguntei sobre esses lugares, que eram todos próximos, considerei que isso bastava ao meu objetivo, e decidi partir no fim daquela semana.

Sendo uma criaturinha muito honesta e não querendo comprometer a lembrança que ia deixar na Murdstone e Grinby, considerei meu dever ficar até o sábado à noite e, como havia recebido uma semana adiantada ao chegar, não me apresentar ao escritório à hora de sempre para receber meu salário. Por essa razão expressa pedi emprestado o meio guinéu, a fim de não ficar sem fundos para as despesas de viagem. Quando chegou a noite de sábado, todos nós esperando no escritório para receber, Tipp, o transportador, como sempre tomou a dianteira e entrou primeiro para receber seu dinheiro. Então, apertei a mão de Mick Walker, pedi que quando chegasse a minha vez dissesse ao sr. Quinion que eu tinha ido transferir o meu baú para a casa de Tipp; e, com um último boa-noite a Batata Farinhenta, fugi.

Meu baú estava em meu velho alojamento, que dava para o rio, e eu tinha escrito nas costas de um dos cartões de endereços que pregávamos nos caixotes: “Para David Copperfield, para armazenamento até ser recolhido no Terminal da Diligência, Dover”. Tinha isso pronto em meu bolso para pôr no baú quando o tirasse da casa, e a caminho do alojamento fui olhando em torno, em busca de alguém que pudesse me ajudar a carregá-lo até o terminal.

Notei ao passar que havia um rapaz de pernas compridas com uma carrocinha bem pequena puxada a burro parado perto do Obelisco, em Blackfriars Road, e que, dirigindo-se a mim como “Ô, seu porcaria”, completou com “Aposto que me reconhece se me encontrar de novo”, aludindo, sem dúvida, ao fato de eu ficar olhando para ele. Parei para lhe garantir que não tinha feito isso por maus modos, mas porque não tinha certeza se ele aceitaria ou não um trabalho.

– Que trabalho? – o rapaz de perna comprida perguntou.

– Transportar um baú – respondi.

– Que baú? – perguntou o rapaz de perna comprida.

Contei que era o meu, que estava mais adiante na rua e que queria que, por seis pence, ele levasse ao terminal da diligência para Dover.

– Combinado por seis pence! – disse o rapaz de perna comprida e imediatamente subiu no carro, que não passava de uma grande bandeja de madeira sobre rodas, e sacolejou a tal velocidade que mal consegui

acompanhar o ritmo do burro.

Esse rapaz tinha um ar provocador de que eu não gostei muito, sobretudo no jeito como mascava uma haste de palha ao falar comigo, mas feito o trato, levei-o escada acima até o quarto que eu ia abandonar, e descemos o baú, que colocamos na carrocinha. Ora, eu não queria prender o cartão de endereço ali, para que ninguém da família do meu locador visse o que eu estava fazendo e me detivesse. Então disse ao rapaz que gostaria que ele parasse um minuto ao chegar ao muro da prisão de King's Bench. Nem bem as palavras saíram de minha boca, ele saiu correndo, como se ele, a carrocinha, o baú e o burro tivessem todos ficado igualmente loucos; e perdi o fôlego de correr atrás dele e chamar, até chegarmos ao ponto marcado.

Muito afogueado e excitado, derrubei do bolso meu meio guinéu ao tirar o cartão. Pus a moeda na boca por segurança e, embora minhas mãos tremessem muito, consegui pregar o cartão a contento, quando então senti debaixo do queixo a pancada violenta que me deu o rapaz de perna comprida, e vi meu meio guinéu voar da minha boca para a mão dele.

– O quê! – disse o rapaz, me agarrando pela gola do paletó com um sorriso assustador. – Isso aqui é caso de polícia, né? Tá fugindo, é? Vamos pra polícia, moleque, pra polícia!

– Devolva o meu dinheiro, por favor – eu disse, muito assustado –, e me deixe em paz.

– Vamos pra polícia! – disse o rapaz. – Vai ter de provar que é seu na polícia.

– Me dê meu baú e meu dinheiro, por favor – gritei, caindo em prantos.

O rapaz ainda replicou: "Vamos pra polícia!", e estava me empurrando contra o burro com violência, como se houvesse alguma afinidade entre o animal e um magistrado, quando mudou de ideia, saltou para a carrocinha, sentou em cima de meu baú e, exclamando que ia direto para a polícia, saiu correndo mais depressa que nunca.

Corri atrás dele o mais que pude, mas não tinha fôlego para gritar e, se tivesse, não ousaria gritar agora. Escapei por pouco de ser atropelado

ao menos vinte vezes em menos de um quilômetro. Ora o perdia, ora o via, ora o perdia, ora levava uma chicotada, ora um grito, ora caía na lama, ora me erguia de novo, ora caía nos braços de alguém, ora me chocava com um poste. Por fim, confuso, com medo e calor, temendo que metade de Londres pudesse estar então me perseguindo, deixei o rapaz ir para onde quisesse com meu baú e meu dinheiro. Ofegante e chorando, mas sem parar, parti para Greenwich, que tinha descoberto ficar na estrada de Dover, levando para a morada de minha tia, a srta. Betsey, muito pouco mais do que trouxera ao surgir no mundo na noite em que minha chegada tanto a perturbou.

XIII

A consequência de minha resolução

Ao desistir da perseguição ao rapaz com a carrocinha do burro, não sei por que, tive a ideia maluca de ir andando até Dover, e parti para Greenwich. Minha confusão logo se organizou em torno dessa ideia e fiz uma parada na Kent Road, numa praça com um tanque e uma grande estátua no meio, soprando uma concha seca. Ali me sentei num degrau, bem cansado, exausto com os esforços que havia feito e quase sem fôlego para chorar pela perda de meu baú e meu meio guinéu.

A essa altura, já havia escurecido; ouvi o relógio bater dez horas quando me sentei para descansar. Mas felizmente era uma noite de verão e o tempo estava bom. Quando recuperei o fôlego e me livrei da sensação sufocante na garganta, me levantei e segui em frente. Em minha aflição, não tinha nenhuma ideia de voltar. Duvido que tivesse, mesmo que ocorresse uma avalanche suíça na Kent Road.

Mas a condição de ter apenas três meio pence no mundo (e muito me admira que *esses* tenham sobrado no meu bolso num sábado à noite!) me perturbava, embora seguisse adiante. Comecei a me ver numa notícia de jornal, encontrado morto depois de um ou dois dias, debaixo de algum arbusto. E continuei dolorosamente embora o mais depressa que podia, até passar por acaso diante de uma pequena loja, onde estava escrito que compravam roupas de damas e cavalheiros e que pagavam o melhor preço por trapos, ossos e objetos de cozinha. O dono da loja estava sentado na porta em mangas de camisa, fumando. E como havia muitos casacos e calças pendurados do teto baixo e apenas duas velas fracas acesas dentro para mostrar o que eram, fantasiei que era um homem vingativo, que havia enforcado todos os seus inimigos e estava gozando sua vitória.

Minhas experiências com o sr. e a sra. Micawber sugeriram que ali podia haver um jeito de evitar o pior por algum tempo. Entrei no beco

seguinte, tirei meu colete, enrolei-o direitinho debaixo do braço e voltei até a loja.

– Por favor, meu senhor – eu disse –, quero vender isto aqui por um preço justo.

O sr. Dolloby (pelo menos Dolloby era o nome acima da porta da loja) pegou o colete, equilibrou o cachimbo na moldura da porta, entrou na loja, seguido por mim, espevitou o pavio das duas velas com os dedos, estendeu o colete no balcão, examinou, ergueu-o contra a luz, olhou e acabou dizendo:

– E qual você acha que é o preço deste coletinho?

– Ah, o senhor é quem sabe – respondi, discretamente.

– Não posso ser comprador e vendedor também – disse o sr. Dolloby. – Ponha um preço neste coletinho.

– Dezoito pence – insinuei, depois de alguma hesitação.

O sr. Dolloby enrolou de volta o colete e me devolveu.

– Ia estar roubando a minha família – disse ele – se oferecesse nove pence por isso aí.

Era um jeito desagradável de conduzir o negócio, porque impunha a mim, um estranho total, o incômodo de pedir ao sr. Dolloby que roubasse sua família a meu favor. Como porém minha situação era tão urgente, respondi que aceitaria nove pence pelo colete, por favor. O sr. Dolloby, não sem resmungar, me deu os nove pence. Desejei-lhe boa noite e saí da loja, enriquecido por aquela soma e empobrecido de um colete. Mas abotoei o paletó e aquilo não foi grande coisa.

De fato, previ muito claramente que meu paletó seria o próximo e que acabaria indo para Dover de calça e camisa, e que ainda devia me sentir privilegiado de ter essas roupas. Além da impressão geral da distância que tinha pela frente e do rapaz com a carrocinha de burro que havia me tratado cruelmente, acho que não tinha uma noção muito clara das dificuldades quando parti de novo com meus nove pence no bolso.

Me ocorreu um plano para passar a noite, que eu ia pôr em execução. Era me abrigar atrás da parede dos fundos de minha velha escola, num canto onde costumava haver um monte de feno. Imaginei que seria uma

espécie de companhia ter assim tão perto de mim os meninos e o quarto onde eu contava histórias: embora os meninos não fossem saber que eu estava ali e o quarto não fosse me prover nenhum abrigo.

Tinha sido um dia duro e eu estava praticamente exausto quando cheguei, por fim, à altura de Blackheath. Tive alguma dificuldade para encontrar a Salem House, mas encontrei, e encontrei a pilha de feno no canto, onde me deitei, tendo primeiro circundado a parede e olhado pelas janelas, e visto que estava tudo escuro e silencioso lá dentro. Nunca esquecerei a sensação solitária de deitar, pela primeira vez, sem um teto sobre a cabeça!

O sono me veio como veio a muitos outros vagabundos, contra quem as portas das casas são trancadas e os cachorros das casas latem à noite – e sonhei que estava deitado na cama de minha velha escola, conversando com os meninos de meu quarto; e me vi sentado ereto, com o nome de Steerforth nos lábios, olhando intensamente as estrelas que brilhavam, cintilando, acima de mim. Quando me lembrei de onde estava àquela hora tardia, baixou sobre mim um sentimento que me fez levantar, com medo não sei de quê, e andar em torno. Mas o tênue brilho das estrelas e a pálida luz do céu onde o dia raiava me tranquilizaram: e com os olhos pesados, me deitei de novo e dormi, embora com a consciência, no sono, de que estava frio, até os raios quentes do sol e a campainha matinal da Salem House me acordarem. Se eu tivesse esperança de que Steerforth estivesse lá, teria ficado por ali até ele sair sozinho, mas sabia que ele devia ter ido embora havia muito. Traddles ainda estava, talvez, mas eu tinha dúvidas e não confiava o suficiente em sua discrição ou boa sorte, por mais que acreditasse em sua boa natureza, para confiar a ele a minha situação. Então me afastei do muro enquanto os meninos do sr. Creakle se levantavam e peguei o longo caminho empoeirado que havia descoberto ser a estrada de Dover quando era um deles, e quando não podia calcular que quaisquer olhos fossem me ver como o caminhante que era agora.

Que diferente essa manhã de domingo das velhas manhãs de domingo em Yarmouth! Em seu devido tempo, ouvi os sinos da igreja tocando, enquanto caminhava; e encontrei pessoas que iam para a igreja; passei

por uma ou duas igrejas com a congregação reunida lá dentro e o som do canto saindo para o sol, enquanto o sacristão sentava para descansar à sombra da varanda, ou se punha debaixo de um teixo com a mão na testa, me olhando passar. Mas a paz e o repouso da velha manhã de domingo estavam em tudo, menos em mim. Era essa a diferença. Eu me sentia pernicioso assim empoeirado e sujo, com o cabelo emaranhado. Não fosse o quadro sereno que eu evocava, de minha mãe em sua beleza e juventude chorando diante da lareira e minha tia se enternecendo por ela, dificilmente teria tido coragem de prosseguir até o dia seguinte. Mas com essa imagem diante de mim, eu continuava.

Nesse domingo, percorri trinta e cinco quilômetros da estrada reta, embora sem muita facilidade porque era novo nesse tipo de esforço. Me vejo, com a proximidade da noite, chegando à ponte em Rochester, com os pés doloridos e cansado, comendo o pão que comprei para o jantar. Fiquei tentado por uma ou duas casas com a placa ACOMODAÇÃO PARA VIAJANTES pendurada na frente; mas tive medo de gastar os poucos pence que tinha e mais medo ainda da aparência maldosa dos vagabundos que encontrei ou pelos quais passei. Não procurei proteção, portanto, além da proteção do céu; e quando, cansado, entrei em Chatham – que à noite era um mero sonho de calcário, pontes levadiças e, num rio enlameado, barcos sem mastro, cobertos como a arca de Noé –, me arrastei, por fim, por um parapeito coberto de grama que dava para uma alameda, onde um sentinela ia de um lado para outro. Ali me deitei, ao lado de um canhão e feliz ao som dos passos do sentinela, embora ele não soubesse de minha presença acima dele, assim como os meninos de Salem House não tinham sabido de minha noite ao lado da parede, e dormi profundamente até de manhã.

Estava com o corpo moído e os pés machucados na manhã seguinte e muito tonto com o bater de tambores e a marcha das tropas que pareciam me cercar por todo lado quando desci para a rua estreita e longa. Sentindo que não conseguiria seguir senão um trecho curto esse dia, se quisesse preservar alguma força para chegar até o fim da viagem, resolvi transformar a venda de meu paletó em minha preocupação principal. Então tirei o paletó, sem o qual teria de aprender a viver; e

levando-o debaixo do braço, comecei um giro de inspeção por diversas lojas de segunda mão.

Era o lugar adequado para vender um paletó, uma vez que os comerciantes de roupas usadas eram numerosos e, em termos gerais, sempre à espera de clientes na porta de suas lojas. Mas como a maioria deles tinha, pendurada no meio de seu estoque, uma ou duas fardas, com dragonas e tudo, me senti bastante intimidado pela natureza dispendiosa de seus negócios, e caminhei um bom tempo sem oferecer minha mercadoria a ninguém.

Essa modéstia dirigiu minha atenção para as lojas de marinheiros e semelhantes à do sr. Dolloby em vez dos comerciantes normais. Por fim, encontrei um que me pareceu promissor, na esquina de uma rua suja, que terminava num espaço coberto de urtigas, contra as quais algumas roupas de marinheiro de segunda mão, que pareciam ter transbordado da loja, flutuavam ao vento entre berços, armas enferrujadas, chapéus de oleado e umas bandejas com tantas chaves enferrujadas de tamanhos tão variados que pareciam suficientes para abrir todas as portas do mundo.

Nessa loja, que era baixa e pequena e mais escurecida que iluminada por uma pequena janela, cheia de roupas penduradas, para a qual se descia por uns degraus, entrei com o coração palpitando. Não foi nenhum alívio quando um velho feio, com a parte de baixo do rosto coberta por uma barba grisalha, saiu depressa de um antro sujo ao fundo e me pegou pelo cabelo. Era um velho horrível de se ver, com um colete de flanela imundo e um cheiro terrível de rum. Sua cama, coberta por uma colcha de retalhos amarfanhada e em farrapos, ficava no antro de onde ele saíra, onde outra janelinha mostrava uma paisagem de mais urtigas e um burro manco.

– Ah, o que você quer? – perguntou esse velho num queixume monótono, arreganhando os dentes. – Ai, meus olhos, minhas pernas, o que você quer? Ai, meu pulmão, meu fígado, o que você quer? Ah, garu, garu!

Fiquei tão desanimado com essas palavras, principalmente pela repetição da última, desconhecida, que era uma espécie de chocalho na garganta dele, que não consegui responder, diante do que o velho, ainda

me segurando pelo cabelo, repetiu:

– Ah, o que você quer? Ai, meus olhos, minhas pernas, o que você quer? Ai, meu pulmão, meu fígado, o que você quer? Ai, garu! – ele arrancava de dentro de si com uma energia que fazia saltarem seus olhos.

– Quero saber – respondi, tremendo – se o senhor compraria um paletó.

– Ah, mostre aí esse paletó! – o velho exclamou. – Ai, meu coração tá queimando, deixa ver esse paletó! Ai, meus olhos, minhas pernas, mostre logo!

Ele então soltou de meu cabelo as mãos trêmulas, que eram como as garras de um pássaro grande, e pôs diante dos olhos injetados uns óculos nada ornamentais.

– Ah, quanto pelo paletó? – o velho perguntou depois de examiná-lo. – Ai, garu!, quanto pelo paletó?

– Meia-coroa – respondi, me recobrando.

– Ai, meu pulmão, meu fígado – exclamou o velho –, não! Ai, meus olhos, não! Ai, minhas pernas, não! Dezoito pence. Garu!

Toda vez que ele pronunciava essa exclamação, seus olhos pareciam correr o risco de saltar fora; e cada frase que falava, modulava como uma espécie de canção, sempre a mesma, mais parecida com uma rajada de vento que começa grave, fica aguda e baixa de novo, do que qualquer outra comparação que eu possa encontrar.

– Bom – eu disse, contente de ter fechado o negócio –, aceito dezoito pence.

– Ai, meu fígado! – gritou o velho jogando o paletó numa prateleira. – Fora da minha loja! Ai, meu pulmão, fora da minha loja! Ai, meus olhos, minhas pernas, garu!, dinheiro não, uma troca.

Nunca senti tanto medo em minha vida, nem antes, nem depois, mas disse a ele humildemente que queria dinheiro e que nada mais tinha uso para mim, mas que esperava do lado de fora se ele quisesse, não queria apressá-lo. Então saí e me sentei à sombra num canto. Fiquei ali sentado tantas horas que a sombra virou sol e o sol virou sombra outra vez e eu

ainda esperava o meu dinheiro.

Acho que nunca houve nenhum outro louco bêbado como aquele nesse tipo de negócio. Ele era bem conhecido no bairro e tinha a reputação de ter vendido a alma ao diabo, como logo entendi, pelas visitas que recebeu de rapazes que vinham continuamente provocá-lo na loja, gritando essa história e chamando para que ele mostrasse seu ouro. "Você não é pobre, não, como finge que é, Charley. Mostre o ouro. Mostre o ouro que ganhou se vendendo pro diabo. Mostre aí! Está no forro do colchão, Charley. Rasgue o forro e dê um pouco pra gente!" Isso e muitas ofertas de emprestar a ele uma faca com esse propósito o exasperaram a tal ponto que o dia inteiro foi uma sucessão de corridas da parte dele e de fugas da parte dos rapazes. Às vezes, em sua fúria, ele me tomava por um deles e vinha para cima de mim, gritando que ia me despedaçar. Depois, lembrava de mim, na última hora, voltava para a loja e deitava em sua cama, como eu concluía pelo som de sua voz, gritando, frenética, como uma ventosa melodia, a canção "Morte de Nelson",{9} com um "ai!" ao final de cada verso e inúmeros "garus!" intercalados. Como se isso não bastasse para mim, os rapazes, pensando que eu era parte do estabelecimento por causa da paciência e perseverança com que ficava sentado ali fora, meio despido, bateram em mim e me trataram mal o dia inteiro.

Ele fez muitas tentativas de me induzir a concordar com uma troca. Uma vez, saiu com uma vara de pesca, outra, com um violino, ainda outra com uma cartola, ou com uma flauta. Mas resisti a todas essas propostas e fiquei ali sentado em desespero, pedindo a cada vez, com lágrimas nos olhos, pelo dinheiro ou pelo paletó. Ele por fim começou a me pagar, meio pence de cada vez, e levou duas horas para chegar pouco a pouco a um xelim.

– Ai, meus olhos, minhas pernas! – ele gritou então, espiando indignamente para fora da loja, depois de uma longa pausa –, com mais dois pence você vai embora?

– Não posso – respondi –, morreria de fome.

– Ai, meu pulmão, meu fígado, por três pence você vai?

– Não vou por nada, se eu puder – respondi –, preciso muito de meu

dinheiro.

– Ai, ga-ru! – (é realmente impossível expressar como ele retorcia essa exclamação para si mesmo ao me espiar pela porta, sem mostrar nada além de sua velha cabeça ardilosa) – por quatro pence você vai embora?

Eu estava tão fraco e esgotado que fechei com essa oferta, peguei o dinheiro de sua garra, não sem tremer, fui embora com mais fome e sede do que jamais sentira, pouco antes do pôr do sol. Mas gastando três pence logo me recuperei completamente, e estando então reanimado, manquei por uns dez quilômetros de estrada.

Minha cama à noite foi debaixo de outra pilha de feno, onde descansei confortavelmente depois de ter lavado meus pés cheios de bolhas num regato e enfaixado o melhor possível com algumas folhas frescas. Quando peguei a estrada outra vez na manhã seguinte, descobri que passava por uma sucessão de campos de lúpulo e pomares. A estação estava adiantada o bastante para os pomares estarem vermelhos de maçãs maduras; e em alguns poucos pontos os colhedores de lúpulo já estavam trabalhando. Achei tudo extremamente bonito e resolvi dormir entre os lúpulos essa noite: imaginando alguma alegre companhia nas longas fileiras de estacas com as graciosas folhas enroladas.

Os mendigos desse dia foram piores que nunca e me inspiraram um horror que ainda é muito vivo em minha mente. Alguns eram rufiões de aparência muito feroz, que ficavam olhando para mim quando eu passava; paravam, me chamavam para voltar e falar com eles; e quando eu saía correndo, me atiravam pedras. Me lembro de um rapaz, um funileiro, acho, a julgar por sua bolsa e braseiro, que tinha uma mulher com ele, que me encarou e fixou assim, depois gritou comigo com voz tão tremenda para que eu voltasse que parei e olhei para trás.

– Atenda quando é chamado – disse o funileiro –, senão rasgo esse corpinho seu.

Achei melhor voltar. Quando cheguei perto deles, tentando acalmar o funileiro com minha expressão, observei que a mulher estava com um olho roxo.

– Vai pra onde? – perguntou o funileiro, agarrando a gola da minha camisa com a mão enegrecida.

– Estou indo para Dover – respondi.

– Veio da onde? – perguntou o funileiro, girando a mão em minha camisa para me segurar com mais firmeza.

– De Londres – respondi.

– O que é que tá aprontando? – perguntou o funileiro. – É ladrão, é?

– N...não – respondi.

– Não é mesmo, não? Se tá mentindo pra mim que é honesto – disse o funileiro –, arranco seus miolo.

Com a mão livre ele fez um gesto ameaçador de me bater, depois me olhou da cabeça aos pés.

– Tem aí o preço de uma caneca de cerveja? – perguntou o funileiro. – Se tiver, vá passando antes que eu pegue!

Eu ia dar o dinheiro com certeza, mas então vi o rosto da mulher e ela sacudiu a cabeça muito ligeiramente e formou a palavra “não!” com os lábios.

– Sou muito pobre – eu disse, tentando um sorriso –, não tenho dinheiro nenhum.

– Como é que é? – disse o funileiro, olhando para mim com tamanha dureza que quase temi que ele enxergasse o dinheiro em meu bolso.

– Sim, senhor! – gaguejei.

– Como é que tá usando o lenço de seda do meu irmão? –disse o funileiro. – Me dá aqui! – E em um segundo tirou o lenço de meu pescoço e jogou para a mulher.

A mulher teve um ataque de riso como se achasse aquilo uma brincadeira, jogou o lenço de volta para mim, balançou a cabeça uma vez, tão ligeiramente como antes, e fez a palavra “vá!” com os lábios. Mas antes que eu pudesse obedecer, o funileiro pegou o lenço de minha mão com uma grosseria que me jogou para trás como uma pluma e, pondo o lenço solto em torno do pescoço, virou para a mulher com um palavrão e bateu nela. Nunca vou esquecer quando a mulher caiu para trás na estrada dura e ali ficou com a touca fora de lugar e o cabelo todo branco de poeira, nem quando olhei para trás de longe, vendo-a sentada no caminho, num barranco ao lado da estrada, limpando o sangue do rosto

com uma ponta do xale, enquanto ele seguia em frente.

Essa aventura me assustou de tal forma que, depois, quando via qualquer dessas pessoas vindo, eu retornava até encontrar um esconderijo, onde ficava até estarem fora de vista, o que acontecia com tamanha frequência que me atrasei demais. Mas diante dessa dificuldade, assim como diante de todas as outras dificuldades de minha viagem, eu parecia ser amparado e conduzido pela imagem de minha mãe em sua juventude, antes de eu vir ao mundo. Ela sempre me fazia companhia. Estava lá, entre os lúpulos, quando me deitei para dormir; estava comigo em minha caminhada matinal; seguia diante de mim o dia inteiro. Desde então, eu a associei a uma rua ensolarada de Canterbury, cochilando por assim dizer na luz quente, com a paisagem de suas velhas casas e portões, de sua catedral cinzenta e imponente, com as gralhas voando em torno das torres. Quando cheguei, afinal, aos vastos campos nus perto de Dover, eles aliviaram com esperança o aspecto solitário da paisagem; e só quando atingi aquele primeiro grande objetivo de minha jornada e efetivamente pisei na cidade em si, no sexto dia de minha fuga, foi que a visão me deixou. Mas então, é estranho dizer, parado, com meus sapatos esfarrapados, o corpo empoeirado, queimado de sol e malvestido, no lugar havia muito desejado, a imagem pareceu desaparecer como um sonho e me deixar desamparado e sem ânimo.

Perguntei sobre minha tia primeiro entre os barqueiros, e recebi respostas diversas. Um disse que ela vivia no farol de South Foreland e que tinha se dado mal por isso; outro, que vivia atracada à grande boia diante do porto e só podia ser visitada com a maré baixa; um terceiro, que ela estava trancada na prisão Maidstone por roubo de criança; um quarto, que fora vista montada numa vassoura, na última ventania, rumando para Calais. Os cocheiros que consultei em seguida foram igualmente jocosos e igualmente desrespeitosos. Os donos de lojas, não gostando de minha aparência, sem ouvir o que eu tinha a dizer, respondiam no geral que não sabiam me informar. Me senti mais desgraçado e abandonado que em qualquer outro momento de minha fuga. Todo o meu dinheiro acabara, não tinha mais nada de que dispor; estava com fome, com sede e exausto. E parecia tão distante de meu

objetivo como se tivesse permanecido em Londres.

A manhã havia passado com essa investigação, e eu estava sentado no degrau de uma loja vazia numa esquina perto do mercado, considerando se iria àqueles outros lugares mencionados, quando um cocheiro, passando com sua carruagem, derrubou uma coberta de cavalo. Alguma coisa simpática no rosto do homem, quando devolvi o pano a ele, me encorajou a perguntar se sabia me dizer onde morava a srta. Trotwood, embora eu tivesse feito a pergunta tantas vezes que ela quase morrera em meus lábios.

– Trotwood – ele disse. – Vamos ver. Conheço o nome, sim. Uma senhora de mais idade?

– Isso – respondi –, mais velha.

– Muito empinada? – ele perguntou, endireitando as costas.

– Isso – respondi. – Acho muito provável.

– Sempre com uma bolsa? – ele perguntou. – Uma bolsa bem espaçosa... Mulher brava que zanga com a gente, inteligente?

Meu coração quase parou ouvindo sua descrição sem dúvida precisa.

– Pois então, escute aqui – disse ele. – Se você subir ali – apontando com o chicote para uma elevação – e ficar sempre à direita até chegar numas casas que dão pro mar, acho que vai ouvir falar dela. O meu palpite é que ela não vai querer saber de nada, então está aqui um penny pra você.

Aceitei a doação, agradecido, e comprei um pão com a moeda. Consumindo esse alimento a caminho, fui na direção indicada por meu amigo e andei um bom pedaço sem chegar às casas que ele havia mencionado. Por fim, vi algumas à frente; e ao me aproximar, entrei numa lojinha (era o que chamávamos em minha cidade de armazém geral) e perguntei se teriam a bondade de me dizer onde morava a srta. Trotwood. Eu me dirigi ao homem atrás do balcão que estava pesando arroz para uma moça, mas esta, interessada na pergunta, virou-se depressa.

– Minha patroa? – perguntou. – O que você quer com ela, menino?

– Quero falar com ela, por favor – respondi.

– Quer mendigar, isso sim – retorquiu a moça.

– Não – eu disse –, não mesmo. – Mas me lembrei de repente que na verdade eu não vinha com outro propósito, então me calei, confuso, e senti o rosto queimando.

A criada de minha tia, coisa que supus que fosse pelo que havia dito, guardou o arroz numa cestinha e saiu da loja, dizendo que podia ir atrás dela se quisesse saber onde morava a srta. Trotwood. Não precisei de um segundo convite, embora a essa altura estivesse em tal estado de desesperança e aflição que minhas pernas tremiam. Acompanhei a moça, e logo chegamos a um chalezinho muito bonito com alegres janelas em arco, na frente um patiozinho de cascalho ou jardim cheio de flores muito bem cuidadas, com um perfume delicioso.

– Aqui é a casa da senhorita Trotwood – disse a moça. – Agora já sabe; e não digo mais nada. – Com essas palavras ela entrou depressa na casa como se quisesse se livrar da responsabilidade de minha presença ali; e me deixou parado no portão do jardim, olhando desconsoladamente por cima dele para a janela da sala onde uma cortina de musselina meio aberta, um grande painel ou ventarola verde redondo preso ao peitoril da janela, uma mesinha e uma grande poltrona sugeriam que minha tia podia, naquele momento, estar, imponente, ali sentada.

A essa altura, meus sapatos estavam em estado lamentável. As solas haviam se desmanchado pedaço a pedaço, e o couro de cima, quebrado e aberto até a própria forma dos sapatos ter se perdido. Meu chapéu (que servira de touca noturna também) estava tão amassado e torto que até mesmo uma velha panela amassada e sem cabo de um depósito de lixo teria vergonha de rivalizar com ele. A calça e a camisa, manchadas de calor, orvalho, grama, e da terra de Kentish onde eu havia dormido, além de rasgadas, eram capazes de assustar os pássaros do jardim de minha tia comigo ali parado no portão. Meu cabelo não via pente nem escova desde que eu partira de Londres. Meu rosto, pescoço e mãos, desacostumados à exposição ao ar e ao sol, estavam com um bronzeado avermelhado. Da cabeça aos pés, eu estava quase branco de poeira de calcário e terra como se tivesse saído de um forno de cal. Nessa situação e com uma forte consciência dela, esperei para me apresentar e causar

uma primeira impressão em minha temível tia.

A constante imobilidade da janela da sala me levou a concluir, depois de algum tempo, que ela não estava ali, então ergui os olhos para a janela acima, onde vi um cavalheiro corado e simpático, de cabelo grisalho, que piscou de um jeito grotesco e fez que sim com a cabeça diversas vezes, fez que não outras tantas vezes, riu e entrou.

Já havia ficado desconcertado antes, mas fiquei a tal ponto desconcertado com esse comportamento inesperado que estava a ponto de ir embora discretamente para pensar como melhor proceder, quando saiu da casa uma dama com um lenço amarrado em cima do chapéu, um par de luvas de jardinagem na mão, usando um avental de trabalhador com bolsos de jardinagem e uma grande faca. Na mesma hora entendi que era a srta. Betsey, pois saiu da casa exatamente como minha pobre mãe a havia descrito entrando por nosso jardim na Gralhada de Blunderstone.

– Vá embora! – disse a srta. Betsey sacudindo a cabeça e cortando o ar com a faca. – Suma! Não quero menino nenhum por aqui!

Fiquei olhando para ela, o coração na boca, quando ela foi para um canto do jardim e se abaixou para desenterrar uma pequena raiz ali. Então, sem nem um farrapo de coragem, mas com uma grande dose de desespero, entrei silenciosamente e parei ao lado dela, toquei-a com o dedo.

– Por favor, minha senhora – comecei a dizer.

Ela levou um susto e ergueu os olhos.

– Por favor, tia.

– Hã? – exclamou a srta. Betsey com um tom de perplexidade que eu jamais poderia esperar.

– Por favor, tia, sou seu sobrinho.

– Ah, meu Deus! – disse minha tia. E sentou-se no caminho do jardim.

– Sou David Copperfield, de Blunderstone, em Suffolk, onde a senhora esteve na noite em que nasci e encontrou minha mamãe querida. Estou muito infeliz desde que ela morreu. Fui abandonado, sem escola, para viver por minha conta num emprego que não era certo para mim. Por

isso fugi para procurar a senhora. Fui roubado logo na partida e vim andando o caminho inteiro, não durmo numa cama desde que comecei a viagem. – Nessa altura, minha resistência cedeu de repente e com um gesto da mão que tencionava mostrar a ela meu estado esfarrapado e atestar que eu havia sofrido bastante, caí numa crise de choro que, acredito, estava se acumulando dentro de mim a semana inteira.

Minha tia, com todo tipo de expressão menos o assombro removido do rosto, ficou sentada no cascalho, olhando para mim, até eu começar a chorar. Então se levantou muito depressa, passou o braço por meu pescoço e me levou para a sala. A primeira coisa que fez foi destrancar um armário alto, tirar diversos frascos e despejar um pouco do conteúdo de cada um em minha boca. Acho que fez isso bem ao acaso, porque tenho certeza de ter provado anisete, molho de anchovas e molho para salada. Depois de ministrar esses estimulantes, como eu ainda estava bem emocionado e incapaz de controlar os soluços, ela me pôs no sofá, com um xale na cabeça e o lenço que tirou da cabeça debaixo dos pés, para não sujar o forro; e então, sentada atrás do painel ou ventarola verde de que já falei, de forma que eu não conseguia ver seu rosto, exclamava a intervalos: “Misericórdia!”, emitindo a palavra como minúsculos tiros de canhão.

Depois de algum tempo, tocou a campainha.

– Janet – disse minha tia, quando a criada entrou. – Suba, leve meus cumprimentos ao senhor Dick e diga que quero falar com ele.

Janet olhou um pouco surpresa para mim, deitado rigidamente no sofá (eu tinha medo de me mexer e desagradar minha tia), mas fez o que lhe foi mandado. Minha tia, com as mãos atrás das costas, andou de um lado para outro na sala, até o cavalheiro que tinha piscado para mim da janela superior entrar, rindo.

– Senhor Dick – disse minha tia –, não seja bobo, porque ninguém pode ser mais sensato que o senhor quando quer. Todo mundo sabe disso. Então não seja bobo, diga o que disser.

O cavalheiro ficou sério imediatamente e olhou para mim como se me pedisse, achei, que não dissesse nada sobre a janela.

– Senhor Dick – disse minha tia –, já ouviu falar de David Copperfield?

Ora, não finja que não se lembra, porque nós dois sabemos que sim.

– David Copperfield? – perguntou o sr. Dick, que me pareceu não lembrar muito a respeito. – *David* Copperfield? Ah, sei, claro. David, com certeza.

– Bom – disse minha tia –, este menino é o filho dele. Não podia ser mais parecido com o pai, se não parecesse com a mãe também.

– Filho dele? – disse o sr. Dick. – Filho de David? É mesmo!

– É – continuou minha tia –, e acaba de aprontar uma bela situação. Ele fugiu. Ah! A irmã dele, Betsey Trotwood, nunca teria fugido. – Minha tia sacudiu a cabeça com firmeza, confiante no caráter e no comportamento da menina que nunca nasceu.

– Ah! Acha que ela não teria fugido? – perguntou o sr. Dick.

– Deus me perdoe – exclamou minha tia, dura –, como ele fala! Pois eu não sei que ela não fugiria? Ela teria vivido com a madrinha e nós duas seríamos dedicadas uma à outra. Em nome de tudo que é sagrado, de que e para onde a irmã dele, Betsey Trotwood, fugiria?

– Para lugar nenhum – disse o sr. Dick.

– Bom, então – retomou minha tia, amaciada pela resposta –, como o senhor pode fingir que está duvidando, Dick, quando é mais afiado que uma cureta de cirurgião? Agora, o que temos aqui é o jovem David Copperfield, e a pergunta que faço é: o que devo fazer com ele?

– O que a senhora deve fazer com ele? – perguntou o sr. Dick, incerto, coçando a cabeça. – Ah! fazer o que com ele?

– É – disse minha tia com uma expressão grave e o indicador erguido. – Vamos lá! Quero um bom conselho.

– Ora, se eu fosse a senhora – disse o sr. Dick, pensando e olhando vago para mim –, eu... – A contemplação de minha pessoa pareceu inspirar uma ideia súbita e ele acrescentou, animado: – Eu dava um banho nele!

– Janet – disse minha tia, virando-se com tranquilo triunfo, que não entendi no momento: – O senhor Dick resolveu tudo. Aqueça o banho!

Embora profundamente interessado nesse diálogo, não pude deixar de observar minha tia, o sr. Dick e Janet enquanto falavam e completar o

exame que já vinha fazendo da sala.

Minha tia era uma mulher alta, de traços duros, mas de modo nenhum feia. Havia uma inflexibilidade em seu rosto, na voz, no porte e no passo, mais que suficiente para produzir o efeito que produziu sobre uma criatura tão delicada como minha mãe, mas seus traços eram mais para bonitos, embora inflexíveis e austeros. Notei particularmente que seus olhos eram muito vivos e brilhantes. O cabelo, grisalho, dividido ao meio, preso debaixo do que acredito se chamava um toucado: ou uma touca, muito mais comum naquela época do que hoje, com duas abas laterais presas debaixo do queixo. O vestido era lilás e perfeitamente limpo; mas simples, como para incomodar o mínimo possível. Me lembro de ter pensado que, mais que qualquer outra coisa, sua forma se assemelhava mais a um traje de montaria com a saia supérflua removida. Ela usava na cintura um relógio de ouro masculino, a julgar pelo tamanho e pelo modelo, com a devida corrente e brasões. Tinha no pescoço um pano não diferente de um colarinho, e nos pulsos coisas que pareciam punhos de camisa.

O sr. Dick, como eu já disse, era grisalho e corado: isso deveria ser tudo a respeito dele, não fosse sua cabeça ser curiosamente curvada, não pela idade (me lembrava as cabeças dos meninos do sr. Creakle depois de uma surra), e os olhos cinzentos salientes e grandes, com um estranho brilho úmido, combinados à maneira vaga, à submissão a minha tia e a seu prazer infantil em ser elogiado faziam desconfiar que era um pouco louco; se bem que, se fosse louco, era extremamente intrigante como podia estar ali. Vestia-se como qualquer cavalheiro comum, com casaca cinza solta e colete, calça branca, o relógio no devido bolso e dinheiro nos bolsos, que ele fazia tilintar como se tivesse orgulho dele.

Janet era uma linda moça, no vigor de seus dezenove ou vinte anos, imagem perfeita da arrumação. Embora não tenha observado naquele momento, devo mencionar aqui algo que só descobri depois, ou seja, que ela fazia parte de uma série de protegidas que minha tia tomava a seu serviço, expressamente para educar na renúncia aos homens e que costumavam completar essa renúncia se casando com o padeiro.

A sala era tão arrumada quanto Janet ou minha tia. Quando deixo de

lado a pena por um momento para refletir, o ar marítimo volta a soprar, misturado ao perfume das flores, e vejo a velha mobília muito esfregada e polida, a poltrona inviolável de minha tia, a mesa junto ao painel verde redondo diante da janela, o tapete coberto com uma capa, o gato, o suporte de chaleira, dois canários, a porcelana antiga, a tigela de ponche cheia de pétalas de rosa secas, o armário alto que guardava toda sorte de frascos e potes e, maravilhosamente contrastante com o resto, minha pessoa suja e empoeirada no sofá, registrando tudo.

Janet havia se afastado para preparar o banho quando minha tia, para meu grande alarme, repentinamente ficou rígida de indignação e mal teve voz para gritar:

– Janet! Burros!

Diante disso, Janet desceu correndo a escada, como se a casa estivesse pegando fogo, atravessou como um raio o gramadinho em frente e espantou dois burros de montaria que tinham ousado pisar na grama conduzindo duas senhoras, enquanto minha tia saiu correndo da casa para pegar pelo freio um terceiro animal montado por uma criança, virou-o, puxou para fora daquele recinto sagrado e deu tapas nas orelhas do infeliz moleque condutor que tivera a audácia de profanar o solo sagrado.

Até hoje não sei se minha tia tinha algum direito legal sobre aquele gramado; mas ela decidira em sua cabeça que sim e isso lhe bastava. O grande ultraje de sua vida, exigindo ser constantemente vingado, era a passagem de um burro sobre aquele trecho imaculado. Qualquer que fosse o trabalho em que estivesse ocupada, por mais interessante a conversa de que participasse, um burro interrompia imediatamente suas ideias e ela partia para cima dele. Jarras de água e regadores eram guardados em lugares secretos, prontos para ser despejados em cima de meninos ofensores; varas ficavam à espreita atrás da porta; observações eram realizadas a cada hora e a guerra era incessante. Talvez isso constituísse uma emoção agradável para os meninos condutores de burros; ou talvez o mais sagaz dos burros, entendendo qual era o caso, insistia com a teimosia de sua constituição em seguir por ali. Só sei que houve três alarmes antes de o banho estar pronto; e por ocasião do

último e mais desesperado, vi minha tia enfrentar com uma só mão um rapaz de quinze anos e bater sua cabeça de cabelos cor de areia contra o portão, até ele entender qual era o problema. Essas interrupções eram ainda mais ridículas para mim porque ela estava me dando caldo com uma colher (tendo se convencido profundamente de que eu estava de fato morrendo de fome e devia receber alimentos primeiro em quantidades muito pequenas) e, quando minha boca ainda estava aberta para receber a colher, ela a punha de volta na tigela, gritava "Janet! Burros!" e saía correndo para o ataque.

O banho foi um grande conforto. Pois comecei a sentir dores agudas nos membros por ter deitado nos campos, e estava agora tão cansado e desanimado que mal conseguia me manter acordado por cinco minutos. Depois de banhado, elas (quero dizer, minha tia e Janet) me vestiram com uma camisa e uma calça pertencentes ao sr. Dick e amarraram em mim dois ou três grandes xales. Não sei que tipo de pacote fiquei parecendo, mas me senti bem aquecido. Estando também muito fraco e tonto, logo deitei no sofá outra vez e adormeci.

Pode ter sido um sonho, surgido da fantasia que ocupou minha mente durante tanto tempo, mas acordei com a impressão de que minha tia tinha vindo e se curvado sobre mim, e afastado o cabelo de meu rosto, acomodado minha cabeça mais confortavelmente, e depois havia parado, olhando para mim. As palavras "Belo menino" ou "Pobre menino" pareceram soar em meus ouvidos também; mas quando acordei decerto não havia mais nada que me levasse a acreditar que haviam sido pronunciadas por minha tia, sentada à janela em arco, olhando o mar detrás do grande painel que era montado numa espécie de pino e girava para todo lado.

Comemos logo depois que eu acordei, uma ave assada e uma torta, eu sentado à mesa não muito diferente de uma ave assada, mexendo os braços com considerável dificuldade. Mas como minha tia é que me havia enfaixado, não reclamei de nenhum inconveniente. O tempo todo estava profundamente ansioso para saber o que ela ia fazer comigo, mas ela jantou em profundo silêncio, a não ser quando de vez em quando fixava os olhos em mim, sentado à sua frente, e dizia: "Misericórdia!", o que de

forma alguma aliviava minha ansiedade.

Retirada a toalha e servido o xerez (do qual recebi um cálice), minha tia mandou chamar o sr. Dick outra vez, que se juntou a nós, parecendo o mais sábio que podia quando solicitado a ouvir minha história, que ela foi extraindo de mim gradualmente, com uma sequência de perguntas. Durante minha narrativa, ela mantinha os olhos no sr. Dick, que achei que teria dormido, não fosse por isso, e que, sempre que incorria num sorriso, era corrigido por uma carranca de minha tia.

– O que deu naquela pobre e infeliz menina para se casar de novo – disse minha tia, quando terminei – *eu* não consigo entender.

– Talvez ela tenha se apaixonado pelo segundo marido – sugeriu o sr. Dick.

– Se apaixonado! – repetiu minha tia. – Como assim? Por que tinha de fazer uma coisa dessas?

– Talvez – o sr. Dick disse timidamente, depois de pensar um pouco – tenha feito isso por prazer.

– Por prazer! – replicou minha tia. – Grande prazer para a coitada da menina depositar sua confiança num cachorro de um sujeito que decerto a maltratou de uma forma ou de outra. O que ela pretendia, eu gostaria de saber! Já havia tido um marido. Tinha despedido deste mundo David Copperfield, que estava sempre correndo atrás de bonecas de cera desde o berço. Teve um filho. Ah, se fossem dois bebês quando ela deu à luz este menino sentado aqui, naquela noite de sexta-feira! O que mais ela queria?

O sr. Dick sacudiu a cabeça secretamente para mim, como se achasse que não havia como evitar aquilo.

– Ela nem foi capaz de ter um bebê como todo mundo – disse minha tia. – Onde está a irmã deste menino, Betsey Trotwood! Não nasceu. Nem me fale!

O sr. Dick pareceu bem assustado.

– Aquele homenzinho, o médico, com a cabeça de lado –disse minha tia –, Jellips, ou sei lá que nome tinha, o que *ele* estava fazendo? Tudo o que se limitou a fazer foi me dizer, feito o bobo que era: “É um menino”.

Um menino! Ah, a imbecilidade deles todos!

O vigor da exclamação assustou o sr. Dick excepcionalmente; e a mim também, para dizer a verdade.

– E então, como se isso não bastasse e ela não tivesse obscurecido o bastante a irmã deste menino, Betsey Trotwood – disse minha tia –, ela se casa uma segunda vez, pega e se casa com um Murderer{10}ou algum nome assim, e assombra a vida deste menino! E a consequência natural é que, como qualquer um que não seja uma criança poderia prever, o menino foge e fica vagando. Errante como Caim antes mesmo de crescer como pode crescer.

O sr. Dick olhou firme para mim, como para identificar em mim esse caráter.

– E depois tem aquela mulher de nome pagão – disse minha tia –, aquela Peggotty, *ela* pega e se casa em seguida. Porque não viu mal que bastasse assistindo aquelas coisas, *ela* vai e se casa em seguida, como o menino contou. Só espero – disse minha tia, sacudindo a cabeça – que o marido dela seja um desses maridos violentos que estão sempre nos jornais, e que dê umas boas surras nela.

Eu não podia suportar ouvir minha velha babá assim atacada e que desejassem tal coisa a ela. Contei a minha tia que, de fato, ela estava enganada. Que Peggotty era a melhor, mais sincera, mais fiel, mais devotada e mais abnegada amiga e criada do mundo, que sempre me amou ternamente, que sempre amou minha mãe ternamente, que havia apoiado no braço a cabeça de minha mãe moribunda, e que no rosto dela minha mãe havia deixado seu último beijo de agradecimento. E como a lembrança das duas me sufocou, caí em prantos tentando contar que a casa dela era minha casa e que tudo o que ela possuía era meu, e que eu teria buscado abrigo com ela, não fosse por sua humilde condição, que me fez temer que pudesse lhe causar problemas. Caí em prantos, digo, quando estava tentando dizer isso e deitei o rosto nas mãos sobre a mesa.

– Ora, ora! – disse minha tia –, o menino tem razão de ficar do lado de quem ficou do lado dele... Janet! Burros!

Acredito plenamente que, se não fossem os benditos burros, teríamos chegado a um bom entendimento, pois minha tia havia posto a mão em

meu ombro e, assim autorizado, senti em mim o impulso de abraçá-la e buscar sua proteção. Mas a interrupção e a desordem em que ela se lançou lá fora puseram fim a toda ideia mais delicada no momento e mantiveram minha tia até a hora do chá discorrendo indignadamente para o sr. Dick a sua determinação de apelar por uma retificação das leis de sua cidade, por ações contra invasão para todos os proprietários de burros de Dover.

Depois do jantar, sentamos à janela, à espreita de mais invasores, imaginei, diante da expressão de minha tia, até o anoitecer, quando Janet colocou as velas e um tabuleiro de gamão na mesa e baixou as persianas.

– Agora, senhor Dick – disse minha tia, com o ar grave e o dedo em riste como antes –, vou fazer mais uma pergunta. Olhe esse menino.

– O filho de David? – perguntou o sr. Dick com o rosto atento, intrigado.

– Exatamente – retorquiu minha tia. – O que o senhor faria com ele agora?

– Com o filho de David? – o sr. Dick perguntou.

– É – replicou minha tia –, com o filho de David.

– Ah! – disse o sr. Dick. – É. Eu faria... eu punha ele na cama.

– Janet! – gritou minha tia com o mesmo triunfo satisfeito que eu havia observado antes. – O senhor Dick tem razão. Se a cama estiver pronta, leve o menino.

Janet me disse que a cama estava pronta e fui levado até ela; com gentileza, mas um pouco como se fosse um prisioneiro, minha tia na frente e Janet atrás. O único fato que me deu alguma esperança foi quando minha tia parou na escada e perguntou o que era o cheiro de queimado dominante ali. Janet respondeu que tinha acabado de usar minha camisa velha para acender o fogo. Mas não havia em meu quarto outras roupas além do estranho amontoado de coisas que eu usava; e quando fui deixado lá, com uma vela pequena que minha tia me alertou que duraria cinco minutos exatos, ouvi que trancaram a porta por fora. Revirando essas coisas na cabeça, achei possível que minha tia, a qual

não sabia nada de mim, pudesse suspeitar que eu tivesse o hábito de fugir e estava se prevenindo, por isso, me mantendo em segurança.

O quarto era agradável, no alto da casa, dando para o mar, no qual a lua se refletia, brilhante. Depois das orações, a vela se apagou e me lembro de ter continuado a olhar o luar na água, como se quisesse ler minha sorte ali, como num livro luminoso; ou ver minha mãe com seu filhinho, descendo do céu por aquele caminho brilhante para cuidar de mim como cuidou quando vi pela última vez seu doce rosto. Me lembro da solenidade com que por fim desviei os olhos, cedi à sensação de gratidão e descanso que a visão da cama com cortinas brancas inspirava – e muito mais ainda de deitar naquela maciez, aninhado nos lençóis brancos como a neve! Me lembro que pensei em todos os lugares solitários onde havido dormido sob o céu noturno e como rezei para nunca mais ficar sem teto, nunca mais me esquecer dos sem-teto. Me lembro que parecia flutuar então pela glória melancólica daquele caminho sobre o mar, até um mundo de sonhos.

XIV

Minha tia toma uma decisão a meu respeito

Ao descer pela manhã, encontrei minha tia à mesa do desjejum, com o cotovelo apoiado na bandeja e tão profundamente concentrada que o conteúdo da chaleira fez transbordar o bule e estava encharcando toda a toalha da mesa, quando minha entrada pôs fim às suas meditações. Tinha certeza de que era o objeto de suas reflexões, e estava mais que nunca ansioso para saber suas intenções a meu respeito. Não ousei expressar minha ansiedade, para que ela não se ofendesse.

Meus olhos, porém, não tão controlados como minha língua, foram atraídos para minha tia muitas vezes durante o desjejum. Não conseguia olhar para ela alguns momentos seguidos sem que a encontrasse olhando para mim, de uma estranha maneira pensativa, como se eu estivesse muito longe e não apenas do outro lado da mesa redonda tão pequena. Quando terminou seu café da manhã, minha tia, muito compenetrada, encostou-se na cadeira, franziu as sobrancelhas, cruzou os braços e ficou olhando longamente para mim, com a atenção tão fixa que fiquei inteiramente dominado pelo constrangimento. Não tendo ainda terminado minha refeição, tentei esconder minha confusão continuando a comer. Mas a faca batia no garfo, o garfo trepava na faca, fiz voar pedaços de bacon a uma altura surpreendente ao cortá-los para comer, e engasguei com o chá que insistia em descer pela via errada em vez da certa, até que desisti e fiquei sentado, vermelho, diante do exame minucioso de minha tia.

– Olá! – disse minha tia, depois de um bom tempo.

Ergui os olhos e encontrei respeitosamente seus olhos brilhantes e firmes.

– Escrevi para ele – disse minha tia.

– Para...?

– Para seu padrasto – disse minha tia. – Mandei uma carta que ele vai

ter de levar em conta, ou ele e eu vamos entrar em choque, como disse a ele!

– Ele sabe onde eu estou, tia? – perguntei, alarmado.

– Eu contei – disse minha tia, confirmando com a cabeça.

– Vou... ser... entregue para ele? – gaguejei.

– Não sei – disse minha tia. – Veremos.

– Ah! Não sei o que vou fazer – exclamei – se tiver de voltar para o senhor Murdstone!

– Disso eu não sei – minha tia falou, sacudindo a cabeça. – Não posso dizer nada. Veremos.

Meu espírito fraquejou diante dessas palavras e fiquei muito abatido, com o coração pesado. Minha tia, parecendo não dar muita atenção a mim, vestiu um avental grosseiro com peitilho que tirou do armário, lavou ela mesma as xícaras de chá; e quando estava tudo lavado e arrumado na bandeja outra vez, com a toalha dobrada e colocada sobre tudo, tocou para que Janet levasse embora. Em seguida, limpou as migalhas com uma vassourinha (tendo antes calçado um par de luvas) até não restar mais nenhum grão no forro da mesa; em seguida tirou o pó e arrumou a sala que já estava mais que limpa e arrumada. Depois que todas essas tarefas foram realizadas a contento, tirou as luvas e o avental, dobrou-o, guardou tudo no canto específico do armário de onde os tinha tirado, levou sua caixa de costura para a mesa ao lado da janela aberta, e sentou-se, com o painel verde entre ela e a luz, para costurar.

– Gostaria que você subisse – disse minha tia, ao enfiar a linha na agulha –, e apresentasse meus cumprimentos ao senhor Dick. Eu gostaria de saber se ele continua com seu memorial.

Levantei-me com toda a animação para cumprir essa tarefa.

– Você deve achar – disse minha tia olhando para mim com a mesma atenção com que havia olhado a agulha ao enfiar a linha – que senhor Dick é um nome curto, não?

– Ontem achei que era um nome bem curto – confessei.

– Não pense que ele não tem outro, se escolher usar um nome mais longo – disse minha tia com um ar mais altivo. – Babley. Senhor Richard

Babley, esse é o nome completo do cavalheiro.

Eu ia sugerir, com o respeito de minha idade e a familiaridade de que já havia sido acusado, que seria melhor eu chamá-lo por seu nome completo, mas minha tia continuou:

– Mas você não chame Dick por esse nome por nada deste mundo. Ele não suporta o nome dele. É uma peculiaridade dele. Se bem que eu não ache também que seja uma peculiaridade, porque ele já foi tão prejudicado por algumas pessoas chamadas assim, que tem mortal antipatia por esse nome. Deus sabe. Senhor Dick é o nome dele aqui e em todo lugar, se ele fosse a algum outro lugar, que nunca vai. Então cuidado, filho, não use nenhum outro nome *além* de senhor Dick.

Prometi obedecer e subi com meu recado, pensando, no caminho, que se o sr. Dick estava trabalhando fazia muito tempo em seu memorial, no mesmo ritmo em que, pela porta aberta, o vi trabalhando ao chegar, ele provavelmente estava indo muito bem. Encontrei-o ainda escrevendo, com uma pena longa, a cabeça quase deitada no papel. Estava tão atento que tive bastante liberdade para observar a grande pipa de papel num canto, a confusão de maços de manuscritos, o número de penas e, acima de tudo, a quantidade de tinta (que ele parecia conservar em frascos de meio galão às dúzias) antes que ele notasse minha presença.

– Ah! Febo! – disse o sr. Dick, pousando a pena. – Como está o mundo? Vou dizer uma coisa – acrescentou, em tom mais baixo –, prefiro que não mencione, mas é um... – Nessa altura ele me chamou e aproximou a boca de meu ouvido – ... é um mundo louco. Louco de se atirar pedra, filho! – disse o sr. Dick pegando rapé de uma caixa redonda em cima da mesa e rindo com gosto.

Sem pretender dar minha opinião a respeito, transmiti minha mensagem.

– Bom – disse o sr. Dick, respondendo –, meus cumprimentos a ela e eu... acredito que tenho um começo. Acho que tenho um começo – disse o sr. Dick, passando a mão pelo cabelo grisalho e lançando um olhar que só podia ser confiante ao manuscrito. – Você foi à escola?

– Fui, sim, senhor – respondi –, por pouco tempo.

– Se lembra da data – disse o sr. Dick olhando intensamente para mim

e pegando a pena para anotar – em que cortaram a cabeça do rei Charles i?

Disse que acreditava ter acontecido no ano de 1649.

– Bom – retomou o sr. Dick, coçando a orelha com a pena e olhando para mim, em dúvida. – É o que dizem os livros, mas não vejo como pode ter sido. Porque se foi há tanto tempo, como as pessoas próximas dele podem ter cometido o erro de tirar alguns problemas da cabeça *dele*, depois de cortada, e colocado na *minha*?

Fiquei muito surpreso com aquelas perguntas, mas não conseguia dar nenhuma informação a respeito.

– É muito estranho – disse o sr. Dick, com um olhar desanimado para seus pés, com a mão enfiada no cabelo outra vez – que eu não consiga nunca acertar direito. Não consigo deixar completamente claro. Mas não importa, não importa – disse, animado, levantando-se –, tem tempo! Meus cumprimentos à senhorita Trotwood, vou indo muito bem, de verdade.

Eu estava saindo quando ele chamou minha atenção para a pipa.

– O que você acha dessa pipa aí? – perguntou.

Respondi que era bonita. Acho que devia ter mais de dois metros de comprimento.

– Fui eu quem fez. Nós vamos empinar essa pipa, você e eu – disse o sr. Dick. – Está vendo isto aqui?

Me mostrou que ela estava coberta de texto manuscrito, com letra miúda e caprichada, e tão benfeita que, ao olhar as linhas, achei ver alguma alusão à cabeça do rei Charles i outra vez, em um ou dois pontos.

– Tem muita linha – disse o sr. Dick – e, quando ela voar alto, leva os fatos para longe. Esse é o meu jeito de difundir as coisas. Não sei onde a pipa pode cair. Depende das circunstâncias, do vento, e tal, mas eu arrisco.

O rosto dele era tão suave e agradável e tinha alguma coisa tão respeitável também, embora fosse gordo e simpático, que eu não tinha certeza de ele estar brincando comigo. Então ri, e ele riu, e nos separamos como melhores amigos.

– Bom, meu filho – disse minha tia, quando desci. – Como está o senhor Dick agora de manhã?

Informei-a que ele mandava os cumprimentos e estava muito bem de fato.

– O que acha dele? – perguntou minha tia.

Eu tinha alguma vaga ideia de me esforçar para evitar a pergunta, respondendo que achava que ele era um cavalheiro muito bom, mas minha tia não iria desistir, pois colocou a costura no colo e disse, cruzando as mãos sobre ela:

– Vamos lá! Sua irmã Betsey Trotwood me diria diretamente o que achava. Seja o mais parecido possível com sua irmã e fale!

– Ele... o senhor Dick... pergunto porque não sei, tia... ele é um pouco perturbado da cabeça? – gaguejei, pois sentia que estava pisando terreno perigoso.

– Nem um pouco – disse minha tia.

– Ah, certo! – observei, vago.

– Se há uma coisa no mundo – disse minha tia, com grande determinação e força – que o senhor Dick não é, é isso.

Eu não tinha mais nada a oferecer além de outro tímido: “Ah, certo!”.

– Ele foi *chamado* de louco – disse minha tia. – Fico muito satisfeita ao dizer que ele foi chamado de louco, não fosse isso eu não teria a bênção de sua companhia e conselho durante os últimos dez anos ou mais, de fato, desde que sua irmã, Betsey Trotwood, me decepcionou.

– Tudo isso? – perguntei.

– E era gente boa quem teve a audácia de chamar o senhor Dick de louco – continuou minha tia. – Ele é uma espécie de parente distante meu, não importa como, não preciso entrar em detalhes. Se não fosse por mim, o próprio irmão dele teria trancado o senhor Dick para o resto da vida. Só isso.

Creio que foi hipocrisia minha, mas vendo que minha tia possuía sentimentos tão fortes sobre o assunto, tentei dar a impressão de que eu também tinha fortes sentimentos.

– Um idiota orgulhoso! – disse minha tia. – Porque o irmão era um

pouco excêntrico, embora nem metade tão excêntrico como tanta gente, ele não gostava que o irmão fosse visto na casa e mandou o senhor Dick para um hospício particular, embora tivesse sido deixado aos cuidados do irmão pelo falecido pai, que achava que ele era quase idiota. E que sábio era *ele* de pensar assim. Louco era ele, isso sim!

Mais uma vez, minha tia pareceu bastante convencida, e me esforcei para parecer convencido também.

– Então, entrei em cena – disse minha tia – e fiz uma oferta. Eu disse: seu irmão é são, muito mais são que você é ou jamais será, como seria de se esperar. Deixe que ele fique com seus pequenos rendimentos e venha morar comigo. *Eu* não tenho medo dele, *eu* não sou orgulhosa, *eu* estou pronta para cuidar dele e não vou maltratá-lo como algumas pessoas (além do pessoal do hospício) têm feito. Depois de muita confusão – disse minha tia –, consegui. E ele mora aqui desde então. É a criatura mais amiga e afável que existe, e quanto a conselhos!... Ninguém sabe como é a cabeça desse homem, a não ser ele mesmo.

Minha tia arrumou o vestido e sacudiu a cabeça, como se arrumasse um mundo todo e abalasse outro.

– Ele tinha uma irmã favorita – disse minha tia –, uma criatura boa e muito cuidadosa com ele. Mas ela fez o que todas fazem: arrumou um marido. E *o marido* fez o que todos fazem: acabou com ela. Isso teve tamanho efeito sobre a mente do senhor Dick (*isso* não é loucura, eu acho!) que, somado ao medo que tinha do irmão, que também carecia de bondade, ele ficou doente. Isso foi antes de vir para mim, mas a lembrança disso tudo é opressiva para ele até agora. Ele falou para você alguma coisa sobre o rei Charles i, meu filho?

– Falou, sim, tia.

– Ah! – disse minha tia, esfregando o nariz como se estivesse um pouco incomodada. – É o jeito alegórico de ele se expressar. Ele liga a sua doença a uma grande perturbação e agitação, naturalmente, e essa é a figura, ou imagem, ou seja lá como chamem, que ele escolhe usar. E por que não, se ele acha adequada!

Eu disse:

– Claro, tia.

– Não é um jeito convencional de falar – disse minha tia –, nem o mais comum. Sei bem disso e por essa razão é que insisto que não deve haver nem uma palavra a esse respeito em seu memorial.

– É um memorial da história dele mesmo que o senhor Dick está escrevendo, tia?

– É, filho – disse minha tia, esfregando o nariz outra vez. – Está escrevendo para o lorde chanceler, ou lorde não sei quê, de qualquer modo uma dessas pessoas que são pagas para receber esses memoriais. Acho que vai ser entregue um dia desses. Ele ainda não conseguiu escrever sem usar aquele jeito de se expressar, mas isso não quer dizer nada, assim fica ocupado.

De fato, descobri depois que o sr. Dick estava havia mais de dez anos tentando deixar o rei Charles i de fora do memorial, mas ele sempre voltava e lá estava agora.

– Repito – disse minha tia –, ninguém sabe o que é a cabeça desse homem, a não ser ele mesmo, e trata-se da criatura mais amena e amiga que existe. Se ele gosta de empinar uma pipa de vez em quando, o que tem isso? Franklin empinava pipa. Ele era um quacre ou algo assim, se não me engano. E um quacre empinando uma pipa é muito mais ridículo que qualquer outra coisa.

Se pudesse supor que minha tia contava esses particulares em atenção a mim e como mostra de confiança em mim, eu me sentiria muito lisonjeado e veria bons augúrios nessa prova de sua boa opinião. Mas não podia deixar de perceber que ela havia embarcado nesses argumentos principalmente porque estava com essa questão na cabeça e tinha muito pouco a ver comigo, embora se dirigisse a mim, na ausência de qualquer outra pessoa.

Ao mesmo tempo, devo dizer que a generosidade de sua defesa do pobre e inofensivo sr. Dick não só inspirava em meu jovem peito certa esperança egoísta, como o enternecia em relação a ela. Acredito que comecei a entender que havia em minha tia alguma coisa, apesar de suas muitas excentricidades e maus humores, a ser estimada e com que se podia contar. Embora fosse tão ríspida esse dia como no dia anterior, e entrasse e saísse por causa dos burros com a mesma frequência e tenha

entrado num tremendo estado de indignação quando um rapaz que passava olhou para Janet pela janela (o que era um dos delitos mais graves contra a dignidade de minha tia), ela pareceu conquistar mais o meu respeito, senão menos o meu medo.

Era extrema a ansiedade que eu enfrentava no intervalo inevitável de uma resposta à carta dela para o sr. Murdstone; mas fiz um esforço para eliminá-la e ser o mais agradável possível discretamente, tanto com minha tia como com o sr. Dick. Este e eu teríamos saído para empinar a grande pipa, não fosse o fato de eu ainda não ter outras roupas além daqueles panos ornamentais com que havia sido decorado no primeiro dia e que me confinavam à casa, a não ser por uma hora depois do anoitecer, quando minha tia, em função de minha saúde, me fazia andar para cá e para lá no rochedo em frente, antes de ir para a cama. A resposta do sr. Murdstone chegou afinal e minha tia me informou, para meu infinito terror, que ele vinha falar com ela no dia seguinte. No dia seguinte, ainda embrulhado em minha curiosa vestimenta, fiquei sentado, contando as horas, afogueado pelo conflito entre poucas esperanças e muitos medos dentro de mim, esperando para me assustar com a visão do rosto sombrio, cuja demora me sobressaltava a cada minuto.

Minha tia estava um pouco mais imperiosa e severa que o normal, mas não observei nenhum outro preparativo para receber o visitante que tanto me horrorizava. Ela sentou para costurar junto à janela e me sentei a seu lado, com meus pensamentos percorrendo caoticamente todos os resultados possíveis e impossíveis da visita do sr. Murdstone, até bem avançada a tarde. Nosso almoço havia sido adiado indefinidamente; mas estava ficando tão tarde que minha tia acabara de mandar servir quando deu um repentino alarme contra burros, e para minha consternação e surpresa, vi a srta. Murdstone montada num silhão, trotando devagar pelo sagrado pedaço de grama, e parar em frente da casa, olhando em torno.

– Vá embora daqui! – minha tia gritou, sacudindo a cabeça e o punho fechado à janela. – Não tem nada o que fazer aqui. Como tem a audácia de invadir? Vá-se embora! Ah, que descarada!

Minha tia ficou tão exasperada com a frieza com que a srta. Murdstone olhou em torno, que acredito mesmo que se viu imobilizada e momentaneamente incapaz de sair depressa como era seu costume. Aproveitei a oportunidade para informá-la de quem se tratava e que o cavalheiro que agora se aproximava da invasora (pois o caminho era muito íngreme e ele ficara para trás) era o próprio sr. Murdstone.

– Não me importa quem é! – gritou minha tia, sacudindo a cabeça, e gesticulando pela janela algo que não eram boas-vindas. – Não vou admitir invasão. Não admito. Vá embora! Janet, vire o burro. Mande embora! – E eu, atrás de minha tia, vi uma espécie de batalha apressada, em que o burro resistia a todo mundo, com as quatro patas fincadas para todo lado, enquanto Janet tentava virá-lo pela rédea, o sr. Murdstone tentava levá-lo em frente, a srta. Murdstone batia em Janet com a sombrinha e vários meninos, que tinham vindo ver a chegada, gritavam vigorosamente. Mas minha tia, distinguindo de repente entre eles o jovem transgressor que era o condutor do burro, um dos mais inveterados de seus transgressores, embora mal entrado na adolescência, correu para o campo da ação, pulou em cima dele, pegou-o, arrastou-o, com o paletó puxado sobre a cabeça e os calcanhares raspando o chão, para dentro do jardim, mandou Janet chamar os guardas e os juízes para que ele fosse levado, julgado e executado imediatamente, e o manteve preso no jardim. Essa parte da história, porém, não durou muito; porque o malandrinho, hábil numa variedade de jogos de corpo de que minha tia não fazia a menor ideia, logo estava correndo embora, deixando sulcos profundos de suas botas ferradas nos canteiros de flores e levando o burro em triunfo com ele.

Durante a última parte da disputa, a srta. Murdstone havia desmontado e agora esperava seu irmão junto aos degraus, até minha tia estar disponível para recebê-los. Um pouco afogueada pelo combate, minha tia marchou diante deles para dentro de casa, com grande dignidade, sem dar atenção à sua presença, até serem anunciados por Janet.

– Quer que eu saia, tia? – perguntei, tremendo.

– De jeito nenhum! – disse minha tia. E me empurrou para um canto,

me protegendo com uma cadeira, como se eu estivesse na prisão ou na barra do tribunal. Continuei ocupando essa posição durante toda a entrevista, e dali vi o sr. e a srta. Murdstone entrarem na sala.

– Ah – disse minha tia –, não tinha me dado conta de quem eu tinha o prazer de espantar! Mas não permito que ninguém montado pise naquela grama. Não abro exceções. Não permito ninguém montado ali.

– Sua regra é bem estranha para desconhecidos – disse a srta. Murdstone.

– É, sim! – disse minha tia.

O sr. Murdstone parecia temer a retomada das hostilidades e interrompeu:

– Senhorita Trotwood!

– Com sua licença – observou minha tia com um olhar duro –, o senhor é o senhor Murdstone que se casou com a viúva de meu finado sobrinho, David Copperfield de Gralhada de Blunderstone? Embora eu não entenda o porquê do Gralhada!

– Sou eu – disse o sr. Murdstone.

– Vai me perdoar que diga, meu senhor – retomou minha tia –, que acho que teria sido muito melhor e mais tranquilo se tivesse deixado a pobre menina em paz.

– Concordo inteiramente com o que a senhorita Trotwood observou – disse a srta. Murdstone, se empertigando –, que sob todos os aspectos essenciais sempre considerei que nossa saudosa Clara não passava de uma menina.

– É um consolo para a senhora e para mim – disse minha tia – que estamos chegando ao fim da vida e muito provavelmente não temos ninguém para nos fazer infelizes por nossa aparência pessoal, que ninguém possa dizer a mesma coisa de nós.

– Sem dúvida! – retorquiu a srta. Murdstone, embora, achei, sem uma concordância imediata ou elegante. – E sem dúvida teria sido muito melhor, como disse, e mais tranquilo para meu irmão se não tivesse se comprometido com esse casamento. Sempre fui dessa opinião.

– Não tenho dúvida de que sim – disse minha tia. – Janet – ela tocou a

campainha –, meus cumprimentos ao senhor Dick e peça para ele descer.

Até ele chegar, minha tia ficou absolutamente ereta e rígida, com a testa franzida para a parede. Quando ele entrou, minha tia realizou a cerimônia de apresentações.

– Senhor Dick. Um velho amigo íntimo. Em cujo bom senso – disse minha tia com ênfase, como alerta ao sr. Dick, que estava roendo a unha do indicador e parecendo bem bobo – eu confio.

O sr. Dick tirou o dedo da boca com essa indicação e parou junto ao grupo, com uma expressão grave e atenta no rosto. Minha tia inclinou a cabeça para o sr. Murdstone, que prosseguiu:

– Senhorita Trotwood, ao receber a sua carta, considerei que seria um ato de justiça comigo e talvez de maior respeito pela senhora...

– Obrigada – disse minha tia, ainda olhando duro para ele. – Não precisa se preocupar comigo.

– Responder em pessoa, apesar do inconveniente da viagem – continuou o sr. Murdstone –, em vez de por carta. Esse menino infeliz, que fugiu de seus amigos e de seu trabalho...

– E cuja aparência – interrompeu sua irmã, dirigindo a atenção de todos para mim com meu traje indefinível – é absolutamente escandalosa e vergonhosa.

– Jane Murdstone – disse seu irmão –, tenha a bondade de não me interromper. Esse menino infeliz, senhorita Trotwood, foi causa de muitos problemas e inquietações domésticas, tanto em vida de minha falecida e querida esposa como depois. É um espírito casmurro e rebelde, um temperamento violento, de tendência obstinada e intratável. Tanto minha irmã como eu nos empenhamos em corrigir esses vícios, sem resultado. E senti, nós dois sentimos, posso dizer, uma vez que confio inteiramente em minha irmã, que a senhorita deva receber essa garantia séria e desapaixonada de nossos próprios lábios.

– Nem é preciso que eu confirme nada do que disse meu irmão – a srta. Murdstone falou –; mas peço que observe que, de todos os meninos do mundo, acredito que esse seja o pior.

– Essa é forte! – minha tia disse, seca.

– Mas não forte demais diante dos fatos – retrucou a srta. Murdstone.

– Ah! – disse minha tia. – E então, meu senhor?

– Tenho minha opinião – retomou o sr. Murdstone, cujo rosto ficava mais e mais sombrio à medida que ele e minha tia se observavam, o que faziam fixamente – quanto à melhor maneira de educar esse menino. Baseada em parte no meu conhecimento dele e em parte nos meus próprios meios e recursos. Sou responsável por ele, ajo de acordo e não preciso dizer mais nada. Basta dizer que pus esse menino sob os cuidados de um amigo meu, num emprego respeitável; de que ele não gostou, fugiu e se transformou num vagabundo comum pelo campo, chegando aqui, esfarrapado, para pedir seu socorro, senhorita Trotwood. Quero explicar, honestamente, na medida em que são do meu conhecimento, as exatas consequências de a senhora apoiar o menino.

– Mas vamos antes falar desse emprego respeitável – disse minha tia. – Se ele fosse seu filho, teria mandado o menino trabalhar da mesma forma, acredito?

– Se fosse filho do meu irmão – replicou a srta. Murdstone, se intrometendo –, tenho certeza de que o caráter dele seria absolutamente diferente.

– Ou se a pobre menina, mãe dele, estivesse viva, ele teria sido mandado para o emprego respeitável mesmo assim? – perguntou minha tia.

– Acredito – disse o sr. Murdstone, com uma inclinação da cabeça – que Clara não teria feito nenhuma oposição se eu e minha irmã Jane Murdstone tivéssemos concordado que era para o bem dele.

A srta. Murdstone confirmou isso com um murmúrio audível.

– Hum! – fez minha tia. – Pobre criança!

O sr. Dick, que estava tilintando seu dinheiro esse tempo todo, tilintava tão alto agora que minha tia sentiu que era necessário contê-lo com um olhar antes de dizer:

– A pensão anual da pobre moça morreu com ela?

– Morreu com ela – replicou o sr. Murdstone.

– E não ficou estabelecido que a pequena propriedade, a casa e o

jardim, essa coisa de Gralhada sem nenhuma gralha, ficaria para o filho dela?

– A propriedade foi deixada para ela, incondicionalmente, pelo primeiro marido – começou a dizer o sr. Murdstone, quando minha tia o calou, tão irritada e impaciente quanto possível.

– Meu Deus, isso nem precisa ser dito. Deixou para ela incondicionalmente! E David Copperfield lá era homem de impor qualquer tipo de condição, mesmo que estivesse debaixo do nariz dele! Claro que deixou para ela incondicionalmente. Mas quando ela se casou de novo, quando deu esse passo desastroso de casar com o senhor – disse minha tia –, em resumo, falando com franqueza, ninguém disse nem uma palavra em defesa deste menino na época?

– Minha falecida e amada esposa amava seu segundo marido, minha senhora – disse o sr. Murdstone – e confiava inteiramente nele.

– Sua falecida esposa, meu senhor, era uma criança totalmente alheia, infeliz e sem sorte – disse minha tia, sacudindo a cabeça para ele. – Isso é que *ela* era. E agora, tem mais alguma coisa a dizer?

– Apenas o seguinte, senhorita Trotwood – ele retomou. – Estou aqui para levar David de volta, incondicionalmente, para dispor dele como achar conveniente e lidar com ele como achar certo. Não estou aqui para fazer nenhuma promessa, nem me comprometer com ninguém. A senhora talvez pretenda proteger o menino em sua fuga e em suas reclamações. O modo como se comporta, que devo confessar não parece nada propício, me leva a achar que isso é possível. Agora, quero alertar a senhora que, se proteger o menino desta vez, terá de proteger para sempre e em tudo; caso se coloque entre ele e mim agora, esse passo, senhorita Trotwood, será definitivo. Não estou brincando e ninguém brinca comigo. Estou aqui pela primeira e última vez para levar o menino embora. Ele está pronto para ir? Se não, e a senhora me diz que não, por algum motivo, não me importa qual, minhas portas estão fechadas para ele daqui por diante e as suas, tenho certeza, se abrem para ele.

Minha tia ouviu esse discurso com muita atenção, sentada perfeitamente ereta, as mãos cruzadas sobre um joelho, inflexível, olhando o sr. Murdstone. Quando ele terminou, ela voltou os olhos para

a srta. Murdstone, sem perturbação alguma em sua atitude, e disse:

– Bom, e o que *a senhora* tem a dizer?

– De fato, senhorita Trotwood – disse a srta. Murdstone –, tudo que eu poderia dizer já foi tão bem dito por meu irmão e todos os fatos que sei já foram tão bem expostos por ele que não tenho nada a acrescentar a não ser agradecer por sua cortesia. Por sua grande cortesia, com certeza – disse a srta. Murdstone com uma ironia que não afetou minha tia mais do que teria afetado o canhão debaixo do qual dormi em Chatham.

– E o que diz o menino? – minha tia perguntou. – Está pronto para ir, David?

Eu respondi que não e pedi que não me deixasse ir. Disse que nem o sr. nem a srta. Murdstone jamais haviam gostado de mim ou sido bons comigo. Que tinham feito minha mãe, que sempre me amara carinhosamente, ficar infeliz comigo, e que eu sabia bem disso, e Peggotty sabia bem. Disse que tinha sido mais infeliz do que qualquer um poderia imaginar, sabendo a minha pouca idade. E implorei, supliquei a minha tia, me esqueço agora com que termos, mas me lembro que muito me afetaram naquele momento, que fosse minha amiga e me protegesse, em honra de meu pai.

– Senhor Dick – disse minha tia –, o que devemos fazer com essa criança?

O sr. Dick pensou, hesitou, animou-se e retomou:

– Mandar tirar as medidas dele para fazer uma roupa imediatamente.

– Senhor Dick – disse minha tia, triunfante –, me dê a mão, porque o seu bom senso é inestimável. – Depois de apertar a mão dele com grande cordialidade, ela me puxou para si e disse ao sr. Murdstone:

– Pode ir embora quando quiser. Vou arriscar com o menino. Se ele é tudo o que o senhor disse, ao menos posso fazer por ele o que o senhor fez. Mas não acredito em nenhuma palavra do que disse.

– Senhorita Trotwood – retomou o sr. Murdstone, encolhendo os ombros ao se levantar –, se a senhora fosse um cavalheiro...

– Bah! Que besteira! – disse minha tia. – Não fale comigo!

– Que bela educação! – exclamou a srta. Murdstone, levantando-se. –

Incrível mesmo!

– Acha que não sei – disse minha tia ignorando a irmã e continuando a se dirigir ao irmão e a sacudir a cabeça para ele com muita expressão – o tipo de vida que o senhor deve ter imposto àquela pobre, infeliz menina, tão perdida? Acha que não sei a infelicidade que foi para aquela pobre criatura delicada o dia em que o *senhor* cruzou o caminho dela, sorrindo e lançando olhares para ela como se não fosse capaz de fazer mal a uma mosca!

– Nunca ouvi nada tão elegante! – disse a srta. Murdstone.

– Acha que não consigo entender tão bem como se tivesse visto o senhor naquela época – prosseguiu minha tia –, agora que *de fato* vejo e escuto, coisa que, digo sinceramente, não me dá nenhum prazer? Ah, meu Deus do céu, como devia ser delicado e sedutor o senhor Murdstone no começo! A pobre inocente iludida nunca tinha visto um homem assim. Era todo doçura. Adorava a mãe e tinha loucura pelo filho, uma terna loucura por ele! Ia ser um novo pai para ele e viveriam todos juntos num jardim de rosas, não é? Ah! Fora daqui o senhor, agora! – disse minha tia.

– Nunca ouvi ninguém igual a essa pessoa em minha vida! – exclamou a srta. Murdstone.

– E quando o senhor já tinha dominado aquela pobre menina boba – disse minha tia –, Deus me perdoe chamar assim a uma pessoa que já foi para onde o *senhor* não tem pressa de ir, porque, como se não tivesse já feito bastante mal a ela e aos seus, começou a educar a moça, não foi?, começou a domá-la como se fosse um passarinho numa gaiola, esgotando a vida dela, ensinando a coitada a dançar segundo a *sua* música?

– Isso é loucura ou embriaguez – disse a srta. Murdstone, absolutamente agoniada por não conseguir voltar o fluxo do discurso de minha tia para ela –, e desconfio é que seja embriaguez.

Sem dar a menor atenção à interrupção, a srta. Betsey continuou se dirigindo ao sr. Murdstone como se não tivesse havido nada.

– Senhor Murdstone – disse ela, sacudindo o dedo para ele –, o senhor foi um tirano com uma simples menina e partiu seu coração. Ela era uma

moça adorável, sei disso, e sabia disso anos antes de o *senhor* botar os olhos nela, e conhecendo a sua fraqueza o senhor lhe deu as mágoas de que ela morreu. A verdade é essa, o senhor goste ou não. E o senhor e seus instrumentos podem entender como quiser.

– Me permita perguntar, senhorita Trotwood – interrompeu a srta. Murdstone –, quem a senhora está chamando, com palavras a que não estou acostumada, de instrumentos de meu irmão?

Absolutamente surda à voz dela e com total indiferença, a srta. Betsey continuou seu discurso.

– Era já muito claro, como eu disse, anos antes que o *senhor* conhecesse essa moça (e nenhum ser humano consegue compreender por que, pelos misteriosos caminhos da Providência, o senhor conheceu essa moça), era muito claro já que a frágil pobrezinha se casaria com alguém, cedo ou tarde, mas eu esperava que não acabasse sendo tão ruim. Foi quando, senhor Murdstone, ela deu à luz este menino aqui – disse minha tia –, esta pobre criança que o senhor às vezes usou para atormentar a coitada, o que é uma lembrança desagradável e torna a visão dele uma coisa odiosa para o senhor agora. É, sim, é, sim, não adianta tremer! – disse minha tia. – Não preciso disso para saber que é verdade.

Ele havia parado na porta, esse tempo todo, olhando para ela com um sorriso no rosto, embora as sobrancelhas pretas estivessem fortemente contraídas. Observei então que, apesar de o sorriso ainda estar em seu rosto, ele havia perdido a cor por um momento e respirava como se tivesse corrido.

– Bom dia, meu senhor – disse minha tia –, e adeus! Bom dia para a senhora também – disse minha tia, virando-se de repente para a irmã. – Quero ver se pisa no *meu* gramado em cima de um burro outra vez, e tão certo como a senhora ter uma cabeça nos ombros, tiro a sua touca e piso em cima dela!

Seria preciso um pintor e não um pintor comum para reproduzir a cara de minha tia ao expressar esse sentimento tão inesperado e a cara da srta. Murdstone ao ouvir isso. Mas a forma do discurso tanto quanto o conteúdo foram tão ferozes que a srta. Murdstone, sem responder nem

uma palavra, discretamente passou o braço pelo braço do irmão e saiu do chalé cheia de si. Minha tia ficou à janela olhando os dois irem embora, sem dúvida preparada para, no caso de o burro reaparecer, levar a cabo imediatamente a sua ameaça.

Como não houve nenhuma tentativa de desafio, porém, seu rosto aos poucos relaxou e ficou tão agradável que tive coragem de lhe dar um beijo e agradecer, coisas que fiz de coração, com os dois braços em torno do pescoço dela. Depois, apertei a mão do sr. Dick, que sacudiu minha mão muitas vezes e saudou esse final feliz com repetidas gargalhadas.

– O senhor considere-se guardião desse menino, junto comigo, senhor Dick – disse minha tia.

– Será um prazer – disse o sr. Dick –, ser guardião do filho de David.

– Muito bem – replicou minha tia –, *isso* está resolvido. Estou pensando, sabe, senhor Dick, que ele devia se chamar Trotwood.

– Claro, claro. Chame de Trotwood, sim – disse o sr. Dick. – Filho de David Trotwood.

– Trotwood Copperfield o senhor quer dizer – replicou minha tia.

– Claro, com certeza. Claro. Trotwood Copperfield – disse o sr. Dick, um pouco envergonhado.

Minha tia ficou tão animada com a ideia que umas roupas prontas, compradas para mim naquela tarde, foram marcadas "Trotwood Copperfield" com sua caligrafia em tinta indelével, antes que eu as vestisse. E ficou acertado que todas as outras roupas que foram encomendadas para mim (tomaram as medidas para um traje completo essa tarde) deveriam ser marcadas do mesmo jeito.

Assim comecei minha nova vida, com novo nome e com tudo novo em torno de mim. Agora que o estado de dúvida estava superado, me senti, durante muitos dias, como alguém que está sonhando. Nunca pensei que tinha uma curiosa dupla de guardiões em minha tia e no sr. Dick. Nunca pensei em nada distintamente. As duas coisas mais claras em minha cabeça eram que a antiga vida em Blunderstone se tornara remota – que parecia estar numa névoa a distância incomensurável; e que uma cortina havia baixado sobre a vida na Murdstone e Grinby. Ninguém nunca mais

ergueu essa cortina desde então. Eu a ergui por um momento nesta narrativa, mas com mão relutante, e a deixei baixar com alegria. A lembrança daquela vida está tão envolta em dor para mim, em tal sofrimento mental e desesperança, que nunca tive a coragem de examinar por quanto tempo estive condenado a levá-la. Se durou um ano, mais ou menos, eu não sei. Só sei que aconteceu e deixou de acontecer; e isso escrevi e nisso ficamos.

XV

Começo de novo

O sr. Dick e eu logo nos tornamos melhores amigos, e muitas vezes, quando ele terminava o trabalho diário, saíamos juntos para empinar a grande pipa. Todos os dias da vida ele trabalhava longamente em seu memorial, que nunca fazia o menor progresso por mais que se esforçasse, porque o rei Charles i sempre se intrometia, mais cedo ou mais tarde, e o texto era deixado de lado e ele começava outro. A paciência e esperança com que ele suportava essas decepções perpétuas, a vaga percepção que tinha de que havia alguma coisa errada com o rei Charles i, os tênues esforços que fazia para mantê-lo de fora e a certeza com que ele voltava e desfigurava o memorial, muito me impressionaram. Qual o sr. Dick achava que seria o destino do memorial, se completado; para onde achava que devia ser encaminhado ou o que achava que devia atingir, ele não sabia melhor do que ninguém, acredito. Nem era absolutamente necessário que se preocupasse com essas questões, porque, se havia alguma coisa certa debaixo do sol, era que o memorial nunca seria concluído.

Era muito tocante, eu achava, vê-lo com a pipa quando ela estava a uma grande altitude. O que ele me disse em seu quarto sobre a convicção de disseminar as declarações presas à pipa, que não passavam de velhas folhas de memoriais inacabados, podia ser uma fantasia dele, mas não quando estava ao ar livre, olhando a pipa no céu e sentindo os puxões do fio na mão. Ele nunca parecia tão sereno como nesses momentos. Eu costumava achar, sentado ao lado dele numa escarpa gramada, à tarde, observando enquanto ele olhava a pipa lá no alto no ar tranquilo, que ela erguia sua mente da confusão e a levava (era a minha ideia infantil) para o céu. Quando ele enrolava o fio e a pipa baixava e descia na linda luz, até tremular no chão e lá ficar como uma coisa morta, ele parecia despertar aos poucos de um sonho. Me lembro de tê-lo visto erguer a

pipa e olhar em torno com ar perdido, como se os dois tivessem baixado juntos, de tal forma que sentia pena em meu coração.

A amizade e intimidade que desenvolvi com o sr. Dick em nada diminuíram os favores de sua amiga fiel, minha tia. Ela era tão boa comigo que, depois de algumas semanas, havia abreviado meu sobrenome adotado de Trotwood para Trot. E até me estimulava a esperar que, se continuasse como havia começado, poderia assumir entre os seus afetos o mesmo nível de minha irmã, Betsey Trotwood.

– Trot – disse minha tia, uma noite, quando o tabuleiro de gamão foi colocado como sempre entre ela e o sr. Dick –, não podemos esquecer de sua educação.

Essa era a minha única ansiedade, e fiquei muito aliviado quando ela falou no assunto.

– Gostaria de ir à escola em Canterbury? – minha tia perguntou.

Respondi que gostaria muito, uma vez que ficava tão perto dela.

– Ótimo – disse minha tia. – Gostaria de ir amanhã?

Já familiarizado com a habitual rapidez das evoluções de minha tia, não me surpreendi com a súbita proposta e disse:

– Claro.

– Ótimo – minha tia repetiu. – Janet, mande aprontar o cavalo cinza e a charrete para amanhã de manhã, às dez horas, e faça as malas do senhor Trotwood hoje à noite.

Fiquei muito estimulado com essas ordens, mas meu coração me castigou por meu egoísmo quando vi o efeito delas sobre o sr. Dick, que ficou tão deprimido com a perspectiva de nossa separação e consequentemente jogou tão mal que minha tia, depois de diversas batidas de alerta em sua mão com a caixa de dado, fechou o tabuleiro e não quis mais jogar com ele. Mas ao saber por minha tia que eu podia às vezes vir para casa num sábado e que ele às vezes poderia ir me ver numa quarta-feira, ele se reanimou e prometeu fazer outra pipa para essas ocasiões, de proporções muito maiores que a atual. De manhã, ele estava triste outra vez e teria se consolado me dando todo o dinheiro que tinha, ouro e prata, se minha tia não interferisse e limitasse o presente a cinco

xelins que, por insistência dele, acabaram sendo aumentados para dez. Nos despedimos no portão do jardim de forma muito afetuosa, e o sr. Dick não entrou na casa enquanto minha tia e eu não desaparecemos na estrada.

Minha tia, que era em tudo indiferente à opinião pública, conduzia o cavalo cinzento pelas ruas de Dover com muito domínio, ereta e rígida como um cocheiro de verdade, o olho atento para onde ele ia e fazendo questão absoluta de que ele não fizesse o que queria sob nenhum aspecto. Quando chegamos a uma estrada rural, ela deixou que o cavalo relaxasse um pouco e, olhando para mim no vale de almofadas a seu lado, me perguntou se eu estava feliz.

– Muito feliz, muito obrigado, tia – eu disse.

Ela ficou muito satisfeita; e como estava com ambas as mãos ocupadas, me deu um toque na cabeça com o chicote.

– É uma escola grande, tia? – perguntei.

– Pois eu não sei – respondeu minha tia. – Vamos primeiro falar com o senhor Wickfield.

– *Ele* tem uma escola? – perguntei.

– Não, Trot – disse minha tia. – Ele tem um escritório.

Não pedi mais nenhuma informação sobre o sr. Wickfield e ela não disse mais nada a respeito, então conversamos sobre outros assuntos até chegar a Canterbury, onde, como era dia de feira, minha tia teve a oportunidade de insinuar o cavalo cinza entre carroças, cestos, legumes e vendedores ambulantes. As curvas e desvios apertados que fazíamos atraíam uma variedade de exclamações das pessoas em torno, que nem sempre eram elogiosas, mas minha tia continuou conduzindo com absoluta indiferença, e acredito que teria seguido seu rumo com igual tranquilidade atravessando terreno inimigo.

Acabamos parando diante de uma casa muito velha que se projetava sobre a estrada; uma casa com grandes janelas baixas de treliça se projetando ainda mais longe e vigas com cabeças entalhadas nas pontas também se projetando, de tal forma que achei que a casa toda estava se inclinando para a frente, tentando ver quem passava na estreita calçada

abaixo. A limpeza ali era imaculada. A aldrava antiga de latão na porta baixa, em arco, era ornamentada com guirlandas de frutas e flores entalhadas, brilhando como uma estrela; os dois degraus de pedra que levavam à porta eram tão brancos que pareciam cobertos por fino lençol; e todos os ângulos e cantos e as curiosas janelinhas, embora tão velhas quanto as colinas, eram tão puras como qualquer neve que caísse nas montanhas.

Quando a charrete parou na porta e meus olhos olhavam atentamente a casa, vi um rosto cadavérico aparecer numa janelinha do térreo (numa pequena torre que formava um lado da casa) e desaparecer rapidamente. A porta baixa e arqueada então se abriu e o rosto saiu. Era tão cadavérico como tinha parecido à janela, embora tivesse o tom avermelhado que às vezes se observa na pele de pessoas ruivas. Pertencia a uma pessoa ruiva, um rapaz de uns quinze anos, como calculo agora, mas parecendo muito mais velho, o cabelo cortado o mais rente possível, praticamente sem sobrancelhas e sem nenhum cílio, os olhos vermelho-acastanhados, tão desprotegidos e expostos que me lembro de ter me perguntado como ele fazia para dormir. Era ossudo, de ombros erguidos, vestido decentemente de preto, com um fiapo de lenço branco no pescoço, abotoado até em cima, e as mãos magras, esqueléticas, que chamavam especialmente a atenção quando parou ao lado da cabeça do cavalo acariciando seu queixo e olhando para nós na charrete.

– O senhor Wickfield está em casa, Uriah Heep? – perguntou minha tia.

– O senhor Wickfield está, sim, senhora – respondeu Uriah Heep –, a senhora tenha a bondade de entrar. – E apontou com a mão comprida uma sala.

Descemos, deixando-o a segurar o cavalo, entramos em uma sala comprida que dava para a rua, pela janela vi de relance, ao entrar, que Uriah Heep respirou na narina do cavalo e imediatamente a cobriu com a mão, como se estivesse pondo nele algum encantamento. Na frente da alta lareira antiga, havia dois retratos: um de um cavalheiro grisalho (embora de forma alguma velho) e sobrancelhas pretas, que olhava uns papéis amarrados com fita vermelha; o outro de uma dama com

expressão muito plácida e doce, olhando diretamente para mim.

Acredito que estava me voltando para procurar o quadro de Uriah quando, ao se abrir uma porta no extremo da sala, entrou um cavalheiro cujo aspecto me fez olhar para o mencionado retrato outra vez, para ter certeza de que não havia escapado da moldura. Mas o quadro estava parado, e quando o cavalheiro avançou para a luz, vi que era alguns anos mais velho do que quando o quadro fora pintado.

– Senhorita Betsey Trotwood – disse o cavalheiro –, por favor, entre. Estava ocupado no momento, mas a senhora vai me desculpar. Conhece bem minhas razões. Eu só tenho uma na vida.

A srta. Betsey agradeceu e entramos na sala dele, mobiliada como um escritório, com livros, papéis, caixas metálicas e assim por diante. Dava para um jardim e havia um cofre de ferro embutido numa parede tão imediatamente acima do aparador da lareira que me perguntei, ao sentar, como os limpadores de chaminé faziam quando tinham de limpar ali.

– Bom, senhorita Trotwood – disse o sr. Wickfield, pois logo descobri que dele se tratava e que era um advogado, administrador das propriedades de um rico cavalheiro da área –, que bons ventos trazem a senhora até aqui? Nenhuma tempestade, espero.

– Não – replicou minha tia –, não vim por nenhuma questão legal.

– Muito bem – disse o sr. Wickfield. – Melhor que tenha vindo por qualquer outra coisa.

O cabelo dele agora estava branco, mas as sobrancelhas continuavam pretas. Era um rosto muito agradável e, pensei, bonito. Havia certa vivacidade em sua cor que, sob os cuidados de Peggotty, eu estava desde muito acostumado a relacionar com o vinho do Porto; e achei que havia a mesma coisa em sua voz encorpada, que atribuí à mesma causa. Estava muito corretamente vestido, com paletó azul, colete riscado e calça preta, a camisa de finos babados e uma gravata de cambraia que parecia excepcionalmente macia e branca, lembrando aos meus caprichos flutuantes (me vem à mente) a plumagem do peito de um cisne.

– Este é meu sobrinho – disse minha tia.

– Não sabia que tinha um, senhorita Trotwood – disse o sr. Wickfield.

– Meu sobrinho-neto, na verdade – observou minha tia.

– Não sabia que tinha um sobrinho-neto, sinceramente – isse o sr. Wickfield.

– Eu adotei meu sobrinho-neto – disse minha tia com um gesto de mão que dizia que ele saber ou não saber pouco lhe importava –, e estamos aqui porque quero que vá para uma escola onde seja muito bem educado e bem tratado. Agora me diga onde fica essa escola, qual é, e todos os detalhes a respeito.

– Antes que possa aconselhar a senhora devidamente – disse o sr. Wickfield –, a velha pergunta, a senhora sabe. Qual a sua razão para isso?

– Mas que diabo! – exclamou minha tia. – Sempre procurando razões quando estão bem à vista! Ora, para deixar a criança feliz e útil.

– Deve haver alguma outra razão, eu acho – disse o sr. Wickfield sacudindo a cabeça e sorrindo, incrédulo.

– Outra razão coisa nenhuma! – devolveu minha tia. – O senhor diz ter uma razão clara em tudo o que faz. Espero que não ache que é a única pessoa no mundo que vive com clareza.

– É, mas eu só tenho uma razão de viver, senhorita Trotwood – ele continuou, sorrindo. – Outras pessoas têm dezenas, dúzias, centenas. Tenho apenas uma. Essa é a diferença. Mas isso não importa. A melhor escola? Seja qual for a razão, a senhora quer a melhor?

Minha tia assentiu com a cabeça.

– Na melhor que temos – disse o sr. Wickfield, pensando –, seu sobrinho não poderia ser admitido de imediato.

– Mas pode ser admitido em alguma outra, não? – sugeriu minha tia.

O sr. Wickfield achava que sim. Depois de uma pequena conversa, ele propôs levar minha tia à escola, para ela ver e julgar por si mesma. E também levá-la, com o mesmo objetivo, a duas ou três outras casas onde ele achava que eu podia ser alojado. Minha tia aceitou a proposta, e nós três íamos saindo juntos quando ele parou e disse:

– Nosso amiguinho aqui talvez tenha alguma razão para opor-se a

esse arranjo. Acho que seria melhor que ficasse aqui.

Minha tia parecia disposta a questionar, mas para facilitar as coisas eu disse que ficaria muito bem, se eles quisessem. E voltei para a sala do sr. Wickfield, onde me sentei outra vez na poltrona que ocupara antes, esperando que voltassem.

Acontece que a poltrona ficava na frente de um corredor estreito que terminava na salinha circular onde eu tinha visto o rosto pálido de Uriah Heep olhando pela janela. Depois de levar o cavalo a um estábulo próximo, Uriah estava trabalhando a uma mesa em sua sala, que tinha em cima uma moldura de latão para pendurar papéis, e do papel pendurado ele estava fazendo uma cópia. Embora seu rosto estivesse voltado para mim, achei durante algum tempoque como o papel estava entre nós, ele não conseguisse me ver, mas olhando mais atentamente, fiquei incomodado de observar que, de quando em quando, seus olhos insones se afastavam da escrita como dois sóis vermelhos e se fixavam sub-repticiamente em mim, acredito mesmo que às vezes por um minuto inteiro, durante o qual a pena continuava, ou ele fingia continuar, tão hábil como antes. Fiz várias tentativas de escapar de seu olhar, como subir numa cadeira para olhar um mapa do outro lado da sala e examinar as colunas de um jornal de Kent, mas seus olhos sempre me atraíam de volta; e toda vez que eu olhava para aqueles dois sóis vermelhos, era certeza encontrá-los, se erguendo ou baixando.

Finalmente, para meu grande alívio, minha tia e o sr. Wickfield voltaram, depois de uma ausência bastante longa. Não tinham sido tão bem-sucedidos como eu gostaria, pois, embora as vantagens da escola fossem inegáveis, minha tia não aprovou nenhuma das pensões para mim.

– É uma dificuldade – disse minha tia. – Não sei o que fazer, Trot.

– *De fato* é uma dificuldade – disse o sr. Wickfield. – Mas sei o que pode fazer, senhorita Trotwood.

– O quê? – perguntou minha tia.

– Deixe seu sobrinho aqui por enquanto. É um menino tranquilo. Não vai me incomodar em nada. Esta é uma casa apropriada para o estudo. Mais sossegada que um mosteiro e quase tão grande quanto um. Deixe o

menino aqui.

Minha tia evidentemente gostou da oferta, embora achasse delicado aceitar. Assim como eu.

– Ora, senhorita Trotwood – disse o sr. Wickfield. – É a saída para essa dificuldade. É um arranjo temporário, como sabe. Se não funcionar bem, ou não for de nossa mútua conveniência, ele facilmente pode mudar. Teremos tempo de encontrar um lugar melhor para ele enquanto isso. O melhor é a senhora decidir deixar o menino aqui no momento!

– Fico muito agradecida – disse minha tia – e ele também, sabe, mas...

– Ora! Sei o que quer dizer – exclamou o sr. Wickfield. – Não quer se ver premida por favores recebidos, senhorita Trotwood. Pode pagar pela hospedagem se quiser. Não sejamos rígidos sobre os termos, mas a senhora paga se quiser.

– Diante disso – minha tia falou –, embora não diminua em nada o verdadeiro favor, ficarei muito contente de deixar o menino aqui.

– Então venha e conheça a minha pequena governanta – disse o sr. Wickfield.

Em seguida, subimos uma maravilhosa escada antiga, com uma balaustrada tão ampla que quase dava para subir por ela com igual facilidade, e entramos numa saleta escura, iluminada por três ou quatro janelas estranhas que eu tinha visto da rua, com antigos bancos de carvalho abaixo delas, ao que parece vindos das mesmas árvores do piso de carvalho brilhante e das grandes vigas do teto. Era uma sala lindamente mobiliada, com um piano e móveis alegres, verdes e vermelhos, com algumas flores. Parecia ter muitos cantos e recantos, e em cada canto e recanto havia uma mesinha estranha, um armário, uma estante, um banco, uma coisa ou outra, que me faziam pensar que não havia outro canto melhor na sala, até olhar o próximo e descobrir que era igual, senão melhor. Em tudo havia o mesmo ar de reclusão e limpeza que marcava a casa por fora.

O sr. Wickfield bateu de leve numa porta num canto da parede coberta por painéis e uma menina mais ou menos da minha idade saiu e o beijou. No rosto dela, vi imediatamente a expressão plácida e doce da dama cujo retrato havia olhado para mim no andar de baixo. Na minha

imaginação, parecia que o retrato havia se tornado uma mulher e o original permanecera criança. Embora seu rosto fosse luminoso e alegre, havia nele uma tranquilidade, e em torno dela um espírito moderado, bom, calmo que eu nunca esqueci e nunca esquecerei.

Essa era a sua pequena governanta, sua filha Agnes, disse o sr. Wickfield. Quando ouvi como ele falou e vi como segurou a mão dela, entendi qual era a sua única razão de viver.

Levava na cintura uma cestinha com chaves e parecia uma governanta tão séria e discreta como a velha casa merecia. Ela escutou o pai enquanto ele falava sobre mim, com uma expressão agradável; e quando ele concluiu, propôs a minha tia que subíssemos para eu ver o meu quarto. Subimos todos juntos, ela à nossa frente, e era um glorioso quarto antigo, com mais vigas de carvalho e vidraças em losangos, a ampla balaustrada subindo até ele.

Não consigo me lembrar onde ou quando, em minha infância, vi um vitral numa igreja. Nem me lembro de seu assunto. Mas sei que, quando a vi voltar-se na luz grave da velha escada e esperar por nós ali em cima, pensei no vitral; e para todo o sempre associei algo de sua luz tranquila a Agnes Wickfield.

Minha tia ficou tão contente quanto eu com os arranjos que fez, e descemos de volta à sala, satisfeitos e gratificados. Como ela não queria nem ouvir falar de ficar para jantar para não deixar de chegar em casa com o cavalo cinzento antes do anoitecer; e como percebi que o sr. Wickfield a conhecia muito bem para discutir qualquer coisa com ela, providenciaram um lanche, e Agnes voltou a sua governança, enquanto o sr. Wickfield ia para o escritório. Assim nos deixaram para nos despedirmos sem nenhum constrangimento.

Ela me disse que tudo seria providenciado pelo sr. Wickfield, que nada me faltaria, e me deu os mais carinhosos conselhos.

– Trot – disse minha tia, concluindo –, honre a si mesmo, ao senhor Dick e a mim e Deus estará com você!

Fiquei muito emocionado e só podia agradecer e agradecer a ela e mandar o meu amor ao sr. Dick.

– Nunca seja mesquinho – disse minha tia –, nunca falso, nunca cruel.

Evite esses três vícios, Trot, e minha esperança estará sempre com você.

Prometi o melhor que pude não decepcionar sua bondade nem esquecer seus conselhos.

– O cavalo está na porta – disse minha tia –, e estou indo embora! Fique aqui.

Com essas palavras ela me abraçou apressada e saiu da sala, fechando a porta ao passar. De início, fiquei perplexo com partida tão brusca, e quase temi tê-la desagradado, mas quando olhei para a rua, vi como subiu desanimada para a charrete e foi embora sem erguer a cabeça, então entendi melhor e não fiz essa injustiça a ela.

Por volta das cinco horas, que era a hora do jantar do sr. Wickfield, eu havia recobrado meu ânimo e estava pronto para meu garfo e faca. A mesa estava posta para nós dois apenas, mas Agnes estava esperando na sala antes do jantar, desceu com o pai e sentou-se à frente dele na mesa. Eu não acreditava que ele pudesse jantar sem ela.

Não ficamos ali depois do jantar. Subimos de volta para a sala: num canto acolhedor, Agnes serviu ao pai um copo de vinho do Porto. Achei que ele sentiria falta de seu sabor usual se fosse servido por outras mãos.

Lá ficou ele, tomando seu vinho, e tomando bastante, durante duas horas, enquanto Agnes tocava piano, costurava e conversava com ele e comigo. Ele era, quase todo o tempo, divertido e alegre conosco, mas às vezes seus olhos pousavam nela e ele caía num estado pensativo e silencioso. Ela sempre percebia isso depressa, notei, e o animava com uma pergunta ou um carinho. Ele então saía da meditação e tomava mais vinho.

Agnes fez chá e serviu. Passou-se um tempo, como passara depois do jantar, até ela se retirar, quando então o pai a abraçou e beijou e, assim que ela saiu, mandou acender velas em seu escritório. Então eu me retirei também.

Mas à noitinha, saí e caminhei um pouco na rua para dar mais uma olhada nas casas antigas e na catedral cinzenta. E pensar que em minha viagem eu havia atravessado aquela antiga cidade e passado pela própria casa em que morava, sem saber. Ao voltar, vi Uriah Heep fechando o escritório; e como tinha o desejo de ser simpático com todo mundo, fui,

conversei com ele, e ao me despedir lhe dei a mão. Mas, ah, que mão pegajosa era a dele! Tão fantasmagórica ao toque como à visão! Esfreguei a minha, depois, para aquecê-la *e para apagar a dele*.

Era uma mão tão incômoda que, quando entrei em meu quarto, ainda a sentia fria e úmida na memória. Olhando pela janela, vi uma das caras da ponta das vigas olhando de lado para mim, fantasiei que era Uriah Heep que havia subido ali de alguma forma, e fechei a janela depressa.

XVI

Um novo menino em mais de um sentido

Na manhã seguinte, depois do café, voltei à vida escolar. Acompanhado pelo sr. Wickfield, fui ao cenário de meus futuros estudos, um edifício severo com um pátio que tinha um ar acadêmico muito adequado às gralhas e corvos que baixavam das torres da catedral para passear garbosamente pelo gramado, e fui apresentado a meu novo professor, o dr. Strong.

O dr. Strong me pareceu quase tão enferrujado quanto as grades e portões de ferro da casa; e quase tão rígido e pesado quanto as grandes urnas de pedra que os ladeavam, colocadas no alto do muro de tijolos vermelhos a distâncias regulares em torno do pátio, como magníficos pinos de boliche para o Tempo jogar. Ele estava em sua biblioteca (falo do dr. Strong) com a roupa não especialmente escovada e o cabelo não especialmente penteado, a barra da calça desabotoada no joelho, assim como as polainas pretas e os sapatos bocejando como duas cavernas no tapete. Erguendo para mim um olhar sem brilho, que me lembrou um velho cavalo cego que costumava pastar e cambalear entre os túmulos no adro da igreja de Blunderstone, disse que estava contente de me conhecer e me estendeu a mão, com a qual eu não sabia o que fazer, porque ela própria não fazia nada.

Mas sentada a trabalhar, não longe do dr. Strong, estava uma moça muito bonita, que ele chamava de Annie e que era sua filha, acreditei, que me tirou da dificuldade ajoelhando-se para calçar os sapatos no dr. Strong, abotoar a barra de suas polainas, coisa que fez com grande alegria e rapidez. Quando terminou e estávamos saindo da classe, fiquei muito surpreso de ouvir o sr. Wickfield desejando-lhe bom dia e se dirigindo a ela como “sra. Strong”. Estava me perguntando se ela podia ser esposa do filho do dr. Strong, ou ser a própria sra. dr. Strong, quando o próprio dr. Strong inconscientemente me esclareceu.

– A propósito, Wickfield – disse ele, parando num corredor com a mão em meu ombro –, ainda não encontrou nenhuma posição conveniente para o primo de minha mulher?

– Não – disse o sr. Wickfield –, ainda não.

– Gostaria de resolver isso o mais depressa *possível*, Wickfield – disse o dr. Strong –, Jack Maldon está pobre e ocioso, e dessas duas coisas ruins, às vezes brotam coisas piores. Como diz o doutor Watts – acrescentou, olhando para mim e mexendo a cabeça ao ritmo da citação –, cabeça vazia, oficina do diabo.

– Sem dúvida, doutor – respondeu o sr. Wickfield –, se o doutor Watts conhecesse a humanidade, poderia ter escrito com a mesma verdade "cabeça ocupada, oficina do diabo". Pessoas ocupadas produzem uma boa parte da maldade no mundo, pode acreditar. O que as pessoas vêm perseguindo neste último século ou dois, além de dinheiro e poder? Não é ruim?

– Jack Maldon nunca vai se empenhar em conquistar nenhuma dessas duas coisas, creio – disse o dr. Strong, esfregando o queixo, pensativo.

– Talvez não – disse o sr. Wickfield –, e o senhor me leva de volta ao problema, com desculpas pela digressão. Não, ainda não consegui uma posição para o senhor Jack Maldon. Acredito – disse com certa hesitação – que percebo o seu motivo, e isso deixa a coisa mais difícil.

– Meu motivo – retomou o dr. Strong – é cuidar devidamente de um primo e velho amigo de Annie.

– É, eu sei – disse o sr. Wickfield –, aqui ou no exterior.

– É! – replicou o doutor, aparentemente pensando por que ele enfatizava tanto aquelas palavras. – Aqui ou no exterior.

– Suas próprias palavras, como sabe – disse o sr. Wickfield. – Ou no exterior.

– Sem dúvida – respondeu o doutor. – Sem dúvida. Um ou outro.

– Um ou outro? Para o senhor não faz diferença? – perguntou o sr. Wickfield.

– Não – respondeu o doutor.

– Não? – disse com assombro.

– Nenhuma.

– Nenhum motivo – disse o sr. Wickfield – para insistir no exterior e não aqui mesmo, para claramente preferir que ele seja colocado no exterior e não aqui?

– Não – respondeu o doutor.

– Sou forçado a acreditar e, claro, acredito no senhor –disse o sr. Wickfield. – Poderia ter simplificado muito meu trabalho se soubesse disso antes. Mas confesso que fiquei com outra impressão.

O dr. Strong olhou para ele com uma expressão intrigada e desconfiada que quase imediatamente se transformou num sorriso que me deu grande estímulo, pois era cheio de simpatia e doçura, e ao se romper o gelo do estudioso ponderado, havia em toda a sua maneira uma simplicidade muito atraente e esperançosa para um jovem estudante como eu. Repetindo "não" e "nem um pouco", e outras breves afirmativas com o mesmo sentido, o dr. Strong caminhou à nossa frente com um passo estranho e irregular, e seguimos atrás: percebi que o sr. Wickfield estava sério, sacudindo a cabeça para si mesmo, sem saber que eu estava olhando.

A sala de aula era um espaço bastante grande, no lado mais tranquilo da casa, de frente para o olhar majestoso da meia dúzia das grandes urnas, e permitindo um vislumbre do velho jardim privado pertencente ao doutor, onde os pêssegos amadureciam junto ao ensolarado muro do sul. Havia dois grandes aloés, em vasos, sobre o gramado diante das janelas; as folhas largas e duras dessa planta (que pareciam feitas de estanho pintado) passaram a ser para mim, por associação, símbolo de silêncio e reclusão. Uns vinte e cinco meninos estavam estudiosamente ocupados com seus livros quando entrei, mas puseram-se de pé para dar bom-dia ao doutor e permaneceram de pé quando viram o sr. Wickfield e eu.

– Um aluno novo, jovens cavalheiros – disse o doutor. – Trotwood Copperfield.

Um certo Adams, que era o líder da classe, saiu de seu lugar e me cumprimentou. Ele parecia um jovem clérigo com sua gravata branca, mas foi muito afável e bem-humorado, me mostrou o lugar e me

apresentou aos outros professores de um modo cavalheiresco que me deixaria à vontade se isso fosse possível.

Porém, parecia fazer tanto tempo que me vira entre meninos, ou entre quaisquer companheiros de minha idade, além de Mick Walker e Batata Farinhenta, que me sentia mais estranho que nunca. Estava tão consciente de ter passado por situações que eles não podiam nem imaginar, de ter tido experiências inusitadas para a minha idade, aparência e condição de menino igual a eles, que até chegava a achar uma impostura estar ali como aluno comum. Durante o período na Murdstone e Grinby, por curto ou longo que tenha sido, me desacostumei a tal ponto dos jogos e brincadeiras de meninos que tinha consciência de ser estranho e inexperiente nas coisas mais comuns referentes a eles. Do dia para a noite, tudo o que eu havia aprendido me escapara a tal ponto nos sórdidos cuidados de minha vida, que naquele momento, ao ser examinado sobre o quanto sabia, não sabia nada, e fui posto na classe mais principiante da escola. No entanto, por mais perturbado que estivesse pela falta de habilidades de menino e de conhecimentos escolares também, eu me sentia infinitamente mais incomodado ao pensar que aquilo que de fato sabia me afastava ainda mais de meus companheiros do que aquilo que não sabia. Pensava no que achariam se soubessem de minha familiaridade com a prisão King's Bench. Haveria em mim alguma coisa que, a despeito de minha vontade, pudesse revelar tudo o que havia feito no meu relacionamento com a família Micawber, todos aqueles penhores, vendas e jantares? Suponhamos que algum menino tivesse me visto atravessando Canterbury, exausto e esfarrapado, e me identificasse? O que diriam eles, tão pródigos com dinheiro, se soubessem o quanto lutei para conseguir meio penny para comprar meu salame e cerveja diários, ou minhas fatias de pastelão? Como os afetaria, eles que eram tão inexperientes da vida de Londres, das ruas de Londres, descobrir o quanto eu estava familiarizado (e envergonhado por isso) com alguns dos estratos mais baixos de ambas? Tudo isso me passou tantas vezes pela cabeça naquele primeiro dia na escola do dr. Strong, que eu desconfiava do mais leve olhar e gesto, me recolhendo em mim mesmo quando qualquer dos novos colegas se

aproximava, e saí apressado no instante em que a aula terminou, temendo me trair ao responder a qualquer aproximação ou contato amigável.

Mas tal era a influência da velha casa do sr. Wickfield que, quando bati na porta, com meus novos livros escolares debaixo do braço, comecei a sentir a inquietação se abrandar. Ao subir para meu arejado quarto antigo, a grave sombra da escada pareceu cair sobre minhas dúvidas e medos e tornar o passado mais indistinto. Lá fiquei estudando com empenho meus livros até a hora do jantar (saíamos da escola às três); e desci com a esperança de ainda me tornar um menino aceitável.

Agnes estava na sala, esperando pelo pai, retido por alguém em seu escritório. Ela me encontrou com um sorriso agradável e perguntou se eu tinha gostado da escola. Disse que achava que ia gostar muito, mas que nesse começo me sentia um pouco estranho.

– *Você* nunca foi à escola, foi? – perguntei.

– Ah, vou todos os dias!

– Ah, mas estuda aqui mesmo, em sua casa?

– Papai não deixaria que fosse a nenhum lugar – ela respondeu, sorrindo e sacudindo a cabeça. – A governanta dele tem de estar em casa, sabe?

– Ele gosta muito de você, com toda a certeza – eu disse.

Ela assentiu: "Gosta", e foi até a porta ouvir se vinha subindo para encontrá-lo na escada. Mas como ele não vinha, voltou até mim.

– Mamãe morreu quando eu nasci – disse ela, com sua maneira tranquila. – Só conheço o retrato dela, lá embaixo. Vi você olhando para ela ontem. Queria saber quem era?

Eu disse que sim, porque era tão parecida com ela.

– Papai também diz que sim – Agnes falou, satisfeita. – Ah! Ele vem vindo agora!

Seu rosto calmo se iluminou de prazer ao ir encontrar com ele e entraram, de mãos dadas. Ele me cumprimentou cordialmente; e me disse que com certeza eu ia ficar feliz com o dr. Strong, que era um homem muito gentil.

– Pode haver alguns, talvez, não sei se há, que abusem da bondade dele – disse o sr. Wickfield. – Nunca seja como eles, Trotwood, em nada. Ele é o homem menos desconfiado de toda a humanidade, e seja isso um mérito, seja um defeito, merece consideração em todo o trato com o doutor, de um jeito ou de outro.

Achei que falou como se estivesse incomodado ou insatisfeito com alguma coisa, mas não continuei pensando nisso, porque chamaram para o jantar, descemos e tomamos nossos lugares, como antes.

Mal tínhamos nos sentado quando Uriah Heep pôs a cabeça vermelha e a mão magra na porta e disse:

– O senhor Maldon está aí e pede o favor de uma palavra com o senhor.

– Acabei de falar com o senhor Maldon neste minuto – disse o patrão.

– É, sim, senhor – insistiu Uriah –, mas o senhor Maldon voltou e pede o favor de uma palavra.

Ao segurar com a mão a porta aberta, Uriah olhou para mim, olhou para Agnes, olhou os pratos, olhou a comida, olhou cada objeto da sala e, no entanto, pensei, parecia não olhar nada, dava a impressão de manter os olhos vermelhos devidamente em seu patrão.

– Dá licença. É só para dizer que, pensando bem – observou uma voz vinda de trás de Uriah, enquanto sua cabeça era empurrada e substituída pela do homem que falava –, por favor, desculpe interromper, parece não ter outro jeito, quanto mais depressa eu for para o exterior, melhor. Minha prima Annie falou mesmo, quando a gente conversou, que prefere os amigos ao seu alcance e não que sejam banidos, e o velho doutor...

– O doutor Strong, é isso? – interrompeu gravemente o sr. Wickfield.

– O doutor Strong, claro – retomou o outro –, eu digo velho doutor, é tudo a mesma coisa, o senhor sabe.

– Eu *não* sei – disse o sr. Wickfield.

– Bom, o doutor Strong – disse o outro –, o doutor Strong também pensava assim, eu achava. Mas parece que o jeito como o senhor me trata fez ele mudar de ideia, e que não tem mais nada a dizer, só que, quanto mais depressa eu for embora, melhor. Então, achei que devia voltar e

falar que quanto mais depressa eu fosse embora, melhor. Quando a gente tem de mergulhar, não adianta ficar parado na beira da água.

– A demora será a menor possível, no seu caso, senhor Maldon, pode ter certeza – disse o sr. Wickfield.

– Obrigado – disse o outro. – Muito obrigado. A cavalo dado não se olham os dentes, é muito feio fazer isso. Se não fosse assim, acho, a minha prima Annie podia bem resolver do jeito dela. Acho que a Annie só ia ter de dizer para o velho doutor...

– O senhor quer dizer que a senhora Strong teria apenas de falar com o marido dela... é isso? – perguntou o sr. Wickfield.

– Isso mesmo – respondeu o outro –...só ia ter de dizer que ela queria que a coisa fosse de um jeito e a coisa ia ser do jeito que ela dissesse, é claro.

– Como assim é claro, senhor Maldon? – perguntou o sr. Wickfield calmamente comendo seu jantar.

– Ora, porque a Annie é um encanto de moça e o velho doutor, o doutor Strong, não é mais nenhum moço – disse o sr. Jack Maldon, rindo. – Sem querer ofender, senhor Wickfield. Só estou dizendo que acho que nesse tipo de casamento é justo e certo que tem de existir alguma compensação.

– Compensação para a esposa, senhor Maldon? – perguntou, sério, o sr. Wickfield.

– Para a esposa – respondeu Jack Maldon, rindo. Mas parecendo notar que o sr. Wickfield continuava a jantar do mesmo jeito calmo, impassível, e que não havia a menor esperança de que fosse relaxar um só músculo da face, acrescentou:

– Mas eu já disse o que voltei para dizer e mais uma vez peço desculpas por interromper e vou-me embora. Claro que vou obedecer a sua orientação, já que essa história é só entre mim e o senhor e o doutor não precisa ficar sabendo de nada.

– Já jantou? – perguntou o sr. Wickfield com um gesto indicando a mesa.

– Obrigado. Vou jantar com a minha prima Annie – disse o sr.

Maldon. – Até logo!

Sem se levantar, o sr. Wickfield ficou olhando pensativo quando ele saiu. Achei que era um jovem cavalheiro bastante raso, de cara bonita, fala mansa e um jeito seguro e audacioso. Era a primeira vez que eu via o sr. Jack Maldon, que não esperava conhecer tão depressa desde que ouvi o doutor falar dele essa manhã.

Depois do jantar, subimos outra vez, e foi tudo exatamente como na noite anterior. Agnes aprontou o copo e a garrafa no mesmo canto, o sr. Wickfield sentou para beber e bebeu bastante. Agnes tocou piano para ele, sentou a seu lado, costurou, conversou e jogou dominó com ele. Depois de um tempo, fez chá; e então, quando eu trouxe meus livros, olhou-os junto comigo, contou o que sabia deles (o que não era pouco, embora ela dissesse que sim) e qual era o melhor jeito de aprender e entender. Ao escrever estas palavras, eu a vejo com sua maneira ordeira e plácida, escuto sua bela voz calma. A boa influência que ela viria a exercer sobre mim mais adiante já começava a se manifestar. Amo a pequena Em'ly e não amo Agnes (não, nada disso, não é assim), mas sinto que existe bondade, paz e verdade onde Agnes está; e que a suave luz do vitral colorido da igreja, visto tanto tempo antes, brilha sempre sobre ela, sobre mim quando estou perto dela, e sobre tudo ao redor.

Quando chegou a hora de ela se retirar para a noite, ela nos deixou, e estendi a mão ao sr. Wickfield, me preparando para me retirar também. Mas ele me deteve e disse:

– Gostaria de ficar conosco, Trotwood, ou prefere ir para outro lugar?

– Gostaria de ficar – respondi depressa.

– Tem certeza?

– Se o senhor permite. Se eu puder!

– Mas é uma vida aborrecida que levamos aqui, meu rapaz – disse ele.

– Não mais aborrecida para mim do que para Agnes. Nada aborrecida!

– Para Agnes! – ele repetiu, indo devagar até a lareira e se apoiando nela. – Para Agnes!

Essa noite, ele tinha bebido até ficar com os olhos injetados (pelo menos, eu achei). Não que pudesse ver seus olhos, pois estavam baixos,

cobertos por sua mão, mas eu havia notado antes.

– Eu me pergunto – ele murmurou – se a minha Agnes não está cansada de mim. Quando jamais vou me cansar dela! Mas é diferente... Sim, muito diferente.

Ele estava divagando, não falando comigo. Então fiquei quieto.

– Uma velha casa aborrecida – ele disse –, uma vida monótona, mas preciso dela perto de mim. Tenho de conservar Agnes perto de mim. Se a ideia de que eu possa morrer e deixar a minha querida, ou que a minha querida possa morrer e me deixar, vem, como um fantasma, abalar minhas horas mais felizes, só mesmo afogando as mágoas em...

Ele não disse a palavra, mas voltou devagar ao lugar onde havia sentado, serviu mecanicamente o vinho da garrafa vazia, deixou-a na mesa e afastou-se outra vez.

– Se a vida é tão difícil de suportar quando ela está aqui – disse ele –, como seria sem ela? Não, não, não. Não posso pensar nisso.

Apoiou-se na lareira outra vez, mergulhado em pensamentos durante tanto tempo que eu não conseguia resolver se corria o risco de incomodá-lo indo embora ou se ficava quieto ali, até ele sair de sua divagação. Ele acabou despertando e olhou em torno da sala até seus olhos encontrarem os meus.

– Então fica conosco, Trotwood, hein? – ele disse, à sua maneira de sempre, como se estivesse respondendo alguma coisa que eu acabara de dizer. – Fico contente. Vai ser companhia para nós dois. É sadio ter você aqui. Sadio para mim, sadio para Agnes, sadio talvez para todos nós.

– Tenho certeza de que, para mim, é, sim, senhor – eu disse. – Estou contente de estar aqui.

– Você é um bom menino! – disse o sr. Wickfield. – Se está contente de estar aqui, haverá de ficar aqui. – Ele apertou minha mão e me deu tapinhas nas costas, disse que quando eu tivesse qualquer coisa para fazer à noite, depois de Agnes se retirar, se quisesse ler para meu prazer, podia usar sua sala se ele estivesse lá ou se eu quisesse companhia, ficando a seu lado. Agradeci sua consideração; e quando ele desceu, logo depois, e eu estava sem sono, desci também, com um livro na mão, para

aproveitar uma meia hora de sua boa vontade.

Mas ao ver luz acesa na salinha redonda, me senti imediatamente atraído por Uriah Heep, que exercia uma espécie de fascínio sobre mim, e preferi ir até lá. Encontrei Uriah lendo um livro grosso, com tamanha mostra de atenção que seu indicador magro acompanhava cada linha e deixava uma trilha úmida na página (foi o que achei, de verdade), como uma lesma.

– Está trabalhando até tarde, Uriah – digo eu.

– É, seu Copperfield – diz Uriah.

Quando eu estava me sentando no banco à sua frente, para conversar melhor, observei que ele não tinha algo como um sorriso no rosto e, em seu lugar, só conseguia esticar a boca e fazer dois fundos sulcos nas faces, um de cada lado.

– Não estou trabalhando – disse Uriah.

– O que está fazendo então? – perguntei.

– Estou aumentando meu conhecimento jurídico, seu Copperfield – disse Uriah. – Estou estudando *Práticas*, de Tidd. Ah, que bom escritor é este senhor Tidd!

Meu banquinho era como uma torre de observação, e observando-o voltar à leitura depois dessa entusiasmada exclamação, e acompanhando as linhas do dedo dele, observei que suas narinas, finas e pálidas, com marcas profundas, tinham um jeito peculiar e muito desagradável de se contrair e expandir, que pareciam piscar, ao contrário dos olhos, que nunca piscavam.

– Você deve ser um grande advogado – eu disse, depois de olhar para ele algum tempo.

– Eu, seu Copperfield? – disse Uriah. – Ah, não! Sou uma pessoa muito humilde.

Observei que não era impressão minha o que achava de suas mãos; porque frequentemente esfregava uma palma contra a outra como para secá-las e aquecê-las, além de enxugá-las no lenço muitas vezes, às escondidas.

– Tenho plena consciência de que sou a pessoa mais humilde que

existe – disse Uriah Heep, modestamente –, cada um no seu lugar. Minha mãe também é uma pessoa muito humilde. A gente mora numa casa simples, seu Copperfield, mas tem muito o que agradecer. Meu pai tinha um trabalho humilde. Era sacristão e coveiro.

– E o que ele faz agora? – perguntei.

– Ele agora está na glória, seu Copperfield – disse Uriah Heep. – Mas temos muito o que agradecer. Sou muito agradecido de morar com o senhor Wickfield!

Perguntei a Uriah se ele morava havia muito tempo com o sr. Wickfield.

– Estou com ele faz quase quatro anos – disse Uriah, fechando o livro depois de marcar cuidadosamente a página onde havia parado. – Desde um ano depois da morte de meu pai. Como tenho a agradecer por isso! Como tenho de agradecer a boa intenção do senhor Wickfield de me dar treinamento, que de outro jeito nunca que ia estar ao alcance dos meios humildes da minha mãe e meus!

– Então, quando terminar seus estudos vai ser um advogado normal, não? – perguntei.

– Com a bênção de Deus, seu Copperfield – respondeu Uriah.

– Quem sabe fica sócio do escritório do senhor Wickfield um dia desses – disse eu, para ser agradável – e vai ser Wickfield e Heep ou Heep, ex-Wickfield.

– Ah, não, seu Copperfield – respondeu Uriah sacudindo a cabeça –, sou humilde demais para isso!

Ele era, de fato, excepcionalmente parecido com a cara esculpida na viga diante da minha janela, ali sentado em sua humildade, me olhando de soslaio, com a boca esticada e os sulcos nas faces.

– O senhor Wickfield é um homem excelente, seu Copperfield – disse Uriah. – Quando conviver mais com ele, vai saber, tenho certeza, muito melhor do que eu possa dizer.

Respondi que tinha certeza que sim, que não o conhecia há muito, porém que era amigo de minha tia.

– Ah, claro, seu Copperfield – disse Uriah. – Sua tia é uma dama!

Ele tinha um jeito de se retorcer quando queria expressar entusiasmo que era muito feio e que desviou minha atenção do elogio que fazia à minha parente para os meneios de cobra de seu pescoço e de seu corpo.

– Uma dama adorável, seu Copperfield! – disse Uriah Heep. – Ela tem grande admiração pela senhorita Agnes, não tem?

– Tem – audaciosamente, eu disse, embora não soubesse, Deus me perdoe!

– Acredito que o senhor também tem – disse Uriah. – Tenho certeza que sim.

– Todo mundo deve ter – repliquei.

– Ah, obrigado por dizer isso, seu Copperfield – disse Uriah Heep. – É verdade! Humilde como sou, sei que é verdade *mesmo*! Ah, obrigado, seu Copperfield!

Ele quase caiu do banquinho de tanto se retorcer no entusiasmo de seu sentimento, e uma vez em pé começou a se arrumar para ir embora.

– Minha mãe está me esperando – disse, olhando um relógio de bolso apagado e inexpressivo – e vai ficar nervosa, pois, mesmo sendo muito humilde, seu Copperfield, a gente é muito ligado um ao outro. Se quiser visitar a gente qualquer tarde e tomar uma xícara de chá na nossa humilde morada, minha mãe vai ficar tão orgulhosa da sua visita quanto eu.

Eu disse que teria prazer em ir.

– Obrigado, seu Copperfield – Uriah respondeu, guardando o livro numa estante. – Acredito que vai morar aqui algum tempo, não?

Respondi que achava que ficaria ali enquanto estivesse na escola.

– Ah, é mesmo? – Uriah exclamou. – Acho que *o senhor* é que vai acabar ficando sócio do escritório!

Protestei que não tinha nenhuma pretensão a respeito e que ninguém planejava isso para mim, mas Uriah insistiu, respondendo delicadamente a todas as minhas negativas: “Ah, sim, seu Copperfield, acho que vai, sim!” e “Ah, claro, seu Copperfield, acho que vai com certeza!”, repetidas vezes. Finalmente pronto para ir embora do escritório, ele me perguntou se eu queria que apagasse as velas, e quando respondi que sim, na

mesma hora as soprou. Depois de apertar minha mão (a dele parecia um peixe, no escuro), abriu a porta da rua só um pouquinho, esgueirou-se para fora e a fechou, deixando que eu tateasse o meu caminho no escuro: o que me custou algum esforço e um tropeção no banquinho. Creio que foi essa a causa de eu sonhar com ele pelo que me pareceu metade da noite; sonhando, entre outras coisas, que ele havia partido com a casa do sr. Peggotty numa expedição pirata, uma bandeira negra no mastro e a inscrição "Prática de Tidd", sob cuja imagem diabólica ele levava a mim e à pequena Em'ly para afogar no mar da Espanha.

Minha inquietação melhorou um pouco quando fui para a escola no dia seguinte, e fiquei muito melhor, e assim fui me soltando aos poucos, de forma que em menos de duas semanas estava totalmente à vontade, feliz entre meus novos companheiros. Eu era bem desajeitado nos jogos deles e bem atrasado nos estudos; mas o costume iria me fazer melhorar no que diz respeito aos primeiros, eu esperava, e o trabalho duro, aos segundos. Para tanto, me empenhei arduamente tanto na brincadeira como na seriedade, e conquistei grandes elogios. Dentro de muito pouco tempo, a vida na Murdstone e Grinby ficou tão estranha a mim que mal podia acreditar nela, enquanto minha vida presente era tão familiar que parecia estar nela havia muito tempo.

A escola do dr. Strong era excelente, tão diferente da do sr. Creakle quanto o bem do mal. Era organizada com seriedade e decoro; com um sistema sólido, em tudo estimulando a honra e a boa-fé dos meninos, com a expressa intenção de confiar que possuíam essas qualidades de modo a não se mostrarem indignos delas, o que funcionava como mágica. Nós todos sentíamos fazer parte do andamento da escola, da manutenção de seu caráter e dignidade. De forma que logo estávamos calorosamente ligados a ela, tenho certeza de que eu estava e nunca soube, em todo o tempo que passei lá, de nenhum menino que agisse diferente, e aprendíamos com boa vontade, desejando fazer jus a ela. Nossas brincadeiras nas horas de lazer eram respeitosas, e tínhamos muita liberdade; mas mesmo assim me lembro de que falavam muito bem de nós na cidade, e raramente alguém comprometia, com sua aparência ou maneiras, a reputação do dr. Strong e dos meninos do dr.

Strong.

Alguns dos alunos mais adiantados moravam na casa do doutor e através deles fiquei sabendo, por terceiros, alguns detalhes da história do doutor: que não fazia nem doze meses que ele havia se casado com a linda moça que eu tinha visto no estúdio, que desposara por amor; ela não tinha um tostão e possuía um mundo de parentes pobres (diziam nossos colegas) prontos para se aproveitar da casa e da escola do doutor. Além disso, que a maneira pensativa dele se devia ao fato de estar sempre procurando raízes gregas; o que, em minha inocência e ignorância, achei que era uma paixão botânica da parte do doutor, uma vez que ele sempre andava olhando para baixo, até eu entender que eram raízes de palavras, com vistas a um novo dicionário que estava preparando. Fui informado que Adams, o líder da classe, com seu pendor para matemática, havia feito um cálculo do tempo que esse dicionário precisaria para ser completado de acordo com os planos e o ritmo do doutor. Ele considerava que ficaria pronto dentro de mil seiscentos e quarenta e nove anos, contando a partir do último aniversário do doutor, o de sessenta e dois anos.

Mas o doutor era um ídolo em toda a escola: e teria de ser uma escola de alunos muito maus se fosse qualquer outra coisa, porque se tratava do melhor dos homens; tão simples em sua fé que era capaz de tocar os corações de pedra das próprias urnas sobre o muro. Quando ele caminhava de um lado para outro naquela parte do pátio que ficava ao lado da casa, com as gralhas e corvos olhando para ele com as cabeças maliciosas inclinadas de lado, como se soubessem muito mais que ele das coisas do mundo, se qualquer vagabundo pudesse chegar perto do ranger de seus sapatos a ponto de chamar sua atenção para uma frase de uma história triste, esse vagabundo ganharia o dia. Era notório na escola que os professores e líderes de classe se esforçavam para afastar esses vagabundos dos cantos, tirá-los das janelas e expulsá-los do pátio, antes que pudessem fazer o doutor notar sua presença; coisa que às vezes acontecia a poucos metros dele, sem que ele percebesse nada ao caminhar para lá e para cá. Fora de seus domínios e desprotegido, ele era um cordeiro para os lobos. Era capaz de tirar as polainas das pernas para

dar a alguém. De fato, corria entre nós uma história (não faço ideia, nunca fiz, de sua autenticidade, mas acreditei nela durante tantos anos que tenho quase certeza de que é verdade) de que, num dia gelado de inverno, ele efetivamente deu as polainas a uma mendiga que, depois, escandalizava o bairro exibindo de porta em porta um lindo bebê envolto nessas peças, reconhecidas por todos, tão notáveis ali como a catedral. A lenda acrescentava que a única pessoa que não identificara as polainas era o próprio doutor, que, quando elas foram expostas brevemente na porta de uma lojinha de segunda mão de reputação duvidosa, onde essas coisas eram aceitas em troca de gim, foi visto mais de uma vez a examiná-las com interesse, como se admirasse alguma curiosa novidade no modelo, achando que eram bem melhores que as suas próprias.

Era muito agradável ver o doutor com sua linda e jovem esposa. Ele tinha um modo paternal e gentil de demonstrar seu carinho por ela, que em si mesmo parecia revelar um homem bom. Muitas vezes os vi passeando no jardim onde ficavam os pessegueiros, e às vezes os observava mais de perto no estúdio ou na sala. A mim parecia que ela cuidava muito do doutor e gostava muito dele, embora eu nunca tenha achado que estava profundamente interessada no dicionário: do qual o doutor sempre levava no bolso e no forro do chapéu alguns incômodos fragmentos, que geralmente parecia estar explicando a ela quando caminhavam.

Eu via bastante a sra. Strong, tanto porque ela gostara de mim na manhã em que fui apresentado ao doutor, e depois sempre foi boa e atenciosa comigo, como porque era muito carinhosa com Agnes e estava sempre vindo a nossa casa. Havia uma curiosa tensão entre ela e o sr. Wickfield, eu achava (ela parecia ter medo dele), que nunca se esgotou. Quando vinha à tarde, ela sempre evitava aceitar que ele a acompanhasse de volta para casa e preferia ir comigo. E às vezes, quando atravessávamos, alegremente correndo juntos, o pátio da catedral, esperando não encontrar ninguém, topávamos com o sr. Jack Maldon, que parecia sempre surpreso ao nos ver.

A mãe da sra. Strong era uma senhora que muito me divertia. Seu nome era sra. Markleham, mas nossos meninos costumavam chamá-la

de Velho Soldado, em virtude de sua energia e da capacidade que tinha de comandar grandes batalhões de parentes contra o doutor. Era uma mulher miúda, de olhos firmes, que costumava usar, quando vestida para sair, um chapéu imutável, enfeitado com flores artificiais e duas borboletas artificiais pretensamente voando acima das flores. Havia entre nós a superstição de que esse chapéu tinha vindo da França e só podia ser originário do artesanato daquela nação engenhosa: mas tudo o que sei com certeza a respeito é que sempre fazia sua aparição à noite, onde quer que a sra. Markleham fizesse a *sua* aparição, levado às reuniões amigas em um cesto hindu; que as borboletas tinham o dom de tremer constantemente e que enfeitavam as horas brilhantes às custas do dr. Strong, como abelhas trabalhando.

Observei a Velho Soldado (sem desrespeito ao adotar esse nome) bem detidamente uma noite que se tornou memorável para mim por um fato que passarei a relatar. Era a noite de uma pequena festa em casa do doutor, oferecida por ocasião da partida do sr. Jack Maldon para a Índia, para onde ia como cadete ou algo semelhante: o sr. Wickfield havia, finalmente, resolvido a questão. Aconteceu que era também o aniversário do doutor. Tivemos folga, entregamos presentes a ele de manhã, o líder da classe fez um discurso, e demos vivas até ficarmos roucos e ele em lágrimas. E então, à noite, o sr. Wickfield, Agnes e eu fomos tomar chá com ele na intimidade.

O sr. Jack Maldon estava lá antes de nós. A sra. Strong, com um vestido branco e fitas cor de cereja, tocava piano quando entramos; e ele estava inclinado em cima dela para virar as páginas. O vermelho e branco de seu rosto não estava tão vivo, não parecia uma flor, como sempre, pensei, quando ela se voltou, mas estava linda, deslumbrante.

– Eu me esqueci, doutor – disse a mãe da sra. Strong, quando nos sentamos –, de lhe dar os cumprimentos por este dia, embora estejam, como o senhor deve saber, muito longe de meros cumprimentos no meu caso. Permita que lhe deseje muita felicidade.

– Muito obrigado, minha senhora – replicou o doutor.

– Muitas, muitas, muitas felicidades – disse a Velho Soldado. – Não só para o senhor, mas para Annie e John Maldon, e muitas outras pessoas.

Para mim, parece que foi ontem, John, que você era uma criaturinha, uma cabeça mais baixo que o senhor Copperfield, brincando de namorado com Annie atrás do pé de groselha no quintal.

– Minha querida mãe – disse a sra. Strong –, não vamos falar disso agora.

– Annie, não seja absurda – retomou a mãe. – Se vai ficar vermelha de ouvir essas coisas agora que é uma mulher velha e casada, quando vai deixar de corar ao ouvir isso?

– Velha? – exclamou o sr. Jack Maldon. – Annie? Ora!

– É, John – insistiu a Soldado. – Praticamente uma velha casada. Mesmo que não velha em anos, pois quando você me ouviria dizer, ou quem jamais me ouviria dizer que uma moça de vinte anos é velha na idade!, sua prima é a esposa do doutor e, como tal, é assim como descrevi. Melhor para você, John, que sua prima *seja* a esposa do doutor. Você encontrou nele um amigo bondoso e influente, que vai ser ainda mais bondoso, me arrisco a prever, se você fizer por merecer. Não tenho nenhum falso orgulho. Não hesito em admitir, francamente, que na nossa família existem alguns membros que precisam de um amigo. Você mesmo era um, antes que a influência da sua prima te arrumasse um amigo.

O doutor, na bondade de seu coração, abanou a mão para tornar a coisa mais leve e poupar o sr. Jack Maldon de outros lembretes. Mas a sra. Markleham mudou para uma cadeira perto do doutor e, tocando com o leque a manga de seu paletó, disse:

– Não, realmente, meu caro doutor, vai me desculpar se insisto no assunto, porque sou de emoções fortes. É quase uma obsessão, esse assunto para mim. O senhor é uma bênção para nós. É realmente uma dádiva.

– Bobagem, bobagem – disse o doutor.

– Não, não, me desculpe – retorquiu a Velho Soldado. –Sem mais ninguém presente além de nosso querido e íntimo amigo senhor Wickfield, não posso aceitar que me calem. Se continuar assim, vou começar apelando aos privilégios de sogra para ralhar com você. Sou absolutamente franca e sincera. O que estou dizendo é o que eu disse

quando o senhor quase me matou de surpresa, lembra como fiquei surpresa?, ao propor casamento a Annie. Não que houvesse nada de muito especial no simples fato da proposta, seria ridículo dizer isso!, mas porque, como o senhor conhecia o pai dela e conhecia Annie desde os seis meses de idade, eu nunca havia pensado no senhor nesse papel, de forma alguma, ou de fato simplesmente se casando, só isso, o senhor sabe.

– Sei, sei – retorquiu o doutor, bem-humorado. – Não importa.

– Para mim, *importa*, sim – disse a Velho Soldado, tocando os lábios dele com o leque. – Me importa muito. Relembro essas coisas e me corrijam se estiver errada. Bom! Então falei com Annie e contei o que tinha acontecido. Disse: "Minha querida, o doutor Strong esteve aqui e escolheu você para fazer uma linda declaração e uma proposta". Fiz alguma pressão? Não. Eu disse: "Agora, Annie, me diga a verdade imediatamente. Seu coração está livre?". "Mamãe", ela disse, chorando, "sou jovem demais", o que era a mais absoluta verdade, "e nem sei se tenho coração." "Então, minha filha", eu disse, "pode confiar que ele está livre. De qualquer forma, meu amor", eu disse, "o doutor Strong está em grande agitação e precisa de uma resposta. Não pode ficar nesse estado de suspense." "Mamãe", Annie falou, ainda chorando, "ele vai ficar infeliz sem mim? Se vai ficar, sinto tanto respeito e admiração por ele que acho que aceito." E ficou acertado. Então, só então, eu disse para Annie: "Annie, o doutor Strong não será apenas seu marido, mas vai representar seu falecido pai: vai representar o chefe da família, vai representar a sabedoria e a classe e, posso dizer, os meios para nossa família. Será, em resumo, uma dádiva para nós". Usei a palavra naquele momento e usei de novo hoje. Se tenho algum valor, é a coerência.

A filha havia ficado calada, imóvel durante esse discurso, com os olhos fixos no chão, o primo parado ao lado dela, também olhando o chão. Ela então falou com voz trêmula:

– Mamãe, espero que tenha terminado.

– Não, minha querida Annie – respondeu a Soldado –, não terminei ainda. Já que pergunta, meu amor, respondo que *não*. Eu reclamo que você realmente é pouco natural com sua própria família, e como não adianta reclamar para você, tenciono reclamar com seu marido. Então,

meu caro doutor, olhe só essa esposa sua, que boba.

Quando o doutor voltou para ela seu rosto bom, com seu sorriso de simplicidade e gentileza, ela baixou ainda mais a cabeça. Notei que o sr. Wickfield olhava firme para ela.

– Outro dia, quando eu disse para essa menina má – continuou a mãe, sacudindo a cabeça e o leque para ela, em tom brincalhão – que havia uma questão familiar que ela podia mencionar ao senhor, de fato, que achava que tinha a obrigação de mencionar, ela disse que falar nisso seria pedir um favor e que, como o senhor é tão generoso e atende tudo o que ela pede, não falaria.

– Annie, minha querida – disse o doutor. – Isso está errado. Você me rouba um prazer.

– Quase as mesmas palavras que eu disse a ela! – exclamou a mãe. – Ora, então, da próxima vez, quando eu souber que ela tem de dizer uma coisa, mas por essa razão não diz, penso, meu caro doutor, falar eu mesma.

– Fico contente que fale – respondeu o doutor.

– Devo?

– Com certeza.

– Bom, então, vou falar! – disse a Velho Soldado. – Combinado. – E tendo dito o que pretendia, acredito, bateu diversas vezes na mão do doutor com o leque (que beijou primeiro), e voltou triunfante à sua poltrona anterior.

Com a chegada de mais pessoas, entre elas os dois professores e Adams, a conversa ficou mais geral e naturalmente se voltou para o sr. Jack Maldon e sua viagem, para o país ao qual ele estava indo e seus vários planos e perspectivas. Ele partiria à noite, depois do jantar, numa carruagem postal, para Gravesend, onde se encontrava o navio em que faria a viagem, e ficaria longe não sei quantos anos, a menos que voltasse em licença ou por motivo de saúde. Me lembro que ficou estabelecido por consenso geral que a Índia era um país muito mal compreendido e que não tinha nada de negativo, a não ser um tigre ou dois e um pouco de calor no período quente do dia. De minha parte, eu via o sr. Jack Maldon

como um Simbad moderno e o pintei como amigo do peito de todos os rajás do Oriente, sentado debaixo de dosséis, fumando cachimbos curvos dourados – de um quilômetro e meio se fossem desenrolados.

A sra. Strong era uma cantora muito boa: como eu sabia, porque a ouvia cantar sozinha muitas vezes. Mas se ela sentia medo de cantar na frente das pessoas, ou se estava sem voz essa noite, o certo é que não cantou. Em determinado momento, tentou um dueto com seu primo Maldon, mas não conseguiu nem começar; e depois, quando tentou cantar sozinha, embora tivesse começado docemente, sua voz morreu de repente e a deixou bem incomodada, com a cabeça baixa sobre as teclas. O bom doutor disse que ela estava nervosa e, para aliviá-la, propôs um jogo de cartas, que ele conhecia tanto quanto a arte de tocar trombone. Mas observei que a Velho Soldado o protegeu imediatamente, tomando-o por parceiro, e o ensinou, como preliminar da iniciação, a lhe entregar todo o dinheiro que tivesse no bolso.

Foi um jogo alegre, não menos alegre pelos erros do doutor, que ele cometia em inumerável quantidade, apesar da vigilância das borboletas e da grande exasperação delas. A sra. Strong tinha evitado o jogo, com o argumento de que não estava se sentindo muito bem; e seu primo Maldon retirou-se porque precisava acabar de fazer as malas. Quando terminou, porém, ele voltou e os dois ficaram sentados juntos no sofá, conversando. De quando em quando, ela vinha e olhava a mão e as cartas do doutor e dizia a ele o que jogar. Estava muito pálida ao se curvar sobre ele e achei que seu dedo tremia ao apontar as cartas; mas o doutor ficou bem contente com sua atenção e nada notou.

Durante o jantar, não estávamos tão alegres. Todo mundo parecia sentir que uma despedida daquele tipo era uma coisa estranha, e que, quanto mais se aproximava, mais estranha ficava. O sr. Jack Maldon tentou ser muito falante, mas não estava à vontade e as coisas pioraram. E em nada melhoravam, me pareceu, pela atitude da Velho Soldado, que relembrava continuamente passagens da juventude do sr. Jack Maldon.

O doutor, porém, que, eu tinha certeza, sentia estar fazendo a felicidade de todos, se mostrava muito satisfeito, sem nada suspeitar, achando que estávamos todos nos píncaros do prazer.

– Annie, querida – disse ele, olhando o relógio e enchendo o copo –, já passa da hora para o seu primo e não podemos deter o Jack, uma vez que o tempo e a maré, duas coisas importantes neste caso, não esperam por ninguém. O senhor, Jack Maldon, tem pela frente uma longa viagem por um país estranho, mas muitos homens tiveram ambas as coisas e muitos homens terão ambas até o fim dos tempos. Os ventos que o senhor vai tentar levaram milhares e milhares à riqueza e trouxeram milhares e milhares de volta em segurança.

– É muito emocionante – disse a sra. Markleham –, de qualquer modo que se olhe é emocionante, ver um bom rapaz que se conheceu desde que era bebê partindo para o outro lado do mundo, deixando para trás tudo o que conhece, sem saber o que tem pela frente. Um jovem que faz esse sacrifício realmente merece apoio e proteção constantes – e olhou para o doutor.

– O tempo vai passar depressa para você, Jack Maldon – continuou o doutor –, e depressa para todos nós. De todos nós, alguns dificilmente podem esperar, talvez, no curso natural das coisas, estar aqui para receber você na volta. O melhor é ter a esperança de aqui estar, e esse é o meu caso. Não quero cansar você com bons conselhos. Há muito tempo você tem diante de si um bom modelo, sua prima Annie. Imite suas virtudes o melhor que puder.

A sra. Markleham se abanou com o leque e sacudiu a cabeça.

– Adeus, senhor Jack – disse o doutor, se pondo em pé, diante do que nós todos nos levantamos. – Uma boa viagem de ida, uma próspera carreira no exterior e um feliz retorno ao lar!

Todos fizemos um brinde e apertamos a mão do sr. Jack Maldon. Em seguida, ele depressa se despediu das damas presentes, correu para a porta, onde foi recebido, ao subir na carruagem, com uma tremenda salva de vivas da parte de nossos meninos, reunidos no gramado com esse propósito. Correndo entre eles para engrossar as fileiras, eu estava muito perto da carruagem quando ela partiu. Tive a nítida impressão de, no meio da poeira e da confusão, ter visto o sr. Jack Maldon passar com um rosto agitado e alguma coisa cor de cereja na mão.

Depois de mais um viva ao doutor e outro à sua esposa, os meninos se

dispersaram e voltei para a casa, onde encontrei os convidados todos em pé em torno do doutor, discutindo como o sr. Jack Maldon havia ido embora, como tinha se comportado, o que sentira e tudo o mais. Em meio a essas observações, a sra. Markleham gritou:

– Onde está Annie?

Annie não estava ali; e quando a chamamos, Annie não respondeu. Mas saindo todos da sala, em grupo, para ver qual era o problema, a encontramos caída no chão do corredor. Houve primeiro um grande alarme, até se descobrir que ela tivera um desmaio e o desmaio já estava cedendo aos meios comuns de recuperação, quando o doutor, que apoiara sua cabeça no joelho, afastou seu cabelo com a mão e disse, olhando em torno:

– Pobre Annie! Tão fiel e carinhosa! Foi a despedida de seu velho companheiro de brincadeiras, seu amigo e primo favorito que provocou isto. Ah! Que pena! Sinto muito!

Quando ela abriu os olhos e viu onde estava e que estávamos todos parados em torno, levantou-se com ajuda, virando a cabeça ou para apoiá-la no ombro do doutor, ou para esconder o rosto. Não sei qual. Entramos na sala para deixá-la com o doutor e a mãe, mas ela disse que estava melhor do que estivera desde a manhã e que preferia ficar conosco. Então a trouxeram para a sala, parecendo muito branca e fraca, eu achei, e a sentaram no sofá.

– Annie, querida – disse a mãe, mexendo em seu vestido. – Olhe aqui! Você perdeu um laço. Alguém pode ter a bondade de encontrar uma fita: uma fita cor de cereja?

Era o laço que ela usava no peito. Todos nós procuramos, eu próprio procurei por toda parte, mas ninguém encontrou.

– Lembra quando estava com o laço pela última vez, Annie? – perguntou a mãe.

Eu não entendi como podia ter achado que ela estava branca ou qualquer outra cor senão vermelho ardente quando respondeu que achava que o laço estava preso pouco tempo atrás, mas que não valia a pena procurá-lo.

Mesmo assim, procurou-se de novo e não se achou. Ela pediu que não se procurasse mais, porém procurou-se ainda, sem muito empenho, até que ela estava bastante bem e as pessoas foram embora.

Voltamos lentamente para casa, o sr. Wickfield, Agnes e eu, Agnes e eu admirando o luar, o sr. Wickfield mal erguendo os olhos do chão. Quando finalmente chegamos à nossa porta, Agnes descobriu que tinha esquecido a bolsa. Encantado de poder servi-la, voltei correndo para buscá-la.

Entrei na sala de jantar onde ela a deixara, e estava deserta e escura. Mas como estava aberta uma porta de comunicação com o estúdio do doutor, onde havia luz, fui até lá para dizer o que queria e pegar uma vela.

O doutor estava sentado numa poltrona ao lado da lareira, e sua jovem esposa num banquinho a seus pés. Com o sorriso sereno, o doutor lia em voz alta alguma explicação manuscrita ou a formulação de uma teoria daquele interminável dicionário, e ela olhava para ele. Mas com uma expressão que eu nunca tinha visto. Era tão bela em sua forma, tão intensamente pálida, tão fixa em sua abstração, tão dominada por um estranho, sonâmbulo, ausente terror de não sei o quê. Os olhos estavam bem abertos, o cabelo castanho caindo em ricas madeixas sobre os ombros e sobre o vestido branco, desarrumado pela falta do laço perdido. Por mais clara que seja minha lembrança de sua expressão, não sei dizer o que expressava. Nem mesmo agora sei dizer o que expressava, revendo minha impressão do momento. Penitência, humilhação, vergonha, orgulho, amor e confiança – vejo tudo isso; e nisso tudo vejo aquele horror de não sei o quê.

Minha entrada, quando eu disse a que vinha, a despertou. E perturbou o doutor também, pois, quando voltei para devolver a vela que havia levado da mesa, ele estava acariciando a cabeça dela de um jeito paternal, dizendo que era crueldade sua deixar que ela o tentasse a continuar com o zumbido de sua leitura e que a levaria para a cama.

Mas ela pediu, de um jeito rápido e urgente, que a deixasse ficar, que lhe desse a sensação (ouvi que murmurava algumas palavras precipitadas com esse sentido) de que podia contar com toda sua

confiança essa noite. E quando se voltou para ele, depois de olhar para mim, que saía da sala, vi que cruzava as mãos sobre o joelho do marido, o rosto voltado para ele um pouco mais tranquila, e ele retomou a leitura.

Fiquei muito impressionado, e um bom tempo depois me lembrei disso outra vez, como terei ocasião de contar quando chegar a hora.

XVII

Alguém aparece

Não me ocorreu mencionar Peggotty desde que fugi; mas, é claro, escrevi para ela uma carta tão logo fui abrigado em Dover, e outra, mais longa, contendo todos os pormenores já relatados de quando minha tia me tomou formalmente sob sua proteção. Ao ser matriculado na escola do dr. Strong, escrevi a ela outra carta, detalhando as felizes condições e perspectivas. Nunca senti prazer maior do que gastar o dinheiro que o sr. Dick me deu enviando meio guinéu de ouro a Peggotty pelo correio, anexo à minha última carta, para pagar a soma que pegara emprestado com ela: só nessa carta, não antes, mencionei o rapaz da carrocinha puxada a burro.

A essas comunicações, Peggotty respondeu com a prontidão, mesmo que não com a concisão, de um administrador comercial. Todos os seus poderes de expressão (que decerto não eram grandes no papel) se exauriram na tentativa de escrever o que sentia a respeito de minha viagem. Quatro páginas de começos de frases incoerentes e cheias de interjeições, que não terminavam a não ser em borrões, não foram suficientes para dar a ela nenhum alívio. Mas os borrões eram mais expressivos para mim do que a melhor composição, porque demonstravam que Peggotty havia chorado em cima de todo o papel, e o que mais eu podia querer?

Compreendi, sem muita dificuldade, que ela ainda não conseguia aceitar bem minha tia. A novidade era muito recente depois de uma predisposição no sentido contrário. Nunca se conhece uma pessoa, ela escreveu, mas pensar que a srta. Betsey fosse tão diferente do que se pensava era uma lição de moral!, foi essa a sua expressão. É claro que ela ainda tinha medo da srta. Betsey, pois timidamente enviou a ela o devido agradecimento; e é claro que tinha medo de mim também, temendo a possibilidade de que eu logo fugisse de novo: a julgar pelas repetidas

insinuações de que podia sempre contar com ela para o preço da passagem de diligência até Yarmouth.

Ela me deu uma informação que muito me perturbou: que tinha havido uma venda de móveis em nossa antiga casa e que o sr. e a srta. Murdstone foram embora, sendo a casa fechada e posta à venda ou para alugar. Deus sabe que nãotive nada a ver com isso enquanto lá permaneci, mas me doía pensar em minha velha casa querida absolutamente abandonada, nas pragas crescendo no jardim, nas folhas mortas se acumulando molhadas nos caminhos. Imaginei como os ventos do inverno deviam uivar em torno dela, como a chuva fria devia bater nos vidros da janela, como a lua desenharia fantasmas nas paredes dos cômodos vazios, vigiando sua solidão a noite inteira. Pensei de novo no túmulo no cemitério, debaixo da árvore, e pareceu-me que a casa estava morta também agora, e tudo ligado a meu pai e minha mãe se desvanecia.

Não havia outras notícias nas cartas de Peggotty. O sr. Barkis era um excelente marido, disse ela, embora ainda um pouco sovina; mas todos temos nossos defeitos, e os dela eram muitos (embora eu não soubesse quais); ele mandava lembranças e meu quartinho estava sempre pronto para mim. O sr. Peggotty estava bem e Ham estava bem, a sra. Gummidge não estava lá muito bem, e a pequena Em'ly não mandava seu amor, mas disse a Peggotty que podia mandar, se quisesse.

Todas essas informações, passei devidamente a minha tia, só evitando mencionar a pequena Em'ly, com quem instintivamente sentia que não iria simpatizar. Enquanto eu ainda era novo na escola do dr. Strong, minha tia fez diversas excursões a Canterbury para me ver, e sempre nas piores horas, com o intuito, suponho, de me pegar de surpresa. Mas ao me encontrar bem ocupado, me comportando direito e ouvindo de todas as partes que eu ia bem na escola, ela logo interrompeu essas visitas. Eu a via aos sábados, a cada três ou quatro semanas, quando ia a Dover para ser bem tratado. E via o sr. Dick uma quarta-feira sim, outra não, quando ele vinha de diligência ao meio-dia para ficar até a manhã seguinte.

Nessas ocasiões, o sr. Dick nunca viajava sem seu escritório portátil, de couro, contendo um suprimento de materiais de escrita e o memorial,

em relação ao qual ele sentia que o tempo agora estava se esgotando, e que realmente precisava ser terminado.

O sr. Dick gostava muito de doces. Para tornar suas visitas mais agradáveis, minha tia me orientou a abrir para ele uma conta numa confeitaria, limitada à condição de que a despesa não superasse o valor de um xelim num mesmo dia. Isso e todas as pequenas despesas dele na hospedaria do condado onde dormia, enviadas a minha tia para serem pagas, me levaram a desconfiar que ele tinha permissão para tilintar seu dinheiro no bolso, mas não para gastá-lo. Investigando mais, descobri que era isso mesmo, ou pelo menos havia um acordo entre ele e minha tia para que prestasse contas a ela de todos os seus gastos. Como não tivesse a menor intenção de enganá-la e sempre desejasse agradá-la, ele hesitava gastar. A esse respeito, assim como em todo o resto, o sr. Dick estava convencido de que minha tia era a mulher mais sábia e maravilhosa que existia, como me repetia com infinita reserva e sempre num sussurro.

– Trotwood – disse o sr. Dick com ar de mistério, depois de me fazer essa confidência uma quarta-feira –, quem é o homem que se esconde perto de nossa casa e assusta sua tia?

– Assusta minha tia?

O sr. Dick fez que sim.

– Achei que ela nunca se assustava com nada – disse – porque é... – sussurrou baixinho – não conte a ninguém, a mulher mais sábia e maravilhosa que existe. – Dito isso, afastou o corpo para observar o efeito que essa descrição tinha sobre mim.

– Da primeira vez que ele veio – disse o sr. Dick – foi, vejamos, 1649 o ano da execução do rei Charles. Acho que você disse 1649?

– Sim, senhor.

– Não sei como pode ser isso – disse o sr. Dick profundamente intrigado, sacudindo a cabeça. – Acho que não sou tão velho assim.

– Foi nesse ano que esse homem apareceu, senhor Dick? – perguntei.

– Pois então – disse o sr. Dick –, não vejo como pode ter sido nesse ano, Trotwood. Você tirou essa data da própria história?

– Sim, senhor.

– A história nunca mente, não é? – perguntou o sr. Dick com um brilho de esperança.

– Ah, não, senhor! – repliquei, muito decidido. Eu era moço e ingênuo e acreditava nisso.

– Não consigo entender – disse o sr. Dick sacudindo a cabeça. – Tem alguma coisa errada em algum lugar. Mas foi logo depois do erro de tirarem os problemas da cabeça do rei Charles e colocarem na minha que o homem apareceu pela primeira vez. Eu estava caminhando com a senhorita Trotwood depois do chá, ao entardecer, e lá estava ele, perto de nossa casa.

– Andando? – perguntei.

– Andando? – repetiu o sr. Dick. – Deixe ver. Tenho de lembrar um pouco. N... não, não, ele não estava andando.

Perguntei, como caminho mais curto de chegar à questão, o que ele *estava* fazendo.

– Bom, ele não estava lá, não – disse o sr. Dick –, até aparecer atrás dela e sussurrar. Ela então se virou e desmaiou. Eu parei, olhei para ele e ele se afastou, mas deve estar escondido desde então (debaixo da terra ou em algum lugar). É uma coisa muito estranha!

– Ele *está* escondido desde então? – perguntei.

– Com toda a certeza – retorquiu o sr. Dick, sacudindo a cabeça gravemente. – Nunca mais apareceu, até a noite passada! Nós estávamos caminhando ontem à noite e ele veio por trás dela outra vez. Eu sabia que era ele de novo.

– E ele assustou minha tia outra vez?

– Ela estremeceu – disse o sr. Dick, imitando a sensação e batendo os dentes. – Apoiou-se na cerca. Chorou. Mas, Trotwood, venha cá, rapaz – chegou mais perto de mim para poder sussurrar muito baixinho –, por que ela deu dinheiro para ele, ao luar?

– Talvez fosse um mendigo.

O sr. Dick sacudiu a cabeça, recusando inteiramente a sugestão, e respondeu com grande segurança, muitas vezes:

– Não era mendigo, mendigo não, mendigo não, senhor! – E continuou, dizendo que de sua janela tinha visto depois, tarde da noite, minha tia ao luar dando dinheiro a essa pessoa, que estava fora da cerca do jardim e desapareceu em seguida (para dentro do chão outra vez, como ele achava provável) e não foi mais visto: enquanto minha tia voltou depressa e secretamente para casa e naquela manhã estivera muito diferente, o que perturbou o sr. Dick.

Eu não tinha a menor dúvida, desde o começo dessa história, de que o desconhecido não passava de uma ilusão do sr. Dick, na mesma linha do infeliz príncipe que lhe causava tanta dificuldade, mas depois de alguma reflexão comecei a me perguntar se alguma tentativa, ou ameaça de tentativa, poderia ter sido feita duas vezes para tirar o pobre sr. Dick da proteção de minha tia, e se minha tia, de cujos fortes sentimentos por ele eu sabia através dela própria, poderia ter sido induzida a pagar um preço por sua paz e tranquilidade. Como eu já estava muito ligado ao sr. Dick e muito preocupado com seu bem-estar, meus temores favoreciam essa suposição. E durante um bom tempo dificilmente sua quarta-feira chegava sem que eu me afligisse com a possibilidade de ele não estar na diligência, como sempre. Mas ele sempre aparecia, grisalho, risonho e feliz, e nunca mais falou nada do homem que era capaz de assustar minha tia.

Essas quartas-feiras eram os dias mais felizes da vida do sr. Dick; e estavam longe de ser os menos felizes da minha. Ele logo ficou conhecido por todos os meninos da escola; e embora nunca tivesse participação ativa em nenhuma brincadeira além de empinar pipa, estava tão profundamente interessado em todos os nossos esportes como qualquer um de nós. Quantas vezes o vi, atento a uma partida de bolinhas de gude ou pião, olhando com uma expressão de inexprimível interesse e mal respirando nos momentos decisivos! Quantas vezes, na brincadeira de pegador, eu o vi em cima de uma pequena elevação, animando todo o campo e acenando com o chapéu acima da cabeça grisalha, esquecido da cabeça martirizada do rei Charles e de tudo relativo a ela! Quantas horas de verão vi passarem como momentos de felicidade para ele no campo de críquete! Quantos dias de inverno o vi, parado com o nariz roxo na neve

e no vento leste, olhando os meninos a deslizar por uma longa encosta, animado, batendo as luvas de lã!

Ele era benquisto por todo mundo, e sua engenhosidade em pequenas coisas era transcendental. Era capaz de descascar laranjas de jeitos que nenhum de nós nem imaginava. Era capaz de transformar qualquer coisa num barco, até um espeto. Transformava ossos do joelho de carneiro em peças de xadrez; criava carros romanos com velhas cartas de baralho; fazia rodas com carretéis de linha e gaiolas com arames velhos. Mas era melhor mesmo, talvez, nos artigos de cordão e palha, com os quais nos convencia a todos de que era capaz de fazer qualquer coisa que pudesse ser feita com as mãos.

O renome do sr. Dick não ficou muito tempo confinado a nós. Depois de algumas quartas-feiras, o próprio dr. Strong me perguntou por ele, e contei tudo o que minha tia havia me contado; o que interessou tanto ao doutor que ele pediu que por ocasião da próxima visita o apresentasse a ele. Realizei essa cerimônia; e como o doutor pediu ao sr. Dick que toda vez que não me encontrasse na chegada da diligência que viesse à escola e descansasse ali até terminarem as aulas da manhã, logo passou a ser um costume o sr. Dick aparecer e, se atrasávamos um pouco, como acontecia sempre na quarta-feira, ele ficava andando pelo pátio, à minha espera. Ali ele conheceu a bela esposa do doutor (mais pálida que antes, esse tempo todo; mais raramente vista por mim ou por qualquer outro, acho, e não tão alegre, porém não menos bela) e assim se tornou mais e mais familiar até que, por fim, chegava à escola e esperava. Sentava-se sempre num determinado canto, num banco especial batizado de “Dick” em homenagem a ele. Ali ficava, com a cabeça grisalha inclinada, escutando atentamente o que pudesse estar acontecendo, com uma profunda veneração pelo aprendizado que ele nunca tivera a possibilidade de adquirir.

Essa veneração ao sr. Dick estendia-se ao doutor, que o sr. Dick achava o filósofo mais sutil e dotado de qualquer época. Demorou muito tempo para se dirigir a ele de chapéu na cabeça, e mesmo quando ele e o doutor já eram bem amigos, caminhando juntos durante horas naquele lado do pátio conhecido por nós como Passarela do Doutor, o sr. Dick

tirava o chapéu a intervalos, para mostrar seu respeito por sabedoria e conhecimento. Nunca soube como o doutor começou a ler trechos do famoso dicionário nessas caminhadas; talvez ele sentisse que era igual a ler para si mesmo. No entanto, passou a ser um costume também, e o sr. Dick escutava com o rosto reluzindo de orgulho e prazer, acreditando no fundo do coração que o dicionário era o livro mais delicioso do mundo.

Quando penso neles andando de um lado para outro diante daquelas janelas das classes, o doutor lendo um ocasional floreio do manuscrito, com seu sorriso sereno ou um grave movimento de cabeça, o sr. Dick ouvindo, preso pelo interesse, com a pobre cabeça vagando sabe Deus por onde, nas asas das palavras, isso me parece uma das coisas mais agradáveis, mais tranquilas, que já vi. Sinto que poderiam continuar andando de um lado para outro eternamente e o mundo seria de alguma forma melhor por isso – pois milhares de coisas fazem barulho e não são nem metade de tão boas.

Agnes logo se tornou uma das amigas do sr. Dick e, vindo à casa com frequência, ele travou conhecimento com Uriah. A amizade entre ele e mim aumentava continuamente e era mantida nestes termos curiosos: embora o sr. Dick viesse confessamente para cuidar de mim como meu guardião, ele sempre me consultava em qualquer pequena dúvida que surgisse, e sempre se orientava por meu conselho, demonstrando não apenas alto respeito por minha natural sagacidade como considerando que eu havia herdado muito de minha tia.

Numa quinta-feira de manhã, quando eu estava indo com o sr. Dick do hotel para a parada de diligência antes de voltar à escola (porque tínhamos uma hora de escola antes do café da manhã), encontrei Uriah na rua e ele me lembrou de minha promessa de tomar chá com ele e sua mãe, acrescentando a se retorcer:

– Mas não achei que fosse manter a promessa, seu Copperfield, a gente é tão humilde.

Na realidade, eu ainda não havia conseguido me decidir se gostava de Uriah ou o detestava; e ainda tinha muitas dúvidas quando parei, olhando para a cara dele na rua. Mas senti que seria uma afronta parecer orgulhoso e disse que bastava me convidar.

– Ah, se é só isso, seu Copperfield – disse Uriah –, e não é mesmo nossa condição humilde que impede a sua visita, gostaria de ir hoje? Mas se for nossa humildade, espero que diga logo, seu Copperfield, porque temos plena consciência da nossa condição.

Eu disse que falaria com o sr. Wickfield e que, se ele aprovasse, como eu não duvidava que fosse aprovar, iria com prazer. De forma que às seis dessa tarde, que era um dia em que o escritório terminava mais cedo, anunciei a Uriah que estava pronto.

– Minha mãe vai ficar muito orgulhosa – ele disse, quando seguimos lado a lado. – Ou ficaria orgulhosa, se não fosse pecado, senhor Copperfield.

– Mas você hoje de manhã não se importou de achar que *eu* era orgulhoso – repliquei.

– Ah, não, seu Copperfield – respondeu Uriah. – Ah, pode crer que não! Essa ideia nunca me passou pela cabeça! Eu jamais ia considerar orgulho seu achar que *nós* somos humildes demais para o senhor. Porque a gente é muito humilde mesmo.

– Tem estudado muito as leis ultimamente? – perguntei, para mudar de assunto.

– Ah, seu Copperfield – ele disse, com ar de modéstia –, não dá pra chamar minhas leituras de estudo. Às vezes, passo uma ou duas horas à noite com o senhor Tidd.

– É difícil, acredito – disse eu.

– É difícil pra *mim*, às vezes – respondeu Uriah. – Mas não sei como seria pra uma pessoa dotada.

Depois de tamborilar um breve ritmo no queixo com dois dedos de sua mão esquelética enquanto caminhávamos, acrescentou:

– Sabe, seu Copperfield, o senhor Tidd usa umas expressões, palavras e termos em latim que são difíceis pra um leitor com a minha formação humilde.

– Gostaria de aprender latim? – perguntei, bruscamente. – Posso ensinar com prazer, enquanto vou estudando.

– Ah, obrigado, seu Copperfield – ele respondeu, sacudindo a cabeça. –

Sem dúvida, é muita bondade sua oferecer, mas sou humilde demais pra aceitar.

– Que bobagem, Uriah!

– Ah, me desculpe, de verdade, seu Copperfield! Fico muito agradecido e gostaria muito, garanto, mas sou humilde demais. Tem muita gente que pisaria em cima de mim na minha humilde condição, se eu ofender os sentimentos delas com o aprendizado. Aprender não é pra mim. Pra uma pessoa como eu, é melhor não ter muita aspiração. Pra progredir na vida, precisa progredir com humildade, seu Copperfield.

Nunca vi a boca dele tão esticada, nem os sulcos de suas faces tão profundos, como quando manifestou esses sentimentos, sacudindo a cabeça o tempo todo e se retorcendo modestamente.

– Acho que está errado, Uriah – eu disse. – Acredito que eu poderia ensinar muitas coisas para você, se quiser aprender.

– Ah, não duvido, seu Copperfield – ele respondeu –, nem um pouco. Mas não sendo humilde, o senhor não sabe, talvez, como é praqueles que são. Não vou provocar meus superiores com conhecimento, obrigado. Sou humilde demais. Esta é a minha humilde casa, seu Copperfield!

Entramos da rua diretamente para uma sala baixa, antiquada, e ali encontramos a sra. Heep, que era a imagem escrita de Uriah, só que mais baixa. Ela me recebeu com absoluta humildade, desculpando-se por dar um beijo no filho, dizendo que, humildes como eram, tinham afeições naturais, que esperavam não ofendessem ninguém. Era uma sala perfeitamente decente, meio sala de estar, meio cozinha, mas nada apertada. O serviço de chá estava na mesa e a chaleira fervia na lareira. Havia uma cômoda de gavetas com um tampo como escrivaninha para Uriah ler e escrever à noite; a bolsa azul de Uriah no chão, vomitando papéis; um batalhão de livros de Uriah, comandados pelo do sr. Tidd; um armário num canto e as peças de mobília costumeiras. Não me lembro que nenhum objeto tivesse um aspecto nu, pobre, usado, mas me lembro que a sala como um todo dava essa impressão.

Talvez como parte da humildade da sra. Heep, ela ainda usava luto. Apesar de todo o tempo decorrido depois da morte do sr. Heep, ela ainda usava luto. Acho que havia certa concessão na touca, porém no mais ela

usava preto como nos primeiros dias de luto.

– Este dia vai ser sempre lembrado, meu Uriah, com toda a certeza – disse a sra. Heep, preparando o chá –, o dia em que o senhor Copperfield nos fez uma visita.

– Eu disse que a senhora ia sentir isso, mãe – disse Uriah.

– Se eu pudesse desejar que seu pai ainda estivesse entre nós por alguma razão – disse a sra. Heep –, era pra gozar da companhia dele esta tarde.

Fiquei embaraçado com esses elogios, mas sentia também que estava sendo tratado como um hóspede ilustre, e achei a sra. Heep uma mulher agradável.

– Faz muito tempo – disse a sra. Heep – que o meu Uriah está esperando por isso. Ele tinha medo que a nossa humildade atrapalhasse e eu também tinha. Humildes somos, humildes fomos, humildes seremos – disse a sra. Heep.

– Tenho certeza de que a senhora não tem necessidade de ser assim, minha senhora – eu disse –, a menos que queira assim.

– Muito obrigada – respondeu a sra. Heep. – Conhecemos o nosso lugar e somos gratos por ele.

Senti que a sra. Heep aos poucos se aproximava de mim e que Uriah aos poucos se punha diante de mim e que respeitosamente me ofereciam o melhor das comidas sobre a mesa. Não havia nada particularmente bom ali, claro; mas considerei mais a intenção do que o fato, e senti que eram muito atenciosos. Começaram a falar de tias e então contei sobre a minha. A sra. Heep começou a falar de padrastos e comecei a falar sobre o meu, mas me calei, porque minha tia havia aconselhado a manter silêncio sobre o assunto. Mas uma jovem rolha não teria mais chance contra uma dupla de saca-rolhas, nem um dente mole diante de uma dupla de dentistas, nem uma peteca diante de duas raquetes, do que eu diante de Uriah e da sra. Heep. Eles fizeram comigo o que bem entenderam, tiraram de mim coisas que eu não tinha nenhuma vontade de contar, com uma facilidade que me deixa vermelho só de pensar: mais especialmente porque, em minha franqueza juvenil, fiquei lisonjeado com aquelas confidências e senti que era o foco principal de meus dois

respeitosos anfitriões.

Eles gostavam muito um do outro, com toda a certeza. Acredito que isso teve seu efeito sobre mim, como um toque natural; mas a habilidade com que um continuava o que o outro dizia tinha um toque de arte contra o qual eu ainda não sabia me defender. Quando não havia mais nada para arrancar de mim a meu respeito (porque calei sobre minha vida na Murdstone e Grinby e sobre minha viagem), começaram a perguntar sobre o sr. Wickfield e Agnes. Uriah jogava a bola para a sra. Heep, ela pegava e jogava de volta para Uriah, que ficava com ela um pouco e devolvia à sra. Heep e assim iam jogando até que eu não fazia mais ideia de quem estava com a bola, e ficava bem confuso. A bola em si também estava sempre mudando. Ora se tratava do sr. Wickfield, ora de Agnes, ora da excelência do sr. Wickfield, ora de minha admiração por Agnes; ora da dimensão dos negócios do sr. Wickfield e seus recursos, ora da vida doméstica depois do jantar; ora do vinho que o sr. Wickfield tomava, da razão por que tomava e da pena que era ele beber tanto; ora uma coisa, ora outra, depois tudo junto e o tempo todo, sem parecer falar muito ou fazer coisa alguma além de encorajá-los um pouco, por medo de que ficassem dominados por sua humildade e pela honra de minha companhia, me via permanentemente deixando escapar uma coisa ou outra que não devia revelar e percebia o efeito disso na pulsação das narinas marcadas de Uriah.

Eu tinha começado a ficar pouco à vontade, e queria me livrar da visita, quando uma pessoa que passava na rua olhou pela porta, sempre aberta para arejar a sala, que estava quente, o clima abafado para aquela época do ano, voltou atrás, olhou para dentro e entrou, exclamando em voz alta:

– Copperfield! Não é possível!

Era o sr. Micawber! Era o sr. Micawber com seus óculos, sua bengala, seu colarinho, sua pose e o tom presunçoso na voz, completo!

– Meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber, estendendo a mão –, este encontro foi certamente calculado para dar à mente uma sensação da instabilidade e incerteza de tudo que é humano... Em resumo, é um encontro extraordinário. Andando pela rua, pensando na possibilidade

de aparecer alguma coisa, que no momento me enche de otimismo, encontro um jovem mas valoroso amigo, ligado ao período mais movimentado de minha vida, posso mesmo dizer, ao divisor de águas de minha existência. Copperfield, meu caro amigo, como vai?

Não posso dizer, realmente não *posso* dizer, que fiquei contente de encontrar o sr. Micawber ali, mas fiquei contente de vê-lo, de apertar sua mão calorosamente, perguntando como ia a sra. Micawber.

– Muito obrigado – disse o sr. Micawber abanando a mão como antes e ajeitando o queixo no colarinho da camisa. – Ela está convalescendo razoavelmente. Os gêmeos não dependem mais das fontes da natureza para se alimentar... em resumo – disse o sr. Micawber em um de seus lances de confiança – estão desmamados e a sra. Micawber, no momento, é minha companheira de viagem. Ela vai ficar muito contente, Copperfield, de retomar contato com alguém que, sob todos os aspectos, se revelou um ministro valoroso no sagrado altar de amizade.

Eu disse que adoraria vê-la.

– Você é muito bom – disse o sr. Micawber.

Ele sorriu, ajeitou o queixo de novo e olhou em torno.

– Encontrei meu amigo Copperfield – disse o sr. Micawber com seu exagero e sem se dirigir a ninguém em particular – não em solidão, mas compartilhando uma refeição social em companhia de uma senhora viúva e de alguém que parece ser... em resumo – disse o sr. Micawber em mais um lance de confiança – seu filho. Será uma honra ser apresentado.

Diante das circunstâncias, eu não podia deixar de apresentar o sr. Micawber a Uriah Heep e sua mãe; coisa que fiz. Enquanto eles se rebaixavam para ele, o sr. Micawber se sentou e abanou a mão com sua maneira mais cortês.

– Todo amigo de meu amigo Copperfield – disse o sr. Micawber – tem direitos pessoais sobre mim.

– A gente é muito humilde, sim, senhor – disse a sra. Heep –, meu filho e eu, pra ser amigos do seu Copperfield. Ele teve a bondade de tomar chá com a gente e a gente agradece a companhia dele e a atenção do senhor também.

– A senhora é muito gentil – replicou o sr. Micawber com uma reverência. – E o que está fazendo, Copperfield? Ainda no comércio de vinhos?

Eu estava extremamente ansioso para levar o sr. Micawber embora e repliquei, com o chapéu na mão e o rosto muito vermelho sem dúvida, que era aluno na escola do dr. Strong.

– Estudante? – disse o sr. Micawber, erguendo as sobrancelhas. – Fico extremamente feliz de ouvir isso. Se bem que uma inteligência como a de meu amigo Copperfield – para Uriah e a sra. Heep – não precise daquela cultura que seria necessária se não tivesse o seu conhecimento de homens e coisas, mesmo assim é um solo rico, vibrando de vegetação latente... em resumo – disse o sr. Micawber sorrindo em outro lance de confiança – é um intelecto à altura dos clássicos sob todos os aspectos.

Uriah, com as longas mãos deslizando uma sobre a outra, retorceu-se horrivelmente da cintura para cima para expressar sua concordância com essa avaliação de mim.

– Vamos agora ver a senhora Micawber? – perguntei, para levar o sr. Micawber embora.

– Se der a ela essa honra, Copperfield – replicou o sr. Micawber levantando-se. – Não tenho nenhum escrúpulo em dizer, na presença de nossos amigos aqui, que sou um homem que, durante alguns anos, lutei contra a pressão de dificuldades pecuniárias. – Eu tinha certeza de que ele ia dizer alguma coisa do gênero, sempre se gabava de suas dificuldades. – Às vezes, venci minhas dificuldades. Às vezes, as dificuldades... em resumo, me derrubaram. Houve momentos em que apliquei uma série de socos na cara delas; houve momentos em que elas eram demais para mim e desisti, citando para a senhora Micawber as palavras de Catão: “Platão, raciocinas bem. Está tudo acabado agora. Não posso mais lutar”. Mas em nenhum momento da vida – disse o sr. Micawber – gozei maior grau de satisfação do que ao despejar minhas tristezas (se posso descrever com essa palavra as dificuldades produzidas sobretudo por mandatos de advogados e notas promissórias para dois meses e quatro meses) no coração de meu amigo Copperfield.

O sr. Micawber encerrou esse lindo tributo dizendo:

– Senhor Heep! Boa noite, senhora Heep! Seu criado – e saindo comigo com suas maneiras mais elegantes, fazendo grande ruído no chão com os sapatos e cantarolando enquanto caminhávamos.

Era numa pequena estalagem que o sr. Micawber estava instalado, ocupando ali uma pequena sala, com uma divisória separando da sala comercial e com um forte cheiro de tabaco. Acredito que ficava acima da cozinha, porque um cheiro morno de gordura parecia subir pelas frestas do piso e as paredes transpiravam. Sei que ficava perto do bar, por conta do cheiro de álcool e do tilintar de copos. Ali, deitada num sofazinho, debaixo do quadro de um cavalo de corrida, com a cabeça perto da lareira e os pés derrubando a mostarda de cima do criado-mudo do outro lado, estava a sra. Micawber, a quem o sr. Micawber se dirigiu primeiro, dizendo:

– Meu bem, quero apresentar um aluno da escola do doutor Strong.

A propósito, notei que, embora o sr. Micawber ficasse confuso como sempre a respeito de minha idade e posição, não se esquecera, elegantemente, de que eu era aluno da escola do dr. Strong.

A sra. Micawber ficou surpresa, mas muito contente de me ver. Também fiquei contente de encontrá-la, e depois de uma afetuosa saudação de parte a parte, me sentei no sofá ao lado dela.

– Meu bem – disse o sr. Micawber –, se quiser mencionar a Copperfield qual é a nossa situação atual, que não tenho dúvidas, ele gostará de saber, vou dar uma olhada no jornal para ver se aparece alguma coisa nos anúncios.

– Achei que estava em Plymouth, senhora Micawber – eu disse quando o marido dela saiu.

– Meu querido Copperfield – ela replicou –, nós fomos para Plymouth.

– Para ocupar um posto – insinuei.

– Exatamente – disse a sra. Micawber. – Para ocupar um posto. Mas a verdade é que não precisavam de nenhum talento na Alfândega. De nada valeu a influência de minha família para conseguir um emprego naquele departamento para um homem com as capacidades do senhor Micawber. Eles preferiam *não* ter um homem com as habilidades do senhor

Micawber. Ele só revelaria a deficiência dos outros. Além do quê – disse a sra. Micawber –, não vou esconder de você, meu querido Copperfield, quando esse ramo da minha família instalado em Plymouth viu que o senhor Micawber ia acompanhado de mim, do pequeno Wilkins, da irmã e dos gêmeos, não receberam o senhor Micawber com o carinho que seria de se esperar, com ele recém-saído da prisão. Na verdade – disse a sra. Micawber baixando a voz –, que fique entre nós, a recepção para nós foi fria.

– Que pena! – falei.

– É – disse a sra. Micawber. – É doloroso mesmo ver a humanidade sob esse aspecto, mas a recepção a nós foi decididamente fria. Não há dúvidas. Na verdade, esse ramo da minha família instalado em Plymouth foi bastante agressivo com o senhor Micawber antes de completarmos uma semana lá.

Eu disse, e achava mesmo, que deviam ter vergonha disso.

– Mas assim foi – continuou a sra. Micawber. – Nessas condições, o que um homem com o espírito do senhor Micawber poderia fazer? A atitude óbvia era ir embora. Tomar emprestado, desse ramo de minha família, o dinheiro para voltar a Londres, e retomar qualquer sacrifício.

– Então vocês todos voltaram? – perguntei.

– Voltamos todos outra vez – replicou a sra. Micawber. – Desde então, consultei outros ramos da família sobre o melhor rumo para o senhor Micawber tomar, porque acho que ele tem de tomar algum rumo, Copperfield – disse a sra. Micawber, refletindo. – Evidentemente uma família de seis pessoas, sem falar da doméstica, não pode viver de ar.

– Sem dúvida – eu disse.

– A opinião desses outros ramos da família – continuou a sra. Micawber – é que o senhor Micawber deve se voltar imediatamente para o carvão.

– Para o quê?

– Carvão – disse a sra. Micawber. – Comércio de carvão. Ele se informou e chegou à conclusão de que pode haver oportunidade para um homem com o seu talento na Comercial Carvoeira Medway. Então, o

senhor Micawber disse, muito acertadamente, que o primeiro passo a tomar seria vir e *ver* a Medway. E nós viemos e vimos. Digo "nós", Copperfield – ela falou, com emoção –, porque nunca abandonarei o senhor Micawber.

Murmurei minha admiração e aprovação.

– Viemos – repetiu a sra. Micawber – e vimos a Medway. Minha opinião sobre o comércio do carvão naquele rio é que pode exigir talento, mas sem dúvida exige capital. Talento o senhor Micawber tem; capital, não. Acho que vimos a maior parte da Medway; e essa é a minha conclusão pessoal. Como estávamos tão perto daqui, o senhor Micawber era da opinião de que seria bobagem não vir e visitar a catedral. Primeiro, porque ela merece tanto ser vista e nós nunca vimos; depois pela grande probabilidade de aparecer alguma coisa numa cidade com catedral. Estamos aqui – disse a sra. Micawber – há três dias. Nada apareceu ainda e talvez não seja surpresa para você, meu querido Copperfield, como seria para um estranho, saber que no momento estávamos esperando uma remessa de Londres para cumprir com nossas obrigações pecuniárias com este hotel. Até a chegada dessa remessa – disse a sra. Micawber com muita emoção –, estou afastada de casa (falo de nossa acomodação em Pentonville), de meu filho e minha filha, e dos gêmeos.

Senti absoluta compaixão pelos Micawber nesse extremo de ansiedade, e expressei isso ao sr. Micawber, que voltou: acrescentei que queria ter dinheiro suficiente para emprestar o montante de que precisavam. A resposta do sr. Micawber expressou a perturbação de sua cabeça. Ele disse, apertando minha mão:

– Copperfield, você é um amigo de verdade, mas quando vem o pior, todo homem tem um amigo que possui uma navalha de barbear. – Diante dessa horrenda insinuação, a sra. Micawber passou os braços pelo pescoço do sr. Micawber e implorou que se acalmasse. Ele chorou, mas assim que se recuperou, quase imediatamente, tocou a campainha do garçom e encomendou um pastelão de rim quente e um prato de camarões para o desjejum da manhã seguinte.

Quando os deixei, os dois insistiram tanto que fosse jantar com eles

antes de irem embora, que não pude recusar. Mas como eu sabia que não poderia ir no dia seguinte, porque tinha muita coisa a preparar para a noite, o sr. Micawber combinou que iria falar com o dr. Strong no decorrer da manhã (pressentindo que a remessa chegaria pelo correio) e propor o dia seguinte, se fosse mais conveniente para mim. Efetivamente, fui chamado na tarde do dia seguinte e encontrei no salão o sr. Micawber, que tinha vindo dizer que o jantar ocorreria como combinado. Quando perguntei se a remessa havia chegado, ele apertou minha mão e foi embora.

Quando estava olhando pela janela nessa mesma noite, me surpreendeu e inquietou bastante ver o sr. Micawber e Uriah Heep passarem, de braços dados: Uriah humildemente agradecido à honra que lhe era feita e o sr. Micawber colhendo o brando prazer de estender suas atenções a Uriah. Mas fiquei ainda mais surpreso quando fui ao pequeno hotel no dia seguinte, na hora combinada, quatro horas, e descobri, pelo que contou o sr. Micawber, que tinha ido para casa com Uriah e bebido conhaque na casa da sra. Heep.

– E vou dizer uma coisa, meu querido Copperfield – disse o sr. Micawber –, meu amigo Heep é um jovem que pode vir a ser procurador-geral. Se eu conhecesse esse rapaz na época em que minhas dificuldades ficaram críticas, acredito que meus credores teriam sido enfrentados muito melhor do que foram.

Eu não conseguia entender como poderia ter sido assim, uma vez que o sr. Micawber não havia pagado nada para nenhum deles, mas não quis perguntar. Também não quis mencionar que esperava que não fosse muito comunicativo com Uriah, nem perguntar se tinham falado muito a meu respeito. Temia ferir os sentimentos do sr. Micawber ou, talvez, da sra. Micawber, uma vez que ela era muito sensível, mas fiquei incomodado com aquilo e pensei muitas vezes nisso depois.

Foi um jantarzinho maravilhoso. Um elegante prato de peixe, uma ponta de lombo de vitela grelhado; linguiça frita; uma perdiz e pastelão. Havia vinho e cerveja forte. Depois do jantar, a sra. Micawber preparou para nós uma tigela de ponche com as próprias mãos.

O sr. Micawber estava excepcionalmente alegre. Nunca o tinha visto

tão animado. Com o ponche, seu rosto ficou brilhando como se tivesse sido envernizado. Ficou alegremente sentimental com a cidade e brindou ao sucesso dela, observando que ele e a esposa tinham sido acolhidos com extremo conforto ali e que jamais esqueceriam as horas alegres que passaram em Canterbury. Em seguida brindou a mim. Ele, a sra. Micawber e eu relembramos nossa convivência anterior, e vendemos de novo tudo o que possuíam. Então brindei à sra. Micawber ou, pelo menos, disse, modestamente:

– Se me permite, gostaria de beber à *sua* saúde, sra. Micawber. – Diante disso, o sr. Micawber fez um discurso elogioso ao caráter da esposa e disse que ela havia sido sempre seu guia, filósofo e amiga, e que me recomendava, quando chegasse a hora de casar em minha vida, que casasse com uma mulher assim, se conseguisse encontrar outra igual.

Quando o ponche acabou, o sr. Micawber estava ainda mais amigável e alegre. A sra. Micawber também estava entusiasmada, cantamos "Auld lang syne", com a sra. Micawber solando e eu e seu marido fazendo o coro. Quando chegamos ao verso "Pegue minha mão, amigo sincero", nos demos as mãos em torno da mesa e, quando cantamos que iríamos beber "a cerveja certa da boa vontade", que não fazíamos a menor ideia do que queria dizer, estávamos realmente emocionados".{11}

Em uma palavra, nunca vi ninguém tão animado como o sr. Micawber estava, até o último momento da noite, quando me despedi calorosamente dele e de sua adorável esposa. Portanto, na manhã seguinte não estava preparado para receber a seguinte comunicação, datada de nove e meia da noite anterior, quinze minutos depois de eu ter ido embora.

MEU QUERIDO JOVEM AMIGO,

A sorte está lançada: tudo acabado. Escondendo a devastadora preocupação debaixo de uma máscara de alegria, não informei você, esta noite, que não há nenhuma esperança da remessa! Nessa circunstância, igualmente humilhante de suportar, humilhante de contemplar e humilhante de relatar, resolvi a responsabilidade pecuniária referente a este estabelecimento fornecendo uma nota promissória pagável dentro de catorze dias em minha residência em Pentonville, Londres. Quando vencer, não será paga. O resultado é a destruição. O raio é iminente e a árvore tombará.

Que o homem arrasado que aqui se dirige a você agora, meu caro Copperfield, possa ser um farol em sua vida. Ele escreve com essa intenção e essa esperança. Se ele pudesse

considerar-se de alguma valia, um raio de luz poderia, talvez, penetrar o triste calabouço da existência que lhe resta, embora sua longevidade seja, no momento (para dizer o mínimo), extremamente problemática.

Meu caro Copperfield, esta é a última comunicação que receberá

do

mendicante proscrito,

WILKINS MICAWBER.

Fiquei tão chocado com o conteúdo dessa carta triste que fui correndo diretamente para o pequeno hotel com a intenção de dar uma parada lá a caminho da escola e tentar acalmar o sr. Micawber com uma palavra de consolo. Mas no meio do caminho encontrei a diligência para Londres com o sr. e a sra. Micawber sentados nos bancos, ele a própria imagem do prazer tranquilo, sorrindo para a conversa da esposa, comendo nozes de um saco de papel, com uma garrafa no bolso do paletó. Como não me viram, achei melhor, diante de tudo, não falar com eles. Então, tendo tirado um grande peso da cabeça, voltei para a escola pelo caminho mais rápido de uma ruazinha lateral, e me senti, no geral, muito aliviado de terem ido embora, ainda que gostasse muito deles mesmo assim.

XVIII

Um retrospecto

Meus dias de escola! O deslizar silencioso da existência, o desenrolar de minha vida, que eu não percebia, não sentia, da infância para a juventude! Quando olho para trás, essa água a correr, hoje um canal seco, cheio de folhas, me faz pensar se existem marcas ao longo de seu curso, através das quais possa me lembrar como corria.

Um momento e ocupo meu lugar na catedral, aonde íamos juntos todo domingo de manhã, nos encontrando primeiro na escola com esse propósito. O aroma de terra, o sol ausente, a sensação do mundo deixado do lado de fora, o ressoar do órgão nos arcos das galerias e corredores de piso preto e branco, tudo são asas que me levam de volta e me erguem pairando acima daqueles dias, num sonho meio dormindo, meio acordado.

Não sou mais o menor menino da escola. Cresci, em alguns meses, acima de diversas cabeças. O líder da classe me parece uma criatura poderosa, muito distante de mim, cuja altitude vertiginosa é inatingível. Agnes diz que “não”, mas digo que “sim”, que ela mal sabe a quantidade de conhecimento dominada pelo Ser superior, a cujo lugar ela acha que eu, mesmo eu, fraco aspirante, posso chegar um dia. Ele não é meu amigo particular e protetor público, como era Steerforth, mas tenho por ele um reverente respeito. Penso sobretudo no que ele será, quando sair da escola do dr. Strong, e o que a humanidade fará para disputar o seu lugar.

Mas quem é essa que me aparece? É a srta. Shepherd, que eu amo.

A srta. Shepherd é aluna da escola das srtas. Nettingall. Adoro a srta. Shepherd. É uma moça pequena, com jaqueta curta, rosto redondo e cabelos muito loiros e ondulados. As moças da Nettingall também vão à catedral. Não consigo olhar para o livro, porque tenho de olhar para a srta. Shepherd. Quando o coro canta, ouço a srta. Shepherd. Na

cerimônia, introduzo mentalmente o nome dela e a ponho junto à família real. Em casa, em meu quarto, às vezes sou levado a exclamar: “Ah, srta. Shepherd!”, num arrebatamento de amor.

Durante algum tempo, tive dúvidas quanto aos sentimentos dela, mas o Destino foi propício e nos encontramos na escola de dança. A srta. Shepherd é meu par. Toco a luva dela e sinto um arrepio percorrer meu braço direito e chegar ao meu cabelo. Não digo nenhuma palavra de ternura à srta. Shepherd, mas nos entendemos. Ela e eu só vivemos para um dia nos unirmos.

Me pergunto por que dou em segredo à srta. Shepherd doze castanhas do Brasil. Não são expressão de afeto, são difíceis de embrulhar num pacote de forma regular, difíceis de abrir, mesmo na junta da porta, e são oleosas quando abertas; no entanto sinto que são adequadas para a srta. Shepherd. Biscoitos macios com sementes também dou a ela; e laranjas incontáveis. Uma vez, beijei a srta. Shepherd na chapelaria. Êxtase! Qual não foi minha indignação no dia seguinte quando soube do rumor de que as srtas. Nettingall puseram a srta. Shepherd de castigo por ficar com a ponta dos pés voltadas para dentro!

Sendo a srta. Shepherd o tema e a visão centrais de minha vida, como pude romper com ela? Não consigo conceber. No entanto, surge uma frieza entre a srta. Shepherd e mim. Chegam a mim murmúrios de que a srta. Shepherd teria dito que preferia que eu não ficasse olhando tanto, e que teria manifestado uma preferência por Jones – por Jones, um rapaz sem nenhum mérito! O abismo entre mime a srta. Shepherd aumenta. Por fim, um dia, encontro as alunas da escola das srtas. Nettingall numa caminhada. A srta. Shepherd faz uma careta ao passar e ri com sua companheira. Tudo acabado. A devoção de uma vida (parece uma vida, é como se fosse) termina; a srta. Shepherd não faz mais parte da cerimônia religiosa e não está mais entre a família real.

Sou promovido na escola e ninguém me incomoda. Não sou nada educado com as jovens senhoritas da escola das srtas. Nettingall e não me interesso por nenhuma delas, mesmo que fossem vinte vezes mais numerosas e vinte vezes mais bonitas. Acho a escola de dança uma coisa cansativa, e me pergunto por que as moças não podem dançar sozinhas e

nos deixar em paz. Estou ficando ótimo em versos latinos e esqueço de amarrar as botas. O dr. Strong se refere a mim em público como um aluno promissor. O sr. Dick fica louco de alegria e minha tia me manda um guinéu pela primeira entrega do correio.

A sombra de um jovem açougueiro se ergue, como a aparição da cabeça com elmo em Macbeth. Quem é esse jovem açougueiro? Ele é o terror da juventude de Canterbury. Existe uma vaga crença fora da escola de que a banha que ele usa para untar o cabelo lhe dá uma força sobrenatural, e que é páreo para um homem adulto. É um jovem açougueiro de cara larga, pescoço de touro, com as faces ásperas e vermelhas, a mente deturpada e língua injuriosa. O uso principal que faz da língua é para menosprezar os jovens cavalheiros da escola do dr. Strong. Diz publicamente que, se quiserem alguma coisa, ele dá. Aponta indivíduos entre eles (eu inclusive) de quem daria conta com uma só mão e a outra amarrada nas costas. Espera em tocaia os meninos menores para dar socos em sua cabeça desprotegidas, e lança desafios a mim em plena rua. Por essas razões suficientes, resolvo lutar com o açougueiro.

É um fim de tarde de verão, num baixio verdejante, no canto de um muro. Marco encontro com o açougueiro. Vou escoltado por um grupo seleto de nossos meninos; o açougueiro, por dois outros açougueiros, um jovem taverneiro e um varredor. As preliminares são estabelecidas, o açougueiro e eu ficamos frente a frente. Em um momento o açougueiro acende dez mil estrelas em minha sobrancelha esquerda. Em outro momento, não sei onde está o muro, onde estou eu, onde está todo mundo. Mal consigo distinguir quem sou eu, quem é o açougueiro, sempre tão embolados e apertados, rolando na grama pisada. Às vezes, vejo o açougueiro, ensanguentado mas confiante; às vezes não vejo nada e me sento ofegante no joelho de um companheiro; às vezes vou para cima do açougueiro loucamente e a pele de meu punho se abre contra o rosto dele, sem parecer afetá-lo em nada. Por fim acordo, com a cabeça muito confusa, como saído de um sono estonteante, e vejo o açougueiro se afastando, cumprimentado pelos outros açougueiros, pelo varredor e pelo taverneiro, vestindo o paletó enquanto caminha. Com isso concluo, justificadamente, que a vitória é dele.

Sou levado para casa em mau estado, colocam bifes crus sobre meus olhos, me friccionam com vinagre e conhaque, e descubro um grande ponto branco, mole, explodindo em meu lábio superior, que incha desmesuradamente. Durante três ou quatro dias fico em casa, com muito mau aspecto, uma sombra verde abaixo dos olhos, e devia estar muito aborrecido, mas Agnes é como uma irmã, tem pena, lê para mim, e torna esse tempo leve e alegre. Agnes tem sempre minha total confiança; conto a ela sobre o açougueiro e os insultos sobre insultos que me fez. Ela acha que eu não podia ter feito outra coisa senão brigar com o açougueiro, ao mesmo tempo que estremece diante da luta.

O tempo passa sem que se perceba, Adams não é mais o líder da classe nos dias próximos, nem tem sido há muito e muito tempo. Adams deixou a escola há tanto tempo que quando volta, para visitar o dr. Strong, não há muitos ali, além de mim, que o conheçam. Adams será chamado ao tribunal quase imediatamente e será advogado, usará peruca. Fico surpreso ao percebê-lo um homem mais fraco do que eu imaginava, menos imponente na aparência. Ainda não assombrou o mundo também porque tudo continua (pelo que posso perceber) igual a antes de Adams ter se lançado a ele.

Uma lacuna, durante a qual guerreiros da poesia e da história marcham em impressionantes batalhões que parecem não ter fim... e o que vem em seguida? *Eu* sou o líder da classe. Olho a fileira de meninos abaixo de mim com um interesse arrogante por aqueles que me trazem à mente o menino que eu fui quando cheguei ali. Aquele pequeno parece não ser parte de mim, me lembro dele como de algo deixado para trás na estrada da vida, como algo por que passei, mais que algo que fui de verdade, e quase penso nele como outra pessoa.

E aquela menininha que vi naquele dia na casa do sr. Wickfield, onde está? Foi-se também. Em seu lugar, a perfeita cópia do quadro, uma cópia não mais criança, se movimenta pela casa; e Agnes, minha doce irmã, como a chamo em meus pensamentos, minha conselheira e amiga, o melhor anjo na vida de todos que recebem a sua calma, boa, modesta influência, é uma mulher completa.

Quais outras mudanças ocorreram em mim, além das mudanças do

crescimento e da aparência, do conhecimento que adquiri durante todo esse tempo? Uso relógio de ouro e corrente, um anel no dedo mínimo e casaca; uso muito óleo no cabelo, o que, em conjunto com o anel, não fica bem. Estou apaixonado outra vez? Estou. Adoro a mais velha das srtas. Larkins.

A mais velha das srtas. Larkins não é uma garotinha. Ela é alta, morena, olhos pretos, um belo corpo de mulher. A mais velha das srtas. Larkins não é uma franguinha; porque a mais nova das srtas. Larkins não o é, e a mais velha deve ter três ou quatro anos mais. Talvez a mais velha das srtas. Larkins deva ter por volta de trinta anos. Minha paixão por ela ultrapassa todos os limites.

A mais velha das srtas. Larkins conhece oficiais. É uma coisa horrível de suportar. Eu os vejo falando com ela na rua. Vejo-os mudar de calçada para falar com ela quando enxergam seu chapéu (ela tem gosto por chapéus vistosos) vindo pela rua, acompanhado pelo chapéu da irmã. Ela ri e conversa e parece gostar disso. Passo grande parte de meu tempo livre andando de um lado para outro a fim de encontrar com ela. Se consigo cumprimentá-la uma vez no dia (sei que posso cumprimentá-la, uma vez que conheço o sr. Larkins), fico mais feliz. Mereço um cumprimento de vez em quando. A poderosa agonia que sinto na noite do baile das Corridas, quando sei que a mais velha das srtas. Larkins vai dançar com os militares, devia ter alguma compensação, se existisse justiça no mundo.

A paixão me tira o apetite e me faz usar a gravata de seda mais nova continuamente. Não sinto nenhum alívio senão quando visto as melhores roupas, e mando lustrar as botas todos os dias. Pareço então merecer a mais velha das srtas. Larkins. Tudo que pertence a ela ou está ligado a ela é precioso para mim. O sr. Larkins (um velho mal-humorado com queixo duplo e um dos olhos imobilizado) se interessa muito por mim. Quando não consigo encontrar sua filha, vou aonde seja provável encontrá-lo. Perguntar: “Como vai, sr. Larkins? As jovens damas e toda a sua família estão bem?”, parece tão direto que fico vermelho.

Penso continuamente em minha idade. Digamos que tenha dezessete anos, e que dezessete anos é jovem para a mais velha das srtas. Larkins,

mas e daí? Além disso, terei vinte e um dentro de muito pouco tempo. Passeio regularmente na frente da casa do sr. Larkins à noite, embora me corte o coração ver os oficiais entrarem, ou ouvi-los na sala, onde a mais velha das srtas. Larkins toca harpa. Cheguei, em duas ou três ocasiões, a rodear insistentemente a casa de um jeito doentio, tolo, depois que a família foi dormir, imaginando qual seria o quarto da mais velha das srtas. Larkins (batendo, ouso confessar agora, no do sr. Larkins por engano); querendo que começasse um incêndio; que se juntasse uma multidão olhando horrorizada; e eu, correndo pelo meio das pessoas com uma escada, pudesse chegar à sua janela, salvá-la em meus braços, voltar para pegar algo que ela esqueceu e perecer nas chamas. Porque no geral sou desprendido em meus amores e penso que me contentaria em chamar a atenção da srta. Larkins e morrer.

No geral, mas nem sempre. Às vezes, visões mais alegres surgem diante de mim. Quando me visto (ocupação que toma duas horas) para um grande baile dado pelos Larkins (a expectativa é de três semanas), me permito o capricho de imagens agradáveis. Me vejo tomando coragem para fazer uma declaração à srta. Larkins. Vejo-a deitando a cabeça em meu ombro e dizendo: “Ah, senhor Copperfield, não posso acreditar no que estou ouvindo!”. Vejo o sr. Larkins esperando por mim na manhã seguinte, e dizendo: “Meu caro Copperfield, minha filha me contou tudo. A juventude não é empecilho. Aqui estão vinte mil libras. Sejam felizes!”. Vejo minha tia cedendo e nos abençoando; e o sr. Dick e o dr. Strong presentes na cerimônia de casamento. Acredito que eu seja um sujeito sensato (olhando em retrospectiva, quero dizer) e modesto, com certeza, mas mesmo assim sentia tudo isso.

Entro na casa encantada, onde há luzes, conversas, música, flores, oficiais (vejo com desprazer) e a mais velha das srtas. Larkins, um clarão de beleza. Está vestida de azul, com flores azuis no cabelo, miosótis ou não-me-esqueça, como se *precisasse* usar não-me-esqueças! É a primeira festa de adultos de verdade para a qual sou convidado, e estou um pouco intimidado, pois parece que não conheço ninguém e ninguém parece ter nada a dizer para mim, exceto o sr. Larkins, que me pergunta como vão meus colegas, coisa que não precisa fazer, porque eu não estava lá para

ser insultado. Mas depois de ficar parado na porta algum tempo e deliciado meus olhos com a deusa de meu coração, ela se aproximou de mim, ela, a mais velha das srtas. Larkins!, e me perguntou, delicadamente, se eu dançava.

Com uma curvatura, gaguejo:

– Com você, sim, senhorita Larkins.

– Com mais ninguém? – pergunta ela.

– Eu não teria prazer em dançar com mais ninguém.

A srta. Larkins ri, fica corada (ou penso que fica corada) e diz:

– Daqui a duas músicas, será um prazer.

Chega a hora.

– É uma valsa, acho – a srta. Larkins observa, incerta, quando me apresento. – Dança valsa? Se não, o capitão Bailey...

Mas eu danço valsa (e bastante bem, a propósito) e conduzo a srta. Larkins. Levo-a energicamente para longe do capitão Bailey. Ele fica arrasado, sem dúvida, mas não significa nada para mim. Já estive arrasado também. Danço a valsa com a mais velha das srtas. Larkins! Não sei onde, entre quem, ou por quanto tempo. Só sei que nado no espaço, com um anjo azul, num estado de delirante felicidade, até me ver sozinho com ela em uma salinha, descansando num sofá. Ela admira uma flor (uma camélia rosada, preço: meia-coroa) que levo na lapela. Dou a flor a ela, e digo:

– Peço por ela um preço inestimável, senhorita Larkins.

– É mesmo? Qual o preço? – ela responde.

– Uma flor sua, que eu possa guardar como um tesouro, como um avarento guarda seu ouro.

– Você é um rapaz ousado – diz a srta. Larkins. – Tome.

Me deu a flor sem se zangar, eu a levo aos lábios e guardo junto ao peito. A srta. Larkins ri, passa a mão por meu braço e diz:

– Agora me leve de volta para o capitão Bailey.

Estou perdido nas lembranças dessa deliciosa entrevista e da valsa quando ela vem até mim outra vez, de braços com um cavalheiro mais velho e simples que passou a noite toda jogando uíste e diz:

– Ah! Este é o meu amigo ousado! O senhor Chestle quer conhecer você, senhor Copperfield.

Percebo de imediato que ele é um amigo da família e fico agradecido.

– Admiro seu bom gosto, rapaz – diz o sr. Chestle. – Fala a seu favor. Acredito que não deva se interessar muito por lúpulo; mas sou um grande produtor; e se algum dia quiser visitar nosso bairro, o bairro de Ashford, e dar uma volta por nossa propriedade, ficarei muito satisfeito que fique o tempo que quiser.

Agradeço calorosamente ao sr. Chestle e apertamos as mãos. Penso que estou num sonho feliz. Danço mais uma vez com a mais velha das srtas. Larkins, ela diz que valso bem! Volto para casa num estado de indizível felicidade e a noite inteira valso em minha imaginação com o braço em torno da cintura azul de minha querida divindade. Durante alguns dias seguintes, fico perdido em reflexões arrebatadas, mas não a vejo nem na rua, nem quando vou a sua casa. A flor murcha, a prova sagrada, é um consolo imperfeito para essa decepção.

– Trotwood! – diz Agnes um dia, depois do jantar. – Quem você acha que vai se casar amanhã? Alguém que você admira.

– Você não, espero.

– Eu não! – Agnes ergue o rosto alegre da pauta musical que está copiando. – O senhor ouviu, papai? A mais velha das senhoritas Larkins.

– Com... com o capitão Bailey? – é só o que tenho forças para perguntar.

– Não, não com o capitão. Com o senhor Chestle, o produtor de lúpulo.

Fico arrasadíssimo durante uma ou duas semanas. Tiro o anel, uso minhas piores roupas, não passo nada no cabelo e muitas vezes lamento sobre a flor murcha da srta. Larkins. Estando nessa altura bem cansado desse tipo de vida, e tendo recebido nova provocação do açougueiro, jogo fora a flor, saio com o açougueiro e gloriosamente o derroto.

Isso e a retomada do anel, assim como do óleo no cabelo, com moderação, são os últimos passos de meus dezessete anos que consigo discernir agora.

XIX

Olho em torno de mim e faço uma descoberta

Não sei bem se fiquei, de coração, alegre ou triste quando meus dias de escola terminaram e chegou a hora de deixar o estabelecimento do dr. Strong. Fui muito feliz ali, desenvolvi uma grande ligação com o doutor e tinha distinção e importância naquele pequeno mundo. Por essas razões, estava triste de ir embora; mas por outras razões imponderáveis, estava contente. Ideias nebulosas de ser um jovem dono de mim mesmo, da importância ligada a um jovem dono de si mesmo, das coisas maravilhosas a serem vistas e feitas por esse magnífico animal, e os efeitos maravilhosos que ele não deixaria de exercer em sociedade, me atraíam. Tão poderosas eram essas considerações em minha mente imatura que, na minha maneira de entender agora, parece que deixei a escola sem o natural pesar. A separação não causava em mim a impressão que outras separações haviam causado. Tento, em vão, lembrar o que sentia e quais eram as circunstâncias, mas nada é significativo em minhas lembranças. Imagino que a perspectiva que se abriu me deixou confuso. Sei que minha experiência juvenil valia pouco ou nada então e que, antes de mais nada, a vida era mais como um grande conto de fadas que eu estava a ponto de começar a ler.

Minha tia e eu conduzimos intensas deliberações sobre a carreira a que eu devia me dedicar. Durante um ano ou mais, havia me esforçado para encontrar uma resposta satisfatória à pergunta que ela sempre repetia: “O que você gostaria de ser?”. Mas não tinha nenhum pendor especial para nada que pudesse formular. Se tivesse me inspirado com um conhecimento da ciência da navegação, assumido o comando de uma expedição de velas rápidas e feito a volta ao mundo em uma triunfal viagem de descobrimento, acho que teria me considerado inteiramente adequado. Mas na ausência de tal milagre, meu desejo era me dedicar a alguma atividade que não ficasse pesada demais para as finanças dela e

que eu pudesse cumprir, fosse o que fosse.

O sr. Dick havia participado regularmente de nossas reuniões, como uma presença meditativa e sábia. Nunca sugeria nada, a não ser uma vez. E nessa ocasião (não sei o que pôs isso na cabeça dele), de repente propôs que eu devia ser "um bronzista". Minha tia recebeu essa proposta com tamanho desdém que ele nunca mais aventou uma segunda, limitando-se a olhar, vigilante, para ela à espera de suas sugestões, enquanto tilintava seu dinheiro.

– Trot, vou dizer uma coisa, meu bem – disse minha tia uma manhã, perto do Natal, quando deixei a escola –, como essa questão enrolada ainda não está resolvida e, se conseguirmos, não devemos cometer nenhum erro em nossa decisão, creio que é melhor fazer uma pausa. Enquanto isso, você deve tentar pensar no assunto de um outro ponto de vista e não como estudante.

– Farei isso, tia.

– Me ocorreu – prosseguiu minha tia – que uma pequena mudança, um pouco de vida ao ar livre, poderia ser útil para ajudar você a se decidir e tomar uma decisão mais equilibrada. Que tal fazer uma pequena viagem agora? Você podia voltar àquela velha parte do país, por exemplo, e ver aquela... aquela mulher esquisita com aquele nome selvagem – disse minha tia, esfregando o nariz, pois não conseguia perdoar inteiramente Peggotty por ter esse nome.

– De tudo no mundo, tia, é o que eu mais gostaria!

– Bom – disse minha tia –, é uma sorte, porque eu gostaria também. É natural e racional que você goste da ideia. E estou bem convencida, Trot, de que tudo que você fizer será sempre natural e racional.

– Espero que sim, tia.

– Sua irmã, Betsey Trotwood – disse minha tia –, teria sido a mais natural e racional de todas as moças. Você vai ser digno dela, não vai?

– Espero ser digno da *senhora*, tia. Isso me basta.

– É uma bênção que a querida criança que era sua mãe não tenha vivido – disse minha tia, olhando para mim com admiração –, porque ela estaria tão orgulhosa de seu menino agora que sua cabecinha ia ficar

completamente virada, se é que tinha alguma coisa para virar ali dentro. (Minha tia sempre justificava qualquer fraqueza dela por mim transferindo-a desse jeito para minha pobre mãe.) Nossa, Trotwood, como você me lembra sua mãe!

– De uma forma agradável, tia? – perguntei.

– Ele é tão parecido com ela, Dick – disse minha tia, enfaticamente –, é tão parecido com ela naquela tarde, antes de começar a ficar aflita... nossa, tão igual a ela, como se ela estivesse me olhando através dos seus olhos!

– É mesmo? – perguntou o sr. Dick.

– E parecido com David também – disse minha tia, decidida.

– Muito parecido com David! – disse o sr. Dick.

– Mas o que quero que você seja, Trot – retomou minha tia –,não falo fisicamente, mas moralmente, fisicamente você está muito bem, é um homem firme. Um bom homem firme, com vontade própria. Com determinação – disse minha tia, sacudindo o chapéu para mim e cerrando o punho. – Com determinação. Com caráter, Trot, com a força de caráter que não se deixa influenciar por nada, nem ninguém, a não ser por uma boa razão. Isso é o que quero que você seja. Isso é o que seu pai e sua mãe podiam ter sido, ambos, o céu é testemunha, e sido até o fim.

Declarei que esperava ser o que ela descrevera.

– Para você poder começar, aos poucos, a ser independente e agir por si mesmo – disse minha tia –, vou mandar você nessa viagem sozinho. Cheguei a pensar que o senhor Dick podia ir com você, mas achei melhor que ele fique cuidando de mim.

Durante um momento, o sr. Dick pareceu um pouco decepcionado, até que a honra e a dignidade de cuidar da mulher mais maravilhosa do mundo trouxe de volta o sol ao seu rosto.

– Além disso – disse minha tia –, ele tem o memorial...

– Ah, claro – disse o sr. Dick, mais que depressa –, eu pretendo, Trotwood, terminar imediatamente, na verdade tem de ser terminado imediatamente! E então vou enviar, sabe... e aí... – disse o sr. Dick antes

de se calar e fazer uma longa pausa – será outra coisa muito diferente!

Dando prosseguimento ao gentil projeto de minha tia, logo depois fui equipado com uma bela bolsa de dinheiro, uma valise grande, e ternamente enviado à minha expedição. Na partida, minha tia me deu alguns bons conselhos e muitos beijos; e disse que, como seu objetivo era que eu olhasse em torno de mim e pensasse um pouco, recomendava que ficasse alguns dias em Londres, se quisesse, ou na ida para Suffolk ou no caminho de volta. Em resumo, eu estava livre para fazer o que quisesse, por três semanas ou um mês, e nenhuma condição era imposta à minha liberdade a não ser pensar e olhar em torno, e a promessa de escrever três vezes por semana, contando tudo fielmente.

Fui a Canterbury primeiro, para me despedir de Agnes e do sr. Wickfield (ainda não havia entregado meu velho quarto na casa) e também do bom doutor. Agnes ficou muito contente de me ver e disse que a casa não era mais a mesma desde que saí.

– Acho que não sou eu mesmo quando estou longe – eu disse. – Parece que me falta a mão direita quando sinto sua falta. O que não quer dizer muita coisa, porque minha mão direita não tem cabeça, nem coração. Todo mundo que te conhece, Agnes, consulta você e se orienta por você.

– Acho que todo mundo que me conhece me mima – ela respondeu, sorrindo.

– Não. É porque você não se parece com ninguém. É tão boa, tão equilibrada. Tem uma natureza tão delicada e está sempre certa.

– Você fala como se eu fosse a falecida senhorita Larkins – disse Agnes abrindo uma risada agradável e voltando à costura.

– Ora! Não é justo você abusar da minha confiança – respondi, corando com a lembrança da minha manipuladora azul. – Mas confio em você mesmo assim, Agnes. Nunca deixarei de confiar. Sempre que tiver um problema, ou me apaixonar, vou sempre contar a você, se você aceitar... Mesmo quando eu me apaixonar de verdade.

– Ora, sempre foi de verdade! – disse Agnes, rindo outra vez.

– Ah! aquilo era coisa de criança, ou de estudante – eu disse, rindo por minha vez, não sem sentir certa vergonha. – As coisas estão mudando

agora e acho que vou estar num estado de terrível seriedade mais cedo ou mais tarde. O que me admira é você ainda não ter vivido nada assim sério, Agnes.

Agnes riu de novo e sacudiu a cabeça.

– Ah, eu sei que não – disse eu –, porque se tivesse se apaixonado teria me contado! Ou pelo menos... – pois vi um leve rubor em seu rosto – teria me feito descobrir sozinho. Mas não existe ninguém que eu saiba, ninguém que mereça amar *você*, Agnes. Alguém com o caráter mais nobre e mais respeitável do que todo mundo que já vi por aqui terá de se apresentar antes que eu dê o *meu* consentimento. No futuro, estarei de olhos abertos para todos os seus admiradores; e vou ser muito exigente com o escolhido, garanto.

Até então, estávamos misturando nessas confidências brincadeira e seriedade, desenvolvidas naturalmente havia muito em nossas relações familiares, iniciadas quando não passávamos de crianças. Mas Agnes de repente ergueu os olhos para os meus, e usando outro tom, disse:

– Trotwood, quero te perguntar uma coisa e talvez não tenha a oportunidade de perguntar por um bom tempo, uma coisa, acho, que não perguntaria a mais ninguém. Você notou alguma alteração gradual em papai?

Eu tinha observado, sim, e muitas vezes me perguntara se ela havia notado também. Devo ter demonstrado isso em meu rosto, porque ela baixou os olhos imediatamente e vi lágrimas neles.

– Me diga o quê – disse ela, em voz baixa.

– Acho... devo falar com franqueza, Agnes, uma vez que gosto tanto dele?

– Deve – ela respondeu.

– Acho que não faz nenhum bem a ele o hábito que vi crescer nele desde que cheguei aqui. Muitas vezes ele fica nervoso... ou imagino que fique.

– Não é imaginação – disse Agnes, sacudindo a cabeça.

– As mãos dele tremem, a fala não é clara e os olhos parecem perturbados. Notei que nessas ocasiões, quando está mais fora de si, ele

com certeza é solicitado para algum negócio exigente.

– Por Uriah – disse Agnes.

– É; e pela sensação de ser inadequado para a questão, ou por não ter entendido, ou por revelar seu estado sem querer, parece se afligir tanto que no dia seguinte fica pior, e no dia seguinte pior, e acaba cansado e mal-humorado. Não se alarme com o que vou dizer, Agnes, mas outra noite o vi nesse estado, ele deitou a cabeça na mesa e chorou como uma criança.

Ela passou a mão de leve sobre meus lábios enquanto eu ainda estava falando, e um momento depois encontrava o pai na porta da sala e deitava a cabeça em seu ombro. Senti que a expressão do rosto dela, quando os dois olharam para mim, era muito tocante. Havia uma ternura muito profunda por ele, gratidão por seu amor em seu lindo olhar e carinho; além de um apelo muito ardente a mim para que o tratasse com ternura, mesmo em meus pensamentos mais íntimos, para não deixar nenhuma noção mais áspera ganhar forma contra ele. Ao mesmo tempo que sentia orgulho e devoção por ele, ela sentia também pena e confiava que eu sentisse da mesma forma; de tal maneira que nada que ela pudesse ter dito seria mais expressivo para mim, ou me comoveria mais.

Íamos tomar chá com o doutor. Fui até lá na hora de sempre; e em torno da lareira do estúdio encontrei o doutor, sua jovem esposa e a mãe dela. O doutor, que exagerava a minha partida como se eu estivesse indo para a China, me recebeu como convidado de honra e pediu que colocassem uma acha de lenha no fogo para que pudesse ver o rosto de seu velho aluno avermelhando com as chamas.

– Não verei mais muitas caras novas no lugar de Trotwood, Wickfield – disse o doutor, aquecendo as mãos. – Estou ficando preguiçoso e quero sossego. Renunciarei a todos os meus jovens dentro de seis meses e levarei uma vida mais sossegada.

– Você já disse isso muitas vezes nos últimos dez anos, doutor – respondeu o sr. Wickfield.

– Mas agora estou falando sério – retomou o doutor. – Meu professor mais importante vai me suceder. É para valer, finalmente, e você logo vai

ter de preparar nossos contratos, para firmar nosso compromisso como se fôssemos dois malandros.

– E para cuidar que ninguém se aproveite de você, certo? – disse o sr. Wickfield. – Como acontecerá com certeza com qualquer contrato que você mesmo faça sozinho. Bom, estou pronto! Minha carreira reserva tarefas piores que essa.

– Então não vou ter mais nada para pensar – disse o doutor, com um sorriso – além do meu dicionário, e deste outro contrato: Annie.

Quando o sr. Wickfield olhou para ela, sentada ao lado de Agnes à mesa de chá, me pareceu que ela evitou o olhar dele com uma hesitação e uma timidez tão incomuns a ponto de sugerir alguma coisa aos pensamentos dele.

– Vejo que chegou correspondência da Índia – disse ele, após um breve silêncio.

– De fato, cartas do senhor Jack Maldon! – disse o doutor.

– É mesmo?

– Pobre Jack! – disse a sra. Markleham, sacudindo a cabeça. – Aquele clima insuportável! Dizem que é como viver em cima de um monte de areia debaixo de uma lente concentrando o sol! Ele parecia forte, mas não estava. Meu querido doutor, o espírito dele é que era ousado, não sua constituição. Annie, meu bem, tenho certeza de que você lembra muito bem que seu primo nunca foi forte, não o que se pode chamar de *robusto*, você sabe – disse a sra. Markleham com ênfase, olhando para todos –, desde os tempos em que minha filha e ele eram crianças e andavam de braços dados para todo lado o dia inteiro.

Embora a mãe falasse com ela, Annie nada respondeu.

– Pelo que diz a senhora, devo concluir que o senhor Maldon está doente? – perguntou o sr. Wickfield.

– Doente! – replicou a Velho Soldado. – Meu caro senhor, ele está tudo que possa imaginar.

– Exceto bem? – perguntou o sr. Wickfield.

– Exceto bem, de fato! – disse a Velho Soldado. – Tem tido terríveis insolações, febres da selva e calafrios, tudo que o senhor possa pensar.

Quanto ao fígado – disse a Velho Soldado, resignada –, desse ele desistiu assim que embarcou!

– Ele falou tudo isso? – perguntou o sr. Wickfield.

– Se falou? Meu caro senhor – replicou a sra. Markleham, sacudindo a cabeça e o leque –, o senhor não conhece o pobre Jack Maldon se fez essa pergunta. Falar? Ele? Seria preciso que fosse amarrado a quatro cavalos xucros primeiro.

– Mamãe! – disse a sra. Strong.

– Annie, meu bem – continuou a mãe –, de uma vez por todas, realmente tenho de pedir que não me interrompa, a menos que seja para confirmar o que eu digo. Você sabe muito bem que seu primo teria de ser arrastado por cavalos selvagens... por que eu me limito a quatro! *Não* vou me limitar a quatro: a oito, dezesseis, trinta e dois, antes de dizer qualquer coisa que contrarie os planos do doutor.

– Os planos de Wickfield – disse o doutor, alisando o rosto e olhando, penitente, para seu conselheiro. – Quer dizer, nossos planos conjuntos para ele. Eu próprio disse: no exterior ou aqui.

– E eu disse – acrescentou o sr. Wickfield gravemente – no exterior. Fui eu que providenciei que fosse mandado para o exterior. É minha responsabilidade.

– Ah! Responsabilidade! – disse a Velho Soldado. – Foi tudo feito para o melhor, meu caro senhor Wickfield, tudo feito pelo bom e melhor, nós sabemos. Mas que o coitado não consegue viver lá, não consegue. E se não consegue viver lá, vai preferir morrer lá a contrariar os planos do doutor. Conheço o Jack – disse a Velho Soldado, se abanando em uma espécie de calma agonia profética – e sei que ele vai morrer lá para não contrariar os planos do doutor.

– Sei, sei, minha senhora – disse o doutor, alegre. – Não sou apegado aos meus planos e posso mudar por mim mesmo. Posso trocar por outros planos. Se o senhor Jack Maldon vier para casa por problemas de saúde, não podemos deixar que volte para lá, e temos de nos empenhar em encontrar uma colocação mais adequada e mais favorável para ele neste país.

A sra. Markleham ficou tão entusiasmada com esse generoso discurso, que, nem preciso dizer, ela não esperava, nem podia esperar, que só conseguia dizer ao doutor que isso era bem típico dele, e partiu para a operação de beijar as varetas do leque diversas vezes e depois tocar com elas a mão do doutor. Depois disso, ralhou delicadamente com a filha Annie, por não ser mais expansiva quando tamanha bondade era demonstrada, em função dela, a seu velho companheiro de brincadeiras, e nos entreteve com alguns particulares de outros meritórios membros de sua família que mereciam ser auxiliados a se levantar sobre as próprias meritórias pernas.

Durante todo esse tempo, sua filha Annie não falou nada, nem ergueu os olhos. Durante todo esse tempo, o sr. Wickfield olhava para ela, sentada ao lado da filha. A mim pareceu que ele nunca pensou que era visto por ninguém, mas estava tão concentrado nela e em seus pensamentos relativos a ela, a ponto de ficar muito absorto. Ele então perguntou se o sr. Jack Maldon tinha escrito a respeito de si mesmo e para quem.

– Ora, olhe aqui – disse a sra. Markleham pegando a carta do aparador da lareira acima da cabeça do doutor –, o coitado diz ao próprio doutor... onde está? Ah!: "Sinto informar que minha saúde está sofrendo severamente e que temo me ver reduzido à necessidade de voltar para casa por algum tempo, como única esperança de recuperação". É bem claro, pobre coitado! Sua única esperança de recuperação! Mas a carta para Annie é ainda mais clara. Annie, me mostre de novo a carta dele.

– Agora não, mamãe – ela pediu em voz baixa.

– Meu bem, você, sobre certos assuntos, é uma das pessoas mais ridículas do mundo – retomou a mãe –, e talvez a mais desnaturada com os pedidos de sua própria família. Nós nunca nem saberíamos da carta, acredito, se eu não tivesse perguntado. Chama isso de confiança com o doutor Strong, meu bem? Fico surpresa. Devia pensar melhor.

Com relutância, ela mostrou a carta, e quando a passei para a mãe, vi como aquela mão hesitante tremia.

– Agora, vamos ver – disse a sra. Markleham, pondo os óculos –, onde está a passagem. "A lembrança dos velhos tempos, minha querida

Annie”... coisa e tal... não é aqui. “O velho e bondoso Proctor”... quem é? Nossa, Annie, como a letra de seu primo Maldon é ilegível e que bobagem a minha! “Doutor”, claro. Ah! bondoso mesmo! – Aqui ela se interrompeu para beijar o leque outra vez e sacudi-lo para o doutor, que estava olhando para nós em estado de plácida satisfação. – Encontrei. “*Você* pode não ficar surpresa ao saber, Annie”, não, com certeza, saber que ele nunca foi forte de fato, o que eu acabei de dizer?, “que passei por tanta coisa neste lugar distante que estou decidido a ir embora de qualquer jeito; em licença de saúde, se conseguir; me demitindo totalmente se não conseguir. O que sofri, e sofro aqui, é insuportável.” E não fosse pela presteza dessa melhor das criaturas – disse a sra. Markleham, telegrafando para o doutor como antes e dobrando a carta –, seria insuportável para mim pensar nisso.

O sr. Wickfield não disse nem uma palavra, embora a velha senhora olhasse para ele como se esperasse seu comentário a respeito dessa informação; mas ele ficou rigorosamente silencioso com os olhos fixos no chão. Muito depois de o assunto ter sido abandonado e outros tópicos nos ocuparem, ele permaneceu assim, raras vezes erguendo os olhos a menos que fosse para voltá-los, com a testa franzida de preocupação, para o doutor, ou sua esposa, ou ambos.

O doutor gostava muito de música. Agnes cantou com grande doçura e expressão, assim como a sra. Strong. Cantaram juntas, tocaram um dueto, e foi um lindo pequeno concerto. Porém observei duas coisas: primeiro, que, embora Annie tivesse se recuperado de seu desânimo e estivesse se sentindo bem, havia um vazio entre ela e o sr. Wickfield que os afastava inteiramente um do outro. Em segundo lugar, o sr. Wickfield parecia não gostar da intimidade entre ela e Agnes, coisa que via com inquietude. E agora, devo confessar, a lembrança do que vi aquela noite em que o sr. Maldon foi embora primeiro começou a voltar para mim com um sentido que nunca tivera, e a me perturbar. A beleza inocente do rosto dela não me parecia mais tão inocente como antes; eu desconfiava da graça e encanto naturais de suas maneiras; e quando olhei para Agnes ao lado dela e pensei o quanto Agnes era boa e verdadeira, surgiram em mim suspeitas de que aquela era uma amizade que não combinava.

Ela, porém, estava tão contente e a outra tão contente também que fizeram a noite passar voando como se fosse apenas uma hora. Reparei num incidente de que me lembro bem. Elas estavam se despedindo e Agnes ia abraçar e beijar Annie quando o sr. Wickfield se pôs entre as duas como por acaso e afastou Agnes bem depressa. E então vi, como se todo o tempo intermediário fosse cancelado e eu estivesse ainda parado na porta naquela noite da partida, a expressão daquela noite no rosto da sra. Strong ao enfrentar o dele.

Não consigo expressar a impressão que isso me causou ou o quanto achei impossível, pensando nela mais tarde, separá-la desse olhar e recordar-lhe o rosto com sua beleza inocente outra vez. Tal coisa me assombrou quando cheguei em casa. Parecia que tinha deixado o teto do doutor com uma nuvem escura baixando sobre ele. A reverência que eu tinha por sua cabeça grisalha se misturava à comiseração por sua confiança naqueles que o traíam e ao ressentimento contra os que o injuriavam. A sombra ameaçadora de uma grande aflição, e a grande desonra que ainda não tinha uma forma em si, caiu como uma mancha no local sossegado em que havia estudado e brincado quando menino, e fez um mal cruel. Eu não sentia mais prazer em lembrar as grandes e velhas árvores de folhas largas dos aloés que duravam cem anos, o gramado bem aparado, as urnas de pedra, as caminhadas do doutor e o som agradável dos sinos da catedral pairando acima de tudo. Era como se o tranquilo santuário de minha meninice tivesse sido saqueado diante dos meus olhos, e sua paz e honra levadas pelo vento.

Mas a manhã trouxe consigo minha despedida da velha casa que Agnes havia enchido com sua influência; e que ocupava bastante a minha alma. Eu deveria voltar ali logo, sem dúvida; dormiria de novo, talvez muitas vezes, em meu velho quarto; mas os dias de habitar ali haviam se encerrado, e os velhos tempos eram passado. Enquanto acondicionava meus livros e roupas que ainda estavam lá para enviar a Dover, meu coração estava mais pesado do que eu gostaria de revelar a Uriah Heep: tão empenhado em me ajudar que, pouco generosamente, pensei que ele devia estar muito contente de eu ir embora.

De alguma forma, eu me afastei de Agnes e seu pai com uma muito

viril demonstração de indiferença, e tomei meu lugar na diligência para Londres. Mas estava tão sensibilizado e indulgente ao atravessar a cidade que quase cheguei a pensar em acenar para o açougueiro meu inimigo e lhe jogar cinco xelins para beber. Mas ele parecia tão obstinado raspando o grande cepo de seu estabelecimento e, além disso, sua aparência, tão prejudicada pela perda de um dente da frente, arrancado por mim, que achei melhor não entrar em contato.

Me lembro que o principal objetivo em minha cabeça, quando chegamos à estrada propriamente dita, era parecer o mais velho possível para o cocheiro e falar em tom muito áspero. Este último ponto só consegui com grande sacrifício pessoal, mas insisti porque senti que era coisa de adulto.

– O senhor vai até o ponto final? – perguntou o cocheiro.

– Vou, William – respondi (eu o conhecia) –, vou a Londres. Depois para Suffolk.

– Caçar, senhor? – perguntou o cocheiro.

Ele sabia tão bem como eu que, naquela época do ano, talvez fosse caçar baleias, mas me senti lisonjeado.

– Não sei se vou dar uns tiros ou não – respondi, fingindo indecisão.

– Diz que as ave tá muito arisca – disse William.

– Foi o que eu soube – disse eu.

– O senhor é de Suffolk? – William perguntou.

– Sou – respondi, com alguma imponência. – Suffolk é a minha terra.

– Diz que os bolinho de fruta lá é bom demais – disse William.

Eu não sabia, mas achei que devia sustentar as instituições de minha terra e mostrar familiaridade com elas; então balancei a cabeça, como quem diz: “Concordo com você!”.

– E os cavalo – disse William. – Que gado! Cavalo de Suffolk, quando é dos bom, vale o peso em ouro. O senhor nunca criou cavalo nenhum, não, senhor?

– N... não – respondi –, não exatamente.

– Esse cavalheiro aqui atrás de mim – disse William –, vou te falar, cria cavalo no atacado.

O cavalheiro mencionado era feiamente estrábico, com o queixo proeminente, chapéu branco alto com aba estreita, e a calça parda parecia abotoada pelo lado de fora até o alto das pernas, das botas até o quadril. Estava com o queixo projetado para cima do ombro do cocheiro, tão próximo de mim que seu hálito fazia cócegas em minha nuca, e quando olhei para ele, vigiava os cavalos com o olho não vesgo, com jeito muito entendido.

– Não é? – perguntou William.

– Não é o quê? – perguntou o cavalheiro de trás.

– Não cria cavalo de Suffolk no atacado?

– Acho que sim – disse o cavalheiro. – Não tem cavalo que eu não crie, nem cachorro. Tem gente que gosta é de cavalo e cachorro. Eles é tudo pra mim, casa, mulher e filho, ler, escrever, fazer conta, rapé, fumo, sono.

– Não é o tipo de homem pra sentar na parte de trás da diligência, né? – William falou em meu ouvido, manejando as rédeas.

Entendi a frase como indicação de um desejo de tomar o meu lugar, então ruborizado ofereci a troca.

– Bom, se o senhor não liga – disse William –, acho que era mais certo, sim.

Sempre considerei esse o meu primeiro tombo na vida. Ao reservar meu bilhete na diligência, eu havia escrito no verso do papel “Banco dianteiro”, e dera meia-coroa ao bilheteiro. Vesti um sobretudo especial e cachecol, especialmente para estar de acordo com essa distinção; tinha me orgulhado muito disso e sentido que era uma honra para o cocheiro. E ali, na primeiríssima etapa, era suplantado por um homem malvestido e vesgo, que não tinha outro mérito além do cheiro de estábulo e de ser capaz de passar por cima de mim mais como uma mosca do que como ser humano, com os cavalos a meio galope!

Uma insegurança pessoal que sempre me afetou na vida em pequenas ocasiões, quando seria melhor que não aparecesse, com certeza não diminuiu de intensidade com esse pequeno incidente na diligência saindo de Canterbury. Em vão me refugiei na voz áspera. Falei do fundo do peito

o resto da viagem, mas me sentia absolutamente derrotado e horrivelmente jovem.

Mesmo assim foi curioso, interessante, estar sentado lá, atrás de quatro cavalos: instruído, bem vestido e com bastante dinheiro no bolso, revendo os lugares onde havia dormido em minha cansativa jornada. Tinha abundante ocupação para meus pensamentos a cada ponto conhecido da estrada. Quando olhava para os vagabundos que passavam e via aquele bem conhecido estilo de rosto voltado para cima, era como se a mão enegrecida do latoeiro estivesse no peito de minha camisa outra vez. Quando passamos pela rua estreita de Chatham e vi de relance, ao passar, a rua onde morava o monstro que havia comprado meu paletó, estiquei o pescoço, ansioso para encontrar o lugar onde ficara sentado, no sol e na sombra, esperando meu dinheiro. Quando chegamos por fim a última etapa antes de Londres e passamos diante da Salem House, onde o sr. Creakle reinava com mão pesada, daria tudo o que tinha pela permissão legal de poder descer, dar-lhe uma surra e libertar todos os meninos como um bando de pardais engaiolados.

Chegamos ao Cruz Dourada de Charing Cross, na época uma espécie de mofado estabelecimento em um beco. Um garçom me conduziu a uma sala de café e uma criada me levou a um pequeno quarto que cheirava como uma charrete de aluguel e era abafado como um túmulo. Eu ainda estava dolorosamente consciente de minha juventude porque ninguém demonstrava nenhum respeito por mim: a camareira absolutamente indiferente às minhas opiniões sobre qualquer assunto e o garçom agindo com intimidade, dando conselhos à minha inexperiência.

– Então – disse o garçom, com intimidade –, o que gostaria para o jantar? Mocinhos como o senhor quase sempre gostam de carne branca. Coma um frango!

Respondi, o mais majestoso possível, que não tinha vontade de comer frango.

– Não? – respondeu o garçom. – Mocinhos quase sempre enjoaram de carne de vaca e carneiro. Coma uma costeleta de vitela!

Concordei com essa proposta, incapaz de sugerir qualquer outra coisa.

– Quer batata? – perguntou o garçom, insinuando um sorriso, a

cabeça inclinada de lado. – Mocinhos quase sempre não aguentam mais batata.

Com minha voz mais profunda, fiz o pedido de costeleta de vitela com batatas e todos os complementos; e que perguntasse no bar se havia alguma correspondência para o ilustríssimo senhor Trotwood Copperfield, que eu sabia que não haveria, nem poderia haver, mas achei viril fazer parecer que sim.

Ele logo voltou para dizer que não havia nenhuma correspondência (ao que manifestei grande surpresa) e começou a arrumar a mesa para meu jantar num reservado junto à lareira. Enquanto se ocupava com isso, me perguntou o que ia tomar, e quando respondi "meio quartilho de xerez", ele achou que era a oportunidade favorável, creio, para obter essa quantidade de vinho dos restos amanhecidos de várias garrafas pequenas. Sou dessa opinião porque, enquanto lia o jornal, observei-o por trás de um biombo baixo de madeira, naquilo que era seu aposento pessoal, muito ocupado despejando várias dessas garrafas em outra, como um farmacêutico preparando uma receita. E quando chegou o vinho, achei que estava sem gosto e continha mais migalhas do que seria de se esperar de um vinho estrangeiro em estado puro, mas me intimidei a ponto de bebê-lo sem dizer nada.

Estando então num agradável estado de espírito (de onde concluo que o envenenamento nem sempre é desagradável em algumas fases do processo), resolvi ir ao teatro. Escolhi o teatro Covent Garden e ali, dos fundos de um camarote central, assisti a *Júlio César* e uma pantomima nova. Ver todos aqueles nobres romanos ao vivo diante de mim, entrando e saindo para minha diversão, em vez dos austeros temas de tarefas que tinham sido na escola, foi uma coisa nova e deliciosa. Mas a mistura de realidade e mistério de todo o espetáculo, a influência sobre mim da poesia, das luzes, da música, do elenco, das perfeitas mudanças de cenários cintilantes e luminosos foi tão poderosa e me abriu regiões tão ilimitadas de prazer que quando saí para a rua chuvosa, à meia-noite, era como se estivesse saindo das nuvens, onde vivera uma longa vida romântica, para um mundo miserável, barulhento, molhado, mal iluminado, de guardas-chuvas se chocando, carruagens matraqueando,

galochas, lama.

Havia saído por outra porta e parei um pouco na rua, como se realmente fosse um estranho na terra: mas os empurrões e trancos que recebi logo me fizeram voltar a mim e me empurraram de volta para o hotel, aonde cheguei rememorando a visão gloriosa durante todo o caminho e onde, depois de um copo de vinho do Porto e ostras, continuei ainda rememorando, até depois da uma da manhã, com os olhos no fogo da lareira.

Estava tão repleto com a peça e com o passado, pois o espetáculo era, de certa forma, como uma luminosa transparência através da qual via minha vida anterior em movimento, que não sei quando a figura de um belo e bem apessoado jovem, vestido com elegante displicência que tenho razões para lembrar muito bem, se tornou uma presença real para mim. Mas me lembro de ter consciência de sua companhia sem ter notado sua entrada, eu ainda sentado, divagando, diante do fogo na lareira da sala de refeições.

Enfim me levantei para ir deitar, para grande alívio do sonolento garçom que devia estar com as pernas dormentes porque as girava, batia nelas e fazia todo tipo de contorção em seu cubículo. Quando me dirigi à porta, passei pelo rapaz que havia entrado e o vi com clareza. Virei, voltei e olhei de novo. Ele não me reconheceu, mas eu soube imediatamente quem era.

Em outros tempos eu talvez não tivesse a segurança ou a determinação de falar com ele, poderia deixar para o dia seguinte e perdê-lo de vista. Mas no estado mental em que estava, com a peça ainda intensa, sua antiga proteção a mim pareceu tão merecedora de minha gratidão que meu antigo apreço por ele transbordou de meu peito com tamanho frescor e espontaneidade que fui até ele imediatamente, com o coração disparado, e disse:

– Steerforth! Não vai falar comigo?

Ele olhou para mim, do jeito como olhava às vezes, mas não vi reconhecimento em seu rosto.

– Acho que não se lembra de mim – disse eu.

– Meu Deus! – ele exclamou de repente. – É o pequeno Copperfield!

Peguei-o pelas mãos e não soltei mais. Não fosse por vergonha e pelo temor de ser desagradável, podia tê-lo abraçado pelo pescoço e chorado.

– Nunca, nunca, nunca tive uma alegria tão grande! Meu querido Steerforth, estou tão contente de encontrar você!

– E eu fico muito feliz também! – disse ele, apertando minhas mãos. – Ora, Copperfield, não fique tão emocionado! – Mas ele ficou satisfeito, achei, de ver como o prazer de encontrá-lo havia me afetado.

Enxuguei as lágrimas que minha total determinação não havia sido capaz de conter, desajeitado, ri delas, e nos sentamos lado a lado.

– Nossa, o que você está fazendo aqui? – perguntou Steerforth, com um tapa em meu ombro.

– Cheguei hoje na diligência de Canterbury. Fui adotado por uma tia naquele lado do país e acabei de me formar lá. O que *você* está fazendo aqui, Steerforth?

– Bom, sou o que chamam de um oxfordiano – ele respondeu –, o que quer dizer que morro de tédio lá de quando em quando, e estou a caminho da casa de minha mãe. Você se tornou um sujeito diabolicamente simpático, Copperfield. Tal como era antes, agora que reparo melhor! Não mudou nada!

– Reconheci *você* imediatamente – eu disse –, mas você é mais fácil de lembrar.

Ele riu ao passar a mão pelos cachos do cabelo e disse, alegremente:

– É, estou numa expedição de dever. Minha mãe mora um pouco longe da cidade, com as estradas em péssimas condições e nossa casa bastante tediosa, passei a noite aqui em vez de seguir viagem. Estou na cidade há menos de seis horas, e essas passei cochilando e resmungando no teatro.

– Também fui ao teatro – disse eu. – A Covent Garden. Que espetáculo magnífico, delicioso, Steerforth!

Steerforth riu com vontade.

– Meu querido Davy – disse, batendo em meu ombro outra vez –, você é a inocência em pessoa. Uma margarida no campo chamada *daisy*, ao amanhecer, não é mais pura que você! Eu também fui a Covent Garden e nunca se viu uma coisa tão ruim. Olá, você, rapaz!

Isso foi dirigido ao garçom que, de longe, estivera muito atento ao nosso reencontro e avançou então, muito atencioso.

– Onde você pôs meu amigo, o senhor Copperfield? – disse Steerforth.

– Como disse, meu senhor?

– Onde ele está dormindo? Qual é o número do quarto dele? Sabe do que estou falando – disse Steerforth.

– Bom, senhor – disse o garçom em tom de desculpas. – O senhor Copperfield está atualmente no 42, sim, senhor.

– E o que você acha da ideia – retorquiu Steerforth – de pôr o senhor Copperfield num quartinho em cima do estábulo?

– Ora, a gente não sabia, meu senhor – replicou o garçom, ainda se desculpando –, que o senhor Copperfield era exigente. Podemos colocar o senhor Copperfield no 72, meu senhor, se for preferível. Ao lado do seu.

– Claro que seria preferível – disse Steerforth –, e faça isso imediatamente.

O garçom se retirou rapidamente para fazer a troca. Steerforth, achando muito divertido eu ter sido acomodado no 44, riu outra vez, bateu em meu ombro de novo e me convidou para o café da manhã às dez horas no dia seguinte, convite que me deixou muito orgulhoso e feliz de aceitar. Como era bem tarde, pegamos nossas velas e subimos, nos despedimos carinhosamente à sua porta e descobri que meu quarto havia melhorado muito em relação ao anterior, não só não era nada mofado com tinha uma cama imensa de quatro colunas, era quase como uma pequena mansão. Ali, entre travesseiros suficientes para seis pessoas, adormeci em condição de felicidade e sonhei com a Roma antiga, com Steerforth e com amizade, até os carros matinais, trepidando pelo arco abaixo, me fazerem sonhar com trovões e deuses.

XX

A casa de Steerforth

Quando a camareira bateu na porta às oito horas e informou que a água para me barbear estava pronta, senti seriamente não ter motivo para isso, e fiquei vermelho na cama. A suspeita de que ela riu ao dizer isso me perseguiu o tempo todo que levei para me vestir; e me deu, eu tinha consciência disso, um ar esquivo e culpado quando passei por ela na escada, a caminho do desjejum. Eu estava, de fato, tão sensível e consciente de que era mais jovem do que seria de desejar que durante algum tempo nem consegui me decidir a passar por ela, diante das ignóbeis circunstâncias do caso. Ao ouvir que ela estava ali com uma vassoura, fiquei olhando pela janela a estátua equestre do rei Charles, cercada por um labirinto de carros e parecendo tudo, menos nobres, debaixo da chuva e do fog marrom-escuro, até ser alertado pelo garçom de que o cavalheiro estava à minha espera.

Não foi na sala de café que encontrei Steerforth à minha espera, mas num confortável apartamento privado, com cortina vermelha e tapete turco, onde o fogo queimava brilhante na lareira e um ótimo desjejum quente estava servido numa mesa coberta com toalha limpa; e uma alegre miniatura da sala, do fogo, do desjejum, com Steerforth e tudo, brilhava no pequeno espelho redondo acima do aparador. Fiquei bastante tímido no começo, sendo Steerforth tão seguro e elegante, superior a mim sob todos os aspectos (inclusive a idade); mas sua desenvoltura pôs tudo no lugar e me senti bastante à vontade. Não conseguia parar de me admirar com a transformação que ele havia produzido para mim na Cruz de Ouro, comparando o estado de abandono em que me encontrava no dia anterior com o conforto do tratamento dessa manhã. Quanto à familiaridade do garçom, desapareceu como se nunca tivesse existido. Ele nos serviu, posso dizer, com ar penitente.

– Agora, Copperfield – disse Steerforth quando ficamos sozinhos –, gostaria de saber o que anda fazendo, para onde está indo e tudo a seu respeito. Sinto como se você fosse propriedade minha.

Cheio de prazer ao descobrir que ele ainda manifestava esse interesse por mim, contei que minha tia havia proposto a pequena expedição que eu tinha pela frente e onde ela terminava.

– Então, como você não tem pressa – disse Steerforth –, venha comigo a Highgate e fique um ou dois dias. Vai gostar de minha mãe, ela se orgulha de mim e elogia um pouco demais, mas você é capaz de perdoar isso, e ela vai gostar de você.

– Eu gostaria de ter tanta certeza disso quanto você tem a bondade de dizer – respondi, sorrindo.

– Ah – disse Steerforth –, ela sempre gosta de todo mundo que gosta de mim, e admite isso!

– Então acho que serei muito querido – disse eu.

– Ótimo! – disse Steerforth. – Venha e prove isso. Vamos ver os leões da torre{12} durante uma ou duas horas, é um privilégio ter alguém novo como você para mostrar os leões, Copperfield, e depois pegamos a diligência para Highgate.

Eu só podia pensar que estava num sonho e que ia acordar no número 44, no reservado solitário da sala de café, com o garçom cheio de intimidades outra vez. Depois de escrever a minha tia e contar do feliz encontro com meu admirado ex-colega de escola e que havia aceitado seu convite, saímos num carro aberto e vimos o Panorama e outras atrações, demos uma volta pelo Museu,{13} onde não pude deixar de observar o quanto Steerforth sabia sobre uma infinidade de assuntos e como ele parecia nem notar esse conhecimento.

– Vai se formar com notas altas na faculdade, Steerforth – eu disse –, se já não se formou. E terão boas razões para se orgulhar de você.

– *Eu* me formar! – exclamou Steerforth. – Eu não! Daisy... se importa que eu chame você de Daisy em vez de Davy?

– Nem um pouco! – disse eu.

– Ótimo! Meu querido Daisy! – disse Steerforth rindo –, não tenho a

menor vontade nem intenção de me distinguir desse jeito! Já fiz o bastante para o que eu quero. Sinto que já sou companhia bem pesada para mim mesmo assim como sou.

– Mas a fama...– comecei a dizer.

– O romântico Daisy! – disse Steerforth, rindo ainda com mais gosto –, por que eu haveria de me dar trabalho para que um bando de sujeitos cabeçudos fique de boca aberta e me estenda a mão? Que façam isso com outro. Que fiquem com a fama e façam bom uso dela.

Fiquei envergonhado de ter me enganado tanto e me senti aliviado de mudar de assunto. Felizmente isso não era difícil, porque Steerforth conseguia sempre passar de um assunto a outro com uma displicência e uma leveza que eram bem dele.

O almoço encerrou nosso passeio, e o curto dia de inverno passou tão depressa que estava anoitecendo quando a diligência nos deixou em uma velha casa de tijolos em Highgate, no alto de uma colina. Uma senhora de mais idade, embora não muito avançada em anos, com andar orgulhoso e belo rosto, estava na porta quando desembarcamos; e saudando Steerforth com “Meu querido James!”, abriu os braços para ele. Ele me apresentou essa senhora como sua mãe, e ela me recebeu regiamente.

Era uma casa antiquada, elegante, muito tranquila e organizada. Das janelas de meu quarto via-se toda Londres espalhada à distância como um grande vapor, com umas luzes cintilando aqui e ali. Enquanto me vestia, só tive tempo de olhar a sólida mobília, os bordados emoldurados (feitos, achei, pela mãe de Steerforth quando moça) e alguns desenhos de damas com cabelos empoados e corpetes, a ir e vir pelas paredes à luz da lareira recém-acesa que estralejava e chiava, quando fui chamado para jantar.

Havia outra senhora na sala, de corpo miúdo e magro, morena, não agradável ao olhar, embora tivesse boa aparência também, que chamou minha atenção: talvez porque não esperasse vê-la ali; talvez porque me visse sentado à sua frente; talvez porque houvesse algo realmente notável a seu respeito. Seu cabelo era preto, os olhos pretos e penetrantes, ela era magra e tinha uma cicatriz sobre o lábio. Era uma cicatriz antiga, uma costura, eu deveria dizer, porque não estava

descolorida e havia fechado anos antes, atravessara sua boca, de cima para baixo, em direção ao queixo, mas era agora vagamente visível do outro lado da mesa, a não ser no lábio superior, cuja forma havia alterado. Concluí comigo mesmo que devia ter por volta de trinta anos e que desejava se casar. Ela era um pouco malconservada, como uma casa há muito tempo posta para alugar; no entanto tinha, como eu disse, uma bonita aparência. Sua magreza parecia resultado de algum fogo que a consumia por dentro e que encontrava expressão nos olhos fundos.

Foi apresentada como srta. Dartle, e tanto Steerforth como sua mãe a chamavam de Rosa. Descobri que morava na casa e era, havia muito tempo, acompanhante da sra. Steerforth. Pareceu-me que ela nunca dizia diretamente o que queria dizer, mas insinuava, fazendo com isso que parecesse muito mais importante. Por exemplo, quando a sra. Steerforth observou, mais de brincadeira que a sério, que temia que seu filho levasse uma vida desregrada na faculdade, a srta. Dartle disse assim:

– Ah, é mesmo? Sabe como sou ignorante, e que só procuro me informar, mas não é sempre assim? Achei que era sempre esse tipo de vida que se esperava que levassem, hein?

– Trata-se de formação para uma carreira muito séria, se é isso que quer dizer, Rosa – respondeu a sra. Steerforth com certa frieza.

– Ah! Claro! Tem toda razão – replicou a srta. Dartle. – Mas não é, então, me corrijam se estiver errada, não é sempre assim?

– Assim o quê? – perguntou a sra. Steerforth.

– Ah! Quer dizer que *não é*! – retomou a srta. Dartle. –Bom, fico muito contente de ouvir isso! Agora sei o que fazer. Essa é a vantagem de perguntar. Nunca mais vou deixar ninguém falar de esbanjamento e devassidão na minha frente a respeito dessa vida.

– E estará muito certa – disse a sra. Steerforth. – O orientador de meu filho é um cavalheiro consciencioso; e se eu não tivesse absoluta confiança em meu filho, teria confiança nele.

– Acha mesmo? – perguntou a srta. Dartle. – Nossa! Consciencioso é? Realmente consciencioso?

– É, tenho certeza disso – falou a sra. Steerforth.

– Que bom! – exclamou a srta. Dartle. – Que tranquilidade! Realmente consciencioso? Então ele não é... mas claro que não pode ser, se é realmente consciencioso. Bom, eu me contento de ficar com essa opinião sobre ele por enquanto. Nem pode imaginar como ele cresce na minha opinião sabendo com certeza que é realmente consciencioso!

A srta. Dartle insinuava do mesmo jeito suas ideias a respeito de tudo e a correção de tudo a que se opunha: às vezes, eu não podia deixar de notar, chegava a contradizer a sra. Steerforth com grande energia. Um exemplo disso aconteceu antes do fim do jantar. A sra. Steerforth estava conversando comigo sobre minha intenção de ir a Suffolk e eu disse, casualmente, que ficaria contente se Steerforth pudesse ir junto comigo; e ao explicar para ele que ia visitar minha antiga babá e a família do sr. Peggotty, lembrei-lhe que o barqueiro tinha estado na escola.

– Ah! Aquele bom sujeito! – disse Steerforth. – O filho estava junto com ele, não estava?

– Não. Era o sobrinho – repliquei –, que ele adotou como filho. Ele tem também uma sobrinha muito linda, que também adotou. Em resumo, a casa dele, ou melhor, o barco em que mora em terra seca, está cheio de gente que ele acolhe com sua generosidade e bom coração. Você ia adorar conhecer essa família.

– Você acha? – disse Steerforth. – Bom, acredito. Vou ver o que posso fazer. Valeria a viagem, sem falar do prazer de uma viagem com você, Daisy, ver esse tipo de gente de perto e me sentir um deles.

Meu coração deu um salto com uma nova esperança de prazer. Mas foi em relação ao tom com que ele disse “esse tipo de gente” que a srta. Dartle, cujos olhos brilhantes nos vigiavam, interrompeu outra vez.

– Ah, é mesmo? Me diga. Como serão? – ela perguntou.

– Como serão? De quem está falando? – perguntou Steerforth.

– Desse tipo de gente. São realmente animais e rústicos, seres de outra ordem? Gostaria *tanto* de saber.

– Ora, existe uma separação bastante grande entre eles e nós – disse Steerforth, com indiferença. – Não é de se esperar que sejam tão

sensíveis como nós. Nem tão delicados, não se chocam nem se magoam com tanta facilidade. Mas creio que são maravilhosamente virtuosos, pelo menos é o que dizem algumas pessoas, e com toda certeza não sou eu que vou contradizer, mas não são muito finos de natureza e devem ser gratos por isso, porque com a casca grossa não se machucam com facilidade.

– É mesmo? – disse a srta. Dartle. – Bom, nem sei o quanto fico contente de saber disso. É tão consolador! É um prazer saber que, quando sofrem, não sentem dor! Às vezes, fiquei bem preocupada com esse tipo de gente, mas agora não preciso mais pensar nisso. Vivendo e aprendendo. Confesso que tinha minhas dúvidas, mas agora estão esclarecidas. Eu não sabia, agora sei, e isso comprova a vantagem de perguntar, não é mesmo?

Achei que Steerforth havia dito o que disse de brincadeira, ou para provocar a srta. Dartle, e esperava que ele confirmasse isso quando ela se retirou e estávamos os dois sentados diante da lareira. Mas ele apenas me perguntou o que eu achava dela.

– É muito inteligente, não? – perguntei.

– Inteligente! Ela tem é a língua afiada – disse Steerforth –, sempre cortando e dissecando, como secou o rosto e o corpo dela mesma nesses últimos anos. Ela está se acabando ao dissecar tudo assim. É toda cortante.

– Incrível a cicatriz que ela tem no lábio! – observei.

Steerforth fechou o rosto e fez uma pausa.

– Bom, o fato é que... *eu* fiz aquilo – respondeu.

– Por algum infeliz acidente!

– Não. Eu era pequeno e ela me irritou, atirei um martelo em cima dela. Eu devia ser um anjinho muito promissor!

Senti muito ter tocado num tema tão doloroso, mas isso de nada adiantava agora.

– Ela tem a marca desde então, como você vê – disse Steerforth –, e vai ter até o túmulo se algum dia descansar num túmulo, embora não consiga acreditar que ela jamais vá descansar. Ela é filha sem mãe de

uma espécie de primo de meu pai. Ele morreu. Minha mãe já era viúva, trouxe Rosa para fazer companhia. Ela tem umas duas mil libras e economiza os juros anuais que se somam ao principal. Essa é a história da senhorita Rosa Dartle para você.

– E não tenho dúvidas de que ela ama você como um irmão – eu disse.

– Hum! – retorquiu Steerforth, olhando o fogo. – Alguns irmãos não se amam tanto; alguns amam... mas sirva-se, Copperfield! Vamos beber às flores-do-campo, em sua homenagem; e aos lírios-do-vale que não trabalham nem fiam, em minha honra, que vergonha para mim! – Um sorriso tristonho que havia se espalhado sobre suas feições desapareceu quando ele disse alegremente essas frases, e ele voltou à sua franqueza e sedução de sempre.

Não pude deixar de olhar a cicatriz com um doloroso interesse quando nos sentamos para o chá. Não demorei muito para observar que era a parte mais suscetível do rosto dela e que, quando ela ficava pálida, a marca se alterava primeiro e tornava-se um risco fosco, cor de chumbo, alongando-se a um tamanho maior, como uma marca de tinta invisível revelada pelo fogo. Houve uma altercação entre ela e Steerforth a respeito do resultado dos dados do jogo de gamão, e quando achei, por um momento, que ela estava num tormento de raiva, vi a cicatriz aparecer como uma velha inscrição numa parede.

Não me admirava ver a sra. Steerforth tão dedicada ao filho. Ela parecia não falar nem pensar em mais nada. Mostrou-me o retrato dele em menino, dentro de um medalhão, com um cacho de seu cabelo de bebê; mostrou um retrato da época em que o conheci e usava pendurado no pescoço um retrato dele hoje. Todas as cartas que ele escrevera para ela ficavam guardadas num gabinete junto à sua poltrona ao lado da lareira, e ela teria lido alguma para mim, e eu teria gostado muito de ouvi-la, se ele não tivesse interrompido e a convencido a desistir da intenção.

– Meu filho me contou que foi na escola do senhor Creakle que vocês se conheceram – disse a sra. Steerforth quando conversamos a uma mesa, enquanto eles jogavam gamão em outra. – Na verdade, eu me lembro dele falando, na época, de um aluno mais novo que ele de quem

gostava muito, mas seu nome, como você deve entender, não ficou em minha memória.

– Ele foi muito generoso e nobre comigo naquela época, posso garantir, minha senhora – disse eu –, e eu precisava muito de um amigo assim. Teria sido esmagado sem ele.

– Ele é sempre nobre e generoso – disse a sra. Steerforth, orgulhosa.

Deus sabe que eu concordava de todo o coração. Ela sabia disso porque sua altivez já havia desaparecido em relação a mim, exceto quando elogiava o filho, quando recuperava o orgulho.

– Em termos gerais, não era a escola adequada para meu filho – disse ela –, longe disso. Mas na época, havia outras circunstâncias específicas a serem consideradas, mais importantes mesmo que essa escolha. Para a exuberância de meu filho era desejável que fosse colocado num lugar dirigido por um homem sensível a sua superioridade, e que se curvasse a ela. Lá encontramos esse homem.

Eu sabia disso, conhecendo o sujeito. E, no entanto, o conhecimento não me fazia desprezá-lo por isso, mas sim achar que essa qualidade o redimia, caso se pudesse permitir-lhe a elegância de não resistir a alguém tão irresistível como Steerforth.

– A grande capacidade de meu filho teve a chance de desenvolver lá uma motivação voluntária e um orgulho consciente – continuou a gentil dama. – Ele teria se rebelado contra qualquer tirania, mas como se sentia o senhor daquele lugar, altivamente decidiu ficar à altura do posto. Isso é bem dele.

Concordei, de todo o coração, que era bem dele mesmo.

– Então meu filho seguiu, por sua própria vontade e sem nenhuma imposição, o curso no qual pode sempre, a seu bel-prazer, superar qualquer concorrente – continuou ela. – Meu filho me disse, senhor Copperfield, que o senhor era muito dedicado a ele, e quando se encontraram ontem o senhor se identificou com lágrimas de alegria. Seria afetação minha se fingisse surpresa ao saber que meu filho inspira essas emoções, mas não posso ficar indiferente a ninguém tão sensível aos seus méritos, e fico contente de ver o senhor aqui. Posso garantir que ele sente uma amizade fora do comum pelo senhor e que poderá contar

sempre com a proteção dele.

A srta. Dartle jogava gamão com a mesma intensidade com que fazia tudo. Se a tivesse conhecido junto ao tabuleiro, poderia pensar que ela havia emagrecido e seus olhos haviam crescido por causa do jogo e por mais nada no mundo. Mas seria engano meu achar que ela deixou passar uma só palavra dessa conversa, ou qualquer olhar de absoluto prazer meu ao ser honrado assim pela confiança da sra. Steerforth, fazendo com que me sentisse mais velho do que me sentia desde que saíra de Canterbury.

Quando essa noite estava chegando ao fim e uma bandeja de cálices e garrafas entrou, Steerforth prometeu, junto à lareira, que ia pensar seriamente em ir para o campo comigo. Não havia pressa, disse ele, dentro de uma semana seria um bom prazo, e sua mãe, hospitaleira, disse o mesmo. Enquanto conversávamos, ele mais de uma vez me chamou de Daisy, o que intrigou a srta. Dartle outra vez.

– Mas realmente, senhor Copperfield – ela perguntou –, é um apelido? E por que ele usa esse apelido com o senhor? Será... ahn... porque ele acha o senhor jovem e inocente? Sou tão ingênua nessas coisas.

Fiquei vermelho ao responder que acreditava que sim.

– Ah! – disse a srta. Dartle. – Fico contente de saber disso! Peço informações e fico contente de aprender. Ele acha o senhor jovem e inocente e o senhor é amigo dele. Bom, isso é muito agradável!

Ela foi para a cama logo em seguida, e a sra. Steerforth também se retirou. Steerforth e eu, depois de mais meia hora diante da lareira, conversando sobre Traddles e todos os outros da velha Salem House, subimos juntos. O quarto de Steerforth ficava ao lado do meu e entrei para olhar. Era o retrato do conforto, cheio de poltronas, almofadas e bancos, bordados pela mão de sua mãe e sem faltar nada que pudesse ajudar a torná-lo completo. E para encerrar, os lindos traços dela velavam seu querido num retrato na parede, como se ela quisesse até que uma representação sua tomasse conta dele enquanto dormia.

Encontrei um bom fogo aceso em meu quarto ao chegar e as cortinas fechadas nas janelas e em torno da cama, dando uma aparência muito acolhedora. Sentei-me numa grande poltrona diante da lareira para

meditar sobre minha felicidade; e havia desfrutado a contemplação dela por algum tempo quando descobri o retrato da srta. Dartle olhando atentamente para mim acima da chaminé.

Era um retrato intrigante e tinha um aspecto inevitavelmente intrigante. O pintor não tinha feito a cicatriz, mas *eu* a fazia. E lá estava ela, aparecendo e desaparecendo: ora limitada ao lábio superior como eu tinha visto no jantar, ora aparecendo com toda a extensão do ferimento feito pelo martelo, como eu tinha visto quando ela estava nervosa.

Me perguntei, irritado, por que não podiam instalá-la em algum outro lugar em vez de acomodá-la comigo. Para me livrar dela, me despi depressa, apaguei a vela e fui para a cama. Mas ao cair no sono, não conseguia esquecer que ela ainda estava ali. “É mesmo? Eu gostaria de saber.” E quando acordei durante a noite, descobri que, em meu sonho, eu estava perguntando inquietamente a todo tipo de pessoas se era mesmo ou não, sem saber o que queria dizer.

XXI

A pequena Em'ly

Havia na casa um criado, um homem que, segundo entendi, estava sempre com Steerforth, e havia começado a trabalhar para ele na universidade, e que seria um modelo de respeitabilidade. Acredito que nunca existiu em sua profissão um homem que parecesse mais respeitável. Era taciturno, de passo leve, muito tranquilo de maneiras, atencioso, observador, sempre a postos quando solicitado e nunca perto quando não era querido, mas seu grande orgulho era a respeitabilidade. Não tinha um rosto afável, o pescoço bastante rígido, a cabeça lisa com cabelo curto dos lados, um modo suave de falar, com o hábito peculiar de sussurrar a letra S de um jeito tão inconfundível que parecia usá-la com maior frequência que qualquer outro homem, mas todas as peculiaridades que tinha o tornavam respeitável. Se seu nariz fosse invertido de cima para baixo, ele tornaria isso respeitável. Ele se cercava de uma atmosfera de respeitabilidade, e andava seguro disso. Seria quase impossível desconfiar de qualquer coisa errada com ele, tão absolutamente respeitável era. Ninguém pensaria em fazê-lo vestir libré, tão altamente respeitável era. Impor-lhe um trabalho depreciativo seria insultar seus sentimentos de mais respeitável dos homens. E notei que as criadas da casa tinham uma consciência tão intuitiva disso que sempre desempenhavam elas próprias esses trabalhos, em geral enquanto ele lia o jornal junto à lareira da despensa.

Nunca vi homem tão reservado. Mas nessa qualidade, assim com em todas as outras que possuía, ele parecia apenas ser o mais respeitável. Mesmo o fato de ninguém saber seu nome de batismo parecia fazer parte de sua respeitabilidade. Ninguém podia opor-se a seu sobrenome, Littimer, pelo qual era conhecido. Peter podia ser de enforcado, Tom, de presidiário, mas Littimer era perfeitamente respeitável.

Creio que era devido à reverenda natureza de respeitabilidade teórica

que eu me sentia particularmente jovem na presença desse homem. Não conseguia adivinhar que idade teria, e isso também só fazia aumentar seu conceito; pois na calma de sua respeitabilidade ele podia contar tanto cinquenta como trinta anos.

Littimer estava em meu quarto de manhã antes de eu acordar, para me trazer aquela injuriosa água para barbear e preparar minha roupa. Quando abri a cortina e olhei para fora da cama, vi a sua uniforme temperatura de respeitabilidade, imune ao vento leste de janeiro, sem nem sequer soltar vapor ao respirar, ajeitando minhas botas direita e esquerda na primeira posição de dança e soprando a poeira de meu paletó que estendeu como se fosse um bebê.

Dei-lhe um bom-dia e perguntei que horas eram. Ele tirou do bolso o relógio mais respeitável que já vi, impedindo com o polegar que a tampa se abrisse demais, olhou o mostrador como se estivesse consultando uma ostra-oráculo e disse, com sua licença, são oito e meia.

– O senhor Steerforth vai gostar de saber que descansou bem.

– Obrigado – disse eu –, muito bem mesmo. O senhor Steerforth está bem?

– Obrigado, o senhor Steerforth está razoavelmente bem.

Outra de suas características: nunca usar superlativos. Sempre uma expressão tranquila e inalterada.

– Mais alguma coisa que eu possa ter a honra de fazer para o senhor? O sino de aviso tocará às nove horas, a família toma o desjejum às nove e meia.

– Nada, obrigado.

– Eu é que agradeço, meu senhor, com sua licença – e dizendo isso, com uma leve inclinação da cabeça ao passar pela cama e um pedido de desculpas por me corrigir, ele saiu e fechou a porta com tamanha delicadeza que parecia que eu havia caído num doce sono do qual dependesse minha vida.

Todas as manhãs tivemos exatamente essa conversa: nunca mais, nunca menos e, no entanto, invariavelmente, por mais que eu tivesse crescido durante a noite e avançado para uma idade mais madura pela

companhia de Steerforth ou pela confiança da sra. Steerforth, ou pela conversa da srta. Dartle, na presença daquele mais respeitável dos homens eu me tornava, como dizem nossos poetas menores, “um menino outra vez”.

Ele preparou cavalos para nós; e Steerforth, que sabia tudo, me deu lições de equitação. Forneceu-nos floretes e Steerforth me deu lições de esgrima; luvas, e comecei, com o mesmo mestre, a melhorar no boxe. Não me preocupava nada que Steerforth me visse novato nessas ciências, mas não conseguia suportar minha demonstração de falta de habilidade diante do respeitável Littimer. Não tinha razão para acreditar que Littimer dominasse essas artes, ele nunca me fez supor nada do gênero, nem com a vibração de um cílio; no entanto, sempre que estava por perto quando estávamos treinando, eu me sentia o mais verde e inexperiente dos mortais.

Falo tanto desse homem porque ele teve um efeito particular sobre mim na época, e por causa do que aconteceu depois.

A semana passou da maneira mais deliciosa. Passou depressa, como se pode imaginar, para alguém tão arrebatado como eu estava; e me deu tantas ocasiões de conhecer melhor Steerforth e admirá-lo mais sob mil aspectos, que ao final dos sete dias parecia que eu estava com ele havia muito mais tempo. O jeito vivo de ele me tratar como um brinquedo me era mais agradável que qualquer comportamento que pudesse ter adotado. Me fazia lembrar o nosso antigo companheirismo, parecia uma consequência natural dele, demonstrava que ele não havia mudado, me aliviava de qualquer inquietação que eu pudesse sentir comparando meus méritos com os dele e meus direitos a sua amizade diante dos dele; acima de tudo, tratava-se de um comportamento familiar, irrestrito e afetivo que ele não usava com mais ninguém. Assim como havia me tratado na escola de um jeito diferente dos outros, eu alegremente acreditava que ele me tratava na vida como não tratava nenhum outro amigo que tivesse. Acreditava ser mais próximo de seu coração do que qualquer outro amigo, e meu coração se aquecia com minha ligação a ele.

Ele havia decidido ir comigo ao campo e chegou o dia de nossa partida. Inicialmente, ele hesitara em levar ou não Littimer conosco, mas

resolveu deixá-lo em casa. A respeitável criatura, sempre satisfeita com o que lhe cabia, fosse o que fosse, arrumou nossas valises na pequena carruagem que nos levaria a Londres, como se fossem enfrentar o choque das eras, e recebeu minha doação oferecida discretamente com perfeita tranquilidade.

Nos despedimos da sra. Steerforth e da srta. Dartle com muitos agradecimentos de minha parte e muita bondade da parte da mãe devotada. A última coisa que vi foram os olhos imperturbáveis de Littimer, expressando, a meu ver, a silenciosa convicção de que eu era, de fato, muito jovem.

O que senti, ao voltar tão auspiciosamente aos velhos lugares conhecidos, não tentarei descrever. Viajamos pelo carro do correio. Me lembro que estava tão preocupado com a honra de Yarmouth, que quando Steerforth disse, ao passarmos pelas ruas escuras que levavam à hospedaria, que pelo que estava vendo aquilo ali era um boa caverna estranha e remota, fiquei muito satisfeito. Fomos dormir assim que chegamos (notei um par de sapatos sujos e perneiras diante da porta de meu velho amigo Golfinho, quando passamos por sua porta) e tomamos o desjejum bem tarde, de manhã. Steerforth, que estava muito animado, tinha ido passear na praia antes que eu me levantasse, e disse que ficara amigo de metade dos barqueiros ali. Além disso, tinha visto ao longe o que, tinha certeza, era uma casa idêntica à do sr. Peggotty, com fumaça saindo da chaminé, e tivera a grande ideia, me contou, de ir até lá, entrar e dizer que ele era eu, que havia crescido quando estava longe.

– Quando pensa me apresentar, Daisy? – disse ele. – Estou à sua disposição. Você marca quando quiser.

– Ora, eu estava pensando que hoje à noite seria um bom momento, Steerforth, quando vão estar todos sentados em torno do fogo. Gostaria que você visse um momento de aconchego, é um lugar tão curioso.

– Seja! – retorquiu Steerforth. – À noite.

– Não vou avisar que estamos aqui, sabe? – eu disse, deliciado. – Temos de pegar todos de surpresa.

– Ah, claro! Não é divertido se não for surpresa – disse Steerforth. – Vamos ver os nativos em sua condição aborígine.

– Embora eles sejam *essa gente*, como você disse – repliquei.

– Aha! Você se lembra da minha discussão com a Rosa, é? – ele exclamou com um rápido olhar. – Droga de mulher, tenho um pouco de medo dela. É como um duende para mim. Mas esqueça dela. Agora o que você vai fazer? Vai visitar sua babá, garanto?

– Exatamente – respondi –, tenho de ver Peggotty antes de mais nada.

– Bom – replicou Steerforth, olhando o relógio. – Acho que vou deixar você ser banhado em lágrimas por umas duas horas. Basta?

Respondi rindo que achava que conseguiria dar conta nesse tempo, mas que ele devia ir comigo; pois descobriria que sua fama o precedia e que era um personagem quase tão grande quanto eu.

– Vou aonde você quiser – disse Steerforth –, faço o que você quiser. Me diga para onde ir e em duas horas eu apareço no estado de espírito que você quiser, sentimental ou engraçado.

Dei-lhe instruções precisas para encontrar a residência do sr. Barkis, cocheiro para Blunderstone e outros locais, e, combinado isso, saí sozinho. O ar estava revigorante, o chão seco, o mar crispado e transparente, o sol uma abundância de luz, mesmo que não tanto de calor, tudo vivo e cheio de frescor. Eu próprio me sentia tão vivo e cheio de frescor com o prazer de estar ali, que era capaz de parar as pessoas na rua para apertar suas mãos.

As ruas pareciam pequenas, claro. As ruas que vimos apenas em criança sempre parecem pequenas, creio, quando voltamos a elas. Mas eu não tinha esquecido nada e nada havia mudado até chegar à loja do sr. Omer. OMER E JORAM estava escrito na placa onde antes havia OMER apenas. Mas a inscrição DECORADOR, ALFAIATE, ARMARINHO, FORNECEDOR FUNERÁRIO & C. continuava como antes.

Parecia que meus passos tendiam a me levar tão naturalmente à porta da loja, depois que li essas palavras de longe, que atravessei a rua e olhei lá dentro. Havia uma linda moça nos fundos da loja, dançando com um bebezinho nos braços, com outro pequenino agarrado ao avental. Não tive dificuldade para reconhecer Minnie e os filhos de Minnie. A porta de vidro da sala não estava aberta, mas na oficina do outro lado do pátio eu

podia ouvir ao longe o velho ritmo batendo, como se eu nunca tivesse saído dali.

– O senhor Omer está? – perguntei ao entrar. – Gostaria de falar com ele um momento se estiver em casa.

– Ah, sim, senhor, ele está – disse Minnie –, com esse tempo não é bom ele sair por causa da asma. Joe, chame seu avô!

O pequeno que estava agarrado a seu avental deu um grito tão forte que o próprio som o deixou envergonhado, e ele afundou o rosto nas saias dela, para sua grande admiração. Ouvi um ofegar e soprar pesado vindo até nós e logo o sr. Omer, com a respiração curta como antes, mas não parecendo muito mais velho, estava na minha frente.

– Às ordens, meu senhor – disse o sr. Omer. – Em que posso ajudá-lo?

– Pode apertar minha mão, senhor Omer, por favor – eu disse estendendo a minha. – O senhor uma vez foi muito atencioso comigo, e acho que na época não demonstrei que senti isso.

– Fui, é? – perguntou o velho. – Fico contente de saber, mas não me lembro quando. Tem certeza de que era eu?

– Absoluta.

– Acho que minha memória anda tão curta quanto minha respiração – disse o sr. Omer olhando para mim e sacudindo a cabeça –, porque não me lembro do senhor.

– Não se lembra de ter ido me buscar na diligência, de me dar café da manhã aqui e depois irmos juntos até Blunderstone, o senhor, eu, a senhora Joram e o senhor Joram também, que não era ainda marido dela?

– Nossa, benza Deus! – exclamou o sr. Omer, depois que a surpresa provocou um ataque de tosse –, nem me diga uma coisa dessas! Minnie, meu bem, você se lembra? Nossa, é isso mesmo: tratava-se de uma dama, acho?

– Minha mãe – respondi.

– Claro – disse o sr. Omer tocando o indicador em meu colete – e havia um bebê também! Eram dois indivíduos. O pequeno jazendo ao lado do outro indivíduo. Em Blunderstone foi, claro. Nossa! E como o senhor tem

passado desde então?

– Muito bem –, agradeci a ele, como esperava que ele também.

– Ah! Não posso reclamar, sabe? – disse o sr. Omer. – Minha respiração fica mais curta, mas nunca fica mais longa quando um homem envelhece. Aceito o que vem e faço o melhor que posso. É o melhor jeito, não é?

O sr. Omer tossiu de novo, em consequência da risada, ajudado na crise pela filha que depois ficou parada ao nosso lado, dançando com o filho menor sobre o balcão.

– Nossa! – disse o sr. Omer. – Isso mesmo, dois indivíduos! Ora, nessa mesma viagem, se o senhor acredita, marcou-se o dia para a minha Minnie se casar com Joram. "Marque o senhor", diz Joram. "É, pai, marque", diz Minnie. E agora ele é sócio da firma. E olhe aqui! O mais novo!

Minnie riu e alisou nas têmporas o cabelo preso por uma tiara, enquanto o pai dava um dos dedos para a criança que dançava no balcão segurar.

– Dois indivíduos, claro! – disse o sr. Omer, balançando a cabeça retrospectivamente. – Exa-ta-men-te! E o Joram trabalhando, neste momento, em um caixão cinzento, com as tachas prateadas, que nem chega ao tamanho deste – o tamanho da criança que dançava no balcão –, uns dez centímetros menor. Toma alguma coisa?

Agradeci, mas não aceitei.

– Deixe ver – disse o sr. Omer. – A mulher do cocheiro Barkis... irmã do barqueiro Peggotty, tinha alguma coisa a ver com sua família? Trabalhava lá decerto?

Minha resposta afirmativa lhe deu grande satisfação.

– Acho que agora só falta a minha respiração melhorar, porque minha memória está ficando ótima – disse o sr. Omer. – Bom, meu senhor, temos aqui, trabalhando conosco, uma parenta dela que tem tamanho bom gosto para a confecção de roupas que garanto ao senhor que nem uma duquesa da Inglaterra reclamaria dela.

– Não é a pequena Em'ly? – perguntei, involuntariamente.

– O nome dela é Em'ly – disse o sr. Omer –, e é pequena, sim. Mas, se acredita em mim, tem um rosto tão especial que metade das mulheres desta cidade sente raiva dela.

– Bobagem, pai! – exclamou Minnie.

– Meu bem – disse o sr. Omer –, não digo que seja o seu caso – e piscou para mim –, mas acho que metade das mulheres de Yarmouth... ah, dos oito quilômetros em torno, tem raiva dessa moça!

– Se ela soubesse o lugar dela na vida, pai – disse Minnie –, e não desse razão para ninguém falar dela, ninguém ia poder falar.

– Ninguém ia poder falar, meu bem! – retorquiu o sr. Omer. – Ninguém ia poder falar! É esse o *seu* conhecimento da vida? O que qualquer mulher deixaria de fazer, mesmo não podendo fazer, em especial quando se trata da beleza de outra mulher?

Eu realmente achei que era o fim do sr. Omer quando ele acabou de fazer esse libelo divertido. Ele tossiu a tal ponto, seu fôlego resistia a todas as tentativas de recuperação com tamanha persistência, que realmente achei que ia cair de cabeça atrás do balcão e sua calça preta, com os cachos de laços cor de ferrugem nos joelhos, ia estremecer num último estertor ineficiente. Porém, ele acabou melhorando, embora ainda ofegasse muito e estivesse tão exausto que foi obrigado a sentar no banquinho da mesa da loja.

– Está vendo – disse ele enxugando a cabeça e respirando com dificuldade –, ela não se relacionou muito com nenhuma companheira aqui. Não se apegou a nenhum conhecido ou amigo, sem falar de namorados. Portanto, circula uma história maldosa de que Em'ly queria ser uma dama. Ora, na minha opinião essa história começou a circular principalmente porque ela às vezes dizia, na escola, que se fosse uma dama gostaria de fazer isto e aquilo para seu tio, está entendendo?, comprar coisas finas e não sei que mais para ele.

– Garanto ao senhor que ela disse isso para mim – respondi com firmeza – quando éramos crianças.

O sr. Omer balançou a cabeça e esfregou o queixo.

– Exatamente. Então, com muito pouco, ela era capaz de se vestir,

sabe?, melhor que a maioria com muito, e *isso* dificultou as coisas. Além disso, ela é o que se pode chamar de caprichosa, ou melhor, o que eu chamaria de caprichosa – disse o sr. Omer –, não sabia o que queria, um pouco mimada e, no começo, não sabia exatamente se comportar. Mas nunca disseram mais nada além disso dela, não é, Minnie?

– Não, pai – disse a sra. Joram. – Isso foi o pior, acho.

– Então, quando ela arrumou um emprego – disse o sr. Omer –, tomando conta de uma velha mal-humorada, não se deu muito bem e não ficou. Acabou vindo para cá, ser aprendiz durante três anos. Quase dois já se passaram e ela é a melhor menina que existe. Vale por seis! Minnie, ela não vale por seis?

– Vale, pai – Minnie replicou. – Nunca se diga que *eu* falei mal dela!

– Muito bem – disse o sr. Omer. – Está certo. E então, meu jovem cavalheiro – acrescentou depois de esfregar o queixo alguns momentos –, para o senhor não pensar que tenho mais vento na cabeça do que no pulmão, acho que é tudo.

Como eles haviam falado baixo ao comentar sobre Em'ly, não tinha dúvidas de que ela estava perto. Então, quando perguntei se assim era, o sr. Omer fez que sim com a cabeça e apontou a porta da sala. Minha apressada pergunta se podia espiar para dentro recebeu resposta afirmativa; e, olhando pelo vidro, eu a vi sentada a costurar. Eu a vi, a pequena criatura mais linda, os olhos azuis desanuviados que haviam tocado meu coração infantil, se voltarem para outro filho pequeno de Minnie que brincava a seu lado, com tamanha determinação no rosto iluminado que justificava o que eu tinha acabado de ouvir; com muito da caprichosa timidez evidente, mas tenho certeza de que nada havia em seus lindos traços que não tivesse a intenção de bondade, de felicidade e de tudo que fosse bom e feliz.

O ritmo do outro lado do pátio que parecia nunca ter parado (ai, era mesmo um ritmo que *nunca* parava!) batia suave, o tempo todo.

– Não gostaria de entrar e falar com ela? – perguntou o sr. Omer. – Entre e fale com ela! Fique à vontade!

Fiquei muito intimidado para isso no momento – tive medo de constrangê-la e não menos medo de ficar eu mesmo constrangido: mas

me informei da hora em que ela saía à tarde, a fim de fazer minha visita na hora certa e, deixando o sr. Omer e sua linda filha com seus filhinhos, fui para a casa de minha querida Peggotty.

Lá estava ela, na cozinha ladrilhada, preparando o jantar! No momento em que bati na porta, ela abriu e perguntou o que eu desejava. Olhei para ela com um sorriso, mas ela não sorriu de volta. Nunca deixara de lhe escrever, mas fazia sete anos que não nos víamos.

– O senhor Barkis está em casa, minha senhora? – perguntei, fingindo falar duro com ela.

– Está em casa, sim, senhor – retorquiu Peggotty –, mas está mal de cama com reumatismo.

– Não vai mais para Blunderstone agora? – perguntei.

– Quando está bom, vai, sim, senhor – ela respondeu.

– A *senhora* nunca vai até lá, senhora Barkis?

Ela olhou para mim com mais atenção e notei um rápido movimento de suas mãos, uma em direção à outra.

– Porque quero me informar sobre uma casa lá, que chamam de... como é mesmo?... a Gralhada – eu disse.

Ela deu um passo para trás e estendeu as mãos de um jeito incerto e assustado, como para me afastar.

– Peggotty! – gritei para ela.

Ela exclamou:

– Meu menino querido! – e nós dois caímos em pranto, nos abraçamos.

Nem sei descrever quantas extravagâncias, quanto riso e choro por minha causa, quanto orgulho ela demonstrou, quanta alegria, quanta tristeza, porque ela, cujo orgulho e alegria se deviam a mim, nunca conseguia me dar um abraço carinhoso. Não me incomodei nem um pouco que fosse jovem demais para reagir a suas emoções. Nunca em minha vida, acredito, nem mesmo com ela, ri e chorei com tanta liberdade como naquela manhã.

– O Barkis vai ficar tão contente – disse Peggotty, enxugando os olhos no avental – que vai fazer mais bem pra ele do que litros de linimento.

Posso ir contar pra ele que você está aqui? Quer subir e falar com ele, meu bem?

Claro que eu queria. Mas Peggotty não conseguiu sair da sala com a facilidade que pretendia, pois toda vez que chegava até a porta e olhava para mim, voltava para mais uma risada e mais lágrimas em meu ombro. Por fim, para facilitar as coisas, subi com ela; e depois de esperar do lado de fora um minuto, enquanto ela dizia uma palavrinha, preparando o sr. Barkis, me apresentei ao doente.

Ele me recebeu com absoluto entusiasmo. Estava reumático demais para apertar as mãos, mas pediu que eu apertasse o pingente de sua touca de dormir, o que fiz com toda a cordialidade. Quando me sentei ao lado da cama, ele disse que lhe fazia muito bem sentir que estava me levando pela estrada de Blunderstone outra vez. Deitado de costas na cama, todo coberto, menos o rosto, de forma que parecia nada mais que um rosto, como um querubim convencional, ele me pareceu a coisa mais estranha que eu já tinha visto.

– Que nome foi que eu escrevi naquele carro? – perguntou o sr. Barkis com um lento sorriso reumático.

– Ah, senhor Barkis, tivemos umas conversas bem sérias sobre o assunto, não?

– Eu tava disposto fazia muito tempo, não tava? – perguntou o sr. Barkis.

– Muito tempo – disse eu.

– E não me arrependo – disse o sr. Barkis. – Lembra do que o senhor me disse uma vez, que ela fazia torta de maçã e cozinhava de tudo?

– Me lembro muito bem – respondi.

– Era mais verdadeiro – disse o sr. Barkis – que um nabo. Mais verdadeiro – disse o sr. Barkis sacudindo a touca de dormir, que era seu único jeito de enfatizar – que imposto. E nada é mais verdade que essas coisas.

O sr. Barkis voltou os olhos para mim como se buscasse minha concordância com o resultado dessas reflexões em sua cama, e eu concordei.

– Nada mais verdadeiro – repetiu o sr. Barkis – um homem tão pobre como eu descobre isso na mente quando tá de cama. Sou um homem muito pobre.

– Sinto muito saber disso, sr. Barkis.

– Um homem muito pobre, sou mesmo – disse o sr. Barkis.

Ele tirou lentamente a mão direita, trêmula, de debaixo das cobertas e com gesto incerto agarrou uma vara amarrada à lateral da cama. Depois de cutucar por ali com esse instrumento, enquanto seu rosto assumia uma variedade de expressões perturbadas, o sr. Barkis bateu a vara numa caixa, uma ponta da qual estava visível para mim o tempo todo. Seu rosto então se recompôs.

– Roupa velha – disse ele.

– Ah! – disse eu.

– Queria que fosse dinheiro – disse o sr. Barkis.

– Seria muito bom – disse eu.

– Mas NÃO É – disse o sr. Barkis, arregalando os olhos o máximo possível.

Expressei que tinha certeza disso, e o sr. Barkis, voltando olhos mais ternos para a esposa, disse:

– Esta é a mulher mais boa e competente de todas, C. P. Barkis. Todo elogio que fizerem pra C. P. Barkis, ela merece, e mais ainda! Meu amor, você hoje vai fazer um jantar pro convidado, uma coisa boa pra comer e beber, faz?

Eu ia protestar contra a desnecessária demonstração em minha honra, mas vi que Peggotty, do outro lado da cama, estava extremamente ansiosa para que eu não protestasse. Então me calei.

– Tenho um dinheirinho nalgum lugar por aqui, meu bem – disse o sr. Barkis –, mas tô um pouco cansado. Se você e o senhor David deixarem eu tirar uma soneca, tento encontrar quando acordar.

Saímos do quarto, atendendo seu pedido. Quando fechamos a porta, Peggotty me informou que, como o sr. Barkis estava agora “um pouco mais apegado” que antes, sempre recorria a essa mesma atitude antes de pegar qualquer moeda de sua reserva; e que ele enfrentava indescritíveis

agonias para sair da cama sozinho e tirar o dinheiro daquela caixa infeliz. Com efeito, ouvimos então que dava gemidos abafados da mais triste natureza, enquanto essa atitude sovina devastava todas as suas juntas. Os olhos de Peggotty estavam cheios de compaixão por ele, mas ela disse que esse impulso generoso faria bem a ele, e era melhor não interferir. Então ele continuou gemendo, até voltar para a cama, sofrendo, não tenho dúvidas, um martírio, e aí nos chamou, fingindo ter acabado de acordar de um sono reparador para tirar um guinéu de debaixo do travesseiro. Sua satisfação em mentir para nós e preservar o segredo impenetrável da caixa parecia ser compensação suficiente para todas as suas torturas.

Preparei Peggotty para a vinda de Steerforth, e ele não demorou muito a chegar. Estou convencido de que ela não via diferença entre ele ser um benfeitor pessoal dela e um amigo querido meu, e que o receberia com absoluta gratidão e devoção em qualquer caso. Mas o bom humor fácil e espirituoso dele, suas maneiras simpáticas, a bela aparência e o dom natural de se adaptar a quem bem entendesse e ir direto, quando queria, ao ponto principal do coração de qualquer um a conquistaram inteiramente em cinco minutos. A maneira como me tratava bastaria para conquistá-la. Mas, com todas essas causas combinadas, acredito sinceramente que ela nutria uma espécie de adoração por ele antes de ele ir embora essa noite.

Se eu disser que ele ficou lá para jantar comigo de boa vontade, não estarei expressando nem metade de sua prontidão e alegria. Entrou no quarto do sr. Barkis como luz e ar, iluminando e arejando tudo como um bom clima. Não havia ruído, nem esforço, nem egoísmo em nada do que fazia, mas em tudo uma indescritível leveza, uma aparente impossibilidade de fazer qualquer outra coisa, ou fazer qualquer coisa melhor, tão elegante, tão natural e agradável que ainda hoje me deslumbra recordar.

Demos risadas na salinha, onde o Livro dos Mártires, nunca aberto desde o meu tempo, estava em cima da mesa como antes, e que eu então abri nas imagens terríveis, lembrando as velhas sensações que despertavam, sem senti-las. Quando Peggotty mencionou o que chamava

de meu quarto, que estava pronto para eu passar a noite e que ela esperava que eu ocupasse, antes que eu pudesse sequer olhar para Steerforth, hesitante, ele tomou conta da situação.

– Claro – disse ele. – Você dorme aqui durante nossa estada e eu durmo no hotel.

– Mas trazer você tão longe – repliquei – e me separar assim, parece falta de companheirismo, Steerforth.

– Ora, em nome de Deus, aqui é o seu lugar natural! – disse ele. – O que significa esse "parece" diante disso! – Ficou tudo acertado imediatamente.

Ele manteve essas deliciosas qualidades até o fim, até partirmos, às oito horas, para o barco do sr. Peggotty. Na verdade, ele as exibia com brilho sempre maior com o passar das horas, pois pensei naquele momento, e não tenho dúvidas agora, que a consciência do sucesso de sua determinação em agradar inspirava nele uma nova delicadeza de percepção e, sutil como era, tudo facilitava. Se alguém tivesse me dito então que tudo aquilo era um jogo brilhante, exercitado pela excitação do momento, pelo uso da vivacidade, no inconsequente amor pela superioridade, com a mera finalidade dissoluta de conquistar o que ele não considerava digno, para jogar fora no minuto seguinte, se alguém me dissesse tal coisa aquela noite, imagino a indignação que expressaria ao ouvir isso!

Talvez apenas intensificando, se isso fosse possível, os sentimentos românticos de fidelidade e amizade com que eu caminhava a seu lado sob o vento pela areia escura, em direção ao velho barco, o vento soprava em torno de nós ainda mais tristonho que havia soprado e gemido na noite em que cheguei pela primeira vez à porta do sr. Peggotty.

– É um lugar bem rústico, não é, Steerforth?

– Bem desolado no escuro – disse ele –, e o mar ruge como se estivesse querendo nos devorar. É aquele barco onde estou vendo uma luz?

– Esse é o barco – disse eu.

– Então é o mesmo que vi de manhã – ele replicou. – Vim diretamente para ele, por instinto, quem sabe.

Não falamos mais nada ao nos aproximarmos da luz, e chegamos à porta em silêncio. Pus a mão na maçaneta; e sussurrando para Steerforth ficar perto de mim, entrei.

O murmúrio de vozes era audível de fora e, no momento de nossa entrada, mãos batendo palmas: ruído este que, fiquei surpreso ao descobrir, vinha da sra. Gummidge, em geral tão desanimada. Mas a sra. Gummidge não era a única excepcionalmente excitada ali. O sr. Peggotty, com o rosto iluminado por uma satisfação incomum, rindo com todo o gosto, mantinha os braços rústicos abertos para receber a pequena Em'ly. Ham, com o rosto tomado por uma expressão que misturava admiração, entusiasmo e uma lenta espécie de timidez que lhe assentava muito bem, segurava a mão de Em'ly, como se a apresentasse ao sr. Peggotty. A própria Em'ly, tímida e ruborizada, mas feliz com a felicidade do sr. Peggotty, como expressavam seus olhos alegres, deteve-se à nossa entrada (ela foi a primeira a nos ver) no meio do movimento de se afastar de Ham para se aninhar no abraço do sr. Peggotty. O primeiro relance que tivemos de todos, no momento em que passamos da noite fria e escura para o calor da sala iluminada, foi esse, deles assim ocupados: a sra. Gummidge ao fundo, aplaudindo como uma louca.

O pequeno quadro se dissolveu tão imediatamente com a nossa entrada que daria para duvidar que tivesse ocorrido. Eu estava no meio da família atônita, cara a cara com o sr. Peggotty, estendendo a mão para ele, quando Ham gritou:

– É o seu Davy! Seu Davy!

No momento seguinte, estávamos todos nos apertando as mãos, perguntando como íamos, dizendo uns para os outros o quanto estávamos contentes de nos reencontrar, todos falando ao mesmo tempo. O sr. Peggotty ficou tão orgulhoso e alegre de nos ver que não sabia o que dizer ou fazer, e ficava apertando de novo minha mão, depois a de Steerforth, e a minha de novo, sacudindo o cabelo emaranhado e rindo com tanto prazer e triunfo que era uma delícia olhar para ele.

– Ora, vocês dois cavalheiros, cavalheiros crescidos, aparecer debaixo deste teto bem esta noite, de todas noite da minha vida – disse o sr. Peggotty –, é uma coisa que nunca me aconteceu antes, disso eu sei!

Em'ly, meu bem, venha cá! Venha cá, sua bruxinha! Esse daqui é o amigo do seu Davy, meu bem! É aquele cavalheiro que eu falei, Em'ly. Veio ver você, junto com o seu Davy, na noite mais importante da vida do seu tio, o resto que se dane, hoje é festa!

Depois de fazer esse discurso de um fôlego só e com excepcionais animação e prazer, o sr. Peggotty pôs as mãos grandes de cada lado do rosto da sobrinha, e beijando-a dezenas de vezes, apertou-a com delicado orgulho e amor contra o peito largo, dando-lhe tapinhas como se sua mão fosse a de uma dama. Então a soltou e ela saiu correndo para o quartinho onde eu costumava dormir, olhou para todos nós, acalorada e sem fôlego, com extrema satisfação.

– Se vocês dois cavalheiro, cavalheiro crescido agora, que cavalheiro!, disse o sr. Peggotty.

– Isso mesmo, isso mesmo! – exclamou Ham. – Falou bem! Isso aí que eles são. O seu Davy, cavalheiro de verdade, é, sim, os dois!

– Se vocês dois cavalheiro, cavalheiro crescido – disse o sr. Peggotty –, não der um desconto pra minha animação, vocês que entende das coisas, me desculpe. Em'ly, meu bem! Ela sabe que eu vou contar – e sua alegria explodiu de novo – e fugiu. A senhora podia ter a bondade, dona Gummidge, de buscar ela um minuto?

A sra. Gummidge fez que sim e desapareceu.

– Se esta não for a noite mais feliz da minha vida – disse o sr. Peggotty sentando junto conosco diante da lareira –, eu sou um marisco, e frito inda por cima, não sei dizer mais nada. Essa pequena Em'ly, meu senhor – disse em voz baixa a Steerforth –, essa que o senhor viu toda vermelha agora pouco...

Steerforth apenas assentiu com a cabeça; mas com uma expressão tão satisfeita e interessada, participando dos sentimentos do sr. Peggotty, que ele respondeu como se Steerforth tivesse falado.

– Isso mesmo – disse o sr. Peggotty. – Essa é ela, e ela é assim. Muito obrigado, sim, senhor.

Ham balançou a cabeça diversas vezes como se também quisesse dizer a mesma coisa.

– Essa nossa pequena Em'ly aqui – disse o sr. Peggotty – é na nossa casa, é o que eu acho (sou um homem ignorante, mas é o que acredito), tudo o que uma criatura de olho brilhante pode ser numa casa. Não é minha filha, nunca tive filha, mas não tem como eu amar mais ela. Tá me entendendo? Não dá para ser mais!

– Entendo bem – disse Steerforth.

– Sei que entende, sim, senhor – retorquiu o sr. Peggotty –, e agradeço de novo. O seu Davy, ele lembra como ela era, o senhor pode julgar por si o que ela é, mas nenhum dos dois pode saber de verdade o que ela foi, o que vai ser, pro meu amor. Eu sou duro – disse o sr. Peggotty –, sou duro feito um ouriço-do-mar, mas ninguém, a não ser, quem sabe, uma mulher, consegue saber, eu acho, o que a pequena Em'ly é pra mim. E aqui entre nós – baixou a voz ainda mais –, o nome *daquela* mulher ali não é dona Gummidge também, apesar de ter um monte de qualidade.

O sr. Peggotty passou as mãos pelo cabelo outra vez, como preparação para o que ia dizer, e continuou com uma mão em cima de cada joelho.

– Tem uma certa pessoa que conhecia a nossa Em'ly desde que o pai dela morreu afogado, que via ela sempre, desde bebê, desde menina, depois mulher. Não é uma pessoa muito bonita de se ver, não – disse o sr. Peggotty –, mais ou menos assim que nem eu, duro, bem do sudoeste mesmo, curtido, no geral, um sujeito de bem, com o coração no lugar certo.

Achei que nunca tinha visto Ham sorrir como estava sorrindo para nós agora.

– E o que esse marujo abençoado aqui pega e faz – com o rosto reluzindo de alegria –, ele pega e entrega o coração dele pra nossa pequena Em'ly. Sempre atrás dela, virou assim meio que um criado dela, perdeu muito o gosto pela comida e acabou contando pra mim o que que tava acontecendo. Ora, eu queria mesmo, sabe?, que a nossa Em'ly casava bem. Minha esperança era ver ela, de todo jeito, comprometida com um homem honesto, capaz de defender ela. Não sei quanto tempo eu vou viver, ou quando é que eu vou morrer, mas sei que se o meu barco afundasse uma noite, numa rajada de vento nas estrada de Yarmouth aqui e eu visse as luz da cidade brilhando pela última vez por cima das

onda que eu não conseguisse enfrentar, eu podia morrer sossegado pensando: “Tem um homem em terra mais fiel que aço pra minha pequena Em’ly, Deus abençoe ela e que nenhum mal consiga tocar a minha Em’ly enquanto esse homem viver!”.

Com toda a sinceridade, o sr. Peggotty gesticulou com o braço direito, como se estivesse acenando para as luzes da cidade pela última vez, e depois, trocando um sinal de cabeça com Ham, cujo olhar percebeu, continuou como antes.

– Bom! Aconselhei que ele falava com a Em’ly. Esse aí é grande, mas é mais acanhado que uma criança e não gosta de falar. Então *eu* falei. “Oras! *Ele*!”, a Em’ly falou. “*Ele* que eu conheço tanto e que eu gosto tanto! Ah, tio! Não posso casar com *ele*. Ele é muito bom!” Eu vou e dou um beijo nela e só falo assim que: “Meu bem, tem razão de falar o que pensa, você tem que escolher sozinha, você é livre feito um passarinho”. Aí, vou falar com ele, digo: “Queria que tivesse dado certo, mas não deu. Mas vocês dois pode continuar que nem antes e o que eu te digo é: seja como você sempre foi com ela, seja um homem”. Ele me fala apertando minha mão: “Vou ser!”. E foi, honrado, corajoso, durante dois ano, e a gente continuou igual que antes aqui em casa.

O rosto do sr. Peggotty, que havia mudado de expressão de acordo com os vários momentos de sua narrativa, retomou todo o seu anterior prazer triunfante quando ele pôs uma mão em meu joelho e uma mão no de Steerforth (cuspindo antes em ambas para dar mais ênfase ao ato) e repartiu entre nós dois o seguinte discurso:

– De repente, uma noite, e calhou de ser hoje, a pequena Em’ly vem vindo do trabalho, e ele com ela! Não tem nada de mais nisso daí, todo mundo vai dizer. Não, porque ele cuida dela que nem irmão, depois que anoitece e até antes que anoitece, toda hora. Mas esse marujo, ele pega a mão dela e grita todo alegre pra mim: “Ó só! Essa daqui vai ser a minha mulher!”. E ela fala assim, meia corajosa, meia vergonhosa, meio rindo, meio chorando: “É, tio! Se o senhor quiser”. Se eu quiser! – exclamou o sr. Peggotty, sacudindo a cabeça num êxtase diante dessa ideia. – Meu Deus, como se eu pudesse querer outra coisa! “Se o senhor quiser, estou mais madura agora, pensei melhor e vou ser a melhor esposa que eu

puder pra este sujeito aqui, bom e querido!" E a dona Gummidge bateu palma como quem tá no teatro e vocês entraram. Pronto! crime resolvido! – disse o sr. Peggotty. – Vocês entraram! Aconteceu aqui nesta hora mesmo, e este aqui é o homem que vai casar com ela, assim que ela acabar o aprendizado.

Ham gaguejou o melhor que pôde depois do golpe que o sr. Peggotty aplicou nele com a alegria desmedida de sua confiança e amizade, mas sentindo-se compelido a dizer alguma coisa, falou com grandes hesitações e dificuldade:

– Ela não era mais alta que o senhor... quando o senhor veio a primeira vez... e pensar como ela cresceu. Eu vi ela crescer... feito uma flor. Eu dava a vida por ela... seu Davy... Ah, com todo o prazer e alegria! Ela vale mais pra mim que... que... ela é pra mim tudo que eu podia querer e mais do que nunca eu... nem sei dizer. Eu... eu amo ela de verdade. Não tem ninguém nem na terra... nem no mar... capaz de amar essa moça que nem eu amo... mesmo tendo muito homem... capaz de falar melhor... o que quer falar.

Achei emocionante ver um sujeito tão rijo como Ham tremendo diante da força que sentia pela linda criatura que conquistara seu coração. Achei que a simples confiança em nós depositada pelo sr. Peggotty e por ele eram, em si, emocionantes. A história toda me emocionou. Não sei até que ponto as lembranças de minha infância afetavam minha emoção. Se cheguei ali ainda com alguma fantasia de que amava a pequena Em'ly, não sei dizer. Sei que a situação me encheu de prazer, mas de imediato com um indescritível prazer sensível, que bastaria muito pouco para se transformar em dor.

Por tudo isso, se dependesse de mim tocar aquelas cordas com alguma habilidade, teria me saído mal. Mas isso coube a Steerforth, e ele o fez com tamanha tranquilidade que em poucos minutos estávamos todos à vontade e muito felizes.

– Senhor Peggotty – ele disse –, o senhor é um homem absolutamente bom e merece a felicidade que está sentindo hoje. Aperte aqui! Ham, desejo alegria a você, meu amigo. Aperte minha mão também! Daisy, avive o fogo, deixe bem brilhante! Senhor Peggotty, se não convencer sua

sobrinha a voltar (deixei para ela esta poltrona aqui no canto) eu vou embora. Qualquer lugar vazio em torno de sua lareira numa noite dessas, sobretudo o lugar dela, eu não poderia permitir, nem por toda a riqueza das Índias!

Então o sr. Peggotty entrou no meu antigo quartinho para trazer a pequena Em'ly. Ela não queria vir, então Ham foi até lá. E ele a trouxe para a frente da lareira, muito confusa e tímida, mas logo ficou mais segura quando descobriu que Steerforth se dirigia a ela com suavidade e respeito. Com que habilidade ele evitou qualquer coisa que pudesse embaraçá-la, como conversou com o sr. Peggotty sobre barcos, navios, marés e peixes; como falou de mim quando daquele encontro com o sr. Peggotty na Salem House; como havia adorado o barco e tudo o que lhe dizia respeito; com que facilidade ele continuou, até nos levar, aos poucos, a um círculo encantado em que todos conversávamos sem nenhuma reserva.

Em'ly, na verdade, falou pouco a noite inteira, mas olhou, escutou, seu rosto se animou, e ela era encantadora. Steerforth contou a história de um triste naufrágio (inspirado por sua conversa com o sr. Peggotty) como se visse tudo diante dele, os olhos da pequena Em'ly fixos nele o tempo todo, como se ela visse tudo também. Ele nos contou uma alegre aventura que foi um alívio a essa tristeza, com tamanha animação na narrativa como se ela fosse tão nova para ele como para nós, e a pequena Em'ly riu até o barco ressoar com os sons melodiosos, e todos rimos (Steerforth também) envoltos pela irresistível harmonia tão agradável e leve. Ele fez o sr. Peggotty cantar, ou melhor, rugir, "Quando vem a tempestade, sopra o vento, sopra o vento":{14} e cantou a canção de marinheiro tão linda e lamentosa que eu quase sentia o vento de verdade soprando tristemente pela casa, murmurando baixinho em nossos silêncios, a ponto de se ouvir.

Quanto à sra. Gummidge, ele animou aquela vítima do desânimo com um sucesso jamais obtido antes por ninguém (me informou o sr. Peggotty) desde o falecimento do marido. Deixou tão pouco espaço para ela sentir sua desgraça que no dia seguinte comentou que devia ter sido enfeitiçada.

Mas não monopolizou a atenção geral, nem a conversa. Quando a pequena Em'ly ganhou mais coragem e, do outro lado da lareira, comentou comigo (embora ainda tímida) nossos antigos passeios pela praia para catar conchas e seixos; quando perguntei se ela se lembrava do quanto eu era dedicado a ela; quando nós dois rimos e coramos relembrando esses velhos tempos agradáveis, tão irreais agora, ele ficou silencioso e atento, e nos observou, pensativo. Ela estava sentada, nesse momento e durante toda a noite, no velho baú em seu canto da lareira, Ham a seu lado, onde eu costumava sentar. Não sei dizer se era à sua maneira provocadora, ou em virginal reserva diante de nós, mas ela se mantinha perto da parede e longe dele. Notei que agiu assim a noite inteira.

Pelo que me lembro, era quase meia-noite quando nos despedimos. Comemos biscoito e peixe seco no jantar e Steerforth tirou do bolso um frasco cheio de gim holandês que nós, homens (posso dizer isso agora, sem ficar vermelho), bebemos até o fim. Nos despedimos com alegria; e enquanto estavam todos juntos em torno da porta, para iluminar nosso caminho até onde possível, vi os doces olhos azuis da pequena Em'ly nos espiando por trás de Ham, e ouvi sua voz suave dizendo para tomarmos cuidado no trajeto.

– Uma mocinha muito bonita e interessante! – disse Steerforth, segurando meu braço. – Bom! Um lugar peculiar e companhia peculiar, uma sensação completamente nova me relacionar com eles.

– Que sorte a nossa – retorqui – termos chegado para ver a felicidade deles com o futuro casamento! Nunca vi ninguém tão contente. Que delícia ver isso e participar dessa alegria sincera!

– Que sujeito tão tacanho para aquela menina, hein? – disse Steerforth.

Ele havia sido tão caloroso com Ham e com todos que foi um choque para mim essa declaração fria e inesperada. Mas olhando depressa para ele e vendo o riso em seus olhos, respondi, muito aliviado:

– Ah, Steerforth! Tudo bem você fazer uma brincadeira com o coitado! Você pode discutir com a senhorita Dartle, ou tentar esconder suas simpatias para brincar comigo, mas eu sei muito bem. Quando vejo que

você entende perfeitamente essas pessoas, a delicadeza com que penetra na felicidade de um pescador simples como ele, ou alimenta um amor como o da minha velha babá, sei que não existe tristeza ou alegria, nem uma emoção dessas pessoas, que sejam indiferentes a você. E por isso, Steerforth, admiro e amo você vinte vezes mais!

Ele parou, olhou no meu rosto e disse:

– Daisy, acredito que você esteja falando sério e seja bom. Queria que fosse assim com todos! – No momento seguinte, ele estava cantando alegremente a canção do sr. Peggotty, enquanto trotávamos de volta para Yarmouth.

XXII

Algumas cenas antigas e algumas pessoas novas

Steerforth e eu ficamos mais de quinze dias naquela parte do país. Estávamos sempre juntos, nem é preciso dizer, mas de vez em quando passávamos algumas horas separados. Ele era um bom marinheiro e eu não passava de um marujo indiferente, e quando ele saía para navegar com o sr. Peggotty, seu divertimento favorito, eu geralmente ficava em terra. Estar acomodado no quarto de hóspedes de Peggotty me impunha uma limitação da qual ele estava livre, pois sabendo com que assiduidade ela cuidava do sr. Barkis o dia inteiro, eu não gostava de voltar muito tarde, enquanto Steerforth, hospedado na estalagem, não precisava respeitar nada além da própria vontade. E vim a saber que ele fazia pequenos agrados aos pescadores do bar frequentado pelo sr. Peggotty, o Boa Vontade, quando eu já estava na cama e ele, vestido com roupa de pescador, ia navegar noites de luar inteiras, só voltando de manhã, com a maré cheia. Nessa altura, porém, eu sabia que sua natureza inquieta e o espírito audacioso encontravam prazer no trabalho duro e no clima difícil, assim como em qualquer outra nova forma de estímulo que se apresentasse, de modo que suas atitudes não me surpreendiam.

Outra causa de nos afastarmos às vezes era que eu, naturalmente, estava interessado em voltar a Blunderstone, revisitar o velho cenário conhecido de minha infância, enquanto Steerforth, depois de ter estado lá uma vez, naturalmente não tinha grande interesse em voltar. De forma que em três ou quatro dias de que me lembro, nos separamos cedo, depois do desjejum, e nos reencontramos bem tarde para jantar. Eu não fazia ideia de como ele empregava seu tempo nesse intervalo, além da ideia geral de que era muito bem-visto no local e contava com vinte meios de se divertir ativamente onde outro homem talvez não encontrasse nem um.

De minha parte, minha ocupação nas peregrinações solitárias era

relembrar cada passo de velha estrada e revisitar velhos locais, dos quais nunca me cansava. Vasculhava esses lugares como minha memória já havia feito antes, e vagava entre eles como meus jovens pensamentos haviam vagado quando eu estava longe. O túmulo debaixo da árvore, onde meu pai e minha mãe jaziam, de que eu havia cuidado quando era apenas de meu pai, com uma tão curiosa compaixão, e ao lado do qual eu ficara, tão desolado, quando foi aberto para receber minha linda mãe e seu bebê, o túmulo que a cuidadosa fidelidade de Peggotty havia mantido desde então, transformado num jardim, ali eu ia a toda hora. Ficava um pouco afastado do caminho do adro da igreja, num canto sossegado não tão afastado que eu não pudesse ler os nomes na lápide ao ir e vir, surpreendido pelo som do sino quando batia as horas, pois era para mim como uma voz que partira. Minhas reflexões nesses momentos estavam sempre associadas com a imagem do que eu faria na vida e as diversas coisas que realizaria. Meus passos não ressoavam em outro ritmo, sempre constantes, como se eu tivesse voltado para construir meus castelos no ar ao lado de uma mãe viva.

Minha antiga casa mudara muito. Os ninhos esfiapados, havia muito abandonados pelas gralhas, tinham desaparecido; e as árvores podadas haviam crescido além das formas lembradas. O jardim estava descuidado e metade das janelas fechada. Era habitada, mas apenas por um pobre cavalheiro louco e pelas pessoas que dele cuidavam. O homem estava sempre sentado à minha janelinha, olhando o adro da igreja, e eu me perguntava se seus pensamentos confusos iriam no mesmo rumo de algumas das fantasias que ocupavam os meus nas manhãs róseas em que eu espiava pela mesma janelinha, com meu pijama, e via os carneiros pastando calmamente à luz do sol nascente.

Nossos velhos vizinhos, sr. e sra. Grayper, haviam se mudado para a América do Sul, e a chuva penetrara no telhado de sua casa vazia, manchando as paredes externas. O dr. Chillip casara-se de novo com uma mulher alta, ossuda, de nariz empinado, e tinha um bebezinho mirrado, com uma cabeça pesada que não conseguia sustentar e dois olhos fracos, fixos, com os quais parecia estar sempre se perguntando por que havia nascido.

Era com uma estranha mistura de tristeza e prazer que eu me demorava nesse local nativo, até o sol avermelhado do inverno me alertar que estava na hora de começar o caminho de volta. Mas quando deixava para trás esse lugar, e principalmente quando Steerforth e eu estávamos alegremente jantando junto a uma lareira brilhante, era uma delícia pensar que tinha estado lá. Assim era, embora em grau abrandado, quando eu ia para o meu lindo quarto à noite, folheava o Livro do Crocodilo (que estava sempre lá, em cima de uma mesinha), e relembrava com coração agradecido que bênção era para mim ter um amigo como Steerforth, uma amiga como Peggotty e uma tia tão excelente e generosa substituindo tudo o que havia perdido.

Meu trajeto mais rápido para Yarmouth, ao voltar dessas longas caminhadas, era pela balsa. Ela atracava no baixio entre a cidade e o mar, que eu podia atravessar diretamente, e assim me poupar de um considerável circuito pela estrada. Como a casa do sr. Peggotty ficava naquele lugar desolado, a cem metros de meu caminho, eu sempre passava por ela. Era certo Steerforth estar por lá, me esperando, e seguíamos juntos no ar fresco e na névoa que se formava, na direção das luzes tremulantes da cidade.

Numa noite escura, quando demorei mais que o costume, porque, nesse dia, fizera minha visita de despedida a Blunderstone, uma vez que estávamos para voltar para casa, encontrei-o sozinho na casa do sr. Peggotty, sentado pensativamente diante da lareira. Estava tão concentrado em suas reflexões que nem se deu conta de minha aproximação. Não seria de estranhar, mesmo que estivesse menos absorto, porque os passos eram silenciosos na areia de fora, mas nem mesmo minha entrada chamou sua atenção. Parei bem perto, olhando para ele; e mesmo assim, com a testa carregada, ele permaneceu perdido em suas meditações.

Sobressaltou-se a tal ponto quando pus a mão em seu ombro, que também me assustei.

– Você chega – disse ele, quase raivoso – como se fosse um fantasma acusador!

– Tinha de chamar sua atenção de algum jeito – repliquei. – Fiz você

cair das nuvens?

– Não – ele respondeu. – Não.

– De onde então? – perguntei, sentando-me a seu lado.

– Estava olhando as figuras no fogo – ele respondeu.

– Mas está estragando as figuras para mim – eu disse enquanto ele mexia nas brasas depressa com uma acha de lenha acesa, produzindo uma nuvem de fagulhas vermelhas que subiram pela pequena chaminé, rugindo pelo ar.

– Você não teria visto nada – ele retorquiu. – Detesto essa hora indefinida, nem dia, nem noite. Como você demorou! Onde estava?

– Estava me despedindo do meu passeio de sempre – eu disse.

– E eu fiquei aqui sentado – disse Steerforth, olhando a sala em torno – pensando que todas as pessoas que encontramos tão contentes na noite em que chegamos podem, a julgar pelo ar abandonado do lugar agora, estar dispersas, ou mortas, ou sofrer sabe-se lá que prejuízos. David, quem me dera ter tido um pai sensato estes últimos vinte anos!

– Meu querido Steerforth, qual é o problema?

– Queria de todo o coração ter sido orientado! – ele exclamou. – Queria de todo o coração ter me orientado melhor!

Havia um exaltado desânimo em sua maneira que me deixou muito surpreso. Nunca pensei que pudesse ficar tão distante de si mesmo.

– Era melhor ser esse coitado desse Peggotty, ou esse moleque desse sobrinho – disse ele, levantando-se e se apoiando, introvertido, no aparador da lareira, o rosto voltado para o fogo –, do que ser eu mesmo, vinte vezes mais rico, vinte vezes mais inteligente, e ser o tormento para mim mesmo que estou sendo, neste maldito barco, durante esta última meia hora!

Fiquei tão confuso com a alteração dele que de início só consegui observá-lo em silêncio, parado com a cabeça apoiada na mão, olhando tristonhamente o fogo. Acabei pedindo, com toda a preocupação que eu sentia, que me contasse o que o deixara tão aflito, para que pudesse lhe dar apoio, se não fosse capaz de aconselhá-lo. Antes que eu conseguisse terminar de falar, ele começou a rir, irritado no começo, mas logo com a

alegria de volta.

– Ai, não é nada, Daisy! Nada! – replicou. – Eu lhe disse, no hotel em Londres, que às vezes sou má companhia para mim mesmo. Fui um pesadelo para mim mesmo, agora há pouco, devo ter tido um, acho. De vez em quando, sem razão, histórias da infância me voltam à memória, sem que eu identifique o que são. Acho que estava me identificando com o menino malvado que não ligava para as coisas e acabou servindo de comida aos leões, um jeito mais grandioso do que ser comido por cachorros, acho. O que as velhas chamam de horrores tem me invadido dos pés à cabeça. Ando com medo de mim mesmo.

– Acho que não tem medo de mais nada – eu disse.

– Talvez não, e no entanto devo ter o que temer, sim – ele respondeu. – Bom! Já passou! Não vou deixar que me pegue de novo, David, mas vou te dizer uma coisa, meu amigo, mais uma vez, teria sido bom para mim (e além de mim) ter tido um pai firme e sensato!

Seu rosto era sempre expressivo, mas nunca o vi expressar uma seriedade tão sombria como no momento em que disse essas palavras, o olhar voltado para o fogo.

– Já basta! – disse, fazendo o gesto de alguém que atira uma coisa leve no ar. "Tudo acabado, sou um homem outra vez", como Macbeth. E agora, jantar! Se não estraguei a festa (como Macbeth) com a mais admirável desordem, Daisy.

– Mas onde será que eles estão? – perguntei.

– Só Deus sabe – disse Steerforth. – Depois que fui à balsa esperar você, vim para cá e encontrei a casa deserta. Isso me fez pensar e você me encontrou pensando.

A chegada da sra. Gummidge com uma cesta explicou por que a casa ficara fazia. Ela havia saído depressa para comprar o que era necessário, antes que o sr. Peggotty voltasse com a maré, e deixara a porta aberta, para o caso de Ham e a pequena Em'ly, que saía cedo aquele dia, voltarem enquanto ela estava fora. Steerforth, depois de melhorar muito o humor da sra. Gummidge com uma alegre saudação e um abraço jocoso, pegou meu braço e me afastou depressa.

Ele havia melhorado de humor, não menos que a sra. Gummidge, pois estavam de novo no ritmo de sempre, ele cheio de conversas animadas.

– E então – Steerforth perguntou, alegre –, vamos abandonar esta vida de piratas amanhã, é?

– É o combinado – respondi. – E nossos lugares na diligência estão marcados, você sabe.

– É! Não tem jeito então – disse Steerforth. – Tinha quase esquecido que existe alguma coisa mais para se fazer no mundo além de sair flutuando no mar aqui. Queria que não existisse mais nada.

– Enquanto durar a novidade – eu disse, rindo.

– Pode ser – ele respondeu –, se bem que essa observação tem um sentido sarcástico demais para alguém tão inocente como meu jovem amigo. Bom! Acho que sou um sujeito caprichoso, David. Sei que sou, mas enquanto o ferro *está* quente, posso malhar com vigor. Acho que era capaz de passar num exame bem rigoroso como piloto nestas águas.

– O senhor Peggotty disse que você é um assombro – repliquei.

– Um fenômeno náutico, hein? – Steerforth riu.

– Ele disse mesmo, e você sabe que é verdade, sabendo o quanto você é ardente em tudo o que faz e com que facilidade domina as coisas. E isso é o que mais me assombra em você, Steerforth: que você se contente com o uso tão inquieto das suas capacidades.

– Me contentar? – ele respondeu, alegre. – Nunca me contento, a não ser com a sua candura, meu suave Daisy. Quanto à inquietação, nunca aprendi a arte de me prender a nenhuma das rodas em que se prendem os Íxions{15} de hoje em dia, girando e girando. Acho que aprendi mal e agora não aprendo mais. Sabe que comprei um barco aqui?

– Que sujeito incrível você é, Steerforth! – exclamei, imóvel, porque ainda não sabia daquilo. – Quando você talvez nunca mais volte para cá!

– Isso não sei – ele retorquiu. – Estou fascinado por este lugar. De qualquer forma – me empurrou com vivacidade –, comprei um barco que estava à venda, um clíper, como diz o senhor Peggotty, e ele é que vai cuidar do barco na minha ausência.

– Agora estou entendendo você, Steerforth! – eu disse, exultante. –

Você fingiu comprar o barco para você, mas na verdade queria era um benefício para ele. Eu devia ter entendido logo, conhecendo você. Meu querido e bondoso Steerforth, como posso dizer o que acho da sua generosidade?

– Calado! – ele respondeu, ficando vermelho. – Quanto menos se falar, melhor.

– Pois eu sabia – exclamei –, não disse que não existe alegria ou tristeza, ou qualquer emoção dos corações honestos que seja indiferente a você?

– É, é – ele respondeu –, você disse isso tudo. Agora basta. Já falamos bastante!

Temendo ofendê-lo se insistisse no assunto quando ele agia com tamanha leveza, só insisti mesmo em meus pensamentos enquanto caminhávamos a um passo ainda mais rápido que antes.

– O barco precisa de velas novas – disse Steerforth –, e vou deixar Littimer aqui para cuidar disso, para ele ficar bem completo. Contei que Littimer veio para cá?

– Não.

– Ah, veio! Chegou hoje de manhã, com uma carta de minha mãe.

Quando nossos olhares se encontraram, observei que ele estava pálido, até nos lábios, embora me olhasse com muita firmeza. Temi que alguma diferença entre ele e a mãe pudesse ter levado ao estado de espírito em que o encontrei solitário ao lado da lareira. Insinuei isso.

– Ah, não! – ele disse, sacudindo a cabeça e dando uma risada ligeira. – Nada disso! É. Ele veio, esse meu criado.

– Sempre o mesmo? – perguntei.

– Sempre o mesmo – disse Steerforth. – Distante e calado como o Polo Norte. Ele vai cuidar do novo nome do barco. Agora se chama Petrel Tormentoso. O que o senhor Peggotty tem a ver com pássaros das tormentas? Troquei o nome dele.

– Trocou para qual? – perguntei.

– Pequena Em'ly.

Como ele continuava a olhar com firmeza para mim, tomei aquilo por

um lembrete de que ele não gostava de ser elogiado por sua consideração. Não consegui impedir de demonstrar no rosto o quanto estava satisfeito, mas nada disse, e ele retomou seu sorriso de sempre, parecendo aliviado.

– Mas veja – disse ele, olhando à frente –, ali vem a pequena Emily original! E aquele sujeito com ela, hein? Juro, ele é um cavalheiro de verdade. Nunca sai do lado dela!

Nessa época, Ham era construtor de barcos, tendo desenvolvido sua natural habilidade nessa profissão, até se tornar um capacitado artesão. Estava com roupa de trabalho e parecia bem rústico, mas viril no geral, e um protetor muito adequado para a criaturinha florescente a seu lado. De fato, havia uma franqueza em seu rosto, uma honestidade e uma indisfarçável mostra de orgulho por ela, de amor por ela, que eram, para mim, a melhor das aparências. Achei, quando vinham em nossa direção, que os dois combinavam até nesse detalhe.

Ela tirou timidamente a mão do braço dele quando paramos para conversar e corou ao estendê-la para Steerforth e para mim. Quando seguiram, depois de trocarmos umas poucas palavras, ela não voltou a pegar o braço dele, e parecendo ainda tímida e constrangida, caminhou sozinha. Achei isso tudo muito bonito e interessante e Steerforth parecia concordar quando ficamos olhando os dois desaparecerem à luz da lua jovem.

De repente, passou por nós – com certeza seguindo os dois – uma moça cuja aproximação não havíamos notado, mas cujo rosto vi ao passar e achei relembrar vagamente. Usava roupas leves, parecia ousada, exausta, arrogante e pobre, mas ao mesmo tempo dava a impressão de ter abandonado isso tudo ao vento que soprava e não ter nada na cabeça além da determinação de seguir os dois. Quando o escuro ao longe, absorvendo a figura deles, era a única coisa visível entre nós e o mar e as nuvens, a figura dela desapareceu igualmente, ainda à mesma distância deles.

– Parece uma sombra negra perseguindo a moça – disse Steerforth, imóvel –, o que quer dizer isso?

Ele falou numa voz baixa que soou quase estranha para mim.

– Talvez tenha a intenção de mendigar alguma coisa com eles, acho – disse eu.

– Uma mendiga não seria novidade – disse Steerforth –, mas é muito estranho uma mendiga assumir essa forma esta noite.

– Por quê? – perguntei.

– Por nenhuma outra razão, sinceramente, além de eu estar pensando em alguma coisa assim quando ela apareceu – disse ele, depois de uma pausa. – Eu me pergunto de onde, diabos, ela saiu!

– Da sombra desse muro, acho – respondi quando demos numa rua sobre a qual se projetava um muro.

– Desapareceu! – ele retorquiu, olhando por cima do ombro. – E todo mal vai com ela. Agora, jantar!

Mas olhou para trás de novo, na direção do mar, cintilando ao longe; e ainda mais uma vez. E se inquietou a respeito, com observações esparsas, diversas vezes, no curto trajeto que faltava à nossa caminhada, e só pareceu esquecer o assunto quando a luz da lareira e das velas brilhava sobre nós, sentados, quentes e alegres, a uma mesa.

Littimer estava lá e teve o efeito de sempre sobre mim. Quando lhe disse que esperava que a sra. Steerforth e a srta. Dartle estivessem bem, ele respondeu respeitosamente (e, é claro, respeitavelmente) que estavam razoavelmente bem, agradecia, e que tinham mandado saudações. Isso foi tudo e, no entanto, ele parecia dizer com toda a simplicidade de que um homem é capaz: “O senhor é muito jovem, jovem demais”.

Tínhamos apenas acabado de jantar quando, dando um ou dois passos na direção da mesa, vindo do canto de onde nos vigiava, ou melhor, vigiava a mim, segundo eu sentia, ele disse a seu patrão:

– Com licença, senhor. A senhorita Mowcher está aqui.

– Quem? – Steerforth perguntou, muito perplexo.

– A senhorita Mowcher, sim, senhor.

– Ora, mas o que *ela* está fazendo aqui? – perguntou Steerforth.

– Parece que ela nasceu nesta parte do país. Ela me informou que está fazendo uma das visitas profissionais que faz aqui todo ano, meu senhor.

Encontrei com ela na rua hoje à tarde e ela gostaria de saber se poderá ter a honra de encontrar com o senhor depois do jantar.

– Conhece essa giganta em questão, Daisy? – Steerforth perguntou.

Me vi obrigado a confessar, envergonhado de estar assim em desvantagem perante Littimer, que a srta. Mowcher e eu éramos absolutamente desconhecidos um para o outro.

– Então vai conhecer essa que é uma das sete maravilhas do mundo – disse Steerforth. – Quando a senhorita Mowcher chegar, mande entrar.

Senti certa curiosidade e animação por essa dama, sobretudo porque Steerforth caiu na risada quando me referi a ela e se recusou categoricamente a responder qualquer pergunta que eu fizesse a respeito dela. Fiquei, portanto, num estado de considerável expectativa até que a cortina se erguesse uma meia hora depois, quando estávamos sentados com nossa garrafa de vinho diante do fogo, a porta se abriu e Littimer, como sua costumeira serenidade imperturbada, anunciou:

– A senhorita Mowcher!

Olhei a porta e não vi nada. Estava ainda olhando a porta, pensando que a srta. Mowcher demorava demais para aparecer, quando, para minha infinita surpresa, veio bamboleando até o sofá que ficava entre mim e a entrada uma anã asmática de uns quarenta, quarenta e cinco anos, com cabeça e rosto muito grandes, dois olhos cinzentos dissimulados e braços tão extremamente pequenos que, para conseguir encostar um dedo curvo no nariz arrebitado enquanto olhava, maliciosa, para Steerforth, foi obrigada a encontrar o dedo no meio do caminho e encostar nele o nariz. O queixo, que era o que se chama de duplo queixo, era tão gordo que engolia totalmente os cordões do chapéu, com laço e tudo. Pescoço, ela não tinha; cintura, ela não tinha; pernas não tinha que valesse a pena mencionar; e embora fosse de tamanho normal até onde a cintura deveria estar, se a tivesse, e embora terminasse, como os seres humanos em geral terminam, em um par de pés, era tão baixa que diante de uma cadeira de altura comum era como se estivesse ao lado de uma mesa, deixando a bolsa que levava sobre o assento. Essa dama, vestida de um jeito despretensioso e tranquilo, aproximando o nariz do dedo com a dificuldade que descrevi, parada com a cabeça necessariamente inclinada

para um lado e um dos olhos firmes fechado, fazendo uma careta excepcionalmente esperta, depois de observar Steerforth durante alguns momentos, irrompeu numa torrente de palavras.

– O quê! Minha flor! – começou, agradável, sacudindo a cabeça grande para ele. – Aí está você, não está? Ah, seu moleque, que vergonha, o que está fazendo tão longe de casa? Aprontando alguma coisa, tenho certeza. Ah, você é um malandro, Steerforth, é sim, e eu sou outra, não sou? Rá-rá-rá! Você era capaz de apostar cem libras contra cinco, hein, que nunca ia me ver aqui, não era? Imagine, rapaz, eu estou em toda parte. Aqui e ali, e onde mais, como uma moeda de mágico dentro do lenço da moça. E por falar em lenços, *e* em moças, que consolo você é para a sua abençoada mãe, não é, meu querido menino, e este olho aqui é irmão deste!

Nessa passagem do discurso, a srta. Mowcher desamarrou o chapéu, jogou os cordões para trás e sentou-se, ofegante, num banquinho diante da lareira, a mesa como uma espécie de cobertura de mogno acima de sua cabeça.

– Ah, minhas estrelas e sei lá o que mais! – ela continuou, batendo uma mão em cada joelhinho, olhando, atilada, para mim. – Ando muito acomodada, com certeza, Steerforth. Um lance de escada já me dá tanta dificuldade para puxar o ar, como se fosse puxar um balde de água. Se você me visse olhando por uma janela no alto, ia pensar que sou uma mulher bonita, não ia?

– Penso isso cada vez que te vejo – Steerforth respondeu.

– Fora daqui, cachorro, fora – gritou a criaturinha, batendo nele com o lenço que usava para enxugar o rosto –, não seja tão sem-vergonha! Mas dou minha palavra de honra que estive na casa de Lady Mithers semana passada... *que* mulher! Como *ela* se veste! E o próprio Mithers entrou na sala onde eu esperava por ela... *que* homem! Como *ele* se veste! E a peruca também, que ele usa há dez anos. E ele entrou naquela linha de elogios que achei que seria obrigada a tocar a campainha. Rá-rá-rá! É um sujeito simpático, mas não tem princípios.

– O que você estava fazendo na casa de Lady Mithers? – Steerforth perguntou.

– Isso já seria intriga, meu abençoado – ela retorquiu, batendo no nariz outra vez, franzindo o rosto e piscando o olho como um duende de inteligência sobrenatural. – Não interessa! Você ia gostar de saber se eu não deixo o cabelo dela cair, ou se tinjo para ela, ou se retoco sua pele ou melhoro a sobrancelha, não ia? Pois vai saber quando eu contar, meu querido! Sabe como era o nome de meu bisavô?

– Não – respondeu Steerforth.

– Era Walker, meu benzinho – replicou a srta. Mowcher – e vinha de uma longa linhagem de Walker, de quem herdei a capacidade de desconfiar.

Nunca tinha visto nada semelhante à piscada da srta. Mowcher, a não ser a segurança da srta. Mowcher. Ao ouvir o que diziam a ela, ou quando esperava uma resposta a algo que havia dito, tinha um jeito maravilhoso de inclinar a cabeça para um lado, um olho voltado para cima como o de uma gralha. No geral, eu estava perdido de perplexidade e olhava fixamente para ela, ignorando por completo, creio, as leis das boas maneiras.

A essa altura, ela havia puxado a cadeira para mais perto e estava ocupada em procurar na bolsa (com o braço enfiado nela até o ombro) uma quantidade de pequenos frascos, esponjas, pentes, escovas, pedaços de flanela, pequenos pares de ferro de encrespar e outros instrumentos, que empilhou sobre a cadeira. Ela de repente desistiu dessa atividade e perguntou a Steerforth, para minha grande confusão:

– Quem é o seu amigo?

– O senhor Copperfield – disse Steerforth –, que quer conhecer você.

– Pois vai conhecer! Achei que parecia que queria mesmo! – replicou a srta. Mowcher, gingando até mim com a bolsa na mão e sorrindo ao se aproximar. – O rosto parece um pêssego! – disse, na ponta dos pés para beliscar minha face, sentado na frente dela. – Que tentação! Adoro pêssegos. É um prazer conhecê-lo, senhor Copperfield, com toda a certeza.

Eu disse que para mim era uma felicidade ter a honra de conhecê-la e que o sentimento era mútuo.

– Ah, meu Deus, como ele é educado! – exclamou a srta. Mowcher, fazendo uma ridícula tentativa de cobrir o rosto grande com a mão pequena. – Mas que mundinho doméstico, não é?

Isso foi dirigido confidencialmente a nós dois, quando a mãozinha se afastou do rosto e de novo mergulhou, com braço e tudo, dentro da bolsa.

– O que quer dizer, senhorita Mowcher? – perguntou Steerforth.

– Rá-rá-rá! Que bando de impostores deliciosos nós somos, com toda a certeza, não somos, meu filho? – replicou aquele bocadinho de mulher, procurando na bolsa, com a cabeça de lado e o olho no ar. – Olhe aqui! – disse, pegando alguma coisa. – Unhas cortadas do príncipe russo Alfabeto! Príncipe Alfabeto embaralhado, chamo eu, porque o nome dele tem todas as letras misturadas.

– O príncipe russo é seu cliente, é? – Steerforth perguntou.

– Acredito que sim, meu anjo – replicou a srta. Mowcher. – Cuido das unhas dele. Duas vezes por semana! Das mãos *e* dos pés!

– Ele deve pagar bem – disse Steerforth.

– Paga como fala, meu filho: pelo nariz – replicou a srta. Mowcher. – O príncipe não é nada como vocês, bem barbeados. Vocês saberiam se vissem seus bigodes. Vermelhos por natureza, pretos por artifício.

– Seu artifício, claro – disse Steerforth.

A srta. Mowcher piscou, assentindo.

– Forçado a mandar me buscar. Não podia evitar. O clima afetou a tintura dele. Funcionava muito bem na Rússia, não deu certo aqui. Nunca vi um príncipe tão enferrujado como ele na minha vida. Parece ferro velho!

– Por isso é que você chamou o homem de impostor, agora há pouco? – perguntou Steerforth.

– Ah, como você é espertinho, não é? – retorquiu a srta. Mowcher, sacudindo violentamente a cabeça. – Eu disse que bando de impostores nós todos somos, no geral, e mostrei as unhas cortadas do príncipe para provar isso. Para as famílias aristocráticas, as unhas do príncipe fazem mais por mim que todos os meus talentos juntos. Levo as unhas sempre comigo. São meu melhor cartão de visitas. Se a senhorita Mowcher corta

as unhas do príncipe, *deve* ser boa. Dou as unhas para as mocinhas. Elas guardam nos álbuns, acho. Rá-rá-rá! Juro por Deus, "todo o sistema social" (como chamam os homens quando fazem discursos no Parlamento) é um sistema de unhas de príncipe! – disse aquele mínimo de mulher, tentando cruzar os braços curtos e sacudindo a cabeça grande.

Steerforth riu com gosto e eu ri também. A srta. Mowcher continuava sacudindo a cabeça (que era bem torta para um lado) e a olhar com um olho para o ar, piscando com o outro.

– Bom, bom – disse ela sorrindo, batendo nos joelhinhos e se pondo de pé –, isto não é bom negócio! Vamos lá, Steerforth, vamos explorar as regiões polares e acabar com o assunto.

Ela então escolheu dois ou três pequenos instrumentos e um pequeno frasco, e perguntou (para minha surpresa) se a mesa ia aguentar. Como Steerforth respondeu com uma afirmativa, ela empurrou a cadeira e, pedindo a ajuda de minha mão, subiu nela, bem ágil, e dela para cima da mesa, como se fosse um palco.

– Se algum de vocês enxergar meu tornozelo – disse ela, quando estava no alto em segurança –, pode dizer, que vou para casa e me mato.

– *Eu* não vi nada – disse Steerforth.

– *Eu* não vi – disse eu.

– Então – exclamou a srta. Mowcher –, concordo em continuar viva. Agora venha, meu franguinho, e se prepare para o sacrifício!

Era uma invocação para Steerforth se colocar em suas mãos e ele obedeceu, sentou-se, de costas para a mesa, com o rosto sorridente voltado para mim, e submeteu sua cabeça à inspeção, evidentemente sem nenhum outro propósito além de nosso divertimento. Ver a srta. Mowcher parada acima dele, olhando a rica profusão de seus cabelos castanhos através de uma grande lupa que tirou do bolso, era um espetáculo incrível.

– Você *é* um sujeito bonito! – disse a srta. Mowcher depois de um breve exame. – Vai ficar mais careca que um frade aqui no alto da cabeça, dentro de doze meses, se eu deixar. Só um minutinho, meu

amiguinho, e vamos dar um polimento que vai conservar os seus cachos pelos próximos dez anos!

Com isso ela verteu parte do conteúdo do pequeno frasco em um dos pedacinhos de flanela e, derramando um pouco das virtudes daquele preparado em uma das pequenas escovas, começou a esfregar e raspar com os dois o alto da cabeça de Steerforth do jeito mais empenhado que já vi, falando todo o tempo.

– Sabe o Charley Pyegrave, filho do duque? – ela perguntou. – Conhece o Charley? – E curvou-se para olhar o rosto dele.

– Um pouco – disse Steerforth.

– Que homem! Que costeletas! Quanto às pernas, se Charley tivesse um par (coisa que não tem), não haveria iguais. Você acredita que ele tentou ficar sem mim, no quartel da Guarda?

– Loucura! – disse Steerforth.

– Parece mesmo. Mas loucura ou não, ele tentou – prosseguiu a srta. Mowcher. – E o que ele faz então, veja você, ele pega e entra numa perfumaria e pede um frasco de Líquido de Madagascar.

– O Charley fez isso? – perguntou Steerforth.

– O Charley fez. Mas não tinham Líquido de Madagascar.

– O que é isso? É de beber? – Steerforth perguntou.

– De beber? – respondeu a srta. Mowcher, parando para lhe dar um tapa no rosto. – Para cuidar sozinho dos bigodes, sabe? Tinha uma mulher na loja, uma velha, um monstro e tanto, que nunca nem tinha ouvido falar o nome. "O senhor desculpe", a monstra disse para o Charley, "não será... não será... RUGE, não?" "Ruge", disse o Charley. "Que (palavra não mencionável para ouvidos decentes) a senhora acha que vou fazer com maquiagem?" "Não quis ofender, não, senhor", disse a monstra, "pedem ruge com tantos nomes diferentes que achei que podia ser." Isso agora, meu filho – continuou a srta. Mowcher esfregando o tempo todo, muito ocupada –, é outro exemplo, dos deliciosos impostores de que estava falando. Eu mesma também faço um pouco assim, talvez muito, talvez pouco, a palavra exata, meu queridinho, não interessa!

– Como assim? Com essa história do ruge? – Steerforth perguntou.

– Junte uma coisa e outra, querido pupilo – respondeu a cautelosa Mowcher, tocando o nariz –, use sempre a regra dos segredos em todas as atividades e o produto dará o resultado desejado. Eu própria funciono um pouco assim. Uma dama chama de bálsamo labial. Outra, chama de luvas. Outra chama de gola de renda. Uma outra, de leque. *Eu* chamo do que *elas* chamam. Forneço o ruge para ela, mas escondemos o truque umas das outras e fingimos com tamanho descaramento que elas logo usam o ruge na frente de uma sala cheia, como usam na minha frente. E quando estou cuidando delas, às vezes me dizem, *com o ruge no rosto*, grosso, sem nenhuma dúvida: "Como eu estou, Mowcher? Estou pálida?" Rá-rá-rá! Não *é* uma delícia, meu amiguinho?

Nunca na vida eu tinha visto nada como a Mowcher em pé em cima da mesa de jantar, se divertindo intensamente, esfregando empenhada a cabeça de Steerforth e piscando para mim por cima dele.

– Ah! – disse ela. – Essas coisas não têm muita demanda por aqui. Por isso já vou embora! Não vi nenhuma mulher bonita desde que cheguei aqui, rapaz.

– Não? – Steerforth perguntou.

– Nem sombra – replicou a srta. Mowcher.

– Mostramos para ela uma em carne e osso, você acha? – Steerforth perguntou, olhando para mim. – Hein, Daisy?

– Claro – respondi.

– Ahn? – exclamou a pequena criatura, olhando firme para mim e curvando-se para olhar para Steerforth. – Humpf?

A primeira interjeição soou como uma pergunta para nós dois e a segunda como uma pergunta feita apenas a Steerforth. Como não encontrou resposta para nenhuma das duas, continuou a esfregar, com a cabeça de lado e o olho para cima, como se procurasse uma resposta no ar e confiasse que fosse aparecer.

– Uma irmã sua, senhor Copperfield? – ela perguntou depois de uma pausa, ainda com a mesma cara. – Hein, hein?

– Não – disse Steerforth, antes que eu pudesse responder. – Nada disso. Ao contrário, o senhor Copperfield tinha, ou posso estar muito

enganado, uma grande admiração por ela.

– E agora não tem mais? – retomou a srta. Mowcher. – Ele é volúvel? Ah, que vergonha! Daqueles que vão de flor em flor, mudam de hora em hora, até Polly ceder à sua paixão? O nome dela é Polly?{16}

Tão repentina foi a pergunta que a peste lançou a mim, com um olhar investigativo, que me desconcertou por um momento.

– Não, senhorita Mowcher – respondi. – O nome dela é Emily.

– Ahn? – ela exclamou, exatamente como antes. – Humpf? Que matraca que eu sou! Senhor Copperfield, não sou um azougue?

Seu tom e expressão insinuavam alguma coisa que não me era agradável em relação ao assunto. Então eu disse, com um tom sério que nenhum de nós havia ainda assumido:

– Ela é tão virtuosa quanto bonita. Está noiva para casar com um homem de muito valor e dignidade, de sua própria classe. Estimo Emily por seu bom senso tanto quanto admiro a sua beleza.

– Muito bem dito! – exclamou Steerforth. – Claro, claro, claro! Agora, vou satisfazer a curiosidade desta pequena Fátima, meu querido Daisy, para que não fique nada para ela adivinhar. Atualmente, senhorita Mowcher, ela é aprendiz, ou contratada, ou seja lá o que for, da Omer e Joram, Armarinho, Chapeleiros etc., nesta cidade. O compromisso de que meu amigo falou é entre ela e o primo dela; nome de batismo, Ham, sobrenome, Peggotty; profissão: construtor de barcos; também desta cidade. Ela mora com um parente; nome de batismo desconhecido; sobrenome, Peggotty; profissão, pescador; também desta cidade. É a fadinha mais linda e atraente deste mundo. Tenho por ela, assim como meu amigo, uma extrema admiração. Se não fosse menosprezar o pretendente, coisa que sei que meu amigo não vai gostar, acrescentaria que para *mim* ela parece estar se desperdiçando; que tenho certeza de que ela podia se dar melhor; e juro que nasceu para ser uma dama.

A srta. Mowcher ouviu essas palavras que foram pronunciadas devagar e bem distintamente, com a cabeça de lado e o olho no ar, como se ainda procurasse essa resposta. Quando ele se calou, ela ficou imediatamente acesa de novo e matraqueou com surpreendente fluência.

– Ah! E isso é tudo, é? – exclamou, aparando suas costeletas com uma pequena tesoura inquieta, que cintilava para todo lado em torno da cabeça dele. – Muito bem, *muito* bem! Uma longa história. Devia terminar com "e viveram felizes para sempre", não devia? Ah! Como é mesmo aquele jogo de prendas? Meu amor eu amo com E porque é um Encanto; odeio com E porque está Envolvida. Acho que é Especial e propus uma Escapada, o nome dela é Emily, e ela mora no Este? Rá-rá-rá! Senhor Copperfield, eu não sou esperta?

Olhando para mim com sua extravagante malícia apenas e sem esperar resposta, ela continuou, sem respirar:

– Pronto! Se existe um canalha tratado e penteado com perfeição, é você, Steerforth. Se existe no mundo uma cabeça que entendo bem é a sua. Está me ouvindo quando digo isso, querido? Entendo a sua cabeça – disse, espiando o rosto dele. – Agora pode sumir, rapaz, como dizemos na corte, e se o senhor Copperfield quiser tomar seu lugar, eu trato dele.

– Que tal, Daisy? – Steerforth perguntou, rindo, oferecendo a cadeira. – Quer um tratamento?

– Obrigado, senhorita Mowcher, hoje não.

– Não diga não – replicou a mulherzinha, me olhando com ar de especialista –, um pouco mais de sobrancelha?

– Obrigado – respondi –, outro dia.

– Aumentar um pouquinho para o lado das têmporas –disse a srta. Mowcher. – A gente faz num minuto.

– Não, obrigado. Agora não.

– Não quer fazer um cachinho? – ela insistiu. – Não? Vamos dar uma melhorada então nessas costeletas. Venha!

Não consegui deixar de corar ao recusar, porque senti que agora estávamos tocando meu ponto fraco. Vendo que eu não estava disposto a nenhuma decoração no âmbito de sua arte e que, no momento, eu era imune à sedução do frasquinho que ela segurava diante do olho para reforçar sua persuasão, a srta. Mowcher disse que logo íamos nos encontrar de novo e pediu que a ajudasse a descer de seu posto elevado. Assim auxiliada, ela desceu com muita agilidade e começou a prender o

queixo duplo com os cordões do chapéu.

– E quanto eu...– disse Steerforth.

– Cinco xelins – replicou a srta. Mowcher –, e é uma pechincha, meu galinho. Eu não sou um azougue, senhor Copperfield?

Respondi educadamente:

– Nem um pouco. – Mas achei que era, sim, quando atirou no ar as duas meias-coroas que ele lhe deu, como um prestidigitador, pegou-as e jogou no bolso no qual deu um sonoro tapa.

– É o caixa! – observou a srta. Mowcher, em cima da cadeira de novo, recolocando na bolsa a miscelânea de pequenos objetos que havia tirado dali. – Está tudo aqui? Parece que sim. Não é bom ser igual Long Ned Beadwood, que levaram à igreja para ele "casar com alguém" e deixaram a noiva para trás. Rá-rá-rá! Uma peste o Ned, mas divertido! Agora, sei que vou deixar os dois de coração partido, mas tenho de ir embora. Vocês vão ter de ser fortes e suportar. Até logo, senhor Copperfield! Você se cuide, Jockey de Norfolk![17] Que matraca que eu sou! Culpa de vocês dois, infelizes. Eu perdoo vocês! "Bom suar!", como disse o inglês em lugar do "boa-noite", quando aprendeu francês. "Bom suar", meus patinhos!

Com a bolsa no braço, e chacoalhando conforme se afastava com passos de pato, ela saiu pela porta, onde parou para perguntar se devia deixar para nós uma mecha de cabelo.

– Eu não sou um azougue? – acrescentou como comentário ao oferecimento e, com o dedo na ponta do nariz, foi embora.

Steerforth riu de um jeito que me foi impossível não rir com ele, embora eu não tenha certeza de que daria risada se não fosse induzido por ele. Quando esgotamos nosso riso, o que aconteceu um bom tempo depois, ele me disse que a srta. Mowcher era muito relacionada e fazia-se útil a uma variedade de pessoas de muitas variadas maneiras. Algumas pessoas a tratavam apenas como uma mera excêntrica, disse ele; mas era uma observadora tão aguda e inteligente como ele nunca tinha visto, e o alcance de sua inteligência era bem mais longo que seus braços. Ele me disse que o que ela havia contado sobre estar aqui, ali e em toda parte era bem verdade; pois ela fazia pequenas excursões às províncias e parecia

arrumar clientes em toda parte e conhecer todo mundo. Perguntei qual era a natureza dela: se não seria dissimulada e se suas afinidades estavam sempre do lado certo, mas não consegui atrair sua atenção para essas perguntas, e depois de duas ou três tentativas, não quis ou me esqueci de repeti-las. Em vez de resposta, ele me contou, rapidamente, muita coisa a respeito das habilidades e ganhos dela, e que era hábil em realizar sangrias, se algum dia eu precisasse de seus serviços nesse departamento.

Ela foi o tema principal de nossa conversa essa noite; e quando nos despedimos para dormir, Steerforth me chamou pela balaustrada e disse "Bom suar!" quando eu estava descendo.

Quando cheguei à casa do sr. Barkis, fiquei surpreso ao encontrar Ham andando de um lado para outro diante da casa, e ainda mais surpreso ao saber que a pequena Em'ly estava lá dentro. Naturalmente, perguntei por que ele não estava lá dentro também, em vez de ficar andando sozinho na rua.

– Ora, porque, sabe, seu Davy – ele continuou, hesitante –, Em'ly está conversando com alguém lá dentro.

– Acho que isso – disse eu, sorrindo – seria uma razão para você estar lá dentro também, Ham.

– Bom, seu Davy, no geral, era mesmo – replicou –, mas, sabe, seu Davy – ele baixou a voz e falou muito sério: – É uma moça... uma moça que a Em'ly conhecia e que agora não conhece mais.

Quando ouvi essas palavras, uma luz começou a iluminar a figura que os havia seguido, horas antes.

– É uma coitada – disse Ham – que todo mundo na cidade pisou em cima. Pra todo lado. Nem no cemitério da igreja tem alguém que espante mais o povo.

– Você viu que ela estava seguindo vocês, Ham, pela areia, depois que nos encontramos?

– Vigiando a gente? – Ham perguntou. – Parece que o senhor viu, seu Davy. Não que eu sabia que ela tava lá, não, senhor, mas logo depois ela apareceu debaixo da janelinha da Em'ly, quando viu a luz acender,

cochichou: “Em’ly, Em’ly, pelo amor de Deus, tenha um coração de mulher comigo. Eu já fui igual você!”. Coisa muito solene, seu Davy, tinha de ouvir.

– É verdade, Ham. O que a Em’ly fez?

– Ela falou: “Martha, é você? Ah, Martha, será que é você?”, porque as duas trabalharam juntas muito tempo, no seu Omer.

– Agora me lembro dela! – exclamei, lembrando das duas moças que tinha visto lá da primeira vez. – Me lembro bem dela!

– Martha Endell – disse Ham. – Dois ou três anos mais velha que a Em’ly, mas era da escola dela.

– Nunca soube o nome dela – eu disse. – Desculpe interromper você.

– A história, seu Davy – Ham replicou –, tá inteira nas palavras dela: “Em’ly, Em’ly, pelo amor de Deus, tenha um coração de mulher comigo. Eu já fui igual você!”. Ela queria falar com a Em’ly. Em’ly não podia falar com ela lá, porque o tio tava em casa e ele não ia gostar... não, seu Davy – disse Ham, muito sério –, ele não ia aguentar, bom, generoso como ele é, ver as duas lado a lado, nem por todos tesouro do fundo do mar.

Senti que aquilo era muito verdadeiro. Entendi de imediato, quase tão bem como Ham.

– Então a Em’ly escreveu com o lápis num pedaço de papel – ele continuou – e deu pra ela pela janela. “Leve isto aqui”, ela falou, “para minha tia, a sra. Barkis, que ela vai acomodar você na frente da lareira, por amor a mim, até meu tio sair e eu poder ir lá.” Ela acabou me falando isso que estou contando, seu Davy, e pediu pra eu trazer a moça aqui. O que eu posso fazer? Ela não devia conhecer gente assim, mas não consigo negar quando ela tá com lágrima no rosto.

Ele pôs a mão no bolso do peito do paletó surrado e tirou com muito cuidado uma linda bolsinha.

– E se eu conseguisse negar pra ela quando tá com lágrimas no rosto, seu Davy – disse Ham, ajeitando ternamente a bolsinha na palma áspera da mão –, como podia negar quando ela me pede pra levar isso daqui pra ela, sabendo por que foi que ela trouxe? Um brinquedinho desses! – disse Ham, olhando pensativamente para a bolsa. – Com tão pouquinho

dinheiro dentro, a minha querida Em'ly!

Apertei calorosamente sua mão, quando ele guardou a bolsinha, porque isso era mais satisfatório para mim do que dizer qualquer coisa, e caminhamos de um lado para outro durante um ou dois minutos, em silêncio. A porta então se abriu e Peggotty apareceu, chamando Ham para entrar. Eu teria ficado fora, mas ela veio atrás de mim, insistindo que eu entrasse também. Mesmo assim, eu teria evitado o local onde eles todos estavam, não fosse a cozinha lindamente ladrilhada que mencionei mais de uma vez. A porta se abriu direto para a cozinha, e me vi entre eles antes mesmo de pensar para onde estava indo.

A moça – a mesma que eu tinha visto na areia – estava junto ao fogo. Sentada no chão, com a cabeça e um braço apoiados numa cadeira. Achei, pela posição de seu corpo, que Em'ly devia ter acabado de se levantar da cadeira e que a cabeça tristonha talvez estivesse apoiada em seu colo. Eu só via uma pequena parte do rosto da moça, sobre o qual caía seu cabelo solto, espalhado, como se ela o tivesse despenteado com as próprias mãos. Mas notei que era jovem, clara. Peggotty estivera chorando. Assim como a pequena Em'ly. Ninguém disse uma palavra quando entramos; e no silêncio o relógio holandês do aparador parecia bater duas vezes mais forte.

Em'ly falou primeiro.

– Martha quer ir para Londres – ela disse a Ham.

– Por que pra Londres? – Ham perguntou.

Ele estava entre as duas, olhando a moça prostrada com uma mistura de compaixão e ciúmes por ela gozar da companhia de alguém que ele tanto amava, coisa de que sempre me lembrei com clareza. Os dois falavam como se ela estivesse doente, num tom baixo, suave, que era plenamente ouvido, embora fosse pouco mais que um sussurro.

– Melhor lá que aqui – disse uma terceira voz, alto: a de Martha, embora ela não tivesse se mexido. – Ninguém me conhece lá. Todo mundo me conhece aqui.

– O que ela vai fazer lá? – Ham perguntou.

Ela ergueu a cabeça e olhou sombriamente para ele durante um

momento. Depois, baixou a cabeça outra vez e dobrou o braço direito sobre o pescoço, como se retorceria uma mulher com febre, ou numa agonia de dor por um tiro.

– Vai tentar se ajeitar – disse a pequena Em'ly – vocês não sabem o que ela nos contou. Não é, tia?

Peggotty sacudiu a cabeça, cheia de compaixão.

– Vou tentar – disse Martha –, se me ajudarem a ir embora. Não pode dar mais errado que aqui. Posso melhorar. Ah – teve um terrível estremecimento –, me tirem destas ruas onde a cidade inteira me conhece desde que eu era menina!

Em'ly estendeu a mão para Ham e vi que ele lhe entregava uma pequena bolsa de lona. Ela a pegou, como se pensasse que era a sua bolsa, deu um ou dois passos, percebeu seu engano, voltou para onde ele estava e mostrou a bolsa a ele.

– É tudo seu, Em'ly – ouvi ele dizer. – Não tenho nada no mundo que não seja seu, meu bem. Isso aí não me dá prazer nenhum, só você!

As lágrimas voltaram a surgir em seus olhos, mas ela virou o rosto e foi até Martha. O que deu a ela, eu não sei. Vi que se curvava sobre ela e colocava o dinheiro em seu seio. Sussurrou alguma coisa, perguntou se era o suficiente.

– Mais que suficiente – disse a outra, e beijou a mão dela.

Então Martha se levantou, enrolou-se no xale, cobriu o rosto com ele e, chorando alto, saiu lentamente. Parou um momento antes de sair, como se fosse dizer alguma coisa ou voltar, mas nenhuma palavra saiu de seus lábios. Com o mesmo gemido baixo, triste, dolorido, abafado pelo xale, foi embora.

Quando a porta se fechou, Em'ly olhou depressa para nós três, depois escondeu o rosto nas mãos e caiu em pranto.

– Não chore, Em'ly! – disse Ham, acariciando de leve seu ombro. – Não, meu bem! Não chore assim, não, linda!

– Ah, Ham! – ela exclamou, ainda chorando dolorosamente. – Não sou a boa moça que devia ser! Sei que não tenho o coração agradecido que devia ter às vezes!

– Tem sim, tem, sim, com certeza – disse Ham.

– Não! não! não! – a pequena Em'ly exclamou, soluçando, sacudindo a cabeça. – Não sou a boa moça que devia ser. Nem de longe! Nem de longe!

E chorou ainda, como se seu coração fosse explodir.

– Abuso do seu amor. Sei que abuso! – ela soluçou. – Contrario você, sou instável, quando devia ser muito diferente. Você nunca é assim comigo. Por que eu sou assim com você, quando não devia pensar em mais nada além de ser agradecida e deixar você feliz!

– Você sempre me deixa feliz, meu bem! – disse Ham. – Sou feliz só de olhar pra você. Sou feliz o dia inteiro, pensando em você.

– Ah, isso não basta! – ela exclamou. – É porque você é bom, não porque eu seja boa! Ah, meu querido, seria uma sorte para você se gostasse de outra pessoa, alguém mais firme e mais digna que eu, que se entregasse totalmente a você, nunca vaidosa e instável como eu!

– Coitadinho desse coração mole – disse Ham, em voz baixa. – A Martha perturbou muito ela.

– Por favor, tia – soluçou Em'ly –, venha aqui e me deixe deitar no seu ombro. Ah, estou tão arrasada esta noite, tia! Ah, não chego nem perto da boa moça que devia ser. Não sou, sei que não!

Peggotty havia corrido para a cadeira junto à lareira. Com os braços em torno de seu pescoço, Em'ly ajoelhou-se a seu lado, olhando intensamente para seu rosto.

– Ah, por favor, tia, me ajude! Ham, meu bem, me ajude! Seu Davy, pelos velhos tempos, por favor, me ajude! Quero ser uma moça melhor do que sou. Quero ser cem vezes mais agradecida. Quero sentir mais a bênção que é casar com um bom homem e levar uma vida tranquila. Ai! Ai! Ah, meu coração, meu coração!

Ela pousou o rosto no peito de minha antiga babá e, interrompendo essa súplica, que em sua agonia e tristeza era meio de mulher, meio de criança, assim como toda a sua maneira (sendo nisso mais natural e adequada à sua beleza, pensava eu, do que qualquer outra maneira), chorou em silêncio, enquanto minha antiga babá a ninava como uma

criança.

Ela se acalmou aos poucos e então a consolamos; ora encorajando, ora brincando um pouco com ela, até que ergueu a cabeça e falou conosco. Então continuamos até ela ser capaz de sorrir, depois rir, depois endireitar o corpo, um pouco envergonhada, enquanto Peggotty arranjava seus cachos, enxugava seus olhos e a deixava arrumada de novo, para o tio não perguntar, quando chegasse em casa, por que sua querida andara chorando.

Nessa noite, eu a vi fazer o que nunca tinha visto antes. Eu a vi beijar inocentemente no rosto seu futuro marido e se encostar no corpo forte dele como se fosse seu melhor apoio. Quando eles saíram juntos, no luar tênue, e fiquei olhando se afastarem, comparei mentalmente a partida deles com a de Martha, e vi que ela segurava o braço dele com ambas as mãos, sempre colada a Ham.

XXIII

Corroboro o sr. Dick e escolho uma profissão

Quando acordei na manhã seguinte, pensei muito na pequena Em'ly e na sua emoção da noite anterior, depois que Martha foi embora. Senti que havia tomado conhecimento daquelas fraquezas e ternuras domésticas em sagrada confiança, e que revelá-las, mesmo para Steerforth, seria errado. Por ninguém tinha um sentimento mais terno do que pela linda criatura que fora minha companheira de brincadeiras e que, sempre acreditei, e sempre acreditarei, até o dia de minha morte, que eu amava com devoção. Revelar a qualquer pessoa, mesmo a Steerforth, o que ela havia sido incapaz de reprimir quando seu coração se abriu a mim por acidente, senti que seria uma grosseria, indigna de mim mesmo, indigna à luz de nossa infância pura, que sempre vi circundando sua cabeça. Tomei, portanto, a resolução de guardar aquilo em meu peito; e aquilo deu à imagem dela um novo encanto para mim.

Enquanto estávamos tomando o desjejum, chegou uma carta de minha tia para mim. Como continha um assunto sobre o qual achava que Steerforth poderia me aconselhar melhor que ninguém, e sobre o qual adoraria consultá-lo, resolvi guardar o assunto para discutir em nossa viagem de volta. No momento, tínhamos já muita coisa a fazer para nos despedir de todos os nossos amigos. O sr. Barkis estava longe de ser o último entre eles a lamentar nossa partida e acredito até que teria aberto a caixa outra vez e sacrificado mais um guinéu se nos conservasse mais quarenta e oito horas em Yarmouth. Peggotty e toda a sua família estavam cheios de tristeza por nossa partida. Toda a casa de Omer e Joram apareceu para se despedir de nós, e havia tantos pescadores voluntários atendendo a Steerforth quando nossas valises foram para a diligência que, se tivéssemos a bagagem de um regimento conosco, dificilmente nos faltariam carregadores para ela. Em uma palavra, partimos para lamento e admiração de todos os envolvidos e deixamos

muita gente triste.

– Vai ficar muito tempo aqui, Littimer? – perguntei eu, quando ele estava esperando a diligência partir.

– Não, senhor – replicou –, provavelmente não muito.

– Ele não sabe dizer agora – observou Steerforth, com displicência. – Ele sabe o que tem de fazer e vai fazer.

– Disso tenho certeza – disse eu.

Littimer tocou o chapéu em reconhecimento à minha boa opinião e me senti com oito anos de idade. Tocou o chapéu outra vez nos desejando boa viagem e o deixamos plantado na calçada, um mistério tão respeitável como qualquer pirâmide no Egito.

Durante algum tempo, não conversamos, Steerforth excepcionalmente silencioso e eu envolvido o bastante em me perguntar quando veria de novo os velhos lugares e que mudanças teriam ocorrido em mim ou neles no intervalo. Por fim, Steerforth ficou alegre e falante de repente, como se fosse capaz de se transformar em qualquer coisa que quisesse a qualquer momento, e me puxou pelo braço:

– Fale alguma coisa, David. O que era aquela carta de que você falou no café da manhã?

– Ah! – respondi, tocando o bolso. – É de minha tia.

– E o que ela diz que exija consideração?

– Ora, ela me lembra, Steerforth – disse eu –, que vim nesta expedição para observar à minha volta e pensar um pouco.

– Coisa que você fez, é evidente?

– Na verdade, não posso dizer que sim, especialmente. Para falar a sério, acho que me esqueci.

– Bom, observe agora e compense a sua negligência – disse Steerforth. – Olhe à direita e vai ver um campo plano, com um bom pedaço de pântano; olhe à esquerda e vai ver a mesma coisa. Olhe para a frente e não vai encontrar nada diferente; olhe para trás e lá está o campo ainda.

Dei risada e respondi que não via nenhuma coisa interessante em toda a perspectiva, o que talvez se pudesse atribuir ao fato de ser plano.

– O que diz sua tia a respeito? – Steerforth perguntou, espiando a

carta em minha mão. – Ela sugere alguma coisa?

– Pois sugere – respondi. – Ela me pergunta aqui se eu gostaria de ser um procurador. O que você acha?

– Bom, não sei – replicou Steerforth, friamente. – Você pode fazer isso como qualquer outra coisa, acho.

Não pude deixar de rir outra vez, diante do fato de ele equilibrar todas as vocações e profissões com tamanha uniformidade, e disse isso a ele.

– O que *é* um procurador, Steerforth? – perguntei.

– Bom, é uma espécie de advogado-monge – respondeu Steerforth. – Ele é, para os tribunais da Corte Civil, um velho canto preguiçoso perto do adro da Saint Paul, o que advogados são para Tribunais de Justiça. É um funcionário cuja existência, no curso natural das coisas, devia ter desaparecido há uns duzentos anos. Posso explicar melhor o que é um procurador se explicar o que é a Corte Civil. É um lugarzinho fora de mão, onde aplicam o que se chama de lei eclesiástica, e praticam todo tipo de truques com obsoletos e monstruosos velhos atos do Parlamento, sobre os quais três quartos do mundo não sabem nada e o outro quarto acha que foram escavados, em estado fóssil, no tempo dos reis eduardianos. É um lugar que detém um antigo monopólio de processos de testamentos e casamentos, e de disputas de barcos e navios.

– Bobagem, Steerforth! – exclamei. – Você não vai dizer que existe alguma afinidade entre questões náuticas e questões eclesiásticas?

– Não vou mesmo, meu caro – ele retorquiu –, mas o que quero dizer é que são questões administradas e resolvidas pela mesma Corte Civil. Você deve ir até lá um dia e ver todos patinando por metade dos termos náuticos do *Dicionário Young*, a propósito do *Nancy* que afundou o *Sarah Jane* ou do senhor Peggotty e os barqueiros de Yarmouth que com uma âncora e uma corda salvaram de uma ventania o *Nelson*, que estava em perigo. E se voltar outro dia, vai encontrar todos mergulhados nas provas a favor de um clérigo que se comportou mal e contra ele; e vai descobrir que o juiz do caso náutico é advogado no caso do clérigo, ou vice-versa. São como atores: ora juiz de um homem, ora não juiz, ora uma coisa, ora outra, ora ainda outra, mudando sem parar. Mas é sempre um negócio agradável e proveitoso de teatro privado,

apresentado para uma plateia incrivelmente seleta.

– Mas advogados e procuradores não são a mesma coisa? – perguntei, um pouco intrigado. – São?

– Não – retorquiu Steerforth –, os advogados são civis, homens que se diplomaram na faculdade, razão pela qual sei alguma coisa a respeito. Os procuradores empregam os advogados. Os dois recebem honorários bem satisfatórios, e no geral formam um grupinho bem satisfatório. Em termos gerais, recomendaria que você veja com bons olhos a Corte Civil, David. Eles se orgulham de sua distinção lá, isso posso dizer, se adianta alguma coisa.

Dei um desconto ao tom leve com que Steerforth tratava o assunto e, considerando-o em relação ao ar sereno de seriedade e antiguidade que eu associava àquele "velho canto preguiçoso perto do adro da Saint Paul", não senti nenhuma indisposição à sugestão de minha tia, que ela me deixou livre para escolher, sem fazer nenhuma questão de me dizer que aquilo lhe havia ocorrido em sua última visita ao seu procurador na Corte Civil com o propósito de definir seu testamento a meu favor.

– Procedimento muito louvável da parte de sua tia, sob todos os aspectos – disse Steerforth quando mencionei o fato –, e que merece todo o estímulo. Daisy, meu conselho é que você veja com bons olhos a Corte Civil.

Decidi fazer isso. Então disse a Steerforth que minha tia estava na cidade à minha espera (como eu descobrira por sua carta) e que havia se alojado por uma semana em uma espécie de hotel particular em Lincoln's Inn Field onde havia uma escada de pedra e uma porta conveniente na cobertura, uma vez que minha tia estava firmemente convencida de que todas as casas em Londres iam queimar toda noite.

O resto da viagem foi agradável, voltamos a falar da Corte Civil algumas vezes, prevendo o dia em que eu seria procurador lá, coisa que Steerforth via sob uma variedade de luzes caprichosas e engraçadas, que nos alegrou a ambos. Ao chegar ao fim da jornada, ele foi para casa, prometendo me encontrar dois dias depois, e eu fui para Lincoln's Inn Fields, onde encontrei minha tia ainda acordada, me esperando para jantar.

Se eu tivesse dado a volta ao mundo desde que nos separamos, não teríamos ficado mais contentes de nos encontrar de novo. Minha tia chorou abertamente ao me abraçar e disse, fingindo rir, que, se minha pobre mãe estivesse viva, aquela tola criaturinha teria chorado, sem dúvida.

– Então deixou o senhor Dick em casa, tia? – perguntei. – Que pena. Ah, Janet, como vai?

Janet fez uma reverência, dizendo que esperava que eu estivesse bem, e vi que minha tia ficou com o rosto tristonho.

– Também acho uma pena – disse minha tia, esfregando o nariz. – Não tive nenhum sossego, Trot, desde que vim para cá.

Antes que eu pudesse perguntar por que, ela contou.

– Estou convencida – disse minha tia, pousando a mão firme e melancólica em cima da mesa – que Dick não tem firmeza para manter os burros afastados. Acredito que não tem força de vontade suficiente. Devia ter deixado Janet em casa e talvez ficasse mais sossegada. Se alguma vez um burro pisoteou meu gramado – disse minha tia, enfática –, foi hoje à tarde, às quatro horas. Senti um calafrio da cabeça aos pés e *sei* que foi um burro!

Tentei consolá-la a respeito, mas ela rejeitou o consolo.

– Foi um burro – disse minha tia –, e foi aquele de rabo curto que aquela assassina daquela irmã montou quando foi à minha casa. – Assassina era o único nome, desde então, que minha tia usara para a senhorita Murdstone. – Se existe em Dover um burro cuja audácia é mais difícil de eu aceitar, é esse aí! – disse minha tia, batendo na mesa.

Janet arriscou sugerir que minha tia podia estar se afligindo à toa e que acreditava que o burro em questão estava ocupado no transporte de areia e cascalho e não disponível para o propósito de invadir. Mas minha tia não deu ouvidos.

O jantar foi servido com conforto e ainda quente, embora os cômodos de minha tia ficassem muito no alto (não sei se os degraus de pedra eram proporcionais a seu dinheiro ou se ela queria estar mais perto da porta da cobertura), e consistia em frango assado, uma fatia de carne de vaca e

legumes, dos quais me servi fartamente e que estavam excelentes. Mas minha tia possuía ideias próprias a respeito das provisões em Londres e comeu pouco.

– Acho que este pobre frango nasceu e foi criado num celeiro – disse minha tia – e nunca tomou ar a não ser na carroça para o mercado. *Espero* que essa carne seja de vaca, mas não acredito. Na minha opinião, nada neste lugar é genuíno, a não ser a sujeira.

– Não acha que esse frango pode ter vindo do campo, tia? – insinuei.

– Claro que não – retorquiu minha tia. – Nenhum comerciante de Londres ficaria satisfeito vendendo uma coisa que seja o que é de verdade.

Não me arrisquei a contrariar essa opinião, mas jantei bem, o que a deixou muito satisfeita. Quando tiraram a mesa, Janet a ajudou a arrumar o cabelo, pôr a touca de dormir, que era uma peça mais especial que a de sempre ("para o caso de um incêndio", disse minha tia), e dobrar a camisola em torno dos joelhos, preparativos usuais para mantê-la aquecida antes de ir para a cama. Então preparei para ela, de acordo com certas regras das quais não se podia desviar o mínimo que fosse, um copo de vinho branco quente com água, e uma fatia de torrada em tiras longas e finas. Com esses acompanhamentos, ficamos a sós para encerrar a noite, minha tia sentada à minha frente tomando o vinho, molhando nele as torradas, uma a uma, antes de comer; e olhando serenamente para mim por entre as bordas de sua touca.

– Bom, Trot – ela começou a dizer –, o que acha do projeto de ser procurador? Ou ainda não começou a pensar a respeito?

– Pensei bastante, minha tia querida, e conversei bastante com Steerforth. Gosto muito da ideia, sim. Gosto demais.

– Ora! – disse minha tia. – Fico contente!

– Tenho só uma dificuldade, tia.

– Diga qual, Trot – ela retorquiu.

– Queria saber, tia, uma vez que parece, pelo que entendo, tratar-se de uma profissão bem exclusiva, se minha entrada nela não seria muito cara.

– Para você se qualificar – minha tia respondeu –, vai custar mil libras.

– Ora, tia – eu disse, puxando a cadeira para mais perto dela –, isso me deixa nervoso. É muito dinheiro. A senhora já gastou muito com minha educação, e sempre foi muito liberal comigo em tudo, tanto quanto era possível ser. É a generosidade em pessoa. Sem dúvida deve haver algum jeito de eu começar a vida sem nenhum gasto, e mesmo assim começar com uma boa perspectiva por meio de determinação e esforço. Tem certeza de que não seria melhor seguir por esse lado? Tem certeza de que pode dispor de todo esse dinheiro, e que esteja certo gastar tudo isso assim? Só peço que a senhora, que é minha segunda mãe, pense bem. Tem certeza?

Minha tia terminou de comer o pedaço de torrada olhando firme para mim o tempo todo; e depois de deixar o copo no aparador da lareira e cruzar as mãos sobre a saia dobrada, respondeu assim:

– Trot, meu filho, se tenho um objetivo na vida, é fazer com que você seja um homem bom, sensato e feliz. É isso que quero, é isso que Dick quer. Gostaria que algumas pessoas que conheço ouvissem a conversa de Dick a esse respeito. A sagacidade dele é maravilhosa. Mas ninguém conhece os recursos do intelecto daquele homem a não ser eu mesma!

Ela parou um momento para pegar minha mão nas suas e continuou:

– É inútil lembrar o passado, Trot, a menos que exerça alguma influência sobre o presente. Talvez eu devesse ter sido mais próxima de seu pobre pai. Talvez eu devesse ter sido mais próxima daquela pobre criança que era sua mãe, mesmo depois de sua irmã Betsey Trotwood ter me decepcionado. Quando você veio para mim, um menininho fugido, todo empoeirado e exausto, talvez eu tenha pensado nisso. Daquela época até hoje, Trot, você foi para mim uma satisfação, um orgulho e um prazer. Não tenho nenhum outro compromisso com meus recursos, pelo menos... – Nesse momento, para minha surpresa, ela hesitou e ficou confusa – ... não, não tenho *nenhum* outro compromisso com meus recursos, e você é meu filho adotivo. Seja apenas um filho amoroso em minha velhice e suporte meus caprichos e manias, e estará fazendo mais por uma velha, cuja juventude não foi tão feliz ou realizada como podia

ter sido, do que essa velha pode fazer por você.

Era a primeira vez que ouvia minha tia se referir à sua história passada. Havia uma magnanimidade em sua maneira ao falar disso e não insistir, que foi o bastante para exaltar ainda mais meu respeito e afeto.

– Está tudo acertado entre nós agora, Trot – disse minha tia –, e não precisamos mais falar disso. Me dê um beijo e amanhã, depois do café da manhã, vamos até a Corte Civil.

Antes de ir para a cama, tivemos uma longa conversa diante da lareira. Dormi num quarto no mesmo andar de minha tia, e fui um pouco incomodado durante a noite pelas batidas dela em minha porta, como sempre fazia quando estava agitada pelo som distante de carroças e carruagens do mercado, perguntando se eu "ouvia os motores". Mas de manhã ela dormiu melhor, e permitiu que eu dormisse também.

Por volta do meio-dia, fomos para o escritório dos srs. Spenlow e Jorkins, na Corte Civil. Minha tia, cuja opinião geral a respeito de Londres era de que todo homem que via era um batedor de carteiras, me pediu para levar sua bolsa, que continha dez guinéus e algumas moedas.

Demos uma parada numa loja de brinquedos na Fleet Street, para ver os gigantes de Saint Dunstan baterem os sinos (tínhamos calculado nosso horário para pegar esse momento ao meio-dia), e seguimos para Ludgate Hill e o adro da Saint Paul. Estávamos atravessando para esse primeiro local quando vi minha tia acelerar muito o passo e parecer assustada. Observei, ao mesmo tempo, que um homem malvestido que havia parado e olhado para nós ao passarmos, um pouco antes, vinha atrás de nós, e tão próximo a ponto de roçar nela.

– Trot! Meu querido Trot! – minha tia sussurrou, aterrorizada, apertando meu braço. – Não sei o que fazer.

– Não fique alarmada – eu disse. – Não tem do que ter medo. Entre numa loja que eu me livro desse sujeito.

– Não, não, meu filho! – ela respondeu. – Não fale com ele por nada deste mundo. Estou pedindo, estou mandando!

– Meu Deus, tia! – eu disse. – É só um mendigo insistente.

– Você não sabe o que ele é! – minha tia replicou. – Não sabe o que ele

é! Não sabe o que está dizendo!

Tínhamos parado numa porta enquanto isso acontecia, e ele parou também.

– Não olhe para ele! – disse minha tia, quando virei a cabeça, indignado –, chame uma carruagem, meu bem, e espere por mim no adro da Saint Paul.

– Esperar a senhora? – repeti.

– Isso – continuou minha tia. – Tenho de ir sozinha. Tenho de ir com ele.

– Com ele, tia? Com esse homem?

– Estou em meu juízo perfeito – ela replicou –, e estou dizendo que *tenho* de ir. Chame uma carruagem!

Por mais perplexo que estivesse, sabia que não podia me recusar a obedecer uma ordem tão peremptória. Corri alguns passos e chamei uma carruagem pequena que estava passando vazia. Antes que eu pudesse descer os degraus, minha tia subiu, não sei como, e o homem subiu atrás. Ela gesticulou com a mão para eu ir embora, com tamanha determinação que, todo confuso como eu estava, virei as costas para eles imediatamente. E ouvi que ela dizia ao cocheiro:

– Siga para qualquer lugar! Siga em frente! – E a carruagem passou por mim, subindo a ladeira.

Me veio à cabeça o que o sr. Dick havia me contado e que eu achara que era fantasia dele. Não duvidava que aquela pessoa fosse a mesma que ele havia mencionado com tanto mistério, embora não conseguisse imaginar que domínio ele poderia exercer sobre minha tia. Depois de meia hora congelando no adro da igreja, vi a carruagem voltando. O cocheiro parou ao meu lado e minha tia estava sentada sozinha.

Não havia ainda se recuperado inteiramente de sua agitação para fazermos nossa visita. Ela pediu que eu subisse à carruagem e disse para o cocheiro seguir devagar para lá e para cá durante algum tempo. Não disse mais nada além de: “Meu filho, nunca me pergunte o que foi isso e nunca fale no assunto”, até recuperar a compostura e me dizer então que estava bem outra vez e que podíamos descer. Quando me deu a bolsa

para eu pagar o cocheiro, descobri que todos os guinéus tinham desaparecido e só restavam as moedas.

Entrava-se na Corte Civil por um pequeno arco baixo. Alguns passos depois de passarmos pelo arco, o barulho da rua pareceu se dissolver por mágica na distância abafada. Algumas ruas sem graça e passagens estreitas nos levaram ao escritório iluminado por claraboias da Spenlow e Jorkins. No vestíbulo desse templo, acessível a peregrinos sem a cerimônia de bater na porta, três ou quatro escriturários trabalhavam como copistas. Um deles, um homenzinho seco, sentado isolado, usando uma peruca castanha e dura que parecia feita de pão de mel, se levantou para receber minha tia e nos levar à sala do sr. Spenlow.

– O senhor Spenlow está na Corte, minha senhora – disse o homem seco –, é dia de audiência com o arcebispo, mas fica perto e vou mandar chamar imediatamente.

Como fomos deixados olhando em torno enquanto iam buscar o sr. Spenlow, aproveitei a oportunidade. A mobília da sala era antiga e empoeirada. O tecido da cobertura verde da escrivaninha tinha perdido a cor e estava tão surrado e pálido como um velho mendigo. Havia muitas pilhas de papel em cima, algumas endossadas como alegações, outras (para minha surpresa) como difamatórios, algumas pertencentes à corte do consistório, algumas à corte do almirantado, algumas à corte dos delegados, o que me fez imaginar quantas cortes haveria no total e quanto tempo levaria para entender todas. Além disso, havia uma porção de imensos livros manuscritos de provas juramentadas, em sólidas encadernações, e amarrados em conjuntos maciços, um conjunto para cada caso, como se cada caso fosse uma história em dez ou vinte volumes. Tudo isso parecia razoavelmente dispendioso, pensei, e me deu uma agradável ideia da ocupação de procurador. Estava passando os olhos com crescente interesse sobre esses objetos e outros semelhantes, quando se ouviram passos apressados do lado de fora e o sr. Spenlow, vestindo toga preta debruada de pele branca, entrou apressado, tirando o chapéu ao entrar.

Era um cavalheiro pequeno de cabelo claro, com botas irrepreensíveis, o mais rígido dos colarinhos e gravata. Todo abotoado,

muito arrumado e justo, e devia ter tido muito trabalho com os bigodes, revirados com precisão. A corrente de ouro do relógio era tão maciça que me ocorreu a fantasia de que ele devia ter um braço de ouro muito musculoso para tirá-lo do bolso, como aqueles que ficam acima das lojas dos ourives. Era tão ereto e rígido que mal podia se curvar, sendo obrigado, para olhar algum papel em cima da mesa, depois de sentar em sua cadeira, a mover o corpo inteiro, desde a base da coluna, como o fantoche Punch.

Eu havia sido anteriormente apresentado por minha tia e fui recebido com cortesia. Ele disse:

– Então, senhor Copperfield, o senhor pensa entrar para nossa profissão? Mencionei casualmente à senhorita Trotwood, quando tive o prazer de ter uma reunião com ela outro dia... – Mais uma inclinação do corpo, Punch outra vez. – ... que havia uma vaga aqui. A senhorita Trotwood teve a bondade de mencionar que tinha um sobrinho que era seu interesse especial e que esperava prover com distinção em vida. Esse sobrinho, acredito, tenho agora o prazer de... – Punch outra vez.

Me curvei em reconhecimento e disse que minha tia havia mencionado essa possibilidade e que acreditava que gostaria muito dela. Que estava seriamente inclinado a aceitar e havia admitido isso imediatamente. Que não podia afirmar com toda a certeza que gostava da profissão, até saber alguma coisa sobre ela. Que embora se tratasse apenas de uma questão formal, eu pensava se deveria ter a oportunidade de experimentar para ver se gostava, antes de me comprometer em definitivo.

– Ah, claro! Claro! – disse o sr. Spenlow. – Nesta casa, nós sempre propomos um mês. Um mês de iniciação. Pessoalmente, gostaria de propor dois meses, três, um período indefinido, na verdade, porém tenho um sócio, o senhor Jorkins.

– E as luvas, meu senhor – repliquei –, são de mil libras?

– As luvas, selo incluso, são de mil libras – disse o sr. Spenlow. – Conforme mencionei à senhorita Trotwood, não sou levado por considerações mercenárias, poucos homens pensam menos nisso do que eu, acredite, mas o senhor Jorkins tem suas opiniões a respeito e tenho

de respeitar suas posições. Em resumo, o senhor Jorkins acha pouco mil libras.

– Acredito – disse eu, ainda querendo poupar minha tia – que não seja o costume aqui que se um funcionário capacitado se torna muito útil e domina perfeitamente sua profissão... – Não consegui deixar de corar, porque parecia estar elogiando a mim mesmo... – ... acredito que não seja o costume aqui nos últimos anos de seu treinamento que ele receba algum...

O sr. Spenlow, com um grande esforço, ergueu a cabeça acima da gravata o suficiente para sacudi-la, prevendo a palavra *salário*:

– Não. Eu não diria quais as minhas considerações sobre esse ponto, senhor Copperfield, se fosse independente. O senhor Jorkins é intransigente.

Fiquei bastante desanimado com a ideia desse terrível Jorkins. Mas descobri depois que era um homem manso, de temperamento calado, cuja função no negócio era manter-se em segundo plano e ser constantemente citado como o mais obstinado e impiedoso dos homens. Se um funcionário queria aumento de salário, o sr. Jorkins não dava ouvidos a essa pretensão. Se um cliente demorava para acertar suas contas, o sr. Jorkins mantinha-se determinado a ser pago, e por mais dolorosas que fossem essas coisas (e sempre o eram) para os sentimentos do sr. Spenlow, o sr. Jorkins impunha a sua maneira. O coração e as mãos de anjo bom de Spenlow estariam sempre abertos, não fosse o demônio restritivo de Jorkins. Com o passar dos anos, creio que experimentei outras casas que faziam negócios nas mesmas bases de Spenlow e Jorkins!

Ficou assentado que eu começaria meu mês de experiência assim que quisesse, e minha tia não precisaria nem permanecer na cidade, nem voltar quando terminasse, uma vez que os papéis do acordo do qual eu era objeto podiam facilmente ser enviados a ela para assinar. Quando chegamos a esse ponto, o sr. Spenlow se ofereceu para me levar à corte imediatamente e me mostrar que tipo de lugar era. Como estava querendo mesmo conhecer o local, saímos com esse objetivo, deixando minha tia; que, segundo disse, não se arriscaria a ir a um local desses e

que, acredito, considerava todos os tribunais como uma espécie de paiol de pólvora que podia explodir a qualquer momento.

O sr. Spenlow me conduziu por um pátio pavimentado cercado por sisudas casas de tijolos que supus, pelos nomes dos doutores nas portas, serem residências oficiais dos advogados de que Steerforth havia me falado, e entramos à esquerda em um grande salão despojado, não diferente de uma capela, no meu entender. A parte superior dessa sala era separada do resto, e ali, de ambos os lados de uma plataforma elevada em forma de ferradura, sentados em antiquadas poltronas de sala de jantar, estavam muitos cavalheiros de togas vermelhas e perucas grisalhas, que descobri serem os doutores mencionados. Piscando sobre uma pequena escrivaninha que parecia um púlpito, na curva da ferradura, estava um cavalheiro mais velho que, se eu estivesse num aviário, teria certamente tomado por uma coruja, mas que descobri ser o juiz presidente. No espaço interno da ferradura, mais baixo que esta, ou seja, quase ao nível do chão, havia muitos outros cavalheiros, do nível do sr. Spenlow, vestidos como ele com togas pretas e pele branca, sentados a uma longa mesa verde. Suas gravatas eram, no geral, duras, pensei, e sua aparência perversa, mas a esse respeito creio que cometi uma injustiça, pois quando dois ou três deles tiveram de se levantar e responder perguntas do dignitário presidente, nunca vi nada mais cordato. O público, que se aquecia em torno de uma estufa no centro da corte, era constituído por um menino com um cobertorzinho e um cavalheiro malvestido comendo escondido farelos que tirava do bolso do casaco. A lânguida calma do lugar só era rompida pelo crepitar do fogo e pela voz de um dos doutores que examinava lentamente uma perfeita biblioteca de provas, parando de quando em quando em pequenas estalagens de argumentos à beira da estrada de sua jornada. No todo, eu nunca, em nenhuma ocasião, fiz nenhuma viagem assim por um grupo familiar tão acomodado, letárgico, antiquado, esquecido no tempo, sonolento; e senti que devia ser um opiáceo bastante tranquilizante fazer parte dele em qualquer papel. Exceto, talvez, no de litigante.

Muito satisfeito com a natureza serena desse retiro, informei ao sr. Spenlow que tinha visto o suficiente no momento e voltamos a encontrar

minha tia; em companhia de quem saí da corte, me sentindo muito jovem ao deixar a Spenlow e Jorkins, uma vez que os funcionários se cutucavam com as canetas e apontavam para mim.

Chegamos a Lincoln's Inn Fields sem nenhuma outra aventura, a não ser por encontrar um infeliz burro num carro de verdureiro, que sugeriu dolorosas associações a minha tia. Tivemos mais uma longa conversa sobre meus planos, quando estávamos abrigados em segurança; e como eu sabia que ela estava ansiosa para voltar para casa e no meio de incêndio, comida e batedores de carteira não conseguiria nunca se sentir à vontade em Londres por meia hora que fosse, insisti com ela que não se incomodasse por minha causa e deixasse eu me cuidar sozinho.

– Amanhã vai fazer uma semana que estou aqui e não deixei de pensar nisso nem um momento, meu bem – ela replicou. – No Adelphi, há um apartamento para alugar, Trot, que vai servir maravilhosamente bem para você.

Com essa breve introdução, ela tirou do bolso um anúncio cuidadosamente recortado de um jornal, informando que na Buckingham Street, no Adelphi, havia para alugar, mobiliado, com vista para o rio, um apartamento compacto, especialmente atraente, residência distinta para um jovem cavalheiro, estudante ou não, para ocupação imediata. Preço moderado, pode ser alugado ao mês.

– Ora, é exatamente isso, tia! – disse eu, animado com a possível dignidade de morar num apartamento.

– Então vamos – replicou minha tia, imediatamente recolocando o chapéu que tinha acabado de tirar. – Vamos dar uma olhada.

Lá fomos nós. O anúncio nos orientava a procurar a sra. Crupp no local, e tocamos a campainha do pátio, que devia comunicar com a sra. Crupp. Só depois de tocar três ou quatro vezes foi que conseguimos que a sra. Crupp se comunicasse conosco, mas ela por fim apareceu, uma senhora gorda com anáguas de flanela com babados por baixo de um vestido de algodão preto-nanquim.

– Vamos ver esse apartamento, por favor, minha senhora – disse minha tia.

– Pra esse cavalheiro? – perguntou a sra. Crupp procurando as chaves

no bolso.

– É, para meu sobrinho – disse minha tia.

– E vai servir direitinho pra ele! – disse a sra. Crupp. Então subimos.

O apartamento ficava no alto da casa, um ponto muito favorável para minha tia, próximo à saída de incêndio, e era composto de uma entrada meio abafada onde não se via quase nada, uma pequena despensa onde não se via absolutamente nada, uma sala de estar e um quarto. A mobília estava bastante surrada, mas por mim estava boa e, claro, havia o rio diante das janelas.

Como adorei o local, minha tia e a sra. Crupp se retiraram à despensa para discutir as condições, enquanto eu permanecia no sofá da sala, sem nem ousar pensar como seria possível morar em residência tão nobre. Depois de um combate singular de alguma duração, elas voltaram e vi, para minha alegria, tanto no rosto da sra. Crupp como no de minha tia, que o trato estava feito.

– A mobília é do inquilino anterior? – minha tia perguntou.

– É, sim, senhora – respondeu a sra. Crupp.

– O que aconteceu com ele? – minha tia perguntou.

A sra. Crupp foi dominada por uma tosse incômoda, em meio à qual articulou com dificuldade.

– Se deu mal aqui, sim, senhora e... cof!, cof! cof!... morreu.

– Ora! Morreu de quê? – minha tia perguntou.

– Bom, madame, bebida – disse a sra. Crupp, confidencialmente. – E fumaça.

– Fumaça? Não está falando das chaminés? – perguntou minha tia.

– Não, senhora – respondeu a sra. Crupp –, de cigarro e cachimbo.

– Isso não é contagioso, Trot, pelo menos isso – minha tia observou, voltando-se para mim.

– Não mesmo – respondi.

Em resumo, minha tia, vendo como eu estava encantado com o local, alugou por um mês, com a opção de permanecer doze meses quando esse tempo se esgotasse. A sra. Crupp providenciaria as roupas de cama e a comida; todas as outras necessidades já estavam providenciadas, e a sra.

Crupp afirmou que sempre cuidaria de mim como um filho. Eu me mudaria dois dias depois, e a sra. Crupp disse que agradecia aos céus ter encontrado alguém de quem pudesse cuidar!

No caminho de volta, minha tia me informou o quanto estava confiante de que a vida que eu passaria a levar me deixaria firme e autônomo, que era tudo o que eu queria. Ela repetiu isso várias vezes no dia seguinte, nos intervalos da arrumação para a mudança de minhas roupas e livros da casa do sr. Wickfield. Escrevi a respeito disso e de minhas férias uma longa carta a Agnes, da qual minha tia se encarregou, uma vez que ia partir no dia seguinte. Para não me alongar sobre esses particulares, preciso acrescentar apenas que ela me proveio generosamente para minhas possíveis necessidades durante meu mês de experiência; que Steerforth, para minha grande decepção, e dela também, não apareceu antes de ela partir; que eu a coloquei acomodada em segurança na diligência para Dover, exultando sobre os futuros contratempos com os burros invasores, com Janet a seu lado; e que, quando a diligência partiu, me voltei para o Adelphi, ponderando sobre os dias em que costumava vagar debaixo de seus arcos subterrâneos e nas alegres mudanças que haviam me trazido à superfície.

XXIV

Minha primeira dissipação

Era uma coisa maravilhosa ter aquele alto castelo para mim e me sentir, ao fechar a porta externa, como Robinson Crusoé, quando ele entrava em seu forte e puxava a escada para cima. Era uma coisa maravilhosa andar pela cidade com a chave de minha casa no bolso e saber que podia convidar qualquer um para vir a minha casa e ter toda a certeza de não incomodar ninguém, se não incomodassem a mim. Era uma coisa maravilhosa entrar e sair, ir e vir sem uma palavra a ninguém e tocar para a sra. Crupp subir, ofegante, das entranhas da terra, quando precisava dela, e quando ela se dispunha a vir. Tudo isso, digo, estava maravilhosamente bem, mas devo dizer também que havia momentos em que era muito monótono.

Era bom de manhã, sobretudo nas manhãs bonitas. Parecia uma vida nova, livre, à luz do dia: ainda mais nova e mais livre à luz do sol. Mas quando o dia declinava, a vida parecia baixar também. Não sei como, raramente parecia tudo bem à luz de velas. Nesses momentos, eu queria alguém com quem conversar. Sentia falta de Agnes. Encontrava um tremendo vazio no lugar daquele sorridente repositório de minha confiança. A sra. Crupp parecia estar muito distante. Eu pensava sobre meu predecessor, que tinha morrido de beber e fumar, e desejava que ele tivesse tido a bondade de viver e não me incomodar com sua morte.

Depois de dois dias e noites, era como se morasse ali havia um ano e, no entanto, não estava nem uma hora mais velho, mas ainda bem atormentado como sempre por minha juventude.

Como Steerforth não apareceu, fui induzido a temer que estivesse doente e, deixando a Corte cedo no terceiro dia, fui até Highgate. A sra. Steerforth ficou muito contente de me ver e disse que ele havia saído com um de seus amigos de Oxford para visitar um outro que morava em St. Albans, mas que esperava que voltasse amanhã. Eu gostava tanto dele

que fiquei enciumado de seus amigos de Oxford.

Como ela insistiu que eu ficasse para jantar, aceitei, e acredito que não falamos de nada a não ser dele o tempo todo. Contei como as pessoas haviam gostado dele em Yarmouth e que companheiro delicioso ele era. A srta. Dartle estava cheia de insinuações e perguntas misteriosas, mas ficou muito interessada em tudo o que ocorreu lá e disse "É mesmo?" tantas vezes que conseguiu tirar de mim tudo o que queria saber. Sua aparência era exatamente como descrevi quando a vi a primeira vez, mas a companhia das duas damas foi tão agradável e tão natural para mim que senti que estava me apaixonando um pouco por ela. Não pude deixar de pensar, várias vezes no decorrer da visita, e particularmente ao voltar a pé para casa essa noite, que companhia deliciosa ela seria na Buckingham Street.

Estava tomando meu café com pão de manhã, antes de ir para o trabalho, e aqui posso observar quanto café a sra. Crupp usava e como era fraco apesar disso, quando Steerforth entrou, para minha ilimitada alegria.

– Meu querido Steerforth – exclamei –, já estava pensando que nunca mais ia ver você!

– Me levaram embora, à força de armas – disse Steerforth –, um dia depois que cheguei em casa. Nossa, Daisy, que casa de solteirão você tem aqui!

Mostrei a ele as instalações, sem omitir a despensa, com não pouco orgulho, e ele fez altos elogios.

– Vou dizer uma coisa, meu velho – acrescentou –, vou fazer deste lugar a minha casa na cidade, a menos que você me expulse.

Era uma notícia adorável. Disse que, se ele esperasse para fazer isso, teria de esperar até o fim dos dias.

– Mas tem de tomar café da manhã! – eu disse, com a mão na corda da campainha. – A senhora Crupp vai fazer um café fresco e posso tostar um pouco de bacon num forninho que tenho aqui.

– Não, não! – disse Steerforth. – Não toque! Não posso! Tenho de ir tomar café da manhã com um desses sujeitos que está no Piazza Hotel,

em Covent Garden.

– Mas você volta para jantar? – perguntei.

– Não posso, juro mesmo. Nada me daria mais prazer, mas *tenho* de ficar com esses dois sujeitos. Nós três partimos amanhã de manhã.

– Então traga todos aqui para jantar – insisti. – Acha que eles aceitam?

– Ah! Aceitam na mesma hora – disse Steerforth –, mas vai incomodar você. Melhor você vir e jantar conosco em algum lugar.

Eu não podia admitir isso de maneira nenhuma, pois me ocorreu que realmente precisava inaugurar a casa, e não haveria melhor oportunidade. Estava ainda mais orgulhoso de meu apartamento depois da aprovação dele, e ardia de vontade de desenvolver todas as suas possibilidades. Então, fiz com que ele prometesse de fato em nome de seus dois amigos, e marcamos o jantar para as seis da tarde.

Quando ele saiu, chamei a sra. Crupp e a informei do meu animado projeto. A sra. Crupp disse que naturalmente era bem sabido que ela não podia servir a mesa, mas que conhecia um rapaz que achava que convenceria a fazer isso e cujos serviços custariam cinco xelins e uma gorjeta. Eu disse que sem dúvida o aceitaríamos. Em seguida, a sra. Crupp disse que evidentemente não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo (o que achei razoável) e que seria indispensável "uma mocinha" na despensa com uma vela, para ir lavando os pratos. Perguntei qual seria o preço da mocinha e a sra. Crupp disse achar que dezoito pence não me deixariam mais pobre. Eu disse que achava que não mesmo e *isso* ficou combinado. Então a sra. Crupp falou: "Agora, o jantar".

Foi uma notável falta de previsão da parte do pedreiro que construiu o fogão da cozinha da sra. Crupp equipá-lo apenas para costeletas e batata amassada. Quanto à sua assadeira para peixe, disse a sra. Crupp, bom!, eu poderia vigiar o forno. Disse que não podia ir além disso. Eu ia vigiar? Como não pretendia vigiar o forno, recusei e disse: "Não precisa peixe". Mas a sra. Crupp falou: "Não diga isso. É época de ostras, por que não servir?". E isso ficou acertado. A sra. Crupp disse então que o que ela recomendaria era o seguinte. Dois frangos assados, comprados na

hospedaria; um prato de guisado de carne vermelha com legumes, da hospedaria; dois pequenos acompanhamentos, como um pastelão e um prato de rins, da hospedaria; uma torta doce e (se eu quisesse) uma gelatina, da hospedaria. Isso, disse a sra. Crupp, a deixaria livre para se concentrar inteiramente nas batatas e para servir o queijo e o aipo do jeito que ela gostava que fossem servidos.

Aceitei a decisão da sra. Crupp e eu mesmo fiz a encomenda na hospedaria. Depois, caminhando pelo Strand, vi, na vitrine de uma loja de carnes e presuntos, uma substância dura e manchada que parecia mármore, mas que estava marcada como "Tartaruga falsa". Entrei e comprei um pedaço, que depois vim a ter razões para acreditar que seria suficiente para quinze pessoas. Esse preparado, a sra. Crupp, depois de alguma resistência, concordou em aquecer, e encolheu tanto em estado líquido que concluímos com o que Steerforth disse ser "justinho" para quatro.

Terminados com sucesso esses preparativos, comprei uma pequena sobremesa no mercado de Covent Garden e fiz uma compra bastante grande numa loja de vinhos próxima. Quando cheguei em casa à tarde e vi as garrafas arrumadas num quadrado no chão da despensa, pareceram tão numerosas (embora faltassem duas, o que deixou a sra. Crupp muito incomodada) que fiquei absolutamente apavorado.

Um dos amigos de Steerforth se chamava Grainger e o outro, Markham. Eram ambos muito alegres e animados; Grainger, um tanto mais velho que Steerforth, e Markham, de aspecto jovem, eu diria não ter mais de vinte anos. Observei que este último falava de si mesmo usando indefinidos, como "a gente", e raramente ou nunca a primeira pessoa do singular.

– A gente deve viver bem aqui, Copperfield – disse Markham, referindo-se a si mesmo.

– Não é um mau local – disse eu –, e o apartamento é realmente confortável.

– Espero que vocês dois tenham vindo com apetite – disse Steerforth.

– De fato – replicou Markham –, a cidade parece que aumenta o apetite da gente. A gente fica com fome o dia inteiro. A gente come sem

parar.

Como fiquei um pouco embaraçado no início e me senti jovem demais para conduzir, fiz Steerforth tomar a cabeceira da mesa quando o jantar foi anunciado, e me sentei na frente dele. Estava tudo muito bom; não poupamos o vinho e ele exerceu a condução tão brilhantemente para fazer tudo correr bem que não houve pausa em nossa comemoração. Não fui, durante o jantar, tão boa companhia quanto gostaria, porque minha cadeira estava de frente para a porta e eu me distraía observando o rapaz que servia sair da sala muitas vezes e sua sombra aparecer sempre, imediatamente depois, na parede da entrada, levando uma garrafa à boca. Da mesma forma, a "mocinha" me causou certa inquietação, não tanto por deixar de lavar os pratos, mas por quebrá-los. Sendo de pendor curioso e incapaz de se limitar à despensa (como havia sido claramente instruída), estava sempre nos espiando e sempre imaginando que era surpreendida, e por causa disso diversas vezes se retirou passando por cima dos pratos (que ela havia empilhado com tanto cuidado no chão), causando bastante destruição.

Esses foram, porém, pequenos contratempos, facilmente esquecidos quando a toalha foi retirada e a sobremesa servida; nessa altura da reunião, descobriu-se que o rapaz que servira estava mudo. Dei-lhe orientações particulares para que fosse procurar a sra. Crupp, que levasse a "mocinha" para o porão também, e me abandonei ao divertimento.

Para começar, eu estava especialmente alegre e bem-humorado; todo tipo de assuntos de conversa meio esquecidos me vinham à cabeça e me levaram a me comportar de maneira muito diferente da usual. Ri com vontade de minhas próprias piadas e das piadas dos outros; chamei a atenção de Steerforth por não passar o vinho; prometi várias vezes ir a Oxford; anunciei que pretendia dar um jantar exatamente como aquele uma vez por semana até nova ordem; e tomei loucamente tanto rapé da caixa de Grainger que me vi obrigado a ir à despensa e ter uma crise de espirros particular que durou dez minutos.

Passava o vinho mais e mais depressa, continuamente usando o saca-rolhas para abrir mais vinho muito antes de ser necessário. Propus um

brinde a Steerforth. Disse que era meu melhor amigo, protetor da minha infância e companheiro de minha juventude. Disse que estava muito feliz de brindar a ele. Disse que devia a ele mais obrigações do que jamais conseguiria pagar e que tinha por ele admiração maior do que jamais poderia expressar. “Um brinde a Steerforth! Deus te abençoe! Viva!” Brindamos três vezes, e mais uma, e uma última para encerrar. Quebrei meu cálice ao contornar a mesa para apertar a mão dele e disse (em poucas palavras): “Steerforth, você é a estrela guia de minha existência”.

Continuei bebendo e descobri que alguém estava no meio de uma canção. Markham era cantor e cantou: “Quando o coração de um homem se entristece de preocupação”. Ele disse, ao acabar de cantar, que brindava à “Mulher!”. Não concordei com aquilo e não podia permitir uma coisa dessas. Disse que não era uma forma respeitável de propor um brinde e que só permitiria em minha casa que se fizesse um brinde às “Damas”! Fui muito altivo com ele, principalmente, acho, porque vi Steerforth e Grainger rindo de mim, ou dele, ou de nós dois. Ele disse que a gente não aceitava ordens. Eu disse que a gente aceitava, *sim*. Ele disse que a gente não admitia insultos. Eu disse que tinha toda razão, nunca debaixo de meu teto, onde as divindades da família eram sagradas e as leis da hospitalidade absolutas. Ele disse que em nada depreciava a dignidade da gente confessar que eu era um sujeito diabolicamente fantástico. Na mesma hora propus um brinde à sua saúde.

Alguém estava fumando. Estávamos todos fumando. *Eu* estava fumando, e tentei suprimir uma crescente tendência a estremecer. Steerforth fez um discurso a meu respeito, durante o qual me emocionei quase até as lágrimas. Agradeci e disse que esperava que o grupo jantasse comigo amanhã e no dia seguinte, todos os dias às cinco horas, para eu poder fruir os prazeres da conversa e do companheirismo em longas noitadas. Me senti levado a fazer um brinde pessoal. Que fosse à minha tia, a srta. Betsey Trotwood, a melhor de seu sexo!

Alguém estava debruçado à janela de meu quarto, refrescando a testa na pedra fria do parapeito e sentindo o ar no rosto. Era eu mesmo. Estava me dirigindo a mim mesmo como “Copperfield” e dizendo: “Por que tentou fumar? Devia saber que não podia fazer isso”. Então, alguém

estava contemplando instavelmente os próprios traços no espelho. Era eu também. Estava muito pálido no espelho, meus olhos tinham uma aparência vaga e o cabelo, só meu cabelo, mais nada, parecia bêbado.

Alguém me disse: “Vamos ao teatro, Copperfield!”. Não havia quarto diante de mim, mas a mesa tilintante coberta de copos, a lâmpada, Grainger à direita, Markham à esquerda e Steerforth à frente, todos sentados numa névoa, muito longe. Ao teatro? Claro. Isso mesmo. Vamos! Mas tinham de me desculpar se eu fizesse todos saírem primeiro e apagasse o lume, para evitar incêndio.

Devido a certa confusão no escuro, a porta desapareceu. Eu estava tateando por ela nas cortinas da janela quando Steerforth, rindo, me pegou pelo braço e me levou para fora. Descemos a escada, um atrás do outro. Quase embaixo, alguém caiu e rolou. Alguém disse que era Copperfield. Fiquei zangado com essa informação falsa, até me ver deitado de costas no corredor e começar a pensar que havia algum fundamento nela.

Uma noite muito enevoada, com grandes halos em torno das luzes da rua! Havia uma conversa indistinta de que estava úmida. Eu sentia que estava gelada. Debaixo de um poste de luz, Steerforth sacudiu minha roupa e ajeitou meu chapéu que alguém tirou de algum lugar de um jeito extraordinário porque eu não estava de chapéu antes. Steerforth disse então: “Você está bem, Copperfield, não está?”, e respondi: “Melhor que nunca”.

Um homem, sentado dentro de um pombal, olhava o fog, recebeu dinheiro de alguém, perguntando se eu era um dos cavalheiros por quem estavam pagando, parecendo hesitar (pelo relance que me lembro dele) se aceitava o dinheiro para minha entrada ou não. Pouco depois, estávamos bem no alto de um teatro muito aquecido, olhando lá embaixo um fosso que me parecia estar fumegando; as pessoas que o lotavam eram muito indistintas. Havia um grande palco também, que parecia muito limpo e liso depois das ruas e havia gente em cima dele, falando de uma coisa ou outra, mas nada inteligível. Havia uma abundância de luzes brilhantes e música, havia mulheres nos camarotes e não sei o que mais. Era como se todo o edifício estivesse aprendendo a nadar, conduzindo-se

de maneira muito inesperada quando eu tentava estabilizá-lo.

Por sugestão de alguém, resolvemos descer até os camarotes, onde estavam as damas. Um cavalheiro deitado, inteiramente vestido, num sofá, com um binóculo de teatro na mão, passou diante de meus olhos, e também minha própria imagem de corpo inteiro num espelho. Em seguida, fui introduzido em um desses camarotes e me vi dizendo alguma coisa ao me sentar, as pessoas à minha volta exclamando: "Silêncio!" para alguém, as damas lançando olhares indignados para mim e – o quê?! – Agnes, sentada na poltrona à minha frente, no mesmo camarote, com uma senhora e cavalheiros ao lado, que eu não conhecia. Eu diria que vejo agora o seu rosto melhor do que vi naquele momento, voltado para mim com indelével expressão de lamento e surpresa.

– Agnes! – eu disse, com voz pastosa –, meu deus do céu! Agnes!

– Silêncio! Por favor! – ela respondeu, sem que eu entendesse por quê. – Vai incomodar os atores. Olhe o palco!

Tentei, por sugestão dela, fixar o palco e ouvir alguma coisa do que ocorria ali, mas foi em vão. Olhei para ela outra vez e vi que se encolhia em seu canto e punha a mão enluvada na testa.

– Agnes! – exclamei. – Acho que você não tá bem.

– Estou, estou. Não se preocupe comigo, Trotwood – ela replicou. – Escute! Você vai embora logo?

– *Seuvoemboralogo?* – repeti

– É.

Eu tinha a idiota intenção de responder que ia esperar para levá-la até lá embaixo. Acho que expressei isso de alguma forma, porque depois de olhar atentamente para mim por um momento, ela pareceu entender e replicou em tom baixo:

– Sei que vai fazer o que eu pedir, se eu disser que estou falando muito sério. Vá embora agora, Trotwood, por mim, e peça para seus amigos levarem você para casa.

Ela me havia feito melhorar tanto, naquele momento, que embora estivesse zangado com ela, senti vergonha e com um breve "Bnoite!" (que pretendia ser "boa-noite!") me levantei e saí. Eles vieram atrás de mim e

passei diretamente da porta do camarote para o meu quarto, onde apenas Steerforth estava comigo, me ajudando a tirar a roupa e onde eu dizia a ele que Agnes era minha irmã e em seguida pedia que trouxesse o saca-rolhas para eu abrir mais uma garrafa de vinho.

Alguém em minha cama dizia e fazia todas essas coisas insistentemente, num sonho febril, a noite inteira, a cama um mar agitado que nunca se acalmava! Quando esse alguém aos poucos foi assentando em mim mesmo, comecei a sentir sede, a sentir que minha cobertura de pele externa era de papelão duro, minha língua, o fundo de uma chaleira vazia, cheia de resíduos pelo uso prolongado, queimando sobre fogo lento, as palmas das mãos, placas de metal quente que gelo nenhum conseguia esfriar!

Que agonia de espírito, que remorso e vergonha senti quando retomei consciência no dia seguinte! Meu horror por ter cometido mil ofensas de que me esquecera e que nada poderia jamais expiar, a lembrança do olhar indelével que Agnes me deu, a torturante impossibilidade de me comunicar com ela, não sabendo, monstro que eu era, por que ela estava em Londres, onde estava hospedada; que repulsa sentia diante da simples visão da sala onde a farra havia ocorrido, de minha cabeça dolorida, do cheiro de tabaco, dos copos, da impossibilidade de sair, ou mesmo de me levantar! Ah, que dia foi aquele!

Ah, que noite, sentado diante da lareira com uma tigela de sopa de carneiro toda pontilhada de gordura, pensei que estava no mesmo rumo de meu predecessor, que ia repetir sua triste história no mesmo apartamento, então tive vontade de correr diretamente para Dover e revelar tudo! Que noite, quando a sra. Crupp, vindo buscar a tigela de sopa, apresentou um rim num prato de queijo como único resto do festim do dia anterior, e realmente senti vontade de me deitar em seu peito pálido e dizer, em sentida penitência: “Ah, senhora Crupp, senhora Crupp, esqueça essas sobras! Estou arrasado!”, e só hesitei mesmo, naquele momento, por não saber se a sra. Crupp seria o tipo de mulher em quem se podia confiar!

XXV

Anjos bons e maus

Estava saindo do apartamento na manhã seguinte àquele deplorável dia de dor de cabeça, enjoo e arrependimento, com uma estranha confusão mental referente à data do meu jantar, como se um grupo de titãs tivesse pegado uma enorme alavanca e empurrado o dia de anteontem para meses antes, quando vi um entregador subindo a escada com uma carta na mão. Ele vinha muito devagar, mas quando me viu no alto da escada, olhando por sobre o corrimão, subiu a trote, e chegou em cima ofegante como se tivesse corrido até o ponto de exaustão.

– Senhor T. Copperfield? – perguntou o entregador, tocando o chapéu com a bengalinha.

Não era exatamente o meu nome, mas estava muito perturbado pela convicção de que a carta era de Agnes. Disse a ele que era o sr. T. Copperfield, ele acreditou, me deu a carta e disse que era esperada uma resposta. Deixei-o trancado no patamar esperando a resposta e voltei a meu apartamento, tão nervoso que tive de colocar a carta na mesa de café da manhã e me familiarizar um pouco com o exterior dela antes de decidir romper o selo.

Descobri, quando finalmente a abri, que era um bilhete muito delicado, sem nenhuma referência ao meu estado no teatro. Tudo o que dizia era: “Meu caro Trotwood. Estou na casa do agente de papai, sr. Waterbrook, em Ely Place, Holborn. Pode vir me ver hoje a qualquer hora que escolher? Sempre sua, afetuosamente, AGNES”.

Levei tanto tempo para redigir uma resposta que me satisfizesse que não sei o que o entregador deve ter pensado, a menos que achasse que eu estava aprendendo a escrever. Devo ter feito ao menos meia dúzia de respostas. Comecei uma com: “Como posso esperar, minha cara Agnes, apagar de sua lembrança a desagradável impressão...”, mas não gostei e rasguei. Comecei outra: “Shakespeare observou, minha cara Agnes, como

é estranho que um homem introduza um inimigo na própria boca”,[18] isso me lembrou de Markham e não prossegui. Até poesia tentei. Comecei uma com um verso de seis sílabas: “Ah, veja se esquece”, mas isso se associava ao Cinco de Novembro[19] e virou um absurdo. Depois de muitas tentativas, escrevi: “Minha cara Agnes. Sua carta é como você e o que posso dizer que seja maior louvor? Irei às quatro da tarde. Afetuosamente e arrependido, T. C.”. Com essa carta (que vinte vezes eu quis recuperar assim que estava fora de minhas mãos), o entregador partiu afinal.

Se esse dia fosse metade do que foi de terrível para qualquer profissional da Corte Civil como foi para mim, acredito sinceramente que ele teria pagado seus pecados naquele velho queijo podre eclesiástico. Embora eu tenha deixado o escritório às três e meia e chegasse ao local do encontro poucos minutos depois, ainda faltavam quinze minutos para a hora marcada, de acordo com o relógio da Saint Andrews, em Holborn, antes de eu ter coragem suficiente para apertar a campainha específica embutida na coluna da porta da casa do sr. Waterbrook.

A atividade profissional do estabelecimento do sr. Waterbrook ocupava o piso térreo e a vida social (que era bem intensa), da parte superior do edifício. Fui levado a uma saleta bonita, mas bastante abafada, onde Agnes se encontrava, tecendo uma bolsa.

Parecia tão sossegada e boa e me lembrou tanto meus dias arejados de escola em Canterbury e o patife bêbado, fumante e idiota que eu tinha sido duas noites antes que, como não havia ninguém por perto, cedi à autocensura e à vergonha e... em resumo, agi como um cretino. Não posso negar que chorei. Até agora fico indeciso se foi, no geral, a coisa mais sábia que podia fazer, ou a mais ridícula.

– Se fosse qualquer outra e não você, Agnes – eu disse, virando o rosto –, não teria me importado tanto. Mas você me ver daquele jeito! Quase preferia ter morrido.

Ela pôs a mão (seu toque não tinha igual) em meu braço por um momento, e me senti tão acolhido e confortado que não pude deixar de levá-la aos lábios e beijá-la agradecido.

– Sente-se – disse Agnes, alegre. – Não fique infeliz, Trotwood. Se não

puder confiar em mim, em quem vai confiar?

– Ah, Agnes! – repliquei. – Você é a minha boa Agnes!

Ela sorriu, um pouco triste, achei, e sacudiu a cabeça.

– É, Agnes, minha boa Agnes! Sempre a minha boa Agnes!

– Se eu fosse boa de fato, Trotwood – retomou ela –, só teria uma coisa em meu coração.

Olhei para ela interrogativamente, mas já prevendo o que queria dizer.

– Alertar você – disse Agnes com olhar firme – contra seu anjo mau.

– Minha querida Agnes – comecei a dizer –, se está falando de Steerforth...

– Estou, Trotwood – ela retorquiu.

– Então, Agnes, está sendo muito injusta com ele. Ele, meu anjo mau, ou anjo mau de alguém? Ele não é senão um guia, um apoio e um amigo para mim! Minha querida Agnes! Não é injusto e indigno de você julgar Steerforth pelo que viu de mim anteontem à noite?

– Não julgo Steerforth pelo que vi de você essa noite – ela replicou, tranquila.

– Então por quê?

– Por muitas coisas sem importância em si mesmas, mas que não me parecem assim quando postas lado a lado. Julgo seu amigo em parte pelo que você diz dele, Trotwood, e por seu caráter, pela influência que tem sobre você.

Havia sempre em sua voz comedida alguma coisa que parecia tocar uma corda dentro de mim, que só vibrava com aquele som. Era sempre séria, mas quando era muito séria, como nesse momento, havia nela uma emoção que me interiorizava. Fiquei olhando para ela quando baixou os olhos para seu trabalho, parecendo ouvi-la ainda, e Steerforth, apesar de toda a minha ligação com ele, se apagou diante daquele tom.

– É muita ousadia minha – disse Agnes, erguendo os olhos outra vez –, que vivo tão reclusa e conheço tão pouco do mundo, alertar você com tamanha segurança, ou mesmo ter essa opinião forte. Mas sei que isso tem origem, Trotwood, na lembrança de termos crescido juntos, no

interesse que sinto por tudo que diz respeito a você. É isso que me deixa ousada. Tenho muita certeza do que digo. Certeza absoluta. Sinto como se fosse outra pessoa falando com você, não eu, quando alerto que você fez um amigo perigoso.

De novo olhei para ela, de novo ouvi quando ela se calou e de novo a imagem dele, mesmo ainda fixa em meu coração, escureceu.

– Não sou tão boba a ponto de esperar – disse Agnes, retomando seu tom usual, depois de um momento – que você consiga mudar, ou que mude de imediato qualquer sentimento que constitui uma convicção sua; menos ainda um sentimento enraizado em seu temperamento confiante. Não tem de fazer nada precipitado. Só peço, Trotwood, se você pensa em mim às vezes... quer dizer – com um sorriso tranquilo porque eu ia interrompê-la e ela sabia o motivo–, que toda vez que pensar em mim, pense no que eu disse. Você me perdoa por tudo isso?

– Perdoo, Agnes – repliquei –, quando você fizer justiça a Steerforth e vier a gostar dele como eu gosto.

– Só então? – Agnes perguntou.

Vi uma nuvem passar por seu rosto quando fiz essa menção a ele, mas ela retribuiu meu sorriso, e estávamos de novo tão sem reservas como antes em nossa mútua confiança.

– E quando, Agnes – disse eu –, vai me desculpar pela noite de anteontem?

– Quando me lembrar dela – disse Agnes.

Ela queria esquecer o assunto assim, mas eu estava muito incomodado para permitir isso e insisti em contar como aconteceu de eu me desonrar e como foi a sequência de circunstâncias que teve o teatro como elo final. Foi um grande alívio para mim contar tudo e ampliar a obrigação que eu devia a Steerforth por cuidar de mim quando eu estava incapaz de me cuidar sozinho.

– Não pode esquecer – disse Agnes, mudando calmamente de assunto assim que eu concluí – que você ficou de sempre me contar não só quando tivesse problemas, mas quando se apaixonasse. Quem veio depois da senhorita Larkins, Trotwood?

– Ninguém, Agnes.

– Alguém, Trotwood – disse Agnes, rindo e erguendo o dedo.

– Não, Agnes, juro! Existe, sim, na casa da senhora Steerforth, uma dama que é muito inteligente e com quem gosto de conversar, a senhorita Dartle, mas não tenho adoração por ela.

Agnes riu de novo diante de sua percepção e me disse que, se eu fosse fiel a ela em minha confiança, ela achava que faria um pequeno registro de minhas violentas ligações, com as datas, duração e término de cada uma, como a tabela dos reinados de reis e rainhas na história da Inglaterra. Então me perguntou se eu tinha visto Uriah.

– Uriah Heep? – perguntei. – Não. Ele está em Londres?

– Ele vai ao escritório aí de baixo todos os dias – Agnes respondeu. – Chegou a Londres uma semana antes de mim. Infelizmente é por um negócio desagradável, Trotwood.

– Algum negócio que inquieta você, Agnes, estou vendo – eu disse. – O que pode ser?

Agnes deixou de lado o trabalho e respondeu pousando a mão uma sobre a outra e olhando pensativa para mim com aqueles lindos olhos suaves que tinha:

– Acho que ele vai se associar a meu pai.

– O quê? Uriah? Aquele sujeito mesquinho, subserviente, vai se esgueirar numa tal promoção? – exclamei indignado. – Você não protestou, Agnes? Pense que tipo de ligação poderá ser. Você tem de falar. Não pode permitir que seu pai dê esse passo louco. Tem de impedir isso, Agnes, enquanto é tempo.

Ainda olhando para mim, Agnes sacudiu a cabeça enquanto eu falava, com um tênue sorriso à minha eloquência, e replicou:

– Lembra nossa última conversa sobre papai? Não foi muito depois disso, não mais que um ou dois dias, que ele me deu o primeiro sinal do que acabo de contar. Fiquei tão triste de ver como ele lutava entre seu desejo de apresentar a coisa para mim como uma escolha de sua parte e a incapacidade de esconder que era algo que lhe era imposto. Fiquei com muita pena.

– Imposto a ele, Agnes? Quem impôs a ele?

– Uriah passou a ser indispensável para papai – ela replicou depois de um momento de hesitação. – Ele é sutil e alerta. Percebeu quais eram as fraquezas de papai, e estimulou todas, se aproveitou delas até... para dizer tudo o que quero dizer com uma única palavra, Trotwood, até papai sentir medo dele.

Havia mais coisas que ela poderia ter dito, de que tinha conhecimento, ou de que suspeitava, isso eu via com clareza. Não podia impor a ela a dor de perguntar o que era, porque sabia que ela esconderia de mim para preservar o pai. Eu sentia que a coisa se encaminhava para isso havia bastante tempo: sim, eu não podia deixar de sentir, pensando bem, que vinha acontecendo havia bastante tempo. Continuei calado.

– A ascendência dele sobre papai – disse Agnes – é muito grande. Ele se declara humilde e grato, com sinceridade, talvez: espero que sim, mas sua posição de fato é de poder, e temo que faça um duro uso do poder.

Eu disse que ele era infame, o que, no momento, foi uma grande satisfação para mim.

– Na época de que estou falando, a época em que papai falou comigo – continuou Agnes –, ele disse a papai que ia embora; que sentia muito, não queria ir, mas que tinha projetos melhores. Papai ficou muito deprimido então, mais deprimido pela preocupação do que eu ou você jamais vimos. Mas pareceu aliviado com esse expediente da sociedade, embora ao mesmo tempo pareça magoado por isso, envergonhado.

– E como você recebeu isso, Agnes?

– Fiz o que espero ter sido o correto, Trotwood – ela respondeu. – Bastante segura de que era uma coisa necessária para o sossego de papai que fosse feito o sacrifício, insisti para que aceitasse. Disse que ia tirar um peso de sua vida. Espero que tire! E que me daria mais oportunidades de estar na companhia dele. Ah, Trotwood! – Agnes exclamou, cobrindo o rosto com as mãos quando as lágrimas surgiram –, quase sinto como se fosse inimiga de papai em vez de uma filha amorosa. Porque sei que ele mudou, por devoção a mim. Sei o quanto ele estreitou o círculo de suas amizades e obrigações, concentrando toda a sua atenção em mim. Sei a infinidade de coisas que deixou de lado por minha causa e como sua

preocupação por mim escureceu sua vida e diminuiu sua força e energia, conduzidas todas para uma única ideia. Se pudesse resolver isso! Se eu conseguisse restaurar papai depois de ter sido, tão inocentemente, a causa de seu declínio!

Nunca tinha visto Agnes chorar. Tinha visto lágrimas em seus olhos quando trazia alguma distinção da escola, e as tinha visto na última vez em que falamos de seu pai, e vi sua delicada cabeça inclinada quando os despedimos, mas nunca a tinha visto lamentar assim. Me deu tanta pena que só consegui dizer, de um modo tolo, desamparado:

– Por favor, Agnes, não chore! Não chore, minha irmã querida!

Mas Agnes era muito superior a mim em caráter e determinação para precisar de meu apoio, como bem sei agora, soubesse ou não naquele momento. A maneira bela, calma, que em minha lembrança a torna tão diferente de qualquer outra pessoa, volta como se uma nuvem tivesse passado por um céu sereno.

– É pouco provável que nós continuemos sozinhos por muito tempo – disse Agnes –, e enquanto tenho a oportunidade, quero insistir muito com você, Trotwood, a ser tolerante com Uriah. Não afaste Uriah. Não dê ouvidos (como sinto que é sua tendência geral fazer) ao que é desagradável nele para você. Ele pode não merecer isso, uma vez que não sabemos nada de mau dele. De qualquer forma, pense primeiro em papai e em mim!

Agnes não teve tempo de dizer mais nada, porque a porta da sala se abriu e a sra. Waterbrook, que era uma mulher grande, ou usava um vestido grande: não sei exatamente o quê, pois não conseguia distinguir o que era vestido e o que era mulher, entrou, determinada. Eu me lembrava vagamente de tê-la visto no teatro, como se a tivesse visto numa pálida lanterna mágica, mas ela parecia se lembrar de mim perfeitamente e suspeitar que eu ainda estivesse em estado de embriaguez.

Porém, descobrindo aos poucos que eu estava sóbrio e (espero) que era um jovem comedido, a sra. Waterbrook relaxou consideravelmente em relação a mim, e perguntou, primeiro, se eu frequentava muito os parques, e em seguida se frequentava muito a sociedade. Ao responder

negativamente ambas as perguntas, me ocorreu que mais uma vez caía sua opinião, mas ela escondeu o fato com elegância e me convidou para jantar no dia seguinte. Aceitei o convite e fui embora, parando para ver Uriah ao sair e deixar um cartão meu em sua ausência.

Quando fui jantar no dia seguinte e, ao se abrir a porta, mergulhar num banho de vapor de pernil de cordeiro, adivinhei que não seria o único convidado, pois imediatamente identifiquei o entregador disfarçado, ajudando a criada da família, esperando ao pé da escada para subir e anunciar meu nome. Quando perguntou meu nome confidencialmente, ele fingiu o melhor que pôde que nunca tinha me visto antes, mas o reconheci perfeitamente e ele me reconheceu. A consciência fez de nós dois covardes.{20}

Descobri que o sr. Waterbrook era um cavalheiro de meia-idade, de pescoço curto e colarinho comprido, a quem só faltava um nariz preto para ser o retrato de um cachorro *pug*. Disse que estava feliz por ter a honra de me conhecer; e depois que saudei a sra. Waterbrook, ele me apresentou, com grande cerimônia, a uma dama muito horrenda de vestido de veludo preto e grande chapéu de veludo preto, de que me lembro como se parecesse uma parente próxima de Hamlet, digamos, sua tia.

Sra. Henry Spiker era o nome da dama, e seu marido também estava lá: um homem tão frio que seu cabelo, em vez de grisalho, parecia polvilhado com neve. Demonstravam imensa deferência a Henry Spiker e sua mulher, que Agnes me contou dever-se ao fato de o sr. Henry Spiker ser advogado de alguma coisa ou alguém, esqueço o quê, vagamente ligado ao Tesouro.

Encontrei Uriah Heep no grupo, vestido de preto e em profunda humildade. Ele me disse, quando apertei sua mão, que estava orgulhoso de ser notado por mim e que realmente se sentia agradecido por minha condescendência. Eu preferia que ele tivesse sido menos grato a mim, pois ficou me rondando com sua gratidão o resto da noite, e toda vez que eu dirigia uma palavra a Agnes, com toda a certeza ele estava olhando para nós detrás daqueles olhos sombrios e rosto cadavérico.

Havia outros convidados, todos engalanados para a ocasião. Mas um

deles atraiu minha atenção antes mesmo de entrar, uma vez que ouvi seu nome anunciado como sr. Traddles! Minha memória voou de volta para Salem House; e podia se tratar de Tommy, pensei, aquele que desenhava esqueletos!

Observei o sr. Traddles com especial interesse. Era um jovem sóbrio, de ar firme e maneiras discretas, com cabelo cômico e olhos bastante arregalados, que se enfiou em um canto escondido tão depressa que tive alguma dificuldade para encontrá-lo. Acabei dando uma boa olhada nele, e ou minha visão me enganava, ou era o velho e infeliz Tommy.

Fui até o sr. Waterbrook e disse acreditar que tinha o prazer de ver ali um velho colega de escola.

– É mesmo? – perguntou o sr. Waterbrook, surpreso. – O senhor não é jovem demais para ter ido à escola com Henry Spiker?

– Ah, não é dele que estou falando! – respondi. – Falo do cavalheiro chamado Traddles.

– Ah! Claro, claro! De fato! – disse meu anfitrião, bem menos interessado. – Pode ser.

– Se for realmente a mesma pessoa – disse eu, dando uma olhada para ele –, frequentamos juntos um lugar chamado Salem House e ele era uma pessoa excelente.

– Ah, claro. Traddles é uma pessoa excelente – replicou meu anfitrião, sacudindo a cabeça com ar de tolerância. – Traddles é uma ótima pessoa.

– Curiosa coincidência – eu disse.

– Realmente – retorquiu meu anfitrião –, uma coincidência Traddles estar aqui. Traddles só foi convidado hoje de manhã, quando o lugar à mesa que devia ser ocupado pelo irmão da senhora Henry Spiker ficou vago, em consequência de uma indisposição dele. Um homem muito cavalheiresco, o irmão da senhora Henry Spiker, senhor Copperfield.

Murmurei uma concordância, muito afável, considerando que não sabia nada a respeito dele; e perguntei qual a profissão do sr. Traddles.

– Traddles – respondeu o sr. Waterbrook – é um jovem que está estudando direito. Claro. Um bom sujeito. Não tem nenhum inimigo além de si mesmo.

– *Ele* é seu próprio inimigo? – perguntei, pesaroso por ouvir isso.

– Bom – disse o sr. Waterbrook apertando os lábios e brincando com a corrente do relógio de um jeito à vontade e próspero. – Eu diria que ele é um daqueles homens que atrapalham a si mesmos. É claro, eu diria que ele nunca chegará a ter, por exemplo, quinhentas libras. Traddles me foi recomendado por um colega de profissão. Ah, claro. Claro. Ele tem certo talento para elaborar resumos e expor um caso por escrito com clareza. Eu tenho a possibilidade de passar algumas coisas para Traddles ao longo do ano, algo considerável para ele. Ah, claro. Claro.

Fiquei muito impressionado com a maneira extremamente tranquila e satisfeita com que o sr. Waterbrook pronunciava essa palavrinha, *claro*, a toda hora. Era maravilhosamente expressiva. Comunicava à perfeição a ideia de um homem que nascera, digamos, não em berço de ouro, mas com uma escada, e que havia galgado os degraus da vida um depois do outro, até olhar do alto de sua fortificação, com o olhar de um filósofo, de um patrono, o povo lá embaixo, nas trincheiras.

Minhas reflexões sobre esse tema ainda estavam em processo quando chamaram para o jantar. O sr. Waterbrook foi até a tia de Hamlet. O sr. Henry Spiker acompanhou a sra. Waterbrook. Agnes, que eu gostaria de ter acompanhado, foi entregue a um sujeito afetado, de pernas fracas. Uriah, Traddles e eu, como parte mais jovem do grupo, seguimos por último, como era possível. Não fiquei tão incomodada como poderia ter ficado ao perder Agnes, uma vez que isso me dava a oportunidade de me identificar a Traddles na escada, e ele me cumprimentou com grande entusiasmo: enquanto Uriah se retorcia com uma satisfação e autodepreciação tão incômodos que eu adoraria tê-lo jogado por cima do corrimão.

Traddles e eu ficamos separados à mesa, colocados em cantos distantes: ele sob o olhar de uma dama de veludo vermelho; eu, à sombra da tia de Hamlet. O jantar foi muito longo e a conversa girou em torno de Aristocracia – e Sangue. A sra. Waterbrook repetia que, se tinha uma fraqueza, era o Sangue.

Diversas vezes me ocorreu que teríamos nos divertido mais se não fôssemos tão bem-comportados. Éramos tão incrivelmente bem-

comportados que nosso âmbito ficava muito limitado. Havia, entre os convidados, um sr. e sra. Gulpidge que tinham alguma coisa a ver, secundariamente (pelo menos o sr. Gulpidge tinha), com as questões legais do Banco; e com o Banco para cá e o Tesouro para lá, o assunto era tão exclusivo como a Corte Circular. Para completar o assunto, a tia de Hamlet tinha o defeito de família de recorrer a solilóquios e se estendia, de maneira incoerente, sozinha, sobre todos os tópicos abordados. Decerto que eram poucos, mas como sempre voltávamos ao Sangue, a dama tinha um campo tão vasto para especulação abstrata quanto seu próprio sobrinho.

Podíamos ser um grupo de ogros, tão sanguínea era nossa conversa.

– Confesso que sou da mesma opinião da senhora Waterbrook – disse o sr. Waterbrook, com o cálice de vinho à altura dos olhos. – Outras coisas podem ser muito bonitas a seu modo, mas para mim nada melhor do que o Sangue!

– Ah! Nada é tão satisfatório! – observou a tia de Hamlet. – Nada é tão próximo do *beau-idéal* de... de todo tipo de coisa, falando em termos gerais. Existem espíritos inferiores (não muitos, quero crer, mas *alguns*) que preferem fazer o que *eu* chamo de curvar-se diante de ídolos. De ídolos! Diante de serviço, de intelecto etc. Só que são pontos intangíveis. O Sangue não. Vemos a herança do Sangue num nariz e reconhecemos. Encontramos num queixo e dizemos: "Aí está! Do mesmo Sangue!". É uma realidade. Que podemos apontar. Não admite dúvida.

O sujeito afetado de pernas fracas, que havia acompanhado Agnes, expôs a questão ainda mais decididamente, eu achei.

– Ah, sabe, que diabo – disse esse cavalheiro, olhando em torno com um sorriso imbecil –, nada é mais importante que o Sangue, sabe? A pessoa tem que ter Sangue, sabe? Tem gente jovem, sabe, que fica um pouco abaixo da sua classe, talvez, em termos de educação e comportamento, e pode errar um pouco, sabe, e acabar se envolvendo e envolvendo os outros numa porção de problemas, e tudo, mas, que diabo, é um prazer ver que tem Sangue! Eu mesmo preferia ser derrubado por alguém que tem Sangue a ser elevado por alguém que não tem!

Esse sentimento, resumindo a questão geral, produziu absoluta satisfação e pôs o cavalheiro no centro das atenções até as damas se retirarem. Depois disso, observei que o sr. Gulpidge e o sr. Henry Spiker, que tinham até então ficado muito distantes, entraram em aliança defensiva contra nós, o inimigo comum, e trocaram um misterioso diálogo por cima da mesa para nos derrotar e derrubar.

– Essa questão da primeira fiança de quatro mil e quinhentas libras não seguiu o rumo esperado, Spiker – disse o sr. Gulpidge.

– No caso de D. de A.? – perguntou o sr. Spiker.

– De C. de B. – respondeu o sr. Gulpidge.

O sr. Spiker ergueu as sobrancelhas e pareceu muito preocupado.

– Quando a questão foi apresentada a lorde... não preciso dizer o nome – o sr. Gulpidge falou, controlando-se.

– Entendo – disse o sr. Spiker. – N.

O sr. Gulpidge assentiu gravemente:

– ... foi apresentada a ele, a resposta que deu foi: “Ou paga ou não se libera”.

– Valha-me Deus! – exclamou o sr. Spiker.

– Ou paga ou não se libera – repetiu o sr. Gulpidge com firmeza. – A parte interessada na restituição... está entendendo?

– K. – disse o sr. Spiker com expressão pesada.

– K. se recusou de forma categórica a assinar. Foram até Newmarket com essa finalidade, e ele se recusou definitivamente a assinar.

O sr. Spiker estava tão interessado que pareceu se transformar em pedra.

– A questão está nesse pé agora – disse o sr. Gulpidge, jogando-se de volta em sua cadeira. – Nosso amigo Waterbrook haverá de me perdoar se deixo de explicar com clareza, em virtude da magnitude dos interesses envolvidos.

Tive a impressão de que o sr. Waterbrook estava simplesmente encantado de ver esses interesses e esses nomes, mesmo apenas insinuados, em sua mesa. Assumiu uma expressão de sombria inteligência (embora acredite que ele não entendeu aquela discussão

mais do que eu) e deu ampla aprovação à discrição que havia observado. O sr. Spiker, depois de receber tamanha confiança, naturalmente desejou favorecer o amigo com uma confidência sua, de forma que o diálogo anterior foi seguido por outro em que foi a vez de o sr. Gulpidge se surpreender, e por outro em que a surpresa foi do sr. Spiker e assim por diante, um após outro. O tempo todo, nós, os intrusos, nos vimos oprimidos pelos tremendos interesses envolvidos na conversa, e nosso anfitrião nos olhava com orgulho, como as vítimas de um salutar assombro e admiração.

Fiquei muito contente de subir para encontrar Agnes, e conversarmos num canto e apresentar-lhe Traddles, que era tímido, mas agradável, ainda a mesma criatura bondosa. Como teve de ir embora cedo, uma vez que viajaria por um mês no dia seguinte, não conversei com ele tanto quanto gostaria, mas trocamos endereços e prometemos que teríamos o prazer de nos encontrar quando voltasse à cidade. Ele ficou muito interessado em saber que eu conhecia Steerforth, e falei dele com tamanho ardor que o levei a contar para Agnes sua opinião a respeito de Steerforth. Mas Agnes se limitou a olhar para mim o tempo todo, balançando a cabeça ligeiramente quando só eu a observava.

Como estava entre pessoas com as quais eu acreditava que ela não se sentia muito à vontade, fiquei quase contente de saber que ela iria sair por alguns dias, embora triste pela ideia de me despedir dela outra vez tão depressa. Isso me fez ficar até todo o grupo ir embora. Conversar com ela, e ouvila cantar, era uma lembrança tão deliciosa de minha vida feliz naquela circunspecta casa antiga que ela tornava tão bela, que eu era capaz de passar ali quase a noite toda, mas não tendo desculpa para ficar mais, quando as luzes da casa do sr. Waterbrook foram todas apagadas, me retirei, muito contra a vontade. Senti então, mais que nunca, que ela era meu melhor anjo; e quando pensava em seu doce rosto e plácido sorriso como se brilhassem sobre mim vindos de um ser remoto, como um anjo, espero não ter pensado nenhum mal.

Disse que o grupo todo havia se retirado, mas devia ter esperado Uriah, que eu não incluía entre eles e que nunca deixou de rondar em torno de nós. Ele estava bem perto, atrás de mim, quando desci a escada.

Estava atrás de mim quando me afastei da casa, calçando lentamente os longos dedos de esqueleto nos dedos ainda mais longos de grandes luvas de Guy Fawkes.

Não estava nada disposto para a companhia de Uriah, mas lembrando o pedido que Agnes havia me feito, perguntei se não gostaria de ir a meu apartamento, tomar café.

– Ah, sem dúvida, Copperfield – disse ele –, desculpe, senhor Copperfield, a intimidade vem naturalmente, não gostaria que o senhor se sentisse obrigado a convidar uma pessoa tão humilde como eu pra sua casa.

– Não é obrigação nenhuma – disse eu. – Aceita?

– Gostaria muito – replicou Uriah, se retorcendo.

– Bom, então vamos! – disse eu.

Não conseguia evitar ser bastante lacônico com ele, mas ele parecia não se importar. Tomamos o caminho mais curto, sem conversar muito na rua, e ele era tão humilde a respeito daquelas luvas de espantalho que ainda estava calçando, parecendo não ter avançado nada nessa atividade quando chegamos à minha casa.

Segui à frente dele na escada escura, para impedir que batesse a cabeça contra alguma coisa, e na verdade sua mão úmida e fria parecia um sapo em minha mão, a tal ponto que me senti tentado a largá-la e ir embora. Agnes e a hospitalidade levaram a melhor, porém, e o conduzi até minha lareira. Quando acendi as velas, ele caiu num submisso êxtase pela sala que lhe foi revelada; e quando aqueci o café em uma simples caneca de estanho na qual a sra. Crupp gostava de prepará-lo (principalmente, acredito, porque não era destinada a esse propósito, sendo uma caneca de barbear, e porque havia uma invenção patenteada de alto preço embolorando na despensa), ele expressou tamanha emoção que eu teria adorado escaldá-lo.

– Ah, realmente, Copperfield... digo, senhor Copperfield – disse Uriah –, jamais podia esperar que o senhor fosse me servir um dia! Mas de um jeito ou de outro tanta coisa aconteceu comigo que jamais podia esperar, com toda a certeza, na minha humilde posição, que parece que choveram bênçãos em cima da minha cabeça. O senhor deve ter ouvido falar, eu

acho, de uma mudança nas minhas expectativas, Copperfield... digo, senhor Copperfield?

Quando se sentou em meu sofá, com os joelhos ossudos juntos debaixo da xícara de café, o chapéu e as luvas no chão a seu lado, a colher girando e girando delicadamente, os olhos vermelhos desanuviados, cujos cílios pareciam ter se queimado, fixaram-se em mim sem me ver, as abas desagradáveis das narinas que já descrevi abrindo e fechando com a respiração, uma ondulação de serpente percorrendo todo seu corpo do queixo às botas, percebi em minha cabeça que ele me repugnava intensamente. Era muito perturbador para mim recebê-lo em minha casa, porque eu era jovem na época e ainda não sabia disfarçar o que sentia com tanta veemência.

– Deve ter ouvido alguma coisa, eu acho, sobre uma mudança nas minhas expectativas, Copperfield, digo, senhor Copperfield? – observou Uriah.

– Ouvi, sim – disse eu. – Alguma coisa.

– Ah! Achei mesmo que a senhorita Agnes devia saber! –ele respondeu, baixo. – Fico contente que a senhorita Agnes saiba. Ah, obrigado, Copperfield... senhor Copperfield!

Podia ter atirado nele a minha calçadeira (que estava ali mesmo no tapete) por ter me levado a revelar uma coisa referente a Agnes, mesmo de pouca importância. Mas apenas tomei meu café.

– Como foi profético, senhor Copperfield! – Uriah prosseguiu. – Nossa, que profeta que o senhor foi! Não lembra que me disse uma vez que quem sabe eu podia ser sócio na firma do senhor Wickfield e a firma ficar Wickfield e Heep! *O senhor* pode ser que não lembre, mas quando uma pessoa é humilde, Copperfield, a pessoa valoriza essas coisas!

– Me lembro de ter falado a respeito – disse eu –, embora não achasse muito provável na época.

– Ah, quem podia imaginar, senhor Copperfield? – Uriah exclamou, entusiasmado. – Decerto eu é que não. Me lembro que eu disse com a minha própria boca que eu era humilde demais. E me considerava assim mesmo, de verdade.

Com um sorriso fixo no rosto, ele olhava o fogo e eu olhava para ele.

– Mas as pessoas mais humildes, Copperfield – ele retomou então –, podem ser instrumentos do bem. Fico contente de pensar que fui o instrumento do bem pro senhor Wickfield e que posso ser mais ainda. Ah, que homem valoroso ele é, senhor Copperfield, mas como foi imprudente!

– Sinto muito ouvir isso – eu disse. E não consegui deixar de acrescentar, cheio de intenções. – Sob todos os aspectos.

– Sem dúvida, senhor Copperfield – Uriah replicou. – Sob todos os aspectos. A senhorita Agnes acima de tudo! Não deve se lembrar da eloquência das suas expressões, Copperfield; mas *eu* lembro que disse um dia que todo mundo devia admirar a senhorita Agnes, e como sou grato por isso! O senhor esqueceu, claro, Copperfield?

– Não – respondi, secamente.

– Ah, como fico contente que não tenha esquecido! – exclamou Uriah, arrebatado. – Pensar que o senhor foi o primeiro a avivar as fagulhas de ambição no meu peito humilde e que não esqueceu! Ah! O senhor se importa se eu pedir mais uma xícara de café?

Algo no seu modo enfático de avivar as fagulhas e algo no olhar que dirigiu a mim ao dizer isso me causaram um sobressalto, como se o visse iluminado pelo fulgor de um raio. Despertado por seu pedido, enunciado em tom de voz muito diferente, fiz as honras da caneca de barbear, mas o fiz com a mão tão trêmula, com uma repentina sensação de não ser páreo para ele e uma perplexa suspeita ansiosa quanto ao que poderia ser dito em seguida, que, pelo que senti, não devia ter escapado à sua observação.

Ele nada disse. Mexeu e remexeu o café, tomou, alisou o queixo suavemente com a mão horrenda, olhou o fogo, olhou em torno da sala, suspirou mais que sorriu para mim, retorceu-se e ondulou inteiro, em seu deferente servilismo, mexeu e bebeu de novo, mas deixou a retomada da conversa a meu cargo.

– Então, o senhor Wickfield – disse eu, afinal –, que vale quinhentos do senhor, ou de mim – juro por minha vida que não consegui evitar dividir a frase com um gesto brusco –, foi imprudente, senhor Heep, foi?

– Ah, muito imprudente, Copperfield – retomou Uriah, suspirando modestamente. – Ah, muito mesmo! Mas preferia que me chamasse de Uriah, por favor. Como nos velhos tempos.

– Bom! Uriah – disse eu, enunciando o nome com alguma dificuldade.

– Obrigado! – ele replicou, fervoroso. – Obrigado, Copperfield! É como ouvir o sopro de antigas brisas ou o toque de velhos sinos ouvir o *senhor* dizer Uriah. Mas me desculpe. Do que eu estava falando?

– Do senhor Wickfield – sugeri.

– Ah, isso, claro – disse Uriah. – Ah! Grande imprudência, Copperfield. É um assunto em que eu não tocaria com ninguém a não ser com o senhor. Mesmo com o senhor, só posso tocar no assunto, mais nada. Se uma outra pessoa estivesse no meu lugar estes últimos anos, a essa altura já podia ter completo domínio sobre o senhor Wickfield (ah, que homem de valor ele é, Copperfield!). Com-ple-to do-mí-nio – disse Uriah, muito devagar estendendo a mão de aspecto cruel acima da mesa, e pressionou o polegar nela até tremer e estremecer a sala.

Se tivesse tido a oportunidade de vê-lo com o pé espalmado sobre a cabeça do sr. Wickfield, dificilmente o teria odiado mais.

– Ah, é, sim, Copperfield – ele prosseguiu, com voz suave, contrastando incrivelmente com a atitude do polegar que não diminuía em nada a forte pressão –, não resta dúvida. Teria ocorrido perda, vexame, nem sei o que mais. O senhor Wickfield sabe disso. Sou um humilde instrumento a humilde serviço dele, e ele me eleva a uma posição importante que eu dificilmente podia esperar atingir. Tenho tanta gratidão por ele! – Com o rosto voltado para mim, ele se calou, mas sem olhar para mim, tirou o dedo torto do ponto onde o havia plantado e lentamente, pensativamente, raspou o queixo comprido com ele, como se estivesse se barbeando.

Me lembro bem de como o meu coração batia de indignação, ao ver seu rosto ardiloso iluminado pelo vermelho adequado da luz do fogo, se preparando para algo mais.

– Copperfield – se pôs a dizer –, estou tomando seu tempo?

– Não está tomando meu tempo. Costumo me deitar tarde.

– Obrigado, Copperfield! Subi da minha humilde posição desde que o senhor conversava comigo, é verdade, mas ainda sou humilde. Espero nunca deixar de ser humilde. O senhor não vai pensar mal de minha humildade se eu fizer uma pequena confidência, Copperfield? Vai?

– Ah, não – disse eu, com esforço.

– Obrigado! – Ele tirou o lenço, e começou a enxugar as palmas das mãos. – A senhorita Agnes, Copperfield...

– O quê, Uriah?

– Ah, que agradável ser chamado de Uriah espontaneamente! – ele exclamou e estremeceu, como um peixe convulso. – O senhor achou que ela estava muito bonita hoje, Copperfield?

– Achei que estava como sempre: superior sob todos os aspectos a todo mundo à sua volta – respondi.

– Ah, obrigado! Muito verdadeiro! – ele exclamou. – Ah, muito obrigado por isso!

– De nada – respondi, isento. – Não há por que você me agradecer.

– Ora, isso, Copperfield – disse Uriah –, era de fato a confidência que eu ia tomar a liberdade de fazer. Humilde como sou – ele enxugou as mãos com mais força, olhou para elas e para o fogo, alternadamente. – Humilde como é minha mãe, e simples como nossa casa pobre, mas honesta também, a imagem da senhorita Agnes (não me importa revelar meu segredo pro senhor, Copperfield, porque sempre gostei do senhor, desde o primeiro momento em que tive o prazer de ver o senhor numa carruagem) mora no meu peito há anos. Ah, Copperfield, como é puro o afeto com que amo o chão que a senhorita Agnes pisa!

Acho que tive a ideia delirante de pegar o ferro de atiçar em brasa na lareira e atravessá-lo com ele. Aquilo me atingiu como um choque, como uma bala detonada de um rifle: mas a imagem de Agnes, ultrajada pela simples ideia daquele animal de cabelo vermelho, permaneceu em minha mente quando olhei para ele, ali sentado, todo torto, como se sua alma mesquinha estivesse agarrada ao corpo, e me deixou tonto. Ele pareceu inchar e crescer diante de meus olhos, a sala pareceu se encher dos ecos de sua voz; e fui tomado pela estranha impressão (à qual talvez ninguém

seja alheio) de que aquilo havia acontecido antes, em algum tempo indefinido, de que eu sabia o que ele ia dizer.

Uma observação oportuna da sensação de poder que havia em seu rosto fez mais por trazer de volta à minha lembrança, com força total, o pedido de Agnes, do que qualquer esforço que eu pudesse fazer. Perguntei, com melhor aparência de compostura do que poderia supor possível um minuto antes, se ele havia revelado seus sentimentos a Agnes.

– Ah, não, Copperfield – ele respondeu –, ah, nossa, não! Pra ninguém além do senhor. Sabe, estou começando a subir da minha baixa posição. Tenho uma grande esperança de que ela observe o quanto sou útil pro pai dela (porque acho que sou muito útil pra ele, de fato, Copperfield) e como facilito as coisas para ele e mantenho ele na linha. Ela é tão ligada no pai, Copperfield (como isso é lindo numa filha!), que acho que por essa razão pode vir a ser boa comigo.

Avaliei a profundidade de todo o esquema do patife e entendi por que ele o revelava a mim.

– Se tiver a bondade de manter segredo, Copperfield – prosseguiu –, e, em termos gerais, não ficar contra mim, vou tomar isso como um favor particular. Não gostaria de criar uma situação desagradável. Sei que é bondoso de coração, mas como me conheceu só na minha condição de humildade (no máximo da minha humildade, eu devia dizer, porque ainda sou muito humilde), o senhor pode, sem perceber, ficar contra mim diante da minha Agnes. Digo minha, percebe, Copperfield. Como diz a canção: “Renuncio a todo poder, se ela me pertencer!”. Espero fazer isso, um dia desses.

Querida Agnes! Seria possível que, tão amorosa e boa para qualquer um que eu pudesse imaginar, ela estivesse reservada para esposa de um miserável como aquele!

– Não tem pressa nenhuma no momento, sabe, Copperfield – Uriah prosseguiu, à sua maneira viscosa, enquanto eu ali ficava, olhando para ele com essa ideia na cabeça. –Minha Agnes ainda é muito jovem e minha mãe e eu ainda temos de progredir muito e tomar muitas novas providências pra isso ser mais conveniente. Então vou ter tempo pra

informar aos poucos da minha esperança, quando as ocasiões forem surgindo. Ah, fico tão agradecido com a sua confiança! Ah, é um alívio tão grande, nem imagina, saber que o senhor entende a minha situação, e com certeza (uma vez que não vai querer causar incômodos pra família) não vai ficar contra mim!

Ele pegou minha mão, que eu não ousava negar, e depois de umidamente apertá-la, consultou o relógio descorado.

– Minha nossa – disse –, já passa da uma! O tempo voa na intimidade do passado, Copperfield, quase uma e meia da manhã!

Respondi que achava ser mais tarde. Não que achasse de fato, mas porque minha capacidade de conversa efetivamente se esgotava. – Minha nossa – ele disse, pensando –, a casa onde estou pousando, uma espécie de hotel e pensão particular, Copperfield, perto de New River, já vai estar toda dormindo a essa hora.

– Sinto muito – respondi –, só tenho uma cama aqui e eu...

– Ah, nem fale de cama, Copperfield! – ele disse, em êxtase, erguendo uma perna. – Mas o senhor teria alguma objeção se eu dormisse na frente da lareira?

– Se assim for – eu disse –, por favor, fique com minha cama e eu durmo diante da lareira.

Sua recusa a essa oferta foi quase tão ruidosa, no excesso de surpresa e humildade, a ponto de penetrar os ouvidos da sra. Crupp, então adormecida, acredito, num quarto distante, situado ao nível mais baixo da casa, embalada em seu sono pelo tique-taque de um relógio incorrigível, ao qual ela sempre se referia quando tínhamos qualquer pequena diferença relativa à pontualidade e que nunca estava menos de quarenta e cinco minutos atrasado e que ela sempre acertava de manhã, que eu soubesse. Como nenhum argumento meu, naquele estado confuso, teve o menor efeito sobre a modéstia dele para induzi-lo a aceitar meu quarto, fui obrigado a fazer os melhores arranjos possíveis para ele dormir diante da lareira. O colchão do sofá (que era muito pequeno para sua figura esguia), as almofadas do sofá, um cobertor, a toalha da mesa, um pano de pratos limpo e um casacão serviram de cama e coberta, pelos quais ele ficou mais que agradecido. Depois de lhe

emprestar uma touca de dormir, que ele vestiu imediatamente, e com a qual ficava tão feio que nunca mais a usei, deixei-o descansar.

Nunca esquecerei essa noite. Nunca esquecerei o quanto virei e revirei na cama, como me esgotei pensando em Agnes com aquela criatura, como ponderei o que eu podia e o que devia fazer, como não podia chegar a outra conclusão a não ser que o melhor caminho para a serenidade dela era não fazer nada e guardar para mim o que tinha ouvido. Se eu adormecia por alguns momentos, a imagem de Agnes com seus olhos ternos e do pai olhando carinhosamente para ela, como eu tinha visto ocorrer tantas vezes, surgia diante de mim com seus rostos atraentes e me enchia de vagos terrores. Quando acordava, a lembrança de que Uriah estava deitado na sala ao lado me pesava como um pesadelo acordado; e me oprimia com um horror plúmbeo, como se eu tivesse alguma espécie de diabo menor como hóspede.

O ferro de atiçar também surgia em meus pensamentos e não ia embora. Pensava, entre dormindo e acordado, que ele ainda estava em brasa e que eu o tirava do fogo e com ele atravessava o corpo de Uriah. A ideia me atormentou a tal ponto, embora eu soubesse que não era real, que fui até a sala para ver Uriah. Lá estava ele, deitado de costas, as pernas esticadas não sei para onde, a garganta gorgolejando, o nariz entupido, a boca aberta como uma caixa de correio. Ele era tão pior na realidade do que em minha fantasia desequilibrada que a própria repulsa me atraía, e não pude evitar voltar a cada hora, talvez, para dar mais uma olhada. Mesmo assim, a longa, longa noite parecia mais pesada e desesperada que nunca, e não havia promessa de dia no céu escuro.

Quando o vi descer a escada bem cedo na manhã seguinte (porque, graças ao céu, não ficou para o desjejum!), parecia que a noite ia embora com sua pessoa. Ao sair para o trabalho, dei orientações específicas à sra. Crupp para que deixasse as janelas abertas a fim de arejar minha sala e expurgar a presença dele.

XXVI

Caio em cativeiro

Não vi mais Uriah Heep até o dia em que Agnes deixou a cidade. Eu estava no terminal da diligência para me despedir dela; e lá estava ele, voltando a Canterbury pelo mesmo veículo. Senti uma pequena satisfação ao ver seu casaco parco cor de amora, de cintura curta e ombros erguidos, empoleirado, na companhia de um guarda-chuva que parecia uma pequena tenda, na ponta do banco de trás do teto, enquanto Agnes ocupava, claro, o banco interno, mas o esforço que tive de fazer para ser simpático com ele enquanto Agnes olhava talvez merecesse essa pequena recompensa. Na janela da diligência, como no jantar, ele rondava em torno de nós sem parar, como um grande abutre, devorando toda sílaba que eu dizia a Agnes ou ela a mim.

No estado perturbado em que a presença dele junto à lareira havia me lançado, eu pensara muito nas palavras que Agnes usara em relação à sociedade: “Fiz o que espero ter sido o correto. Bastante segura de que era uma coisa necessária para o sossego de papai que fosse feito o sacrifício, insisti para que aceitasse”. Uma infeliz premonição de que ela cederia, e sustentaria o mesmo sentimento em relação a qualquer sacrifício a favor dele, havia me oprimido desde então. Eu sabia o quanto ela amava o pai. Sabia qual era a devoção de sua natureza. Sabia por seus próprios lábios que ela se considerava a causa inocente dos erros dele, e que tendo com ele uma grande dívida, desejava ardentemente compensá-lo. Não me consolava ver o quanto ela era diferente daquele detestável Rufo{21} com casaco cor de amora porque sentia que exatamente na diferença entre eles, na abnegação da alma pura dela e na sórdida baixeza da dele, residia o maior perigo. Tudo isso, sem dúvida, ele sabia muito bem e havia ponderado bastante em sua malícia.

No entanto, eu tinha tanta certeza de que a possibilidade de tal sacrifício destruiria a felicidade de Agnes e tão seguro estava, por suas

maneiras, de que ela não via ainda a sombra que pairava sobre si, que eu a magoaria se a alertasse sobre o perigo iminente. De forma que nos despedimos sem explicação: ela abanando a mão e sorrindo em despedida na janela da diligência, seu anjo mau se retorcendo no teto, como se a tivesse em suas garras, triunfante.

Durante muito tempo, não consegui esquecer esse relance deles. Quando Agnes escreveu para me contar que chegara bem, eu estava tão arrasado como quando a vi partir. Sempre que caía num estado pensativo, essa questão surgia, com certeza, e toda minha inquietação redobrava. Dificilmente passava uma noite sem sonhar com isso. Passou a fazer parte de minha vida, tão inseparável de mim como minha própria cabeça.

Eu tinha muito tempo para apurar minha inquietação, pois Steerforth estava em Oxford, como me escreveu, e quando eu não estava na Corte Civil, ficava muito sozinho. Acredito que por essa época sentia alguma vaga desconfiança de Steerforth. Escrevi uma carta muito afetuosa em resposta à dele, mas acho que, no geral, ele estava contente de não poder vir a Londres. Desconfio que a verdade era que eu estava influenciado por Agnes, imune a ele; e que isso era tão forte para mim porque ela ocupava uma parte muito grande de meus pensamentos e interesses.

Passaram-se dias e semanas. Fui efetivado na Spenlow e Jorkins. Ganhava de minha tia noventa libras por ano (além do aluguel e de uma porção de outras despesas). Meu apartamento estava alugado por doze meses garantidos e, embora ainda o achasse desolado ao anoitecer e longas as noites, consegui me acomodar num estado de razoável depressão e me resignar ao café que, em retrospecto, pareço ter tomado aos litros durante esse período de minha existência. Nessa época também, fiz três descobertas: primeiro, que a sra. Crupp era sujeita a uma curiosa indisposição que chamava de “espasmos”, geralmente acompanhada de inflamação do nariz, e que exigia ser tratada constantemente com hortelã; segundo, que algo peculiar na temperatura de minha despensa fazia explodir as garrafas de conhaque; terceiro, que eu estava sozinho no mundo, muito propenso a registrar essa circunstância em fragmentos de versos em inglês.

No dia em que fui efetivado, não houve nenhuma festividade além de eu levar sanduíches e xerez para os funcionários do escritório e ir ao teatro sozinho à noite. Fui ver *O estranho*, uma peça ao estilo da Corte Civil, e fiquei tão incomodado que mal me reconheci no espelho quando voltei para casa. Nessa ocasião, o sr. Spenlow observou, quando concluímos nosso contrato, que gostaria de me receber em sua casa em Norwood para comemorar nossa ligação, não fosse sua organização doméstica estar algo perturbada pela volta da filha, que terminava sua formação em Paris. Mas ele afirmou que, quando ela voltasse para sua casa, esperava ter o prazer de minha companhia. Eu sabia que ele era viúvo, com uma filha única, e expressei meus agradecimentos.

O sr. Spenlow foi fiel à sua palavra. Uma ou duas semanas depois, ele se referiu a esse compromisso e disse que, se eu lhe fizesse o favor de ir no sábado seguinte para ficar até a segunda-feira, ficaria extremamente feliz. Claro que eu disse que faria, sim, esse favor, e ele então me levaria em sua carruagem e me traria de volta.

Quando chegou o dia, minha valise foi objeto de veneração por parte dos funcionários menores para os quais a casa em Norwood era um mistério sagrado. Um deles me informou ter ouvido dizer que o sr. Spenlow só comia com prataria e porcelana; outro insinuou que se tomava champanhe constantemente, em lugar do costume usual da cerveja de mesa. O velho funcionário de peruca, cujo nome era sr. Tiffey, lá estivera várias vezes ao longo da carreira, e em cada ocasião penetrara na sala de desjejum. Ele a descreveu como um aposento da mais suntuosa natureza, e disse que tinha bebido lá um xerez marrom das Índias Orientais, de qualidade tão refinada que fazia sonhar.

Nesse dia, tínhamos, no Consistório, um caso adiado de excomunhão de um padeiro que havia protestado numa sacristia contra um imposto de pavimentação, e como as provas eram, pelos meus cálculos, duas vezes mais volumosas que *Robinson Crusoé*, já era bem tarde quando terminamos. Porém, o padeiro foi excomungado por seis semanas e sentenciado a arcar com as custas; em seguida, o procurador do padeiro, o juiz e os advogados de ambos os lados (que eram todos próximos) saíram da cidade juntos, e eu e o sr. Spenlow rumamos na carruagem.

A carruagem era um fáeton muito bonito, os cavalos arqueavam os pescoços e erguiam as pernas como se soubessem pertencer à Corte Civil. Havia ali muita competição acerca de tudo, e por isso alguns equipamentos eram muito especiais na época, embora eu tenha sempre achado e sempre acharei que na minha época o maior artigo de competição era a goma das camisas que, na minha opinião, era usada pelos procuradores ao ponto máximo que a natureza de um homem pode suportar.

A viagem foi muito agradável, e o sr. Spenlow me deu algumas orientações quanto à minha profissão. Disse que era a profissão mais distinta do mundo e que não devia de forma nenhuma ser confundida com a profissão de advogado: era bem diferente, infinitamente mais exclusiva, menos mecânica e mais lucrativa. Na Corte Civil levávamos as coisas com muito mais facilidade que em outros lugares, observou ele, e isso nos definia como uma classe à parte, privilegiada. Disse que era impossível esconder o fato desagradável de que éramos empregados sobretudo por advogados, mas me deu a entender que eram uma raça inferior de homens, universalmente malvistos por todos os procuradores de respeito.

Perguntei ao sr. Spenlow o que ele considerava o melhor tipo de negócio profissional. Ele respondeu que um bom caso de testamento em disputa, em em que houvesse uma bela propriedadezinha de trinta ou quarenta mil libras era, talvez, o melhor de todos. Nesse caso, disse, havia não apenas ótimos ganhos relativos aos argumentos a cada fase das ações, como montanhas e mais montanhas de provas de interrogatórios e contrainterrogatórios (sem falar de uma apelação feita primeiro aos delegados, depois aos lordes); mas como os custos com toda a certeza sairiam da propriedade no final, ambos os lados prosseguiam com energia, sem pensar nas despesas. Ele então passou a elogiar a Corte Civil em geral. O que devia ser especialmente admirado na Corte (disse) era ser compacta. Era o lugar de organização mais conveniente do mundo. Uma ideia completa de praticidade. Num espaço reduzido. Por exemplo: apresentava-se um caso de divórcio ou indenização ao Consistório. Muito bem. Julgava-se no Consistório. Fazia-se um breve

jogo discreto entre o grupo familiar e se conduzia o trabalho com tranquilidade. Suponhamos que o Consistório não fosse satisfatório, como se procedia então? Bem, ia-se para as Arcadas. O que eram as Arcadas? O mesmo tribunal, na mesma sala, com a mesma corte, os mesmos profissionais, mas outro juiz, pois o juiz do Consistório podia atuar a qualquer dia como advogado. Bem, aí se desenvolvia o jogo outra vez. O cliente ainda não estava satisfeito. Muito bem. O que se fazia então? Ora, dirigia-se aos delegados. Quem eram os delegados? Ora, os delegados eclesiásticos eram os advogados sem causa, que assistiam o desenvolvimento em ambas as cortes e embaralhavam as cartas, cortavam, jogavam e conversavam com todos os jogadores a respeito e então serviam de novo como juízes para encerrar o assunto a contento de todos! Descontentes podiam falar de corrupção na Corte Civil, de limitação na Corte Civil e da necessidade de remodelar a Corte Civil, disse o sr. Spenlow, concluindo solenemente, mas quando o preço do alqueire de trigo estava no auge, a Corte ficava mais ocupada e um homem podia pôr a mão no coração e dizer ao mundo inteiro: “Se tocarem na Corte, o país vem abaixo!”.

Ouvi tudo isso com atenção e embora, devo confessar, tivesse minhas dúvidas de que o país devesse tanta obrigação à Corte Civil como dizia o sr. Spenlow, concordei, respeitoso, com sua opinião. Quanto ao preço do alqueire de trigo, sentia modestamente que estava além de minhas forças, e isso encerrou o assunto. Até hoje não consegui entender essa história do alqueire de trigo. Isso reapareceu ao longo de toda minha vida, para me arrasar em relação a todo tipo de coisas. Não sei agora exatamente o que tem a ver comigo, ou que direito tem de me esmagar, numa variedade infinita de ocasiões, mas sempre que vejo o preço de meu velho amigo alqueire subir e descer no gráfico de preços (como ocorre sempre, observo), dou o caso por perdido.

Trata-se de uma digressão. Não era *eu* o homem a tocar a Corte Civil e pôr abaixo o país. Com meu silêncio, expressei submissamente minha aquiescência a tudo o que tinha ouvido de meu superior em anos de conhecimento, e conversamos sobre o espetáculo *O estranho* e o teatro, e sobre a parelha de cavalos, até chegarmos ao portão da casa do sr.

Spenlow.

Havia um lindo jardim na casa do sr. Spenlow; e embora não fosse a melhor época do ano para ver um jardim, era tão lindamente mantido que me encantou. Havia um belo gramado, grupos de árvores e caminhos em perspectiva que eu podia apenas distinguir no escuro, com arcos de treliça pelos quais cresciam arbustos e flores na estação correta. “Aqui a senhorita Spenlow passeia sozinha”, pensei. “Nossa!”

Entramos na casa, que estava alegremente iluminada e num hall onde havia todo tipo de chapéus, gorros, casacos, xales, luvas, chicotes e bengalas.

– Onde está a senhorita Dora? – perguntou o sr. Spenlow à criada. “Dora!”, pensei. “Que lindo nome!”

Viramos para uma sala próxima (acredito que era a própria sala de desjejum memorável pelo xerez marrom das Índias Orientais) e ouvi uma voz dizer:

– Senhor Copperfield, minha filha Dora, e a amiga e confidente de minha filha! – Era, sem dúvida, a voz do sr. Spenlow, mas eu não sabia e não me importava quem era. Tudo se consumiu em um momento. Eu havia cumprido meu destino. Estava cativo, escravizado. Amava Dora Spenlow à loucura!

Ela era mais do que humana para mim. Era uma fada, uma sílfide, não sei o que era: qualquer coisa que ninguém nunca viu, e tudo que todo mundo poderia desejar. Fui tragado por um abismo de amor em um instante. Não havia como me deter à borda, nem como olhar para baixo ou para trás, eu havia caído de cabeça, antes que conseguisse dizer uma palavra a ela.

– *Eu* já conheço o senhor Copperfield – percebi uma voz bem conhecida dizer, enquanto me inclinava e murmurava alguma coisa.

Quem falava não era Dora. Não, era sua amiga e confidente. A srta. Murdstone!

Acho que nem fiquei muito surpreso. Por tudo que me lembro, não restava em mim mais nenhuma capacidade de me surpreender. Não havia nada que merecesse menção no mundo material além de Dora

Spenlow. Eu disse: “Como vai, senhorita Murdstone? Espero que esteja bem”. Ela respondeu: “Muito bem”. Eu disse: “Como vai o senhor Murdstone?”. Ela replicou: “Meu irmão está ótimo, muito obrigada”.

O sr. Spenlow, que acredito ter ficado surpreso de nos reconhecermos, então interferiu.

– Fico contente por descobrir – disse ele –, Copperfield, que você e a senhorita Murdstone já se conhecem.

– O senhor Copperfield e eu – disse a srta. Murdstone, com severa compostura –, temos uma ligação. No passado, fomos ligeiramente aparentados. Quando ele era menino. As circunstâncias nos separaram desde então. Eu não teria reconhecido o senhor.

Respondi que eu a reconheceria em qualquer parte. O que era bem verdade.

– A senhorita Murdstone teve a bondade – disse o sr. Spenlow – de aceitar o posto, se posso descrever assim, de amiga e confidente de minha filha Dora. Como, infelizmente, minha filha Dora não tem mãe, a senhorita Murdstone fez a gentileza de se tornar sua companheira e protetora.

Passou-me pela cabeça a ideia de que a srta. Murdstone, assim como essas pequenas armas de bolso chamadas cassetetes, não tinha tanto propósito de proteção, mas sim de ataque. Porém, como todos os meus pensamentos eram passageiros, a não ser Dora, olhei direto para ela depois e pensei que vi, em sua maneira encantadoramente impertinente, que não estava muito disposta a fazer confidências a sua companheira e protetora, quando um sino soou, e o sr. Spenlow disse ser a primeira chamada para o jantar, levando-me para trocar de roupa.

A ideia de me vestir, ou realizar qualquer ação naquele estado amoroso, era um pouco ridícula. Só consegui sentar diante de minha lareira, mordendo a chave de minha mala, pensando na cativante, feminina, adorável Dora de olhos brilhantes. Que corpo o dela, que rosto, que maneira graciosa, mutável, encantadora!

O sino tocou novamente tão depressa que me enfiei de qualquer jeito na roupa, em vez da operação cuidadosa que eu deveria desejar nessas circunstâncias, e desci. Havia alguns convidados. Dora estava

conversando com um velho cavalheiro de cabeça branca. Idoso como era, e bisavô, conforme disse, fiquei loucamente enciumado.

Em que estado de espírito me encontrava! Tinha ciúmes de todos. Não suportava a ideia de ninguém conhecer o sr. Spenlow melhor que eu. Era torturante ouvi-lo falar de ocorrências de que eu não participara. Quando uma pessoa extremamente gentil, com uma careca muito brilhante, me perguntou, do outro lado da mesa de jantar, se era a primeira vez que eu visitava o jardim, eu talvez tenha sido brutal e vingativo com ele.

Não me lembro de quem estava lá, a não ser Dora. Não faço a mínima ideia do que havia no jantar, a não ser Dora. Minha impressão é que jantei apenas Dora e devolvi meia dúzia de pratos intocados. Sentei ao lado dela. Conversei com ela. Tinha uma voz pequena, absolutamente deliciosa, o riso mais alegre, os modos mais agradáveis e fascinantes que jamais conduziram um jovem perdido à desesperada escravidão. Tudo nela era miúdo. E por isso mesmo ainda mais precioso, pensei.

Quando ela saiu da sala com a srta. Murdstone (não havia outras damas no jantar), caí numa divagação, só perturbada pela cruel apreensão de que a srta. Murdstone pudesse me desmerecer para ela. A criatura amável de careca reluzente me contou uma longa história que acho que era sobre jardinagem. Eu parecia prestar profunda atenção, mas pensava o tempo todo num jardim do Éden com Dora.

Minha apreensão por ser desmerecido para o objeto de minha crescente afeição reviveu quando mudamos de sala e vi a expressão distante e sombria da srta. Murdstone. Mas algo inesperado me aliviou.

– David Copperfield – disse a srta. Murdstone, me chamando para perto de uma janela. – Uma palavra.

Confrontei sozinho a srta. Murdstone.

– David Copperfield – disse ela –, não preciso me alongar sobre circunstâncias familiares. Não são um assunto interessante.

– Longe disso, minha senhora – respondi.

– Longe disso – concordou a srta. Murdstone. – Não quero despertar a lembrança de diferenças passadas ou de afrontas passadas. Recebi

afrontas de uma pessoa, uma mulher, sinto dizer, para descrédito de meu sexo, que não pode ser mencionada sem desprezo e repulsa, e portanto prefiro não falar nela.

Fiquei muito irritado por minha tia; mas disse que certamente seria melhor, se a srta. Murdstone concordasse, *não* falar dela. Não podia aceitar que fosse mencionada com desrespeito, acrescentei, sem expressar minha opinião em tom decidido.

A srta. Murdstone fechou os olhos e inclinou a cabeça, desdenhosa. Depois, abrindo os olhos devagar, retomou:

– David Copperfield, não pretendo disfarçar o fato de que formei uma opinião desfavorável a seu respeito na infância. Pode ter sido uma opinião errada ou você pode ter deixado de dar razão a ela. A questão entre nós agora não é essa. Pertenço a uma família que acredito notável pela firmeza, e não sou uma criatura de circunstância ou mudança. Posso ter minha opinião a seu respeito. Você pode ter sua opinião sobre mim.

Foi minha vez de inclinar a cabeça.

– Mas não é preciso – disse a srta. Murdstone – que essas opiniões entrem em choque aqui. Nas atuais circunstâncias, seria bom, sob todos os aspectos, que não se chocassem. Como os acasos da vida nos juntaram outra vez e podem nos juntar em outras ocasiões, proponho que nos encontremos como parentes distantes. Circunstâncias familiares são razão suficiente para nosso encontro se dar dessa forma, e é completamente desnecessário que qualquer um de nós faça observações sobre o outro. O senhor concorda?

– Senhorita Murdstone – retorqui –, acho que a senhora e o senhor Murdstone me trataram com muita crueldade e trataram minha mãe com muita maldade. Pensarei sempre assim, enquanto viver. Mas concordo com o que propõe.

A srta. Murdstone fechou os olhos outra vez e inclinou a cabeça. Então, tocando apenas o dorso de minha mão com a ponta de seus dedos rígidos e frios, afastou-se, ajeitando as correntes nos pulsos e em torno do pescoço, que pareciam ser o mesmo conjunto, exatamente no mesmo estado, da última vez que a vi. Isso me lembrou, em relação à natureza da

srta. Murdstone, os grilhões numa porta de prisão, sugerindo do lado de fora, a todos que olhassem, o que esperar lá dentro.

Tudo o que sei do resto da noite é que ouvi a imperatriz de meu coração cantar baladas encantadas na língua francesa, que diziam, no geral, que, fosse qual fosse a situação, devemos sempre dançar, tra-lá-lá, tra-lá-lá!, acompanhando a si mesma num glorioso instrumento semelhante a um violão. Perdi-me num delírio de felicidade. Recusei bebidas. Minha alma recuou diante do ponche em particular. Quando a srta. Murdstone a chamou para levá-la embora, ela sorriu e me deu sua mão deliciosa. Me vi de relance num espelho, parecendo totalmente imbecil e idiota. Fui para a cama em estado de embriaguez e me levantei com uma crise de branda obsessão.

Era uma linda manhã, e muito cedo pensei ir dar um passeio por aqueles caminhos de arcos metálicos, alimentando minha paixão a me deter na imagem dela. Ao passar pelo hall, encontrei seu cachorrinho, que se chamava Jip, abreviação de Gipsy [Cigano]. Me aproximei com ternura, porque amava até a ele, mas o cachorro mostrou todos os dentes, se enfiou debaixo de uma cadeira expressamente para rosnar, e não queria saber da menor familiaridade.

O jardim era fresco e solitário. Caminhei pensando qual seria a minha sensação de felicidade se algum dia estivesse ligado àquela adorada maravilha. Quanto a casamento, fortuna, isso tudo, creio que eu era quase tão inocente nessa época como no momento em que amara a pequena Em'ly. Ter a permissão de chamá-la de "Dora", de escrever para ela, amá-la, adorá-la, ter razão para pensar que quando estava com outras pessoas ainda se lembrava de mim, me parecia o auge da ambição humana. Tenho certeza de que era o meu caso. Não há dúvidas de que eu era um ocioso sentimental, mas mesmo assim havia nisso uma pureza de coração que me impede de ter uma lembrança negativa a respeito, mesmo me fazendo rir.

Estava andando fazia pouco tempo quando virei uma esquina e encontrei com ela. Ainda me arrepio dos pés à cabeça quando minha lembrança vira aquela esquina e a pena treme em minha mão.

– Levantou... cedo... senhorita Spenlow – eu disse.

– É tão desinteressante em casa – ela respondeu –, e a senhorita Murdstone é tão absurda! Fala cada bobagem, diz que o dia precisa estar arejado antes de eu sair. Arejado! – (Ela riu então, a risada mais melodiosa.) – Domingo de manhã não estou estudando, preciso fazer alguma coisa. Então, ontem à noite disse a papai que eu *tinha* de sair. Além disso, é a hora mais luminosa do dia, não acha?

Arrisquei um voo ousado e disse (não sem gaguejar) que era muito luminosa para mim, sim, embora estivesse muito escura um minuto antes.

– É um elogio – Dora perguntou –, ou o tempo realmente mudou?

Gaguejei ainda mais que antes ao responder que não era elogio, mas a pura verdade, embora eu não tivesse notado nenhuma mudança no clima. Era no estado de meus sentimentos, acrescentei, timidamente, para encerrar a explicação.

Nunca vi cachos iguais (como poderia, se nunca existiram cachos iguais?) àqueles que ela sacudia ao esconder seu rubor. Quanto ao chapéu de palha e fitas azuis que usava sobre os cachos, se eu pudesse pendurá-lo em meu quarto na Buckingham Street, que tesouro precioso seria!

– Você acaba de voltar de Paris – eu disse.

– Isso – ela falou. – Já esteve lá?

– Não.

– Ah! Espero que vá logo. Você iria adorar!

Traços de uma profunda angústia apareceram em meu rosto. O fato de ela esperar que eu fosse, de achar possível que eu *pudesse* ir, era insuportável. Eu desprezava Paris. Desprezava a França. Disse que nunca deixaria a Inglaterra sob nenhuma circunstância, por nada deste mundo. Nada poderia me convencer. Em resumo, ela estava sacudindo os cachos outra vez quando o cachorrinho veio correndo pelo caminho, para nosso alívio.

Ele tinha ciúmes mortais e continuava latindo para mim. Ela o carregou no colo, ah, meu Deus!, e o acariciou, mas ele insistia em continuar latindo. Não deixou que o tocasse quando tentei; e ela bateu

nele. Meu sofrimento aumentava ao ver os tapinhas na ponta do nariz achatado com que ela o castigava, enquanto ele piscava os olhos, lambia sua mão e continuava a rosnar por dentro como um pequeno contrabaixo. Por fim, ele se acalmou – tinha razão para isso com a covinha do queixo dela encostada em sua cabeça! – e seguimos para dar uma olhada na estufa.

– Você não tem muita intimidade com a senhorita Murdstone, tem? – Dora perguntou. – Meu bem!

(Estas últimas palavras ditas para o cachorro. Ah, se fossem para mim!)

– Não – respondi. – Nenhuma.

– Ela é uma pessoa cansativa – disse Dora, projetando os lábios. – Não sei no que papai estava pensando quando escolheu uma criatura tão desagradável para me fazer companhia. Quem precisa de protetora? Eu com certeza é que não. Jip pode me proteger muito melhor do que a senhorita Murdstone. Não é, Jip, meu bem?

Ele apenas piscou, preguiçoso, quando ela beijou sua cabeça de bola.

– Papai diz que ela é minha confidente, mas não é nada disso, não é, Jip? Nós dois, Jip e eu, não vamos confiar em gente tão mal-humorada. Vamos confiar em quem quisermos e encontrar nossos próprios amigos, em vez de esperar que encontrem amigos para nós, não é, Jip?

Jip respondeu com um ruído satisfeito, um pouco parecido com o guincho de uma chaleira. Quanto a mim, cada palavra dela era mais uma pilha de correntes, apertada sobre a última.

– É muito difícil, porque não temos uma boa mamãe, que se deve ter, em vez disso uma criatura velha, melancólica e mal-humorada como a senhorita Murdstone sempre atrás de mim, não é, Jip? Não tem importância, Jip. Não vamos fazer confidências e seremos tão felizes como possível apesar dela, e vamos provocar em vez de agradar, não vamos, Jip?

Se aquilo durasse mais um pouco, acho que eu teria caído de joelhos no cascalho, com a probabilidade de me arranhar e de ser expulso do local. Mas para minha sorte a estufa não era longe, e com essas palavras

chegamos.

Lá dentro havia uma coleção de lindos gerânios. Passeamos entre eles e Dora parava para admirar este ou aquele, e eu parava para admirar o mesmo e Dora, rindo, erguia o cachorro, infantilmente, para cheirar as flores, e se não estávamos nós três no país das fadas, *eu* certamente estava. O perfume da folha do gerânio, até hoje, me toca com um assombro meio cômico, meio sério, me transforma num instante, e então vejo um chapéu de palha, fitas azuis, cabelos cacheados, e um cachorrinho preto carregado por braços esguios diante de uma parede de folhas e flores coloridas.

A srta. Murdstone estava à nossa procura. Encontrou-nos ali; e apresentou seu rosto antipático, as rugas finas cheias de pó de arroz, para Dora beijar. Depois, deu o braço a Dora e nos levou para o desjejum como se fosse o funeral de um soldado.

Não sei quantas xícaras de chá tomei porque Dora o tinha preparado. Mas me lembro perfeitamente de me sentir inundado de chá até todo meu sistema nervoso se afogar, se é que eu tinha um naquele momento. Depois, fomos à igreja. A srta. Murdstone ficou entre Dora e mim no banco, mas ouvi Dora cantar e a congregação desapareceu. Foi feito um sermão, sobre Dora, claro, e temo que só me lembre disso.

Foi um dia tranquilo. Sem convidados, uma caminhada, o jantar familiar às quatro e a noite olhando livros e figuras. A srta. Murdstone, com um livro de oração e de olho em nós, mantinha guarda, vigilante. Ah, o sr. Spenlow, sentado à minha frente no jantar, com o lenço na cabeça, não desconfiava o quanto, em minha imaginação, eu o abraçava fervorosamente como genro! Não podia imaginar, quando me despedi dele à noite, que tinha acabado de me dar seu pleno consentimento para que me aproximasse de Dora, e que eu invocava bênçãos sobre sua cabeça!

Partimos cedo na manhã seguinte, pois tínhamos um caso de Salvados na corte do Almirantado, a exigir um conhecimento bastante apurado de toda a ciência da navegação, para o qual (como não se podia esperar que entendêssemos desses assuntos na Corte Civil) o juiz havia convocado dois velhos membros da Trinity{22} para ajudá-lo. Dora porém estava à

mesa fazendo chá outra vez, e eu tive o prazer melancólico de tirar meu chapéu para ela no fáeton, quando ela se despediu na porta, com Jip nos braços.

Não farei nenhum esforço inútil para descrever o que foi para mim o Almirantado esse dia; a bobagem que me parecia o caso, enquanto eu ouvia; como enxergava dora gravado na lâmina do remo de prata que havia em cima da mesa, como emblema daquela alta jurisdição; e como me senti, ao ver o sr. Spenlow ir embora sem mim (eu tivera a louca esperança de que me levaria com ele), como se eu próprio fosse um marinheiro e o navio ao qual eu pertencia partisse e me deixasse numa ilha deserta. Se aquele sonolento tribunal pudesse despertar e apresentar em alguma forma visível as divagações que eu tinha ali a respeito de Dora, revelaria a minha verdade.

Não falo dos sonhos que sonhei naquele dia apenas, mas dia após dia, semana após semana, mês após mês. Eu comparecia não para assistir o que estava acontecendo, mas para pensar em Dora. Se eu jamais dispunha um pensamento sobre os casos, quando se arrastavam longamente diante de mim, era apenas para me perguntar, nos casos matrimoniais (lembrando-me de Dora) como casais poderiam ser qualquer coisa além de felizes. E nos casos de Prerrogativas, considerar que, se o dinheiro tivesse sido deixado para mim, quais seriam os primeiros passos que eu daria em relação a Dora. Na primeira semana de minha paixão, comprei quatro suntuosos coletes; não por mim mesmo, *eu* não tinha essa vaidade, mas por Dora; passei a usar luvas de pelica cor de palha na rua, e lancei as fundações de todos os calos que já tive. Se as botas que usava nesse período ainda existissem e fossem comparadas ao tamanho natural de meus pés, mostrariam da maneira mais eloquente o estado em que se encontrava meu coração.

E, no entanto, infeliz mutilado que me fazia por esse ato de homenagem a Dora, caminhava quilômetros e quilômetros, dia após dia, na esperança de vê-la. Não só acabei conhecido pelos carteiros na Norwood Road, como percorria Londres também. Caminhava pelas ruas onde ficavam as melhores lojas femininas, visitava o Bazaar, como um fantasma inquieto. Vagava pelo parque insistentemente, até muito

depois de estar esgotado. Às vezes, a longos intervalos e em raras ocasiões, eu a via. Podia ser sua luva acenando da janela de uma carruagem; ou um encontro para caminhar com ela e a srta. Murdstone por um breve trecho, e conversar com ela. Nesse último caso, eu ficava sempre arrasado depois, pensando que não tinha dito nada a respeito do que sentia; ou que ela não fazia ideia do tamanho de minha devoção, ou que não sentia nada por mim. Estava sempre à espera, como é de supor, de outro convite para a casa do sr. Spenlow. E sempre me decepcionava, porque não recebia nenhum.

A sra. Crupp devia ser uma mulher perspicaz; pois quando esse estado de coisas tinha apenas algumas semanas, e eu não tivera a coragem de escrever mais explicitamente nem para Agnes, a não ser que tinha estado na casa do sr. Spenlow, "cuja família", acrescentei, "consiste em uma filha única", digo que a sra. Crupp devia ser uma mulher perspicaz porque, mesmo nessa primeira fase, ela descobriu tudo. Uma noite, subiu ao meu quarto, quando eu estava muito arrasado, para pedir (uma vez que estava sofrendo com a moléstia que mencionei) se poderia lhe dar um pouco de tintura de cardamomo misturada com ruibarbo e aromatizada com sete gotas de essência de cravos, que era o melhor remédio para sua afecção; ou, se eu não tivesse essas coisas, um pouco de conhaque, que era a segunda melhor coisa. Ela observou que não era tão palatável a ela, mas era bom também. Como eu jamais ouvira falar do primeiro remédio e tinha sempre o segundo dentro do armário, dei à sra. Crupp um cálice do segundo, que ela começou a tomar em minha presença (para que eu não suspeitasse de que viesse a ter qualquer uso indevido).

– Se anime, o senhor – disse a sra. Crupp –, não aguenta ver o senhor assim, eu também sou mãe.

Não entendi bem a expressão "também sou mãe", mas sorri para a sra. Crupp, com a maior bondade de que fui capaz.

– Vamos lá – disse a sra. Crupp. – Desculpe. Sei o que é. Tem uma moça no caso.

– Senhora Crupp! – exclamei, ruborizando.

– Ah, Deus abençoe! Se alegre, o senhor! – disse a sra. Crupp,

balançando a cabeça, animadora. – Não desanime, não! Se essa daí não sorri, tem muitas que vão sorrir. Senhor é um cavalheiro moço que sempre vai chamar sorriso, seu Copperfull, tem de aprender se valorizar.

A sra. Crupp sempre me chamou de sr. Copperfull: primeiro, sem dúvida, porque não era o meu nome; e segundo, tendo a achar, por alguma vaga associação com o dia de arear as panelas de cobre.

– O que faz a senhora pensar que existe alguma moça neste caso, senhora Crupp? – perguntei.

– Seu Copperfull – disse a sra. Crupp, com grande sentimento –, eu também sou mãe.

Durante um momento, a sra. Crupp só conseguiu ficar parada com a mão no peito pálido, fortificando-se com golinhos de seu remédio contra a dor que voltava. Por fim, falou de novo.

– Quando sua tia alugou para o senhor este apartamento, seu Copperfull – disse a sra. Crupp –, o que eu pensei foi, agora achei alguém pra cuidar. "Graças a Deus!", foi que eu falei. "Agora achei alguém pra cuidar!" O senhor não come bem, nem bebe também.

– Por isso é que a senhora acha que existe uma moça, senhora Crupp? – perguntei.

– Seu Copperfull – disse a sra. Crupp, num tom próximo da severidade –, já lavei roupa pra outros cavalheiros moços além do senhor. Um moço pode se cuidar demais ou se cuidar de menos. Pode escovar cabelo direito ou errado. Pode usar bota muito grande ou muito pequena. Varia de acordo com o jeito do moço. Mas seja o exagero que for, seu Copperfull, é sempre por causa de alguma mocinha.

A sra. Crupp sacudiu a cabeça com tamanha determinação, que não me restava nada a fazer.

– O cavalheiro que morreu aqui antes do senhor – disse a sra. Crupp – se apaixonou por uma garçonete de bar e mandou alargar os coletes, de tão inchado de bebida.

– Senhora Crupp – eu disse –, peço que não compare a moça no meu caso com uma garçonete, nem nada semelhante, por favor.

– Seu Copperfull – replicou a sra. Crupp –, eu também sou mãe e

entendo. O senhor desculpe se estou me metendo. Não quero nunca me meter onde não fui chamada. Mas o senhor é cavalheiro moço, seu Copperfull, e o conselho que dou é que se alegre, seja forte e pense no seu valor. Tem de fazer alguma coisa, o senhor – disse a sra. Crupp –, podia jogar boliche, por exemplo, que é bom pra saúde, diverte a cabeça e faz bem.

Com essas palavras, a sra. Crupp, fingindo cuidar muito do conhaque (que já havia acabado), me agradeceu com uma reverência majestosa e se retirou. Quando desapareceu no escuro da entrada, esse conselho me pareceu uma ligeira liberdade da parte da sra. Crupp, mas ao mesmo tempo, por outro lado, gostei de recebê-lo, como uma palavra de reflexão e um alerta para, no futuro, guardar melhor meu segredo.

XXVII

Tommy Traddles

Pode ter sido consequência do conselho da sra. Crupp e, talvez, pela simples razão de certa similaridade entre o som da palavra *skittles*[23] e Traddles que me veio à cabeça, no dia seguinte, procurar Traddles. O período que ele havia mencionado já vencera e ele vivia numa pequena rua perto da Faculdade de Veterinária, em Camden Town, ocupada sobretudo, como me informou um dos funcionários que morava daquele lado, por estudantes que compravam burros vivos e faziam experimentos com esses quadrúpedes em seus apartamentos particulares. Tendo obtido com esse funcionário o endereço desse recanto acadêmico, fui, na mesma tarde, visitar meu antigo colega de escola.

Descobri que a rua não era tão desejável quanto eu gostaria, pelo bem de Traddles. Os moradores pareciam ter uma propensão a jogar tudo o que não usavam mais na rua: o que não apenas a deixava malcheirosa e desleixada, como feia também, por causa das folhas de repolho. E o lixo não era totalmente vegetal, eu mesmo vi um sapato, uma panela amassada, um boné preto, um guarda-chuva, em várias fases de decomposição, tudo isso enquanto procurava o número desejado.

O ar geral do local me lembrou forçosamente dos dias em que morei com o sr. e a sra. Micawber. Um indescritível ar de nobreza decadente que impregnava a casa que eu buscava e a tornava bem diferente de todas as outras casas da rua (embora todas fossem construídas segundo um padrão monótono, parecendo cópias feitas por um menino descuidado que estivesse aprendendo a fazer casas e ainda não tivesse se livrado de seus exercícios com tijolo e argamassa) me lembrou ainda mais o sr. e a sra. Micawber. Por acaso cheguei à porta quando ela se abria para o leiteiro da tarde, e ficou ainda mais forte a lembrança do sr. e da sra. Micawber.

– Bom – disse o leiteiro a uma criada muito jovem. – Vão acertar

aquela minha continha?

– Ah, o patrão disse que vai acertar já já – foi a resposta.

– Porque – disse o leiteiro como se não tivesse recebido resposta nenhuma e falasse, como julguei pelo tom, mais para a informação de alguém dentro da casa do que para a jovem criada, impressão que ficou ainda mais forte pela maneira como espiava o corredor –, porque tá demorando tanto pra pagar essa continha que estou achando que esqueceram dela e que nunca mais vou ouvir falar. Então, não vou aguentar isso, não, viu? – disse o leiteiro, ainda projetando a voz para dentro da casa e olhando o corredor.

No comércio de um artigo tão delicado como o leite, nunca tinha havido anomalia maior. O comportamento dele teria sido agressivo até num açougueiro ou num comerciante de bebidas.

A voz da criadinha jovem ficou fraca, mas me pareceu, pelo movimento de seus lábios, que ela murmurou mais uma vez que a conta seria paga de imediato.

– Vou dizer uma coisa – o leiteiro falou, olhando duro para ela pela primeira vez, e segurando seu queixo –, você gosta de leite?

– Gosto, sim – ela respondeu.

– Bom – disse o leiteiro. – Então não vai ter leite amanhã. Entendeu? Nem uma gota de leite pra você amanhã.

Achei que, no geral, ela pareceu aliviada pela perspectiva de ter algum naquele dia. O leiteiro, depois de sacudir a cabeça para ela, sombriamente, soltou seu queixo, e com nada além de mínima boa vontade abriu seu latão e despejou na jarra da família a quantia usual. Feito isso, afastou-se, resmungando, e na porta do vizinho emitiu o grito de sua profissão como um guincho de vingança.

– O senhor Traddles mora aqui? – perguntei então.

No fim do corredor, uma voz misteriosa respondeu:

– Mora.

E a criadinha jovem repetiu:

– Mora.

– Ele está em casa? – perguntei.

Mais uma vez a voz misteriosa respondeu na afirmativa e mais uma vez a criada repetiu a resposta. Diante disso, entrei e, seguindo a orientação da criada, subi a escada, consciente, ao passar pela porta dos fundos da sala, que era observado por um olho misterioso, provavelmente pertencente à voz misteriosa.

Quando cheguei ao alto da escada – a casa só tinha um andar além do térreo –, Traddles estava no patamar para me receber. Ficou muito satisfeito de me ver e me recebeu com grande entusiasmo em seu pequeno quarto. Ficava na parte da frente da casa e era arrumadíssimo, embora mobiliado com parcimônia. Era um quarto apenas, pelo que vi; pois havia um sofá-cama e suas escovas e graxa de sapatos ficavam no meio dos livros, na prateleira de cima, atrás de um dicionário. A mesa estava coberta de papéis, e ele trabalhava com afinco, vestido com um casaco velho. Não olhei nada, conscientemente, mas ao me sentar vi tudo, até o projeto de uma igreja em seu tinteiro de porcelana – e isso também era uma faculdade que eu desenvolvera na época dos Micawber. Ele tinha feito vários arranjos engenhosos para disfarçar a cômoda de gavetas e a acomodação das botas, o espelho de barbear e assim por diante, o que me impressionou bastante, como provas do mesmo Traddles que costumava fazer miniaturas de covis de elefantes de papel de escrita para prender moscas; e se consolar, quando maltratado, com as memoráveis obras de arte que já mencionei tantas vezes.

Num canto do quarto havia algo cuidadosamente coberto com um grande pano branco. Não consegui adivinhar o que era.

– Traddles – falei, apertando sua mão, depois de me sentar. – Que prazer encontrar você.

– Que prazer encontrar *você*, Copperfield – ele replicou. – Estou muito feliz com este reencontro. Foi porque fiquei tão contente de encontrar você em Ely Place e por ter certeza de que você estava contente de me encontrar que dei este endereço em vez do endereço do meu escritório.

– Ah! Você tem um escritório? – perguntei.

– Bom, tenho um quarto de sala e um corredor, e um quarto de um funcionário – Traddles respondeu. – Eu me juntei a três outros para alugar um conjunto de salas, para parecer profissional, e repartimos um

funcionário também. Meia-coroa por semana ele me custa.

Sua velha simplicidade de caráter e bom temperamento, e algo de sua velha falta de sorte também, pensei, sorriram para mim no sorriso com que me deu essa explicação.

– Não é porque eu seja nem um pouco orgulhoso, Copperfield, você entende – disse Traddles –, que geralmente não dou meu endereço aqui. É só porque as pessoas que me procuram talvez não gostem de vir aqui. De minha parte, estou batalhando meu caminho no mundo contra as dificuldades, e seria ridículo se fingisse fazer qualquer outra coisa.

– O senhor Waterbrook me informou que você está se preparando para o exame da ordem dos advogados – disse eu.

– Ah, estou – Traddles respondeu, esfregando as mãos lentamente –, estou estudando para o exame. O fato é que eu acabo de começar a frequentar o colegiado, depois de uma demora muito longa. Faz algum tempo que me formei, mas o pagamento de cem libras foi muito puxado. Muito puxado! – disse Traddles com uma contração, como se lhe tivessem arrancado um dente.

– Sabe o que não consigo esquecer, Traddles, sentado aqui olhando para você? – perguntei.

– Não – disse ele.

– Aquele terno azul-celeste que você usava.

– Meu Deus, é verdade! – Traddles exclamou, rindo. –Apertado nos braços e nas pernas, lembra? Nossa! Bom! Foram tempos felizes, não?

– Acho que nosso diretor podia ter tornado mais felizes, sem maltratar nenhum de nós, admito – repliquei.

– Talvez – disse Traddles. – Mas, nossa, a gente se divertia muito! Lembra das noites no dormitório? Os jantares que fazíamos? E quando você contava história? Rá, rá, rá! E lembra quando me bateram porque eu chorei por causa do senhor Mell? O velho Creakle! Queria saber como ele está agora!

– Ele era um bruto com você, Traddles – eu disse, indignado, pois o bom humor dele me fazia sentir como se eu o visse apanhando ontem mesmo.

– Você acha? – Traddles retorquiu. – É mesmo? Talvez fosse, sim. Mas está tudo acabado, faz muito tempo. O velho Creakle!

– Então você era criado por um tio? – perguntei.

– Claro! – disse Traddles. – Para quem eu sempre ia escrever. E não escrevia nunca, hein! Rá, rá, rá! É, eu tinha um tio. Ele morreu logo depois que saí da escola.

– É mesmo?

– É. Era... como se diz... comerciante... de tecidos... aposentado, e me fez seu herdeiro. Mas não gostou mais de mim quando cresci.

– Verdade? – perguntei. Ele era tão tranquilo que achei que podia querer dizer outra coisa.

– Ah, sim, Copperfield! Verdade mesmo – Traddles replicou. – Foi uma coisa muito infeliz, mas ele não gostava nada de mim. Disse que eu não era nada do que ele esperava, e então casou com a governanta.

– E o que você fez? – perguntei.

– Não fiz nada especial – Traddles respondeu. – Morei com eles, esperando ser jogado no mundo, até que a gota infelizmente subiu para o estômago, ele morreu, ela casou com um homem mais novo e fiquei sem nada no mundo.

– Não recebeu nada, Traddles, absolutamente nada?

– Ah, recebi, sim! – disse Traddles. – Cinquenta libras. Eu não tinha aprendido nenhuma profissão, e no começo fiquei perdido, não sabia o que fazer. Mas comecei, com a ajuda do filho de um profissional, que estudava na Salem House: Yawler, o de nariz torto, lembra dele?

– Não. Ele não estava lá no meu tempo; todos os narizes eram retos na minha época.

– Não importa – disse Traddles. – Comecei, com a ajuda dele, a copiar processos legais. Mas isso não rendia bem, então passei a redigir casos para eles, e a fazer resumos, todo esse tipo de trabalho. Porque eu sou trabalhador, Copperfield, e aprendi o jeito de fazer essas coisas depressa. Bom! Com isso, enfiei na cabeça entrar para a escola de direito, e tudo o que restava das cinquenta libras acabou. Yawler, porém, me recomendou a um ou dois outros escritórios, o do senhor Waterbrook foi um, e

consegui muitos trabalhos. Tive sorte também de conhecer uma pessoa que trabalha com publicações, que estava compondo uma enciclopédia, e ele me pôs para trabalhar. E, de fato – ele olhou para a mesa –, estou trabalhando para ele neste momento. Não sou mau compilador, Copperfield – disse Traddles, conservando o mesmo ar de alegre segurança em tudo o que dizia –, mas não sou nada inventivo, nem uma gota. Acho que nunca existiu um homem com menos originalidade do que eu.

Como Traddles parecia esperar que eu concordasse com isso como fato consumado, assenti, e ele continuou com a mesma paciência animada (não consigo encontrar expressão melhor) de antes.

– Então, pouco a pouco, e vivendo com economia, consegui juntar cem libras afinal – disse Traddles –, e graças a Deus isso está pago, se bem que foi, sem dúvida foi – disse Traddles, encolhendo-se como se tivessem lhe arrancado mais um dente –, um aperto. Ainda estou vivendo com o tipo de trabalho de que falei e espero, um dia desses, que algum jornal entre em contato, o que seria quase igual a fazer minha fortuna. Agora, Copperfield, você continua exatamente como era, com essa cara agradável, e fico tão contente com o nosso encontro que não vou esconder nada. Portanto, você tem de saber que estou noivo.

Noivo! Ah, Dora!

– Ela é filha de um pastor – disse Traddles –, uma de dez, em Devonshire. É! – E ao me ver olhar involuntariamente para a imagem da igreja no tinteiro: – É essa a igreja! A entrada é por aqui, pela esquerda, neste portão – disse, deslizando o dedo pelo tinteiro –, e exatamente onde estou com a caneta fica a residência, entende, de frente para a igreja.

O prazer com que ele entrou nesses detalhes só me ficou inteiramente claro mais tarde, porque meus pensamentos egoístas estavam traçando uma planta da casa e do jardim do sr. Spenlow ao mesmo tempo.

– É uma moça tão boa – disse Traddles –, um pouco mais velha que eu, mas muito boa! Não disse que eu ia sair da cidade? Fui para lá. Fui a pé e voltei a pé e foi uma delícia! Acho que o nosso noivado vai ser longo, mas nosso lema é “esperar e ter esperança!”. Sempre dizemos isso. “Esperar e ter esperança”, dizemos sempre. E ela esperaria por mim, Copperfield,

até os sessenta anos, ou até qualquer idade!

Traddles se levantou da cadeira e, com um sorriso triunfante, pôs a mão em cima do pano branco que eu tinha observado.

– Mas não quer dizer – ele falou – que eu não tenha começado a pensar na casa. Não, não, já começamos. Vamos aos poucos, mas já começamos. Aqui – disse, removendo o pano com muito orgulho e cuidado – temos duas peças de mobília para começar. Esta mesinha e este vaso de flores ela mesma comprou. Para a janela da sala de estar – disse Traddles, afastando-se um pouco para olhar os objetos com grande admiração –, com uma planta, e pronto! Esta mesinha redonda com tampo de mármore (tem setenta centímetros de circunferência), *eu* comprei. Você quer deixar um livro, sabe, ou alguém vem visitar você ou a esposa e quer um lugar para pôr a xícara de chá e... e pronto! – disse Traddles. – É uma peça admirável, firme como rocha!

Fiz altos elogios ao arranjo, e Traddles recolocou a cobertura com o mesmo cuidado com que havia removido.

– Não é grande coisa como mobília – disse –, mas é alguma coisa. As toalhas de mesa e as fronhas, e esse tipo de artigos, é que mais me desanimam, Copperfield. Assim como tudo que é de metal: caixas de velas e grelhas, todas essas necessidades, porque essas coisas pesam e vão somando. Mas "esperar e ter esperança!". E garanto a você que ela é muito querida!

– Tenho certeza disso – respondi.

– E nesse meio-tempo – disse Traddles, voltando à sua cadeira –, para encerrar a conversa a meu respeito, vou me virando como posso. Não ganho muito, mas não gasto muito. No geral, faço as refeições com o pessoal do andar de baixo, que são gente muito agradável. Tanto o senhor como a senhora Micawber viveram muita coisa e são excelente companhia.

– Meu caro Traddles! – exclamei depressa. – O que está dizendo!

Traddles olhou para mim como se não entendesse o que *eu* queria dizer.

– Senhor e senhora Micawber! – repeti. – São meus amigos íntimos!

Uma oportuna batida dupla na porta, que eu conhecia bem pela velha experiência em Windsor Terrace e que ninguém mais usaria a não ser o sr. Micawber, removeu qualquer dúvida de que fossem meus velhos amigos. Pedi a Traddles que dissesse para seu senhorio subir. Traddles me atendeu, por cima do corrimão, e o sr. Micawber, nada mudado, calça apertada, bengala, colarinho e óculos, tudo igual a sempre, entrou na sala, com ar jovial e elegante.

– Me desculpe, senhor Traddles – disse o sr. Micawber com a mesma entonação, interrompendo a música que cantarolava. – Não sabia que estava recebendo em sua privacidade uma pessoa alheia a esta residência.

O sr. Micawber fez uma pequena reverência para mim e ajeitou o colarinho.

– Como vai, senhor Micawber? – perguntei.

– Cavalheiro – disse o sr. Micawber –, o senhor é extremamente gentil. Estou no *status quo*.

– E a senhora Micawber? – acrescentei.

– Cavalheiro – disse o sr. Micawber –, ela também, graças a Deus, em *status quo*.

– E as crianças, senhor Micawber? – insisti.

– Cavalheiro – disse o sr. Micawber –, é uma alegria responder que elas também gozam de saúde.

Esse tempo todo, o sr. Micawber não me reconheceu absolutamente, embora estivesse bem na minha frente, mas então, me vendo sorrir, examinou meu rosto com mais atenção, deu um passo atrás e exclamou:

– Não é possível! Será que tenho o prazer de ver Copperfield na minha frente? – E me cumprimentou com ambas as mãos, com absoluto fervor.

– Meu Deus do céu, senhor Traddles – disse o sr. Micawber –, e pensar que eu ia descobrir que o senhor conhece este amigo da minha juventude, meu companheiro do passado! Meu caro! Meu bem! – Ele chamou a sra. Micawber por cima do corrimão, enquanto Traddles parecia (com toda a razão) muito surpreso com essa descrição que fizera de mim. – Aqui no quarto do senhor Traddles está um cavalheiro que ele

quer ter o prazer de apresentar a você, meu amor!

O sr. Micawber reapareceu imediatamente e apertou minhas mãos outra vez.

– E como vai nosso bom amigo, o doutor, Copperfield? – perguntou o sr. Micawber. – E toda aquela gente de Canterbury?

– Só tenho boas notícias de lá – respondi.

– Fico muito contente de ouvir isso – o sr. Micawber falou. – Foi em Canterbury que nos encontramos pela última vez. À sombra, posso dizer, figurativamente, daquele edifício religioso imortalizado por Chaucer, antigamente refúgio de peregrinos dos cantos mais remotos da... em resumo – disse o sr. Micawber –, nos arredores da catedral.

Concordei. O sr. Micawber continuou falando sem parar, mas achei que não sem demonstrar, por alguns sinais de preocupação no rosto, que estava atento aos sons do quarto ao lado, como se a sra. Micawber lavasse as mãos e abrisse e fechasse com pressa gavetas que estavam emperradas.

– No momento, Copperfield, você nos encontra instalados – disse o sr. Micawber com um olho em Traddles – no que se pode chamar de pequena escala, sem pretensões, mas você sabe que, ao longo da minha carreira, superei dificuldades e venci obstáculos. Não ignora o fato de que houve períodos de minha vida em que foi exigido que me detivesse até certos eventos esperados aparecerem; em que foi necessário recuar, antes de dar o que não podem me acusar de pretensão chamar de um salto. Atualmente estou numa dessas fases importantes da vida de um homem. Você me encontra recuado *para* um salto, e tenho toda razão para acreditar que muito em breve darei um salto vigoroso.

Eu estava expressando minha satisfação quando a sra. Micawber entrou, um pouco mais desleixada do que antes, pelo menos assim parecia agora aos meus olhos desacostumados, mas mesmo assim arrumada para um contato social e com um par de luvas marrons.

– Meu bem – disse o sr. Micawber, levando-a até mim. – Aqui está um cavalheiro chamado Copperfield que gostaria de retomar as relações com você.

Teria sido melhor, afinal, levá-la delicadamente a esse anúncio, porque a sra. Micawber, que se encontrava com a saúde delicada, ficou muito perturbada, e passou tão mal que o sr. Micawber, muito nervoso, teve de correr para baixo até o poço do quintal e puxar uma bacia de água para lavar sua testa. Ela acabou voltando a si e ficou muito contente de me ver. Conversamos durante uma meia hora e perguntei-lhe dos gêmeos, que, disse ela, "cresceram ótimos"; e do menino e da menina, que ela descreveu como "absolutamente gigantescos", mas que não apareceram nessa ocasião.

O sr. Micawber estava muito ansioso que eu ficasse para jantar. Eu não seria avesso ao convite, mas imaginei ter detectado no rosto da sra. Micawber problemas e preocupação com a quantidade de comida. Então aleguei ter outro compromisso, e ao ver que a sra. Micawber ficou logo aliviada, resisti à insistência para ficar.

Mas disse a Traddles e ao sr. e à sra. Micawber que, antes que eu fosse embora, tinham de marcar um dia para irem jantar comigo. As ocupações com que Traddles estava comprometido exigiram que marcássemos uma data algo distante, mas fizemos um compromisso conveniente a todos nós e fui embora.

Com a desculpa de me mostrar um caminho mais curto do que eu havia tomado para vir, o sr. Micawber me acompanhou até a esquina, ansioso (ele me explicou) para trocar umas palavras confidenciais com um velho amigo.

– Meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber –, nem preciso dizer que ter debaixo de nosso teto, nas atuais circunstâncias, uma mente tão brilhante, se me permite a expressão, tão brilhante como a de seu amigo Traddles é um prazer indizível. Com uma lavadeira que exibe doces quebra-queixo na janela da sala como vizinha e um policial na casa da frente, você pode imaginar que a convivência com ele é uma fonte de consolo para mim e para a sra. Micawber. No momento, meu caro Copperfield, estou envolvido com a venda de cereais por comissão. Não é uma ocupação lucrativa, em outras palavras, não recebo salário, e em consequência surgiram certos embaraços pecuniários. Mas é um prazer para mim acrescentar que tenho agora a perspectiva imediata de uma

coisa que vai aparecer (não estou autorizado a revelar de que se trata) que, acredito, me permitirá prover permanentemente tanto a minha própria subsistência como a de seu amigo Traddles, pelo qual tenho uma desinteressada amizade. Você talvez esteja preparado para saber que a senhora Micawber se encontra num estado de saúde que torna não inteiramente improvável que haja um acréscimo àqueles protestos de afeto que... em resumo, ao grupo infantil. A família da sra. Micawber teve a bondade de expressar sua insatisfação com esse estado de coisas. Tenho a observar apenas que não acredito que seja da conta deles e que recuso essa manifestação dos sentimentos deles com desprezo e rebeldia!

O sr. Micawber então apertou minha mão outra vez, e me deixou.

XXVIII

A luva do sr. Micawber

Enquanto não chegava o dia de receber meus velhos amigos reencontrados, me alimentei principalmente de Dora e de café. Em minha condição de apaixonado, meu apetite esmoreceu, e gostei disso porque senti que seria um ato de perfídia em relação a Dora ter o prazer natural de um jantar. A quantidade de caminhadas que eu fazia não produzia o resultado natural, uma vez que a decepção neutralizava o ar fresco. Tenho também minhas dúvidas, fundamentadas na aguda experiência adquirida nesse período de minha vida, de que o prazer sadio no consumo de comida animal possa se desenvolver livremente em qualquer ser humano sujeito ao tormento de botas apertadas. Acho que as extremidades precisam estar em paz para que o estômago funcione com vigor.

Por ocasião dessa festinha doméstica, não repeti meus dispendiosos preparativos de antes. Simplesmente providenciei dois linguados, um pernil de carneiro pequeno e uma torta de pombo. A sra. Crupp se rebelou com minha primeira tímida insinuação de que ela cozinharia o peixe e o pernil e disse, com a dignidade injuriada: “Não! Não, senhor! Não vai me pedir uma coisa dessas porque sabe muito bem que não faço nada que não seja do meu gosto!”. Mas por fim chegamos a um acordo e a sra. Crupp consentiu em realizar esse feito, com a condição de que eu jantasse fora durante os quinze dias seguintes.

E aqui posso observar que o que sofri com a sra. Crupp em consequência da tirania que ela estabeleceu sobre mim foi horrível. Nunca tive tanto medo de alguém. Tudo era negociado. Se eu hesitava, ela era tomada por aquela incrível doença que estava sempre em tocaia no seu organismo, sempre pronta, ao menor alerta, a atacar seus órgãos. Se eu tocava a campainha com impaciência, depois de meia dúzia de toques sem atender, e ela afinal aparecia, coisa com a qual não se podia

absolutamente contar, aparecia com um aspecto irritado, caía sem fôlego numa cadeira junto à porta, punha a mão no peito pálido e passava tão mal que eu me contentava em me livrar dela com o sacrifício de conhaque ou de qualquer outra coisa. Se eu protestava porque minha cama só era arrumada às cinco da tarde, coisa que ainda acho desagradável, um movimento de sua mão para aquela mesma região pálido da sensibilidade ferida bastava para me fazer gaguejar um pedido de desculpas. Em resumo, eu preferia fazer qualquer coisa que não fosse desonrosa a ofender a sra. Crupp; e ela era o terror de minha vida.

Comprei um carrinho de chá de segunda mão para esse jantar, em vez de contratar aquele rapaz, contra o qual eu desenvolvera um preconceito, em consequência de ter encontrado com ele no Strand, um domingo de manhã, usando um colete incrivelmente igual a um dos meus que desaparecera desde aquela ocasião. A “mocinha” foi recontratada, mas com a orientação de apenas servir os pratos e depois se retirar para o patamar, do lado de fora da porta de entrada, onde o hábito de fungar que ela havia adquirido não seria percebido pelos convidados, e onde fugir por cima dos pratos seria uma impossibilidade física.

Depois de arrumar os ingredientes para uma tigela de ponche a ser preparado pelo sr. Micawber; de providenciar uma garrafa de água de lavanda, duas velas de cera, um envelope de alfinetes variados e uma almofada de alfinetes para a sra. Micawber fazer sua toalete em minha penteadeira; e de também acender a lareira em meu quarto, para o conforto da sra. Micawber, estendi a toalha com minhas próprias mãos e esperei o resultado com toda a compostura.

Na hora marcada, meus três visitantes chegaram juntos. O sr. Micawber usava um colarinho mais alto que o comum e um cordão novo em seus óculos; a sra. Micawber trazia a touca num embrulho de papel pardo; Traddles levava esse pacote, segurando a sra. Micawber pelo braço. Quando levei a sra. Micawber até a penteadeira e ela viu tudo o que eu havia preparado para seu uso, ficou tão arrebatada que chamou o sr. Micawber para ver.

– Meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber –, isto tudo é luxuoso.

Esta maneira de viver me lembra o período em que eu era solteiro e a senhora Micawber ainda não havia recebido a solicitação de fazer seu juramento no altar do himeneu.

– Ele quer dizer a solicitação dele, Copperfield – disse a sra. Micawber, insinuante. – Não pode dizer nada dos outros.

– Minha querida – replicou o sr. Micawber subitamente sério –, não tenho nenhuma vontade de dizer nada dos outros. Tenho também plena consciência de que, quando os inescrutáveis decretos do Destino reservaram você para mim, talvez tenha sido reservada a alguém que, depois de prolongado esforço, estava destinado a cair vítima de envolvimentos pecuniários de natureza complexa. Entendo sua alusão, meu amor. Lamento, mas posso suportar.

– Micawber! – exclamou a sra. Micawber, em prantos. – Eu mereço isso? Eu, que nunca abandonei você, que nunca *vou* abandonar você, Micawber!

– Meu amor – disse o sr. Micawber, muito emocionado –, você me perdoe, e nosso velho e fiel amigo Copperfield perdoará também, tenho certeza, a momentânea laceração de um espírito ferido, sensibilizado pela recente colisão com um lacaio do poder, em outras palavras, um maldito controlador da rede de água, e tenha pena, em vez de condenar meus excessos.

O sr. Micawber então abraçou a sra. Micawber e apertou minha mão, me levando a concluir, por sua velada alusão, que o suprimento de água doméstico havia sido cortado essa tarde, em consequência do não-pagamento da conta devida à companhia.

Para desviar seus pensamentos desse assunto melancólico, informei ao sr. Micawber que esperava que ele preparasse a tigela de ponche, e levei-o até os limões. Seu desânimo, para não dizer desespero, desapareceu em um momento. Nunca vi um homem se divertir tanto como o sr. Micawber essa tarde, com a fragrância da casca de limão e do açúcar, com o odor do rum aquecido e o vapor da água fervente. Era maravilhoso ver seu rosto brilhando para nós através da tênue nuvem dessas fumaças delicadas enquanto mexia, misturava, provava, e parecia estar preparando não um ponche, mas a fortuna de sua família até a

última geração. Quanto à sra. Micawber, não sei se por efeito da touca, da água de lavanda, dos alfinetes, da lareira, das velas de cera, mas ela saiu de meu quarto comparativamente bonita. E nem uma cotovia seria tão alegre como aquela excelente mulher.

Suponho, nunca ousei perguntar, mas suponho, que a sra. Crupp, depois de fritar os linguados, tenha caído doente. Porque interrompemos o jantar nessa altura. O pernil de carneiro veio muito vermelho por dentro e pálido por fora, além de estar coberto por uma substância arenosa, como se tivesse caído nas cinzas daquele incrível fogão. Mas não podíamos avaliar esse fato pela aparência do molho, uma vez que a "mocinha" o havia derramado na escada, onde permaneceu formando uma longa trilha, até desaparecer sozinho. A torta de pombo não parecia ruim, mas era uma ilusão: a massa igual a uma cabeça decepcionante, em termos frenológicos: cheia de caroços e saliências, sem nada por dentro. Em resumo, o banquete foi tamanho fracasso que eu deveria ter ficado muito infeliz (pelo fracasso, quero dizer, porque infeliz estava sempre por causa de Dora), não fosse o alívio do grande bom humor de meus convidados e por uma sugestão brilhante do sr. Micawber.

– Meu querido amigo, Copperfield – disse o sr. Micawber –, acidentes acontecem nas famílias mais organizadas e nas famílias que não são organizadas por aquela influência geral que santifica e enfatiza a... a.... eu diria, em resumo, pela influência da mulher, no elevado personagem de esposa, acidentes devem ser esperados com certeza e suportados com filosofia. Se me permite tomar a liberdade de observar, poucos repastos são melhores, à sua maneira, que um assado, e acredito que, com uma pequena divisão de trabalho, podemos preparar um bem bom, e se a moça que está servindo puder arrumar uma grelha, eu diria que esse pequeno acidente pode ser facilmente reparado.

Havia uma grelha na despensa, na qual eu cozinhava minhas fatias de bacon matinais. Logo a trouxemos e imediatamente nos pusemos a realizar a ideia do sr. Micawber. A divisão de trabalho à qual ele se referira era assim: Traddles cortava o carneiro em fatias; o sr. Micawber (que sabia fazer essas coisas com perfeição) as cobria com pimenta, mostarda, sal e pimenta-de-caiena; eu as punha na grelha, virava com

um garfo e tirava, sob as ordens do sr. Micawber; e a sra. Micawber aquecia e mexia sem parar um molho de cogumelos em uma pequena caçarola. Quando tínhamos grelhado fatias suficientes para começar, comemos, com as mangas ainda arregaçadas, mais fatias chiando e estralejando no fogo, nossa atenção dividida entre o carneiro em nossos pratos e a próxima leva de carneiro em preparação.

Com a novidade da cozinha, a excelência da carne, o movimento, o frequente levantar-se para cuidar do fogo, o frequente sentar para dar conta das fatias torradas que saíam quentes da grelha, tamanha ocupação, aquecida pelo fogo, tanto nos divertiu, em meio ao ruído tentador e ao sabor, que reduzimos o pernil de carneiro ao osso. Meu próprio apetite voltou milagrosamente. Sinto vergonha de registrar isso, mas na verdade esqueci Dora durante um breve momento. Fico contente de o sr. e a sra. Micawber terem tido a oportunidade de saborear esse banquete sem precisar vender uma cama. Traddles, durante quase todo o tempo, ria com vontade tanto quanto comia e trabalhava. De fato, nós todos fazíamos tudo ao mesmo tempo; e ouso afirmar que nunca houve sucesso maior.

Estávamos no auge da diversão e todos muito ocupados em nossos diversos departamentos, empenhados em levar a última leva de fatias a um estado de perfeição para coroar o festim, quando me dei conta de uma presença estranha na sala e meus olhos toparam com os olhos do controlado Littimer, parado com o chapéu na mão em minha frente.

– O que houve? – perguntei, involuntariamente.

– Se me perdoa, me mandaram entrar. Meu patrão está aqui, senhor Copperfield?

– Não.

– O senhor esteve com ele?

– Não. Você não estava com ele?

– Não agora, não, senhor.

– Ele disse que podia ser encontrado aqui?

– Não exatamente. Mas achei que poderia vir amanhã, se não está aqui hoje.

– Ele vem de Oxford?

– Peço que fique sentado, meu senhor – disse ele, respeitosamente –, e permita que eu faça isso. – Não resisti quando ele tirou o garfo de minha mão e se curvou sobre a grelha, como se toda sua atenção estivesse concentrada nela.

Se o próprio Steerforth aparecesse, creio que não ficaríamos muito incomodados, mas em um momento éramos todos os mais submissos dos submissos perante aquele respeitável criado. O sr. Micawber, cantarolando uma canção para mostrar que estava à vontade, despencou em sua cadeira com o cabo de um garfo escondido às pressas saindo do colete, como se tivesse se esfaqueado. A sra. Micawber calçou as luvas marrons e assumiu um ar elegantemente langoroso. Traddles passou as mãos engorduradas pela cabeça e ficou muito ereto, olhando, confuso, para a toalha da mesa. Quanto a mim, eu era apenas um bebê à cabeceira de minha própria mesa; e mal me aventurava a olhar o respeitável fenômeno que tinha vindo sabe-se lá de onde, para pôr ordem em minha casa.

Enquanto isso, ele tirou o carneiro da grelha e serviu, muito sério. Nós todos nos servimos, mas nosso prazer havia desaparecido, e apenas fingimos comer. Quando empurramos os pratos, um a um, ele os retirou silenciosamente e serviu o queijo. Levou isso embora também, quando terminamos, e tirou a mesa, empilhando tudo no carrinho de chá, nos entregou nossos cálices de vinho e, por conta própria, levou o carrinho de chá para a despensa. Tudo isso foi feito com extrema perfeição e sem jamais erguer os olhos do que estava fazendo. Porém até seus cotovelos, quando estava de costas para mim, pareciam vibrar com a expressão de sua opinião fixa de que eu era extremamente jovem.

– O senhor precisa de mais alguma coisa?

Agradeci e disse que não, e perguntei se ele não queria jantar.

– Não, senhor, muito obrigado.

– O senhor Steerforth vem de Oxford?

– Como disse?

– O senhor Steerforth vem de Oxford?

– Imagino que deva chegar amanhã. Pensei que estaria aqui hoje. O erro foi meu, sim, senhor.

– Se encontrar com ele antes... – eu disse.

– O senhor me desculpe, mas acho que não vou ver o senhor Steerforth primeiro.

– No caso de ver – eu disse –, por favor, diga que foi uma pena ele não ter vindo hoje, uma vez que um velho colega de escola dele está aqui.

– Sem dúvida, senhor Copperfield! – E dividiu uma mesura entre mim e Traddles, com um olhar de relance para este último.

Estava se dirigindo suavemente para a porta quando, numa desanimada esperança de falar alguma coisa com naturalidade, coisa que nunca conseguia diante daquele homem, eu disse:

– Ah, Littimer!

– Pois não?

– Você ficou muito tempo em Yarmouth dessa vez?

– Não muito, não, senhor.

– Viu o barco pronto?

– Sim, senhor. Fiquei lá para aprontar o barco.

– Eu sei! – Ele ergueu os olhos para mim, respeitosamente. – Acredito que o senhor Steerforth ainda não viu o barco, não é?

– De fato não sei dizer, não, senhor. Acho que... mas de fato não sei. Boa noite para o senhor.

Ele abrangeu todos os presentes na reverência respeitosa com que acompanhou essas palavras, e desapareceu. Meus hóspedes pareceram respirar com mais liberdade quando ele foi embora; mas meu alívio foi muito grande pois, além do constrangimento vindo da excepcional sensação de estar sempre em desvantagem na presença desse homem, minha consciência me incomodava com sussurros de que eu havia desconfiado de seu patrão, e eu não conseguia impedir uma vaga inquietação de que ele descobrisse. Por que seria que, mesmo tendo na realidade tão pouco a esconder, eu *sempre* me sentia como se esse homem fosse me descobrir?

O sr. Micawber me arrancou dessa reflexão que se misturava a certo

remorso e apreensão pelo próprio Steerforth, acumulando encômios ao ausente Littimer como um sujeito totalmente respeitável e um criado absolutamente admirável. Posso acrescentar que o sr. Micawber recebera sua dose da mesura geral com infinito enfado.

– Mas o ponche, meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber, experimentando a bebida –, como o tempo e a maré, não espera por ninguém. Ah, está muito saboroso agora! Meu amor, pode me dar sua opinião?

A sra. Micawber disse que estava excelente.

– Então, vou brindar – disse o sr. Micawber –, se meu amigo Copperfield me permite tomar a liberdade, aos dias em que meu amigo Copperfield e eu éramos mais novos e lutávamos no mundo lado a lado. Posso falar a respeito de Copperfield e de mim, com as palavras que cantamos juntos:

> *Nós dois correndo pelas escarpas*
> *colhendo as belas margaridas*{24}

diversas vezes, de um ponto de vista figurativo. Não sei exatamente – disse o sr. Micawber com a velha inflexão e o velho ar indescritível de dizer algo elegante – que margaridas são essas, mas não tenho a menor dúvida de que Copperfield e eu teríamos gostado disso, se fosse possível.

Naquele momento, o sr. Micawber experimentou o ponche. Nós todos tomamos: Traddles evidentemente perdido em assombro diante daquele tempo distante em que o sr. Micawber e eu havíamos sido camaradas nas batalhas do mundo.

O sr. Micawber pigarreou, limpando a garganta, aquecido com o ponche e com a lareira.

– Meu bem, mais um copo?

A sra. Micawber disse que tinha de ser muito pouco, mas não podíamos aceitar aquilo, então foi um copo cheio.

– Como estamos aqui em total confiança, senhor Copperfield – disse a sra. Micawber, bebericando seu ponche –, uma vez que o senhor Traddles é parte de nossa casa, eu gostaria muito de saber sua opinião

sobre os projetos do senhor Micawber. Porque trigo – disse a senhora Micawber, cheia de argumentos –, como eu venho repetindo ao senhor Micawber, pode ser coisa de cavalheiros, mas não é lucrativo. Comissões de dois xelins e nove pence em quinze dias não podem, por mais limitadas que sejam nossas ideias, ser consideradas lucrativas.

Todos nós concordamos com aquilo.

– Então – disse a sra. Micawber, que se orgulhava de ter uma visão clara das coisas e de manter o sr. Micawber na linha com sua sabedoria feminina, quando ele podia se tornar um pouco tortuoso –, então faço esta pergunta a mim mesma. Se não se pode contar com o trigo, com o que se pode contar? Carvão é confiável? Nem um pouco. Voltamos nossa atenção para essa experiência, por sugestão da minha família, e descobrimos que era decepcionante.

O sr. Micawber, recostado em sua poltrona, com as mãos nos bolsos, nos olhou de lado e balançou a cabeça, como se dissesse que o caso estava muito bem exposto.

– Com os artigos trigo e carvão – disse a sra. Micawber, ainda mais argumentativa – igualmente fora de questão, senhor Copperfield, eu naturalmente olho o mundo em torno e pergunto: "Em que campo uma pessoa do talento do senhor Micawber pode progredir?". E excluo fazer qualquer coisa por comissão, porque comissão não é certeza. O mais adequado para uma pessoa com o temperamento peculiar do senhor Micawber é, estou convencida disso, uma certeza.

Traddles e eu expressamos, com um sentido murmúrio, que essa grande descoberta sem dúvida era verdadeira para o sr. Micawber, e que dizia muito a seu favor.

– Não vou esconder, senhor Copperfield – disse a sra. Micawber –, que há muito tempo penso que o negócio de cervejaria é particularmente adaptado ao senhor Micawber. Veja Barclay e Perkins! Veja Truman, Hanbury e Buxton! É num negócio dessa envergadura que o senhor Micawber, eu sei pelo conhecimento que tenho dele, está destinado a brilhar; e os lucros, pelo que me disseram, são e-nor-mes! Mas se o senhor Micawber não conseguir entrar nessas empresas, que se recusam a responder suas cartas quando ele oferece seus serviços, mesmo num

posto inferior, o que adianta ficar alimentando essa ideia? Nada. Posso considerar que as maneiras do senhor Micawber...

– Ahan! Realmente, minha querida – interrompeu o sr. Micawber.

– Quieto, meu amor – disse a sra. Micawber, pousando a luva marrom na mão dele. – Posso considerar que as maneiras do senhor Micawber, senhor Copperfield, são especialmente qualificadas para a atividade bancária. Digo para mim mesma que, se *eu* tivesse um depósito numa casa bancária, as maneiras do senhor Micawber como representante dessa casa bancária inspirariam confiança e ampliariam as ligações. Mas se várias casas bancárias se recusam a se valer das habilidades do senhor Micawber e recebem suas propostas com insolência, o que adianta ficar alimentando *essa* ideia? Nada. Quanto a fundar um negócio bancário, sei que certos membros da minha família, se escolhessem pôr seu dinheiro nas mãos do senhor Micawber, logo teriam um estabelecimento desse tipo. Mas se eles *não* escolhem pôr seu dinheiro nas mãos do senhor Micawber, tal como acontece, o que adianta isso? Mais uma vez concluo que não fomos muito adiante de onde estávamos antes.

Sacudi a cabeça e disse: "Nem um pouco". Traddles também sacudiu a cabeça e disse: "Nem um pouco".

– O que deduzo disso? – a sra. Micawber continuou, ainda com o mesmo ar de expor o caso com lucidez. – Qual a conclusão, meu caro senhor Copperfield, a que sou levada sem que possa resistir? Estou errada quando digo que é claro que precisamos viver?

Respondi: "De jeito nenhum!", e Traddles respondeu: "De jeito nenhum!" – e me vi em seguida acrescentando, sozinho, que uma pessoa tem de viver ou morrer.

– Isso mesmo – disse a sra. Micawber. – Não tenho a menor dúvida. E o fato é, meu caro senhor Copperfield, que *não* podemos viver se não aparecer alguma coisa totalmente diferente das circunstâncias atuais. Agora estou convencida e apontei isso para o senhor Micawber diversas vezes nos últimos tempos, que não se pode esperar que as coisas apareçam sozinhas. Devemos, em certa medida, colaborar para que apareçam. Posso estar errada, mas sou dessa opinião.

Traddles e eu aplaudimos na maior animação.

– Muito bem – disse a sra. Micawber. – Então o que recomendo? Aqui está o senhor Micawber, com uma variedade de qualificações, com grande talento...

– Realmente, meu amor – disse o sr. Micawber.

– Por favor, meu bem, me deixe concluir. Aqui está o senhor Micawber com uma variedade de qualificações, com grande talento... eu diria, com gênio, mas isso pode ser uma visão tendenciosa de esposa...

Traddles e eu murmuramos: "Não".

– E aqui está o senhor Micawber sem nenhuma posição adequada ou emprego. De quem é a culpa? Evidentemente da sociedade. Então, dou a conhecer esse fato vergonhoso e tenho a audácia de desafiar a sociedade a acertar as coisas. Me parece, meu caro senhor Copperfield – disse a sra. Micawber, com força –, que o que o senhor Micawber tem de fazer é jogar a luva para a sociedade e dizer, de fato: "Me mostrem quem aceita o desafio. Que dê um passo à frente".

Arrisquei perguntar à sra. Micawber como fazer isso.

– Anunciando em todos os jornais – disse a sra. Micawber. – Me parece que o que o senhor Micawber tem de fazer, por justiça a si mesmo, por justiça a sua família e chego ao ponto de dizer mesmo por justiça à sociedade, pela qual ele tem sido até hoje preterido, é anunciar em todos os jornais. Descrever a si mesmo plenamente como isto e aquilo, com tais e tais qualificações, e colocar assim: "*Agora* me empreguem em bases lucrativas, enderecem, pós-pago, a *W. M.*, Posta Restante, Camden Town".

– Essa ideia da senhora Micawber, meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber fazendo as pontas do colarinho se encontrarem na frente do queixo e me olhando de lado –, é, de fato, o salto ao qual aludi na última vez em que tivemos o prazer de nos ver.

– Anunciar é bastante caro – observei, cheio de dúvidas.

– Exatamente! – exclamou a sra. Micawber, ainda com o mesmo ar lógico. – Verdade, meu caro senhor Copperfield! Fiz a mesma observação ao senhor Micawber. Por essa razão especificamente é que acho que o senhor Micawber deve (como eu já disse, por justiça a si mesmo, por

justiça a sua família e por justiça à sociedade) levantar uma quantia em dinheiro, numa promissória.

Recostado em sua poltrona, o sr. Micawber brincava com os óculos, os olhos voltados para o teto, mas achei que estava olhando para Traddles também, que observava o fogo.

– Se nenhum membro de minha família – disse a sra. Micawber – tem sentimento natural bastante para negociar essa promissória... acho que deve haver um termo comercial melhor para expressar o que quero dizer...

Com os olhos ainda no teto, o sr. Micawber sugeriu:

– Descontar.

– Para descontar essa promissória – disse a sra. Micawber –, então minha opinião é que o senhor Micawber deve ir à City e levar essa promissória ao mercado financeiro e dispor dela pelo valor que conseguir. Se os indivíduos do mercado financeiro obrigarem o senhor Micawber a fazer um grande sacrifício, isso fica entre eles e sua consciência. A meu ver, com certeza, é um investimento. Recomendo ao senhor Micawber também pensar assim, meu caro senhor Copperfield: considerar isso como um investimento que pode garantir um retorno, e se dispor a *qualquer* sacrifício.

Senti, não sei bem por que, que isso era abnegação e dedicação da parte da sra. Micawber, e murmurei algo assim. Traddles, que acompanhava o meu tom, fez a mesma coisa, ainda olhando o fogo.

– Não vou – disse a sra. Micawber, terminando o ponche e ajeitando a echarpe em torno dos ombros, em preparação para se retirar para meu quarto –, não vou insistir nessas observações sobre a questão dos negócios pecuniários do senhor Micawber. Diante da sua lareira, meu caro senhor Copperfield, e na presença do senhor Traddles, que, embora amigo não tão velho, é um dos nossos, não pude deixar de informar o senhor do curso que *eu* aconselho o senhor Micawber a tomar. Sinto que chegou a hora senhor Micawber se revelar, e acrescentaria, se afirmar, e me parece que o meio é esse. Sei que sou apenas uma mulher e que, no geral, se considera o julgamento masculino mais competente na discussão dessas questões, mas não posso esquecer que, quando morava

em casa de papai e mamãe, meu pai tinha o costume de dizer: “Emma é frágil na aparência, mas sua percepção de uma questão não fica atrás da percepção de ninguém”. Sei muito bem que meu papai era tendencioso nisso, mas meu dever e minha razão não permitem que eu duvide que era também, até certo ponto, um observador do caráter das pessoas.

Com essas palavras e ignorando nossa insistência para que privilegiasse a circulação do restante do ponche com a sua presença, a sra. Micawber se retirou para meu quarto. E realmente eu sentia que era uma nobre mulher, o tipo de mulher que poderia ter sido uma matrona romana, fazendo todo tipo de coisas heroicas em momentos de distúrbios populares.

No fervor dessa impressão, cumprimentei o sr. Micawber pelo tesouro que possuía. Traddles fez o mesmo. O sr. Micawber estendeu a mão para um e outro, depois cobriu o rosto com o lenço, que acredito contivesse mais rapé do que ele sabia. E voltou ao ponche, com a maior animação.

Estava cheio de eloquência. Sugeriu que vivíamos de novo em nossos filhos e que, sob a pressão de dificuldades pecuniárias, qualquer aumento no número de filhos era duplamente bem-vindo. Disse que a sra. Micawber tivera recentemente suas dúvidas a respeito, mas que ele as dissipara e a tranquilizara. Quanto à família dela, eles não a mereciam em nada, e que os sentimentos deles lhe eram absolutamente indiferentes e que podiam, cito aqui sua expressão, ir para o inferno.

O sr. Micawber então dirigiu um caloroso elogio a Traddles. Disse que Traddles tinha um caráter de virtudes firmes a que ele, Micawber, não podia pretender, mas que, graças aos céus, podia admirar. Aludiu cheio de sentimento à jovem desconhecida que Traddles honrava com seu afeto, e que retribuía esse afeto honrando e abençoando Traddles com *seu* afeto. O sr. Micawber fez um brinde à moça. Eu também. Traddles agradeceu a nós dois dizendo, com uma simplicidade e franqueza que tive o bom senso de deixar que me encantassem:

– Fico muito agradecido ao senhor, de verdade. E garanto que ela é a moça mais querida...!

Logo depois disso, o sr. Micawber aproveitou a primeira oportunidade para tocar, com a mais absoluta delicadeza e cerimônia, no estado dos

meus afetos. Nada, a não ser a afirmação em contrário de seu amigo Copperfield, observou, poderia eliminar sua impressão de que o amigo Copperfield amava e era amado. Depois de me sentir muito acalorado e incômodo durante um momento, e depois de corar bastante, gaguejando e negando, disse, erguendo o copo: "Bom! À saúde de D.!", o que excitou e satisfez o sr. Micawber a tal ponto que ele correu com um copo de ponche ao meu quarto, para a sra. Micawber poder brindar a D. Ela bebeu com entusiasmo, gritando lá de dentro, com voz aguda:

– Veja só, veja só! Meu querido senhor Copperfield, estou encantada. Veja só! – E bateu na parede, à guisa de aplauso.

Nossa conversa, depois, assumiu um rumo mais mundano; o sr. Micawber disse que achava Camden Town inconveniente, e que a primeira coisa que pretendia fazer quando o anúncio fizesse aparecer algo satisfatório era mudar-se. Mencionou uma casa no extremo oeste da Oxford Street, de frente para o Hyde Park, na qual estava de olho, mas que não esperava obtê-la imediatamente, uma vez que seria preciso um grande investimento. Era provável que houvesse um intervalo, explicou, em que se contentaria com o andar superior de uma casa, acima de algum ponto comercial respeitável, digamos, em Piccadilly, que seria uma localização alegre para a sra. Micawber, e onde, construindo uma janela de balcão ou erguendo um andar a mais, com alguma alteração desse tipo, poderiam viver com conforto e decência durante alguns anos. O que quer que estivesse reservado para ele, onde quer que morasse, disse expressamente, podíamos contar com isso, haveria sempre um quarto para Traddles e um lugar à mesa para mim. Agradecemos a sua bondade e ele pediu desculpas por ter embarcado nesses detalhes práticos e de negócios, que desculpássemos como coisa natural em alguém que estava tomando providências inteiramente novas na vida.

A sra. Micawber, ao bater na parede outra vez para saber se o chá estava pronto, interrompeu essa fase particular de nossa amigável conversa. Ela preparou o chá para nós da maneira mais agradável, e sempre que eu chegava perto, entregando as xícaras e o pão com manteiga, me perguntava se D. era loira, morena, ou se era baixa ou alta, algo desse tipo, do que acredito ter gostado. Depois do chá, discutimos

uma variedade de assuntos diante da lareira, e a sra. Micawber teve a bondade de cantar para nós (com sua voz miúda, fina, uniforme, que me lembro de ter comparado, quando a conheci, à própria cerveja de mesa da acústica) as baladas favoritas “O ousado sargento branco” e “A pequena Tafflin”. Ambas as canções tinham sido famosas quando ela morava em casa com papai e mamãe. O sr. Micawber nos contou que, quando a ouviu cantar a primeira vez, na primeira ocasião em que a viu na casa da família, ela atraíra excepcionalmente sua atenção, e quando chegara à Pequena Tafflin, havia resolvido conquistar aquela mulher ou morrer tentando.

Eram entre dez e onze da noite quando a sra. Micawber se levantou para guardar de volta sua touca no embrulho de papel pardo e pôr seu chapéu. O sr. Micawber aproveitou a oportunidade de Traddles estar vestindo o sobretudo para colocar uma carta em minha mão, com o pedido sussurrado de que eu lesse mais tarde. Quando estava segurando uma vela sobre o corrimão para iluminar para eles, o sr. Micawber na frente, levando a sra. Micawber e Traddles atrás com a touca, também aproveitei a oportunidade para reter Traddles um momento no alto da escada.

– Traddles – eu disse –, o senhor Micawber não tem má intenção, coitado, mas se eu fosse você não emprestava nada para ele.

– Meu caro Copperfield – Traddles respondeu sorrindo –, não tenho nada para emprestar.

– Tem seu nome, sabe? – disse eu.

– Ah! Você acha que *isso* é uma coisa que se empreste? –Traddles perguntou com ar pensativo.

– Com certeza.

– Ah! – disse Traddles. – Claro, sem dúvida! Muito obrigado a você, Copperfield, mas temo que já tenha emprestado meu nome a ele.

– Para a promissória que vai ser investimento certo? – perguntei.

– Não, não para essa. Agora foi a primeira vez que ouvi falar disso. Estava pensando que ele muito provavelmente vai me propor essa a caminho de casa. A minha é outra.

– Espero que não dê nada errado com a promissória – eu disse.

– Espero que não – disse Traddles. – Acho que não, porque outro dia mesmo ele me disse que essa já estava resolvida. Foi essa a expressão que o senhor Micawber usou: “Resolvida”.

Como o sr. Micawber olhou para cima nesse momento, só tive tempo de repetir meu alerta. Traddles me agradeceu e seguiu. Mas tive muito medo, observando a maneira bem-humorada como desceu com a touca na mão e deu o braço à sra. Micawber, que ele seria arrastado para o mercado financeiro até o pescoço.

Voltei para a frente da lareira e estava pensando, um pouco sério, um pouco rindo, na personalidade do sr. Micawber e em nosso velho relacionamento quando ouvi passos rápidos subindo a escada. De início, pensei que era Traddles voltando para buscar alguma coisa esquecida pela sra. Micawber, mas quando os passos se aproximaram, eu sabia, e senti o coração bater mais forte e o sangue subir para o rosto, que era Steerforth.

Nunca deixei de pensar em Agnes e ela nunca deixou o santuário de meus pensamentos, se posso falar assim, onde a coloquei desde o início. Mas quando ele entrou e parou na minha frente com a mão estendida, as sombras que haviam caído sobre ele se transformaram em luz, e fiquei muito confuso e envergonhado de ter duvidado de alguém que tanto amava. Eu amava Agnes do mesmo jeito; e pensava nela como o mesmo anjo delicado e benigno de minha vida; e censurava a mim, não a ela, por ter cometido essa injúria contra ele; e teria oferecido qualquer reparação se soubesse o que fazer e como fazer.

– Ora, Daisy, meu velho, está aturdido? – Steerforth riu, sacudindo minha mão vigorosamente e empurrando-a longe com alegria. – Peguei você em mais um banquete, seu sibarita! Esses sujeitos da Corte Civil são os homens mais alegres da cidade, acho, e deixam para trás todos nós, o povo sóbrio de Oxford! – Com o olhar brilhante percorreu a sala ao se sentar no sofá à minha frente, que a sra. Micawber havia deixado havia pouco, e atiçou o fogo.

– Fiquei tão surpreso a princípio – disse eu, dando-lhe as boas-vindas com toda a cordialidade que eu sentia – que mal consegui respirar para

cumprimentar você, Steerforth.

– Bom, *me* ver é um deleite para os olhos, dizem os escoceses – replicou Steerforth –, assim como ver você, Daisy, assim tão vivo. Como vai, seu farrista?

– Estou muito bem – respondi –, e nada farrista esta noite, mas confesso que tive três visitas.

– Que encontrei na rua, elogiando você em voz alta – retorquiu Steerforth. – Quem é o nosso amigo de calça justa?

Em poucas palavras, contei o melhor que pude quem era o sr. Micawber. Ele riu muito com o retrato que fiz do cavalheiro e disse que era um homem para conhecer, que queria conhecê-lo.

– Mas quem acha que era nosso outro amigo? – perguntei, por minha vez.

– Só Deus sabe – disse Steerforth. – Nenhum chato, espero. Achei que parecia um pouco chato.

– Traddles! – repliquei, triunfante.

– Quem é? – Steerforth perguntou, displicente.

– Não se lembra de Traddles? Traddles, do nosso quarto na Salem House?

– Ah! Aquele! – disse Steerforth, batendo com o ferro em um pedaço de carvão sobre o fogo. – Ele continua o molenga de sempre? E onde foi que *você* desenterrou Traddles?

Em resposta, exaltei Traddles o mais possível; pois percebia que Steerforth sentia desprezo por ele. Encerrando o assunto com um aceno de cabeça ligeiro e um sorriso, e a observação de que também gostaria de encontrar o velho colega, que sempre havia sido esquisito, perguntou se eu tinha alguma coisa para ele comer. Durante esse breve diálogo, quando não estava falando de um jeito vivo e agitado, ficara batendo no pedaço de carvão com o atiçador. Observei que fez o mesmo enquanto eu pegava os restos da torta de pombo e as outras coisas.

– Nossa, Daisy, isto é jantar para um rei! – ele exclamou, explodindo de seu silêncio e tomando lugar à mesa. – Vou fazer justiça à comida, porque estou voltando de Yarmouth.

– Achei que estava vindo de Oxford – repliquei.

– Não – disse Steerforth. – Estava navegando... ocupação melhor.

– Littimer esteve aqui hoje, perguntando por você – observei –, e pelo que disse achei que estava em Oxford. Se bem que, pensando bem, ele não disse isso.

– Littimer é mais bobo do que eu imaginava para andar perguntando por mim desse jeito – disse Steerforth jovialmente, servindo um copo de vinho e bebendo à minha saúde. – Se conseguir entender Littimer, você é mais esperto que todo mundo, Daisy.

– É verdade mesmo – eu disse, puxando minha cadeira para a mesa. – Então você estava em Yarmouth, Steerforth? – perguntei, interessado em saber de tudo. – Ficou muito tempo?

– Não – ele respondeu. – Uma escapada de uma semana e pouco.

– E como estão todos? Claro que a pequena Emily ainda não casou, não?

– Não ainda. Mas vai, acho, dentro de algumas semanas, ou meses, uma coisa ou outra. Não estive muito com eles. A propósito – disse, pousando os talheres que usava com grande entusiasmo, e procurando nos bolsos –, tenho uma carta para você.

– De quem?

– Ora, da sua velha babá – respondeu, tirando uns papéis do bolso do peito. – "Senhor J. Steerforth, débito com o Boa Vontade"... não é este. Paciência, vou acabar encontrando. O velho não-sei-quê está mal e acho que é sobre isso.

– Barkis, você quer dizer?

– Isso! – ainda procurando nos bolsos e olhando o conteúdo. – Acho que está tudo acabado para o pobre Barkis. Vi lá aquele farmacêutico, cirurgião, seja lá o que for, que trouxe sua excelência ao mundo. Para mim, ele sabia tudo sobre o caso, mas na opinião dele, em resumo, o portador estava fazendo sua última jornada bem depressa. Enfie a mão aí no bolso de cima desse sobretudo na cadeira e acho que vai encontrar a carta. Está aí?

– Está! – disse eu.

– Certo!

Era de Peggotty, um pouco menos legível que o normal, e breve. Me informava do estado sem esperança do marido e insinuava que ele estava "um pouco mais apegado" do que antes e consequentemente mais difícil de conduzir para seu próprio conforto. Não dizia nada de seu cansaço e vigílias e o elogiava bastante. Estava escrita com o carinho caseiro, despojado, simples que eu sabia ser sincero, e terminava com "A seu dispor, meu sempre querido", que era eu.

Enquanto eu a decifrava, Steerforth continuou comendo e bebendo.

– Não é nada bom – disse ele, quando terminei de ler –, mas o sol se põe todo dia e morre gente a todo minuto, não se deve ter medo do que nos espera a todos. Se fraquejamos porque ouvimos que em algum lugar bateu aquele pé que bate igual à porta de todos os homens,{25} tudo que existe no mundo escapa de nós. Não! Em frente! Com sola grossa se preciso for, com sola macia se servir, mas em frente! Vencer todos os obstáculos e ganhar a corrida!

– Ganhar a corrida? – perguntei.

– A corrida que se vive desde o começo – disse ele. – Em frente!

Me lembro que notei, quando ele fez uma pausa, olhando para mim com a linda cabeça um pouco lançada para trás, o copo erguido na mão, que, embora seu rosto estivesse cheio da vitalidade do vento do mar, havia nele sinais, surgidos desde a última vez que o vira, de quem estivesse envolvido em alguma atividade com a febril energia que, quando despertada, era tão apaixonada dentro dele. Tinha na cabeça a ideia de censurar nele esse jeito desesperado de perseguir todo capricho, como esse de se lançar ao mar bravio e enfrentar tempo ruim, por exemplo, quando minha mente se afastou do assunto imediato de nossa conversa outra vez e eu disse:

– Vou falar uma coisa, Steerforth – disse eu –, se o seu espírito impetuoso me ouvir...

– Meu espírito é possante e fará tudo o que você quiser – ele respondeu, voltando da mesa para diante da lareira outra vez.

– Então vou dizer o seguinte, Steerforth. Acho que vou ver minha

velha babá. Não que possa fazer alguma coisa por ela, ser de alguma utilidade, mas ela é tão ligada a mim que acho que a minha visita vai ter um bom efeito sobre ela. Vai ficar tão contente que será um conforto e um apoio para ela. Não é nenhum grande esforço, claro, pela amizade que ela sempre teve por mim. Você não iria passar um dia lá, se estivesse no meu lugar?

Seu rosto ficou pensativo e ele considerou um pouco, antes de responder, em voz baixa:

– Bom! Vá. Não vai fazer nenhum mal.

– Você acabou de voltar – eu disse –, seria demais pedir que fosse comigo?

– Seria – ele respondeu. – Vou para Highgate hoje à noite. Faz muito tempo que não vejo minha mãe e estou com a consciência pesada, porque é uma coisa ser amado como ela ama seu filho pródigo. Ah! Bobagem! Você quer ir amanhã, será? – ele perguntou, me segurando à distância de um braço, com uma mão em cada ombro.

– É, acho que sim.

– Bom, deixe para ir depois de amanhã. Queria que você fosse passar uns dias conosco. Vim para fazer o convite e você sai voando para Yarmouth!

– Olhe quem fala de sair voando, Steerforth, você que está sempre correndo feito louco para alguma expedição desconhecida!

Ele olhou para mim um momento sem falar nada, e continuou, ainda me segurando como antes e me sacudindo:

– Vamos! Diga depois de amanhã e passe o dia de amanhã conosco! Quem sabe quando vamos nos encontrar de novo? Vamos! Depois de amanhã! Quero que você fique entre Rosa Dartle e mim e mantenha a gente separado.

– Vocês se amariam demais sem mim?

– É, sim, ou nos odiaríamos – Steerforth riu –, não importa. Vamos! Diga depois de amanhã!

Eu disse. Ele vestiu o sobretudo, acendeu um charuto e saiu para ir a pé para casa. Vendo a sua intenção, vesti meu sobretudo (mas não acendi

charuto, bastava daquilo por enquanto) e caminhei com ele até a rua mais ampla, uma rua vazia à noite. Ele seguia muito animado todo o tempo; e quando nos despedimos e fiquei olhando para ele tão galante e alegre indo para casa, pensei no que havia dito: “Vencer todos os obstáculos e ganhar a corrida!”, e desejei, pela primeira vez, que ele tivesse uma corrida que valesse a pena disputar.

Estava me despindo em meu quarto quando a carta do sr. Micawber caiu no chão. Então me lembrei dela, rompi o lacre e li o seguinte. Estava datada de uma hora e meia antes do jantar. Não estou bem certo se mencionei que, quando o sr. Micawber estava em alguma crise desesperada, usava uma espécie de fraseado legal que parecia considerar equivalente a fomentar seus negócios.

Caro senhor (pois não ouso dizer meu caro Copperfield),

É urgente que eu informe ao senhor que o signatário está arrasado. Alguns esforços passageiros para poupar o senhor do conhecimento prematuro de sua posição calamitosa o senhor pôde observar nele hoje, mas a esperança desapareceu no horizonte e o signatário está arrasado.

O presente comunicado é redigido em âmbito pessoal (não posso chamar de social) de um indivíduo, em estado muito próximo da embriaguez, empregado por um corretor. Esse indivíduo está de posse legal da residência, em débito com aluguel. O inventário dele compreende não apenas os móveis e utensílios de toda natureza pertencentes ao signatário, como locatário anual dessa habitação, como também os pertencentes ao sr. Thomas Traddles, sublocatário, membro da Honorável Sociedade do Inner Temple.{26}

Se faltasse uma gota de tristeza na taça transbordante ora “destinada” (na linguagem de um escritor imortal){27} aos lábios do signatário, se descobriria de fato que um empréstimo amigável aceito pelo signatário somando 23 libras, 4 xelins e 9 pence está vencido e NÃO será pago. Além disso, é fato que as responsabilidades de vida dependentes do signatário irão, no curso natural das coisas, sofrer o acréscimo de mais uma vítima inocente, cuja desventurada aparição pode ser esperada, em números redondos, ao fim de um período não maior que seis meses lunares a partir da data atual.

Depois de declarar tais coisas, seria obra de superfluidade acrescentar que pó e cinzas estarão para sempre

sobre

a

cabeça

de

WILKINS MICAWBER.

Pobre Traddles! Eu já conhecia o sr. Micawber o suficiente nessa época para prever que era de se esperar que *ele* se recuperasse do baque, mas minha noite de sono foi amargamente perturbada a pensar em Traddles e na filha do pastor, uma de dez irmãs, em Devonshire, e que era uma moça tão boa, que esperaria por Traddles (horrível elogio!) até os sessenta anos, ou qualquer outra idade.

XXIX

Visito Steerforth em sua casa mais uma vez

Mencionei ao sr. Spenlow, de manhã, que precisava me ausentar por um breve período; e como ainda não recebia nenhum salário, não sendo consequentemente odioso ao implacável Jorkins, não houve dificuldade. Aproveitei essa oportunidade, com a voz presa na garganta e a vista falhando ao pronunciar as palavras, para expressar minha esperança de que a srta. Spenlow estivesse passando bem, ao que o sr. Spenlow respondeu sem mais emoção do que se estivesse falando de um ser humano comum, que me agradecia muito e que ela estava bem.

Nós, escriturários efetivados, como germes da aristocrática ordem dos procuradores, éramos tratados com tamanha consideração que eu era quase senhor de mim mesmo em todos os momentos. Como não me interessava, porém, chegar a Highgate antes de uma ou duas horas da tarde, e tínhamos outro pequeno caso de excomunhão no tribunal aquela manhã, que se intitulava Ofício do Juiz movido por Tipkins contra Bullock para correção de sua alma, passei uma ou duas horas muito agradavelmente assistindo aos procedimentos ao lado do sr. Spenlow. O caso surgira com a briga de dois atendentes de igreja, um dos quais era acusado de ter empurrado o outro em cima de uma bomba d'água, cuja manivela se projetava numa escola, escola essa debaixo do teto da igreja, o que tornava o empurrão uma ofensa eclesiástica. Era um caso divertido, e a caminho de Highgate, no andar superior da diligência, ia pensando na Corte Civil e no que o sr. Spenlow havia dito: se tocarem na Corte, o país vem abaixo.

A sra. Steerforth ficou contente de me ver, assim como Rosa Dartle. Foi uma surpresa agradável ver que Littimer não estava e que éramos atendidos por uma criadinha modesta, com fitas azuis na touca, cujo olhar era muito mais agradável e muito menos desconcertante de se encontrar por acaso do que o olhar daquele homem respeitável. Mas o

que observei particularmente quando não fazia nem meia hora que estava na casa foi como a srta. Dartle me vigiava de perto e com atenção; e a espreita com que ela parecia comparar meu rosto com o de Steerforth e o de Steerforth com o meu, como se esperasse que alguma coisa acontecesse entre os dois. Toda vez que olhava para ela, era certo ver aquele rosto atento, com os olhos pretos secos e a testa perscrutadora olhando intensamente para os meus; ou passando dos meus olhos para os de Steerforth; ou abrangendo os dois ao mesmo tempo. Nesse escrutínio de lince, ela não só não se abalava quando via que eu notava seu olhar como, nesses momentos, seu olhar penetrante adquiria uma expressão ainda mais intensa. Mesmo sem culpa como sabia ser em relação a qualquer mal que ela pudesse suspeitar em mim, eu recuava diante de seus olhos estranhos, inteiramente incapaz de suportar seu brilho faminto.

O dia todo, ela parecia circular por toda a casa. Se eu conversava com Steerforth no quarto dele, ouvia o farfalhar do vestido dela no corredor. Quando ele e eu nos dedicávamos a algum dos nossos antigos exercícios no gramado atrás da casa, eu via o rosto dela passar de janela em janela, como uma luz vagando, até se fixar em uma e nos observar. Quando nós quatro saímos para caminhar uma tarde, ela fechou sua mão magra em meu braço como uma mola, para me reter enquanto Steerforth e a mãe avançavam fora do alcance da voz, e falou comigo.

– Passou um bom tempo sem aparecer aqui – disse ela. – Sua profissão é mesmo tão absorvente e interessante a ponto de monopolizar sua atenção? Pergunto porque gosto sempre de estar informada, quando sou ignorante. É isso mesmo, então?

Respondi que gostava bastante do meu trabalho, mas que sem dúvida não chegava a esse ponto.

– Ah, fico contente de saber, porque gosto sempre que me corrijam quando estou errada – disse Rosa Dartle. – Quer dizer que é uma profissão um pouco seca talvez?

Bem, respondi, talvez fosse um pouco seca.

– Ah! E por isso o senhor quer repouso e mudança, excitação e tudo? – ela perguntou. – Ah! É verdade! Mas não é um pouco... ahn? ...para ele,

não falo do senhor.

Um rápido relance dos olhos dela para o ponto onde Steerforth caminhava com a mãe apoiada em seu braço me revelou de quem ela falava, mas fora isso fiquei completamente perdido. E demonstrei isso, sem dúvida.

– Não acha que... não digo que seja, veja bem, eu quero saber... não acha que ele está um tanto envolvido demais? Que ele, talvez, esteja um pouco mais displicente que o normal em suas visitas a essa mãe amorosa, ahn? – E outro rápido olhar para os dois e um olhar para mim que parecia desvendar meus pensamentos mais secretos.

– Senhorita Dartle – repliquei –, por favor, não pense que...

– Não penso! – disse ela. – Ah, não! Não pense que acho alguma coisa! Não sou desconfiada. Só fiz uma pergunta. Não formulo nenhuma opinião. Quero fundamentar uma opinião no que o senhor me contar. Então, não é assim? Muito bem! Fico contente de saber.

– Não é absolutamente verdade – disse eu, perplexo – que eu seja responsável por Steerforth ter se ausentado de casa mais tempo que o normal. Se é que isso ocorreu, o que de fato não sei neste momento, a menos que a senhorita me diga. Não estive com Steerforth todo este longo tempo, até ontem à noite.

– Não?

– Não, senhorita Dartle, não estive!

Quando olhou direto para mim, vi que seu rosto ficou mais duro e mais pálido e a marca da cicatriz aumentou até cortar todo o seu lábio desfigurado e descer para o lábio inferior e pelo rosto. Havia algo positivamente horrível para mim em tudo isso, no brilho dos olhos quando ela perguntou, olhando fixamente para mim:

– O que ele está fazendo?

Repeti as palavras, mais para mim mesmo que para ela, tão surpreso estava.

– O que ele está fazendo? – ela perguntou, com uma intensidade que parecia consumi-la como um fogo. – No que aquele homem está ajudando Steerforth, aquele que nunca olha para mim sem uma

inescrutável falsidade no olhar? Se o senhor é honrado e fiel, não peço que traia seu amigo. Só peço que me conte, é raiva, é ódio, é orgulho, é inquietação, é algum capricho, é amor, *o que é* que está dominando esse Steerforth?

– Senhorita Dartle – respondi –, o que posso dizer para que acredite que não sei nada de Steerforth além do que sabia quando estive aqui a primeira vez? Não consigo pensar em nada. Acredito seriamente que não haja nada. Nem entendo direito o que está dizendo.

Como ela ainda olhava fixamente para mim, uma contração ou pulsação, que eu não conseguia dissociar da ideia de dor, apareceu naquela cicatriz cruel e ergueu o canto de seu lábio como em desdém, ou com um pesar que desprezava o seu objeto. Ela cobriu depressa a boca com a mão, uma mão tão fina e delicada que, quando a vi levantá-la diante da lareira para proteger o rosto, a tinha comparado a fina porcelana, em meus pensamentos, e disse de um jeito rápido, feroz, apaixonado:

– Jure que vai manter segredo! – E não disse nem uma palavra mais.

A sra. Steerforth ficava bastante feliz com a companhia do filho, e Steerforth, nessa ocasião, estava especialmente atencioso e respeitoso com ela. Era muito interessante para mim ver os dois juntos, não apenas pela sua mútua afeição, mas por causa da forte semelhança pessoal entre eles, e da maneira como aquilo que era altivo ou impetuoso nele, nela a idade e o sexo haviam reduzido a uma elegante dignidade. Pensei, mais de uma vez, que era ótimo que nenhuma causa séria de separação jamais surgisse entre eles. Ou que duas naturezas tais, eu devia dizer dois tons da mesma natureza, pudessem ser mais difíceis de conciliar do que dois extremos absolutos na criação. Essa ideia não surgiu de meu próprio discernimento, confesso, mas de um discurso de Rosa Dartle.

No jantar, ela falou:

– Ah, mas me diga, alguém, porque passei o dia inteiro pensando nisso e quero saber.

– Quer saber o quê, Rosa? – retorquiu a sra. Steerforth. – Por favor, Rosa, sem tanto mistério.

– Mistério! – ela exclamou. – Ah! É mesmo? A senhora me considera

misteriosa?

– Estou constantemente pedindo – disse a sra. Steerforth – que fale com franqueza, com sua maneira natural.

– Ah, então esta *não* é minha maneira natural? – ela prosseguiu. – Ora, vocês precisam realmente ter paciência comigo, porque eu peço informações. Nós nunca conhecemos a nós mesmos.

– Isso se transformou numa segunda natureza – disse a sra. Steerforth, sem nenhum desprazer –, mas eu me lembro, e você também deve se lembrar, acho, quando sua maneira era diferente, Rosa, quando não era tão reservada e era mais confiante.

– A senhora deve ter razão – replicou ela –, é assim que os maus hábitos crescem dentro da gente! Não é mesmo? Menos reservada e mais confiante? Eu me pergunto, *como* posso, sem perceber, ter mudado assim? Bom, é bem estranho! Tenho de estudar para retomar o meu antigo eu.

– Eu gostaria disso – a sra. Steerforth falou com um sorriso.

– Ah, vou fazer isso, sabe? – ela respondeu. – Vou aprender franqueza com... deixe ver... com James.

– Não poderia aprender franqueza, Rosa, em melhor escola – disse a sra. Steerforth logo em seguida, pois havia sempre certo tom de sarcasmo no que Rosa Dartle dizia, embora fosse dito, como aquilo, da maneira mais inconsciente do mundo.

– Disso tenho certeza – ela respondeu com excepcional fervor. – Se tenho certeza de alguma coisa, claro, é disso que tenho certeza.

Achei que a sra. Steerforth pareceu lamentar a pequena provocação, pois disse então, em tom bondoso:

– Bom, minha querida Rosa, não ouvimos ainda o que você queria saber.

– O que eu queria saber? – ela replicou, com provocante frieza. – Ah, era apenas se as pessoas que são semelhantes em sua constituição moral... é assim que se diz?

– É uma expressão tão boa quanto qualquer outra – disse Steerforth.

– Obrigada. Se pessoas de constituição moral semelhante correm

maior perigo do que as outras, no caso de surgir entre elas discórdia grave, que cause uma desunião raivosa e profunda.

– Eu diria que sim – respondeu Steerforth.

– É mesmo? – ela retorquiu. – Nossa! Supondo então, por exemplo, qualquer coisa improvável serve para uma suposição, que você e sua mãe tivessem uma briga séria.

– Minha querida Rosa – interrompeu a sra. Steerforth, rindo amavelmente –, sugira outra suposição! James e eu sabemos muito bem nossos deveres um com o outro, graças a Deus!

– Ah! – disse a srta. Dartle, balançando a cabeça, pensativa. – Com certeza. *Isso* impediria? Ora, claro que sim. Exatamente. Ora, fico contente de ter feito a bobagem de apresentar esse caso, porque é muito bom saber que o dever de vocês dois um com o outro impediria uma coisa dessas! Muito obrigada.

Não devo omitir outra pequena circunstância referente à srta. Dartle; pois tive razões para me lembrar disso mais tarde, quando todo o passado irremediável se mostrou claramente. Durante todo esse dia, mas em especial a partir desse momento, Steerforth exerceu sua melhor habilidade e com a mais absoluta facilidade, para fascinar essa criatura singular e transformá-la numa companhia satisfeita e satisfatória. Não foi surpresa para mim ele ter conseguido. Não me surpreendeu também que ela tivesse lutado contra a fascinante influência de sua arte deliciosa – na época, pensei em natureza deliciosa –, pois eu sabia que ela era às vezes amarga e perversa. Vi os traços e as maneiras dela mudarem aos poucos; vi quando olhava para ele com crescente admiração; vi quando tentou, mais e mais debilmente, mas sempre raivosa, como se condenasse uma fraqueza em si mesma, resistir ao poder cativante que ele possuía; e por fim vi seu olhar duro abrandar e seu sorriso ficar mais doce. E parei de ter medo dela, como havia tido na verdade o dia inteiro, e nos sentamos todos diante da lareira, conversando e rindo, com tão pouca reserva como se fôssemos crianças.

Não sei se foi porque ficamos sentados ali tanto tempo, ou porque Steerforth resolvera não perder a vantagem que conquistara, mas não ficamos na sala de jantar mais que cinco minutos depois que ela saiu.

– Ela vai tocar harpa – disse Steerforth, baixo, na porta da sala de estar – e ninguém, a não ser minha mãe, ouviu isso, acredito, durante estes três anos. – Ele disse isso com um curioso sorriso que desapareceu imediatamente. Entramos na sala e ela estava sozinha.

– Não se levante! – disse Steerforth (coisa que ela já havia feito). – Rosa, querida, não! Seja boazinha e cante para nós uma canção irlandesa.

– E você gosta de canções irlandesas? – ela retorquiu.

– Muito! – disse Steerforth. – Muito mais que de qualquer outra coisa. O Daisy aqui também adora música com veneração. Cante para nós uma canção irlandesa, Rosa! Deixe eu sentar e ouvir, como fazia antes.

Ele não tocou nela, nem na cadeira da qual ela havia se levantado, mas sentou-se perto da harpa. Ela ficou parada mais um momento, de um jeito curioso, fazendo os movimentos de tocar com a mão direita, mas sem fazer nenhum som. Acabou se sentando, puxou a harpa para si com um gesto súbito, tocou e cantou.

Não sei o que havia em seu toque ou em sua voz, que fez daquela canção a coisa mais extraterrena que eu já tinha ouvido ou imaginado na vida. Havia algo assustador na realidade daquilo. Era como se nunca tivesse sido escrita, nem instrumentalizada, mas brotasse da paixão dentro dela, que achava expressão imperfeita nos sons baixos de sua voz e desaparecia de novo quando tudo silenciava. Fiquei mudo quando ela se encostou de novo na harpa, tocando, mas sem tirar som, com a mão direita.

Um minuto mais, e uma coisa me despertou de meu transe: Steerforth saiu de seu lugar, foi até ela, rindo, passou o braço em torno dela e disse:

– Venha, Rosa, de agora em diante vamos nos amar muito! – E ela bateu nele, empurrou-o com a fúria de uma gata brava e irrompeu para fora da sala.

– O que aconteceu com a Rosa? – perguntou a sra. Steerforth entrando na sala.

– Ela foi um anjo, mãe – Steerforth respondeu –, durante um breve instante. Depois partiu para o extremo oposto, para compensar.

– Devia tomar cuidado para não irritar a Rosa, James. Não esqueça que ela se tornou uma pessoa ácida e não deve ser irritada.

Rosa não voltou e não se fez mais nenhuma menção a ela, até o momento em que acompanhei Steerforth a seu quarto para me despedir. Ele então riu dela e me perguntou se já tinha visto antes alguém tão feroz e incompreensível.

Expressei toda a surpresa que fui capaz de expressar então e perguntei se ele sabia dizer o que ela havia achado tão desagradável, tão repentinamente.

– Ah, só Deus sabe – disse Steerforth. – O que você quiser... ou nada! Eu falava para você que ela amola tudo, até a si mesma, se amola. É uma pessoa afiada e tem de ser tratada com muito cuidado. Sempre perigosa. Boa noite!

– Boa noite! – respondi. – Acho que já terei ido embora quando você acordar. Boa noite!

Ele não queria que eu fosse e me deteve, com as mãos em meus ombros, como havia feito em meu apartamento.

– Daisy – disse com um sorriso –, mesmo não sendo esse o nome que seus padrinhos e madrinhas escolheram, é o nome que mais gosto de usar para você e gostaria, gostaria, gostaria muito que desse esse nome para mim!

– E posso dar, se eu quiser – respondi.

– Daisy, se alguma coisa um dia nos separar, tem de se lembrar de mim no que tenho de melhor, meu velho. Isso! Vamos fazer esse trato. Pense o melhor de mim se alguma coisa nos separar!

– Você, para mim, Steerforth, não tem nada melhor nem pior – eu disse. – Será sempre igualmente amado e importante no meu coração.

Sentia dentro de mim tamanho arrependimento por tê-lo ofendido, mesmo num vago pensamento, que a confissão disso estava subindo para os meus lábios. Não fosse a relutância que sentia em trair a confiança de Agnes, não fosse a incerteza de como abordar o assunto sem correr esse risco, teria falado antes que ele dissesse:

– Deus te abençoe, Daisy. E boa noite! – Na dúvida, não disse nada.

Apertamos as mãos e nos separamos.

Me levantei ao amanhecer, e depois de me vestir o mais silenciosamente possível, olhei o quarto dele. Steerforth dormia profundamente, deitado com a cabeça no braço, como eu o tinha visto tantas vezes na escola.

Havia chegado a hora, e chegara tão depressa, em que quase me perguntava, ali, olhando para ele, se nada perturbaria seu repouso. Mas ele dormia... que eu pense nele sempre assim... como o vi dormir tantas vezes na escola. E assim, nessa hora silenciosa, deixei-o.

Nunca mais, ah, Deus te perdoe, Steerforth, tocaria essa mão adormecida com ternura amiga. Nunca, nunca, nunca!

XXX

Uma perda

Cheguei a Yarmouth à noitinha e fui para a hospedaria. Sabia que o quarto de hóspedes de Peggotty, meu quarto, provavelmente estaria ocupado dentro em pouco, se aquela grande visitante, diante de cuja presença todos os viventes devem ceder espaço, não estivesse já na casa. Então, fui para uma hospedaria, onde jantei e tomei um quarto.

Eram dez da noite quando saí. Muitas lojas estavam fechadas e a cidade, parada. Quando cheguei à Omer e Joram, encontrei as venezianas cerradas, mas a porta da loja aberta. Como vi o sr. Omer lá dentro, fumando seu cachimbo à porta da sala, entrei e perguntei como ele estava.

– Ah, benza Deus! – disse o sr. Omer. – Como está? Sente-se. Espero que a fumaça não incomode o senhor.

– De jeito nenhum – respondi. – Eu gosto... no cachimbo dos outros.

– Ah, no seu não, hein? – disse o sr. Omer, rindo. – Melhor assim. Mau hábito num moço. Sente. Fumo por causa da asma.

O sr. Omer abriu espaço para mim e puxou uma cadeira. Sentou-se de novo, muito sem fôlego, sugando o cachimbo como se contivesse o suprimento do que necessitava, sem o qual morreria.

– Estou triste com as más notícias do senhor Barkis – eu disse.

O sr. Omer olhou para mim com o rosto sério e sacudiu a cabeça.

– Sabe como ele está agora à noite? – perguntei.

– Exatamente a pergunta que ia fazer pro senhor – retorquiu o sr. Omer –, se não fosse indelicadeza. É um dos problemas do nosso tipo de negócio. Quando uma pessoa está doente, a gente não *pode* perguntar como vai.

Essa dificuldade não havia me ocorrido, embora, ao entrar, também tivesse minhas apreensões de ouvir a mesma coisa de sempre. Diante do

que foi mencionado, porém, reconheci a atitude e concordei.

– É, é, o senhor entende – disse o sr. Omer fazendo que sim com a cabeça. – A gente não pode fazer isso. Benza Deus, pode ser um choque, e a maioria das pessoas não se recupera, ouvir assim "Saudações de Omer e Joram e como está passando esta manhã?", ou esta tarde, conforme o caso.

O sr. Omer e eu assentimos um para o outro, e o sr. Omer puxou o ar com a ajuda do cachimbo.

– Essa é uma das coisas que nos impedem, pessoas do ofício, de dar a atenção que muitas vezes a gente quer demonstrar – disse o sr. Omer. – O meu caso, por exemplo. Para chegar até ele, tanto faz conhecer o Barkis há um ano, ou conhecer há quarenta. Mas *eu* não posso ir lá e perguntar "Como ele está?".

Senti que era bem difícil para o sr. Omer, e disse isso.

– Acho que não sou mais interessado que ninguém – disse o sr. Omer. – Olhe pra mim! Meu fôlego pode acabar qualquer hora dessas e, pelo que sei, não é nada provável que eu tenha interesse nisso. Digo que não é provável num homem que sabe que o fôlego vai acabar, como acaba *mesmo*, que nem um fole que foi cortado, e quando esse homem já é avô – disse o sr. Omer.

Eu disse:

– Nada disso.

– Não que eu reclame do meu tipo de negócio – disse o sr. Omer. – Não é isso. Tem coisa boa e coisa ruim em toda profissão. O que queria é que as pessoas fossem mais fortes.

Com expressão muito complacente e bondosa, o sr. Omer tirou várias baforadas e depois falou, retomando a primeira questão.

– Por causa disso, a gente é obrigada, pra saber como vai o Barkis, a contar com a Em'ly. Ela sabe qual é o nosso objetivo de fato e não tem nenhum alarme nem suspeita a nosso respeito, como se a gente fosse uns carneiros. A Minnie e o Joram acabaram de ir lá na casa, na verdade (a Em'ly vai lá, depois do trabalho, ajudar um pouco a tia), pra perguntar como ele está agora de noite, e se o senhor quiser esperar eles voltarem,

vão poder dar mais detalhe. Quer beber alguma coisa? Um pouco de rum com água e limão? Eu mesmo sempre fumo bebendo rum com água e limão – disse o sr. Omer erguendo seu copo –, porque dizem que facilita as passagens por onde esta minha respiração complicada entra em ação. Mas, benza Deus – disse o sr. Omer, rouco –, não são as passagens que estão fora dos eixos. "Me dê fôlego", eu digo pra minha filha Minnie, "que eu resolvo as passagens, minha querida."

Ele de fato não tinha quase fôlego, e era muito alarmante vê-lo rir. Quando estava novamente em condições de ouvir, agradeci pela bebida que ofereceu, que recusei, uma vez que havia acabado de jantar; e informando que ia esperar, já que ele tivera a bondade de me convidar, até sua filha e genro voltarem, perguntei como estava a pequena Emily.

– Bom – disse o sr. Omer, tirando da boca o cachimbo para poder esfregar o queixo –, sinceramente, vou ficar contente quando ela casar.

– Por quê? – perguntei.

– Bom, ela está perturbada, no momento – disse o sr. Omer. – Não que não esteja bonita como sempre, está mais bonita, garanto que está mais bonita. Não que ela não trabalhe tão bem como sempre, porque trabalha. Ela valia por seis e ainda vale por seis. Mas está faltando alguma força ali. Se o senhor entende – disse o sr. Omer depois de esfregar o queixo outra vez, e, pensando um pouco –, o que quero dizer com o provérbio: "Com força e em frente, em frente, meus valentes, hurra!". Eu diria que *isso*, no geral, é que sinto que falta na Em'ly.

O rosto e o tom do sr. Omer diziam tanto que pude balançar a cabeça conscienciosamente, como se adivinhasse o que queria dizer. A rapidez de minha compreensão pareceu agradá-lo e ele continuou:

– Ora, veja bem, acho que isso é, principalmente, por causa dela estar perturbada. A gente conversou bastante, a tia dela e eu, e o namorado dela e eu, depois do trabalho. E acho que é principalmente porque ela está perturbada. A gente não pode esquecer que a Em'ly – disse o sr. Omer sacudindo a cabeça com delicadeza –, não existe criaturinha mais carinhosa. Diz o provérbio que "Não se faz o tostão virar milhão". Bom, isso eu não sei. Acho até que pode ser, começando cedo na vida. Ela fez daquele barco velho uma casa pra morar tão boa como se fosse de pedra

e mármore.

– Claro que sim! – disse eu.

– Ver aquela criaturinha tão linda tão ligada no tio – disse o sr. Omer –, ver como ela abraça sempre o tio, mais e mais forte, todo dia, é de admirar. Ora, o senhor sabe, quando é assim, sempre é uma luta. Por que demorar mais do que precisa?

Eu ouvia com atenção o bom velho e concordava, de todo o coração, com o que ele dizia.

– Então, falei pra eles assim – disse o sr. Omer num tom agradável, tranquilo. – Disse: "Agora, não pensem que a Em'ly está comprometida aqui pra sempre. A hora, vocês é que resolvem. O serviço dela foi mais valioso do que se esperava. O aprendizado, mais rápido do que se esperava. Omer e Joram pode anular o tempo que falta e ela está livre a hora que vocês quiserem. Se ela quiser fazer algum arranjo depois, pra confeccionar alguma coisinha em casa, muito bem. Se não quiser, muito bem também. Ninguém sai perdendo, de jeito nenhum. Porque, sabe – disse o sr. Omer tocando em mim com o cachimbo –, não faz sentido um homem tão sem ar que nem eu, e avô ainda por cima, impor alguma coisa pra uma florzinha de olho azul que nem ela.

– Não mesmo, tenho certeza – eu disse.

– Não mesmo! Tem razão! – disse o sr. Omer. – Bom, o primo dela... o senhor sabe que é com um primo que ela vai casar?

– Ah, sei – repliquei. – Conheço bem o primo.

– Claro que conhece – disse o sr. Omer. – Bom, o primo sendo, como parece, bom trabalhador e bem de vida, me agradeceu por isso dum jeito muito valoroso (se conduzindo, no geral, de um jeito que me deu muito boa impressão) e foi, alugou a casinha mais confortável que qualquer um podia querer. A casinha agora está mobiliada, todinha, pronta, completa que nem uma casinha de boneca. E não fosse a doença do Barkis ter piorado desse jeito, coitado, meu palpite é que por agora eles já eram marido e mulher. Mas com isso, teve um atraso.

– E a Em'ly, senhor Omer? – perguntei. – Está mais assentada?

– Ah, isso, sabe – ele respondeu, esfregando o duplo queixo outra vez

–, não se pode esperar que aconteça por si. A ideia da mudança e da separação, e tudo isso, está, a gente pode dizer, perto e longe ao mesmo tempo. A morte do Barkis não ia atrasar muito, mas ele resistir, sim. De qualquer jeito, é um estado de coisa incerto, sabe?

– Sei – disse eu.

– Então – continuou o sr. Omer –, a Em'ly ainda está um pouco pra baixo, um pouco aflita, talvez no geral esteja mais assim que antes. Todo dia ela parece gostar mais e mais do tio e lamentar mais se separar da gente. Uma palavra gentil da minha parte já deixa ela com lágrima nos olhos, e se o senhor visse como ela é com a filhinha de minha filha Minnie, não ia esquecer nunca. Benza Deus – disse o sr. Omer, ponderando –, como ela gosta daquela menina!

Diante de oportunidade tão favorável, me ocorreu perguntar ao sr. Omer, antes que nossa conversa fosse interrompida pela volta de sua filha e do marido, se ele sabia alguma coisa sobre Martha.

– Ah – ele retomou, sacudindo a cabeça, parecendo muito desanimado. – Nada bom. Uma história triste, não tem como não ver isso. Nunca achei que havia maldade naquela moça. Não quero falar disso na frente da minha filha Minnie, porque ela ia se zangar, mas nunca achei. Ninguém aqui nunca achou.

O sr. Omer, ao ouvir o passo de sua filha antes de mim, me tocou com o cachimbo e piscou o olho num alerta. Ela e o marido entraram imediatamente depois.

A notícia era que o sr. Barkis não podia estar pior, que estava inconsciente; e que o dr. Chillip dissera com tristeza na cozinha, pouco antes de ir embora, que nem todo o Colégio de Médicos, o Colégio de Cirurgiões e a Junta de Farmacêuticos juntos poderiam ajudá-lo, disse o dr. Chillip. Os dois colégios o desenganaram, e só o que os farmacêuticos podiam fazer era envenená-lo.

Ao ouvir isso, ao saber que o sr. Peggotty estava lá, decidi ir imediatamente para a casa. Dei boa-noite ao sr. Omer e ao sr. e sra. Joram e para lá me dirigi com um sentimento solene que tornava o sr. Barkis uma pessoa nova e completamente diferente.

Bati de leve na porta e o sr. Peggotty atendeu. Não ficou muito

surpreso ao me ver, porque eu era esperado. Observei a mesma coisa em Peggotty também, quando ela desceu, e sempre me lembro disso, porque acho que, na expectativa daquela horrível surpresa, todas as outras mudanças e surpresas se reduziam a nada.

Apertei a mão do sr. Peggotty e passei à cozinha, enquanto ele fechava a porta de mansinho. A pequena Emily estava sentada junto ao fogo, com as mãos no rosto. Ham postado ao lado dela.

Falávamos aos sussurros, escutando a intervalos qualquer som que viesse do quarto de cima. Por ocasião de minha última visita, não tinha pensado numa coisa que, naquele momento, me pareceu muito estranha: a falta do sr. Barkis na cozinha!

– É muita bondade sua, seu Davy – disse o sr. Peggotty.

– Bondade demais mesmo – disse Ham.

– Em'ly, meu bem – exclamou o sr. Peggotty. – Olhe aqui! Seu Davy chegou! Ora, se anime, minha linda! Não vai falar com seu Davy?

Havia nela um tremor de que me lembro até agora. Sua mão tão fria ao toque, posso sentir ainda. Seu único sinal de ânimo foi tirar a mão da minha, depois se erguer da cadeira, e pondo-se ao lado do tio, em silêncio, e, tremendo ainda, apoiar-se em seu peito.

– Tão amoroso o coração dela – disse o sr. Peggotty, acariciando seu lindo cabelo com a mão grande e áspera – que não consegue aguentar uma tristeza dessa. É natural com gente moça, seu Davy, quando são novo pra essas coisas, e acanhada que nem este meu passarinho aqui, é natural.

Ela se aninhou mais nele, porém não ergueu o rosto, não disse uma palavra.

– Está ficando tarde, meu bem – disse o sr. Peggotty –, e o Ham tá aqui pra levar você pra casa. É. Vá pra casa com esse outro coração amoroso! Hein, Em'ly? Hein, minha linda?

O som da voz dela não chegou a mim, mas ele inclinou a cabeça como se ouvisse e falou:

– Deixar você ficar com o tio? Nem pede isso! Ficar com o tio, filhinha? Quando esse que logo vai ser seu marido tá aqui pra levar você pra casa?

Ora, ninguém não vai pensar de ver uma coisinha dessa do lado de um sujeito duro que nem eu – disse o sr. Peggotty, olhando para nós dois, com infinito orgulho –, mas o mar não tem mais sal que o carinho que ela tem pelo tio, que bobinha a Em'ly!

– Em'ly tá certa nisso aí, seu Davy! – disse Ham. – Olhe aqui! Se a Em'ly quer e ela está aflita e com medo, além do mais, eu deixo ela até de manhã. E fico eu também!

– Não, não – disse o sr. Peggotty. – Você não deve, não, um homem casado que nem você, ou quase, pegar e jogar fora um dia de trabalho. E você não tem como passar a noite no velório e trabalhar depois. Não dá. Você vá pra casa e durma. Você não tá com medo que a gente não vai cuidar bem da Em'ly, disso *eu* sei.

Ham cedeu a esses argumentos, pegou o chapéu e foi embora. Mesmo quando ele a beijou, e sempre que o via chegar perto dela – eu pensava que a natureza havia lhe dado a alma de um cavalheiro –, ela pareceu achegar-se mais ao tio, evitando mesmo o marido escolhido. Fechei a porta quando ele passou, para não incomodar a calma que predominava, e quando me voltei encontrei o sr. Peggotty ainda falando com ela.

– Agora eu vou subir e contar pra sua tia que o seu Davy tá aqui pra ela se animar um pouco – disse ele. – Senta aí perto do fogo um pouco, meu bem, e esquenta essa mão gelada. Não precisa ter medo e levar tão a sério. O quê? Você vai comigo? Bom! Vem comigo, então! Se o tio dela fosse expulso de casa e forçado a deitar numa vala, seu Davy – disse o sr. Peggotty, com o mesmo orgulho de antes –, acho que ela ia com ele, é, sim! Mas logo vai ser com outro, logo, outro, logo, Em'ly!

Depois, quando subi, ao passar pela porta do meu quartinho, que estava escuro, tive a impressão indistinta de que ela estava lá dentro, caída no chão. Mas se era ela realmente ou se era uma confusão de sombras no quarto, não sei agora.

Diante do fogo da cozinha, tive tempo para pensar no horror à morte da linda pequena Em'ly, que, ao lado do que o sr. Omer havia me dito, considerei a causa de ela estar tão fora de si. E tive tempo, antes de Peggotty descer, até de pensar com mais tolerância naquela fraqueza, contando as batidas do relógio e aprofundando a sensação do solene

silêncio à minha volta. Peggotty me tomou em seus braços e me agradeceu insistentemente por eu ser um consolo tão grande para ela (foi o que ela disse) em sua dor. Então insistiu comigo para subir, soluçando que o sr. Barkis sempre havia gostado de mim e me admirado; que muitas vezes falava de mim antes de cair num estupor, e que ela acreditava, no caso de ele voltar a si, que ia se animar ao me ver, se ainda pudesse se animar com alguma coisa terrena.

Quando o vi, a probabilidade de ele voltar a si me pareceu muito pequena. Estava deitado com a cabeça e os ombros para fora da cama, numa posição incômoda, meio reclinado sobre a caixa que lhe custara tanta dor e trabalho. Descobri que, quando não conseguia mais sair da cama para abri-la nem garantir sua segurança por meio da varinha que eu o vira usar, tinha pedido que a colocassem numa cadeira ao lado da cama, onde a abraçara desde então, dia e noite. Seu braço estava em cima dela agora. O tempo e o mundo deslizavam debaixo dele, mas a caixa estava lá e as últimas palavras que pronunciara eram (num tom explanatório): “Roupas velhas!”.

– Barkis, meu querido! – disse Peggotty, quase alegre, curvando-se sobre ele, enquanto seu irmão e eu ficávamos aos pés da cama. – Meu menino querido tá aqui, meu querido Davy, que aproximou a gente, Barkis! Que você pediu pra levar mensagens, sabe? Não vai falar com o Davy?

Ele estava tão mudo e sem sentido como a caixa, da qual tirava a única expressão que tinha.

– Ele vai embora com a maré – disse o sr. Peggotty para mim, por trás da mão.

Meus olhos estavam úmidos, assim como os do sr. Peggotty, mas repeti num sussurro:

– Com a maré?

– Na costa, as pessoas só morre – disse o sr. Peggotty – quando a maré tá toda baixa. Não nasce, a não ser quando tá bem alta, só nasce mesmo quando tá cheia. Ele tá indo embora com a maré. A vazante é às três e meia, água parada por meia hora. Se ele vive até a virada, aguenta até depois da alta e vai com a outra maré.

Ficamos ali, olhando para ele, um bom tempo, horas. Que misteriosa influência minha presença exercia sobre ele naquele estado de consciência, não pretendo dizer, mas quando ele começou a se mover debilmente, é certo que estava resmungando sobre me levar para a escola.

– Está voltando a si – disse Peggotty.

O sr. Peggotty me tocou e sussurrou com muito assombro e reverência:

– Ele e a maré indo embora depressa.

– Barkis, meu querido! – Peggotty exclamou.

– C. P. Barkis – ele exclamou com voz fraca. – A melhor mulher do mundo!

– Olhe! É o Davy! – disse Peggotty, pois ele tinha aberto os olhos.

Eu estava a ponto de perguntar se me reconhecia quando ele tentou estender o braço e me disse, claramente, com um sorriso agradável:

– Barkis tá disposto!

E como era a baixa-mar, ele foi embora com a maré.

XXXI

Uma perda maior

Não foi difícil para mim, a pedido de Peggotty, resolver ficar onde estava até os restos mortais do pobre cocheiro fazerem sua última jornada a Blunderstone. Muito tempo antes, ela havia comprado, com as próprias economias, um pedacinho de chão em nosso velho adro de igreja, perto do túmulo de sua "doce menina", como sempre chamava minha mãe; e lá os restos dele iriam repousar.

Ao atender Peggotty e fazer tudo o que podia por ela (o que não era muita coisa), me senti muito agradecido, me alegra pensar nisso mesmo agora. Mas creio que minha suprema satisfação, de natureza tanto pessoal como profissional, foi me encarregar do testamento do sr. Barkis, esclarecendo seu conteúdo.

Posso reivindicar o mérito de ter sido o primeiro a sugerir que o testamento devia ser procurado dentro da caixa. Depois de alguma procura, foi encontrado na caixa, no fundo de um bornal, dentro do qual (além de cevada) se descobriu um velho relógio de ouro com corrente e brasões, que o sr. Barkis usara no dia de seu casamento e que nunca ninguém tinha visto nem antes nem depois; um socador de prata para fumo de cachimbo em forma de perna; uma imitação de limão, cheia de minúsculas xícaras e pires que suspeito que o sr. Barkis deva ter comprado para me dar de presente quando eu era criança e do qual não conseguiu dispor depois; oitenta e sete guinéus e meio, em guinéus e meios-guinéus; duzentas e dez libras em cédulas bancárias perfeitamente limpas; alguns recibos de ações do Banco da Inglaterra; uma velha ferradura, um xelim falso, um pedaço de cânfora e uma concha de ostra. Pelo fato de este último objeto estar muito polido, exibindo as cores prismáticas do interior, concluo que o sr. Barkis tinha alguma ideia vaga a respeito de pérolas, que nunca foi esclarecida.

Durante anos e anos, o sr. Barkis levou essa caixa em todas as suas

viagens, todos os dias. Para que não fosse notada, ele havia inventado a ficção de que pertencia ao “sr. Blackboy” e devia “ser deixada com o Barkis até ser reclamada”, fantasia que havia escrito laboriosamente na tampa, em caracteres agora pouco legíveis.

Ao longo de todos esses anos, descobri, ele havia economizado, com bom efeito. Seus bens, em dinheiro, chegavam a quase três mil libras. Dessas, ele legou os juros de mil libras ao sr. Peggotty por toda a vida; no caso de sua morte, o principal seria dividido em partes iguais entre Peggotty, a pequena Emily e mim, ou ao sobrevivente ou sobreviventes, dividido em partes iguais. Todo o resto de suas posses no momento da morte deixava para Peggotty, que nomeava legatária universal e testamenteira única de suas últimas vontades.

Eu me senti realmente procurador ao ler em voz alta esse documento, com toda a cerimônia possível, e explicar suas providências, quantas vezes fossem necessárias, a todos os interessados. Comecei a pensar que a Corte Civil era mais interessante do que eu havia suposto. Examinei o testamento com a mais profunda atenção, declarei que era bem planejado sob todos os aspectos, fiz uma ou duas anotações a lápis na margem e achei incrível o quanto eu havia aprendido.

Passei a semana anterior ao funeral nessa intrincada atividade, fazendo um relatório para Peggotty de todas as propriedades que ela agora possuía, organizando todos os negócios, como conselheiro e mediador em todas as coisas, para nosso prazer recíproco. Nesse meio-tempo, não estive com a pequena Emily, mas me disseram que ela teria um casamento discreto dentro de quinze dias.

Não compareci ao funeral vestido a caráter, se posso dizer assim. O que digo é que não pus capote preto nem estandarte para assustar passarinhos, apenas fui a pé até Blunderstone, de manhã cedinho, e estava no adro da igreja quando chegaram, acompanhados apenas por Peggotty e seu irmão. O cavalheiro louco ficou olhando de sua janelinha, o bebê do dr. Chillip balançou a cabeça pesada e rolou os olhos saltados para o clérigo, por cima do ombro de sua babá; o sr. Omer ofegava em segundo plano; não havia mais ninguém e estava tudo muito tranquilo. Caminhamos pelo adro durante uma hora depois que tudo acabou e

arrancamos algumas folhas da árvore acima do túmulo de minha mãe.

Nesse ponto, baixa sobre mim um receio. Baixa uma nuvem sobre a cidade distante, para a qual dirijo meus passos solitários. Temo me aproximar dela. Não suporto pensar no que aconteceu naquela noite memorável, no que acontecerá de novo, se eu prosseguir.

A sensação não piora quando a descrevo. Não melhoraria se eu detivesse minha mão hesitante. Está feito. Nada pode desfazer, nada pode mudar o que já foi.

Minha velha babá devia ir a Londres comigo no dia seguinte, para cuidar do testamento. A pequena Emily passaria o dia com o sr. Omer. Íamos nos encontrar todos na casa-barco essa noite. Ham traria Emily à hora de sempre. Eu voltaria quando quisesse. O irmão e a irmã voltariam como tinham ido e estariam à nossa espera junto à lareira quando o dia terminasse.

Despedi-me deles no portãozinho do portão maior, onde o visionário Straps havia descansado com a mochila de Roderick Random em tempos passados, e em vez de voltar direto, caminhei um pequeno trecho da estrada até Lowestoft. Então virei e voltei na direção de Yarmouth. Jantei numa cervejaria decente a uns dois ou três quilômetros da balsa que mencionei antes. Assim se passou o dia, e era noite quando ali cheguei. Chovia pesadamente, era uma noite agitada, mas havia lua por trás das nuvens e não estava escuro.

Logo avistei a casa do sr. Peggotty, e a luz brilhava na janela. Uma breve caminhada pela areia molhada, pesada, me levou até a porta e entrei.

A casa parecia bem acolhedora. O sr. Peggotty havia fumado seu cachimbo da noite e o jantar estava sendo preparado. A lareira brilhava, sem cinzas por cima, o baú pronto para a pequena Emily no lugar de sempre. Em seu lugar de sempre estava Peggotty e parecia (a não ser pelo vestido) que nunca havia saído dali. Já voltara à sua caixa de costura com a catedral de Saint Paul na tampa, a fita métrica no chalé; e o pedaço cera de vela, todos ali, como se nunca tivessem se abalado. A sra. Gummidge parecia um pouco aflita em seu canto de sempre e, consequentemente, muito natural.

– Seu Davy é o primeiro a chegar – disse o sr. Peggotty com ar alegre. – Não fique com esse paletó molhado.

– Obrigado, senhor Peggotty – falei, entregando o sobretudo para ele pendurar. – Está seco.

– Tá mesmo! – disse o sr. Peggotty, tocando meus ombros. – Sequinho. Sente, seu Davy. Nem preciso dar boas-vindas, porque o senhor sabe que é bem-vindo, de coração.

– Obrigado, senhor Peggotty, não tenho a menor dúvida. E então, Peggotty – disse, dando um beijo nela –, como você está, minha velha?

– Rá, rá – o sr. Peggotty riu, sentado junto de nós, esfregando as mãos, aliviado com o fim dos problemas recentes e com a genuína cordialidade de sua natureza –, não tem no mundo mulher, eu digo pra ela, mais sossegada de cabeça do que ela! Ela cumpriu o dever com o falecido e o falecido sabia que era o certo. O falecido cumpriu o dever com ela, como ela sabia que era o certo. E... e... e está *tudo* certo!

A sra. Gummidge deu um grunhido.

– Se alegre, minha velha! – disse o sr. Peggotty. (Mas sacudiu a cabeça para nós, evidentemente sabendo que diante dos últimos acontecimentos haveria a tendência de lembrar o falecido marido.) – Não fique triste! Se alegre, um pouquinho pelo menos, e vai ver que é natural o resto melhorar também!

– Comigo não, Dan'l – respondeu a sra. Gummidge. – Pra mim não tem nada natural, só viver sozinha e abandonada.

– Não, não – disse o sr. Peggotty, consolando sua tristeza.

– É, sim, é, sim, Dan'l! – a sra. Gummidge falou. – Não sou ninguém pra viver com alguém que herdou dinheiro. As coisa pra mim não dá certo. Melhor se livrarem de mim.

– Ora, como eu vou gastar esse dinheiro sem a senhora? – o sr. Peggotty perguntou, com um ar de séria repreensão. – Do que a senhora está falando? Não preciso da senhora agora, mais do que nunca precisei?

– Eu sabia que ninguém precisava de mim – exclamou a sra. Gummidge, com um ganido doloroso –, e agora tenho que ouvir isso! Como é que eu podia pensar que alguém precisava de mim, sozinha e

abandonada desse jeito, sempre contrariando!

O sr. Peggotty pareceu muito chocado consigo mesmo por ter falado alguma coisa capaz dessa interpretação ferina, mas foi impedido de responder por Peggotty, que puxou sua manga e sacudiu a cabeça. Depois de olhar para a sra. Gummidge alguns momentos, amargurado e aflito, ele olhou o relógio holandês, levantou-se, avivou a vela e colocou-a na janela.

– É! – disse o sr. Peggotty, animado. – É isso, dona Gummidge! – A sra. Gummidge deu um ligeiro gemido. – Acesa, como é o costume. O senhor deve de estar pensando pra que é isso. Bom, é pra pequena Em'ly. Sabe, o caminho não é muito claro nem muito movimentado depois que escurece, então, quando estou aqui, na hora dela voltar pra casa, ponho a vela acesa na janela. Isso, sabe – disse o sr. Peggotty curvando-se para mim com muita alegria –, por causa de duas coisa. Ela fala, a Em'ly fala: "Olha a minha casa lá!", ela fala. E fala também, a Em'ly fala: "Meu tio tá lá!". Porque se eu não estou aqui, não tem vela na janela.

– Você parece criança! – disse Peggotty, muito carinhosa com o irmão, porque faria a mesma coisa.

– Bom – disse o sr. Peggotty parado com as pernas bem separadas, esfregando nelas as mãos para cima e para baixo em sua confortável satisfação, olhando alternadamente para nós e para o fogo. – Não sei se eu pareço. Olhando assim, não pareço, não.

– Não muito – Peggotty observou.

– Não – o sr. Peggotty riu –, olhando não, mas... pensando bem, sabe. Não me preocupa, benza Deus! Vou dizer uma coisa. Quando eu pego e olho aquela linda casinha da nossa Em'ly, eu... eu fico abismado – disse o sr. Peggotty, com súbita ênfase –, é isso! Não sei o que mais... parece que ela está até nas coisinha mais pequena quase. Eu pego, ponho de volta, toco com toda delicadeza como se fosse a nossa Em'ly. A mesma coisa com as touquinha dela e tudo. Não aguento ver ninguém mexer nessas coisa com força, por nada deste mundo. É, eu sou criança mesmo, que nem um ouriço-do-mar – disse o sr. Peggotty abrandando a seriedade com uma gargalhada.

Peggotty e eu rimos, mas não tão alto.

– O que eu acho, sabe – disse o sr. Peggotty com expressão deliciada, depois de esfregar mais as pernas –, é que isso daí é porque a gente brincava tanto de faz de conta, que a gente era turco, francês, tubarão e tudo quanto é estrangeiro, benza Deus, é, sim!, e leão, baleia, nem sei que mais!, quando ela não chegava nem no meu joelho. Por isso que é assim que eu sinto, sabe. Ora, essa vela aqui agora! – disse o sr. Peggotty alegremente estendendo a mão para ela –, *eu* sei muito bem que depois que ela casar e for embora, vou continuar botando a vela ali do mesmo jeito. Sei muito bem que quando *eu* estiver aqui de noite (e onde mais que eu ia viver, Deus me perdoe, por mais dinheiro que eu tenha!) e ela não estiver aqui, ou eu não estiver longe daqui, vou botar a vela na janela e sentar na frente do fogo, fingindo que estou esperando ela, que nem estou esperando agora. *Isso* é que é ser criança – disse o sr. Peggotty com outra gargalhada – no corpo de um ouriço-do-mar! Ora, neste minuto, quando eu vejo a vela brilhar, digo pra mim mesmo: "Ela tá olhando a vela! A Em'ly tá chegando! *Isso* sim que é criança, que nem um ouriço-do-mar!" E justamente – disse o sr. Peggotty, parando de rir e batendo as mãos uma na outra –, taí ela agora!

Era Ham sozinho. A noite devia ter ficado mais chuvosa quando ele entrou porque estava com um grande chapéu impermeável, dobrado sobre o rosto.

– Cadê a Em'ly? – perguntou o sr. Peggotty.

Ham fez um gesto de cabeça como se ela estivesse do lado de fora. O sr. Peggotty pegou a vela da janela, avivou a chama, pôs em cima da mesa, e estava empenhado em atiçar o fogo quando Ham, que não tinha mexido um músculo, falou:

– Seu Davy, podia sair aqui comigo um pouco e ver o que a Em'ly e eu queremos mostrar pro senhor?

Saímos. Quando passei por ele à porta, para minha surpresa, e susto, vi que ele estava mortalmente pálido. Ele me empurrou depressa para fora e fechou a porta atrás de nós. De nós dois apenas.

– Ham! O que foi?

– Seu Davy... – Ah, com o coração ferido, como ele chorou!

Fiquei paralisado diante de tamanha tristeza. Não sabia o que pensar,

o que temer. Só podia olhar para ele.

– Ham! Meu pobre amigo! Pelo amor de Deus, diga o que foi!

– Meu amor, seu Davy... o orgulho e a esperança do meu coração... ela, que eu morria por causa dela, que eu podia morrer agora... ela foi embora!

– Foi embora?

– Em'ly fugiu! Ah, seu Davy, imagine *como* foi que ela fugiu, se eu estou rezando pro bom Deus matar ela (que eu amo acima de tudo) para ela não se arruinar e desgraçar!

O rosto que voltou para o céu turbulento, o tremor das mãos crispadas, a agonia em seu corpo permanecem em minha memória, até hoje, associados àquela solitária desolação. Lá é sempre noite, e ele, o único objeto da cena.

– O senhor é estudado – disse ele, depressa –, sabe o que é certo e melhor. O que eu falo aí dentro? Como é que eu vou contar pra ele, seu Davy?

Vi a porta se mover e instintivamente tentei segurar a maçaneta para ganhar um momento. Era tarde demais, o sr. Peggotty pôs o rosto para fora e jamais, mesmo que viva quinhentos anos, vou conseguir esquecer a mudança que ocorreu nele quando nos viu.

Me lembro de um grande gemido e um grito, e as mulheres em torno dele, nós todos parados na sala, eu com um papel na mão, que Ham havia me entregado, o sr. Peggotty com o colete rasgado, o cabelo desgrenhado, o rosto e os lábios muito brancos, o sangue pingando em seu peito (vinha de sua boca, acho), olhando fixamente para mim.

– Leia, seu Davy – disse ele com voz baixa e trêmula. – Devagar, por favor. Não sei se eu consigo entender.

Num silêncio mortal, li, assim, uma carta borrada:

> Quando você, que me ama tão mais do que jamais mereci, mesmo quando meu coração era inocente, receber esta carta, estarei longe.

– Estarei longe – ele repetiu devagar. – Pare! Em'ly longe. Ai!

> Quando sair de meu lar adorado... meu lar adorado... ah, meu lar adorado!... de manhã...

A carta era datada da noite anterior:

... nunca mais voltarei, a menos que ele me traga de volta como uma dama. Esta carta será encontrada à noite, muitas horas depois, em vez de mim. Ah, se você soubesse como meu coração está dilacerado. Se mesmo você, que tanto ofendi, que nunca poderá me perdoar, pudesse saber o quanto estou sofrendo! É muito perverso escrever sobre mim mesma. Ah, console-se pensando que eu sou muito má. Ah, por misericórdia, diga a meu tio que nunca o amei tanto quanto agora. Ah, esqueça o quanto vocês todos foram afetuosos e bons comigo... esqueça que íamos nos casar... tente imaginar que morri quando era pequena e fui enterrada em algum lugar. Rezo ao céu do qual me afasto, que tenha compaixão por meu tio! Diga a ele que nunca o amei tanto. Seja o consolo dele. Ame alguma moça boa, que venha a ser o que eu fui um dia para meu tio e que seja fiel a você, digna de você, e não o envergonhe como eu. Deus abençoe a todos! Rezarei por todos, sempre, de joelhos. Se ele não me trouxer de volta como dama e eu não rezar por mim mesma, rezarei por vocês todos. Meu amor, se despede de meu tio. Minhas últimas lágrimas, meu último agradecimento, para o meu tio!

Isso era tudo.

Muito depois de eu ter parado de ler, o sr. Peggotty ainda estava olhando para mim. Acabei me aventurando a pegar sua mão, a animá-lo, como pude, a se controlar um pouco. Ele respondeu:

– Eu agradeço, seu Davy, agradeço! – sem se mexer.

Ham falou com ele. O sr. Peggotty estava tão sensível ao sofrimento *dele* que apertou sua mão. Mas ele permaneceu no mesmo estado e ninguém ousou perturbá-lo.

Por fim, lentamente, ele desviou os olhos de meu rosto, como se despertasse de uma visão, e olhou em torno da sala. Depois, disse em voz baixa:

– Quem é o homem? Quero saber o nome dele.

Ham olhou para mim e de repente senti um choque que me jogou para trás.

– Existe um suspeito – disse o sr. Peggotty. – Quem é?

– Seu Davy – Ham implorou. – Saia um pouquinho e deixe eu contar para ele o que tenho de contar. O senhor não deve ouvir, não.

Senti outro choque. Despenquei numa cadeira e tentei formular alguma resposta, mas minha língua estava travada, minha visão turva.

– Quero saber o nome dele! – ouvi as palavras outra vez.

– Faz algum tempo – Ham gaguejou –, um criado andou por aqui, de

vez em quando. E um cavalheiro também. Os dois tinham a ver um com o outro.

O sr. Peggotty estava imóvel diante de nós como antes, mas agora olhava para ele.

– Noite passada – Ham continuou –, viram o criado com... a nossa pobre menina. Ele andava escondido por aqui, uma semana ou mais. Acharam que tinha ido embora, mas estava escondido. Não fique aqui, seu Davy, não fique, não!

Senti o braço de Peggotty em torno de meu pescoço, mas não conseguiria me mexer nem que a casa caísse em cima de mim.

– Hoje de manhã, tinha uma carruagem com uns cavalo estranho fora da cidade, na estrada de Norwich, antes de raiar o dia – Ham continuou. – O criado foi, voltou e foi de novo. Quando foi outra vez, a Em'ly tava junto. O outro tava dentro. É ele!

– Pelo amor de Deus – disse o sr. Peggotty, dando um passo atrás e erguendo a mão como se quisesse afastar o que abominava. – Não me diga que o nome dele é Steerforth!

– Seu Davy – Ham exclamou, com a voz abalada –, não é sua culpa... longe de mim botar a culpa no senhor... mas o nome dele é Steerforth e ele é um bandido desgraçado!

O sr. Peggotty não deu um grito, não derramou uma lágrima, e não se mexeu mais, até parecer despertar, de repente, e pegou seu casaco áspero do gancho num canto.

– Me dá uma mão com isto aqui! Eu estou arrasado, não consigo – disse, impaciente. – Me dá uma mão, me ajuda. Bom! – disse, quando alguém o ajudou. – Agora me dá aquele chapéu ali.

Ham perguntou aonde ele ia.

– Vou procurar minha sobrinha. Vou procurar a minha Em'ly. Primeiro, vou arrebentar o casco daquele barco e afundar onde eu devia afogar *ele*, pela minha alma, se eu fizesse a mínima ideia do que aquele sujeito tinha na cabeça! Ele sentado na minha frente – disse, enlouquecido, estendendo o punho direito –, ele sentado na minha frente, cara a cara, posso cair morto aqui, mas eu tinha afogado ele, e

estava certo! Vou procurar minha sobrinha.

– Onde? – Ham perguntou, pondo-se na frente da porta.

– Por todo lado! Vou procurar minha sobrinha no mundo inteiro. Vou encontrar a pobre da minha sobrinha na sua vergonha e trazer ela de volta. Ninguém vai me segurar! Estou dizendo que vou procurar minha sobrinha!

– Não, não! – gritou a sra. Gummidge, pondo-se no meio deles, aos gritos. – Não, não, Dan'l, não como você está agora. Vá procurar ela daqui um pouco, meu solitário e abandonado Dan'l, e aí vai estar certo, mas não como você está agora. Senta e me dá o seu perdão por ter sido uma preocupação para você, Dan'l, o que são as minhas contrariedades perto disto!, e vamos falar um pouco de quando ela ficou órfã, de quando Ham ficou órfão também, de quando eu era uma pobre viúva e você me recebeu. Isso vai amolecer o seu coração, Dan'l – e pousou a cabeça no ombro dele – para você aceitar melhor a sua tristeza, porque você conhece a palavra, Dan'l, "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes",{28} e ninguém não pode desrespeitar isso debaixo deste teto, que foi nosso abrigo durante tantos e tantos anos!

Ele ficou bem passivo então; e quando ouvi que ele estava chorando, o impulso que havia em mim de me pôr de joelhos, implorar perdão por seu sofrimento e amaldiçoar Steerforth cedeu a um sentimento melhor. O aperto em meu coração encontrou algum alívio e chorei também.

XXXII

O começo de uma longa jornada

O que é natural em mim, é natural em muitos outros homens, suponho, de forma que não temo escrever que nunca amei Steerforth mais do que quando os laços que me ligavam a ele se romperam. Na dura angústia da descoberta de sua indignidade, mais pensei em tudo o que havia de brilhante nele, mais abrandei meu coração por tudo o que havia de bom nele, mais fiz justiça às qualidades que podiam ter feito dele um homem de natureza nobre e um grande nome, mais do que jamais havia feito no auge de minha devoção por ele. Por mais profundamente que sentisse minha própria parte involuntária na corrupção de um lar honesto, acredito que, se tivesse me visto cara a cara com ele, não teria conseguido formular uma censura. Devia amá-lo tanto ainda, embora não me fascinasse mais, devia guardar tanta ternura pela lembrança de meu afeto por ele, que, acho, poderia ter sido fraco como uma criança com o espírito ferido em todos os sentidos, a não ser pela ideia de que um dia pudéssemos nos reencontrar. Esse pensamento eu nunca tive. Sentia, como ele havia sentido, que tudo acabara entre nós. Que lembranças ele tinha de mim eu nunca soube (eram bem leves, talvez, e facilmente descartáveis), mas as que eu tinha dele eram como as lembranças de um amigo querido que morreu.

Sim, Steerforth, há muito removido das cenas desta pobre história! Minha tristeza pode ser testemunha involuntária contra você no dia do Juízo Final; mas meus pensamentos raivosos ou minhas censuras jamais o serão, isso eu sei!

A notícia do ocorrido logo se espalhou pela cidade. Ao passar pelas ruas na manhã seguinte, ouvi as pessoas comentando a respeito nas portas das casas. Muitos eram duros com ela, poucos eram duros com ele, mas quanto a seu segundo pai e seu noivo o sentimento era um só. Entre as pessoas de todo tipo, prevalecia um respeito pela dor deles,

cheio de bondade e delicadeza. Os marinheiros mantiveram distância quando viram os dois caminhando a passos lentos pela praia de manhã cedo e se agrupavam conversando entre si, cheios de compaixão.

Foi na praia, junto à linha-d'água, que os encontrei. Era fácil perceber que não tinham dormido a noite inteira, mesmo que Peggotty não tivesse me contado que ainda estavam sentados onde os deixei quando já era pleno dia. Pareciam esgotados; e achei que a cabeça do sr. Peggotty havia se curvado mais em uma noite do que em todos os anos que o conhecia. Mas estavam ambos sérios e firmes como o próprio mar, que se estendia então debaixo de um céu escuro, sem ondas, mas com um movimento que parecia respirar em seu descanso, tocando o horizonte numa fita de luz prateada do sol invisível.

– Nós falamos muito, seu Davy – me disse o sr. Peggotty depois de caminharmos um pouco em silêncio –, do que fazer e do que não fazer. Mas a gente sabe que rumo toma agora.

Por acaso olhei para Ham, que observava a luz distante no mar, e um pensamento assustador me veio à mente: não que seu rosto estivesse enfurecido, porque não estava; não me lembro senão de uma expressão de séria determinação de que, se algum dia encontrasse Steerforth, o mataria.

– Meu dever aqui – disse o sr. Peggotty – já tá cumprido. Vou procurar minha... – Ele calou e continuou com voz mais firme: – Vou atrás dela. Esse é o meu dever pra todo sempre.

Ele sacudiu a cabeça quando indaguei onde iria procurá-la, e perguntou se eu ia para Londres no dia seguinte. Eu disse que não tinha ido naquele mesmo dia temendo perder a chance de poder servi-lo de alguma forma, mas que estava pronto para ir quando ele estivesse.

– Vou com o senhor, seu Davy – ele continuou –, se o senhor aceitar, amanhã.

Caminhamos em silêncio outra vez, por algum tempo.

– Ham – ele retomou então –, continua com o trabalho que está fazendo, e vai morar com a minha irmã. Aquele barco ali...

– Vai abandonar o velho barco, senhor Peggotty? – perguntei, com

delicadeza.

– Meu lugar, seu Davy – ele respondeu –, não é mais lá. Se algum dia existiu um barco que afundou, desde que existe escuridão sobre a face do abismo, é esse daí. Mas não, senhor, não acho que tenho que abandonar ele, não. Longe disso.

Caminhamos de novo um pouco, como antes, e ele explicou:

– O que eu quero, seu Davy, é que ele fique, dia e noite, inverno e verão, como sempre foi, desde que ela veio pra cá. Se algum dia ela voltar pra este lado, não vou deixar que pareça que o velho lugar tá expulsando ela, entende?, mas sim que atente pra ela chegar mais perto, espiar pra dentro, quem sabe, igual um fantasma, saído do vento e da chuva, querendo passar o inverno no mesmo lugarzinho do lado do fogo. Aí, quem sabe, seu Davy, vendo só a dona Gummidge lá, ela ganha coragem de entrar, tremendo, e pode até deitar na cama que era dela, descansar a cabeça cansada onde um dia foi tão alegre.

Não consegui responder nada a ele, embora tentasse.

– Toda noite – disse o sr. Peggotty –, tão certo como a noite que vem, a vela vai estar na mesma vidraça, pra se algum dia ela ver a luz, parecer que tá falando assim: “Volta, minha filha, volta!”. Se um dia alguém bater, Ham (uma batida bem delicada), depois que escureceu, na porta da sua tia, não atende, não. Deixa ela, não você, ver a minha menina decaída!

Ele caminhou à nossa frente durante alguns minutos. Nesse intervalo, olhei para Ham outra vez, e observando a mesma expressão no rosto dele, os olhos ainda voltados para a luz distante, toquei seu braço.

Duas vezes o chamei pelo nome, no tom que usaria para acordar alguém dormindo, até ele me dar atenção. Quando enfim perguntei no que estava tão concentrado, ele replicou:

– No que eu tenho pela frente, seu Davy. E mais adiante.

– Na vida que tem pela frente, você quer dizer? – Ele havia apontado confusamente o mar.

– É, seu Davy. Não sei bem como, mas parece que veio de lá... o fim, parece, assim... – E olhou para mim como se estivesse acordando, mas

com a mesma expressão determinada.

– Que fim? – perguntei, tomado pelo medo de antes.

– Não sei – ele respondeu, pensativo. – Estava tentando lembrar que o começo de tudo aconteceu bem aqui... e aí veio o fim. Mas sumiu! Seu Davy – acrescentou, respondendo, creio, ao meu olhar –, não precisa ficar com medo por mim, não, mas eu estou meio atrapalhado. Parece que não estou sentindo direito as coisa... – o que era o mesmo que dizer que ele estava fora de si, bastante confuso.

O sr. Peggotty parou para que o alcançássemos, fomos até ele e não falamos mais nada. A lembrança disso, com relação ao que eu havia pensado antes, porém, me assombrava de quando em quando, mesmo até o fim inexorável chegar em seu devido momento.

Sem perceber nos aproximamos do velho barco e entramos. A sra. Gummidge não mais imóvel em seu canto especial, mas ocupada preparando o desjejum. Ela pegou o chapéu do sr. Peggotty, colocou a cadeira para ele, e falou de um jeito consolador, com tanta delicadeza, que mal a reconheci.

– Dan'l, meu bom homem – disse ela –, tem que comer e beber, pra continuar forte porque sem isso não vai. Tente, meu caro! E se eu incomodar com a minha barulheira – ela queria dizer sua tagarelice –, é só me falar, Dan'l, que eu paro.

Depois de nos servir a todos, ela se retirou para a janela, onde se empenhou ativamente em consertar umas camisas e outras roupas pertencentes ao sr. Peggotty, depois dobrou e embalou todas numa velha bolsa de oleado, daquelas que os marujos usam. Enquanto isso, continuava falando, do mesmo jeito, baixinho:

– Com qualquer tempo e clima, sabe, Dan'l – disse a sra. Gummidge –, eu vou estar aqui e vai estar tudo do seu gosto sempre. Eu não sei muita coisa, mas vou escrever pra você, de vez em quando, quando você estiver longe, e mandar minhas carta pro seu Davy. Quem sabe você não me escreve também, Dan'l, de quando em vez, e me conta como é que tá indo nas suas viagem solitário e abandonado.

– Vai ficar muito sozinha aqui, eu acho – disse o sr. Peggotty.

– Não, não, Dan'l – ela retorquiu –, não vou, não. Você não se preocupe comigo. Vou ter muita coisa pra fazer cuidando da estadia pra você (a sra. Gummidge queria dizer a casa), pra quando você voltar; cuidando da estadia aqui pra qualquer um que voltar por acaso, Dan'l. Com tempo bom, eu sento na frente da porta, como eu fazia sempre. E se *alguém* vem pra este lado, vai ver a velha viúva bem conhecida lá de longe já.

Que mudança na sra. Gummidge em tão pouco tempo! Era outra mulher. Tão devotada, tinha tal rapidez de percepção com o que ficava bem dizer, e o que era melhor não mencionar, tão desprendida, com tanta consideração pela dor à sua volta, que senti uma espécie de veneração por ela. O trabalho que ela realizou esse dia! Havia muitas coisas a trazer da praia para guardar no barracão externo: remos, redes, velas, cordame, mastros, potes de lagostas, sacos de lastro, coisas assim, e embora houvesse uma abundância de ajuda disponível, pois nenhum par de braços trabalhadores em toda aquela costa deixaria de trabalhar duro pelo sr. Peggotty, considerando-se bem pagos com o simples pedido de ajuda, ela persistiu o dia inteiro, curvada sob pesos bem acima de suas forças, esforçando-se em todo tipo de trabalho desnecessário. Quanto a lamentar seus infortúnios, ela parecia ter perdido inteiramente qualquer lembrança deles. Ao lado da compaixão, conservava uma alegria uniforme que não era a menor mudança ocorrida nela. As lamúrias estavam fora de questão. Não vi sua voz tremer, nem uma lágrima escapar de seus olhos durante todo o dia, até o anoitecer, quando ela, eu e o sr. Peggotty nos vimos sozinhos e ele adormeceu por absoluta exaustão, ela caiu numa crise de choro e soluços semirreprimida e, me levando até a porta, disse: "Bendito seja o senhor, seu Davy, e seja amigo dele, coitadinho!". Então, saiu imediatamente correndo da casa para lavar o rosto e poder sentar bem quieta ao lado dele para que a visse trabalhando ali quando acordasse. Em resumo, quando fui embora à noite, ela era o apoio, o esteio do sr. Peggotty em sua aflição, e eu não conseguia parar de pensar sobre a lição que havia aprendido com a sra. Gummidge e a nova experiência que ela me revelara.

Entre nove e dez da noite, caminhando, melancólico, pela cidade,

parei à porta do sr. Omer. A filha me contou que ele havia ficado tão abalado com os acontecimentos que passara todo o dia abatido e tristonho, indo para a cama sem o seu cachimbo.

– Menina dissimulada, de mau coração – disse a sra. Joram. – Não guardava nada de bom dentro dela, nunca!

– Não diga isso – repliquei. – A senhora não acha isso.

– Acho, sim! – exclamou, irritada, a sra. Joram.

– Não, não – disse eu.

A sra. Joram sacudiu a cabeça, tentando ser muito séria e zangada; mas não conseguiu dominar seu coração mais brando e começou a chorar. Eu era jovem, claro, mas simpatizei muito mais com ela por essa compaixão que achei combinar muito bem mesmo com uma esposa e mãe virtuosa.

– O que ela vai fazer? – Minnie soluçou. – Vai para onde? O que vai acontecer com ela? Ah, como ela pode ser tão cruel com ela mesma e com ele?

Me lembrei do tempo em que Minnie era mocinha e bonita e fiquei contente de ela lembrar disso também com tanta emoção.

– A minha Minnie – disse a sra. Joram – acabou de ir dormir. E mesmo no sono, chorava pela Em'ly. O dia inteiro a menina chorou por ela e me perguntava, sem parar, se Em'ly era ruim. O que eu podia dizer pra ela, uma vez que a Em'ly amarrou uma fita dela mesma no pescocinho da Minnie na última noite em que esteve aqui e deitou do lado dela até ela dormir! A Minnie ainda está com a fita no pescoço. Não devia, talvez, mas o que eu posso fazer? A Em'ly foi muito ruim, mas elas se gostavam tanto. E a menina não sabe de nada!

A sra. Joram estava tão infeliz que o marido veio cuidar dela. Deixei os dois sossegados e fui para a casa de Peggotty, ainda mais melancólico que antes, se é que isso era possível.

A boa alma, falo de Peggotty, sem nenhum cansaço depois de suas últimas ansiedades e noites sem dormir, estava na casa do irmão, onde pretendia ficar até de manhã. Uma velha, que havia sido empregada para cuidar da casa nas semanas anteriores, enquanto Peggotty não tinha

condição, era a única outra habitante além de mim. Como não precisava dos seus serviços, disse que podia ir dormir, o que ela não achou nada mau, e sentei um pouquinho diante do fogão da cozinha para pensar a respeito de tudo.

Estava juntando os fatos com o leito de morte do falecido sr. Barkis e seguindo a maré até a distância que Ham olhava tão estranhamente de manhã, quando fui arrancado de minhas divagações por uma batida na porta. Havia uma aldrava na porta, mas não foi com isso que fizeram o som. Era o bater de uma mão e na parte de baixo da porta, como se feita por uma criança.

Me assustou tanto como se fosse a batida de um criado para uma pessoa importante. Abri a porta; e ao olhar para baixo vi, para minha surpresa, nada mais que um grande guarda-chuva que parecia ter chegado sozinho. E então descobri debaixo dele a srta. Mowcher.

Talvez eu não estivesse preparado para dar uma boa recepção à pequena criatura se, ao remover o guarda-chuva, que apesar do grande esforço não conseguia fechar, ela tivesse me mostrado no rosto a expressão "azougue" que tanto havia me impressionado em nosso primeiro e último encontro. Mas o rosto que voltou para mim era tão sério que, quando peguei dela o guarda-chuva (que teria sido inconveniente até para o Gigante Irlandês),{29} ela esfregou as mãozinhas tão aflita que me inclinei bastante para ela.

– Senhorita Mowcher – eu disse, olhando para um lado e outro da rua, sem saber bem o que esperava ver –, como chegou aqui? O que houve?

Ela gesticulou com o bracinho direito para que fechasse o guarda-chuva; e passando depressa por mim, entrou na cozinha. Quando fechei a porta e a acompanhei, com o guarda-chuva na mão, encontrei-a sentada num canto do guarda-fogo (que era baixo, de ferro, com duas barras chatas para se pôr os pratos), à sombra da chaleira, balançando o corpo para a frente e para trás, as mãos apertadas nos joelhos, como uma pessoa que sentisse dor.

Bastante alarmado por ser o único anfitrião dessa visita inesperada e único espectador desse comportamento estranho, exclamei de novo:

– Por favor, me diga, senhorita Mowcher, o que aconteceu? Está

doente?

– Meu querido jovem – replicou a srta. Mowcher, apertando as mãos no coração, uma sobre a outra. – Estou doente aqui, muito doente. Pensar que fosse chegar a isto, quando eu devia ter previsto e talvez impedido, se não tivesse sido uma idiota inconsequente!

Uma vez mais seu grande chapéu (muito desproporcional para a sua altura) ia para a frente e para trás quando ela oscilava o corpinho para a frente e para trás; enquanto a sombra do gigantesco chapéu balançava em uníssono com ele na parede.

– Estou surpreso – comecei a dizer – de ver a senhora tão perturbada e séria... – quando ela me interrompeu.

– É, é sempre assim! – disse ela. – Ficam todos surpresos, esses jovens desatenciosos, bonitos, de altura normal, ao ver qualquer sentimento natural numa criaturinha pequena como eu! Me fazem de brinquedo, me usam para se divertir, me jogam fora quando cansam e ficam surpresos de eu ter mais sensibilidade que um cavalo de brinquedo ou um soldadinho de madeira! É, sim, é assim. Sempre do mesmo jeito!

– Pode ser, com outros – repliquei –, mas garanto à senhora que não comigo. Talvez eu não devesse ficar nada surpreso de ver a senhora como está agora: conheço tão pouco da senhora. Não pensei no que estava dizendo.

– E o que eu posso fazer? – replicou a mulherzinha, pondo-se de pé e abrindo os braços para se mostrar. – Veja! O que eu sou, meu pai era; e minha irmã é; e meu irmão é. Trabalhei para irmã e irmão todos esses anos, trabalhei duro, senhor Copperfield, o dia inteiro. Tenho de viver. Não faço mal a ninguém. Se existe gente tão inconsequente ou cruel a ponto de fazer graça comigo, o que me resta senão fazer graça comigo mesma, com a pessoa, com todos? Se eu faço isso, é culpa de quem? Minha?

Não. Não da srta. Mowcher, eu percebia.

– Se eu tivesse me revelado uma anã sensível ao seu amigo falso – prosseguiu a mulherzinha, sacudindo a cabeça para mim, cheia de séria censura –, quanta ajuda ou boa vontade dele acha que *eu* teria recebido? Se a pequena Mowcher (que não escolheu ser assim, meu jovem

cavalheiro) recorresse a ele, ou a outros como ele, por causa de seus problemas, quando acha que dariam ouvidos à sua pequena voz? A pequena Mowcher ia ter de continuar vivendo como se fosse a mais amarga e sem graça das pigmeias, mas ela não podia fazer isso. Não. Podia chiar por um pão com manteiga até morrer de fome!

A srta. Mowcher sentou no guarda-fogo outra vez, tirou o lenço e enxugou os olhos.

– O senhor deve me agradecer, se tem bom coração, como acho que tem – disse ela –, porque mesmo sabendo bem quem eu sou, consigo ser alegre e aguentar tudo. De qualquer forma, sou grata a mim mesma por encontrar o meu caminhozinho pelo mundo, sem depender de ninguém. E posso espalhar bolhas de sabão em troca de tudo o que atiram em mim, por loucura ou vaidade, quando sigo em frente. Se não fico choramingando por tudo o que quero, melhor para mim e não é pior para ninguém. Se sirvo de brinquedo para vocês, gigantes, seja bonzinho comigo.

A srta. Mowcher guardou o lenço no bolso, olhando para mim com expressão intensa o tempo todo, e continuou:

– Acabei de ver o senhor na rua agora há pouco. Sabe que não consigo andar tão depressa quanto o senhor, com minhas pernas curtas e fôlego curto, e não consegui alcançar o senhor, mas adivinhei aonde estava indo e vim atrás. Já estive aqui antes, hoje, mas aquela boa mulher não estava em casa.

– Conhece a Peggotty? – perguntei.

– Conheço de vista – replicou –, e sei dela por intermédio do Omer e do Joram. Estive lá hoje às sete da manhã. Lembra o que o Steerforth me contou dessa menina infeliz daquela vez que encontrei com vocês dois no hotel?

O grande chapéu na cabeça da srta. Mowcher e o chapéu maior na parede começaram a oscilar para a frente e para trás quando ela fez essa pergunta.

Eu me lembrava muito bem do que ela dizia, tendo pensado muitas vezes a respeito daquele dia. E disse isso a ela.

– Que o Pai de todo Mal confunda a cabeça dele – disse a mulherzinha, espetando o dedo entre mim e seus olhos brilhantes –, e que confunda dez vezes mais aquele criado malvado, mas eu achava que *o senhor* é que tinha uma paixão de menino por ela!

– Eu? – repeti.

– Rapaz, rapaz! Em nome do quê – exclamou a srta. Mowcher, esfregando as mãos, impaciente, oscilando o corpo em cima do guarda-fogo – o senhor elogiou tanto a menina, ficou vermelho e todo atrapalhado?

Não podia esconder de mim mesmo que não havia feito isso por uma razão muito diferente da que ela supunha.

– Como eu ia saber? – disse a srta. Mowcher tirando o lenço de novo e batendo o pé no chão sempre que, a curtos intervalos, o aplicava aos olhos com ambas as mãos. – Eu via que ele estava provocando e seduzindo o senhor, e o senhor era como cera quente nas mãos dele, eu via isso. Um minuto depois que saí do quarto, aquele criado dele disse para mim que o "Moço Inocente" (era assim que ele chamava o senhor, e o senhor pode dizer que ele é o "Velho Culpado" a vida inteira) estava apaixonado por ela, e que ela estava tonta por ele, mas que seu patrão estava decidido a não deixar nada de ruim acontecer no caso, mais por sua causa que por causa dela, e que era para isso que estavam lá. Como eu podia *não* acreditar nele? Vi o Steerforth alisando e agradando o senhor com os elogios para a menina! O senhor foi o primeiro a mencionar o nome dela. Admitiu que tinha uma antiga admiração por ela. Ficou quente e frio, vermelho e branco assim que eu falei dela. O que eu podia pensar, o que *pensei* de fato, senão que o senhor era um jovem libertino em tudo, menos em experiência, e que havia caído em mãos que tinham bastante experiência e conseguiriam manejar o senhor, se quisessem, a seu bel-prazer? Oh! Oh! Oh! Eles tinham medo que eu descobrisse a verdade – exclamou a srta. Mowcher, descendo do guarda-fogo e trotando pela cozinha erguendo os bracinhos, agitada –, porque eu sou pequena, mas sou esperta, tenho de ser para me virar no mundo!, e eles me enganaram e entreguei para a infeliz da moça uma carta que acredito piamente foi o começo das conversas dela com o Littimer, que

ficou para trás de propósito!

Eu estava perplexo com a revelação de toda essa perfídia, olhando a srta. Mowcher a caminhar de um lado para outro na cozinha, até ficar sem fôlego. Ela então sentou de novo no guarda-fogo, enxugou o rosto com o lenço, sacudiu a cabeça um bom tempo, sem fazer mais nada e sem romper o silêncio.

– Meus giros pelo interior – ela acabou acrescentando – me levaram a Norwich, senhor Copperfield, anteontem à noite. O que vi lá, o jeito secreto como iam de um lado para outro sem o senhor, o que era estranho, me levou a desconfiar que havia alguma coisa errada. Noite passada, peguei a diligência de Londres quando passava por Norwich e cheguei aqui de manhã. Oh!, oh!, oh!, tarde demais!

A pobre Mowcher sentiu tanto frio depois de chorar e se agitar que virou no guarda-fogo, pondo os pobres pezinhos na cinza quente para aquecê-los, e ficou sentada olhando o fogo, como uma boneca grande. Sentei numa cadeira do outro lado do fogo, perdido em infelizes reflexões, olhando para o fogo também, e às vezes para ela.

– Tenho de ir embora – ela disse, afinal, pondo-se de pé. – É tarde. Não desconfia de mim?

Ao dar com o olhar duro dela, mais duro que nunca, bem francamente, não consegui, diante daquele breve desafio, responder que não.

– Ora – disse ela aceitando minha mão para ajudá-la a descer do guarda-fogo, olhando, tristonha, para meu rosto –, o senhor sabe que não ia desconfiar de mim se eu fosse uma mulher de tamanho normal!

Senti que havia muito de verdade naquilo; e fiquei bastante envergonhado.

– Você é um moço novo – ela disse, balançando a cabeça. – Aceite um conselho, mesmo de uma maria-ninguém de um metro e vinte. Tente não associar defeitos físicos a defeitos morais, meu bom amigo, a não ser por alguma razão muito sólida.

Ela havia descido do guarda-fogo e eu da minha desconfiança. Disse que acreditava que ela me falara francamente de si mesma e que

havíamos sido, ambos, infelizes instrumentos de manipulação. Ela me agradeceu e disse que eu era um bom sujeito.

– Agora, veja bem! – ela exclamou, virando-se a caminho da porta e olhando atentamente para mim, com o dedo em riste outra vez. – Tenho alguma razão para desconfiar, pelo que ouvi – estou sempre com os ouvidos atentos; não posso poupar as poucas forças que tenho –, que eles foram para o exterior. Mas se algum dia voltarem, se algum dia algum dos dois voltar, enquanto eu estiver viva, eu mais que qualquer outro, circulando como circulo, provavelmente vou logo descobrir. O que souber, o senhor vai saber. Se algum dia puder fazer alguma coisa pela pobre moça enganada, faço de coração, que o céu me ouça! E o Littimer, melhor seria para ele ser perseguido por um cão de caça que pela pequena Mowcher!

Eu depositava uma fé implícita nesta última afirmação, ao notar o olhar que a acompanhava.

– Confie em mim nem mais nem menos do que confiaria numa mulher de tamanho normal – disse a pequenina, tocando meu pulso solicitamente. – Se algum dia me encontrar de novo, diferente do que estou agora, e como eu estava quando me conheceu, observe em companhia de quem eu estiver. Tenha em mente que sou uma criaturinha muito desamparada e indefesa. Pense em mim em casa com meu irmão igual a mim e minha irmã igual a mim, quando termina o dia de trabalho. Então o senhor talvez não seja muito duro comigo, nem se surpreenda de eu ser capaz de ficar aflita e séria. Boa noite!

Apertei a mão da srta. Mowcher com uma opinião dela muito diferente da que tinha até então, e abri a porta para ela sair. Não era fácil abrir o grande guarda-chuva e equilibrá-lo devidamente em suas mãos; mas acabei conseguindo, e vi quando se afastou oscilante pela rua, debaixo da chuva, sem dar o menor indício de que havia alguém embaixo dele, exceto quando algum jorro mais pesado de algum escoadouro mais carregado o desequilibrava para um lado e eu enxergava a srta. Mowcher lutando violentamente para endireitá-lo. Depois de um ou dois impulsos de ir ajudá-la, que se mostraram inúteis porque o guarda-chuva voltava a saltar como um pássaro imenso antes que eu o alcançasse, entrei em

casa, fui para a cama e dormi até de manhã.

Bem cedo chegaram o sr. Peggotty e minha velha babá, e logo fomos para a parada de diligência, onde a sra. Gummidge e Ham estavam esperando para se despedir.

– Seu Davy – Ham sussurrou, me puxando de lado, enquanto o sr. Peggotty guardava sua mala entre as outras bagagens –, ele tá com a vida acabada. Nem sabe pra onde tá indo. Não sabe o que tem pela frente, tá começando uma viagem que vai durar, aqui e ali, até o fim da vida, pode crer, se não encontrar o que tá procurando. O senhor vai ser um amigo pra ele, não vai, seu Davy?

– Pode ficar sossegado que vou, sim – disse eu, apertando a mão de Ham com toda a convicção.

– Obrigado. Muito obrigado, seu Davy. Mais uma coisa. Eu estou num emprego bom e não tenho no que gastar o dinheiro que eu ganho. Não tenho mais uso pra dinheiro, a não ser pra viver. Se o senhor puder passar pra ele, vou trabalhar com mais gosto. Nisso aí, seu Davy – ele disse, firme e delicado –, não pense que eu vou parar de trabalhar o tempo inteiro, feito homem, e fazer o melhor que eu puder!

Eu disse a ele que não tinha a menor dúvida disso; e revelei que esperava que chegasse o momento em que ele deixaria de levar a vida solitária que pretendia naturalmente naquela hora.

– Não, senhor – disse ele sacudindo a cabeça –, isso tudo já ficou pra trás, seu Davy. Ninguém vai nunca ocupar o lugar que ficou vazio. Mas o senhor lembre sempre dessa parte do dinheiro, que vai ter sempre algum guardado aqui pra ele.

Garanti que faria isso, mas lembrei-o do fato de que o sr. Peggotty recebia um rendimento constante, embora muito modesto, da herança de seu cunhado. Então nos despedimos. Mesmo agora, não posso deixá-lo sem sentir uma pontada de dor ao me lembrar de sua discreta fortaleza e grande sofrimento.

Quanto à sra. Gummidge, seria tarefa de alguma dificuldade para mim tentar descrever como ela correu pela rua ao lado da diligência, sem enxergar nada além do sr. Peggotty no teto, através das lágrimas que tentava reprimir, chocando-se com as pessoas que vinham na direção

oposta. Portanto, é melhor deixá-la sentada na entrada de uma padaria, sem fôlego, com a touca toda desfeita e um dos sapatos perdido na calçada a alguma distância.

Quando chegamos ao fim da viagem, a primeira coisa que fizemos foi procurar pequenas acomodações para Peggotty, onde seu irmão tivesse uma cama para dormir. Por sorte, encontramos um local muito limpo e barato, em cima de um armazém de secos e molhados, apenas duas ruas adiante da minha. Depois de alugar esse domicílio, comprei uns frios e levei meus parceiros de viagem para tomar chá em minha casa, coisa que, lamento dizer, não foi aprovada pela sra. Crupp, muito pelo contrário. Devo observar, porém, para explicar o estado de espírito dessa senhora, que ela ficou muito ofendida pela atitude de Peggotty, que ergueu as saias de viúva menos de dez minutos depois de chegar e se pôs a limpar meu apartamento. A sra. Crupp viu isso como um excesso de liberdade, e uma tal liberdade que ela não podia admitir.

A caminho de Londres, o sr. Peggotty havia me comunicado uma coisa que eu já esperava. Era o fato de que pretendia, em primeiro lugar, visitar a sra. Steerforth. Como eu me sentia obrigado a ajudá-lo nisso e também servir de mediador entre eles, a fim de poupar o máximo possível os sentimentos maternos, escrevi a ela nessa mesma noite. Contei o mais discretamente possível qual era o problema dele, e qual a minha parte em seu sentimento ofendido. Disse que era um homem de vida muito simples, mas de extrema delicadeza e caráter reto; e que me aventurava expressar a esperança de que ela não se recusasse a encontrá-lo nessa difícil situação. Mencionei duas da tarde como a hora de nossa chegada, e mandei eu próprio a carta pelo primeiro carro postal da manhã.

Na hora marcada, estávamos na porta – a porta daquela casa onde, poucos dias antes, eu havia sido tão feliz, onde manifestara com tanta liberdade minha jovem confiança e o calor de meu coração, que de agora em diante se fechava para mim como uma ruína, uma desolação.

Não apareceu nenhum Littimer. Um rosto mais agradável havia substituído o seu, desde minha última visita, nos atendeu e levou até a saleta. A sra. Steerforth estava sentada lá. Quando entramos, Rosa

Dartle deslizou de outra parte da sala e se pôs atrás da poltrona dela.

Vi, imediatamente, no rosto da mãe, que sabia pelo próprio Steerforth o que ele havia feito. Estava muito pálida e revelava os traços de uma emoção mais profunda que a minha carta poderia ter produzido, enfraquecida pelas dúvidas que sua ternura teria gerado. Achei que ela nunca se parecera tanto com ele e senti, mais do que vi, que a semelhança não escapava a meu companheiro.

Sentada muito ereta em sua poltrona, com um ar imponente, imóvel e desapaixonado, era como se nada fosse capaz de perturbá-la. Olhou com muita firmeza para o sr. Peggotty quando ele parou diante dela, e ele olhou com muita firmeza para ela. O olhar aguçado de Rosa Dartle abrangia a todos nós. Durante alguns momentos, ninguém falou nada.

Com um gesto, ela convidou o sr. Peggotty a sentar. Ele disse com voz grave:

– Pra mim não é natural sentar nesta casa. Prefiro ficar de pé. – Depois disso, outro silêncio, que ela quebrou assim:

– Eu sei, e lamento profundamente o que trouxe o senhor aqui. O que quer de mim? O que pediria que eu fizesse?

Ele pôs o chapéu debaixo do braço, procurou no bolso do peito a carta de Emily, tirou-a, desdobrou e entregou a ela.

– Por favor, leia isto aqui, dona. Escrita pela minha sobrinha!

Ela leu, com a mesma atitude solene e impassível, imune ao seu conteúdo, pelo que eu podia dizer, e devolveu a ele a carta.

– "A menos que ele me traga de volta como uma dama" – disse o sr. Peggotty acompanhando essa frase com o dedo. – Eu vim aqui, dona, pra saber se ele vai cumprir a palavra.

– Não – ela respondeu.

– Por que não? – perguntou o sr. Peggotty.

– É impossível. Seria uma vergonha para ele. O senhor não deve ignorar que ela está muito abaixo dele socialmente.

– Erga ela então! – disse o sr. Peggotty.

– Ela não tem educação, é ignorante.

– Pode ser que sim, pode ser que não – disse o sr. Peggotty. – *Eu* acho

que não, dona, mas não posso julgar essas coisa. É só ensinar ela!

– Já que o senhor me obriga a falar com franqueza, coisa que preferia não fazer, sua família humilde não permite que isso aconteça, mesmo que não haja mais nada contra.

– Escute uma coisa, dona – ele retorquiu, devagar e calmo. – A senhora sabe o que é amar um filho. Eu também sei. Ela podia ser minha filha cem vezes que não dava pra eu amar ela mais que isso. A senhora não sabe o que é perder um filho. Eu sei. Todos tesouro do mundo inteiro não ia ser nada pra mim (se fosse meus) pra trazer ela de volta! Mas salve ela dessa desonra pra ela não ficar desonrada com a gente. Ninguém no meio de quem ela cresceu, ninguém que viveu junto com ela, e pra quem ela era tudo, esses ano todos, nunca mais vai ver a linda cara dela. A gente se contenta de deixar ela em paz; se contenta de pensar nela, lá longe, como se estivesse debaixo de outro sol, de outro céu; a gente se contenta de confiar ela pro marido, pros filhinhos, quem sabe, e esperar o dia em que todo mundo vai ser igual nos olhos de Deus!

A rústica eloquência com que ele falou não deixou de ter seu efeito. Ela ainda conservava sua maneira orgulhosa, mas havia um toque de maciez em sua voz quando respondeu:

– Eu não justifico nada. Não faço nenhuma acusação. Mas sinto repetir que é impossível. Esse casamento comprometeria irrecuperavelmente a carreira de meu filho, arruinaria o seu futuro. Não existe nada mais certo do que esse casamento não se realizar, nunca. Se houver alguma outra compensação...

– Estou olhando um rosto que parece muito – interrompeu o sr. Peggotty, com o olhar firme, mas sensível – com um rosto que olhou para mim, na minha casa, do lado da minha lareira, no meu barco, onde mais?, risonho e amigo, quando era tão traiçoeiro que fico quase louco quando penso nele. Se um rosto tão parecido com aquele não fica queimando de vergonha com a ideia de me oferecer dinheiro pela ruína e destruição da minha menina, é porque é tão ruim quanto o outro. E como é o rosto de uma dama, não sei se não é pior ainda.

Ela mudou então, em um segundo. Uma onda de raiva percorreu seus traços e ela disse, com intolerância, agarrando com força os braços da

poltrona:

– Que compensação o senhor pode oferecer a *mim* por abrir tamanho fosso entre mim e meu filho? O que significa o seu amor diante do meu? O que significa a sua separação diante da nossa?

A srta. Dartle a tocou de leve e inclinou-se para sussurrar, mas ela não queria ouvir nem uma palavra.

– Não, Rosa, nem uma palavra! Esse homem que ouça o que tenho a dizer! Meu filho, que é a única razão da minha vida, a quem dedico todos os meus pensamentos, que desde criança atendi em todos os desejos, de quem minha existência nunca se separou desde que nasceu – se interessar assim num momento por uma pobre coitada e me evitar! Pagar minha confiança com sistemáticas decepções, por causa dela, e me deixar por ela! Mergulhar nessa maldita fantasia, contra os apelos de sua mãe ao dever, ao amor, respeito, gratidão, apelos que todos os dias e horas da vida dele deviam ter fortalecido os laços que nada poderia ameaçar! Isso não é uma afronta?

Mais uma vez Rosa Dartle tentou acalmá-la, mais uma vez inutilmente.

– Já disse, Rosa, nem uma palavra! Se ele pode jogar tudo num lance de capricho, eu posso jogar tudo num propósito maior. Ele que vá aonde quiser com os recursos que meu amor proporcionou! Ele pensa que pode me dobrar com uma longa ausência? Conhece muito pouco a mãe que tem se pensa assim. Se ele deixar de lado esse capricho agora, será bem-vindo. Se não abandonar essa moça agora, nunca mais chegará perto de mim, viva ou morta, enquanto eu puder fazer um gesto de oposição, a menos que, livre dela para sempre, venha humildemente implorar o meu perdão. É o meu direito. Esse é o reconhecimento que *eu terei*. Essa a separação que existe entre nós! Não é uma afronta? – acrescentou olhando o visitante com o ar de orgulhosa intolerância com que havia começado a falar.

Enquanto via e escutava a mãe dizer essas palavras, eu parecia ver e escutar o filho a desafiá-las. Tudo o que tinha visto nele de um espírito inflexível, voluntarioso, eu via nela. Todo o entendimento que agora tinha de sua energia mal direcionada constituía um entendimento da

personalidade dela também, e uma percepção que era a mesma em suas fontes violentas.

Ela então observou para mim, em voz alta, retomando seu controle anterior, que era inútil continuar ouvindo ou falando, e que implorava que a entrevista fosse encerrada. Levantou-se com ar de dignidade para deixar a sala, quando o sr. Peggotty afirmou que era inútil.

– Não precisa ter medo que eu vá incomodar mais a senhora. Não tenho mais nada pra dizer, dona – observou ele, indo para a porta. – Vim aqui sem nenhuma esperança e não levo daqui nenhuma esperança. Fiz o que eu achei que tinha de fazer, mas nunca achei que fosse adiantar alguma coisa eu ficar parado aqui como fiquei. Esta casa foi ruim demais pra mim e os meus, pra no meu juízo perfeito esperar alguma coisa.

Com isso nos despedimos, deixando-a ao lado da poltrona, retrato de uma presença nobre e de um belo rosto.

Na saída, tínhamos de atravessar um pátio calçado com laterais e teto de vidro, sobre o qual crescia uma trepadeira. As folhas e brotos estavam verdes nessa época, e como era um dia ensolarado, duas portas de vidro que levavam ao jardim estavam abertas. Rosa Dartle entrou com passo silencioso quando estávamos chegando a essas portas e se dirigiu a mim:

– Fez mesmo muito bem – disse ela – de trazer esse sujeito aqui!

Uma concentração tão grande de raiva e desprezo escurecia seu rosto, e brilhava em seus olhos negros de azeviche, que não imaginei ser possível se concentrar naquele rosto. A cicatriz do martelo estava, como sempre nesse estado de excitação de seus traços, fortemente marcada. Quando o movimento nervoso que eu já tinha visto antes fez tremer a cicatriz diante dos meus olhos, ela ergueu a mão e a cobriu.

– Esse é o sujeito – disse ela – que o senhor escolhe proteger e trazer aqui, não é? O senhor é um homem de verdade!

– Senhorita Dartle – repliquei –, não vai cometer a injustiça de condenar a *mim*?

– Por que provocar essa divisão entre essas duas criaturas loucas? – ela retorquiu. – Não sabe que são ambos loucos de tanto orgulho e determinação?

– E é culpa minha? – perguntei.

– É culpa sua, sim! – ela respondeu. – Por que trazer esse homem aqui?

– Este homem foi profundamente ofendido, senhorita Dartle – respondi. – Talvez não saiba disso.

– O que sei é que James Steerforth – disse ela, com a mão no peito, como para impedir que a tormenta que rugia ali dentro ressoasse mais forte – tem um coração falso e corrupto, é um traidor. Mas o que tenho a ver com esse sujeito e com a vulgar sobrinha dele?

– Senhorita Dartle – repliquei –, está piorando a ofensa. Já basta. Só quero dizer, ao me despedir, que está sendo muito injusta com ele.

– Não sou nada injusta – ela retorquiu. – São um bando de depravados. Por mim, ela seria chicoteada!

O sr. Peggotty passou, sem uma palavra, e saiu pela porta.

– Ah, que vergonha, senhorita Dartle! Que vergonha! – eu disse, indignado. – Como pode pisotear o sofrimento imerecido desse homem!

– Posso pisotear eles todos – ela respondeu. – Eu mandaria demolir a casa dele. Marcava a cara dela com ferro em brasa e jogava na rua, vestida de trapos, para morrer de fome. Se tivesse o poder de julgar essa moça, mandava fazer isso. Mandava não! Eu mesma faria! Detesto essa mulher. Se algum dia puder usar a sua infame condição, vou aonde for preciso para condenar essa moça. Se puder perseguir a vida dela até o túmulo, eu persigo. Se houver uma palavra de alívio para consolar essa mulher na hora da morte, e isso depender de mim, nunca pronunciarei essa palavra, nem que tenha de morrer.

Tenho consciência de que a mera veemência dessas palavras dá apenas uma vaga impressão do arrebatamento que a possuía e que se articulava em todo o seu corpo, através da voz que, em vez de se erguer, estava mais baixa que o normal. Nenhuma descrição que eu possa dar fará justiça à minha lembrança dela, ou à dimensão de sua entrega à raiva. Já vi a paixão em muitas formas, mas nunca assim.

Quando alcancei o sr. Peggotty, ele caminhava devagar e pensativo, descendo a ladeira. Assim que cheguei a seu lado, ele me disse que, tendo

se desincumbido do que havia se proposto a fazer em Londres, pretendia "partir em sua viagem" essa noite. Perguntei aonde pensava ir. Ele respondeu apenas:

– Vou procurar minha sobrinha, seu Davy.

Voltamos para o quartinho acima da loja e lá tive a oportunidade de repetir a Peggotty o que ele havia me dito. Ela, por sua vez, me informou que ele dissera a mesma coisa para ela essa manhã. Assim como eu, ela não sabia para onde ele ia, mas achava que tinha algum projeto em mente.

Não quis sair de perto dele nessas circunstâncias, então comemos todos juntos uma torta de carne – uma das muitas coisas boas pelas quais Peggotty era famosa –, e que era curiosamente aromatizada, nessa ocasião, me lembro bem, por uma mistura de sabores de chá, café, manteiga, bacon, queijo, pão fresco, lenha, velas e ketchup de nozes, que subiam permanentemente do armazém de baixo. Depois do jantar, ficamos sentados durante uma boa hora perto da janela, sem falar muito. Então, o sr. Peggotty se levantou, pegou sua bolsa impermeável e a sólida bengala que pôs em cima da mesa.

Ele aceitou, do dinheiro vivo que sua irmã trouxera, uma pequena soma por conta da herança, mal suficiente, pensei, para mantê-lo por um mês. Prometeu comunicar-se comigo se alguma coisa lhe acontecesse, pendurou a bolsa no corpo, pegou chapéu e bengala e se despediu de nós.

– Tudo de bom para você, minha velha querida – ele disse, abraçando Peggotty –, e para o senhor também, seu Davy! – apertando minha mão. – Vou atrás dela, pelo mundo inteiro. Se ela voltar enquanto estou longe... mas ah, acho que não volta!, ou se eu trouxer ela de volta, o que eu quero é que eu e ela, nós dois, vamos viver e morrer onde ninguém possa falar mal dela. Se alguma coisa acontecer comigo, não esqueçam que minha última palavra que eu deixei pra ela foi: "Meu amor pela minha filha querida vai ser sempre igual e ela está perdoada!".

Ele disse isso solenemente, de cabeça nua, pôs o chapéu na cabeça, desceu a escada e saiu. Fomos até a porta. Era um fim de tarde quente, empoeirado, bem no momento em que, na grande rua larga para a qual virava aquele desvio, houve uma parada momentânea no eterno ruído de

pés na calçada e o sol brilhava vermelho forte. Ele dobrou, sozinho, a esquina de nossa rua sombreada, mergulhou em um fulgor e o perdemos de vista.

É raro, quando chega essa hora da tarde, é raro quando acordo à noite, raro quando olho a lua, as estrelas, observo a chuva cair ou escuto o vento, eu não pensar em sua imagem solitária seguindo, pobre peregrino, e me lembrar de suas palavras:

– Vou atrás dela, pelo mundo inteiro. Se alguma coisa acontecer comigo, não esqueçam que minha última palavra que eu deixei pra ela foi: “Meu amor pela minha filha querida vai ser sempre igual e ela está perdoada!”.

XXXIII

Feliz

Durante esse tempo todo, continuei amando Dora, mais que nunca. Pensar nela era o meu refúgio nas decepções e na tristeza, e me consolava mesmo da perda do amigo. Quanto mais pena de mim mesmo ou dos outros eu sentia, mais buscava consolo na imagem de Dora. Quanto mais se acumulavam a dissimulação e os problemas no mundo, mais pura e mais forte brilhava a estrela de Dora acima do mundo. Não creio que eu tivesse nenhuma ideia definida de onde Dora provinha, ou até que ponto ela estava relacionada a uma ordem de seres superiores, mas tenho toda certeza de que eu rejeitaria com indignação e desprezo a ideia de que ela fosse uma simples humana, como qualquer outra moça.

Se posso dizer assim, eu estava impregnado de Dora. Não só inteiramente tomado de amor por ela, mas absolutamente saturado de amor. Para usar uma metáfora, era possível extrair de mim amor suficiente para afogar alguém; e ainda restaria o suficiente dentro de mim e à minha volta toda, para permear minha existência inteira.

A primeira coisa que fiz por conta própria quando voltei foi dar uma caminhada noturna até Norwood e, igual ao personagem de um respeitável enigma de minha infância, “rodear e rodear a casa, sem jamais tocar a casa”, pensando em Dora. Acredito que o tema desse mistério incompreensível era a lua. Fosse o que fosse, eu, o lunático escravo de Dora, perambulei em torno da casa e do jardim durante duas horas, espiando pelas frestas da cerca de estacas, conseguindo, num esforço violento, erguer o queixo acima dos pregos enferrujados do alto, jogando beijos às luzes das janelas, e de quando em quando pedindo romanticamente à noite que protegesse minha Dora – não sei exatamente de quê, de um incêndio talvez. Quem sabe de camundongos, pelos quais ela sentia grande repulsa.

Meu amor ocupava a tal ponto meus pensamentos e era tão natural eu

confiar em Peggotty que, depois de muitos rodeios, revelei a ela o meu segredo quando a encontrei ao meu lado uma noite, com seu velho conjunto de instrumentos de trabalho, ocupada em revisar meu guarda-roupa. Peggotty ficou muito interessada, mas não consegui de jeito nenhum fazer com que entendesse a minha atitude no caso. Era audaciosamente tendenciosa a meu favor, e não entendia de jeito nenhum o porquê de todas as minhas dúvidas e de meu desânimo.

– Essa moça devia achar que é muita sorte – ela observou – ter um admirador que nem você. E esse pai dela – disse –, o que esse cavalheiro está pensando, afinal das contas?

Observei, porém, que a toga de procurador e a gravata rígida do sr. Spenlow impressionaram Peggotty um pouco mais e inspiraram nela mais reverência pelo homem que estava se tornando mais e mais etéreo aos meus olhos, e em torno do qual me parecia brilhar uma luz radiosa quando ele sentava, ereto, no tribunal, como um pequeno farol num mar de papelada. E por fim, me lembro, começou a me parecer muito estranho, eu sentado ali no tribunal, que todos aqueles velhos juízes e doutores severos não amassem Dora, se a tivessem conhecido; que não tivessem perdido a cabeça de êxtase se fosse proposto que se casassem com Dora; que Dora pudesse cantar e tocar aquele violão glorioso até levar a *mim* à loucura, e mesmo assim não tentar nenhum daqueles amortecidos a se desviar um centímetro de seu caminho!

Eu desprezava todos eles. Velhos jardineiros congelados nos canteiros do coração, sentia-me pessoalmente ofendido por todos. Para mim, a Corte não passava de um bando de idiotas insensíveis. A banca não tinha mais ternura ou poesia do que a bancada de um bar.

Ao assumir pessoalmente a administração dos negócios de Peggotty, não sem muito orgulho, homologuei o testamento, cheguei a um acordo com o departamento de impostos sobre legados, levei-a ao banco, e logo deixei tudo muito bem encaminhado. Para descansar da seriedade desses procedimentos legais, fomos ver as estátuas de cera em Fleet Street (derretidas, creio eu, nesses vinte anos que se passaram desde então); visitamos a Exposição da Senhorita Linwood, de que me lembro como um mausoléu de bordados, que induzia a um exame de consciência e

arrependimento; inspecionamos a torre de Londres; e subimos até o alto da catedral de Saint Paul. Todas essas maravilhas deram a Peggotty todo o prazer que era capaz de desfrutar no estado em que se encontrava, exceto, acho, a Saint Paul, que, devido a sua longa ligação com a caixa de costura, lhe pareceu rivalizar com a figura que tinha na tampa, a qual, por certos detalhes, superava, no entender dela, aquela obra de arte.

Uma vez resolvidos os negócios de Peggotty, que chamávamos no tribunal de "casos ordinários" (e muito leves e lucrativos eram os casos ordinários), eu a levei uma manhã ao escritório para pagar sua conta. O sr. Spenlow havia saído, disse o velho Tiffey, para recolher o juramento matrimonial de um cavalheiro; mas como eu sabia que ele voltaria logo, uma vez que nosso local ficava perto do escritório do juiz substituto e do vigário-geral também, disse a Peggotty para esperar.

Ali na Corte Civil éramos um pouco como agentes funerários quando se tratava de testamentos, adotando no geral uma atitude mais ou menos contida ao lidar com clientes de luto. Manifestando igual sensibilidade, éramos sempre alegres e animados com os clientes de casamentos. Portanto, indiquei a Peggotty que ia encontrar o sr. Spenlow já bem refeito do choque da morte do sr. Barkis; e de fato ele entrou igual a um noivo.

Mas nem Peggotty nem eu olhamos para ele quando vimos em sua companhia o sr. Murdstone. Ele estava muito pouco mudado. O cabelo parecia tão farto e, certamente, tão preto como sempre, e seu olhar, tão pouco digno de confiança como antes.

– Ah, Copperfield! – disse o sr. Spenlow. – Acredito que conheça este senhor.

Fiz uma reverência distante ao cavalheiro e Peggotty mal registrou sua presença. Ele ficou, de início, um tanto desconcertado por nos encontrar juntos, mas depressa resolveu o que fazer e se dirigiu a mim.

– Espero que esteja bem – disse.

– Dificilmente será do seu interesse – respondi. – Estou, sim, muito bem, se quer mesmo saber.

Trocamos um olhar e ele se dirigiu a Peggotty.

– E você? – perguntou. – Sinto saber que perdeu seu marido.

– Não é a primeira pessoa que eu perco na vida, senhor Murdstone – Peggotty replicou, tremendo da cabeça aos pés. – Fico contente com a esperança de que ninguém seja culpado por essa perda, que não tenha sido provocada por ninguém.

– Ah – disse ele –, é uma ideia consoladora! Você cumpriu seu dever.

– Não provoquei a morte de ninguém – disse Peggotty –, fico aliviada de saber! Não, senhor Murdstone, eu não preocupei nem assustei nenhuma doce criatura até morrer antes da hora!

Durante um momento, ele olhou para ela, sombrio, cheio de remorso, me pareceu, e disse, virando a cabeça para mim, mas olhando para meus pés, não para meu rosto:

– É pouco provável que nos encontremos outra vez no futuro próximo, o que é uma fonte de satisfação para nós dois, sem dúvida, porque encontros como este não podem nunca ser agradáveis. Não espero que você, que sempre se rebelou contra a minha justa autoridade, exercida para seu benefício e correção, me deva qualquer boa vontade agora. Existe entre nós uma aversão...

– Bem antiga, acredito – interrompi.

Ele sorriu, lançou-me o olhar mais maldoso que podia haver naqueles olhos escuros.

– Já envenenava o seu peito de menino – disse ele. – Amargurou a vida de sua pobre mãe. Tem razão. Ainda espero que melhore, espero que se corrija.

Assim terminou a conversa, que tinha ocorrido em voz baixa, num canto do escritório externo, e ao passar para a sala do sr. Spenlow, ele disse em voz alta, da maneira mais delicada:

– Cavalheiros que têm a profissão do senhor Spenlow estão acostumados com desentendimentos de família e sabem como são sempre complicados e difíceis! – Com isso, pagou sua licença e, ao recebê-la do sr. Spenlow cuidadosamente dobrada, junto com um aperto de mão e um educado voto de felicidades à esposa, saiu do escritório.

Teria sido muito mais difícil para mim manter silêncio diante de suas

palavras se não estivesse empenhado em fazer Peggotty (que estava furiosa por minha causa, a boa criatura!) entender que não estávamos num lugar próprio para recriminações, e que eu precisava que ela mantivesse a calma. Ela estava tão excepcionalmente nervosa que fiquei contente de receber um abraço afetuoso, motivado pela lembrança de nossos velhos sofrimentos, e reagi o melhor que pude diante do sr. Spenlow e dos escriturários.

O sr. Spenlow parecia não saber qual era a ligação entre mim e o sr. Murdstone, o que me deixou satisfeito, porque eu não suportaria identificá-lo, mesmo para mim, lembrando, como lembrava, história de minha pobre mãe. O sr. Spenlow parecia pensar, se é que achava alguma coisa do assunto, que minha tia era a líder do partido dominante de nossa família e que havia um partido rebelde comandado por alguma outra pessoa. Pelo menos foi o que entendi do que ele falou, enquanto esperávamos que o sr. Tiffey fizesse a conta das custas de Peggotty.

– A senhorita Trotwood – ele observou – é muito firme, sem dúvida, e pouco propensa a ceder a oposições. Tenho muita admiração pelo caráter dela e cumprimento você, Copperfield, por estar do lado certo. Desavenças entre parentes são sempre deploráveis, embora extremamente generalizadas, e o melhor é estar sempre do lado certo.

Querendo dizer, acredito, do lado dos donos do dinheiro.

– Será um bom casamento, talvez? – perguntou o sr. Spenlow.

Expliquei que não sabia de nada.

– É mesmo? – disse ele. – A julgar pelas poucas palavras que o senhor Murdstone falou, como é comum um homem fazer nessas ocasiões, e pelo que a senhorita Murdstone deixou escapar, eu diria que é um casamento muito bom.

– O senhor quer dizer que é por dinheiro? – perguntei.

– Isso – disse o sr. Spenlow –, acredito que seja por dinheiro. E por beleza também, pelo que dizem.

– É mesmo? A esposa é jovem?

– Acaba de completar a maioridade – disse o sr. Spenlow. – Há tão pouco tempo que acho que só estavam esperando por isso.

– Deus tenha piedade da moça! – disse Peggotty, tão enfática e inesperadamente que ficamos os três sem jeito até Tiffey entrar com a conta.

O velho Tiffey logo apareceu, porém, entregou a conta para o sr. Spenlow conferir. O sr. Spenlow acomodou o queixo na gravata, acariciando-o delicadamente, conferiu os itens com ar de reprovação, como se fosse tudo culpa de Jorkins, e devolveu para Tiffey com um vago suspiro.

– Certo – disse. – Está certo. Tudo certo. Eu ficaria muito contente, Copperfield, se pudesse limitar essas contas às nossas despesas correntes; mas uma das amolações de minha vida profissional é não ter a liberdade de seguir meus próprios desejos. Tenho um sócio, o senhor Jorkins.

Quando ele disse isso com uma delicada melancolia, que era quase a mesma coisa que ter feito o trabalho sem cobrar nada, expressei minha gratidão em nome de Peggotty e paguei a Tiffey com dinheiro vivo. Peggotty voltou então para seu apartamento, e o sr. Spenlow e eu para a Corte, onde estava entrando um caso de divórcio, regido por um pequeno estatuto engenhoso, hoje revogado, acredito, mas em virtude do qual vi vários casamentos serem anulados, cujos termos eram os seguintes. O marido, chamado Thomas Benjamin, havia requerido a licença de casamento com o nome de Thomas apenas, suprimindo o Benjamin, para o caso de não se sentir contente conforme esperava. Como *não* se sentiu satisfeito como esperava, ou um pouco cansado da mulher, coitado, ele se apresentou através de um amigo, depois de um ou dois anos casado, declarou que seu nome era Thomas Benjamin e que, portanto, não era casado. O que a Corte confirmou, para sua grande satisfação.

Devo dizer que eu tinha minhas dúvidas quanto à justiça dessa decisão, que nem mesmo o alqueire de trigo que concilia todas as anomalias podia afastar. Mas o sr. Spenlow discutiu comigo a questão. Disse:

– Olhe o mundo. Existe bem e mal; olhe a lei eclesiástica, é boa e má a *respeito disso*. Tudo faz parte de um sistema. Muito bem. É isso!

Não tive coragem de sugerir ao pai de Dora que poderíamos até

melhorar um pouco o mundo, se levantássemos cedo e arregaçássemos as mangas para trabalhar, mas confessei que achava possível melhorar a Corte. O sr. Spenlow me aconselhou particularmente a tirar tal ideia da cabeça, como algo indigno de meu caráter de cavalheiro, mas que gostaria muito de saber em que eu achava que a Corte era suscetível de melhora.

Entrando na parte da Corte que estava mais próxima de nós, uma vez que nosso homem já estava descasado e estávamos fora do prédio, passando pelo departamento de Prerrogativas, eu disse que achava aquele Departamento uma instituição bem estranha. O sr. Spenlow perguntou em que sentido. Respondi que, com todo o devido respeito à sua experiência (mas temo que com ainda maior respeito por ele ser o pai de Dora), talvez não fizesse muito sentido que os testamentos originais de todas as pessoas que deixaram posses dentro da imensa província de Canterbury, durante três séculos, se encontrassem num edifício qualquer, nunca projetado para esse fim, alugado pelos escrivães para seu proveito pessoal, sem segurança, nem mesmo à prova de fogo, e definitivamente, do teto ao porão, uma especulação mercenária dos escrivães, que cobravam altas taxas do público e amontoavam os testamentos públicos de qualquer jeito, em qualquer lugar, sem nenhum outro objetivo além de se livrar deles do jeito mais barato. Que talvez fosse um pouco absurdo que esses escrivães, cujos rendimentos somavam oito ou nove mil libras anuais (sem falar dos ganhos dos suplentes e dos escriturários), não fossem obrigados a gastar um pouco desse dinheiro na busca de um lugar razoavelmente seguro para os importantes documentos que toda classe de pessoas era obrigada a entregar a eles, quisessem ou não. Que talvez fosse um pouco injusto que todos os grandes postos desse grande departamento fossem magníficas sinecuras, enquanto os infelizes escriturários nas escuras salas do andar superior eram os homens mais mal remunerados e menos considerados, a realizar serviços importantes em Londres. Que talvez fosse um pouco indecente que o escrivão principal, cujo dever era encontrar para o público que recorria constantemente a esse local todas as acomodações necessárias, dominasse uma enorme sinecura em virtude desse posto (e,

além disso, fosse ministro da Igreja, um pluralista, ocupante de uma banca na catedral e outras coisas mais), enquanto o público era obrigado a enfrentar os inconvenientes que observávamos toda tarde, quando o departamento estava movimentado, e que sabíamos ser bem monstruosos. Que talvez, em resumo, esse Departamento de Prerrogativas da diocese de Canterbury fosse uma questão tão absolutamente nociva e um absurdo tão pernicioso que, não fosse pelo fato de estar espremido num canto do pátio da Saint Paul, que pouca gente conhecia, deveria ter sido completamente revirado de alto a baixo e de dentro para fora, há muito tempo.

O sr. Spenlow sorriu quando fiquei um tanto acalorado com o assunto e então discutiu comigo essa questão como havia discutido a outra. De que se tratava, afinal?, disse ele. Era uma questão de opinião. Se o público sentia que seus testamentos estavam guardados em segurança e confiavam, que o departamento não precisava de melhorias, quem saía perdendo com isso? Ninguém. Quem ganhava com isso? Todos os sinecuristas. Muito bem. Então o bem predominava. Podia não ser um sistema perfeito, nada era perfeito, mas o que ele censurava era que se pusesse abaixo o departamento. Com o Departamento de Prerrogativas, o país tinha sido glorioso. Ponha-se abaixo o Departamento de Prerrogativas, e o país deixa de ser glorioso. Ele considerava princípio de cavalheiro aceitar as coisas como estavam, e não tinha a menor dúvida de que o Departamento de Prerrogativas sobreviveria a todos nós. Concordei com sua opinião, embora tivesse muitas dúvidas. Concluo, porém, que ele tinha razão, porque não só o departamento dura até hoje, como resistiu ao ataque do grande relatório parlamentar feito (sem grande empenho) há dezoito anos, quando todas essas minhas objeções foram explicitadas em detalhe e declarou-se que o espaço de arquivo para testamentos comportaria apenas o montante de dois anos e meio mais. O que fizeram com os documentos desde então, se perderam muitos ou se venderam alguns, de quando em quando, para embrulhar manteiga, eu não sei. Fico contente que o meu não esteja lá, e espero que não vá para lá durante algum tempo ainda.

Registrei tudo aqui, em meu atual capítulo sobre a felicidade, porque

está em seu lugar natural. Como o sr. Spenlow e eu entramos nessa conversa, ela prolongou o nosso passeio até entrarmos em outros assuntos. E então ocorreu enfim que o sr. Spenlow me disse que o aniversário de Dora seria nessa semana, e que ele gostaria que eu fosse à sua casa e participasse de um pequeno piquenique na ocasião. Fiquei imediatamente enlouquecido, virei um bobalhão no dia seguinte, ao receber uma pequena folha de papel de bordas rendadas: “Convidado de papai. Não esquecer”, e passei os dias seguintes em um estado de alheamento.

Acho que cometi todos os absurdos possíveis em preparação para esse acontecimento abençoado. Fico vermelho ao me lembrar da gravata que comprei. Minhas botas poderiam figurar em qualquer coleção de instrumentos de tortura. Comprei e despachei pela diligência para Norwood, na noite da véspera, um delicado cestinho que, no meu entender, já era em si uma declaração. Dentro dele havia biscoitos embrulhados com as mensagens mais ternas que se podiam comprar. Às seis da manhã, eu estava no mercado de Covent Garden, comprando um buquê para Dora. Às dez, estava montado em um lindo cavalo cinzento que aluguei para a ocasião, com o buquê no chapéu para mantê-lo fresco, trotando para Norwood.

Suponho que ao ver Dora no jardim e fingir não vê-la, passando adiante da casa fingindo procurá-la com ansiedade, cometi duas pequenas tolices que outros jovens cavalheiros no meu lugar poderiam ter cometido, porque me vieram muito naturalmente. Mas oh! quando efetivamente encontrei a casa e efetivamente desmontei no portão do jardim, arrastando aquelas botas cruéis pelo gramado até o lugar onde Dora estava sentada numa cadeira de jardim, debaixo de uma árvore de lilases, que espetáculo era ela naquela linda manhã, entre as borboletas, de chapéu de palha branco e vestido azul-celeste!

Havia uma moça com ela, comparativamente mais velha, devia ter quase vinte anos, eu diria. Seu nome era srta. Mills, e Dora a chamava de Julia. Era sua amiga íntima. Sorte da srta. Mills!

Jip estava lá e Jip latiu para mim de novo. Quando entreguei o buquê, ele arreganhou os dentes de ciúme. Com toda a razão. Se fizesse a menor

ideia do quanto eu adorava sua dona, tinha toda a razão.

– Ah, obrigada, senhor Copperfield! Que lindas flores! – disse Dora.

Eu tinha a intenção de dizer, e estudara a melhor forma das palavras ao longo de cinco quilômetros, que as achara bonitas antes de vê-las tão perto *dela*. Mas não consegui. Ela era muito perturbadora. Vê-la aproximar as flores da covinha do queixo era perder toda presença de espírito e capacidade de linguagem, num tênue êxtase. Me admira não ter dito então: "Se tem coração, me mate, Miss Mills. Que eu morra aqui!".

Dora então aproximou as flores para Jip cheirar. Jip rosnou e não cheirou. Dora riu e chegou as flores mais perto de Jip, para forçá-lo. Jip então mordeu uns gerânios e viu neles gatos imaginários. Dora bateu no cachorro, ficou amuada e disse: "Coitadas das minhas lindas flores!", com tanta pena, pensei, como se Jip tivesse mordido a mim. Tomara mordesse!

– Vai gostar de saber, senhor Copperfield – disse Dora –, que aquela mal-humorada senhorita Murdstone não está aqui. Foi ao casamento do irmão e vai ficar fora pelo menos três semanas. Não é ótimo?

Respondi que sem dúvida devia ser ótimo para ela e que tudo que era ótimo para ela era ótimo para mim. A srta. Mills sorriu para nós com um ar superior de sabedoria e benevolência.

– Ela é a criatura mais desagradável que já vi – disse Dora. – Não pode imaginar o quanto ela é mal-humorada, chocante, Julia.

– Posso, sim, querida! – disse Julia.

– *Você* pode, talvez, meu bem – Dora replicou, pegando a mão de Julia. – Desculpe não ter pensado nisso.

Com isso fiquei sabendo que a srta. Mills tivera seus problemas ao longo de uma existência difícil, e talvez a esses se pudesse atribuir aquela sábia benignidade de maneiras que eu havia notado. Ao longo do dia, descobri que a história era a seguinte: a srta. Mills tinha sido infeliz num amor não correspondido e retirou-se do mundo em vista de sua terrível experiência, mas ainda mantinha um calmo interesse nas esperanças e amores da juventude.

Então, o sr. Spenlow saiu da casa e Dora foi até ele, dizendo:

– Olhe, papai, que lindas flores! – E a srta. Mills sorriu, pensativa, como quem diz: “Efemérides que voam em sua breve existência à luz brilhante da esperança!”. E fomos do gramado para a carruagem, que estavam preparando.

Nunca farei outra viagem assim. Nunca mais fiz nenhuma viagem assim. No fáeton, iam apenas os três, o cesto deles, meu cesto e a caixa do violão. E claro que o fáeton não tinha capota, então eu seguia atrás, e Dora sentada de costas para os cavalos, de frente para mim. Mantinha o buquê a seu lado na almofada e não permitiu de jeito nenhum que Jip sentasse daquele lado temendo que ele amassasse as flores. Muitas vezes o pegava e refrescava-se com o perfume. Nesses momentos, nossos olhos muitas vezes se encontravam e meu grande espanto foi não ter passado por cima da cabeça de meu galante cavalo cinzento e subido na carruagem.

Creio que havia poeira. Creio que havia muita poeira. Tenho a vaga impressão de que o sr. Spenlow insistiu comigo para não cavalgar na poeira, mas eu nem notava. Percebia apenas uma névoa de amor e beleza em torno de Dora, e nada mais. Ele se levantava, às vezes, e me perguntava o que eu achava da paisagem. Eu dizia que era deliciosa, e creio que fosse mesmo, mas Dora era tudo para mim. O sol brilhava Dora, os pássaros cantavam Dora. O vento sul soprava Dora e as flores silvestres à beira do caminho eram todas Dora, até o menor botão. Meu consolo era que a srta. Mills me entendia. Só a srta. Mills conseguia penetrar inteiramente em meus sentimentos.

Não sei quanto tempo rodamos, e até hoje não sei aonde fomos. Talvez fosse perto de Guildford. Talvez algum mago das mil e uma noites tenha aberto aquele lugar por um dia e o fechou para sempre quando fomos embora. Era um espaço verde, numa colina, atapetado de relva macia. Havia árvores frondosas, urzes e uma rica paisagem até onde os olhos podiam alcançar.

Foi penoso encontrar lá outras pessoas à nossa espera; e meu ciúme, mesmo das damas, não tinha limites. Mas todos de meu próprio sexo, principalmente um impostor, três ou quatro anos mais velho que eu, com um bigode vermelho, no qual pendurava uma boa dose de presunção

insuportável, todos eram meus inimigos mortais.

Nós todos abrimos nossos cestos e nos pusemos a preparar a refeição. Bigode Vermelho fingia saber fazer uma salada (o que não acreditei), e assim se exibiu à atenção de todos. Algumas das moças lavaram alface para ele e fatiaram sob sua direção. Dora entre elas. Senti que o destino me pusera contra esse homem e que um de nós tinha de cair.

Bigode Vermelho fez sua salada (me pergunto como puderam comê-la. Nada poderia me levar a tocar naquilo!) e se apresentou como encarregado voluntário da adega que construiu, sendo um cretino engenhoso, no tronco oco de uma árvore. Depois de algum tempo, eu o vi com uma lagosta quase inteira no prato, comendo aos pés de Dora!

Tenho apenas uma ideia indistinta do que aconteceu durante algum tempo depois que essa cena horrenda se apresentou diante de mim. Eu estava muito alegre, sei disso; mas era uma alegria vazia. Me aproximei de uma jovem criatura de olhos miúdos, vestida de rosa, e flertei com ela desesperadamente. Ela favoreceu minhas atenções, mas não sei dizer se por minha causa apenas ou porque tinha algum interesse em Bigode Vermelho. Bebemos à saúde de Dora. Fingi interromper minha conversa para o brinde, e retomei-a imediatamente depois. Percebi o olhar de Dora quando inclinei a cabeça para ela, e achei que parecia convidativo. Mas ela me olhava por cima da cabeça de Bigode Vermelho e resisti.

A moça de rosa tinha uma mãe vestida de verde e que nos separou, acredito que por conveniências políticas. Então, o grupo em geral se fragmentou, enquanto guardavam os restos da refeição, e saí sozinho entre as árvores, cheio de raiva e ressentimento. Debatia comigo mesmo se deveria fingir que não estava bem e sair voando, não sei para onde, em meu cavalo cinzento, quando Dora e a srta. Mills se encontraram comigo.

– Senhor Copperfield – disse a senhora Mills –, está aborrecido.

Me desculpei, disse que nem um pouco.

– E Dora – disse a srta. Mills –, *você* está aborrecida.

Ah, não, de jeito nenhum.

– Senhor Copperfield e Dora – disse a srta. Mills com um ar quase venerando –, basta disso. Não deixem que um desentendimento sem

importância comprometa as flores da primavera que, se deixadas de lado e murchas, nunca se renovarão – disse a srta. Mills. – Falo por experiência própria, do mais remoto e irrecuperável passado. A fonte que jorra e cintila ao sol não pode ser detida por mero capricho; o oásis no deserto do Saara não pode ser devastado sem razão.

Nem sei direito o que fiz, a tal ponto estava todo ardendo, mas peguei a mãozinha de Dora e beijei: e ela aceitou! Beijei a mão da srta. Mill e me pareceu que subíamos todos para o sétimo céu.

Não voltamos ao chão. Ficamos lá no alto toda a tarde. Primeiro, passeamos para lá e para cá entre as árvores, eu com o braço tímido de Dora no meu e Deus sabe, por loucura que fosse, que teria sido uma felicidade se nos tornássemos imortais com esses tolos sentimentos e vagássemos para sempre entre as árvores!

Mas não demorou muito e ouvimos os outros rindo e conversando, perguntando "Onde está Dora?". Então voltamos e queriam que Dora cantasse. Bigode Vermelho queria ir buscar a caixa de violão na carruagem, mas Dora disse a ele que ninguém sabia onde estava, só eu. Em um segundo, Bigode Vermelho estava vencido, *eu* fui buscar a caixa, *eu* a abri, *eu* peguei o violão, *eu* sentei ao lado dela, *eu* segurei seu lenço e suas luvas e *eu* bebi cada nota de sua voz porque ela cantou para *mim*, que a amava, e os outros podiam aplaudir quanto quisessem que não tinham nada a ver com aquilo!

Estava embriagado de alegria. Tinha medo que fosse felicidade demais para ser real e que a qualquer momento acordaria na Buckingham Street com o tilintar das xícaras da sra. Crupp preparando o desjejum. Mas Dora cantou, outros cantaram, a srta. Mills cantou (sobre os ecos adormecidos nas cavernas da memória, como se tivesse cem anos de idade) e a tarde seguiu. Tomamos chá com a chaleira no fogo ao estilo cigano, e eu ainda estava mais feliz que nunca.

Estava mais feliz que nunca quando o grupo se desfez e as outras pessoas, inclusive o Bigode Vermelho, seguiram seus vários caminhos, e nós seguimos o nosso na noite calma, a luz morrendo, doces aromas surgindo à nossa volta. Como o sr. Spenlow estava meio sonolento depois do champanhe (bendito o solo que produz a uva, a uva que produz o

vinho, o sol que amadurece a uva e o comerciante que adultera a bebida!) e dormiu profundamente num canto da carruagem, cavalguei ao lado dela e conversei com Dora. Ela admirou meu cavalo, acariciou-o, ah, como parecia pequena aquela mão sobre o animal!, seu xale não parava no lugar e de vez em quando eu o envolvia nela com meu braço. Pensei que até Jip começara a ver como eram as coisas, a entender que ia ter de resolver ficar meu amigo.

Aquela sagaz srta. Mills também, aquela amável reclusa, um tanto esgotada, aquela pequena matriarca com pouco menos de vinte anos, que havia renunciado ao mundo e não queria de maneira nenhuma despertar os ecos adormecidos das cavernas da memória, que coisa boa ela fez!

– Senhor Copperfield – disse a srta. Mills –, venha para este lado da carruagem um momento... se tiver um momento. Quero conversar com o senhor.

Veja-me montado em meu galante cinzento, curvado do lado da srta. Mills, com a mão apoiada na porta da carruagem!

– Dora vem ficar comigo. Vai para a minha casa depois de amanhã. Se quiser nos visitar, tenho certeza de que meu pai vai gostar de ver o senhor.

O que mais eu podia fazer além de invocar uma bênção silenciosa à srta. Mills e guardar o endereço da srta. Mills no canto mais seguro de minha memória! O que mais eu podia fazer além de expressar à srta. Mills, com olhar agradecido e palavras ardentes, o quanto eu agradecia seus bons serviços e como valorizava como inestimável sua amizade!

Então a srta. Mills muito benignamente me dispensou, dizendo: “Volte para Dora!” E eu voltei. Dora se debruçou na carruagem para conversar comigo e falamos o resto do trajeto. Eu conduzia o cavalo cinzento tão perto da roda que ele esfolou nela a pata dianteira e “arrancou a pele”, como me disse o proprietário, “e isso custa três libras e sete xelins”, que paguei, achando extremamente barato para tanta alegria. E o tempo todo a srta. Mills olhava a lua, recitava versos e relembrava, suponho, os dias em que ela e a terra tinham alguma coisa em comum.

Norwood ficava perto demais e chegamos depressa demais; mas o sr. Spenlow despertou um pouco antes da chegada e disse: “Você tem de

entrar, Copperfield, e descansar!". Aceitei, comemos sanduíches e vinho diluído em água. Na sala iluminada, Dora enrubescendo parecia tão adorável que eu não conseguia me afastar, sentado, olhando para ela, como num sonho, até os roncos do sr. Spenlow me inspirarem consciência suficiente para ir embora. Nos despedimos. Cavalguei até Londres com o toque de despedida da mão de Dora ainda leve na minha, lembrando cada incidente e palavras dez mil vezes, finalmente deitado em minha cama, um jovem pateta arrebatado perdendo os cinco sentidos por amor.

Quando acordei na manhã seguinte, estava decidido a declarar minha paixão a Dora e saber qual era o meu destino. A questão agora era felicidade ou sofrimento. Não havia para mim nenhuma outra questão no mundo, e só Dora podia me dar a resposta. Passei três dias de magnífico desespero, me torturando ao construir toda variedade possível de desanimadoras invenções sobre tudo o que havia ocorrido entre Dora e mim. Por fim, vestido para a ocasião às custas de alta despesa, fui à casa da srta. Mills com uma declaração pronta.

Não importa agora quantas vezes fui para um lado e outro da rua e circundei a praça – dolorosamente consciente de haver uma resposta muito melhor ao velho enigma do que a resposta original –, até conseguir me convencer a subir os degraus e bater na porta. Quando afinal havia batido e estava esperando na porta, ainda me agitou a ideia de perguntar se ali era a casa do sr. Blackboy (imitando o pobre Barkis), depois me desculpando e indo embora. Mas resisti.

O sr. Mills não estava em casa. Eu não esperava que estivesse. Ninguém queria falar com *ele*. A srta. Mills estava. A srta. Mills servia.

Fui levado a uma sala do andar de cima, onde estavam a srta. Mills e Dora. Jip também estava. A srta. Mills copiava uma partitura (me lembro de que era uma canção nova chamada "Lamento do amor") e Dora estava pintando flores. O que senti quando reconheci as minhas flores, idênticas às que comprei no mercado de Covent Garden! Não posso dizer que fossem muito fiéis, ou que parecessem particularmente com qualquer outra flor que eu tivesse visto, mas sabia, pelo papel que as embrulhava, muito bem copiado, qual era a composição.

A srta. Mills ficou muito contente de me ver e sentiu que seu pai não estivesse em casa, embora eu ache que nós todos suportamos isso com valentia. A srta. Mills conversou durante alguns minutos, depois, deixando a pena sobre o “Lamento do amor”, levantou-se e saiu da sala.

Comecei a pensar que deixaria para amanhã.

– Espero que seu pobre cavalo não tenha ficado cansado quando chegou em casa à noite – disse Dora, erguendo os lindos olhos. – Foi um longo trajeto para ele.

Comecei a achar que ia me declarar hoje.

– Para *ele* foi um trajeto longo – disse eu –, porque não tinha nenhum alento na viagem.

– Não foi alimentado, coitadinho? – perguntou Dora.

Comecei a pensar que deixaria para o dia seguinte.

– Fo... foi – respondi –, foi muito bem cuidado. O que quis dizer é que ele não teve a indizível felicidade que tive por estar ao seu lado.

Dora baixou a cabeça para o desenho e disse, depois de um momento (eu havia me sentado nesse meio-tempo, queimando de febre e com as pernas rígidas).

– Não parecia tão feliz com isso em certo momento do dia.

Percebi então que estava na hora e que tinha de falar imediatamente.

– Não ligou nem um pouco para essa felicidade – disse Dora, erguendo as sobrancelhas e sacudindo a cabeça – quando estava sentado com a senhorita Kitt.

Kitt, devo observar, era o nome da criatura de rosa com os olhos miúdos.

– Se bem que não sei por que deveria ligar – disse Dora –, ou mesmo falar de felicidade. Porque é claro que não sabe o que está dizendo. E tenho certeza de que ninguém duvida que tem toda a liberdade para fazer o que bem entender. Jip, menino ruim, venha cá!

Não sei como fiz. Fiz num momento. Interceptei Jip. Estava com Dora em meus braços. Cheio de eloquência. Não hesitei em nenhuma palavra. Disse que a amava. Disse que morreria por ela. Disse que a idolatrava, adorava. Jip latia loucamente o tempo todo.

Quando Dora baixou a cabeça, chorou e estremeceu, minha eloquência aumentou ainda mais. Se quisesse que eu morresse por ela, bastava dizer uma palavra que eu estava pronto. A vida sem o amor de Dora não era aceitável de maneira nenhuma. Eu não podia e não aceitaria suportar isso. Eu a amara a cada minuto, dia e noite, desde que a vira pela primeira vez. Amava-a até a loucura naquele mesmo instante. Ia amá-la loucamente a cada minuto, para sempre. Outros tinham amado antes, outros amariam depois, mas ninguém jamais pôde, poderia, ousaria, seria capaz de amar como eu amava Dora. Quanto mais eu me exaltava, mais Jip latia. Nós dois, cada um à sua maneira, ficávamos mais loucos a cada momento.

Bem, bem! Pouco depois, Dora e eu estávamos sentados no sofá, quietos, Jip no colo dela, piscando pacificamente para mim. Eu tinha tirado aquilo da cabeça. Estava num estado de puro êxtase. Dora e eu estávamos comprometidos.

Creio que nós dois fazíamos alguma ideia de que aquilo iria terminar em casamento. Devíamos fazer, porque Dora estipulou que nunca nos casaríamos sem o consentimento de seu pai. Mas em nosso êxtase juvenil, não creio que pensássemos no passado ou no futuro, ou que aspirássemos a qualquer coisa além da ignorância presente. Íamos guardar nosso segredo do sr. Spenlow, mas tenho certeza de que nunca me passou pela cabeça que houvesse qualquer coisa desonrosa naquilo.

A srta. Mills estava mais pensativa que de costume quando Dora, indo buscá-la, a trouxe de volta. Fiquei apreensivo porque havia, no que se passara, uma tendência a despertar os ecos adormecidos das cavernas da memória. Mas ela nos deu sua bênção, garantiu eterna amizade, e nos falou, no geral, como convinha a uma voz do claustro.

Que tempo inconsequente foi! Que tempo suspenso, feliz, bobo!

Em que tirei a medida do dedo de Dora para um anel que seria feito de miosótis, e o joalheiro a quem levei a medida, ao saber, riu sobre o talão de pedidos, me cobrou o quanto quis pelo lindo brinquedinho, com suas pedras azuis – tão associadas à lembrança da mão de Dora que ontem, quando vi por acaso outro anel parecido no dedo de minha filha, senti um aperto no coração, como uma dor!

Em que eu andava na rua, exaltado pelo meu segredo e tomado por meu próprio interesse, sentindo tamanha dignidade de amar Dora e ser amado que se andasse no ar não me sentiria tão mais acima das pessoas que rastejavam na terra!

Em que nos encontrávamos no jardim da praça, sentávamos dentro da velha estufa e éramos tão felizes que só por isso amo até hoje os pardais de Londres e enxergo plumagem dos trópicos em suas penas cinzentas!

Em que tivemos nossa primeira grande briga (uma semana depois do noivado) e Dora me devolveu o anel, dentro de um bilhete desesperante, dobrado em triângulo, no qual usou a terrível expressão “Nosso amor que começou insensato termina em loucura!”, palavras que me fizeram arrancar os cabelos e chorar porque estava tudo acabado!

Em que, acobertado pela noite, corri até a srta. Mills, que encontrei nos fundos de uma cozinha, onde havia uma prensa para secar roupas, e implorei à srta. Mills que dissesse uma palavra a favor de nós dois para evitar nossa loucura. Em que a srta. Mills assumiu o encargo e voltou com Dora, nos exortando, do alto do púlpito de sua amarga juventude, a fazer mútuas concessões para evitar o deserto do Saara!

Em que choramos e fizemos as pazes e fomos tão abençoados outra vez que os fundos da cozinha, com prensa e tudo, se transformaram no próprio templo do Amor, onde combinamos um plano de correspondência por intermédio da srta. Mills, que garantia ao menos uma carta por dia de cada um de nós!

Que tempo inconsequente! Que tempo suspenso, feliz, bobo! De todos os tempos que o Tempo tem em suas garras, não há nenhum, ao relembrar, do qual possa sorrir e pelo qual possa sentir tanta ternura.

XXXIV

Minha tia me assombra

Escrevi para Agnes assim que Dora e eu nos comprometemos. Escrevi uma longa carta, na qual tentei fazê-la compreender como eu era abençoado e como Dora era adorável. Pedi a Agnes que não visse o caso como uma paixão impensada que poderia ser substituída por qualquer outra, ou que tivesse a menor semelhança com os caprichos infantis sobre os quais brincávamos. Garanti a ela que a profundidade dessa relação era insondável, e expressei minha convicção de que nunca se vira nada semelhante.

De alguma forma, ao escrever para Agnes numa linda noite junto a minha janela aberta, a lembrança de seus olhos calmos, límpidos, e de seu rosto delicado exerceu uma influência tão pacífica na pressa e agitação em que eu vivia ultimamente e da qual minha própria felicidade participava até certo ponto, que me acalmou e levou às lágrimas. Me lembro que fiquei sentado com a cabeça entre as mãos, quando a carta estava pela metade, aninhando um capricho vago de que Agnes era um dos elementos de minha existência natural. Como se, no retiro da casa tornada quase sagrada para mim pela sua presença, Dora e eu devêssemos ser mais felizes que em qualquer outro lugar. Como se, no amor, na alegria, na tristeza ou na decepção, em todas as emoções, meu coração se voltasse naturalmente para lá e encontrasse seu refúgio e sua melhor amiga.

De Steerforth, não disse nada. Só contei que tinha havido uma grande tristeza em Yarmouth por conta da fuga de Emily; e que isso em mim causara uma dupla ferida devido às circunstâncias do caso. Sabia o quanto ela era rápida em adivinhar a verdade, e que ela nunca seria a primeira a ventilar o nome dele.

Já na volta do correio recebi uma resposta a essa carta. Enquanto lia, parecia-me ouvir Agnes falando comigo. Era como a sua voz cordial em

meu ouvido. Que mais posso dizer!

Nas minhas ausências de casa, ultimamente, Traddles havia aparecido duas ou três vezes. Ao encontrar Peggotty em minha casa e ser informado por Peggotty (que sempre fornecia essa informação para qualquer pessoa) que era minha antiga babá, ele estabeleceu com ela um bem-humorado relacionamento, e ficara para conversar um pouco a meu respeito. Assim Peggotty contou; mas temo que a conversa tenha partido toda dela e tido dimensões imoderadas, uma vez que, quando o tema era eu, ficava de fato difícil interrompê-la, Deus a guarde!

Isso me faz lembrar não só que eu esperava por Traddles certa tarde indicada por ele, que havia chegado, mas que a sra. Crupp renunciara a tudo que dizia respeito a sua posição (exceto ao salário) até Peggotty deixar de comparecer. A sra. Crupp, depois de diversas conversas a respeito de Peggotty, em voz muito alta, na escada – com algum parente ao que tudo indica invisível, pois corporalmente ela estava sempre sozinha nessas ocasiões –, dirigira uma carta a mim, expondo suas posições. Começando com aquela declaração de utilidade universal, que servia a todas as ocorrências de sua vida, de que ela própria era mãe, me informou que já conhecera tempos muito diferentes, mas que em todos os períodos de sua existência tivera sempre uma objeção constitucional a espiões, intrusos e informantes. Não citava nomes, disse, quem quisesse que vestisse a carapuça, mas espiões, intrusos e informantes, sobretudo viúvas de luto (essa cláusula estava sublinhada), ela costumava desprezar. Um cavalheiro podia ser vítima de espiões, intrusos e informantes (mas ainda sem citar nomes) a seu bel-prazer. Tinha o direito de fazer o que quisesse, ninguém podia impedir. Tudo o que ela, sra. Crupp, solicitava era que não tivesse de “entrar em contato” com essas pessoas. Portanto pedia para ser dispensada de servir ao meu apartamento, até as coisas voltarem ao que eram antes e como deveriam ser. Mencionava também que sua caderneta seria encontrada à mesa do desjejum todo sábado de manhã, quando pedia que as contas fossem acertadas imediatamente, com a benevolente observação de poupar problemas “e inconvenientes” a todos os envolvidos.

Depois disso, a sra. Crupp limitou-se a pôr armadilhas na escada,

quase sempre com jarros, tentando levar Peggotty a quebrar as pernas. Eu achava um tormento viver nesse estado de sítio, mas tinha muito medo da sra. Crupp para ver qualquer meio de escapar.

– Meu caro Copperfield – Traddles exclamou, aparecendo pontualmente à minha porta, apesar de todos esses obstáculos –, como vai você?

– Meu caro Traddles – respondi –, que prazer afinal encontrar com você, sinto muito não ter estado em casa antes. Mas ando tão ocupado...

– É, é, eu sei – disse Traddles –, claro. A sua... mora em Londres, não é?

– Como disse?

– Ela... desculpe... a senhorita D., sabe – disse Traddles, corando com sua grande delicadeza –, mora em Londres eu acho, não?

– Ah, sim. Perto de Londres.

– A minha, talvez você se lembre – disse Traddles com ar sério –, mora em Devonshire, uma de dez irmãs. Por essa razão, não fico tão ocupado como você, nesse sentido.

– Não sei como aguenta ver tão pouco sua noiva – repliquei.

– Ah! – disse Traddles, pensativo. – É difícil mesmo. Mas acho, Copperfield, que não tem outro jeito.

– Pode ser – repliquei com um sorriso e sem deixar de corar. – É porque você tem muita constância e paciência, Traddles.

– Minha nossa – Traddles exclamou, pensando a respeito –, é assim que me vê, Copperfield? Realmente, não sabia disso. Mas ela é uma pessoa tão extraordinária e querida que pode ser que tenha passado para mim alguma dessas virtudes. Agora que falou nisso, Copperfield, não me admira nada: ela está sempre renunciando a si mesma para cuidar das outras nove.

– É a mais velha? – perguntei.

– Ah, não, não – disse Traddles. – A mais velha é uma beldade.

Creio que ele percebeu que não pude deixar de sorrir diante da simplicidade da resposta, e acrescentou, também com um sorriso em seu rosto ingênuo:

– Não, claro que a minha Sophy... lindo nome, Copperfield, eu sempre acho.

– Muito bonito! – repliquei.

– Não que a minha Sophy não seja bonita também, aos meus olhos, claro, e uma das melhores moças do mundo aos olhos de todo mundo (eu acho). Mas quando digo que a mais velha é uma beldade, quero dizer que ela realmente é uma... – Ele parecia estar traçando nuvens à sua volta com ambas as mãos. – É esplêndida, sabe? – disse Traddles, cheio de energia.

– É mesmo? – disse eu.

– Ah, sem dúvida – Traddles respondeu. – Uma coisa realmente fora do comum! Mas, sabe, tendo sido formada para a sociedade e para ser admirada, mas sem muita oportunidade de gozar nada disso, devido aos meios limitados de que dispõem, ela naturalmente fica um pouco irritada e exigente às vezes. Sophy consegue fazer com que recupere o bom humor!

– Sophy é a mais nova? – arrisquei.

– Ah, nossa, não! – disse Traddles, esfregando o queixo. – As duas mais novas têm apenas nove e dez anos. Sophy educa as duas.

– É a segunda filha, talvez? – arrisquei.

– Não – disse Traddles –, Sarah é a segunda. Sarah tem algum problema na coluna, coitada. A doença vai sarar um dia, diz o médico, mas nesse meio-tempo, tem de ficar de cama doze meses por ano. Sophy cuida dela. Sophy é a quarta filha.

– A mãe está viva? – perguntei.

– Ah, está – disse Traddles –, está viva. É uma mulher superior mesmo, mas a umidade do campo não é boa para sua saúde e, na verdade, ela perdeu o uso das pernas.

– Nossa! – exclamei.

– Triste, não é? – Traddles retomou. – Mas em termos estritamente domésticos não é tão ruim como poderia ser porque Sophy assumiu o lugar dela. É quase uma mãe para a própria mãe, como é para as outras nove.

Senti grande admiração pelas virtudes dessa moça e, sinceramente, com o objetivo de impedir que se abusasse da boa natureza de Traddles, em detrimento do projeto de vida conjunta dele, perguntei como estava o sr. Micawber.

– Está muito bem, Copperfield, obrigado – disse Traddles. – Não estou morando com ele no momento.

– Não?

– Não. A verdade é que – disse Traddles, num sussurro –ele mudou o nome para Mortimer, devido aos problemas que está enfrentando, e não sai de casa antes do anoitecer, e de óculos. Houve um confisco na casa, por causa do aluguel. A senhora Micawber ficou num tal estado que não fui capaz de negar o meu nome para aquela segunda duplicata de que falamos aqui. Pode imaginar como me fez bem, Copperfield, ver as coisas arranjadas e a senhora Micawber recuperar o ânimo.

– Hum! – disse eu.

– Não que a felicidade dela tenha durado muito – Traddles prosseguiu –, porque, infelizmente, uma semana depois houve outro confisco. Então nos separamos. Estou morando num apartamento mobiliado desde então, e os Mortimer vivendo muito discretamente mesmo. Espero que não ache egoísmo meu, Copperfield, contar que o dono da casa levou minha mesinha com tampo de mármore e o vaso e suporte de Sophy.

– Que coisa horrível! – exclamei indignado.

– Foi... duro – disse Traddles, com seu tremor usual diante dessa expressão. – Não estou reclamando, porém teria razão para isso. O fato é, Copperfield, que não consegui comprar de volta os móveis depois do confisco. Primeiro porque o proprietário, vendo que eram importantes para mim, subiu o preço a um valor extravagante e, em segundo lugar, porque eu... não tinha dinheiro. Então fiquei de olho na loja de penhores desde então – disse Traddles, com grande prazer em seu mistério –, uma que fica na Tottenham Court Road e hoje, finalmente, vi que foram postos à venda. Só vi do outro lado da rua, porque se o dono da loja me visse, imagine, ia pedir o preço que quisesse! O que me ocorreu foi que, agora que tenho o dinheiro, talvez você não se opusesse que aquela sua boa babá fosse comigo até a loja. Da esquina posso mostrar onde é, para

ela pechinchar o melhor preço pelos móveis como se fosse para ela, se for possível!

O prazer com que Traddles me propôs esse plano e a sensação de que era excepcionalmente habilidoso estão entre as coisas mais cheias de frescor de minhas lembranças.

Disse a ele que minha velha babá o ajudaria com todo o prazer, e que nós três nos poríamos em campo juntos, mas com uma condição. Essa condição era que ele tomasse a solene resolução de não endossar mais nenhum empréstimo nem nenhuma outra coisa para o sr. Micawber.

– Meu caro Copperfield – disse Traddles –, já fiz isso, porque comecei a sentir que fui não apenas desatencioso, mas definitivamente injusto com Sophy. Dei minha palavra a mim mesmo, portanto não tenho nenhuma apreensão, mas me comprometo com você também, com toda a firmeza. Aquele primeiro infeliz compromisso eu já paguei. Não tenho a menor dúvida de que o senhor Micawber teria pagado se pudesse, mas não pôde. Devo mencionar uma coisa do senhor Micawber que me deu muito gosto, Copperfield. É a respeito do segundo empréstimo que ainda não venceu. Ele não me diz que *já* está garantido, mas que *será* pago. Ora, acho que isso é uma coisa muito justa e honesta!

Como não queria abalar a confiança de meu bom amigo, concordei. Conversamos mais um pouco e fomos até o apartamento de Peggotty para convocá-la. Traddles não aceitou passar a tarde comigo porque, por um lado, tinha grandes apreensões de que sua mobília pudesse ser comprada por terceiros antes que pudesse recuperá-la, e por outro porque era a tarde que ele sempre dedicava a escrever para a moça mais querida do mundo.

Nunca me esquecerei dele espiando da esquina enquanto Peggotty barganhava seus preciosos objetos. Ou de sua agitação quando ela veio lentamente em nossa direção depois de oferecer em vão um determinado preço e ser chamada de volta pelo comerciante arrependido e lá voltando. A negociação terminou com ela comprando os objetos por preços bastante toleráveis, e Traddles exultante de prazer.

– Fico muito agradecido a você, de verdade – disse Traddles ao saber que a mobília seria enviada essa noite para onde ele morava. – Se posso

pedir mais um favor, espero que não ache absurdo, Copperfield.

Respondi previamente que podia, sem problema.

– Então, se você pudesse ter a bondade – disse Traddles a Peggotty – de pegar o vaso agora, acho que, como é de Sophy, Copperfield, eu gostaria de levar para casa eu mesmo!

Peggotty ficou contente de pegar o vaso para ele, e Traddles a cumulou de agradecimentos, seguindo por toda a Tottenham Court Road com o vaso de flores afetuosamente nos braços, e uma das expressões mais deliciadas que já vi.

Voltamos então para meu apartamento. Como as lojas tinham para Peggotty encantos a tal ponto que nunca vi terem para ninguém, seguimos devagar, eu divertido por sua admiração das vitrines e esperando por ela sempre que queria. Levamos assim um bom tempo para voltar ao Adelphi.

Enquanto subíamos, chamei a atenção dela para o súbito desaparecimento das armadilhas da sra. Crupp, e também para as pegadas recentes. Ficamos os dois muito surpresos ao chegar ao alto e encontrar minha porta aberta (que eu havia fechado) e ouvir vozes do lado de dentro.

Olhamos um para o outro, sem saber do que se tratava, e entramos na sala. Qual não foi a minha surpresa ao encontrar ali, de todas as pessoas da terra, minha tia e o sr. Dick! Ela estava sentada no meio de uma porção da bagagem com os dois passarinhos e o gato sobre os joelhos, como uma versão feminina de Robinson Crusoé, tomando chá. O sr. Dick, pensativo, encostado em uma grande pipa, daquelas que empinamos juntos muitas vezes, com mais bagagem empilhada à sua volta!

– Tia querida! – exclamei. – Nossa, que prazer!

Nos abraçamos cordialmente; e apertei cordialmente a mão do sr. Dick. A sra. Crupp, ocupada em preparar o chá, não podia ser mais atenciosa, e disse cordialmente que sabia muito bem que o sr. Copperfull ficaria com o coração na boca quando visse seus parentes queridos.

– Olá! – minha tia disse a Peggotty, que se encolhia diante de sua forte

presença. – Você como vai?

– Lembra de minha tia, Peggotty? – perguntei.

– Pelo amor de Deus, filho – minha tia exclamou –, não chame a mulher por esse nome das ilhas dos mares do Sul! Se ela se casou e se livrou desse nome, que foi a melhor coisa que podia fazer, por que não respeita a mudança? Como é seu nome agora... P...? – perguntou minha tia, numa concessão ao sobrenome abominável.

– Barkis, sim, senhora – disse Peggotty, fazendo uma reverência.

– Bom! Esse é um nome humano – disse minha tia. – Não parece tanto que precise de um missionário. Como vai, Barkis? Espero que esteja bem.

Encorajada por essas palavras simpáticas e pela mão estendida de minha tia, Barkis deu um passo à frente, apertou a mão dela e fez outra reverência em agradecimento.

– Estamos mais velhas do que naquela época, pelo que vejo – disse minha tia. – Só nos encontramos uma vez antes, como sabe. Que belo encontro foi aquele! Trot, meu querido, mais uma xícara.

Entreguei prontamente a xícara a minha tia, que estava com sua aparência inflexível de sempre, e arrisquei censurá-la por estar sentada num baú.

– Deixe eu puxar o sofá para cá, ou uma poltrona, tia – eu disse. – Por que ficar tão pouco confortável?

– Obrigada, Trot – replicou ela –, prefiro sentar no que é meu. – Olhou duro para a sra. Crupp e observou: – Não precisamos mais dos seus serviços.

– A senhora quer que ponha mais um pouco de chá no bule antes de sair? – perguntou a sra. Crupp.

– Não, muito obrigada – replicou minha tia.

– Quer que traga mais um pedaço de manteiga? – perguntou a sra. Crupp. – Ou aceitaria um ovo fresco? Posso tostar um bacon. Não tem nada que eu possa fazer para sua querida tia, senhor Copperfull?

– Nada, não, senhora – minha tia respondeu. – Estou muito bem, obrigada.

A sra. Crupp, que vinha sorrindo incessantemente para expressar

bom temperamento, a cabeça mantida incessantemente de lado para expressar uma delicadeza geral de constituição, esfregando incessantemente as mãos para expressar um desejo de servir em tudo que fosse desejado, foi aos poucos sorrindo, inclinando e se esfregando para fora da sala.

– Dick! – disse minha tia. – Sabe o que eu disse a você sobre preguiçosos e interesseiros?

O sr. Dick, com um ar apavorado de quem havia esquecido, respondeu depressa na afirmativa.

– A senhora Crupp é uma delas – disse minha tia. – Barkis, vou incomodar você para que cuide do chá e me sirva outra xícara porque não gosto daquela mulher servindo!

Eu conhecia minha tia o suficiente para saber que tinha alguma coisa importante em mente, e que havia muito mais naquela chegada do que um estranho poderia supor. Notei que seu olhar pousava em mim quando achava que eu desviava a atenção, e que um curioso processo de hesitação parecia estar ocorrendo dentro dela, mesmo preservando sua rigidez e compostura externas. Comecei a me perguntar se eu fizera alguma coisa que a ofendesse e minha consciência me sussurrou que ainda não havia lhe contado a respeito de Dora. Seria isso?, me perguntei.

Como sabia que ela só ia falar quando quisesse, sentei a seu lado, falei com os pássaros, brinquei com o gato, e fui o mais natural possível. Mas estava longe de ser realmente natural, e mais ainda quando o sr. Dick, encostado na grande pipa atrás de minha tia, aproveitava toda oportunidade furtiva para sacudir a cabeça sombriamente para mim, e apontar para ela.

– Trot – minha tia disse, por fim, ao terminar o chá, alisar cuidadosamente o vestido e enxugar os lábios. – Não precisa sair, Barkis! Trot, você já conquistou segurança e autoconfiança?

– Acredito que sim, tia.

– Tem certeza? – perguntou a senhorita Betsey.

– Acredito que sim, tia.

– Então, meu bem – disse minha tia, olhando sério para mim –, por que acha que prefiro hoje sentar no que é meu?

Sacudi a cabeça, não conseguia imaginar.

– Porque – disse minha tia – isto é tudo o que eu tenho. Porque estou arruinada, meu querido!

Se a casa, com todos nós dentro, despencasse para o fundo do rio, não teria sido um choque tão grande para mim.

– Dick sabe de tudo – disse minha tia, pousando a mão com calma em meu ombro. – Estou arruinada, meu querido Trot! Tudo o que tenho no mundo está nesta sala, menos o chalé, que deixei para Janet alugar. Barkis, quero arranjar uma cama para este cavalheiro passar a noite. Para evitar despesa, talvez possa arrumar alguma coisa aqui para mim. Qualquer coisa serve. É só por hoje. Falaremos mais disso amanhã.

Despertei de meu susto e preocupação por ela, sem dúvida, por ela, quando ela despencou sobre meu pescoço por um momento, e chorou que só lamentava por minha causa. Em um momento, porém, suprimiu essa emoção e disse, com um aspecto mais triunfante que desanimado:

– Temos de enfrentar os reveses com ousadia e não permitir que nos assustem, meu querido. Temos de aprender a desempenhar nossos papéis até o fim. Temos de sobreviver ao infortúnio, Trot!

XXXV

Depressão

Assim que consegui recuperar minha presença de espírito, que havia me abandonado inteiramente ao choque inicial da informação de minha tia, propus ao sr. Dick irmos até o armazém e ocupar a cama que o sr. Peggotty acabara de deixar vaga. O armazém ficava no mercado Hungerford, e o mercado Hungerford era um lugar muito diferente na época, havia uma colunata baixa de madeira na frente da porta (não muito diferente da que havia na frente da casa onde moravam o homenzinho e a mulherzinha nos barômetros antigos), o que agradou imensamente o sr. Dick. Acredito que a glória de se alojar sobre essa construção compensaria para ele muitos inconvenientes. Mas como eram poucos a suportar, além da mistura de aromas que já mencionei e talvez a falta de um pouco mais de espaço, ele ficou absolutamente encantado com as acomodações. A sra. Crupp havia garantido, indignada, que mal dava para se mexer naquele quarto. Mas como o sr. Dick observou para mim, sentando aos pés da cama, alisando a perna:

– Sabe, Trotwood, eu não quero me mexer. Nunca me mexo muito. Portanto, isso não quer dizer nada para mim.

Tentei verificar se o sr. Dick tinha alguma noção da causa da súbita e imensa mudança nos negócios de minha tia. Como era de se esperar, ele não sabia de nada. A única coisa que pôde me fornecer era o que minha tia lhe havia dito, dois dias antes: “Agora, Dick, será que você é mesmo de verdade o filósofo que acho que é?”. Ao que ele respondeu que esperava ser, sim. E minha tia dissera: “Dick, estou arruinada”. Ao que ele respondeu: “Ah, é mesmo?”. E então minha tia o elogiou muito, o que o deixou muito contente. E que depois vieram para minha casa e no caminho comeram sanduíche e beberam cerveja preta de garrafa.

O sr. Dick estava tão satisfeito sentado aos pés da cama, alisando a perna e me contando isso, com os olhos muito abertos e um sorriso

surpreso, que me dói dizer que fui forçado a explicar para ele que ruína significava desgraça, penúria e fome; mas fui logo punido por essa aspereza, ao ver seu rosto empalidecer e as lágrimas correrem pelas faces enquanto me olhava com indizível aflição, capaz de amolecer um coração muito mais duro que o meu. Foi infinitamente mais difícil voltar a alegrá-lo do que tinha sido deprimi-lo, e logo entendi (coisa que devia saber desde o começo) que ele tinha sido tão confiante apenas devido a sua fé na mais sábia e mais maravilhosa das mulheres e a sua fé sem limites em minha capacidade intelectual. Esta última, acredito, ele considerava imune a qualquer desastre que não fosse absolutamente mortal.

– O que podemos fazer, Trotwood? – perguntou o sr. Dick. – Tem o memorial...

– Claro, temos isso – disse eu. – Mas tudo o que podemos fazer agora, senhor Dick, é manter uma cara animada e não deixar minha tia perceber que estamos pensando a respeito.

Ele concordou em tudo; e me implorou que, se o visse desviar-se um centímetro do curso correto, que o advertisse com um daqueles métodos superiores de que eu sempre dispunha. Mas lamento dizer que o susto que lhe dei revelou-se maior que as suas melhores tentativas de dissimulação. Durante toda a tarde seus olhos observavam o rosto de minha tia, com um ar da mais desesperada apreensão, como se ele a visse emagrecendo ali mesmo. Ele tinha consciência disso e resolveu não mexer a cabeça. Mas ficar sentado imóvel, rolando os olhos como uma máquina, não melhorava em nada a questão. Vi que olhava o pão do jantar (que, por acaso, era pequeno) como se não houvesse mais nada entre nós e a fome. E quando minha tia insistiu com ele para que fizesse sua refeição costumeira, surpreendi-o no ato de guardar no bolso pedaços de seu pão e queijo, sem dúvida com o objetivo de nos alimentar com essas economias, quando chegássemos a um estado avançado de enfraquecimento.

Minha tia, por outro lado, estava bem equilibrada, o que era uma lição para todos nós, para mim, com certeza. Foi gentilíssima com Peggotty, exceto quando inadvertidamente a chamei por esse nome, e por mais

estranha que se sentisse em Londres, como eu bem sabia, parecia estar muito à vontade. Ia ficar com minha cama e eu dormiria na sala, para protegê-la. Estava muito satisfeita de se ver tão perto do rio, em caso de uma conflagração, e acredito que realmente se tranquilizava com essa circunstância.

– Trot, meu bem – disse minha tia quando me viu preparando sua bebida noturna usual: – Não!

– Não quer nada, tia?

– Vinho não, meu bem. Cerveja.

– Mas temos vinho, tia. E a senhora sempre toma vinho à noite.

– Guarde para um caso de doença – disse minha tia. – Não podemos desperdiçar, Trot. Cerveja para mim. Um copo.

Achei que o sr. Dick ia cair desmaiado. Como minha tia estava decidida, saí e comprei eu mesmo a cerveja. Como estava ficando tarde, Peggotty e o sr. Dick aproveitaram a oportunidade para voltarem juntos ao armazém. Me despedi dele, coitado, na esquina da rua, com a grande pipa às costas, o próprio monumento do sofrimento humano.

Minha tia andava de um lado para outro quando voltei ao apartamento, amassando com os dedos as beiradas da touca de dormir. Aqueci a cerveja e fiz a torrada segundo seus princípios infalíveis de sempre. Quando estava pronta para ela, ela estava pronta para a cerveja, com a touca de dormir na cabeça e a saia da camisola enrolada nos joelhos.

– Meu bem – disse minha tia depois de tomar uma colherada da cerveja –, é muito melhor que vinho. Bem menos pesado.

Devo ter dado a impressão de duvidar, porque ela acrescentou:

– Quieto, filho. Se nada pior que a cerveja acontecer conosco, estará muito bom.

– Por mim acreditaria que sim, tia, com certeza – disse eu.

– É? E por que você *não* acredita nisso? – perguntou minha tia.

– Porque a senhora e eu somos muito diferentes – respondi.

– Bobagem, Trot! – minha tia replicou.

Continuou com calado prazer, no qual havia um mínimo de afetação,

se havia alguma, tomando a cerveja amornada com a colher, molhando nela as tiras de torrada.

– Trot – disse ela –, no geral, não me interesso por estranhos, mas gosto bastante dessa sua Barkis, sabe?

– Não sabe que tesouro é ouvir a senhora dizer isso! – repliquei.

– É a coisa mais incrível do mundo – observou minha tia, esfregando o nariz – como essa mulher conseguiu nascer com esse nome, não consigo entender. Seria muito mais fácil ter nascido uma Jackson ou algo assim, acredito.

– Talvez ela também ache isso, não é culpa dela – respondi.

– Claro que não – retorquiu minha tia, lamentando ter de admitir –, mas é muito desagradável. Mas ela *agora* é Barkis. Já é um consolo. Barkis tem um imenso afeto por você, Trot.

– Ela não recuaria diante de nada para provar isso – disse eu.

– De nada, acredito – retorquiu minha tia. – A pobre mulher insistiu e pressionou para me dar algum dinheiro, dizendo que tem demais! Que simplória!

As lágrimas de prazer de minha tia positivamente rolavam para dentro da cerveja morna.

– É a criatura mais ridícula que já nasceu – disse minha tia. – Eu sabia disso desde o primeiro momento em que vi essa mulher ao lado daquela pobre criança abençoada que era sua mãe, que era a mais ridícula dos mortais. Mas Barkis tem alguns pontos positivos!

Fingindo rir, ela aproveitou a oportunidade para levar as mãos aos olhos. Recomposta, retomou a torrada e o discurso ao mesmo tempo.

– Ah! Misericórdia! – suspirou minha tia. – Já sei de tudo, Trot! Barkis e eu conversamos bastante enquanto você estava fora com Dick. Já sei de tudo. De minha parte, não sei onde essas coitadas dessas moças acham que vão parar. Me admira que não quebrem a cabeça caindo... nas lareiras – disse minha tia, ideia que provavelmente lhe foi sugerida olhando para a minha.

– Pobre Emily! – eu disse.

– Ah, pobre nada – retorquiu minha tia. – Ela devia ter pensado

melhor antes de provocar tanto sofrimento! Me dê um beijo, Trot. Sinto muito por ter tido essa experiência tão cedo.

Quando me inclinei, ela encostou o copo no meu joelho para me manter afastado e disse:

– Ah, Trot, Trot! E você acha que está apaixonado! Acha?

– Acho, tia?! – reclamei, mais vermelho que nunca. –Adoro essa moça com toda minha alma!

– Dora, é? – perguntou minha tia. – E você vai me dizer que a mocinha é muito fascinante, acredito.

– Tia querida – repliquei –, ninguém faz a menor ideia de como ela é!

– Ah! Não é boba? – perguntou minha tia.

– Boba, tia?!

Acredito seriamente que nunca, nem por um momento, me passou pela cabeça que ela pudesse ser boba. Claro que me ressenti com aquela ideia, mas me atingiu como algo absolutamente novo.

– Não é cabeça oca? – perguntou minha tia.

– Cabeça oca, tia?! – só consegui repetir essa audaciosa especulação com o mesmo tipo de sentimento com que havia repetido a pergunta anterior.

– Bom, bom! – disse minha tia. – Só estou perguntando. Não quero depreciar a moça. Pobre casalzinho! E você acha que foram feitos um para o outro e vão enfrentar a vida como dois lindos confeitos no banquete da vida, acha, Trot?

Ela me fez a pergunta com tanta bondade e com expressão tão gentil, meio brincando, meio lamentando, que fiquei bastante tocado.

– Sei que somos jovens e inexperientes, tia – respondi –, e acredito que dizemos e pensamos muitas coisas que são bobas. Mas nos amamos de verdade, disso tenho certeza. Se pensar que Dora poderia amar outro, ou deixar de me amar, ou que eu pudesse amar outra ou deixar de amar Dora, nem sei o que faria, acho que ficaria louco!

– Ah, Trot – disse minha tia, sacudindo a cabeça, e sorrindo gravemente –, cego, cego, cego! Conheço alguém, Trot – minha tia continuou depois de uma pausa –, que, embora de personalidade dócil,

tem em si uma seriedade de afeição que me lembra sua pobre mãe. Seriedade é o que esse alguém deve procurar como sustento e apoio, Trot. Seriedade profunda, reta, fiel.

– Se conhecesse a seriedade de Dora, tia! – exclamei.

– Ah, Trot – ela repetiu –; cego, cego, cego! – e sem saber por que, senti uma vaga e infeliz perda ou carência de alguma coisa passar como uma nuvem sobre mim.

– Mas não quero abalar duas jovens criaturas – disse minha tia –, nem deixar ninguém infeliz; portanto, como se trata de uma ligação de moça e rapaz, e ligações de moça e rapaz muitas vezes – veja bem que não digo sempre!–, muitas vezes não dão em nada, vamos levar esta muito a sério e esperar por um resultado próspero um dia desses. Temos tempo para chegar a alguma coisa!

No geral, isso não era muito reconfortante para um apaixonado arrebatado, mas fiquei contente de contar com a confiança de minha tia, e estava preocupado com o cansaço dela. Então agradeci ardentemente essa mostra de afeto e todas as suas outras atenções comigo. E depois de um terno boa-noite, lá se foi ela com sua touca para o meu quarto.

Como estava arrasado ao me deitar! Como pensei e pensei no fato de ser pobre aos olhos do sr. Spenlow; no fato de não ser o que achei que era ao me comprometer com Dora; na cavalheiresca necessidade de contar a Dora qual era a minha condição material e liberá-la do compromisso se ela achasse melhor; em como ganhar a vida, durante o longo período de minha formação, no qual não ganharia nada; em fazer alguma coisa para ajudar minha tia, sem ver nenhum jeito de fazer alguma coisa; em chegar a não ter dinheiro no bolso e usar um casaco velho e em não poder levar a Dora pequenos presentes, nem cavalgar corcéis cinzentos, nem me apresentar a uma luz agradável! Sórdido e egoísta como eu sabia ser, e ao me torturar por sabê-lo e deixar minha mente se ocupar a tal ponto de minha própria desgraça, eu era tão devotado a Dora que não conseguia evitar nada disso. Sabia que era grosseria minha não pensar mais em minha tia e menos em mim; mas naquele momento o egoísmo era inseparável de Dora, e eu não conseguia deixar Dora por nenhuma criatura mortal. Como fiquei arrasado essa

noite!

Quanto ao sono, tive sonhos de pobreza sob todas as formas, mas parecia sonhar sem a cerimônia prévia de dormir. Ora estava esfarrapado, querendo vender fósforos a Dora, seis maços por meio penny; ora estava no escritório de camisola de dormir e botas, censurado pelo sr. Spenlow por aparecer diante dos clientes com uma roupa dessas; ora estava faminto catando as migalhas que caíam do biscoito diário do velho Tiffey, consumidos regularmente quando a Saint Paul batia uma hora; ora estava tentando, desalentado, obter uma licença para casar com Dora, sem ter nada além de uma das luvas de Uriah Heep para oferecer em troca, coisa que toda a Corte Civil rejeitava; e assim, mais ou menos consciente de meu próprio quarto, eu me revirava na cama como um navio perdido num mar de lençóis.

Minha tia também estava inquieta, e eu a ouvia andando de um lado para outro. Duas ou três vezes durante a noite, vestida com uma capa longa de flanela na qual parecia ter dois metros de altura, apareceu, como um fantasma perturbado, em meu quarto, e parou ao lado do sofá onde eu estava deitado. Na primeira ocasião, me levantei alarmado para descobrir que ela inferia, por uma determinada luz no céu, que a abadia de Westminster estava pegando fogo e queria me consultar sobre a probabilidade de o fogo se alastrar para a Buckingham Street, se o vento mudasse. Deitado, quieto, depois disso, descobri que ela se sentou a meu lado, sussurrando para si mesma “Pobre rapaz!”. E fiquei vinte vezes mais arrasado ao constatar o quanto era desprendida ao pensar em mim, e o quanto eu era egoísta ao pensar em mim.

Difícil acreditar como uma noite tão longa para mim podia ser curta para todos os outros. Essa consideração me pôs a pensar e pensar em uma festa imaginária em que as pessoas dançavam muitas horas, até que isso se tornou um sonho também e ouvi a mesma música tocando incessantemente, enquanto Dora dançava sem parar, sem nem perceber minha presença. O homem que tocava a harpa a noite inteira estava tentando inutilmente cobri-la com uma touca de dormir de tamanho normal, quando acordei; ou melhor, quando desisti de tentar continuar dormindo e vi o sol brilhando pela janela afinal.

Naquela época, havia um banho romano no fim de uma das travessas do Strand (pode ser que ainda esteja lá) no qual eu dera muitos mergulhos gelados. Me vesti o mais silenciosamente possível e, deixando Peggotty a cuidar de minha tia, mergulhei lá de cabeça e depois fui dar uma volta em Hampstead. Tinha a esperança de que o tratamento estimulante me refrescasse um pouco as ideias; e acho que me fez bem, porque logo cheguei à conclusão de que o primeiro passo que devia dar seria tentar ver se conseguia cancelar o meu estágio e recuperar as luvas. Comi alguma coisa no Heath e fui a pé até a Corte Civil, passando por ruas molhadas, com um agradável aroma das flores de verão que cresciam nos jardins e eram conduzidas à cidade sobre a cabeça de vendedores ambulantes, empenhado nesse primeiro esforço de enfrentar a mudança de nossa condição.

No fim das contas, cheguei ao escritório tão cedo que tive meia hora para vagar pelos tribunais, antes que o velho Tiffey, sempre o primeiro a entrar, aparecesse com a chave. Sentei então em meu canto escuro, olhando o sol nos canos das chaminés e pensando em Dora, até o sr. Spenlow chegar, todo limpo e esfregado.

– Como vai, Copperfield? – disse ele. – Linda manhã!

– Linda manhã, sim, senhor – repliquei. – Posso trocar uma palavrinha com o senhor antes de entrarmos na Corte?

– Com todo o prazer – disse ele. – Vamos à minha sala.

Entrei com ele na sala e ele se pôs a vestir a toga, arrumando-se diante de um pequeno espelho que havia do lado de dentro da porta de um armário.

– Sinto muito – disse eu –, mas tenho uma informação desanimadora da parte de minha tia.

– Não! – disse ele. – O que houve? Não uma paralisia, espero?

– Não é referente à saúde, não, senhor – respondi. – Ela sofreu grandes perdas. Na verdade, restou efetivamente muito pouca coisa para ela.

– I-na-cre-di-tá-vel, Copperfield! – exclamou o sr. Spenlow.

Sacudi a cabeça.

– Realmente, senhor Spenlow – disse eu –, os negócios de minha tia estão abalados a tal ponto que queria perguntar ao senhor se seria possível cancelar meu estágio, sacrificando alguma parte das luvas, claro – acrescentei, de improviso, alertado pela expressão vazia do rosto dele.

Ninguém sabe o quanto me custou fazer essa proposta. Era equivalente a pedir como favor que fosse condenado a me afastar de Dora.

– Cancelar seu estágio, Copperfield? Cancelar?

Expliquei com tolerável firmeza que de fato não sabia de onde viriam meus meios de subsistência a menos que pudesse obtê-los por mim mesmo. Não tinha medo do futuro, eu disse, e coloquei nisso grande ênfase, como se quisesse insinuar que ainda seria decididamente aceitável como genro qualquer dia, mas que, no presente, eu só contava com meus próprios recursos.

– Sinto muitíssimo saber disso, Copperfield – disse o sr. Spenlow. – Muitíssimo. Não é o uso cancelar estágios seja pela razão que for. Não é um procedimento profissional. Não é um precedente nada conveniente. Longe disso. Ao mesmo tempo...

– O senhor é muito bom – murmurei, prevendo uma concessão.

– Absolutamente. Não fale nisso – disse o sr. Spenlow. – Ao mesmo tempo, eu estava dizendo, se tivesse tudo em minhas mãos, se não tivesse um sócio, o senhor Jorkins...

Minha esperança foi arrasada em um momento, mas fiz mais um esforço.

– O senhor não acha – disse – que se eu contasse ao senhor Jorkins...

O sr. Spenlow sacudiu a cabeça, desanimado.

– Deus nos livre, Copperfield – replicou –, que eu seja injusto com qualquer homem, muito menos com o senhor Jorkins. Mas conheço meu sócio, Copperfield. O senhor Jorkins não é homem de aceitar uma proposta de natureza tão peculiar. É muito difícil afastar o senhor Jorkins do caminho estabelecido. Sabe como ele é!

Na realidade, eu não sabia nada sobre ele, exceto que originalmente estivera sozinho no negócio e que agora vivia numa casa perto da

Montagu Square que necessitava urgentemente uma pintura; que ele chegava sempre muito tarde ao trabalho e ia embora muito cedo; que parecia nunca ser consultado a respeito de nada e que tinha um decadente buraco escuro no andar de cima, onde nunca se fazia negócio nenhum e onde havia sobre a mesa um velho forro de papel amarelo, sem nenhuma marca de tinta, que diziam ter mais de vinte anos.

– O senhor se oporia a que eu mencionasse o assunto a ele? – perguntei.

– De jeito nenhum – disse o sr. Spenlow. – Mas tenho alguma experiência com o senhor Jorkins, Copperfield. Gostaria que fosse diferente, pois gostaria de atender seu pedido sob todos os aspectos. Não faço a menor objeção a que fale com o senhor Jorkins, Copperfield, se acha que vale a pena.

Valendo-me dessa permissão, que foi dada com um caloroso aperto de mão, sentei pensando em Dora e olhando o sol a brilhar sobre as chaminés na parede da casa em frente, até o sr. Jorkins chegar. Subi à sala do sr. Jorkins, e evidentemente assombrei muito o sr. Jorkins por aparecer lá.

– Entre, senhor Copperfield – disse o sr. Jorkins.

– Entre! Entrei, sentei e expus meu caso para o sr. Jorkins exatamente como havia exposto para o sr. Spenlow. O sr. Jorkins não era de modo algum a criatura horrenda que se poderia esperar, mas um homem grande, delicado, de rosto liso, com seus sessenta anos, que tomava tanto rapé que havia na Corte uma tradição de que ele vivia principalmente desse estimulante, restando pouco espaço em seu sistema para qualquer outro artigo de alimentação.

– Acredito que deva ter discutido o assunto com o senhor Spenlow – disse o sr. Jorkins depois de me ouvir, muito agitado, até o fim.

Respondi que sim, e disse que o sr. Spenlow havia falado em seu nome.

– Ele disse que eu me oporia? – perguntou o sr. Jorkins.

Fui obrigado a admitir que o sr. Spenlow considerava isso provável.

– Sinto dizer, senhor Copperfield, que não posso resolver seu

problema – disse o sr. Jorkins, nervoso. – O que acontece é que... Mas tenho um compromisso no banco, se o senhor me dá licença.

Com isso, levantou-se muito apressado e estava saindo da sala quando tive a ousadia de perguntar se não havia algum jeito de resolver o assunto.

– Não! – disse o sr. Jorkins, parado na porta e sacudindo a cabeça. – Ah, não! Eu me oponho, sabe – disse muito depressa, e saiu. – O senhor deve saber, senhor Copperfield – acrescentou olhando agitado da porta outra vez –, que se o senhor Spenlow é contra...

– Na opinião dele, não há nada contra, não, senhor – eu disse.

– Ah! Na opinião dele! – repetiu o sr. Jorkins, com impaciência. – Garanto que não é possível, senhor Copperfield. De jeito nenhum! O que o senhor quer fazer, não pode ser feito. Eu... eu realmente tenho um compromisso no banco. – E diante disso saiu correndo e, pelo que eu soube, passou três dias sem aparecer na Corte Civil.

Como eu estava ansioso para ir até as últimas consequências, esperei até o sr. Spenlow chegar e contei o que havia acontecido, dando a entender que achava haver esperança se ele fosse capaz de amaciar o inquebrantável sr. Jorkins, se resolvesse tentar.

– Copperfield – respondeu o sr. Spenlow com um sorriso sagaz –, você não conhece meu sócio há tanto tempo como eu. Nada está mais longe dos meus pensamentos do que atribuir qualquer artificialismo ao senhor Jorkins. Mas o senhor Jorkins tem um jeito de formular suas objeções que muitas vezes ilude as pessoas. Não, Copperfield! – ele sacudiu a cabeça. – Impossível dobrar o senhor Jorkins.

Fiquei completamente confuso entre o sr. Spenlow e o sr. Jorkins, sem saber qual dos dois era o sócio intolerante, mas via com suficiente clareza que em algum ponto a empresa era rígida e que recuperar as mil libras de minha tia estava fora de questão. Em estado de total desânimo, de que me lembro sem nenhuma satisfação, porque sei que ainda estava muito preocupado comigo mesmo (embora sempre em relação a Dora), saí do escritório e fui para casa.

Estava tentando familiarizar minha mente com o pior e organizar comigo mesmo os arranjos que deveríamos fazer no futuro, com a maior

severidade, quando uma carruagem de aluguel veio atrás de mim, parou aos meus pés e me fez erguer os olhos. Pela janela, uma mão branca se estendeu para mim; e o rosto que eu nunca tinha visto sem uma sensação de serenidade e felicidade, desde o momento em que se voltou para mim na velha escada de carvalho com a larga balaustrada, e cuja beleza delicada associei ao vitral de uma igreja, sorriu para mim.

– Agnes! – exclamei, cheio de alegria. – Ah, minha querida Agnes, que prazer encontrar justamente você!

– É mesmo? – ela perguntou, em tom cordial.

– Quero tanto falar com você! – disse eu. – Só olhar para você já ilumina meu coração! Se eu pudesse fazer mágica, não teria invocado nenhuma outra pessoa além de você!

– Como? – Agnes perguntou.

– Bom! Talvez Dora primeiro – admiti, ficando vermelho.

– Claro que Dora primeiro, espero que sim – disse Agnes, rindo.

– Mas você em seguida! – falei. – Aonde vai?

Ela estava indo ao meu apartamento para ver minha tia. Como era um dia muito bonito, ela gostou de descer da carruagem que cheirava como um estábulo dentro de uma estufa (eu estava com a cabeça do lado de dentro todo esse tempo). Dispensei o cocheiro, ela pegou meu braço e caminhamos juntos. Ela era para mim como a encarnação da esperança. Como me senti diferente um minuto depois de ter Agnes a meu lado!

Minha tia havia escrito a ela um de seus raros e abruptos bilhetes, pouco mais longos que um cheque bancário, a que seus esforços epistolares sempre se limitavam. Nele declarava que havia deparado com uma adversidade e deixava Dover para sempre, mas estava tudo bem decidido e tão bem que ninguém precisava se incomodar com ela. Agnes viera a Londres para ver minha tia, pois entre elas havia um mútuo bem-querer todos esses anos: de fato, desde a época em que eu fora residir na casa do sr. Wickfield. Ela não estava sozinha, contou. Seu pai estava com ela, e Uriah Heep.

– E eles agora são sócios – disse eu. – Danado!

– É – disse Agnes. – Vieram resolver alguma coisa aqui e aproveitei

para vir junto. Você não pense que minha visita é totalmente amigável e desinteressada, Trotwood, porque pode ser um cruel preconceito, mas não gosto que papai saia sozinho com ele.

– Ele ainda exerce a mesma influência sobre o senhor Wickfield, Agnes?

Agnes balançou a cabeça.

– As coisas mudaram tanto em casa – falou – que você nem reconheceria o lugar. Eles agora moram conosco.

– Eles? – perguntei.

– O senhor Heep e a mãe. Ele dorme no quarto que era seu – disse Agnes, olhando para meu rosto.

– Quisera eu controlar os sonhos dele – falei. – Ele não ia dormir lá muito tempo.

– Eu continuo com meu quartinho – disse Agnes –, onde costumava fazer as lições. Como o tempo passa! Lembra? O quartinho forrado com painéis, que dá para a saleta?

– Se eu lembro, Agnes? Quando vi você pela primeira vez, entrando pela porta com seu estranho cestinho de chaves pendurado do cinto?

– Continua tudo igual – disse Agnes sorrindo. – Fico contente que se lembre dele com tanto prazer. Fomos muito felizes.

– Fomos mesmo – disse eu.

– Mantive o quartinho, mas não posso abandonar a senhora Heep o tempo todo, sabe? Então – Agnes disse, baixo –, me sinto obrigada a suportar sua companhia, quando preferia estar sozinha. Mas não tenho razão para reclamar dela. Se ela me cansa, às vezes, com os elogios ao filho, é coisa natural em uma mãe. Ele é muito bom filho para ela.

Olhei para Agnes quando ela disse essas palavras, sem detectar nela nenhuma consciência dos planos de Uriah. Seus olhos mansos, mas atentos, encontraram os meus com sua bela franqueza, e nada mudou em seu doce rosto.

– O maior problema da presença deles em casa – disse Agnes – é que não posso ficar com papai tanto quanto gostaria, com Uriah Heep se pondo tanto entre nós, e não posso cuidar dele tanto quanto eu gostaria,

se não é muita ousadia minha dizer isso. Mas se alguma fraude ou traição for praticada contra ele, espero que o simples amor e verdade sejam mais fortes afinal. Espero que amor de fato e verdade no fim sejam mais fortes que qualquer mal ou infortúnio do mundo.

Um certo sorriso brilhante que eu nunca tinha visto em nenhum outro rosto morreu, no momento mesmo em que eu pensava no quanto aquele sorriso era bom e como havia sido familiar a mim. E ela me perguntou, com uma brusca mudança de expressão (estávamos chegando perto de minha rua), se eu sabia o que havia provocado a mudança nas condições de minha tia. Quando respondi que não, que ela ainda não havia me contado, Agnes ficou pensativa, e achei que senti seu braço tremer no meu.

Encontramos minha tia sozinha, em estado de certa excitação. Tinha havido uma divergência entre ela e a sra. Crupp a respeito de uma questão abstrata (a decência de o apartamento ser ocupado pelo sexo fraco) e minha tia, absolutamente indiferente aos espasmos da parte da sra. Crupp, havia abreviado a disputa informando à mulher que ela estava com o cheiro do meu conhaque e que se retirasse dali. A sra. Crupp achou ambas as expressões ofensivas e expressou sua intenção de protestar junto ao "judi britânico", querendo dizer, é de se supor, o baluarte de nossas liberdades nacionais.

Minha tia, porém, tivera tempo para se acalmar, enquanto Peggotty mostrava os soldados da guarda montada ao sr. Dick, e, além disso, ficou tão satisfeita de ver Agnes que esqueceu o assunto em vez do contrário e nos recebeu com perfeito bom humor. Quando Agnes pôs o chapéu em cima da mesa e sentou-se ao lado dela, não pude deixar de pensar, olhando seus olhos mansos e sua testa radiosa, como parecia natural que estivesse ali; com quanta confiança, embora ela fosse jovem e inexperiente, minha tia se abria com ela; como era realmente forte em amor simples e verdade.

Começamos a falar sobre as perdas de minha tia e contei a elas o que eu havia tentado fazer essa manhã.

– Não foi ajuizado, Trot – disse minha tia –, apesar da boa intenção. Você é um rapaz generoso, acho que devia dizer, um homem generoso,

agora, e fico orgulhosa por você, meu bem. Mas até agora, tudo bem. Então, Trot e Agnes, vamos olhar de frente o caso de Betsey Trotwood e ver em que pé está.

Observei que Agnes ficou pálida ao olhar muito atentamente para minha tia. Minha tia, acariciando o gato, olhou muito atentamente para Agnes.

– Betsey Trotwood – disse minha tia, que era sempre discreta em questões de dinheiro –, não falo de sua irmã, Trot, meu bem, mas de mim mesma, possuía alguns bens. Não importa quanto. O suficiente para viver. Mais, porque economizou um pouco e aumentou o capital. Betsey investiu seus bens em ações durante algum tempo, depois, aconselhada por seu contador, pôs tudo em hipotecas. Isso rendeu bem e deu bons lucros, até os hipotecados saldarem as contas com Betsey. Estou falando de Betsey como se fosse um navio de guerra. Bom! Então Betsey teve de procurar um bom investimento. Nessa altura, achou que era mais esperta que seu administrador, que não era mais tão bom administrador como antes, estou falando de seu pai, Agnes, e pôs na cabeça administrar sozinha. Então levou seus porcos – disse minha tia – a outro mercado, que acabou se revelando um péssimo mercado. Primeiro, perdeu dinheiro em empresas de mineração, depois perdeu em mergulhos em busca de tesouros perdidos, ou alguma outra bobagem infantil assim – explicou minha tia, esfregando o nariz. – Depois, perdeu na mineração outra vez e, finalmente, para acertar as coisas definitivamente, perdeu num negócio bancário. Não sei quanto valiam as ações do banco durante algum tempo – minha tia falou –, cem por cento era o mínimo, acredito, mas o banco ficava do outro lado do mundo e desmoronou no espaço, pelo que sei. De qualquer forma, caiu aos pedaços e nunca poderá nem irá pagar nem um penny. Os pence de Betsey estavam todos lá, e assim se acabaram. Quanto menos se falar disso, melhor.

Minha tia concluiu esse resumo filosófico numa espécie de triunfo, fixando os olhos em Agnes, cujas cores voltavam aos poucos.

– Querida senhorita Trotwood, isso é tudo? – Agnes perguntou.

– Espero que seja suficiente, filha – disse minha tia. – Se houvesse mais dinheiro a perder, acredito que não seria tudo. Betsey teria achado

um jeito de jogar o dinheiro atrás do resto e fazer mais um capítulo, não tenho a menor dúvida. Mas não há mais dinheiro, não há mais história.

De início, Agnes tinha ouvido sem respirar. Suas cores ainda oscilavam, mas ela respirava melhor. Achei que sabia por quê. Achei que ela temia que seu infeliz pai pudesse ter alguma culpa no que acontecera. Minha tia pegou a mão dela e riu.

– Se isso é tudo? – minha tia repetiu. – Ora, é tudo, sim, menos o "e viveram felizes para sempre". Talvez eu ainda possa acrescentar isso para Betsey um dia desses. Agora, Agnes, você tem cabeça boa. Você também, Trot, para algumas coisas, embora nem sempre mereça elogios – e aqui minha tia sacudiu a cabeça para mim, com a energia que lhe era peculiar. – O que fazer? O chalé, com calma, pode render, digamos, umas setenta libras por ano. Acho que podemos contar com isso. Bom! É tudo o que temos – disse minha tia, que tinha como idiossincrasia, igual a certos cavalos, empacar quando parecia que ainda ia continuar por um bom tempo.

– Aí – ela falou depois de um descanso – vem o Dick. Ele tem cem libras por ano, mas claro que isso tem de ser gasto com ele. Eu preferia que ele fosse embora, mas sei que sou a única pessoa que gosta dele, então fico com ele e não deixo que gaste o dinheiro todo. Qual o melhor que Trot e eu podemos fazer com nossos meios? O que me diz, Agnes?

– *Eu* digo, tia – interrompi –, que tenho de fazer alguma coisa!

– Vai ser soldado, é isso? – minha tia retorquiu, alarmada. – Ou marinheiro? Não quero ouvir falar de nada. Você vai ser um procurador. Não quero ninguém batendo cabeça *nesta* família, por favor.

Eu ia explicar que não estava disposto a introduzir na família esse recurso, quando Agnes perguntou se o contrato do meu apartamento era por muito tempo.

– Muito objetiva, minha querida – disse minha tia. – Não se pode livrar dele por seis meses pelo menos, a menos que subloque, mas não acredito nisso. O último inquilino morreu aqui. Cinco em cada seis *morreriam*, claro, por causa daquela mulher pálida com as anáguas de flanela. Tenho ainda um pouco de dinheiro, e concordo com você que o melhor a fazer é ficar aqui até o fim do contrato e conseguir um quarto

para Dick aqui perto.

Achei que era meu dever apontar o desconforto que minha tia teria de enfrentar vivendo num estado de guerrilha contínua com a sra. Crupp, mas ela descartou sumariamente essa objeção, declarando que, na primeira demonstração de hostilidades, estava preparada para assustar a sra. Crupp por todo o resto de sua vida natural.

– Estava pensando, Trotwood – disse Agnes, cautelosa –, que se você tivesse tempo...

– Tenho muito tempo, Agnes. Estou sempre livre depois das quatro ou cinco da tarde e tenho tempo de manhã cedinho. De um jeito ou de outro – falei, consciente de ficar um pouco vermelho ao pensar nas horas e horas que tinha dedicado a vagar pela cidade e andado de um lado para outro na Norwood Road –, tenho muito tempo.

– Sei que você não ia se importar – disse Agnes, chegando perto de mim e falando em voz baixa, mas tão cheia de doce e esperançosa consideração que a escuto até agora – com um trabalho de secretário.

– Me importar, Agnes?

– Porque o doutor Strong – Agnes continuou – realizou sua intenção de se aposentar, veio viver em Londres e sei que pediu a papai que recomendasse um secretário para ele. Não acha que ia preferir o seu ex-aluno favorito ao lado dele em vez de qualquer outra pessoa?

– Minha querida Agnes – eu disse. – O que eu faço com você? É sempre o meu anjo da guarda. Já disse isso antes. Nunca penso em você de outro jeito.

Agnes respondeu com sua risada agradável, que bastava um anjo da guarda (querendo dizer Dora), e me lembrou que o doutor costumava se ocupar no estúdio de manhã cedo e no fim do dia, e que provavelmente minhas horas livres preencheriam muito bem as exigências dele. O prazer da perspectiva de ganhar meu próprio sustento não podia ser maior do que a esperança de ganhá-lo a serviço de meu velho mestre. Em resumo, a conselho de Agnes, sentei e escrevi uma carta ao doutor, declarando meu objetivo e marcando para visitá-lo no dia seguinte às dez da manhã. Enderecei a carta a Highgate – pois ali, naquele lugar tão memorável para mim, é que ele vivia –, fui e pus eu mesmo no correio,

sem perder um minuto.

Onde quer que Agnes estivesse, alguma lembrança agradável de sua presença silenciosa parecia inseparável do lugar. Quando voltei, encontrei os pássaros de minha tia pendurados, como tinham estado pendurados por tanto tempo na janela da sala do chalé, e minha poltrona imitando a poltrona muito mais confortável de minha tia em sua posição diante da janela aberta. E mesmo a grande ventarola verde redonda que minha tia trouxera com ela, aparafusada ao parapeito da janela. Sabia quem havia feito tudo isso, mas era como se tudo houvesse sido feito por si mesmo, sem alarde; e constatei de imediato quem havia arrumado os livros abandonados na velha ordem dos meus dias de escola, mesmo supondo que Agnes estivesse a quilômetros dali, em vez de vê-la ocupada com eles, sorrindo para a desordem em que haviam ficado.

Minha tia falou de um modo muito agradável sobre o Tâmisa (que estava realmente bonito com o sol brilhando sobre ele, embora não igual ao mar em frente ao chalé), mas não se conformava com a fumaça de Londres que, dizia ela, "polvilhava tudo". Uma revolução completa, na qual Peggotty desempenhava papel proeminente, tinha lugar em cada canto de meu apartamento, apesar do pó, e eu estava assistindo, pensando como Peggotty conseguia fazer tanto com um mínimo de agitação e como Agnes conseguia fazer sem agitação nenhuma, quando bateram na porta.

– Acho que é papai – disse Agnes, empalidecendo. – Ele prometeu que viria.

Abri a porta e fiz entrar não apenas o sr. Wickfield, mas Uriah Heep também. Eu não via o sr. Wickfield havia algum tempo. Estava preparado para uma grande mudança nele, depois do que tinha ouvido de Agnes, mas sua aparência me chocou.

Não que parecesse muitos anos mais velho, embora ainda vestido com a antiga limpeza escrupulosa; ou que houvesse alguma vermelhidão pouco saudável em seu rosto; ou que seus olhos estivessem inchados e injetados; ou que houvesse um tremor nervoso em sua mão, cuja causa eu conhecia e tinha visto em ação durante alguns anos. Não que ele tivesse perdido sua beleza, ou seu velho porte de cavalheiro, porque não

tinha perdido nada, mas o que mais me impressionou foi que, ainda com todas as provas de sua superioridade inata presentes nele, se submetesse àquela rastejante encarnação de perversidade, Uriah Heep. A inversão das duas naturezas em suas respectivas posições, Uriah no poder e o sr. Wickfield na dependência, era uma coisa mais dolorosa do que consigo expressar. Se eu tivesse visto um macaco dominando um homem, dificilmente teria achado o espetáculo mais degradante.

Ele parecia ter muita consciência disso, ele próprio. Quando entrou, ficou parado, com a cabeça baixa, como se sentisse isso. Foi apenas por um momento, pois Agnes disse a ele: “Papai! Olhe a senhorita Trotwood, e Trotwood, que o senhor não vê há tanto tempo!”, então ele se aproximou, constrangido, estendeu a mão para minha tia e apertou cordialmente a minha. Na pausa de que falei, vi as feições de Uriah se contorcerem no mais mal-intencionado sorriso. Agnes viu também, eu acho, porque se afastou dele.

O que minha tia viu, ou deixou de ver, desafiava a ciência da fisiognomonia a decifrar sem o consentimento dela. Acredito que nunca existiu ninguém com feições tão imperturbáveis quando ela queria. Seu rosto podia ser uma parede na ocasião de que falo, porque não deixava passar nenhuma luz a seus pensamentos, até que ela quebrou o silêncio, abruptamente, como sempre.

– Bom, Wickfield! – disse minha tia, e ele ergueu os olhos a ela pela primeira vez. – Estava contando a sua filha como andei cuidando bem do meu dinheiro sozinha, porque não podia mais confiar em você, que estava ficando enferrujado em questões de negócios. Andamos nos aconselhando e nos demos muito bem, considerando a situação. Agnes vale por uma firma inteira, na minha opinião.

– Se posso humildemente fazer uma observação – disse Uriah Heep, se retorcendo –, concordo inteiramente com a senhorita Betsey Trotwood, e ficaria muito contente se a senhorita Agnes fosse uma sócia.

– O senhor é sócio, pelo que se sabe – retorquiu minha tia –, e já está muito bom para o senhor, eu acho. Como vai?

Em reconhecimento a essa pergunta, que lhe foi feita com excepcional secura, o sr. Heep, agarrado incomodamente à sacola azul que trazia,

respondeu que estava muito bem, agradecia a minha tia e esperava que ela estivesse bem também.

– E, Copperfield, quero dizer, senhor Copperfield – continuou Uriah. – Espero que esteja bem. Fico muito contente de encontrar o senhor mesmo na situação atual. – Acreditei nisso, porque ele parecia muito satisfeito com a situação. – A atual situação não é o que seus amigos iam desejar para o senhor, Copperfield, mas o dinheiro não faz o homem. O que faz o homem... realmente, minha humilde condição não me dá meios pra expressar o que é – disse Uriah com um estremecimento de adulação –, mas não é o dinheiro.

Então apertou minha mão, não da maneira comum, mas a uma boa distância de mim, e erguendo e baixando minha mão como se fosse a manivela de uma bomba d'água da qual tivesse certo medo.

– E como acha que nós estamos, Copperfield, quero dizer, senhor Copperfield? – bajulou Uriah. – Não acha que o senhor Wickfield está desabrochando? Os anos não contam na nossa firma, Copperfield, a não ser pra elevar os humildes como minha mãe e eu, e para desenvolver os belos como a senhorita Agnes.

Ele se retorceu todo depois desse elogio, de maneira tão intolerável que minha tia, que estivera olhando diretamente para ele, perdeu toda a paciência.

– Que diabo está acontecendo com esse homem? – disse minha tia, severa. – O senhor parece que está levando um choque elétrico!

– Peço desculpas, senhorita Trotwood – respondeu Uriah –, sei que a senhora está nervosa.

– Tome jeito o senhor! – disse minha tia, nada tranquila. – Não tenha a audácia de dizer isso! Não estou nervosa coisa nenhuma. Se o senhor é uma enguia, comporte-se como tal. Se é um homem, controle seus membros, meu senhor! Pelo amor de Deus! – disse minha tia, muito indignada. – Não quero nenhuma serpentina nem saca-rolhas me incomodando!

O sr. Heep ficou bastante abalado com essa explosão, como qualquer pessoa ficaria, e que adquiriu ainda mais força pela maneira indignada como minha tia em seguida se mexeu na poltrona, sacudindo a cabeça

como se estivesse fazendo estalos e repelões para ele. Mas ele me disse à parte, com voz humilde:

– Sei muito bem, Copperfield, que a senhorita Trotwood é uma dama excelente, mas tem um temperamento exacerbado (na verdade, acho que tive o prazer de conhecer sua tia quando ainda era um humilde funcionário, antes mesmo do senhor, Copperfield) e nada mais natural que esteja mais exacerbado na situação atual. O que me admira é que não esteja muito pior! Só vim aqui pra dizer que, se tem alguma coisa que a gente possa fazer na situação atual, minha mãe e eu, ou Wickfield e Heep, seria uma satisfação. Posso ter essa ousadia? – disse Uriah com um sorriso enjoativo para seu sócio.

– Uriah Heep – disse o sr. Wickfield de um jeito monótono e forçado – está ativo nos negócios, Trotwood. Concordo com o que ele diz. Sabe que sempre tive muito interesse em você. Além disso, concordo inteiramente com o que Uriah diz!

– Ah, que recompensa – disse Uriah erguendo uma perna e correndo o risco de atrair outro discurso de minha tia – ser objeto de tanta confiança! Mas espero poder fazer alguma coisa pra aliviar o senhor Wickfield do peso dos negócios, Copperfield.

– Uriah Heep é um grande alívio para mim – disse o sr. Wickfield com a mesma voz apagada. – Tira um peso das minhas costas, Trotwood, ter um sócio assim.

A raposa vermelha o fazia dizer tudo isso, eu sabia, exibi-lo para mim à luz que ele havia apontado na noite em que envenenou meu sono. Vi de novo o mesmo sorriso mal-intencionado em seu rosto e como olhava para mim.

– O senhor não vai, papai? – perguntou Agnes, ansiosa. – Não quer voltar a pé com Trotwood e comigo?

Acredito que ele teria olhado para Uriah antes de responder, se esse sujeito não se antecipasse.

– Tenho um compromisso – disse Uriah –, senão seria um prazer ficar com meus amigos. Mas deixo meu sócio pra representar a firma. Senhorita Agnes, sempre seu! Desejo um bom dia, Copperfield, e deixo meus humildes respeitos à senhorita Betsey Trotwood.

Com essas palavras, ele se retirou beijando sua mão enorme e sorrindo para nós com o esgar de uma máscara.

Lá ficamos durante uma ou duas horas, conversando sobre nossos tempos agradáveis em Canterbury. Sozinho com Agnes, o sr. Wickfield logo voltou a ser o que era, embora houvesse nele uma depressão que não desaparecia. Apesar de tudo, ele se alegrou e teve um evidente prazer em nos ouvir recordar incidentes de nossa antiga vida, muitos dos quais ele lembrava bem. Disse que era como aquele tempo, estar sozinho com Agnes e comigo, e pedia aos céus que isso nunca mudasse. Tenho certeza absoluta de que o rosto plácido de Agnes e o simples toque de sua mão no braço dele operavam maravilhas.

Minha tia (que todo esse tempo estava ocupada com Peggotty no quarto) não ia nos acompanhar até o lugar onde eles estavam hospedados, mas insistiu que eu fosse. Eu fui. Jantamos juntos. Depois do jantar, Agnes sentou ao lado dele, como antes, e serviu seu vinho. Ele tomou o que ela lhe deu, não mais, como uma criança, e ficamos os três juntos à janela enquanto caía a noite. Quando estava quase escuro, ele se deitou num sofá, Agnes pôs uma almofada debaixo de sua cabeça e curvou-se sobre ele um momento. Depois, voltou à janela. Não estava tão escuro, e pude ver lágrimas brilhando em seus olhos.

Rezo aos céus para nunca esquecer aquela moça querida em seu amor e verdade, naquele momento de minha vida, porque, se esquecer, devo estar chegando perto do fim, e é então que desejo me lembrar melhor dela! Ela enchia meu coração de boas resoluções, fortalecia minha fraqueza de tal forma, com seu exemplo, orientava, não sei de que maneira, porque era modesta e doce demais para me aconselhar com muitas palavras, o ardor sem rumo e os propósitos inquietos dentro de mim a tal ponto que o pouco bem que eu possa ter feito e todo o mal que deixei de fazer, acredito solenemente dever a ela.

E como me falou de Dora, sentada à janela no escuro, como ouviu meus elogios a ela, elogiou de novo, e em torno da pequena figura de fada lançou lampejos de sua luz pura, que a tornaram ainda mais preciosa e inocente para mim! Ah, Agnes, irmã de minha infância, se eu soubesse então o que descobri muito mais tarde!...

Havia um mendigo na rua quando desci, e quando virei a cabeça para a janela, pensando nos olhos calmos de serafim de Agnes, ele me sobressaltou ao murmurar, como um eco da manhã:

– Cego! Cego! Cego!

XXXVI

Entusiasmo

Comecei o dia seguinte com outro mergulho no banho romano e parti para Highgate. Não estava desanimado agora. Não tinha medo do casaco esfarrapado e não desejava cavalos cinzentos. Toda a minha maneira de pensar sobre nosso atual infortúnio havia mudado. O que tinha de fazer era mostrar a minha tia que toda a sua bondade comigo no passado não havia sido desperdiçada num sujeito insensível e ingrato. O que tinha de fazer era transformar toda a dolorosa disciplina de meus primeiros tempos indo trabalhar com o coração firme e resoluto. O que tinha de fazer era pegar o machado nas mãos e abrir meu próprio caminho na floresta de dificuldades, derrubando as árvores até chegar a Dora. E segui muito depressa, como se pudesse conquistar tudo caminhando.

Quando me vi na Highgate familiar, empenhado numa tarefa tão diferente daquela de antigo prazer com a qual associava a rua, pareceu-me que uma mudança completa havia ocorrido em toda a minha vida. Mas isso não me desanimou. Com a nova vida, veio novo propósito, nova intenção. Grande era o trabalho, inestimável a recompensa. Dora era a recompensa, e Dora precisava ser conquistada.

Senti tamanho estímulo que até tive pena de meu casaco não estar já um pouco rasgado. Queria cortar aquelas árvores da floresta de dificuldades em circunstâncias que provassem minha força. Cheguei a pensar em pedir a um velho, de óculos de aro metálico, que quebrava pedras na rua, para me emprestar um pouco sua marreta para começar a abrir um caminho de granito até Dora. Me estimulei a tal ardor e fiquei tão sem fôlego que senti como se estivesse ganhando não sei quanto. Nesse estado de espírito, entrei num chalé que vi para alugar, examinei-o minuciosamente, porque sentia necessidade de ser prático. Serviria para Dora e eu admiravelmente: com um jardinzinho na frente para Jip correr e latir aos vendedores pela cerca e um quarto principal no andar de cima,

para minha tia. Saí de volta, mais acalorado e apressado que nunca, e segui depressa para Highgate, com tal velocidade que cheguei lá uma hora antes da hora marcada. E mesmo que não estivesse adiantado, teria sido obrigado a passear um pouco para serenar antes de estar apresentável.

Minha primeira providência, depois desses preparativos necessários, foi encontrar a casa do doutor. Não era naquela parte de Highgate onde morava a sra. Steerforth, mas do lado oposto da cidadezinha. Quando descobri isso, voltei, numa atração que não consegui resistir, a uma alameda diante da casa da sra. Steerforth e espiei por cima de um canto do muro do jardim. O quarto dele estava fechado. As portas da estufa estavam abertas, e Rosa Dartle caminhava, de cabeça descoberta, com passo rápido e impetuoso, de um lado para outro do passeio de cascalho lateral ao gramado. Ela me pareceu uma criatura feroz, a arrastar sua corrente para lá e para cá de um caminho marcado, esgotando o coração.

Afastei-me silenciosamente desse posto de observação, e evitando aquela parte do bairro, desejando não ter chegado lá perto, vaguei até as dez horas. A igreja de torre esguia, que hoje existe no alto da colina, não existia nessa época para dizer a hora. Em seu lugar, havia uma velha mansão de tijolos vermelhos, usada como escola. E devia ser uma bela casa antiga onde se estudar, pelo que me lembro.

Quando me aproximei do chalé do doutor – um lindo lugar antigo, no qual pelo jeito ele havia investido algum dinheiro, a julgar pelos embelezamentos e consertos que acabavam de ser realizados –, eu o vi caminhando no jardim lateral, de polainas e tudo, como se nunca tivesse parado de caminhar desde os dias em que eu era seu aluno. Levava com ele seus velhos companheiros também, porque havia em torno muitas árvores altas e, no chão, duas ou três gralhas cuidando dele, como se tivessem recebido alguma mensagem dos viveiros de Canterbury e o estivessem observando de perto por isso.

Sabendo que era completamente inútil tentar atrair sua atenção de tão longe, tive a ousadia de abrir o portão e ir até ele, para encontrá-lo quando se virasse. Quando o fez e veio em minha direção, pareceu pensativo por alguns momentos, evidentemente sem pensar em mim,

mas em seguida seu rosto benevolente expressou extraordinário prazer e ele pegou minhas mãos.

– Ora, o meu querido Copperfield – disse o doutor – está um homem! Como vai? Que prazer ver você. Meu querido Copperfield, como você cresceu! Está tão... é... nossa!

Eu disse que esperava que ele estivesse bem, assim como a sra. Strong.

– Ah, sim, claro! – disse o doutor. – Annie está muito bem e vai adorar encontrar com você. Você sempre foi o favorito dela. Disse isso ontem à noite quando mostrei para ela a sua carta. E, claro, você se lembra do senhor Jack Maldon, Copperfield?

– Perfeitamente, sim, senhor.

– Claro – disse o doutor. – Com certeza. *Ele* também está muito bem.

– Voltou para cá, doutor? – perguntei.

– Da Índia? – perguntou o doutor. – Voltou. O senhor Jack Maldon não suportou o clima lá, querido. A senhora Markleham, você não se esqueceu da senhora Markleham?

Esquecer da Velho Soldado! Em tão pouco tempo!

– A senhora Markleham – disse o doutor – ficou muito preocupada com ele, coitada. Então, fizemos com que voltasse para casa e conseguimos uma patentezinha que combina muito mais com ele.

Eu conhecia o sr. Jack Maldon o suficiente para desconfiar a partir disso que se tratasse de um posto em que não tivesse que fazer muita coisa e fosse bem pago. O doutor, caminhando de um lado para outro com a mão em meu ombro e o rosto gentil voltado animadoramente para mim, continuou:

– Agora, meu querido Copperfield, quanto a essa sua proposta. É muito gratificante e agradável para mim, com toda a certeza, mas não acha que pode encontrar ocupação melhor? Quando esteve conosco, você se destacou. Está qualificado para muitas coisas boas. Estabeleceu os alicerces para construir nelas qualquer edifício, e não seria uma pena dedicar os melhores anos de sua vida aos pobres objetivos que posso oferecer?

Recuperei o ardor, e me expressando num estilo que, temo, fosse rapsódico, insisti fortemente em minha proposta, lembrando ao doutor que já tinha uma profissão.

– Bom, bom – disse o doutor –, é verdade. Com certeza, tem uma profissão e faz uma diferença estar efetivamente ocupado em estudar para ela. Mas, meu bom amigo, o que são setenta libras anuais para um jovem?

– Duplica nossos rendimentos, doutor Strong – disse eu.

– Nossa! – exclamou o doutor. – Quem poderia imaginar! Não que eu queira dizer que é limitado rigidamente a setenta libras anuais, porque sempre pensei em oferecer também um presente a qualquer jovem que empregasse assim. Sem nenhuma dúvida – disse o doutor, ainda caminhando de um lado para outro com a mão em meu ombro –, sempre levei em conta um presente anual.

– Meu querido mestre – eu disse, agora, realmente sem nenhum rebuscamento –, a quem já devo mais obrigações do que jamais poderei compensar...

– Não, não – retorquiu o doutor. – Nada disso!

– Se usar o tempo que tenho, e que são manhãs e fins de tarde, e achar que vale setenta libras por ano, já estará me prestando um serviço tamanho que nem sei o que dizer.

– Ora, ora! – disse o doutor, inocente. – Pensar que tão pouco possa valer tanto! Ora, ora! E quando encontrar coisa melhor, você aceita? Palavra de honra? – disse o doutor, que sempre apelara com muita gravidade para a honra de seus alunos.

– Dou minha palavra, doutor! – respondi à maneira de nossa velha escola.

– Então, seja! – disse o doutor, batendo em meu ombro e mantendo a mão enquanto continuávamos a caminhar.

– E vou ficar vinte vezes mais contente, doutor – disse eu, com uma pequena lisonja que espero fosse inocente –, se meu trabalho for com o dicionário.

O doutor parou, com um sorriso tornou a bater em meu ombro e

exclamou, com um triunfo absolutamente delicioso de se ver, como se eu tivesse penetrado as grandes profundidades da sagacidade mortal:

– Meu querido amigo, acertou na mosca. É o dicionário!

Como poderia ser qualquer outra coisa! Os bolsos dele estavam tão cheios do dicionário quanto a sua cabeça. Os papéis saíam dele por todos os lados. Ele me disse que, desde que se aposentara da vida escolar, o livro avançara maravilhosamente, e que nada lhe serviria melhor que o arranjo proposto de manhãs e tardes, uma vez que era seu costume caminhar no meio do dia, enquanto pensava. Seus papéis estavam em certa confusão, como consequência de o sr. Jack Maldon ter oferecido ultimamente seus serviços ocasionais de amanuense, sem estar acostumado a essa ocupação, mas logo poríamos em ordem o que estava confuso, e tudo correria bem. Depois, quando já estávamos avançados no trabalho, descobri que os esforços do sr. Jack Maldon eram mais trabalhosos para mim do que eu esperava, uma vez que ele não se limitara a cometer erros numerosos, como também desenhara muitas cabeças de soldados e damas nos manuscritos do doutor, de forma que me via muitas vezes envolvido em labirintos de obscuridade.

O doutor ficou bem feliz com a perspectiva de trabalharmos juntos naquela maravilhosa realização, e combinamos que eu começaria na manhã seguinte, às sete horas. Trabalharíamos duas horas toda manhã, e duas ou três horas toda noite, exceto aos sábados, quando eu devia descansar. Aos domingos, claro, eu descansaria também, e considerei essas condições bastante tranquilas.

Estabelecidos assim os nossos planos, para mútua satisfação, o doutor me fez entrar em casa para cumprimentar a sra. Strong, que encontramos no novo escritório do doutor, tirando o pó de seus livros, uma liberdade que ele nunca permitia que ninguém mais tomasse com aqueles sagrados favoritos.

Tinham retardado o desjejum por minha causa, e juntos nos sentamos à mesa. Não estávamos sentados havia muito quando, antes de ouvir qualquer som, vi no rosto da sra. Strong que alguém se aproximava. Um cavalheiro montado chegou ao portão, levou o cavalo ao pequeno pátio com a rédea no braço, como se estivesse bem à vontade, amarrou-o num

anel livre na parede da cocheira e entrou na sala do desjejum com o chicote na mão. Era o sr. Jack Maldon, e a Índia não havia melhorado em nada o sr. Jack Maldon, achei. Eu, porém, estava no estado de feroz virtude dos jovens que estão cortando as árvores da floresta de dificuldades, e minha impressão deve ser recebida com a devida cautela.

– Senhor Jack! – disse o doutor. – Copperfield!

O sr. Jack Maldon apertou minha mão; mas sem muito entusiasmo, acredito; e com um ar de lânguida superioridade que secretamente me ofendeu bastante. Mas essa languidez era uma coisa incrível de se ver, exceto quando se dirigia a sua prima Annie.

– Já tomou seu café da manhã, senhor Jack? – perguntou o doutor.

– Quase nunca tomo café da manhã – replicou ele com a cabeça reclinada na poltrona. – Acho aborrecido.

– Alguma novidade hoje? – perguntou o doutor.

– Absolutamente nada – replicou o sr. Maldon. – Diz um relatório que as pessoas estão passando fome e descontentes no Norte, mas sempre existe alguém com fome e descontente em algum lugar.

O doutor pareceu sério e disse, como quem quer mudar de assunto:

– Então, nenhuma notícia. E pelo que dizem, nenhuma notícia é boa notícia.

– Os jornais trazem uma longa reportagem sobre um assassinato – observou o sr. Maldon. – Mas alguém sempre é assassinado e eu nunca leio.

Uma demonstração de indiferença por todas as ações e paixões da humanidade não era considerada uma qualidade distinta naquele momento, acho eu, como observei ter passado a ser depois disso. Sei que está muito na moda mesmo. Já vi essa atitude exibida com tamanho sucesso que encontrei muitas ótimas damas e cavalheiros que podiam ter nascido lagartas que não faria diferença. Talvez tenha me impressionado mais naquela época porque era novidade para mim, mas com toda a certeza não exaltou minha opinião nem fortaleceu minha confiança no sr. Jack Maldon.

– Vim perguntar se Annie gostaria de ir à ópera esta noite – disse o sr.

Maldon olhando para ela. – É a última noite boa desta temporada, e uma das cantoras merece mesmo ser ouvida. É absolutamente perfeita. Além disso, é adoravelmente feia. – E retomou a languidez.

O doutor, sempre satisfeito com o que pudesse satisfazer sua jovem esposa, virou para ela e disse:

– Você deve ir, Annie. Deve ir.

– Prefiro não ir – ela disse ao doutor. – Prefiro ficar em casa. Preferia mesmo ficar em casa.

Sem olhar para o primo, ela então se dirigiu a mim, e perguntou de Agnes, e se devia ir vê-la, e se era possível ir naquele mesmo dia; e tão perturbada, que eu me perguntei como o doutor, passando manteiga em sua torrada, podia ser tão cego ao que era tão óbvio.

Mas ele nada viu. Disse a ela, bem-humorado, que era jovem e que devia se distrair, se entreter, não devia permitir ser aborrecida por um velho aborrecido. Além disso, ele falou, queria ouvi-la cantar todas as canções da nova cantora para ele; e como poderia fazer isso se não fosse? Então o doutor insistiu que ela aceitasse o convite, e o sr. Jack Maldon devia voltar para jantar. Isso concluído, ele foi para o seu posto de patente, acredito, de qualquer forma foi até seu cavalo parecendo muito entediado.

Na manhã seguinte, eu estava curioso para saber se ela havia ido. Não foi, mas mandara recado a Londres para desmarcar com o primo; e saíra à tarde para encontrar com Agnes. Convencera o doutor a ir com ela e voltaram a pé pelos campos, me contou o doutor, uma vez que a tarde estava deliciosa. Me perguntei então se ela teria ido se Agnes não estivesse na cidade, e se Agnes tivera alguma boa influência sobre ela também!

Ela não parecia muito feliz, achei; mas a aparência era boa, ou muito falsa. Olhava muitas vezes para ela, porque o tempo todo ficou sentada à janela onde trabalhávamos, e preparou nosso desjejum, que tomamos aos bocados, enquanto trabalhávamos. Quando saí, às nove horas, estava ajoelhada no chão aos pés do doutor, calçando os sapatos e as polainas dele. Havia um tom mais brando em seu rosto, lançado por umas folhas verdes que pendiam pela janela aberta da sala baixa, e durante todo o

caminho até a Corte Civil fui lembrando aquela noite em que a vira olhando para ele enquanto lia.

Eu estava bem ocupado agora; me levantava às cinco da manhã e voltava para casa às nove ou dez da noite. Mas sentia infinita satisfação em estar tão ocupado, e jamais andava devagar por nenhuma razão. Sentia que, quanto mais me cansava, mais estava fazendo para merecer Dora. Não havia ainda revelado a Dora minha nova ocupação, porque dentro de alguns dias ela visitaria a srta. Mills, e eu deixei para contar tudo a ela quando viesse, limitando-me a informá-la, em minhas cartas (todas as nossas comunicações eram encaminhadas em segredo pela srta. Mills), que tinha muita coisa para contar. Nesse meio-tempo, diminuí meu uso da pomada de cabelo, abandonei inteiramente o sabonete perfumado e a água de lavanda e, num prodigioso sacrifício, vendi três coletes luxuosos demais para a minha carreira austera.

Insatisfeito com todos esses procederes, mas queimando de impaciência para fazer mais alguma coisa, fui procurar Traddles, agora acomodado atrás do parapeito de uma casa na Castle Street, Holborn. Levei o sr. Dick, que duas vezes já estivera em Holborn comigo e retomara a proximidade com o doutor.

Levei o sr. Dick comigo porque, agudamente sensível aos reveses de minha tia e com a sincera convicção de que nenhum escravo nem prisioneiro trabalhava tanto quanto eu, ele começara a se inquietar e se preocupar, desanimado e sem apetite, por não ter nada útil a fazer. Nesse estado, sentia-se mais incapaz do que nunca de terminar o memorial, e quanto mais trabalhava nele, com maior frequência a infeliz cabeça do rei Charles i nele se intrometia. Seriamente apreensivo de que sua doença piorasse, a menos que lhe déssemos alguma inocente ilusão e o fizéssemos acreditar que era útil, ou a menos que conseguíssemos que fosse de fato útil (o que seria melhor), decidi perguntar a Traddles se podia nos ajudar. Antes de irmos, escrevi a Traddles um relatório completo do que acontecera e Traddles mandou uma resposta significativa, expressando sua simpatia e amizade.

Nós o encontramos muito ocupado com seu tinteiro e papéis, aliviado pela visão do suporte de vaso e da mesinha redonda num canto do

pequeno apartamento. Nos recebeu cordialmente e num instante estabeleceu amizade com o sr. Dick. O sr. Dick declarou com absoluta certeza que já o tinha visto antes, e nós dois dissemos: “Muito provável”.

A primeira questão sobre a qual queria consultar Traddles era a seguinte: tinha ouvido dizer que muitos homens notáveis em diversos campos haviam começado a vida fazendo relatórios dos debates do Parlamento. Traddles já comentara comigo que os jornais eram uma de suas esperanças, eu juntara uma coisa com outra e dissera a Traddles em minha carta que gostaria de saber se eu estaria qualificado para essa função. Traddles então me informou, como resultado de suas pesquisas, que o mero aprendizado mecânico necessário, ou seja, o domínio total e perfeito do mistério da escrita e leitura de taquigrafia, exceto em casos raros, equivalia, para total excelência na atividade, à dificuldade de dominar seis línguas, e que talvez pudesse ser obtida, com perseverança, ao longo de alguns anos. Traddles supunha, razoavelmente, que isso encerrava a questão, mas eu, sentindo que havia ali algumas altas árvores a serem cortadas, resolvi na mesma hora abrir meu caminho para Dora por essa selva, machado em punho.

– Fico muito grato a você, meu caro Traddles! – disse eu. – Começo amanhã.

Traddles pareceu perplexo, como era de se esperar, mas ainda não fazia ideia do meu estado de arrebatamento.

– Vou comprar um livro – disse eu – com um bom esquema dessa arte. Posso estudar com ele na Corte, onde não tenho muita coisa para fazer. Vou registrar os discursos do nosso tribunal para praticar... Traddles, meu caro amigo, vou dominar essa técnica!

– Nossa! – exclamou Traddles, arregalando os olhos. – Não fazia ideia que fosse tão determinado, Copperfield.

Não sei como poderia, de fato, pois aquilo era novidade para mim também. Mudei de assunto e passei a palavra ao sr. Dick.

– Sabe – disse o sr. Dick, ansioso –, se eu tivesse forças, senhor Traddles, se pudesse tocar tambor, ou soprar alguma coisa!

Pobre homem! Não tenho nenhuma dúvida de que ele preferiria um trabalho desse tipo a qualquer outro. Traddles, que jamais riria dele por

nada deste mundo, respondeu muito sério:

– Mas o senhor é muito bom na escrita. Não foi o que você me disse, Copperfield?

– Excelente! – falei. E ele era de fato. Sua caligrafia era excepcionalmente caprichada.

– Não acha, senhor Dick – disse Traddles –, que poderia copiar textos se eu passasse ao senhor?

O sr. Dick olhou para mim cheio de dúvidas.

– Hein, Trotwood?

Balancei a cabeça. O sr. Dick balançou a dele e suspirou.

– Conte para ele do memorial – disse o sr. Dick.

Expliquei a Traddles que havia uma dificuldade em manter o rei Charles i fora dos manuscritos do sr. Dick, enquanto o sr. Dick olhava com muita deferência e seriedade para Traddles, chupando o polegar.

– Mas esses escritos de que estou falando, sabe, já estão completos, terminados – disse Traddles depois de uma breve reflexão. – O senhor Dick não teria de fazer nada com eles. Isso faria alguma diferença, Copperfield? De qualquer forma, não valeria a pena tentar?

Isso nos deu novas esperanças. Traddles e eu conversávamos com as cabeças muito juntas, enquanto o sr. Dick observava ansiosamente de sua cadeira, e armamos um esquema em virtude do qual conseguimos pô-lo para trabalhar no dia seguinte, com triunfante sucesso.

Numa mesa junto à janela na Buckingham Street, instalamos o trabalho que Traddles passou para ele, que era fazer não me lembro quantas cópias de um documento legal sobre um direito de trânsito, e em outra mesa instalamos o original inacabado do grande memorial. Nossas instruções ao sr. Dick foram que copiasse exatamente o que tinha diante de si, sem se afastar em nada do original, e que, quando sentisse necessidade de fazer a mais ligeira alusão ao rei Charles i, corresse para o memorial. Nós o exortamos a ser resoluto quanto a isso e o deixamos sob observação de minha tia. Ela nos contou depois que, no começo, ele era como um homem tocando tambores, e dividia constantemente as atenções entre os dois; mas concluindo que isso o confundia e cansava, e

tendo a cópia ali bem diante de seus olhos, cuidou de fazê-la de maneira ordenada e profissional, deixando o memorial para momento mais conveniente. Em resumo, embora tomasse grande cuidado em não fazer mais do quanto lhe fosse benéfico, e embora tivesse começado apenas no início da semana, na noite do sábado seguinte ganhou dez xelins e nove pence e nunca, enquanto eu viver, esquecerei como ele foi a todas as lojas do bairro para trocar esse tesouro em moedas de seis pence e levá-las a minha tia arrumadas em forma de coração numa bandeja, com lágrimas de alegria e orgulho nos olhos. Ele parecia alguém sob a influência de um encantamento propício desde o momento em que se viu empregado com utilidade. E se havia no mundo um homem feliz naquele sábado à noite, era a criatura que considerava minha tia a mulher mais maravilhosa que existia e eu, o jovem mais maravilhoso.

– Não vamos mais passar fome, Trotwood – disse o sr. Dick, apertando minha mão num canto. – Vou prover o sustento dela! – E fez um floreio com os dez dedos no ar, como se fossem dez bancos.

Era difícil saber quem estava mais contente, se Traddles ou eu.

– Realmente – disse Traddles, de repente, tirando uma carta do bolso e entregando para mim –, isso tirou o senhor Micawber da minha cabeça.

A carta (o sr. Micawber nunca perdia a oportunidade de escrever uma carta) era dirigida a mim, "Através da gentileza do sr. T. Traddles, do Templo Interno". Dizia assim:

MEU CARO COPPERFIELD,

O senhor talvez não esteja despreparado para receber a informação de que surgiu alguma coisa. Como mencionei em ocasião anterior havia a expectativa de tal evento.

Estou em vias de me estabelecer em uma cidade do interior de nossa ilha adorada (onde a sociedade pode ser descrita como uma alegre mistura de agrícola e clerical), em contato direto com uma das profissões cultas. A sra. Micawber e nossa prole me acompanharão. Nossas cinzas, em período futuro, provavelmente serão espalhadas no cemitério adjunto a uma venerável edificação pela qual o local a que me refiro adquiriu reputação, pode-se afirmar, da China ao Peru.

Ao dizer adeus à moderna Babilônia, onde passamos muitas vicissitudes, acredito que não ignobilmente, a sra. Micawber e eu próprio não podemos deixar de pensar que nos despedimos, talvez por anos, talvez para sempre, de um indivíduo ligado por forte associação ao altar de nossa vida doméstica. Se, na noite de nossa partida, o senhor acompanhar nosso amigo comum, sr. Thomas Traddles, à nossa atual residência e ali permutar os votos naturais à ocasião, será um prêmio

para
aquele
que
será
sempre seu,
WILKINS MICAWBER.

Fiquei contente de saber que o sr. Micawber havia se livrado de sua poeira e cinzas e que algo realmente havia surgido afinal. Ao saber por Traddles que o convite se referia à noite em curso, expressei minha disposição de atendê-lo. Saímos juntos para o local que o sr. Micawber ocupava sob o nome de sr. Mortimer e que ficava situado quase no alto da Gray's Inn Road.

Os recursos nesses cômodos eram tão limitados que encontramos os gêmeos, agora com seus oito ou nove anos, repousando em uma cama de embutir na sala da família, onde o sr. Micawber havia preparado, num jarro de lavatório, o que ele chamava de "beberagem", aquela agradável bebida pela qual era famoso. Nessa ocasião, tive o prazer de renovar meu conhecimento do jovem Micawber, que descobri ser um rapazinho promissor de doze ou treze anos, sujeito àquela inquietação de membros que não é fenômeno raro nessa idade. Renovei também o contato com sua irmã, a srta. Micawber, que era, como nos disse o sr. Micawber, "a própria mãe em renovada juventude, como a Fênix".

– Meu querido Copperfield – disse o sr. Micawber –, você e o senhor Traddles nos encontram no limiar da migração, e vão nos desculpar qualquer pequeno desconforto decorrente dessa situação.

Olhando em torno enquanto dava uma resposta adequada, observei que os bens familiares já estavam empacotados e que o volume de bagagem não era nada grande. Congratulei a sra. Micawber pela mudança iminente.

– Meu querido senhor Copperfield – disse a sra. Micawber –, tenho toda a confiança em seu carinhoso interesse por nossos negócios. Minha família pode considerar que estamos sendo banidos, mas sou esposa e mãe e nunca vou abandonar o senhor Micawber.

Traddles, a quem a sra. Micawber dirigiu um olhar súplice, concordou.

– Essa – disse a sra. Micawber –, essa, ao menos, é a minha opinião, queridos senhores Copperfield e Traddles, sobre a obrigação que assumi quando repeti as palavras irrevogáveis : "Eu, Emma, aceito você, Wilkins". Li o ritual ontem à luz de velas, e a conclusão que tirei é que nunca poderei abandonar o senhor Micawber. E – disse a sra. Micawber – embora eu possa estar errada na minha maneira de ver a cerimônia, nunca abandonarei!

– Minha querida – disse o sr. Micawber, um pouco impaciente –, não acho que você venha a fazer nada do gênero.

– Sei bem, meu querido senhor Copperfield – prosseguiu a sra. Micawber –, que estou a ponto de arriscar minha sorte entre estranhos. Também sei bem que os vários membros da minha família, a quem o senhor Micawber escreveu nos termos mais cavalheirescos, anunciando o fato, não deram a mínima importância à comunicação do senhor Micawber. De fato, pode ser superstição minha – disse a sra. Micawber –, mas me parece que o destino do senhor Micawber é nunca receber nenhuma resposta para a grande maioria das cartas que escreve. Concluo, pelo silêncio de minha família, que eles são contra a resolução que tomei, mas não posso permitir que me desviem do caminho do dever, senhor Copperfield, mesmo que papai e mamãe ainda estivessem vivos.

Expressei a opinião de que estava indo tudo pelo caminho certo.

– Pode ser um sacrifício – disse a sra. Micawber – emparedar-se numa cidade que gira em torno de uma catedral, mas sem dúvida, senhor Copperfield, se é um sacrifício para mim, muito maior sacrifício será para um homem com as habilidades do senhor Micawber.

– Ah! Estão indo para uma sede de bispado? – perguntei.

O sr. Micawber, que estava servindo a todos com o jarro de lavatório, replicou:

– Para Canterbury. Na realidade, meu querido Copperfield, fiz arranjos em virtude dos quais estou ligado por contrato a nosso amigo Heep, como ajudante na função de... para servir como... escriturário de confiança.

Fiquei olhando para o sr. Micawber, que se divertia muito com minha surpresa.

– Devo dizer a você – ele falou com um ar oficial – que, em grande parte, as sugestões práticas e prudentes da senhora Micawber é que levaram a esse resultado. O desafio ao qual a senhora Micawber se referiu em ocasião anterior, lançado em forma de um anúncio, foi aceito por meu amigo Heep, e levou a um reconhecimento recíproco. De meu amigo Heep – disse o sr. Micawber –, que é um homem de notável percepção, desejo falar com todo o respeito possível. Meu amigo Heep não fixou a remuneração em valor muito alto, mas muito fez no sentido de desembaraçar a pressão de dificuldades pecuniárias, contingente ao valor de meus serviços, e no valor desses serviços deposito minha confiança. O discurso e a inteligência que eu possa possuir – disse o sr. Micawber, vaidosamente se autodepreciando com seu velho ar elegante – dedicarei aos serviços de meu amigo Heep. Tenho já alguma familiaridade com a lei, como réu de processo civil, e devo imediatamente me dedicar aos comentários de um dos mais eminentes e notáveis de nossos juristas ingleses. Acredito ser desnecessário acrescentar que me refiro ao meritíssimo juiz Blackstone.{30}

Essas observações e, de fato, a maior parte das observações feitas essa noite eram interrompidas pela sra. Micawber ao ver o jovem Micawber sentado em cima das botas, ou segurando a cabeça com ambos os braços como se estivesse solta, ou chutando acidentalmente Traddles por baixo da mesa, ou esfregando um pé no outro, ou colocando os pés tão separados que parecia um ultraje à natureza, ou deitado de lado com o cabelo entre os copos de vinho, ou manifestando sua inquietação dos membros em alguma outra forma incompatível com os interesses gerais da sociedade. E o jovem Micawber recebia com ressentimento essas advertências. Eu estava o tempo todo perplexo com a revelação do sr. Micawber e me perguntando que sentido teriam, até que a sra. Micawber retomou o fio de seu discurso, solicitando minha atenção.

– O que peço particularmente ao senhor Micawber é que – disse a sra. Micawber –, ao se dedicar a esse ramo subordinado do sistema legal, meu caro senhor Copperfield, ele não ponha fora de alcance a possibilidade

de, no fim, chegar ao topo da árvore. Estou convencida de que o senhor Micawber, dedicando-se a uma profissão tão adaptada a seus férteis recursos e a sua facilidade de expressão, com certeza irá se distinguir. Agora, por exemplo, senhor Traddles – disse a sra. Micawber, assumindo uma expressão profunda –, um juiz ou mesmo um ministro, digamos. Um indivíduo elimina seu acesso a essas primazias ao entrar na carreira do jeito que o senhor Micawber aceitou entrar?

– Minha querida – observou o sr. Micawber, olhando inquisitivamente para Traddles também –, temos tempo suficiente para considerar essas questões.

– Micawber – ela retorquiu –, não! Seu erro na vida é que você não planeja com antecedência suficiente. Você tem o dever, por justiça com sua família, senão consigo mesmo, de lançar um olhar abrangente ao ponto extremo do horizonte aonde suas habilidades podem levar.

O sr. Micawber tossiu e bebeu seu ponche com ar de extrema satisfação, ainda olhando para Traddles, como se quisesse saber a opinião dele.

– Ora, o caso em si, de fato, senhora Micawber – disse Traddles, revelando a verdade brandamente para ela –, quero dizer, o fato prosaico, real, sabe...

– Exatamente – disse a sra. Micawber –, meu caro senhor Traddles, quero ser tão prosaica e literal quanto possível numa questão de tamanha importância.

– ... é que esse ramo da lei – disse Traddles –, mesmo que o senhor Micawber fosse um advogado formado...

– Exatamente – retorquiu a sra. Micawber. – Wilkins, você está fechando os olhos e não vai conseguir abrir de novo.

– ... não tem nada a ver com isso – prosseguiu Traddles. – Só um advogado formado tem acesso a essas primazias, e o senhor Micawber só poderia ser um advogado se entrasse como estudante residente numa corte durante cinco anos.

– Será que estou acompanhando? – perguntou a sra. Micawber com o mais afável ar administrativo. – Devo entender, meu caro senhor

Traddles, que, completado esse período, o senhor Micawber estaria capacitado a se tornar um juiz ou ministro?

– Estaria *capacitado* – respondeu Traddles, com forte ênfase nessa palavra.

– Muito obrigada – disse a sra. Micawber. – Isso já basta. Se é esse o caso e o senhor Micawber não perde nenhum privilégio ao assumir essas atribuições, fico menos ansiosa – disse a sra. Micawber. – Falo como mulher, necessariamente, mas sempre fui da opinião de que o sr. Micawber possui aquilo que, quando morava em casa de minha família, vi meu pai chamar de mente judiciária. E espero que o senhor Micawber esteja agora entrando num campo em que essa mente possa se desenvolver e assumir uma posição de comando.

Acredito que o sr. Micawber se visse, em sua mente judiciária, já no posto de presidente da Câmara dos Lordes. Ele passou a mão vaidosamente sobre a calva e disse com resignada ostentação:

– Minha querida, não vamos nos antecipar aos decretos da fortuna. Se estou destinado a usar uma peruca, ao menos externamente já estou preparado – aludindo à sua calva – para essa distinção. Não lamento a perda de meu cabelo – disse o sr. Micawber –, e posso ter sido privado dele por uma razão específica. Não posso dizer. É minha intenção, meu querido Copperfield, educar meu filho para a vida eclesiástica. Não vou negar que ficaria contente se ele atingisse a eminência.

– Para a vida eclesiástica? – perguntei, ainda pensando em Uriah Heep.

– Isso mesmo – disse o sr. Micawber. – Ele tem uma voz excelente e vai começar a cantar no coro. Nossa residência em Canterbury e nossa ligação local irá, sem dúvida, permitir que ele se valha de alguma vaga que possa surgir no corpo da catedral.

Olhando de novo para o jovem Micawber, vi que tinha certa expressão no rosto, como se sua voz ficasse entre as sobrancelhas, onde parecia de fato estar, quando cantou para nós (como alternativa a ir para a cama) “Pica o pica-pau”. Depois de muitos elogios ao seu desempenho, entabulamos alguma conversa geral, e como eu estava dominado demais por minhas desesperadas intenções para conseguir manter reserva sobre

a mudança de minha condição, contei tudo ao sr. e sra. Micawber. Nem posso expressar como ficaram ambos extremamente deliciados ao saber que minha tia estava em dificuldades; e como isso os deixava confortadores e amigos.

Quando estávamos quase chegando à última rodada de ponche, me dirigi a Traddles e o lembrei que não podíamos nos separar sem desejar aos nossos amigos saúde, felicidade e sucesso na nova carreira. Pedi ao sr. Micawber que enchesse nossos copos e propus o brinde com a forma devida: apertando a mão dele por cima da mesa e beijando a sra. Micawber para celebrar a importante ocasião. Traddles me imitou na primeira atitude, mas não se considerou amigo velho o bastante para a segunda.

– Meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber levantando-se com os polegares nos bolsos do colete –, companheiro de minha juventude: se me permite a expressão, e meu estimado amigo Traddles: se me permite chamar você assim, aceitem da parte da senhora Micawber, de minha parte e de nossos filhos os agradecimentos nos termos mais cálidos e desinteressados pelos bons votos de vocês. Pode-se esperar que na noite de uma migração que nos proporcionará uma existência inteiramente nova – o sr. Micawber falava como se fosse viajar para o outro lado da Terra – eu deva oferecer algumas observações de despedida aos dois amigos que vejo diante de mim. Mas tudo o que tinha a dizer nesse sentido, já disse. Seja qual for o nível que eu venha a obter na sociedade, através da culta profissão de que estou a ponto de me tornar um membro indigno, darei o melhor de mim para não envergonhar ninguém e permitir que a senhora Micawber se orgulhe. Sob a pressão temporária de dificuldades pecuniárias, contraídas com vistas a imediata liquidação, mas que permaneceram não liquidadas devido a um conjunto de circunstâncias, estive sob a necessidade de assumir um disfarce que meu instinto natural recusa (refiro-me aos óculos) e assumir um cognome ao qual não posso legitimamente pretender. Tudo o que tenho a dizer a respeito é que as nuvens passaram sobre esse cenário terrível e o deus do dia se encontra uma vez mais no alto das montanhas. Na próxima segunda-feira, com a chegada da diligência das quatro horas a

Canterbury, meu pé pisará terra natal, meu nome será Micawber!

O sr. Micawber tornou a sentar-se ao encerrar essas observações e bebeu dois copos de ponche em rápida sucessão. Depois, disse com muita solenidade:

– Uma coisa mais preciso fazer antes que se complete a separação, e é praticar um ato de justiça. Meu amigo, senhor Thomas Traddles, em duas ocasiões "emprestou seu nome", se posso usar uma expressão comum, a promissórias para minha comodidade. Na primeira ocasião, o senhor Thomas Traddles se viu, permitam que eu diga, em resumo, desamparado. A execução da segunda ainda não chegou. O montante da primeira obrigação – aqui o sr. Micawber consultou cuidadosamente os papéis – foi, acredito, de vinte e três libras, quatro xelins e nove pence e meio. Da segunda, segundo minhas anotações dessa transação, dezoito libras, seis xelins e dois pence. A soma de ambas chega a um total, se meu cálculo está correto, de quarenta e uma libras, dez xelins e onze pence e meio. Meu amigo Copperfield poderá, talvez, me fazer o favor de conferir o total?

Fiz o que pediu e concluí que estava correto.

– Deixar esta metrópole – disse o sr. Micawber – e meu amigo senhor Thomas Traddles, sem cumprir com a parte pecuniária desta obrigação, pesaria sobremaneira sobre a minha consciência, então preparei para meu amigo, senhor Thomas Traddles, um documento, que agora tenho em mãos, e que atinge o objeto desejado. Peço a permissão para entregar a meu amigo, senhor Thomas Traddles, meu reconhecimento de dívida no valor de quarenta e uma libras, dez xelins e onze pence e meio, feliz por recuperar assim minha dignidade moral e saber que posso, uma vez mais, andar de cabeça erguida entre os meus próximos!

Com essa introdução, que muito o emocionou, o sr. Micawber entregou seu reconhecimento de dívida na mão de Traddles e disse que lhe desejava o melhor em todos os setores de sua vida. Estou convencido de que isso, para o sr. Micawber, não só equivalia a pagar o dinheiro, como o próprio Traddles dificilmente entenderia a diferença até ter tempo suficiente para pensar a respeito.

O sr. Micawber caminhava tão ereto entre seus próximos, por força

dessa ação virtuosa, que seu peito parecia duas vezes mais largo quando desceu conosco a escada. Nos despedimos com muito afeto de ambas as partes, e quando deixei Traddles na porta de sua casa e estava voltando sozinho para casa, pensei, entre outras coisas variadas e contraditórias, que, escorregadio como era o sr. Micawber, eu provavelmente devia a ele alguma compassiva lembrança que guardava de mim como seu inquilino menino, por nunca ter me pedido dinheiro. Por certo não teria tido a coragem moral de recusar, e não tenho dúvidas de que ele sabia disso tão bem como eu (fique registrado a seu crédito).

XXXVII

Um pouco de água fria

Minha nova vida durava mais de uma semana, e eu estava mais forte que nunca naquelas tremendas resoluções práticas que achava que a crise exigia. Continuava andando extremamente rápido e tinha uma ideia geral de que estava progredindo. Assumi como regra tirar o máximo possível de mim mesmo ao realizar tudo em que aplicava minhas energias. Fiz de mim mesmo uma vítima perfeita. Cheguei a alimentar a ideia de adotar uma dieta vegetariana, pensando vagamente que tornar-me um animal herbívoro era um sacrifício por Dora.

Até então, a pequena Dora não fazia a menor ideia de minha desesperada firmeza, a não ser que minhas cartas não conseguissem encobri-la. Mas veio outro sábado e nesse sábado à noite ela estaria em casa da srta. Mills, e quando o sr. Mills tivesse saído para seu clube de uíste (fato telegrafado para mim, na rua, por meio de uma gaiola de pássaro na janela do meio da sala), eu iria tomar chá com elas.

Nessa altura, estávamos bem instalados na Buckingham Street, onde o sr. Dick continuava a fazer suas cópias em estado de absoluta felicidade. Minha tia obtivera uma clara vitória sobre a sra. Crupp ao jogar pela janela o primeiro jarro que ela deixara na escada, e tratara de se proteger, ao subir e descer a escada com uma diarista que contratou de fora. Essas medidas vigorosas instalaram tamanho terror no peito da sra. Crupp que ela se retirou para a própria cozinha, com a impressão de que minha tia era louca. Sendo minha tia supremamente indiferente à opinião da sra. Crupp ou de qualquer outra pessoa, e mais confirmando que desmentindo essa ideia, a sra. Crupp, antes valente, em poucos dias estava tão mansa, que em vez de encontrar minha tia na escada, fazia questão de ocultar sua figura corpulenta atrás das portas, deixando visível, porém, uma boa dose de anáguas de flanela, ou então se encolhia em cantos escuros. Isso dava a minha tia tão indizível satisfação que

acredito que se divertia subindo e descendo com o chapéu equilibrado de um jeito maluco no alto da cabeça, nos momentos mais prováveis de cruzar com a sra. Crupp.

Sendo excepcionalmente organizada e engenhosa, minha tia fez tantos pequenos melhoramentos em nossa organização doméstica que eu parecia ter ficado mais rico, não mais pobre. Entre outras coisas, ela transformou a despensa num quarto de vestir para mim, comprou e embelezou uma cama para minha comodidade, que durante o dia ficava muito mais parecida com uma estante. Eu era objeto de sua constante solicitude, e minha própria mãe, pobrezinha, não teria me amado melhor ou estudado mais como me fazer feliz.

Peggotty se considerava privilegiadíssima por ter permissão para participar desses trabalhos, e embora ainda mantivesse em parte o velho sentimento de assombro diante de minha tia, recebera tantos sinais de encorajamento e confiança, que eram melhores amigas, na medida do possível. Chegara porém o momento (falo do dia em que eu ia tomar chá na casa da srta. Mills) em que era preciso que ela voltasse para casa e passasse a desempenhar os deveres que havia assumido com Ham.

– Então adeus, Barkis – disse minha tia –, cuide-se bem! Nunca pensei que um dia sentiria sua falta!

Levei Peggotty até a parada de diligência e cuidei que embarcasse. Ela chorou ao partir e confiou seu irmão à minha amizade como Ham havia feito. Não tínhamos sabido nada dele desde que fora embora, naquela tarde ensolarada.

– E agora, meu Davy querido – disse Peggotty –, se, enquanto é aprendiz, precisar de algum dinheiro pra gastar, ou se, quando se formar, meu bem, quiser algum pra se instalar (vai ter de fazer uma coisa ou outra, ou as duas, meu querido), quem tem mais direito de emprestar pra você do que esta velha e idiota criada da minha menina querida?

Eu não era tão intensamente independente a ponto de responder nada, a não ser que, se algum dia pedisse dinheiro emprestado a alguém, seria a ela. Acredito que só aceitando uma grande soma imediatamente eu teria dado a Peggotty maior satisfação do que ao afirmar isso.

– Meu querido – Peggotty sussurrou –, diga pra aquele lindo anjinho que eu tanto ia gostar de conhecer, nem que fosse só um minuto, que, antes dela casar com o meu menino, eu venho e deixo a casa de vocês arrumada do jeito mais lindo, se vocês quiserem!

Declarei que ninguém mais tocaria em nossa casa, e isso deixou Peggotty tão contente que foi embora animada.

Eu me cansei o máximo possível na Corte o dia inteiro, com uma variedade de recursos e, na hora marcada ao fim da tarde, parti para a rua da srta. Mills. O sr. Mills, que era terrível para dormir depois do jantar, ainda não tinha saído, e não havia gaiola na janela do meio.

Ele me deixou esperando tanto tempo que desejei com veemência que o clube de jogo o multasse por atraso. Finalmente ele saiu, e então vi a minha Dora pendurar a gaiola, espiar pela sacada à minha procura e correr para dentro ao ver que eu estava lá, enquanto Jip ficava para trás, latindo, injuriado, para um imenso cachorro na rua que seria capaz de engoli-lo como se fosse um comprimido.

Dora foi à porta da sala para me encontrar, Jip correndo atrás, tropeçando nos próprios rosnados, achando que eu era um bandido, e nós três entramos, muito felizes e amorosos. Logo despejei desolação no seio de nossa alegria, não intencionalmente, mas porque estava tão tomado pela questão, perguntando a Dora, sem a menor preparação, se ela seria capaz de amar um mendigo.

Minha linda, pequena, assustada Dora! A única associação que fazia com a palavra era uma cara pálida e uma touca de dormir, ou um par de muletas, ou uma perna de pau, ou um cachorro com uma bandeja na boca, ou algo desse tipo, e ficou olhando para mim com a mais deliciosa perplexidade.

– Como pode me perguntar uma bobagem dessas! – amuou-se Dora. – Amar um mendigo!

– Dora, minha querida – falei. – *Eu* sou o mendigo!

– Como pode ser – ela replicou, batendo em minha mão –, sentado aqui, me contando essas histórias? Vou mandar Jip morder você!

Aquele seu jeito infantil era a coisa mais deliciosa do mundo para

mim, mas era preciso que eu fosse explícito, e repeti solenemente:

– Dora, minha vida, sou um David arruinado!

– Estou avisando que vou mandar Jip morder você – disse Dora, sacudindo os cachos –, se continuar sendo tão ridículo.

Mas eu parecia tão sério que Dora parou de sacudir os cachos e pousou a mãozinha trêmula em meu ombro, primeiro apavorada e ansiosa, em seguida começou a chorar. Foi horrível. Me pus de joelhos diante do sofá, acariciando-a e implorando que não me partisse o coração. Mas durante algum tempo, a pobre Dora não fez nada além de exclamar: Ah! Ah! E estava tão assustada! E onde está Julia Mills? E ah, chame Julia Mills e vá embora, por favor!, que eu não sabia mais o que fazer.

Por fim, depois de uma agonia de súplicas e protestos, consegui que Dora olhasse para mim, com uma expressão horrorizada no rosto, que aos poucos se abrandou até ser apenas sua adorável, branda e linda face colada à minha. Então, com os braços em torno dela, contei o quanto a amava, tanto, tanto; falei que sentia que o certo era liberá-la do compromisso, porque eu agora era pobre; que nunca suportaria ou me recuperaria se a perdesse; que não tinha medo da pobreza, se ela não tivesse, meu braço seria forte e meu coração inspirado por ela; que eu já estava trabalhando com coragem como só os apaixonados são capazes; que começara a ser prático e a pensar no futuro; que a migalha ganha honestamente é mais doce que um banquete herdado; e muitas outras coisas nesse sentido, que expressei num jorro de apaixonada eloquência, bastante surpreendente para mim mesmo, embora estivesse pensando nisso dia e noite desde que minha tia me surpreendera.

– Seu coração ainda é meu, querida Dora? – perguntei, arrebatado, porque sabia, pela proximidade dela, que sim.

– Ah, claro! – Dora exclamou. – Ah, claro, é todo seu. Ah, não seja assustador!

Eu assustador? Com Dora?

– Não fale de ser pobre e trabalhar duro! – disse Dora, aninhando-se mais perto de mim. – Não fale, não fale!

– Meu amor mais querido – disse eu –, a migalha ganha honestamente...

– Ah, claro, mas não quero mais ouvir falar de migalhas! – disse Dora. – E Jip precisa de uma costeleta de carneiro todo dia ao meio-dia, senão ele morre!

Fiquei encantado com seu jeito infantil, sedutor. Expliquei carinhosamente a Dora que Jip teria sua costeleta com a costumeira regularidade. Tracei um quadro de nosso lar frugal, conquistado com independência pelo meu trabalho, esboçando a casa que tinha visto em Highgate, com o quarto de minha tia no andar de cima.

– Estou sendo assustador agora, Dora? – perguntei, ternamente.

– Ah, não, não! – Dora exclamou. – Mas espero que sua tia fique bastante no quarto dela! Espero que não seja uma velha ranzinza!

Se fosse possível amar Dora mais que nunca, tenho certeza de que eu amaria. Mas senti que ela não era nada prática. Mas esfriava meu ardor recém-nascido descobrir que era tão difícil comunicar a ela esse ardor. Fiz outra tentativa. Quando ela estava bem mais calma, enrolando as orelhas de Jip sentado em seu colo, fiquei muito sério e disse:

– Minha querida! Posso falar uma coisa?

– Ah, por favor, não fale de coisas práticas – Dora disse, solícita. – Me assusta tanto!

– Meu coração – repliquei –, não há por que se assustar com tudo isso. Quero que pense a respeito de outro jeito. Que fortaleça você, que inspire, Dora!

– Ah, mas é tão chocante! – Dora exclamou.

– Meu amor, não. Perseverança e força de vontade vão nos permitir enfrentar coisas muito piores.

– Mas não tenho força nenhuma – disse Dora, sacudindo os cachos. – Tenho, Jip? Ah, dê um beijo em Jip e seja bonzinho!

Era impossível resistir e não beijar Jip quando ela o levantou para mim com essa finalidade, fazendo a forma do beijo com sua boquinha rosada, dirigindo a operação, que insistiu fosse realizada simetricamente no centro do focinho dele. Fiz o que ela mandou, cobrando depois a

recompensa por minha obediência, e com seu encanto ela me afastou de meu caráter mais sério por não sei quanto tempo.

– Mas Dora, minha adorada! – disse, retomando o assunto –, eu ia dizer uma coisa.

O juiz do Tribunal de Prerrogativas era capaz de se apaixonar por ela quando juntou as mãozinhas cruzadas, implorando que eu não fosse assustador outra vez.

– Na verdade, eu não ia ser, meu bem! – garanti. – Mas Dora, meu amor, se você pensar às vezes... não com desânimo, sabe, longe disso!... mas se você pensar às vezes... só para ganhar coragem... que está comprometida com um homem pobre...

– Não, não! Por favor, não! – Dora exclamou. – É muito assustador!

– Minha alma, não é! – eu disse, com alegria. – Se você pensar nisso de vez em quando e olhar em torno da casa de seu pai e tentar se acostumar um pouco com... as contas, por exemplo...

A pobre Dora recebeu essa sugestão com algo que era meio soluço, meio grito.

– ... isso será útil para nós mais tarde – continuei. – E se me prometer ser um pouco... um livrinho de culinária que vou mandar para você, seria excelente para nós dois. Porque nosso caminho na vida, Dora – disse eu, me acalorando com o assunto –, é agora áspero e pedregoso e depende de nós melhorar isso. Temos de lutar. Temos de ser valentes. Vamos encontrar obstáculos que temos de enfrentar e vencer!

Eu estava falando depressa, de punho cerrado e o rosto entusiasmado, mas era desnecessário prosseguir. Tinha dito o suficiente. Tinha conseguido outra vez. Ah, ela estava tão assustada! Ah, onde está Julia Mills? Ah, me leve até Julia Mills e vá embora, por favor! De forma que, em resumo, fiquei bastante perturbado e girava pela sala.

Achei que a havia matado dessa vez. Borrifei água em seu rosto. Me ajoelhei. Arranquei os cabelos. Acusei a mim mesmo de ser um bruto inconsciente, uma fera impiedosa. Implorei seu perdão. Supliquei que erguesse os olhos. Revirei a caixa de costura da srta. Mills em busca de um frasco de sais e, em meu desespero, peguei por engano um estojo de

marfim cheio de agulhas, e derrubei as agulhas todas em cima de Dora. Sacudi o punho para Jip, que estava tão desvairado como eu. Cometi todas as extravagâncias que se podiam cometer, e estava completamente fora de mim quando a srta. Mills entrou na sala.

– Quem fez isso? – perguntou a srta. Mills, socorrendo a amiga.

Respondi:

– *Eu*, senhorita Mills! *Eu* fiz isso! Olhe bem o destruidor! –ou alguma coisa assim, e escondi o rosto numa almofada do sofá.

De início, a srta. Mills pensou que era uma briga e que estávamos nos aproximando do deserto do Saara, mas logo descobriu em que pé estavam as coisas pois a minha querida e afetuosa Dora, abraçada a ela, começou a exclamar que eu era "um pobre trabalhador" e depois chorou por mim, me abraçou, me perguntou se poderia me confiar todo o seu dinheiro e despencou no ombro da srta. Mills, chorando como se estivesse com o coração partido.

A srta. Mills devia ter nascido para ser uma bênção a nós dois. Em poucas palavras certificou-se do que se tratava, consolou Dora, e aos poucos a convenceu de que eu não era um operário. Pela maneira como eu havia explicado o caso, acredito que Dora concluiu que eu fosse um trabalhador braçal, me equilibrando a empurrar um carrinho de mão sobre uma prancha o dia inteiro, e isso restabeleceu a paz entre nós. Quando estávamos recompostos, e Dora subira para lavar os olhos com água de rosas, a srta. Mills pediu o chá. No intervalo que se seguiu, disse à srta. Mills que ela seria para sempre minha amiga, e que só quando meu coração parasse de vibrar eu esqueceria a sua compaixão.

Então expus à srta. Mills o que havia tentado, tão desastradamente, expor para Dora. A srta. Mills respondeu que, em termos gerais, o chalé do contentamento era melhor que o palácio do frio resplendor, e que, onde havia amor, havia tudo.

Eu disse à srta. Mills que isso era muito verdadeiro e quem poderia saber disso melhor do que eu, que amava Dora com um amor que nenhum mortal havia sentido antes. Mas quando a senhorita Mills observou, tristonha, que seria muito bom se alguns corações fossem assim, expliquei que pedia licença para restringir a observação a mortais

do gênero masculino.

Pedi então a ela que me dissesse se considerava haver ou não algum mérito prático na sugestão que eu fizera tão ansiosamente a respeito de contas, cuidados domésticos e livro de culinária.

Depois de alguma reflexão, a srta. Mills respondeu assim:

– Senhor Copperfield, vou ser sincera com o senhor. Para algumas naturezas, o sofrimento mental e as dificuldades substituem a experiência dos anos, e vou ser tão franca com o senhor como se fosse a madre superiora de um convento. Não. A sugestão não é adequada a nossa Dora. Nossa querida Dora é uma criança muito querida da natureza. É um ser de luz, de alegria e leveza. Confesso que, se pudesse ser feito, talvez fosse bom para ela, mas... – E a senhorita Mills sacudiu a cabeça.

Encorajado por essa admissão final da parte da srta. Mills, perguntei se, por Dora, ela se empenharia em despertar sua atenção para tais preparativos para uma vida séria, se tivesse a oportunidade. A srta. Mills respondeu que sim tão prontamente, que perguntei ainda se ela se encarregaria de insinuar o livro de culinária à aceitação de Dora, sem assustá-la, o que seria um favor para mim. A srta. Mills aceitou esse encargo também, mas sem entusiasmo.

E Dora voltou, uma criaturinha tão adorável que realmente duvidei se devia ser perturbada por alguma coisa tão comum. Ela me amava tanto e era tão cativante (sobretudo quando fazia Jip empinar nas patas traseiras para ganhar torrada, e quando fingia segurar o focinho dele contra o bule quente de chá por não obedecer), que me senti uma espécie de monstro invasor da terra das fadas ao pensar que a tinha assustado e feito chorar.

Depois do chá, pegamos o violão e Dora cantou aquelas mesmas canções francesas queridas sobre a impossibilidade de jamais, pela razão que fosse, parar de dançar, lá rá lá, lá rá lá, até eu me sentir ainda mais monstruoso que antes.

Só uma coisa abalou nosso prazer, e isso aconteceu pouco antes de eu me retirar, quando a srta. Mills fez alguma alusão à manhã seguinte, e tive a infelicidade de deixar escapar que, obrigado a me esforçar, eu me

levantava às cinco da manhã. Se Dora teve alguma ideia de que eu fosse vigia noturno, não sei; mas ficou muito impressionada e não brincou nem cantou mais.

Ela ainda estava com isso na cabeça quando me despedi, e me disse, à sua linda maneira sedutora, como se eu fosse uma boneca, eu achava:

– Ora, não levante às cinco da manhã, seu malandrinho. É tão sem sentido!

– Meu amor – respondi –, tenho de trabalhar.

– Mas não faça isso! – Dora insistiu. – Por que faria?

Era impossível dizer àquele rostinho surpreso e adorável, senão em tom de brincadeira, que precisamos trabalhar para viver.

– Ah! Que ridículo! – Dora exclamou.

– Como viver sem isso, Dora? – perguntei.

– Como? De algum jeito! – disse Dora.

Ela parecia pensar que havia encerrado a questão, e me deu um beijo tão triunfante, vindo diretamente de seu inocente coração, que nem por uma fortuna me seria possível desiludir sua resposta.

Bem! Eu a amava e continuei a amá-la, absolutamente, inteiramente, completamente. Mas continuava também a trabalhar muito duro, malhando todos os ferros em brasa que tinha no fogo, e às vezes sentava diante de minha tia à noite pensando em como havia assustado Dora aquele dia, e qual o melhor jeito de levar uma caixa de violão através da floresta de dificuldades, até imaginar que estava ficando de cabelo branco.

XXXVIII

Uma dissolução de sociedade

Não permiti que esfriasse minha resolução a respeito dos Debates de Parlamento. Foi um dos ferros quentes que comecei a malhar imediatamente, e um que mantive quente e malhando com uma perseverança que posso com toda a honestidade admirar. Comprei um método aprovado da nobre arte e mistério da estenografia (que me custou dez xelins e seis pence) e mergulhei num mar de perplexidade que me levou, ao fim de algumas semanas, aos confins da loucura. As mudanças que se atribuíam a pontos, que em tal posição significavam uma coisa, em tal outra posição algo inteiramente diferente; os maravilhosos caprichos desempenhados por círculos; as inexplicáveis consequências resultantes de marcas como patas de mosca; os efeitos tremendos de uma curva no lugar errado; não apenas perturbaram minhas horas de vigília como reapareciam diante de mim no sono. Quando tateei meu rumo, cegamente, por essas dificuldades e dominei o alfabeto, que era, em si, um templo egípcio, então apareceu um cortejo de novos horrores, chamados caracteres arbitrários, os caracteres mais despóticos que já conheci, que insistiam, por exemplo, que uma coisa como o começo de uma teia de aranha significava expectativa e que um foguete a bico de pena queria dizer desvantajoso. Quando fixei na cabeça essas desgraças, descobri que tinham expulsado dela todo o resto e então, começando de novo, me esquecia delas; enquanto as recolhia, derrubava outros fragmentos do sistema; em resumo, era quase desanimador.

Seria bastante desanimador, se não fosse por Dora, que era o esteio e âncora de minha barca na tempestade. Cada risco no esquema era um carvalho nodoso na floresta da dificuldade, e continuei a cortá-los, um depois do outro, com tamanho vigor que em três ou quatro meses estava em condições de fazer uma experiência com um de nossos grandes oradores na Câmara dos Comuns. Jamais esquecerei como o orador

sumiu da minha frente antes de eu começar e me deixou o lápis imbecil tremendo em cima do papel como se estivesse em convulsões!

Aquilo não ia dar certo, claro. Eu estava voando alto demais e não deveria nunca continuar. Recorri aos conselhos de Traddles, que sugeriu que ele ditasse discursos para mim, devagar e com paradas ocasionais, adaptadas à minha incapacidade. Muito agradecido a essa ajuda amiga, aceitei a proposta. E noite após noite, quase toda noite, durante um longo tempo, tivemos uma espécie de Parlamento privado na Buckingham Street, depois de eu ter voltado do doutor.

Eu ia gostar de ver um Parlamento daqueles em algum outro lugar! Minha tia e o sr. Dick representavam o Governo ou a oposição (conforme o caso) e Traddles, com a ajuda da coletânea *O orador*, de Enfield, ou de um volume de discursos parlamentares, trovejava assombrosas invectivas contra eles. Postado junto à mesa, com o indicador esquerdo na página para marcar o lugar, e o braço direito gesticulando acima da cabeça, Traddles, no papel de sr. Pitt, sr. Fox, sr. Sheridan, sr. Burke, lorde Castlereagh, visconde Sidmouth ou sr. Canning,{31} se agitava nos mais violentos ardores e pronunciava as mais intimidantes denúncias de desregramento e corrupção da parte de minha tia e do sr. Dick; enquanto eu ficava sentado a certa distância, com o caderno no joelho, correndo atrás dele com toda minha força e empenho. A incoerência e o desregramento de Traddles não seriam superados por nenhum político de verdade. No espaço de uma semana, ele havia abarcado todas as posições e adotado as cores de todos os partidos. Minha tia, parecendo muito um impassível ministro das Finanças, de vez em quando emitia uma ou outra interrupção, um “Escute!” ou “Não!” ou “Oh!” quando o texto parecia exigir, o que era sempre um sinal para o sr. Dick (perfeito cavalheiro da província) acompanhar animadamente a mesma expressão. Mas o sr. Dick foi acusado de tantas coisas durante sua carreira parlamentar e responsabilizado por tantas horríveis consequências, que às vezes ficava incomodado. Acredito que começou a temer de fato que tivesse feito alguma coisa que tendesse a aniquilar a constituição britânica e arruinar o país.

Com frequência cada vez maior realizávamos esses debates até o

relógio apontar meia-noite e as velas terminarem de queimar. O resultado de tanta prática foi que, aos poucos, comecei a acompanhar Traddles bastante bem, e me sentiria muito triunfante se fizesse a mínima ideia do que diziam minhas anotações. Mas quanto a lê-las depois de escritas, seria o mesmo que tivesse copiado as inscrições chinesas de uma imensa coleção de caixas de chá, ou os caracteres dourados de todos os grandes frascos vermelhos e verdes dos farmacêuticos!

Não havia nada a fazer a não ser voltar e começar tudo de novo. Era muito difícil, mas voltei, embora com o coração pesado, e comecei laboriosamente, metodicamente a trilhar o mesmo chão tedioso a passo de lesma, parando no caminho para examinar em detalhes cada pingo, de todos os lados, e fazendo os mais desesperados esforços para identificar aqueles caracteres fugidios à primeira vista sempre que os visse. Eu era sempre pontual na Corte e no doutor também; e trabalhava realmente, como diz a expressão, igual a um burro de carga.

Um dia, quando estava indo para a Corte como de costume, encontrei o sr. Spenlow na porta, com semblante muito carregado, falando sozinho. Como costumava reclamar de dores de cabeça – tinha o pescoço naturalmente curto e para ser sincero acredito que se engomava demais –, fiquei de início alarmado com a ideia de que ele não estivesse muito bem dos sintomas; mas ele logo aliviou minha preocupação.

Em vez de responder meu "bom-dia" com a afabilidade de sempre, olhou para mim com um jeito distante, cerimonioso e, friamente, pediu que o acompanhasse a determinado café que, naquela época, tinha uma porta que dava para a Corte, logo depois do pequeno arco do adro da Saint Paul. Concordei, me sentindo muito incomodado, suando no corpo todo como se minha apreensão irrompesse em gotas. Quando deixei que seguisse um pouco à frente, porque a passagem era estreita, observei que ia com a cabeça erguida de tal jeito que era especialmente alarmante; suspeitei que ele havia descoberto sobre a minha querida Dora.

Se eu não tivesse adivinhado isso a caminho do café, não poderia deixar de entender qual era o assunto quando o acompanhei a uma sala do andar de cima e lá encontrei a srta. Murdstone, apoiada a um

aparador no qual havia vários copos emborcados com limões em cima e duas dessas caixas extraordinárias, cheias de cantos e fendas onde se espetavam facas e garfos que, por sorte da humanidade, estão hoje obsoletas.

A srta. Murdstone me estendeu suas unhas geladas e sentou rígida e severa. O sr. Spenlow fechou a porta, me indicou uma cadeira e se pôs de pé no tapete diante da lareira.

– Tenha a bondade de mostrar ao senhor Copperfield – disse o sr. Spenlow – o que a senhora tem em sua bolsa, senhorita Murdstone.

Acredito que se tratava exatamente da mesma velha bolsa com tachas da minha infância, que fechava com uma mordida. Apertando os lábios, para acompanhar o estilo, a srta. Murdstone a abriu, enquanto abria a boca ao mesmo tempo, e mostrou minha última carta a Dora, repleta de expressões de devotado afeto.

– Acredito que seja sua letra, senhor Copperfield – disse o sr. Spenlow.

Estava muito calor e a voz que ouvi era muito diferente da minha quando eu disse:

– É, sim, senhor!

– Se não me engano – disse o sr. Spenlow quando a senhorita Murdstone tirou da bolsa um pacote de cartas, amarradas com o mais querido pedaço de fita azul – essas também são da sua pena, senhor Copperfield.

Peguei as cartas com a mais desolada sensação e, olhando de relance frases como “Minha sempre querida, sempre minha Dora”, “Meu anjo mais amado”, “Minha querida abençoada para sempre” e outras semelhantes, fiquei muito vermelho e inclinei a cabeça.

– Não, obrigado! – disse o sr. Spenlow friamente quando mecanicamente ofereci devolver a ele as cartas. – Não vou privar o senhor delas. Senhorita Murdstone, tenha a bondade de continuar!

Aquela gentil criatura, depois de um momento de pensativo exame do tapete, pronunciou com a mais seca inflexão o seguinte.

– Devo confessar que eu suspeitava havia algum tempo da senhorita Spenlow em relação a David Copperfield. Observei a senhorita Spenlow e

David Copperfield quando se encontraram pela primeira vez, e a impressão que me deu não foi agradável. A depravação do coração humano é tamanha que...

– A senhora me faça o favor – interrompeu o sr. Spenlow – de se ater aos fatos.

A srta. Murdstone baixou os olhos, sacudiu a cabeça como se protestasse contra a interrupção indevida, e com relutante dignidade prosseguiu:

– Como devo me ater aos fatos, vou enumerar todos o mais secamente possível. Talvez *isso* seja um procedimento aceitável. Já disse, meu senhor, que tinha minhas suspeitas quanto à senhorita Spenlow e David Copperfield fazia algum tempo. Muitas vezes me empenhei em descobrir confirmação decisiva dessas suspeitas, mas sem resultado. Por isso deixei de mencionar o fato ao pai da senhorita Spenlow – olhou com severidade para ele –, sabendo como, geralmente nesses casos, existe pouca disposição em reconhecer o consciencioso cumprimento do dever.

O sr. Spenlow pareceu bem intimidado pelo educado rigor da srta. Murdstone e censurou a severidade dela com um pequeno gesto conciliatório.

– Ao voltar para Norwood, depois da ausência ocasionada pelo casamento de meu irmão – prosseguiu a srta. Murdstone em tom desdenhoso –, quando a senhorita Spenlow voltou da visita à sua amiga, senhorita Mills, percebi que os modos da senhorita Spenlow davam ainda mais motivo para suspeitas do que antes. Passei, portanto, a observar atentamente a senhorita Spenlow.

A querida, terna Dora, tão inconsciente do olho daquele dragão!

– Mesmo assim – retomou a senhorita Murdstone –, só encontrei as provas ontem à noite. Me pareceu que a senhorita Spenlow recebia cartas demais de sua amiga, a senhorita Mills. Mas como a senhorita Mills era sua amiga com total concordância de seu pai – mais um golpe acusador ao sr. Spenlow –, não cabia a mim interferir. Se não me é permitido falar da depravação natural do coração humano, posso ao menos – devo mesmo – ter a permissão de me referir a confiança em quem não merece.

O sr. Spenlow murmurou uma concordância em tom de desculpa.

– Ontem à noite, depois do chá – continuou a senhorita Murdstone –, notei que o cachorrinho pulava, rolava e rosnava na sala, alarmado com alguma coisa. Eu disse à senhorita Spenlow: "Dora, o que é isso na boca do cachorro? É papel?". A senhorita Spenlow imediatamente levou a mão ao peito, deu um grito de repente e correu para o cachorro. Eu me pus na frente dela: "Dora, querida, com sua licença".

Ah, Jip, *spaniel* desprezível, então essa maldade era obra sua!

– A senhorita Spenlow tentou – disse a srta. Murdstone – me subornar com beijos, caixas de costura e pequenas joias que eu, é claro, recusei. O cachorrinho enfiou-se debaixo do sofá quando cheguei perto, e foi com grande dificuldade que consegui que saísse, com os ferros da lareira. Mesmo removido ele continuava com a carta na boca, e por mais que eu tentasse arrancar dele, com o risco de ser mordida, ele continuava agarrado à carta tão decidido que podia ser erguido no ar com o documento. Por fim, consegui pegar a carta. Depois que li, insisti com a senhorita Spenlow que tinha muitas outras em sua posse, e acabei conseguindo com ela o pacote que está agora na mão de David Copperfield.

Ela então se calou; e fazendo estalar de novo a bolsa, fechou também a boca, com ar de quem podia ser pressionada, mas nunca vencida.

– Ouviu a senhorita Murdstone – disse o sr. Spenlow, olhando para mim. – Gostaria de saber, senhor Copperfield, se tem alguma resposta.

O quadro que tinha diante de mim, daquele lindo tesouro do meu coração chorando e soluçando toda a noite, ela sozinha, assustada e aflita, ela implorando tão dolorosamente e suplicando àquela mulher de coração de pedra que a perdoasse, ela oferecendo inutilmente aqueles beijos, caixas de costura e bijuterias, ela em tão grave desespero, e tudo por minha causa, comprometia muitíssimo a pouca dignidade que eu conseguia manter, de forma que temo ter ficado trêmulo durante alguns minutos, embora tenha feito o possível para disfarçar.

– Não tenho nada a dizer, meu senhor – respondi –, a não ser que a culpa é toda minha. Dora...

– Senhorita Spenlow, por favor – disse o pai dela, majestoso.

– ...foi induzida e persuadida por mim – continuei, engolindo aquele frio tratamento – a concordar com esse segredo, e lamento profundamente.

– A culpa é toda sua – disse o sr. Spenlow, andando de um lado para outro no tapete e enfatizando o que dizia com o corpo todo não só com a cabeça, por conta da rigidez da gravata e da coluna. – O senhor cometeu um ato indiscreto e indecoroso, senhor Copperfield. Quando convido um cavalheiro à minha casa, não importa se tem dezenove, vinte e nove ou noventa anos, o convite é feito em confiança. Se ele abusa de minha confiança, comete um ato desonroso, senhor Copperfield.

– Eu concordo, senhor Spenlow, de verdade – retorqui. – Mas nunca pensei nisso antes. Sinceramente, senhor Spenlow, nunca pensei antes. Amo a senhorita Spenlow a tal ponto...

– Nada! Bobagem! – disse o sr. Spenlow, muito vermelho. – Por favor, não me diga na minha cara que ama minha filha, senhor Copperfield!

– Como eu poderia defender minha conduta se não fosse verdade? – respondi com humildade.

– Como pode defender sua conduta se for verdade? – perguntou o sr. Spenlow detendo-se sobre o tapete. – Pensou bem na sua idade, na idade de minha filha, senhor Copperfield? Pensou bem no que significa ter minado a confiança que deve existir entre mim e minha filha? Pensou bem na posição de minha filha, nos planos que posso ter para o futuro dela, nas intenções que posso ter para ela em meu testamento? O senhor pensou em alguma coisa, senhor Copperfield?

– Muito pouco, senhor Spenlow, sinto muito – respondi, me dirigindo a ele com todo o respeito e tristeza que eu sentia –, mas peço que acredite que levei em conta a minha posição social. Quando conversei com o senhor, nós já estávamos comprometidos...

– Por favor – disse o sr. Spenlow, mais parecido que nunca com o boneco Punch, ao bater energicamente uma mão sobre a outra, como não pude deixar de notar, mesmo em meu desespero –, NÃO me fale de compromisso, senhor Copperfield!

A impassível srta. Murdstone riu desdenhosamente em uma sílaba

curta.

– Quando expliquei ao senhor a mudança da minha posição – comecei de novo, substituindo com uma nova forma de expressão aquilo que era tão insuportável para ele –, essa dissimulação, a que tive a infelicidade de conduzir a senhorita Spenlow, já havia começado. Desde que me vi nessa posição alterada, me empenhei com toda minha capacidade, com toda minha energia, para melhorar de condição. Tenho certeza de que vou melhorar com o tempo. Se me der esse tempo, quanto tempo o senhor quiser. Nós dois somos tão jovens, senhor Spenlow...

– Tem razão – interrompeu o sr. Spenlow, balançando a cabeça muitas vezes e franzindo muito a testa –, vocês dois são muito jovens. É tudo uma bobagem. Vamos acabar com essa bobagem. Leve embora essas cartas, jogue no fogo. Me entregue as cartas da senhorita Spenlow para jogar no fogo. Embora nosso contato futuro deva, como o senhor sabe, se restringir à Corte, vamos combinar que não faremos nenhuma outra menção ao passado. Vamos lá, senhor Copperfield, sensatez é coisa que não lhe falta, e essa é a atitude sensata a tomar.

Não. Eu não podia nem pensar em concordar. Sentia muito, mas havia uma consideração mais elevada do que sensatez. O amor estava acima de quaisquer considerações mundanas, eu idolatrava Dora e Dora me amava. Eu não disse isso exatamente, contornei o máximo que pude, mas insinuei que estava resoluto. Não me importava ser ridículo ou não, mas sei que fui resoluto.

– Muito bem, senhor Copperfield – disse o sr. Spenlow –, vou exercer minha influência sobre minha filha.

A srta. Murdstone, com um som expressivo, uma respiração longa que não era nem suspiro, nem gemido, mas parecida com ambos, emitiu sua opinião de que ele devia ter feito isso desde o começo.

– Tenho de exercer influência sobre minha filha – disse o sr. Spenlow com o apoio dessa confirmação. – O senhor se recusa a levar essas cartas, senhor Copperfield? – perguntou, porque eu as tinha deixado em cima da mesa.

Sim. Disse que esperava que ele não fosse achar errado, mas não podia absolutamente aceitá-las das mãos da srta. Murdstone.

– Nem de mim? – perguntou o sr. Spenlow.

Não, respondi com o mais profundo respeito. Nem das mãos dele.

– Muito bem! – disse o sr. Spenlow.

Como se fez um silêncio, fiquei inseguro entre ir embora ou ficar. Finalmente, estava indo calado para a porta, com a intenção de dizer que talvez a melhor maneira de tocar os sentimentos dele fosse me retirar, quando ele, com as mãos nos bolsos do paletó, que era até onde conseguia colocá-las e com o que se poderia chamar, no geral, de um ar inegavelmente virtuoso, disse:

– O senhor deve saber, senhor Copperfield, que não sou inteiramente destituído de posses materiais e que minha filha é meu parente mais próximo e mais querido, não?

Depressa respondi que esperava que o erro a que havia me levado a natureza desesperada de meu amor não o levasse a pensar que eu fosse também mercenário.

– Não é sob esse aspecto que estou falando – disse o sr. Spenlow. – Seria melhor para o senhor e para todos nós se o senhor *fosse* mercenário, senhor Copperfield. Quero dizer, se fosse mais discreto e menos dominado por toda essa bobagem juvenil. Não. Digo apenas, de um ponto de vista bem diferente, que o senhor deve ter consciência de que possuo algumas propriedades para deixar a minha filha.

Eu decerto acreditava que sim.

– E não há de pensar – disse o sr. Spenlow –, tendo vivido o que vemos aqui na Corte todos os dias, as várias atitudes irresponsáveis e negligentes dos homens a respeito de seus arranjos testamentários, de todos os assuntos, aquele em que talvez se encontrem as mais estranhas revelações da incoerência humana, que não cuidei dos meus.

Inclinei a cabeça concordando.

– Não vou admitir – disse o sr. Spenlow com um evidente aumento de sentimento virtuoso e sacudindo a cabeça enquanto oscilava entre a ponta do pé e o calcanhar – que minha herança adequada a minha filha seja influenciada por um ato de loucura juvenil como este. É uma mera loucura. Mero contrassenso. Logo, logo, vai pesar menos que uma pena.

Mas posso, posso, sim, se esta tola questão não for abandonada de vez, ser levado, num momento de ansiedade, a proteger minha filha, a cercar minha filha com proteções contra as consequências de qualquer passo tolo na direção de um casamento. Agora, senhor Copperfield, espero que não torne necessário para mim abrir, mesmo que só por quinze minutos, aquela página fechada do livro da vida, e agitar, mesmo que só por quinze minutos, graves questões há muito resolvidas.

Havia uma serenidade, uma tranquilidade, um clima de calmo pôr do sol em torno dele que me afetou bastante. Ele estava tão sossegado e resignado, depois de ter posto claramente seus negócios em perfeita ordem e resolvido tudo de modo tão sistemático, que era um homem tocante de se ver. Creio mesmo que vi lágrimas lhe subirem aos olhos do fundo de seus sentimentos.

Mas o que eu podia fazer? Não podia negar Dora e meu próprio coração. Quando ele me disse que era melhor eu tirar uma semana para ponderar sobre o que ele havia dito, como eu poderia dizer que não tiraria uma semana, mesmo sabendo que nenhum número de semanas poderia influenciar um amor como o meu?

– Nesse meio-tempo, discuta com a senhorita Trotwood, ou com qualquer outra pessoa com algum conhecimento da vida – disse o sr. Spenlow, ajustando a gravata com ambas as mãos. – Tire uma semana, senhor Copperfield.

Eu me submeti; e com a expressão de fidelidade derrotada e desesperada mais intensa de que fui capaz, saí da sala. As sobrancelhas pesadas da srta. Murdstone acompanharam minha saída – percebi mais suas sobrancelhas que seus olhos, porque eram muito mais importantes em seu rosto –, e seu aspecto era tão exatamente igual àquele de nossa sala em Blunderstone, mais ou menos naquela hora da manhã, que eu podia quase fantasiar que estava errando as lições outra vez e que o peso morto em minha mente era o daquela horrenda cartilha com ilustrações ovais, na forma, para minha visão infantil, de lentes de óculos.

Quando cheguei ao escritório, usando as mãos para me esconder do velho Tiffey e de todos os outros, sentei a minha mesa, em meu canto particular, pensando naquele terremoto que havia ocorrido tão

inesperadamente, e na amargura de meu espírito amaldiçoava Jip, e me vi num estado de tamanho tormento por Dora que me admira que não tenha pegado meu chapéu e corrido como um louco para Norwood. A ideia de eles a assustarem e a fazerem chorar, e de eu não estar lá para consolá-la, era tão mortificadora que me levou a escrever uma carta irrefletida ao sr. Spenlow, suplicando que não impusesse a ela as consequências de meu horrível destino. Implorei a ele que poupasse a natureza delicada de Dora, que não esmagasse uma frágil flor, e me dirigi a ele em termos gerais, pelo que me lembro, como se, em vez de pai, ele fosse um ogro ou o dragão de Wantley.{32} Selei a carta e deixei em sua mesa, antes que ele voltasse. E quando entrou vi, pela porta entreaberta de sua sala, que ele pegou a carta e leu.

Ele não disse nada a respeito a manhã inteira, mas antes de sairmos à tarde, me chamou à sua sala e me disse que não devia me inquietar em nada com a felicidade de sua filha. Ele garantira a ela que era tudo bobagem e não tinha mais nada para lhe dizer. Acreditava ser um pai indulgente (como de fato era) e que eu podia me poupar de qualquer solicitude por ela.

– Se for tolo ou obstinado, senhor Copperfield – ele observou –, poderá tornar necessário que eu mande minha filha para o exterior outra vez, por um semestre. Mas tenho melhor opinião a seu respeito. Espero que esteja mais maduro dentro de alguns dias. Quanto à senhorita Murdstone – pois eu havia aludido a ela na carta –, respeito a vigilância dessa dama e me sinto grato a ela, mas dei ordens estritas para que evite o assunto. Tudo o que desejo, senhor Copperfield, é que essa história seja esquecida. Tudo o que o senhor tem a fazer, senhor Copperfield, é esquecer.

Tudo o que eu tinha a fazer! No bilhete que escrevi à srta. Mills, citei amargamente esse sentimento. Tudo o que tinha a fazer, eu disse, com melancólico sarcasmo, era esquecer Dora. Só isso e o que era isso! Insisti com a srta. Mills que me recebesse essa noite. Se não fosse possível com a sanção e permissão do sr. Mills, pedia um encontro clandestino na cozinha dos fundos, onde ficava o rolo de secar roupas. Informei-lhe que minha razão oscilava em sua base, e que só ela, a srta. Mills, podia

impedir que desmoronasse. Assinei dizendo-me desesperado, e não pude deixar de pensar, ao reler o texto antes de enviar por um portador, que tinha algo do estilo do sr. Micawber.

Mas mandei mesmo assim. À noite, voltei à rua da srta. Mills, e fiquei andando de um lado para outro até ser disfarçadamente convidado a entrar pela criada da srta. Mills, e levado até a área da cozinha dos fundos. Depois vi razões para acreditar que não havia nada no mundo que me impedisse de entrar pela porta da frente e me dirigir à sala, a não ser o amor que a srta. Mills tinha por romance e mistério.

Na cozinha de trás, enlouqueci como era de se esperar. Fui até lá, talvez, para me expor ao ridículo, e tenho certeza de que foi isso que fiz. A srta. Mills havia recebido um bilhete apressado de Dora, contando que havia sido tudo descoberto e dizendo: “Ah, por favor, venha me encontrar, Julia, venha, venha!”. Mas a srta. Julia, temendo que sua presença não fosse aceitável pelos poderes superiores, ainda não tinha ido, e estávamos todos perdidos no deserto de Saara.

A srta. Mills tinha uma maravilhosa loquacidade e gostava de falar. Não pude deixar de sentir que, embora misturasse suas lágrimas às minhas, ela sentia um prazer terrível em nossas aflições. Ela as alimentava, se posso dizer assim, e tirava proveito delas. Observou que havia se aberto um abismo profundo entre Dora e mim, e só o amor poderia atravessá-lo com seu arco-íris. Amar era sofrer neste mundo tão duro, foi sempre assim, sempre será assim. Mas não importa, observou a srta. Mills. Corações presos por teias de aranha acabarão explodindo afinal, e então o amor será vingado.

Não era muito consolador, mas a srta. Mills não queria alimentar falsas esperanças. Ela me deixou muito mais desesperado do que estava antes e senti (coisa que disse a ela com a mais profunda gratidão) que ela era de fato uma amiga. Resolvemos que ela iria encontrar Dora logo de manhã e acharia algum meio de garantir a ela, por expressões ou por palavras, toda a minha devoção e desespero. Nos despedimos dominados pela tristeza, e acho que a srta. Mills sentia nisso um prazer total.

Contei tudo a minha tia quando cheguei em casa; e apesar de tudo o que ela me disse, fui para a cama em desespero. Me levantei em

desespero, saí em desespero. Era sábado de manhã e fui diretamente à Corte Civil.

Quando avistei a porta de entrada, fiquei surpreso ao ver os funcionários do lado de fora, conversando, e uma meia dúzia de transeuntes olhando pelas janelas que estavam fechadas. Apressei o passo e, ao passar por eles, intrigado por suas expressões, entrei rapidamente.

Os escriturários estavam lá, mas ninguém fazia nada. O velho Tiffey, acho que pela primeira vez na vida, estava sentado no banco de outra pessoa, e não havia pendurado o chapéu.

– É uma calamidade terrível, senhor Copperfield – disse ele, quando entrei.

– O que foi? – perguntei.

– O que aconteceu?

– Não está sabendo? – Tiffey exclamou, e todos os outros me rodearam.

– Não! – respondi, olhando de um rosto para outro.

– O senhor Spenlow – disse Tiffey.

– O que tem ele?

– Morreu!

Achei que o escritório é que girava, não eu, quando um dos escriturários me segurou. Me fizeram sentar numa cadeira, soltaram minha gravata e me trouxeram água. Não faço ideia de quanto tempo levou isso.

– Morreu? – perguntei.

– Ele ontem jantou na cidade e dirigiu ele mesmo o fáeton –disse Tiffey – depois que mandou o cocheiro para casa de diligência, como fazia às vezes, sabe?

– E então?

– O fáeton voltou para casa sozinho. Os cavalos pararam no portão do estábulo. O tratador saiu com um lampião. Não tinha ninguém na carruagem.

– Os cavalos tinham fugido?

– Não estavam quentes – disse Tiffey, colocando os óculos –, não mais quentes, pelo que entendi, do que estariam voltando a passo normal. As rédeas não estavam quebradas e tinham vindo arrastadas no chão. A casa inteira entrou em alvoroço e três homens foram seguindo a rua. Encontraram o senhor Spenlow a quase dois quilômetros de casa.

– Mais de dois quilômetros, senhor Tiffey – interrompeu um jovem funcionário.

– É mesmo? Acho que tem razão – disse Tiffey –, *mais* de dois quilômetros, não longe da igreja, caído parte na estrada, parte na calçada, de bruços. Parece que ninguém sabe se ele caiu com um ataque, ou se desceu se sentindo mal antes do ataque, nem se já estava morto, se bem que não há dúvida de que estava bem insensível. Se respirava, com certeza não falou nada. Chamaram o médico o mais depressa possível, mas não adiantou.

Não posso descrever o estado de espírito a que fui lançado por essa informação. O choque de um incidente desses acontecer tão de repente, e acontecer com alguém de quem eu havia discordado, o horrendo vazio da sala que ele ocupara até tão recentemente, onde a cadeira e a mesa pareciam estar à sua espera, e sua caligrafia de ontem parecia um fantasma, a indefinível impossibilidade de separá-lo do lugar e sentir, quando a porta se abria, que ele iria entrar, o silêncio e a calma preguiçosos que havia no escritório, e o prazer insaciável com que nossa gente falava do assunto, com outras pessoas entrando e saindo o dia inteiro, se banqueteando com o assunto, isso tudo era fácil de perceber para qualquer um. O que não consigo descrever é como, nos recessos mais íntimos de meu coração, eu tinha à espreita ciúmes até da própria Morte. Como sentia que sua força pudesse me arrancar de meu lugar nos pensamentos de Dora. Como sentia, de um jeito lamentável para o qual não tenho palavras, inveja da tristeza dela. Como me deixava inquieto pensar nela chorando com outros, ou sendo consolada por outros. Como tinha um desejo avaro, sôfrego, de afastar todo mundo dela, menos eu, e de ser tudo para ela, naquele momento mais difícil de todos.

Na perturbação desse estado de espírito – não exclusivamente meu, espero, mas sentido por outros –, fui até Norwood essa noite. E ao ficar

sabendo por um criado, quando tomei informações à porta, que a srta. Mills estava lá, fiz minha tia dirigir a ela uma carta, escrita por mim. Lamentei a morte prematura do sr. Spenlow com toda a sinceridade e derramei lágrimas ao fazê-lo. Pedi a ela que dissesse a Dora, se Dora estivesse em condições de escutar, que ele havia conversado comigo com absoluta bondade e consideração e não manifestara nada além de ternura, nem uma única palavra impensada ou de censura a ela. Sei que fiz isso por egoísmo, para levar meu nome à atenção dela, mas tentei acreditar que era um ato de justiça à sua memória. Talvez eu acreditasse nisso.

No dia seguinte, minha tia recebeu uma resposta de poucas linhas, dirigidas, no envelope, a ela, na carta interna, a mim. Dora estava destroçada pela dor, e quando a amiga lhe perguntou se devia enviar votos de seu amor por mim, ela apenas chorou, dizendo, como dizia sempre: “Ah, papai! Ah, pobre papai!”. Mas não dissera que não, e isso foi tudo para mim.

Poucos dias depois, o sr. Jorkins, que tinha estado em Norwood desde a ocorrência, veio ao escritório. Ele e Tiffey ficaram trancados por alguns momentos, e em seguida Tiffey olhou para fora da porta e pediu que eu entrasse.

– Ah! – disse o sr. Jenkins. – O senhor Tiffey e eu, senhor Copperfield, estamos examinando a escrivaninha, as gavetas e outros repositórios do falecido com a finalidade de encerrar seus negócios pessoais, e procurando um testamento. Não existe nem traço de testamento em parte alguma. O senhor poderia nos ajudar, por favor?

Eu estava agoniado para descobrir alguma coisa sobre as circunstâncias em que Dora se encontrava, como, por exemplo, sob a guarda de quem etc., e isso era um passo nessa direção. Começamos imediatamente a procurar. O sr. Jorkins destrancava gavetas e armários, e nós todos tirávamos os papéis. Os papéis do escritório colocávamos de um lado, os papéis particulares (que não eram numerosos), de outro. Estávamos muito sérios e, quando encontrávamos um selo perdido, um estojo de lápis, um anel, ou qualquer pequeno artigo do tipo que se podia associar pessoalmente a ele, falávamos muito baixo.

Tínhamos fechado vários pacotes e ainda continuávamos metodicamente, calados, quando o sr. Jenkins nos disse, aplicando ao falecido sócio exatamente as mesmas palavras que o falecido sócio havia aplicado a ele:

– Era muito difícil afastar o senhor Spenlow do caminho conhecido. Sabem como ele era! Estou tendendo a achar que ele não fez nenhum testamento.

– Ah, mas eu sei que fez! – disse eu.

Os dois pararam e olharam para mim.

– No dia exato em que estive com ele pela última vez – eu disse –, o senhor Spenlow me contou que tinha feito testamento e que seus negócios estavam resolvidos fazia muito tempo.

O sr. Jorkins e o velho Tiffey sacudiram a cabeça do mesmo jeito.

– Isso parece pouco promissor – disse Tiffey.

– Muito pouco promissor – disse o sr. Jorkins.

– Os senhores certamente não duvidam... – comecei a dizer.

– Meu bom senhor Copperfield – disse Tiffey com a mão em meu braço, fechando ambos os olhos ao sacudir a cabeça –, se estivesse nas Cortes há tanto tempo como eu, saberia que não existe nenhum outro assunto em que os homens sejam tão incoerentes e tão pouco dignos de confiança.

– Nossa, Deus me perdoe, mas ele disse exatamente a mesma coisa! – respondi, insistindo.

– Eu diria que o assunto está quase encerrado – observou Tiffey. – Na minha opinião... nada de testamento.

A mim parecia uma coisa assombrosa, mas na realidade *não* havia nenhum testamento. Ele nunca havia nem pensado em fazer um, na medida em que seus papéis pudessem indicar, pois não havia nenhum tipo de pista, esboço ou memorando de absolutamente nenhuma intenção testamentária. O que não era nada menos surpreendente para mim era que seus negócios estivessem em estado de muita desorganização. Era extremamente difícil, fiquei sabendo, definir o quanto ele devia, o quanto havia pagado, ou o que possuía ao morrer.

Considerou-se provável que durante anos ele próprio não fizesse uma ideia clara desses assuntos. Pouco a pouco veio à tona que, no cumprimento de todas as questões de aparência e nobreza, então muito consideradas na Corte, ele gastara mais do que seus rendimentos profissionais, que não eram muito grandes, e reduzira seus meios privados, se algum dia haviam sido grandes (o que era muitíssimo duvidoso), a uma situação muito ruim de fato. Houve uma venda em Norwood da mobília e do arrendamento e Tiffey me disse, sem saber o quanto eu estava interessado na história, que, pagando-se todas as devidas dívidas do falecido e deduzindo sua parte das dívidas extremamente negativas e duvidosas da firma, ele não calcularia em mil libras todos os bens restantes.

Tudo isso ocorreu ao fim de cerca de seis semanas. Eu havia sofrido torturas todo o tempo; e ficava a ponto de atentar contra mim mesmo quando a srta. Mills continuava me dizendo que, de coração partido, a pequena Dora não falava nada quando eu era mencionado, apenas “Ah, pobre papai! Ah, querido papai!”. Além disso, contou que ela não tinha outros parentes além de duas tias, irmãs solteiras do sr. Spenlow, que moravam em Putney, e que não tiveram nada mais que contatos eventuais com o irmão durante muitos anos. Não que tivessem jamais brigado (me informou a srta. Mills), mas por ocasião da crisma de Dora, tendo sido convidadas para o chá quando se consideravam merecedoras de um convite para jantar, haviam expressado sua opinião por escrito de que era “melhor para a felicidade de todos os envolvidos” que elas mantivessem distância. Desde então, elas seguiram seu caminho, seu irmão, o dele.

Essas duas damas emergiam agora de seu retiro e haviam proposto levar Dora para morar em Putney. Dora, apegando-se às duas e chorando, exclamou: “Ah, claro, tias! Por favor, levem Julia Mills, eu e Jip para Putney!”. E para lá foram, logo depois do funeral.

Como encontrei tempo para assombrar Putney realmente não sei, mas consegui, de um jeito ou de outro, rondar pelo bairro com bastante frequência. A srta. Mills, para o cumprimento mais exato dos deveres de amizade, mantinha um diário e costumava, às vezes, se encontrar

comigo nas Cortes e ler o diário, ou, se não tinha tempo para isso, emprestá-lo para mim. Como eu prezava aquelas anotações, das quais anexo uma amostra:

> Segunda-feira. Minha doce D. ainda muito deprimida. Dor de cabeça. Chamo sua atenção para J. com o pelo tão brilhante. D. acariciou J. Associações assim despertadas liberaram torrentes de tristeza. Admite onda de sofrimento. (As lágrimas não são o orvalho do coração? J.M.)
>
> Terça-feira. D. fraca e nervosa. Linda na palidez. (Não dizemos isso também da lua? J.M.) D., J.M. e J. passeiam de carruagem. J. olhando pela janela, latindo violentamente para o lixeiro, fez um sorriso se espalhar pelo rosto de D. (De elos assim delicados se compõe a corrente da vida! J.M.)
>
> Quarta-feira. D. comparativamente alegre. Cantei para ela uma música adequada, "Os sinos da tarde".{33} Efeito nada tranquilizador, e sim o contrário. D. indizivelmente afetada. Encontrei-a chorando depois, em seu quarto. Citei versos comparando-a a uma jovem gazela.{34} Ineficaz. Falei também da Paciência no túmulo.{35} (Pergunta: Por que num túmulo? J.M.)
>
> Quinta-feira. D. melhorou com certeza. Noite melhor. Ligeiro colorido de damasco voltando ao rosto. Decidi mencionar o nome de D.C. Introduzi-o –, cautelosamente, durante caminhada. D. imediatamente aflita. "Ah, nossa! Julia, querida! Ah, tenho sido uma criança ingrata e malcriada!" Acalmei e acariciei. Tracei retrato ideal de D.C. à beira da morte. D. aflita outra vez. "Ah, o que eu faço, o que eu devo fazer? Ah, me leve para algum lugar!" Muito alarmada. Desmaio de D. e copo de água de um bar. (Afinidade poética: placa xadrez na placa do bar, a vida humana em xeque-mate. Ai! J.M.)
>
> Sexta-feira. Dia movimentado. Homem aparece na cozinha, com sacola azul, "para pegar botas de senhora para trocar salto". Cozinheira responde: "Não sei de nada". Homem insiste. Cozinheira entra para se informar, deixa homem sozinho com J. Cozinheira volta, homem ainda insiste, mas acaba indo embora. J. desaparecido. D. arrasada. Informa-se a polícia. Homem a ser identificado por nariz largo, perna como balaustrada de ponte. Busca realizada por todos os lados. Nada de J. D. chorando amargamente, inconsolável. Nova referência a jovem gazela. Apropriada, mas ineficaz. Ao anoitecer, rapaz estranho se apresenta. Levado à sala. Nariz largo, mas nada de balaustrada. Diz que quer uma libra, que sabe do cachorro. Recusa-se a explicar mais, embora muito pressionado. Entregue a libra por D., leva a cozinheira à casinha, onde J. está sozinho amarrado ao pé da mesa. Alegria de D., que dança em volta de J., que come seu jantar. Encorajada por essa alegre mudança, no andar de cima menciono D.C. D. chora de novo, exclama, dolorida: "Ah, não, não. É tão cruel pensar em outra coisa além do pobre papai!". Abraça J. e chora até dormir. (D.C. não deveria confiar-se às grandes asas do Tempo? J.M.)

A srta. Mills e seu diário eram meu único consolo nessa fase. Encontrá-la, que tinha estado com Dora pouco tempo antes – acariciar a inicial do nome de Dora em suas páginas cheias de compaixão, deixar-me ficar mais e mais infeliz por ela –, era meu único conforto. Sentia como se

vivesse em um castelo de cartas que havia desmoronado, deixando apenas a srta. Mills e eu entre as ruínas, como se algum soturno bruxo tivesse traçado um círculo mágico em torno da deusa inocente de meu coração, no qual, de fato, nada além dessas fortes asas, capazes de levar tanta gente a superar tanta coisa, me permitiria entrar!

XXXIX

Wickfield e Heep

Imagino que minha tia, começando a ficar seriamente incomodada com meu interminável desânimo, inventou o pretexto de que estava ansiosa que eu fosse até Dover, para ver se estava tudo correndo bem no chalé que havia alugado, e para concluir um acordo com o mesmo locatário para um prazo maior de ocupação. Janet fora convocada ao serviço da sra. Strong, onde eu a via todos os dias. Ela havia hesitado em deixar Dover, em dar ou não aquele toque final de renúncia à humanidade na qual fora educada, casando-se com um navegador, mas se decidira contra a aventura. Não tanto por uma questão de princípios, acredito, mas porque não gostava dele.

Embora precisasse de um esforço para deixar a srta. Mills, me senti muito inclinado a atender minha tia, como um meio de me permitir passar algumas horas tranquilas com Agnes. Consultei o bom doutor em relação à minha ausência por três dias; e como o doutor queria que eu gozasse esse descanso – queria que eu demorasse mais, porém minha energia não suportaria isso –, decidi ir.

Quanto à Corte, eu não tinha grande ocasião de fazer exigências quanto a meus deveres ali. Para dizer a verdade, as coisas não estavam cheirando bem entre os altos procuradores, e decaíam rapidamente para uma posição no mínimo duvidosa. A empresa havia sido indiferente sob as ordens do sr. Jorkins, antes do período do sr. Spenlow; e embora progredisse com a infusão de sangue novo e pela visibilidade que o sr. Spenlow conseguia, ainda não estava estabelecida em base sólida o suficiente para suportar sem abalos um golpe como a perda de seu ativo administrador. Eu me desinteressei bastante. O sr. Jorkins, apesar de sua reputação na empresa, era o tipo de homem despreocupado, incapaz, cuja reputação fora dali não tinha sustentação. Eu agora me reportava a ele, e quando o via tomar seu rapé e deixar os negócios correrem,

lamentava mais do que nunca as mil libras de minha tia.

Mas isso não era o pior. Havia uma porção de oportunistas, gente estranha à Corte que, sem serem eles próprios procuradores, se apossavam de negócios comuns que levavam para procuradores de verdade resolverem, emprestando seu nome em troca de uma parte dos lucros, e esses eram muitos. Como a nossa casa agora precisava de trabalho a qualquer custo, nos juntamos a esse nobre bando; e jogamos a isca aos oportunistas e invasores para que trouxessem seus negócios a nós. O que todos procurávamos eram licenças de casamento e pequenos testamentos, que pagavam melhor, e a competição por esses casos ficou de fato feroz. Sequestradores e aliciadores eram postados em todas as entradas da Corte, com instruções para fazer o máximo possível a fim de interceptar pessoas de luto e todos os cavalheiros com qualquer indício de timidez na aparência e convencê-los a entrar nos escritórios em que seus respectivos empregadores estavam interessados, instruções essas tão bem observadas que eu próprio, antes de ser reconhecido, fui duas vezes empurrado para dentro da sala por nosso principal oponente. Como a natureza dos interesses conflitantes desses cavalheiros caça-clientes irritava seus sentimentos, ocorriam choques físicos, e a Corte chegou a se escandalizar quando o principal aliciador nosso (que antes estivera no negócio de vinhos e depois fora corretor juramentado) circulou durante alguns dias com um olho roxo. Qualquer um desses batedores não hesitaria em ajudar educadamente uma velha de preto a descer de um veículo, matar qualquer procurador que ela mencionasse, apresentando seu empregador como sucessor legal e representante do procurador falecido, levando a velhinha (às vezes muito abalada) à sala de seu empregador. Muitos cativos me eram trazidos dessa forma. Quanto a licenças de casamento, a competição chegou a tal ponto que um cavalheiro tímido em busca de uma não precisava fazer nada além de se submeter ao primeiro aliciador, ou ser disputado e vir a ser presa do mais forte. Um de nossos escriturários, que era de fora, costumava, no auge dessa disputa, ficar sentado com o chapéu na cabeça e estar pronto para sair correndo e jurar diante de um juiz representante por qualquer vítima que fosse trazida. Acredito que o sistema de aliciamento continue

até hoje. Na última vez em que estive na Corte, um civil muito apresentável, de avental branco, pulou de uma porta em cima de mim, sussurrando a expressão “licença de casamento” em meu ouvido e só com grande dificuldade impedi que me levasse pelo braço e me apresentasse a um procurador.

Depois dessa digressão, vamos para Dover.

Encontrei tudo em estado satisfatório no chalé; e pude satisfazer grandemente minha tia ao relatar que o locatário herdara sua causa e promovia guerra incessante aos burros. Depois de resolver os pequenos negócios que tinha de atender e de dormir lá uma noite, fui a pé até Canterbury de manhã cedinho. Era inverno de novo e o dia fresco, o vento frio e a vasta planície animaram um pouco minha esperança.

Ao entrar em Canterbury, vaguei por velhas ruas com um sóbrio prazer que acalmou meu espírito e aliviou meu coração. Lá estavam as mesmas placas, os mesmos nomes sobre as lojas, as mesmas pessoas a servir nelas. Parecia fazer tanto tempo que eu havia sido um colegial ali que me admirei de ver o lugar tão pouco mudado, até refletir sobre como eu próprio havia mudado pouco. Estranho dizer isso, mas aquela influência tranquila que em minha mente era inseparável de Agnes parecia penetrar até mesmo a cidade em que ela morava. As veneráveis torres da catedral, que as vozes rarefeitas das velhas gralhas e corvos tornavam ainda mais retiradas do que o perfeito silêncio, os velhos portões um dia cheios de estátuas há muito derrubadas e em ruínas, assim como os peregrinos reverentes que as tinham observado, os recantos sossegados onde a hera crescendo há séculos cobria cumeeiras e paredes em ruínas, as casas antigas, a paisagem pastoral de campo, pomar e jardim, por toda parte, em tudo, eu sentia o mesmo ar sereno, a mesma calma, o mesmo espírito reflexivo e suave.

Chegando à casa do sr. Wickfield, encontrei na salinha da torre do andar térreo, onde Uriah Heep costumava sentar, o sr. Micawber usando sua pena com grande empenho. Estava vestido com um terno preto de aspecto jurídico e dominava, corpulento e grande, o pequeno escritório.

O sr. Micawber ficou satisfeitíssimo de me encontrar, mas também um pouco confuso. Teria me levado imediatamente à presença de Uriah,

mas declinei do convite.

– Conheço a casa faz muito tempo, como deve lembrar – disse eu –, e posso subir sozinho. O que está achando do trabalho com as leis, senhor Micawber?

– Meu caro Copperfield – respondeu. – Para um homem dotado de poderes de imaginação superiores, a objeção aos estudos legais é a quantidade de detalhes que exige. Mesmo em nossa correspondência profissional – disse o sr. Micawber, olhando algumas cartas que estava escrevendo –, a mente não tem liberdade para voar com nenhuma forma exaltada de expressão. Mesmo assim, é uma grande conquista. Uma grande conquista!

Ele então me contou que passara a ser inquilino da antiga casa de Uriah Heep, e que a sra. Micawber ia ficar muito satisfeita de me receber, mais uma vez, sob o seu teto.

– É humilde – disse o sr. Micawber –, para usar a expressão favorita de meu amigo Heep, mas pode significar o primeiro passo para acomodações domiciliares mais ambiciosas.

Perguntei se ele tinha razões, até esse momento, de estar satisfeito com o tratamento que seu amigo Heep lhe dispensava. Ele se levantou para verificar se a porta estava fechada, antes de responder em voz mais baixa:

– Meu caro Copperfield, um homem que labuta sob a pressão de dificuldades pecuniárias está em desvantagem com as pessoas em geral. Essa desvantagem não diminui quando essa pressão necessita a obtenção de emolumentos estipendiários, antes de esses emolumentos serem estritamente devidos e pagáveis. Tudo o que posso dizer é que meu amigo Heep atendeu a apelos a que não preciso me referir mais particularmente e de forma calculada sem recair sobre a honra de sua cabeça e coração.

– Eu não supunha que ele fosse muito liberal com seu dinheiro – observei.

– Desculpe! – disse o sr. Micawber com expressão constrangida. – Falo de meu amigo Heep pela experiência que tive.

– Fico contente que sua experiência tenha sido tão favorável –

retorqui.

– Você é muito gentil, meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber, e cantarolou uma melodia.

– Encontra muito com o senhor Wickfield? – perguntei, para mudar de assunto.

– Não muito – respondeu o sr. Micawber, desdenhoso. – O senhor Wickfield é, se posso afirmar, um homem de excelentes intenções, mas está... em resumo, obsoleto.

– Acredito que o sócio procure fazer com que pareça assim – disse eu.

– Meu caro Copperfield – retrucou o sr. Micawber depois de algumas inquietas evoluções em seu banquinho –, permita que eu faça uma observação! Estou aqui numa posição de confiança. Estou aqui numa posição confidencial. Sou levado a pensar que a discussão de certos tópicos, mesmo com a própria senhora Micawber (há tanto tempo parceira de minhas várias vicissitudes e mulher de notável lucidez intelectual), seria incompatível com as funções que desempenho. Tomarei, portanto, a liberdade de sugerir que tracemos uma linha divisória em nossa relação de amizade, que, confio, nunca será abalada. De um lado dessa linha – disse o sr. Micawber traçando a linha com a régua em sua mesa –, está toda a gama do intelecto humano, com uma pequena exceção; do outro lado, está essa exceção. O que quer dizer, os negócios dos senhores Wickfield e Heep com tudo o que a eles diz respeito. Confio que não ofenderei o companheiro de minha juventude ao submeter essa proposição a seu equilibrado julgamento.

Embora visse uma mudança incômoda no sr. Micawber que o constrangia como se seus novos deveres estivessem desajustados, senti que não tinha o direito de me ofender. Quando disse isso a ele, pareceu aliviado; e trocamos um aperto de mão.

– Gostaria que soubesse, Copperfield – disse o sr. Micawber –, que estou encantado com a senhorita Wickfield. É uma jovem dama muito superior, de atrativos, graças e virtudes muito notáveis. Juro por minha honra – disse o sr. Micawber beijando vagamente a mão e inclinando a cabeça com a mais nobre expressão – que presto um tributo à senhorita Wickfield! Hum!

– Fico contente de saber disso, ao menos – disse eu.

– Se não tivesse nos garantido, meu caro Copperfield, por ocasião daquela tarde agradável que tivemos a felicidade de passar com o senhor, que sua letra favorita é D. – o sr. Micawber falou –, eu inquestionavelmente acharia que era A.

Todos nós temos a experiência de uma sensação que nos vem ocasionalmente de que aquilo que estamos falando ou fazendo já foi dito e feito antes, num tempo remoto, de termos nos visto cercados, há longínquos anos, pelos mesmos rostos, objetos e circunstâncias, de sabermos exatamente o que será dito em seguida, como se lembrássemos aquilo de repente! Nunca tive essa sensação com maior intensidade em minha vida do que no momento em que ele pronunciou essas palavras.

Então me despedi do sr. Micawber, encarregando-o de enviar lembranças a todos em casa. Quando o deixei, ele retomou o banco e a pena, girando a cabeça no colarinho para ficar mais cômodo para escrever, percebi claramente que algo havia se interposto entre ele e mim desde que assumira suas novas funções, e que isso impedia de estabelecer o contato que tínhamos antes e alterava bastante o caráter de nosso relacionamento.

Não havia ninguém na antiga saleta estranha, embora houvesse indícios da presença da sra. Heep. Olhei o quarto que ainda pertencia a Agnes e a vi sentada diante da lareira, numa linda escrivaninha antiga que possuía, escrevendo.

Minha sombra contra a luz a fez levantar a cabeça. Que prazer senti de ser a causa daquela luminosa mudança em seu rosto atento, e objeto daquele doce olhar de boas-vindas!

– Ah, Agnes – eu disse, quando nos sentamos lado a lado –, tenho sentido tanto a sua falta!

– É mesmo? – ela perguntou. – De novo! E tão depressa?

Sacudi a cabeça.

– Não sei como explicar, Agnes; mas parece que me falta alguma faculdade mental que eu devia ter. Você tantas vezes pensou por mim nos velhos e bons tempos nesta casa, e eu procurava seu conselho e apoio

com tanta naturalidade, que realmente penso que não desenvolvi essa capacidade.

– E o que houve? – Agnes perguntou, alegre.

– Não sei como explicar – repliquei. – Será que sou sério e perseverante?

– Tenho certeza que sim – disse Agnes.

– E paciente, Agnes? – perguntei com certa hesitação.

– S... sim – Agnes respondeu rindo. – Bastante.

– Mesmo assim – disse eu –, fico tão arrasado e preocupado, tão instável e irresoluto em minha capacidade de me afirmar, que sei que deve me faltar... como posso dizer?... segurança, de algum tipo.

– Chame assim, se quiser – disse Agnes.

– Bom! – continuei. – Veja só! Você vai a Londres, me abro com você, e de repente tenho um objetivo e uma meta. Perco o rumo, venho até aqui e em um momento me sinto uma pessoa alterada. As circunstâncias que me afligiram não mudaram desde que entrei nesta sala, mas alguma coisa me influencia neste momento e me altera, ah, para muito melhor! O que é? Qual é o seu segredo, Agnes?

Ela estava com a cabeça baixa, olhando o fogo.

– É a velha história – disse eu. – Não ria quando digo que é sempre igual nas coisas pequenas como nas grandes. Meus problemas de antes eram bobagem, e agora são sérios, mas sempre que estou longe de minha irmã adotiva...

Agnes ergueu os olhos – com um rosto tão celestial –, e me estendeu a mão, que beijei.

– Sempre que não tenho você, Agnes, para me aconselhar e aprovar logo no começo, parece que enlouqueço e caio em toda sorte de dificuldades. Quando encontro com você afinal (como sempre acontece), encontro paz e felicidade. Cheguei em casa agora, como um viajante cansado, e encontro tamanha sensação de abençoada calma!

Era tão sentido o que disse, aquilo me afetava de modo tão sincero, que minha voz falhou, e cobri o rosto com a mão e caí em prantos. Escrevo a pura verdade. Quaisquer que fossem as contradições e

incoerências que havia dentro de mim, como dentro de tantos de nós; ou o que fosse tão diferente, ou tão melhor; fosse qual fosse a obstinação perversa que usei para ignorar a voz de meu próprio coração; de nada eu sabia. Sabia apenas que era ardorosamente sério ao sentir a calma e a paz de ter Agnes a meu lado.

Com seu jeito plácido de irmã, com seus olhos brilhantes, com a voz terna e aquela doce compostura que transformava a casa que a protegia em um templo muito sagrado para mim, ela logo me removeu de minha fraqueza e me fez contar a ela tudo o que havia acontecido desde nosso último encontro.

– E não resta nem mais uma palavra a dizer, Agnes – falei ao terminar minha confidência. – Agora, dependo de você.

– Mas não deve depender de mim, Trotwood – Agnes retorquiu com um sorriso agradável. – Tem de ser de outra pessoa.

– De Dora? – perguntei.

– Claro.

– Ora, eu não mencionei, Agnes – disse eu, um pouco embaraçado –, que Dora é bastante difícil... eu não diria, por nada no mundo, de se poder confiar, porque ela é o próprio espírito da pureza e da verdade... mas bastante difícil de... nem sei como expressar, realmente, Agnes. Ela é uma criaturinha tímida, que se perturba e assusta com facilidade. Algum tempo atrás, antes da morte do pai, quando achei que era a hora certa de mencionar a ela... mas quero contar a você, se quiser me ouvir, como foi.

E então contei a Agnes sobre minha declaração de pobreza, sobre o livro de receitas, sobre as contas domésticas, e todo o resto.

– Ah, Trotwood! – ela me censurou com um sorriso. – Sempre a sua precipitação! Você podia se esforçar para se pôr no mundo sem assustar de repente uma moça tímida, adorável e inexperiente. Pobre Dora!

Nunca tinha ouvido bondade tão paciente expressa com voz tão doce como a dela ao me responder. Era como se a visse abraçando Dora com ternura e admiração, tacitamente me reprovando, com sua atenciosa proteção, por minha pressa acalorada em perturbar aquele pequeno

coração. Era como se visse Dora, em toda a sua fascinante ingenuidade, acariciando Agnes, agradecendo a ela, me censurando com carinho e me amando com sua inocência infantil.

Fiquei tão agradecido a Agnes e senti tanta admiração por ela! Vi aquelas duas juntas numa clara perspectiva, amigas tão próximas, uma realçando a outra a tal ponto!

– O que devo fazer então, Agnes? – perguntei, depois de ficar olhando o fogo um momento. – O que seria mais certo fazer?

– Acho – disse Agnes – que o rumo mais honrado a tomar seria escrever a essas duas senhoras. Não acha que qualquer atitude secreta seria indigna?

– Claro. Se você acha – respondi.

– Não tenho capacidade para julgar esse assunto – Agnes replicou com modesta hesitação –, mas sinto, sim... em resumo, sinto que você ser misterioso e clandestino é não ser você mesmo.

– Ser eu mesmo só na opinião que você tem de mim, Agnes – disse eu.

– Ser você mesmo na candura de sua natureza – ela respondeu. – Eu escreveria a essas duas senhoras, explicaria a elas o mais clara e abertamente possível tudo o que aconteceu; e pediria a permissão delas para visitar sua casa algumas vezes. Considerando que você é jovem e está lutando por um lugar no mundo, acho que ficaria bem dizer que aceitaria prontamente qualquer condição que elas imponham. Pediria a elas que não recusassem seu pedido sem uma consulta a Dora; e que discutissem com ela quando achassem o momento oportuno. Não seria muito veemente – disse Agnes, delicada –, nem proporia demais. Confiaria em minha própria fidelidade e perseverança... e em Dora.

– Mas se elas assustarem Dora outra vez, Agnes, ao falar com ela – disse eu. – E se Dora chorar e não falar nada a meu respeito?

– Acha possível? – Agnes perguntou com a mesma doce consideração no rosto.

– Deus nos guarde, ela é tão fácil de assustar como um passarinho – eu disse. – Pode acontecer! E se essas duas senhoritas Spenlow (velhas desse tipo são estranhas, às vezes) forem o tipo de pessoa com quem não

se pode conversar desse jeito?

– Não acho, Trotwood – Agnes respondeu, erguendo os olhos suaves para os meus –, que deva pensar nisso. Talvez fosse melhor pensar apenas se isso é o certo a fazer. E se for, fazer assim.

Eu não tinha mais nenhuma dúvida a respeito. Com o coração leve, embora com uma profunda sensação da pesada importância de minha tarefa, dediquei toda a tarde a compor o rascunho de uma carta, séria atividade para a qual Agnes me cedeu sua escrivaninha. Mas antes, desci para ver o sr. Wickfield e Uriah Heep.

Encontrei Uriah de posse de um escritório novo, cheirando a tinta, construído no jardim; parecendo excepcionalmente abjeto no meio de uma quantidade de livros e papéis. Ele me recebeu com a maneira servil de sempre, e fingiu não ter sabido de minha chegada pelo sr. Micawber, mentira em que tomei a liberdade de não acreditar. Ele me acompanhou à sala do sr. Wickfield, que era uma sombra do que havia sido, despida de uma variedade de conveniências para acomodação do novo sócio, que se pôs diante da lareira, aquecendo as costas e alisando o queixo com a mão ossuda, enquanto o sr. Wickfield e eu trocávamos cumprimentos.

– Vai ficar conosco, Trotwood, enquanto estiver em Canterbury? – o sr. Wickfield perguntou, não sem antes procurar com os olhos a aprovação de Uriah.

– Tem um lugar para mim? – perguntei.

– Pode ter certeza, Copperfield... eu devia dizer senhor Copperfield, mas seu nome me vem tão naturalmente... que devolvo seu velho quarto com todo o prazer, se for do seu agrado.

– Não, não – disse o sr. Wickfield. – Por que *você* haveria de se incomodar? Temos outro quarto. Temos outro quarto.

– Ah, mas sabe – insistiu Uriah com um sorriso –, seria um prazer pra mim!

Para resumir o assunto, eu disse que ficaria no outro quarto ou em nenhum, então acertamos que ficaria no outro quarto e, deixando o escritório até a hora do jantar, tornei a subir.

Esperava não ter nenhuma outra companhia além de Agnes. Mas a

sra. Heep pedira permissão para irem, ela e seu tricô, para perto da lareira naquele quarto; sob o pretexto de que ali, pela direção do vento, era mais conveniente a seu reumatismo do que as salas de estar ou de jantar. Embora pudesse entregá-la sem remorso aos ventos da torre mais alta da catedral, fiz da necessidade uma virtude e cumprimentei-a com cortesia.

– Agradeço humildemente, meu senhor – disse a sra. Heep, respondendo a minha pergunta sobre sua saúde –, mas estou mais ou menos bem. Não tenho muito do que me gabar. Vendo o meu Uriah bem-sucedido na vida, não posso esperar mais nada. Como o senhor achou que está o meu Ury?

Eu achava que ele estava com a mesma vilania de sempre, e respondi que não via nenhuma mudança nele.

– Ah, não acha que mudou? – perguntou a sra. Heep. – Aí peço a sua licença para discordar. Não viu a magreza dele?

– Não mais que sempre – repliquei.

– É mesmo? – exclamou a sra. Heep. – Mas o senhor não olha pra ele com olhar de mãe!

O olhar de mãe dela era mau-olhado para o resto do mundo, pensei quando ela olhou nos meus olhos, mesmo muito afeiçoada a ele, e acredito que ela e o filho eram dedicados um ao outro. Os olhos dela passaram por mim e foram para Agnes.

– Não vê magreza e cansaço nele, senhorita Wickfield? – perguntou a sra. Heep.

– Não – disse Agnes, prosseguindo serena no trabalho em que estava envolvida. – A senhora se preocupa demais. Ele está muito bem.

Fungando prodigiosamente, a sra. Heep retomou o tricô.

Não deixou o trabalho nem a nós nem por um momento. Eu havia chegado cedo, e faltavam ainda três ou quatro horas para o jantar; mas ela ficou lá sentada, brincando com suas agulhas de modo tão monótono como uma ampulheta despeja suas areias. Ela de um lado da lareira; eu sentado à escrivaninha à sua frente; e um pouco adiante de mim, do outro lado, Agnes. Toda vez que ponderava lentamente sobre minha

carta e erguia os olhos, e encontrava o rosto pensativo de Agnes, via o seu brilho a sorrir animadoramente para mim com expressão angélica, eu tinha consciência dos olhos maus que passavam por mim, iam para Agnes e de volta para mim, baixando depois às escondidas para o tricô. Não sei o que estava tricotando, uma vez que não entendo dessa arte, mas parecia uma rede, e ao tricotar com os palitos chineses daquelas agulhas, ela parecia, à luz da lareira, uma feiticeira de mau aspecto ainda contida pela bondade radiante à sua frente, mas preparando-se para o momento de jogar a rede.

Durante o jantar, ela manteve a vigilância com o mesmo olhar fixo. Depois do jantar, foi a vez do filho, e quando o sr. Wickfield, ele e eu ficamos sozinhos, ele me espionava e se retorcia até eu mal poder suportar mais. Na sala, lá estava sua mãe tricotando e vigiando outra vez. Durante todo o tempo em que Agnes cantou e tocou, a mãe ficou sentada ao piano. Em certo momento, pediu uma balada específica, que disse que seu Ury (que bocejava numa poltrona) muito apreciava; e de quando em quando olhava para ele e dizia a Agnes que ele estava enlevado pela música. Ela quase nunca falava sem fazer menção a ele (me pergunto se o fazia alguma vez). Para mim ficou evidente que esse era o dever atribuído a ela.

Isso durou até a hora de dormir. Ver a mãe e o filho, como dois grandes morcegos, pairando pela casa toda, escurecendo tudo com sua feiura, me incomodava tanto que eu preferia ter ficado no andar de baixo, com tricô e tudo, a ir para a cama. Dormi muito pouco. No dia seguinte, o tricô e a vigilância recomeçaram, e duraram o dia inteiro.

Não tive oportunidade de falar com Agnes nem dez minutos. Mal consegui mostrar a ela minha carta. Propus que ela fosse caminhar comigo, mas como a sra. Heep insistia, queixosa, que estava pior, Agnes caridosamente ficou na sala e lhe fez companhia. Ao anoitecer, saí sozinho, meditando sobre o que devia fazer e se estava certo continuar escondendo de Agnes o que Uriah Heep havia me dito em Londres; porque aquilo começou a me incomodar muito de novo.

Não tinha me afastado o suficiente para estar fora da cidade pela estrada de Ramsgate, onde o caminho era bom, quando alguém atrás de

mim me chamou na penumbra. Não havia como se enganar com a figura desajeitada e o sobretudo apertado. Parei e Uriah Heep veio até mim.

– O que foi? – perguntei.

– Como o senhor anda depressa! – ele disse. – Minhas pernas são bem compridas, mas o senhor me deu trabalho.

– Aonde está indo? – perguntei.

– Vim encontrar o senhor, Copperfield, se me permite o prazer de andar ao lado de um velho conhecido. – Ao dizer isso, com uma torção do corpo que podia ser tanto por simpatia como por caçoada, acertou o passo com o meu.

– Uriah! – eu disse o mais civilizadamente possível, depois de um silêncio.

– Copperfield! – disse Uriah.

– Para falar a verdade, e espero que não fique ofendido, saí para caminhar sozinho, porque já tive companhia demais.

Ele me olhou de lado e disse com um sorriso duro:

– Está falando de minha mãe?

– É, sim, de sua mãe – respondi.

– Ah! Mas o senhor sabe que nós somos muito humildes –ele prosseguiu. – E conhecendo bem a nossa humildade, temos de tomar muito cuidado para não sermos postos contra a parede por quem não é humilde. No amor, todo estratagema é válido.

Erguendo as mãos grandes até tocarem o queixo, ele as esfregou suavemente e suavemente riu, parecendo um babuíno malévolo mais que qualquer outro ser humano.

– Sabe – disse ele, ainda se acariciando daquela maneira desagradável e sacudindo a cabeça para mim –, o senhor é um rival muito perigoso, Copperfield. Sempre foi, sabe?

– Você vigia a senhorita Wickfield e tira a liberdade dela em sua própria casa por minha causa? – perguntei.

– Ah! Copperfield! Que palavras duras! – ele replicou.

– Entenda como quiser – disse eu. – Sabe do que estou falando tão bem como eu.

– Ah, não! O senhor tem de pôr em palavras – disse ele. – Ah, realmente! Eu não consigo.

– Você acha – eu disse, me controlando para ser muito equilibrado e calmo com ele, por conta de Agnes – que vejo a senhorita Wickfield como alguma coisa além de uma irmã querida?

– Bom, Copperfield – ele replicou –, sabe que não sou obrigado a responder sua pergunta. Pode não ser, sabe? Mas também, sabe, pode ser, sim!

Nunca vi nada tão malicioso como seu rosto e seus olhos sombrios desprovidos de um único cílio.

– Ora, por favor! – disse eu. – Pela senhorita Wickfield...

– Minha Agnes! – ele exclamou, com uma contorção angulosa e doentia. – Tenha a bondade de usar o nome de Agnes, Copperfield!

– Por Agnes Wickfield... com a bênção de Deus!

– Agradeço essa bênção, Copperfield! – ele interrompeu.

– Vou dizer a você o que eu deveria, em qualquer outra circunstância, pensar em dizer a... Jack Ketch.

– Quem? – Uriah perguntou, esticando o pescoço e pondo a mão em concha no ouvido.

– O carrasco – retruquei. – A última pessoa em que eu poderia pensar... – embora o rosto dele mesmo é que tivesse sugerido a alusão como sequência natural. – Estou noivo de outra moça. Espero que se contente com isso.

– Jura por Deus? – Uriah perguntou.

Eu estava a ponto de confirmar com toda a indignação quando ele agarrou minha mão e apertou.

– Ah, Copperfield! – disse. – Se tivesse tido a bondade de retribuir a confiança com que abri tão completamente o meu coração na noite em que incomodei o senhor dormindo na frente da sua lareira, nunca teria incomodado o senhor. Diante disso, vou remover minha mãe imediatamente e com muita alegria. Tenho certeza de que há de perdoar as precauções do afeto, não? Que pena, Copperfield, que o senhor não teve a bondade de retribuir minha confiança! Tenho certeza de que dei

todas as oportunidades pra isso. Mas o senhor nunca teve essa bondade comigo, como eu tanto gostaria. Sei que nunca gostou de mim como gosto do senhor!

Esse tempo todo ele apertava minha mão com os dedos úmidos, viscosos, enquanto eu fazia todo o esforço para me livrar discretamente. Mas sem sucesso. Ele a puxou para baixo da manga do sobretudo cor de amora e continuei andando, quase por compulsão, de braço dado com ele.

– Vamos voltar? – Uriah disse, me fazendo virar de frente para a cidade, sobre a qual a lua prematura brilhava, prateando as janelas distantes.

– Antes de mudarmos de assunto, você tem de entender – disse eu, rompendo um silêncio bastante prolongado – que acredito que Agnes Wickfield está muito acima de *você*, tão acima de todas as *suas* aspirações como a própria lua!

– Pacífica, ela! Não é? – disse Uriah. – Muito! Agora confesse, Copperfield, que nunca gostou de mim como eu gosto do senhor. O tempo todo sempre me achou muito humilde, não me admira nada.

– Não gosto de confissões de humildade – respondi – nem de confissões de nenhum tipo.

– Pois então! – disse Uriah, parecendo lânguido, cor de chumbo ao luar. – Como se eu não soubesse! Mas como o senhor tem pouca consideração com a honesta humildade de uma pessoa na minha posição, Copperfield! Meu pai e eu fomos educados numa escola beneficente para meninos; e minha mãe também, criada num estabelecimento público de caridade. Ensinavam todo tipo de humildade, e não muito mais, de manhã à noite. Era pra gente ser humilde pra esta pessoa, humilde praquela, tirar o chapéu aqui, inclinar a cabeça ali, e saber sempre o seu lugar, se rebaixar na frente dos superiores. E eram muitos os superiores! Meu pai ganhou uma medalha de monitor por ser humilde. Eu também. Meu pai foi nomeado sacristão por ser humilde. No meio dos bem-nascidos, ele tinha a fama de ser tão bem-comportado que resolveram dar uma ajuda. “Seja humilde, Uriah”, meu pai dizia pra mim, “e você vai pra frente. Foi sempre isso que martelaram em você e em mim

na escola, é o que dá mais certo, filho. Seja humilde", meu pai dizia, "e você vai pra frente!" E realmente não me fez mal!

Era a primeira vez que me ocorria que aquele detestável jargão de falsa humildade podia ter origem na família Heep. Eu tinha visto o fruto, mas nunca pensei na semente.

– Quando eu ainda era pequeno – disse Uriah –, aprendi o que a humildade fazia e adotei. Comi a torta da humildade com apetite. Parei no ponto humilde do meu aprendizado e disse assim: "Resista!". Quando o senhor se ofereceu pra me ensinar latim, eu sabia que não devia. "As pessoas gostam de ficar por cima", o meu pai dizia. "Baixe a cabeça." Sou muito humilde até agora, Copperfield, mas tenho algum poder!

E ele disse tudo isso – eu sei, porque via seu rosto ao luar – para que eu entendesse que estava decidido a colher a recompensa do exercício desse poder. Nunca duvidei de sua baixeza, sua dissimulação e malícia, mas agora entendia perfeitamente, pela primeira vez, que espírito baixo, insensível e vingativo devia ter sido engendrado por essa precoce e prolongada privação.

O relato sobre si mesmo veio acompanhado de um resultado agradável, pois levou-o a retirar a mão a fim de poder acariciar o queixo outra vez. Livre dele, eu estava determinado a manter distância, e caminhamos de volta lado a lado, falando muito pouco pelo caminho.

Não sei se ele sentiu o ânimo elevado pela comunicação que fiz a ele ou por ter se permitido esse retrospecto, mas alguma coisa o animou. Durante o jantar, falou mais do que era costume. Perguntou à mãe (dispensada de seus deveres assim que entramos na casa) se não estava ficando velho demais para continuar solteiro, e olhou para Agnes de um jeito que eu teria dado tudo o que tinha pela permissão de esmurrar sua cara.

Quando os três homens ficaram sozinhos depois do jantar, ele entrou em estado mais aventureiro. Tinha bebido pouco ou nenhum vinho, e acredito que era a mera insolência do triunfo que ele exibia, estimulado talvez pela tentação que minha presença fornecia para essa exibição.

No dia anterior, eu havia observado que ele estimulava o sr. Wickfield a beber; e interpretando o olhar que Agnes havia me dado ao sair,

limitei-me a um copo e em seguida propus que a acompanhássemos. Eu ia fazer a mesma coisa essa noite, mas Uriah foi rápido demais para mim.

– Nós raramente vemos nosso atual visitante, senhor Wickfield – disse ele sentado à sua frente, em tamanho contraste, na ponta oposta da mesa –, e proponho que a gente dê boas-vindas com mais um ou dois copos de vinho, se o senhor não se opõe. Senhor Copperfield, à sua saúde e felicidade!

Fui obrigado a aceitar a mão que ele estendeu para mim sobre a mesa e depois, com emoções muito diferentes, apertei a mão do alquebrado cavalheiro, seu sócio.

– Vamos, meu sócio – disse Uriah –, se posso tomar a liberdade... Agora, digamos que o senhor sugira um brinde ou outro adequado pro Copperfield!

Passo depressa pelos brindes que o sr. Wickfield propôs a minha tia, ao sr. Dick, à Corte Civil, a Uriah, ele bebendo dois copos de cada vez, pela consciência de sua própria fraqueza, pelo esforço inútil que fez para resistir, pela luta entre a vergonha diante do comportamento de Uriah e seu desejo de conciliação; pela manifesta exultação com que Uriah se torcia e retorcia e o dominava diante de mim. Me deixou doente o coração, e minha mão se recusa a escrever.

– Vamos, meu sócio! – disse Uriah, por fim. – *Eu* vou fazer mais um brinde e peço humildemente que os copos sejam cheios, visto que vou brindar à mais divina do seu sexo.

O pai dela estava com o copo vazio na mão. Vi quando o pôs na mesa, olhou o quadro que era tão parecido com ela, passou a mão na testa e encolheu-se na cadeira.

– Sou um homem humilde demais para brindar à saúde dela – prosseguiu Uriah –, mas admiro... adoro essa moça.

Acho que nenhuma dor física que a cabeça grisalha do pai pudesse sentir teria sido mais terrível para mim do que o tormento mental que vi apertado entre suas mãos.

– Agnes – disse Uriah, que não deu atenção a ele, ou não entendeu a natureza de sua atitude –, Agnes Wickfield é, posso dizer com certeza, a

mais divina de seu sexo. Posso falar com liberdade entre amigos? Ser pai dela é uma distinção e um orgulho, mas ser marido dela...

Que eu seja poupado de ouvir de novo um grito como aquele com que o pai dela se levantou!

– O que foi? – perguntou Uriah, mortalmente pálido. – O senhor não enlouqueceu afinal de contas, espero, senhor Wickfield? Se digo que tenho a ambição de fazer da sua Agnes a minha Agnes, tenho tanto direito a isso quanto qualquer outro homem. Tenho mais direito que qualquer outro homem!

Passei os braços em torno do sr. Wickfield, implorei em nome de tudo o que podia pensar, sobretudo em nome de seu amor por Agnes, que se acalmasse um pouco. Ele se descontrolou por um momento, arrancando os cabelos, batendo na cabeça, tentando me empurrar para longe e se libertar de mim, sem responder nem uma palavra, sem olhar nem ver ninguém, lutando cegamente sem saber contra quê, o rosto todo pasmado e distorcido, um espetáculo assustador.

Supliquei a ele, incoerentemente, mas da forma mais apaixonada, que não se abandonasse a essa perturbação e me desse ouvidos. Implorei que pensasse em Agnes, na minha ligação com Agnes, que se lembrasse de como Agnes e eu tínhamos crescido juntos, como eu a honrava e amava, como ela era orgulho e alegria dele. Tentei conjurar a ideia dela diante dele de qualquer forma, e até o censurei por não ter a firmeza de poupá-la de tal cena. Posso ter conseguido alguma coisa, ou sua loucura se esgotou sozinha, mas aos poucos ele se debatia menos e começou a olhar para mim, de um jeito estranho primeiro, depois com reconhecimento nos olhos. Por fim, falou:

– Eu sei, Trotwood! Minha filha querida e você... eu sei! Mas olhe para ele!

Apontou Uriah, pálido, espiando de um canto, evidentemente decepcionado em seus planos, tomado de surpresa.

– Olhe o meu torturador – o sr. Wickfield retomou. – Por causa dele abandonei passo a passo nome e reputação, paz e tranquilidade, casa e lar.

– Eu é que cuidei de seu nome e reputação, de sua paz e tranquilidade,

de sua casa e lar também – disse Uriah com ar amuado, precipitado, derrotado, de concessão. – Não diga bobagem, senhor Wickfield. Se avancei um pouco além do que o senhor estava preparado pra aceitar, posso recuar, eu acho. Não aconteceu nada errado.

– Eu procurava ver a motivação de cada pessoa – disse o sr. Wickfield –, e estava satisfeito de ele estar ligado a mim por interesse profissional. Mas o que ele é... Ah, veja o que ele é!

– Melhor controlar esse homem, Copperfield, se conseguir – Uriah exclamou com o indicador comprido apontado para mim. – Ele vai dizer alguma coisa agora, veja bem, de que vai se arrepender depois e o senhor vai se arrepender de ter ouvido!

– Vou dizer qualquer coisa! – exclamou o sr. Wickfield, desesperado. – Por que não me pôr à mercê do mundo, se já estou à sua mercê?

– Cuidado! Estou dizendo! – Uriah continuou a me alertar. – Se não calar a boca dele, é porque não é seu amigo! Por que não estaria à mercê do mundo, senhor Wickfield? Porque o senhor tem uma filha. O senhor e eu sabemos o que sabemos, não é? Melhor deixar os cachorros dormindo... quem quer que eles acordem? Eu não. Não percebe como sou o mais humilde que alguém pode ser? Estou dizendo, se fui longe demais, sinto muito. O que mais o senhor quer?

– Ah, Trotwood, Trotwood! – o sr. Wickfield exclamou, torcendo as mãos. – A que ponto cheguei desde que recebi você nesta casa pela primeira vez! Eu estava declinando naquela época, mas que triste, triste estrada percorri desde então! A fraqueza da indulgência foi que me arruinou. Indulgência na lembrança, indulgência no esquecimento. A tristeza natural pela mãe de minha filha se transformou em doença; meu amor natural por minha filha se transformou em doença. Contaminei tudo o que tocava. Atraí desgraça a quem eu mais amava, sabe? *Você* sabe! Achei que era possível amar de verdade só uma criatura no mundo e não amar o resto, achei que era possível lamentar a perda de uma criatura que se foi deste mundo e não ter parte alguma na dor de todos os que sofriam. Assim se perverteram as lições de minha vida! Consumi meu próprio coração covarde e mórbido e ele me consumiu. Sórdido em minha dor, sórdido em meu amor, sórdido na fuga desventurada do lado

mais sombrio de ambos, ah, veja a ruína em que me transformei e me odeie, evite a minha presença.

Deixou-se cair numa cadeira e chorou debilmente. A excitação que o havia tomado o estava deixando. Uriah saiu de seu canto.

– Não sei tudo o que fiz em minha loucura – disse o sr. Wickfield estendendo as mãos como para impedir minha condenação. – *Ele* sabe melhor – e apontou Uriah Heep –, porque esteve sempre a meu lado, sussurrando em meu ouvido. Você vê a pedra que ele é amarrada ao meu pescoço. Ele está em minha casa, está em meu negócio. Você ouviu o que ele disse agora há pouco. O que mais preciso dizer?

– O senhor não precisava dizer o que disse, nem metade do que disse, nem nada – observou Uriah, desafiador e servil ao mesmo tempo. – Não teria ficado tão nervoso se não fosse o vinho. Vai pensar melhor amanhã. Se falei demais, ou mais do que pretendia, que importância tem? Não insisti!

A porta se abriu, Agnes deslizou para dentro, e sem um vestígio de cor no rosto passou o braço pelo pescoço dele e disse, com firmeza:

– Papai, o senhor não está bem. Venha comigo! – Ele apoiou a cabeça em seu ombro como se oprimido pelo peso da vergonha, e saiu com ela. Os olhos dela encontraram os meus por um instante apenas, mas percebi o quanto ela sabia do que havia acontecido.

– Não pensei que ele fosse reagir tão mal – disse Uriah. – Mas não é nada demais. Amanhã fazemos as pazes. É pro bem dele. Espero ansiosamente o bem dele.

Não respondi nada e subi para o quarto sossegado onde Agnes havia tantas vezes sentado a meu lado com os livros. Ninguém me procurou até tarde da noite. Peguei um livro e tentei ler. Ouvi os relógios baterem meia-noite, e ainda estava lendo, sem saber o que lia, quando Agnes tocou meu braço.

– Você vai embora amanhã cedo, Trotwood. Vamos nos despedir agora!

Ela estivera chorando, mas seu rosto estava muito calmo e bonito!

– Deus te abençoe! – ela disse, me dando a mão.

– Minha querida Agnes! – respondi. – Vejo que não quer falar do que aconteceu. Mas não se pode fazer nada?

– Só confiar a Deus! – ela respondeu.

– *Eu* não posso fazer nada? *Eu*, que venho a você com todos os *meus* problemas?

– E torna os meus muito mais leves – ela respondeu. – Não, meu querido Trotwood!

– Agnes, querida Agnes! – eu disse. – Seria presunção minha, que sou tão pobre em tudo o que você é tão rica: bondade, determinação, todas as qualidades nobres, duvidar de você ou dizer o que deve fazer, mas sabe como é grande o meu amor e quanto devo a você. Você não vai se sacrificar por senso de dever equivocado, vai, Agnes?

Por um momento mais agitada do que eu jamais a tinha visto, ela tirou a mão da minha e recuou um passo.

– Diga que não está pensando nisso, Agnes, meu bem! Muito mais que minha irmã! Pense no presente sem preço que é um coração como o seu, um amor como o seu!

Ah, muito e muito tempo depois, vi aquele rosto se erguendo para mim com sua expressão momentânea, não de surpresa, nem de acusação, nem de lamento. Ah, muito e muito tempo depois vi aquela expressão se desmanchar, como se desmanchou então, em um lindo sorriso com o qual me disse que não temia nada por ela mesma, que eu não precisava temer nada por ela, despediu-se de mim me chamando de irmão e saiu!

Ainda estava escuro quando subi à diligência de manhã na porta da hospedaria. O dia começava a raiar, estávamos para partir, e sentado ali eu pensava nela quando, na mistura de dia e noite, apareceu, agitada ao lado da diligência, a cabeça de Uriah.

– Copperfield! – disse ele, num sussurro áspero, pendurado da barra do teto. – Achei que gostaria de saber, antes de ir embora, que nada ficou abalado entre nós. Já fui até o quarto dele e a gente acertou tudo. Ora, mesmo humilde, sou útil pra ele; e ele entende os seus interesses quando não bebe! Que homem agradável ele é, afinal, Copperfield!

Fiz um esforço para dizer que ficava satisfeito por saber que ele havia se desculpado.

– Ah, claro – disse Uriah. – Sabe, o que é um pedido de desculpas quando a pessoa é humilde? Tão fácil! Acredito que – disse torcendo o corpo – o senhor alguma vez já colheu uma pera antes de estar madura, Copperfield.

– Acho que sim – respondi.

– Foi o que *eu* fiz noite passada – disse Uriah –, mas ainda vai amadurecer! Só precisa cuidar. Eu posso esperar!

Profuso em suas despedidas, ele desceu de novo quando o cocheiro subiu. Pelo que vi, estava comendo alguma coisa para combater o ar frio da manhã, mas os movimentos que fazia com a boca eram como se a pera já estivesse madura e ele estalasse os lábios por ela.

XL

O viajante

Nessa noite, tivemos uma conversa muito séria na Buckingham Street, sobre os acontecimentos domésticos que detalhei no último capítulo. Minha tia ficou profundamente interessada neles, e durante mais de duas horas andou de um lado para outro no quarto, de braços cruzados. Sempre que ficava particularmente perturbada, ela realizava um desses feitos pedestres; e a intensidade de sua perturbação podia sempre ser estimada pela duração da caminhada. Nessa ocasião, ela estava tão incomodada mentalmente que achou preciso abrir a porta do quarto e abrir para ela o espaço compreendido pelos dois cômodos, de parede a parede. E enquanto o sr. Dick ficava sentado quietinho ao lado da lareira, ela ia para lá e para cá por essa trilha marcada, em passo sempre igual, com a regularidade de um pêndulo.

Quando o sr. Dick foi para a cama deixando eu e minha tia sozinhos, sentei-me para escrever minha carta às duas senhoras. Quando ela se cansou de caminhar, sentou-se diante da lareira e enrolou o vestido nas pernas como sempre. Mas em vez de se sentar como sempre, com o copo apoiado no joelho, ela o deixou esquecido no aparador da lareira, e com o cotovelo esquerdo apoiado no braço direito e o queixo apoiado na mão esquerda, olhou pensativamente para mim. Toda vez que eu erguia os olhos do que estava fazendo, encontrava os dela.

– Estou me sentindo muito amorosa, meu querido – ela me garantiu com um aceno de cabeça –, mas aflita e triste!

Eu estava ocupado demais, e só depois que ela foi se deitar vi que tinha deixado a sua mistura noturna, como chamava, intocada no aparador da lareira. Quando bati na porta para avisá-la do que havia descoberto, ela abriu ainda mais afetuosa do que sempre, mas disse apenas:

– Hoje não tenho ânimo para beber nada, Trot. – Sacudiu a cabeça e

entrou de novo.

De manhã, ela leu a minha carta para as duas senhoras e aprovou. Pus no correio, e não tinha mais nada a fazer a não ser esperar, como esperei pacientemente pela resposta. Ainda estava nesse estado de expectativa que já durava quase uma semana, quando saí da casa do doutor uma noite de neve para voltar a pé para casa.

Tinha sido um dia frio, com um vento nordeste cortante soprando por algum tempo. O vento cessara junto com a luz do dia, e então viera a neve. Era uma nevasca pesada e calma, me lembro, de flocos grandes, formando uma grossa camada. O ruído de rodas e dos passos das pessoas ficavam abafados como se as ruas estivessem cobertas de plumas até aquela altura.

O caminho mais curto para casa – e eu naturalmente peguei o caminho mais curto numa noite daquelas – era passando por Saint Martin's Lane. Na época, a igreja que dá nome à alameda tinha bem menos área livre do que hoje, uma vez que não havia espaço aberto à sua frente, e a alameda serpenteava pelo Strand. Quando passei pela escada do pórtico, topei, no canto, com um rosto de mulher. Que olhou para o meu rosto, atravessou a estreita alameda e desapareceu. Eu a conhecia. Eu a tinha visto em algum lugar. Mas não conseguia me lembrar onde. Tinha com ela alguma associação que tocava diretamente meu coração, mas estava pensando em outra coisa quando ela apareceu e fiquei confuso.

Nos degraus da igreja, encontrava-se a figura de um homem curvado, que acabara de depositar alguma pesada carga na neve lisa, para acomodá-la; ver o rosto e ver toda a pessoa para mim foram coisas simultâneas. Não acho que tenha parado em minha surpresa, mas, em todo caso, quando avancei, ele se levantou, virou-se e veio em minha direção. Eu estava cara a cara com o sr. Peggotty!

Então me lembrei da mulher. Era Martha, a quem Emily tinha dado dinheiro aquela noite, na cozinha. Martha Endell, ao lado de quem ele não gostaria de ver sua querida sobrinha, como Ham me dissera, nem por todos os tesouros do fundo do mar.

Trocamos um efusivo aperto de mãos. De início, nenhum de nós dois

conseguia dizer nem uma palavra.

– Seu Davy – ele disse, me apertando com força –, faz bem pro meu coração encontrar com o senhor! Que bom, que bom!

– Muito bom, meu querido amigo! – eu disse.

– Eu tinha pensado de procurar o senhor agora de noite –disse ele –, mas sabendo que sua tia está morando com o senhor... eu estive lá... em Yarmouth... fiquei com medo de ser muito tarde. Deixei para ir de manhã, seu Davy, antes de ir embora.

– De novo? – perguntei.

– É, sim, senhor – ele replicou, sacudindo a cabeça pacientemente –, vou amanhã.

– Para onde vai agora? – perguntei.

– Bom – disse ele, sacudindo a neve do cabelo comprido –, estava indo pra algum lugar!

Naquela época, havia uma entrada lateral para o pátio do estábulo de Golden Cross, aquela hospedaria tão memorável para mim em relação à desgraça dele, quase em frente de onde estávamos. Apontei o portão, passei o braço pelo dele e atravessamos. Dois ou três pubs se abriam para o pátio, e vendo que um deles estava vazio com uma boa lareira acesa, levei-o para lá.

Quando o vi sob a luz, observei que seu cabelo não só estava comprido e maltratado, como o rosto estava queimado de sol. Estava mais grisalho, as rugas no rosto e na testa eram mais profundas, e tinha toda a aparência de ter enfrentado e vagado por todo tipo de clima. Mas parecia muito forte, como um homem apegado a uma firmeza de propósito que nada esgotava. Ele sacudiu a neve do chapéu e da roupa, e a limpou do rosto enquanto eu fazia internamente essas observações. Quando se sentou à mesa, diante de mim, de costas para a porta por onde entramos, estendeu de novo a mão áspera e tornou a apertar a minha calorosamente.

– Vou contar, seu Davy – disse ele –, por onde eu andei e tudo o que eu ouvi. Fui muito longe e ouvi pouco, mas vou contar pro senhor!

Toquei a campainha e pedi algo quente para beber. Ele não quis nada

além de cerveja, e enquanto não traziam, aquecido pelo fogo, ele ficou sentado, pensando. Havia uma bela e sólida seriedade em seu rosto, que não ousei perturbar.

– Quando ela era criança – ele disse, erguendo a cabeça, logo depois que ficamos a sós –, falava sempre muito do mar e das terra onde o mar devia ser azul-escuro e brilhar e rebrilhar no sol. Eu às vez pensava que, como o pai dela tinha morrido afogado, era isso que fazia ela pensar tanto no mar. Eu não sei, não, entende, mas quem sabe ela achava, ou esperava, que ele tivesse ido pra outras terras, onde tem flores sempre e o campo é luminoso?

– Devia ser uma fantasia infantil – repliquei.

– Quando ela... se perdeu – disse o sr. Peggotty –, na minha cabeça eu sabia que ele ia levar ela pra essas terra. Na minha cabeça eu sabia que ele devia de ter falado das maravilha desses lugar pra ela, como ela ia ser uma dama lá, e como ela deu ouvido pra ele, e tudo. Quando a gente foi falar com a mãe dele, eu entendi muito bem que tinha razão. Atravessei o canal e fui até a França, cheguei lá como quem cai das nuvens.

Vi a porta se mover e a neve voejar para dentro. Vi que se abriu um pouco mais e uma mão se interpôs delicadamente para mantê-la aberta.

– Conheci lá um cavalheiro inglês que estava no comando – disse o sr. Peggotty –, e falei pra ele que tava procurando minha sobrinha. Ele arrumou pra mim os papel que eu precisava pra seguir viagem, não sei direito como chama, e queria me dar dinheiro, mas isso eu agradeci que não precisava. Fiquei muito agradecido por tudo o que ele fez, claro! "Escrevi avisando do senhor", ele disse pra mim, "e vou falar do senhor pra todo mundo que passar por aqui, e até muito longe daqui, com o senhor viajando sozinho." Falei pra ele o melhor que pude o quanto eu agradecia, e segui pela França.

– Sozinho e a pé? – perguntei.

– Quase sempre a pé – ele respondeu –; às vez de carroça com gente que ia pro mercado, às vez em diligência vazia. Andava muitos quilômetro, muitas vez com um pobre soldado ou outro, viajando pra visitar algum amigo. Não tinha como conversar – disse o sr. Peggotty –, nem ele comigo; mas era companhia um pro outro na poeira da estrada.

Eu devia saber disso por seu tom amigável.

– Quando chegava numa cidade – ele prosseguiu –, encontrava uma hospedaria, esperava no pátio até chegar alguém que sabia inglês (quase sempre chegava). Aí contava que estava procurando minha sobrinha e me contavam quem era a gente fina que estava hospedada lá e eu esperava pra ver alguma que parecesse com ela entrando ou saindo. Quando eu via que Em'ly não estava lá, eu voltava. Aos poucos, quando eu chegava numa cidade ou outra, descobria que o povo mais pobre sabia de mim. Me chamavam da porta da casa deles e me davam coisa pra comer e beber, mostrava onde dormir. E muita mulher, seu Davy, que tinha filha da idade da Em'ly, eu encontrava me esperando na cruz do Nosso Salvador na entrada da aldeia, pra fazer gentileza pra mim também. Algumas, as filhas tinha morrido. E Deus sabe como essas mãe era boa comigo!

Era Martha quem estava na porta. Vi distintamente seu rosto desgastado, ouvindo com atenção. Meu receio era que ele virasse a cabeça e a visse também.

– Muitas vez, elas punha as filha, principalmente as pequena – disse o sr. Peggotty –, sentada no meu colo; e muitas vez fazia eu sentar na porta da casa delas, quando estava chegando a noite, quase que nem se fossem as filha da minha querida. Ah, a minha querida!

Dominado por súbita tristeza, ele chorou alto. Pus a mão trêmula em cima da mão que ele levou ao rosto.

– Obrigado, seu Davy – disse ele – não repare.

Logo em seguida descobriu o rosto, pôs a mão no peito e continuou a história.

– Elas sempre andava comigo – ele disse – de manhã, quem sabe uns dois, três quilômetro pela estrada, e quando a gente se despedia eu falava: "Muito obrigado a você! Deus abençoe!", e elas sempre parecia entender, respondia delicado. Até que eu enfim cheguei no mar. Não foi difícil, o senhor há de saber, pra um homem do mar que nem eu, trabalhar pra chegar na Itália. Quando eu cheguei lá, andei por tudo como tinha feito antes. As pessoa também boa comigo, e eu ia de cidade em cidade, quem sabe até pelo campo, mas fiquei sabendo que tinham

visto ela nas montanha da Suíça, mais adiante. Alguém que conhecia o criado deles tinha visto eles lá, os três, e me contou como eles viajava e onde eles estava. Eu fui lá pras montanha, seu Davy, dia e noite. Quanto mais eu andava, mais as montanha parecia ir pra longe de mim. Mas alcancei elas e atravessei. Quando cheguei perto do lugar que tinham falado, comecei a pensar comigo mesmo: "O que eu faço quando encontrar com ela?".

O rosto que escutava, insensível à noite inclemente, ainda se achava à porta, e as mãos imploravam, pediam a mim, que não a revelasse.

– Nunca duvidei dela – disse o sr. Peggotty. – Nunca! Nem um pouco! Era só ela olhar na minha cara, só ela ouvir minha voz, só me ver parado na frente dela pra ela lembrar da casa de onde ela fugiu e da criança que foi. E se ela tivesse crescido e virado uma dama da nobreza, ia cair de joelho na minha frente! Eu sabia muito bem! Quantas vezes, dormindo, ouvi ela chamar: "Tio!", e vi ela cair feito morta na minha frente. Quantas vezes no sonho ergui ela do chão e cochichei pra ela: "Em'ly, meu bem, eu vim pra te perdoar e levar você pra casa!".

Ele parou, sacudiu a cabeça e continuou, com um suspiro.

"*Ele* não era mais nada pra mim. Em'ly era tudo. Comprei uma roupa de campo pra ela; e sabia que, quando a gente se encontrasse, ela ia andar do meu lado pelas pedra da estrada, ia onde eu fosse e nunca, nunca mais me deixava. Vestir aquele vestido nela, jogar fora o que ela usasse, abraçar ela de novo e voltar pra casa, parar de vez em quando na estrada, pra curar o pé dela machucado e o coração mais machucado ainda, só nisso que eu pensava. Acho que eu não ia nem olhar pra cara dele. Mas não era pra ser, seu Davy, não ainda! Eu demorei, eles tinha ido embora. Pra onde, eu não descobri. Uns dizia pra cá, outros pra lá. Eu fui pra cá, fui pra lá, mas não encontrei a Em'ly e voltei pra casa.

– Quanto tempo faz? – perguntei.

– Uns quatro dias faz – disse o sr. Peggotty. – Avistei o velho barco depois que anoiteceu e a luz acesa na janela. Quando cheguei perto, olhei pela vidraça, vi aquela criatura tão fiel, a dona Gummidge, sentada do lado da lareira, como tinha ficado antes, sozinha. Falei: "Não tenha medo! É o Dan'l!", e entrei. Nunca pensei que o velho barco podia ser tão

estranho!

De algum bolso do peito, ele tirou, com gesto muito cuidadoso, um maço pequeno de papel, contendo duas ou três cartas ou pequenos pacotes, que pôs em cima da mesa.

– Esse primeiro aqui chegou – ele disse, separando um – não fazia nem uma semana que eu tinha voltado. Um nota de cinquenta libras, numa folha de papel, com o meu nome, puseram debaixo da porta de noite. Ela tentou disfarçar a letra, mas não conseguiu disfarçar de mim!

Ele dobrou a nota outra vez, com grande paciência e cuidado, exatamente do mesmo jeito, e deixou de lado.

– Essa aqui veio pra dona Gummidge – ele disse, abrindo outra –, faz uns dois, três mês. – Depois de olhar a carta um instante, passou-a para mim e acrescentou, em voz baixa: – Faça o favor de ler, seu Davy.

Eu li o seguinte:

> Ah, o que a senhora vai sentir quando receber esta carta, e souber que vem de minha mão perversa! Mas tente, tente, não por mim, mas pelo bem de meu tio, tente abrandar seu coração por mim, só por um minutinho! Por favor, por favor, tenha pena de uma pobre moça, e escreva num pedaço de papel se ele está bem, o que disse de mim depois que passaram a nunca mais dizer o meu nome, e se alguma noite, quando era a hora que eu costumava voltar para casa, se a senhora viu alguma vez ele pensar que gostava tanto de mim. Ah, meu coração dói quando penso nisso! Me ajoelho a seus pés, implorando, suplicando que não seja tão dura comigo quanto eu mereço, como eu sei muito, muito bem, que mereço, mas seja compreensiva e bondosa e me escreva alguma coisa dele e me mande. Não precisa me chamar de Pequena, não precisa me chamar pelo nome que eu desgracei, mas ah, escute minha agonia, e tenha pena de mim ao menos para escrever uma palavra sobre meu tio, que nunca, nunca mais meus olhos vão ver neste mundo!
>
> Minha querida, se o seu coração endureceu por mim – com toda a razão, eu sei –, mas, escute, se endureceu por mim, querida, fale com aquele que eu mais machuquei – aquele cuja esposa eu ia ser –, antes de decidir não atender a minha pobre súplica! Se ele tiver a compaixão de dizer que a senhora pode escrever alguma coisa para eu ler – acho que ele diria que sim, ah, acho que sim, se a senhora perguntar para ele, que foi sempre tão valente e compreensivo –, então diga para ele (e mais ninguém) que agora, quando escuto o vento soprar de noite, é como se o vento tivesse raiva de ver o tio e ele, e subisse para Deus falar contra mim. Diga para ele que se eu morrer amanhã (e ah, se eu tivesse coragem, eu morria de fato!) minhas últimas palavras seriam de bênção para ele e o tio, e rezaria por seu lar feliz com o meu último alento!

Havia algum dinheiro nessa carta também. Cinco libras. Intocadas, como a soma anterior, e ele dobrou a carta do mesmo jeito. Havia ainda

instruções detalhadas quanto ao endereço de resposta, as quais, embora traíssem a intervenção de muitas mãos, e dificultassem chegar a qualquer conclusão provável quanto a seu esconderijo, tornavam ao menos provável que ela tivesse enviado daquele lugar onde diziam tê-la visto.

– Que resposta foi dada? – perguntei ao sr. Peggotty.

– Como a dona Gummidge não é escolada, seu Davy – ele respondeu –, o Ham teve a bondade de escrever, e ela copiou. Os dois contaram pra ela que eu tinha ido atrás dela e o que eu tinha falado quando fui.

– Isso na sua mão é outra carta? – perguntei.

– É dinheiro, seu Davy – disse o sr. Peggotty desembrulhando uma parte. – Dez libras, está vendo. E escrito dentro: "De um amigo sincero", que nem a primeira. Mas a primeira botaram debaixo da porta e esta aqui veio pelo correio, antes de ontem. Vou procurar ela no lugar do carimbo.

Ele me mostrou. Era uma cidade no Alto Reno. Ele havia encontrado, em Yarmouth, uns comerciantes estrangeiros que conheciam esse país e lhe tinham feito um mapa simples num papel, que ele entendeu muito bem. Pôs o mapa na nossa frente, em cima da mesa e com o queixo apoiado em uma mão, traçou seu curso com a outra.

Perguntei como estava Ham. Ele sacudiu a cabeça.

– Trabalhando mais duro que um homem é capaz – respondeu. – Continua com bom nome, como qualquer um em qualquer lugar do mundo. Todo mundo sempre disposto a ajudar ele, o senhor sabe, e ele disposto a ajudar todo mundo. Ninguém nunca ouve ele reclamar. Mas a minha irmã acha (aqui entre nós) que isso tudo machucou ele fundo.

– Coitado, eu acredito!

– Ele não fraqueja, seu Davy – disse o sr. Peggotty num sussurro solene –, não reclama um nada da vida. Quando precisa de um homem pra um serviço duro com tempo ruim, ele tá lá. Quando tem algum trabalho duro e perigoso, ele se oferece antes dos companheiro todos. E ao mesmo tempo continua delicado feito uma criança. Não tem uma criança em Yarmouth que não conheça ele.

O sr. Peggotty recolheu as cartas, pensativo, alisou-as com a mão, pôs dentro do pacotinho e guardou ternamente no peito outra vez. Voltou o rosto para a porta. Vi a neve ainda entrando, mas não havia mais nada ali.

– Bom – disse ele, olhando para a mala –, depois de ver o senhor, seu Davy (e me fez muito bem isso!), amanhã cedinho estou indo embora. O senhor viu o que eu tenho aqui – e pôs a mão onde estava o pacotinho. – Só o que me preocupa é a ideia de me acontecer alguma coisa antes de eu conseguir devolver este dinheiro. Se eu morrer, se perder o dinheiro, ou me roubarem, ou se sumir de algum outro jeito, e ele nunca ficar sabendo que eu não aceitei, acho que nem o outro mundo consegue me segurar! Acho que eu tinha de voltar!

Ele se levantou e eu também e trocamos mais um aperto de mãos antes de sair.

– Viajo vinte mil quilômetros – disse ele –, viajo até cair morto pra botar esse dinheiro na frente dele. Se eu conseguir isso e encontrar a minha Em'ly, fico contente. Se não encontrar, quem sabe ela fica sabendo algum dia que o tio só parou de procurar ela quando a vida dele acabou. E se eu conheço ela, isso é capaz de trazer ela de volta pra casa afinal!

Quando saímos para a noite rigorosa, vi a figura solitária passar depressa por nós. Fiz com que ele se virasse depressa, com alguma desculpa, e prolonguei a conversa até ela ir embora.

Ele falou de uma pensão para viajantes na Dover Road, onde sabia que podia encontrar acomodação simples e limpa para a noite. Fui com ele até a ponte de Westminster e nos separamos à margem do Surrey. Na minha imaginação, tudo parecia estar abafado em respeito a ele, no momento em que retomava sua solitária jornada pela neve.

Voltei para o pátio da hospedaria e, impressionado pela lembrança do rosto, procurei intensamente em torno. Não estava ali. A neve havia coberto nossas pegadas recentes; meus novos passos eram os únicos visíveis, e mesmo isso começava a sumir (nevava muito) quando olhei para trás.

XLI

As tias de Dora

Por fim chegou uma resposta das duas velhas senhoras. Apresentaram seus cumprimentos ao sr. Copperfield e o informaram que haviam considerado a carta com toda a atenção “com vistas à felicidade de ambas as partes”, expressão que achei bastante alarmante, não só pelo uso que faziam dela em relação à diferença familiar mencionada antes, mas porque havia observado (como observei em toda a minha vida) que frases convencionais são uma espécie de fogo de artifício, facilmente formuladas e passíveis de ter uma grande variedade de formas e cores que sua forma original em nada sugere. As srtas. Spenlow acrescentaram que pediam desculpas por não expressar “por meio de correspondência” uma opinião sobre a questão do comunicado do sr. Copperfield, mas se o sr. Copperfield fizesse o favor de comparecer em determinado dia (acompanhado, se achasse apropriado, por um amigo de confiança) teriam prazer em conversar sobre o assunto.

A esse favor, o sr. Copperfield respondeu imediatamente, com seus respeitosos cumprimentos, que seria uma honra atender ao pedido das srtas. Spenlow na hora marcada, acompanhado, de acordo com sua gentil permissão, de seu amigo, o sr. Thomas Traddles, da Inner Temple. Depois de enviar a carta, o sr. Copperfield caiu num estado de intensa agitação nervosa, e assim ficou até chegar o dia marcado.

Foi um grande acréscimo de inquietação me ver privado, nessa crise importante, dos inestimáveis serviços da srta. Mills. Mas o sr. Mills, que estava sempre fazendo uma coisa ou outra para me incomodar, ou eu sentia assim, o que dava no mesmo, levara sua conduta a um extremo, enfiando na cabeça que iria para a Índia. Por que haveria ele de querer ir para a Índia senão para me atormentar? Com certeza ele não tinha nada a ver com nenhuma outra parte do mundo, e tinha muito a ver com aquela, inteiramente voltado para o comércio indiano, qualquer que

fosse (eu tinha sonhos flutuantes a respeito de xales dourados e dentes de elefante), tendo visitado Calcutá na juventude e desejoso de voltar lá agora, na posição de sócio residente. Mas isso não significava nada para mim. Para ele, porém, era tanto que ia partir para a Índia, e Julia ia com ele. Julia foi ao campo para se despedir dos parentes; e a casa foi devidamente anunciada para aluguel ou venda, e a mobília (inclusive o rolo de secar roupas), para ser avaliada. Então, ali estava outro terremoto do qual eu era o centro, antes de ter me recuperado do choque do anterior!

Mudei de ideia várias vezes quanto ao que vestir no importante dia; dividido entre meu desejo de dar uma boa impressão e minha apreensão em vestir algo que pudesse comprometer meu caráter severamente prático aos olhos das srtas. Spenlow, me empenhei em conseguir uma boa média entre esses extremos; minha tia aprovou o resultado; e, para dar sorte, o sr. Dick jogou um de seus sapatos em Traddles e em mim quando descemos a escada.

Mesmo sabendo o sujeito excelente que era Traddles e o quanto era calorosa minha ligação com ele, não pude deixar de desejar que naquela ocasião delicada ele não houvesse contraído o hábito de escovar o cabelo tão espetado para cima. Isso lhe dava uma aparência tão surpreendente – para não dizer de vassoura de lareira –, que, minhas apreensões sussurraram, poderia ser fatal para nós.

Tomei a liberdade de mencionar o assunto a Traddles, quando estávamos indo para Putney, e perguntei se ele *poderia* alisar um pouco o cabelo...

– Meu querido Copperfield – disse Traddles, erguendo o chapéu e alisando o cabelo de todo jeito –, nada me deixaria mais feliz. Mas não fica.

– Não fica para baixo? – perguntei.

– Não – disse Traddles. – Por nada deste mundo. Mesmo que eu pusesse um peso de cem quilos em cima até Putney, ele espetava de novo no segundo que tirasse o peso. Não faz ideia de como meu cabelo é obstinado, Copperfield. Eu me sinto como um porco-espinho enfurecido.
{36}

Confesso que fiquei um tanto decepcionado, mas também absolutamente encantado com o bom humor dele. Disse o quanto apreciava sua boa índole, e que seu cabelo devia ter removido toda obstinação de seu caráter, porque *ele* assim o havia feito.

– Ah – Traddles respondeu, rindo –, garanto que meu cabelo é uma velha história! A esposa de meu tio não suportava meu cabelo. Disse que ficava irritada com ele. Também atrapalhou bastante quando me apaixonei por Sophy. Bastante!

– Ela não gostava?

– *Ela* não ligava – retomou Traddles –, mas a irmã mais velha, aquela que é a Bela, fazia um escarcéu, entende? De fato, as irmãs todas riam do meu cabelo.

– Muito agradável! – disse eu.

– É – Traddles respondeu com total inocência –, é uma piada para nós. Elas fingem que Sophy tem um cacho do meu cabelo na escrivaninha dela e é obrigada a guardar dentro de um livro para ele abaixar. Nós damos risada disso.

– A propósito, meu querido Traddles – eu disse –, sua experiência pode sugerir alguma coisa para mim. Quando você ficou noivo da moça que mencionou, fez um pedido de costume à família dela? Houve alguma coisa como... o que estamos fazendo hoje, por exemplo? – acrescentei nervoso.

– Bom – replicou Traddles, por cujo rosto atento passou uma sombra pensativa –, foi uma situação dolorosa, Copperfield, no meu caso. Você sabe, como Sophy era muito necessária na família, nenhuma delas suportava a ideia de ela se casar. De fato, tinham resolvido entre elas que ela nunca ia casar, e já chamavam Sophy de solteirona. De forma que, quando toquei no assunto, com o maior cuidado, com a senhora Crewler...

– A mãe? – perguntei.

– A mãe – disse Traddles –, esposa do reverendo Horace Crewler... quando mencionei com todo o cuidado possível para a senhora Crewler, o efeito que teve sobre ela foi tamanho que ela deu um grito e caiu

desmaiada. Durante meses, não pude tocar no assunto de novo.

– Mas falou, afinal? – perguntei.

– Bom, o reverendo Horace falou – disse Traddles. – Um homem excelente, exemplar em tudo; e ele disse a ela que, como cristã, ela precisava aceitar o sacrifício (sobretudo porque era tão incerto) e não ter nenhum sentimento negativo por mim. Quanto a mim, Copperfield, dou minha palavra, eu me senti uma verdadeira ave de rapina com a família.

– As irmãs ficaram do seu lado, espero, Traddles?

– Bom, não posso dizer que ficaram – ele retomou. –Quando estávamos prestes a convencer a senhora Crewler da ideia, tivemos de contar para Sarah. Você se lembra de eu ter falado de Sarah, aquela que tem um problema na coluna?

– Perfeitamente.

– Ela apertou as mãos – disse Traddles olhando para mim com desânimo –, fechou os olhos, ficou cor de chumbo, absolutamente rígida; e não comeu nada durante dois dias, só torrada com água, dada de colherinha.

– Que moça desagradável, Traddles! – observei.

– Ah, desculpe, Copperfield! – disse Traddles. – Ela é um encanto de moça, mas tem muito sentimento. Para falar a verdade, todas têm. Sophy me contou depois que não existem palavras para descrever a autocensura que enfrentou enquanto cuidava de Sarah. Sei que deve ter sido sério, pelo que eu mesmo estava sentindo, Copperfield, como se eu fosse um criminoso. Depois que Sarah melhorou, tivemos de contar para as outras oito, o que produziu variados efeitos nelas, do tipo mais patético. As duas menores, que Sophy está criando, só agora pararam de me detestar.

– De qualquer forma, todas aceitaram agora, espero? – disse eu.

– Si... sim, devo admitir que, no geral, elas se resignaram – Traddles disse, em dúvida. – O fato é que evitamos falar do assunto. E meus planos frustrados e minhas dificuldades são um grande consolo para elas. Vai ser uma cena deplorável quando a gente casar. Vai parecer mais um funeral do que um casamento. E elas vão me odiar por levar Sophy embora!

Seu rosto honesto, ao olhar para mim com um sacudir de cabeça sério-cômico, me impressiona mais na lembrança do que me impressionou na realidade, porque eu estava nesse momento num estado de excessiva trepidação e confusão de espírito, a ponto de ser completamente incapaz de fixar a atenção em qualquer coisa. Quando chegamos à casa onde as srtas. Spenlow moravam, estava tão desfeito na aparência pessoal e na presença de espírito, que Traddles propôs um suave estimulante na forma de um copo de cerveja. Depois de bebermos num pub próximo, ele me conduziu, com passos trôpegos, até a porta das srtas. Spenlow.

Tive a vaga sensação, por assim dizer, de estar em exibição quando a criada abriu a porta; e de deslizar, de alguma forma, por um hall com um termômetro na parede, até uma saleta pequena e sossegada no térreo, que se abria para um lindo jardim. Também de sentar ali, num sofá, e de ver o cabelo de Traddles espetar, quando tirou o chapéu, como uma daquelas figurinhas incômodas feitas de molas que saltam de falsas caixas de rapé quando se ergue a tampa. Também de ouvir o relógio antiquado tiquetaqueando acima do aparador da lareira, tentando acompanhar o ritmo agitado do meu coração, sem conseguir. Também de olhar em torno da sala em busca de algum sinal de Dora, sem ver nenhum. Também de pensar que Jip deu um latido ao longe e foi instantaneamente calado por alguém. Por fim, me vi seguindo Traddles até a lareira e me curvando em grande confusão para duas pequenas velhinhas secas, vestidas de preto, as duas parecendo uma reprodução em palha trançada do sr. Spenlow.

– Por favor – disse uma das duas senhorinhas –, sentem.

Quando parei de tropeçar em Traddles, sentei em cima de alguma coisa que não era um gato – o primeiro lugar em que sentei era –, e recuperei a visão a ponto de perceber que o sr. Spenlow havia sido, evidentemente, o mais novo da família; que havia uma diferença de seis ou oito anos entre as duas irmãs; e que a mais nova parecia encarregada de conduzir a entrevista, uma vez que estava com minha carta na mão (tão familiar me pareceu e ao mesmo tempo tão estranha!), e a consultava com os óculos. As duas se vestiam do mesmo jeito, mas o

vestido dessa irmã tinha um aspecto mais juvenil que o da outra, talvez um pouco mais de babados, ou uma gola, um broche, uma pulseira, ou alguma outra coisinha desse tipo, que fazia com que parecesse mais viva. As duas eram eretas no porte, formais, precisas, circunspectas e caladas. A irmã que não estava com minha carta cruzou os braços no peito, um sobre o outro, como um ídolo.

– Senhor Copperfield, acredito – disse a irmã que estava com minha carta, dirigindo-se a Traddles.

Era um começo assustador. Traddles teve de indicar que eu era o sr. Copperfield, eu tive de afirmar que eu era eu, e elas tiveram de se livrar da opinião preconcebida de que Traddles era o sr. Copperfield e, no geral, estávamos numa bela situação. Para melhorar as coisas, ouvi distintamente Jip dar dois latidos e receber outro safanão.

– Senhor Copperfield – disse a irmã com a carta.

Fiz alguma coisa, me inclinei, acredito, e fui todo atenção quando a outra irmã atacou.

– Minha irmã Lavinia – disse ela –, mais fluente em assuntos dessa natureza, vai informar o que consideramos mais adequado para promover a felicidade de ambas as partes.

Descobri depois que a srta. Lavinia era uma autoridade em questões do coração, por força de ter existido em tempos idos um certo sr. Pidger, que jogava uíste, e que teria se enamorado dela. Minha opinião particular é que essa pretensão era absolutamente gratuita, e que Pidger ignorava por completo tais sentimentos, dos quais jamais dera nenhuma demonstração que eu tenha sabido. Tanto a srta. Lavinia como a srta. Clarissa cultivavam uma superstição, porém, de que ele teria declarado sua paixão se não tivesse tido sua juventude abreviada (por volta dos sessenta anos) pelo excesso de bebida para sua constituição, que tentou consertar exagerando nas águas de Bath. As duas tinham uma insistente suspeita de que ele morrera de amor secreto; embora eu deva dizer que havia um retrato dele na casa, com um nariz de pêssego, que não parecia ter sido consumido.{37}

– Não vamos entrar no passado dessa história – disse a srta. Lavinia. – A morte de nosso pobre irmão Francis anulou tudo isso.

– Não tínhamos o hábito – disse srta. Clarissa – de contato frequente com nosso irmão Francis; mas não havia nenhuma discórdia ou desunião entre nós. Francis seguiu seu caminho, nós seguimos o nosso. Consideramos que era para a felicidade de todos que assim fosse. E assim foi.

As duas irmãs se inclinavam um pouco para a frente ao falar, sacudiam a cabeça depois de falar e ficavam eretas de novo ao se calar. A srta. Clarissa não mexeu os braços. Às vezes, tamborilava neles com os dedos minuetos ou marchas, creio eu, mas nunca os movia.

– A posição de nossa sobrinha, ou suposta posição, sofreu uma grande transformação com a morte de nosso irmão Francis – disse a srta. Lavinia –, e portanto consideramos que as opiniões de meu irmão quanto à posição dela mudaram também. Não temos nenhuma razão para duvidar, senhor Copperfield, que o senhor seja um jovem possuidor de boas qualidades e caráter honrado. Ou que tenha afeição, ou esteja totalmente convencido de ter uma afeição por nossa sobrinha.

Respondi, como costumava responder sempre que tinha a oportunidade, que ninguém havia amado ninguém como eu amava Dora. Traddles veio em meu socorro com um murmúrio de confirmação.

A srta. Lavinia ia acrescentar alguma coisa, quando a srta. Clarissa, que parecia incessantemente dominada por um desejo de mencionar seu irmão Francis, atacou de novo:

– Se a mãe de Dora – disse ela –, quando se casou com nosso irmão Francis, tivesse dito logo que não haveria lugar para a família na mesa do jantar, teria sido melhor para a felicidade de todos os envolvidos.

– Mana Clarissa – disse a srta. Lavinia –, talvez não seja preciso lembrar disso.

– Mana Lavinia – disse a srta. Clarissa –, faz parte do assunto. Em seu ramo do assunto, sobre o qual só você tem competência para falar, eu não pensaria interferir. Neste ramo do assunto tenho voz e opinião. Teria sido melhor para a felicidade de todos os envolvidos se a mãe de Dora, quando se casou com nosso irmão Francis, tivesse mencionado abertamente quais eram suas intenções. Então saberíamos o que esperar. Teríamos dito “Por favor, não nos convide em nenhuma oportunidade”, e

se teria evitado toda possibilidade de desentendimento.

Quando a srta. Clarissa parou de balançar a cabeça, a srta. Lavinia voltou a falar, mais uma vez conferindo minha carta com os óculos. Ambas tinham olhinhos redondos brilhantes que piscavam muito, como olhos de pássaros. Não eram muito diferentes de pássaros; com modos nervosos, secos, abruptos, e um jeito breve de se arrumar, como canários.

Como eu disse, a srta. Lavinia voltou a falar:

– O senhor pede permissão de minha irmã Clarissa e minha, senhor Copperfield, para visitar nossa casa como pretendente aceito de nossa sobrinha.

– Se nosso irmão Francis – interrompeu de novo a srta. Clarissa, se é que se pode chamar algo tão calmo de interrupção – queria se cercar de uma atmosfera da Corte Civil e apenas da Corte Civil, que direito temos nós de contrariar? Nenhum, com toda a certeza. Sempre fizemos questão de nunca nos impor a ninguém. Mas por que não dizer isso? Que o nosso irmão Francis e a esposa tivessem a vida deles. E eu e minha irmã Lavinia a nossa vida. Acho que é coisa que podemos resolver sozinhas!

Como isso parecia se dirigir a Traddles e a mim, nós dois demos alguma resposta. A de Traddles foi inaudível. Acho que o que observei foi que isso era bastante elogiável para todos os envolvidos. Não faço a menor ideia do que eu queria dizer.

– Mana Lavinia – disse a srta. Clarissa, depois de aliviar sua mente –, pode continuar, querida.

A srta. Lavinia prosseguiu:

– Senhor Copperfield, minha irmã Clarissa e eu estudamos com muito cuidado esta carta; e não fizemos isso sem ter mostrado a carta a minha sobrinha e discutido com ela. Não temos dúvida de que o senhor acha que gosta muito dela.

– Acho, minha senhora? – comecei a dizer, num impulso. – Ah!...

Mas como a srta. Clarissa me lançou um olhar (como um canário nervoso) que era como se pedisse que eu não interrompesse o oráculo, me desculpei.

– Afeição – disse a srta. Lavinia procurando a concordância da irmã, que ela deu na forma de um aceno de cabeça a cada cláusula –, afeição madura, respeito, devoção não se expressam com facilidade. Sua voz é baixa. Discreta e reservada, fica à espreita, espera e espera. Assim é o fruto maduro. Às vezes, a vida passa e encontra o fruto ainda amadurecendo na sombra.

Claro que não entendi que isso era uma alusão à sua suposta experiência com o falecido Pidger, mas vi, pela gravidade com que a srta. Clarissa fez que sim com a cabeça, que eram palavras de grande peso.

– As leves, porque chamo, por comparação com esses sentimentos, de leves as inclinações dos muito jovens – continuou a srta. Lavinia –, são como poeira comparada a rochas. É devido à dificuldade em saber se serão duráveis ou se têm fundamento real que minha irmã Clarissa e eu ficamos muito indecisas quanto à maneira de agir, senhor Copperfield e senhor...

– Traddles – disse meu amigo, sentindo-se notado.

– Me desculpe. Da Inner Temple, não é? – disse a srta. Clarissa, dando mais uma olhada à minha carta.

Traddles disse:

– Exatamente – e ficou com o rosto muito vermelho.

Ora, apesar de não ter recebido nenhum estímulo ainda, acreditei ver nas duas irmãzinhas, e particularmente na srta. Lavinia, um prazer intenso nesse novo e promissor assunto de interesse doméstico, um acordo a ser valorizado, uma decisão com a qual brincar, coisas em que havia um bom raio brilhante de esperança. Achei perceber que a srta. Lavinia teria especial satisfação em supervisionar dois jovens namorados, como Dora e eu. E que a srta. Clarissa não teria menos satisfação em vê-la nos supervisionar e em interferir com seu próprio departamento no assunto sempre que o impulso fosse forte para ela. Isso me deu coragem para declarar com muita veemência que eu amava Dora mais do que era capaz de dizer ou que qualquer um pudesse acreditar, que todos os meus amigos sabiam o quanto eu a amava; que minha tia, Agnes, Traddles, todos que me conheciam, sabiam como eu a amava, e como o meu amor havia me modificado. Apelei a Traddles para

confirmar a verdade disso. E Traddles, disparando como se mergulhasse em um debate no Parlamento, de fato se mostrou nobre: confirmou tudo o que eu disse em termos precisos e de um jeito simples, prático, sensato, que evidentemente causou boa impressão.

– Falo, se posso ter a pretensão de afirmar tal coisa, como alguém que tem alguma experiência no assunto – disse Traddles –, estando eu próprio noivo de uma moça, irmã de outras nove, em Devonshire, e não vendo probabilidade, no presente, de que nosso noivado chegue a seu termo.

– O senhor concordaria com o que eu disse, senhor Traddles – observou a srta. Lavinia, com um claro interesse renovado nele –, sobre o afeto ser discreto e reservado, e esperar e esperar?

– Sem a menor dúvida, minha senhora – disse Traddles.

A srta. Clarissa olhou para a srta. Lavinia e balançou a cabeça gravemente. A srta. srta. Lavinia olhou conscienciosamente para a srta. Clarissa e deu um pequeno suspiro.

– Mana Lavinia – disse a srta. Clarissa –, traga os meus sais.

A srta. Lavinia se recuperou depois de aspirar algumas vezes o vinagre aromático, enquanto Traddles e eu olhávamos com grande solicitude, e continuou, falando bastante baixo:

– Minha irmã e eu tivemos muitas dúvidas, senhor Traddles, quanto ao rumo que devíamos tomar em relação aos sentimentos, reais ou imaginários, de pessoas tão jovens como seu amigo senhor Copperfield e nossa sobrinha.

– Filha de nosso irmão Francis – observou a srta. Clarissa. – Se a esposa de nosso irmão Francis tivesse achado conveniente, quando estava viva (embora tivesse o direito inquestionável de agir como achou melhor), de convidar a família para a sua mesa de jantar, poderíamos conhecer melhor a filha de nosso irmão Francis no presente momento. Mana Lavinia, continue.

A srta. Lavinia virou minha carta, de forma a aproximar dela o sobrescrito, e consultou com seus óculos algumas notas bem organizadas que havia feito ali.

– Nos parece prudente, senhor Traddles – disse ela –, testar esses sentimentos sob nossa observação. No momento, não sabemos nada a respeito deles e não estamos em situação de julgar o quanto podem ser reais. Portanto estamos inclinadas, até o momento, em aceder à proposta do senhor Copperfield e admitir suas visitas à nossa casa.

– Minhas caras senhoras – exclamei, sentindo-me aliviado de uma grande apreensão –, jamais esquecerei a sua bondade!

– Porém – continuou a srta. Lavinia –, porém, vamos preferir que essas visitas, senhor Traddles, sejam feitas como esta agora, a nós. Vamos esperar para admitir qualquer compromisso definitivo do senhor Copperfield com nossa sobrinha até termos a oportunidade de...

– Até *você* ter a oportunidade, mana Lavinia – disse a srta. Clarissa.

– Seja – concordou a srta. Lavinia, com um suspiro –, até eu ter a oportunidade de observar os dois.

– Copperfield – disse Traddles, voltando-se para mim –, tenho certeza de que sente que nada poderia ser mais razoável e adequado.

– Nada! – exclamei. – Fico profundamente sensibilizado.

– Diante disso – a srta. Lavinia falou, mais uma vez vasculhando suas anotações –, e admitindo suas visitas apenas com esse entendimento, devemos solicitar do senhor Copperfield uma clara garantia, a sua palavra de honra, de que nenhum contato de qualquer tipo acontecerá entre ele e nossa sobrinha sem o nosso conhecimento. Que nenhum projeto será considerado em relação a nossa sobrinha sem que seja primeiro submetido a nós...

– A você, mana Lavinia – interpôs a srta. Clarissa.

– Seja, Clarissa – concordou a srta. Lavinia, resignadamente –, a mim, e só depois de nossa aprovação! Isso deve ser estipulado com toda a clareza e seriedade, e não ser rompido sob nenhum pretexto. Quisemos que o senhor Copperfield viesse acompanhado por um amigo de confiança hoje – e inclinou a cabeça para Traddles, que retribuiu com outra inclinação – a fim de que não haja dúvida nem desentendimento no assunto. Se o senhor Copperfield, ou se o senhor Traddles, sentir o menor escrúpulo em concordar com esse compromisso, peço que

pondere pelo tempo que for preciso.

Exclamei, num estado de grande êxtase ardoroso, que não seria necessário nem um momento de ponderação. Submeti-me à promessa exigida, da maneira mais apaixonada, invocando Traddles como testemunha, e afirmei que seria o personagem mais atroz se alguma vez me desviasse o mínimo que fosse.

– Fique! – disse a srta. Lavinia, erguendo a mão. – Tínhamos resolvido, antes de ter o prazer de receber os senhores, cavalheiros, que deixaríamos vocês sozinhos por quinze minutos, para discutir o assunto. Permitam que nos retiremos.

Inútil dizer que não era preciso nenhuma consideração. Elas insistiram em se retirar naquele momento específico. Então, aqueles dois passarinhos se ergueram com toda a dignidade, me deixando a receber as congratulações de Traddles, me sentindo como transportado para regiões de absoluta felicidade. Quando se esgotaram exatamente os quinze minutos, elas reapareceram com não menos dignidade do que haviam desaparecido. Tinham saído farfalhando como se seus pequenos vestidos fossem feitos de folhas de outono, e voltaram farfalhando do mesmo jeito.

Então me comprometi mais uma vez com as condições impostas.

– Mana Clarissa – disse a srta. Lavinia –, o resto é com você.

A srta. Clarissa descruzou os braços pela primeira vez, pegou as anotações e olhou.

– Ficaremos contentes – disse a srta. Clarissa – de receber o senhor Copperfield para jantar todos os domingos, se isso for de sua conveniência. Nosso horário é às três da tarde.

Eu me inclinei.

– No decorrer da semana – disse a srta. Clarissa –, ficaremos contentes de receber o senhor Copperfield para o chá. Nosso horário é às seis e meia.

Eu me inclinei novamente.

– Duas vezes por semana – disse a srta. Clarissa –, mas como regra geral, não mais que isso.

Eu me inclinei outra vez.

– A senhorita Trotwood – disse a srta. Clarissa –, mencionada na carta do senhor Copperfield, talvez venha nos visitar. Quando a visita for para a felicidade de todos os envolvidos, ficamos contentes de receber visitas, que retribuímos. Quando é melhor para a felicidade de todos os envolvidos que não se façam visitas (como no caso de nosso irmão Francis e sua residência), é bem diferente.

Declarei que minha tia ficaria orgulhosa e deliciada de conhecer as duas, embora deva dizer que não tinha muita certeza se iriam se dar bem. Decididas as condições, expressei meu reconhecimento da melhor maneira e, tomando a mão, primeiro da srta. Clarissa, depois da srta. Lavinia, levei-as, uma depois da outra, até meus lábios.

A srta. Lavinia então se levantou, e solicitando ao sr. Traddles que nos desse licença um instante, pediu que fosse com ela. Obedeci, todo trêmulo, e fui levado a outra sala. Lá encontrei minha querida abençoada tapando os ouvidos atrás da porta, com o querido rostinho encostado à parede, e Jip em cima do aquecedor de pratos com a cabeça enrolada numa toalha.

Ah! Que linda ela estava com seu vestido preto, e como chorou e soluçou e não queria sair de trás da porta! Que felizes ficamos um com o outro quando ela saiu afinal e em que estado de êxtase eu estava quando tiramos Jip do aquecedor e o devolvemos à luz, fungando muito, nós três reunidos!

– Minha querida Dora! Agora minha de verdade, para sempre!

– Ah, não! – Dora pediu. – Por favor!

– Não é minha para sempre, Dora?

– Ah, claro que sou – Dora exclamou –, mas estou tão assustada!

– Assustada, meu bem?

– Ah, sim! Não gosto dele – disse Dora. – Por que ele não vai embora?

– Quem, minha vida?

– Seu amigo – disse Dora. – Ele não tem nada a ver com isto. Que idiota deve ser!

– Meu amor! – Não havia nada mais sedutor do que seu jeito infantil.

– Ele é a melhor das criaturas!

– Ah, mas não queremos nenhuma melhor das criaturas! – Dora amuou-se.

– Minha querida – argumentei –, você logo vai conhecer melhor o meu amigo e gostar dele em tudo. E minha tia logo vem aqui; e você vai gostar dela em tudo também, quando se conhecerem.

– Não, não, por favor, não traga sua tia aqui! – disse Dora, me dando um beijinho horrorizado e torcendo as mãos. – Não. Sei que ela é uma velha maldosa e intrigante! Não deixe ela vir aqui, Doady! – que era uma corruptela de David.

Era inútil protestar; então ri e me admirei e estava muito apaixonado e muito feliz; e ela me mostrou o novo truque de Jip, empinado nas pernas de trás em um canto, coisa que ele sustentava num relance passageiro e caía de volta, e nem sei quanto tempo eu ficaria ali, esquecido de Traddles, se a srta. Lavinia não viesse para me levar embora. A srta. Lavinia gostava muito de Dora (ela me disse que Dora era exatamente como ela nessa idade; devia ter mudado bastante) e tratava Dora como se fosse um brinquedo. Eu queria convencer Dora a ir falar com Traddles, mas quando propus isso ela saiu correndo para seu quarto e trancou a porta; então fui até Traddles sem ela e saímos juntos para a rua.

– Nada poderia ter sido mais satisfatório – disse Traddles –, e são duas damas muito agradáveis, com certeza. Eu não me surpreenderia se você se casasse anos antes de mim, Copperfield.

– A sua Sophy não toca nenhum instrumento, Traddles? – perguntei, com o coração cheio de orgulho.

– Ela sabe piano o bastante para ensinar para as irmãzinhas – disse Traddles.

– Ela canta? – perguntei.

– Bom, canta baladas, às vezes, para alegrar as outras quando estão desanimadas – disse Traddles. – Nada técnico.

– Ela não canta com o violão? – perguntei.

– Ah, nossa, não! – Traddles falou.

– E pinta?

– Nem um pouco – Traddles respondeu.

Prometi a Traddles que ele ia ouvir Dora cantar e ver algumas pinturas de flores dela. Ele disse que gostaria muito, e fomos para casa de braços dados, cheios de bom humor e prazer. No caminho, eu o estimulei a falar de Sophy, coisa que ele fez, com uma confiança amorosa nela que muito admirei. Em minha cabeça, eu a comparei a Dora, com uma grande satisfação interna; mas admiti com toda a franqueza para mim mesmo que ela parecia o tipo de moça excelente para Traddles também.

Claro que minha tia foi informada imediatamente do resultado positivo do encontro, e de tudo o que foi feito e dito no decorrer dele. Ela ficou feliz de me ver tão feliz e prometeu ir visitar as tias de Dora sem perda de tempo. Mas caminhou tanto para cima e para baixo de nossos cômodos essa noite, enquanto eu escrevia a Agnes, que comecei a achar que ia ficar andando até de manhã.

Minha carta a Agnes foi ardorosa e grata, narrando todo o bom efeito resultante de ter seguido seu conselho. Ela respondeu pela volta do correio. Sua carta era cheia de esperança, empenhada e alegre. Desde essa época, ela estava sempre alegre.

Eu agora tinha em mãos mais coisas que nunca. Considerando minhas idas diárias a Highgate, Putney ficava muito longe; e naturalmente eu queria ir até lá sempre que possível. Como os chás propostos eram impraticáveis, solicitei à srta. Lavinia permissão de visitar a casa aos sábados à tarde, sem prejuízo dos domingos privilegiados. De forma que o fecho de cada semana era um momento delicioso para mim, e eu passava o resto da semana à espera disso.

Fiquei imensamente aliviado ao descobrir que minha tia e as tias de Dora se deram bem, na medida do possível, com muito mais tranquilidade do que eu poderia esperar. Minha tia fez a visita prometida poucos dias depois da entrevista; e dentro de mais alguns dias as tias de Dora nos visitaram com a devida formalidade e cerimônia. Encontros semelhantes, porém mais amigáveis, ocorreram depois, em geral com intervalos de três ou quatro semanas. Sei que minha tia perturbava

muito as tias de Dora por desdenhar absolutamente a dignidade conferida pelos transportes e preferir ir a pé até Putney, nas horas mais extraordinárias, como logo depois do desjejum ou pouco antes do chá, além de usar o chapéu do modo que ficasse confortável em sua cabeça, sem ceder em nada aos preconceitos da civilização a respeito. Mas as tias de Dora logo concordaram em ver minha tia como uma senhora excêntrica e um tanto masculina, com grande inteligência, e embora minha tia às vezes irritasse as tias de Dora expressando opiniões heréticas sobre vários pontos de etiqueta, ela me amava demais para não sacrificar algumas de suas pequenas peculiaridades pela harmonia geral.

O único membro de nossa pequena sociedade que positivamente se recusava a adaptar-se às circunstâncias era Jip. Ele nunca via minha tia sem logo exibir todos os dentes, retirando-se para baixo de uma cadeira e rosnando sem parar, com um uivo dolorido de vez em quando, como se ela de fato fosse demais para os sentimentos dele. Tentamos todo tipo de tratamento com ele, agradar, ralhar, bater, levá-lo à Buckingham Street (onde imediatamente saiu correndo atrás dos dois gatos para terror de todos); mas nunca conseguiu admitir a proximidade com minha tia. Ele às vezes achava que levara a melhor em sua objeção e era gentil por alguns minutos. Mas em seguida empinava o nariz e uivava a tal ponto que não havia nada a fazer senão vendá-lo e trancá-lo no aquecedor de pratos. Com o tempo, Dora passou a abafá-lo regularmente com uma toalha e a prendê-lo lá sempre que minha tia aparecia na porta.

Uma coisa me perturbava muito, depois de termos nos acomodado nesse ritmo. Era que Dora consentisse ser vista como uma boneca bonita, ou um brinquedo. Minha tia, com quem ela aos poucos se familiarizara, sempre a chamava de Florzinha; e o prazer da vida da srta. Lavinia era cuidar dela como de uma filha preferida. Aquilo era muito estranho para mim, mas todos pareciam tratar Dora, em seu nível, do jeito como Dora tratava Jip no dele.

Resolvi falar com Dora a esse respeito; e um dia, quando estávamos caminhando (depois de algum tempo tivemos a permissão da srta. Lavinia para caminhar sozinhos), eu lhe disse que gostaria muito que as fizesse se comportar de outro jeito com ela.

– Porque sabe, meu bem – adverti –, você não é uma criança.

– Pronto! – disse Dora. – Você agora vai ficar zangado!

– Zangado, meu amor?

– O que sei com certeza é que são muito boas comigo –disse Dora –, e eu sou muito feliz.

– Bom! Mas você, querida da minha vida – disse eu –, pode ser muito feliz e ser tratada racionalmente.

Dora me deu um olhar de censura, o olhar mais gracioso!, e começou a soluçar, dizendo que, se eu não gostava dela, por que tinha querido ficar noivo dela? E por que não ia embora agora se não podia suportá-la?

Depois disso, o que eu podia fazer além de beijar suas lágrimas e dizer que era louco por ela?

– Eu sei que sou muito afetuosa – disse Dora –, e você não devia ser cruel comigo, Doady!

– Cruel, minha preciosa! Como se eu quisesse, ou pudesse, ser cruel com você neste mundo!

– Então não fique achando defeito em mim – disse Dora, fazendo dos lábios um botão de rosa –, e serei boazinha.

Fiquei encantado de ela então me pedir, por vontade própria, que lhe desse aquele livro de receitas de que havia falado, e que a ensinasse a fazer as contas da casa como eu havia prometido. Na visita seguinte, levei comigo o livro (mandei que fizessem um embrulho bonito para parecer menos seco e mais convidativo); e quando passeamos perto da Corte, mostrei a ela um velho livro-caixa de minha tia e lhe dei um conjunto de tabelas, uma linda lapiseirinha e uma caixa de minas de grafite para ela praticar a administração doméstica.

Mas o livro de cozinha deixou Dora com dor de cabeça e os números a fizeram chorar. Não somavam direito, disse ela. Então ela apagou tudo e desenhou pequenos ramalhetes e os retratos meu e de Jip em todas as tabelas.

Então, em tom de brincadeira, tentei instruções verbais sobre questões domésticas, em nossas caminhadas de sábado à tarde. Às vezes, por exemplo, quando passávamos por um açougue, eu dizia:

– Agora vamos supor, minha querida, que estamos casados e você ia comprar um pernil de cordeiro para o jantar. Você saberia como comprar?

O rostinho lindo de minha Dora ficava comprido e ela fazia da boca um botão de rosa outra vez, como se preferisse fechar a minha boca com um beijo.

– Você saberia comprar, minha querida? – eu repetia, talvez, se estivesse muito inflexível.

Dora pensava um pouco, depois respondia, talvez, com grande triunfo:

– Ora, o açougueiro saberia vender, e o que *eu* preciso saber? Ah, como você é bobo!

Então, quando perguntei uma vez a Dora, de olho no livro de receitas, o que ela faria se estivéssemos casados e eu dissesse que gostaria de um bom guisado irlandês, ela respondeu que mandaria a criada preparar. Então bateu as mãozinhas de braço dado comigo e riu de um jeito tão encantador que era ainda mais deliciosa de se ver.

O resultado é que o uso principal do livro de cozinha foi ser posto num canto para Jip subir em cima. Mas Dora ficou tão contente quando o treinou para sentar ali sem sair, e ao mesmo tempo segurar o estojo de lápis entre os dentes, que fiquei contente de ter comprado o livro.

E voltamos à caixa do violão, à pintura de flores, às canções falando de nunca parar de dançar, tá rá rá!, e nossa felicidade era tão grande quanto a semana. De vez em quando, eu sentia vontade de me aventurar a dizer à srta. Lavinia que ela tratava a querida do meu coração um pouco demais como se fosse um brinquedo. E às vezes eu acordava inquieto, por assim dizer, ao perceber que havia caído na falha geral e a tratara também como um brinquedo. Mas não muitas vezes.

XLII

Injúria

Sinto que não me caberia registrar, mesmo sendo este manuscrito destinado apenas aos meus olhos, como trabalhei duro naquela tremenda taquigrafia, e todos os progressos que fiz nela, em meu senso de responsabilidade por Dora e suas tias. Só acrescentarei que o que escrevi sobre minha perseverança nesse momento da minha vida e da energia paciente e contínua que então começou a amadurecer dentro de mim e que sei constituir a parte mais forte de meu caráter, se ele tem alguma força, é que aí, olhando para trás, encontro a fonte de meu sucesso. Tive muita sorte em questões do mundo; muitos homens trabalharam muito mais duro e não obtiveram nem a metade do meu sucesso. Mas eu nunca poderia ter feito o que fiz sem os hábitos de pontualidade, ordem e diligência, sem a determinação de me concentrar em um objetivo de cada vez, por mais depressa que viesse o objetivo a seguir, que eu então definia. O céu sabe que escrevo isto não no espírito de autoglorificação. O homem que revisa sua própria vida, como faço com a minha, prosseguindo aqui, página a página, tem necessidade de ter sido um bom homem de fato, se quer ser poupado da aguda consciência de muitos talentos negligenciados, muitas oportunidades desperdiçadas, muitos sentidos erráticos e pervertidos constantemente em luta dentro do peito, e derrotando-o. Ouso dizer que não possuo nenhum dom natural de que tenha abusado. Quero dizer apenas que, tudo o que tentei na vida, tentei com todo o coração fazer bem; que tudo a que me dediquei, me dediquei completamente; que nos grandes e pequenos objetivos, sempre avancei com empenho. Nunca acreditei possível que qualquer habilidade natural ou aprimorada pudesse pretender ser imune à companhia das qualidades de firmeza, simplicidade e trabalho duro, e esperar conquistar seu fim. Não existe algo como essa realização nesta terra. Algum talento fortuito, alguma oportunidade privilegiada, pode

dar forma aos dois lados da escada por onde alguns homens sobem, mas as voltas dessa escada devem ser feitas para suportar desgaste e danos; e não existe substituto para dedicação, ardente e sincero empenho. Concluo agora que nunca pôr as mãos em algo em que não pudesse me lançar por inteiro; e nunca depreciar meu trabalho, fosse qual fosse, foram as minhas regras de ouro.

O quanto da prática reduzi a preceitos, devo a Agnes, e não vou repetir aqui. Minha narrativa prossegue com Agnes, com amorosa gratidão.

Ela foi fazer uma visita de quinze dias ao doutor. O sr. Wickfield era velho amigo do doutor, e o doutor queria conversar com ele e ajudá-lo. Isso havia sido conversado com Agnes na última vez em que ela estivera na cidade, e essa visita era o resultado. Ela e o pai chegaram juntos. Não fiquei muito surpreso ao saber que ela se dera ao trabalho de encontrar acomodação para a sra. Heep no bairro, cuja queixa de reumatismo exigia uma mudança de ares, e que ficou encantada de se ver nessa companhia. Nem me surpreendi quando, já no dia seguinte, Uriah, como um filho dedicado, trouxe sua boa mãe para ocupar seu quarto.

– Sabe, Copperfield – disse ele, impondo a mim sua companhia para uma volta no jardim do doutor –, quando a pessoa ama, a pessoa é um pouco ciumenta ou, no mínimo, ansiosa pra ficar de olho na pessoa amada.

– De quem tem ciúmes agora? – perguntei.

– Graças ao senhor, Copperfield – ele replicou –, de ninguém em particular no momento, não do sexo masculino pelo menos.

– Está dizendo que tem ciúmes de uma mulher?

Ele me deu um olhar de esguelha com seus sinistros olhos vermelhos, e riu.

– Realmente, Copperfield – disse ele – ... eu devia dizer senhor Copperfield, mas sei que vai desculpar o costume, e o senhor é tão insinuante que tira tudo de mim feito um saca-rolhas! Bom, não me importo de contar pro senhor – disse, pondo a mão de peixe sobre a minha –, não sou um galanteador com mulheres no geral, e muito menos com a senhora Strong.

Seus olhos agora pareciam verdes, olhando nos meus com um ar ladino de patife.

– O que quer dizer? – perguntei.

– Ora, mesmo eu sendo um advogado, Copperfield – respondeu, com um sorriso seco –, no momento quero dizer exatamente o que disse.

– E o que quer dizer essa expressão sua? – retorqui, calmo.

– Minha expressão? Nossa, Copperfield, você é muito observador. O que quero dizer com a minha expressão?

– É – respondi –, com sua expressão.

Ele pareceu muito divertido e riu com tanto gosto quanto permitia sua natureza. Depois de esfregar um pouco o queixo com a mão, continuou dizendo, com os olhos baixos, ainda esfregando, muito devagar:

– Quando eu não passava de um escrevente apagado, ela costumava me olhar de cima para baixo. Estava sempre acompanhando minha Agnes para cá e para lá na casa e sempre simpática com o senhor, Copperfield, mas eu estava muito abaixo dela pra ser notado.

– Bom – comentei –, acredito que estava mesmo!

– E abaixo dele também – prosseguiu Uriah, com muita distinção e um tom meditativo na voz, continuando a esfregar o queixo.

– Não conhece o doutor – perguntei – o suficiente para achar que ele soubesse da sua existência quando não estava na frente dele?

Ele me deu outro olhar enviesado e alongou muito o rosto para poder esfregar melhor ao responder:

– Ah, nossa, não estou falando do doutor! Ah, não, coitado dele! Estou falando do senhor Maldon!

Meu coração quase parou dentro de mim. Todas as minhas velhas dúvidas e apreensões sobre o assunto, toda a felicidade e paz do doutor, todo o misto de possibilidades de ingenuidade e concessão que eu não conseguira desvendar, vi em um momento à mercê das distorções daquele sujeito.

– Ele nunca aparecia no escritório sem me dar ordens e me enxotar – disse Uriah. – Um dos nossos finos cavalheiros ele era! Eu era muito cordato e humilde, e ainda sou. Mas não gostava desse tipo de coisa,

ainda não gosto!

Ele parou de esfregar o queixo e chupou as bochechas até parecer que se encontravam por dentro, mantendo todo o tempo o olhar enviesado para mim.

– Ela é uma das suas mulheres lindas, ela é – prosseguiu ele, quando restaurou lentamente seu rosto à forma natural –, nada disposta a ser amiga de alguém como *eu*, sei disso. Ela é bem o tipo de pessoa que ia querer para a minha Agnes alguém de mais classe. Ora, não faço parte dos homens da sua amiga, Copperfield, mas tenho olhos para ver, sempre tive. Gente humilde como eu tem olhos, no geral, e a gente enxerga as coisas com eles.

Fiz o possível para parecer desinformado e não me abalar, mas vi no rosto dele que não consegui isso.

– Agora, não vou deixar que me passem pra trás, Copperfield – continuou, erguendo aquela parte do rosto onde deveria haver sobrancelhas ruivas, se ele tivesse alguma, com maligno triunfo –, e vou fazer tudo o que puder pra acabar com essa amizade. Que não aprovo. Não me importo de reconhecer pro senhor que estou ressentido e quero afastar todos os intrometidos. Se perceber alguma coisa, não vou correr o risco de ser passado pra trás.

– Você está sempre conspirando e se ilude com a ideia de que os outros também estão fazendo a mesma coisa, acho – disse eu.

– Talvez, Copperfield – ele respondeu. – Mas tenho minhas razões, como dizia meu sócio, e parto pra cima com unhas e dentes. Que não me tratem demais como uma pessoa entorpecida. Não posso deixar ninguém se meter no meu caminho. Vão ter de descer da carruagem, Copperfield!

– Não entendo você – disse eu.

– Não mesmo, será? – ele respondeu, com um dos seus estremecimentos. – Muito me surpreende, Copperfield, já que o senhor é sempre tão esperto! Vou tentar ser mais claro um outro dia. Não é o senhor Maldon ali, a cavalo, batendo no portão?

– Parece que sim – respondi o mais displicente possível.

Uriah calou-se de repente, pôs as mãos entre os nós dos joelhos e se

dobrou de tanto rir. Com uma risada absolutamente silenciosa. Não saía dele nem um som. Fiquei tão repugnado com seu comportamento odioso, em especial essa última atitude, me afastei sem cerimônia e o deixei lá dobrado em dois no meio do jardim, como um espantalho precisando de escora.

Não foi nessa noite; mas, como bem me lembro, duas noites depois, um sábado, que levei Agnes para conhecer Dora. Eu havia marcado antecipadamente a visita com a srta. Lavinia, e Agnes era esperada para o chá.

Eu estava agitado de orgulho e ansiedade; orgulhoso de minha querida noivinha e ansioso para que Agnes gostasse dela. Durante todo o caminho até Putney, Agnes dentro da diligência, eu do lado de fora, imaginei Dora em todos os lindos traços que eu conhecia tão bem; ora pensando que gostaria que ela estivesse como a vira em tal dia, depois duvidando se não preferiria que ela estivesse como uma outra vez, me preocupando quase febrilmente a respeito.

Bonita ela deveria estar, e quanto a isso não me restavam dúvidas; mas aconteceu que nunca a tinha visto tão bem. Dora não se encontrava na saleta quando apresentei Agnes a suas tiazinhas, mas timidamente recolhida. Eu sabia agora onde procurá-la, e claro que a encontrei tapando os ouvidos outra vez, atrás da mesma porta sem graça.

De início, ela não queria entrar de jeito nenhum, depois me pediu cinco minutos contados no meu relógio. Quando por fim me deu o braço para ser conduzida para a sala, seu lindo rosto estava afogueado, e nunca tinha estado tão bonita. Mas quando entramos na sala e ela empalideceu, ficou dez mil vezes mais linda.

Dora tinha medo de Agnes. Tinha me dito que sabia que Agnes era “inteligente demais”. Mas quando a viu parecendo logo tão alegre e interessada, tão atenciosa e boa, deu um gritinho de agradável surpresa, e apenas passou afetuosamente os braços pelo pescoço de Agnes e encostou o rosto inocente no dela.

Nunca fui tão feliz. Nunca fiquei tão contente como no momento em que vi as duas sentadas lado a lado. Como no momento em que vi minha querida olhando com tanta naturalidade aqueles olhos cordiais. Como no

momento em que vi o olhar terno e belo de Agnes para ela.

À sua maneira, as srtas. Lavinia e Clarissa compartilharam minha alegria. Era a mesa de chá mais agradável do mundo. A srta. Clarissa servia. Eu cortava e servia o bolo de sementes: as irmãzinhas tinham um prazer de pássaro catando as sementes e bicando o açúcar. A srta. Lavinia observava com benigna altivez, como se a felicidade de nosso amor fosse obra dela, e estávamos todos contentes cada um consigo mesmo e com os outros.

A delicada alegria de Agnes tocou o coração de todos. Seu tranquilo interesse em tudo o que interessava Dora, seu jeito de fazer contato com Jip (que a aceitou imediatamente), sua maneira agradável quando Dora ficou envergonhada de sentar em seu lugar de sempre a meu lado, sua serenidade e elegância discreta, produzindo uma porção de manchinhas vermelhas de confiança em Dora, tudo parecia tornar completo o nosso círculo.

– Estou tão contente – disse Dora, depois do chá – de você gostar de mim. Achei que não ia gostar e quero, mais do que nunca, que gostem de mim, agora que Julia Mills foi embora.

Acabei me esquecendo de contar. A srta. Mills tinha viajado, e Dora e eu havíamos ido a bordo do grande veleiro em Gravesend para vê-la. E comemos conserva de gengibre e goiaba e outros quitutes desse tipo no almoço antes de deixar a srta. Mills chorando num banquinho no convés, com um grande diário novo debaixo do braço no qual suas reflexões originais despertadas pela contemplação do oceano seriam registradas e trancadas.

Agnes disse que temia que eu tivesse feito dela um retrato pouco lisonjeiro, mas Dora a corrigiu imediatamente.

– Ah, não – disse ela, sacudindo os cachos na minha direção –, ele foi todo elogios! Sua opinião é tão importante para ele que eu tinha medo dela.

– Minha opinião não pode fortalecer em nada a ligação dele com alguém que conhece – disse Agnes sorrindo –, nem vale a pena falar.

– Mas por favor, fale para mim – disse Dora, com seu ar sedutor –, se puder!

Brincamos com o fato de Dora querer que gostassem dela, e Dora disse que eu era bobo, que não gostava de mim de jeito nenhum, e a breve noite passou voando. Na hora certa, a diligência viria nos buscar. Estava parado diante da lareira quando Dora chegou de mansinho e me deu aquele precioso beijinho de sempre antes de eu ir embora.

– Você acha que se ela fosse minha amiga faz tempo, Doady – disse Dora, os olhos brilhando muito enquanto a mão direita brincava com um dos botões de meu paletó –, eu seria talvez mais inteligente?

– Meu amor! – eu disse. – Que bobagem!

– Acha bobagem? – Dora replicou, sem olhar para mim. –Tem certeza mesmo?

– Claro que tenho!

– Eu tinha esquecido – disse Dora, ainda girando e girando o botão – como Agnes é importante para você, meu menino malvado.

– Não somos parentes – respondi –, mas fomos criados juntos, como irmão e irmã.

– Não entendo como você se apaixonou por mim – disse Dora, começando a girar outro botão de meu paletó.

– Talvez porque não consegui olhar para você e não te adorar, Dora!

– E se você nunca tivesse me conhecido? – Dora perguntou, indo para outro botão.

– E se a gente nunca tivesse nascido? – disse eu, divertido.

Eu me perguntei no que ela estaria pensando, observando com silêncio admirado a pequena mão macia subindo pelos botões de meu paletó, o cacho de cabelo caído ao peito, os cílios dos olhos baixos, subindo ligeiramente ao acompanhar os dedos lentos. Por fim, seus olhos chegaram aos meus, e ela ficou na ponta dos pés para me dar, mais pensativa que de costume, seu beijinho precioso, uma, duas, três vezes, e saiu da sala.

Elas voltaram todas juntas cinco minutos depois, e o incomum ar pensativo de Dora havia desaparecido totalmente. Ela estava rindo, decidida a fazer Jip mostrar todas as suas proezas antes que chegasse a diligência. Demorou um pouco, não muito, dada a variedade das proezas

e a relutância de Jip, e ainda não tinham terminado quando ouvimos a carruagem. Houve uma despedida apressada, mas afetuosa, entre Agnes e ela; e Dora ficou de escrever a Agnes (que não devia reparar se suas cartas fossem tolas, disse) e Agnes de escrever para Dora. Despediram-se uma segunda vez na porta da diligência e uma terceira quando Dora, apesar dos protestos da srta. Lavinia, saiu correndo outra vez para, na janela da diligência, lembrar Agnes de escrever e sacudir os cachos para mim na parte externa.

A diligência nos levou até perto de Covent Garden, onde devíamos tomar outra diligência para Highgate. Eu estava impaciente pela breve caminhada do intervalo, no qual Agnes poderia elogiar Dora para mim. Ah, e que elogios foram aqueles! Como recomendavam amorosamente, ardorosamente, mesmo expostas todas as suas graças desajeitadas, a linda criatura que eu havia conquistado com meu mais delicado cuidado! Como me lembravam, sem a pretensão de fazê-lo, da confiança que eu merecia da garota órfã!

Nunca, nunca, eu havia amado Dora tão profunda e verdadeiramente como a amei essa noite. Quando desembarcamos de novo e estávamos caminhando à luz das estrelas pela rua tranquila que levava à casa do doutor, eu disse a Agnes que era obra dela.

– Quando estava sentada ao lado dela – falei –, você parecia o Anjo da Guarda tanto dela como meu, como parece agora, Agnes.

– Pobre anjo – ela respondeu –, mas fiel.

A clareza do tom de sua voz, vinda diretamente do coração, tornou natural que eu dissesse:

– A alegria que é sua, Agnes (e que ninguém mais que eu conheço tem igual), está tão restaurada, como pude ver hoje, que começo a esperar que você esteja mais feliz em casa.

– Estou mais feliz em mim mesma – disse ela –, bem alegre e com o coração leve.

Observei o rosto sereno que olhava para mim e pensei que as estrelas é que o deixavam tão nobre.

– Em casa, nada mudou – disse Agnes, depois de um momento.

– Nenhuma novidade – perguntei – quanto a... não quero inquietar você, Agnes, mas não posso deixar de perguntar, quanto ao que conversamos na última vez em que nos vimos?

– Não, nenhuma – ela respondeu.

– Pensei tanto nisso.

– Você deve pensar menos sobre isso. Lembre, enfim, que confio no amor simples e na verdade. Não se preocupe comigo, Trotwood – e acrescentou, depois de um momento –, o passo que você abomina que eu dê, eu jamais darei.

Pensando friamente, embora eu achasse que nunca havia temido que aquilo acontecesse, foi um alívio indizível ouvir essa garantia dos próprios lábios sinceros dela. E eu disse isso, sem nenhuma reserva.

– E quando esta visita acabar – disse eu –, pode ser que a gente não se veja mais a sós... Quanto tempo vai levar, minha querida Agnes, para voltar a Londres outra vez?

– Talvez um bom tempo – ela respondeu. – Acho que será melhor, por causa de papai, ficarmos em casa. Não é provável que a gente se encontre muito no futuro, mas eu serei uma boa correspondente para Dora, e vamos saber bastante uma da outra por esse meio.

Estávamos no pequeno pátio do chalé do doutor. Já era tarde. A luz estava acesa no quarto da sra. Strong, e Agnes, apontando para isso, me deu boa-noite.

– Não se preocupe – disse ela, apertando minha mão – com nossos problemas e ansiedades. Nada me deixa mais feliz que a sua felicidade. Se algum dia precisar de sua ajuda, pode confiar que eu peço. Deus te abençoe sempre!

Com seu sorriso iluminado e os últimos tons dessa voz alegre, eu parecia ver e ouvir a minha pequena Dora ao lado dela. Fiquei parado um momento, olhando as estrelas da varanda, com o coração cheio de amor e gratidão, e em seguida fui embora. Tinha reservado um quarto numa cervejaria próxima e ia saindo pelo portão quando, ao virar a cabeça por acaso, vi luz acesa no estúdio do doutor. Um capricho meio acusativo me veio à cabeça, de que ele estava trabalhando no dicionário

sem a minha ajuda. Querendo me certificar se era isso e, de qualquer modo, desejando lhe dar boa-noite, se estivesse sentado entre seus livros, voltei, e atravessando o hall abri delicadamente a porta e olhei para dentro.

A primeira pessoa que vi, para minha surpresa, à luz sóbria do abajur, foi Uriah. Ele estava parado ao lado da luz, com uma mão esquelética na boca e a outra apoiada na mesa do doutor. O doutor estava sentado na poltrona do estúdio, cobrindo o rosto com as mãos. O sr. Wickfield, profundamente perturbado e incomodado, inclinava-se para a frente tocando, de modo indeciso, o braço do doutor.

Por um instante, achei que o doutor estava doente. Depressa avancei um passo sob essa impressão, quando encontrei o olhar de Uriah e entendi qual era o problema. Ia me retirar, mas o doutor fez um gesto para me deter, e fiquei.

– De qualquer forma – observou Uriah, estremecendo sua pessoa desgraciosa –, podemos manter a porta fechada. Ninguém quer que a cidade INTEIRA fique sabendo.

Ao dizer isso, foi na ponta dos pés até a porta, que eu tinha deixado aberta, e cuidadosamente a fechou. Então voltou e retomou sua posição anterior. Havia uma incômoda demonstração de zelo cheio de compaixão em sua voz e maneiras, mais intolerável, ao menos para mim, do que qualquer atitude que pudesse assumir.

– Senti que era meu dever, Copperfield – disse Uriah –, revelar ao doutor Strong que o senhor e eu conversamos. O senhor não me entendeu inteiramente, não é?

Olhei para ele, mas nada respondi, e indo até meu antigo professor, disse algumas palavras que pretendia fossem palavras de consolo e ânimo. Ele pôs a mão em meu ombro, como era seu costume desde que eu era pequeno, mas não levantou a cabeça grisalha.

– Como o senhor não me entendeu, Copperfield – retomou Uriah em tom oficial –, posso tomar a liberdade de mencionar humildemente, estando entre amigos, que chamei a atenção do dr. Strong pras atitudes da senhora Strong. Só muito a contragosto, garanto ao senhor, Copperfield, é que me preocupo com uma coisa tão desagradável, mas

realmente, no pé em que está a situação, nós todos estamos nos imiscuindo numa coisa que não devia acontecer. Foi isso o que quis dizer, Copperfield, quando o senhor não entendeu.

Eu agora me pergunto, ao lembrar seu olhar maldoso, por que não o peguei pelo colarinho e sacudi o alento de seu corpo.

– Acredito não ter sido claro – ele continuou –, nem o senhor também. Naturalmente, nós dois estávamos inclinados a dar amplo crédito ao assunto. Mas resolvi falar abertamente e mencionei pro dr. Strong que... Disse alguma coisa?

Era o doutor que tinha dado um gemido. Um som que teria tocado qualquer coração, pensei, mas que não teve nenhum efeito sobre Uriah.

– ... mencionei pro doutor Strong – ele prosseguiu – que qualquer um pode ver que o senhor Maldon, e a adorável e agradável dama que é a esposa do doutor, são carinhosos demais um com o outro. Realmente estava na hora (nós todos envolvidos no presente momento com uma coisa que não devia ocorrer) de o doutor Strong ficar sabendo o que já estava claro pra todo mundo debaixo do sol desde antes do senhor Maldon ir pra Índia; que não foi por nenhuma outra razão que o senhor Maldon encontrou desculpa pra voltar; e não é por nenhuma outra razão que ele está sempre aqui. Quando o senhor entrou, eu estava justamente pedindo pro meu sócio – e voltou-se para o sr. Wickfield – que desse ao doutor Strong a sua palavra de honra se essa não era também a opinião dele desde muito tempo. Vamos, senhor Wickfield! Podia ter a bondade de nos dizer? Sim ou não? Vamos, sócio!

– Pelo amor de Deus, meu caro doutor – disse o sr. Wickfield, pousando novamente uma mão vacilante no braço do doutor –, não dê muito peso a nenhuma suspeita que eu possa ter tido.

– Então! – exclamou Uriah, sacudindo a cabeça. – Que melancólica confirmação, não é? Ele! Um amigo tão antigo! Abençoado seja, quando eu não era nada além de um escrevente no escritório dele, Copperfield, vi o senhor Wickfield vinte vezes, não uma vez só, inquieto... bem preocupado, sabe (e muito certo da parte de um pai, não posso censurar em nada o meu sócio), de ver a senhorita Agnes envolvida com algo tão impróprio.

– Meu caro Strong – disse o sr. Wickfield com voz trêmula –, meu bom amigo, nem preciso dizer que foi fraqueza minha procurar sempre um motivo de força maior em todo mundo e considerar todas as atitudes com muita estreiteza. Posso ter tido minhas dúvidas, devidas a esse erro.

– Você teve dúvidas, Wickfield – o doutor perguntou sem levantar a cabeça. – Você teve dúvidas.

– Fale, meu sócio – insistiu Uriah.

– Tive, sim, uma vez – disse o sr. Wickfield. – Eu... Deus me perdoe... achei que *você* tinha.

– Não, não, não! – replicou o doutor, num tom da mais patética dor.

– Achei, em certo momento – disse o sr. Wickfield –, que você queria mandar Maldon para o exterior para conseguir uma separação desejável.

– Não, não, não! – o doutor respondeu. – Para agradar Annie, para ajudar de algum jeito seu companheiro de infância. Nada mais.

– Foi o que concluí – disse o sr. Wickfield. – Não pude duvidar, quando você me disse isso. Mas pensei, e imploro que se lembre que a estreiteza de pensamento foi meu pecado sempre, que num caso em que havia uma diferença de idade tão grande...

– É assim que se faz, está vendo, Copperfield? – observou Uriah, com uma compaixão fingida e ofensiva.

– ... uma mulher tão jovem e tão atraente, por mais real que fosse seu respeito por você, ao se casar pode ter sido influenciada por considerações mundanas apenas. Eu não considerava os inúmeros sentimentos e circunstâncias, que podiam todos pender para o bem. Pelo amor de Deus, lembre-se bem disso!

– Com que delicadeza ele expõe as coisas! – disse Uriah sacudindo a cabeça.

– Observando a senhora Strong sempre de um ponto de vista – disse o sr. Wickfield –, mas por tudo que é importante para você, meu velho amigo, insisto que pense como era. Sou obrigado a confessar que não tenho como negar...

– Não! Não tem como escapar, senhor Wickfield – observou Uriah –, quando chegamos a este ponto.

– ... como negar – disse o sr. Wickfield, olhando, desamparado e aflito, para o seu sócio – que realmente duvidei dela, e penso que ela não cumpriu seus deveres com você; e que eu às vezes, se me permite dizer, era contrário a que Agnes ficasse muito próxima dela, por ver o que eu via ou, em minha doentia teoria, o que pensava ver. Nunca falei disso com ninguém. Nunca tive a intenção de que ninguém soubesse disso. E embora seja terrível para você escutar – disse o sr. Wickfield, muito baixo –, se soubesse como é terrível para mim falar, teria pena de mim!

O doutor, na perfeita bondade de sua natureza, estendeu a mão, que o sr. Wickfield segurou por um momento, de cabeça baixa.

– Tenho certeza – disse Uriah, se retorcendo como uma enguia – de que esse assunto é muito desagradável pra todo mundo. Mas já que chegamos até aqui, posso tomar a liberdade de mencionar que Copperfield também notou.

Virei-me para ele e perguntei como tinha a audácia de se referir a mim!

– Ah! É muita bondade sua, Copperfield – Uriah respondeu, o corpo inteiro ondulando –, e todo mundo sabe que o senhor é uma pessoa amável. Mas sabe aquela hora em que falei com o senhor outra noite, sabe do que estou falando. Sei que o senhor sabia do que eu estava falando, Copperfield. Não negue! O senhor nega com as melhores intenções, mas não faça isso, Copperfield!

Vi o olhar manso do doutor se voltar a mim por um momento e senti que a confissão de minhas suspeitas e lembranças estava escrita em meu rosto com clareza demais para ser ignorada. Não adiantava me enraivecer, não tinha como desmanchar aquilo. Nada que eu dissesse desmentiria o dito.

Nós nos calamos de novo e assim ficamos, até que o doutor se levantou e caminhou pela sala uma ou duas vezes. Então voltou até sua poltrona e, apoiando-se no encosto, levava aos olhos um lenço de vez em quando, com uma honesta simplicidade que o honrava mais, a meu ver, do que qualquer disfarce que pudesse tentar. E disse:

– A culpa é toda minha. Acredito que a culpa é sobretudo minha. Expus alguém que guardo no meu coração a dificuldades e calúnias,

chamo de calúnias que tenham sequer surgido muito secretamente na cabeça de alguém, das quais, nunca, se não fosse por minha causa, jamais seria vítima.

Uriah Heep deu uma espécie de fungada. Acho que para expressar comiseração.

– Das quais a minha Annie – disse o doutor – nunca, se não por culpa minha, seria vítima. Cavalheiros, eu sou velho, como vocês sabem. Sinto, hoje, que não tenho mais muita coisa por que viver. A não ser a minha vida, a minha Vida, pela verdade e honra da querida dama que é o assunto desta conversa!

Não creio que a melhor encarnação de cavalheirismo, a corporificação da mais bela e mais romântica figura já imaginada por um pintor, pudesse dizer isso com uma dignidade mais impressionante e comovente do que o simples e velho doutor.

– Mas não estou disposto – continuou – a negar, talvez eu tenha estado, sem saber, disposto até certo ponto a admitir, que possa ter involuntariamente envolvido essa dama num casamento infeliz. Não sou um homem acostumado à observação, e não posso deixar de acreditar que a observação de diversas pessoas, de diferentes idades e posições, todas tendendo na mesma direção (e isso é tão natural), sejam melhores do que a minha.

Sempre havia admirado, como já descrevi em outras partes, sua maneira gentil com a jovem esposa; mas a ternura respeitosa manifestada em cada referência a ela nessa ocasião e a maneira quase reverente com que afastou a mais leve dúvida sobre a integridade dela o elevaram de modo indescritível aos meus olhos.

– Casei com essa moça – disse o doutor – quando ela era extremamente jovem. Tomei essa moça para mim quando seu caráter mal havia se formado. Enquanto se desenvolvia, foi minha felicidade dar forma a ela. Conheci muito o pai dela. Conheço bem a ela. Ensinei para ela tudo o que pude, pelo amor de todas as suas belas e virtuosas qualidades. Se fiz mal a ela, como receio ter feito, me aproveitando (sem nenhuma intenção) de sua gratidão e afeto, do fundo do coração, peço perdão a essa dama!

Ele atravessou a sala voltou ao mesmo lugar, segurou a poltrona com mãos que tremiam tanto quanto sua voz abafada.

– Eu me considerava, para ela, um refúgio dos perigos e vicissitudes da vida. Eu me convenci de que, apesar da diferença de idades, ela viveria tranquila e contente comigo. Não escapou às minhas considerações o tempo em que a deixaria livre, e ainda jovem, ainda bonita, mais amadurecida e ajuizada, não, cavalheiros, por Deus!

Sua figura caseira parecia iluminada por sua fidelidade e generosidade. Cada palavra que pronunciava tinha uma força que nenhuma outra virtude podia atribuir a ela.

– Minha vida com essa moça tem sido muito feliz. Até esta noite, foram ininterruptas as ocasiões de abençoar o dia em que cometi com ela uma grande injustiça.

Sua voz, mais e mais débil ao pronunciar as palavras, cessou por alguns minutos; e ele continuou:

– Uma vez acordado de meu sonho – sempre fui um sonhador pouco inspirado de uma forma ou de outra –, minha vida inteira, vejo como é natural que ela tenha algum ressentimento do seu antigo companheiro e parceiro. Creio que seja muito verdadeiro que ela sinta algum inocente remorso por ele, com alguns pensamentos sem culpa do que poderia ter sido, não fosse por minha causa. Muita coisa que vi, mas não notei, me voltou com novo sentido, durante esta última hora difícil. Mas acima de tudo isso, cavalheiros, o nome dessa querida dama não deve ser associado a uma palavra, a um sopro, de dúvida.

Durante um breve instante, seu olhar se iluminou e sua voz ficou firme; durante um breve instante ele ficou em silêncio novamente. Depois, continuou, como antes:

– Só me resta admitir a certeza da infelicidade que causei com a maior submissão de que eu for capaz. Ela é que deve reprovar, não eu. Evitar interpretações errôneas que nem mesmo meus amigos foram capazes de evitar, é agora o meu dever. Quanto mais retirados vivermos, melhor desempenharei esse papel. E quando chegar a hora, que pode ser logo – se for desejo misericordioso de Deus!–, quando minha morte a liberar das amarras, fecharei meus olhos ao seu rosto honrado, com confiança e

amor sem limites e a deixarei, sem nenhum remorso, para que viva dias mais alegres e brilhantes.

Eu mal conseguia enxergá-lo por causa das lágrimas que me traziam aos olhos sua integridade e bondade, tão belas e embelezadoras, e a perfeita simplicidade de suas maneiras. Ele tinha ido até a porta quando acrescentou:

– Cavalheiros, abri meu coração aos senhores. Tenho certeza de que vão respeitar meus sentimentos. O que eu disse esta noite não deve ser repetido. Wickfield, me empreste um velho braço amigo para subir a escada!

O sr. Wickfield foi depressa até ele. Sem trocar uma palavra saíram da sala juntos, devagar, Uriah observando os dois.

– Bom, Copperfield – disse Uriah, virando-se mansamente para mim. – A coisa não tomou o rumo que se poderia esperar, pois o velho intelectual, que homem excelente, é mais cego que um morcego, mas esta família está fora dos eixos, eu acho!

Bastou o som de sua voz para me deixar mais loucamente furioso do que jamais fiquei antes ou depois.

– Maldito – eu disse –, o que pretende me envolvendo em suas tramoias? Como ousou apelar a mim agora mesmo, seu patife mentiroso, como se tivéssemos discutido o assunto?

Parados ali, frente a frente, vi com muita clareza em seu rosto a secreta exultação que já conhecia tão bem. O que quero dizer é que ele me impôs suas confidências, com o fim expresso de me atormentar, e preparara para mim uma armadilha a respeito, a tal ponto que não pude suportar. Toda sua face magra estava convidativamente ali na minha frente, e bati nela com a mão aberta com tamanha força que meus dedos picavam como se estivessem queimados.

Ele agarrou minha mão e ficamos assim ligados, olhando um para o outro. Assim ficamos longo tempo, longo o suficiente para eu ver as marcas brancas de meus dedos desaparecerem no vermelho intenso de seu rosto, e ficarem de um vermelho mais intenso.

– Copperfield – ele disse, afinal, sem fôlego –, perdeu o juízo?

– Perdi foi a paciência com você – eu disse, retirando minha mão. – Cachorro, não quero mais saber de você.

– Não? – disse ele, forçado pela dor na face a cobri-la com a mão. – Talvez não possa evitar. Não seria ingratidão sua?

– Já demonstrei o suficiente – disse eu – o quanto desprezo você. Acabo de demonstrar ainda mais claramente isso. Por que deveria suportar você fazendo suas maldades a todos à sua volta? O que mais pode fazer?

Ele entendeu perfeitamente essa menção à consideração que havia até então controlado o meu contato com ele. Prefiro pensar que não teria evitado nem o tapa, nem a menção, não fosse a certeza que Agnes me dera essa noite. Não importa.

Fez-se outra longa pausa. Os olhos dele, voltados para mim, pareciam assumir todas as cores capazes de enfear um olhar.

– Copperfield – ele disse tirando a mão do rosto –, o senhor sempre foi contra mim. Sei que sempre foi contra mim na casa do senhor Wickfield.

– Pode pensar o que quiser – eu disse, ainda tomado pela raiva. – Se não for verdade, melhor para você.

– E, no entanto, sempre gostei do senhor, Copperfield! – ele retomou.

Eu tencionava não responder; e pegando meu chapéu, ia dormir quando ele se pôs diante da porta.

– Copperfield – disse –, é preciso dois para haver briga. Eu não serei um.

– Você pode ir para o inferno! – eu disse.

– Não diga isso – ele replicou. – Sei que vai se arrepender depois. Como pode se mostrar tão inferior a mim a ponto de revelar um mau espírito? Mas perdoo o senhor.

– Você me perdoa! – repeti, cheio de desdém.

– Perdoo, e o senhor não tem como evitar isso – Uriah replicou. – Pensar que me atacou, *eu* que sempre fui amigo seu! Mas não é possível haver uma disputa sem duas partes envolvidas, e não serei uma delas. Serei seu amigo, apesar do senhor. De forma que agora sabe o que esperar.

A necessidade de travar esse diálogo (a parte dele muito lenta, a minha muito rápida) em voz baixa, para que a casa não fosse perturbada naquela hora tardia, em nada melhorou meu humor, embora a raiva estivesse esfriando. Dizendo apenas que eu devia mesmo esperar dele o que sempre havia esperado e que nunca me enganara, abri a porta em cima dele, como se fosse uma grande noz a ser aberta, e saí da casa. Mas ele dormia fora da casa também, na pensão onde estava sua mãe, e antes que eu percorresse muitos metros, estava a meu lado.

– Sabe, Copperfield – disse ele, em meu ouvido (eu não virei a cabeça) –, o senhor está numa posição muito errada – o que senti ser verdade e me deixou ainda mais irritado –, não pode fazer disso um ato de valentia e não pode evitar ser perdoado. Não pretendo mencionar nada pra minha mãe, nem pra ninguém. Estou decidido a perdoar o senhor. Mas realmente me espanta que levante a mão contra uma pessoa que sabe ser tão humilde!

Eu me senti ainda pior do que ele. Ele me conhecia melhor do que eu mesmo. Se tivesse reagido ou me exasperado abertamente, seria um alívio e uma justificativa, mas ele me pôs em fogo brando, no qual me atormentei metade da noite.

De manhã, quando saí, o primeiro sino da igreja estava tocando, e ele andava de um lado para outro com a mãe. Dirigiu-se a mim como se nada tivesse acontecido, e não pude deixar de responder. Tinha batido nele com força suficiente para deixá-lo com dor de dente, creio. De qualquer forma, tinha um lenço de seda preta amarrado no rosto, o qual, com o chapéu empoleirado em cima, em nada melhorava sua aparência. Fiquei sabendo que foi a um dentista em Londres na manhã de segunda-feira e teve um dente extraído. Espero que tenham sido dois.

O doutor disse que não estava muito bem; e passou sozinho uma parte considerável do dia, durante o resto da visita. Agnes e seu pai tinham ido embora já fazia uma semana quando retomei nosso trabalho normal. Na véspera da retomada, o doutor me deu com as próprias mãos um bilhete dobrado, mas não selado. Era dirigido a mim; e me fazia a solicitação, em poucas palavras afetuosas, de nunca mencionar a discussão daquela noite. Eu havia contado a minha tia e a mais ninguém. Não era assunto

para discutir com Agnes, e Agnes decerto nem desconfiava do que havia acontecido.

Estava convencido de que nem a sra. Strong sabia. Passaram-se várias semanas antes que eu notasse a menor mudança nela. Veio vindo devagar, como uma nuvem quando não há vento. De início, ela parecia intrigada com a delicada atenção com que o doutor falava com ela, e com seu desejo de que ela chamasse sua mãe para aliviar a monotonia da vida. Muitas vezes, quando estávamos trabalhando, ela sentada ao lado, eu a via fazer uma pausa e olhar para ele com aquele rosto memorável. Depois, às vezes observei quando ela se levantava, com os olhos cheios de lágrimas, e saía da sala. Aos poucos, uma sombra de infelicidade pousou sobre sua beleza e foi se aprofundando dia a dia. A sra. Markleham era uma presença constante no chalé então; mas ela falava, falava e não via nada.

À medida que essa mudança tomava conta de Annie – outrora o sol da casa do doutor –, o doutor aparentava ficar cada dia mais velho e mais grave; mas a doçura de seu temperamento, a plácida bondade de suas maneiras e a preocupação generosa com ela, se pudessem aumentar em alguma coisa, aumentaram. Uma vez vi, logo cedo, na manhã do aniversário dela, quando ela veio se sentar junto à janela onde trabalhávamos (como sempre fizera e que agora começara a fazer com um ar tímido e incerto que me parecia muito tocante), o doutor pegar seu rosto entre as mãos, beijar-lhe a testa e se afastar depressa, comovido demais para permanecer ali. Eu a vi ficar onde ele a deixara, como uma estátua, depois baixar a cabeça, juntar as mãos e chorar, nem sei dizer com quanta tristeza.

Às vezes, depois disso, acreditava que ela tentava falar comigo, nos intervalos, quando ficávamos sozinhos. Mas ela nunca pronunciou uma palavra. O doutor sempre tinha algum novo projeto para ela participar de divertimentos fora de casa, com a mãe; e a sra. Markleham, que era muito chegada a divertimentos e se satisfazia com facilidade com qualquer coisa, participava deles com muito boa vontade e era pródiga nos comentários. Mas Annie, de um jeito infeliz e desanimado, só ia aonde era levada e parecia não se interessar por nada.

Eu não sabia o que pensar. Nem minha tia, que várias vezes deve ter caminhado cem quilômetros em sua incerteza. O mais estranho de tudo era que o único alívio real que parecia penetrar a região secreta dessa infelicidade doméstica vinha na pessoa do sr. Dick.

Não sei explicar o que eu pensava a respeito, ou quais seriam as observações dele se eu ousasse pedir que me ajudasse na tarefa. Mas conforme contei na narrativa de meus dias de escola, sua veneração pelo doutor era ilimitada, e existe uma sutileza de percepção numa amizade verdadeira, mesmo quando votada ao homem por animais inferiores, que deixa para trás até o mais elevado intelecto. Nessa inteligência do coração do sr. Dick, se posso chamar assim, é que brilhava diretamente algum raio da verdade.

Ele havia orgulhosamente retomado seu privilégio, em muitas de suas horas de lazer, de caminhar de um lado para outro com o doutor no jardim, como costumavam fazer em Canterbury. Mas as coisas estavam em tal estado que ele dedicava todo o seu tempo (e se levantava mais cedo para aproveitar mais) a essas perambulações. Se jamais havia sido tão feliz como nos momentos em que o doutor lia para ele aquela maravilha, o Dicionário, ele agora ficava bem desanimado a menos que o doutor o tirasse do bolso e começasse. Quando o doutor e eu estávamos ocupados, ele passara a ter o costume de caminhar com a sra. Strong, ajudando-a a cuidar de suas flores favoritas ou a tirar as ervas daninhas dos canteiros. Acredito que ele mal falava dez palavras em uma hora, mas seu calado interesse e expressão ansiosa encontravam eco imediato no peito de ambos, os dois sabendo que o outro gostava dele e que ele amava ambos. E o sr. Dick passou a ser o que ninguém mais conseguiria ser: um elo entre eles.

Quando penso nele, com seu impenetrável rosto sábio, caminhando de um lado para outro com o doutor, deliciado com o martelar de palavras difíceis do Dicionário; quando penso nele carregando imensos regadores de água para Annie, ajoelhado, com as mãos enluvadas, no paciente trabalho microscópico entre as pequenas folhas, se expressando como nenhum filósofo saberia se expressar em tudo o que fazia, no delicado desejo de ser amigo dela; espalhando simpatia, confiança e

afeição por todos os buracos do regador; quando penso nele jamais hesitando a qual infelicidade aplicar sua boa vontade, sem nunca levar o infeliz rei Charles ao jardim, jamais hesitando em seu grato serviço, nunca se afastando do conhecimento de que, se havia alguma coisa errada, seu desejo era corrigi-la, de fato quase me envergonho de ter pensado que ele não estava em seu juízo perfeito, levando em conta os extremos a que havia levado o meu.

– Ninguém mais do que eu, Trot, sabe quem é esse homem! – minha tia observou, orgulhosa, quando conversamos a respeito. – Dick ainda vai se distinguir!

Devo me referir a outro tópico antes de encerrar o capítulo. Enquanto a visita ao doutor ainda estava em andamento, observei que toda manhã o carteiro trazia duas ou três cartas para Uriah Heep, que permaneceu em Highgate quando os outros voltaram, aproveitando uma folga. E que essas cartas eram encaminhadas, num tom administrativo, pelo sr. Micawber, que agora assumira uma caligrafia redonda legalista. Fiquei feliz de concluir, por essas ligeiras premissas, que o sr. Micawber estava se dando bem; e portanto fiquei muito surpreso ao receber, por volta dessa época, a seguinte carta de sua amável esposa.

Canterbury, segunda-feira à noite,

O senhor sem dúvida vai se surpreender, sr. Copperfield, em receber esta comunicação. Mais ainda por seu conteúdo. E ainda mais pela estipulação de implícito segredo que peço que mantenha. Mas meus sentimentos de esposa e mãe exigem alívio, e como não desejo consultar minha família (já indisposta com o sr. Micawber), não conheço ninguém com quem possa melhor me aconselhar que com meu amigo e antigo locatário.

O senhor deve ter consciência, meu caro sr. Copperfield, que entre mim e o sr. Micawber (que nunca abandonarei) sempre se preservou um espírito de mútua confiança. O sr. Micawber pode ter às vezes feito uma dívida sem me consultar, ou pode ter me enganado quanto ao período em que essa obrigação teria de ser paga. Isso de fato aconteceu. Mas, em termos gerais, o sr. Micawber nunca teve segredos no seio de sua afeição – falo de sua esposa – e invariavelmente, ao nos retirarmos para descansar, relembra os acontecimentos do dia.

O senhor haverá de imaginar por si mesmo, meu caro sr. Copperfield, o quão pungente deverá ser meu sentimento ao informar ao senhor que o sr. Micawber está totalmente mudado. Está reservado. Está enigmático. Sua vida é um mistério para a parceira de suas alegrias e tristezas – uma vez mais falo de sua esposa – e, se eu declarasse ao senhor que eu sei menos do que se passa de manhã à noite no escritório do que sobre o homem do Sul cuja boca se queimou comendo pudim frio de ameixa da história que se conta às tolas crianças, estaria adotando uma falácia popular para expressar uma situação de fato.

Mas isso não é tudo. O sr. Micawber ficou taciturno. Ficou severo. Afastou-se de nossos filho e filha mais velhos, não tem orgulho dos gêmeos, olha com frieza até o estranho inocente que se tornou um membro de nosso círculo. Os meios pecuniários para atender nossas despesas, até a última ninharia, são obtidos dele com grande dificuldade, e mesmo sob assustadoras ameaças de que ele vai se instalar (suas palavras exatas), e inexoravelmente se recusa a dar qualquer explicação de sua atitude perturbadora.

Está difícil de aguentar. É de partir o coração. Se me aconselhar, sabendo como são parcas as minhas forças, dizendo como achar melhor exercê-las num dilema tão fora do comum, estará acrescentando mais uma obrigação de amigo às muitas que já me concedeu. Com o amor das crianças e um sorriso do mais novo que felizmente ainda não entende as coisas, caro sr. Copperfield, fico

sua, aflita,

EMMA MICAWBER.

Não me senti no direito de dar a uma esposa com a experiência da sra. Micawber nenhuma outra recomendação além de tentar reconquistar o sr. Micawber com paciência e bondade (como sabia que faria de qualquer modo), mas a carta me fez ficar pensando muito sobre ele.

XLIII

Outro retrospecto

Mais uma vez, permitam que eu faça uma pausa sobre um período memorável de minha vida. Que eu fique de lado e veja passar por mim os fantasmas daqueles dias, acompanhando a minha sombra, em tênue procissão.

Semanas, meses, estações passam. Parecem pouco mais que um dia de verão e uma noite de inverno. Ora a Corte onde passeio com Dora está toda florida, um campo claro de ouro; ora a chaminé invisível jaz num monte debaixo de uma coberta de neve. Num sopro, o rio que corre por nosso domingo cintila ao sol de verão, se agita com o vento do inverno ou engrossa com pilhas de gelo deslizando. Mais depressa que nunca o rio corre para o mar, cintila, escurece e rola para longe.

Nem um fio de linha muda na casa das duas senhorinhas que parecem pássaros. O relógio bate acima da lareira, o termômetro na parede do hall. Nem relógio, nem termômetro estão jamais corretos, mas acreditamos em ambos, devotamente.

Cheguei à idade legal de homem adulto. Adquiri a dignidade dos vinte e um anos. Mas essa espécie de dignidade pode ser imposta a um homem. Deixe-me pensar o que obtive.

Domestiquei aquele mistério selvagem da estenografia. Passei a receber um salário respeitável com ela. Gozo de alta reputação por meu domínio de tudo relativo a essa arte, e trabalho ao lado de onze outros, anotando os debates do Parlamento para um jornal matinal. Noite após noite, registro previsões que nunca ocorrerão, promessas que jamais serão cumpridas, explicações que só pretendem enganar. Chafurdo em palavras. Britânia, essa mulher desafortunada, está sempre diante de mim, como uma ave no espeto: atravessada pelas canetas de escritório e amarrada de pés e mãos pela burocracia. Estou por trás da cena o suficiente para saber o valor da vida política. Sou bem um infiel em

relação a ela, e nunca me converterei.

Meu querido Traddles tentou a mão na mesma atividade, mas não é o caminho de Traddles. Ele é perfeitamente bem-humorado a respeito de seu fracasso, e me lembra que sempre se considerou lento. Tem um emprego ocasional no mesmo periódico, recolhendo fatos sobre assuntos secos a serem escritos e embelezados por mentes mais férteis. Ele é chamado ao tribunal, e com admirável empenho e desprendimento juntou mais cem libras, para pagar um tabelião cujo estabelecimento frequenta. Grande quantidade de vinho do Porto muito quente foi consumida à sua chegada; e considerando a quantidade, creio que lá na Inner Temple aproveitaram bastante.

Experimentei outra coisa. Cheio de medo e trêmulo, tentei ser escritor. Produzi uma coisinha em segredo, mandei para uma revista e foi publicado na revista. Desde então, me animei a escrever muitos textos pouco importantes. Agora me pagam regularmente. Em termos gerais, ganho bem. Quando conto os meus ganhos nos dedos da mão esquerda, passo do terceiro e chego à junta do meio do quarto.

Nos mudamos da Buckingham Street para um agradável chalezinho muito perto daquele que eu namorava quando meu entusiasmo começou. Minha tia, porém (que vendeu a casa de Dover com bom lucro), não vai ficar aqui, mas pretende mudar para um chalé ainda menor que seja próximo. O que isso pressagia? Meu casamento? Sim!

Sim! Eu vou me casar com Dora! A srta. Lavinia e a srta. Clarissa deram consentimento, e se algum dia canários cantaram foi então. A srta. Lavinia, que tomou o encargo de supervisionar o guarda-roupa de minha querida, está constantemente cortando moldes de papel pardo e discordando da opinião de um moço respeitabilíssimo com um grande pacote e uma vara de metro debaixo do braço. Uma costureira, sempre com agulha e linha espetadas no peito, mora na casa e me parece que mesmo comendo, bebendo ou dormindo nunca tira o dedal. Fazem de minha querida um manequim. Estão sempre chamando para que ela venha experimentar alguma coisa. Não conseguimos passar cinco minutos felizes à noite sem que alguma intrometida bata na porta e diga: “Ah, por favor, senhorita Dora, pode subir um minuto?”.

A srta. Clarissa e minha tia passeiam por toda Londres em busca de peças de mobília para Dora e eu escolhermos. Seria melhor que elas comprassem os móveis de uma vez, sem essa cerimônia da inspeção, pois, quando vamos ver um guarda-fogo e uma grelha, Dora encontra uma casa chinesa para Jip, com sininhos em cima, e prefere isso. E leva um bom tempo para acostumar Jip com a nova residência depois que já a compramos, e toda vez que ele entra ou sai, faz tocar os sininhos, e fica horrivelmente assustado.

Peggotty vem ajudar, e começa a trabalhar imediatamente. Sua especialidade parece ser limpar tudo, vezes sem conta. Ela esfrega tudo que pode ser esfregado, até brilhar, como a sua honesta testa, em perpétua fricção. E é agora então que começo a ver seu solitário irmão passando pelas ruas escuras à noite, olhando, ao passar, os rostos dos transeuntes. Nunca falo com ele nessas horas. Sei muito bem, quando sua figura grave passa, o que ele procura e o que abomina.

Por que Traddles parece tão importante quando vai me visitar essa tarde na Corte, onde ainda trabalho ocasionalmente, por mera formalidade, quando tenho tempo? A realização dos meus sonhos de menino está a caminho. Vou tirar minha licença de casamento.

É um documento pequeno para representar tanto, e Traddles o contempla, ali em cima da mesa, meio admirado, meio assombrado. Ali estão os nomes, na doce ligação visionária: David Copperfield e Dora Spenlow. E ali, no canto, aquela instituição paternal, o selo oficial, tão benignamente interessado nas várias transações da vida humana, selando por nossa união, e ali o arcebispo de Canterbury invocando uma bênção para nós por escrito, fornecida pelo preço mais baixo que se pode esperar.

Mesmo assim, me vejo num sonho, um sonho agitado, feliz, apressado. Não consigo acreditar que vai acontecer, e no entanto não consigo deixar de pensar que todo mundo por quem passo na rua deve perceber de algum jeito que vou me casar depois de amanhã. O tabelião substituto me reconhece quando vou prestar juramento; e facilita tudo para mim, como se houvesse um entendimento maçônico entre nós. Traddles não é nada necessário, mas está de prontidão como apoio geral.

– Espero que da próxima vez que você vier aqui, meu querido amigo – digo a Traddles –, seja por interesse seu. E espero que seja logo.

– Obrigado pelos votos, meu caro Copperfield – ele responde. – Eu também espero. É uma satisfação saber que ela vai esperar o tempo que for, e que ela é realmente muito querida...

– Quando vai encontrar com ela na diligência? – pergunto.

– Às sete horas – diz Traddles, olhando seu velho relógio simples de prata, o mesmo relógio do qual um dia, na escola, tirou uma engrenagem para fazer um moinho d'água. – Mais ou menos na hora da senhorita Wickfield, não é?

– Um pouco mais cedo. Ela chega às oito e meia.

– Garanto a você, meu querido amigo – diz Traddles –, que estou quase tão contente como se eu mesmo fosse casar, vendo que esse assunto está chegando a um final tão feliz. E, de fato, a grande amizade e consideração de associar pessoalmente Sophy a esta alegre ocasião, com o convite de ser dama de honra ao lado da senhorita Wickfield, exige o meu mais caloroso agradecimento. Fiquei muito sensibilizado com isso.

Eu o escuto, aperto sua mão e caminhamos, conversamos, jantamos, tudo, mas não acredito em nada. Não é verdade.

No momento devido, Sophy chega à casa das tias de Dora. Tem um semblante dos mais agradáveis – não chega a ser bonita, mas é excepcionalmente simpática –, e trata-se de uma das criaturas mais cordiais, simples, francas e atraentes que já vi. Traddles a apresenta para mim com grande orgulho e esfrega as mãos a cada dez minutos marcados no relógio, com todos os fios de cabelo espetados para cima, quando, num canto, eu o cumprimento por sua escolha.

Fui buscar Agnes na diligência de Canterbury, e seu rosto alegre e bonito está entre nós uma segunda vez. Agnes gosta muito de Traddles, e é fundamental ver os dois se conhecerem, observar o orgulho de Traddles quando ele apresenta a sua muito querida ao mundo.

Ainda não acredito. Passamos uma noite deliciosa, de uma alegria suprema, mas ainda não acredito. Não consigo me controlar. Não consigo evitar a felicidade que está me acontecendo. Me sinto num

estado enevoado e inquieto, como se tivesse acordado muito cedo uma ou duas semanas antes e não tivesse mais dormido. Não consigo lembrar quando foi ontem. Parece que levo no bolso a licença há muitos meses.

No dia seguinte também, quando vamos todos em grupo ver a casa, nossa casa, minha e de Dora, não consigo me ver como proprietário dela. Parece que estou ali por permissão de alguma outra pessoa. Meio que espero que o verdadeiro dono volte e diga que está contente de me ver. É uma casinha tão linda, com tudo tão novo e brilhante, com flores nos tapetes parecendo recém-colhidas e folhas verdes no papel de parede que parecem ter acabado de brotar; com cortinas de musselina imaculadas e a mobília corada, rosada, e o chapéu de jardim de Dora com a fita azul (eu me lembro agora, como adorei vê-la com aquele outro chapéu quando a conheci!) já pendurado no cabide; a caixa do violão já bem instalada em pé num canto, e todo mundo tropeçando no pagode chinês de Jip, grande demais para aquele espaço.

Mais uma noite feliz, tão irreal quanto as outras todas, e entro na sala de sempre antes de ir embora. Dora não está ali. Suponho que não devem ter acabado as provas de roupa ainda. A srta. Lavinia espia para dentro e me diz em tom de mistério que ela não vai demorar. Mas ela demora bastante, mesmo assim, e afinal escuto um farfalhar à porta, e alguém bate.

Digo: “Entre!”, mas alguém torna a bater.

Vou até a porta me perguntando quem será, e lá encontro um par de olhos brilhantes e um rosto corado: são os olhos e o rosto de Dora, que a srta. Lavinia vestiu com a roupa de amanhã, chapéu e tudo, para eu ver. Aperto minha pequena esposa ao coração e a srta. Lavinia dá um gritinho porque derrubo o chapéu, Dora ri e grita ao mesmo tempo, porque estou tão satisfeito e acredito menos que nunca.

– Acha bonito, Doady? – Dora pergunta.

Bonito! Eu achava que sim, muito.

– E tem certeza de que gosta muito de mim? – Dora pergunta.

A questão implica um perigo tão grande para o chapéu que a srta. Lavinia solta outro gritinho e me implora que entenda que Dora é só para ser vista e sob hipótese alguma tocada. Então Dora se imobiliza num

delicioso estado de confusão durante um ou dois minutos, para ser admirada; depois tira o chapéu – parecendo tão natural sem ele!– e corre embora com o chapéu na mão. Desce de volta, dançando com seu vestido de sempre, e pergunta a Jip se eu tenho uma esposa bonita, se ele a perdoa por se casar, e se ajoelha para fazê-lo empinar em cima do livro de culinária, pela última vez em sua vida de solteira.

Volto para casa, mais incrédulo que nunca, num quarto ali próximo, e me levanto de manhã muito cedo para ir à Highgate Road, buscar minha tia.

Nunca vi minha tia em tal estado. Vestida de seda cor de lavanda, com chapéu branco, e está incrível. Janet a vestiu e está lá para me ver. Peggotty está pronta para ir à igreja, pretendendo assistir à cerimônia da galeria. O sr. Dick, que deverá levar minha querida até mim no altar, encrespou o cabelo. Traddles, que fui buscar conforme o combinado na estrada, se apresenta em uma ousada combinação de cor de creme e azul-claro, e tanto ele como o sr. Dick dão a impressão geral de usarem luvas dos pés à cabeça.

Sem dúvida vejo isso, porque sei disso, mas estou perdido e pareço não ver nada. Nem acredito em nada. Mesmo assim, quando rodamos na carruagem aberta, esse casamento de conto de fadas é real a ponto de me preencher com uma espécie de compaixão pelos infelizes que não participam dele, mas estão varrendo suas lojas e cuidando de suas ocupações diárias.

Minha tia segue com minha mão na dela o caminho todo. Quando paramos, um pouco antes da igreja, para Peggotty descer, ela que veio do lado de fora, a tia aperta minha mão e me dá um beijo.

– Deus te abençoe, Trot! Nem um filho meu de verdade seria mais querido. Penso na pobre menina querida, sua mãe, esta manhã.

– Eu também. E em tudo que devo à senhora, tia querida.

– Quieto, rapaz! – diz minha tia. E dá a mão em transbordante cordialidade a Traddles, que a dá ao sr. Dick, que então a dá a mim, que dou a mão a Traddles, e chegamos à porta da igreja.

A igreja está calma, sem dúvida; mas podia ser um tear a vapor em pleno funcionamento para ter algum efeito sedativo sobre mim. Estou

acelerado demais para isso.

O resto é um sonho mais ou menos incoerente.

Sonho com eles entrando com Dora; com a zeladora da igreja, como um sargento, nos alinhando diante da grade do altar; comigo a pensar, mesmo naquele momento, por que as zeladoras de igreja têm de ser sempre as mulheres mais desagradáveis que se podem encontrar, e se existe alguma aversão religiosa a uma desastrosa contaminação de bom humor, que torne indispensável verter esses frascos de vinagre a caminho do céu.

Com o pastor e o assistente aparecendo; com alguns barqueiros e outras pessoas entrando na igreja; com um velho marinheiro atrás de mim, aromatizando fortemente a igreja com rum; com um ritual começando com uma voz profunda, e todos nós muito atentos.

Com a srta. Lavinia, que atua como dama de honra semiauxiliar, sendo a primeira a chorar e assim prestando homenagem (conforme entendo) à memória de Pidger, aos soluços; com a srta. Clarissa aspirando o frasco de sais; com Agnes cuidando de Dora; com minha tia se esforçando para mostrar-se um modelo de firmeza apesar das lágrimas a rolar pelo rosto; com a pequena Dora tremendo muito e respondendo em tênues sussurros.

Com nós dois ajoelhados juntos, lado a lado; com Dora tremendo cada vez menos, mas sempre agarrada à mão de Agnes; com o ritual caminhando para o fim, tranquilo e grave; com nós todos olhando uns para os outros num estado primaveril de sorrisos e lágrimas, quando terminou; com minha jovem esposa ficando histérica na sacristia a chamar seu pobre pai, seu pai querido.

Com ela logo se alegrando outra vez, e nós assinando o registro, todos. Comigo indo pegar Peggotty na galeria para *ela* assinar também; com Peggotty me abraçando num canto e me dizendo que viu minha própria mãe se casar; com tudo terminando e nós todos indo embora.

Comigo seguindo tão cheio de orgulho e amoroso pelo corredor com minha doce esposa de braço dado comigo, através de uma névoa de pessoas semipercebidas, púlpitos, monumentos, bancos, fontes, órgãos e vitrais de igreja, nos quais tremulam vagas associações da igreja de

minha infância em minha cidade, muito tempo atrás.

Com sussurros, ao passarmos, que casal jovem nós somos e que linda esposinha ela é. Com todos nós tão contentes e falantes na carruagem de volta. Com Sophy dizendo que, quando ela viu Traddles (a quem eu havia confiado a certidão de casamento) encarregado disso, quase desmaiou, achando que ele poderia perdê-la ou que poderiam roubá-la de seu bolso. Com Agnes rindo alegremente; e Dora sendo tão carinhosa com Agnes que não se separava dela e ainda segurava sua mão.

Com um desjejum abundante de coisas bonitas e substanciosas, de comer e de beber, as quais provei, como provaria em qualquer outro sonho, sem a menor percepção dos sabores, comendo e bebendo, se posso dizer, nada além de amor e casamento, e sem acreditar nas viandas mais que em nenhuma outra coisa.

Comigo fazendo um discurso da mesma forma sonhadora, sem ter ideia do que queria dizer, além do que, é bastante compreensível, não disse nada. Com sermos muitos sociáveis e simplesmente felizes (sempre num sonho, porém); com Jip comendo o bolo que não lhe fez bem depois.

Com uma parelha de cavalos alugados a postos e Dora se retirando para trocar de vestido. Com minha tia e a srta. Clarissa ficando conosco; e caminharmos no jardim; e minha tia, que fez um discurso e tanto no café da manhã sobre as tias de Dora, muito satisfeita consigo mesma, mas um pouco orgulhosa também.

Com Dora se aprontando e a srta. Lavinia agitada em torno dela, lamentando perder o brinquedo que havia lhe dado tantas ocupações agradáveis. Com Dora descobrindo, surpresa, que havia esquecido uma longa série de pequenas coisas, e todo mundo correndo por todo lado para ir buscá-las.

Com todas elas se juntando em torno de Dora quando ela afinal começa a se despedir, parecendo, todas, um canteiro de flores com suas fitas coloridas. Com minha querida quase sufocada entre as flores, rindo e chorando ao mesmo tempo ao sair para os meus braços cuidadosos.

Comigo querendo carregar Jip (que deveria ir conosco) e Dora dizendo não, que ela é que o carregaria senão ele pensaria que ela não gostava mais dele, agora que estava casada, e isso partiria o coração do

cachorro. Conosco seguindo, de braços dados, e Dora parar, olhar para trás e dizer: “Se alguma vez fui grosseira ou ingrata com alguém, não se lembrem disso!”, e rompendo em prantos.

Com ela acenando a mãozinha, e irmos embora outra vez. Com ela parando de novo, olhando para trás, correndo até Agnes para dar a Agnes, acima de todas as outras, seus últimos beijos e despedidas.

Vamos embora juntos e desperto do sonho. Acredito afinal. É a minha querida, querida esposinha que está ao meu lado, a quem eu tanto amo!

– Está feliz, seu bobo? – Dora pergunta. – Tem certeza de que não se arrependeu?

Dei um passo de lado para ver os fantasmas daquele tempo passarem por mim. Passaram e retomo a minha história.

XLIV

Nossa casa

Foi um estranho estado de coisas, terminada a lua de mel, as damas de honra de volta para casa, e me vi sentado em minha própria casinha com Dora, totalmente desempregado, se posso dizer, da deliciosa antiga ocupação de namorar.

Parecia uma coisa tão extraordinária ter Dora sempre ali. Era tão incompreensível não ser obrigado a sair para vê-la, não ter nenhuma ocasião de me atormentar por causa dela, não ter de escrever para ela, não ter de conspirar e inventar oportunidades para estar sozinho com ela. Às vezes, à noite, quando erguia os olhos de meus escritos e a via sentada à minha frente, me encostava em minha cadeira, pensando como era estranho estarmos ali, sozinhos, juntos de fato, sem ninguém ter nada a ver com isso, todo o romance de nosso noivado guardado na estante, para enferrujar, ninguém a agradar senão um ao outro, agradar um ao outro pelo resto da vida.

Quando havia um debate e eu tinha de trabalhar até muito tarde, me parecia estranho, ao voltar para casa, pensar que Dora estava lá! Era uma coisa tão maravilhosa, no começo, ela vir devagar falar comigo enquanto eu jantava. Era uma coisa tão esplendorosa saber com certeza que ela fazia papelotes no cabelo. Era uma coisa tão absolutamente fantástica vê-la fazer aquilo!

Duvido que dois jovens pombinhos pudessem saber menos sobre cuidados domésticos do que eu e minha linda Dora. Tínhamos uma criada, claro. Ela cuidava da casa para nós. Ainda tenho uma certeza latente de que ela devia ser a filha da sra. Crupp disfarçada, tantas dificuldades tivemos com Mary Anne.

Seu sobrenome era Paragon.{38} Quando a contratamos, sua natureza nos pareceu muito mal representada por seu nome. Apresentou uma carta de referência, grande como uma proclamação; e segundo esse

documento, sabia fazer tudo que se pudesse imaginar em termos domésticos e muitas outras coisas de que nunca ouvi falar. Era uma mulher no vigor da idade, de rosto severo e sujeita, principalmente nos braços, a uma espécie de sarampo perpétuo ou feroz urticária. Tinha um primo que era salva-vidas, com pernas tão compridas que parecia a sombra do fim da tarde de outra pessoa. A farda era tão curta para ele como ele era grande demais para a sala. Fazia o chalé parece menor, tamanha era a desproporção. Além disso, as paredes não eram grossas, e se ele passava a noite em nossa casa, sempre sabíamos pelo contínuo grunhido na cozinha.

Tinham nos garantido que nosso tesouro era sóbrio e honesto. Portanto eu estava disposto a acreditar que ela desmaiara quando a encontrei caída debaixo da caldeira, e que as colheres de chá desapareciam por culpa do lixeiro.

Mas ela nos atormentava horrivelmente. Nos ressentíamos de nossa inexperiência e não conseguíamos nos defender. Estávamos à mercê dela, se é que mercê ela tivesse alguma, mas era uma mulher impiedosa, e foi o motivo de nossa primeira briga.

– Meu bem – eu disse um dia a Dora –, você acha que Mary Anne tem alguma noção de tempo?

– Por quê, Doady? – Dora perguntou, erguendo de seu desenho os olhos inocentes.

– Porque são cinco horas, meu bem, e devíamos ter jantado às quatro.

Dora deu uma olhada ao relógio e sugeriu que devia estar adiantado.

– Ao contrário, meu amor – eu disse, consultando o meu relógio –, está alguns minutos atrasado.

Minha pequena esposa veio, sentou no meu colo, me seduziu a ficar quieto e desenhou com o lápis uma linha ao longo de meu nariz. Mas eu não podia jantar aquilo, embora fosse muito agradável.

– Não acha, meu bem – eu disse –, que seria melhor você chamar a atenção de Mary Anne?

– Ah, não, por favor! Eu não conseguiria, Doady! – disse Dora.

– Por que não, meu bem?

– Ah, porque sou muito boba – disse Dora –, e ela sabe disso!

Achei esse sentimento tão incompatível com a determinação de qualquer sistema de controle de Mary Anne que franzi a testa.

– Ah, que feias essas rugas na testa do meu menino malvado! – disse Dora e, ainda sentada no meu colo, riscou as rugas com o lápis, molhando-o nos lábios rosados para que riscasse mais escuro, e desenhando em minha testa com uma peculiar imitação de aplicação, que me divertiu bastante, mesmo contra a vontade.

– Bom menino – disse Dora –, sua cara fica tão melhor quando ri.

– Mas, meu amor... – eu disse.

– Não, não! Por favor! –, Dora exclamou, com um beijo. – Não seja mau, Barba Azul! Não seja sério!

– Minha preciosa esposa – disse eu –, precisamos ser sérios às vezes. Venha! Sente aqui nesta cadeira, perto de mim! Me dê o lápis! Pronto! Agora vamos falar sério. Você sabe, meu bem... – que pequenina a mão que segurei e que miúda a aliança que olhei! – Você sabe, meu amor, que não é exatamente agradável sair sem jantar. Então, é?

– N... n... não! – Dora replicou, baixo.

– Meu amor, como você está tremendo!

– Porque SEI que você vai brigar comigo – Dora exclamou, com uma voz de dar pena.

– Meu bem, vou só discutir.

– Ah, mas discutir é pior que brigar! – Dora exclamou, em desespero. – Não casei para discutirem comigo. Se você pretendia discutir com uma coitadinha como eu, devia ter me falado antes, você é muito ruim!

Tentei acalmar Dora, mas ela virou o rosto, sacudiu os cachos de um lado para outro e disse: “Você é cruel, cruel!” tantas vezes, que fiquei sem saber exatamente o que fazer. Então andei de um lado para outro da sala em minha incerteza e voltei até ela.

– Dora, minha querida!

– Não, não sou sua querida. Porque você *deve* ter se arrependido de casar comigo, senão não ia querer discutir comigo! – Dora respondeu.

Fiquei tão ofendido com a natureza inconsciente dessa acusação que

me deu coragem de falar sério.

– Ora, minha Dora – eu disse –, você está sendo infantil e falando bobagem. Deve lembrar, com certeza, que ontem fui obrigado a deixar o jantar pela metade e que no dia anterior passei bem mal porque fui obrigado a comer depressa a vitela que ainda não estava pronta. Hoje não temos jantar nenhum, e nem falo do quanto esperamos pelo café da manhã, e da *água* que não fervia. Não quero censurar você, meu bem, mas as coisas não estão acolhedoras.

– Ah, como você é cruel, cruel, em dizer que sou uma esposa desagradável! – Dora exclamou.

– Não, Dora, meu amor, você sabe que eu não disse isso!

– Disse que não sou acolhedora! – Dora falou.

– Disse que o ritmo da casa não está acolhedor.

– É exatamente a mesma coisa! – Dora exclamou. E era evidente que achava mesmo isso, porque chorou copiosamente.

Dei mais uma volta na sala, cheio de amor por minha linda esposa, atormentado pela culpa a ponto de bater a cabeça na porta. Sentei de novo e disse:

– Não estou culpando você, Dora. Nós dois temos muito a aprender. Só estou tentando te mostrar, meu bem, que você precisa, realmente precisa – e eu estava decidido a não desistir disso – se acostumar a orientar Mary Anne. E ao mesmo tempo agir um pouco por si mesma e por mim.

– Fico preocupada, fico mesmo, quando você fala essas coisas ingratas para mim – Dora soluçou. – Quando sabe que outro dia, quando disse que queria comer peixe, eu saí sozinha, quilômetros e quilômetros, e fui comprar para fazer uma surpresa para você.

– E foi muita bondade sua, minha querida – eu disse. – Gostei tanto que de jeito nenhum mencionei que você comprou um salmão, que era demais para dois. Nem que custou uma libra e seis xelins, que é muito mais do que podemos gastar.

– Você gostou tanto – Dora soluçou. – E disse que eu era sua ratinha.

– E digo de novo, meu amor – repliquei –, mil vezes!

Mas eu havia ferido o coraçãozinho delicado de Dora, e ela não se consolava. Era tão patética em seu choro e gemidos que senti que eu não sabia o que havia dito para feri-la tanto. Fui forçado a sair depressa, trabalhei até muito tarde e a noite inteira senti tamanho remorso que fiquei arrasado. Tinha a consciência pesada como um assassino, assolado por uma vaga sensação de enorme maldade.

Voltei para casa duas ou três da manhã. Encontrei minha tia em nossa casa, acordada à minha espera.

– Aconteceu alguma coisa, tia? – perguntei, alarmado.

– Nada, Trot – ela respondeu. – Sente, sente. Sua florzinha estava muito desanimada e fiquei aqui fazendo companhia para ela. Só isso.

Sentado a olhar o fogo, apoiei a cabeça na mão e me senti mais arrependido e arrasado do que podia imaginar, tão cedo depois de realizar minha maior esperança. Sentado ali, pensando, percebi o olhar de minha tia, que examinava meu rosto. Havia nela uma expressão ansiosa, que se desanuviou imediatamente.

– Garanto, tia – eu disse –, que passei a noite inteira infeliz por deixar Dora infeliz. Mas minha intenção era apenas falar com ela com ternura e amor sobre os cuidados da casa.

Minha tia fez que sim com a cabeça, animadora.

– Você tem de ter paciência, Trot – disse ela.

– Claro. Deus sabe que não tinha a intenção de ser intolerante, tia!

– Não, não – disse minha tia. – Mas sua florzinha é uma florzinha muito delicada, e o vento tem de ter todo o cuidado com ela.

Agradeci de coração a minha boa tia, por sua ternura por minha esposa, e tenho certeza de que ela sabia disso.

– A senhora não acha, tia – disse eu, depois de olhar o fogo mais um tempo –, que podia aconselhar e ensinar Dora um pouquinho de vez em quando para todo mundo ficar contente?

– Trot – minha tia replicou, com alguma emoção –, não! Não me peça isso!

Seu tom era tão sincero que ergui os olhos, surpreso.

– Revejo minha vida, filho – disse minha tia –, e penso em alguns que

estão mortos com quem eu poderia ter sido mais bondosa. Se julguei com muita severidade os erros dos outros no casamento, pode ter sido por eu ter amargas razões para julgar muito severamente os meus. Fui uma mulher ranzinza, mal-humorada, geniosa, durante muitos anos. Ainda sou e serei sempre. Mas você e eu fizemos muito bem um para o outro, Trot. Ou, pelo menos, você me fez muito bem, meu querido, e nada deve nos afastar a esta altura.

– Afastar! *Nós dois*? – me alarmei.

– Filho, filho! – disse minha tia, ajeitando o vestido. – Não é preciso um profeta para ver como seria fácil algo ficar entre nós, ou como eu poderia deixar infeliz nossa florzinha se me metesse em alguma coisa. Quero que ela goste de mim e seja alegre como uma borboleta. Lembre-se de sua casa e daquele segundo casamento, e nunca faça, nem para ela nem para mim, essa injúria que passou pela sua cabeça!

Eu entendi na mesma hora que minha tia estava certa, e entendi plenamente a dimensão de sua generosidade por minha esposa querida.

– São os primeiros dias, Trot – ela continuou –, e Roma não foi feita em um dia, nem em um ano. Você escolheu com liberdade – uma sombra passou pelo rosto dela nesse momento, eu senti –, e escolheu uma criatura muito bonita e muito afetuosa. Será seu dever e será seu prazer também (com certeza você sabe disso; não estou fazendo uma preleção) estimar essa moça, que você escolheu, pelas qualidades que tem e não pelas qualidades que não tem. Essas últimas você tem de desenvolver nela, se conseguir. E se não conseguir, filho – e minha tia esfregou o nariz –, deve se acostumar a viver sem elas. Mas lembre, meu bem, seu futuro está em vocês dois. Ninguém pode ajudar vocês, precisam trabalhar isso por conta própria. Isso é o casamento, Trot. E que o céu abençoe vocês dois, pois não passam de uma dupla de crianças na floresta!

Minha tia disse isso cheia de intensidade e me deu um beijo para ratificar sua bênção.

– Agora – falou –, acenda o meu lampiãozinho e me acompanhe até minha caixa de fósforos pela trilha do jardim – pois havia uma comunicação entre nossos chalés nessa direção. – Dê o amor de Betsey

Trotwood para sua flor quando voltar; e faça o que fizer, Trot, nunca nem imagine colocar Betsey como um espantalho, porque se *eu* vejo essa mulher no espelho, ela é bem sombria e severa no seu íntimo!

Com isso minha tia amarrou um lenço na cabeça, com o qual costumava fazer um pacote nessas ocasiões, e eu a escoltei até sua casa. Parada no jardim, erguendo o lampiãozinho para iluminar minha volta, julguei que me observava com um ar ansioso outra vez, mas estava muito ocupado pensando no que ela havia dito e impressionado demais, pela primeira vez, na realidade, pela convicção de que Dora e eu tínhamos efetivamente de resolver nosso futuro sozinhos e que ninguém poderia nos ajudar, nem dar muita atenção a isso.

Dora desceu com seus chinelinhos para me encontrar, agora que eu estava sozinho, e chorou no meu ombro, disse que eu tinha sido duro e mau. E creio ter dito que sim, de fato, e fizemos as pazes, concordando que nossa primeira pequena diferença seria a última e que nunca mais nos desentenderíamos mesmo que vivêssemos cem anos.

O problema seguinte que tivemos foi o tormento dos criados. O primo de Mary Anne desertou, instalou-se no nosso depósito de carvão e foi retirado, para nossa grande admiração, por um piquete de seus companheiros de armas, que o levaram embora algemado num cortejo que cobriu de ignomínia nosso jardim. Isso me deu coragem de me livrar de Mary Anne, que foi embora tão mansa, ao receber os salários devidos, que me surpreendeu, até eu descobrir sobre as colheres de chá e também sobre pequenas somas que ela havia pedido emprestado a negociantes, em meu nome, sem minha autorização. Depois de um intervalo com a sra. Kidgerbury, que era, acredito, a moradora mais velha de Kentish Town a trabalhar de faxineira, mas fraca demais para executar o que se entende por essa arte, encontramos outro tesouro, a mais amável das mulheres, mas que geralmente fazia questão de cair nos degraus da cozinha ao entrar ou sair com a bandeja, e quase sempre mergulhava na sala como se fosse uma banheira, para servir o chá. A devastação cometida por essa infeliz impôs a sua dispensa, e depois dela veio (com intervalos da sra. Kidgerbury) uma longa fila de incapazes; terminando com uma jovem de boa aparência que foi à feira de Greenwich com o

chapéu de Dora. Depois da qual não me lembro de nada além de uma média constante de fracassos.

Todo mundo com quem tínhamos alguma coisa a ver parecia nos enganar. Nossa entrada numa loja era sinal para que imediatamente nos oferecessem produtos com defeito. Se comprávamos uma lagosta, estava cheia de água. Toda nossa carne era sempre dura, e quase não havia casca em nossos pães. Em busca do princípio pelo qual peças de carne deviam ser assadas nem demais, nem de menos, eu próprio consultei o livro de receitas, e descobri que ali havia a informação de um quarto de hora para cada meio quilo de carne, e digamos mais quinze minutos no final. Mas a informação parecia sempre nos enganar por alguma curiosa fatalidade, e nunca conseguíamos chegar a uma média entre sangrenta ou reduzida a cinzas.

Eu tinha razões para acreditar que com esses fracassos incorríamos numa despesa muito maior do que se tivéssemos uma série de triunfos. Parecia-me, ao consultar a caderneta do comerciante, que tínhamos o porão coberto de manteiga, tal a grande escala de nosso consumo desse artigo. Não sei se os impostos do período podem ter apresentado algum aumento na demanda de pimenta, mas se nosso desempenho não afetava o mercado, devo crer que várias famílias tinham parado de usar pimenta. E o fato mais incrível de todos era que nunca tínhamos nada em casa.

Quanto à lavadeira que penhorava nossas roupas e vinha se desculpar em estado de penitente embriaguez, acredito que deva ter acontecido várias vezes a todo mundo. Também o incêndio da lareira, o carro de bombeiros do condado e a cobrança indevida por parte do zelador. Mas concluo que éramos pessoalmente infelizes na escolha de criadas com gosto para bebidas, o que inchava nossa conta de cerveja no pub com compras inexplicáveis como “um quarto de rum (sra. C.)”, “meio quarto de gim com cravos (sra. C.)”, “um copo de rum com menta (sra. C.)” – os parênteses sempre se referindo a Dora, que, pela aparência da explicação, devia consumir todos esses licores.

Um de nossos primeiros feitos domésticos foi um pequeno jantar para Traddles. Encontrei-o na cidade e o convidei para sair comigo essa tarde. Ele concordou prontamente, escrevi a Dora, dizendo que ia levá-lo em

casa. O tempo estava agradável e no trajeto fizemos de minha felicidade doméstica o tema da conversa. Traddles estava muito feliz, e disse que, quando se visse numa casa com Sophy a esperar e zelar por ele, pensaria não lhe faltar mais nada para a felicidade completa.

Eu não podia imaginar uma esposa mais linda na outra ponta da mesa, mas sem dúvida desejei um pouco mais de espaço quando nos sentamos. Não sei como, mas embora fôssemos só nós dois, estávamos sempre apertados, e mesmo assim tínhamos espaço para perder tudo. Desconfio que devia ser porque nada tinha um lugar determinado, a não ser a casinha chinesa de Jip, que invariavelmente impedia a passagem principal. Nessa ocasião, Traddles ficou tão atrapalhado com o pagode chinês, a caixa de violão, as pinturas de flores de Dora e minha escrivaninha que tive sérias dúvidas de que fosse conseguir usar garfo e faca. Mas ele protestou, com seu bom humor de sempre:

– Um oceano de espaço, Copperfield! Pode crer, um oceano!

Outra coisa de que eu gostaria era que Jip não fosse estimulado a andar em cima da toalha da mesa durante o jantar. Comecei a achar que havia algo fora do lugar com a presença dele ali, mesmo que não tivesse o costume de pôr a pata no sal ou na manteiga derretida. Nessa ocasião, ele pareceu achar que havia sido apresentado expressamente para manter Traddles à distância, latindo para meu amigo e dando uns botes em seu prato, com obstinação tão inquestionável que é possível dizer que participava da conversa.

No entanto, como sabia o quanto minha querida Dora era sensível, e se ressentia de qualquer zanga com seu protegido, não fiz nenhuma objeção. Pela mesma razão, não mencionei os pratos que ele derrubava no chão; nem a aparência desalinhada dos galheteiros mal equilibrados, parecendo bêbados; nem a falta de espaço para Traddles entre pratos de legumes e jarras que iam e vinham. Não conseguia deixar de pensar comigo mesmo, observando o pernil de carneiro à minha frente, antes de cortá-lo, por que as nossas peças de carne tinham formas tão excepcionais, ou se nosso açougueiro trabalhava exclusivamente com os carneiros deformados que vinham ao mundo. Mas guardei esses pensamentos para mim mesmo.

– Meu amor – disse a Dora –, o que temos nesse prato?

Não imaginava por que Dora ficava fazendo pequenas caretas tentadoras para mim, como se quisesse me beijar.

– Ostras, meu bem – Dora disse, tímida.

– Foi ideia sua? – perguntei, deliciado.

– F... foi, Doady – disse Dora.

– Grande ideia! – exclamei, pousando o garfo e a faca. – Não existe nada de que Traddles goste mais!

– Isso, Doady – disse Dora –, então comprei um bom barrilzinho delas, e o homem me disse que estavam muito boas. Mas acho... acho que tem algum problema. Parece que não estão boas. – Dora então sacudiu a cabeça, e diamantes cintilaram em seus olhos.

– Precisa abrir as duas conchas – eu disse. – Tire a de cima, meu amor.

– Mas não quer sair – disse Dora, tentando com toda a força e parecendo muito perturbada.

– Sabe, Copperfield – disse Traddles alegremente, examinando o prato –, acho que é porque... são ostras excelentes, mas *acho* que é porque... não foram abertas.

Não tinham sido abertas. E não tínhamos facas para ostras, nem saberíamos usá-las, se tivéssemos. Então ficamos olhando as ostras e comemos o carneiro. Ao menos comemos a parte dele que estava cozida e temperada com alcaparras. Se eu tivesse deixado, sei que Traddles teria se transformado num perfeito selvagem e comido um prato de carne crua só para demonstrar seu prazer com a refeição. Mas não queria nem ouvir falar desse sacrifício no altar da amizade, e comemos bacon, uma vez que havia, por sorte, um bacon frio no aparador.

Minha pobre esposinha estava em tamanha aflição achando que eu ia me zangar e em tal estado de alegria quando descobriu que não, que o incômodo que eu disfarçara logo desapareceu, e passamos uma noite agradável, Dora com o braço em minha poltrona, enquanto Traddles e eu discutíamos em torno de um copo de vinho. Ela aproveitava todas as oportunidades para sussurrar em meu ouvido que era muita bondade

minha não ser um marido cruel e mal-humorado. No momento certo, ela fez chá para nós, e foi tão bonito vê-la a trabalhar, como se estivesse brincando com um serviço de chá de bonecas, que nem me importou a qualidade da bebida. Então, Traddles e eu jogamos uma ou duas partidas de baralho, Dora sentada com o violão o tempo todo, e parecia que nossa relação e casamento eram um terno sonho meu, e que a primeira noite em que ouvi sua voz ainda não havia terminado.

Quando Traddles foi embora e voltei para a sala depois de me despedir dele, minha esposa puxou a cadeira para perto da minha e sentou-se ao meu lado.

– Sinto muito – disse ela. – Você pode tentar me ensinar, Doady?

– Primeiro, tenho de aprender, Dora – disse eu. – Sou tão incapaz quanto você, meu amor.

– Ah! Mas você consegue aprender – ela continuou –, é inteligente, um homem inteligente!

– Bobagem, ratinha! – disse eu.

– Eu queria – retomou minha esposa, depois de um longo silêncio – ter ido passar um ano inteiro no campo, morando com Agnes!

Estava com as mãos cruzadas sobre meu ombro, o queixo apoiado nelas, os olhos azuis olhando serenamente nos meus.

– Por quê? – perguntei.

– Acho que teria melhorado, e acho que podia aprender com *ela* – disse Dora.

– Tudo a seu tempo, meu amor. Não esqueça que Agnes tem de cuidar do pai durante alguns anos ainda. Mesmo quando era bem criança, ela já era a Agnes que conhecemos – eu disse.

– Você me chama por um apelido pelo qual quero que me chame? – Dora perguntou, sem se mexer.

– Qual? – perguntei, sorrindo.

– É um nome idiota – ela disse, sacudindo os cachos um momento. – Filhesposa.

Rindo, perguntei a minha filhesposa por que o capricho de ser chamada assim. Ela respondeu sem se mexer, porque senão o braço que

passei em torno dela poderia trazer seus olhos azuis para ainda mais perto de mim:

– Não estou dizendo, seu bobo, para você usar esse nome em vez de Dora. Só quero é que você pense em mim desse jeito. Quando for ficar bravo comigo, diga para si mesmo: "É só a minha filhesposa!". Quando eu decepcioná-lo demais, você diz: "Eu sabia, há muito tempo, que ela ia ser apenas uma filhesposa!". Quando eu não conseguir ser o que gostaria e acho que nunca serei, você diz: "Mesmo assim minha boba filhesposa me ama!". Porque eu amo mesmo.

Eu não tinha falado sério com ela porque não sabia, até esse momento, que ela falava sério a respeito de si mesma. Mas sua natureza afetiva ficou tão feliz com o que eu disse a ela naquele momento, de todo o coração, que seu rosto se abriu num riso antes de seus olhos secarem. Ela logo agiu como minha filhesposa de fato, sentada no chão diante da casa chinesa de Jip, tocando todos os sinos, um depois do outro, para castigar Jip por seu mau comportamento recente, enquanto Jip piscava na porta, só a cabeça para fora, com preguiça até de brincar.

Esse apelo de Dora causou em mim forte impressão. Relembro o momento sobre o qual escrevo agora, invoco a figura inocente que eu amava com ternura para que saia das brumas e sombras do passado e volte sua cabeça delicada para mim outra vez. E ainda posso declarar que esse pequeno discurso esteve constantemente em minha memória. Posso não ter feito o melhor uso dele, eu era jovem e inexperiente, mas nunca deixei de ouvir seu pedido tão simples.

Dora me disse, pouco depois, que ia ser uma ótima dona de casa. Para tanto ela limpou as lousas, apontou o lápis, comprou um imenso livro-caixa, com todo o cuidado costurou com linha e agulha todas as folhas do livro de cozinha que Jip havia rasgado, e fez uma tentativa bastante desesperada de "ser boa", como ela dizia. Mas as contas mantinham sua velha propensão obstinada de *não* fechar. Quando ela anotava dois ou três itens laboriosamente no livro-caixa, Jip andava por cima, sacudindo o rabo, e borrava tudo. O próprio dedo médio de sua mão direita ficou manchado de tinta até o osso, e acho que esse foi o único resultado que ela obteve.

Às vezes, à noite, quando eu estava em casa, trabalhando – porque agora escrevia bastante e estava começando modestamente a ser conhecido como escritor –, pousava a caneta e olhava minha filhesposa tentando ser boa. Em primeiro lugar, ela trazia o imenso livro-caixa e punha em cima da mesa com um profundo suspiro. Depois, abria no ponto que Jip havia tornado ilegível na noite anterior, e chamava Jip para ver o que tinha feito. Isso era ocasião de divertimento para Jip, e talvez o castigo de um pouco de tinta no focinho. Depois, ela mandava Jip deitar na mesa imediatamente, "como um leão", que era um dos truques dele, embora eu não possa dizer que era grande a semelhança, e se estivesse disposto a ser obediente, ele obedecia. Então ela pegava a caneta e começava a escrever e encontrava um cabelo na pena. Então pegava outra caneta, começava a escrever e descobria que a pena estava rombuda. Aí, pegava outra caneta, começava a escrever e dizia em voz baixa: "Ah, é uma caneta falante e vai incomodar Doady!". Então desistia como se fosse um trabalho ruim, punha o livro-caixa de lado, depois de fingir que esmagava o leão com ele.

Ou, se estivesse num estado de espírito muito sério e calmo, ela sentava com as lousas e uma cestinha de contas e outros documentos, que mais pareciam papelotes de cabelo que qualquer outra coisa, e fazia um esforço para conseguir algum resultado. Depois de comparar um com outro, de testa franzida, e anotar nas lousas, e apagá-los, depois contar nos dedos da mão esquerda insistentemente, de trás para a frente e da frente para trás, ela ficava muito aborrecida e desanimada e parecia tão infeliz que me doía ver seu lindo rosto anuviado. E por minha causa! Então, ia até ela e dizia:

– O que foi, Dora?

Dora erguia os olhos desamparada e respondia:

– Não dá certo. Minha cabeça fica doendo tanto. E eles não fazem nada do que eu quero!

Então eu dizia:

– Vamos tentar juntos. Deixe eu mostrar para você, Dora.

Começava uma demonstração prática, à qual Dora prestava profunda atenção por, talvez, cinco minutos, e começava a ficar cansadíssima,

falava de encrespar meu cabelo, ou experimentava o efeito sobre meu rosto do colarinho virado para baixo. Se eu tacitamente ignorava essas brincadeiras e insistia, ela parecia tão temerosa e desconsolada, ia ficando mais e mais aflita, que a lembrança de sua alegria natural quando cruzei seu caminho pela primeira vez e o fato de ela ser minha filhesposa me ocorriam como uma censura; e eu largava o lápis e pedia o violão.

Eu tinha muito trabalho a fazer e muitas ansiedades, mas por consideração a ela guardava todas para mim. Não tenho nenhuma certeza de que estivesse certo fazer isso, mas fiz por minha filhesposa. Procuro em meu peito e invoco segredos, quando os identifico, sem nenhuma reserva em cima deste papel. A velha infelicidade da perda ou carência de alguma coisa ocupava, tenho consciência disso, algum lugar no meu coração, mas não a ponto de amargurar minha vida. Quando caminhava sozinho num dia bonito, e pensava nos dias de verão em que todo o ar era cheio de meu encantamento de menino, de fato sentia falta de algo na realização de meus sonhos. Mas pensava que isso era uma glória abrandada do passado, que nada poderia lançar sobre o tempo presente. Eu de fato sentia, às vezes, durante um breve momento, que poderia ter desejado uma mulher que fosse minha conselheira, que tivesse mais personalidade e determinação, para me apoiar e aprimorar, dotada do poder de preencher o vazio que parecia existir em algum lugar dentro de mim, mas sentia que isso seria uma consumação nada natural de minha felicidade, que não era para acontecer nunca, e nunca aconteceu.

Eu era um marido menino quanto à idade. Não conhecera a influência amenizante de nenhuma outra tristeza ou experiência além das relatadas nestas folhas. Se cometi algum erro, como devo ter cometido muitos, foi por amor equivocado e falta de sabedoria. Escrevo a verdade exata. De nada me valeria atenuá-la agora.

Foi assim que tomei para mim o esforço e cuidados de nossa vida, e não tinha parceira neles. Vivíamos muito como antes, quanto aos arranjos domésticos desordenados; mas tinha me acostumado a isso, e ficava contente de ver que Dora raramente se aborrecia agora. Era alegre

e viva à sua maneira infantil, me amava com ternura e se alegrava comsuas velhas bobagens.

Quando os debates eram pesados – e falo em duração, não em qualidade, porque sob este último aspecto quase nunca o eram –, e eu voltava tarde para casa, Dora nunca ficava deitada quando ouvia meus passos, mas descia sempre para me receber. Quando minhas noites não eram ocupadas com o trabalho para o qual havia me qualificado com tanto esforço, e me ocupava escrevendo em casa, ela se sentava calada a meu lado, por mais tarde que fosse, e ficava tão quieta que muitas vezes eu achava que havia adormecido. Mas geralmente, quando eu levantava a cabeça, via seus olhos azuis olhando para mim com a calada atenção de que já falei.

– Ah, que moço cansado! – Dora dizia quando eu encontrava seus olhos ao fechar minha escrivaninha.

– Que moça cansada! – dizia eu. – Isso vem mais ao caso. Você deve voltar para a cama, meu amor. É muito tarde para você.

– Não, não me mande para a cama! – Dora pedia, vindo para o meu lado. – Por favor, não faça isso!

– Dora!

Mas, para minha surpresa, ela estava chorando em meu pescoço.

– Não está bem, minha querida? Não está feliz?

– Estou! Muito bem e muito feliz! – Dora dizia. – Mas diga que deixa eu ficar e ver você escrever.

– Ora, que visão para olhos tão lindos à meia-noite! – eu replicava.

– Brilhantes, será? – Dora perguntava, rindo. – Fico muito contente que estejam brilhando.

– Pequena vaidosa! – eu dizia.

Mas não era vaidade; era apenas ingênuo deleite em me admirar. Eu já sabia disso, antes que ela dissesse.

– Se acha meus olhos bonitos, diga que posso sempre ficar e ver você escrever! – Dora falou. – Você *acha* bonitos?

– Muito bonitos.

– Então deixe eu ficar e ver você escrever.

– Acho que isso não vai fazer com que brilhem mais, Dora.

– Vai, sim. Porque você, moço inteligente, não vai me esquecer então quando estiver aí cheio de fantasias silenciosas. Você se importa se eu disser uma coisa muito, muito boba? Mais boba que sempre? – Dora perguntou, olhando meu rosto por cima de meu ombro.

– Que coisa maravilhosa é essa? – perguntei.

– Por favor, deixe eu segurar as canetas – disse Dora. – Quero ter alguma coisa para fazer todas essas longas horas em que você é tão produtivo. Posso segurar as canetas?

A lembrança de sua linda alegria quando eu disse sim me traz lágrimas aos olhos. Na vez seguinte em que me sentei para escrever e regularmente depois, ela se sentou em seu lugar de sempre, com um maço de canetas extras a seu lado. Seu triunfo nessa ligação com meu trabalho e seu prazer quando eu precisava de uma caneta nova, coisa que muitas vezes fingia precisar, me sugeriram um novo jeito de agradar minha filhesposa. De vez em quando, inventava que precisava que fossem copiadas uma ou duas páginas de manuscrito. Então, era a glória para Dora. Os preparativos que ela fazia para esse trabalho, os aventais que vestia, os peitorais que tomava emprestado da cozinha para evitar a tinta, o tempo que levava, as inúmeras paradas que fazia para dar uma risada com Jip como se ele entendesse tudo, sua convicção de que seu trabalho estava incompleto a menos que assinasse seu nome no final, e a maneira como me trazia as folhas, como um trabalho de escola, e quando eu elogiava, ela me abraçava pelo pescoço, são recordações tocantes para mim, por mais simples que possam parecer a outros homens.

Logo depois disso, ela tomou posse das chaves que tilintava pela casa num molho dentro de uma cestinha amarrada à sua cintura esguia. Raramente os lugares a que pertenciam estavam trancados ou tinham elas qualquer uso além de brinquedos para Jip, mas Dora estava contente, e isso me deixava contente. Ela estava bem satisfeita do grande efeito desse cuidado de mentirinha com a casa, e andava tão alegre como se estivéssemos numa casa de crianças, brincando.

Assim seguimos. Dora não era menos afetuosa com minha tia do que comigo, e muitas vezes falava para ela do tempo em que achava que ela

devia ser “uma velha ranzinza”. Nunca vi minha tia se desdobrar tão sistematicamente com ninguém. Ela agradava Jip, embora Jip nunca respondesse, ouvia, dia após dia, o violão, embora eu tema que ela não tivesse gosto para música, nunca atacou os incapazes, embora a tentação deva ter sido grande, fazia a pé trajetos imensos para comprar, como surpresas, qualquer bobagem de que achasse que Dora ia gostar, e quando entrava pelo jardim e ela não estava na sala, chamava, ao pé da escada, com uma voz que ressoava, alegre, por toda a casa:

– Onde está minha florzinha?

XLV

O sr. Dick realiza a previsão de minha tia

Fazia algum tempo que eu havia deixado o doutor. Morando no bairro, eu o via com frequência, e fomos todos a sua casa em duas ou três ocasiões para o jantar ou o chá. A Velho Soldado tinha acomodações permanentes sob o teto do doutor. Era exatamente a mesma de sempre, as mesmas borboletas imortais flutuando acima do chapéu.

Assim como algumas outras mães que conheci no curso de minha vida, a sra. Markleham era muito mais chegada ao prazer do que a filha. Precisava de grande quantidade de divertimento e, como um bom soldado, no fundo fingia, ao consultar seus pendores, que se dedicava à filha. O desejo do doutor de que Annie se divertisse era, portanto, particularmente aceitável para essa excelente mãe, que expressava irrestrita aprovação pela atitude dele.

De fato, não tenho dúvidas de que ela explorava a ferida do doutor sem saber. Sem nenhuma intenção além de certa madura frivolidade e egoísmo, nem sempre inseparável da idade avançada, acredito que ela confirmava o temor que ele tinha de ser uma limitação para sua jovem esposa, e que não havia compatibilidade de sentimentos entre eles, confirmando assim seu desejo de aliviar o peso da vida dela.

– Meu querido genro – ela disse a ele um dia, quando eu estava presente –, o senhor sabe que sem dúvida será um pouco pesado para Annie ficar sempre isolada aqui.

O doutor assentiu com a cabeça benevolente.

– Quando ela chegar à idade da mãe – disse a sra. Markleham, com um floreio do leque –, então será outra coisa. Pode me pôr na prisão com boa companhia e um baralho e nunca mais precisaria sair. Mas eu não sou Annie, o senhor sabe. E Annie não é a mãe.

– Claro, claro – disse o doutor.

– O senhor é a melhor das criaturas... não, com licença –pois o doutor fez um gesto depreciativo –, digo isso na sua cara, como sempre digo pelas costas, o senhor é a melhor das criaturas, mas evidentemente não tem, não é mesmo?, os mesmos interesses e gostos de Annie.

– Não – disse o doutor em tom tristonho.

– Não, claro que não – retorquiu a Velho Soldado. – Veja seu dicionário, por exemplo. Que trabalho útil é um dicionário! Que trabalho necessário! O sentido das palavras! Sem o do doutor Johnson ou alguém semelhante, poderíamos hoje achar que ferro batido quer dizer ferro de engomar. Mas não se pode esperar que um dicionário, principalmente quando ainda está sendo feito, possa interessar Annie, não é?

O doutor balançou a cabeça.

– E é por isso que aprovo *tanto* – disse a sra. Markleham, tocando o ombro dele com o leque fechado – a sua consideração. Demonstra que o senhor não espera, como muitas pessoas mais velhas esperam, cabeças maduras sobre ombros jovens. O senhor estudou a personalidade de Annie, e entende sua esposa. *Isso* é que eu considero encantador!

Mesmo o rosto calmo e paciente do dr. Strong expressou certa sensação dolorida, diante da imposição desses cumprimentos.

– Portanto, meu caro doutor – disse a Soldado, dando diversas batidinhas afetuosas –, pode dispor de mim a qualquer hora ou estação. Entenda que estou inteiramente a seu serviço. Pronta para ir com Annie a óperas, concertos, exposições, todo tipo de lugar; e nunca vai me ver cansada. O dever, meu caro doutor, vem antes de qualquer outra consideração no universo!

E ela ficava à altura do que dizia. Era uma daquelas pessoas capazes de suportar uma grande dose de prazer, e nunca fraquejava na perseverança da causa. Raramente pegava o jornal (com o qual se acomodava na poltrona mais macia da casa para ler com os óculos durante duas horas, todos os dias), sem que encontrasse alguma coisa que tinha certeza de que Annie ia gostar. Em vão Annie protestava que estava cansada desse tipo de coisas. A insistência da mãe era sempre: “Ora, minha querida Annie, tenho certeza de que você quer ver. E permita que eu diga, meu amor, que não está sendo grata à gentileza do

dr. Strong".

Isso costumava ser dito na presença do doutor, e me parecia constituir a principal persuasão para ela retirar qualquer objeção que tivesse. Mas no geral ela se resignava à mãe, e ia aonde a Velho Soldado quisesse.

Era raro, nessa época, o sr. Maldon acompanhá-las. Às vezes, minha tia ou Dora eram convidadas a ir, e aceitavam o convite. Às vezes, só Dora era convidada. Houve tempo em que eu me inquietava que ela fosse, mas a lembrança daquela noite no escritório do doutor me fazia afastar as desconfianças. Eu acreditava que o doutor tinha razão, e não alimentava mais suspeitas.

Minha tia às vezes esfregava o nariz quando acontecia de estar sozinha comigo, e dizia que não poderia ir; que gostaria que eles fossem mais felizes; que não achava de modo algum que nossa amiga militar (era sempre assim que se referia à Velho Soldado) remediasse as coisas. Além disso, minha tia expressava a opinião de que "aquela nossa amiga militar devia cortar fora aquelas borboletas e dar de presente para os limpadores de chaminé no dia do desfile deles, para parecer o começo de alguma coisa sensata da parte dela".

Mas em quem ela confiava sempre era no sr. Dick. Aquele homem evidentemente tinha uma ideia na cabeça, dizia. E se pudesse, uma vez que fosse, escrevê-la em algum canto, o que era a grande dificuldade dele, haveria de se distinguir de alguma forma extraordinária.

Sem saber dessa previsão, o sr. Dick continuava a ocupar exatamente o mesmo território em relação ao doutor e à sra. Strong. Ele parecia nem avançar, nem recuar. Parecia ter se instalado em seu alicerce original, como um prédio, e devo confessar que minha esperança de que se movesse dele não era muito maior do que se ele fosse mesmo um prédio.

Mas uma noite, quando fazia meses que eu estava casado, o sr. Dick apareceu na sala onde eu escrevia sozinho (Dora havia saído com minha tia para tomar chá com as tias-passarinhos) e disse, com um pigarro significativo:

– Seria muito inconveniente para você falar comigo agora, Trotwood?

– De jeito nenhum, senhor Dick – eu disse. – Entre!

– Trotwood – disse o sr. Dick, apoiando o dedo na lateral do nariz depois de apertar minha mão. – Antes de sentar, gostaria de fazer uma observação. Conhece bem sua tia?

– Um pouco – respondi.

– É a mulher mais maravilhosa do mundo!

Depois desse comunicado, que ele proferiu como se estivesse carregado dentro dele, o sr. Dick sentou-se com maior gravidade que o usual e olhou para mim.

– Então, rapaz – disse o sr. Dick –, quero fazer uma pergunta a você.

– Quantas quiser – respondi.

– O que considera que eu sou? – perguntou o sr. Dick, cruzando os braços.

– Um velho amigo querido – eu disse.

– Obrigado, Trotwood – o sr. Dick retorquiu, rindo, estendendo a mão com grande alegria para apertar a minha. – Mas o que quero saber, rapaz – ele retomou a seriedade –, é como me considera a este respeito – e tocou a testa.

Fiquei intrigado, sem saber como responder, mas ele me ajudou com uma palavra.

– Fraco? – perguntou.

– Bom – respondi, em dúvida. – Um tanto.

– Exatamente! – exclamou o sr. Dick, que pareceu encantado com minha resposta. – Isso, Trotwood, porque pegaram os problemas de dentro da cabeça você sabe de quem e puseram você sabe onde, e então houve uma... – O sr. Dick girou as mãos uma em torno da outra muitas vezes, depois juntou as duas numa colisão e rolou-as uma sobre a outra para expressar confusão. – Foi isso que fizeram comigo de algum jeito, certo?

Assenti e ele assentiu de volta.

– Em resumo, rapaz – disse o sr. Dick, baixando a voz a um sussurro –, sou simplório.

Eu ia comentar essa conclusão, mas ele me deteve.

– Sou, sim! Ela finge que não. Não quer nem ouvir falar disso, mas

sou. Sei que sou. Se ela não tivesse sido sempre minha amiga, eu teria sido trancafiado, teria levado uma vida miserável esses anos todos. Mas vou prover o sustento dela! Não gasto nada do meu dinheiro das cópias. Ponho numa caixa. Fiz um testamento. Vou deixar tudo para ela. Ela vai ser rica, nobre!

O sr. Dick tirou do bolso o lenço e enxugou os olhos. Dobrou o lenço com grande cuidado, apertou bem entre as mãos, pôs no bolso, e parecia que assim guardava minha tia.

– Ora, você é um intelectual, Trotwood – disse o sr. Dick. – Um bom intelectual. Sabe o homem culto, o grande homem que é o doutor. Sabe a honra que ele me fez. Nada orgulhoso na sabedoria dele. Humilde, humilde, condescendente até com o pobre Dick, que é um simplório e não sabe nada. Mandei o nome dele anotado num pedaço de papel pelo fio da pipa, quando estava no céu, no meio das cotovias. A pipa gostou de receber o nome dele, o céu ficou mais claro.

Eu o deixei muito satisfeito quando disse, de todo o coração, que o doutor merecia nosso maior respeito e estima.

– E a linda esposa dele é uma estrela – disse o sr. Dick. – Uma estrela brilhante. Eu a vi brilhar, Trotwood. Mas – e puxou a cadeira para mais perto, pôs a mão em meu joelho – nuvens, rapaz, nuvens.

Retribuí a solicitude que seu rosto expressava expressando a mesma coisa com o meu e assentindo com a cabeça.

– Quais nuvens? – perguntou o sr. Dick.

Ele olhou preocupado para meu rosto, muito ansioso para entender, e me dei ao trabalho de responder devagar e com clareza, como se estivesse dando uma explicação para uma criança.

– Existe alguma infeliz discórdia entre eles – respondi. – Algum infeliz motivo de separação. Um segredo. Pode ser uma coisa inseparável da diferença de idade entre eles. Pode ter surgido de quase nada.

O sr. Dick, que assentia com a cabeça a cada frase, parou quando me calei e ficou pensando, com os olhos fixos em meu rosto e a mão em meu joelho.

– O doutor não está zangado com ela, Trotwood? – perguntou depois

de algum tempo.

– Não. É dedicado a ela.

– Então, entendi, rapaz! – disse o sr. Dick.

A súbita exaltação com que deu um tapa em meu joelho e se encostou na cadeira com as sobrancelhas erguidas até o mais alto que podiam ir me fez pensar que estava ainda mais fora de si do que sempre. Ele ficou sério outra vez, de repente, inclinou-se para a frente como antes e disse, tirando primeiro do bolso o lenço, como se de fato representasse minha tia:

– A mulher mais maravilhosa do mundo, Trotwood. Por que *ela* não fez nada para acertar as coisas?

– O assunto é muito delicado e difícil para uma interferência dessas – respondi.

– Muito culto – disse o sr. Dick, tocando o dedo em mim. – Por que não fez nada?

– Pela mesma razão – repliquei.

– Então entendi tudo, rapaz! – disse o sr. Dick. E levantou-se na minha frente, mais exultante que antes, fazendo que sim com a cabeça e batendo repetidamente no peito, até dar a impressão de que havia quase esgotado todo o ar de seu corpo.

– Um pobre coitado com uma deficiência, rapaz – disse o sr. Dick –, um simplório, um sujeito de cabeça fraca, aqui presente, sabe – e bateu no peito outra vez –, pode fazer o que gente maravilhosa não pode! Vou juntar os dois, rapaz. Vou tentar. *A mim* eles não vão culpar. *A mim* eles não vão recusar. Não vão ligar para o que *eu* fizer, se der errado. É só o senhor Dick. E quem liga para o Dick? O Dick não é ninguém! Fuu! – Soprou o ar com desdém, como se soprasse a si mesmo para longe.

Foi sorte ele ter continuado até esse momento com seu mistério, porque ouvimos a diligência parar no jardinzinho, trazendo minha tia e Dora para casa.

– Nem uma palavra, rapaz! – ele continuou, num sussurro. – Vamos pôr toda a culpa no Dick, o simplório Dick, o louco Dick. Eu andava pensando, já faz algum tempo, que estava entendendo as coisas, e agora

entendi. Depois do que você me disse, tenho certeza de que entendi. Tudo bem!

O sr. Dick não disse mais nem uma palavra sobre o assunto, mas fez de si mesmo um telégrafo durante a meia hora seguinte (para grande perturbação de minha tia) para garantir segredo inviolável de minha parte.

Para minha surpresa, não ouvi mais nada a respeito durante umas duas ou três semanas, embora estivesse bastante interessado no resultado de seu empenho, pressentindo um estranho fulgor de bom senso – sem falar da boa sensação que ele sempre apresentava – para a conclusão do que preparava. Por fim, comecei a acreditar que, em seu estado mental avoado e inquieto, havia ou esquecido ou abandonado sua intenção.

Uma bela tarde, quando Dora não estava com vontade de sair, minha tia e eu fomos caminhando ao chalé do doutor. Era outono, quando não há debates para perturbar as noites, e me lembro que as folhas tinham o cheiro de nosso jardim em Blunderstone quando pisávamos nelas, e como a velha sensação infeliz parecia passar no sussurro do vento.

Anoitecia quando chegamos ao chalé. A sra. Strong estava saindo do jardim, onde o sr. Dick ainda se detinha, ocupado com a faca, ajudando o jardineiro a fazer ponta numas estacas. O doutor estava ocupado com alguém em seu escritório, mas o visitante já estava de saída, disse a sra. Strong, e pediu que ficássemos para vê-lo. Entramos na sala com ela e nos sentamos junto à janela que escurecia. Nunca houve nenhuma cerimônia nas visitas que fazíamos, velhos amigos e vizinhos como éramos.

Não fazia muito que estávamos sentados quando a sra. Markleham, sempre agitada com alguma coisa, entrou aflita, com o jornal na mão, e disse, sem fôlego:

– Minha nossa, Annie, por que não me disse que ele estava com alguém no escritório!

– Mãe, querida, ela respondeu, tranquila – como eu podia saber que a senhora queria alguma informação!

– Queria alguma informação! – disse a sra. Markleham despencando

no sofá. – Nunca levei tamanho susto na minha vida!

– Então esteve no escritório, mamãe? – Annie perguntou.

– *Estive* no escritório, meu bem! – ela respondeu, enfática. – Realmente, estive! E encontrei aquela criatura amável, no ato de fazer o testamento! Podem imaginar o que senti, senhorita Trotwood e David.

Sua filha voltou o rosto da janela rapidamente.

– No ato, minha Annie querida – repetiu a sra. Markleham, espalhando o jornal no colo como uma toalha de mesa e pousando as mãos em cima –, de redigir sua Última Vontade e Testamento. A previsão e o carinho desse homem querido! Tenho de contar como foi. Tenho realmente, para fazer justiça a esse querido – porque ele não é menos que isso! –, tenho de contar como foi. Talvez a senhora saiba, senhorita Trotwood, que nesta casa nunca se acende nenhuma vela até os olhos estarem se esticando para ler o jornal. E que não existe nesta casa nenhuma poltrona em que se possa ler com conforto, a não ser no escritório. Isso me levou até lá, onde vi luz acesa. Abri a porta. Na companhia do querido doutor estavam dois profissionais, evidentemente ligados à lei, e os três em pé em volta da mesa, o querido doutor com a caneta na mão. "Então, isto simplesmente expressa", o doutor falou, Annie, meu bem, preste atenção para as palavras, "isso expressa com clareza, então, cavalheiros, a confiança que tenho na senhora Strong, e deixa tudo para ela, incondicionalmente?" Um dos profissionais respondeu: "E transmite tudo a ela incondicionalmente". Diante disso, com o sentimento natural de uma mãe, falei: "Deus do céu, me desculpem!", tropecei no degrau e saí pela passagenzinha dos fundos, onde fica a despensa.

A sra. Strong abriu a porta e saiu para a varanda, onde ficou encostada a uma coluna.

– Agora, não é?, senhorita Trotwood, não é?, David, animador – disse a sra. Markleham, acompanhando mecanicamente a filha com os olhos – ver um homem no momento de vida do doutor Strong, em plena posse de suas faculdades mentais, fazer uma coisa dessas? Só prova o quanto eu tinha razão. Eu disse para Annie, quando o doutor Strong fez uma visita muito honrosa para mim e fez a Annie uma declaração e uma proposta,

eu disse: “Minha querida, na minha opinião não resta a menor dúvida em relação a um futuro promissor para você, que o doutor Strong vai fazer mais do que se propõe”.

Nesse momento, a campainha tocou e ouvimos o som dos visitantes saindo.

– Está tudo resolvido, sem dúvida – disse a Velho Soldado, depois de ouvir –, o bom homem assinou, selou e registrou e está com o espírito em paz. E deve mesmo estar! Que cabeça! Annie, meu amor, vou entrar no escritório com meu jornal, porque sem notícias sou uma pobre criatura. Senhorita Trotwood, David, por favor, entrem e vejam o doutor.

Eu tinha consciência de que o sr. Dick estava parado na sombra, dentro da sala, fechando o canivete, quando a acompanhamos ao escritório. E de minha tia esfregar o nariz violentamente, a propósito, como um ligeiro alívio à sua intolerância por nossa amiga militar. Mas esqueci, se é que algum dia soube, quem entrou primeiro no escritório, ou como a sra. Markleham se acomodou em um momento na poltrona, ou como minha tia e eu nos vimos parados à porta (a menos que os olhos dela fossem mais velozes que os meus e ela me detivesse). Mas o que sei é o seguinte: que vimos o doutor antes que ele nos visse, sentado a sua mesa, entre os livros que ele adorava, a cabeça calmamente apoiada na mão. Que no mesmo instante vimos a sra. Strong entrar, pálida, trêmula. Que o sr. Dick a levava pelo braço. Que ele tocou com a outra mão o braço do doutor, fazendo com que erguesse a cabeça com ar abstrato. Que, ao ver o doutor mexer a cabeça, sua esposa caiu sobre um joelho aos pés dele, e com mãos suplicantes fixou em seu rosto uma expressão memorável que nunca esqueci. Que ao ver isso a sra. Markleham derrubou o jornal e olhou, mais parecida que nunca com uma figura de proa para algum navio chamado Perplexidade.

A gentileza das maneiras do doutor, sua surpresa, a dignidade que se misturava à atitude suplicante da esposa, a amável preocupação do sr. Dick e a seriedade com que minha tia disse para si mesma: “*Esse* louco!” (expressando, triunfante, a desgraça da qual ela o havia salvado), hoje vejo e escuto, mais do que me lembro, ao escrever a respeito.

– Doutor! – disse o sr. Dick. – O que aconteceu? Olhe aqui!

– Annie! – o doutor exclamou. – Não se ajoelhe a meus pés, querida!

– Ajoelho, sim! – ela disse. – E peço que ninguém saia da sala. Ah, meu marido e pai, rompa esse longo silêncio. E que nós dois possamos entender o que aconteceu entre nós!

A sra. Markleham, tendo recuperado a capacidade da fala, e parecendo inflada de orgulho familiar e indignação materna, exclamou então:

– Annie, levante imediatamente e não envergonhe a todos que te amam se humilhando desse jeito, a não ser que queira me ver enlouquecer agora mesmo!

– Mãe! – Annie respondeu. – Não desperdice suas palavras comigo, porque meu apelo é a meu marido, e a senhora não tem nada a ver com isso.

– Nada! – exclamou a sra. Markleham. – Eu, nada! Minha filha perdeu o juízo. Por favor, me deem um copo d'água!

Eu estava muito atento ao doutor e a sua esposa para dar alguma atenção a esse pedido, que não impressionou mais ninguém, de forma que a sra. Markleham ofegou, arregalou os olhos e se abanou.

– Annie! – disse o doutor, tomando ternamente as mãos dela nas suas. – Minha querida! Se alguma mudança inevitável veio a acontecer, com o correr do tempo, em nossa vida de casados, a culpa não foi sua. O erro foi meu, e meu apenas. Nada mudou em meu afeto, admiração e respeito. Quero deixar você feliz. Eu te amo e respeito de verdade. Levante, Annie, por favor!

Mas ela não se levantou. Depois de olhar para ele um momento, afundou para mais perto, passou os braços em torno de seus joelhos e, baixando a cabeça, disse:

– Se tenho aqui algum amigo que possa dizer uma palavra por mim ou por meu marido; se tenho aqui algum amigo que possa dar voz a qualquer suspeita que meu coração tenha algum dia sussurrado para mim; se tenho aqui algum amigo que honra meu marido ou algum dia se importou comigo ou tem conhecimento de alguma coisa, não importa o quê, que possa ajudar a mediação entre nós, imploro a esse amigo que

fale!

Fez-se um profundo silêncio. Depois de alguns momentos de dolorosa hesitação, quebrei o silêncio:

– Senhora Strong – eu disse –, tenho conhecimento de uma coisa que o doutor Strong me pediu insistentemente para esconder e que escondi até esta noite. Mas acredito que chegou a hora em que seria um erro de confiança e delicadeza continuar escondendo, e seu apelo me absolve dessa reserva.

Ela voltou o rosto para mim um momento e me convenci de que estava certo. Não podia ter resistido a seu convite se a certeza que me deu tivesse sido menos convincente.

– O futuro de nossa paz – disse ela – pode estar em suas mãos. Peço com toda a confiança que não esconda nada. Sei de antemão que nada que o senhor, ou qualquer pessoa, disser pode vir a mostrar o nobre coração de meu marido sob outra luz. Por mais que pareça que irá me tocar, não se importe. Falarei por mim mesma diante dele e diante de Deus depois.

Assim solicitado com tamanho empenho, não me dirigi ao doutor para nenhuma permissão sua, mas, sem nenhuma outra concessão à verdade que o abrandamento da grosseria de Uriah Heep, relatei abertamente o que se passara naquela mesma sala aquela noite. O olhar da sra. Markleham durante toda a narrativa e as interjeições agudas, ásperas, com que de vez em quando a interrompia, foram indescritíveis.

Quando terminei, Annie ficou em silêncio por alguns instantes, com a cabeça abaixada, como descrevi. Depois, pegou a mão do doutor (ele estava sentado na mesma atitude de quando entramos na sala), apertou-a ao peito e a beijou. O sr. Dick a ergueu delicadamente e ela ali ficou parada, quando começou a falar, apoiada nele, olhando para seu marido, do qual não desviava os olhos.

– Tudo o que sempre tive em mente desde que me casei – disse em voz baixa, submissa e terna – revelarei aos senhores. Não poderia viver, e manter nenhuma reserva, sabendo o que sei agora.

– Não, Annie – disse o doutor, com suavidade –, nunca duvidei de você, minha menina. Não é preciso, de fato não é preciso, minha querida.

– É muito preciso – ela respondeu, da mesma maneira – que eu abra todo o meu coração diante da alma de generosidade e verdade que ano após anos, dia após dia, venho amando e venerando mais e mais, como sabe o céu!

– Realmente – disse a sra. Markleham –, se tenho direito a alguma opinião...

("Não tem nenhum, sua intrometida", minha tia observou num sussurro indignado.)

– ... devo poder observar que não é preciso entrar nesses detalhes.

– Ninguém além de meu marido pode julgar isso, mamãe – disse Annie, sem tirar os olhos do rosto dele –, e ele vai me ouvir. Se eu disser alguma coisa dolorosa para a senhora, mãe, me perdoe. Suportei a dor primeiro, durante muito tempo.

– Sinceramente! – sussurrou a sra. Markleham.

– Quando eu era muito nova – disse Annie –, uma criança bem pequena mesmo, minhas primeiras associações com qualquer tipo de conhecimento eram inseparáveis da imagem de um amigo e professor paciente, amigo de meu falecido pai, que sempre me foi querido. Não me lembro de nada que eu saiba sem me lembrar dele. Ele enriqueceu minha mente com seus primeiros tesouros, e em todos eles pôs a sua marca. Acho que nunca teriam sido tão bons para mim se tivessem chegado a mim por outras mãos.

– Sua mãe então nunca foi nada! – exclamou a sra. Markleham.

– Não, mamãe – disse Annie –, mas vejo bem como ele foi. Tenho de fazer isso. Quando cresci, ele continuou ocupando o mesmo lugar. Eu tinha orgulho de seu interesse: era profunda, carinhosa, agradecidamente ligada a ele. Ele era para mim, nem sei descrever o quê, como um pai, um guia, alguém cujo elogio era diferente de qualquer outro elogio, alguém em quem podia confiar e a quem confidenciar qualquer dúvida que tivesse no mundo. A senhora sabe, mãe, como eu era jovem e inexperiente quando a senhora, de repente, me apresentou o doutor como um pretendente.

– Mencionei esse fato ao menos cinquenta vezes a todos aqui

presentes! – disse a sra. Markleham.

("Então cale a boca, pelo amor de Deus e não mencione de novo!", minha tia resmungou.)

– Foi uma mudança tão grande: uma perda tão grande, senti, no início – disse Annie, ainda mantendo a mesma expressão e o mesmo tom –, que fiquei agitada e aflita. Eu não passava de uma menina, e quando uma mudança tão grande ocorreu com uma pessoa a quem eu admirava tanto, acho que fiquei triste. Mas nada conseguiria fazer com que ele voltasse a ser como antes, e senti orgulho de ele achar que eu era digna de tanto, e nos casamos.

– Em Saint Alphage, Canterbury – observou a sra. Markleham.

("Que diabo, essa mulher!", disse minha tia, "não fica quieta!")

– Nunca pensei – Annie continuou, com o rosto avermelhado – em nenhum bem material que meu marido pudesse me trazer. Meu jovem coração não via nessa homenagem espaço para uma coisa tão pobre. Mamãe, me perdoe se digo que foi *a senhora* quem me apresentou pela primeira vez a ideia de que alguém pudesse ofender a mim ou a ele com uma suspeita tão cruel.

– Eu? – exclamou a sra. Markleham.

("Ah! Você, com toda a certeza!", observou minha tia, "e não adianta se abanar que não passa, minha amiga militar!")

– Foi a primeira infelicidade de minha nova vida – disse Annie. – Foi a primeira ocasião de todos os momentos infelizes que passei. Ultimamente, esses momentos foram mais frequentes do que posso contar, mas não, meu generoso marido, não pela razão que imagina, porque em meu coração não existe um pensamento, uma lembrança, uma esperança que qualquer poder possa separar de você!

Ela ergueu os olhos, juntou as mãos e parecia mais bela e verdadeira, pensei, que qualquer espírito. Daí em diante, o doutor ficou olhando para ela tão fixamente como ela para ele.

– Mamãe não tem culpa – continuou – de ter feito solicitações a você, e não tem culpa de nenhuma intenção, tenho certeza, mas quando via quantos pedidos importunos eram feitos a você em meu nome, como

você era solicitado em meu nome, como era generoso e o quanto o senhor Wickfield, que com tanto carinho zelava por seu bem-estar, se ressentia disso; a primeira vez que percebi que estava exposta à mesquinha desconfiança de que minha ternura era comprada e vendida a você – justamente você entre todos os homens da terra –, isso caiu sobre mim como uma desonra não merecida, da qual obriguei você a participar. Não consigo expressar o que era, mamãe, a senhora não pode imaginar o que era, ter esse horror, esse problema sempre em mente, e no entanto saber no fundo da alma que no dia de meu casamento coroei o amor e a honra de minha vida!

– É esse o agradecimento que se recebe – exclamou a sra. Markleham, em prantos – por cuidar da família! Eu queria ser uma turca pagã!

("Tomara fosse, de todo o coração, e lá no seu país natal!", disse minha tia.)

– Foi nessa época que mamãe foi mais solícita a respeito de meu primo Maldon. Eu tinha gostado dele – ela falava com suavidade, mas abertamente e sem nenhuma hesitação – muito. Fomos namoradinhos um dia. Se as circunstâncias tivessem sido outras, poderia ter me convencido de que na verdade o amava e ter me casado com ele, e sido muito infeliz. Não pode haver maior disparidade no casamento do que a incompatibilidade de ideias e objetivos.

Ponderei sobre essas palavras, mesmo enquanto continuava a estudar com atenção o que acontecia, como se elas tivessem algum interesse particular, ou alguma estranha aplicação que eu não conseguia adivinhar. "Não pode haver maior disparidade no casamento do que a incompatibilidade de ideias e objetivos... disparidade no casamento maior do que a incompatibilidade de ideias e objetivos".

– Nós dois não temos nada em comum – disse Annie. – Há muito descobri que nada. Se não fosse grata a meu marido por mais nada, em vez do quanto sou, deveria ser grata a ele por ter me salvado do primeiro impulso errado de meu indisciplinado coração.

Ela estava imóvel na frente do doutor e falava com uma firmeza que me emocionava. No entanto, sua voz continuava tão tranquila como antes.

– Quando ele estava à espera de ser objeto de sua generosidade, tão liberal por minha causa, e quando eu estava infeliz pela forma mercenária que era obrigada a usar, pensei que teria sido melhor que ele abrisse seu próprio caminho. Pensei que, se fosse ele, teria tentado fazer assim, à custa de qualquer dificuldade. Mas não pensei mal dele, não até a noite em que ele partiu para a Índia. Nessa noite, entendi que ele tinha um coração falso e ingrato. Vi, então, um duplo sentido na análise que o senhor Wickfield fez de mim. Percebi, pela primeira vez, uma sombria suspeita que escurecia minha vida.

– Suspeita, Annie! – exclamou o doutor. – Não, não, não!

– Em seu coração não havia nenhuma, eu sei, meu marido! –ela retomou. – E quando fui até você naquela noite, para despejar toda a minha carga de vergonha e tristeza, sabia que teria de contar que, debaixo do seu teto, alguém de meu próprio sangue, de quem você havia sido um benfeitor, por amor a mim, havia me dito palavras que não deviam ser pronunciadas, mesmo que eu fosse a infeliz fraca e mercenária que ele achava que eu fosse, minha mente se revoltou pela mácula que a simples história produzia. As palavras morreram em minha boca e, daquele momento até agora, nunca foram pronunciadas.

A sra. Markleham deu um pequeno gemido, encostou-se na poltrona e se escondeu atrás do leque, como se nunca mais fosse sair dali.

– Desde aquele momento, nunca troquei uma palavra com ele que não fosse na sua presença, e só quando era necessário para evitar esta explicação. Anos se passaram desde que ele soube qual era a situação aqui. A bondade que você demonstrou secretamente por ele e então revelou a mim, para minha surpresa e prazer, pode acreditar, apenas agravou minha infelicidade e tornou mais pesado o meu segredo.

Ela afundou suavemente aos pés do doutor, embora ele fizesse de tudo para impedir, e disse, erguendo o rosto para olhar para ele, chorosa:

– Não fale comigo ainda! Me deixe falar um pouco mais! Certa ou errada, se tivesse de fazer tudo outra vez, eu teria feito a mesma coisa. Não sabe o quanto fui fiel a você, com aquelas antigas relações; para descobrir que alguém pode ser duro a ponto de achar que a sinceridade de meu coração podia ser negociada e me ver cercada de aparências que

confirmavam essa convicção. Eu era muito jovem e não tinha quem me aconselhasse. Em tudo que dizia respeito a você, sempre houve uma grande divisão entre minha mãe e mim. Se me recolhi a mim mesma, escondendo o desrespeito que havia sofrido, foi por todo o respeito que tinha por você, e o meu grande desejo de que você me respeitasse!

– Annie, meu coração tão puro! – disse o doutor. – Minha querida menina!

– Um pouco mais! Mais algumas palavras! Sempre achei que havia tantas com quem você podia ter se casado, que não teriam sido um peso e um problema tão grande para você, que valorizariam o seu lar. Temia que talvez fosse melhor ter permanecido sua aluna e quase filha. Tinha medo de ser tão inadequada a seu conhecimento e sabedoria. Se tudo isso fez com que me recolhesse em mim mesma (como fiz, de fato) quando tinha tudo isso para dizer, foi porque respeitava muito você e esperava que pudesse um dia me respeitar também.

– Esse dia brilhou todo esse longo tempo, Annie – disse o doutor – e não terá senão uma longa noite, minha querida.

– Mais uma palavra! Depois me propus, me propus absolutamente, e nisso me empenhei, suportar todo o peso de saber o quanto era indigno aquele para quem você foi tão bom. E agora uma última palavra, meus amigos mais queridos! A causa dessa última mudança em você, que testemunhei com tanta dor e tristeza, e que às vezes atribuí à minha velha apreensão, outras vezes a suposições insistentes, mais próximas da verdade, se esclareceu esta noite. E por acaso vim a saber, esta noite, até que ponto ia a sua nobre confiança em mim, apesar desse erro. Não espero que nenhum amor ou dever que eu possa retribuir seja jamais digno de sua confiança inestimável, mas com tudo o que acabo de saber, posso erguer os olhos para esse rosto querido, reverenciado como pai, amado como marido, sagrado para mim em minha infância como o de um amigo, e declarar solenemente que nem com o mais leve pensamento jamais desonrei você, jamais fraquejei no amor e na fidelidade que devo a você!

Ela passou os braços em torno do pescoço do doutor e ele baixou a cabeça para ela, misturando seu cabelo grisalho às escuras tranças

castanhas dela.

– Ah, me aperte ao seu coração, meu marido! Nunca me afaste! Não pense, nem fale de nenhum desentendimento entre nós, porque não existe nenhum, a não ser em minhas muitas imperfeições. A cada ano que passa mais confirmo isso, ao estimar você mais e mais. Ah, me aperte ao seu coração, meu marido, porque o meu amor é sólido como uma rocha e dura para sempre!

No silêncio que se seguiu, minha tia foi, muito séria, até o sr. Dick, sem se apressar, e deu-lhe um abraço e um beijo sonoro. E foi muito bom para ele que ela tivesse feito isso, porque tenho certeza de que percebi que naquele momento ele estava a ponto de ficar numa perna só, como expressão adequada de seu prazer.

– Você é um homem muito notável, Dick – disse minha tia, com uma expressão de indizível aprovação –, e nunca finja ser nada além disso, porque eu sei!

Minha tia, então, o puxou pela manga, acenou para mim, e nós três saímos em silêncio da sala e fomos embora.

– Isso amansa a nossa amiga militar, pelo menos – disse minha tia a caminho de casa. – Só por isso já dormiria melhor, se não houvesse mais nada com que se alegrar!

– Ela ficou bem arrependida, eu acho – disse o sr. Dick, com muita comiseração.

– O quê! Já viu um crocodilo arrependido? – perguntou minha tia.

– Acho que nunca vi um crocodilo – o sr. Dick respondeu, baixinho.

– Nada disso teria acontecido se não fosse aquele animal velho – disse minha tia com toda a ênfase. – Seria muito desejável que algumas mães deixassem as filhas sossegadas depois do casamento e não fossem tão violentamente apegadas. Elas parecem achar que a única recompensa que merecem por trazer uma moça infeliz a este mundo, Deus me perdoe, porque não sei se ela pediu ou não para nascer!, é a total liberdade de enlouquecer a filha para sair dele outra vez. No que está pensando, Trot?

Eu estava pensando em tudo que tinha sido dito. Minha cabeça ainda estava rodando com algumas expressões que foram usadas. “Não pode

haver maior disparidade no casamento do que a incompatibilidade de ideias e objetivos." "O meu amor é sólido como uma rocha." Mas tínhamos chegado em casa. As folhas mortas estavam pisadas e o vento de outono soprava.

XLVI

Inteligência

Eu devia estar casado, se posso confiar em minha memória imperfeita para datas, havia cerca de um ano talvez, quando uma noite, ao voltar de um passeio solitário, pensando no livro que estava escrevendo – porque meu sucesso havia aumentado constantemente com minha constante aplicação, e nessa época eu estava envolvido com meu primeiro trabalho de ficção –, quando passei na frente da casa da sra. Steerforth. Havia passado ali na frente muitas vezes antes, enquanto morava no bairro, mas nunca quando podia escolher outro caminho. No entanto, acontecia às vezes de não ser fácil encontrar outra rota sem dar uma grande volta, de forma que tinha de passar por ali, no geral, com bastante frequência.

Nunca lancei mais que um simples olhar para a casa, ao passar apressado. Tinha se tornado toda sombria e sem vida. Nenhuma das melhores salas dava para a rua. E as janelas estreitas, de molduras pesadas e antiquadas, nunca alegres em nenhuma circunstância, pareciam muito tristonhas, cerradas, com as persianas sempre abaixadas. Havia um caminho coberto pelo pátio pavimentado, até uma entrada que jamais era usada, e ali havia uma janela redonda de escada, contrastante com todo o resto, e a única nunca fechada, mas que tinha a mesma aparência vazia, desocupada. Não me lembro de algum dia ter visto luz em toda a casa. Se fosse um transeunte casual, provavelmente pensaria que uma pessoa sem filhos estava morta lá dentro. Se tivesse a felicidade de nada saber do lugar, e o visse com frequência naquele estado imutável, creio que teria fantasiado muitas especulações engenhosas.

No caso, eu pensava o menos possível a respeito. Mas minha mente não conseguia ir embora e deixar a casa para trás, como fazia o meu corpo, e ela costumava despertar uma longa sequência de meditações. Surgiram diante de mim, nessa noite específica que mencionei,

misturados às lembranças infantis e caprichos posteriores, os fantasmas de esperanças deformadas, as sombras fragmentadas de decepções vagamente entrevistas e entendidas, um misto de experiência e imaginação, incidental ao que ocupava meus pensamentos, mais sugestivo que o usual. Me vi dentro de um clima sombrio ao caminhar, e uma voz a meu lado me sobressaltou.

Era uma voz de mulher. Não demorei muito para relembrar a pequena criada da sra. Steerforth que um dia usara fitas azuis no chapéu. Ela as removera agora, para se adaptar, acredito, ao caráter alterado da casa, e usava apenas um ou dois desconsolados laços de um marrom sóbrio.

– O senhor teria a bondade de entrar e falar com a senhorita Dartle?

– A senhorita Dartle mandou me chamar? – perguntei.

– Hoje não, senhor, mas não importa. A senhorita Dartle viu o senhor passar uma ou duas noites atrás e me mandou ficar sentada na escada para, quando o senhor passasse de novo, pedir que entrasse e falasse com ela.

Virei-me, e enquanto seguíamos perguntei à moça que me guiava como estava a sra. Steerforth. Ela disse que a patroa estava debilitada, ficava muito em seu quarto.

Quando chegamos à casa, fui orientado a encontrar a srta. Dartle no jardim, e me dar a conhecer sozinho. Ela estava sentada no extremo de uma espécie de terraço que dava para a grande cidade. Era uma noite sombria, com uma luz parda no céu; e a perspectiva sombria com algum objeto maior passando aqui e ali à distância, numa luz repentina, pareceu-me companhia adequada à lembrança daquela mulher feroz.

Ela me viu quando avancei e se levantou um momento para me receber. Naquele momento, achei que estava ainda mais sem cor e magra que da última vez que a vira, os olhos faiscantes ainda brilhando e a cicatriz ainda mais visível.

Nosso encontro foi cordial. Tínhamos nos separado com raiva da última vez, e havia em torno dela um ar de desdém que ela nada fez para disfarçar.

– Soube que quer falar comigo, senhorita Dartle – eu disse, parando a

seu lado, com a mão no encosto da cadeira e recusando o gesto de convite dela para que me sentasse.

– Por favor – disse ela. – A moça foi encontrada?

– Não.

– E continua fugida!

Vi que seus lábios finos tremiam enquanto olhava para mim, como se ansiosos para descarregar censuras.

– Fugida? – repeti.

– É! Dele – disse, com uma risada. – Se não for encontrada, talvez não seja encontrada nunca. Pode estar morta!

A eloquente crueldade com que ela encontrou meu olhar, nunca vi mais evidente em nenhum outro rosto que jamais vi.

– Desejar que morra – observei – pode ser o desejo mais caridoso que alguém de seu próprio sexo pode manifestar por ela. Fico contente que o tempo tenha abrandado tanto o seu coração, senhorita Dartle.

Ela não teve a condescendência de responder, mas virando-se para mim com outra risada desdenhosa, disse:

– Os amigos dessa moça excelente e muito injuriada são amigos seus. Você é o defensor deles e afirma os seus direitos. Quer saber o que se sabe dela?

– Quero – respondi.

Ela se levantou com um sorriso de má-fé, e dando alguns passos até um muro de azevinho ali perto, que dividia o gramado do quintal da cozinha, chamou, em voz alta: “Venha cá!”, como se falasse com um animal.

– O senhor haverá de controlar qualquer demonstração de defesa ou de vingança neste local, sem dúvida, senhor Copperfield? – perguntou, olhando para mim por cima do ombro com a mesma expressão.

Inclinei a cabeça, sem saber o que queria dizer, e ela repetiu: “Venha cá!”. E voltou, seguida pelo respeitável sr. Littimer, que, com a respeitabilidade de sempre, fez uma curvatura para mim e tomou seu lugar atrás dela. A expressão de perversa elegância, de triunfo, na qual, estranho dizer, havia ainda algo de feminino e sedutor, com que ela se

reclinou na cadeira entre nós e olhou para mim, era algo digno de uma cruel princesa de lenda.

– Agora – disse, imperiosa, sem olhar para ele, tocando a velha ferida como se pulsasse, talvez, neste caso, de prazer mais que de dor. – Conte da fuga para o senhor Copperfield.

– O senhor James e eu, minha senhora...

– Não se dirija a mim! – ela interrompeu, franzindo a testa.

– O senhor James e eu, meu senhor...

– Nem a mim, por favor – eu disse.

Sem perder em nada a compostura, o sr. Littimer, demonstrando por uma indiferente obediência que tudo o que fosse agradável a nós seria agradável a ele, começou de novo:

– O senhor James e eu ficamos no exterior com a moça desde que ela saiu de Yarmouth sob a proteção do senhor James. Fomos para uma porção de lugares e vimos muitos países estrangeiros. Fomos para a França, a Suíça, a Itália, de fato, para quase toda parte.

Ele olhou para o encosto da poltrona, como se estivesse falando com aquilo; e brincou delicadamente com as mãos, como se tocasse um piano mudo.

– O senhor James estava muito encantado com a moça, e durante algum tempo ficou mais sossegado do que nunca vi desde que estou a serviço dele. A moça aprendia depressa, falava as línguas; e não parecia mais a mesma camponesa. Notei que era muito admirada onde quer que a gente fosse.

A srta. Dartle pôs a mão no peito. Vi que ele lançou um olhar para ela e um ligeiro sorriso para si mesmo.

– Muito admirada, de fato, era a moça. Por conta da roupa, por conta do ar e do sol, de tão valorizada, com uma coisa e outra, ela chamava mesmo muita atenção.

Ele fez uma breve pausa. Os olhos dela vagavam pela paisagem ao longe e ela mordia o lábio inferior para controlar a inquietação da boca.

O sr. Littimer tirou as mãos do encosto, segurou uma com a outra e mudou o apoio para uma perna, mantendo os olhos baixos e a cabeça

respeitável um pouco para a frente, um pouco para um lado.

– A mocinha continuou assim por algum tempo, de vez em quando desanimava, até a hora em que eu acho que ela passou a deixar o senhor James cansado, porque ficava abatida e irritada daquele jeito; e as coisas começaram a ficar mais incômodas. O senhor James começou a ficar agitado de novo. Quanto mais agitado ele ficava, pior ela ficava. E confesso que para mim foi bem difícil ficar no meio dos dois. Mas as coisas acabavam se ajeitando aqui, melhorando ali, todas as vezes, e acabaram durando, por um tempo que, tenho certeza, foi maior do que todo mundo esperava.

Trazendo os olhos de longe, ele os voltou para mim com a expressão anterior. O sr. Littimer limpou a garganta com uma respeitável tosse curta, mudou de novo o peso do corpo e continuou:

– Enfim, depois de muita discussão e briga no geral, o senhor James foi embora uma manhã, perto de Nápoles, onde a gente estava numa mansão (porque a moça gostava muito do mar), e com a desculpa de que ia voltar dentro de um ou dois dias, me encarregou de contar para ela que, para felicidade geral de todos os envolvidos, ele tinha ido embora – uma interrupção, uma tosse curta. – Na minha opinião, o senhor James foi muito honrado, uma vez que propôs para a moça casar com um homem muito respeitável, que estava disposto a esquecer completamente o passado e que era tão bom como qualquer um que aquela moça pudesse querer, uma vez que todos que ela conhecia eram tão simples.

Ele mudou o apoio sobre as pernas outra vez e umedeceu os lábios. Eu tinha certeza de que o patife estava falando de si mesmo, e vi minha convicção refletida no rosto da srta. Dartle.

– Isso também foi encargo meu comunicar. Estava disposto a fazer qualquer coisa para livrar o senhor James daquela dificuldade, e trazer de volta a harmonia entre ele e uma mãe amorosa, que tinha sofrido tanto por conta dele. Então aceitei a missão. A violência da moça quando ela voltou a si depois que contei que ele fora embora, superou tudo que se podia esperar. Ela ficou completamente louca e teve de ser agarrada à força porque, se não pegasse uma faca, ou corresse para o mar, era capaz de quebrar a cabeça no chão de mármore.

Reclinada em sua poltrona, com um ar exultante no rosto, a srta. Dartle parecia sentir as palavras daquele sujeito quase como uma carícia.

– Mas quando cheguei à segunda parte do que estava encarregado – disse o sr. Littimer, esfregando as mãos, inquieto –, que todo mundo haveria de considerar de qualquer jeito uma boa intenção, aí foi que a moça perdeu a cabeça. Nunca vi uma pessoa tão furiosa. Uma surpresa o quanto ela se comportou mal. Uma pedra, um pedaço de pau era capaz de mostrar mais gratidão, mais sentimento, mais paciência, mais razão do que ela. Se eu não estivesse alerta, tenho certeza de que ela tinha tirado sangue de mim.

– Com isso ela só desperta a minha admiração – disse eu, indignado.

O sr. Littimer inclinou a cabeça como quem diz: "É mesmo? O senhor é jovem!", e retomou a narrativa.

– Resumindo, durante algum tempo, foi preciso tirar tudo de perto dela, tudo que pudesse servir para ela fazer mal para si mesma ou para os outros e manter a moça trancada. Mesmo assim, ela saiu durante a noite. Forçou a veneziana de uma janela que eu mesmo tinha pregado, desceu por uma trepadeira que ia até o chão e nunca mais ninguém viu nem ouviu falar dela, pelo que sei.

– Talvez tenha morrido – disse a srta. Dartle com um sorriso, como se fosse capaz de chutar o corpo da moça arruinada.

– Ela pode ter se afogado, senhorita – retorquiu o sr. Littimer, aproveitando a oportunidade de poder se dirigir a alguém. – É bem possível. Ou pode ter pedido ajuda para algum barqueiro, ela sempre conversava com eles na praia, senhorita Dartle, e sentava no barco deles. Vi que ela fazia isso quando o senhor James passava dias inteiros fora. O senhor James não ficou nada contente quando descobriu, uma vez, que ela havia contado para as crianças que era filha de um barqueiro, e que na terra dela, muito tempo antes, passeava na praia igual a eles.

Ah, Emily! Linda menina infeliz! Que imagem surgiu diante de mim dela sentada na praia distante, entre crianças iguais a ela quando era inocente, ouvindo aquelas pequenas vozes que poderiam chamá-la de mãe se fosse esposa de um homem pobre. E a grande voz do mar, com o seu eterno "nunca mais!".

– Quando ficou claro que não dava para fazer mais nada, senhorita Dartle...

– Não falei para não se dirigir a mim? – disse ela com severo desdém.

– Foi a senhorita que falou comigo – ele respondeu. – Peço desculpas. Mas é minha obrigação obedecer.

– Faça o seu serviço – ela retomou. – Termine a história e vá embora!

– Quando ficou claro – ele disse, com infinita respeitabilidade e uma inclinação obediente – que ela não ia ser encontrada, fui até o senhor James num lugar que tinha sido combinado que ele ia receber as minhas cartas e informei o que tinha acontecido. Ele discutiu comigo por causa disso e senti que era meu dever pedir demissão. Aguentei e tinha aguentado já muita coisa do senhor James, mas ele me ofendeu demais. Me magoou. Sabendo do infeliz desentendimento dele com a mãe e o quanto ela devia estar ansiosa, tomei a liberdade de voltar para a Inglaterra e contar...

– Em troca do dinheiro que paguei a ele – a srta. Dartle disse para mim.

– Exatamente, senhorita... e contar o que eu sabia. Não tenho conhecimento de mais nada – disse o sr. Littimer depois de refletir um momento. – No momento estou desempregado e ficaria muito feliz de arrumar uma posição respeitável.

A srta. Dartle deu uma olhada para mim, como para saber se eu queria perguntar alguma coisa. Como havia de fato algo que me ocorrera, eu disse:

– Gostaria de saber dessa... criatura – não consegui pronunciar nenhuma palavra mais conciliatória –, se interceptaram uma carta que mandaram da casa dela ou se ele acha que chegou às mãos dela.

Ele permaneceu calmo e silencioso, os olhos fixos no chão e as pontas de todos os dedos da mão direita pousadas delicadamente contra as pontas de cada dedo da mão esquerda.

A srta. Dartle voltou para ele a cabeça desdenhosa.

– A senhorita me desculpe – disse ele, despertando de sua abstração –, mas por mais submisso que seja à senhorita, tenho a minha posição,

mesmo como criado. O senhor Copperfield e a senhorita são pessoas diferentes. Se o senhor Copperfield quer saber alguma coisa de mim, tomo a liberdade de lembrar ao senhor Copperfield que pode perguntar para mim. Eu tenho um nome a zelar.

Depois de uma luta momentânea comigo mesmo, voltei os olhos para ele e disse:

– O senhor ouviu a pergunta. Considere que foi dirigida ao senhor, se preferir. Qual a resposta?

– Meu senhor – ele replicou, com uma ocasional separação e junção daquelas pontas de dedos delicadas –, minha resposta deve ser qualificada. Porque trair a confiança do senhor James para a mãe dele é uma coisa e trair para o senhor é uma coisa muito diferente. Considero provável que o senhor James tenha permitido que ela recebesse cartas se fosse para melhorar o desânimo e o mau humor, mas não gostaria de ir além disso, não, senhor.

– Isso é tudo? – a srta. Dartle perguntou para mim.

Indiquei que não tinha mais nada a dizer.

– Exceto – acrescentei, quando vi que ele ia se afastar – que entendo o papel desse sujeito em toda essa história perversa e que, como terei de informar ao bom homem que foi como um pai para ela desde a infância, seria recomendável que esse aí não aparecesse muito em público.

Ele havia parado no momento em que comecei a falar e ouviu com sua costumeira serenidade.

– Muito obrigado ao senhor. Mas, se me perdoa dizer, não existe nem escravo, nem senhor de escravo neste país, e as pessoas não têm o direito de tomar a lei nas próprias mãos. Se fazem isso, é por sua conta e risco, acredito, tanto quanto de outras pessoas. Portanto, não tenho medo nenhum de ir aonde bem quiser, meu senhor.

Dizendo isso, fez uma curvatura educada para mim, outra para a srta. Dartle, e foi embora pelo arco no muro de azevinho pelo qual havia entrado. A srta. Dartle e eu ficamos nos olhando um momento em silêncio, o jeito dela exatamente o mesmo de quando havia chamado o sujeito.

– Ele contou também – ela observou, com um lento curvar do lábio – que o patrão, pelo que ele sabe, está navegando pela costa da Espanha; e depois disso vai continuar a satisfazer seu gosto pela navegação até se cansar. Mas o senhor não tem nada a ver com isso. Entre essas duas pessoas orgulhosas, mãe e filho, abriu-se um abismo maior do que antes, e não se pode esperar que venha a cicatrizar, porque os dois são iguais e o tempo torna cada um mais obstinado e autoritário. O que também não tem nada a ver com o senhor, mas leva ao assunto sobre o qual eu quero falar. Esse demônio que o senhor considera um anjo, quero dizer, essa moça baixa que ele pegou da lama da maré – disse com os olhos negros em cima de mim e o dedo apaixonado em riste –, pode estar viva, porque acredito que vaso ruim não quebra. Se estiver, o senhor haverá de querer encontrar essa pérola sem preço e cuidar dela. Nós também desejamos isso, para não haver mais nenhuma possibilidade de ele ser de novo presa dela. Até aqui, estamos unidos num mesmo interesse, e foi por isso que eu, que sou capaz de fazer todo o mal que essa miserável puder sofrer, mandei chamar o senhor para ouvir o que ouviu.

Vi, pela mudança no rosto dela, que vinha chegando alguém por trás de mim. Era a sra. Steerforth, que me estendeu a mão mais fria do que antes e com maior altivez de maneiras. Mas mesmo assim, percebi – e fiquei tocado por isso –, com uma imorredoura lembrança de seu amor pelo filho. Ela estava muito mudada. Seu corpo esguio estava menos ereto, o rosto bonito com rugas profundas e o cabelo quase branco. Mas quando se sentou, ainda era uma bela dama, e reconheci os olhos brilhantes com seu ar altivo que havia iluminado meus sonhos de escola.

– O senhor Copperfield está informado de tudo, Rosa?

– Está.

– E ouviu do próprio Littimer?

– Ouviu, sim. Falei para ele porque a senhora queria assim.

– Você é uma boa moça. Tive uma ligeira correspondência com seu ex-amigo, senhor Copperfield – ela se dirigiu a mim –, mas isso não restaurou seu senso de dever nem sua obrigação natural. Portanto, não tenho nenhum outro objetivo além do que Rosa mencionou. Se aliviar o sofrimento daquele homem decente que o senhor trouxe aqui (de quem

sinto pena, e nada mais) puder poupar o meu filho de cair de novo nas intrigas de um inimigo, melhor assim!

Ela endireitou o corpo, com os olhos perdidos ao longe.

– Minha senhora – eu disse, respeitosamente –, entendo. Garanto que a senhora não corre nenhum risco de que eu atribua alguma maldade à sua atitude. Mas devo dizer, mesmo para a senhora, que conhecendo essa família sofredora desde a infância, se a senhora imagina que a moça, a quem fizeram tanto mal, não foi cruelmente iludida e preferiria morrer mil mortes a aceitar um copo d'água de seu filho agora, a senhora está muito enganada.

– Tudo bem, Rosa, tudo bem – disse a sra. Steerforth quando a outra estava a ponto de responder –, não importa. Deixe. Soube que o senhor se casou.

Respondi que estava casado fazia algum tempo.

– E está indo bem? Não sei de muita coisa na vida tranquila que levo, mas soube que o senhor está começando a ficar famoso.

– Tive muita sorte – respondi –, e meu nome tem sido elogiado.

– O senhor não tem mãe? – disse, a voz mais branda.

– Não.

– É uma pena – ela continuou. – Ela ficaria orgulhosa do senhor. Boa noite!

Peguei a mão que ela estendeu com ar digno e impassível, e a senti na minha tão calma como se ela tivesse paz em seu peito. O orgulho parecia conseguir ainda controlar sua palpitação e baixar um véu plácido diante de seu rosto, através do qual ela olhava ao longe.

Quando me afastei delas pelo terraço, não pude deixar de observar como olhavam fixamente a paisagem, e como esta se adensava e fechava em torno das duas. Aqui e ali, algumas luzes começavam a tremular na cidade distante, e no lado oriental do céu ainda pairava uma luz lívida. Mas na maior parte do amplo vale à frente, subia uma névoa como um mar que, misturando-se ao escuro, fazia parecer uma onda que vinha envolver as duas. Tenho razão para me lembrar disso e pensar nesse momento com assombro, porque, antes que eu visse as duas outra vez,

uma mar tempestuoso se abriu aos seus pés.

Refletindo sobre o que me fora dito, senti que o certo era comunicar tudo ao sr. Peggotty. Na noite seguinte, fui até Londres à sua procura. Ele estava sempre vagando de lugar para lugar, com o único objetivo de recuperar a sobrinha, mas ficava em Londres mais que em qualquer outra cidade. Muitas e muitas vezes, eu o via na calada da noite, passando pelas ruas, procurando, entre os poucos que vagavam pelas ruas a essas horas tardias, aquela que temia encontrar.

Ele continuava instalado no andar de cima da lojinha de velas em Hungerford Market, que já tive ocasião de mencionar mais de uma vez, e de onde começara sua peregrinação. Para lá dirigi meus passos. Ao perguntar por ele, descobri com as pessoas da casa que ele ainda não havia saído e que o encontraria em seu quarto no andar superior.

Ele estava sentado, lendo, junto à janela onde mantinha algumas plantas. O quarto era muito arrumado e limpo. Em um momento percebi que estava sempre pronto para recebê-la, e que ele nunca saía sem pensar que talvez pudesse trazê-la de volta. Não tinha ouvido minha batida na porta e só ergueu os olhos quando toquei seu ombro.

– Seu Davy! Muito obrigado! Muito obrigado pela visita! Sente. Seja muito bem-vindo!

– Senhor Peggotty – eu disse, aceitando a cadeira que me oferecia –, não espere muito! Mas tenho notícias.

– Da Em'ly?

Ele levou a mão à boca, de um jeito nervoso, e ficou pálido ao fixar meu olhar.

– Não faço ideia de onde ela esteja, mas não está com ele.

Ele se sentou, olhando intensamente para mim, e ouviu em profundo silêncio o que eu tinha a dizer. Me lembro bem da sensação de dignidade, de beleza até, com que a paciente seriedade de seu rosto me impressionou quando, ao desviar gradualmente os olhos dos meus, ficou olhando para baixo, a testa apoiada na mão. Ele não me interrompeu, permaneceu absolutamente imóvel. Parecia acompanhar a figura de Emily ao longo da narrativa, e deixar qualquer outra forma passar por

ele como se fosse nada.

Quando terminei, cobriu o rosto e continuou silencioso. Olhei pela janela algum tempo e me ocupei com as plantas.

– O que o senhor acha disso, seu Davy? – ele perguntou afinal.

– Acho que ela está viva – repliquei.

– Eu não sei. Vai ver que o primeiro choque foi muito duro e na loucura do coração ela...! A água azul ali, que ela falava sempre. Pode ser que ela pensasse tanto naquilo porque ia ser o seu túmulo!

Ele disse isso, divagando, numa voz baixa, assustada, e atravessou o quartinho.

– Por outro lado, seu Davy – acrescentou –, tenho certeza que ela está viva... Eu sabia sempre, acordado, dormindo, que a verdade era que eu ia encontrar ela... Foi isso que me levou, que me sustentou... Tanto que eu acho que não posso ter me enganado. Não! Em'ly tá viva!

Ele bateu a mão na mesa com força e seu rosto assumiu uma expressão resoluta.

– Minha sobrinha, Em'ly, tá viva, seu Davy! – disse, determinado. – Não sei de onde que vem isso, como que vem, mas uma coisa me diz que ela tá viva!

Ele parecia um homem quase em transe ao dizer isso. Esperei um pouco, até ele ser capaz de me dar sua total atenção, e passei a explicar a providência que, na noite anterior, me parecera sensato tomar.

– Então, meu querido amigo... – comecei.

– Obrigado, muito obrigado, seu Davy – ele disse apertando minha mão com ambas as dele.

– Se ela vier para Londres, o que é provável... pois onde mais ela poderia se perder mais depressa do que numa cidade grande? E o que mais ela vai querer fazer senão se perder e se esconder, se não voltar para casa?

– E ela não vai voltar para casa – ele interrompeu, sacudindo a cabeça tristemente. – Se tivesse ido embora por vontade própria, podia ser, não do jeito que foi, seu Davy.

– Se ela vier para cá – disse eu –, acredito que existe uma pessoa aqui

que mais do que ninguém no mundo seria capaz de descobrir onde está. O senhor se lembra... Aguente o que digo com firmeza, pense em seu grande objetivo!... Lembra-se de Martha?

– Da nossa cidade?

Eu não precisava de nenhuma outra resposta além de sua expressão.

– Sabe que ela está em Londres?

– Já vi ela pela rua – ele respondeu, estremecendo.

– Mas o senhor não sabe – eu disse – que Emily foi caridosa com ela, com o consentimento de Ham, uma noite, na casa de sua irmã, não muito antes de ela fugir de casa. Nem que quando nos encontramos aquela noite e conversamos naquele bar lá, na rua, ela estava ouvindo na porta.

– Seu Davy? – ele replicou, perplexo. – Aquela noite que nevou muito?

– Essa noite. Nunca mais vi Martha depois disso. Voltei lá depois que me despedi do senhor, para falar com ela, mas tinha desaparecido. Não quis falar dela para o senhor naquela hora, mas estou falando agora: ela é a pessoa de quem falei, com quem acho que devemos nos comunicar. O senhor me entende?

– Bem demais, seu Davy – ele replicou. Tínhamos baixado a voz a quase um sussurro e continuei falando nesse tom.

– O senhor disse que viu Martha. Acha que consegue encontrar com ela? Eu só consigo por acaso.

– Eu acho, seu Davy, que eu sei onde procurar.

– Está escuro. Será que nós dois juntos devemos sair e procurar por ela esta noite?

Ele concordou, e me preparei para acompanhá-lo. Sem dar a impressão de observar o que ele fazia, vi com que cuidado arrumou o quartinho, deixou uma vela pronta e os meios de acendê-la, arrumou a cama, e finalmente tirou de uma gaveta um dos vestidos dela (me lembro de tê-la visto com ele), dobrou com cuidado ao lado de outras peças de roupa e um chapéu, que colocou em cima de uma cadeira. Não fez nenhuma menção a essas roupas, eu também não. Estava à espera dela, muitas e muitas noites, sem dúvida.

– Teve um tempo, seu Davy – disse ele quando descemos a escada –,

que eu achava que essa moça, Martha, era quase como a lama que a minha Em'ly pisa com o pé. Deus que me perdoe, agora é diferente!

Enquanto caminhávamos, em parte para alimentar a conversa, em parte para satisfazer minha curiosidade, perguntei de Ham. Ele disse, com quase as mesmas palavras de antes, que Ham continuava o mesmo, "tá levando a vida dele sem ligar muito pra nada, mas sem nunca reclamar, e querido por todo mundo".

Perguntei qual era o estado de espírito de Ham, com relação à causa dos seus infortúnios. Se ele achava que havia algum perigo. O que ele achava que Ham faria, por exemplo, se algum dia se encontrasse com Steerforth.

– Não sei, não, senhor – respondeu. – Já pensei nisso, às vez, mas eu mesmo não sei, e não interessa.

Recordei-lhe aquela manhã depois que ela foi embora, quando estávamos os três na praia.

– O senhor se lembra – perguntei – do jeito perturbado como ele olhava o mar e falava do "fim de tudo"?

– Claro que lembro! – ele respondeu.

– O que acha que ele queria dizer?

– Seu Davy – ele replicou –, eu mesmo me perguntei isso uma porção de vez e não consegui responder de jeito nenhum. E acontece também que, mesmo ele sendo tão bom, eu não ia querer conversar disso com ele. Ele nunca falou pra mim nem uma palavra que não fosse respeitosa, e não acho que ele vá falar de nenhum outro jeito agora. Mas na cabeça dele, não é na água rasa que fica esses pensamentos. É profunda, seu Davy, e eu não consigo enxergar o fundo.

– Tem razão – eu disse –, e isso me deixou ansioso às vezes.

– Eu também, seu Davy – ele continuou. – E ainda mais, garanto pro senhor, por causa do jeito valente dele, se bem que as duas coisa é por causa da mudança dele. Não sei se ele partia pra violência de algum jeito, mas eu espero que os dois não se encontre nunca.

Tínhamos chegado à City, através de Temple Bar. Agora sem conversar, caminhando lado a lado, ele se aplicou ao único objetivo a que

dedicava sua vida, e seguia com aquela calada concentração das faculdades que tornaria sua figura solitária no meio de uma multidão. Não estávamos longe da ponte de Blackfriars quando ele virou a cabeça e apontou uma figura feminina solitária caminhando do lado oposto da rua. Percebi de imediato que era a pessoa que procurávamos.

Atravessamos a rua e estávamos chegando perto dela quando me ocorreu que ela poderia estar mais disposta a demonstrar seu interesse de mulher pela moça perdida se conversássemos com ela num lugar mais calmo, longe da multidão, e onde fôssemos menos observados. Então aconselhei meu companheiro a não a abordarmos ainda, mas que a seguíssemos, havendo nisso também um indistinto desejo meu de saber aonde ela iria.

Ele concordou e a seguimos de longe, sem nunca perdê-la de vista, mas cuidando de não chegar perto demais, uma vez que ela sempre olhava em torno. Ela parou para ouvir uma banda de música; e paramos também.

Ela andou um longo trecho. Mesmo assim continuamos. Era evidente, pela maneira como seguia, que estava indo para algum destino determinado, e isso, ao lado do fato de ela se manter em ruas movimentadas, além, acredito, do estranho fascínio do segredo e do mistério de seguir alguém, me fez conservar meu primeiro propósito. Ela acabou virando numa rua escura e sem graça, onde o barulho e a multidão não chegavam, e eu disse:

– Vamos falar com ela agora. – Apertamos o passo e fomos atrás dela.

XLVII

Martha

Estávamos em Westminster. Tínhamos virado para segui-la, e vimos que vinha em nossa direção. A abadia de Westminster foi o ponto em que ela escapou das luzes e do ruído das ruas principais. Ela seguia tão depressa, quando se livrou das duas correntes de transeuntes indo e vindo pela ponte, que, entre isso e a vantagem que tinha sobre nós quando saiu, nos vimos na estreita ruazinha à beira d'água em Millbank antes de chegar a ela. Nesse momento, ela atravessou a rua, como se para evitar os passos que ouvia tão próximos atrás dela e, sem olhar para trás, seguiu ainda mais depressa.

Um relance do rio por um portão escuro, onde havia algumas carroças estacionadas para a noite, deteve os meus passos. Toquei meu companheiro sem falar nada e nós dois evitamos atravessar atrás dela, ambos seguimos desse lado oposto da via, nos mantendo o mais silenciosos possível na sombra das casas, mas sempre bem perto dela.

Existia, e ainda existe, quando escrevo, no final dessa ruazinha baixa, um pequeno prédio de madeira dilapidado, provavelmente uma obsoleta garagem de balsa. Fica localizado no ponto exato em que a rua termina e a avenida começa entre uma fileira de casas e o rio. Assim que chegou ali e viu a água, ela parou como se tivesse chegado ao seu destino; e então seguiu devagar ao longo da beira do rio, olhando com atenção para ele.

O caminho todo até aí eu supunha que ela ia para alguma casa. De fato, tinha alimentado a vaga esperança de que a casa pudesse estar de alguma forma associada à moça perdida. Mas aquele olhar melancólico ao rio, através do portão, havia instintivamente me informado que ela não iria mais longe.

O bairro era lúgubre nessa época, tão opressivo, triste e solitário à noite como qualquer outro em Londres. Não havia nem armazéns nem casas na melancólica solidão próxima à grande prisão inerte. Uma vala

viscosa depositava seu lodo junto às paredes da prisão. Relva áspera e fétidas ervas daninhas cresciam por toda a terra pantanosa em torno. Numa parte, apodreciam carcaças de casas, agourentamente iniciadas e jamais terminadas. Em outra, o chão era juncado de monstros enferrujados de caldeiras, rodas, manivelas, canos, fornos, remos, âncoras, sinos de mergulho, velas de moinho e nem sei mais que estranhos objetos, colecionados por algum especulador, largados na poeira, debaixo da qual, afundados no solo por seu próprio peso em tempo chuvoso, pareciam em vão tentar se esconder. O ruído e a luz de oficinas movimentadas à margem do rio perturbavam tudo, exceto a fumaça pesada e contínua que subia de suas chaminés. Vielas e passagens lodosas serpenteavam entre velhas pilastras de madeira, envoltas por uma repulsiva substância que parecia cabelos verdes e farrapos de cartazes feitos à mão do ano anterior oferecendo recompensa por afogados surgidos na preamar, levados pelo limo e lodo da maré baixa. Corria uma história de que uma das covas abertas para os mortos da Grande Peste ficava por ali, e uma influência funesta parecia emanar dali por todo o lugar. Ou então parecia ter se decomposto aos poucos até aquele estado de pesadelo por causa das enchentes do rio poluído.

Como se fosse parte do lixo ali depositado, abandonada à podridão e à decadência, a moça que seguíamos desceu à margem do rio e parou em meio a esse quadro noturno, sozinha e imóvel, olhando a água.

Havia alguns barcos e batelões espalhados na lama que nos permitiram chegar a poucos metros dela sem sermos vistos. Fiz então um sinal ao sr. Peggotty para que ficasse onde estava e saí da sombra para falar com ela. Não foi sem tremer que me aproximei de sua figura solitária, pois inspirou-me horror esse melancólico fim de sua caminhada decidida e a maneira como estava parada, quase à sombra cavernosa da ponte de ferro, olhando as luzes tortuosamente refletidas na corrente forte.

Acho que ela estava falando sozinha. Tenho certeza de que, embora absorta em olhar a água, o xale havia caído de seus ombros e ela embrulhava nele as mãos, de um jeito inquieto e confuso, mais como a atitude de uma sonâmbula que de uma pessoa acordada. Sei, e jamais

esquecerei, que havia em sua maneira algo que não me dava nenhuma garantia de que não fosse saltar na água, até o momento de ter seus braços ao meu alcance.

Nesse momento exato, eu disse:

– Martha!

Ela soltou um grito de terror e lutou comigo com tanta força que cheguei a duvidar que conseguisse segurá-la sozinho. Mas uma mão mais forte que a minha já estava sobre ela, e quando ela ergueu os olhos e viu de quem se tratava, fez apenas mais um esforço e caiu entre nós. Nós a carregamos para longe da água até algumas pedras secas e lá a deitamos, chorando e gemendo. Depois de um momento, estava sentada entre as pedras, segurando a cabeça aflita entre as mãos.

– Ah, o rio! – exclamou, arrebatada. – Ah, o rio!

– Calma, calma – eu disse. – Fique calma.

Mas ela repetia as mesmas palavras, exclamando continuamente “Ah, o rio!”, sem parar.

– Sei que ele é igual a mim – exclamou. – Sei que eu sou dele. Sei que ele é a companhia natural para alguém como eu! Ele vem do campo, onde não tinha nada de ruim, se esgueira pelas ruas tristes, sujo, miserável, e vai embora, igual à vida, para o grande mar, sempre impassível e eu sinto que tenho de ir com ele!

Eu não sabia o que era desespero até ouvir a expressão dessas palavras.

– Não consigo ficar longe dele. Não consigo me esquecer dele. Ele me persegue dia e noite. É a única coisa no mundo que serve para mim, só para isso eu sirvo. Ah, o rio horrendo!

Passou-me pela cabeça que no rosto de meu companheiro, enquanto olhava para ela sem dizer nada, sem se mexer, dava para ler a história de sua sobrinha, mesmo que eu não soubesse de nada. Nunca vi em nenhuma pintura, nem na realidade, horror e compaixão mesclados de forma tão impressionante. Ele tremia como se fosse cair, e sua mão, que toquei porque a aparência me alarmou, estava mortalmente gelada.

– Ela está num estado de delírio – sussurrei para ele. – Daqui a pouco

vai falar diferente.

Não sei o que ele pretendia responder. Fez um movimento com a boca, e parecia ter pensado responder, mas apenas apontou para ela a mão estendida.

Uma nova onda de choro a dominou então, e mais uma vez ela escondeu o rosto entre as pedras, deitada diante de nós, a imagem prostrada da humilhação e da ruína. Sabendo que tínhamos de esperar passar esse estado para podermos falar com ela com alguma esperança, me aventurei a detê-lo quando tentou erguer a moça, e ficamos a seu lado em silêncio até ela estar mais tranquila.

– Martha – eu disse então, curvando-me e ajudando-a a se levantar. Ela parecia querer se levantar apenas com a intenção de fugir, mas estava fraca e apoiou-se num barco. – Sabe quem é este que está comigo?

Ela disse, debilmente:

– Sei.

– Sabe que estamos seguindo você faz muito tempo agora à noite? – Ela sacudiu a cabeça. Não olhava nem para ele, nem para mim, parada em atitude humilde, segurando o chapéu e o xale numa mão, aparentemente inconsciente de nós, e com a outra apertava a testa.

– Está mais calma – perguntei –, para poder conservar conosco sobre o assunto que tanto interessou você naquela noite da nevasca? Espero em Deus que se lembre disso!

Ela começou a chorar de novo e murmurou um desarticulado agradecimento por não tê-la enxotado da porta.

– Não quero falar nada de mim – disse ela, depois de uns momentos. – Eu sou ruim, estou perdida. Não tenho nenhuma esperança. Mas diga para ele, o senhor, diga – ela havia recuado dele –, se não sentir muita dureza por mim também, que eu nunca fui de jeito nenhum o motivo da infelicidade dele.

– Ninguém nunca culpou você – disse eu, respondendo com seriedade a seriedade dela.

– Foi o senhor, se não me engano – disse com a voz alquebrada –, que entrou na cozinha, naquela noite em que ela teve pena de mim, foi tão

boa comigo, não fugiu de mim como os outros, e me deu uma grande ajuda! Era o senhor, não era?

– Era eu – respondi.

– Eu teria pulado no rio há muito tempo – disse ela, olhando a água com expressão terrível – se tivesse na consciência qualquer culpa por ela. Eu não teria suportado nem uma noite de inverno se não estivesse livre de qualquer culpa nessa história!

– A razão de ela ter fugido é muito bem conhecida – eu disse. – Você não tem nenhuma culpa nisso, nós acreditamos totalmente, nós sabemos.

– Ah, eu podia ter sido muito melhor para ela, se tivesse um coração melhor – a moça exclamou, com o mais desamparado remorso –, porque ela sempre foi boa para mim! Nunca me disse uma palavra que não fosse agradável e certa. Acha que eu ia tentar fazer ela ser o que eu sou, sabendo tão bem o que eu sou? Quando eu perdi tudo que tem valor na vida, a pior coisa que eu pensei foi que nunca mais ia encontrar com ela!

O sr. Peggotty, com uma mão apoiada na amurada do barco e os olhos baixos, cobriu o rosto com a mão livre.

– E quando eu soube o que tinha acontecido com ela antes daquela noite da neve, por alguém da nossa cidade – Martha exclamou –, a pior coisa que me passou pela cabeça foi que as pessoas iam lembrar que ela me ajudou e iam dizer que eu que corrompi ela! Quando Deus sabe que eu era capaz de morrer para devolver o bom nome dela!

Há muito desacostumada de todo autocontrole, a penetrante agonia de seu remorso e tristeza era terrível.

– Morrer não teria sido muito... O que eu posso dizer?... Eu teria vivido! – exclamou. – Eu viveria até ficar velha pelas ruas miseráveis, vagando, evitada pelos outros, no escuro, e podia ver o dia aparecer em cima das horríveis fileiras de casas e lembrar como o mesmo sol um dia brilhou dentro do meu quarto e me acordou... Eu faria até isso para salvar ela!

Afundada nas pedras, ela as agarrou com ambas as mãos e apertou como se fosse moê-las. Estava sempre mudando de posição: enrijecendo

os braços, retorcendo-os diante do rosto, como se quisesse apagar dos olhos a pouca luz que havia neles, e baixava a cabeça, como se pesasse com lembranças insuportáveis.

– O que eu posso fazer? – disse ela, lutando com seu desespero. – Como posso continuar desse jeito, uma praga solitária para mim mesma, uma desonra viva para cada um que chega perto de mim! – De repente, voltou-se para meu companheiro. – Pise em cima de mim, me mate! Quando ela era seu orgulho, o senhor acharia que eu faria mal para ela só de encostar nela na rua. Não deve acreditar – por que acreditaria?–, em nem uma palavra que sai da minha boca. Seria uma tremenda vergonha para o senhor, mesmo agora, se ela trocasse uma palavra comigo. Eu não me queixo. Não digo que ela e eu somos iguais, sei que existe uma imensa diferença entre nós duas. Só digo, com toda a minha culpa e desgraça em cima da minha cabeça, que sou agradecida a ela do fundo do coração, que tenho muito amor por ela. Ah, não pense que toda a capacidade que eu tinha de amar alguma coisa se acabou! Me jogue fora, como todo mundo joga. Me mate por ser quem eu sou e ter conhecido ela um dia, mas não pense isso de mim!

Enquanto ela fazia essa súplica, ele olhava para ela com uma expressão loucamente perturbada; e quando ela se calou, ergueu-a com delicadeza.

– Martha – disse o sr. Peggotty. – Deus que me perdoe se eu julgo você. Deus me livre que justo eu faça uma coisa dessas, minha filha! Você não imagina nem metade do quanto que eu mudei com o passar do tempo. Bom! – Parou um momento, e continuou. – Você não imagina o quanto este cavalheiro aqui e eu queremo falar com você. Você não entende o que a gente tem pela frente. Agora, escute!

Sua influência sobre ela foi completa. Ela se imobilizou, encolhida à frente dele, como se tivesse medo de encontrar seu olhar, mas sua tristeza apaixonada estava calada, muda.

– Se você ouviu – disse o sr. Peggotty – um pouquinho do que a gente conversou, o seu Davy e eu, naquela noite em que nevou tão forte, sabe como eu fui longe e até onde eu fui, procurando minha sobrinha querida. Minha sobrinha querida – ele repetiu com firmeza. – Porque ela agora é

mais querida pra mim, Martha, do que nunca foi antes.

Ela cobriu o rosto com as mãos, mas permaneceu calada.

– Eu ouvi ela contar – disse o sr. Peggotty – que você muito nova perdeu pai e mãe, sem nenhum amigo pra ficar no lugar deles, no meio daqueles marinheiro duro. Você deve saber que se tivesse um amigo assim, tinha ficado gostando dele com o passar do tempo, do mesmo jeito que a minha sobrinha era como uma filha pra mim.

Como ela estava tremendo em silêncio, ele arrumou o xale cuidadosamente em torno dela, depois de pegá-lo do chão para isso.

– De forma que eu sei – disse ele – que ela era capaz de ir até o fim do mundo se pudesse me ver outra vez, e ao mesmo tempo era capaz de fugir até o fim do mundo pra não me ver. Porque mesmo não duvidando do meu amor, e ela não duvida... não duvida... – ele repetiu com serena segurança da verdade do que dizia –, a vergonha entra no meio e separa nós dois um do outro.

Identifiquei em cada palavra de sua maneira clara e impressionante de se expressar novas provas de que ele havia ponderado essa questão sob todos os aspectos.

– Pelo que a gente calcula – continuou –, o seu Davy aqui e eu, pode ser que ela um dia venha sozinha pra Londres. A gente acha, seu Davy, eu, nós dois, que você é tão inocente como um bebê antes de nascer de tudo o que aconteceu com ela. Falou que ela agradou você, que foi boa, delicada. Deus que abençoe, eu sei que foi! Sei que sempre foi, com todo mundo. Você é agradecida e ama ela. Ajude de todo jeito que puder a gente encontrar a Em'ly e o céu há de te pagar!

Ela olhou para ele de repente e, pela primeira vez, como se não entendesse bem o que ele dizia.

– Vai confiar em mim? – ela perguntou, com a voz baixa de perplexidade.

– Em tudo e por tudo! – disse o sr. Peggotty.

– Quer que eu fale com ela, se encontrar. Que dê abrigo se tiver abrigo pra dividir com ela. E depois, sem ela saber, que eu procure o senhor e leve ela pro senhor? – perguntou, apressada.

Nós dois respondemos juntos:

– Isso!

Ela ergueu os olhos e declarou solenemente que ia se dedicar à tarefa com ardor, com lealdade. Que não fraquejaria, não se distrairia, não desistiria, enquanto houvesse alguma possibilidade de esperança. Que, se não fosse fiel à promessa e se o objetivo que tinha agora na vida e que a ligava a algo desprovido de mal se afastasse dela, ficaria ainda mais desamparada, mais desesperada do que estava na margem do rio aquela noite, se isso fosse possível, e que então, toda ajuda, humana e divina, a abandonassem para todo o sempre!

Ela não ergueu a voz acima de um sussurro, nem se dirigiu a nós, mas disse isso ao céu noturno e ficou profundamente recolhida olhando a água sombria.

Julgamos então adequado contar-lhe tudo o que sabíamos, e narrei em detalhes. Ela ouviu com grande atenção e com um rosto que mudava várias vezes, mas sempre com a mesma determinação em todas as suas diversas expressões. Seus olhos às vezes se enchiam de lágrimas que ela reprimia. A impressão é que seu espírito estava bastante alterado, e que ela não poderia estar mais calada.

Quando terminei de contar, ela perguntou onde deveria entrar em contato se surgisse a ocasião. À luz turva da rua, anotei dois endereços numa folha de minha caderneta, que arranquei e dei a ela, que a guardou no seio. Perguntei onde ela morava. Depois de uma pausa, nada prolongada, ela contou onde. Era melhor não ter sabido.

Num sussurro, o sr. Peggotty me sugeriu o que já me havia ocorrido, e abri minha bolsa. Mas não consegui fazer com que aceitasse dinheiro, nem pude extrair dela a promessa de que fosse aceitá-lo outra hora. Expliquei a ela que o sr. Peggotty não era, de forma nenhuma, um homem pobre, e que a ideia de envolvê-la nessa busca contando com seus próprios recursos nos era chocante. Ela continuou recusando. Nesse particular, a influência dele sobre ela era tão impotente quanto a minha. Ela agradeceu muito a ele, mas continuou irredutível.

– Dá pra encontrar trabalho – disse ela. – Eu vou tentar.

– Pelo menos aceite uma ajuda – insisti – até você tentar.

– Não posso fazer o que prometi em troca de dinheiro – ela respondeu. – Não posso aceitar, mesmo que estivesse morrendo de fome. Me dar dinheiro seria retirar sua confiança, retirar o presente que me deram, retirar a única coisa certa que me salva do rio.

– Em nome do grande Juiz – disse eu –, na frente do qual você e todos nós teremos de nos apresentar um dia, afaste essa ideia terrível! Nós todos somos capazes de fazer algum bem, se quisermos!

Ela tremeu, seu lábio estremeceu, seu rosto ficou mais pálido ao responder:

– De coração, acho que os senhores estão querendo salvar uma pobre criatura. Me dá medo pensar nisso, parece muita ousadia. Se eu fizer algum bem, posso começar a ter esperança, porque até hoje não fiz nada além de destruir com tudo o que eu faço. Pela primeira vez em muito tempo, na minha vida miserável, mereço confiança, por conta do que os senhores me pediram pra tentar. Não sei de mais nada, e não posso dizer mais nada.

Outra vez ela reprimiu as lágrimas que tinham começado a correr, e estendendo a mão trêmula, tocou o sr. Peggotty como se houvesse nele alguma virtude curativa, e afastou-se pela rua desolada. Provavelmente estava doente havia muito tempo. Observei, com essa oportunidade de observar mais de perto, que estava desgastada e abatida e que os olhos fundos expressavam privação e dificuldades.

Nós a seguimos um breve trecho, uma vez que íamos na mesma direção, até voltarmos às ruas iluminadas e populosas. Eu tinha tamanha confiança implícita em sua declaração que perguntei então ao sr. Peggotty se não daria a impressão de que desconfiávamos dela se a seguíssemos por mais tempo. Como ele pensava da mesma forma e confiava igualmente nela, deixamos que entrasse em sua própria rua e seguimos para a nossa, na direção de Highgate. Ele me acompanhou uma boa parte do trajeto, e quando nos separamos, com uma prece pelo sucesso desse esforço, havia nele uma nova e pensativa compaixão que não deixei de notar.

Era meia-noite quando cheguei em casa. Estava diante do meu portão e parei para ouvir o sino grande da Saint Paul, cujo som eu achava

chegar a mim através de uma infinidade de relógios batendo as horas, quando muito me surpreendi ao ver que a porta do chalé de minha tia estava aberta e uma tênue luz da entrada se projetava na rua.

Achando que minha tia podia ter voltado a ter mais um de seus antigos alarmes e estar observando o desenrolar de alguma conflagração imaginária à distância, fui falar com ela. Foi com grande surpresa que vi um homem parado em seu pequeno jardim.

Tinha uma garrafa e um copo na mão e estava bebendo. Parei entre a densa folhagem, pois a lua havia surgido, embora escura, e reconheci o homem que um dia achei ser uma ilusão do sr. Dick e que se encontrara com minha tia uma vez na rua da cidade.

Estava comendo, além de beber, e parecia comer com muita fome. Parecia também olhar com curiosidade o chalé, como se fosse a primeira vez que o via. Depois de se abaixar para pôr a garrafa no chão, ele olhou as janelas e olhou em torno, embora tivesse um ar secreto e impaciente, como se estivesse ansioso para ir embora.

A luz do corredor escureceu por um momento e minha tia saiu. Estava agitada, com algum dinheiro na mão. Ouvi o tilintar.

– O que adianta isso? – ele perguntou.

– Não tenho mais nada – minha tia respondeu.

– Então não posso ir embora – disse ele. – Tome! Pegue de volta!

– Que homem mau – disse minha tia, com grande emoção. – Como pode me usar assim? Mas por que eu pergunto? É porque sabe como sou fraca! O que tenho de fazer para me livrar das suas visitas, senão abandonar você nos seus desertos?

– E por que não me abandona nos meus desertos? – ele perguntou.

– *Você* pergunta por quê? – minha tia retorquiu. – Que coração você deve ter!

Ele ficou mal-humorado agitando o dinheiro, sacudindo a cabeça, até por fim dizer:

– Então é só isso aqui que vai me dar?

– É só isso que *posso* dar – disse minha tia. – Você sabe que tive perdas e estou mais pobre que antes. Já te contei. Sabendo disso, por que me

obriga a olhar para você mais um momento e ver no que se transformou?

– Me transformei num farrapo, se é isso que quer dizer – disse ele. – Vivo feito uma coruja.

– Você tirou de mim a maior parte de tudo o que tive – disse minha tia. – Trancou meu coração contra o resto do mundo por anos e anos. Me tratou com falsidade, ingratidão, crueldade. Vá e se arrependa. Não aumente ainda mais a longa lista de injúrias que já me fez!

– Sei! – ele respondeu. – Tudo bem! É! Acho que vou ter de me virar com isso por enquanto.

Sem querer, ele pareceu embaraçado com as lágrimas indignadas de minha tia e saiu cambaleando do jardim. Com dois ou três passos, como se estivesse chegando, cruzei com ele no portão e entrei quando ele saiu. Nos olhamos de perto ao passar e sem simpatia.

– Tia – eu disse depressa. – Esse homem está incomodando a senhora de novo! Me deixe falar com ele. Quem é?

– Filho – minha tia falou, pegando meu braço –, entre e não fale comigo durante dez minutos.

Sentamos na saletinha dela. Minha tia se retirou para trás do anteparo verde redondo dos velhos tempos que estava aparafusado no encosto da cadeira. Durante uns quinze minutos, enxugava os olhos de vez em quando. Quando saiu, sentou-se a meu lado.

– Trot – disse minha tia, calmamente –, ele é meu marido.

– Seu marido, tia? Achei que tinha morrido!

– Morreu para mim – ela respondeu –, mas está vivo.

Fiquei sentado em silenciosa perplexidade.

– Betsey Trotwood não parece um personagem provável para uma terna paixão – disse minha tia, controlada –, mas houve um tempo, Trot, em que ela acreditou nesse homem absolutamente. Em que amou muito esse homem, Trot. Em que não havia prova de fidelidade e afeto que ela não desse a ele. Ele retribuiu arruinando sua fortuna e quase arruinando seu coração. Então ela enterrou todo esse tipo de sentimento de uma vez por todas, tapou e cobriu.

– Minha tia querida!

– Deixei esse homem – prosseguiu minha tia, pousando como sempre a sua mão no dorso da minha – com generosidade. Posso dizer, depois de todo esse tempo, Trot, que fui generosa. Ele havia sido tão cruel comigo que eu podia ter conseguido uma separação em termos favoráveis para mim. Mas não fiz isso. Ele logo dissipou tudo o que dei a ele, afundou mais e mais, casou com outra mulher, acredito, virou um aventureiro, jogador, mentiroso. Que é o que é agora, você viu. Mas era um homem bonito quando casei com ele – disse minha tia com um eco de seu velho orgulho e admiração na voz. – E acreditei... eu era uma idiota... que ele era a própria alma da honra!

Apertou minha mão e sacudiu a cabeça.

– Ele não significa nada para mim agora, Trot, menos que nada. Mas em vez de fazer com que seja castigado por seus crimes (como seria se espreitasse por aqui), dou para ele mais dinheiro do que posso, quando aparece, a intervalos, para que vá embora. Fui uma idiota quando casei com ele; e sou até hoje uma idiota incurável nessa questão, pois, por causa do que acreditei que ele fosse um dia, não permitiria que nem uma sombra de meu capricho fosse tratada com dureza. Porque me empenhei, Trot, se uma mulher algum dia se empenhou.

Minha tia encerrou o assunto com um suspiro pesado e ajeitou o vestido.

– Pronto, meu querido! – disse ela. – Agora, você sabe o começo, o meio e o fim, sabe tudo a respeito. Nunca mais vamos falar do assunto entre nós, nem, é claro, mencionar para mais ninguém. Essa é a minha história ranzinza e desmazelada, e fica entre nós, Trot!

XLVIII

Doméstico

Trabalhei duro em meu livro, sem permitir que interferisse no pontual cumprimento de meus deveres no jornal, e ele foi publicado com muito sucesso. Não me deixei seduzir pelos elogios que soaram em meus ouvidos, embora tivesse ficado muito animado com eles e apreciasse minha própria realização mais do que ninguém, sem dúvida. Em minha observação da natureza humana, sempre soube que um homem que tem alguma boa razão para acreditar em si mesmo não deve se exibir diante dos outros para que acreditem nele. Por essa razão, me conservei modesto a respeito de mim mesmo, e quanto mais elogios recebia, mais fazia por merecê-los.

Não é meu propósito, neste registro, embora sob todos os outros aspectos sejam as minhas memórias, narrar a história de meus romances. Eles se exprimem sozinhos, e deixo-os por sua própria conta. Quando me refiro a eles casualmente é apenas como parte do meu desenvolvimento.

Tendo alguma base para acreditar, a essa altura, que a natureza e o acaso haviam feito de mim um autor, segui minha vocação com confiança. Sem tal segurança, por certo a teria abandonado e empenhado minha energia em alguma outra atividade. Devo ter tentado descobrir por que a natureza e o acaso realmente me levaram a fazer aquilo, e não qualquer outra coisa.

Eu vinha escrevendo no jornal e em outras publicações com resultados tão bons que, quando atingi meu novo sucesso, considerei razoável que tivesse o direito de escapar dos debates cansativos. Portanto, uma bela noite, anotei a música das gaitas de foles parlamentares uma última vez e nunca mais ouvi falar daquilo, embora eu ainda identifique o velho bordão nos jornais, sem nenhuma variação substancial (a não ser, talvez, a maior frequência) durante toda a longa

sessão.

Escrevo agora sobre o momento em que estava casado, creio, havia cerca de um ano e meio. Depois de diversos experimentos, desistimos dos cuidados da casa como um trabalho complicado. A casa cuidava de si mesma, e tínhamos um pajem. A função principal desse funcionário era ralhar com a cozinheira, atividade em que ele era um perfeito Whittington, sem seu gato, nem a mais remota chance de vir a ser lorde prefeito.{39}

Ele me parecia ter passado a vida numa saraivada de tampas de caçarolas. Sua existência toda era uma escaramuça. Gritava pedindo socorro nas ocasiões mais impróprias, quando dávamos um pequeno jantar, ou recebíamos amigos à noite, e saía cambaleando da cozinha com mísseis metálicos voando atrás dele. Queríamos nos livrar dele, mas era muito ligado a nós e não ia embora. Era um rapaz choroso e irrompeu em lamentos tão deploráveis quando insinuamos um fim de nossa relação que nos vimos obrigados a ficar com ele. Não tinha mãe, nem nada semelhante a parentes que eu soubesse, a não ser uma irmã, que fugiu para os Estados Unidos no momento em que o tiramos de suas mãos e ele passou a morar conosco como um horrível enjeitado. Ele tinha uma viva percepção de sua infeliz condição, e estava sempre esfregando os olhos com a manga do paletó e se curvando para assoar o nariz com uma pontinha de um lenço que *nunca* tirava completamente do bolso, mas sempre poupava e escondia.

Esse pajem infeliz, contratado em mau momento a seis libras e dez xelins anuais, foi uma fonte de problemas contínuos para mim. Eu o via crescer, e ele crescia como um pé de feijão – eu tinha dolorosas apreensões sobre o momento em que começaria a se barbear; até mesmo dos dias em que ficaria careca ou grisalho. Não via nenhuma perspectiva de me livrar dele um dia e, projetando no futuro, eu costumava pensar na inconveniência que ele seria quando velho.

Nunca esperei nada menos do que essa infeliz maneira de sair dessa dificuldade. Ele roubou o relógio de Dora, que, assim como tudo o que era nosso, não tinha lugar certo, e, transformando-o em dinheiro, gastou o produto (sempre foi uma rapaz de índole perversa) em passeios para

cima e para baixo entre Londres e Uxbridge na parte aberta da diligência. Pelo que me lembro, ao fim de sua décima quinta viagem, foi levado à delegacia da Bow Street, onde encontraram em seu poder quatro xelins e seis pence e um pífano de segunda mão que ele não sabia tocar.

A surpresa e suas consequências teriam sido muito menos desagradáveis para mim se ele não fosse tão penitente. Mas foi mesmo muito penitente e de um jeito peculiar – não de uma só vez, mas em prestações. No dia seguinte ao que fui obrigado a depor contra ele, por exemplo, fez certas revelações referentes a uma cesta no porão, que acreditávamos estar cheia de vinho, mas que não continha nada além de garrafas e rolhas. Achamos que tinha assim aliviado sua consciência e contado o pior que sabia sobre a cozinheira; mas um ou dois dias depois, sua consciência o atormentou outra vez e ele revelou que a cozinheira tinha uma filha pequena que toda manhã, bem cedo, roubava o nosso pão; e também como ele próprio havia sido subornado a fornecer carvão ao leiteiro. Mais dois ou três dias e fui informado pelas autoridades que ele havia levado à descoberta de pedaços de carne entre os pertences de cozinha e de lençóis no cesto de lixo. Um pouquinho depois, ele revelou uma pista completamente nova e confessou que sabia das intenções de roubo de nossa casa por parte do garçom que foi preso na mesma hora. Comecei a ficar tão envergonhado de ser tamanha vítima que daria qualquer dinheiro do mundo para fechar sua boca, ou teria oferecido uma boa propina para que pudesse fugir. O que complicava o caso era que ele não tinha nenhuma intenção disso, mas considerava que estava me compensando a cada nova descoberta: para não dizer que acumulava créditos comigo.

Por fim, eu próprio fugia sempre que via um emissário da polícia se aproximando com alguma nova informação, e vivi uma vida escondida até ele ser julgado e condenado à deportação. Mesmo assim, ele não ficou quieto, estava sempre escrevendo cartas e queria muito que Dora fosse vê-lo antes de ir embora, Dora foi visitá-lo, e desmaiou quando se viu atrás das grades. Em resumo, não tive paz na vida até ele ser expatriado e transformado (como soube depois) em pastor de ovelhas em algum lugar no norte do país, não faço nenhuma ideia geográfica de onde.

Tudo isso me levou a algumas sérias reflexões e revelou um novo aspecto de nossos erros, como não pude deixar de comunicar a Dora uma noite, apesar de minha ternura por ela.

– Meu amor – eu disse –, é muito doloroso para mim pensar que nossa falta de organização e administração envolva não apenas nós dois (coisa a que já estamos acostumados), mas outras pessoas também.

– Você ficou tanto tempo quieto e agora vai se zangar! – disse Dora.

– Não, meu bem, não mesmo! Deixe eu explicar o que quero dizer.

– Acho que não quero saber – disse Dora.

– Mas eu quero que você saiba, meu amor. Ponha o Jip no chão.

Dora encostou o focinho dele no meu nariz e disse "Buh!" para afastar minha seriedade, mas como não conseguiu, mandei o cachorro para seu pagode, e ela se sentou olhando para mim, as mãos cruzadas e uma expressão muito resignada no rosto.

– O fato é, meu bem – comecei –, que somos contagiosos. Contaminamos todo mundo à nossa volta.

Eu continuaria nessa linha figurativa se o rosto de Dora não me advertisse de que ela estava se perguntando se eu ia propor algum novo tipo de vacina ou algum outro remédio para o nosso estado insalubre. Então me contive e deixei mais claro o que pretendia dizer.

– Não se trata apenas, minha querida – disse eu –, de perdermos dinheiro e conforto e mesmo o humor algumas vezes, por não termos cuidado, mas de incorrer na séria responsabilidade de estragar todo mundo que vem trabalhar para nós ou que tenha qualquer negócio conosco. Começo a temer que o erro não esteja só de um lado, mas que essas pessoas acabem se comportando mal porque nós mesmos não nos comportamos bem.

– Ah, que acusação – Dora exclamou, arregalando os olhos –, dizer que me viu alguma vez roubando relógios de ouro! Ah!

– Minha adorada – protestei –, nem fale uma coisa tão ridícula! Quem está fazendo a menor menção a relógios de ouro?

– Você – Dora respondeu. – Você sabe que fez. Disse que não me comporto bem, e me comparou com ele.

– Com quem? – perguntei.

– Com o pajem – Dora soluçou. – Ah, como você é cruel, comparar sua esposa amorosa a um pajem expatriado! Por que não disse o que pensava de mim antes de a gente se casar? Por que não disse, homem de coração duro, que acreditava que eu era pior do que um pajem expatriado? Ah, que opinião horrível você tem de mim! Ah, meu Deus!

– Por favor, Dora, meu amor – retorqui, tentando com delicadeza remover o lenço que ela apertava aos olhos –, isso não só é ridículo da sua parte, como completamente errado. Em primeiro lugar, não é verdade.

– Você sempre disse que ele inventava coisas – Dora soluçou. – E agora diz a mesma coisa de mim! Ah, o que devo fazer? O que devo fazer?

– Minha querida mulher – retorqui –, tenho de realmente pedir que seja razoável e escute o que eu disse e digo. Minha querida Dora, a menos que a gente aprenda a cumprir nosso dever com quem empregamos, eles não vão aprender a cumprir o dever deles conosco. Acho que criamos condições para as pessoas agirem mal, condições que não deviam ser criadas. Mesmo que fosse por escolha própria que fôssemos tão relaxados em nossos arranjos, e não é, mesmo que a gente achasse agradável ser relaxados assim, e não achamos, estou convencido de que não temos o direito de continuar desse jeito. Estamos decididamente corrompendo as pessoas. Temos de pensar nisso. Não posso deixar de pensar nisso, Dora. É uma reflexão que não consigo deixar de lado, e que às vezes me deixa inquieto. É isso, meu bem, isso é tudo. Agora chega! Não seja boba!

Mas durante um bom tempo Dora não deixou que eu tirasse o lenço de seu rosto. Soluçava, murmurava atrás dele que, se tinha inquietações, por que havia me casado? Por que não tinha dito, nem que fosse na véspera de ir à igreja, que sabia que ia me inquietar e que não queria isso? Se não a suportava, por que não a mandava embora para a casa das tias em Putney, ou para a de Julia Mills na Índia? Julia gostaria de recebê-la e não ia considerá-la um pajem expatriado, Julia nunca a havia chamado de nada desse tipo. Em resumo, Dora estava tão aflita, e me afligiu a tal ponto por estar assim, que senti que não adiantava insistir

nesse tipo de esforço, mesmo com toda a delicadeza, e que eu devia tomar algum outro rumo.

Que outro rumo me restava? “Educar Dora”? Era um lugar-comum que tinha ressonâncias severas e promissoras, e resolvi educar Dora.

Comecei imediatamente. Quando Dora era muito infantil e eu teria preferido mil vezes mimá-la, tentava ficar sério, e desconcertava a ela e a mim também. Conversava com ela sobre as questões que ocupavam meus pensamentos; lia Shakespeare para ela e a fatigava até o último grau. Costumava lhe dar, como se fosse por acaso, pequenas informações úteis, ou opiniões sólidas: e ela se sobressaltava quando eu fazia isso, como se fossem fogos de artifício. Por mais casual ou naturalmente que eu tentasse educar o espírito de minha pequena esposa, não podia deixar de notar que ela possuía uma percepção instintiva do que eu tentava fazer, e se enchia das mais perspicazes apreensões. Ficou particularmente claro para mim que ela achava Shakespeare um sujeito terrível. Sua educação progrediu muito devagar.

Convoquei Traddles ao serviço, sem o conhecimento dele, e sempre que vinha nos ver, eu explodia minhas minas em cima dele para a edificação de Dora indiretamente. A quantidade de conhecimento prático que passei a Traddles desse jeito foi enorme e da melhor qualidade, mas não teve sobre Dora nenhum efeito além de abater seu espírito e deixá-la sempre nervosa com o horror de que ela seria a próxima. Me vi na condição de um mestre-escola, de uma cilada, de um alçapão, sempre no papel de aranha para a mosca que era Dora e sempre saltando do centro da teia para infinita perturbação dela.

Mesmo assim, insistindo nessa etapa intermediária à espera do momento em que houvesse um perfeito entendimento entre mim e Dora, quando teria “educado seu espírito” para meu pleno contentamento, perseverei durante meses. Porém, ao descobrir, por fim, que embora eu tivesse sido todo esse tempo um verdadeiro porco-espinho ou ouriço todo espetado de determinação sem chegar a lugar nenhum, começou a me ocorrer que talvez o espírito de Dora já estivesse educado.

Refletindo mais a respeito, isso me pareceu tão provável que abandonei meu esquema que tinha parecido melhor em palavras que em

atos, decidindo doravante me satisfazer com minha filhesposa e tentar não mudá-la em nada por meio de nenhum processo. Estava profundamente cansado de ser sagaz e prudente e de ver minha querida sob pressão, de forma que comprei um lindo par de brincos para ela, uma coleira para Jip, e nesse dia voltei para casa para me fazer agradável.

Dora ficou felicíssima com os presentinhos e me beijou com alegria, mas havia uma sombra entre nós, mesmo que ligeira, e eu tinha decidido internamente que não devia haver sombra nenhuma. Se tivesse de haver sombra em alguma parte, eu a guardaria dentro do peito por todo o futuro.

Sentei ao lado de minha esposa no sofá e pus os brincos em suas orelhas. Depois, disse-lhe que temia não termos sido muito boa companhia um para o outro ultimamente e que a culpa era minha. Coisa que eu sentia de fato e que era mesmo.

– A verdade, Dora, minha vida – disse eu –, é que eu estava tentando ser esperto.

– E me deixar esperta também – disse Dora, timidamente. – Não foi isso, Doady?

Assenti com a cabeça às lindas sobrancelhas erguidas em interrogação e beijei os lábios entreabertos.

– Não adianta nada – disse Dora sacudindo a cabeça até os brincos tilintarem. – Você sabe a pessoa miúda que sou, e como pedi que me chamasse desde o começo. Se você não conseguir, tenho medo de que nunca venha a gostar de mim. Tem certeza de que não acha, às vezes, que teria sido melhor...

– O quê, meu bem? – Pois ela não fez nenhum esforço para continuar.

– Nada! – disse Dora.

– Nada? – repeti.

Ela passou os braços por meu pescoço e riu, chamou a si mesma por seu apelido favorito e escondeu o rosto em meu ombro numa tal profusão de cachos que foi uma tarefa e tanto afastá-los para ver de novo.

– Se eu não acho que teria sido melhor não fazer nada além de tentar educar o espírito de minha esposinha? – perguntei, rindo de mim mesmo. – É essa a pergunta? Acho, sim.

– Era isso que você estava tentando? – Dora exclamou. – Ah, que chocante!

– Mas nunca mais vou tentar – eu disse. – Porque amo minha esposa como ela é.

– Sem fazer história... mesmo? – Dora perguntou, se encostando mais em mim.

– Por que eu haveria de mudar – disse eu – o que é tão precioso para mim há tanto tempo? Você nunca será melhor do que o seu natural, minha doce Dora, e não vamos tentar mais nenhuma experiência presunçosa. Vamos voltar ao nosso velho jeito e ser felizes.

– E ser felizes! – Dora respondeu. – Isso! O dia inteiro! E você não vai ligar se as coisas saírem um pouquinho de nada erradas às vezes?

– Não, não – eu disse. – Vamos fazer o melhor possível.

– E você não vai mais me dizer que nós estragamos os outros – Dora reclamou –, vai? Porque sabe que é muito feio dizer isso.

– Não, não – disse eu.

– É melhor eu ser boba do que incômoda, não é? – Dora perguntou.

– É melhor ser naturalmente Dora do que qualquer outra coisa no mundo.

– No mundo! Ah, Doady, é um lugar muito grande!

Ela sacudiu a cabeça, voltou os olhos brilhantes e satisfeitos para mim, me beijou, irrompeu numa risada alegre e saiu para pôr a coleira nova em Jip.

Assim terminou minha tentativa de produzir qualquer mudança em Dora. Fui infeliz na tentativa; não conseguia suportar minha solitária sabedoria; não conseguia harmonizá-la com a atração anterior dela sobre mim como minha filhesposa. Resolvi fazer o que eu fosse capaz de fazer sozinho, discretamente, para melhorar nossas atitudes, mas previa que o meu máximo seria muito pouco ou teria de degenerar em aranha outra vez e estar sempre à espreita.

E a sombra que mencionei que não deveria mais estar entre nós, mas jazer inteiramente em meu coração? Como ela desapareceu?

A velha sensação de infelicidade impregnava minha vida. Estava mais profunda se é que havia sofrido alguma mudança, mas era tão indefinida como sempre e me tocava como uma música triste ouvida tenuemente na noite. Eu amava minha esposa com ternura e era feliz, mas a felicidade que eu havia esperado vagamente, um dia, não era a felicidade que eu gozava, e sempre faltava alguma coisa.

Cumprindo o trato que fiz comigo mesmo de refletir sobre minhas ideias neste trabalho, eu as examino de novo, de perto, e trago à luz seus segredos. O que eu havia perdido, ainda considero – e sempre considerei – era um sonho caprichoso de juventude; impossível de se realizar; coisa que eu agora descobria, com alguma dor, naturalmente, como todos os homens. Mas que teria sido melhor para mim se minha esposa pudesse ter me ajudado mais e compartilhado meus pensamentos para os quais não tinha parceiro, e que isso teria sido possível, eu sabia.

O estranho é que eu me equilibrava entre estas duas conclusões inconciliáveis: na primeira, o que sentia era geral e inevitável; na outra, só dizia respeito a mim e podia ter sido diferente. Quando eu pensava nos sonhos etéreos da juventude, impossíveis de realizar, lembrava os tempos melhores que precederam a idade adulta, e que eu havia superado; depois, os dias alegres com Agnes, na velha casa querida, surgiam diante de mim como espectros dos mortos que podiam se renovar no outro mundo, mas nunca, nunca mais se reanimar aqui.

Às vezes, especulações se intrometiam em meus pensamentos: o que podia ter acontecido, ou o que teria acontecido, se Dora e eu não tivéssemos nos conhecido? Mas ela estava de tal forma incorporada à minha existência que essa era a mais tola das fantasias, e logo sumia de alcance e de visão, como gaze flutuando ao vento.

Eu sempre a amei. O que estou descrevendo, dormia, semiacordava e dormia de novo, nos recessos mais íntimos de minha mente. Não havia sinais disso em mim; não sei de nenhuma influência que possa ter exercido em coisa alguma que eu tenha dito ou feito. Eu arcava com o peso de todas as nossas pequenas preocupações, e de todos os meus

projetos; Dora segurava as canetas, e nós dois sentíamos que nossas partes se ajustavam ao que o caso exigia. Ela gostava realmente de mim, e tinha orgulho de mim; e quando Agnes escreveu em suas cartas a Dora umas poucas palavras sinceras sobre o orgulho e interesse com que meus velhos amigos ouviam falar de minha fama crescente e liam meus livros como se me ouvissem narrando seu conteúdo, Dora as lia para mim com lágrimas de alegria nos olhos brilhantes e dizia que eu era um querido rapaz inteligente e famoso.

"O primeiro impulso errado de meu indisciplinado coração." Essas palavras da sra. Strong me voltavam constantemente, nessa época, estavam quase sempre presentes em minha mente. Muitas vezes, acordava com elas durante a noite. Me lembro até de tê-las lido, em sonho, escritas na parede da casa. Porque eu sabia agora que meu próprio coração era indisciplinado quando amou Dora pela primeira vez; e que, se tivesse sido disciplinado, nunca poderia ter sentido, quando nos casamos, o que sentiu no segredo de sua experiência.

"Não pode haver maior disparidade no casamento do que a incompatibilidade de ideias e objetivos." Essas palavras eu lembrava também. Tinha me empenhado em adaptar Dora a mim, e descobrira que era impraticável. Restava a mim adaptar-me a Dora, compartilhar com ela o que pudesse, e ser feliz; carregar em meus próprios ombros o que eu devesse carregar, e ainda assim ser feliz. Era essa a disciplina que tentava impor a meu coração, quando comecei a pensar. Isso tornou meu segundo ano muito mais feliz que o primeiro e, melhor ainda, deixou a vida de Dora ensolarada.

Mas, com o correr do ano, Dora não se fortaleceu. Eu havia esperado que mãos mais leves que as minhas pudessem moldar seu caráter, e o sorriso de um bebê em seu seio pudesse transformar minha filhesposa em uma mulher. Mas não era para ser. O espírito adejou por um momento no limiar de sua pequena prisão e, inconsciente de seu cativeiro, abriu as asas.

– Quando eu puder correr de novo, como antes, tia – Dora disse –, vou levar Jip para correr. Ele está ficando lento e preguiçoso.

– Desconfio, meu bem – disse minha tia, costurando calmamente ao

lado dela –, que se trata de uma limitação pior do que isso. A idade, Dora.

– Acha que ele está velho? – Dora perguntou, assombrada. – Ah, que estranho que Jip esteja velho!

– É uma queixa a que estamos todos sujeitos, Minha Pequena, com o correr da vida – disse minha tia, alegremente. – Não me sinto mais livre hoje do que me sentia antes, garanto a você.

– Mas o Jip – disse Dora olhando para ele com compaixão –, até o Jip! Ah, coitadinho!

– Acho que ele ainda vai viver muito tempo, minha flor – disse minha tia, acariciando o rosto de Dora, que reclinara na beira do sofá para olhar Jip, que reagiu empinando nas patas traseiras e emitindo várias tentativas asmáticas de latir sacudindo cabeça e ombros. – Ele precisa de um pedaço de flanela na casa dele este inverno, e não vai me admirar se sair de novo bem renovado com as flores na primavera. Bendito seja o cachorrinho! – minha tia exclamou. – Se tivesse tantas vidas como um gato e estivesse a ponto de perder todas, acho que mesmo assim ia latir para mim com seu último suspiro!

Dora o ajudara a subir no sofá; onde ele realmente estava desafiando minha tia a tal ponto, que não conseguia ficar direito e latia de lado. Quanto mais minha tia olhava para ele, mais ele a estranhava, pois ela havia passado a usar óculos, e por alguma razão insondável ele achava os óculos ofensivos.

Dora fez com que deitasse ao lado dela com uma boa dose de persuasão, e quando ele se aquietou, alisou repetidamente uma de suas orelhas compridas com a mão, repetindo, pensativa:

– Até o coitadinho do Jip! Pobrezinho!

– Ele ainda está bem bom dos pulmões – minha tia disse, alegremente –, e seus desafetos não são nada fracos. Ainda tem muitos anos pela frente, sem dúvida. Mas se você quer um cachorro para correr com você, minha flor, para isso ele já viveu demais, e lhe dou outro de presente.

– Obrigada, tia – Dora disse, com voz fraca. – Mas não, por favor!

– Não? – perguntou minha tia, tirando os óculos.

– Não poderia ter outro cachorro além de Jip – disse Dora. – Seria

muito indelicado com Jip! Além disso, não conseguiria ser tão amiga de nenhum outro cachorro além de Jip, porque não teria me conhecido antes de eu casar e não teria latido para Doady quando ele veio em casa pela primeira vez. Acho que não vou querer nenhum outro cachorro além de Jip, tia.

– Claro! – minha tia respondeu, acariciando seu rosto outra vez. – Tem razão.

– Não fica ofendida, não é? – Dora perguntou.

– Ora, que encanto você é! – minha tia exclamou, inclinando-se afetuosamente sobre ela. – Imagine se eu ia me ofender!

– Não, não achei mesmo que fosse – Dora replicou –, mas estou um pouco cansada e fiquei meio boba por um momento, sou sempre meio boba, a senhora sabe, mas falar sobre Jip me deixou mais boba ainda. Ele sabe tudo o que aconteceu comigo na vida, não sabe, Jip? E eu não poderia magoar o coitado só porque está um pouco alterado, não é, Jip?

Jip se aninhou mais junto da dona e lambeu sua mão, preguiçoso.

– Você não é tão velho, Jip, a ponto de largar a sua dona, não é? – Dora perguntou. – Ainda podemos ficar juntos mais um pouquinho!

Minha linda Dora! Quando ela desceu para jantar no domingo seguinte e ficou tão contente de encontrar o velho Traddles (que sempre jantava conosco aos domingos), pensamos que ela estaria "correndo por aí como sempre" dentro de alguns dias. Mas disseram para esperar mais alguns dias, depois esperar mais alguns, e ela ainda não podia correr, nem andar. Estava muito linda e muito alegre, mas os pezinhos que costumavam ser tão ágeis quando dançava em torno de Jip estavam amortecidos, imóveis.

Comecei a levá-la carregada para o andar de baixo toda manhã e para cima toda noite. Ela se agarrava ao meu pescoço e ria o tempo todo, como se eu fizesse isso por brincadeira. Jip latia e pulava em torno de nós, seguia na frente, olhava para trás no patamar, com a respiração curta, para ver se estávamos chegando. Minha tia, a melhor e mais alegre das enfermeiras, se arrastava atrás de nós, uma massa semovente de xales e almofadas. O sr. Dick não renunciaria a seu posto de portador da vela para ninguém no mundo. Traddles muitas vezes estava ao pé da escada,

olhando, e se encarregando de levar mensagens animadoras para a melhor moça do mundo. Fazíamos desse momento uma alegre procissão, e minha filhesposa era a mais alegre.

Mas às vezes, quando eu a carregava para cima e sentia que estava cada vez mais leve em meus braços, um sentimento de vazio baixava sobre mim, como se estivesse me aproximando de alguma região congelada ainda invisível, que amortecia a minha vida. Evitava identificar esse sentimento por qualquer nome, ou com qualquer pessoa de minhas relações; até uma noite em que baixou muito forte sobre mim, e minha tia a havia deixado, se despedindo com uma exclamação de “Boa noite, minha flor”, e sentei sozinho à minha escrivaninha e chorei ao pensar, ah, que nome fatal esse, e como a flor murchava em botão no ramo da árvore!

XLIX

Me vejo envolvido num mistério

Uma manhã, recebo pelo correio a seguinte carta, enviada de Canterbury e dirigida a mim na Corte Civil, a qual li com alguma surpresa:

Meu caro senhor,

Durante um lapso de tempo considerável, circunstâncias que escapam ao meu controle individual efetuaram uma interrupção naquela intimidade que permitia, nas limitadas oportunidades a mim concedidas em meio a meus deveres profissionais, contemplar cenas e acontecimentos do passado, coloridos com os tons prismáticos da memória, os quais sempre produziram em mim, e sempre produzirão, emoções gratificantes fora do comum. Esse fato, meu caro senhor, ao lado da distinta elevação a que seus talentos o levaram, me impedem de pretender aspirar à liberdade de me dirigir ao companheiro de minha juventude pelo chamamento familiar de Copperfield! Basta saber que o nome ao qual me permito a honra de me referir será para sempre valorizado como um tesouro entre os documentos de nossa casa (refiro-me aos arquivos ligados a nossos antigos inquilinos, preservados pela sra. Micawber) com sentimentos de estima pessoal que chegam mesmo ao afeto.

Não cabe a alguém, afundado como um navio (se me permite assumir denominação tão marítima) por seus próprios erros e uma fortuita combinação de eventos nefastos, que agora toma da pena para dirigir-se ao senhor, não cabe, repito, a alguém nessas circunstâncias adotar a linguagem do elogio ou da congratulação. Isso fica para mãos mais hábeis e mais puras.

Se suas ocupações muito mais importantes permitiram que acompanhasse até aqui estas mal traçadas linhas, o que pode ser o caso, ou não, dependendo das circunstâncias, o senhor naturalmente estará se perguntando o que me influenciou, então, a lhe dirigir a presente missiva. Permita-me dizer que admito como inteiramente razoável o caráter dessa pergunta e procedo ao desenvolvimento, adiantando que *não* se trata de nada de natureza pecuniária.

Sem me referir mais diretamente a nenhuma habilidade latente que possa existir de minha parte de ceder aos raios da tormenta, ou de dirigir a chama vingativa e devoradora a qualquer direção, permita-me observar, de passagem, que minhas visões mais claras foram para sempre descartadas, que minha paz está abalada e meu poder de fruição destruído, que meu coração não se acha mais em seu devido lugar, e que não caminho mais de costas eretas entre meus próximos. O cancro floresce. A taça é amarga até a borda. O verme trabalha e logo dará fim à sua vítima. Quanto mais cedo melhor. Mas não dispersarei.

Colocado numa posição mental peculiarmente dolorosa, além mesmo do alcance da influência mitigadora da sra. Micawber, embora exercido o papel triplo de mulher, esposa e mãe, é minha intenção voar sozinho por um breve período e dedicar um intervalo de quarenta e oito horas a visitas a alguns locais metropolitanos de passado prazer. Dentre outros refúgios de tranquilidade doméstica e paz de espírito, meus pés me levarão

naturalmente à prisão de King's Bench. Ao afirmar que estarei (queira Deus) diante do muro sul desse local de encarceramento por processo civil depois de amanhã, às sete da noite, precisamente, o objetivo desta minha comunicação epistolar está cumprido.

Não me sinto no direito de solicitar que meu antigo amigo sr. Copperfield, ou meu antigo amigo sr. Thomas Traddles, da Inner Temple, se esse cavalheiro ainda existe e goza de saúde, se dignem a encontrar comigo, e renovo (na medida do possível) nossas passadas relações dos velhos tempos. Limito-me a lançar a observação de que, na hora e local indicados, poderão ser encontrados os vestígios arruinados ainda restantes deste que é

uma

torre

caída

WILKINS MICAWBER

P.S. – Será aconselhável acrescentar ao acima dito a declaração de que a sra. Micawber *não* está de posse confidencial das minhas intenções.

Reli a carta diversas vezes. Deixando a devida margem ao estilo arrebatado do sr. Micawber e ao excepcional prazer com que ele se sentava para escrever longas cartas em todas as ocasiões possíveis e impossíveis, eu ainda acreditava que havia algo importante escondido no fundo dessa comunicação indireta. Eu a deixava de lado para pensar a respeito e a pegava de novo para ler novamente, e a deixava para outras reflexões, e assim havia feito muitas vezes quando Traddles me encontrou no auge de minha perplexidade.

– Meu querido amigo – eu disse –, nunca fiquei tão contente de encontrar você. Chega bem na hora de me dar o benefício de seu sóbrio juízo no momento mais oportuno. Recebi uma carta muito singular, Traddles, do senhor Micawber.

– Não! – exclamou Traddles. – Não diga? E eu recebi uma da senhora Micawber!

Diante disso, Traddles, que estava acalorado com a caminhada e cujo cabelo, pelo efeito combinado do exercício e da excitação, estava espetado como se tivesse visto um fantasma divertido, mostrou a carta e fez uma troca comigo. Fiquei observando até ele chegar ao coração da carta do sr. Micawber e retribuí a erguida de sobrancelhas com que ele disse:

– "Ceder aos raios da tormenta, ou de dirigir a chama vingativa e devoradora!" Minha nossa, Copperfield! – e então passei à leitura da

epístola da sra. Micawber.

Dizia assim:

Meus melhores votos ao sr. Thomas Traddles, e se ele ainda se lembrar daquela que um dia teve a felicidade de ser bem conhecida dele, posso pedir uns momentos de sua atenção? Garanto ao sr. T. T. que não abusaria de sua bondade se não me encontrasse no limite da loucura.

Embora me seja doloroso mencionar, a alienação do sr. Micawber (antes tão doméstico) de sua esposa e família é a causa de eu dirigir meu infeliz apelo ao sr. Traddles e solicitar sua indulgência. O sr. T. não faz ideia da mudança ocorrida na conduta do sr. Micawber, de sua estranheza, de sua violência. Foi aumentando gradualmente, até assumir a aparência de aberração do intelecto. Dificilmente passa um dia, garanto ao sr. Traddles, sem que ocorra um paroxismo. O sr. T. não haverá de solicitar que eu descreva meus sentimentos, ao informá-lo que me acostumei a ouvir o sr. Micawber afirmar que vendeu sua alma ao D. Mistério e segredo são há muito suas principais características, há muito substituindo a confiança ilimitada. A menor provocação, mesmo a simples pergunta de se preferiria alguma coisa para o jantar, o leva a exprimir um desejo de separação. Noite passada, diante do pedido das crianças de dois pence para comprar pastilhas de limão, um doce local, ele levantou uma faca de abrir ostras aos gêmeos!

Imploro ao sr. Traddles que tenha paciência comigo por entrar nesses detalhes. Sem eles, o sr. T. teria de fato muita dificuldade para delinear a menor ideia de minha aflitiva situação.

Posso agora me aventurar a confiar ao sr. T. o propósito de minha carta? Ele me permitirá expor-me à sua fraterna consideração? Ah, sim, porque conheço o seu coração!

O olho atento da afeição não fica cego com facilidade quando é do sexo feminino. O sr. Micawber está indo para Londres. Embora ele disfarçasse cautelosamente seu gesto, esta manhã, antes do desjejum, ao escrever um cartão de endereço que colou em uma maleta marrom de dias mais felizes, o olhar de águia da ansiedade matrimonial detectou as letras *d*, *r*, *e*, *s*, traçadas com nitidez. O destino da diligência no West End é Golden Cross. Ouso implorar com veemência ao sr. T. que procure meu desorientado marido para raciocinar com ele? Ouso pedir ao sr. T. que se ponha entre o sr. Micawber e sua atormentada família? Ah, não, porque isso seria demasiado!

Se o sr. Copperfield ainda se lembrar de alguém que não é famosa, o sr. T. poderia se encarregar de transmitir a ele meus votos e pedidos semelhantes? De qualquer forma, ele terá *a bondade de considerar esta comunicação estritamente privada e em nenhuma hipótese mencioná-la, mesmo que vagamente, na presença do sr. Micawber*. Se o sr. T. eventualmente responder a esta (que não posso deixar de sentir como *muito* improvável), uma carta endereçada a M.E., Posta Restante, Canterbury, implicará menos consequências dolorosas do que qualquer uma endereçada diretamente àquela que subscreve esta em extrema aflição,

A amiga respeitosa e súplice do sr. Thomas Traddles,

EMMA MICAWBER

– O que acha dessa carta? – Traddles perguntou olhando para mim depois que a li duas vezes.

– O que você acha dessa outra? – perguntei eu. Pois ele ainda lia, com

a testa franzida.

– Acho que as duas juntas, Copperfield – respondeu Traddles –, revelam mais do que o senhor e a senhora Micawber costumam expor em sua correspondência, mas não sei o quê. Ambas foram escritas em boa-fé, não tenho dúvida, sem nenhuma conspiração. Coitada! – ele aludia à carta da sra. Micawber e estávamos lado a lado comparando as duas. – Será uma caridade escrever para ela de qualquer modo e contar que não vamos deixar de encontrar o senhor Micawber.

Concordei imediatamente porque eu agora me censurava por ter tratado a carta anterior dela com displicência. Na época, me fizera pensar muito, como já mencionei; mas absorto em meus assuntos, em minha experiência com a família e sem ter mais notícias, aos poucos acabei esquecendo o assunto. Sempre pensava nos Micawber, principalmente preocupado com as "obrigações pecuniárias" que estariam estabelecendo em Canterbury, e me lembrando como o sr. Micawber havia sido reservado comigo desde que se tornara escrevente de Uriah Heep.

Porém, nesse momento, escrevi uma carta consoladora à sra. Micawber em nome de nós dois, e assinamos ambos. No caminho para a cidade, coloquei-a no correio, Traddles e eu tivemos uma longa conversa e aventamos uma porção de possibilidades, que não preciso repetir. Nos aconselhamos com minha tia essa tarde, mas a única conclusão decisiva a que chegamos foi sermos pontuais no encontro com o sr. Micawber.

Embora chegássemos ao local estipulado quinze minutos antes da hora marcada, encontramos o sr. Micawber já a postos. Estava parado com os braços cruzados, encostado à parede, olhando as torres lá em cima com uma expressão sentimental, como se fossem os ramos entrelaçados de árvores que o tivessem coberto com sua sombra na juventude.

Quando nos aproximamos, seus modos estavam um pouco mais confusos, um pouco menos educados do que antigamente. Ele havia deixado de lado sua roupa preta de funcionário da lei para o propósito dessa excursão, e usava o velho sobretudo e calças justas, mas não com aquela velha pose. Aos poucos a foi recuperando mais e mais enquanto

conversávamos, mas os próprios óculos pareciam menos cômodos e o colarinho da camisa, embora ainda de dimensão formidável, um tanto caído.

– Cavalheiros – disse o sr. Micawber depois das primeiras saudações –, os senhores são amigos na necessidade e amigos de verdade! Permitam que faça minhas inquirições quanto ao bem-estar da senhora Copperfield *in esse* e da senhora Traddles *in posse*, supondo, quero dizer, que meu amigo, o senhor Traddles, ainda não tenha se unido ao objeto de sua afeição, para o bem e para o mal.

Agradecemos sua cortesia e demos as devidas respostas. Ele então voltou nossa atenção para o muro e estava começando a dizer: "Garanto aos senhores, cavalheiros...", quando me aventurei a protestar contra a forma cerimoniosa de tratamento e pedi que falasse conosco do jeito que falava antes.

– Meu caro Copperfield – ele replicou, apertando minha mão –, sua cordialidade me desvanece. Essa recepção ao caco abalado do templo que um dia podia se chamar de Homem, se permitem que me expresse assim, revela um coração que é uma honra para nossa natureza comum. Eu ia observar que vejo mais uma vez o local sereno onde voaram algumas das horas mais felizes de minha existência.

– Assim felizes, tenho certeza, devido à senhora Micawber – disse eu. – Espero que ela esteja bem.

– Obrigado – o sr. Micawber respondeu com o rosto vermelho diante dessa referência –, ela está mais ou menos. E aqui – disse o sr. Micawber balançando a cabeça tristemente –, King's Bank! Onde, pela primeira vez em muitos anos, as sufocantes pressões de obrigações financeiras não se manifestaram, dia a dia, por vozes inoportunas se recusando a sair do corredor; onde não havia aldrava na porta para os credores baterem; onde não se exigia nenhum trabalho pessoal e os guardas se limitavam aos portões. Cavalheiros – disse o sr. Micawber –, quando a sombra daquela cerca de ferro no alto do muro de tijolos se projetava no cascalho da passagem, via meus filhos passearem no intrincado labirinto, evitando as linhas escuras. Conheço cada pedra desse lugar. Se revelo fraqueza, saberei como me desculpar.

– Todos seguimos com a vida desde então, senhor Micawber – eu disse.

– Senhor Copperfield – replicou o sr. Micawber em tom amargo –, quando eu era prisioneiro neste local, podia olhar meu próximo na cara e socar sua cabeça se me ofendesse. Meu próximo e eu não estamos mais nesses termos gloriosos!

Afastando-se do edifício com ar abatido, o sr. Micawber aceitou meu braço estendido de um lado e o braço estendido de Traddles do outro e seguiu assim entre nós.

– A estrada para o túmulo – observou o sr. Micawber, olhando carinhosamente para trás – tem alguns marcos que, não fosse a impiedosa ambição, um homem não devia jamais querer ultrapassar. É isso King's Bench em minha variegada carreira.

– Ah, o senhor está deprimido, senhor Micawber – disse Traddles.

– Estou, sim, senhor – replicou o sr. Micawber.

– Espero – disse Traddles – que não seja por ter desenvolvido uma aversão à lei, porque eu próprio sou advogado, como sabe.

O sr. Micawber não respondeu nem uma palavra.

– Como está nosso amigo Heep, senhor Micawber? – perguntei, depois de um silêncio.

– Meu caro Copperfield – retomou o sr. Micawber, explodindo num estado de grande excitação e empalidecendo –, se me perguntar de meu empregador como *seu* amigo, eu ficaria triste por isso; se me perguntar dele como *meu* amigo, eu daria um sorriso sardônico. De qualquer forma que me pergunte sobre meu patrão, suplico, sem ofender o senhor, limitar minha resposta ao seguinte: que, qualquer que seja seu estado de saúde, sua aparência é astuta: para não dizer diabólica. Vão me permitir, como indivíduo, preferir não continuar falando de um assunto que me lançou no limiar do mais absoluto desespero em minha capacidade profissional.

Expressei meu pesar por haver tocado inocentemente num tema que tanto o abalava.

– Posso perguntar – disse eu –, sem correr o risco de repetir meu erro,

como vão meus velhos amigos senhor e senhorita Wickfield?

– A senhorita Wickfield – disse o sr. Micawber ficando então vermelho como brasa – está como sempre é, um modelo, um exemplo brilhante. Meu caro Copperfield, ela é a única luz estelar numa existência miserável. Meu respeito por aquela jovem dama, minha admiração por seu caráter, minha devoção por seu amor, sinceridade, e a bondade! Me levem, por favor – pediu o sr. Micawber –, para algum lugar, porque juro mesmo, no meu estado presente não suporto mais!

Nós o conduzimos a uma rua estreita, onde ele tirou o lenço do bolso e encostou-se a uma parede. Se eu estivesse olhando para ele com a mesma gravidade com que Traddles olhava, ele devia achar nossa companhia nada inspiradora.

– É meu destino – disse o sr. Micawber, soluçando sem fingimento, mas fazendo mesmo isso com uma sombra daquela velha expressão de estar fazendo algo elegante –, é meu destino, cavalheiros, que os sentimentos mais finos de nossa natureza tenham se tornado censuras para mim. Minha admiração pela senhorita Wickfield é uma saraivada de flechas em meu peito. Seria melhor que me deixassem, por favor, perder-me na terra como um vagabundo. O verme acertará *minha* parte mais rápido que nunca.

Não atendemos esse pedido e continuamos ali, até ele guardar o lenço, endireitar o colarinho da camisa e, para iludir qualquer pessoa que pudesse estar observando, cantarolou uma canção com o chapéu muito inclinado para um lado. Mencionei então, sem saber o que se poderia perder se o perdêssemos de vista, que seria um grande prazer para mim apresentá-lo a minha tia, se nos acompanhasse a Highgate, onde haveria uma cama a seu dispor.

– Vai poder fazer para nós um copo de seu velho ponche, senhor Micawber – disse eu –, e esquecer o que tiver na cabeça em meio a reminiscências mais agradáveis.

– Ou, se for um alívio maior confiar alguma coisa a seus amigos, pode comunicar a nós o que quer que seja, senhor Micawber – disse Traddles prudentemente.

– Cavalheiros – replicou o sr. Micawber –, façam comigo o que

quiserem! Sou um graveto sobre a face do abismo, jogado para todo lado pelos elefantes, desculpem, queria dizer, pelos elementos.

Continuamos andando, de braços dados, encontramos a diligência no momento que ia partir e chegamos a Highgate sem encontrar nenhuma dificuldade pelo caminho. Eu estava muito inquieto e incerto sobre o que seria melhor dizer ou fazer, assim como Traddles, é evidente. Durante quase todo o tempo, o sr. Micawber estava mergulhado em profunda melancolia. De vez em quando, fazia uma tentativa de se animar e cantarolava uma pontinha de canção, mas seu retorno à melancolia profunda ficava ainda mais impressionante pelo ridículo de um chapéu extremamente inclinado para o lado e um colarinho erguido até os olhos.

Fomos à casa de minha tia em vez da minha, pelo fato de Dora não estar bem. Minha tia atendeu quando chamada e deu as boas-vindas ao sr. Micawber com elegante cordialidade. O sr. Micawber beijou sua mão, retirou-se para a janela e, tirando o lenço do bolso, enfrentou uma luta mental consigo mesmo.

O sr. Dick estava lá. Por natureza, compadecia-se sobremodo por alguém que parecesse pouco à vontade, e era tão rápido em identificar qualquer pessoa assim que apertou a mão do sr. Micawber ao menos meia dúzia de vezes em cinco minutos. Para o sr. Micawber, perturbado como estava, essa cordialidade da parte de um estranho era tão extremamente tocante que ele só conseguia dizer por ocasião de cada aperto de mão: “O senhor me desvanece!”. O que deixava o sr. Dick gratificado a ponto de apertar sua mão outra vez com mais vigor que antes.

– A cordialidade deste cavalheiro – o sr. Micawber disse a minha tia –, se me permite recorrer a uma figura de linguagem do vocabulário mais grosseiro de nosso esporte nacional, me joga no chão. Para um homem que luta com uma complicada carga de perplexidade e inquietação, uma recepção dessas é constrangedora, garanto à senhora.

– Meu amigo, o senhor Dick – minha tia respondeu, orgulhosa –, não é um homem comum.

– Acredito plenamente – disse o sr. Micawber. – Meu caro senhor – pois o sr. Dick estava apertando sua mão outra vez –, fico profundamente

sensibilizado com sua cordialidade!

– Como vai o senhor? – perguntou o sr. Dick com ar ansioso.

– Mais ou menos, meu caro – disse o sr. Micawber com um suspiro.

– Não deve desanimar – disse o sr. Dick –, e se acomodar o melhor possível.

O sr. Micawber ficou muito tocado por essas palavras simpáticas e por encontrar a mão do sr. Dick de novo na sua.

– No panorama diversificado da existência humana, foi-me dada a ocasião de encontrar – ele observou – um oásis ocasional, mas nunca um tão verde, tão luxuriante, como este!

Em outro momento, eu poderia me divertir com isso, mas sentia que estávamos todos constrangidos e inquietos, e via o sr. Micawber tão ansioso em sua vacilação entre uma evidente disposição de revelar alguma coisa e a contradisposição de não revelar nada que me senti febril. Traddles, sentado na beira da poltrona, com os olhos muito abertos e o cabelo mais enfaticamente espetado do que nunca, alternava o olhar do chão para o sr. Micawber sem nem tentar pronunciar uma palavra. Minha tia, embora eu visse que sua muito aguda observação estava concentrada no novo hóspede, tinha maior domínio mental do que qualquer um de nós, pois puxou conversa com ele e tornou forçoso que falasse, quisesse ou não.

– O senhor é amigo de meu sobrinho há muitos anos, senhor Micawber – disse minha tia. – Queria ter conhecido o senhor antes.

– Minha senhora – o sr. Micawber replicou –, queria ter tido a honra de conhecer a senhora há mais tempo. Nem sempre fui a ruína que a senhora vê no momento.

– Espero que a senhora Micawber e sua família estejam bem – disse minha tia.

O sr. Micawber inclinou a cabeça.

– Estão bem, sim, senhora – observou, desesperado, depois de uma pausa –, como alienados e proscritos podem ter a esperança de estar.

– Deus nos livre, senhor Micawber! – minha tia exclamou com seu jeito abrupto. – O que está dizendo?

– A subsistência de minha família, minha senhora – disse o sr. Micawber –, está em sério risco de desequilíbrio. Meu empregador...

Nesse ponto, o sr. Micawber provocadoramente se calou e começou a descascar os limões que por ordem minha haviam sido colocados na frente dele, junto com todos os outros implementos que ele usava para fazer ponche.

– Seu patrão, o que tem? – disse o sr. Dick, balançando o braço dele com delicadeza para chamar sua atenção.

– Meu bom senhor – retomou o sr. Micawber –, o senhor me traz de volta. Fico agradecido. – Apertaram-se as mãos outra vez. – Meu empregador, minha senhora, o senhor Heep, uma vez me fez o favor de observar que, se não recebesse os emolumentos estipendiários referentes a meu emprego com ele, eu provavelmente seria um charlatão no interior, engolindo espadas e comendo o elemento incendiário. Diante de tudo que consigo perceber em contrário, ainda é muito provável que meus filhos sejam reduzidos a ganhar a vida em contorções pessoais, enquanto a senhora Micawber estimula seus atos tocando um realejo.

Com um fortuito, mas expressivo, floreio da faca, o sr. Micawber insinuou que essas performances podiam vir a ocorrer depois que ele não existisse mais, e voltou a descascar as frutas com ar desesperado.

Minha tia apoiou o cotovelo na mesinha redonda que mantinha sempre a seu lado e olhou para ele com atenção. Apesar da aversão com que eu encarava a ideia de induzi-lo a qualquer revelação que ele não estivesse preparado a fazer voluntariamente, devia tê-lo feito nesse momento, não fosse a estranha atividade em que o vi envolvido: pondo a casca de limão na chaleira, o açúcar no aparador da vela, a bebida na jarra vazia, e tentando com toda segurança despejar água fervendo de uma vela, entre as coisas mais notáveis. Vi que havia uma crise a caminho e ela veio. Ele amontoou todos os utensílios e instrumentos, levantou-se da cadeira, tirou o lenço do bolso e caiu em prantos.

– Meu caro Copperfield – disse o sr. Micawber por trás do lenço –, esta atividade, entre tantas outras, exige uma mente serena e autorrespeito. Não consigo preparar o ponche. Está fora de questão.

– Senhor Micawber – perguntei –, qual é o problema? Por favor, fale.

O senhor está entre amigos.

– Entre amigos, sim, senhor! – repetiu o sr. Micawber. E tudo o que havia contido irrompeu de dentro dele. – Deus do céu, é principalmente por *estar* entre amigos que é este o meu estado de espírito. Qual é o problema, cavalheiros? Qual *não* é o problema? Vilania é o problema, baixeza é o problema, engano, fraude, conspiração são o problema, e o nome de toda essa massa atroz é HEEP!

Minha tia bateu palmas e nós todos nos sobressaltamos como se estivéssemos possuídos.

– A luta acabou! – disse o sr. Micawber, gesticulando violentamente com o lenço e batendo ambos os braços de quando em quando, como se estivesse nadando em condições de dificuldade sobre-humana. – Não vou mais levar essa vida. Sou um ser desgraçado, apartado de tudo o que torna a vida tolerável. Estive sob o tabu do serviço daquele patife infernal. Me devolva minha mulher, me devolva minha família, substitua Micawber por este pobre desgraçado que usa as botas atualmente em meus pés e me chame para engolir uma espada amanhã e eu engulo. Com apetite!

Nunca vi um homem tão acalorado em minha vida. Tentei acalmá-lo para chegarmos a algo racional; mas ele ficava mais e mais tomado e não escutava nem uma palavra.

– Não ponho a minha mão na mão de homem nenhum – disse o sr. Micawber ofegando, bufando e soluçando a tal ponto que parecia um homem lutando contra a água fria – até ter... explodido em pedaços... aquela... serpente... detestável... HEEP! Não aceitarei a hospitalidade de ninguém, enquanto eu não tiver... levado o monte Vesúvio... a uma erupção... em cima... do velhaco desvairado... HEEP! Beber... debaixo deste teto... principalmente o ponche... iria... me engasgar.. a menos que... eu tivesse antes... arrancado os olhos... daquele... eternamente falso e mentiroso... HEEP! Não falarei com ninguém... não direi nada... e não viverei em lugar nenhum... enquanto não tiver esmagado... transformado em átomos invisíveis... o transcendente e imortal hipócrita e perjuro, HEEP!

Cheguei a temer de fato que o sr. Micawber fosse morrer ali mesmo. A maneira como lutava com essas frases desarticuladas e o esforço que fazia para falar sempre que ia chegando perto do nome de Heep, pronunciado num estado de desfalecimento, e com uma veemência pouco menos que admirável, era assustadora. Mas então, afundando numa poltrona, fumegando, ele olhou para nós com o rosto colorido por todas as cores que não tinham de estar ali, numa procissão infinita de nós se sucedendo em ardente afobação dentro de sua garganta, de onde pareciam saltar para a testa, ele tinha a aparência de estar nas últimas. Eu ia socorrê-lo, mas ele me afastou com um gesto e não queria ouvir nem uma palavra.

– Não, Copperfield! Não, nenhuma comunicação... até... a senhorita Wickfield... ser justiçada pelos males de um consumado vilão... HEEP! – (Estou convencido de que ele não conseguiria pronunciar três palavras, não fosse a incrível energia com que essa palavra o inspirava quando a sentia chegando.) – Segredo inviolável... para o mundo inteiro... sem exceções... há uma semana... no desjejum... todo mundo presente... inclusive a tia... e cavalheiro extremamente gentil... a estarem presentes no hotel em Canterbury... onde... a senhora Micawber e eu... "Auld Lang Syne" em coro... e... expor o intolerável rufião... HEEP! Não digo mais nada... nem dou ouvidos a conselho algum... vou imediatamente... não suporto... companhia... atrás do maldito, condenado traidor... HEEP!

Com esta última repetição da palavra mágica que o sustentara e com a qual ultrapassou todos os seus esforços anteriores, o sr. Micawber saiu correndo da casa, nos deixando num estado de excitação, esperança e assombro que nos reduzia a uma condição pouco melhor que a dele. Mas mesmo assim sua paixão por escrever cartas era forte demais para resistir. Enquanto estávamos ainda no auge de nossa excitação, esperança e assombro, a seguinte nota me foi trazida de uma taverna próxima, onde ele havia parado para escrever:

> Confidencial: segredo absoluto.
>
> Meu caro senhor,
> Imploro que me permita transmitir por seu intermédio as minhas desculpas à sua

excelente tia por minha excitação recente. Uma explosão de um vulcão fumegante há muito reprimida foi o resultado de um conflito interno mais fácil de conceber que de descrever.

Creio ter deixado toleravelmente compreensível meu compromisso de nos encontrarmos dentro de uma semana, no pub de Canterbury, onde a sra. Micawber e eu tivemos um dia a honra de unir nossas vozes à sua nos versos do imortal nascido na outra margem do Tweed.

Cumprido esse dever e realizado esse ato de reparação, única coisa que pode me permitir encarar meu próximo, nada mais se saberá de mim. Peço apenas que seja depositado naquele local de repouso universal onde

> "Na estreita cova para sempre dormem
> os rústicos patriarcas da aldeia",{40}

com a simples inscrição:
WILKINS MICAWBER

O sonho do sr. Peggotty se realiza

Por essa altura, meses haviam se passado desde nosso encontro com Martha na margem do rio. Eu não a vira mais depois, mas ela entrara em contato com o sr. Peggotty em diversas ocasiões. Nada resultou de seu empenho, nem pude inferir, do que ele me contou, que se tivesse, até o momento, obtido alguma pista do destino de Emily. Confesso que comecei a perder a esperança de recuperá-la, e gradualmente foi ficando mais profunda a certeza de que tinha morrido.

A convicção do sr. Peggotty continuava inabalada. Até onde eu sabia – e acredito que mantinha para mim a transparência de seu coração honesto –, ele nunca mais hesitou em sua solene certeza de encontrá-la. Sua paciência não se esgotava. E embora eu tremesse de agonia diante da possibilidade de ele um dia ter sua certeza abalada por um golpe, havia nela algo tão religioso, tão comoventemente expressivo de que sua âncora estava lançada nas maiores profundidades de sua bela natureza, que a cada dia aumentava o respeito e admiração que eu tinha por ele.

Não se tratava de uma certeza preguiçosa que se limitava a esperar e nada mais. Ele havia sido um homem de ações firmes toda a vida, e sabia que, em tudo o que quisesse ajuda, teria de cumprir fielmente com sua parte e ajudar a si mesmo. Me lembro de tê-lo visto partir à noite, preocupado que a luz pudesse, por algum acaso, não estar acesa na janela do velho barco, e caminhar até Yarmouth. Me lembro de ele ter lido no jornal algo que podia se aplicar a ela, pegar sua bengala e encetar uma jornada de muitos quilômetros. Ele tinha ido a Nápoles de navio e voltado, depois de ouvir a narrativa que a srta. Dartle me fizera. Todas as suas viagens eram moderadas; pois ele estava sempre firme no propósito de economizar dinheiro para Emily quando ela fosse encontrada. Em toda a sua prolongada busca, nunca o vi lamentar, nunca o ouvi dizer que estava cansado ou desanimado.

Dora o tinha visto com frequência depois de nosso casamento, e gostava muito dele. Imagino sua figura diante de mim agora, parado ao lado do sofá, o chapéu rústico na mão, os olhos azuis de minha filhesposa erguidos para o rosto dele, com um ar tímido e intrigado. Às vezes, à noitinha, quando ele vinha conversar comigo, eu o levava para fumar o cachimbo no jardim, enquanto andávamos lentamente de um lado para outro, e então a imagem de seu lar deserto e do aspecto confortável que costumava ter aos meus olhos infantis à noite, com a lareira acesa e o vento gemendo em torno, me vinha, viva, à mente.

Uma noite, nessa hora, ele me disse que havia encontrado com Martha perto de seu alojamento quando estava saindo, e ela pedira que ele não saísse de Londres de jeito nenhum até encontrar com ela novamente.

– Ela disse por quê? – inquiri.

– Eu perguntei pra ela, seu Davy – ele replicou –, mas ela fala muito pouco sempre, só escutou minha promessa e foi-se embora.

– Disse quando vai encontrar com o senhor outra vez? – perguntei.

– Não, seu Davy – ele respondeu, passando a mão no rosto, pensativo. – Perguntei isso também, mas ela disse que não sabia dizer.

Como eu desistira havia muito de animá-lo com esperanças frágeis, não fiz nenhum outro comentário a essa informação além de dizer que eu supunha que ele a veria logo. As especulações que surgiam dentro de mim eu guardava para mim, e eram bastante tênues.

Num fim de tarde, uns quinze dias depois, eu estava andando sozinho no jardim. Me lembro bem dessa noite. Era a segunda na semana de suspense do sr. Micawber. Tinha chovido o dia inteiro e havia uma sensação de umidade no ar. As folhas estavam densas nas árvores, pesadas de água, mas a chuva tinha cessado, embora o céu ainda estivesse escuro e os passarinhos esperançosos cantassem alegremente. Indo de um lado para outro do jardim, com o escuro começando a se fechar à minha volta, suas pequenas vozes foram se calando e se impôs aquele silêncio peculiar que domina as noites assim no campo, com as árvores imóveis a não ser por um ocasional gotejar dos ramos.

Havia uma pequena treliça verde com trepadeira de um lado do chalé, através da qual eu podia ver, do jardim onde estava andando, a rua

diante da casa. Voltei por acaso os olhos nessa direção enquanto pensava em muitas coisas e vi, lá adiante, uma figura vestida com uma capa simples. Estava se curvando ansiosamente para mim e acenando.

– Martha! – exclamei, indo até ela.

– Pode vir comigo? – ela perguntou num sussurro agitado. – Fui até a casa dele, mas ele não está. Escrevi aonde ele devia ir e deixei em cima da mesa. Disseram que ele não ia demorar. Tenho informações para ele. Pode ir comigo agora mesmo?

Minha resposta foi sair pelo portão na mesma hora. Ela fez um gesto apressado com a mão, como se para pedir minha paciência e meu silêncio, e virou-se na direção de Londres, de onde, como sua roupa revelava, ela tinha vindo diligentemente a pé.

Perguntei se era esse nosso destino. Quando ela fez que sim, com o mesmo gesto apressado de antes, parei uma carruagem vazia que passava e entramos. Quando lhe perguntei para onde o cocheiro devia ir, ela respondeu:

– Qualquer lugar perto da Golden Square, no Soho. Depressa! – E se encolheu num canto, com a mão trêmula diante do rosto e a outra no gesto anterior, como se não conseguisse suportar nem uma voz.

Já muito perturbado e confuso com os relances conflitantes de esperança e terror, fiquei olhando para ela à espera de alguma explicação. Mas vendo o quanto ela queria ficar calada, e sentindo que essa era também a minha inclinação natural naquele momento, não tentei romper o silêncio. Seguimos, sem dizer uma palavra. Às vezes, ela olhava pela janela, como se achasse que estávamos indo devagar, embora estivéssemos indo depressa; mas fora isso permaneceu exatamente como no começo.

Descemos em uma das entradas da praça que ela havia mencionado, onde pedi ao cocheiro para esperar, sem saber se teríamos necessidade dele. Ela pôs a mão em meu braço e me fez ir depressa para uma das ruas mais sombrias, que são muitas nessa área, onde as casas antigamente eram moradas de famílias completas, mas havia muito tinham degenerado em alojamentos pobres e quartos alugados. Ao entrar pela porta aberta de uma delas, e soltando meu braço, ela indicou que a

acompanhasse pela escada, que parecia um canal tributário da rua.

A casa era um enxame de moradores. Quando subimos, portas de quartos se abriam e apareciam cabeças de pessoas. Cruzamos com outras que desciam a escada. Ao olhar de fora, quando entramos, eu tinha visto mulheres e crianças indolentes nas janelas, diante de vasos de flores; e ao que parece havíamos despertado sua curiosidade, pois eram essas principalmente que nos observavam pelas portas. Era uma escada larga, com painéis e maciça balaustrada de alguma madeira escura; com cornijas sobre as portas, ornamentadas com relevos de flores e frutas, e amplos assentos junto às janelas. Mas todas essas mostras de antiga grandeza estavam miseravelmente decadentes e sujas; podridão, umidade e tinham enfraquecido o piso que em muitos lugares não era nem mesmo seguro. Notei que haviam feito algumas tentativas de infundir sangue novo nessas habitações, consertando aqui e ali com materiais baratos a madeira trabalhada; mas era como o casamento de um nobre empobrecido com uma mendiga plebeia, e cada parte da mal ajustada união se separava da outra. Várias das janelas de fundos que davam para a escada tinham sido escurecidas ou inteiramente vedadas. Nas que restavam, quase não havia vidros, e através das molduras arruinadas pelas quais o ar ruim parecia sempre entrar e nunca sair, enxerguei, através de outras janelas sem vidros, outros interiores em condições similares e, tonto, observei um pátio estropiado que era o depósito de lixo do pardieiro.

Subimos até o último andar da casa. No caminho, duas ou três vezes, pensei ver na luz indistinta as saias de uma figura feminina subindo à nossa frente. Quando viramos para subir o último lance de escada entre nós e o teto, vi claramente essa figura parada por um momento diante de uma porta. Ela então girou a maçaneta e entrou.

– O que é isso? – Martha exclamou. – Ela entrou no meu quarto. Não sei quem é ela!

Eu sabia quem era. Reconheci-a, perplexo, como a srta. Dartle.

Em poucas palavras, disse alguma coisa a esse respeito para a minha condutora, que se tratava de uma dama que eu tinha visto antes, e mal acabei de dizer isso quando ouvimos sua voz no quarto, embora, de onde

estávamos, não o que dizia. Martha, com uma expressão perplexa, repetiu sua atitude anterior e silenciosamente me levou escada acima; e, em seguida, por uma portinha dos fundos que parecia não ter trinco e que ela abriu com um toque, dando para um pequeno sótão vazio com o teto baixo inclinado: pouco mais que um armário. Entre isso e o quarto que ela dizia ser seu, havia uma pequena porta de comunicação, parcialmente aberta. Ali paramos, sem fôlego por causa da subida, e ela pôs a mão de leve em meus lábios. Só consegui ver que o quarto em frente era bastante grande, que havia nele uma cama e alguns quadros comuns de navios pelas paredes. Não conseguia ver a srta. Dartle, nem a pessoa a quem ouvimos que ela se dirigia. Minha companheira por certo não via, porque minha posição era melhor.

Fez-se um silêncio mortal por alguns momentos. Martha mantinha a mão em minha boca e ergueu a outra em atitude de quem escutava.

– Pouco me importa que ela não esteja em casa – disse Rosa Dartle, muito altiva. – Não sei quem é. Foi você que eu vim ver.

– Eu? – respondeu uma voz baixa.

Ao som dela, um arrepio percorreu o meu corpo. Era Emily!

– Você – replicou a srta. Dartle –, é você que eu vim ver. Por quê? Você não tem vergonha nessa cara que tanto mal fez?

O ódio resoluto e inflexível de seu tom, a fria dureza de desdém e a raiva controlada a mostravam para mim como se eu a visse parada na luz. Vi os seus olhos pretos brilhantes e a silhueta emaciada de paixão. Vi a cicatriz cortando seus lábios com a risca branca, tremendo e pulsando quando falava.

– Vim conhecer o capricho de James Steerforth – ela disse. – A moça que fugiu com ele e está na boca do povo mais miúdo da sua terra; a companheira ousada, exibida, viva, de pessoas como James Steerforth. Quero ver como é uma criatura dessas.

Houve um farfalhar, como se a infeliz moça sobre quem ela empilhava essas ofensas corresse para a porta, e quem falava colocou-se rapidamente diante dela. Seguiu-se um momento de pausa.

Quando a srta. Dartle voltou a falar, foi entre os dentes e com uma

batida do pé no chão.

– Fique aí – disse ela –, senão denuncio você para o resto da casa e para toda a rua! Se tentar fugir de *mim*, eu impeço nem que seja pelo cabelo e ergo as pedras do chão contra você!

Um murmúrio assustado foi a única resposta que chegou a meus ouvidos. Seguiu-se um silêncio. Eu não sabia o que fazer. Por mais que quisesse pôr um fim àquele encontro, sentia que não tinha o direito de me apresentar. Era o sr. Peggotty e apenas ele que podia vê-la e recuperá-la. Ele não ia chegar nunca?, pensei impaciente.

– Então? – disse Rosa Dartle, com uma risada de desprezo. – Enfim vejo a moça! Ora, que criatura idiota ele foi, por se deixar levar por essa falsa discrição e essa cabeça baixa!

– Ah, pelo amor de Deus, me poupe! – Emily exclamou. – Seja quem for, conhece a minha triste história, e pelo amor de Deus tenha dó de mim, como gostaria que tivessem da senhora!

– Que tivessem dó de *mim*! – a outra respondeu, feroz. – E o que *nós* duas temos em comum, você acha?

– Nada além de nosso sexo! – disse Emily numa explosão de lágrimas.

– E isso – disse Rosa Dartle – é um argumento muito forte para alguém tão infame como você. A tal ponto que, se eu tivesse em meu peito qualquer sentimento além de desprezo e nojo por você, arrancaria de mim. Nosso sexo! Você é uma honra para o nosso sexo!

– Eu mereço isso – Emily exclamou –, mas é um horror! Minha cara senhora, pense no que sofri e o quanto decaí! Ah, Martha, volte! Ah, minha casa, minha casa!

A srta. Dartle sentou numa cadeira, visível da porta, e baixou os olhos, como se Emily estivesse caída no chão diante dela. Estando agora entre mim e a luz, podia ver seu lábio encrespado e os olhos cruéis fixos num ponto, com um triunfo arrogante.

– Escute o que eu digo! – ela falou –; e guarde suas falsidades para os seus iguais. Você acha que vai comover a *mim* com as suas lágrimas? Não mais do que pode me encantar com seu sorriso, escrava comprada.

– Ah, tenha pena de mim! – Emily exclamou. – Mostre alguma

compaixão, senão eu morro, enlouquecida!

– Não seria nenhum grande castigo para os seus crimes – disse Rosa Dartle. – Você sabe o que fez? Algum dia pensou no lar que destruiu?

– Ah, não passa um dia ou noite em que eu não pense nisso! – Emily exclamou. E então eu podia quase vê-la, de joelhos, a cabeça baixa, o rosto pálido voltado para cima, as mãos loucamente crispadas e estendidas, o cabelo solto em torno dela. – Não houve um único momento em que, dormindo ou acordada, eu não tivesse meu lar diante de mim, como costumava ser no passado perdido, ao qual virei as costas para todo o sempre! Ah, minha casa, minha casa! Ah, meu querido tio, se um dia você soubesse da agonia que seu amor me causou quando me afastei do bom caminho, nunca demonstraria amor tão constante como o que sente. Teria, isso sim, ralhado comigo uma vez na vida, para eu ter algum sossego! Não tenho nenhum sossego na terra, porque eles todos sempre me amaram! – Ela caiu com o rosto no chão diante da figura imponente na cadeira, com um esforço suplicante para tocar a saia de seu vestido.

Rosa Dartle ficou sentada, olhando para ela, inflexível como uma figura de pedra. Seus lábios estavam contraídos com força, como se ela soubesse que tinha de manter um forte controle sobre si mesma (escrevo aquilo que acredito sinceramente) para não ser tentada a atacar a linda pessoa a seus pés. Eu via seu semblante com nitidez, e toda a força do rosto e do caráter pareciam se impor àquela expressão. Ele não chegava nunca?

– Que desprezível vaidade a desses vermes! – ela disse, quando conseguiu controlar o furioso arfar de seu peito a ponto de poder falar. – *Seu* lar! Você acha que desperdiço um pensamento que seja sobre a sua casa, acha que fez a esse lugar baixo algum mal que o dinheiro não possa pagar, e bem? *Sua* casa! Você era parte do comércio da sua casa, comprada e vendida como qualquer outra coisa rentável com que sua família comerciava.

– Ah, isso não! – Emily exclamou. – Diga qualquer coisa de mim; mas não lance, como eu lancei, a degradação e a vergonha a gente tão honrada como a senhora! Tenha respeito por eles como a dama que é, se

não tem nenhuma pena de mim.

– Eu falo – disse Rosa Dartle, sem se dignar a dar nenhuma atenção a esse apelo, afastando o vestido da contaminação do toque de Emily –, falo da casa *dele*, onde eu vivo. Aqui está – disse, estendendo a mão com um riso de desprezo e olhando de cima a moça prostrada – a causa da separação entre uma mãe que é uma dama e um filho que é um cavalheiro; a causa da tristeza em uma casa onde você não seria admitida nem como servente de cozinha; causa da raiva, do lamento, da censura. Essa coisa podre, recolhida da beira d'água para o prazer de um momento e jogada de volta ao seu lugar!

– Não! Não! – Emily exclamou juntando as mãos. – Quando ele apareceu na minha vida (que esse dia nunca tivesse raiado sobre mim e ele tivesse me visto a caminho do túmulo!), eu tinha sido criada tão virtuosa quanto a senhora ou qualquer outra dama, e ia ser esposa de um homem bom, como a senhora ou qualquer outra dama do mundo poderia desejar. Se mora na casa dele agora e conhece esse homem, sabe, talvez, o poder que ele é capaz de exercer sobre uma garota fraca e vaidosa. Não me defendo, mas sei muito bem, e ele sabe muito bem, ou saberá na hora da morte se o seu coração estiver perturbado com isso, que usou todo o seu poder para me enganar, e que acreditei nele, confiei nele e amei esse homem!

Rosa Dartle se levantou da cadeira; recuou; e ao recuar atacou-a com uma expressão de tamanha malignidade, tão sombria e desfigurada de ódio, que quase me pus entre elas. O golpe, que não tinha alvo, atingiu o ar. Ali parada, olhando para Emily com a expressão mais absolutamente detestável que era capaz de expressar, tremendo da cabeça aos pés de raiva e desprezo, achei que nunca tinha visto uma coisa igual, e nunca verei de novo.

– *Você* amar? *Você*? – exclamou, com a mão crispada a tremer como se quisesse uma arma para esfaquear o objeto de sua ira.

Emily desaparecera de meu campo de visão. Não houve resposta.

– E dizer isso para *mim* – acrescentou – com esses lábios vergonhosos? Por que não chicoteiam essas criaturas! Se pudesse dar essa ordem, mandaria açoitar essa moça até a morte.

E assim faria, não tenho nenhuma dúvida. Eu não lhe confiaria um instrumento de tortura enquanto perdurasse aquele olhar furioso.

Lenta, muito lentamente, ela irrompeu numa risada, apontando Emily com a mão, como se fosse uma imagem de vergonha para deuses e homens.

– *Ela* amar! – disse. – Essa carniça! E ele gostou dela, ela me diz! Rá, rá! As mentiras dessa gentalha!

A zombaria dela era pior que a raiva indisfarçada. Das duas, teria preferido ser objeto da última. Mas quando ela permitiu que irrompesse, foi apenas por um momento. E estava acorrentada de novo, e por mais que pudesse dilacerá-la por dentro, ela a dominou.

– Vim até aqui, como eu estava dizendo, para ver como é uma criatura como você, sua fonte pura de amor! – disse ela. – Estava curiosa. Estou satisfeita. E também para dizer que é melhor você procurar essa sua casa, bem depressa, e esconder a cabeça entre aquela gente excelente que está à sua espera e que o seu dinheiro vai consolar. Quando acabar, você vai poder acreditar, confiar e amar de novo, sabe? Achei que você era um brinquedo quebrado que tinha durado o seu tempo, um enfeite jogado fora porque não brilhava mais. Mas como descobri que você é ouro de verdade, uma verdadeira dama, uma inocente abusada, com um coração limpo cheio de amor e confiança, como parece e é bem coerente com sua história, tenho mais uma coisa a dizer. Preste atenção, porque o que eu digo, eu cumpro. Está ouvindo, mau espírito? O que eu digo, eu cumpro!

O ódio a dominou outra vez por um momento, mas passou por seu rosto como um espasmo e a deixou sorrindo.

– Melhor se esconder – continuou –, senão em casa, em algum lugar. Que seja um lugar fora do alcance, em alguma vida obscura, ou, melhor ainda, alguma morte obscura. Me admira que, já que seu coração não se partiu, você não tenha encontrado um jeito de fazer ele parar de bater! Já ouvi falar disso. Acho que é uma coisa fácil de fazer.

Um grito baixo da parte de Emily a interrompeu então. Ela se calou e ouviu como se ouvisse música.

– Sou de natureza bem estranha, talvez – Rosa Dartle continuou –; mas não consigo respirar direito o ar que você respira. Acho repulsivo.

Por isso, vou limpar isto aqui; vou livrar isto aqui de você. Se ainda estiver aqui amanhã, vou anunciar a sua história e o seu caráter aí na escada coletiva. Me disseram que existem mulheres decentes na casa; e é uma pena que uma criatura como você esteja no meio delas, e escondida. Se ao sair daqui você procurar nesta cidade refúgio de qualquer tipo que não seja do tipo próprio para você (nesse você pode viver como quiser sem interferência minha), faço para você a mesma coisa outra vez, se eu souber onde se encontra. Ajudada por um cavalheiro que há não muito tempo aspirava o favor da sua mão, tenho certeza disso.

Ele não ia chegar nunca, nunca? Quanto tempo mais eu tinha de aguentar aquilo? Quanto tempo eu aguentaria?

– Ai de mim, ai de mim! – exclamava a arrasada Emily num tom que seria de esperar tocasse até o coração mais duro, mas em nada cedia no sorriso de Rosa Dartle. – O que eu faço, o quê?

– O que você deve fazer? – replicou a outra. – Viva feliz na sua própria cabeça! Dedique a sua existência a se lembrar da ternura de James Steerforth – ele quis que você casasse com o criado dele, não quis? – ou a agradecer a essa criatura direita e boa que teria aceitado você como presente dele. Ou então, se essas lembranças orgulhosas, se a consciência das suas próprias virtudes e a posição honrosa em que elas puseram você aos olhos de tudo que tem a forma humana, não bastarem para te sustentar, case com aquele bom homem e seja feliz com a condescendência dele. Se isso também não servir, morra! Não faltam vãos de portas e monturos de lixo para mortes assim, e diante do desespero... encontre um desses e voe para o céu!

Ouvi passos distantes na escada. Eu sabia, tinha certeza. Era ele, graças a Deus!

Ela se deslocou devagar para longe da porta ao dizer isso e saiu do meu campo de visão.

– Mas veja bem! – acrescentou, lenta e severamente, abrindo a outra porta para sair. – Estou decidida, por razões minhas e ódios que guardo comigo, a expulsar você, a menos que saia totalmente do meu alcance ou derrube essa máscara bonitinha. É isso o que tenho a dizer. E o que eu digo, eu faço!

Os passos na escada se aproximavam mais, mais, passaram por ela quando desceu, e entraram depressa no quarto!

– Tio!

Seguiu-se um grito terrível. Parei um momento, olhando para dentro, e o vi sustentando a figura insensível dela nos braços. Ele olhou o rosto dela alguns segundos, curvou-se para dar-lhe um beijo, ah, tão terno!, e cobriu-o com um lenço.

– Seu Davy – ele disse, com um tremor grave na voz, quando estava coberto –, eu agradeço ao Pai Celeste que o meu sonho se realizou! Agradeço de coração Ele me guiar pelo Seu caminho até a minha querida!

Com essas palavras, ele a carregou e, com o rosto velado apoiado ao peito, voltado para o dele, levou-a, imóvel e inconsciente, escada abaixo.

LI

O começo de uma longa jornada

Era ainda cedo na manhã do dia seguinte, quando eu estava andando no jardim com minha tia (que agora fazia muito pouco exercício, tão ocupada cuidando de minha querida Dora), e fui informado de que o sr. Peggotty queria falar comigo. Ele entrou no jardim para me encontrar a meio caminho, quando eu ia para o portão, descobriu a cabeça, como costumava fazer sempre que via minha tia, por quem tinha um grande respeito. Eu estivera contando a ela tudo o que havia acontecido na noite anterior. Sem dizer uma palavra, ela avançou com uma expressão cordial, apertou a mão dele e deu-lhe tapinhas no braço. O sr. Peggotty a entendeu tão bem como se tivesse falado mil palavras.

– Vou entrar agora, Trot – disse minha tia –, e cuidar da minha florzinha, que deve estar levantando.

– Espero que não seja por minha causa, dona – disse o sr. Peggotty. – Porque se eu não me aqui voco (com o que o sr. Peggotty queria dizer, "equivoco"), é por minha causa que a senhora tá deixando a gente.

– O senhor tem alguma coisa para dizer, meu amigo – replicou minha tia –, e vai ser melhor sem a minha presença.

– Com sua licença, dona – retomou o sr. Peggotty –, eu gostaria, se a minha conversa não for incômodo, que a senhora ficasse com a gente.

– É mesmo? – minha tia respondeu com abrupta boa vontade. – Então com certeza eu fico!

Ela então passou o braço pelo braço do sr. Peggotty e caminhou com ele até uma pequena estufa frondosa que havia no final do jardim, onde sentou num banco, eu ao lado dela. Havia lugar para o sr. Peggotty também, mas ele preferiu ficar em pé, apoiando a mão na pequena mesa rústica. Ali parado, olhando seu chapéu por um instante antes de começar a falar, não pude deixar de observar a força e o caráter que sua mão forte expressava, e que bela e confiável companhia era para seu

rosto honesto e cabelo grisalho.

– Ontem de noite, levei a minha menina querida – começou o sr. Peggotty, erguendo os olhos para os nossos – pro meu quarto, que eu tinha preparado faz tempo e estava esperando ela. Levou horas pra ela me reconhecer, e quando reconheceu, ajoelhou na minha frente, devagarinho me contou, que nem se estivesse rezando, tudo o que aconteceu. Pode crer, quando ouvi a voz dela, igual que eu ouvia antes, tão alegre, e vi ela humilhada, como se fosse na poeira onde o nosso Salvador escreveu com a mão abençoada, senti uma ferida no meu coração, no meio de toda a gratidão.

Ele passou a manga no rosto sem nenhuma pretensão de disfarçar o porquê e pigarreou.

– Não fiquei sentindo isso muito tempo, porque tinha encontrado ela. Foi só pensar que tinha encontrado ela e a tristeza passou. Nem sei por que falei disso agora. Nem tinha pensado nisso, um minuto atrás, falar alguma coisa de mim, mas saiu tão natural que falei sem nem perceber.

– O senhor é uma alma desprendida – disse minha tia –, e receberá a sua recompensa.

Com a sombra das folhas brincando sobre seu rosto, surpreso, o sr. Peggotty inclinou a cabeça para minha tia, em agradecimento por sua boa opinião, e retomou o fio que havia abandonado.

– Quando a minha Em'ly fugiu – disse ele, com uma ira severa e momentânea – da casa onde tava prisioneira daquela cobra venenosa como o seu Davy sabe, e o que me contou é verdade – Deus castigue aquele homem!–, ela fugiu na noite. Era uma noite escura, com uma porção de estrela brilhando. Ela tava perturbada. Correu pela praia, achando que o velho barco tava lá; e gritando pra gente virar a cara porque ela tava chegando. Ela ouvia os grito dela mesma como se fosse grito de outra pessoa; e se cortava nas pedra e nem percebia como se ela mesma fosse feita de pedra. Muito correu e tinha fogo no olho e rugido no ouvido. De repente, ou pelo menos foi o que ela pensou, o dia nasceu, chuvoso, com vento, e ela tava caída debaixo de uma pedra na praia, uma mulher falando com ela, perguntando, lá na língua daquela terra, o que tinha acontecido.

Ele via tudo o que narrava. Passava diante dele, enquanto falava, tão vividamente, que em sua intensidade ele apresentava o que me descrevia com mais nitidez do que sou capaz de expressar. Mal posso acreditar, escrevendo agora, muito tempo depois, que eu mesmo não estivesse presente a essas cenas, tamanha impressão de fidelidade me causaram.

– Quando a Em'ly, que tava com o olho pesado, enxergou melhor essa mulher – o sr. Peggotty continuou –, viu que era uma das que sempre conversava com ela na praia. Porque mesmo ela tendo fugido (como eu contei) muito longe na noite, muitas vez tinha andado até longe, um pouco a pé, um pouco de barco e de carroça, e conhecido aquela terra junto da costa, quilômetros e quilômetros. Ela não tinha filho, essa mulher, casada de novo; mas queria ter um logo. E que o céu escute minhas prece que dê pra ela essa felicidade, consolo e honra a vida inteira! Que os filho amem ela e seja honesto quando ela ficar velha, que ajude até o fim, anjos pra ela aqui e no além!

– Amém! – disse minha tia.

– Ela era meia medrosa e quieta – disse o sr. Peggotty –, e de primeiro ficava sentada meio longe, com a roca, ou algum trabalho lá dela, quando Em'ly conversava com as criança. Mas a Em'ly percebeu ela e foi falar com ela; e como a moça era chegada nas criança, as duas logo ficaram amiga. Tanto que quando Em'ly ia praqueles lado, ela sempre dava flor pra Em'ly. Era essa que tava lá perguntando o que tinha acontecido. A Em'ly contou e ela levou a Em'ly pra casa dela. Levou, sim. Levou ela pra casa – disse o sr. Peggotty cobrindo o rosto.

Esse ato de bondade o afetou mais do que qualquer coisa que vi afetá-lo desde a noite em que ela havia ido embora. Minha tia e eu tentamos não incomodá-lo.

– Devia de ser uma cabana, eu acho – disse ele então –, mas ela encontrou espaço pra Em'ly o marido dela tava no mar, e guardou segredo e pediu pros vizinhos que tinha (que não era muitos, perto) pra guardar segredo também. Em'ly caiu com uma febre ruim, e o mais estranho pra mim, quem sabe não tão estranho pra quem tem estudo, a língua daquela terra sumiu da cabeça dela, e ela só conseguia falar a língua dela, que ninguém entendia. Ela lembra, que nem se tivesse

sonhado, que ficou lá deitada, falando sempre na língua dela, sempre achando que o velho barco tava na próxima curva da baía, pedindo e implorando pra irem lá falarem que ela tava morrendo e trazer de volta um recado de perdão, nem que fosse uma palavra só. Ela achava, quase o tempo todo, que esse que eu falei agora pouco tava de tocaia embaixo da janela, depois achava que ele tava no quarto, e gritava pra moça não entregar ela, sabendo ao mesmo tempo que ela não entendia e morrendo de medo que ele levasse ela embora. Também tinha um fogo no olho e um rugido no ouvido e não tinha nem hoje, nem ontem, nem amanhã; e tudo na vida dela que tinha acontecido, ou que podia acontecer, tudo que nunca aconteceu e nunca podia acontecer, tava tudo atropelado dentro dela de uma vez, e nada claro nem bem-vindo, e mesmo assim ela cantava e ria! Não sei quanto tempo durou isso, não, mas aí veio um sono e nesse sono, muitas vez mais forte do que ela mesma, a Em'ly caiu numa fraqueza de criança pequena.

Ele então parou, como para respirar dos terrores de sua própria descrição. Depois de ficar em silêncio uns momentos, retomou a história.

– Era uma linda tarde quando ela acordou, e tão sossegada que não tinha barulho nenhum além do bater do mar azul na praia sem maré. Ela achou que tava em casa um domingo de manhã; mas as folha de trepadeira que via pela janela e os monte lá longe desmentia, e ela não tava em casa. Então a amiga dela entrou pra ficar do lado da cama e ela entendeu que o velho barco não tava ali na curva da baía, mas muito longe. E entendeu onde que ela tava e por quê. Começou a chorar no colo daquela boa moça onde eu espero que tenha um bebê deitado agora, alegrando ela com um olho bem bonito!

Ele não conseguia mencionar essa boa amiga de Emily sem uma torrente de lágrimas. Nem adiantava tentar. Ele chorou de novo ao tentar abençoá-la!

– Isso então fez muito bem pra Em'ly – ele retomou depois de uma emoção que eu não conseguia ver sem participar; e que fazia minha tia chorar com todo o coração. – Isso fez bem pra Em'ly e ela começou a sarar. Mas a língua daquela terra tinha sumido de dentro dela, e ela tinha de falar por sinal. Então ela continuou melhorando, dia após dia,

devagar, mas com certeza, tentando aprender os nome das coisa simples, os nome que parecia que ela nunca tinha ouvido a vida inteira, até que chegou uma noite quando ela tava sentada na janela, olhando uma menininha brincar na praia, e de repente a menina estendeu a mão e disse o que, em inglês, era "Filha de pescador, tá aqui uma concha!", porque os senhores não sabe é que no começo chamavam ela de "Bela Dona", como fazem naquela terra, e ela ensinou eles a chamar de "filha de pescador" no lugar. A menina diz de repente: "Filha de pescador, tá aqui uma concha!". E a Em'ly entende, responde, e começa a chorar, e volta tudo pra ela!

Depois de mais um breve intervalo de silêncio, disse o sr. Peggotty:

– Quando a Em'ly ficou forte de novo, ela resolveu se despedir daquela boa moça e voltar pra sua terra. O marido da moça tinha voltado pra casa e os dois botaram ela a bordo dum barquinho comercial pra Leghorn e de lá pra França. A Em'ly tinha um pouco de dinheiro, mas era menos que pouco perto de tudo o que eles tinha feito. Fico quase contente com isso, se bem que eles era muito pobre! O que eles fizeram está marcado onde nem a traça e a ferrugem não consome, nem ladrão pode arrombar e roubar.{41} Seu Davy, isso aí vai durar mais que todos os tesouro do mundo. Em'ly foi pra França, arrumou emprego atendendo senhoras em viagem numa estalagem no porto. Aí, um dia, vem aquela cobra. (Que ele nunca chegue perto de mim. Não sei o que eu sou capaz de fazer de mal pra ele!) Assim que vê ele, sem ele ver que ela viu, todo o medo e loucura voltou pra ela e ela fugiu antes mesmo dele respirar. Veio pra Inglaterra e aportou em Dover.

O sr. Peggotty continuou:

– Não sei com certeza, quando ela começou a fraquejar, mas a viagem inteira pra Inglaterra ela pensava em voltar pra casa. Logo que chegou na Inglaterra, ia seguir pra lá. Mas o medo de não ser perdoada, o medo de apontarem com o dedo, medo de algum de nós ter morrido, medo de muita coisa, desviaram ela, assim, à força: "Tio, tio", ela diz pra mim, 'medo de não ser digna de fazer o que meu coração sangrando tanto queria fazer, era o que mais medo me dava! Eu voltava quando meu coração estava cheio de preces pra ir rastejando até a velha porta, de

noite, beijar aquele lugar, deitar ali o meu rosto e ser encontrada morta de manhã."

Ela veio pra Londres. O sr. Peggotty falou, baixando a voz a um sussurro reverente. – Nunca... tinha ido pra Londres na vida... sozinha... sem um tostão... moça... tão bonita... foi pra Londres. Quase na mesma hora que chegou, tão desolada, encontrou uma amiga (foi o que ela achou); uma mulher decente que falou com ela do trabalho de costura que tinha aprendido, de encontrar muito trabalho pra ela, de alojar ela de noite, de procurar informação de mim e de todo mundo em casa, amanhã. Quando a minha menina –, disse ele em voz alta e com uma energia de gratidão que o sacudiu da cabeça aos pés – estava na beira de cair mais do que eu consigo imaginar, Martha cumpriu a promessa e salvou a Em'ly!

Não pude reprimir um grito de alegria.

– Seu Davy! –, ele falou, agarrando minha mão com a sua mão forte. – Foi o senhor que falou dela pra mim pela primeira vez. Eu agradeço, seu Davy! Ela foi honesta. Ela sabia, na dureza da vida dela, aonde procurar e o que fazer. E fez. E Deus tudo vê! Ela foi, branca e apressada, procurar a Em'ly dormindo. Disse pra ela assim: "Levante dessa cama pior que a morte e venha comigo!". Os da casa quiseram segurar, mas era mais fácil segurar o mar. "Longe de mim", ela diz, "eu sou um fantasma que vim buscar essa moça do além túmulo!". Ela contou pra Em'ly que tinha falado comigo, que sabia que eu amava ela e perdoava. Enrolou Em'ly depressa na roupa. Pegou ela fraca, tremendo, pelo braço. Não deu ouvido pra nada do que eles dizia como se fosse surda. Passou pelo meio deles com a minha menina, pensando só nela, e tirou ela de lá com segurança, na escuridão da noite, da fossa negra da perdição!

O sr. Peggotty, que havia soltado minha mão e levado a sua ao peito, ofegante, disse:

– Ela cuidou da Em'ly, que tava esgotada e delirando de quando em quando, até bem tarde. Depois, foi me procurar, depois procurar o senhor, seu Davy. Ela não falou pra Em'ly porque tava saindo, pro coração dela não parar e ela pensar em se esconder. Como aquela mulher ruim ficou sabendo que ela tava lá eu não sei dizer. Se o sujeito de que eu

tanto falei viu por acaso ela entrando lá, ou se (o que é mais provável, na minha cabeça) ele ficou sabendo pela mulher, eu não quero nem saber. Encontrei a minha sobrinha. – A noite inteira – disse o sr. Peggotty, "nós ficamos junto, a Em'ly e eu. Pelo tempo que passou, ela pouco falou com palavra no meio das lágrima. Menos ainda eu vi aquele rosto querido que cresceu e virou mulher na minha casa. Mas a noite inteira ficou abraçada no meu pescoço, com a cabeça bem aqui, e a gente sabe muito bem, nós dois, que pode confiar um no outro pra sempre."

Ele parou de falar e sua mão sobre a mesa estava em perfeito repouso, com uma determinação tamanha que poderia vencer leões.

– Para mim foi como um raio de luz, Trot – disse minha tia, enxugando os olhos –, quando tomei a decisão de ser madrinha de sua irmã Betsey Trotwood, que me decepcionou; mas ao lado disso, nada poderá me dar maior prazer do que ser a madrinha do bebê dessa moça.

O sr. Peggotty fez que sim com a cabeça, entendendo o sentimento de minha tia, mas incapaz de confiar em si mesmo para fazer qualquer referência verbal ao assunto da determinação dela. Ficamos todos em silêncio, ocupados com nossas próprias reflexões (minha tia enxugando os olhos e ora chorando convulsivamente, ora rindo e dizendo que era uma boba), até eu falar.

– Está bem decidido quanto ao futuro, meu bom amigo? – perguntei ao sr. Peggotty. – Nem preciso perguntar.

– Decidido, seu Davy – ele respondeu –, e falei pra Em'ly: países tem muitos, longe daqui. Nosso futuro tá do outro lado do mar.

– Eles vão emigrar juntos, tia – disse eu.

– Isso! – o sr. Peggotty falou com um sorriso esperançoso. – Ninguém vai poder censurar a minha querida lá na Austrália.{42} Nós vamos começar uma vida nova lá.

Perguntei se ele já havia decidido uma data para a partida.

– Eu fui até o porto hoje de manhã, seu Davy – replicou –, pra me informar dos navio. Daqui seis semanas, ou dois meses, vai ter um partindo, esse eu vi hoje de manhã, subi a bordo, e vamo comprar as passagem.

– Sozinhos? – perguntei.

– É, seu Davy! – ele respondeu. – Minha irmã, como o senhor sabe, gosta muito do senhor e dos seus, e está tão acostumada a pensar na terra dela que não ia ser justo fazer ela ir junto. Além disso, tem alguém que depende dela, seu Davy, não se pode esquecer.

– Pobre Ham! – eu disse.

– Minha irmã cuida da casa dele, sabe, dona, e ele gosta muito dela – o sr. Peggotty explicou a minha tia, para informá-la melhor. – Ele senta e conversa com ela, com o espírito calmo, quando parecia que ele não ia nunca mais falar com mais ninguém. Coitado! – disse o sr. Peggotty sacudindo a cabeça. – Sobrou tão pouca coisa pra ele que até podia largar o pouco que tem!

– E a senhora Gummidge? – perguntei.

– Bom, eu muito que me preocupei com a dona Gummidge – respondeu o sr. Peggotty, começando a falar com uma expressão perplexa que foi clareando aos poucos à medida que continuava. – O senhor viu, quando a dona Gummidge começa a pensar no velho dela, não é o que se pode chamar de boa companhia. Aqui entre nós, seu Davy, e a senhora, dona, quando a dona Gummidge pega a choramingar, dá pra quem não conheceu o velho até pensar que ela é rabugenta. Ora, eu *conheci* o velho – disse o sr. Peggotty –, sei dos mérito dele, então eu entendo ela, mas as coisa não são bem assim com os outro, nem dá pra ser.

Minha tia e eu concordamos com a cabeça.

– Por isso – disse o sr. Peggotty – minha irmã pode, não digo que vá fazer isso, mas que pode, achar que a dona Gummidge vai dar um pouco de trabalho pra ela de vez em quando. Por isso, não tenho a intenção de amarrar a dona Gummidge com eles muito tempo, quero é encontrar um lugar para ela se virar sozinha. E pra isso eu tô pensando em deixar pra ela uma pensão antes de ir embora, pra ela viver bem – disse o sr. Peggotty. – Ela é a criatura mais fiel do mundo. Não dá pra pensar, claro, que nessa altura da vida, ela sozinha e abandonada, a gente possa jogar a boa e velha dona Gummidge num navio, e nos campo e floresta de uma terra nova e distante. Então é isso que eu vou fazer com ela.

Ele não se esqueceu de ninguém. Pensou nas necessidades e lutas de todos, menos nas suas próprias.

– A Em'ly – continuou, coitadinha, vai continuar comigo – a pobre tá precisando de paz e sossego! – até a hora da gente partir de viagem. Ela vai fazer as roupa que precisa fazer, e o que eu espero é que os problemas dela pareça que ficou lá pra trás quando ela ficar de novo do lado do tio que é bruto, mas amoroso.

Minha tia confirmou com a cabeça essa esperança, o que deu grande satisfação ao sr. Peggotty.

– Tem mais uma coisa, seu Davy – disse, pondo a mão no bolso do peito e tirando dali, muito sério, um embrulho que eu tinha visto antes, e que desenrolou sobre a mesa. – Tem aqui este dinheiro, cinquenta libra e dez pence. Quero juntar aqui mais o dinheiro que ela levou quando foi embora. Perguntei quanto que era (sem dizer por quê) e somei tudo. Não sou inteligente. O senhor pode fazer o favor de ver se tá certo?

Desculpando-se por seu pouco conhecimento, ele me entregou um pedaço de papel e ficou observando enquanto eu conferia. Estava certo.

– Obrigado, seu Davy – ele falou, pegando o papel de volta. – Esse dinheiro, se o senhor não tem nada contra, seu Davy, eu vou botar num envelope antes de ir, endereçado pra ele, e esse dentro de um outro, endereçado pra mãe dele. Vou dizer pra ela, igual estou dizendo pro senhor, o quanto que tem aqui; e que eu fui embora e não tem como ele me devolver.

Disse a ele que achava que seria certo fazer assim, que eu estava absolutamente convencido de que estava certo, se ele achava que estava certo.

– Eu disse que tinha só mais uma coisa – continuou, com um sorriso grave, quando refez o embrulho e guardou no bolso –, mas tem duas. Quando eu saí hoje de manhã, eu não tava bem certo, na minha cabeça, se conseguia ir lá contar pro Ham, eu mesmo, o que graças a Deus aconteceu. Então escrevi uma carta quando tava longe e pus no correio, contando pra ele em que pé que tão as coisa e que eu devo de voltar amanhã pra tirar da cabeça o pouco que tem pra resolver e, quase com certeza, dizer adeus pra Yarmouth.

– E quer que eu vá com o senhor? – perguntei, vendo que ele havia deixado algo não dito.

– Se pudesse me fazer esse grande favor, seu Davy – ele respondeu –, sei que ver o senhor vai animar um pouco ele.

Como a minha pequena Dora estava bem-disposta e queria muito que eu fosse, conforme descobri conversando com ela, me prontifiquei a acompanhá-lo de acordo com sua vontade. Na manhã seguinte, portanto, estávamos na diligência para Yarmouth, novamente rodando no chão antigo.

À noite, quando passávamos pela rua conhecida, o sr. Peggotty carregando minha mala, apesar de meus protestos, vi a loja de Omer e Joram e meu velho amigo, o sr. Omer, na porta, fumando seu cachimbo. Eu relutava em estar presente quando o sr. Peggotty encontrasse a irmã e Ham, e usei o sr. Omer como desculpa para ficar para trás.

– Como vai o senhor Omer, depois desse longo tempo? – perguntei, entrando.

Ele abanou a fumaça do cachimbo para me ver melhor, e logo me reconheceu com grande prazer.

– Eu devia me levantar, para demonstrar a honra dessa visita – disse ele –, mas minhas pernas estão bem estragadas e ando em cadeira de rodas. Mas sem contar os membros e a respiração, muito agradeço poder dizer que estou tão saudável como qualquer homem pode estar.

Elogiei sua boa aparência e animação, e vi então que sua poltrona tinha rodas.

– Coisa engenhosa, não é? – ele perguntou, acompanhando meu olhar, polindo o apoio com o braço. – Corre leve feito uma pluma e firme como uma diligência. Bendita seja a minha pequena Minnie – minha neta, sabe, filha da Minnie –, quando ela dá uma empurrada e lá vamos nós, mais espertos e alegres do que se possa pensar! E sabe do que mais: é uma poltrona ótima para fumar cachimbo!

Nunca vi nenhum velho olhar o lado bom das coisas e se divertir com elas como o sr. Omer. Ele estava radiante, como se a cadeira, a asma e a fraqueza das pernas fossem vários ramos de uma grande invenção para o

prazer de fumar um cachimbo.

– Nesta cadeira, eu vejo mais do mundo, pode crer – disse o sr. Omer –, do que via fora dela. O senhor ia ficar surpreso com o número de pessoas que olham para dentro todo dia para conversar. Ia mesmo! O jornal tem o dobro de notícias desde que estou nesta cadeira. Quanto à leitura em geral, nossa, quanta! Eu leio tudo! Por isso me sinto tão forte, sabe? Se o problema fosse meus olhos, o que eu podia fazer? Se fosse meu ouvido, o que eu podia fazer? Mas minhas pernas, o que significa isso? Ora, minhas pernas só serviram para deixar minha respiração mais curta quando usei as pernas. E agora, se eu quero sair para a rua ou ir até a areia, basta chamar o Dick, o aprendiz mais novo do Joram, e lá vou eu na minha própria carruagem, como o lorde prefeito de Londres!

Ele então quase sufocou de tanto rir.

– Benza Deus! – disse o sr. Omer, retomando o cachimbo. – Quem come a carne que lhe roa o osso; é isso que ele tem de resolver nesta vida. O Joram faz um trabalho muito bom. Um trabalho excelente!

– Fico muito contente com isso – disse eu.

– Sabia que ficaria – disse o sr. Omer. – E Joram e Minnie são como namorados. O que mais um homem pode desejar? O que são as pernas diante *disso*?

Seu supremo desdém por seus membros, sentado ali, fumando, era uma das esquisitices mais agradáveis que eu já havia encontrado.

– E desde que passei a ser um bom leitor, o senhor passou a ser um bom escritor, hein? – disse o sr. Omer, me examinando com admiração. – Que belo trabalho o seu! Que expressões! Leio cada palavra, todas as palavras. E se fico com sono? Nem um pouco!

Ri, expressando minha satisfação, mas devo confessar que achei significativa essa associação de ideias.

– Dou minha palavra de honra – disse o sr. Omer – que quando ponho aquele livro em cima da mesa e olho para ele de fora, compacto, em três volumes independentes: um, dois, três, fico orgulhoso como Punch por ter tido a honra de ter tido contato com a sua família. E, nossa, quanto tempo faz isso agora, não é? Lá em Blunderstone. Que linda pessoazinha

enterrada ao lado da outra pessoa. E você, uma pessoa tão pequena na época. Nossa, minha nossa!

Mudei de assunto e falei de Emily. Depois de garantir a ele que não me esquecia do quanto ele havia se interessado por ela e como sempre a tratara com gentileza, fiz a ele um relato geral de seu reencontro com o tio com a ajuda de Martha, que eu sabia que ia agradar ao velho. Ele ouviu com absoluta atenção e disse, emocionado, quando terminei:

– Fico muito contente com isso, senhor Copperfield! É a melhor notícia que recebo em muitos dias. Nossa, nossa, nossa! E o que vai se fazer agora pela Martha, essa moça infeliz?

– O senhor toca num ponto que tem ocupado meus pensamentos desde ontem – disse eu –, mas sobre o qual não tenho ainda nenhuma informação, senhor Omer. O senhor Peggotty não falou nada a respeito e tive a delicadeza de não tocar no assunto. Tenho certeza de que ele não se esqueceu. Ele não se esquece de nada que seja desinteressado e bom.

– Porque sabe de uma coisa? – disse o sr. Omer retomando de onde havia parado –, porque faça o que fizer, eu gostaria de participar. Contem comigo com o valor que acharem correto e me avisem. Nunca pensei que aquela moça fosse ruim e fico contente de descobrir que não é. Minha filha Minnie também vai ficar. Moças são criaturas contraditórias em algumas coisas, a mãe dela era igualzinha a ela, mas são boas e ternas de coração. Com a Minnie é tudo da boca para fora. Por que ela acha que precisa fazer essas demonstrações, não sei explicar. Mas é tudo da boca para fora, pode crer. Em particular, ela faria qualquer coisa pela moça. Então, tenha a bondade de contar comigo para o valor que achar correto, e me mande um endereço para onde enviar. Nossa! – disse o sr. Omer –, quando um homem está chegando a um momento em que as duas pontas da vida se encontram; quando ele se vê, por mais saudável que seja, empurrado num carrinho pela segunda vez; devia ficar contente de fazer toda bondade que puder. Precisa de muita. E não falo por mim em particular – disse o sr. Omer –, porque, sabe, no meu entender, nós estamos todos descendo a ladeira em qualquer idade, porque o tempo não para nem por um momento. De forma que vamos sempre fazer o bem e ficar contentes. Sem dúvida nenhuma!

Ele bateu a cinza do cachimbo e colocou-o num suporte especial em sua cadeira.

– Tem o primo da Em'ly, aquele que era para casar com ela – disse o sr. Omer, esfregando as mãos de leve –, não tem rapaz melhor em Yarmouth! Ele vem, conversa comigo ou lê para mim, à noite, às vezes durante uma hora inteira. É fazer o bem, eu diria! A vida dele inteira é fazer o bem.

– Vou até a casa dele agora – eu disse.

– Vai? – o sr. Omer perguntou. – Diga que estou bem e mande meus cumprimentos. A Minnie e o Joram estão num baile. Se estivessem em casa, iam ficar tão orgulhosos como eu de encontrar o senhor. A Minnie quase não sai de casa, sabe?, "por causa do pai", ela diz. Então jurei que, hoje à noite, se ela não fosse, eu ia para a cama às seis horas. O resultado disso – o sr. Omer se sacudiu, junto com a cadeira, de tanto rir do seu sucesso – é que ela e o Joram estão num baile.

Apertei a mão dele e desejei boa noite.

– Um minutinho só – disse o sr. Omer. – Se for embora sem ver meu elefantinho, vai perder a melhor de todas. Você nunca viu coisa igual! Minnie!

Uma voz musical respondeu de algum lugar no andar de cima: "Estou descendo, vovô!", e uma menina linda com cabelo comprido muito claro e cacheado logo entrava correndo na loja.

– Este é o meu elefantinho, senhor Copperfield – disse o sr. Omer, acariciando a menina. – De estirpe siamesa. Vamos, elefantinho!

O elefantinho abriu uma porta, permitindo que eu visse que a saleta havia sido transformada em um quarto para o sr. Omer, que não podia mais subir a escada. E em seguida escondeu a linda testa, sacudindo os cabelos, no encosto da cadeira do sr. Omer.

– O elefante usa a cabeça, como o senhor sabe – disse o sr. Omer, piscando – quando quer empurrar um objeto. Um, elefante. Dois. Três!

Ao seu sinal, o elefantinho, com uma destreza que era um prodígio em animal tão pequeno, empurrou a cadeira com o sr. Omer sentado e a fez rodar, a esmo, para dentro do quarto, sem tocar na porta. Adorando

indescritivelmente o espetáculo, o sr. Omer foi olhando para mim no trajeto, como se fosse o cortejo triunfal de todos os esforços de sua vida.

Depois de dar uma volta na cidade, fui à casa de Ham. Peggotty havia se mudado em definitivo para lá; e alugara sua casa ao sucessor do sr. Barkis no negócio de transportes, que lhe pagava bem pela boa vontade, carroça e cavalo. Acredito que o mesmo cavalo lento do sr. Barkis ainda estava a serviço.

Encontrei-os na cozinha bem-arrumada, acompanhados pela sra. Gummidge, que tinha sido trazida do velho barco pelo próprio sr. Peggotty. Duvido que qualquer outra pessoa pudesse convencê-la a abandonar o posto. Evidentemente, ele havia contado a todos. Tanto Peggotty como a sra. Gummidge levavam o avental aos olhos, e Ham tinha acabado de sair "para dar uma espiada na praia". Ele então voltou, muito contente de me ver; e espero que tenha sido bom para eles eu estar lá. Conversamos, com algo quase perto da alegria, sobre o sr. Peggotty ficar rico no novo país e das maravilhas que haveria de descrever em suas cartas. Não mencionamos o nome de Emily, mas nos referimos a ela mais de uma vez. Ham era o mais sereno do grupo.

Mas quando Peggotty me levou para um quartinho, onde o Livro do Crocodilo estava pronto para mim em cima da mesa, ela me disse que ele era sempre o mesmo. Ela achava, me disse, chorando, que ele estava com o coração partido; embora cheio de coragem e de bondade, trabalhando mais e melhor que qualquer construtor de navios em qualquer estaleiro de qualquer lugar. Havia momentos, à noite, disse ela, em que Ham falava da vida de antes, da casa-barco, e mencionava Emily quando criança. Mas nunca falava dela como mulher.

Achei ter lido no rosto dele que queria falar comigo a sós. Portanto resolvi cruzar o caminho dele na noite seguinte, quando voltasse do trabalho. Tendo resolvido isso internamente, dormi. Essa noite, pela primeira vez em tantas noites, a vela foi retirada da janela, o sr. Peggotty pendurou a velha rede no velho barco e o vento murmurou o velho som em torno de sua cabeça.

Durante todo o dia seguinte, ele se ocupou vendendo o barco de pesca e os equipamentos, empacotando e despachando a Londres por carroça

os poucos pertences domésticos que achava que poderiam ser úteis, desfazendo-se do resto, ou dando de presente à sra. Gummidge. Ela passou o dia inteiro com ele. Como eu tinha muita vontade de ver de novo a velha casa-barco antes que fosse trancada, marquei de me encontrar com eles lá, à noite. Mas combinei de tal forma que pudesse encontrar Ham antes.

Foi fácil cruzar o caminho dele, uma vez que eu sabia onde trabalhava. Fui encontrá-lo num lado retirado da areia, onde sabia que ele ia passar, e voltei com ele para que pudesse ter tempo de falar comigo como realmente quisesse. Eu não havia entendido errado a expressão de seu rosto. Tínhamos caminhado apenas um pequeno trecho juntos quando ele disse, sem olhar para mim:

– Seu Davy, o senhor viu ela?

– Só por um momento, quando estava desmaiada – respondi com cuidado.

Caminhamos um pouco mais e ele disse:

– Seu Davy, o senhor vai encontrar com ela, o senhor acha?

– Talvez fosse muito doloroso para ela – eu disse.

– Eu pensei nisso – ele replicou. – Seria mesmo, sim, senhor, seria mesmo.

– Mas Ham – eu disse, cautelosamente –, se existe alguma coisa que possa escrever para ela em seu nome, no caso de eu não poder falar; se existe alguma coisa que você queira que ela saiba através de mim, consideraria isso um dever sagrado.

– Não tenho a menor dúvida. Agradeço, seu Davy, bondade sua! Acho que tem uma coisa que eu quero que diga ou que escreva.

– O que é?

Andamos mais um pouco em silêncio e ele falou.

– Não é que eu perdoo ela. Não é tanto isso. É mais que eu imploro pra ela me perdoar, por ter forçado meu amor. Às vez eu penso que se eu não tivesse feito ela prometer que casava comigo, seu Davy, ela ia confiar em mim, como amigo, e me falava o que estava dentro da cabeça dela, e tinha se aconselhado comigo e eu podia ter salvado ela.

Apertei a mão dele.

– Isso é tudo?

– Tem mais uma coisa – ele retomou –, se eu posso falar, seu Davy.

Seguimos mais um pouco, mais do que havíamos andado até ali antes que falasse de novo. Ele não estava chorando quando fazia as pausas que expressarei por reticências. Estava apenas se concentrando para falar com muita clareza.

– Eu amava ela... E amo a lembrança dela... Muito demais... pra deixar ela pensar que eu sou um homem feliz. Eu só podia ser feliz... Se esquecesse ela... Mas acho que não ia aguentar que contassem isso pra ela. Mas se o senhor, tão cheio de entendimento, seu Davy, conseguir pensar em alguma coisa pra dizer que faça ela acreditar que eu não fiquei muito machucado: ainda amando ela e lamentando por ela: qualquer coisa que faça ela acreditar que eu não estou cansado da vida e que queria ver ela sem culpa, lá onde os ruim para de perturbar e os cansado pode descansar{43}... Qualquer coisa pra aliviar a tristeza dela e ao mesmo tempo não fazer ela pensar que eu um dia posso casar, ou que qualquer outra possa ser pra mim o que ela era... Queria que o senhor dizia isso... Com as minhas prece por ela... Que era tão querida.

Apertei a mão dele outra vez e disse que ia me encarregar disso o melhor possível.

– Eu agradeço, seu Davy – ele falou. – Bondade sua encontrar comigo. Bondade sua acompanhar meu tio até aqui. Seu Davy, a minha tia vai pra Londres antes deles viajar, e vão se encontrar de novo, mas eu sei muito bem que nunca mais vou ver ele de novo. Acho que tenho certeza disso. A gente não fala, mas é assim que vai ser, e melhor não falar. A última vez que o senhor estiver com ele, no último minuto, o senhor pode dizer pra ele do respeito, do amor e da gratidão do órfão, e que ele sempre foi mais que um pai pra mim?

Prometi isso também, fielmente.

– Eu agradeço de novo, seu Davy – ele disse, apertando vigorosamente minha mão. Sei pra onde o senhor vai. Até logo.

Com um ligeiro aceno de mão, como para me explicar que não podia

entrar na velha casa, ele virou as costas. Fiquei olhando sua figura se afastar, atravessando a vastidão ao luar, vi que voltou o rosto para uma faixa de luar prateado sobre o mar e seguiu, olhando para ela, até ser apenas uma sombra ao longe.

A porta da casa-barco estava aberta quando cheguei, e ao entrar encontrei-a vazia de móveis, a não ser por um dos velhos baús, sobre o qual a sra. Gummidge estava sentada, com um cesto no colo, olhando para o sr. Peggotty. Com o cotovelo apoiado no rústico aparador da lareira, ele olhava as brasas a expirar na grelha; mas levantou a cabeça curioso ao me ver entrar, e falou em tom alegre.

– Veio se despedir conforme o prometido, hein, seu Davy? – exclamou, pegando a vela. – Tá vazia, não é?

– O senhor aproveitou bem mesmo o tempo – disse eu.

– Ah, ninguém ficou parado. Dona Gummidge trabalhou feito uma... nem sei como o que que a dona Gummidge trabalhou – disse o sr. Peggotty, olhando para ela sem encontrar uma palavra adequada para a comparação.

Apoiada à cesta, a sra. Gummidge não fez nenhum comentário.

– Nesse baú aí é que o senhor sentava, do lado da Em'ly! – disse o sr. Peggotty num sussurro. – Vou levar ele comigo por último. E aqui onde era o seu quartinho, está vendo, seu Davy? Já tá vazio de tudo, não é?

Na verdade, o vento, embora fraco, tinha um som solene, e atravessava aquela casa deserta com um gemido sussurrado que era como um lamento. Tudo havia sido levado embora, até o pequeno espelho com moldura de madrepérola. Lembrei-me de mim ali deitado quando aquela primeira mudança estava acontecendo em minha casa. Pensei na menina de olhos azuis que havia me encantado. Pensei em Steerforth e me veio um tolo capricho temeroso de que ele estava por perto e podia ser encontrado a qualquer momento.

– Parece que vai demorar – disse o sr. Peggotty em voz baixa – até o barco encontrar outros morador. O pessoal agora acha o barco amaldiçoado!

– Pertence a alguém do bairro? – perguntei.

– É de um homem que faz mastro – disse o sr. Peggotty. – Vou devolver a chave pra ele agora de noite.

Olhamos o outro quartinho e voltamos para a sra. Gummidge sentada no baú e, colocando a vela no aparador da lareira, o sr. Peggotty pediu que ela levantasse para ele levar o baú para fora antes de apagar a vela.

– Dan'l – disse a sra. Gummidge, largando a cesta de repente e agarrando o braço dele –, meu querido Dan'l, a última palavra que eu digo nesta casa é que você não me deixe pra trás. Nem pense em me abandonar, Dan'l! Ah, não faça isso comigo!

Perplexo, como se despertasse de um sono, o sr. Peggotty olhou da sra. Gummidge para mim e de mim para a sra. Gummidge.

– Não faça isso, meu querido Dan'l, não faça! – exclamou a sra. Gummidge ardorosamente. – Me leve com você, Dan'l, me leve junto com você e a Em'ly! Posso ser sua criada, pra sempre, fiel. Se tem escravo nesses lado pra onde tá indo, posso ser uma escrava, e fico feliz, mas não me largue pra trás, Dan'l, meu muito querido!

– Amiga da minha alma – disse o sr. Peggotty sacudindo a cabeça –, não sabe como a viagem é longa e como a vida lá é dura!

– Eu sei, sim, Dan'l! Adivinho! – exclamou a sra. Gummidge. – Mas a minha última palavra debaixo deste teto é que se eu for pro asilo eu morro, se não me levar. Eu sei cavar, Dan'l. Posso trabalhar. Aguento a vida dura. Eu posso ser amorosa e paciente, mais do que imagina, Dan'l, se você quiser tentar. Não toco num tostão da pensão, nem que seja pra morrer de fome, Dan'l Peggotty, mas se você deixar, vou junto com você e a Em'ly até o fim do mundo! Eu sei como é: você acha que eu sou sozinha e abandonada, mas, meu amor querido, eu não sou mais assim! Não fiquei sentada aqui tanto tempo, vigiando, e pensando no seu sofrimento sem aprender alguma coisa que fez bem pra mim. Seu Davy, fale com ele! Conheço ele, a Em'ly, sei do sofrimento deles, posso consolar os dois, trabalhar pra todo mundo! Dan'l, meu Dan'l querido, deixe eu ir com você!

E a sra. Gummidge pegou a mão dele e beijou de um jeito doméstico e afetuoso, num acesso de devoção e gratidão que ele de fato merecia.

Levamos o baú para fora, apagamos a vela, fechamos a porta por fora,

deixamos o velho barco trancado, uma mancha escura na noite nebulosa. No dia seguinte, ao voltarmos para Londres na parte externa da diligência, a sra. Gummidge com sua cesta seguiam no banco de trás, e a sra. Gummidge estava feliz.

LII

Ajudo numa explosão

Quando a data marcada tão misteriosamente pelo sr. Micawber estava a vinte e quatro horas, minha tia e eu discutimos como proceder, porque minha tia estava muito pouco disposta a deixar Dora. Ah, como eu carregava Dora com facilidade para cima e para baixo da escada agora!

Decidimos que, apesar da exigência do sr. Micawber de que minha tia estivesse presente, ela ficaria em casa e seria representada pelo sr. Dick e por mim. Em resumo, tínhamos resolvido por esse rumo quando Dora mais uma vez nos surpreendeu declarando que nunca se perdoaria e nunca perdoaria seu mau menino se minha tia ficasse para trás por causa dela.

– Não vou falar com a senhora – disse Dora, sacudindo os cachos para minha tia. – Vou ser desagradável! Vou fazer Jip latir para a senhora o dia inteiro. Vou ter certeza de que a senhora é mesmo "uma velha rabugenta" se não for!

– Quieta, minha florzinha! – minha tia riu. – Você sabe que não pode ficar sem mim!

– Posso, sim – disse Dora. – A senhora não me faz a menor falta. Nunca sobe e desce a escada por minha causa o dia inteiro. Nunca fica sentada me contando histórias sobre Doady, sobre como os sapatos dele estavam furados, cobertos de poeira... ah, coitadinho, tão pequenininho! Nunca faz nada para me agradar, faz, minha querida? – E Dora correu para beijar minha tia dizendo: – Faz, sim! Só estou brincando!– temendo que minha tia acreditasse de fato.

– Mas tia – disse Dora, ralhando –, agora escute bem. A senhora tem de ir. Vou amolar até fazer o que eu quero dessa vez. Vou infernizar tanto o meu mau menino se ele não fizer a senhora ir. Vou ser *tão* desagradável. E Jip também! A senhora vai preferir ter ido durante muito, muito tempo se não for. Além disso – disse Dora afastando do

rosto o cabelo e olhando atentamente para minha tia e para mim –, por que não iriam os dois? Não estou tão doente assim. Estou?

– Ora, que pergunta! – minha tia exclamou.

– Que caprichosa! – disse eu.

– É! Sei que sou uma boba! – disse Dora, olhando devagar de um para outro e depois projetando os lindos lábios para nos beijar antes de deitar no sofá. – Então, têm de ir os dois, senão nunca mais acredito em vocês e vou chorar!

Vi no rosto de minha tia que ela começava a ceder, e Dora se alegrou de novo ao perceber isso também.

– Vão voltar com tanta coisa para contar que vai levar pelo menos uma semana para eu entender! – disse Dora. – Porque *sei* que não vou entender durante algum tempo o que está acontecendo. E tenho certeza de que está acontecendo alguma coisa! Além disso, se tiver alguma consequência, não sei quando vou entender, e o meu mau menino vai ficar *muito* arrasado o tempo todo. Pronto! Agora vocês vão, não vão? Vão ficar fora só uma noite, e Jip toma conta de mim enquanto não estiverem aqui. Doady me carrega para cima antes de ir e não desço de novo enquanto não voltarem, e vão levar para Agnes uma carta minha muito brava porque ela nunca vem ver a gente!

Concordamos sem discutir mais nada, que iríamos os dois, e que Dora era uma pequena impostora, que fingia estar muito doente porque queria ser mimada. Ela ficou muito contente e alegre com isso; e nós quatro, isto é, minha tia, o sr. Dick, Traddles e eu, fomos para Canterbury com o carro do correio de Dover essa noite.

No hotel onde o sr. Micawber havia pedido que o esperássemos, tivemos algum problema para entrar no meio da noite, e encontrei uma carta, informando que ele ia aparecer de manhã, pontualmente às nove e meia. Depois disso, àquela hora incômoda, fomos tremendo para nossas camas através de vários corredores estreitos, que cheiravam como se tivessem sido mergulhados por séculos numa solução de sopa e estábulo.

De manhã cedo, passeei pelas queridas e tranquilas ruas de antigamente, e de novo me misturei às sombras dos veneráveis portões e igrejas. As gralhas voavam em torno das torres da catedral, e as próprias

torres, pairando inalteradas acima do vasto campo e seus agradáveis ribeirões, cortavam o claro ar matinal, como se não existisse na terra algo chamado mudança. No entanto, os sinos, ao tocar, me falaram tristemente de mudança em tudo; me falaram de sua própria idade e da juventude de minha linda Dora; e dos muitos, nunca velhos, que tinham vivido, amado e morrido enquanto as reverberações dos sinos penetravam a armadura enferrujada do Príncipe Negro pendurada lá dentro, e a poeira do fundo do Tempo se perdia no ar como círculos na água.

Olhei a velha casa na esquina da rua, mas não cheguei perto temendo ser observado e prejudicar sem querer o plano que tinha vindo auxiliar. O sol matinal iluminava lateralmente os beirais e treliças, tocando-os de ouro, e alguns raios de sua antiga paz tocaram meu coração.

Passeei pelo campo durante uma hora e pouco e voltei para a rua principal, que no intervalo havia sacudido o sono da noite anterior. Entre os que se movimentavam nas lojas, vi meu antigo inimigo, o açougueiro, com botas altas e um bebê, e havia progredido em negócio próprio. Ele cuidava do bebê, e parecia um elemento generoso da sociedade.

Nós todos ficamos muitos ansiosos e impacientes quando nos sentamos para o desjejum. Quando foi chegando mais e mais perto das nove e meia, nossa inquieta expectativa pelo sr. Micawber aumentou. Por fim, não fingimos mais tomar a refeição que, a não ser pelo sr. Dick, havia sido mera formalidade desde o início; mas minha tia andava de um lado para outro da sala, Traddles sentou-se no sofá fingindo ler o jornal com os olhos no teto; e eu olhava para a janela para avisar logo que o sr. Micawber aparecesse. Não tive de olhar muito, porque no primeiro toque da meia hora, ele apareceu na rua.

– Aí vem ele – eu disse –, e sem a sua roupa de judiciário!

Minha tia amarrou os cordões do chapéu (ela havia descido para o desjejum com ele) e ajeitou o xale como se estivesse pronta para qualquer coisa decisiva e sem concessões. O sr. Dick, perturbado por essas atitudes assombrosas, mas sentindo que era preciso imitá-las, enfiou o chapéu com ambas as mãos com toda a firmeza até as orelhas e

instantaneamente o tirou de novo para saudar o sr. Micawber.

– Cavalheiros, minha senhora – disse o sr. Micawber –, bom dia! Meu caro – para o sr. Dick que apertou a mão dele com toda a força –, o senhor é extremamente generoso.

– Já tomou café? – perguntou o sr. Dick. – Coma uma costeleta!

– Nem por nada deste mundo, meu bom senhor! – exclamou o sr. Micawber, impedindo que ele tocasse a campainha. – O apetite e eu, senhor Dixon, somos estranhos há muito tempo.

O sr. Dixon ficou tão satisfeito com seu novo nome, e pareceu achar que era tão gentil da parte do sr. Micawber brindá-lo com ele, que apertou sua mão outra vez e riu como uma criança.

– Dick – disse minha tia –, atenção!

O sr. Dick se controlou e ficou vermelho.

– Agora, senhor Micawber – disse minha tia calçando as luvas –, estamos prontos para o monte Vesúvio ou qualquer outra coisa, o mais depressa possível.

– Minha senhora – replicou o sr. Micawber –, creio que muito em breve a senhora vai assistir a uma erupção. Senhor Traddles, tenho sua permissão para mencionar que nos comunicamos?

– É fato, Copperfield, sem dúvida – disse Traddles, para quem olhei surpreso. – O senhor Micawber me consultou com relação ao que planeja, e dei a ele o melhor conselho de que fui capaz.

– A menos que esteja enganado, senhor Traddles – continuou o sr. Micawber –, o que planejo é uma revelação da mais alta importância.

– Altíssima – disse Traddles.

– Talvez nestas circunstâncias, minha senhora, cavalheiros – disse o sr. Micawber –, possam fazer o favor de submeter, de momento, à direção de alguém que, por mais indigno de ser considerado qualquer coisa além de rebotalho e perdido à margem da natureza humana, ainda é um próximo dos senhores, embora esmagado a ponto de perder sua forma original por erros individuais e pela força cumulativa de um conjunto de fatores.

– Temos plena confiança no senhor, senhor Micawber – eu disse –, e

faremos o que desejar.

– Senhor Copperfield – retomou o sr. Micawber –, na atual situação, sua confiança não é equivocada. Peço que me permitam me adiantar cinco minutos e então receber o presente grupo, que pedirá para ver a senhorita Wickfield, no escritório da Wickfield e Heep onde sou empregado.

Minha tia e eu olhamos para Traddles, que aprovou com a cabeça.

– Nada mais tenho a dizer no momento – observou o sr. Micawber.

Com isso, para minha infinita surpresa, ele nos englobou a todos numa curvatura geral e desapareceu, tendo sido suas maneiras extremamente reservadas e seu rosto extremamente pálido.

Traddles apenas sorriu e sacudiu a cabeça (com o cabelo espetado para cima) quando olhei para ele procurando uma explicação; então peguei meu relógio, e como último recurso contei os cinco minutos. Minha tia, com o relógio na mão, fez a mesma coisa. Quando o prazo expirou, Traddles deu o braço a ela e fomos todos juntos à velha casa, sem dizer uma palavra no caminho.

Encontramos o sr. Micawber à sua mesa, no escritório da torrinha no térreo, escrevendo, ou fingindo escrever, com afinco. A grande régua do escritório enfiada no colete, não muito bem escondida, pois se viam uns trinta centímetros do instrumento espetado em seu peito, como um novo tipo de babado de camisa.

Como me pareceu esperarem que eu falasse, disse em voz alta:

– Como vai, senhor Micawber?

– Senhor Copperfield – disse o sr. Micawber muito sério –, espero que esteja bem.

– A senhorita Wickfield está em casa? – perguntei.

– O senhor Wickfield não está bem, está de cama, com febre reumática – ele respondeu –, mas a senhorita Wickfield sem dúvida vai ficar contente de encontrar velhos amigos. Gostariam de entrar?

Ele nos conduziu à sala de jantar, primeira sala em que eu havia entrado naquela casa, e abrindo a porta do antigo escritório do sr. Wickfield, disse com voz sonora:

– Senhorita Trotwood, senhor David Copperfield, senhor Thomas Traddles e senhor Dixon!

Eu não via Uriah Heep desde a época da bofetada. Nossa visita evidentemente o surpreendia, não menos, ouso dizer, do que surpreendia a nós mesmos. Ele não franziu as sobrancelhas, porque não tinha nenhuma digna de nota, mas franziu a testa a tal ponto que quase fechou seus olhinhos miúdos, enquanto a mão terrível que subiu ao queixo traía alguma trepidação ou suspeita. Isso se deu apenas durante nossa entrada na sala, e percebi ao olhar por cima do ombro de minha tia. Um momento depois, ele estava tão bajulador e humilde como sempre.

– Nossa, sem dúvida – disse ele –, trata-se de um prazer inesperado! Receber, se posso chamar assim, todos os amigos de uma vez é uma surpresa! Senhor Copperfield, espero que esteja bem e, se me permite me expressar humildemente assim, amigo como sempre de seus amigos. Espero que a senhora Copperfield esteja melhor. Ficamos muito inquietos com as tristes notícias que tivemos sobre sua saúde nos últimos tempos, acredite.

Senti vergonha de deixar que apertasse minha mão, mas não sabia o que fazer.

– As coisas mudaram neste escritório, senhorita Trotwood, desde a época em que eu era um simples funcionário e cuidava do seu cavalinho, não é? – disse Uriah, com um sorriso enjoado. – Mas *eu* não mudei, senhorita Trotwood.

– Bom, senhor Heep – retorquiu minha tia –, para dizer a verdade, acho que o senhor continua bem fiel à promessa de sua juventude, se isso é motivo de alguma satisfação para o senhor.

– Muito obrigado, senhorita Trotwood – disse Uriah se retorcendo canhestramente –, por sua boa opinião! Micawber, avise a senhorita Agnes que estão aqui. E minha mãe. Mamãe vai ficar muito animada diante de tantos amigos! – disse Uriah, oferecendo cadeiras.

– Está ocupado, senhor Heep? – perguntou Traddles, cujo olhar se cruzara por acaso com o ladino olho vermelho que nos examinava e evitava.

– Não, senhor Traddles – replicou Uriah, retomando seu lugar oficial e

apertando as mãos ossudas, palma contra palma, entre os joelhos ossudos. – Não tanto quanto eu gostaria. Mas advogados, tubarões e sanguessugas nunca estão satisfeitos, o senhor sabe! Não que eu e o senhor Micawber não estejamos sempre com as mãos muito cheias, por conta de o senhor Wickfield não estar apto para nenhuma ocupação. Mas é um prazer, além do dever, claro, trabalhar para *ele*. O senhor não conhece o senhor Wickfield, não é, senhor Traddles? Acho que eu mesmo só tive a honra de estar com o senhor uma vez.

– Não, não conheço o senhor Wickfield – respondeu Traddles –; senão já teria estado com o senhor há muito tempo, senhor Heep.

Algo no tom de sua resposta fez Uriah olhar de novo para Traddles com uma expressão muito sinistra e suspeita. Mas vendo apenas o rosto bondoso de Traddles, suas maneiras simples e cabelo espetado, descartou a preocupação com um estertor de todo o corpo, mas principalmente o pescoço:

– Sinto muito, senhor Traddles. Teria admirado esse homem tanto quanto eu. Suas pequenas falhas só teriam enternecido ainda mais o senhor. Mas se quer saber do meu sócio com toda a eloquência, indico aqui Copperfield. A família Wickfield é um assunto que ele conhece bem, se por acaso nunca ouviu ele falar.

Fui impedido de recusar o cumprimento (se é que devia fazê-lo) pela entrada de Agnes, trazida à sala pelo sr. Micawber. Achei que ela não estava calma como sempre, e evidentemente passara por ansiedade e fadiga. Mas sua sincera cordialidade e tranquila beleza brilhavam com a luz de sempre.

Vi que Uriah a observava enquanto nos cumprimentava; e ele me fez lembrar um ogro feio e rebelde observando um bom espírito. Nesse ínterim, o senhor Micawber e Traddles trocaram um ligeiro sinal, e sem que ninguém visse, além de mim, Traddles saiu.

– Pode ir, Micawber – disse Uriah.

Com a mão segurando a régua ao peito, o sr. Micawber ficou parado, ereto diante da porta, observando inegavelmente um de seus semelhantes, e esse homem era o seu empregador.

– O que está esperando? – disse Uriah. – Micawber! Não me ouviu

dizer que pode ir?

– Ouvi – respondeu, imóvel, o sr. Micawber.

– Então, o que está esperando? – perguntou Uriah.

– É que... em resumo, prefiro ficar... – replicou o sr. Micawber numa explosão.

As faces de Uriah perderam a cor e uma doentia palidez, ainda ligeiramente tingida de seu vermelho usual, se espalhou sobre elas. Ele olhou atentamente para o sr. Micawber, com a respiração curta e rápida em todos os traços do rosto.

– O senhor é uma pessoa desregrada, como todo mundo sabe – disse, fazendo um esforço para sorrir –, e acho que serei obrigado a me livrar do senhor. Vá! Falo com o senhor depois.

– Se existe um velhaco na face da terra – disse o sr. Micawber irrompendo de repente com absoluta veemência –, com quem já falei até demais, o nome desse velhaco é heep!

Uriah caiu para trás, como se tivesse recebido um golpe. Olhando em torno com a expressão mais sombria e perversa de que seu rosto era capaz, disse, em voz mais baixa:

– Ah! É uma conspiração! Vocês combinaram de se encontrar aqui! Está conspirando com meu funcionário, Copperfield? Ora, tome cuidado. Não vai conseguir nada assim. A gente se entende, você e eu. Não existe nenhum afeto entre nós. O senhor sempre achou que tinha o rei na barriga desde que chegou aqui, e tem inveja da minha ascensão, não é? Tudo o que tramar contra mim, eu desmonto! Micawber, fora. Já vou falar com você.

– Senhor Micawber – eu disse –, houve uma mudança súbita nesse sujeito, sob muitos aspectos além do aspecto excepcional de ele estar dizendo a verdade a respeito de um particular, o que mostra que está encurralado. Dê a ele o tratamento que merece!

– Que gente presunçosa, vocês, não é mesmo? – disse Uriah, na mesma voz baixa, o rosto coberto de suor que ele enxugava com a mão longa e magra. – Comprar o meu funcionário, que é a escória da sociedade – como você mesmo era, Copperfield, como você bem sabe,

antes de alguém ter pena de você –, para me difamar com mentiras? Senhorita Trotwood, é melhor pôr um fim nisso, senão ponho um fim no seu marido que a senhora não vai gostar. Não é à toa que profissionalmente eu sei a sua história, sua velha! Senhorita Wickfield, se tem algum amor por seu pai, é melhor não se juntar a essa gangue. Arruíno você, se continuar. Vamos lá! Já tenho alguns de vocês na mira. Pensem duas vezes antes que eu atire. Pense duas vezes, Micawber, se não quer ser esmagado. Recomendo que saia daqui, que vou falar com você em seguida, idiota, enquanto tem tempo para voltar atrás! Onde está minha mãe? – perguntou, parecendo notar, de repente, alarmado, a ausência de Traddles e puxando a corda da campainha. – Belo comportamento na casa dos outros!

– A senhora Heep está aqui – disse Traddles, voltando com aquela mãe digna daquele filho. – Tomei a liberdade de me apresentar a ela.

– Quem é o senhor para se apresentar? – retorquiu Uriah. – E o que quer aqui?

– Sou agente e amigo do senhor Wickfield – disse Traddles de forma calma e profissional. – E tenho no bolso uma procuração para agir em nome dele em tudo.

– Aquele burro velho bebeu até perder o juízo – disse Uriah, mais feio do que antes –, e o senhor conseguiu isso dele por fraude.

– Algo foi mesmo tirado dele por fraude, eu sei – Traddles replicou, tranquilo –, como o senhor também sabe, senhor Heep. Essa questão, por favor, vamos encaminhar ao senhor Micawber.

– Ury...! – tentou dizer a senhora Heep com um gesto ansioso.

– Fique quieta, mãe – ele interpôs –, quanto menos falar, melhor.

– Mas meu Ury...

– Pode ficar quieta, mãe, e deixar tudo comigo?

Embora eu soubesse que todo o seu servilismo era falso e todos seus pretextos, enganosos e vazios, não fazia ideia da extensão de sua hipocrisia até esse momento em que vi sua máscara cair. A rapidez com que a despiu ao perceber que era inútil, a malícia, a insolência, o ódio que revelou, o riso maligno no qual exultava, mesmo naquele momento,

por todo o mal que fizera, todo esse tempo desesperado e fora de si em busca de um meio de nos superar, embora perfeitamente coerente com a experiência que eu tinha dele, de início tomou de surpresa até a mim, que o conhecia havia tanto tempo e tinha tanta aversão a ele.

Não digo nada da maneira como olhou para mim, parado à nossa frente, olhando de um para outro, porque sempre soube que ele me odiava, e me lembrei da marca de minha mão em seu rosto. Mas quando seus olhos passaram para Agnes, vi o ódio que ele sentia por vê-la escapar de suas mãos e da exposição decepcionada das odiosas paixões que o haviam levado a aspirar àquela cujas virtudes ele jamais conseguiria apreciar ou valorizar, fiquei chocado com a simples ideia de ela ter vivido, uma hora que fosse, ao alcance de tal homem.

Depois de esfregar a parte baixa do rosto durante algum tempo e olhar para nós com aqueles olhos malignos, dirigiu-se outra vez a mim, por cima dos dedos terríveis, meio choroso, meio ofensivo.

– Acha justificável, Copperfield, acha, você que tanto se orgulha de sua honra e de todo o resto, se esgueirar na minha casa e espionar com meu funcionário? Se fosse *eu*, não seria de admirar, porque não pretendo ser um cavalheiro (se bem que nunca tenha estado na rua, como você, segundo o senhor Micawber), mas *você*! Não tem medo de agir assim? Não pensa nem um pouco no que farei em troca, ou em se envolver numa questão de conspiração e tal e coisa? Muito bem. Veremos! Senhor sei lá o quê, o senhor ia perguntar alguma coisa para Micawber. Está aí o seu informante. Por que não faz ele falar? Ele aprendeu a lição, pelo que vejo.

Vendo que nada do que dizia tinha algum efeito sobre nós, ele sentou na beira da mesa com as mãos nos bolsos e um pé magro enrolado na outra perna, esperando obstinadamente pelo que viria.

O sr. Micawber, cujo ímpeto eu havia reprimido com grande dificuldade até esse momento e que havia repetidamente interrompido com a primeira sílaba de VE-lhaco!, sem chegar à segunda, explodiu nesse momento, sacou a régua do peito (aparentemente uma arma de defesa) e tirou do bolso um documento, dobrado na forma de uma carta grande. Abriu o envelope com um de seus velhos floreios, e olhando o conteúdo

como se sentisse uma admiração artística por seu estilo de composição, começou a ler o seguinte:

– "Cara senhora Trotwood, e senhores..."

– Bendito seja esse homem! – minha tia exclamou em voz baixa. – Escreveria resmas de cartas mesmo que fosse pecado mortal!

O sr. Micawber não ouviu o que ela disse e continuou.

– "Ao comparecer diante dos senhores para denunciar talvez o mais consumado vilão que já existiu" – sem tirar os olhos da carta, o sr. Micawber apontou Uriah Heep com a régua, como se fosse um cassetete fantasmagórico –, "não peço consideração para mim. Vítima, desde o berço, de dificuldades pecuniárias as quais fui incapaz de solucionar, sempre fui joguete e brinquedo de circunstâncias aviltantes. Ignomínia, carência, desespero e loucura estiveram presentes, coletivamente ou separadas, em minha carreira."

O prazer com que o sr. Micawber descrevia a si mesmo como presa dessas calamidades desanimadoras só se igualava à ênfase com que lia a carta; e ao tipo de deferência que prestava a ela com um rolar de cabeça quando achava que atingira uma frase muito dura de fato.

– "Pelo acúmulo de ignomínia, carência, desespero e loucura, entrei para este escritório, ou, como nossos vivazes vizinhos, os gauleses, chamariam: *bureau*, da empresa nominalmente conduzida sob o nome de Wickfield e... HEEP, mas na realidade manobrada por HEEP apenas. HEEP e HEEP apenas é o fio condutor desta máquina. HEEP, e HEEP apenas, o falsário e enganador."

Uriah, mais azul que branco com essas palavras, voou para cima da carta para rasgá-la em pedaços. O sr. Micawber, num milagre perfeito de destreza ou de sorte, atingiu os nós dos dedos dele com a régua, inutilizando sua mão direita. Ela pendeu do pulso como se estivesse quebrada. O golpe soou como se tivessem batido em madeira.

– O diabo te leve! – disse Uriah, se retorcendo de um jeito novo por causa da dor. – Vai se haver comigo.

– Chegue perto de mim outra vez seu... seu... seu HEEP, seu monte de infâmia – ofegou o sr. Micawber –, e se a sua cabeça for humana,

arrebento com ela. Venha, venha!

Acho que nunca vi nada mais ridículo, mesmo naquele momento tinha consciência disso, do que o sr. Micawber golpeando com a régua como se fosse uma espada, dizendo: “Venha!”„ enquanto Traddles e eu o empurrávamos de volta para um canto do qual, assim que conseguíamos empurrá-lo, ele persistia em sair outra vez.

Seu inimigo, resmungando consigo mesmo, depois de esfregar a mão durante algum tempo, tirou lentamente o lenço e enrolou-o nela. Depois, segurando-a com a outra mão, sentou-se à sua mesa com o rosto amuado voltado para baixo.

Quando esfriou a cabeça o suficiente, o sr. Micawber prosseguiu com sua carta.

– “Os emolumentos estipendiários em função dos quais entrei para o serviço de... HEEP” – fazia sempre uma pausa antes da palavra e a pronunciava com incrível vigor – “não foram definidos além de nada mais que a ninharia de vinte e dois xelins e seis pence por semana. O resto foi deixado na dependência do valor de meus esforços profissionais. Em outras palavras, mais expressivas, da baixeza de minha natureza, da cupidez de meus motivos, da pobreza de minha família, da semelhança moral (ou melhor, imoral) entre a minha pessoa no geral e... HEEP. Será preciso dizer que logo se tornou necessário que eu solicitasse a... HEEP ... adiantamentos pecuniários voltados ao sustento da senhora Micawber e nossa aflita crescente família? Será preciso dizer que minha necessidade havia sido prevista por... HEEP? Que esses adiantamentos eram garantidos por promissórias e outros recursos, conhecidos das instituições legais deste país? E que assim me vi aprisionado na rede que ele havia tramado para me enganar?”

O prazer do sr. Micawber com a sua capacidade epistolar ao descrever esse desafortunado estado de coisas parecia realmente superar o peso de qualquer dor ou ansiedade que a realidade pudesse ter causado a ele. E continuou:

– “Foi então que... HEEP ... começou a me favorecer com o tanto de confiança que era necessário para a realização de seu propósito infernal.

Foi então que comecei, se posso tão shakespearianamente me expressar, a ficar exausto, extenuado, a definhar.{44} Descobri que meus serviços eram constantemente requeridos para falsificações, para a mistificação de um indivíduo que designarei como senhor W. Que o senhor W. era enganado, mantido em ignorância, iludido de todas as formas possíveis e que, no entanto, o tempo todo, o rufião... HEEP ... professava ilimitada gratidão e ilimitada amizade a esse muito explorado cavalheiro. Isso já era muito ruim, mas como observa o filosófico dinamarquês, com aquela praticidade universal que distingue o ilustre ornamento da era elisabetana, pior será o resto!"{45}

O sr. Micawber ficou tão entusiasmado com esse feliz fecho com uma citação que se permitiu brindar a si mesmo e a nós com uma segunda leitura da frase, sob o pretexto de ter perdido o ponto.

– "Não é minha intenção" – prosseguiu, lendo – "entrar numa lista detalhada dentro dos limites da presente epístola (embora esteja pronta em outro documento) das várias práticas indevidas de natureza menor, afetando o indivíduo que denominei de senhor W., do qual eu era tacitamente um associado consentido. Meu objetivo, quando a disputa dentro de mim entre estipêndio ou não-estipêndio, pão ou não pão, existência ou não-existência, teve fim, foi aproveitar minhas oportunidades de descobrir e expor as práticas indevidas de grande monta cometidas para prejuízo e injúria daquele cavalheiro por... HEEP. Estimulado por um monitor silencioso interno e um não menos tocante e atraente monitor externo, a que me referirei brevemente como senhorita W., empreendi a tarefa nada fácil da investigação clandestina, que hoje já dura, pelo que sei, me informei e creio, um período superior a doze meses."

Ele leu essa passagem como se fosse um ato do Parlamento; e pareceu majestosamente refeito pelo som das palavras.

– "Minhas acusações contra... HEEP" – leu, com um rápido olhar para ele, colocando a régua em posição conveniente debaixo do braço esquerdo, para o caso de necessidade – são as seguintes."

Nós todos prendemos a respiração, acredito. Tenho certeza de que Uriah prendeu a dele.

– “Primeira” – disse o sr. Micawber. – “Quando as faculdades e a memória do senhor W., devido a causa que não é necessário e não cabe a mim explicitar, começaram a fraquejar e se tornar confusas... HEEP... voluntariamente complicava e tornava ininteligíveis as transações oficiais. Quando o senhor W. estava menos apto a tratar de negócios... HEEP... estava sempre a postos para forçá-lo a trabalhar. Nessas circunstâncias, obteve a assinatura do senhor W. em documentos de importância, apresentando-os como outros documentos sem importância. Ele induziu o senhor W. a autorizá-lo a retirar uma determinada soma de uma conta bancária, no montante de doze mil seiscentas e catorze libras, dois xelins e nove pence, que usou para cobrir pretensas despesas de negócios e diferenças que já estavam pagas ou que nunca tinham existido. A esse procedimento, de começo a fim, ele deu a aparência de ter sido determinado por desonestidade de intenção do senhor W. e perpetrado por ato desonesto do próprio senhor W., e usou isso desde então para torturar e oprimir o senhor W.”

– Vai ter de provar isso, você, Copperfield! – disse Uriah sacudindo a cabeça, ameaçador. – Tudo a seu tempo!

– Pergunte a... HEEP ... senhor Traddles, quem morou na casa dele depois dele – disse o sr. Micawber, deixando de lado a carta –; por favor?

– O próprio imbecil que mora lá agora – disse Uriah, desdenhoso.

– Pergunte a... HEEP... se ele algum dia manteve uma caderneta naquela casa – disse o sr. Micawber –; por favor?

Vi a mão magra de Uriah parar involuntariamente de esfregar seu queixo.

– Ah, pergunte a ele – disse o sr. Micawber – se ele algum dia queimou uma caderneta lá. Se ele responder que sim, e perguntar ao senhor onde estão as cinzas, mande falar com Wilkins Micawber, e ele vai ouvir uma coisa que não será nada vantajosa para ele!

– Ury, Ury! Seja humilde e faça um acordo, meu querido!

– Mãe! – ele retorquiu. – Pode ficar calada? A senhora está assustada e não sabe o que diz. Humilde! – repetiu, olhando para mim com um esgar. – Humilhei alguns desses por um bom tempo no passado, humilde como

eu era!

O sr. Micawber ajustou elegantemente o queixo na gravata e prosseguiu com seu texto.

– "Segunda. HEEP em diversas ocasiões, por tudo que sei, me informei e acredito..."

– Mas *isso* não serve – Uriah murmurou, aliviado. – Mãe, fique quieta.

– Vamos nos esforçar para fornecer algo que sirva de fato para o senhor, muito em breve – respondeu o sr. Micawber.

– "Segunda. HEEP em diversas ocasiões, por tudo que sei, me informei e acredito, sistematicamente falsificou em vários papéis, livros e documentos a assinatura do senhor W. e o fez nitidamente em um caso, passível de prova de minha parte. A saber, da seguinte maneira:"

Mais uma vez, o sr. Micawber se deliciou com seu alinhamento formal de palavras que, por mais ridículo que fosse nesse caso, não era, devo admitir, inteiramente peculiar a ele. Já observei isso, ao longo de minha vida, em muitos homens. Parece ser a regra geral. Ao prestar juramentos legais, por exemplo, os depoentes parecem ter grande prazer quando chegam a diversas boas palavras em sucessão para expressar uma ideia; por exemplo, que detestam, abominam, abjuram e assim por diante; e os velhos anátemas eram pronunciados com igual prazer. Falamos da tirania das palavras, mas gostamos de tiranizá-las também; gostamos de ter um grande suprimento supérfluo de palavras à espera em grandes ocasiões; achamos que parece importante, que soa bem. E assim como não somos exigentes com o propósito de nossos criados em ocasiões oficiais, contanto que sejam vistosos e numerosos, também o sentido ou a necessidade de nossas palavras são uma consideração secundária, se elas formam um grande cortejo. E assim como indivíduos se metem em enrascada quando exibem seus criados, ou quando escravos são numerosos demais e se erguem contra seus amos, penso que posso mencionar uma nação que possui muitas grandes dificuldades, e se verá em muitas ainda maiores, por manter um elenco grande demais de palavras.

O sr. Micawber continuou lendo, quase estalando os lábios:

– “A saber, da seguinte maneira: estando o senhor W. enfermo e estando dentro do campo da probabilidade que a sua morte levaria a algumas descobertas e à queda do poder de... HEEP... sobre a família, como eu, Wilkins Micawber, abaixo assinado, afirmo, a menos que a afeição de sua filha pudesse ser secretamente influenciada a que jamais se fizesse qualquer investigação sobre os negócios da sociedade, o dito... HEEP... considerou oportuno ter uma declaração pronta do senhor W. pela soma já mencionada de doze mil, seiscentas e catorze libras, dois xelins e nove pence, com juros, adiantada por... HEEP... ao senhor W. para salvá-lo da desonra; embora a soma nunca tenha sido adiantada a ele e tenha sido há muito substituída. As assinaturas desse documento, pretendendo ter sido executado pelo senhor W. e testemunhado por Wilkins Micawber, são falsificações de... HEEP... Tenho em meu poder, com a letra dele em sua caderneta, diversas falsificações similares da assinatura do senhor W., aqui e ali comprometidas pelo fogo, mas legíveis para qualquer pessoa. Jamais assinei documento semelhante. E tenho o próprio documento em meu poder.”

Com um sobressalto, Uriah Heep tirou do bolso um molho de chaves, abriu certa gaveta; depois, percebeu o que estava a ponto de fazer e virou-se de novo para nós, sem olhar dentro dela.

– “E tenho o documento em meu poder” – repetiu o sr. Micawber, olhando em torno como se fosse o texto de um sermão – “em meu poder”... quer dizer, eu tinha, até esta manhã, quando esta carta foi escrita, mas desde então o entreguei ao senhor Traddles.

– É verdade – Traddles assentiu.

– Ury, Ury! – exclamou a mãe. – Seja humilde e faça um acordo. Eu sei que meu filho será humilde, cavalheiros, se derem um tempo para ele pensar. Senhor Copperfield, tenho certeza de que o senhor sabe que ele sempre foi humilde!

Era incrível como a mãe ainda se apegava ao velho truque que o filho havia abandonado como inútil.

– Mãe – ele disse com uma mordida impaciente no lenço que enrolara na mão –, era melhor a senhora pegar uma arma e dar um tiro em mim.

– Mas eu amo você, Ury – exclamou a sra. Heep. E não tenho dúvida de que amava; ou de que ele a amava, por mais estranho que possa parecer; embora, sem nenhuma dúvida, eles fossem uma dupla adequada. – E não consigo suportar ouvir você provocando os cavalheiros e se comprometendo ainda mais. Eu disse logo ao cavalheiro, quando ele me disse lá em cima que tinha vindo tudo à luz, que eu prometia que você seria humilde e se desculparia. Ah, vejam como *eu* sou humilde, cavalheiros, e não olhem para ele!

– Ora, olhe aí o Copperfield, mãe – ele retorquiu irado, apontando o dedo magro para mim, contra quem sua animosidade se erguia como primeiro motor da descoberta; e eu não o desmenti: – Olhe aí o Copperfield, ele daria cem libras para a senhora dizer menos do que despejou agora!

– Não posso evitar, Ury – exclamou a mãe. – Não posso ver você correr perigo erguendo a cabeça tão alto. Melhor ser humilde, como sempre foi.

Ele ficou mordendo o lenço um momento, depois me fuzilou com o olhar e disse:

– O que mais você tem a revelar? Se tem alguma coisa, vá em frente. Por que está olhando para mim?

O sr. Micawber prontamente retomou a carta, muito entusiasmado de voltar à performance com a qual estava tão intensamente satisfeito.

– "Terceira. E última. Estou agora em condições de mostrar, por intermédio dos falsos livros de... HEEP... e dos memorandos verdadeiros, a começar pela caderneta parcialmente destruída (que não compreendi na época de sua descoberta acidental pela senhora Micawber ao tomarmos posse de nossa atual residência, no armário ou lata dedicado à recepção das cinzas calcinadas de nosso fogão doméstico), que as fraquezas, os erros, as próprias virtudes, o afeto paterno e o senso de honra do infeliz senhor W. foram durante anos iludidos e saqueados de todas as maneiras concebíveis, para vantagem pecuniária do avaro, falso e sôfrego... HEEP. Que o objetivo primordial de... HEEP... era, ao lado do ganho material, submeter o senhor e a senhorita W. (quanto a suas pretensões secretas referentes a esta última nada direi) inteiramente a seu poder. Que este último ato, completado há poucos meses, era induzir

o senhor W. a executar a cessão de sua parte na sociedade, e mesmo uma concessão de venda da própria mobília desta casa, em consideração a uma certa anuidade a ser devidamente paga por... HEEP... com pontualidade a cada três meses, todos os anos. Que essas tramas, a começar pelos relatos alarmantes e falsificados dos bens de que o senhor W. é proprietário, numa fase em que o senhor W. se lançou em imprudentes e mal calculadas especulações e podia não ter em mãos o dinheiro pelo qual era moral e legalmente responsável; prosseguindo com falsos empréstimos de dinheiro a juros exorbitantes, provenientes de... HEEP... e obtidos por... HEEP... de maneira fraudulenta ou retidos do próprio senhor W., com o argumento de tais especulações ou outros motivos; foram se perpetuando num catálogo variado de chicanas inescrupulosas, pouco a pouco engrossadas até o infeliz senhor W. não poder ver outra saída. Arruinado, como acreditava estar nas circunstâncias, em todas as outras esperanças e na honra, a única saída do senhor W. era o monstro em forma humana...” – O sr. Micawber tirou muito proveito disso, como um achado de expressão. – “... que, ao se tornar indispensável para ele, provocava a sua destruição. Tudo isso eu provarei. E provavelmente muito mais!”

Sussurrei algumas palavras para Agnes, que estava chorando, um pouco alegre, um pouco triste, ao meu lado; e houve entre nós um movimento, como se o sr. Micawber tivesse terminado. Ele disse, com extrema gravidade: “Com licença”, e prosseguiu com uma mistura de desânimo e da mais intensa alegria a peroração de sua carta.

– “Cheguei agora à conclusão. Resta-me apenas consubstanciar essas acusações e então, ao lado de minha malfadada família, desaparecer da cena em que representamos um incômodo. Isso será feito em breve. Pode-se inferir como razoável que nosso bebê será o primeiro a expirar de inanição, sendo o membro mais frágil de nosso círculo, e que os gêmeos irão em seguida. Seja! Para mim, a peregrinação a Canterbury terá valido muito: prisão por processo civil e a miséria logo farão o resto. Acredito que o trabalho e os azares de uma investigação, da qual os menores resultados foram lentamente se encaixando, na pressão de árduas ocupações, sob severa apreensão pecuniária, no raiar da manhã,

no orvalho da noite, nas sombras da madrugada, sob o olhar vigilante de um homem que seria supérfluo chamar de demônio... tudo isso combinado à luta da pobreza paterna para transformar tudo, quando completo, no relatório correto, pode ser como umas poucas gotas de água fresca salpicadas à minha pira funerária. Não peço mais. Que seja, em justiça, meramente dito de mim, como daquele galante e eminente herói naval, a quem não tenho pretensões de igualar, que o que fiz, fiz, deixando de lado objetivos mercenários e egoístas,

> "Pela Inglaterra, pela pátria e pela beleza
> "Sempre seu etc. etc. WILKINS MICAWBER."

Muito emocionado, mas ainda intensamente satisfeito consigo mesmo, o sr. Micawber dobrou a carta, que entregou a minha tia com uma reverência, como algo que ela devia guardar.

Havia, como eu tinha notado em minha primeira visita, muitos anos antes, um cofre de ferro na sala. A chave estava nele. Uma repentina suspeita pareceu atingir Uriah, e com um olhar para o sr. Micawber foi até ele e abriu as portas ruidosamente. Estava vazio.

– Onde estão os livros? – exclamou, com o rosto assustado. – Algum ladrão roubou os livros!

O sr. Micawber tocou nele com a régua.

– *Eu* peguei, quando o senhor me entregou a chave, como de costume, só que um pouco antes, e abri o cofre hoje de manhã.

– Não se preocupe – disse Traddles –, estão em meu poder. Cuidarei deles por meio da autorização que já mencionei.

– O senhor recebe fruto de roubo, é? – Uriah exclamou.

– Nessa circunstância – Traddles respondeu –, sim.

Qual não foi minha surpresa quando olhei para minha tia, que ficara profundamente calada e atenta, voar para cima de Uriah Heep e agarrá-lo pelo colarinho com ambas as mãos!

– Sabe o que *eu* quero? – perguntou minha tia.

– Uma camisa de força – ele respondeu.

– Não. Meus bens! – retorquiu minha tia. – Agnes, meu bem, enquanto pensei que meus bens haviam sido perdidos por seu pai, não disse, meu bem, nem mesmo a Trot, como ele bem sabe, uma única palavra revelando que estavam investidos aqui. Mas agora sei que este sujeito é o responsável e quero meu dinheiro de volta. E vou conseguir! Trot, venha e tire dele!

De fato, não sei se minha tia achou, por um momento, que ele guardava seus bens na gravata, mas ela decerto a puxava como se achasse. Eu me apressei a pôr-me entre os dois e a garantir a ela que nós todos iríamos cuidar para que ele restituísse tudo o que havia obtido desonestamente. Isso e uns momentos de reflexão a acalmaram, mas não estava nem um pouco incomodada pelo que havia feito (embora não possa dizer o mesmo de seu chapéu) e voltou comportadamente a sua poltrona.

Nos últimos minutos, a sra. Heep tinha pedido clamorosamente ao filho que fosse "humilde", e então ajoelhara aos pés de cada um de nós em sucessão fazendo as promessas mais loucas. Seu filho a colocou sentada na cadeira dele e parado a seu lado, segurando o braço dela, mas não com rudeza, disse para mim, com ar feroz:

– O que você quer que eu faça?

– Direi o que terá de ser feito – disse Traddles.

– Esse Copperfield perdeu a língua? – Uriah resmungou. – Ficaria muito grato ao senhor se pudesse me dizer, sem mentir, se alguém cortou a língua dele.

– O senhor Uriah tem a intenção de ser humilde! – exclamou sua mãe. – Não deem importância ao que ele diz, meus bons cavalheiros!

– O que precisa ser feito é o seguinte – disse Traddles. – Primeiro, o documento de doação de que fomos informados deve ser entregue a mim, aqui, agora.

– Suponhamos que não esteja comigo – ele interrompeu.

– Mas está – disse Traddles. E portanto, o senhor sabe, não vamos supor nada. – Não posso deixar de observar que essa foi a primeira vez em que realmente confirmei a cabeça clara, o bom senso simples,

paciente e prático de meu velho colega de escola.

– Então – disse Traddles –, o senhor deve se preparar para devolver tudo aquilo de que a sua ambição se apossou e restituir até o último tostão. Todos os livros e papéis da sociedade deverão ficar em nosso poder; todos os livros e papéis; todas as contas financeiras e seguros, de ambos os tipos. Em resumo, tudo o que há aqui.

– É mesmo? Não sei disso, não – Uriah falou. – Preciso de tempo para pensar a respeito.

– Sem dúvida – Traddles replicou –, mas nesse meio-tempo e até que tudo seja feito a nosso contento, conservaremos todas essas coisas em nosso poder. E solicitamos, na verdade, determinamos, que permaneça em seu quarto e não estabeleça comunicação com ninguém.

– Não vou fazer isso! – disse Uriah, com um palavrão.

– A prisão de Maidstone é um local de detenção mais seguro – Traddles observou –, e embora a lei possa levar mais tempo para nos fazer justiça, e talvez não possa nos compensar tão completamente como o senhor, não há dúvida de que punirá o *senhor*. Ora, o senhor sabe disso tão bem como eu! Copperfield, você pode ir até a Guildhall e trazer dois oficiais?

Nessa altura, a sra. Heep irrompeu novamente, chorando nos joelhos de Agnes para que ela falasse em favor dele, exclamando que ele era muito humilde e que era tudo verdade, e que, se ele não fizesse o que queríamos, ela faria, e muito mais, meio enlouquecida de medo pelo seu querido. Perguntar o que ele poderia ter feito se tivesse alguma ousadia seria como perguntar o que um cachorro vira-latas faria, se tivesse o espírito de um tigre. Era um poltrão da cabeça aos pés, e revelava a sua natureza covarde através do amuo e da mortificação, como em todos os momentos de sua vida mesquinha.

– Pare! – ele rosnou para mim e enxugou o rosto afogueado com a mão. – Mãe, pare com esse barulho. Bem! Eles que fiquem com esse documento. Vá buscar!

– O senhor pode ir com ela, senhor Dick – disse Traddles –, por favor.

Orgulhoso com a missão e entendendo bem, o sr. Dick acompanhou-a

como um cão pastor acompanha uma ovelha. Mas a sra. Heep não lhe deu trabalho nenhum, pois não só voltou com o documento, como com a caixa em que ele estava, onde encontramos um livro do banco e alguns outros papéis que foram úteis depois.

– Ótimo! – disse Traddles, quando isso lhe foi entregue. – Agora, senhor Heep, pode se retirar para pensar: observando particularmente, por favor, que declaro ao senhor, diante de todos os presentes, que só resta uma coisa a fazer, que é o que expliquei, e que tem de ser feita sem demora.

Sem erguer os olhos do chão, Uriah atravessou a sala arrastando os pés, com a mão no queixo, e parou junto à porta:

– Copperfield, sempre te odiei. Você sempre foi arrogante e sempre esteve contra mim.

– Como já disse uma vez – falei –, o senhor é que sempre esteve, em sua ambição e astúcia, contra todo mundo. Seria bom o senhor refletir, no futuro, que a ambição e a astúcia nunca sabem quando parar antes de passar das medidas. Isso é certo como a morte.

– Ou tão certo como ensinavam na escola (a mesma escola onde aprendi tanta humildade), das nove às onze, que o trabalho era uma maldição; e das onze à uma, que era uma bênção, uma alegria, uma dignidade e não sei que mais, hein? – disse ele, com um esgar. – Você reza pela mesma cartilha. A humildade não dobra? Eu não teria dominado meu sócio sem ela, acho eu. Micawber, seu velho valentão, você me paga!

Extremamente desafiador a ele e àquele dedo estendido, o sr. Micawber estufou o peito quando ele saiu pela porta e em seguida dirigiu-se a mim, e me propôs a satisfação de "assistir ao restabelecimento da confiança mútua entre ele e a senhora Micawber". Depois, convidou todo o grupo a contemplar esse espetáculo comovente.

– O véu há muito colocado entre a senhora Micawber e mim está agora removido – disse o sr. Micawber. E meus filhos e o autor de seus dias podem mais uma vez entrar em contato em termos de igualdade.

Como estávamos todos muito agradecidos a ele e todos desejosos de demonstrar essa gratidão, assim que a pressa e a desordem de nossos

espíritos permitissem, ouso dizer que teríamos ido todos, mas era preciso que Agnes voltasse para o lado do pai, ainda incapaz de suportar mais que um raio de esperança; e que alguém mais garantisse que Uriah permaneceria detido. Então, Traddles se encarregou desta última tarefa, a ser rendido pelo sr. Dick, e o sr. Dick, minha tia e eu fomos para a casa do sr. Micawber. Ao me despedir apressadamente da querida jovem a quem eu tanto devia, pensando do que ela havia sido poupada, talvez, essa manhã – não obstante sua melhor resolução –, senti uma devota gratidão pelos sofrimentos de meus dias de menino que tinham me levado a conhecer o sr. Micawber.

A casa dele não ficava longe, e quando a porta da rua se abriu para a sala de estar e ele a trancou com uma precipitação bem característica dele, nos vimos de imediato no seio da família. O sr. Micawber exclamou: "Emma! Minha vida!", e correu para os braços da sra. Micawber. Ela deu um grito e acolheu o sr. Micawber em seu abraço. A srta. Micawber que cuidava do bebê adormecido mencionado pela sra. Micawber, em sua carta para mim, ficou emocionada. O bebê acordou. Os gêmeos demonstraram sua alegria com diversas manifestações inconvenientes, mas inocentes. O jovem Micawber, cuja disposição parecia ter sido amargurada por precoces decepções, e cujo aspecto se tornara melancólico, cedeu a seus melhores sentimentos e começou a chorar.

– Emma! – disse o sr. Micawber. – A nuvem se dissipou do meu espírito. A confiança mútua, preservada durante tanto tempo entre nós, se restabelece para não enfrentar nenhuma outra interrupção. Agora, bem-vinda, pobreza! – exclamou o sr. Micawber, em prantos. – Bem-vindo, sofrimento, bem-vindo, desabrigo, bem-vinda, fome, farrapos, tempestade, mendicância! A confiança mútua nos sustentará até o fim!

Com essas expressões, o sr. Micawber acomodou a sra. Micawber numa cadeira e abraçou toda a família, enumerando uma variedade de desoladoras condições futuras que, no meu entender, foram muito bem recebidas por eles. Convocou a todos para sair por Canterbury cantando em coro, uma vez que nada mais lhes restava como sustento.

Mas como a sra. Micawber havia desmaiado pela força de suas emoções, o primeiro passo, mesmo antes de o coral cantar, era fazer que

se recuperasse. Disso cuidaram minha tia e o sr. Micawber, em seguida minha tia lhe foi apresentada e a sra. Micawber me reconheceu.

– Desculpe, meu querido senhor Copperfield – disse a pobre senhora, me estendendo a mão –, mas não estou forte. E a eliminação deste último desentendimento que eu e o sr. Micawber tivemos foi demais para mim.

– Esta é toda a sua família? – minha tia perguntou.

– Por enquanto não tem mais ninguém – respondeu a sra. Micawber.

– Nossa, não foi isso que quis dizer, minha senhora – minha dia replicou. – Pergunto se são todos seus.

– Minha senhora – respondeu o sr. Micawber –, são uma despesa e tanto.

– E esse rapazinho mais velho – perguntou minha tia, pensativa. – Foi criado para quê?

– Quando viemos para cá – disse o sr. Micawber –, tinha esperança de pôr Wilkins na igreja. Ou, talvez seja mais exato dizer, no coro. Mas não havia vaga para tenor no venerável grupo pelo qual esta cidade é tão justamente afamada. E ele passou... em resumo, ele adquiriu o hábito de cantar em pubs em vez de em edifícios sagrados.

– Mas tem boa intenção – disse a sra. Micawber, enternecida.

– Eu acredito, meu amor – retomou o sr. Micawber –, que ele tem muito boas intenções, mas ainda não descobriu para que lado quer levar seu talento.

O aspecto melancólico do jovem Micawber voltou a tomar conta dele, que perguntou, com certa irritação, o que podia fazer. Tinha nascido carpinteiro, ou pintor de carruagens, tinha nascido passarinho? Podia ir até a rua e abrir uma farmácia? Podia correr para a primeira sessão do tribunal e se declarar advogado? Podia entrar à força na ópera e ter sucesso pela violência? Podia fazer alguma coisa, sem ter sido criado para nenhuma?

Minha tia pensou um pouco e disse:

– Senhor Micawber, eu me pergunto se algum dia o senhor pensou em emigrar.

– Minha senhora – respondeu o sr. Micawber –, era o sonho da minha

juventude e falaz aspiração de meus anos de maturidade. – Eu estava convencido, porém, que ele nunca havia pensado nisso na vida.

– É mesmo? – perguntou minha tia com um olhar para mim. – Nossa, que bom seria para o senhor e sua família, senhor e senhora Micawber, se emigrassem agora.

– Capital, minha senhora, capital – disse depressa o sr. Micawber, amargurado.

– Esse é a dificuldade principal, eu diria mesmo que a única, meu querido senhor Copperfield – assentiu sua esposa.

– Capital? – exclamou minha tia. – Mas o senhor está nos prestando um grande serviço... nos prestou um grande serviço, digo, pois muita coisa boa será salva do incêndio... e o que poderíamos fazer pelo senhor senão, no mínimo, levantar esse capital?

– Eu não poderia receber como presente – disse o sr. Micawber, cheio de ardor e animação –, mas se uma soma suficiente puder ser adiantada, digamos a cinco por cento de juros ao ano, sob minha responsabilidade pessoal, digamos, em promissórias para doze, dezoito e vinte e quatro meses, respectivamente, para dar tempo de surgir alguma coisa...

– Se puder? Pode e será levantada, nos seus próprios termos – minha tia respondeu –, basta dizer uma palavra. Pensem nisso agora, vocês dois. David conhece umas pessoas que estão indo para a Austrália em breve. Se decidirem ir, por que não vão todos no mesmo navio? Podem ajudar uns aos outros. Pensem nisso, senhor e senhora Micawber. Não se apressem e pesem bem tudo.

– Só uma coisa, minha cara senhora, eu gostaria de perguntar – disse a sra. Micawber. – O clima é bom, não é?

– O melhor do mundo! – disse minha tia.

– Muito bem – disse a sra. Micawber. – Então eu pergunto: ora, se as condições do país são essas, um homem com as habilidades do senhor Micawber tem uma boa chance de subir na escala social? Não digo agora que ele pretenda ser governador, nada assim, mas haveria abertura suficiente para ele desenvolver seus talentos, só isso já bastaria, e conseguir se expandir?

– Nenhum outro lugar tem mais oportunidades – disse minha tia – para um homem que se conduz bem e é trabalhador.

– Para um homem que se conduz bem – repetiu a sra. Micawber, com seu tom administrativo mais claro – e é trabalhador. Exatamente. Para mim, é evidente que a Austrália é o campo de ação legítimo para o senhor Micawber!

– Eu estou convencido, minha cara senhora – disse o sr. Micawber –, que nas atuais circunstâncias, é o país, o único país, para mim e minha família. E que alguma coisa extraordinária vai aparecer naquelas bandas. Nem fica longe... comparativamente falando. E embora eu precise refletir sobre a gentileza de sua proposta, garanto que se trata apenas de uma questão formal.

Algum dia esquecerei como, em um momento, ele era o mais animado dos homens, à espera da fortuna? Ou como a sra. Micawber se pôs a discursar sobre os hábitos do canguru? Algum dia esquecerei aquela rua de Canterbury em dia de feira, sem me lembrar dele voltando conosco, expressando, na maneira determinada que assumia, os hábitos instáveis de alguém que estava temporariamente no país, olhando os bois que passavam com o olhar de fazendeiro australiano?

LIII

Outro retrospecto

Devo aqui fazer uma outra pausa. Oh, minha filhesposa, na multidão que passa em minha memória, há uma figura serena e imóvel, que me diz em seu amor inocente e beleza infantil: pare e pense em mim, volte seu olhar para a florzinha que vai caindo lentamente para o chão!

Eu olho. E tudo o mais escurece, desaparece. Estou de novo com Dora em nosso chalé. Não sei há quanto tempo ela está doente. Estou tão acostumado a essa sensação que não conto mais o tempo. Não é longo, são semanas e meses; mas em meu costume e experiência é um tempo demorado e cansativo.

Pararam de me dizer para "esperar mais alguns dias". Comecei a temer, remotamente, que jamais voltasse esse dia em que eu veria minha filhesposa correndo ao sol com seu velho amigo Jip.

Ele está muito velho de repente. Pode ser que sinta falta de alguma coisa em sua dona, que o vitalize e torne mais jovem, mas ele está triste, com a vista fraca, os membros frágeis, e minha tia lamenta que ele não se zangue mais com ela, mas se aninhe junto dela deitado na cama de Dora, ela sentada na beirada, e lamba delicadamente sua mão.

Dora sorri para nós, está linda, e não emite nenhuma palavra impaciente, não reclama. Diz que somos muito bons com ela; que seu querido menino está se cansando, ela sabe; que minha tia não dorme, mas mesmo assim está sempre alerta, ativa e boa. Às vezes, as tias que parecem passarinhos a vêm visitar, e conversamos sobre o dia do nosso casamento e todo aquele tempo feliz.

Que estranha calma e pausa em minha vida parece haver (e em toda a vida, dentro e fora de casa) quando me sento no quarto tranquilo, sombreado, arrumado, com os olhos azuis de minha filhesposa postos em mim e seus dedinhos girando em minha mão! Muitas e muitas horas passo assim, mas de todo esse tempo, três momentos me vêm mais vivos

à mente.

É de manhã e Dora, tão arrumada pelas mãos de minha tia, me mostra como o seu lindo cabelo *ainda* vai cachear sobre o travesseiro, como ele está comprido e brilhante e como ela gosta de mantê-lo frouxamente preso naquela rede que usa.

– Não que eu tenha vaidade dele, seu menino caçoísta – diz ela, quando sorrio –, mas porque você sempre dizia que achava meu cabelo bonito e porque, quando comecei a pensar em você, eu olhava no espelho e me perguntava se você gostaria muito de ter um cacho dele. Ah, como você ficou bobo, Doady, quando te dei um cacho de cabelo.

– Foi naquele dia em que você estava pintando as flores que eu tinha te dado, Dora, e quando falei o quanto estava apaixonado.

– Ah! Mas não quis contar para *você* – disse Dora –, naquela hora, como tinha chorado em cima delas porque acreditava que você gostava mesmo de mim! Quando eu puder correr de novo como corria, Doady, vamos de novo até aqueles lugares onde fomos um casal tão bobo, vamos? E dar aquelas caminhadas de antes? E não esquecer o pobre papai?

– Vamos, sim, vamos passar uns dias felizes. Então, você tem de sarar logo, meu amor.

– Ah, logo, logo! Já estou bem melhor, sabe?

É de tarde. Estou sentado na mesma cadeira ao lado da mesma cama, com o mesmo rosto voltado para mim. Estávamos em silêncio e ela tem um sorriso no rosto. Não levo mais meu leve fardo escada acima e abaixo. Ela fica aqui deitada o dia inteiro.

– Doady!

– Minha querida Dora!

– Não vai achar capricho meu o que vou dizer, depois do que me contou agora há pouco, que o senhor Wickfield não está bem? Eu queria ver a Agnes. Queria muito encontrar com ela.

– Vou escrever para ela, meu bem.

– Escreve?

– Agora mesmo.

– Que menino bonzinho e gentil! Doady, me abrace. Sério mesmo, meu bem, não é um capricho. Não é mesmo uma bobagem. Quero muito, muito encontrar com ela!

– Com certeza. Basta eu dizer isso a ela e tenho certeza de que ela vem.

– Fica muito solitário quando vai lá para baixo agora? – Dora sussurra, com o braço em torno de meu pescoço.

– Como não ficar, meu amor querido, quando olho a sua poltrona vazia?

– Minha poltrona vazia! – Ela se aperta a mim um momento, em silêncio. – E sente mesmo falta de mim, Doady? – E levanta o olhar, com um sorriso brilhante. – Mesmo eu estando assim tonta, boba, distraída?

– Meu coração, de quem mais posso sentir falta nesta terra?

– Ah, meu marido! Fico tão contente e ao mesmo tempo tão triste! – E colou-se a mim com ambos os braços. Ela ri, chora e depois se aquieta, bem feliz.

– É, sim! – diz ela. – Só chame Agnes para mim, querido, e diga que quero muito, muito falar com ela. Não me resta mais nada para querer.

– Só ficar boa de novo, Dora.

– Ah, Doady! Às vezes penso... sabe que sempre fui uma boba!... que isso não vai acontecer nunca!

– Não diga isso, Dora! Meu amor, nem pense nisso!

– Se conseguir, não penso, Doady. Mas sou muito feliz. Mesmo se o meu marido fica tão sozinho com a poltrona da filhesposa vazia!

É noite e ainda estou com ela. Agnes chegou, passou conosco um dia inteiro e uma noite. Ela, minha tia e eu ficamos sentados em torno de Dora desde a manhã, juntos. Não falamos muito, mas Dora está muito contente e alegre. Agora estamos sozinhos.

Eu sabia, nesse momento, que minha filhesposa logo ia me deixar? Me disseram isso; não disseram nada de novo aos meus pensamentos; mas estou muito longe de levar mesmo a sério essa verdade. Não consigo

atinar. Ao longo do dia, muitas vezes eu me retirava para chorar. Lembrei-me daquele que lamenta uma separação entre vivos e mortos. Relembrei toda essa história de compaixão e bondade. Tentei me resignar e me consolar; e nisso, acredito, posso ter sido imperfeito. Mas o que não consigo determinar em minha cabeça é que o fim virá fatalmente. Seguro a mão dela, aperto o meu coração sobre o dela, vejo seu amor por mim, vivo em toda a sua força. Não consigo eliminar uma pálida sombra insistente da convicção de que ela será poupada.

– Vou te dizer uma coisa, Doady. Vou dizer uma coisa que pensei dizer muitas vezes nos últimos tempos. Você se importa? – diz com uma doce expressão.

– Me importar, meu bem?

– Porque não sei o que você vai pensar ou o que pode ter pensado às vezes. Talvez você tenha pensado a mesma coisa muitas vezes. Doady, meu bem, acho que eu era jovem demais.

Deito o rosto no travesseiro a seu lado, ela olha nos meus olhos e fala mansinho. Aos poucos, quando ela prossegue, sinto, com o coração apertado, que ela está falando de si mesma no passado.

– Acho, meu bem, que eu era jovem demais. Não digo em idade apenas, mas em experiência, em pensamentos, em tudo. Era uma criaturinha tão boba! Acho que teria sido melhor se nós dois nos amássemos só como menino e menina, e tivéssemos esquecido o resto. Comecei a achar que não estava pronta para ser esposa.

Tento controlar as lágrimas e respondo:

– Ah, Dora, meu amor, tanto quanto eu para ser marido!

– Não sei – diz com aquele sacudir de cachos de antigamente. – Talvez! Mas se eu estivesse mais pronta para casar, você teria estado mais pronto também. Além disso, você é muito inteligente e eu nunca fui.

– Somos muito felizes, minha Dora querida.

– Fui muito feliz, muito. Mas com o passar dos anos, meu menino ia acabar se cansando desta filhesposa. Ela seria cada vez menos companheira para ele. Ele sentiria cada vez mais o que faltava em sua casa. Ela não teria melhorado. Melhor assim como está.

– Ah, Dora, querida, querida, não fale assim. Cada palavra sua parece uma censura!

– Não, nem uma sílaba! – ela responde, me beijando. – Ah, meu querido, você nunca mereceu isso, mas eu te amo demais para fazer qualquer censura a você, de verdade. É o meu único mérito, além de ser bonita. Pelo menos, você achava que sim. É muito solitário lá embaixo, Doady?

– Muito! Muito!

– Não chore! Minha poltrona está lá?

– No lugar de sempre.

– Ah, coitado do meu menino, chorando! Calma, calma! Agora, me prometa uma coisa. Quero que fale com Agnes. Quando descer, fale para Agnes subir, falar comigo; e enquanto eu estiver conversando com ela, que ninguém entre no quarto. Nem a tia! Quero falar só com Agnes. Quero falar com Agnes a sós.

Prometo que ela subirá imediatamente, mas, de tristeza, não consigo deixá-la.

– Eu disse que é melhor assim! – ela sussurra, me apertando entre os braços. – Ah, Doady, mesmo com mais tempo, você não poderia amar sua filhesposa mais do que ama agora. E com mais tempo ela teria cansado e decepcionado tanto você que não ia conseguir amar nem metade do que ama! Eu sei que era muito jovem e boba. Muito melhor assim!

Agnes está no andar de baixo quando entro na sala e lhe dou o recado. Ela desaparece, me deixa sozinho com Jip.

Sua casa chinesa está ao lado da lareira, ele deitado dentro, em sua cama de flanela, queixoso, tentando dormir. A lua está alta e clara. Quando olho para fora, as lágrimas caem depressa e meu indisciplinado coração é duramente castigado, duramente.

Fico sentado junto ao fogo, pensando com cego remorso em todos aqueles sentimentos secretos que alimentei desde meu casamento. Penso em cada bobagenzinha entre mim e Dora, e sinto a verdade, que as

bobagens são o sal da vida. Emergindo sempre do mar da minha lembrança está a imagem daquela menina querida quando a vi pela primeira vez, agraciada por meu jovem amor e pelo dela, com todo o fascínio que é a riqueza desse amor. Teria, realmente, sido melhor que nos amássemos como menino e menina e deixado passar? Responda, meu indisciplinado coração!

Não sei como o tempo passa até ser chamado de volta pelo velho companheiro de minha filhesposa. Mais inquieto, ele sai rastejando de sua casa, olha para mim, vai até a porta e dá uns ganidos para subir.

– Hoje não, Jip! Hoje não!

Ele vem muito lentamente até mim, lambe minha mão e ergue os olhos apagados para meu rosto.

– Ah, Jip! Pode ser que nunca mais!

Ele se deita aos meus pés, se estica como se fosse dormir e, com um grito lamentoso, morre.

– Ah, Agnes! Olhe, venha cá!

... Aquele rosto, tão cheio de dor, aquela chuva de lágrimas, aquele terrível chamamento mudo a mim, a mão solene erguida ao céu!

– Agnes?

Acabou-se. O escuro baixa sobre meus olhos e durante algum tempo tudo se apaga de minha lembrança.

LIV

As transações do sr. Micawber

O momento não é oportuno para eu abordar meu estado de espírito debaixo daquela carga de dor. Cheguei a pensar que o futuro era uma muralha à minha frente, que a energia e a ação de minha vida haviam terminado, que jamais encontraria refúgio a não ser na morte. Vim a pensar assim, digo, não naquele primeiro choque de dor. Foi aos poucos. Se os acontecimentos que vou relatar não tivessem se adensado à minha volta, no começo para confundir, no fim para aumentar minha aflição, é possível (embora não provável, acho) que eu pudesse ter caído de imediato nesse estado. Na realidade, houve um intervalo até eu compreender plenamente minha própria desgraça; um intervalo no qual cheguei a supor que as pontadas mais doloridas haviam passado e que minha mente se acalmaria apoiando-se em tudo o que havia de mais belo e inocente, na terna história que se encerrava para sempre.

Não consigo distinguir, nem mesmo agora, em que momento propuseram que eu fosse para o exterior, ou como veio a ficar decidido entre nós que eu procuraria a restauração de minha paz na mudança e em viagens. O espírito de Agnes impregnava a tal ponto tudo o que pensávamos, dizíamos, fazíamos naquele momento de tristeza que concluo que posso atribuir o projeto à sua influência. Mas sua influência era tão discreta que não sei mais.

Então, comecei de fato a pensar que, em minha antiga associação dela com o vitral da igreja, penetrou em minha mente uma profética premonição do que ela seria para mim na calamidade que viria a acontecer em seu devido tempo. Durante toda aquela fase de tristeza, desde o momento para sempre inesquecível em que ela parou à minha frente com a mão erguida, ela foi como uma presença sagrada em minha casa solitária. Quando o Anjo da Morte lá pousou, minha filhesposa adormeceu em seu colo com um sorriso, como me contaram quando

consegui ouvir. Despertei de meu desfalecimento para a consciência de suas lágrimas compadecidas, suas palavras de esperança e paz, seu doce rosto curvado de uma região mais pura, mais próxima do céu, sobre meu indisciplinado coração, abrandando minha dor.

Deixem-me prosseguir.

Eu iria para o exterior. Isso parece ter ficado logo de início determinado entre nós. Já a terra cobria tudo o que podia perecer de minha falecida esposa, mas ainda esperei o que o sr. Micawber chamou de "a pulverização final de Heep" e a partida dos emigrantes.

A pedido de Traddles, o mais dedicado e afetuoso de meus amigos na aflição, voltamos a Canterbury: digo, minha tia, Agnes e eu. Conforme o combinado, fomos diretamente à casa do sr. Micawber, onde meu amigo trabalhava, alternando com a casa do sr. Wickfield, desde a nossa explosiva reunião. Quando a pobre sra. Micawber me viu entrar com minha roupa de luto, ficou sensivelmente emocionada. Havia muita bondade no coração da sra. Micawber, que todos aqueles anos não haviam conseguido eliminar.

– Bom, senhor e senhora Micawber – foi a saudação de minha tia assim que nos sentamos. – Então, pensaram na minha proposta de emigração?

– Minha cara senhora – respondeu o sr. Micawber –, talvez eu possa expressar melhor a conclusão a que a senhora Micawber, sua humilde criada, e, posso acrescentar, nossos filhos chegamos conjuntamente, tomando emprestadas as palavras de um ilustre poeta, e responder que nosso barco está na água, nossa barca está no mar.{46}

– Muito bem – disse minha tia. – Prevejo tudo de bom por essa sábia decisão.

– A senhora nos dá muita honra – ele continuou. Referiu-se então a um memorando. – A respeito da assistência pecuniária que nos permitirá lançar nossa frágil canoa no oceano do empreendimento, reconsiderei esse importante requisito; e solicitaria que minhas promissórias, redigidas, desnecessário é explicitar, de acordo com os valores estabelecidos pelos vários decretos do Parlamento referentes a esses documentos, fossem para dezoito, vinte e quatro e trinta meses. A

proposta que eu havia feito em princípio era para doze, dezoito e vinte e quatro meses, mas fico apreensivo de que tal arranjo não permita tempo suficiente para o montante necessário de... para alguma coisa... aparecer. Pode ser que a colheita – disse o sr. Micawber olhando em torno da sala como se ela representasse várias centenas de acres de terras extremamente cultivadas –, ao vencer a primeira obrigação, não tenha sido bem-sucedida, ou não tenha ainda ocorrido. Acredito que às vezes é difícil encontrar mão de obra naquela parte de nossas possessões coloniais onde será nosso destino lutar com o solo fecundo.

– O senhor divida como quiser – disse minha tia.

– A senhora Micawber e eu – disse ele – estamos profundamente sensibilizados com a gentileza e consideração de nossos amigos e protetores. O que desejo é ser de uma correção absoluta e tão pontual quanto possível. Ao virar, como estamos a ponto de virar, uma página inteiramente nova e mergulhar, como estamos agora a ponto de mergulhar, em uma primavera de incomum magnitude, é importante para meu autorrespeito, além de ser exemplo para meu filho, que esses arranjos sejam concluídos de homem para homem.

Não sei se o sr. Micawber atribuía algum sentido a essa última frase, não sei se alguém algum dia atribui ou atribuiu, mas parecia valorizá-la excepcionalmente, e repetiu, com um pigarro de importância: “De homem para homem”.

– Sugiro – disse o sr. Micawber – promissórias, uma conveniência do mundo mercantil que devemos, acredito, originalmente aos judeus, que parecem ter tido desde sempre um trato diabólico com elas, porque são negociáveis. Mas, se for preferível uma carta de fiança ou qualquer outro tipo de garantia, com todo o prazer assino qualquer instrumento. De homem para homem.

Minha tia observou que, no caso em que ambas as partes estão dispostas a concordar em tudo, ela tomava por certo que não haveria dificuldade em acertar essa questão. O sr. Micawber era da mesma opinião.

– Quanto a nossos preparativos domésticos, minha senhora – disse o sr. Micawber com algum orgulho –, para enfrentar o destino ao qual está

agora entendido que nos dedicaremos, gostaria de esclarecer. Minha filha mais velha comparece todo dia às cinco da manhã a um estabelecimento próximo para aprender o processo, se processo se pode chamar, de ordenhar vacas. Meus filhos mais novos foram instruídos a observar, o mais de perto que as circunstâncias permitam, os hábitos de porcos e aves mantidos nas partes mais pobres desta cidade: atividade na qual, em duas ocasiões, escaparam por um triz de ser atropelados. Eu próprio, durante a última semana, empenhei certa atenção à arte de assar. E meu filho Wilkins saiu com um cajado e pastoreou gado, quando os rudes pastores encarregados permitiam que prestasse qualquer serviço voluntário nesse sentido, o que, sinto dizer, para crédito de nossa natureza, foi bem raro, tendo sido ele alertado com palavrões a desistir.

– Tudo muito bem – disse minha tia, animadora. – E a senhora Micawber também andou ocupada, sem dúvida.

– Minha querida senhora – retorquiu a sra. Micawber, com sua expressão administrativa –, estou pronta a confessar que não me ocupei ativamente com atividades ligadas à agricultura ou à criação de animais, mesmo sabendo muito bem que essas duas coisas vão exigir minha atenção em terra estrangeira. As oportunidades que tive de me afastar dos deveres domésticos, eu dediquei a trocar longa correspondência com minha família. Porque me parece, meu caro senhor Copperfield – disse a sra. Micawber, que se dirigia a mim, talvez por hábito, a despeito de a quem tivesse se dirigido no começo –, que já está na hora de esquecer o passado; de minha família estender a mão ao senhor Micawber, e o senhor Micawber estender a mão a minha família; do leão deitar ao lado do cordeiro e minha família fazer as pazes com o senhor Micawber.

Eu disse que também pensava assim.

– Pelo menos, é por esse ângulo, senhor Copperfield – continuou a sra. Micawber –, que *eu* vejo a questão. Quando morava em casa com papai e mamãe, meu papai sempre perguntava, quando se discutia algum assunto no nosso círculo familiar: “Por qual ângulo você vê a questão, minha Emma?”. Sei que meu pai era muito fechado, mas mesmo assim, quanto à frieza que sempre existiu entre o senhor Micawber e minha família, tive de formar uma opinião, por ilusória que seja.

– Sem dúvida. Claro que teve, minha senhora – disse minha tia.

– Exatamente – concordou a sra. Micawber. – Agora, posso estar errada nas minhas conclusões, é muito provável que esteja, mas a impressão que tenho é que o abismo entre a minha família e o senhor Micawber se deve ao temor, por parte da minha família, de que o senhor Micawber possa precisar de ajuda pecuniária. Não posso deixar de pensar – disse a sra. Micawber com uma expressão de profunda sagacidade – que alguns familiares meus se preocupavam muito com a possibilidade de que o senhor Micawber pudesse solicitar seus nomes. E não quero dizer para serem dados em batismo aos nossos filhos, mas a serem inscritos como fiadores em duplicatas e negociados no mercado financeiro.

O olhar penetrante com que a sra. Micawber anunciou essa descoberta, como se ninguém nunca tivesse pensado nisso antes, parecia deixar minha tia tão perplexa que ela replicou abruptamente:

– Bom, minha senhora, em termos gerais, não me surpreenderia que tivesse razão!

– Estando o senhor Micawber na eminência de romper as correntes pecuniárias que durante tanto tempo o aprisionaram – disse a sra. Micawber – para começar uma nova carreira num país onde existe espaço suficiente para as suas habilidades, o que, na minha opinião, é de extrema importância, uma vez que as habilidades dele exigem muito espaço, me parece que minha família devia marcar a ocasião dando um passo à frente. O que eu gostaria de ver seria um encontro entre o senhor Micawber e minha família numa ocasião festiva a expensas da minha família; em que algum membro importante brindasse à saúde e prosperidade do senhor Micawber para ele ter a oportunidade de desenvolver seus pontos de vista.

– Minha querida – disse o sr. Micawber um tanto acalorado –, seria melhor eu declarar com todas as letras, de imediato, que se eu fosse desenvolver meus pontos de vista para aquele grupo reunido seria provavelmente considerado ofensivo: uma vez que minha impressão é que a sua família é, no geral, de esnobes impertinentes; e, em particular, de consumados bandidos.

– Micawber – disse a sra. Micawber, sacudindo a cabeça – não! Você nunca entendeu meus parentes e eles nunca entenderam você.

O sr. Micawber tossiu.

– Eles nunca entenderam você, Micawber – disse a esposa. – Talvez seja incapacidade deles. E nesse caso, o azar é deles. Tenho pena da falta de sorte deles.

– Eu sinto muitíssimo, minha querida Emma – disse o sr. Micawber, abrandando o tom –, ter me traído com qualquer expressão que possa, mesmo de longe, ter a aparência de uma expressão forte. Tudo o que diria é que posso ir para o estrangeiro sem que sua família dê um passo à frente a meu favor – em resumo, com um frio dar de ombros; e que, no geral, prefiro deixar a Inglaterra com o ímpeto que possua do que receber qualquer impulso dessa parte. Ao mesmo tempo, minha querida, se eles condescenderem em responder suas cartas, o que nossa experiência conjunta mostra ser pouco provável, longe de mim significar qualquer barreira aos seus desejos.

Assim assentada amigavelmente a questão, o sr. Micawber deu o braço à sra. Micawber e, olhando a pilha de livros e papéis diante de Traddles na mesa, os dois disseram que iam nos deixar sossegados, o que fizeram, com modos cerimoniosos.

– Meu caro Copperfield – disse Traddles reclinando na cadeira quando saíram e olhando para mim com um afeto que deixava seus olhos vermelhos e o cabelo espetado de todo jeito –, não vou pedir desculpas por incomodar você com negócios, porque sei que está profundamente interessado nisto e porque pode distrair seus pensamentos. Meu querido rapaz, espero que não esteja cansado.

– Estou muito bem – disse eu, depois de uma pausa. – Temos de pensar mais em minha tia do que em qualquer outra pessoa. Você sabe o quanto ela fez.

– Claro, claro – Traddles replicou. – Quem pode esquecer?

– Mas isso também não é tudo – eu disse. – Nos últimos quinze dias, ela anda preocupada com alguma coisa nova, tem ido a Londres e voltado todos os dias. Várias vezes saiu de manhã e ficou fora até a noite. Ontem, Traddles, com essa viagem pela frente, era quase meia-noite quando

voltou para casa. Você sabe como ela tem consideração pelos outros. Ela não me conta o que aconteceu para estar tão perturbada.

Minha tia, muito pálida, com sulcos fundos no rosto, ficou sentada imóvel até eu terminar, quando algumas lágrimas correram por seu rosto e ela pôs a mão sobre a minha.

– Não é nada, Trot, nada. Não vai acontecer mais. Você vai ficar sabendo. Agora, Agnes, meu bem, vamos cuidar daquelas coisas.

– Justiça seja feita ao senhor Micawber – Traddles começou –, porque, embora ele não pareça ser muito trabalhador por conta própria, é um homem incansável quando trabalha para os outros. Nunca vi uma pessoa assim. Se ele tem sempre esse ritmo, deve estar com praticamente duzentos anos atualmente. O ânimo com que vem trabalhando, a maneira concentrada e impetuosa com que tem mergulhado dia e noite em livros e documentos, para não falar da quantidade de cartas que escreveu para mim entre esta casa e a do senhor Wickfield, e muitas vezes do outro lado da mesa, sentado na minha frente, quando teria sido muito mais fácil falar, é extraordinário.

– Cartas! – minha tia exclamou. – Acho que ele sonha com cartas!

– O senhor Dick também tem feito maravilhas – disse Traddles. – Assim que foi liberado de vigiar Uriah Heep, tarefa de que se encarregou com um empenho que nunca vi igual, começou a se dedicar ao senhor Wickfield. E realmente a sua ansiedade em ser útil em todas as investigações que estamos fazendo, e sua dedicação em resumir, copiar, levar e trazer, têm sido muito estimulante para nós.

– Dick é um homem notável – minha tia exclamou –, eu sempre disse isso. Trot, você sabe!

– É uma satisfação para mim, senhorita Wickfield – continuou Traddles, com grande delicadeza e firmeza ao mesmo tempo –, informar que em sua ausência o senhor Wickfield melhorou bastante. Liberado daquele íncubo que havia se colado a ele durante tanto tempo e das horríveis apreensões que suportava, nem parece a mesma pessoa. Às vezes, até mesmo o comprometimento de sua capacidade de concentrar a memória e a atenção em determinadas questões de negócios parece desaparecer, e ele conseguiu nos ajudar a esclarecer alguns pontos que

teriam sido muito difíceis, senão impossíveis, sem ele. Mas o que tenho de fazer é conseguir resultados, e depressa, não ficar tagarelando sobre todas as boas condições que venho observando, de outro modo, não vou terminar nunca.

Sua maneira natural e agradável simplicidade deixavam transparente que dizia isso para nos animar e permitir que Agnes ouvisse falar do pai com maior confiança, mas não era menos agradável por isso.

– Agora, vamos ver – disse Traddles, procurando entre os papéis da mesa. – Computados os nossos fundos e organizada uma grande massa de confusão não intencional primeiro e de confusão voluntária e falsificação em segundo, fica bem claro que o senhor Wickfield pode agora encerrar seus negócios e seu fundo bancário, sem apresentar nenhuma deficiência nem desfalque.

– Ah, graças a Deus! – disse Agnes, ardorosamente.

– Mas – disse Traddles – o excedente que restaria como meio de sobrevivência, e ao dizer isso penso que a casa será vendida, seria tão pouco, não passaria, provavelmente, de algumas centenas de libras, de tal forma que talvez, senhorita Wickfield, fosse melhor pensar em fazer seu pai conservar a empresa na qual trabalhou durante tanto tempo. Os amigos podem aconselhar, sabe, agora que ele está livre. A senhorita mesmo, Copperfield, eu...

– Tinha pensado nisso, Trotwood – disse Agnes, olhando para mim –, e sinto que não deve ser assim, que não pode ser assim, mesmo recomendado por um amigo a quem sou tão grata e a quem tanto devo.

– Eu não diria que recomendo isso – observou Traddles. – Achei que seria certo sugerir, nada mais.

– Fico contente de ouvir isso do senhor – Agnes respondeu, firme –, porque me dá esperança, quase segurança, de que pensamos do mesmo jeito. Caro senhor Traddles, caro Copperfield, a honra de meu pai está restaurada, o que mais posso querer? Sempre desejei, se conseguisse livrar meu pai das pressões a que estava preso, retribuir pelo menos em parte todo o amor e atenção que devo a ele e lhe dedicar a minha vida. Há anos é o máximo que almejo. Assumir o controle de nosso futuro será a minha maior felicidade, depois de liberar meu pai de todos os encargos e

responsabilidades.

– E já pensou como fazer isso, Agnes?

– Muitas vezes! Não tenho medo, Trotwood, querido. Tenho certeza de que vou conseguir. Tanta gente me conhece aqui e gosta de mim, que tenho certeza. Não se preocupe comigo. Precisamos de muito pouco. Se eu alugar a velha casa querida e conservar a escola, serei útil e feliz.

O calmo fervor de sua voz alegre trouxe de volta com tanta vivacidade primeiro a velha casa querida, depois meu lar solitário, que meu coração transbordou e não pude falar. Durante um momento, Traddles fingiu estar ocupado mexendo nos papéis.

– Depois, senhorita Trotwood – disse Traddles –, vem a sua propriedade.

– Bom, senhor Traddles – minha tia suspirou. – Tudo o que tenho a dizer é que, se foi tudo embora, consigo suportar; e se não foi, vou ficar contente de receber tudo de volta.

– Se não me engano, eram originalmente oito mil libras em títulos? – Traddles perguntou.

– Certo! – minha tia respondeu.

– Não consegui encontrar mais do que cinco – disse Traddles, com ar de perplexidade.

– ... cinco mil, o senhor quer dizer? – minha tia perguntou, com rara compostura –, ou cinco libras?

– Cinco mil libras – disse Traddles.

– Era só isso mesmo – minha tia retorquiu. – Eu própria vendi três mil. Uma para pagar sua formação, Trot, querido. E as outras duas tenho comigo. Quando perdi o resto, achei melhor não falar nada dessa soma, mas guardar em segredo para um dia de chuva. Queria ver como você se saía das dificuldades, Trot. E você se saiu nobremente, perseverante, seguro, abnegado! Assim como Dick também. Não diga nada porque estou com os nervos um pouco abalados!

Ninguém pensaria nisso ao vê-la sentada tão ereta, com os braços cruzados, mas minha tia possuía um incrível autocontrole.

– Então, tenho o prazer de dizer – Traddles exclamou, sorrindo de

alegria – que recuperamos o dinheiro todo!

– Ninguém me cumprimente! – minha tia exclamou. – Como assim, senhor Traddles?

– A senhora achou que o senhor Wickfield havia se apropriado dos títulos indevidamente – Traddles perguntou.

– Claro que sim – minha tia respondeu –, e por isso foi tão fácil me calar. Agnes, nem uma palavra!

– E de fato – disse Traddles – foram vendidos, em virtude do poder de gerenciamento que ele tinha sobre a senhora, mas nem preciso dizer vendidos por quem ou com qual assinatura. O bandido depois fingiu para o senhor Wickfield, e provou, com números, que ele próprio havia se apossado do dinheiro para impedir que viessem à luz outras deficiências e dificuldades. O senhor Wickfield, tão enfraquecido nas mãos dele e incapaz de pagar depois à senhora as diversas somas de juros sobre um pretenso principal que ele sabia não existir, se tornou, infelizmente, participante na fraude.

– E acabou assumindo a culpa – acrescentou minha tia –, me escreveu uma carta louca, se acusando de roubo e erros inauditos. Então, um dia bem cedo, fiz uma visita a ele, pedi uma vela, queimei a carta e disse que, se algum dia pudesse fazer justiça a ele e a mim, que fizesse. Mas que, se não pudesse, que, por amor a sua filha, não perdesse o juízo. Se alguém falar comigo, vou embora desta casa!

Ficamos todos calados; e Agnes cobriu o rosto.

– Bom, meu querido amigo – perguntou minha tia, depois de uma pausa –, e o senhor conseguiu realmente arrancar dele esse dinheiro de volta?

– Bom, o fato é que o senhor Micawber – disse Traddles – havia cercado Uriah Heep de modo tão completo e tinha tantos outros recursos se algum falhasse, que ele não conseguiria escapar de nós. Um aspecto absolutamente notável é o seguinte: acho de fato que ele não pegou o dinheiro tanto para gratificar sua avareza, que era imensa, mas pelo ódio que sentia de Copperfield. Isso ele me falou com franqueza. Disse que poderia até ter gastado o dinheiro, para comprometer e magoar Copperfield.

– Ah! – exclamou minha tia, franzindo as sobrancelhas, pensativa, e olhando para Agnes. – E o que aconteceu com ele?

– Não sei. Saiu daqui com a mãe – disse Traddles –, que chorava, implorava e confessava o tempo todo. Foram embora numa das diligências noturnas para Londres, e não soube mais nada dele; a não ser que sua aversão a mim ao partir foi audaciosa. Parecia se considerar não menos prejudicado por mim que pelo senhor Micawber, o que considero um elogio, como disse a ele.

– Acha que ele tem algum dinheiro, Traddles? – perguntei.

– Ah, creio que sim – ele replicou, balançando a cabeça, sério. – Eu diria que ele embolsou uma boa soma de um jeito ou de outro. Mas acho que você descobriria, Copperfield, se tivesse a oportunidade de observar o rumo dele, que dinheiro nunca pode afastar esse homem da desonestidade. É um hipócrita consumado, e tudo o que faz é tortuoso. É a única recompensa pelos limites externos que impõe a si mesmo. Sempre rastejando no chão atrás de algum objetivo miúdo, vai sempre exagerar qualquer empecilho e portanto odiar e desconfiar de qualquer pessoa que se coloque, mesmo inocentemente, entre ele e seu fim. E assim seus atos torpes ficam mais torpes a todo momento pela menor razão ou por nenhuma. Basta pensar na história dele aqui para concluir isso.

– É um monstro de baixeza! – disse minha tia.

– Isso eu não sei – Traddles observou, pensativo. – Muita gente pode ser muito baixa quando se empenha nisso.

– E agora, quanto ao senhor Micawber... – disse minha tia.

– Bom, realmente – Traddles falou, cheio de alegria –, devo fazer altos elogios ao senhor Micawber. Se ele não tivesse sido tão paciente e perseverante durante tanto tempo, nunca teríamos a oportunidade de fazer nada. E acho que devemos considerar que o senhor Micawber agiu com justiça pela justiça, se pensarmos como ele podia ter entrado em acordo com o próprio Uriah Heep em troca do seu silêncio.

– Também acho – respondi.

– Agora, o que o senhor daria para ele? – minha tia perguntou.

– Ah!, antes de chegar a isso – disse Traddles, um pouco desconcertado – achei mais discreto omitir (uma vez que não consegui fazer tudo o que tinha pela frente) dois pontos no acerto dessa questão ilegal... porque é totalmente ilegal do começo ao fim. Aquelas promissórias e documentos que o senhor Micawber deu a ele pelos adiantamentos...

– Bom! Terão de ser pagas – disse minha tia.

– Claro, mas não sei quando vencem, nem onde estão –Traddles continuou, arregalando os olhos –, e o que prevejo é que, entre este momento e a partida dele, o senhor Micawber possa ser constantemente preso ou processado.

– Então ele terá de ser libertado e defendido – disse minha tia. – Qual o valor total?

– Ora, o senhor Micawber anotou essas transações, ele chama de transações, organizadamente, em um livro – retomou Traddles, sorrindo –, e chega ao total de cento e três libras e cinco xelins.

– Então, quanto vamos dar para ele, inclusive essa soma? – minha tia perguntou. – Agnes, meu bem, você e eu podemos conversar sobre a divisão depois. Quanto seria? Quinhentas libras?

Diante disso, Traddles e eu atacamos ao mesmo tempo. Ambos recomendamos uma pequena soma em dinheiro e o pagamento, sem informar ao senhor Micawber, das cobranças de Uriah, quando fossem feitas. Propusemos que fossem pagas a passagem e a instalação da família, além de cem libras. E que os arranjos do sr. Micawber para pagar os adiantamentos fossem levados a sério, porque seria salutar para ele achar que tinha essa responsabilidade. A isso acrescentei a sugestão de que eu devia dar alguma explicação sobre seu caráter e história pessoal ao sr. Peggotty, em quem sabia que podia confiar; e que o sr. Peggotty deveria se encarregar de, discretamente, adiantar mais cem libras. Em seguida, propus despertar o interesse do sr. Micawber pelo sr. Peggotty contando a ele o máximo de sua história que eu considerasse justificável ou necessário revelar; e me empenhar em fazer os dois se aproximarem, para benefício de ambos. Nós todos concordamos calorosamente com essas propostas; e posso já mencionar que as partes

interessadas fizeram a mesma coisa logo depois, com toda boa vontade e harmonia.

Vendo que Traddles agora olhava ansiosamente para minha tia outra vez, lembrei-o do segundo e último ponto que ele havia mencionado.

– Você e sua tia me desculpem, Copperfield, se toco num tema tão doloroso, como temo ter de fazer – disse Traddles, hesitante –, mas acho que é preciso trazer uma coisa à sua lembrança. No dia da memorável denúncia do senhor Micawber, Uriah Heep fez uma alusão ameaçadora ao... marido de sua tia.

Minha tia manteve a posição rígida e aparente compostura e assentiu com a cabeça.

– Quem sabe – Traddles observou – era apenas uma impertinência sem sentido?

– Não – retorquiu minha tia.

– Existiu mesmo, me perdoe, tal pessoa, com todos os seus direitos? – Traddles insinuou.

– Existiu, meu bom amigo – disse minha tia.

Traddles, com o rosto visivelmente mais comprido, explicou que não tinha conseguido esclarecer esse assunto, que tivera o mesmo destino das promissórias do sr. Micawber, e não fazia parte dos termos que havia estabelecido. Que não tínhamos mais nenhuma autoridade sobre Uriah Heep, e que, se ele pudesse causar a qualquer um de nós algum dano ou incômodo, sem dúvida o faria.

Minha tia permaneceu calada, até novamente algumas lágrimas correrem por suas faces.

– Tem toda a razão – disse ela. – Fez muito bem em tocar no assunto.

– Posso... eu... ou Copperfield... fazer alguma coisa? – Traddles perguntou gentilmente.

– Nada – minha tia respondeu. – Fico muito agradecida. Trot, meu bem, uma ameaça vazia! Vamos chamar de volta o senhor e a senhora Micawber. E nenhum de vocês fale comigo. – Ela então ajeitou o vestido e ficou sentada com seu porte ereto a olhar para a porta.

– Bom, senhor e senhora Micawber! – disse minha tia quando eles

entraram. – Estávamos discutindo sua emigração, e peço muitas desculpas por ter mantido os senhores fora da sala durante tanto tempo. Vou contar os acordos que propomos.

Ela explicou tudo, para infinita satisfação da família, das crianças e de todos os presentes. As providências tocaram a tal ponto o hábito de pontualidade do sr. Micawber ao dar início a todas as transações financeiras que não foi possível dissuadi-lo de sair correndo imediatamente, com grande animação, para comprar os selos para suas promissórias. Mas sua alegria recebeu um golpe súbito, pois cinco minutos depois voltou, sob a custódia de um xerife, nos informando, com uma torrente de lágrimas, que agora estava tudo perdido. Como estávamos bem preparados para essa eventualidade, que era, é evidente, uma medida provocada por Uriah Heep, logo pagamos o dinheiro; e cinco minutos depois o sr. Micawber estava sentado à mesa, pregando os selos com expressão de completa alegria, que só aquela atividade característica sua ou o preparo do ponche podiam fazer surgir tão intensa em seu rosto luminoso. Vê-lo trabalhando com os selos, com o prazer de um artista, tocando-os como se fossem quadros, olhando-os de lado, anotando pesadamente as datas e valores em sua caderneta e contemplando as notas quando terminadas, com muita noção de seu precioso valor, era realmente de se admirar.

– Agora, a melhor coisa que o senhor pode fazer, se me permite um conselho – disse minha tia, depois de observá-lo em silêncio –, é abandonar essa ocupação para sempre.

– Minha senhora, é minha intenção registrar tal voto na página virgem do futuro – disse o sr. Micawber, solene. – Minha esposa será testemunha. Espero que meu filho Wilkins tenha sempre em mente que seria infinitamente melhor pôr a mão no fogo do que usá-la para manejar as serpentes que envenenaram a vida de seu pai tão infeliz! – Emocionadíssimo e mudando em um momento para a imagem de desespero, o sr. Micawber olhou as serpentes com uma expressão de triste abominação (na qual sua anterior admiração por elas não se abatera por inteiro), dobrou-as e guardou no bolso.

Isso encerrou as atividades da noite. Estávamos esgotados de tristeza

e fadiga, e minha tia e eu devíamos voltar a Londres na manhã seguinte. Ficou combinado que os Micawber iriam nos encontrar depois de efetuarem a venda de seus bens a um corretor; que os negócios do sr. Micawber deviam ser encerrados com toda a pressa conveniente, sob a orientação de Traddles; e que Agnes também iria a Londres, depois desses arranjos. Passamos a noite na velha casa, que, liberta da presença dos Heep, parecia purgar-se de uma doença. Fiquei em meu velho quarto, como um náufrago que volta para casa.

No dia seguinte, retornamos à casa de minha tia, não à minha. E quando ela e eu estávamos sentados sozinhos, como antes, antes de ir dormir, ela falou:

– Trot, você quer saber o que tenho mesmo pensado ultimamente?

– Quero, sim, tia. Se houve algum momento em que eu gostaria de evitar que a senhora tivesse qualquer tristeza ou ansiedade que eu não pudesse saber, esse momento é agora.

– Você já sofreu o suficiente, meu filho – disse ela, afetuosamente –, sem precisar saber das *minhas* pequenas desgraças. Eu não teria nenhuma outra razão, Trot, para esconder nada de você.

– Sei bem disso – respondi. – Mas me diga agora.

– Você poderia dar uma saída comigo amanhã de manhã? –ela perguntou.

– Claro.

– Às nove horas – disse ela. – Então conto para você, meu bem.

Às nove horas, pontualmente, saímos numa carruagem pequena e fomos para Londres. Rodamos um bom tempo pelas ruas, até chegar a um dos grandes hospitais. Parado diante do edifício, estava um féretro. O cocheiro reconheceu minha tia e, obedecendo a um gesto dela pela janela, seguiu em frente devagar. E nós acompanhamos.

– Entendeu agora, Trot? – perguntou minha tia. – Ele se foi!

– Morreu no hospital?

– Isso mesmo.

Ela seguia imóvel a meu lado, mas novamente vi as lágrimas correndo por seu rosto.

– Ele já tinha estado lá uma vez antes – disse então minha tia. – Estava sofrendo há tempos, um homem abatido, abalado, todos esses anos. Quando soube do estado desta sua última doença, mandou me chamar. Ele se arrependeu então. Muito.

– A senhora atendeu, tia, que eu sei.

– Atendi. Estive bastante com ele depois.

– Ele morreu na véspera de irmos para Canterbury? – perguntei.

Minha tia assentiu com a cabeça.

– Ninguém vai poder fazer mal a ele agora – ela disse. – Era uma ameaça vazia.

Seguimos para fora da cidade, até o adro de uma igreja em Hornsey.

– Melhor aqui do que na cidade – disse minha tia. – Ele nasceu aqui.

Descemos e acompanhamos o caixão simples até um canto de que me lembro bem, onde foram lidas as palavras que o entregavam ao pó.

– Há trinta e seis anos, no dia de hoje, meu bem – disse minha tia quando voltamos para a carruagem –, eu me casava. Deus nos perdoe a todos!

Nos acomodamos em silêncio, e assim ela ficou a meu lado durante bastante tempo, segurando minha mão. Acabou caindo em prantos de repente e disse:

– Ele era um homem bonito quando casei com ele, Trot... foi triste ter mudado tanto!

O choro não durou muito tempo. Depois de se aliviar com as lágrimas, ela logo estava controlada, até alegre. Tinha os nervos um pouco abalados, disse, por isso havia cedido à emoção. Deus nos perdoe a todos!

Então voltamos para seu chalezinho em Highgate, onde encontramos um breve recado do sr. Micawber, entregue pelo correio da manhã:

> Canterbury,
>
> sexta-feira.
>
> Minha cara senhora, e Copperfield,
>
> A bela Terra Prometida que espreitava no horizonte está de novo envolta em uma névoa impenetrável e para sempre removida dos olhos de um náufrago miserável cujo destino está selado!

Uma outra intimação foi lançada (na Alta Corte de Sua Majestade em Kings Bench, Westminster), em outra ação de Heep contra Micawber, e o acusado está sob as ordens do xerife que tem jurisdição legal neste distrito.

Este é o dia, esta a hora,
a batalha não demora,
as forças de Eduardo logo virão...
correntes, escravidão!{47}

Consignado ao qual e a um rápido fim (pois a tortura mental não é suportável além de certo ponto e sinto ter chegado a esse ponto), minha carreira termina. Deus os abençoe! Algum futuro viajante, ao visitar por curiosidade, não desprovida, espero, de ponderará, o local de confinamento de devedores nesta cidade, ponderará, e espero que de fato pondere ao ler escritas com um prego enferrujado na parede

as obscuras iniciais

W. M.

P.S. – Retomo esta para dizer que nosso amigo comum, senhor Thomas Traddles (que ainda não nos deixou e parece extremamente bem), pagou o débito e as custas, no nobre nome da srta. Trotwood, e que eu e minha família estamos no auge da felicidade terrena".

LV

Tempestade

Chego agora a um momento de minha vida tão indelével, tão horrível, tão pleno de uma infinita variedade de ligações com tudo o que o precedeu nestas páginas que, desde o começo de minha narrativa, vi que ia ficando maior e maior enquanto avançava, como uma grande torre numa planície, projetando sua sombra mesmo sobre os incidentes de meus tempos de criança.

Anos depois do acontecido, eu sonhava muitas vezes com ele. Acordava tão vivamente impressionado que sua fúria ainda parecia estar presente no quarto silencioso, na calada da noite. Ainda sonho com ele às vezes, porém a intervalos longos e incertos, até hoje. Faço uma associação entre esse acontecimento e um vento tempestuoso, ou à mais leve menção de uma praia, tão forte como qualquer outra de que minha mente tenha consciência. Com a mesma clareza com que vi as coisas acontecerem, tentarei narrá-las. Não me lembro delas, mas as vejo presentes, pois acontecem de novo, na minha frente.

Aproximando-se depressa o momento da partida do navio emigrante, minha querida babá (quase desolada por mim quando nos encontramos) veio a Londres. Estive constantemente com ela, seu irmão e com os Micawber. Mas Emily eu nunca encontrava.

Uma noite, quase no dia da partida, eu estava sozinho com Peggotty e seu irmão. Nossa conversa se voltou para Ham. Ela contou que ele se despedira dela com muita ternura e que suportava tudo com calma e valentia. Sobretudo nos últimos tempos, quando ela achava que ele era mais exigido. Era um assunto de que a afetuosa criatura nunca se cansava, e nosso interesse em ouvir os muitos exemplos que ela, que tanto significava para ele, tinha a relatar era igual ao interesse dela em relatá-los.

Minha tia e eu estávamos, nesse momento, esvaziando os dois chalés

de Highgate, uma vez que eu pretendia ir para o exterior, e ela voltar a sua casa em Dover. Tomamos acomodações provisórias em Covent Garden. Ao voltar para casa depois da conversa dessa noite, refletindo sobre o que havia acontecido entre Ham e mim em minha última estada em Yarmouth, hesitei quanto a meu propósito original de deixar uma carta a Emily quando fosse me despedir de seu tio a bordo do navio, e pensei que seria melhor escrever para ela naquele momento. Ela podia querer, pensei, ao receber a comunicação, mandar, por meu intermédio, alguma palavra de despedida para seu infeliz namorado. Eu tinha de lhe dar essa oportunidade.

Então, antes de ir para a cama, sentei em meu quarto e escrevi para ela. Disse que tinha estado com ele e que ele pedira que lhe dissesse o que já escrevi em seu devido lugar nestas páginas. Repeti fielmente o que ele dissera. Não havia necessidade de expandir nada, mesmo que tivesse esse direito. Sua profunda fidelidade e bondade não devia ser ornamentada por mim nem por ninguém. Deixei a carta do lado de fora, para ser enviada de manhã, com uma linha ao sr. Peggotty, pedindo que entregasse a ela, e fui para a cama até o raiar do dia.

Na época, eu estava mais fraco do que pensava e, não conseguindo dormir até o nascer do sol, acordei tarde e cansado no dia seguinte. Sobressaltei-me com a presença silenciosa de minha tia ao lado da cama. Eu a senti no sono, como acho que todos nós sentimos essas coisas.

– Trot, meu querido – disse ela quando abri os olhos –, não sabia se devia incomodar você. O senhor Peggotty está aqui. Devo mandar que suba?

Respondi que sim e ele logo apareceu.

– Seu Davy – disse ele depois de um aperto de mãos –, dei a sua carta pra Em'ly e ela escreveu isto aqui pro senhor, pediu pra mim pra falar pro senhor ler e se achar que não fica ruim, ter a bondade de se encarregar.

– O senhor leu? – perguntei.

Ele assentiu, tristemente. Abri e li o seguinte:

Recebi sua mensagem. Ah, o que posso escrever em agradecimento à sua bondade e atenção

comigo?

Apertei suas palavras ao coração. Ficarão guardadas aqui até eu morrer. São espinhos doloridos, mas tão consoladores. Penso nelas ao rezar, ah, tenho rezado tanto. Quando penso no que você é, no que é meu tio, penso no que Deus deve ser e posso implorar a Ele.

Adeus para sempre. Agora, meu querido amigo, adeus para sempre neste mundo. No outro mundo, se eu for perdoada, poderei despertar como criança e ir até você. Toda a minha gratidão e bênçãos. Adeus, para todo sempre!

Essa, borrada de lágrimas, era a carta.

– Posso dizer pra ela que o senhor não viu nada de errado na carta e que vai ter a bondade de se encarregar, seu Davy? – perguntou o sr. Peggotty quando terminei de ler.

– Sem dúvida – respondi –, mas estou pensando...

– O quê, seu Davy?

– Estou pensando – disse eu – que vou a Yarmouth outra vez. Tenho tempo de sobra, e para ir e voltar antes de o navio partir. Estou sempre pensando nele, na solidão dele. Pôr esta carta com a letra dela na mão dele agora e permitir que o senhor diga a ela, no momento da partida, que ele recebeu a carta vai fazer bem para os dois. Aceito solenemente o encargo, meu querido amigo, e nada será suficiente para cumprir meu dever. A viagem não é nada para mim. Estou inquieto e vai ser melhor me pôr em movimento. Parto hoje à noite.

Embora ele tentasse ansiosamente me dissuadir, vi que pensava como eu, e isso, se eu precisasse confirmar minha intenção, teria surtido efeito. A meu pedido, ele foi até o terminal da diligência e comprou para mim o bilhete no carro do correio. À noite, parti naquele veículo pela estrada que havia percorrido sob tantas vicissitudes.

– Não acha que o céu está incrível? – perguntei ao cocheiro, na primeira parada fora de Londres. – Não me lembro de ter visto nunca o céu assim.

– Nem eu, não desse jeito – ele respondeu. – É o vento, sim, senhor. Vai acontecer alguma coisa no mar, eu acho. E não demora.

Era uma nebulosa confusão – manchada aqui e ali com uma cor igual à cor da fumaça de lenha úmida –, as nuvens voando, formando montes notáveis, sugerindo alturas maiores no céu do que profundidades

debaixo dele até os vazios mais fundos da terra, e através delas a lua estranha parecia mergulhar de cabeça, como se, numa horrenda perturbação das leis da natureza, tivesse perdido o rumo e estivesse apavorada. Ventara todo o dia e o vento aumentava agora, com um som excepcional. Mais uma hora, e o vento aumentou ainda mais, soprando duro, o céu ficou mais encoberto.

Mas com o avançar da noite, as nuvens fechando e se espalhando densamente por todo o céu, então muito escuro, o vento veio a soprar mais e mais forte. E aumentou ainda, até nossos cavalos mal poderem enfrentar sua força. Muitas vezes, na parte escura da noite (estávamos no fim de setembro, quando as noites não são curtas), os cavalos dianteiros viravam, ou paravam; e era séria a apreensão de que a diligência pudesse ser derrubada. Pancadas de chuva vieram antes da tempestade, como rajadas de aço, e nesses momentos, quando não havia abrigo de árvores, nem um muro à vista, éramos forçados a parar, na total impossibilidade de continuar a luta.

Quando o dia raiou, o vento soprava ainda mais forte. Eu já estivera em Yarmouth quando os marinheiros diziam estar soprando como canhões, mas nunca tinha visto nada daquele jeito, nem de longe. Chegamos a Ipswich muito tarde, tendo de batalhar cada centímetro de chão, uma vez que estávamos a quinze quilômetros de Londres e encontramos um grupo de pessoas na praça do mercado, que haviam se levantado da cama durante a noite, temendo que suas chaminés despencassem. Algumas, reunidas em torno do pátio da estalagem enquanto trocávamos os cavalos, nos disseram que grandes lâminas de chumbo haviam sido arrancadas da alta torre da igreja e atiradas numa rua lateral, que eles interditaram. Outros contavam que o povo do campo, vindo de aldeias vizinhas, tinha visto grandes árvores arrancadas da terra e grandes rolos de palha esparramados por estradas e campos. E a tormenta não diminuía, soprando sempre mais forte.

Enquanto lutávamos para chegar mais perto do mar, de onde esse vento poderoso soprava mortalmente sobre a costa, sua força se tornou mais e mais terrível. Muito antes de avistarmos o mar, os borrifos de água salgada estavam em nossos lábios, a chuva caía salgada sobre nós.

A água cobria quilômetros e quilômetros do terreno plano junto a Yarmouth, e cada poça batia em suas margens, com pequenas ondas quebrando com força contra nós. Quando avistamos o mar, as ondas no horizonte, vistas a intervalos acima do abismo, eram como relances de outro litoral com torres e edificações. Quando afinal chegamos à cidade, as pessoas saíam de suas portas, todas inclinadas, com os cabelos escorridos, admiradas de que a diligência do correio tivesse atravessado uma noite dessas.

Instalei-me na velha hospedaria, e desci para olhar o mar; cambaleando pela rua, riscada de areia e algas, flocos de espuma do mar passavam voando; eu temia as telhas e ladrilhos que pudessem cair; e me agarrava às pessoas nas esquinas furiosas. Chegando à praia vi não apenas os marinheiros, mas metade das pessoas da cidade espiando de trás dos edifícios, algumas se aventurando de quando em quando contra a fúria da tempestade para olhar o mar, desviadas de seu rumo ao tentar ziguezaguear de volta.

Juntei-me a esses grupos e encontrei mulheres chorosas cujos maridos estavam na água em barcos de arenques ou de ostras, que com toda a razão se podia pensar terem afundado antes de chegar a qualquer lugar em segurança. Entre essas pessoas havia marinheiros experientes, sacudindo a cabeça ao olhar a água que caía do céu, murmurando uns com os outros; donos de barcos nervosos e inquietos, crianças agarradas umas às outras, espiando o rosto dos mais velhos, até sólidos marinheiros, perdidos e ansiosos, erguendo os óculos para olhar o mar por trás de abrigos, como se estudassem um inimigo.

Quando encontrei uma pausa para olhar em meio à agitação do vento ofuscante, as pedras e a areia que voavam e o temível barulho, o próprio mar assustador me desnorteou. As altas muralhas de água vinham rolando e lá no alto rebentavam em espuma, e parecia, no mínimo, que iam engolir a cidade. A onda recuava com um rugido rouco, e parecia escavar covas profundas na praia, como se tivesse o propósito de solapar a terra. Quando uma vaga encapelada de branco trovejava e se espatifava em pedaços antes de atingir a areia, cada fragmento do todo parecia conter a força total de sua ira, correndo para ser colhido na composição

de outro monstro. Colinas ondulantes se transformavam em vales, vales ondulantes (com um pássaro solitário às vezes deslizando entre eles) se erguiam em montanhas; massas de água estremeciam e sacudiam a praia com um som de explosão; cada forma rolava, tumultuosa, assim que formada, para mudar de aspecto e de lugar, e se desmanchar noutra forma e noutro lugar; a linha ideal do horizonte, com suas torres e edifícios, subia e descia; as nuvens voavam ligeiras e grossas; era com se estivesse assistindo à capitulação e revolta de toda a natureza.

Como não encontrei Ham entre as pessoas reunidas por esse vento memorável, pois ainda hoje se comenta em Yarmouth que foi o maior que já soprou naquela costa, voltei até a casa dele. Estava trancada e ninguém atendeu quando bati. Por vielas e ruas laterais, fui até o pátio onde ele trabalhava. Lá fiquei sabendo que ele tinha ido a Lowestoft, para atender alguma súbita emergência no reparo de um navio, que exigia o seu conhecimento. Mas que estaria de volta na manhã seguinte.

Voltei à hospedaria; e depois de me lavar e vestir, tentei dormir, mas em vão. Eram cinco da tarde. Não fazia nem cinco minutos que eu estava sentado junto à lareira da sala de café quando o garçom que foi atiçar o fogo puxou conversa e contou que dois navios de carvão tinham afundado, com todos os marinheiros, poucos quilômetros adiante, e que tinham visto alguns navios batalhando na rota, tentando, com grande esforço, manter-se longe da costa. Misericórdia para eles e aqueles coitados daqueles marinheiros se a noite de hoje for igual à de ontem!

Eu estava muito deprimido; muito solitário; e sentia grande inquietação porque Ham não estava lá, desproporcional para a ocasião. Sem saber até que ponto, eu estava seriamente afetado pelos últimos acontecimentos; e minha prolongada exposição ao vento feroz me confundira. Era tamanha a confusão de pensamentos e lembranças que eu perdera a clareza de organização de tempo e espaço. Assim, se tivesse ido à cidade, não me surpreenderia, acredito, de encontrar alguém que eu sabia que devia estar em Londres. Havia, por assim dizer, uma curiosa desatenção a esse respeito dentro de minha mente. Que, no entanto, estava ocupada com todas as lembranças que o lugar naturalmente despertava e que eram especialmente nítidas e vivas.

Nesse estado, a informação desanimadora do garçom a respeito dos navios imediatamente se conectou, sem nenhum esforço de minha vontade, à incerteza acerca de Ham. Estava convencido da apreensão que sentia pela possibilidade de ele voltar de Lowestoft por mar e ter se perdido. Isso foi ficando tão forte para mim que resolvi voltar ao pátio antes do jantar e perguntar ao construtor de barcos se era provável que ele tivesse voltado por mar. Se ele me desse a menor razão para pensar que sim, eu iria a Lowestoft e impediria a viagem, trazendo-o comigo.

Pedi meu jantar apressadamente e voltei ao pátio. Cheguei bem na hora; porque o construtor, com um lampião erguido, estava trancando o portão. Ele riu quando fiz a pergunta e disse que não havia o que temer; nenhum homem em juízo perfeito, ou sem juízo nenhum, sairia para o mar com um vento daqueles, muito menos Ham Peggotty, que tinha nascido para navegar.

Por já saber disso de antemão, fiquei realmente envergonhado de fazer o que fui impelido a fazer, e voltei para a hospedaria. Se fosse possível o vento ficar mais forte, ficou. O zunido e rugir, o bater de portas e janelas, o ronco das chaminés, o aparente tremor da própria casa que me abrigava e o prodigioso tumulto do mar estavam mais terríveis que de manhã. Mas agora havia também uma grande escuridão; e isso investia a tormenta de novos terrores, reais e fantasiosos.

Não consegui comer, não conseguia ficar quieto, não conseguia fazer nada. Alguma coisa dentro de mim, reagindo tenuemente à tormenta externa, sacudia as profundidades de minha memória e as tumultuava. No entanto, em toda a pressa de meus pensamentos, correndo loucamente junto com o mar tempestuoso, a tormenta e minha inquietação por Ham estavam sempre em primeiro plano.

Meu jantar foi retirado quase intocado, e tentei relaxar com um ou dois copos de vinho. Em vão. Caí num torpor diante da lareira, sem perder a consciência, fosse do tumulto lá fora, fosse do lugar onde estava. Um horror novo e indefinível superou ambas as coisas; e quando acordei, ou melhor, quando sacudi a letargia que me prendia à poltrona, todo o meu ser estremecia com um medo sem objetivo, inexplicável.

Andei de um lado para outro, tentei ler um jornal velho, ouvi os

barulhos horríveis, vi rostos, cenas e figuras no fogo. Por fim, o bater constante do relógio imperturbável na parede me atormentou a tal ponto que resolvi ir para a cama.

Era tranquilizador, numa noite dessas, ser informado de que os criados da hospedaria tinham combinado ficar acordados até de manhã. Fui para a cama, muito cansado e pesado, mas ao deitar essas sensações desapareceram, como por mágica, e eu estava totalmente alerta, com cada sentido aguçado.

Fiquei ali deitado durante horas, ouvindo o vento e a água, ora imaginando que ouvia gritos vindos do mar, que ouvia distintamente o disparo das armas de sinalização, ora que as casas da cidade desmoronavam. Levantei-me diversas vezes e olhei para fora, mas não podia ver nada, exceto o reflexo na vidraça da tênue vela que ainda estava acesa, e meu próprio rosto fatigado olhando o negro vazio.

Por fim, minha inquietação atingiu tal grau que vesti a roupa depressa e desci. Na grande cozinha, onde entrevi presuntos e réstias de cebolas pendurados das vigas, os vigilantes estavam reunidos em várias atitudes em torno de uma mesa propositadamente afastada da grande lareira e colocada junto à porta. Uma moça bonita, que tapava os ouvidos com um avental e tinha os olhos fixos na porta, gritou quando apareci, achando que eu fosse um fantasma, mas os outros tiveram mais presença de espírito e ficaram contentes de ter mais uma pessoa para companhia. Um homem, referindo-se a um assunto que estavam discutindo, me perguntou se eu achava que as almas dos marinheiros dos navios afundados estavam perdidas na tempestade.

Ali fiquei, acredito, durante duas horas. Uma vez, abri o portão do pátio e olhei a rua vazia. Passavam voando areia, algas e flocos de espuma, e fui obrigado a pedir ajuda para fechar o portão outra vez e trancá-lo contra o vento.

Havia uma escura melancolia em meu quarto solitário quando acabei voltando a ele; mas estava cansado, e ao ir para a cama de novo caí, como de uma torre, como de um precipício, nas profundezas do sono. Tenho a impressão de que, por um bom tempo, embora tenha sonhado que estava em outro lugar e com uma variedade de cenas, a tempestade

continuava rugindo. Por fim, perdi todo esse tênue contato com a realidade e me envolvi, junto com dois amigos queridos que não sei quem eram, no cerco de alguma cidade sob o rugir dos canhões.

O trovejar dos canhões era tão forte e incessante que eu não conseguia ouvir alguma coisa que queria muito ouvir, até que fiz um grande esforço e acordei. O dia surgira, eram oito ou nove horas, a tempestade rugia em vez dos canhões e alguém batia à porta e chamava.

– O que é? – perguntei.

– Um naufrágio! Aqui perto!

Saltei da cama e perguntei qual barco.

– Uma escuna, da Espanha ou de Portugal, carregada de fruta e vinho. Depressa, meu senhor, se quer ver o barco! Na praia estão achando que ele vai arrebentar a qualquer momento.

A voz excitada desceu falando, me vesti o mais depressa que pude e corri para a rua.

Muita gente estava lá antes de mim, todas correndo na mesma direção. Corri um trecho, ultrapassando muitos, e logo me vi de frente para o mar feroz.

O vento nessa altura tinha abrandado um pouco, mas não mais que se meia dúzia de canhões tivessem silenciado entre as centenas de meu sonho. O mar, porém, somando a agitação da noite inteira, estava infinitamente mais apavorante do que eu tinha visto. Toda a aparência que apresentara então merecia a expressão *cheio*. A altura a que as ondas subiam, olhando umas para as outras, caindo umas sobre as outras e rolando em hordas intermináveis, era aterradora.

Na dificuldade de ouvir qualquer coisa que não fossem o vento e as ondas, no meio da multidão, da confusão inenarrável, de meus esforços sufocados para me manter de pé contra o vento, eu estava tão confuso que procurei o naufrágio no mar e não vi nada além das cabeças espumosas das grandes ondas. Um barqueiro seminu, parado a meu lado, apontou para a esquerda com o braço despido (com uma flecha tatuada, apontando na mesma direção). Então, ah, meu Deus!, eu o vi, muito perto de nós!

Um mastro estava quebrado a uns dois metros do convés, pendurado do lado, num emaranhado de velas e cordas; e toda aquela ruína, quando o barco rodava e batia – sem um momento de pausa, com uma violência quase inconcebível –, fazia o mastro bater do lado como se quisesse penetrar no casco. Mesmo naquele momento, faziam algum esforço para cortar fora essa parte do navio; pois quando ele, que estava adernado, virou para nós nas ondas, distingui claramente as pessoas trabalhando com machados, principalmente uma figura jovem e ativa, com cabelo longo e encaracolado que se destacava do resto. Mas um grande grito se ergueu na praia, audível mesmo acima do vento e da água: o mar, vencendo o barco naufragado, varreu o casco e levou homens, mastros, barris, pranchas, amuradas, montanhas desses brinquedos nas vagas borbulhantes.

O segundo mastro ainda estava em pé, com os farrapos de uma vela e uma louca confusão de cordas batendo para todo lado. O navio tombara uma vez, o mesmo barqueiro disse, rouco, em meu ouvido, depois subiu e tombou de novo. Entendi que ele acrescentava que o barco se quebrava ao meio, e eu podia entender isso de imediato, pois o rolar e o tombar eram tremendos demais para qualquer obra humana suportar muito tempo. Enquanto ele falava, outro grande grito de pena se ergueu na praia: quatro homens subiram do fundo com o barco naufragado, agarrados às cordas do mastro que restava, acima de todos a figura ativa de cabelo encaracolado.

Havia um sino a bordo; e quando o navio rolava e batia, como uma criatura enlouquecida e desesperada, nos mostrando ora toda a extensão do convés ao voltar as pontas de mastros para a praia, ora nada além da quilha, ao girar e rolar loucamente no mar, o sino tocava; e o seu som, triste toque de finados daqueles infelizes, nos era trazido pelo vento. Uma vez mais o barco sumiu e de novo subiu. Dois homens tinham desaparecido. A agonia na praia aumentava. Homens gemiam, de mãos postas, mulheres gritavam e desviavam o rosto. Alguns corriam loucamente para cima e para baixo na praia, gritando por socorro onde não havia socorro. Me vi um desses, a implorar freneticamente a um grupo de marinheiros conhecidos a não deixar aquelas duas criaturas

perecerem diante de seus olhos.

Eles me explicaram, agitados – não sei como, porque o pouco que conseguia escutar eu estava tão perturbado que não conseguia entender –, que uma hora antes o barco salva-vidas havia tentado bravamente avançar e nada pudera fazer. Que nenhum homem seria tão desesperado a ponto de jogar uma corda e tentar estabelecer comunicação com a praia, que não havia mais nada a fazer. Notei então que uma nova sensação agitava as pessoas na praia, vi que abriam ala, e Ham correu no meio delas até a linha da água.

Corri até ele – creio que para repetir meu apelo de socorro. Mas mesmo perturbado como eu estava com a visão de algo novo e terrível para mim, a determinação em seu rosto, seu olhar para o mar – exatamente o mesmo olhar de que eu me lembrava na manhã da fuga de Emily – me despertaram para a consciência do perigo que ele corria. Agarrei-o com ambos os braços; e implorei aos homens com quem estivera falando que não lhe dessem ouvidos, que não permitissem um assassinato, que não o deixassem sair da areia!

Outro grito se ergueu na praia; e olhando o naufrágio, vimos a vela cruel, batendo e batendo, derrubar os dois homens que estavam mais embaixo e subir em triunfo em torno da figura ativa que restara solitária no mastro.

Contra aquela visão, contra a determinação daquela calma desesperada de um homem acostumado a liderar metade dos presentes, seria como suplicar ao vento.

– Seu Davy – disse Ham, me agarrando alegremente com ambas as mãos –, se chegou a minha hora, chegou. Se não, vamos ver o que acontece. Deus abençoe o senhor, abençoe a todos! Companheiros, me aprontem! Eu vou!

Fui empurrado para longe sem grosseria, até um ponto onde as pessoas à volta me fizeram ficar, explicando, como eu percebia confusamente, que ele iria, com ou sem ajuda, e que eu poria em risco as precauções pela segurança dele se perturbasse aqueles que cuidavam disso. Não sei o que respondi, ou o que eles disseram mais, só vi uma agitação na praia e homens correndo com cordas de um cabrestante que

estava ali, penetrando num círculo de figuras que me encobriam a visão dele. Então, vi Ham parado, sozinho, com roupa completa de marinheiro, uma corda na mão, ou enrolada no pulso, outra em torno do corpo, e vários homens dos mais fortes segurando a certa distância essa última que ele arrumava, solta, a seus pés na areia.

O barco, mesmo para meu olhar inexperiente, estava se quebrando. Vi que se abria ao meio e que a vida do homem solitário sobre o mastro estava agora por um fio. Mas ele se segurava. Tinha um estranho chapéu vermelho – não como os de marinheiros, mas de uma cor melhor; e enquanto algumas pranchas cediam entre ele e a destruição que rolava e crescia, e o sino tocava antecipando a desgraça, todos nós vimos quando acenou. Vi quando fez o gesto e achei que estava divagando, porque sua atitude me trouxe à mente a lembrança antiga de um amigo um dia querido.

Ham olhava o mar, parado, isolado, com o silêncio da respiração suspensa às suas costas e a tempestade à frente, até que uma grande onda recuou muito, ele olhou para trás, para aqueles que seguravam a corda amarrada com firmeza em seu corpo, lançou-se atrás dela e num momento estava lutando com a água; subindo com as montanhas, caindo com os vales, perdido debaixo da espuma, depois puxado à terra outra vez. Eles puxaram depressa.

Ele estava ferido. Vi sangue em seu rosto, ali de onde estava parado, mas ele não pensava nisso. Parecia pedir depressa que o deixassem mais livre – ou pelo menos foi o que julguei pelo movimento de seus braços –, e desapareceu outra vez.

Dessa vez chegou ao barco, subindo com as montanhas, caindo com os vales, perdido debaixo da espuma brutal, jogado para a praia, jogado para o navio, lutando com força e valentia. A distância era pequena, mas a força do mar e do vento tornava o esforço mortal. Por fim aproximou-se do barco. Estava tão perto que com mais algumas braçadas vigorosas se agarraria a ele, quando uma vasta montanha alta e verde de água, rolando para a praia, se ergueu de trás do barco, pareceu saltar em cima dele com força, e o barco desapareceu!

Vi no mar alguns fragmentos redemoinhando, como se um mero

barquinho tivesse quebrado, correndo para o ponto onde puxavam. Havia consternação em todos os rostos. Eles o puxaram bem aos meus pés, insensível, morto. Foi levado à casa mais próxima, e como ninguém me impedia agora, fiquei perto dele, atento, enquanto tentavam todos os métodos de recuperação. Mas ele havia sido espancado até a morte pela grande onda, e seu generoso coração havia parado para sempre.

Quando me sentei à cama, toda a esperança abandonada, tudo acabado, um pescador que conhecera a mim e a Emily quando crianças e desde então sussurrou meu nome na porta.

– Seu Davy – disse com lágrimas correndo pelo rosto curtido pelo clima e os lábios trêmulos brancos, acinzentados –, pode chegar aqui?

A velha lembrança que me ocorrera estava no rosto dele. Tomado pelo terror, apoiado ao braço que ele estendeu para me apoiar, perguntei:

– Outro corpo deu na praia?

Ele disse:

– Isso.

– Eu conheço? – perguntei.

Ele não respondeu.

Mas me levou até a orla. E naquela parte em que eu e ela tínhamos procurado conchinhas, duas crianças, naquela parte onde fragmentos mais leves da velha casa-barco, destruída essa noite, haviam sido espalhados pelo vento, entre as ruínas da casa que ele desonrara, eu o vi deitado com a cabeça no braço, como o tinha visto dormindo na escola.

LVI

A ferida nova e a velha

Não era preciso, ó, Steerforth, ter dito na última vez em que nos falamos, naquela hora que jamais poderia saber que era a nossa despedida, não era preciso ter dito “Pense o melhor de mim!”. Foi o que fiz sempre; e não podia mudar agora, olhando aquilo!

Trouxeram uma padiola, deitaram-no nela e o cobriram com uma bandeira, ergueram-no e levaram para as casas. Carregado por todos que o conheciam, que tinham navegado com ele, e dado risada e brincado. Levaram-no pelo rugido feroz, um silêncio em meio a todo o tumulto, e puseram-no onde a morte já estava.

Mas ao descansarem a padiola à porta, olharam uns para os outros, olharam para mim e sussurraram. Eu sabia por quê. Sentiram que não era certo deitá-lo na mesma sala silenciosa.

Fomos para a cidade e levamos nosso fardo à hospedaria. No momento em que consegui pôr ordem em meus pensamentos, mandei chamar Joram e pedi que providenciasse um caixão em que ele pudesse ser levado a Londres essa mesma noite. Sabia que a providência, o duro dever de preparar sua mãe para recebê-lo, só cabia a mim, e estava ansioso para cumprir a obrigação o melhor que pudesse.

Escolhi viajar à noite porque haveria menos curiosidade quando deixasse a cidade. Mas embora fosse quase meia-noite quando saí do pátio numa carruagem pequena, seguido pelo meu encargo, havia muita gente esperando. A intervalos, ao longo da cidade e mesmo um pouco adiante na estrada, vi mais gente, até que por fim apenas a noite negra e o campo aberto estavam à minha volta, e as cinzas de minha amizade de juventude.

Num dia tépido de outono, por volta do meio-dia, quando o solo estava perfumado pelas folhas caídas, e muitas mais, em belos tons de amarelo, vermelho e marrom, havia ainda nas árvores, através das quais

brilhava o sol, cheguei a Highgate. Fui a pé o último quilômetro, pensando no que tinha de fazer, e deixei a carruagem em que viajara toda a noite, esperando a ordem de avançar.

A casa, quando cheguei, parecia a mesma. Nenhuma veneziana aberta; nenhum sinal de vida no pátio pavimentado com sua cobertura que levava à porta sem uso. O vento havia parado e nada se mexia.

De início, não tive coragem de tocar a campainha; e quando toquei, minha tarefa parecia expressa no próprio tinir do sino. Uma criadinha saiu com a chave na mão e, olhando atenta para mim, destrancou o portão e perguntou:

– Pois não. O senhor está doente?

– Passei por muita agitação e estou cansado.

– Algum problema? O senhor James...

– Silêncio! – eu disse. – É, aconteceu alguma coisa e tenho de contar para a senhora Steerforth. Ela está em casa?

A moça replicou ansiosamente que sua patroa agora saía raramente, mesmo de carruagem; que ficava em seu quarto; não recebia ninguém, mas me receberia. Sua patroa estava acordada, disse, e a srta. Dartle com ela. Que mensagem deveria levar?

Dando a ela o encargo estrito de tomar cuidado com suas maneiras e apenas entregar meu cartão e dizer que eu estava esperando, sentei na saleta (a que havíamos chegado então) até ela voltar. A antiga atmosfera de uso desaparecera, e as venezianas se encontravam fechadas pela metade. A harpa não era usada havia muito tempo. O retrato dele em criança lá estava. O gabinete em que a mãe guardava suas cartas lá estava. Me perguntei se ela algum dia as lia agora, se é que as lera mais!

A casa estava tão silenciosa que eu ouvia os passos leves da moça no andar de cima. Quando voltou, trouxe o recado de que a sra. Steerforth era uma inválida e não podia descer; mas que, se eu concordasse, podia ser levado a seu quarto que ela teria prazer em me receber. Momentos depois, eu estava diante dela.

Estava no quarto dele; não no dela. Senti, evidentemente, que ela passara a ocupá-lo para se lembrar dele, e que muitos de seus troféus

esportivos e de outras realizações a cercavam, guardados ali, como ele os tinha deixado, pela mesma razão. Ela murmurou, porém, logo ao me receber, que estava fora de seu quarto porque o aspecto dele não condizia com sua enfermidade; e com seu ar altivo repeliu qualquer possibilidade de eu duvidar da verdade.

Rosa Dartle estava em sua poltrona, como sempre. Desde o primeiro momento, seus olhos negros estavam sobre mim, e ela sabia que eu era portador de más notícias. A cicatriz saltou à vista naquele instante. Ela recuou um passo para trás de poltrona, para esconder o rosto da sra. Steerforth, e me examinou com um olhar penetrante que não vacilava, não recuava.

– Sinto observar que está de luto, meu senhor – disse a sra. Steerforth.

– Infelizmente, fiquei viúvo – disse eu.

– O senhor é muito jovem para sofrer perda tão grande –ela replicou. – Sinto saber. Sinto saber disso. Espero que o tempo seja bondoso com o senhor.

– Espero que o tempo – disse eu, olhando para ela – seja bondoso com todos nós. Minha cara senhora Steerforth, temos todos de acreditar nisso em nossos momentos mais difíceis.

A seriedade de minhas maneiras e as lágrimas em meus olhos a alarmaram. O curso de todos os seus pensamentos pareceu mudar e estacar.

Tentei me controlar ao dizer o nome dele suavemente, mas minha voz tremeu. Ela o repetiu duas ou três vezes, em voz baixa. Depois, dirigindo-se a mim, disse com calma reforçada:

– Meu filho está doente.

– Muito doente.

– O senhor esteve com ele?

– Estive.

– Se reconciliaram?

Não pude dizer sim, não pude dizer não. Ela girou a cabeça lentamente na direção onde Rosa Dartle estivera parada a seu lado, e

nesse momento eu disse, apenas movendo os lábios, a Rosa: “Morto!”.

Para que a sra. Steerforth não fosse induzida a olhar atrás dela e ler, com todas as letras, o que não estava ainda preparada para saber, depressa procurei seus olhos, mas eu tinha visto Rosa Dartle erguer as mãos com a veemência do desespero e do horror e cobrir o rosto.

A bela senhora, tão parecida, ah, tão parecida com ele!, fixou os olhos em mim e pôs a mão na testa. Pedi a ela que ficasse calma e se preparasse para ouvir o que eu tinha a dizer, mas deveria é ter pedido que chorasse, pois ficou ali sentada como uma figura de pedra.

– Quando estive aqui pela última vez – gaguejei – a senhorita Dartle me contou que ele estava navegando por vários locais. Duas noites atrás houve uma terrível tempestade no mar. Se ele estivesse no mar essa noite, perto de uma costa perigosa, como disseram que estava, e se o barco avistado fosse de fato o barco que...

– Rosa! – a sra. Steerforth chamou. – Fique ao meu lado!

Ela veio, mas sem nenhuma compaixão ou gentileza. Seus olhos cintilavam como fogo quando confrontou a mãe dele e explodiu num gargalhada assustadora.

– Agora o seu orgulho está satisfeito, velha louca? – perguntou. – Agora ele fez sua reparação... com a própria vida! Está ouvindo? Com a vida!

A sra. Steerforth caiu rígida contra o encosto da poltrona, e sem outro ruído além de um gemido, pôs nela um olhar de assombro.

– Ai! – Rosa gritou, batendo apaixonadamente no peito. – Olhe para mim! Dê seus lamentos e gemidos e olhe para mim! Olhe aqui! – E bateu na cicatriz. – A obra do seu filho morto!

O gemido que a mãe deixava escapar de quando em quando tocava meu coração. Sempre o mesmo. Sempre desarticulado e contido. Sempre acompanhado de um movimento impotente da cabeça, mas nenhuma mudança no rosto. Sempre procedente de uma boca rígida e dentes cerrados, como se o queixo estivesse travado e o rosto, imobilizado de dor.

– Lembra quando ele fez isto aqui? – Rosa Dartle continuou. – Lembra

quando, herdeiro da sua natureza, e com seus mimos e seu orgulho e desejos, ele fez isto aqui e me desfigurou para sempre? Olhe para mim, marcada até a morte com seu alto desprazer, e dê seus gemidos e lamentos pelo que a senhora fez com ele!

– Senhorita Dartle – pedi a ela –, pelo amor de Deus...

– *Eu* vou falar! – ela disse, voltando para mim seus olhos faiscantes. – Cale a boca, você! Olhe para mim, mãe orgulhosa de um filho orgulhoso e falso! Lamente o que alimentou nele, lamente por ter corrompido seu filho, lamente a sua perda, lamente a minha!

Ela crispou a mão e estremeceu todo o corpo magro, gasto, como se o arrebatamento a matasse aos poucos.

– Você se ofendia com o orgulho dele! – ela exclamou. – Você, injuriada com a arrogância dele! Você que se opunha a orgulho e arrogância quando seu cabelo estava grisalho, você mesma cultivou essas qualidades desde que ele nasceu! Você, que desde o berço fez dele o que ele era e mutilou o que ele poderia ter sido! Está contente agora, pelos seus anos de esforço?

– Ah, senhorita Dartle, que vergonha! Que crueldade!

– Estou dizendo – ela retorquiu –, *eu* falo com ela. Nenhuma força na terra pode me deter enquanto eu estiver aqui parada! Todos esses anos me calei, e não devo falar agora? Amei James mais do que você jamais amou! – Voltou-se ferozmente para ela. – Eu podia amar James e não esperar nada em troca. Se fosse esposa dele, seria escrava dos seus caprichos em troca de uma palavra amorosa por ano. Seria. Quem pode saber melhor do que eu? Você era exigente, orgulhosa, meticulosa, egoísta. Meu amor teria sido devotado, teria calcado no chão suas lamúrias desprezíveis.

Com relâmpagos nos olhos, ela bateu o pé no chão como se realmente a pisoteasse.

– Olhe aqui! – disse, batendo de novo na cicatriz, com mão impiedosa. – Quando ele chegou a entender o que tinha feito, ele viu e se arrependeu! Eu podia cantar para ele, conversar com ele, demonstrar a paixão que sentia por tudo o que vinha dele, e me esforçar para aprender tudo o que interessasse a ele. E atraí James. No auge da juventude e da

sinceridade, ele *me* amou. Amou, sim! Muitas vezes, quando você se ofendia com uma palavra de desprezo, era a mim que ele apertava no coração!

Ela disse isso com um orgulho insultuoso em meio à sua loucura, pois não era menos que loucura, mas com uma lembrança viva, na qual brilhou por um momento uma chama mais branda.

– Eu me tornei... como devia saber que ia me tornar, mas fui fascinada por sua sedução juvenil... uma boneca, um brinquedo que o ocupava para passar o tempo, que era abandonada e retomada e manipulada por seu humor inconstante. Quando ele se cansou, eu me cansei. Quando seu capricho morreu, não fiz nenhum esforço para retomar a força que eu tivesse, mesmo que fosse forçado a se casar comigo. Nos afastamos sem uma palavra. Você talvez tenha percebido e não se importou. Desde então fui uma mera peça de mobília desfigurada entre vocês dois, sem olhos, sem ouvidos, sem sentidos, sem lembranças. Lamentar? Lamento o que você fez dele, não o amor que senti por ele. Saiba que houve um tempo em que amei James muito mais do que você jamais amou!

Com os olhos acesos e ferozes ela confrontava o olhar fixo e o rosto imóvel. Não abrandava quando o gemido se repetia, como se aquele rosto fosse um quadro.

– Senhorita Dartle – eu disse –, como pode ser tão dura a ponto de não sentir nada por essa mãe aflita que...

– Quem sente por mim? – ela respondeu, dura. – Ela semeou isto. Ela que chore o que está colhendo hoje!

– E se os defeitos dele... – comecei.

– Defeitos! – ela exclamou, explodindo em lágrimas arrebatadas. – Quem ousa difamar esse homem? A sua alma valia mais que milhões de amigos aos quais se rebaixava!

– Ninguém pode ter amado Steerforth mais, ninguém tem dele lembranças mais queridas do que eu – retorqui. – O que quero dizer é que, se não tem nenhuma pena de sua mãe, ou dos defeitos dele... se eles amarguraram a...

– Não é verdade! – ela gritou, puxando os cabelos escuros. – Eu amei

James!

– ... a tal ponto a sua vida – continuei – que não dá para esquecer nem numa hora como esta, olhe essa figura à sua frente como se nunca tivesse visto antes, e dê alguma ajuda!

Esse tempo todo a imagem daquela mulher não mudara, parecia imutável. Imóvel, rígida, o olhar fixo, gemendo com o mesmo som surdo de quando em quando, com o mesmo movimento desamparado da cabeça, mas sem nenhum outro sinal de vida. A srta. Dartle de repente se ajoelhou aos pés dela e começou a puxar seu vestido.

– Maldito seja! – disse, olhando para mim com uma expressão que era um misto de raiva e dor. – Maldita a hora em que você veio a esta casa! Maldito seja! Vá embora!

Saí do quarto, voltei depressa para tocar a campainha e alertar os criados. Ela então tomou a figura impassível nos braços, e ainda de joelhos chorou no colo dela, beijou-a, chamando seu nome, embalando-a de um lado para outro em seu seio como uma criança, tentando com toda a ternura despertar seus sentidos amortecidos. Não senti mais nenhum temor em deixá-la, saí silenciosamente e alertei a casa ao sair.

Mais tarde, voltei e o deitamos no quarto de sua mãe. Ela continuava igual, me disseram, a srta. Dartle sempre a seu lado, os médicos a postos haviam tentado muitas coisas, mas ela continuava como uma estátua, a não ser por um som baixo de quando em quando.

Atravessei a casa desolada e cerrei as janelas. As janelas do quarto onde ele estava, deixei para fechar por último. Ergui a mão pesada como chumbo, pousei-a sobre meu coração; e o mundo inteiro parecia imerso em morte e silêncio, quebrado apenas pelos gemidos de sua mãe.

LVII

Os emigrantes

Eu tinha de fazer mais uma coisa antes de ceder ao choque dessas emoções. Era esconder o que acontecera daqueles que estavam indo embora; e liberá-los para a viagem em feliz ignorância. Para isso, não havia tempo a perder.

Puxei o sr. Micawber de lado essa mesma noite e confiei-lhe a tarefa de se pôr entre o sr. Peggotty e a notícia da recente catástrofe. Ele se comprometeu zelosamente a interceptar todo jornal através do qual, não fossem essas precauções, a notícia pudesse chegar a ele.

– Para chegar a ele – disse o sr. Micawber batendo no peito –, terá de passar por este corpo!

Devo observar que o sr. Micawber, adaptando-se ao novo estado de coisas, havia adquirido um audacioso ar de bucaneiro, em nada fora da lei, mas defensivo e disponível. Dava para pensar que fosse um filho da selva, há muito acostumado a viver nos confins da civilização, e a ponto de voltar para seus sertões nativos.

Ele se equipara, entre outras coisas, com um conjunto completo de encerado e um chapéu de palha de copa baixa, inclinado e calafetado por fora. Com essa roupa rústica, um telescópio comum de marinheiro debaixo do braço e um jeito esperto de levantar os olhos para o céu em busca de mau tempo, estava muito mais náutico, à sua maneira, do que o sr. Peggotty. Toda sua família, se posso dizer assim, estava pronta para ação. Encontrei a sra. Micawber com seu chapéu menor e mais discreto, amarrado debaixo do queixo, um xale amarrado no corpo (como eu havia sido amarrado quando minha tia me recebeu) como uma trouxa e preso na parte de trás da cintura com um nó forte. A jovem Micawber encontrei ataviada para tempestade, no mesmo estilo, sem nada supérfluo no corpo. O rapaz Micawber estava quase invisível debaixo de uma malha tricotada e com o traje do tecido mais áspero que eu já tinha

visto. As crianças bem embrulhadas, como presuntos, em capas impermeáveis. Tanto o sr. Micawber como o filho mais velho usavam as mangas arregaçadas nos pulsos, como se estivessem prontos para dar uma mão a qualquer momento e a escalar as cordas ou cantar "Yeo... Levantar ferros... Yeo!" ao menor chamado.

Foi assim que Traddles e eu os encontramos ao anoitecer, reunidos na escada de madeira, conhecida naquela época como Hungerford Stairs, assistindo à partida de um barco que levava parte de seus bens a bordo. Eu havia contado a Traddles sobre o terrível acontecimento, e ele ficara muito chocado, mas não tinha a menor dúvida quanto à gentileza de manter segredo, e viera me ajudar nessa última questão. Foi então que puxei o sr. Micawber de lado e ouvi sua promessa.

A família Micawber estava alojada em um pequeno pub sujo e decadente que naquela época ficava perto da escadaria, e cujos quartos de madeira se projetavam sobre o rio. Como emigrante, a família era objeto de algum interesse em Hungerford e em torno, atraindo tantos observadores que foi um alívio nos refugiarmos em seu quarto. Era uma das câmaras de madeira do andar de cima, com a água correndo por baixo. Minha tia e Agnes também estavam lá, ocupadas, providenciando alguns confortos extras quanto às roupas das crianças. Peggotty ajudava calada, com a velha caixa de costura, fita métrica e pedaço de cera que tinham sobrevivido a tanta coisa.

Não era fácil responder a suas perguntas, ainda menos sussurrar ao sr. Peggotty, quando o sr. Micawber o trouxe, que eu tinha entregado a carta e estava tudo bem. Mas fiz isso e eles ficaram felizes. Se eu demonstrasse qualquer traço do que sentia, podia pôr a culpa em minha própria tristeza.

– E quando parte o navio, senhor Micawber? – minha tia perguntou.

O sr. Micawber achou que era preciso preparar minha tia ou sua esposa aos poucos, e disse que mais cedo do que ele esperara no dia anterior.

– O barco mandou avisar, é isso? – minha tia perguntou.

– Avisou, sim, senhora – ele respondeu.

– E então? – ela insistiu. – Parte...

– Minha senhora – ele replicou –, fui informado que devemos definitivamente estar a bordo antes das sete da manhã amanhã.

– Nossa – disse minha tia –, logo então! É certeza, senhor Peggotty?

– É, sim, senhora. O barco vai entrar no rio com a maré. Se seu Davy e minha irmã forem até Gravesend amanhã de tarde, vão dar adeus pra gente.

– E lá estaremos – eu disse –, pode ter certeza!

– Até lá, até estarmos no mar – observou o sr. Micawber com um olhar secreto para mim –, eu e o senhor Peggotty vamos ficar vigiando juntos o tempo todo nossa bagagem e haveres. Emma, meu amor – disse o sr. Micawber pigarreando à sua maneira magnífica –, meu amigo, o senhor Thomas Traddles, teve a gentileza de sugerir aqui ao pé do meu ouvido que deveríamos ter o privilégio de encomendar os ingredientes necessários para o preparo de uma porção moderada daquela bebida peculiarmente associada em nossas mentes ao rosbife da velha Inglaterra. Falo, em resumo, do ponche. Em circunstâncias normais eu teria escrúpulos de pedir a permissão da senhorita Trotwood e da senhorita Wickfield, mas...

– Só posso falar por mim – disse minha tia –, que vou beber com todo o prazer à sua felicidade e sucesso.

– E eu também! – disse Agnes, com um sorriso.

O sr. Micawber desceu imediatamente ao bar, onde parecia estar bem à vontade, e no devido tempo voltou com uma jarra fumegante. Não pude deixar de observar que ele havia descascado os limões com seu próprio canivete, que, como convinha ao canivete de um colono prático, media quase trinta centímetros; e que ele limpou, não totalmente sem ostentação, na manga do casaco. Descobri então que a sra. Micawber e os dois membros mais velhos da família estavam equipados com instrumentos igualmente formidáveis, enquanto as crianças tinham suas colheres de madeira presas ao corpo com um cordão forte. Em expectativa semelhante da vida a bordo e no sertão, em vez de ajudar a sra. Micawber e o filho mais velho a servir o ponche em cálices de vinho como poderiam fazer com facilidade, uma vez que havia no quarto um prateleira cheia deles, o sr. Micawber serviu a bebida em um conjunto de

horríveis canequinhas de lata; e nunca o tinha visto sentir tanto prazer como ao tomar sua bebida nesse recipiente e depois guardá-lo no bolso ao final da noite.

– Abandonamos os luxos da velha terra – disse o sr. Micawber com intensa satisfação na renúncia. – Os habitantes da selva não podem, evidentemente, esperar os mesmos refinamentos da terra da liberdade.

Nesse momento, entrou um menino para dizer que chamavam o sr. Micawber lá embaixo.

– Tenho o pressentimento – disse a sra. Micawber, deixando a canequinha – que é algum membro da minha família!

– Se for, minha cara – observou o sr. Micawber com seu usual arrebatamento repentino sobre o assunto –, como todo membro da sua família, seja quem for, sempre nos deixou esperando por um tempo considerável, talvez esse membro possa agora esperar a minha conveniência.

– Micawber – disse a esposa em voz baixa –, num momento como este...

– Não convém – disse o sr. Micawber, se levantando – que toda pequena ofensa receba seu comentário![48] Emma, aceito a correção.

– Quem saiu perdendo, Micawber – observou a esposa –, foi minha família, não você. Se minha família afinal se mostra sensível à privação a que ficou exposta no passado devido à sua privação e agora deseja estender a mão em amizade, que não seja repelida.

– Seja, meu bem! – ele replicou.

– Se não por eles, Micawber, por mim – disse a esposa.

– Emma – ele retomou –, essa concepção neste momento é irresistível. Não posso, mesmo agora, prometer sinceramente abrir os braços para a sua família, mas o membro de sua família que estiver esperando não receberá frieza de minha parte.

O sr. Micawber se retirou e ficou ausente durante um breve tempo, durante o qual a sra. Micawber não ficou inteiramente segura de que não pudesse irromper uma discussão entre ele e o familiar. Por fim, o menino voltou e me entregou uma nota escrita a lápis com o cabeçalho legal

“Heep contra Micawber”. Através desse documento, fiquei sabendo que o sr. Micawber, mais uma vez preso, estava num paroxismo de desespero, e que implorava que enviasse a ele pelo portador seu canivete e canequinha, que podiam ser úteis durante o pouco tempo que lhe restava de vida na cadeia. Pedia também, como último ato de amizade, que conduzisse sua família ao asilo do condado e esquecesse que tal ser existira.

Claro que respondi a essa nota descendo com o menino para pagar o débito e encontrei o sr. Micawber sentado num canto, olhando sombriamente para o representante do xerife que efetuara a captura. Ao ser liberado, ele me abraçou com absoluta devoção e anotou a transação em sua caderneta – não abrindo mão, me lembro, de meio penny que inadvertidamente me esqueci de contar ao declarar o total.

Essa portentosa caderneta o lembrou oportunamente de uma outra transação. Ao voltarmos para o quarto do andar de cima (onde explicou sua ausência dizendo que fora ocasionada por circunstâncias que fugiam ao seu controle), ele pegou uma grande folha de papel, dobrou e quase a cobriu com longas somas, meticulosamente anotadas. Pelo relance que tive delas, eu diria que nunca vi contas iguais em nenhum livro escolar. Ao que parece, eram cálculos dos juros sobre aquilo que ele chamava de “montante principal de quarenta e uma libras, dez xelins e onze pence e meio”, referentes a vários períodos. Depois de cuidadosa consideração sobre esses e de uma elaborada estimativa de seus recursos, ele chegara à conclusão de selecionar aquela soma que representava o montante dos juros de dois anos, quinze meses e catorze dias até aquela data. Isso ele anotou com muita precisão numa promissória que entregou a Traddles no ato, em cumprimento total de seu débito (de homem para homem), com muitos agradecimentos.

– Ainda tenho o pressentimento – disse a sra. Micawber, pensativa, balançando a cabeça – de que minha família vai aparecer a bordo antes da partida.

O sr. Micawber evidentemente tinha também seu pressentimento sobre o assunto, mas colocou na canequinha e engoliu-o.

– Se tiver alguma oportunidade de escrever para sua terra durante a

viagem, senhora Micawber – disse minha tia –, deve nos dar notícias suas, sabe?

– Minha querida senhora Trotwood – ela replicou –, já fico muito contente só de saber que alguém espera notícias nossas. Não deixarei de corresponder. Acredito que o senhor Copperfield, como um velho amigo da família, não vai se importar de receber alguma informação de vez em quando desta que é amiga dele desde que os gêmeos ainda eram inconscientes.

Eu disse que esperava notícias sempre que ela tivesse a oportunidade de escrever.

– Queira Deus sejam muitas essas oportunidades – disse o sr. Micawber. – O mar hoje em dia é uma perfeita frota de navios, e dificilmente deixaremos de encontrar alguns durante a viagem. É um simples cruzeiro. A distância... – disse o sr. Micawber brincando com a luneta – um simples cruzeiro. A distância é totalmente imaginária.

Penso agora como era estranho, mas maravilhosamente típico do sr. Micawber, que, ao ir de Londres a Canterbury, ele falasse como se estivesse indo para os limites mais remotos do planeta; e agora que ia da Inglaterra à Austrália, como se fosse uma breve viagem de travessia do canal.

– Durante a viagem, vou me esforçar – disse o sr. Micawber – para de vez em quando contar a eles alguma história. E a música de meu filho Wilkins sem dúvida será aceitável junto à estufa do convés. Quando a senhora Micawber entrar no compasso marítimo, expressão que espero não seja inadequada às convenções, com certeza cantará para eles “O pequeno Tafflin”. Acredito que veremos com frequência golfinhos e toninhas à popa e à proa; e, seja a estibordo ou bombordo, coisas de interesse estarão sempre surgindo. Em resumo – disse o sr. Micawber com o velho ar de elegância –, a probabilidade é que será tudo tão interessante no bojo e no convés que quando o vigia, no alto do mastro, gritar: “Terra à vista!”, estaremos todos consideravelmente surpresos!

Com um floreio tomou o conteúdo de sua canequinha de lata, como se tivesse já feito a viagem e passado em primeiro lugar num exame da mais alta autoridade naval.

– O que mais espero, meu querido senhor Copperfield – disse a sra. Micawber –, é que alguns ramos da nossa família possam voltar a viver na velha terra. Não se zangue, Micawber! Não estou me referindo à minha família, mas aos filhos dos nossos filhos. Por mais forte que seja a seiva – disse a sra. Micawber sacudindo a cabeça –, não posso esquecer da árvore mãe, e quando nossa descendência tiver conseguido projeção e fortuna, acho que desejo, por questão de dever, que essa fortuna corra para os cofres da Grã-Bretanha.

– Minha querida – disse o sr. Micawber –, a Grã-Bretanha tem de aguentar. Não posso negar que ela nunca fez muita coisa por mim, e que não tenho nenhum desejo particular no assunto.

– Micawber – respondeu a sra. Micawber –, nisso você está errado. Está indo embora, Micawber, para um clima distante, para fortalecer, não enfraquecer, a ligação entre você e Álbion.{49}

– A ligação nesse caso, meu amor – retomou o sr. Micawber –, não me coloca, repito, sob o peso de uma obrigação pessoal que me impeça de estabelecer outras ligações.

– Micawber – retorquiu a sra. Micawber. – Mais uma vez digo que está errado. Você conhece a sua força. Ela é que estreitará, mesmo no passo que está a ponto de dar, a ligação entre você e Álbion.

O sr. Micawber sentou-se em sua poltrona com as sobrancelhas erguidas, parte aceitando, parte repudiando as posições da sra. Micawber conforme eram formuladas, mas muito sensível à sua visão.

– Meu caro senhor Copperfield – disse a sra. Micawber –, quero que o senhor Micawber saiba bem qual é a sua posição. Me parece muito importante que ele deva, a partir do momento em que embarcar, saber a sua posição. O conhecimento que o senhor tem de mim há tanto tempo, senhor Copperfield, há de lhe dizer que não tenho a disposição impetuosa de meu marido. Minha disposição é, se posso dizer assim, eminentemente prática. Sei que se trata de uma viagem longa. Sei que envolverá muitas privações e inconveniências. Não posso fechar os olhos para esses fatos. Mas sei também como é o senhor Micawber. Conheço a força latente do senhor Micawber. E por isso considero de vital importância que o senhor Micawber saiba bem qual é a sua posição.

– Meu amor – ele observou –, talvez me permita notar que é muito pouco possível que eu saiba de fato a minha posição no presente momento.

– Acho que não, Micawber – ela retomou. – Não inteiramente. Meu caro senhor Copperfield, o caso do senhor Micawber não é um caso comum. Ele está indo para um país distante, com o fim expresso de ser plenamente entendido e apreciado pela primeira vez. Espero que o senhor Micawber assuma seu posto na proa do navio e diga com firmeza: "Esse país eu venho conquistar! Existem aqui honras? Existem riquezas? Postos de emolumentos pecuniários rendosos? Que sejam apresentados. São todos meus".

Olhando para todos nós, o sr. Micawber parecia pensar que havia muita verdade nessa ideia.

– Desejo que o senhor Micawber, se é que me fiz entender – disse a sra. Micawber, com seu tom argumentativo –, seja o César de sua própria fortuna. Essa me parece ser, meu querido senhor Copperfield, a sua verdadeira posição. Já no primeiro momento dessa viagem, quero que o senhor Micawber se ponha na proa do navio e diga: "Sem mais demora, basta de decepções, basta de meios limitados. Isso era na velha terra. Esta é a terra nova. Apresente a sua reparação. Apresente!".

O sr. Micawber cruzou os braços de um jeito resoluto, como se fosse uma figura de proa.

– E ao fazer isso – disse a sra. Micawber –, ao saber qual a sua posição, não tenho razão em dizer que o senhor Micawber estará fortalecendo e não enfraquecendo sua ligação com a Grã-Bretanha? Vão me dizer que a importância de um personagem público importante surgido naquele hemisfério não será sentida em nossa terra? Posso ser tão fraca a ponto de imaginar que o senhor Micawber, brandindo o cetro do talento e do poder na Austrália, não significará nada para a Inglaterra? Sou apenas uma mulher; mas não serei digna de mim mesma, nem de meu pai, se for culpada de fraqueza tão absurda.

A convicção de que seus argumentos eram irrefutáveis atribuía uma elevação moral ao seu tom que acho que eu nunca tinha ouvido nela antes.

– E é por isso que eu mais desejo – disse a sra. Micawber – que, num tempo futuro, possamos viver de novo na terra-mãe. O senhor Micawber poderá ser – não me furto à noção de que o mais possível é que o senhor Micawber seja – uma página da história, e deverá então ser representado neste país que lhe deu a vida, mas *não* lhe deu emprego!

– Meu amor – observou o sr. Micawber –, é impossível não me sentir tocado por seu afeto. Estou sempre disposto a ceder ao seu bom senso. O que tiver de ser, será. Deus nos livre que eu venha a negar a meu país natal qualquer porção da riqueza que poderá ser acumulada por nossos descendentes!

– Muito bem – disse minha tia, acenando para o sr. Peggotty –, e bebo ao amor de vocês todos, e que toda bênção e sucesso estejam à sua espera!

O sr. Peggotty pôs no chão as duas crianças que estava carregando, uma em cada joelho, para se juntar ao sr. e à sra. Micawber e beber à saúde de cada um de nós. E quando ele e os Micawber se apertaram as mãos cordialmente como camaradas, e seu rosto bronzeado se iluminou com um sorriso, senti que ele abriria seu caminho, faria um bom nome e seria amado fosse onde fosse.

Até mesmo as crianças foram orientadas a molhar suas colheres de pau na tigela do sr. Micawber e nos brindar com o conteúdo. Isso feito, minha tia e Agnes se levantaram e se despediram dos emigrantes. Foi uma triste despedida. Estavam todos chorando; as crianças penduradas em Agnes até o final; e deixamos a pobre sra. Micawber em grande aflição, soluçando junto a uma vela fraca que fazia o quarto parecer, visto de fora, um farol miserável.

Na manhã seguinte, fui assistir à partida deles. Tinham saído num barco, já às cinco da manhã. Para mim aquilo era um exemplo surpreendente do vazio que despedidas assim produzem, pois, embora os associasse ao pub decadente e à escada de madeira apenas desde a noite anterior, os dois locais pareciam vazios, desertos, agora que tinham ido embora.

Na tarde do dia seguinte, minha velha babá e eu descemos a Gravesend. Encontramos o navio no rio, cercado por uma multidão de

barcos; soprava um vento favorável, o sinal de partida já estava no mastro. Imediatamente aluguei um barco e fomos até o navio, atravessando o vórtice de confusão de que era o centro, e subimos a bordo.

O sr. Peggotty nos esperava no convés. Ele me contou que o sr. Micawber acabara de ser preso de novo (e pela última vez) com uma ação de Heep, e que, atendendo ao pedido que eu havia feito, ele pagara o dinheiro, que então lhe restituí. Então me levou para baixo, e lá qualquer temor que eu tivesse de ele ter ouvido rumores do que acontecera se dissiparam quando o sr. Micawber, saindo da penumbra, pegou o braço dele com um ar amigo, de proteção, e me disse que não tinham se separado nem por um momento desde a noite anterior.

Para mim, era uma cena tão estranha, tão confinada e escura que, de início, não conseguia enxergar praticamente nada, mas aos poucos foi clareando, meus olhos foram se acostumando com o escuro e me senti num quadro de Ostade.{50} Entre as grandes vigas, caixotes e argolas de amarras, os catres de emigrantes, baús, trouxas de pano, barris e montanhas de bagagem variada – tudo iluminado aqui e ali por lampiões pendurados e mais adiante pela luz amarela do dia filtrada para baixo por uma escotilha ou portaló –, havia grupos de pessoas fazendo novas amizades, se despedindo, conversando, rindo, chorando, comendo e bebendo, algumas já instaladas tendo tomado posse de seus poucos metros de espaço, seus utensílios domésticos já arrumados e crianças pequenas acomodadas em banquinhos ou em cadeirinhas anãs, outras afoitas por um local de repouso, vagando desconsoladas. Desde bebês que pareciam ter apenas uma ou duas semanas de vida pelas costas, até velhos e velhas curvados que pareciam ter apenas uma ou duas semanas de vida pela frente; desde camponeses literalmente carregando o solo da Inglaterra nas botas até ferreiros levando amostras de fuligem e fumaça em suas peles; gente de toda idade e ocupação parecia estar amontoada no estreito espaço entre conveses.

Passando os olhos por esse lugar, achei ter visto, sentada diante de um portaló aberto, com um dos filhos menores dos Micawber ao lado, uma silhueta como a de Emily; ela primeiro me chamou a atenção, mas

outra pessoa se despediu dela com um beijo; e quando ela deslizou calmamente, se afastando em meio à desordem, me lembrou... Agnes! Mas no movimento rápido e na confusão, na inquietação de meus pensamentos, a perdi de novo; e entendi apenas que chegara a hora em que todos os visitantes eram alertados a deixar o navio, que minha babá chorava num baú a meu lado e que a sra. Gummidge, ajudada por alguma mulher de preto mais jovem, curvada, estava ocupada arrumando os pertences do sr. Peggotty.

– Tem mais alguma última coisa, seu Davy? – ele perguntou. – Tem mais alguma coisa esquecida antes da gente partir?

– Uma coisa! – respondi. – Martha!

Ele tocou o ombro da mulher mais jovem que mencionei, e Martha estava diante de mim.

– Deus abençoe o homem tão bom que o senhor é! – exclamei. – Ela vai com vocês!

Ela respondeu por ele, com uma explosão de lágrimas. Não consegui mais falar naquele momento, mas apertei a mão dele, e se algum dia amei e honrei um homem, amei e honrei aquele homem com toda minha alma.

Os estranhos estavam deixando o navio rapidamente. Um grande desafio que eu tinha perdurava. Disse a ele o que o nobre espírito que fora embora me encarregara de dizer na despedida. Ele ficou profundamente comovido. Mas quando me encarregou de volta com muitas mensagens de afeto e lamento para aqueles ouvidos surdos, eu me comovi ainda mais.

Chegou a hora. Eu o abracei, levei pelo braço minha babá que chorava e saímos depressa. No convés, me despedi da pobre sra. Micawber. Ela cuidava da família mesmo então, e suas últimas palavras para mim foram que nunca abandonaria o sr. Micawber.

Pegamos nosso barco e ficamos a certa distância para ver o navio tomar seu rumo. O pôr do sol estava calmo e radioso. O navio estava entre nós e a luz vermelha, cada corda e mastro visível contra o brilho. Nunca tive uma visão ao mesmo tempo tão bela, tão triste e tão cheia de esperança quanto o navio glorioso, parado, imóvel, na água alta, com

toda a vida a bordo no convés, aglomerada por um momento, as cabeças descobertas.

Silêncio, só por um momento. Quando as velas se ergueram no vento e o navio começou a se movimentar, irromperam de todos os barcos três vivas que os que estavam a bordo repetiram e ressoaram de volta e que ressoaram uma e outra vez. Meu coração explodiu quando ouvi o som e vi os chapéus e lenços acenando, e então a vi!

Então a vi, ao lado do tio, tremendo no seu ombro. Ele apontou para nós com a mão viva, ela nos viu e acenou seu último adeus para mim. É, Emily, linda e triste, apegue-se a ele com toda a confiança de seu dolorido coração porque ele se apegou a você com a toda a força de seu grande amor!

Cercados pela luz rosada, parados no alto do convés, juntos, separados do resto, ela apoiada nele e ele a segurando, os dois se afastaram solenemente. A noite caíra sobre as montanhas de Kentish quando remaram nosso barco para a margem e caiu escura sobre mim.

LVIII

Ausência

Uma noite longa e melancólica se formou em torno de mim, assombrada pelos fantasmas de muitas esperanças, de muitas lembranças queridas, muitos erros, muitas tristezas e remorsos inatingíveis.

Fui embora da Inglaterra; sem saber, nem mesmo então, a dimensão do choque que eu tinha de enfrentar. Deixei todos que me eram queridos e fui embora; acreditando que eu havia superado e que era tudo passado. Assim como um homem num campo de batalha recebe uma ferida mortal e mal percebe que foi atingido, também eu, quando me vi sozinho com meu indisciplinado coração, não fazia ideia da ferida com a qual teria de lidar.

A consciência me veio não depressa, mas pouco a pouco, passo a passo. O sentimento de desolação com que fui para o exterior ficava mais profundo e mais amplo hora após hora. De início, era uma pesada sensação de perda e tristeza, e eu distinguia pouco mais. Imperceptivelmente, tornou-se uma consciência desesperançada de tudo o que eu havia perdido – amor, amizade, interesse; de tudo o que fora abalado – minha primeira convicção, meu primeiro afeto, todo o castelo de cartas de minha vida; disso tudo restava um vazio arruinado, devastado, aberto em torno de mim, ininterrupto, até o horizonte sombrio.

Se minha dor era egoísta, eu não sabia. Chorava por minha filhesposa, levada do mundo ainda em botão, tão jovem. Chorava por aquele que podia ter conquistado a admiração de milhares, como havia conquistado a mim muito tempo antes. Chorava pelo coração partido que encontrara descanso no mar tormentoso e pelos restos espalhados da casa simples onde eu ouvira soprar o vento da noite quando era menino.

Da tristeza acumulada em que mergulhei, não tinha mais esperança de sair jamais. Vagava de lugar para lugar, levando meu fardo comigo a

toda parte. Sentia todo o seu peso agora e me curvava a ele, dizendo em meu coração que nunca se aliviaria.

Quando esse desânimo estava no auge, acreditei que devia morrer. Às vezes, pensava que queria morrer em minha terra, e de fato voltava em meu rumo, para chegar logo. Outras vezes, seguia ainda mais longe, de cidade em cidade, procurando não sei o quê, tentando deixar não sei o quê para trás.

Não está em meu poder reconstituir, uma a uma, todas as desanimadoras fases de sofrimento mental que atravessei. Certos sonhos só podem ser descritos imperfeitamente, vagamente, e quando me obrigo a olhar para essa época de minha vida, me parece estar lembrando de um sonho. Me vejo passando entre as novidades de cidades estrangeiras, palácios, catedrais, templos, quadros, castelos, túmulos, ruas fantásticas – velhas moradas da história e da fantasia – como se fosse um sonhador, carregando por toda parte o fardo doloroso e pouco alerta aos objetos que se apagavam diante de mim. Indiferença a tudo que não a pesada tristeza era a noite que caía em meu indisciplinado coração. Mas deixemos isso agora, como eu finalmente deixei, graças a Deus!, deixemos esse sonho longo, triste, desolado, em direção ao amanhecer.

Durante muitos meses viajei com essa nuvem sempre escura em minha mente. Algumas cegas razões que eu tinha para não voltar para casa – razões que então lutavam dentro de mim, em vão, para ganhar expressão mais nítida – me mantinham na peregrinação. Por vezes, segui inquieto de lugar em lugar, sem parar em nenhum; outras vezes, fiquei longo tempo em um local. Não tinha propósito, não tinha uma alma que me amparasse internamente, em lugar nenhum.

Estava na Suíça. Tinha vindo da Itália, por uma das grandes passagens dos Alpes, e desde então vagara com um guia pelas montanhas. Se aquela terrível solidão me falava ao coração, eu não sei. Encontrei o sublime e o maravilhoso nos picos e precipícios apavorantes, no rugido das torrentes, nas vastidões de gelo e neve; e, no entanto, não me ensinaram nada mais.

Uma noite, antes do pôr do sol, cheguei a um vale onde iria descansar. Durante a descida, por uma trilha que serpenteava na encosta da

montanha, de onde eu via o vale brilhando lá embaixo, acho que algum sentido insuspeitado de beleza e tranquilidade, alguma influência suavizante despertada por aquela paz, se moveu tenuemente em meu peito. Me lembro de ter parado um momento, com uma espécie de tristeza que não era nada opressiva, nada desesperadora. Me lembro de quase desejar que alguma transformação para melhor fosse possível dentro de mim.

Cheguei ao vale quando o sol da tarde brilhava nos remotos picos nevados que o encerravam como nuvens eternas. O sopé das montanhas, que formava uma garganta na qual se aninhava a pequena aldeia, era de um verde esplêndido; e acima dessa vegetação mais branda crescia uma floresta de pinheiros escuros, fendendo a encosta nevada como uma cunha e detendo a avalanche. Acima dela, havia cadeias e cadeias de picos escarpados, rocha cinzenta, gelo brilhante e lisas manchas verdes de pastos, tudo gradualmente se fundindo com a coroa de neve. Pintalgando aqui e ali a encosta das montanhas, cada pequena mancha um lar, havia solitários chalés de madeira, tão apequenados pelos picos gigantescos que pareciam brinquedinhos. Assim também parecia a aldeia incrustada no vale, com sua ponte de madeira sobre o riacho que cascateava por pedras quebradas e rugia mais além, entre as árvores. No ar silente, havia um som distante de canto – vozes de pastores; mas quando uma nuvem brilhante do entardecer flutuou a meia altura da encosta, quase pude acreditar que vinham dali e que não era música terrena. De repente, em meio a toda essa serenidade, a grande natureza falou comigo; e me aconselhou a deitar minha cabeça cansada na relva e chorar como ainda não tinha chorado desde a morte de Dora!

Eu havia encontrado um pacote de cartas à minha espera poucos minutos antes, e saíra em passeio pela aldeia para ler enquanto aprontavam meu jantar. Outros pacotes tinham se extraviado e eu não recebia nada havia muito tempo. Além de uma ou duas linhas para dizer que eu estava bem e tinha chegado a algum lugar, não tivera a energia nem a constância de escrever uma carta desde que partira.

O pacote estava em minha mão. Eu o abri e li a letra de Agnes.

Ela estava feliz e ocupada, prosperando como esperava que

acontecesse. Foi tudo o que me disse dela. O resto era a meu respeito.

Não me deu nenhum conselho, não me cobrou nenhum dever, apenas me disse, à sua maneira ardente, o quanto confiava em mim. Sabia (disse ela) que uma natureza como a minha haveria de transformar o pesar em bem. Sabia o quanto o sofrimento e a emoção me exaltariam e fortaleceriam. Tinha certeza de que em todos os meus propósitos eu conquistaria uma disposição mais firme e superior, através do sofrimento que havia experimentado. Ela, que tanto glorificava a minha fama e tanto desejava que fosse ainda maior, bem sabia que eu iria continuar trabalhando. Sabia que em mim a tristeza não podia ser fraqueza, mas devia ser força. Assim como a resistência de meus dias de criança tinha feito sua parte para me tornar o que eu era, também calamidades maiores me fortaleceriam para ser ainda melhor do que eu era; e assim como elas haviam me ensinado, eu ensinaria outros. Ela me confiava a Deus, que levara minha querida inocente para o Seu repouso; e com seu afeto de irmã me amava sempre e estaria sempre a meu lado aonde quer que eu fosse, orgulhosa do que eu tinha feito, mas infinitamente mais orgulhosa ainda do que me estava reservado fazer.

Guardei a carta ao peito e pensei no que eu tinha sido uma hora antes! Quando ouvi as vozes morrerem ao longe e vi a nuvem tranquila do anoitecer apagar-se e todas as cores do vale desbotarem, a neve dourada dos picos se transformar numa parte remota do pálido céu noturno, senti que a noite estava deixando minha mente, todas as suas sombras clareavam, não tinha nome o amor que ela me dedicava, mais querida doravante do que havia sido até então.

Reli sua carta muitas vezes. Escrevi a ela antes de dormir. Contei que estivera em amarga necessidade de sua ajuda, que sem ela eu não era, nem nunca havia sido, o que ela pensava que eu era, que ela me inspirava a ser isso e que eu ia tentar.

E tentei. Três meses mais e um ano teria se passado desde o começo de minha tristeza. Decidi não tomar resolução até se passarem esses três meses, mas tentar. Vivi naquele vale e em suas proximidades durante todo esse tempo.

Passados os três meses, resolvi continuar longe de casa por mais

algum tempo; me instalar por enquanto na Suíça, que estava se tornando querida para mim pela lembrança daquela noite; retomar minha escrita; trabalhar.

Recorri humildemente ao que Agnes havia me recomendado; busquei a natureza, nunca busquei em vão; e admiti em meu peito o interesse humano ao qual me furtara nos últimos tempos. Não demorou muito e eu tinha quase tantos amigos no vale como tivera em Yarmouth, e quando parti dali para Genebra, antes que o inverno se instalasse, e voltei na primavera, a recepção cordial deles tinha um som familiar para mim, embora não se manifestasse com palavras inglesas.

Trabalhava de manhã e à noite, com paciência e empenho. Escrevi uma história com um tema saído não remotamente de minha experiência, e mandei para Traddles. Ele cuidou que fosse publicada em termos muito vantajosos para mim; e a minha crescente reputação me chegava através de viajantes que encontrava por acaso. Depois de algum descanso e mudança, me pus a trabalhar do meu jeito ardente de antes, num projeto novo que tomou conta de mim. Ao avançar na execução dessa tarefa, me senti mais e mais estimulado e empenhei toda minha energia em fazê-lo bem. Era minha terceira obra de ficção. Estava ainda pela metade quando, num intervalo de descanso, pensei voltar para casa.

Durante longo tempo, embora estudando e trabalhando com paciência, eu havia me acostumado a exercícios vigorosos. Minha saúde, severamente comprometida quando parti da Inglaterra, estava bastante reforçada. Tinha visto muita coisa. Tinha estado em muitos países, e creio que aumentara meus conhecimentos.

Até agora, relembrei aqui tudo o que acho necessário relembrar desse período de ausência... com uma restrição. Restrição que fiz até aqui não com o propósito de suprimir nenhum pensamento meu, pois já disse antes que esta narrativa é o registro de minhas memórias. Quis conservar separada essa corrente mais secreta de minha mente até o final. E chego a ela agora.

Não sou capaz de penetrar completamente no mistério de meu próprio coração a ponto de saber quando comecei a pensar que deveria depositar suas primeiras e mais claras esperanças em Agnes. Não sei dizer em que

fase de minha dor associei pela primeira vez essa reflexão de que, em minha infância instável, havia desperdiçado o tesouro de seu amor. Acredito que possa ter ouvido algum sussurro distante dessa ideia na perda infeliz, ou no vazio de algo nunca acontecido, que me era sensível. Mas a ideia me veio à mente como uma possibilidade e um novo remorso quando fiquei tão triste e sozinho no mundo.

Se tivesse estado muito com ela naquele momento, teria talvez, na fraqueza de minha desolação, revelado isso. Era o que temia remotamente quando senti o primeiro impulso de me afastar da Inglaterra. Não suportaria perder nem a menor porção de sua amizade fraterna; pois com essa revelação eu teria posto entre nós uma limitação até agora desconhecida.

Eu não podia esquecer que o sentimento com que ela me via agora crescera por minha livre escolha e determinação. Que, se ela tivesse em algum momento me amado com outro amor – e às vezes penso que deve ter havido momentos em que poderia ter feito isso –, eu o teria recusado. Agora, não significava mais nada eu ter me acostumado a pensar nela, desde quando éramos ambos simples crianças, como alguém muito distante de minhas fantasias. Eu havia voltado minha ternura apaixonada para outro objeto; e o que podia ter feito, eu não tinha feito; e o que Agnes era para mim, eu e seu nobre coração havíamos feito que fosse.

No começo da mudança que se operou gradualmente em mim, quando tentei conseguir um melhor entendimento de mim mesmo e ser um homem melhor, de fato vislumbrei, por meio de alguma indefinida providência, um período em que poderia talvez ter a esperança de apagar o erro passado e ser abençoado pelo casamento com ela. Mas, com o passar do tempo, essa esperança obscura se apagou e desapareceu de mim. Se ela algum dia tivesse me amado então, seria ainda mais sagrada para mim, lembrando as confidências que fiz a ela, o conhecimento que tinha de meu errante coração, o sacrifício que deve ter feito para ser minha amiga e irmã, e a vitória que havia conquistado. Se não tivesse me amado nunca, poderia eu acreditar que iria me amar agora?

Sempre senti minha fraqueza ao me comparar com sua constância e

força; e agora sentia isso ainda mais. O que eu podia ter significado para ela, ou ela para mim, se eu tivesse sido mais digno dela antes, não o era agora, nem ela. O tempo passara. Eu tinha deixado que passasse, e merecidamente a perdera.

Muito sofri nessas dúvidas, que me enchiam de infelicidade e remorso, e no entanto eu tinha uma permanente sensação de que era exigido de mim, por honra e direito, manter longe de mim, por vergonha, a ideia de, no declínio de minhas esperanças, me voltar à amiga querida de quem havia frivolamente me afastado quando essas esperanças eram vivas e frescas. É bem verdade que essas considerações estavam na raiz de cada pensamento que eu tinha a respeito dela. Não fiz nenhum esforço para esconder de mim mesmo que eu a amava, que era dedicado a ela, mas tinha certeza absoluta de que agora era tarde demais e nosso prolongado relacionamento não podia ser perturbado.

Eu havia pensado muito e com frequência em Dora, delineando para mim o que poderia vir a ser naqueles anos que não estavam destinados a nós; tinha pensado como as coisas que nunca acontecem muitas vezes são tão reais para nós, em seus efeitos, quanto as que se realizam. Os próprios anos de que ela falava eram realidade agora, para meu castigo; e teriam sido, um dia, um pouco mais tarde talvez, embora tivéssemos nos separado em nossa primeira inconsequência. Eu me esforçava para transformar o que podia ter havido entre mim e Agnes em um meio de me tornar mais abnegado, mais decidido, mais consciente de mim mesmo, de meus defeitos e erros. Assim, por meio da reflexão sobre o que poderia ter sido, cheguei à convicção do que não poderia ser jamais.

Essas, com suas perplexidades e incoerências, eram as areias movediças de minha mente desde o momento de minha partida até o momento de minha volta para casa, três anos depois. Três anos haviam se passado desde a partida do navio emigrante quando, à mesma hora do pôr do sol e no mesmo lugar, parei no convés do navio que me trouxe para casa, olhando a água rosada onde eu tinha visto a imagem daquele navio refletida.

Três anos. Longos nos acontecimentos, mas curtos ao passar. Minha terra me era muito querida e Agnes também, mas ela não era minha,

nunca seria minha. Podia ter sido, mas isso era passado!

LIX

Volta

Desembarquei em Londres numa noite de outono invernal. Estava escuro e chovendo e vi mais fog e lama em um minuto do que tinha visto em um ano. Fui da alfândega ao Monumento até encontrar uma diligência; e embora as fachadas das casas olhando para as sarjetas inchadas fossem como velhos amigos para mim, não podia deixar de admitir que eram amigos bem esquálidos.

Muitas vezes observei – suponho que se dá com todo mundo – que afastar-se de um lugar conhecido é sinal de uma mudança nele. Olhando pela janela da diligência, observei que a velha casa da Fish Street Hill, que permanecera intocada por pintor, carpinteiro ou pedreiro durante um século, havia sido demolida em minha ausência, e que uma rua vizinha, de eterna insalubridade e inconveniência, estava sendo drenada e ampliada; de certa forma, eu esperava que a catedral de Saint Paul parecesse mais velha.

Para algumas mudanças nos destinos de meus amigos, eu estava preparado. Minha tia havia se reinstalado em Dover havia muito tempo, e Traddles começara a exercer sua profissão nos tribunais, logo depois de minha partida. Morava em Gray's Inn agora, e havia me dito, em suas últimas cartas, que tinha esperança de logo se unir à melhor moça do mundo.

Eu era esperado antes do Natal, mas não faziam ideia de que voltaria tão cedo. Eu os iludira de propósito para poder ter o prazer de fazer uma surpresa. No entanto, era perverso o suficiente para sentir frieza e decepção por não ter recebido boas-vindas e por rodar sozinho e silencioso pelas ruas enevoadas.

As lojas conhecidas, porém, com suas luzes alegres, tiveram algum efeito sobre mim; e quando desembarquei à porta do Café de Gray's Inn, tinha recuperado meu ânimo. De início, me lembrou a época tão

diferente em que havia morado em Golden Cross e as mudanças ocorridas desde então, mas isso era natural.

– Sabe onde é a casa do senhor Traddles no Inn? – perguntei ao garçom enquanto me aquecia à lareira do Café.

– Na Holborn Court, número 2, meu senhor.

– O senhor Traddles está ficando famoso entre os advogados, me parece – disse eu.

– Bom – replicou o garçom –, pode ser, meu senhor; mas eu próprio não sei.

Esse garçom, que era de meia-idade e magro, procurou ajuda com um outro de maior autoridade, um velho poderoso, atarracado, com duplo queixo, calça preta até os joelhos e meias altas, que saiu de um lugar que parecia uma bancada de igreja num extremo da sala, onde mantinha um caixa, um diretório, uma lista de advogados e outros livros e papéis.

– Senhor Traddles – disse o garçom magro. – Número 2, na Court.

O garçom atarracado o mandou embora e virou-se gravemente para mim.

– Perguntei – disse eu – se o senhor Traddles do número 2, na Court, está ficando famoso entre os advogados.

– Nunca ouvi esse nome – disse o garçom com uma rica voz rouca.

Me senti bem penalizado por Traddles.

– Deve ser moço, não? – perguntou o garçom portentoso, fixando severamente os olhos em mim. – Quanto tempo faz que mora no Inn?

– Não mais que três anos – respondi.

O garçom, que, suponho, vivia naquela sua bancada de igreja havia quarenta anos, não podia perder tempo com pessoa tão insignificante. Perguntou o que eu gostaria para o jantar.

Senti que estava na Inglaterra outra vez, e fiquei de fato pesaroso por Traddles. Parecia não haver esperança para ele. Pedi passivamente um pedaço de peixe e um bife, e me pus diante da lareira pensando na obscuridade dele.

Acompanhando com os olhos o garçom-chefe, não pude deixar de pensar que devia ser um lugar bem árduo o jardim em que ele crescera

até se tornar a flor que era. Tinha um ar muito convencional, o pescoço duro, conservador, solene, velho. Olhei a sala com o chão recém-coberto de areia, sem dúvida, exatamente da mesma maneira desde que o garçom-chefe era menino – se algum dia fora menino, o que parecia improvável; as mesas brilhantes onde me vi refletido em lisas profundidades de velho mogno; os lampiões impecáveis na limpeza e conservação; as confortáveis cortinas verdes com os canos de sustentação de latão brilhante, encerrando confortavelmente os cubículos; e as duas grandes lareiras a carvão, queimando vivas; as fileiras de garrafas, robustas como se tivessem consciência dos dispendiosos barris de vinho do Porto envelhecido guardados no porão; e tanto a Inglaterra como o Judiciário me pareceram realmente muito difíceis de ser tomados de assalto. Subi ao meu quarto para trocar a roupa molhada, e a extensão do velho apartamento com lambris de madeira (que ficava acima do arco que levava ao Inn, me lembro), a imensidão sedante da cama de dossel, a indomável gravidade da cômoda de gavetas, tudo parecia se unir numa severa carranca à sorte de Traddles ou a jovens ousados como ele. Desci novamente para jantar, e mesmo o lento conforto da refeição e o silêncio organizado do local – que estava vazio de hóspedes, antes do final das férias longas – expressavam bem a audácia de Traddles e sua parca esperança de ganhar a vida nos vinte anos vindouros.

Não tinha visto nada assim desde que fora embora, e isso abateu bastante minhas esperanças por meu amigo. O garçom-chefe se cansara de mim; não se aproximou mais; dedicando-se a um velho cavalheiro de perneiras altas em favor de quem meio litro de vinho do Porto especial pareceu subir do porão por vontade própria, pois ele não pediu. O segundo garçom me informou, sussurrando, que aquele velho era um tabelião aposentado que morava na praça e tinha muito dinheiro, que se esperava fosse deixar para a filha da lavadeira; diziam também que possuía um faqueiro de prata num gabinete, todo manchado por falta de uso, do qual nenhum mortal jamais tinha visto mais que uma colher e um garfo em seus aposentos. Nessa altura, quase dei Traddles por perdido, e concluí em minha cabeça que não havia esperança para ele.

Muito ansioso para ver meu querido amigo, dispensei meu jantar de um jeito nada calculado para melhorar meu conceito na opinião do garçom-chefe, e segui depressa por uma ruazinha. Logo cheguei ao número 2 da Court, e como uma inscrição na porta me informou que o sr. Traddles ocupava um conjunto de cômodos no andar superior, subi a escada. Descobri tratar-se de uma velha escada louca, mal iluminada, a cada patamar, por uma lamparina de óleo moribunda num pequeno calabouço de vidro sujo.

Ao subir a escada tateando, julguei ouvir um som agradável de risos, e não o riso de um procurador ou advogado, nem de um escrevente de procurador ou advogado, mas de duas ou três moças alegres. Ao parar para ouvir, porém, pisei por acaso num buraco que a honorável sociedade de Gray's Inn deixara de cobrir com uma tábua e caí ruidosamente. Quando me levantei, estava tudo em silêncio.

Tateando com mais cuidado durante o resto da subida, meu coração batia forte quando encontrei aberta a porta com o letreiro sr. TRADDLES. Bati. Seguiu-se um considerável arrastar de pés, mas nada mais. Então bati de novo.

Um rapazinho de ar esperto, meio criado, meio escrevente, apresentou-se bastante sem fôlego, mas olhou para mim como se me desafiasse a provar legalmente alguma coisa.

– O senhor Traddles está? – perguntei.

– Está, sim, senhor, mas está ocupado.

– Quero falar com ele.

Depois de me examinar um momento, o rapaz esperto resolveu me deixar entrar e abriu mais a porta, me levando primeiro para um cubículo e em seguida para uma pequena sala de estar, onde me vi (também sem fôlego) na presença de meu velho amigo, sentado à mesa, curvado sobre papéis.

– Meu Deus do céu! – Traddles exclamou, levantando a cabeça. – É Copperfield! – Correu para meus braços e apertei-o num abraço.

– Tudo bem, meu querido Traddles?

– Tudo bem, meu muito querido Copperfield. E nada além de boas

notícias!

Choramos de alegria, os dois.

– Meu caro amigo – disse Traddles, desarrumando o cabelo em sua animação, atitude completamente desnecessária –, meu muito caro amigo Copperfield, perdido há tanto tempo e muito bem-vindo, como fico contente de ver você! Como está bronzeado! Que alegria! Juro pela minha vida e honra, Copperfield, meu querido, que nunca fiquei tão contente, nunca!

Eu estava igualmente incapaz de expressar minha emoção. Não conseguia falar.

– Meu querido! – disse Traddles. – E famoso agora! O glorioso Copperfield! Minha nossa!, *quando* você chegou, *de onde* veio e *o que* andou fazendo?

Sem esperar resposta a nada do que perguntara, Traddles, que me levara até uma poltrona junto ao fogo, avivava impetuosamente as chamas com uma mão e puxava minha gravata com a outra, com a louca ilusão de que se tratava de um sobretudo. Sem largar do atiçador, ele me abraçou de novo, eu o abracei e, ambos rindo, ambos enxugando os olhos, nos sentamos e apertamos as mãos diante da lareira.

– Pensar que você devia estar tão perto – disse Traddles – como devia estar, meu velho amigo querido, e não assistir à cerimônia!

– Que cerimônia, Traddles?

– Minha nossa! – Traddles exclamou, arregalando os olhos daquele seu jeito.

– Não recebeu minha última carta?

– Não, se falava de alguma cerimônia.

– Ora, meu querido Copperfield – disse Traddles espetando o cabelo com ambas as mãos e depois pousando as mãos em meus joelhos –, eu me casei!

– Casou? – exclamei, exultante.

– Valha-me Deus, casei, sim! – disse Traddles. – Com Sophy... oficiado pelo reverendo Horace... em Devonshire. Ora, meu amigo, ela está aqui atrás da cortina! Olhe só!

Para minha surpresa, a melhor moça do mundo saiu de seu esconderijo no mesmo instante, rindo e corando. E creio que nunca vi no mundo noiva mais alegre, amável, honesta, feliz, brilhante. Eu a beijei como um velho conhecido e desejei a ambos toda a alegria, do fundo do meu coração.

– Nossa – disse Traddles –, que reunião deliciosa! Você está tão queimado de sol, Copperfield! Deus te abençoe, como estou contente!

– Eu também – retorqui.

– E eu, claro! – disse Sophy rindo e corando.

– Mais felizes, impossível! – disse Traddles. – Até as meninas estão contentes. Ora, esqueci delas!

– Esqueceu? – perguntei.

– As meninas – disse Traddles –, as irmãs de Sophy. Estão hospedadas conosco. Vieram conhecer Londres. O fato é que... foi você que caiu na escada, Copperfield?

– Fui eu – respondi, rindo.

– Bom, então, quando você caiu na escada – disse Traddles –, eu estava brincando com as meninas. Na verdade, estávamos brincando de pegador. Mas isso não ficaria bem no tribunal central, e como não daria uma impressão muito profissional se fossem vistas por um cliente, elas saíram correndo. E estão aqui agora, ouvindo, não tenho a menor dúvida – disse Traddles, olhando a porta que dava para outra sala.

– Desculpe – eu disse, rindo de novo –, se escaparam por minha causa.

– Palavra de honra – Traddles continuou, muito satisfeito –, se tivesse visto as meninas correndo e voltando, depois que você bateu na porta, para pegar os pentes que tinham derrubado do cabelo, numa louca agitação, você não diria isso. Meu amor, pode ir buscar as meninas?

Sophy retirou-se e ouvimos quando foi recebida com risadas na sala ao lado.

– Bem musical, não é, Copperfield? – Traddles comentou. – Muito agradável de ouvir. Ilumina estas salas. Para um infeliz solteirão que viveu sozinho a vida inteira, sabe, é positivamente delicioso. Encantador. As coitadinhas sofreram uma grande perda com o casamento de Sophy,

que garanto a você, Copperfield, é a melhor moça do mundo!, e nem posso expressar o quanto fico contente de ver que estão alegres. Me ver cercado de moças é uma delícia, Copperfield. Não é profissional, mas é uma delícia!

Observando que ele gaguejava um pouco e entendendo que na bondade de seu coração temia me magoar com o que dissera, expressei minha concordância com uma intensidade que evidentemente o aliviou e agradou muito.

– Para falar a verdade – disse Traddles –, nossos arranjos domésticos são absolutamente não profissionais, meu caro Copperfield. Até o fato de Sophy estar aqui é antiprofissional. Mas não temos outro lugar para morar. Partimos nessa viagem numa casca de noz, mas estamos preparados para aguentar as ondas. E Sophy é uma organizadora incrível! Você ficaria surpreso se visse como ela acomodou as meninas. Não sei como ela consegue.

– São muitas moças aqui com você? – perguntei.

– A mais velha, Bela, está aqui – disse Traddles, em tom confidencial. – Caroline. E Sarah está aqui, aquela que mencionei a você que tinha problema na coluna, sabe? Imensamente melhor! E as duas mais novas que Sophy educou estão conosco. E Louisa.

– É mesmo? – exclamei.

– É, sim – disse Traddles. – Agora, o conjunto inteiro... quero dizer, o apartamento, tem só três cômodos. Mas Sophy distribuiu as meninas de um jeito fantástico, e elas dormem com todo o conforto possível. Três naquele quarto – disse Traddles, apontando. – Duas naquele.

Não pude deixar de olhar em torno, em busca da acomodação para o sr. e a sra. Traddles. Ele me entendeu.

– Bom – disse. – Estamos preparados para enfrentar as ondas, como falei, e semana passada improvisamos uma cama aqui, no chão. Mas tem um espacinho no teto, um quartinho bonito quando você subir para ver, que Sophy empapelou ela mesma para me fazer surpresa, e ficamos lá agora. É uma espécie de acampamento cigano. Tem uma vista bonita.

– E você finalmente está casado e feliz, meu querido Traddles! –

observei. – Como fico contente!

– Muito obrigado, Copperfield – disse Traddles, quando apertamos as mãos outra vez. – É, estou feliz e isso é possível. Temos nossos velhos amigos, olhe só – e Traddles acenou, triunfante, para o vaso de flor e suporte –, e a mesa com tampo de mármore! Todos os outros móveis são simples e práticos, como você vê. Quanto à prataria, valha-nos Deus, não temos nem uma colher de chá.

– Tudo a ser ganho? – perguntei alegremente.

– Isso mesmo – Traddles replicou –, tudo a ser ganho. Claro que temos alguma coisa parecida com colher de chá, porque mexemos nosso chá. Mas é alpaca.

– A prataria vai ser ainda mais brilhante quando chegar – disse eu.

– É isso mesmo que dizemos! – Traddles exclamou. – Sabe, Copperfield – e caiu de novo num tom confidencial –, quando expus minhas conclusões no caso Jipes contra Wigell, que muito me promoveu na profissão, fui até Devonshire e tive uma conversa particular muito séria com o reverendo Horace. Falei do fato de que Sophy... que, garanto a você, Copperfield, é a melhor moça do mundo!...

– Claro que é! – concordei.

– É, de fato! – Traddles retorquiu. – Mas acho que estou me desviando do assunto. Por que falei do reverendo Horace?

– Você disse que teve uma conversa séria...

– Isso! A respeito do fato de Sophy e eu estarmos noivos por tanto tempo e Sophy, com a permissão dos pais, estar mais do que contente em me aceitar... em resumo – disse Traddles com seu sorriso franco –, em nossa atual condição de alpaca. Muito bem. Então propus ao reverendo Horace (que é um excelente clérigo, Copperfield, e vai acabar bispo; ou pelo menos ter o suficiente para viver sem sacrifício) que se eu conseguisse chegar ao ganho de duzentas e cinquenta libras anuais, e visse que tinha o caminho aberto para isso ou mais no ano seguinte, e pudesse prover uma casa pequena como esta, então, nesse caso, Sophy e eu devíamos nos unir. Tomei a liberdade de afirmar que tínhamos sido pacientes durante muitos anos e que o fato de Sophy ser

excepcionalmente útil em casa não podia levar seus pais afetuosos a comprometer suas oportunidades na vida... sabe?

– Tem toda a razão – disse eu.

– Fico contente que pense assim, Copperfield – Traddles continuou –, porque, sem querer falar mal do reverendo Horace, acho mesmo que pais, irmãos e parentes às vezes são bastante egoístas nesses casos. Bom! Eu disse também que meu maior desejo era dar apoio à família e que, se conseguisse progredir na vida e alguma coisa acontecesse com ele... me refiro ao reverendo Horace...

– Eu entendi – disse eu.

– ... ou com a senhora Crewler, seria um prêmio para mim servir de pai para as meninas. Ele me deu uma resposta admirável, muito lisonjeira aos meus sentimentos, e discutiu com a senhora Crewler a permissão do casamento. Tiveram muita dificuldade com ela. A coisa subiu de suas pernas para o peito, depois para a cabeça...

– O que subiu? – perguntei.

– A tristeza – Traddles replicou com ar sério. – Seus sentimentos em geral. Como já disse em outra ocasião, ela é uma mulher muito superior, mas perdeu o uso dos membros. Qualquer contrariedade ataca imediatamente as pernas, mas nessa ocasião subiu para o peito, depois para a cabeça e, em resumo, dominou todo o organismo dela de um jeito alarmante. Porém, com cuidados constantes e afetuosos, ela se recuperou; e ontem fez seis semanas que nos casamos. Não faz ideia do monstro que eu me senti, Copperfield, quando vi a família toda chorando e desmaiando para todo lado! A senhora Crewler não quis nem me ver antes de partirmos, não conseguia me perdoar, naquela altura, por lhe tirar sua filha, mas é uma criatura boa e me perdoou depois. Recebi uma linda carta dela hoje de manhã.

– Então, em resumo, meu querido amigo – disse eu –, você se sente abençoado como bem merece!

– Ah, bondade sua! – Traddles riu. – Mas de fato estou num momento invejável. Trabalho duro e estudo leis insaciavelmente. Levanto às cinco da manhã todos os dias e não reclamo. Escondo as meninas durante o dia e me divirto com elas à noite. E juro que estou bem triste de elas

voltarem para casa na terça-feira, que é véspera da festa de São Miguel. Mas olhe – disse Traddles, rompendo o tom confidencial e falando em voz alta –, *as meninas*! Senhor Copperfield, a senhorita Crewler... senhorita Sarah... senhorita Louisa... Margaret e Lucy!

Elas eram um verdadeiro canteiro de rosas; pareciam tão saudáveis e frescas. Eram todas bonitas, e Carolina era linda; mas havia um jeito amoroso, alegre, familiar na aparência radiante de Sophy que superava tudo isso e que me garantia que meu amigo havia escolhido bem. Sentamos todos em torno da lareira, enquanto o rapaz esperto, que agora eu concluía que estava sem fôlego por organizar os papéis, retirou-os novamente e trouxe os apetrechos para o chá. Depois, retirou-se para a noite, batendo a porta com ruído. A sra. Traddles, com perfeito prazer e compostura rebrilhando nos olhos domésticos, serviu o chá, e em silêncio preparou as torradas a um canto da lareira.

Tinha estado com Agnes, ela me contou enquanto torrava o pão. "Tom" a levara a Kent em viagem de núpcias, e lá tinham visto minha tia também, e tanto minha tia como Agnes estavam bem e não falavam de outra coisa além de mim. Ela achava que "Tom" nunca deixara de pensar em mim, durante todo o tempo em que estive fora. "Tom" era a autoridade sobre tudo. "Tom" era evidentemente o ídolo de sua vida; que jamais seria abalado de seu pedestal por nenhuma comoção; sempre apoiado e respeitado com toda a fé de seu coração, acontecesse o que acontecesse.

A deferência que tanto ela como Traddles demonstravam pela Bela muito me agradou. Não sei se achei muito razoável, mas era delicioso e parte essencial do caráter deles. Se Traddles sentia alguma falta das colheres de chá que ainda tinham de ser conquistadas, não tenho dúvidas de que era na hora de servir o chá a Bela. Se a sua doce esposa pudesse algum dia se mostrar orgulhosa, acredito que seria apenas por ser irmã da Bela. Pequenas indicações de uma maneira bastante mimada e caprichosa que observei na Bela eram evidentemente consideradas por Traddles e sua esposa como seu direito natural. Se tivesse nascido uma abelha rainha e eles abelhas operárias, não estariam mais satisfeitos do que estavam.

Mas sua abnegação me encantava. Tinham orgulho daquelas meninas, e sua submissão a todos os seus caprichos era o pequeno testemunho mais agradável de seu próprio valor que se poderia desejar. Se Traddles era chamado de "querido" mais de uma vez no decorrer da noite; e solicitado a trazer uma coisa, levar outra, erguer alguma coisa ou baixar outra, encontrar isto ou buscar aquilo; era assim chamado por todas as cunhadas, e pelo menos doze vezes em uma hora. Também não conseguiam fazer nada sem Sophy. O cabelo de uma despencava, e apenas Sophy podia arrumá-lo. Alguém esquecia como era uma canção, e apenas Sophy era capaz de cantarolar direito a melodia. Alguém queria lembrar o nome de um lugar em Devonshire, e apenas Sophy sabia. Alguma carta precisava ser escrita para casa, e apenas Sophy com certeza escreveria antes do café da manhã. Alguém perdia um ponto no tricô, e apenas Sophy era capaz de consertar a trama. Elas dominavam inteiramente o lugar, e Sophy e Traddles atendiam a tudo. Nem consigo imaginar de quantas crianças Sophy seria capaz de cuidar, mas parecia famosa por saber todo tipo de canção em língua inglesa destinada a crianças. E cantava dezenas a pedido, com a vozinha mais límpida do mundo, uma depois da outra (cada irmã solicitando uma canção diferente, e Bela geralmente escolhendo a última), de forma que fiquei fascinado. O melhor de tudo era que, em meio a todas as suas exigências, as irmãs demonstravam grande ternura e respeito tanto por Sophy como por Traddles. Ao ir embora, com Traddles me acompanhando até o Café, tenho certeza de que nunca vi uma cabeleira obstinada, nem nenhuma outra cabeleira, rodar numa saraivada de beijos.

Muito tempo depois de voltar e dar boa-noite a Traddles, eu não me cansava de rever a cena com prazer. Se visse mil rosas voando no apartamento do alto daquela sombria Gray's Inn, elas não a teriam iluminado mais. A ideia daquelas moças de Devonshire entre os secos documentos oficiais e escritórios de advogados; do chá com torradas e das canções infantis naquela sombria atmosfera de pó abrasivo para pergaminho, fita vermelha para amarrar documentos, lacres, tinteiros, papéis finos e de rascunho, relatórios legais, testamentos, declarações, cartas de crédito, parecia um capricho quase tão prazeroso como se eu

tivesse sonhado que a famosa família do sultão passara a fazer parte do rol de advogados daquela sombria Gray's Inn.{51} De alguma forma, senti que tinha me despedido de Traddles essa noite e voltado ao Café com uma grande mudança em meu desalento por ele. Comecei a pensar que ele iria conseguir, apesar de todas as poses dos garçons-chefes da Inglaterra.

Puxei uma cadeira para diante de uma das lareiras do salão do Café para pensar nele com tranquilidade, e aos poucos passei das considerações sobre sua felicidade para o esboço de projetos nas brasas vivas, pensando, quando elas se quebravam e mudavam de forma, nas vicissitudes e separações que haviam marcado a minha vida. Não via um fogo de carvão numa lareira desde que deixara a Inglaterra três anos antes: embora tivesse visto muita lenha queimar, despejando suas cinzas grisalhas, que se misturavam ao pó empilhado na lareira, que exprimia para mim, de forma nada imprecisa, o meu desânimo, as minhas esperanças mortas.

Podia pensar no passado agora, gravemente, mas sem amargura; e podia contemplar o futuro com espírito valente. O lar, em seu melhor sentido, não era mais para mim. Aquela em quem poderia ter inspirado um amor terno, eu havia pensado ser minha irmã. Ela se casaria, teria novos pretendentes à sua ternura e nunca saberia do amor por ela que crescera em meu coração. Estava certo eu pagar pela perda de minha paixão impetuosa. Eu colhia o que havia plantado.

Estava pensando que de fato disciplinara meu coração para isso e podia resolutamente suportar tal coisa e ocupar com calma no lar dela o lugar que ela ocupara no meu, quando percebi meus olhos olhando para um rosto que poderia ter surgido das chamas em sua associação com minhas primeiras lembranças.

O pequeno dr. Chillip, o médico a cujos bons serviços eu devia o primeiro capítulo desta história, estava sentado lendo o jornal no canto oposto. Os anos tinham deixado nele suas marcas, mas sendo um homenzinho manso, suave e calmo, ele as recebera bem, e achei que parecia naquele momento exatamente como devia parecer sentado em nossa saleta esperando que eu nascesse.

O dr. Chillip havia deixado Blunderstone seis ou sete anos antes e eu nunca mais o vira. Estava sentado placidamente a ler seu jornal, com a cabecinha de lado, e um copo de xerez com água quente ao lado. Era tão extremamente conciliatório em suas maneiras que parecia pedir desculpas ao jornal por tomar a liberdade de ler suas páginas.

Fui até onde ele estava sentado e perguntei:

– Como vai, doutor Chillip?

Ele ficou muito confuso com essa abordagem inesperada de um estranho e respondeu à sua maneira lenta:

– Muito bem, obrigado, o senhor é muito gentil. Obrigado. Espero que *o senhor* esteja bem.

– Não se lembra de mim? – perguntei.

– Bom – replicou o dr. Chillip com um sorriso muito tênue e sacudindo a cabeça ao me examinar –, tenho a impressão de que alguma coisa no seu rosto me é familiar; mas não conseguiria me lembrar de seu nome realmente.

– E no entanto o senhor sabia disso muito antes de mim – retorqui.

– É mesmo? – disse o dr. Chillip. – É possível que eu tenha tido a honra de realizar o seu...

– Exatamente – respondi.

– Nossa! – exclamou o dr. Chillip. – Mas sem dúvida o senhor deve ter mudado bastante desde então, não?

– É bem provável – respondi.

– Muito bem – observou o dr. Chillip –, espero que me desculpe se sou forçado a pedir o favor de me dizer seu nome.

Ao ouvir meu nome, ele ficou de fato comovido. E apertou minha mão, o que era uma violência para ele, sendo seu costume deslizar uma mãozinha tépida dez centímetros à frente do quadril e demonstrar o maior incômodo quando alguém a apertava. Mesmo agora, pôs a mão no bolso do casaco assim que conseguiu livrá-la, e pareceu muito aliviado de tê-la de volta.

– Minha nossa! – disse o dr. Chillip, me examinando com a cabeça de lado. – Então é o senhor Copperfield! Muito bem. Acho que eu teria

reconhecido o senhor se tivesse tomado a liberdade de olhar mais de perto. Existe uma forte semelhança entre o senhor e seu pai, senhor Copperfield.

– Não tive a felicidade de conhecer meu pai – observei.

– É verdade – disse o dr. Chillip em tom confortador. – E isso é deplorável sob todos os aspectos! Lá na nossa terra, senhor Copperfield – e o dr. Chillip sacudiu novamente a cabecinha –, não ignoramos a sua fama. Deve haver muito movimento aqui para o senhor – disse o dr. Chillip tocando a testa com o indicador. – Deve ser um trabalho cansativo.

– Onde é a sua terra agora? – perguntei, sentando ao lado dele.

– Estou instalado a poucos quilômetros de Bury St. Edmunds – disse o dr. Chillip. – Como a senhora Chillip herdou uma pequena propriedade do pai para aqueles lados, instalei lá a minha clínica, e o senhor há de gostar de saber que estou indo bem. Minha filha já está bem grande.

O sr. Chillip meneou a cabeça outra vez. – A mãe teve de abaixar dois dedos do vestido dela semana passada. Assim passa o tempo, como o senhor bem sabe!

Como o homenzinho levou aos lábios o copo vazio ao fazer essa reflexão, ofereci-lhe mais uma dose e ficaria em sua companhia com uma dose para mim.

– Bom, senhor Copperfield – ele respondeu em seu ritmo lento –, é mais do que estou acostumado a tomar, mas não posso negar o prazer da conversa. Parece que foi ontem que tive a honra de tratar de seu sarampo. O senhor se recuperou muito bem!

Agradeci esse cumprimento e pedi a bebida, que logo foi servida.

– É um excesso fora do comum – disse o dr. Chillip mexendo o copo –, mas não posso resistir a uma ocasião tão excepcional. O senhor tem família?

Sacudi a cabeça.

– Soube que o senhor sofreu uma perda, meu senhor, faz algum tempo – disse o dr. Chillip. – Soube pela irmã de seu padrasto. Uma senhora muito decidida, não?

– Ora, é, sim – respondi –, bem decidida. Onde esteve com ela, doutor Chillip?

– Não sabe – respondeu o dr. Chillip com seu sorriso plácido – que seu padrasto é meu vizinho outra vez?

– Não sabia – respondi.

– Pois é! – disse o dr. Chillip. – Casou com uma moça daqueles lados que tinha uma propriedadezinha muito boa, coitada... E essa atividade mental não é cansativa para o senhor? – perguntou o dr. Chillip olhando para mim como um passarinho curioso.

Ignorei a pergunta e voltei aos Murdstone.

– Sabia que ele tinha se casado de novo. O senhor atende a família? – perguntei.

– Não regularmente. Já fui chamado – ele replicou. – Forte desenvolvimento frenológico no órgão da firmeza tanto no senhor Murdstone como na irmã.

Respondi com um ar tão expressivo que o dr. Chillip, animado por isso e pela bebida, balançou a cabeça várias vezes e exclamou, pensativo:

– Ah, minha nossa! Relembramos os velhos tempos.

– E o irmão e a irmã continuam no mesmo sistema? – perguntei.

– Bom, senhor Copperfield – retorquiu o dr. Chillip –, um médico que entra na intimidade das famílias não deve ter olhos nem ouvidos para nada além de sua profissão. Mesmo assim, devo admitir que os dois são muito severos, meu senhor: tanto nesta vida como na próxima.

– A próxima será regulada sem muita interferência deles, eu ouso dizer – repliquei. – O que estão fazendo nesse sentido?

O dr. Chillip sacudiu a cabeça, mexeu a bebida e tomou um gole.

– Era uma moça encantadora, senhor Copperfield – ele observou, de modo pesaroso.

– A atual senhora Muderstone?

– Uma moça encantadora, de fato, tão boa como se pode ser! Na opinião da senhora Chillip, ela está com a alma completamente abatida desde o casamento, e agora nada mais é que uma melancólica enlouquecida. E as mulheres – observou, cauteloso – são grandes

observadoras.

– Imagino que tinha de ser subjugada e oprimida para caber nos moldes detestáveis dele, Deus tenha piedade dela – disse eu. – E foi.

– Bom, senhor Copperfield, no começo houve brigas violentas, garanto ao senhor – disse o dr. Chillip –, mas agora ela é uma sombra do que foi. Será que o senhor consideraria excessivo se eu dissesse, confidencialmente, que, desde que a irmã foi ajudar, o irmão e a irmã juntos reduziram a coitada a um estado de quase imbecilidade?

Disse a ele que acreditava, com toda a certeza

– Não hesito em dizer – o dr. Chillip falou, fortalecendo-se com mais um gole do xerez aquecido –, cá entre nós, que a mãe dela morreu disso, ou que tirania, melancolia, preocupação transformaram a senhora Murdstone numa quase imbecil. Ela era uma moça viva antes do casamento, e a dureza e a austeridade deles destruíram sua vida. Tratam a moça agora mais como carcereiros do que como marido e cunhada. Isso foi o que a senhora Chillip observou para mim, semana passada mesmo. E garanto ao senhor, as mulheres são grandes observadoras. A senhora Chillip é uma *grande* observadora!

– Ele ainda se declara seriamente (tenho vergonha de usar a palavra neste caso) religioso? – perguntei.

– O senhor está se adiantando – disse o dr. Chillip com as pálpebras ficando vermelhas devido ao estímulo incomum que estava se permitindo. – Uma das observações mais notáveis da senhora Chillip. A senhora Chillip – prosseguiu com sua maneira mais calma e lenta – me deixou eletrizado ao apontar que o senhor Murdstone pinta uma imagem de si mesmo que chama de natureza divina. O senhor era capaz de me fazer cair para trás com uma pena de escrever, pode crer, quando a senhora Chillip me disse isso. As mulheres são grandes observadoras, não são?

– Intuitivas – completei, para seu extremo prazer.

– Fico muito contente de receber apoio em minha opinião, senhor Copperfield – ele continuou. – Não é sempre que me aventuro a dar minha opinião não médica, garanto ao senhor. O senhor Murdstone fala em público, às vezes, e comenta-se... em resumo, a senhora Chillip

comenta... que, quanto mais tirano ele é, mais feroz a sua doutrina.

– Acredito que a senhora Chillip esteja certíssima – disse eu.

– A senhora Chillip chega mesmo a dizer – continuou o mais manso dos homenzinhos, muito encorajado – que aquilo que essa gente chama erradamente de religião é uma via de escape para seus maus humores e arrogância. E sabe o que não posso deixar de observar, senhor Copperfield? – continuou ele, deitando a cabeça mansamente para um lado. – É que *não* reconheço no senhor e na senhorita Murdstone nenhuma autoridade sobre o Novo Testamento.

– Também nunca reconheci – disse eu.

– Nesse meio-tempo – disse o dr. Chillip –, muita gente não gosta deles, e como eles são muito liberais em destinar todos os que não gostam deles à perdição, temos realmente muita perdição acontecendo no bairro! Mas a senhora Chillip, senhor Copperfield, diz que eles sofrem um castigo contínuo, pois estão voltados para dentro, se alimentando do próprio coração, e seus corações são muito mau alimento. Agora, sobre o seu cérebro, se me permite voltar ao assunto. O senhor não expõe seu cérebro a muita excitação, meu senhor?

Não foi difícil para mim, diante da excitação do cérebro do próprio dr. Chillip devido ao consumo do xerez, desviar sua atenção desse tópico para seus próprios negócios, sobre os quais, durante a meia hora seguinte, ele foi bastante loquaz; me dando a entender, entre outras informações, que ele se encontrava no Café de Gray's Inn para prestar sua comprovação profissional diante de uma Comissão de Doentes Mentais, referente ao estado mental de um paciente que perdera a cabeça por excesso de bebida.

– E garanto ao senhor – disse ele – que fico extremamente nervoso nessas ocasiões. Não suporto ser o que chamam de intimidado. Me rouba toda a força. Sabe que levei um bom tempo para me recuperar da conduta daquela senhora alarmante na noite do seu nascimento, senhor Copperfield?

Contei a ele que logo na manhã seguinte estava indo para a casa de minha tia, o dragão daquela noite, e que ela era uma das mulheres mais excelentes e de coração mole, como ele constataria plenamente se a

conhecesse melhor. A simples ideia da possibilidade de vir a encontrar com ela outra vez parecia aterrorizá-lo. Ele replicou, com um pálido sorrisinho: “É mesmo, senhor Copperfield? De fato?”, e quase imediatamente pediu uma vela e foi para a cama, como se não estivesse bem seguro em nenhum outro lugar. Não chegou a cambalear com a bebida de xerez, mas creio que seu plácido pulsozinho deve ter apresentado duas ou três batidas por minuto a mais do que naquela grande noite da decepção de minha tia, quando ela batera nele com o chapéu.

Absolutamente cansado, fui para a cama também, à meia-noite; passei o dia seguinte na diligência para Dover, são e salvo irrompi na velha saleta de minha tia quando ela estava tomando chá (ela usava óculos agora) e fui recebido por ela, pelo sr. Dick e pela velha e querida Peggotty, que era sua governanta, com braços abertos e lágrimas de alegria. Quando começamos a conversar comportadamente, minha tia se divertiu muito com meu relato do encontro com o dr. Chillip, e o terror com que se lembrava dela; e tanto ela como Peggotty tinham muito a dizer sobre o segundo marido de minha pobre mãe e “aquela assassina daquela irmã dele”, à qual acredito que nenhuma dor ou castigo poderia obrigar minha tia a chamar por nenhum nome cristão ou adequado, nem nenhuma outra designação.

LX

Agnes

Quando ficamos sozinhos, minha tia e eu conversamos até tarde da noite. Que os emigrantes nunca escreviam para casa senão cheios de alegria e esperanças; que o sr. Micawber tinha efetivamente enviado diversas pequenas somas de dinheiro, por conta das “transações pecuniárias” em relação às quais era muito íntegro, bem de homem para homem; que Janet retomara o serviço com minha tia quando ela voltara para Dover e havia finalmente encerrado sua renúncia aos homens contraindo matrimônio com um próspero taverneiro; e que minha tia afinal dera o seu selo de aprovação ao mesmo grande princípio ajudando e favorecendo a noiva, coroando a cerimônia de casamento com a sua presença, entre outros tópicos de que eu já tinha conhecimento através das cartas que recebera. O sr. Dick, como sempre, não fora esquecido. Minha tia me informou que ele se ocupava incessantemente copiando tudo o que lhe caía nas mãos, e que mantinha o rei Charles i a distância respeitável com esse arremedo de emprego; que era uma das maiores alegrias e recompensas de sua vida ele estar livre e feliz, em vez de murcho em monótonas limitações; e que (como se fosse uma conclusão geral nova) ninguém além dela era capaz de avaliar exatamente o que ele era.

– E você, Trot – ela perguntou alisando o dorso de minha mão, nós dois sentados diante da lareira como antigamente –, quando vai a Canterbury?

– Vou alugar um cavalo e ir para lá amanhã de manhã, tia, a menos que queira ir comigo.

– Não! – ela respondeu, com sua maneira seca e abrupta. – Quero ficar onde estou.

Então, eu iria, repliquei. Não conseguiria passar por Canterbury sem parar, se fosse para ver qualquer outra pessoa além dela.

Ela ficou satisfeita, mas respondeu:

– Quieto, Trot. Meus velhos ossos teriam aguentado até amanhã! – E alisou minha mão de novo, enquanto eu olhava pensativamente o fogo.

Pensativamente, porque eu não podia estar ali de novo, tão perto de Agnes, sem rememorar o arrependimento que durante tanto tempo me havia ocupado. Brandos arrependimentos que fossem, me ensinando o que eu deixara de lado quando minha vida estava toda pela frente, mas arrependimentos mesmo assim. "Ah, Trot", eu parecia ouvir minha tia dizendo outra vez, e agora a entendia melhor: "Cego, cego, cego!".

Ficamos os dois em silêncio alguns minutos. Quando ergui os olhos, vi que ela me observava fixamente. Talvez tivesse acompanhado o meu fluxo mental; pois me parecia uma trilha fácil de seguir agora, de tão insistente que fora no passado.

– Vai ver que o pai dela virou um velho de cabelo branco – disse minha tia –, mas um homem melhor sob todos os outros aspectos, um homem recuperado. Não vai mais encontrar alguém que mede todos os interesses humanos, alegrias e tristezas com sua própria medida limitada. Acredito, filho, que essas coisas precisam encolher muito antes de poderem ser medidas daquele jeito.

– É verdade – retorqui.

– Vai encontrar Agnes – minha tia prosseguiu –, tão boa, bonita, empenhada e desprendida como sempre. Se soubesse de algum outro elogio maior, Trot, eu faria.

Não havia elogio maior a ela, nem censura maior a mim. Ah, como havia me afastado para tão longe!

– Se treinar as meninas que tem à sua volta para ser iguais a ela – disse minha tia, enfática a ponto de seus olhos se encherem de lágrimas –, Deus sabe que sua vida terá sido bem empregada! Útil e feliz, como ela disse aquele dia! Como ela poderia ser outra coisa além de útil e feliz?

– Agnes já... – Eu estava pensando alto, mais que falando.

– O quê? Ahn? Já o quê? – minha tia perguntou, firme.

– Algum pretendente? – perguntei.

– Uma porção – minha tia exclamou com uma espécie de orgulho

indignado. – Podia ter casado mais de vinte vezes, meu bem, desde que você foi embora!

– Sem dúvida – eu disse. – Sem dúvida. Mas ela tem algum pretendente digno dela? Agnes não pode escolher quem não seja.

Minha tia ficou pensando um momento, o queixo apoiado na mão. Lentamente ergueu os olhos para mim e disse:

– Desconfio que ela tem uma afeição secreta, Trot.

– E é correspondida? – perguntei.

– Trot, não sei dizer – minha tia replicou, séria. – Não tenho o direito de dizer nem isso. Ela nunca me contou nada, mas desconfio.

Olhou para mim com tamanha atenção e ansiedade (vi que até tremia) que senti então, mais que nunca, que ela havia lido meus pensamentos. Repassei todas as resoluções que tinha tomado, em todos aqueles muitos dias e noites, e todos os muitos conflitos do meu coração.

– Se assim for – comecei a dizer –, e espero que seja...

– Não sei de nada – minha tia disse, dura. – Você não pode se nortear pelas minhas suspeitas. Tem de guardar segredo delas. São levianas, talvez. Não tenho nenhum direito de falar nada.

– Se assim for – repeti –, Agnes vai acabar me contando no devido momento. Uma irmã a quem confiei tanta coisa, tia, não vai relutar em confiar em mim.

Minha tia desviou os olhos, com a mesma lentidão com que tinha olhado para mim, e cobriu-os pensativamente com a mão. Por fim, pôs a outra mão em meu ombro e ficamos sentados, olhando o passado, sem dizer mais nenhuma palavra, até nos despedirmos para dormir.

Cedo na manhã seguinte, segui a cavalo pelo cenário de meus dias de colegial. Não sei dizer se estava ainda totalmente feliz, na esperança de conquistar uma vitória sobre mim mesmo, ou mesmo com a perspectiva de me ver cara a cara com ela outra vez.

Logo havia atravessado o território bem conhecido, e cheguei às ruas tranquilas, onde cada pedra era um livro da infância para mim. Segui a pé até a velha casa e me afastei com o coração cheio demais para entrar. Voltei; e ao passar olhei a janela em arco da sala da torre onde primeiro

Uriah Heep, depois o sr. Micawber costumavam sentar, vi que era agora uma saleta de estar e que não havia escrivaninha. Fora isso, a velha casa tranquila, quanto a limpeza e ordem, continuava exatamente como eu a tinha visto pela primeira vez. Pedi que a criada nova que me recebeu dissesse à srta. Wickfield que um amigo enviado a ela por um amigo do exterior estava à sua espera, e fui levado pela velha escada imponente (tomando cuidado com os degraus que conhecia bem) à sala em que nada havia mudado. Os livros que Agnes e eu tínhamos lido juntos estavam nas estantes, o leitoril onde eu havia estudado minhas lições tantas noites continuava no mesmo canto da mesa. Todas as pequenas mudanças que haviam se esgueirado na sala quando os Heep moraram ali tinham mudado de volta. Tudo estava como antes, na época feliz.

Parei diante de uma janela e olhei as casas do outro lado da rua, lembrando como as via nas tardes chuvosas, quando cheguei ali; e como costumava especular sobre as pessoas que apareciam em alguma janela, como as acompanhava com os olhos quando subiam e desciam a escada, enquanto mulheres passavam com o bater de saltos de sapato nos desenhos da calçada e a chuva mansa caía inclinada, jorrando dos escoadouros das calhas para a rua. A sensação com que costumava observar os mendigos que entravam na cidade naqueles dias úmidos, ao entardecer, e passavam, mancos, com as trouxas penduradas dos ombros na ponta de varas, me voltou então, viva; cheia, como na época, do cheiro de terra, folhas molhadas e urzes, e a sensação do próprio ar que soprava sobre mim em minha dura jornada.

A portinha que se abriu na parede de lambris me sobressaltou e me virei. Seus lindos olhos serenos encontraram os meus quando ela avançou. Ela parou, levou a mão ao peito e eu a tomei em meus braços.

– Agnes! Minha querida! Voltei muito de repente!

– Não, não! Estou tão contente de ver você, Trotwood!

– Agnes, querida, a felicidade que é para mim estar com você outra vez!

Apertei-a ao meu coração e durante algum tempo ficamos ambos em silêncio. Então nos sentamos lado a lado; e seu rosto angelical estava voltado para mim com as boas-vindas que eu havia sonhado, dormindo e

acordado, durante anos inteiros.

Era tão sincera, tão linda, tão boa... devia a ela tanta gratidão, me era tão querida que não conseguia expressar o que sentia. Tentei abençoá-la, tentei agradecer, tentei falar (como falara tantas vezes por carta) da influência que exercera sobre mim, mas todos os esforços foram em vão. Meu amor e alegria ficaram mudos.

Com sua doce tranquilidade, ela acalmou minha agitação; me levou de volta ao momento de nossa despedida; me falou de Emily, que ela visitara em segredo muitas vezes; falou com tanta ternura do túmulo de Dora. Com o instinto infalível de seu nobre coração, tocou as cordas de minha memória com tanta suavidade e harmonia que nem uma nota soou fora do tom dentro de mim, e pude ouvir a música triste, distante, sem vontade de recuar de nada que ela despertava. Como poderia quando em meio a tudo aquilo estava ela, o melhor anjo de minha vida!

– E você, Agnes – falei, por fim. – Me conte de você. Não me contou quase nada de sua vida durante todo esse tempo!

– O que poderia contar? – ela respondeu, com seu sorriso radiante. – Papai está bem. Você nos vê aqui em nossa casa, nossas ansiedades serenadas, nossa casa devolvida a nós, e sabendo disso, Trotwood, querido, você sabe de tudo.

– Tudo, Agnes? – perguntei.

Ela olhou para mim, com um ar interrogativo voejando no rosto.

– Não tem mais nada, minha irmã? – perguntei.

Suas cores, que tinham empalidecido, voltaram e empalideceram de novo. Ela sorriu, com uma tristeza serena, pensei, e sacudiu a cabeça.

Eu havia procurado levá-la àquilo que minha tia insinuara, pois, por mais penoso que fosse para mim receber essa confidência, eu tinha de disciplinar meu coração e cumprir meu dever com ela. Vi, porém, que ela ficou inquieta, e deixei passar.

– Anda muito ocupada, Agnes?

– Com minha escola? – ela perguntou, olhando para mim de novo, com toda a sua clara compostura.

– É. Dá trabalho, não dá?

– O trabalho é tão agradável – ela replicou – que fico até agradecida de chamar por esse nome.

– Nada que é bom é difícil para você – eu disse.

Ela corou e empalideceu outra vez, e mais uma vez baixou a cabeça e vi o mesmo sorriso triste.

– Você vai esperar para ver papai – ela perguntou, alegre –, e passa o dia conosco? Pode dormir em seu quarto, quem sabe? Ainda é o seu quarto para nós.

Eu não podia ficar, tendo prometido voltar à noite para a casa de minha tia; mas passaria o dia com eles alegremente.

– Eu vou estar ocupada por um breve tempo – disse Agnes –, mas tem os velhos livros aí, Trotwood, e a música.

– Até as mesmas flores estão aqui – disse eu, olhando em torno –, dos mesmos tipos.

– O meu prazer – Agnes respondeu, sorrindo –, enquanto você esteve ausente, foi manter cada coisa como era quando éramos crianças. Porque fomos muito felizes, eu acho.

– Deus sabe que sim! – disse eu.

– E cada coisinha que me lembrava de meu irmão – disse Agnes, com os olhos cordiais voltados alegremente para mim – era uma companhia bem-vinda. Até isto aqui – disse, mostrando o cestinho cheio de chaves, ainda pendurado em sua cintura – parece tilintar como uma música antiga!

Ela sorriu de novo e saiu pela porta por onde havia entrado.

Cabia a mim preservar essa afeição fraterna com cuidado religioso. Era tudo o que me restava, e era um tesouro. Se uma única vez eu abalasse as bases da confiança e dos costumes sagrados, em virtude dos quais ela me era dada, tudo estaria perdido e irrecuperável para sempre. Coloquei isso com firmeza à minha frente. Quanto mais a amasse, mais cabia a mim nunca me esquecer disso.

Caminhei pelas ruas; e vendo mais uma vez meu adversário, o açougueiro – agora um policial com seu cassetete pendurado na loja –, fui olhar o local onde havia brigado com ele; e lá meditei sobre a srta.

Shepherd e a mais velha das srtas. Larkins, e todos os amores fúteis e simpatias e antipatias daquela época. Nada parecia ter sobrevivido daquele tempo, senão Agnes; e ela, sempre uma estrela acima de mim, mais brilhante, mais elevada.

Quando retornei, o sr. Wickfield voltara para casa de um jardim que possuía a uns cinco quilômetros da cidade, onde agora se ocupava quase todos os dias. Ele estava como minha tia havia dito. Sentamos para jantar com meia dúzia de meninas pequenas; e ele parecia apenas a sombra daquele belo retrato na parede.

A tranquilidade e a paz pertencentes àquele local antigo e tranquilo em minha memória o impregnavam outra vez. Quando o jantar terminou, como o sr. Wickfield não ia tomar vinho, nem eu tampouco, subimos, e Agnes e suas alunazinhas cantaram, tocaram, costuraram. Depois do chá, as crianças se retiraram e ficamos os três conversando juntos sobre os velhos dias.

– Minha parte neles – disse o sr. Wickfield, sacudindo a cabeça branca – tem muitos motivos de remorso – profundo remorso e profundo arrependimento –, Trotwood, você bem sabe. Mas eu não apagaria nada, se estivesse a meu alcance.

Podia facilmente acreditar naquilo, olhando o rosto a seu lado.

– Porque cancelaria junto – ele prosseguiu – toda a paciência e devoção, toda a fidelidade, todo o amor de filha, que não posso esquecer, não!, nem que esqueça de mim mesmo.

– Entendo o senhor – respondi, baixinho. – Também sinto... por ela... sempre... veneração.

– Mas ninguém sabe, nem mesmo você – ele retomou –, o quanto ela fez, o quanto suportou, o quanto trabalhou duramente. Minha querida Agnes!

Ela havia pousado a mão em seu braço, solicitando que parasse, e estava muito, muito pálida.

– Bem, bem! – ele disse com um suspiro, afastando, como vi então, algum sofrimento que ela suportara, ou ainda suportava, em relação ao que minha tia me havia dito. – Bom! Nunca contei a você, Trotwood,

sobre a mãe dela. Alguém contou?

– Nunca, senhor Wickfield.

– Não é muito, se bem que tenha sido um grande sofrimento. Ela casou comigo contra a vontade do pai e ele renegou a filha. Ela implorou o perdão dele, antes de Agnes vir ao mundo. Era um homem muito duro; e a mãe havia morrido fazia tempo. Ele repeliu a filha. Partiu seu coração.

Agnes encostou-se a seu ombro e passou o braço pelo pescoço do pai.

– O coração dela era afetuoso e delicado – disse ele –, e se partiu. Eu conhecia bem a sua natureza terna. Ninguém conhecia melhor que eu. Ela me amava com carinho, mas nunca foi feliz. Estava sempre se esforçando em segredo, sob essa tristeza, e estando frágil e deprimida na época da última recusa dele, porque não foi apenas uma, mas muitas, ela definhou e morreu. Me deixou com Agnes, com duas semanas de nascida, e com o cabelo grisalho de que você se lembra quando veio para cá.

Ele beijou Agnes no rosto.

– O amor por minha querida filha era um amor doente, mas minha alma toda estava doente então. Não falo mais nada. Não estou falando de mim, Trotwood, mas da mãe dela, e dela. Se eu der uma pista do que sou, ou do que fui, você vai desvendar, eu sei. O que Agnes é, nem preciso dizer. Sempre li no caráter dela algo da história de sua pobre mãe; e é isso que digo a você hoje, quando estamos os três juntos outra vez, depois de tantas mudanças. Tudo está dito.

Sua cabeça curvada, o rosto angelical de Agnes, seu dever filial despertavam um sentido mais enternecedor, nunca sentido. Se eu desejasse alguma coisa para marcar a noite desse nosso encontro, seria essa imagem.

Agnes se levantou depois de um breve instante, foi suavemente até o piano, tocou algumas das velhas árias que tínhamos ouvido tantas vezes naquela sala.

– Pensa viajar outra vez? – Agnes perguntou, quando eu estava a seu lado.

– O que minha irmã me diz?

– Espero que não.

– Então, não tenho nenhuma intenção, Agnes.

– Acho que não deve ir, Trotwood, já que me pergunta – ela respondeu, delicadamente. – Sua reputação cada vez maior e o sucesso aumentam sua possibilidade de praticar o bem. E mesmo que eu pudesse dispensar meu irmão – disse, sem tirar os olhos de mim –, o nosso tempo não pode.

– O que eu sou foi você quem fez, Agnes. Devia saber disso.

– *Eu* fiz, Trotwood?

– Foi! Agnes, minha querida! – eu disse, me curvando sobre ela. – Tentei te dizer, quando nos encontramos hoje, uma coisa que está em minha cabeça desde que Dora morreu. Você se lembra quando veio me ver em nosso quartinho... e apontou para o alto, Agnes?

– Ah, Trotwood! – ela respondeu com os olhos rasos d'água. – Tão amorosa, tão confiante, e tão menina! Como posso esquecer?

– Desde esse dia, minha irmã, foi desse jeito que sempre pensei em você. Sempre apontando para o alto, Agnes, sempre me levando para algo melhor, sempre me dirigindo a coisas superiores!

Ela apenas sacudiu a cabeça; e através de suas lágrimas vi o mesmo sorriso triste e calmo.

– E sou tão grato a você por isso, Agnes, tão ligado a você, que não existe um nome para o afeto do meu coração. Quero que você saiba e ao mesmo tempo não sei como te dizer que durante toda a minha vida você será o meu modelo, será o meu guia, como foi durante a escuridão do passado. Aconteça o que acontecer, sejam quais forem os laços que você estabeleça, ou as mudanças que ocorram entre nós, sempre me voltarei para você, e te amarei, como amo agora, como sempre amei. Você será sempre meu consolo e meu apoio, como sempre foi. Até eu morrer, minha querida irmã, verei você sempre à minha frente, apontando para o alto!

Ela pôs a mão na minha, me disse que tinha orgulho de mim e do que eu tinha dito, embora a elogiasse muito além do que merecia. Então, continuou tocando suavemente, mas sem afastar os olhos de mim.

– Sabe, Agnes, o que ouvi esta noite – eu disse –, por estranho que pareça, lembra uma parte do que senti quando te vi pela primeira vez, do sentimento com que me sentava a seu lado em meus duros tempos de escola.

– Você sabia que eu não tinha mãe – ela replicou com um sorriso –, e sentiu carinho por mim.

– Mais que isso, Agnes. Eu sabia, quase como se soubesse dessa história, que havia algo inexplicavelmente delicado e suave em torno de você. Alguma coisa que podia ser triste em outra pessoa (como posso entender agora que era), mas não em você.

Ela continuou tocando suavemente, ainda olhando para mim.

– Vai rir de mim por alimentar esses caprichos, Agnes?

– Não!

– Nem se eu disser que de fato achava que sentia, já naquela época, que você podia ser leal e afetuosa contra todas as dificuldades, e nunca deixar de ser até a morte? Vai rir desse sonho meu?

– Ah, não! Não!

Por um momento, uma sombra aflita passou por seu rosto, mas no mesmo instante em que me sobressaltou, desapareceu. Ela continuou tocando, olhando para mim com seu sorriso calmo.

Cavalgando de volta na noite solitária, o vento soprando sobre mim como uma memória inquieta, pensei nisso, e temi que ela não fosse feliz. Eu não era feliz, mas nessa altura eu havia encerrado o passado e, pensando nela a apontar para o alto, pensava nela apontando para o céu acima de mim, onde, no mistério do futuro, eu poderia ainda amá-la com um amor desconhecido na terra e lhe contar o conflito que acontecera dentro de mim quando a amei aqui.

LXI

Mostram-me dois interessantes penitentes

Durante algum tempo, de toda forma, até eu terminar meu livro, o que seria trabalho de vários meses, passei a residir na casa de minha tia em Dover. E lá, sentado à janela da qual olhava a lua sobre o mar quando aquele teto me abrigou pela primeira vez, me empenhei em minha tarefa.

Fiel à minha intenção de só recorrer a ficções quando seu curso por acaso tivesse ligação com o desenvolvimento de minha história, não falo das aspirações, prazeres, ansiedades e triunfos de minha arte. Já disse que de fato me dedicava a ela com todo meu empenho, e punha nela toda a energia de minha alma. Se os livros que escrevi têm algum valor, eles fornecerão o resto. Senão, terei escrito para nada, e o resto não será do interesse de ninguém.

De vez em quando, ia a Londres, para me perder no enxame da vida lá, ou consultar Traddles sobre alguma questão de negócios. Em minha ausência, ele havia sido meu administrador, com sólido tino, e meus negócios prosperavam. Como minha notoriedade me trazia uma enorme quantidade de cartas de pessoas que não conhecia, em geral sobre nada e extremamente difíceis de responder, combinei com Traddles que mandaria pintar meu nome em sua porta. Ali, o dedicado carteiro daquele trajeto entregava baldes de cartas para mim, e lá, de quando em quando, eu respondia algumas, como um secretário de Estado doméstico sem salário.

Em meio a essa correspondência, aparecia, ocasionalmente, uma gentil proposta de um dos numerosos oportunistas sempre rondando a Corte Civil para praticar em meu nome (se eu tomasse os passos necessários que faltavam para me tornar um procurador) e me pagar uma porcentagem dos lucros. Mas eu recusava essas ofertas, sabendo que já havia muitos desses praticantes secretos e considerando a Corte já bastante ruim sem que eu precisasse fazer nada para piorá-la.

As meninas tinham ido para casa quando meu nome floresceu na porta de Traddles, e o rapaz esperto parecia, o dia inteiro, nunca ter ouvido falar de Sophy, trancada num quarto dos fundos, olhando por cima da costura uma faixinha cinzenta de jardim com uma bomba d'água. Mas eu sempre a encontrava lá, a mesma luminosa dona de casa, sempre cantarolando suas baladas de Devonshire quando nenhum passo estranho subia a escada e calando com melodias o rapaz esperto em seu armário oficial.

De início, eu me perguntava por que tantas vezes encontrava Sophy escrevendo num caderno e por que ela sempre o fechava quando eu aparecia, e guardava correndo na gaveta da mesa. Mas o segredo logo veio à tona. Um dia, Traddles, que acabara de chegar da Corte, debaixo de um temporal de granizo, pegou um papel de sua mesa e perguntou o que eu achava daquela caligrafia.

– Ah, *não* faça isso, Tom! – gritou Sophy, que estava aquecendo os chinelos dele na lareira.

– Por que não, meu amor? – Tom respondeu deliciado. – O que me diz dessa caligrafia, Copperfield?

– É excepcionalmente regular e formal – disse eu. – Acho que nunca vi uma letra tão firme.

– Não parece letra de mulher, parece? – Traddles perguntou.

– De mulher? – repeti. – Tijolo e argamassa seriam mais femininos!

Traddles caiu na gargalhada e me informou que era a letra de Sophy, que Sophy havia concluído que ele iria precisar de um copista logo mais, e que ela seria esse copista; que ela aprendera essa caligrafia com um modelo e que era capaz de produzir... não me lembro quantas páginas por hora. Sophy ficou muito confusa por eu saber disso e falou que quando "Tom" fosse juiz, não estaria tão disposto a revelar isso. Coisa que "Tom" negou, afirmando que teria sempre orgulho dela, sob qualquer circunstância.

– Que esposa boa e encantadora ela é, meu querido Traddles! – eu disse, quando ela saiu da sala, rindo.

– Meu caro Copperfield – Traddles retomou –, ela é, sem nenhuma

exceção, a melhor moça do mundo! O jeito como cuida deste lugar, seu esmero, conhecimentos domésticos, economia e ordem. A alegria dela, Copperfield!

– De fato, você tem toda razão para falar bem dela! – repliquei. – Você é um homem de sorte. Acho que vocês fazem, um do outro, as pessoas mais felizes do mundo!

– Tenho certeza de que *nós* somos as pessoas mais felizes do mundo – Traddles respondeu. – Admito isso, sob todos os aspectos. Benza-nos Deus, quando a vejo levantar com a vela acesa nestas manhãs escuras, ocupada com os afazeres do dia, saindo para o mercado antes que os escreventes cheguem ao Inn, sem se importar com o tempo, inventando os mais caprichados jantarzinhos com os ingredientes mais simples, fazendo pudins e tortas, mantendo tudo no devido lugar, sempre tão arrumada e bonita ela própria, me acompanhando à noite mesmo até tarde, bem-humorada e animadora sempre, e tudo isso para mim, positivamente às vezes não posso acreditar, Copperfield!

Ele era grato até pelos chinelos que ela aquecera, e esticou as pernas com prazer na grade de proteção.

– Às vezes, decididamente não acredito – disse Traddles. – Depois, nossos divertimentos! Nossa, não custam nada, mas são maravilhosos! Quando estamos aqui em casa, à noite, fechamos a porta da rua e puxamos aquelas cortinas (que ela fez), onde poderia ser mais confortável? Quando o tempo está bom, saímos para uma caminhada à noite, as ruas cheias de divertimentos para nós. Olhamos as vitrines das joalherias, mostro a Sophy as serpentes com olhos de diamantes, enroladas em suportes de cetim, que daria a ela se tivesse dinheiro. E Sophy me mostra os relógios de ouro com tampa lavrada e rubis, dotados de roda de escape e todo tipo de coisas, que ela compraria para mim se tivesse dinheiro. Depois escolhemos as colheres e garfos, facas de peixe, espátulas de manteiga e pinças para cubos de açúcar que iríamos preferir se tivéssemos dinheiro para comprar, e vamos embora como se realmente tivéssemos comprado tudo! Então passeamos pelas praças e ruas grandes, vemos uma casa para alugar, às vezes entramos e dizemos: será que serviria se eu fosse juiz? E distribuímos tudo: este quarto para

nós, aquele para as meninas, e assim por diante, até nos satisfazermos se servirá ou não, conforme o caso. Às vezes, compramos entradas na plateia pela metade do preço e vamos ao teatro – e o próprio cheiro lá é barato, em minha opinião, pelo valor –, e nos divertimos muito com a peça, Sophy acredita em cada palavra e eu também. Ao voltar para casa, compramos talvez alguma coisinha para comer, ou uma pequena lagosta no peixeiro, e trazemos para cá, fazemos um esplêndido jantar, conversando sobre o que vimos. Ora, você sabe, Copperfield, que se eu fosse o presidente da Câmara dos Lordes não poderia fazer nada disso!

"Seja quem for, meu querido Traddles, você sempre fará alguma coisa que seja agradável, amável!", pensei.

– E a propósito – eu disse em voz alta –, você não desenha mais esqueletos?

– Realmente – Traddles respondeu, rindo, vermelho –, não posso negar, meu querido Copperfield. Pois quando estava numa das últimas fileiras da King's Bench outro dia, com uma caneta na mão, me veio o capricho de ver se ainda tinha esse dom. E temo que haja um esqueleto, de peruca, no tampo da mesa.

Depois que demos muita risada, Traddles acabou olhando o fogo com um sorriso, dizendo, à sua maneira generosa:

– O velho Creakle!

– Tenho uma carta do velho... patife, aqui – disse eu. Pois nunca estive menos disposto a perdoá-lo pela maneira como espancava Traddles do que quando vi o próprio Traddles tão disposto a perdoá-lo.

– De Creakle, o mestre-escola? – Traddles exclamou. – Não!

– Entre outras pessoas atraídas a mim por minha fama e fortuna crescentes – disse eu, procurando entre as cartas –, e que descobriram que sempre gostaram muito de mim, está o próprio Creakle em pessoa. Ele não é mais mestre-escola, Traddles. Se aposentou. É magistrado em Middlesex.

Achei que Traddles ia ficar surpreso de saber isso, mas não ficou nem um pouco.

– Como acha que ele se tornou magistrado em Middlesex? – perguntei.

– Ah, nossa – Traddles respondeu –, seria muito difícil responder essa pergunta! Talvez ele tenha votado em alguém, ou emprestado dinheiro para alguém, ou comprado alguma coisa de alguém, ou servido a alguém, ou trabalhado para alguém que conhecia alguém que conseguiu que o tenente da área arranjasse sua nomeação para o cargo.

– No cargo ele está, de qualquer forma – disse eu. – E escreve para mim aqui que gostaria de me mostrar em operação o único sistema de disciplina prisional; o único jeito infalível de fabricar convertidos e penitentes sinceros e permanentes, que seria, você sabe, o confinamento solitário. O que me diz?

– Do sistema? – Traddles perguntou, parecendo sério.

– Não. De aceitar o convite e você ir comigo?

– Não faço objeção – disse Traddles.

– Então vou escrever a ele dizendo isso. Sem falar do tratamento que dispensava a nós, você se lembra desse mesmo Creakle expulsando o filho dele, acredito, e da vida que ele impunha à mulher e à filha?

– Perfeitamente – disse Traddles.

– No entanto, se você ler a carta dele, vai descobrir que é o homem mais terno do mundo com prisioneiros condenados por todo um rol de crimes – eu disse –, embora eu não consiga descobrir se sua ternura se estende a alguma outra classe de seres vivos.

Traddles deu de ombros como se não ficasse surpreso. Eu não esperava que ficasse e eu próprio não me surpreendi, mesmo que minha observação de palhaçadas semelhantes fosse escassa. Combinamos a data de nossa visita e essa mesma noite escrevi a respeito ao sr. Creakle.

No dia marcado – acho que foi no dia seguinte, mas não importa –, Traddles e eu fomos à prisão onde o sr. Creakle era poderoso. Um edifício imenso e sólido, construído a alto custo. Quando nos aproximamos do portão, eu não conseguia deixar de pensar no furor que haveria no país se algum homem iludido propusesse gastar metade do dinheiro que a prisão havia custado para erguer uma escola industrial para jovens ou um asilo para velhos.

Num escritório que podia ser o andar térreo da torre de Babel, tão

maciça era sua construção, fomos levados à presença de nosso velho mestre-escola, que fazia parte de um grupo composto por dois ou três outros magistrados do tipo mais atarefado, e alguns visitantes que eles haviam trazido. Ele me recebeu como um homem que tivesse formado meu espírito no passado e que sempre me amara com ternura. Quando apresentei Traddles, o sr. Creakle expressou, de maneira semelhante, mas com menor intensidade, que sempre havia sido o guia, o filósofo e amigo de Traddles. Nosso venerando instrutor estava bastante mais velho e nada melhor na aparência. Seu rosto era tão feroz como sempre, os olhos pequenos e bastante fundos. O cabelo grisalho, ralo, parecendo molhado, de que eu me lembrava nele, havia desaparecido quase todo, e as veias grossas da cabeça calva não eram nem um pouco mais agradáveis de se ver.

Depois da conversa entre esses cavalheiros, que fazia supor que nada mais se levava em conta no mundo além do supremo conforto dos prisioneiros, a qualquer custo, e nada no vasto mundo podia ser feito fora dos portões da prisão, começamos a visita. Como estava na hora do jantar, fomos primeiro à grande cozinha, onde a refeição de cada prisioneiro estava sendo servida (para ser levada à cela), com a regularidade e precisão de um relógio. Comentei à parte com Traddles se havia ocorrido a alguém o marcante contraste entre esses fartos repastos de alta qualidade e os jantares, não digo dos indigentes, mas de soldados, marinheiros, trabalhadores, a grande massa da comunidade honesta e trabalhadora; em meio à qual nem um entre quinhentos homens jamais comera tão bem. Mas descobri que o “sistema” exigia alto nível e, em resumo, para encerrar o assunto do sistema, descobri que, na cabeça daquele homem e de todos os outros, “o sistema” punha fim a todas as dúvidas e resolvia todas as anomalias. Ninguém parecia fazer a menor ideia de que houvesse qualquer outro sistema, mas apenas *o* sistema a ser considerado.

Quando estávamos percorrendo alguns dos magníficos corredores, perguntei ao sr. Creakle e a seus amigos quais seriam as principais vantagens desse sistema abrangente e dominante. Descobri que era o perfeito isolamento de prisioneiros, de tal forma que cada homem ali

confinado nada sabia dos outros; e a redução dos prisioneiros a um estado de espírito sadio levava à sincera conversão e ao arrependimento.

Então me ocorreu, quando estávamos visitando indivíduos em suas celas e atravessando os corredores em que ficavam essas celas, ouvindo explicações sobre o modo como iam à capela e outras atividades, que havia uma forte probabilidade de os prisioneiros saberem muitas coisas uns dos outros e de estabelecerem um sistema de relações bastante complexo. Isso, neste momento em que escrevo, foi comprovado, acredito, mas como seria uma blasfêmia contra o sistema insinuar uma dúvida naquela hora, quis saber da penitência com o maior empenho possível.

E aí de novo tive grandes dúvidas. Descobri que predominava uma moda na forma da penitência, como se via lá fora nos modelos dos casacos e coletes das vitrines das alfaiatarias. Encontrei uma vasta quantidade de confissões, que variavam muito pouco em caráter, variavam muito pouco mesmo nas palavras (o que considerei bastante suspeito). Descobri muitas raposas desprezando vinhedos inteiros de uvas verdes; mas vi muito poucas raposas a quem confiaria o alcance a um cacho. Acima de tudo, descobri que os homens que mais confessavam eram vistos com maior interesse; e que sua presunção, sua vaidade, seu desejo de e xcitação e seu amor pelo engano (que muitos deles possuíam a um grau quase inacreditável, como demonstravam suas histórias) levavam a essas confissões, pelas quais eram gratificados.

Porém, no decorrer de nossas idas e vindas, ouvi falar tão insistentemente em um certo Número Vinte e Sete, que era o favorito e de fato parecia ser o prisioneiro-modelo, que resolvi suspender meu juízo até conhecer o Vinte e Sete. O Vinte e Oito, pelo que entendi, era também uma estrela brilhante, mas seu infortúnio era ter sua glória um pouco apagada pelo brilho excepcional do Vinte e Sete. Ouvi falar tanto do Vinte e Sete, de suas piedosas pregações a todos à sua volta e das belas cartas que escrevia constantemente à mãe (por quem parecia ter muito pouca consideração), que fiquei impaciente para vê-lo.

Tive de controlar minha impaciência por algum tempo, uma vez que o Vinte e Sete ficava reservado para o encerramento. Mas por fim

chegamos à porta de sua cela; e o sr. Creakle, olhando pelo visor, nos relatou, em estado de grande admiração, que ele estava lendo o hinário.

Houve tal correria para ver imediatamente o Vinte e Sete lendo o hinário que o visor ficou bloqueado por seis ou sete cabeças. Para resolver esse inconveniente e nos dar oportunidade de conversar com o Vinte e Sete em toda a sua pureza, o sr. Creakle ordenou que a porta da cela fosse destrancada, e o Vinte e Sete, convidado a sair para o corredor. Isso foi feito e, para nossa perplexidade, quem Traddles e eu vimos ser aquele convertido Vinte e Sete senão Uriah Heep!

Ele nos reconheceu imediatamente e disse, ao sair, com suas velhas contorções:

– Como vai, senhor Copperfield? Como vai, senhor Traddles?

Esse reconhecimento causou admiração geral no grupo. Acredito que todos se surpreenderam que ele não fosse orgulhoso e se dirigisse a nós.

– Bom, Vinte e Sete – disse o sr. Creakle, admirando-o piedosamente. – Como está se sentindo hoje?

– Muito humilde, meu senhor! – replicou Uriah Heep.

– Isso você é sempre, Vinte e Sete – disse o sr. Creakle.

Então outro cavalheiro perguntou, com extrema ansiedade:

– Está bem satisfeito?

– Estou, sim, obrigado! – Uriah Heep respondeu olhando na direção dele. – Muito mais satisfeito aqui do que lá fora. Agora enxergo a minha loucura, meu senhor. Isso é que é satisfação.

Vários cavalheiros ficaram bastante tocados, e um terceiro, avançando, perguntou com extrema sensibilidade:

– O que achou da carne?

– Obrigado – replicou Uriah, olhando na direção da nova voz –, ontem estava mais dura do que seria de desejar, mas meu dever é suportar. Cometi muitas loucuras, meus senhores – disse Uriah olhando em torno com um sorriso débil –, e tenho de aguentar as consequências sem protestar.

Quando se aquietou o murmúrio, em parte de gratificação pelo estado de espírito celestial do Vinte e Sete, em parte de indignação contra o

fornecedor que lhe dera motivo de reclamação (na mesma hora anotada pelo sr. Creakle), o Vinte e Sete ficou entre nós como se fosse o principal objeto de mérito em um museu extremamente merecedor. Para que nós, neófitos, pudéssemos gozar de um excesso de luz brilhando sobre nós de uma só vez, foi dada a ordem de deixar sair o Vinte e Oito.

Eu já estava tão atônito que só senti uma espécie de resignada admiração quando o sr. Littimer saiu, lendo um bom livro!

– Vinte e Oito – perguntou um cavalheiro de óculos, que ainda não havia falado –, na semana passada o senhor reclamou do chocolate, meu bom homem. Como ficou depois disso?

– Eu agradeço – disse o sr. Littimer –, pois passou a ser mais bem feito. Se posso tomar a liberdade, meu senhor, acho que o leite com que é preparado não é puro; mas sei que existe uma grande adulteração do leite em Londres, e que esse artigo em estado puro é difícil de conseguir.

Me pareceu que esse cavalheiro de óculos favorecia o Vinte e Oito contra o Vinte e Sete do sr. Creakle, pois cada um defendeu o seu homem.

– Como está o estado de espírito, Vinte e Oito? – perguntou o questionador de óculos.

– Agradeço a pergunta – respondeu o sr. Littimer –, agora percebo as minhas loucuras, meu senhor. Fico bastante perturbado quando penso nos pecados de meus antigos companheiros, e confio que vão encontrar perdão.

– O senhor está satisfeito? – perguntou o questionador, balançando a cabeça, encorajador.

– Fico muito agradecido – respondeu o sr. Littimer. – Perfeitamente satisfeito.

– Tem alguma coisa em mente neste momento? – perguntou o questionador. – Se tem, fale, Vinte e Oito.

– Meu senhor – disse o sr. Littimer, sem erguer o rosto –, se meus olhos não me enganam, um cavalheiro aqui presente me conheceu na minha vida de antes. Pode ser proveitoso para esse senhor saber que ponho a culpa das minhas loucuras passadas inteiramente ao fato de ter

vivido uma vida imprudente, a serviço de homens jovens, e ter me deixado levar por eles à fraqueza, a que não tive a força de resistir. Espero que esse cavalheiro aceite meu alerta e não se ofenda de eu tomar a liberdade. É para o bem dele. Tenho consciência de minhas próprias loucuras do passado. Espero que ele possa se arrepender da maldade e do pecado dos quais participou.

Observei que diversos cavalheiros estavam cobrindo os olhos, cada um com uma mão, como se tivessem acabado de entrar na igreja.

– Isso fala a seu favor, Vinte e Oito – prosseguiu o questionador. – Era isso mesmo que eu esperava de você. Mais alguma coisa?

– Meu senhor – respondeu o sr. Littimer, erguendo ligeiramente as sobrancelhas, mas não os olhos –, tinha uma moça que tomou um rumo dissoluto e que tentei salvar, mas não consegui. Peço a esse cavalheiro que informe a moça que perdoo o que ela fez comigo, e que espero que ela se arrependa... se ele tiver a bondade.

– Não tenho dúvida, Vinte e Oito – retorquiu o questionador –, que o cavalheiro a quem o senhor refere deve ter fortes sentimentos, como todos nós temos, quanto ao que o senhor falou tão claramente. Não queremos tomar o seu tempo.

– Agradeço – disse o sr. Littimer. – Cavalheiros, desejo a todos um bom dia e espero que suas famílias também vejam suas fraquezas e se emendem!

E o Vinte e Oito se retirou, depois de trocar um olhar com Uriah, como se não fossem desconhecidos um do outro, através de algum meio de comunicação, e quando a porta se fechou atrás dele, percorreu o grupo o murmúrio de que era um homem muito respeitável e um belo caso.

– Agora, Vinte e Sete – disse o sr. Creakle, entrando na cena iluminada com o *seu* homem –, posso fazer alguma coisa pelo senhor? Se for o caso, pode dizer.

– Pediria humildemente, meu senhor – replicou Uriah com um espasmo da cabeça malévola –, licença para escrever de novo pra minha mãe.

– Com certeza será permitido – disse o sr. Creakle.

– Muito obrigado! Estou preocupado com minha mãe. Tenho medo que esteja correndo perigo.

Alguém perguntou incautamente qual perigo, mas houve um escandalizado sussurro pedindo silêncio.

– Perigo imortal, meu senhor – Uriah prosseguiu, se contorcendo na direção da voz. – Queria que minha mãe estivesse no mesmo estado que eu. Nunca teria chegado ao estado em que estou se não tivesse vindo para cá. Queria que minha mãe viesse para cá. Ia ser melhor para todo mundo se ela fosse presa e a trouxessem para cá.

Esse sentimento produziu ilimitada satisfação, maior satisfação, acredito, do que tudo o que ocorrera até então.

– Antes de vir para cá – disse Uriah dando uma olhada em nós, como se quisesse eliminar o mundo exterior ao qual pertencíamos, se isso estivesse a seu alcance –, eu era dado a loucuras; mas agora tenho consciência das minhas loucuras. Lá fora existe muito pecado. Bastante pecado na minha mãe. Não existe nada além de pecado em toda parte... menos aqui.

– Você está transformado? – perguntou o sr. Creakle.

– Ah, nossa, claro que sim, senhor! – exclamou o esperançoso penitente.

– Você não reincidiria, se fosse solto? – perguntou alguém.

– Ah, não, senhor!

– Bom – disse o sr. Creakle –, isso é muito gratificante. O senhor falou com o senhor Copperfield, Vinte e Sete. Gostaria de dizer mais alguma coisa para ele?

– O senhor me conheceu há muito tempo, antes que eu viesse para cá e me transformasse, senhor Copperfield – disse Uriah, olhando para mim, e um olhar mais maligno nunca vi, nem no rosto dele mesmo. – Me conheceu quando, apesar das minhas loucuras, eu era humilde no meio de quem era orgulhoso, manso no meio de quem era violento, o senhor mesmo foi violento comigo, senhor Copperfield. Uma vez me bateu na cara, como o senhor sabe.

Comiseração geral. Vários olhares indignados para mim.

– Mas perdoo o senhor – disse Uriah, fazendo de sua natureza clemente objeto de um paralelo horrendo e ímpio que não vou registrar. – Perdoo todo mundo. Não ficaria bem para mim guardar rancor. Perdoo voluntariamente o senhor e espero que controle a sua fúria no futuro. Espero que o senhor W. se arrependa e a senhorita W. e todo aquele bando pecador. O senhor foi vítima de sofrimento, e espero que tenha lhe feito bem, mas o melhor seria que viesse para cá. O senhor W. devia vir para cá e a senhorita W. também. O melhor que eu podia desejar, senhor Copperfield, ao senhor e a todos os presentes, é que fossem presos e trazidos para cá. Quando penso nas minhas loucuras do passado e no meu estado presente, tenho certeza de que seria o melhor para os senhores. Tenho pena de todo mundo que não vem para cá!

Ele deslizou para dentro de sua cela em meio a um coro de aprovação; e tanto Traddles como eu nos sentimos muito aliviados quando trancaram a porta.

Havia um traço característico nesse arrependimento que me levou a perguntar o que aqueles dois homens haviam feito para estar ali. Isso parecia ser a última coisa sobre a qual tinham algo a dizer. Me dirigi a um dos dois carcereiros, que eu desconfiava, por alguns indícios latentes em seu rosto, saber muito bem o que toda aquela agitação significava.

– O senhor sabe – perguntei enquanto seguíamos pelo corredor – qual o crime da última "loucura" do número Vinte e Sete?

A resposta foi: "Problema com banco".

– Fraude com o Banco da Inglaterra? – perguntei.

– Sim, senhor. Fraude, falsificação e conspiração. Ele e alguns outros. Ele entregou os outros. Foi uma trama grande por uma soma elevada. A pena é desterro perpétuo. O Vinte e Sete era o passarinho mais esperto do bando e quase escapou, mas não conseguiu. O banco pegou antes que ele saísse voando. Por pouco.

– Sabe qual o crime do Vinte e Oito?

– O Vinte e Oito – respondeu meu informante, falando o tempo todo baixinho e olhando para trás ao seguirmos pelo corredor, como se não quisesse ser ouvido por Creakle e os outros numa referência tão ilegal àqueles imaculados. – O Vinte e Oito (também desterrado) arrumou um

emprego e roubou do patrão moço umas duzentas e cinquenta libras em dinheiro e outros valores na véspera de viajarem para o exterior. Me lembro muito bem desse caso porque quem pegou o homem foi uma anã.

– Uma o quê?

– Uma anãzinha. Esqueci o nome dela.

– Mowcher, talvez?

– Isso mesmo! Ele tinha escapado da perseguição e ia pros Estados Unidos com uma peruca loira, bigode e um disfarce tão perfeito como nunca se viu igual, quando a anãzinha, que estava em Southampton, encontrou com ele andando na rua, percebeu quem era na mesma hora, correu no meio das pernas dele pra ele cair e subiu em cima dele como se fosse a morte em pessoa.

– Maravilhosa senhorita Mowcher! – exclamei.

– Era isso mesmo que o senhor ia dizer, se visse ela em pé em cima de uma cadeira no banco das testemunhas no julgamento dele, que nem eu vi – disse meu amigo. – Ele cortou a cara dela e bateu nela dum jeito muito bruto, quando ela trepou em cima dele, mas ela não largou enquanto ele não foi preso. Agarrou nele de um jeito que os guardas tiveram de levar os dois juntos. Ela deu um depoimento tão valente que o tribunal inteiro elogiou e o povo foi dando vivas até a casa dela. Ela disse no tribunal que era capaz de pegar esse homem com uma mão só (por conta do que sabia dele) mesmo que ele fosse Sansão. E acho que pegava mesmo!

Eu também achava e respeitava profundamente a srta. Mowcher por isso.

Tínhamos visto tudo o que havia para ver. Teria sido inútil dizer para um homem mistificador como o sr. Creakle que o Vinte e Sete e o Vinte e Oito continuavam os mesmos, irrecuperáveis; que exatamente o que eram naquele momento, tinham sido sempre; que os malandros hipócritas nada mais eram que os tipos certos para fazer aquelas confissões naquele lugar; que eles sabiam seu valor de mercado no mínimo tão bem como nós, o quanto isso lhes valeria quando fossem desterrados; em resumo, que aquilo era um negócio podre, oco, dolorosamente revelador. Nós os deixamos com seu sistema e uns com os

outros, e fomos para casa cheios de perguntas.

– Talvez seja bom, Traddles – disse eu –, ir até o fim de uma sandice para ela acabar mais depressa.

– Acredito que sim – replicou Traddles.

LXII

Brilha uma luz em meu caminho

Chegou a época do Natal, e eu estava em casa havia dois meses. Tinha visto Agnes com frequência. Por mais alta que fosse a voz pública a me estimular, e por mais ardentes que fossem as emoções e esforços que despertavam em mim, era a mais leve palavra de elogio vinda dela que eu ouvia mais que todo o resto.

Ao menos uma vez por semana, às vezes com mais constância, eu ia até lá e passava a tarde. Geralmente voltava à noite, pois a velha sensação de infelicidade estava sempre pairando sobre mim agora, mais triste ainda quando a deixava, e gostava de levantar e sair em vez de pensar sobre o passado em cansativa insônia ou sonhos infelizes. Passava a parte mais longa de muitas noites tristes nessas cavalgadas, revivendo na estrada os pensamentos que tinham me ocupado em minha longa ausência.

Ou, se eu disser que ouvia os ecos desses pensamentos, estarei expressando melhor a verdade. Eles me falam de longe. Eu os tinha afastado e aceitado meu lugar inevitável. Quando lia para Agnes o que havia escrito, quando via seu rosto atento, a levava a sorrisos ou lágrimas, e ouvia sua voz cordial tão empenhada nos eventos obscuros daquele mundo imaginário em que eu vivia, pensava qual poderia ter sido o meu destino, mas só pensava nisso como havia pensado, quando me casei com Dora, naquilo que desejava que minha mulher fosse.

Meu dever com Agnes, que me amava com um amor que eu não podia perturbar sem cometer o erro mais egoísta e vil, do qual jamais poderia me redimir; minha amadurecida certeza de que eu, que construíra meu próprio destino e conquistara aquilo em que havia empenhado com tanto ímpeto o coração, não tinha o direto de reclamar e devia tudo suportar; abrangia o que eu sentia e o que aprendera. Mas eu a amava: e agora se tornara até certo consolo para mim conceber vagamente o dia distante

em que poderia admitir sem culpa, quando tudo estivesse terminado, e eu pudesse dizer: “Agnes, foi assim quando voltei para casa. Agora estou velho e nunca amei desde então!”.

Ela nunca me revelou nenhuma mudança nela mesma. O que ela sempre havia sido para mim, continuava sendo, inalterada.

Entre minha tia e mim alguma coisa acontecera a esse respeito, desde a noite de minha volta, que não posso chamar de reserva ou fuga do assunto, mas sim um entendimento implícito de que pensávamos a mesma coisa, mas não expressávamos em palavras nosso pensamento. Quando, segundo o velho costume, nos sentávamos diante da lareira, sempre caímos nesse rumo, tão natural e consciente para cada um como se tivéssemos falado sem reservas. Mas guardávamos um silêncio nunca rompido. Eu acreditava que ela havia lido, ou lido em parte, meus pensamentos aquela noite, e que entendia plenamente por que eu não dava a eles livre expressão.

Com a proximidade do Natal, e como Agnes não me fez nenhuma confidência, começou a me oprimir pesadamente uma dúvida que muitas vezes havia surgido em minha mente: se ela podia ter a percepção do estado real de meu peito, isso a imobilizaria com o medo de me magoar. Se assim fosse, meu sacrifício não significava nada; minha mais simples gratidão a ela se frustrava e cada erro que eu evitara, eu cometia a toda hora. Decidi acertar isso além de qualquer dúvida: se havia entre nós essa barreira, ia quebrá-la imediatamente com mão firme.

Era um dia frio, áspero, de inverno: que razão eterna tenho para lembrar! Nevara algumas horas antes; e a neve cobria o chão, não profunda, mas semicongelada. No mar, além da janela, o vento soprava duramente do norte. Eu pensava no vento, soprando sobre as vastidões geladas na Suíça, então inacessíveis a qualquer pé humano, especulara o que seria mais solitário: aquelas regiões geladas ou o deserto do oceano.

– Vai sair a cavalo hoje, Trot? – minha tia perguntou, pondo a cabeça pela porta.

– Vou – respondi. – Vou a Canterbury. O dia está bom para cavalgar.

– Espero que seu cavalo concorde – disse minha tia –, porque no momento ele está com a cabeça e as orelhas baixas, parado na frente da

porta como se preferisse o estábulo.

Devo observar que minha tia havia admitido meu cavalo em solo proibido, mas não relaxara em nada quanto aos burros.

– Logo vai estar melhor – eu disse.

– De qualquer forma, a cavalgada vai fazer bem ao dono –minha tia observou, espiando os papéis na mesa. – Ah, filho, você passa tantas horas aqui! Nunca pensei, quando eu lia livros, no trabalho que era escrever um.

– Às vezes, já é trabalho demais ler um livro – repliquei. – Quanto a escrever, tem os seus encantos, tia.

– Ah, sei! – disse ela. – Ambição, prazer no aplauso, aprovação e muito mais, quem sabe? Bom, vá de uma vez!

– Sabe de mais alguma coisa – perguntei, parado comportadamente à sua frente enquanto ela alisava meu ombro e sentava em minha cadeira – sobre aquela afeição secreta de Agnes?

Ela ficou olhando meu rosto um instante, antes de responder:

– Acho que sim, Trot.

– A senhora confirma sua impressão? – perguntei.

– Acho que sim, Trot.

Ela olhou para mim com tanta firmeza, com uma espécie de dúvida, ou pena, ou suspense em seu carinho, que reuni toda a minha mais forte determinação para mostrar a ela uma expressão totalmente alegre.

– E sabe o que mais, Trot... – disse ela.

– O quê?

– Acho que Agnes vai se casar.

– Com a bênção de Deus! – eu disse, alegremente.

– Com a bênção de Deus! – minha tia falou. – Para ela e o marido!

Eu repeti, me despedi de minha tia, desci a escada pisando leve, montei e segui. Havia uma razão ainda maior para fazer o que havia decidido fazer.

Como me lembro bem do trajeto invernal! As partículas de gelo sopradas das lâminas de grama pelo vento e lançadas contra meu rosto, o duro bater dos cascos do cavalo com seu ritmo no chão, o solo rígido, a

neve caindo, voejando leve no calcário quando a brisa a agitava, no alto do morro, a parelha fumegante com a carroça velha de feno parando para respirar, sacudindo seus sinos musicais, as encostas e ladeiras dos morros brancos de calcário contra o céu escuro, como se desenhadas numa grande lousa!

Encontrei Agnes sozinha. As meninas tinham ido para suas casas e ela estava só diante da lareira, lendo. Deixou o livro ao me ver entrar; e me dando as boas-vindas de sempre, pegou a cesta de costura e sentou-se junto a uma das janelas antigas.

Sentei ao lado no banco da janela e conversamos sobre o que eu estava fazendo e quando estaria terminado, quanto havia progredido desde minha última visita. Agnes estava muito alegre; e rindo previu que eu logo seria famoso demais para ela poder conversar comigo desses assuntos.

– Então quero aproveitar ao máximo o momento presente, sabe – disse ela –, para conversar com você enquanto posso.

Quando olhei seu lindo rosto, atento na costura, ela ergueu os olhos límpidos e suaves e viu que eu estava olhando para ela.

– Está pensativo hoje, Trotwood!

– Agnes, quer que eu te conte por quê? Vim para te dizer.

Ela deixou de lado a costura, como costumava fazer quando discutíamos alguma coisa séria, e me deu sua total atenção.

– Minha querida Agnes, você duvida que eu seja sincero com você?

– Não! – ela respondeu, com um ar de assombro.

– Duvida que eu seja o que sempre fui para você?

– Não! – respondeu, como antes.

– Lembra como tentei falar, quando voltei da viagem, da dívida de gratidão que tinha com você, Agnes, querida, e como era ardente meu sentimento por você?

– Me lembro muito bem – ela respondeu, baixinho.

– Você tem um segredo – eu disse. – Quero que reparta comigo, Agnes.

Ela baixou os olhos, estremeceu.

– Eu não podia deixar de notar, mesmo que não tivesse sabido, mas

por outros lábios que não os seus, Agnes, o que parece estranho, que existe alguém em quem você deposita o tesouro de seu amor. Não me deixe de fora do que diz respeito tão de perto à sua felicidade! Se pode confiar em mim, como diz que pode e sei que pode, me deixe ser seu amigo, seu irmão, nesse assunto mais que em todos os outros!

Com um olhar suplicante, quase de censura, ela se levantou do banco da janela, atravessou a sala depressa como se não soubesse para onde ir, levou as mãos ao rosto e irrompeu em lágrimas que machucaram meu coração.

E no entanto elas despertaram alguma coisa em mim, levando promessa ao meu coração. Sem saber por que, aquelas lágrimas se aliaram ao sorriso triste que estava tão presente em minha lembrança, e me abalou mais com esperança do que com medo ou tristeza.

– Agnes! Minha irmã! Querida! O que foi que eu fiz?

– Deixe eu me retirar, Trotwood. Não estou bem. Não estou em mim. Converso com você depois, algum outro dia. Escrevo para você. Não fale comigo agora. Não! Não!

Busquei relembrar o que ela havia dito quando conversei com ela naquela noite, da afeição que não exigia ser correspondida. Parecia todo um mundo que eu tinha de explorar em um momento.

– Agnes, não suporto ver você assim e pensar que é por minha causa. Minha querida, mais querida para mim que qualquer coisa na vida, se está infeliz, me deixe partilhar sua infelicidade. Se precisa de ajuda ou conselho, me deixe tentar te dar isso. Se tem mesmo um peso em seu coração, deixe que eu alivie esse peso. Por quem eu vivo agora, Agnes, senão por você?

– Ah, me deixe! Não estou bem! Outra hora! – era tudo que eu conseguia entender.

Seria um erro egoísta que estava me afastando? Ou, tendo uma pista para a esperança, havia algo se abrindo para mim que eu nem ousava pensar?

– Preciso dizer mais. Não posso deixar você ir assim! Pelo amor de Deus, Agnes, não vamos nos estranhar assim, depois de todos esses anos,

depois de tudo o que aconteceu nesse tempo! Devo falar com franqueza. Se tem alguma desconfiança de que eu vá invejar a felicidade que você dará; de que não vá me resignar a que tenha um protetor mais querido, de sua própria escolha; de que não vá conseguir, de meu isolamento, assistir à sua alegria, esqueça, porque não mereço nada disso! Não sofri em vão. Você não me ensinou em vão. Não existe egoísmo no que sinto por você.

Ela estava calada. Um momento depois, voltou para mim o rosto pálido e disse em voz baixa, interrompida aqui e ali, mas muito clara.

– É meu dever, Trotwood, em nome da amizade pura que tem por mim, da qual, de verdade, eu não duvido, dizer que você está enganado. Não posso dizer mais. Se algumas vezes, ao longo dos anos, precisei de ajuda e conselho, eles vieram a mim. Se algumas vezes fiquei infeliz, a sensação passou. Se algum dia tive um peso em meu coração, ele foi aliviado para mim. Se tenho algum segredo, não é... nada novo. E não é... o que você pensa. Não posso revelar ou dividir esse segredo. É meu há muito tempo e tem de continuar meu.

– Agnes! Fique! Um momento!

Ela estava indo embora, mas a detive. Passei meu braço por sua cintura. "Ao longo dos anos!" "Não é nada novo!" Novas ideias e esperanças se agitavam em minha cabeça, e todas as cores de minha vida estavam mudando.

– Minha querida Agnes! Que eu tanto respeito e honro... que eu tanto amo com devoção! Quando vim para cá hoje, pensei que nada poderia arrancar de mim esta confissão. Pensei que seria capaz de guardá-la dentro do peito durante toda a nossa vida, até envelhecermos. Mas, Agnes, se tenho de fato alguma esperança recém-nascida de poder chamar você de alguma outra coisa que irmã, muito diferente de irmã!...

Suas lágrimas caíam depressa, mas não eram como as que havia derramado antes, e vi minha esperança iluminar-se com elas.

– Agnes! Meu guia sempre e meu maior apoio! Se você tivesse pensado mais em si mesma e menos em mim, quando crescemos juntos aqui, acho que meu fascínio jamais teria se afastado de você. Mas você era tão melhor que eu, tão necessária a mim em todas as esperanças e decepções

de menino, que confiar em você e contar com você em tudo se tornou uma segunda natureza, suplantando naquele momento a primeira e maior: amar você como amo agora!

Ela ainda chorava, mas sem tristeza... de alegria! E nos meus braços como nunca tinha estado, como pensei que nunca estaria!

– Quando amei Dora... com ternura, Agnes, você bem sabe...

– Sei! – ela exclamou, de verdade. – E gostei de saber!

– Quando amei Dora, mesmo naquela hora, meu amor teria sido incompleto sem a sua aprovação. Que eu tive, e foi perfeito. E quando perdi Dora, Agnes, o que teria sido de mim sem você?

Mais próxima em meus braços, mais junto de meu coração, a mão trêmula em meu ombro, os olhos doces brilhando através das lágrimas, nos meus!

– Fui embora, Agnes querida, porque te amava. Fiquei longe, porque te amava. Voltei para casa, porque te amo!

E então tentei contar a ela da luta que havia travado e da conclusão a que havia chegado. Tentei abrir a minha alma a ela, sinceramente, completamente. Tentei mostrar a ela que minha esperança era ter chegado a um melhor conhecimento de mim mesmo e dela; que tinha renunciado ao que esse maior conhecimento produzira; e que havia chegado ali, mesmo naquele dia, fiel a isso. Se ela me amasse de fato (falei), podia me aceitar por marido, podia fazer isso, não por merecimento meu, mas pela sinceridade de meu amor por ela e pelo sofrimento que o havia amadurecido para ser o que era e que assim revelei a ela. E ó, Agnes, em seus olhos sinceros, naquele mesmo momento, o espírito de minha filhesposa olhava para mim dizendo que estava tudo bem, conquistando para mim, através de você, as mais ternas lembranças da flor que morreu em botão!

– É uma bênção tão grande para mim, Trotwood... meu coração está tão pleno... mas tenho de dizer uma coisa.

– Minha querida, o quê?

Ela pousou as mãos delicadas em meus ombros e olhou com calma o

meu rosto.

– Não sabe ainda o que é?

– Tenho medo de perguntar. Me diga, meu amor.

– Eu amei você a minha vida inteira!

Ah, como éramos felizes, felizes! Nossas lágrimas não eram pelas vicissitudes (as delas, tão maiores) que havíamos enfrentado para chegar ali, mas pelo arrebatamento de chegarmos ali, unidos para sempre!

Naquela tarde de inverno, saímos a caminhar pelos campos juntos, e a calma abençoada dentro de nós parecia ser compartilhada pelo ar gelado. As primeiras estrelas começaram a brilhar quando ainda estávamos lá e, erguendo os olhos para elas, agradecemos a Deus por nos ter guiado àquela tranquilidade.

À noite, ficamos juntos à mesma janela antiga, com a lua brilhando, Agnes com os olhos calmos olhando para ela, eu olhando para Agnes. Longas estradas se abriram então em minha mente; e vi um menino esgotado, maltrapilho, desamparado, abandonado, que viria a chamar de seu o coração que agora batia contra o meu.

No dia seguinte, quase na hora do jantar, comparecemos diante de minha tia. Ela estava no andar de cima, em meu escritório, disse Peggotty, que tinha orgulho de mantê-lo preparado e em ordem para mim. Nós a encontramos de óculos, sentada junto à lareira.

– Meu Deus! – exclamou minha tia, apertando os olhos contra a penumbra. – Quem é essa que você traz para casa?

– Agnes – respondi.

Como tínhamos combinado de não contar nada de início, minha tia não se perturbou. Lançou um olhar esperançoso para mim quando eu disse “Agnes”, mas vendo que eu estava igual a sempre, tirou os óculos em desespero e esfregou o nariz com eles.

Porém, cumprimentou Agnes afetuosamente; e logo estávamos na saleta de baixo, jantando. Minha tia pôs os óculos duas ou três vezes para olhar para mim, mas acabava tirando-os de novo, decepcionada, e

esfregava o nariz com eles. Para grande aflição do sr. Dick, que sabia que isso era um mau sinal.

– Por fim, tia – disse eu, depois do jantar –, falei com Agnes sobre o que a senhora me disse.

– Então, Trot – disse minha tia, ficando escarlate –, fez mal, e quebrou sua promessa.

– A senhora não está brava, tia, está? Tenho certeza de que não vai ficar quando souber que Agnes não tem nenhuma afeição infeliz.

– Que bobagem! – disse minha tia.

Como ela parecia incomodada, achei o melhor jeito de abreviar seu incômodo. Levei Agnes pelo braço até atrás da cadeira dela, e nós dois nos curvamos sobre ela. Minha tia bateu as mãos uma vez, deu uma olhada com os óculos e imediatamente ficou histérica, pela primeira e única vez desde que a conheci.

A histeria atraiu Peggotty. No momento em que minha tia se recuperou, voou em cima de Peggotty, dizendo que era uma velha idiota e abraçou-a com toda a força. Depois, abraçou o sr. Dick (que ficou muito honrado, mas bastante surpreso) e em seguida contou a eles o porquê. Então ficamos todos contentes.

Eu não conseguia concluir se minha tia, em sua última breve conversa comigo, havia encenado uma piedosa fraude, ou se realmente entendera errado meu estado de espírito. Bastava, disse ela, ter dito que Agnes ia se casar e que eu agora sabia melhor do que ninguém como isso era verdade.

Casamos duas semanas depois. Traddles e Sophy, o dr. e a sra. Strong foram os únicos convidados de nosso casamento discreto. Nós os deixamos cheios de alegria e fomos embora juntos. Presa em meu abraço, eu levava comigo a fonte de todas as aspirações que já tivera, o centro de mim mesmo, o círculo de minha vida, minha esposa, só minha, meu amor sólido como uma rocha!

– Meu querido marido! – Agnes disse. – Agora que posso te chamar assim, tenho mais uma coisa a dizer.

– Me diga, meu amor.

– É sobre a noite em que Dora morreu. Ela mandou você me chamar.

– Mandou.

– Ela me disse que me deixava algo. Imagina o que era?

Achei que sabia, sim. Puxei a esposa que sempre me amara tanto para mais perto de mim.

– Ela disse que queria me fazer um último pedido e me dar um último encargo.

– E era...

– Que só eu ocupasse o lugar dela.

Agnes deitou a cabeça em meu peito e chorou; e chorei com ela, embora estivéssemos tão felizes.

LXIII

Uma visita

O que me propus a registrar está quase terminado; mas há ainda um incidente notável em minha memória, no qual ela sempre se detém com prazer e sem o qual um fio da trama que teci ficaria emaranhado.

Eu progredira em fama e fortuna, minha alegria doméstica era perfeita, estava casado havia dez anos felizes. Agnes e eu estávamos sentados diante da lareira em nossa casa em Londres, uma noite de primavera, e três de nossos filhos brincavam na sala, quando me disseram que um estranho queria falar comigo.

Perguntaram se vinha a negócios, e respondera que não; tinha vindo pelo prazer de me ver e viera de muito longe. Era um velho, disse a criada, e parecia camponês.

Como isso pareceu misterioso para as crianças, e além disso era como o começo de uma das histórias favoritas que Agnes lhes contava, introduzindo a chegada de uma fada má com uma capa, que odiava todo mundo, o fato produziu alguma comoção. Um dos nossos meninos apoiou a cabeça no colo da mãe para estar protegido de qualquer mal, e a pequena Agnes (nossa filha mais velha) deixou a boneca numa cadeira para representá-la e pôs seu pequeno feixe de cachos dourados entre as cortinas para ver o que ia acontecer em seguida.

– Mande entrar aqui! – disse eu.

Logo apareceu, e fez uma pausa na porta escura, um velho forte, de cabelo grisalho. A pequena Agnes, atraída por seu aspecto, correra para fazê-lo entrar, e eu ainda não tinha visto com clareza seu rosto quando minha esposa sobressaltou-se e gritou para mim, com voz alegre e agitada, que era o sr. Peggotty!

Era *de fato* o sr. Peggotty. Velho agora, mas de uma velhice corada, saudável, forte. Quando superamos a emoção inicial e nos sentamos diante da lareira com as crianças em seus joelhos e seu rosto iluminado

pelo fogo, ele olhou para mim, tão robusto e vigoroso, um velho tão bonito como eu nunca tinha visto.

– Seu Davy – disse ele. E o velho nome em sua velha voz caiu muito naturalmente em meus ouvidos. – Seu Davy, que hora feliz encontrar o senhor mais uma vez do lado da sua legítima esposa!

– Uma hora feliz de fato, meu amigo! – exclamei.

– E estas belezas aqui – disse o sr. Peggotty. – Olhe essas flores aqui! Ora, seu Davy, o senhor era do tamanho desse pequeninho aqui quando veio na minha casa a primeira vez! Quando Em'ly não era maior que isso e o nosso pobre rapaz não passava de um menino!

– O tempo fez mais mudanças em mim do que no senhor – disse eu. – Mas esses malandrinhos aqui agora vão para a cama, e como nenhuma outra casa na Inglaterra pode hospedar o senhor além desta aqui, me diga onde mando buscar sua bagagem (imagino se a velha sacola preta ainda existe!) e então, com um copo de grogue de Yarmouth, vamos pôr em dia estes dez anos!

– O senhor está sozinho? – Agnes perguntou.

– Estou, sim, senhora – disse ele, beijando a mão dela –, sozinho.

Nós o pusemos sentado entre nós, sem saber como lhe dar as melhores boas-vindas; e quando comecei a ouvir sua voz familiar, podia imaginar que ele ainda estava em sua longa busca da sobrinha querida.

– É muita água pra atravessar – disse o sr. Peggotty –, e passar aqui só umas quatro semana. Mas água, principalmente quando é salgada, é coisa natural pra mim. E amigos chegado, eu aqui sossegado... Até rimou – disse o sr. Peggotty, surpreso com a descoberta –, se bem que sem intenção.

– Vai atravessar toda essa distância outra vez logo? – Agnes perguntou.

– Vou, sim, senhora – ele respondeu. – Prometi pra Em'ly antes de partir. Sabe, eu não fico nada mais moço com os ano passando, e se não viesse agora, é capaz que não vinha nunca mais. E tava sempre com isso na cabeça: *tenho* de ir ver o seu Davy e a senhora, tão florida na felicidade do casamento, antes que eu fique demais de velho.

Ele olhou para nós como se não pudesse fartar seus olhos. Sorridente, Agnes afastou umas mechas de seu cabelo branco para que pudesse nos ver melhor.

– E agora conte – eu pedi – o que o destino reservou para vocês.

– Nosso destino, seu Davy – ele prosseguiu –, não demora pra contar. Nós não passamo necessidade, não, conseguimos foi prosperar. Prosperar sempre. Trabalhamos pra isso, e quem sabe foi um pouco duro no começo, mais ou menos, mas a gente sempre prosperando. Com a criação de ovelha, a criação de gado, mais isto e aquilo a gente tá tão bem como podia estar. Nós fomo muito abençoado – disse o sr. Peggotty, inclinando a cabeça com reverência –, e não fizemo outra coisa senão prosperar. Quer dizer, com esperança. Se não ontem, então hoje. Se não hoje, então amanhã.

– E Em'ly? – Agnes e eu perguntamos ao mesmo tempo.

– A Em'ly – disse ele –, depois que a senhora despediu dela, e quando a gente tava instalado no sertão, eu nunca vi ela rezar de noite sem dizer o seu nome do outro lado da cortina, e depois que ela e eu perdemo de vista o seu Davy naquele pôr do sol... Ela ficou tristonha, no começo, mas se tinha sabido naquela hora o que o seu Davy teve a bondade e a consideração de não contar pra gente, o que eu acho é que ela tinha definhado. Mas uns pobre coitado que estava a bordo com uma doença ruim no meio deles, ela cuidou deles, e tinha as crianças do nosso grupo que ela cuidou, e estava sempre tão ocupada, fazendo o bem, que isso ajudou ela.

– Quando ela ficou sabendo? – perguntei.

– Eu escondi dela quando fiquei sabendo – disse o sr. Peggotty – por um ano mais ou menos. A gente tava vivendo num lugar solitário, mas no meio das árvore mais linda e com rosa cobrindo a gente até o teto. Um belo dia, quando eu tava trabalhando no campo, apareceu um viajante da nossa Norfolk ou Suffolk na Inglaterra (não lembro direito qual), e claro que recebemo ele, demos de comer, de beber, e hospedamo. Todo mundo faz isso, a colônia lá toda. Ele tinha um jornal velho com ele, e uma notícia da tempestade. Foi assim que ela ficou sabendo. Quando eu voltei pra casa de noite, descobri que ela sabia.

Ele baixou a voz ao dizer essas palavras, e a gravidade de que tanto me lembrava dominou o seu rosto.

– Ela ficou muito alterada? – perguntei.

– Ficou, um bom tempo – disse ele, sacudindo a cabeça –, quem sabe até hoje mesmo. Mas acho que a solidão fez bem pra ela. E tinha muita coisa pra pensar com as galinhas e o resto que ela cuidava e superou. Eu nem sei – disse ele, pensativo –, se o senhor visse a minha Em'ly agora, seu Davy, se o senhor reconhecia!

– Ela mudou muito? – perguntei.

– Não sei. Eu vejo ela todo dia, não sei; mas às vez eu penso que mudou. O corpo magro – disse o sr. Peggotty olhando o fogo –, meio gasto; o olho azul suave, pensativo, tristonho; a cara delicada; a cabeça bonita, um pouco de lado; a voz baixa... tímida quase. Essa é a Em'ly!

Ficamos a observá-lo em silêncio enquanto ele olhava o fogo.

– Tem gente que acha – disse ele – que ela entregou errado o amor dela; tem gente que acha que o casamento dela acabou com morte. Ninguém sabe como é. Ela podia ter casado bem, uma porção de vez, "mas, tio", ela fala pra mim, "isso acabou pra sempre". Alegre quando está comigo, reservada quando tem mais gente perto, feliz de andar qualquer distância pra ensinar uma criança, pra cuidar dum doente, pra fazer qualquer bondade nalgum casamento de uma moça (e ela fez muitos, mas nunca assistiu nenhum), sempre a mesma ternura de amor com o tio. Os doente, os moço e velho tudo gosta dela, sempre procurada pra qualquer problema. É essa a Em'ly!

Ele passou a mão no rosto e, com um suspiro contido, ergueu os olhos do fogo.

– Martha ainda está com vocês? – perguntei.

– A Martha casou, seu Davy – ele respondeu. – No segundo ano. Com um rapaz, camponês, que passava pela nossa casa a caminho do mercado com a carroça do patrão, viagem de oitocentos quilômetro, ida e volta, propôs de casar com ela (esposa tem pouca naqueles lado), e aí foram morar os dois no sertão. Ela falou pra mim pra contar pra ele a história verdadeira dela. Eu contei. Os dois casaram e vive longe, seiscentos

quilômetro, longe de tudo quanto é voz menos as deles e do canto dos passarinho.

– A senhora Gummidge? – sugeri.

Era uma nota agradável de se tocar, pois o sr. Peggotty de repente caiu na gargalhada, esfregou as mãos na calça para cima e para baixo, como costumava fazer quando estava satisfeito em seu barco naufragado havia muito.

– O senhor não vai acreditar! – disse ele. – Pois fizeram proposta até pra casar com *ela*! Pois não é que um cozinheiro de navio que estava virando colono, seu Davy, propôs de casar com a dona Gummidge, e eu fiquei pasmo... não sei nem o que dizer!

Nunca vi Agnes dar tanta risada. Essa súbita animação do sr. Peggotty a deliciou tanto que não conseguia parar de rir. E quanto mais ela ria, mais me fazia rir, e quanto maior a animação do sr. Peggotty, mais ele esfregava as pernas.

– E o que senhora Gummidge disse? – perguntei, quando consegui ficar sério.

– O senhor não vai acreditar – retomou o sr. Peggotty –, mas a dona Gummidge, em vez de dizer "muito obrigada, não vou mudar de condição nesta altura da vida", pegou um balde que estava ali perto e desceu na cabeça do cozinheiro de navio até ele gritar pedindo socorro, aí eu entrei e salvei ele.

O sr. Peggotty caiu numa grande gargalhada rouca e Agnes e eu lhe fizemos companhia.

– Mas tenho de dizer uma coisa por essa boa criatura – ele retomou, enxugando o rosto quando estávamos exaustos –; ela foi tudo o que disse que ia ser e ainda mais. É a ajudante mais dedicada, mais fiel, mais honesta, que já viveu neste mundo, seu Davy. Nunca vi ela sozinha e abandonada nem um minuto, nem quando a colônia tava toda na frente da gente e nós novo ali. E pensar no velho dela é uma coisa que ela nunca mais fez, garanto pro senhor, desde que foi embora da Inglaterra!

– Agora, por último, mas não menos importante, o senhor Micawber – disse eu. – Ele pagou todas as dívidas que contraiu aqui, até a conta com

Traddles, você se lembra, Agnes?, portanto podemos concluir que ele está bem. Mas quais as últimas novidades dele?

Com um sorriso, o sr. Peggotty pôs a mão no bolso do peito e tirou um pacote de papel chato, do qual removeu, com muito cuidado, um jornal que parecia muito velho.

– Preciso explicar, seu Davy – disse ele –, que agora, como a gente tá bem de vida, saiu do sertão, e foi direto pra Port Middlebay Harbor, onde tem o que a gente chama de cidade.

– O senhor Micawber estava no sertão perto de vocês? – perguntei.

– Benza Deus, estava, sim, senhor – disse o sr. Peggotty –, e com muito afinco. Acho que nunca mais vou conhecer nenhum cavalheiro que trabalhe com tanto afinco. Eu vi aquela cabeça careca dele suando no sol, seu Davy, que parecia que ia derreter. E ele agora é magistrado.

– Magistrado, é? – perguntei.

O sr. Peggotty apontou certo parágrafo do jornal *Port Middlebay Times* em que li em voz alta o seguinte:

> ☛ O jantar público ao nosso distinto companheiro colonizador e cidadão, CAVALHEIRO WILKINS MICAWBER, magistrado distrital de Port Middlebay, foi realizado ontem no salão do Hotel, que estava lotado de sufocar. Estima-se que nada menos que quarenta e sete pessoas devam ter se acomodado para jantar em determinado momento, sem contar a ocupação do corredor e da escada. A beleza, a moda e tudo que é exclusivo em Port Middlebay se reuniram em honra de alguém tão merecidamente estimado, tão extremamente talentoso e tão amplamente popular. O dr. Mell (da Escola Primária Colonial Salem House, Port Middlebay) presidiu a solenidade, e à sua direita sentou-se o distinto convidado. Terminada a refeição e cantado o Non Nobis (lindamente executado e no qual não pudemos deixar de distinguir as notas do dotado amador, CAVALHEIRO WILKINS MICAWBER, JR.), foram feitos os tradicionais brindes leais e patrióticos, recebidos com entusiasmo. O dr. Mell, num discurso repleto de sentimento, propôs então: "Nosso distinto convidado, ornato de nossa cidade. Possa ele jamais nos deixar, mas crescer sempre, e possa seu sucesso entre nós ser tamanho que torne impossível qualquer melhoramento!". Os vivas com que o brinde foi recebido foram indescritíveis. Os copos subiam e desciam como as ondas do oceano. Por fim, tudo se aquietou e o CAVALHEIRO WILKINS MICAWBER apresentou-se para agradecer. Longe de nós, no atual estado comparativamente imperfeito dos recursos de nossa instituição, tentar acompanhar nosso distinto cidadão nos fluentes parágrafos de seu discurso brilhante e de grande erudição! Basta dizer que foi uma obra-prima de eloquência; e que as passagens em que ele traçou mais particularmente sua bem-sucedida carreira desde a origem, e alertou a porção mais jovem da plateia sobre o lodaçal de jamais incorrer em obrigações pecuniárias que não sejam capazes de liquidar, trouxeram lágrimas mesmo aos olhos

mais varonis. Os demais brindes foram ao DR. MELL; à SRA. MICAWBER (que graciosamente agradeceu de uma porta lateral, onde uma galáxia de beldades subira às cadeiras para assistir à cena e adorná-la); à SRA. RIDGER BEGS (nascida srta. Micawber); SRA. MELL; CAVALHEIRO WILKINS MICAWBER, JR. (que levou a plateia ao riso convulsivo ao observar espirituosamente que se achava incapaz de agradecer com um discurso, mas que podia fazê-lo, se permitissem, com uma canção); à FAMÍLIA DA SRA. MICAWBER (bem conhecida em sua terra natal, como é desnecessário observar) etc. etc. etc. Concluídas as cerimônias, as mesas foram retiradas como por mágica para o baile. Entre os adeptos de TERPSÍCORE que se divertiram até o deus Sol dar o sinal para se retirarem, o cavalheiro Wilkins Micawber, Jr. e sua adorável e dotada acompanhante, srta. Helena, quarta filha do dr. Mell, foram particularmente notados.

Eu estava vendo com prazer o nome do dr. Mell, satisfeito por identificar, nessas circunstâncias mais felizes, o sr. Mell, antigo professor oprimido de nosso magistrado de Middlesex, quando o sr. Peggotty apontou outra parte do jornal e meus olhos toparam com meu próprio nome, lendo assim:

AO CAVALHEIRO DAVID COPPERFIELD
EMINENTE ESCRITOR

Meu caro senhor,

Anos se passaram desde que tive a oportunidade de observar com meus próprios olhos os traços ora familiares à imaginação de uma porção considerável do mundo civilizado.

Porém, caro senhor, embora ausente (por força de circunstâncias que escapavam ao meu controle) da associação pessoal com o amigo e companheiro de minha juventude, não ignorei sua vertiginosa ascensão. Nem me deixei impedir,

Apesar do bramido dos mares entre nós,

(BURNS) de participar dos banquetes intelectuais que ele nos apresentou.

Não posso, portanto, permitir que parta deste lugar um indivíduo que ambos estimamos e respeitamos mutuamente sem, meu caro senhor, aproveitar esta oportunidade pública para agradecer em meu próprio nome e, posso acrescentar, de todos os moradores de Port Middlebay, pelas gratificações de que o senhor é o agente provedor.

Prossiga, meu caro senhor! Seu nome não é desconhecido aqui, o senhor não é pouco apreciado. Embora “remotos”, não somos nem “inamistosos”, nem “melancólicos”, nem (posso acrescentar) “lerdos”. Prossiga, meu caro senhor, em seu curso de águia! Os moradores de Port Middlebay podem ao menos aspirar acompanhá-lo com prazer, com entretenimento, com instrução!

Entre os olhos erguidos em sua direção deste lado do globo, estarão sempre, enquanto tiverem luz e vida,

os

olhos

pertencentes a

WILKINS MICAWBER,

Magistrado.

Olhando o resto do jornal, descobri que o sr. Micawber era um diligente e estimado correspondente da publicação. Havia outra carta dele no mesmo exemplar, referente a uma ponte; havia um anúncio de uma coleção de cartas semelhantes escritas por ele, a ser reeditada em breve, num belo volume, “com diversos acréscimos”, e, a menos que muito me enganasse, o artigo do editorial também era dele.

Conversamos muito sobre o sr. Micawber nas muitas noites que o sr. Peggotty passou conosco. Ele ficou em nossa casa durante quase toda a sua estada, que, acredito, durou pouco menos de um mês, e sua irmã e minha tia vieram a Londres para vê-lo. Agnes e eu nos despedimos dele a bordo do navio quando ele partiu, e nunca mais nos despediremos dele nesta terra.

Mas antes de partir, ele foi comigo até Yarmouth, para ver a pequena placa que eu havia mandado pôr na igreja em memória de Ham. Quando estava copiando a pedido dele a inscrição simples, vi que ele se curvou, recolheu um tufo de grama e um punhado de terra.

– Pra Em’ly – disse, guardando aquilo junto ao peito. – Prometi pra ela, seu Davy.

LXIV

Um último retrospecto

E aqui termina a minha história escrita. Olho para trás – uma vez mais –, pela última vez, antes de fechar estas páginas.

Vejo a mim, com Agnes ao lado, percorrendo a estrada da vida. E nessa viagem, vejo nossos filhos e amigos à nossa volta; e escuto o rumor de muitas vozes, não indiferentes a mim.

Que rostos são mais nítidos para mim na multidão que passa? Oh, estes todos que se voltam para mim quando faço a pergunta a meus pensamentos.

Eis minha tia, com óculos fortes, uma velha com mais de oitenta anos, mas ainda ereta, caminhando com firmeza nove quilômetros de uma vez em pleno inverno.

Sempre ao lado dela, ali vem Peggotty, minha boa babá, igualmente de óculos, acostumada a costurar à noite muito perto do lampião, mas nunca trabalhando sem um pedaço de cera de vela, uma fita métrica numa casinha e uma caixa de costura com a figura da Saint Paul na tampa.

As faces e braços de Peggotty, tão firmes e vermelhos em meus dias de criança, quando eu me perguntava por que os pássaros não a bicavam em lugar das maçãs, estão enrugados agora. E seus olhos, que podiam sombrear todo seu rosto em torno, estão mais brandos (embora brilhem ainda). Mas seu áspero indicador, que um dia associei a um ralador de noz-moscada, continua o mesmo, e quando vejo meu filho menor o agarrando quando dá seus primeiros passos de minha tia até ela, penso em nossa saleta em casa, quando eu mal sabia andar. A velha decepção de minha tia está aplacada agora: ela é madrinha de uma Betsey Trotwood de verdade; e Dora (a filha seguinte) diz que minha tia a mima.

Há um volume no bolso de Peggotty. Não é nada menos que o Livro do Crocodilo que a esta altura se encontra em mau estado, com diversas

folhas rasgadas e costuradas, mas que Peggotty mostra às crianças como uma relíquia preciosa. Acho curioso ver meu próprio rosto infantil, olhando para mim nas histórias do Crocodilo, e me lembrar com isso de meu antigo conhecido Brooks de Sheffield.

Entre os meus meninos, nestas férias de verão, vejo um velho fazendo pipas gigantescas e observando-as no ar, com um prazer indescritível. Ele me cumprimenta entusiasmado e sussurra com muitos movimentos de cabeça e piscadas:

– Trotwood, você vai gostar de saber que vou terminar o Memorial quando não tiver mais nada para fazer, e que sua tia é a mulher mais extraordinária do mundo!

Quem é essa senhora curvada, apoiada numa bengala, que me mostra um rosto onde há traços de antigo orgulho e beleza, lutando debilmente com um queixoso, imbecil, inquieto desvario mental? Ela está num jardim e ao lado dela há uma mulher seca, dura, escura, com uma cicatriz branca no lábio. Ouçamos o que dizem.

– Rosa, esqueci o nome desse cavalheiro.

Rosa se curva sobre ela, diz:

– Senhor Copperfield.

– Prazer em encontrar o senhor. Sinto observar que está de luto. Espero que o tempo seja bondoso com o senhor!

A acompanhante impaciente ralha com ela, diz que não estou de luto, pede que olhe de novo, tenta animá-la.

– Esteve com meu filho? – pergunta a velha senhora. – Se reconciliaram?

Olhando fixamente para mim, ela leva a mão à testa e geme. De repente, grita, com uma voz terrível:

– Rosa, venha cá. Ele está morto! – Rosa se ajoelha a seus pés, alterna carinhos e zangas, ora dizendo ferozmente: – Eu amava seu filho mais do que a senhora! –, ora a ninando ao peito como uma criança doente. Assim as deixo, assim sempre as encontro, assim elas esgotam seu tempo, ano após ano.

Que navio é esse que vem da Índia e que dama inglesa é essa, casada

com um velho e rabugento milionário escocês com imensas orelhas. Pode ser Julia Mills?

De fato, é Julia Mills, caprichosa e bonita, com um negro que lhe traz cartas e cartões numa salva de ouro e uma mulher cor de cobre de roupa branca e um lenço colorido na cabeça que a serve de bandeja em sua saleta. Mas Julia não mantém mais nenhum diário; não canta mais "Lamento de amor", discutindo eternamente com o velho milionário escocês que é uma espécie de urso amarelo com a pele curtida. Julia vive mergulhada em dinheiro até o pescoço e não fala nem pensa em mais nada. Eu gostava mais dela no deserto do Saara.

Ou talvez esse seja o deserto do Saara! Pois, embora ela tenha uma mansão e amigos importantes, jantares suntuosos todo dia, não vejo nenhum verde crescer perto dela, nada que possa florir ou frutificar. O que Julia chama de "sociedade" eu vejo. Aí se encontra o sr. Jack Maldon, em seu posto de patente, desdenhando a mão que o deu a ele e chamando o doutor de "antiguidade encantadora", ao falar comigo. Mas quando, Julia, sociedade é o nome para esses ocos cavalheiros e damas, e quando classe é manifestar indiferença a tudo que possa fazer avançar ou regredir a humanidade, acho que devemos ter nos perdido nesse mesmo deserto do Saara, e melhor seria encontrar o caminho de volta.

E eis o doutor, sempre nosso bom amigo, trabalhando em seu Dicionário (em algum ponto da letra D), feliz em sua casa com sua esposa. E também a Velho Soldado, com um ritmo consideravelmente mais lento, de jeito nenhum tão influente quanto nos velhos tempos!

Trabalhando em sua sala na Temple, com aspecto ocupado e o cabelo (onde não está calvo) mais rebelde que nunca pela fricção constante da peruca de advogado, chego, mais para o fim, ao meu querido velho Traddles. Sua mesa está coberta com altas pilhas de papéis e digo, ao olhar em torno:

– Se Sophy fosse sua escrevente agora, Traddles, teria muito o que fazer!

– Pode dizer que sim, meu querido Copperfield! Mas os tempos que passamos em Holborn Court foram fundamentais, não foram?

– Quando ela disse que você seria juiz? Mas não era o que se dizia na

cidade na época!

– De qualquer forma, se algum dia eu for juiz...

– Ora, você sabe que vai ser.

– Bom, meu querido Copperfield, *quando* eu for juiz, contarei a história, como prometi.

Nós nos afastamos, de braços dados. Estou indo para um jantar familiar com Traddles. É aniversário de Sophy; e a caminho Traddles discursa para mim sobre a sorte que teve.

– Realmente consegui, meu querido Copperfield, fazer tudo o que me era mais querido. O reverendo Horace promovido e vivendo com quatrocentas e cinquenta libras anuais; nossos dois meninos recebendo a melhor educação, se distinguindo como estudantes dedicados e bons colegas; três das meninas casadas com muito conforto; outras três morando conosco; três cuidando da casa para o reverendo Horace desde a morte da senhora Crewler, e todos felizes.

– Exceto... – sugiro.

– Exceto a Bela – diz Traddles. – É. Foi muita infelicidade ela casar com um vagabundo daqueles. Mas havia em torno dele algum brilho e fascínio, e ela se deixou pegar. Mas agora está tranquila em nossa casa, livrou-se dele, e vamos fazer com que se alegre outra vez.

A casa de Traddles é uma das casas, ou pode bem ter sido, que ele e Sophy costumavam escolher em seus passeios noturnos. É uma casa grande, mas Traddles mantém seus papéis na sala de visitas e as botas junto com os papéis, enquanto ele e Sophy se espremem nos quartos de cima, reservando os melhores quartos para Bela e as meninas. Não há espaço livre na casa, pois as outras "meninas" estão sempre lá por uma razão ou outra que nem dá para contar. Ali, quando entramos, há uma multidão delas, que correm para a porta, passando Traddles de mão em mão para ser beijado, até ele ficar sem fôlego. Ali, instalada para todo o sempre, está a pobre Bela, viúva com uma filha pequena; ali, no jantar de aniversário de Sophy, estão as três meninas casadas, com seus maridos, e os irmãos de um dos maridos, mais o primo de outro marido, a irmã de outro marido, que parece estar noiva do primo. Traddles, exatamente o mesmo sujeito simples, sem afetação, que sempre foi, senta-se à

cabeceira da grande mesa como um patriarca, e Sophy abre um sorriso para ele na ponta oposta, por sobre um alegre espaço que certamente não rebrilha mais de alpaca.

E agora, ao encerrar minha tarefa, vencendo o meu desejo de continuar ainda, esses rostos se apagam. Mas um rosto, brilhando sobre mim como uma luz celestial à qual vejo todos os outros objetos, paira acima e além de todos eles. E lá se mantém.

Viro a cabeça e o vejo, em sua bela serenidade, ao meu lado. Meu lampião queima com luz baixa e escrevi noite adentro; mas a bela presença, sem a qual eu não seria nada, me faz companhia.

Ó Agnes, ó minha alma, que o seu rosto possa estar ao meu lado quando eu de fato encerrar a minha vida; que eu possa, quando as coisas do mundo se dissolverem de mim como as sombras que dissipo agora, ainda encontrar você a meu lado, apontando para o alto!



---

1 Empelicada é a criança nascida com a cabeça envolta na membrana amniótica, que contém o líquido que protege o feto de impactos. É crença popular em quase todas as culturas que isso constitui sinal de proteção especial. Na Inglaterra do século XIX, a presença dessa membrana era garantia de que a criança não morreria afogada. Se a membrana fosse passada a outra pessoa, a proteção seria transferida. [N. T.]

2 Títulos indianos: *babu* é pronome de tratamento para um cavalheiro hindu; *begum* tem o significado de "princesa" e é usado para senhoras muçulmanas. [N. T.]

3 "Am", sem o H expirado inicial, é a pronúncia popular de certas regiões da Grã-Bretanha.

4 "Quem é o maior no Reino dos Céus? Ele chamou perto de si uma criança, colocou-a no meio deles e disse: 'Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no Reino dos Céus'". (Mateus 18:1-3). [N. T.]

5 Mateus 25:23. [N. T.]

6 Corruptela do nome de Quinto Róscio Galo, famoso ator romano do século i a C., que se tornou sinônimo de talento teatral. "Jovem Róscio" era apelido do ator infantil William Henry West Betty, que fez sucesso no teatro londrino na primeira década do século XIX. [N. T.]

7 Refrão da música popular "As I was a driving my waggon one day", de 1780: "*Gee up, Dobbin,/ Gee ho, Dobbin,/ Gee up, Dobbin,/ Gee up, and gee ho-o-o!*". [N. T.]

8 “Take him for all in all”, ato I, cena II de *Hamlet*. [N. T.]

9 Canção popular em 1811, música de John Braham, letra de S. J. Arnold. [N. T.]

10 *Murderer*, cuja sonoridade é próxima do nome de Murdstone, significa “assassino”. [N. T.]

11 “Auld lang syne”, também conhecida como “a música que ninguém sabe inteira”, é um poema composto com versos coligidos em 1788 por Robert Burns (em parte de um poema anterior de 1711, composto por James Watson). Um trecho da letra é incompreensível mesmo para os escoceses, em cujo “dialeto” do inglês foram escritos os versos. Devidamente traduzida é entoada por várias culturas como despedida do Ano Velho e saudação do Ano Novo. No Brasil, com letra de Braguinha e João de Barro, é a “Valsa da despedida”, de 1941. [N. T.]

12 Da Idade Média até 1835, havia leões vivos em exibição na torre de Londres. [N. T.]

13 Panoramas eram painéis pintados giratórios que constituíam divertimento popular. O Museu Britânico foi fundado em 1759. [N. T.]

14 *“When the stormy winds do blow, do blow, do blow”*: refrão da balada “Vós, marinheiros da Inglaterra”, do poeta escocês Thomas Campbell, famoso na primeira metade do século XIX. [N. T.]

15 Na mitologia grega, Íxion é um rei mortal que tentou seduzir a deusa Hera, esposa de Zeus, e foi por este castigado a padecer por toda a eternidade preso no mundo subterrâneo a uma roda de fogo que girava sem cessar. [N. T.]

16 Referência à personagem Polly, de *A ópera do mendigo*, de John Gay (1724). [N. T.]

17 *Ricardo III*, ato V, cena 3. [N. T.]

18 *Otelo*, ato II, cena 3. [N. T.]

19 Cinco de novembro de 1605 é a data da Conspiração da Pólvora, em que o soldado inglês católico Guy Fawkes (cuja máscara é símbolo das manifestações de rua do início deste século XXI) tentou explodir a Câmara dos Lordes em Londres. [N. T.]

20 *Hamlet*, ato III, cena 1. [N. T.]

21 Do latim *rufus*, avermelhado, ruivo. Pessoas de cabelo vermelho, como Uriah, eram por vezes consideradas agourentas. Rufus refere-se também a Sérvio Sulpício Rufo, jurista romano do século I aC., discípulo de Cícero e admirador de sua filha.[N. T.]

22 Trinity House era a instituição responsável por faróis, boias e pilotos marítimos. Seus funcionários mais experientes assessoravam a corte do Almirantado em questões de navegação. [N. T.]

23 *Skittles* são os pinos do jogo de boliche. [N. T.]

24 Dois versos da canção “Auld lang syne”, de Robert Burns. [N. T.]

25 Verso das *Odes* de Horácio (*aequo pulsat pede*), refere-se à morte que bate igualmente à porta de ricos e pobres. [N. T.]

26 A Honorable Society of the Inner Temple é uma das quatro associações de advogados e juízes a que esses profissionais têm de estar vinculados. [N. T.]

27 *Macbeth*, ato I, cena 7. [N. T.]

28 Mateus, 25:40. [N. T.]

29 O Gigante Irlandês: Charles Byrne media 2,54 metros. Seu esqueleto ainda está em exibição no Royal College of Surgeons, em Londres. [N. T.]

30 O livro *Comentários sobre as leis da Inglaterra*, de Sir William Blackstone, era obra básica para os estudantes de direito. [N. T.]

31 Estadistas britânicos importantes do final do século XVIII e começo do XIX. [N. T.]

32 Dragão de Yorkshire, com fama de grande devorador de crianças e gado, personagem de uma balada cômica. [N. T.]

33 Balada de Thomas Moore. [N. T.]

34 Idem. [N. T.]

35 *Noite de reis*, ato II, cena 4. [N. T.]

36 *Hamlet*, ato I, cena 4. [N. T.]

37 "Não confessava este amor,/ E deixava o segredo, como um verme no botão,/ Consumir seu rosto de pêssego." *Noite de reis*, ato II, cena 4. [N. T.]

38 *Paragon* significa modelo de perfeição. [N. T.]

39 "Dick Whittington e seu gato", história do folclore inglês. Dick enriquece, faz um bom casamento e é eleito prefeito de Londres graças à habilidade de seu gato, grande caçador de ratos. [N. T.]

40 Do poema "Elegia", de Thomas Gray (1716-71). [N. T.]

41 Mateus VI, 19-20. [N. T.]

42 Nessa época da vida, Dickens estava envolvido com a reabilitação de prostitutas e com a possível emigração de mulheres "resgatadas" para a Austrália, onde começariam vida nova. [N. T.]

43 Livro de Jó 3:17 [N. T.]

44 *Macbeth*, ato I, cena 3. [N. T.]

45 *Hamlet*, ato III, cena 4. [N. T.]

46 "Para Thomas Moore", de Lorde Byron. [N. T.]

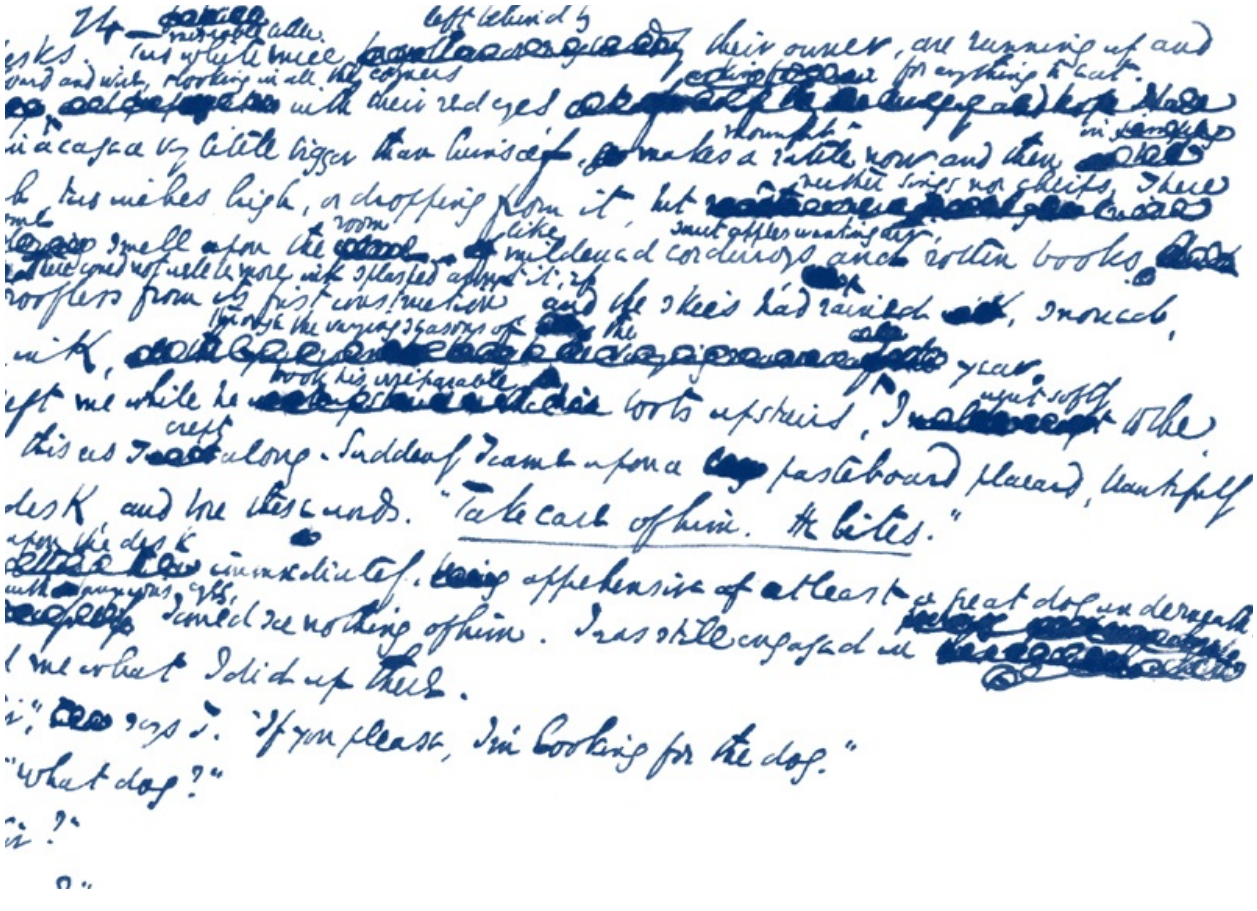
47 Do poema "Scots Wha Hae" ["Scots, Who Have"], de Robert Burns, escrito em 1793, e que durante muito tempo foi o hino informal da Escócia. [N. T.]

48 *Júlio César*, ato IV, cena 3. [N. T.]

49 Álbion é o nome celta da Grã-Bretanha. [N. T.]

50 Adrian van Ostade (1610-84), pintor holandês especializado em pinturas da vida cotidiana, muito admirado na Grã-Bretanha no século XIX. [N. T.]

51 Menção à história das irmãs que tinham inveja da irmã mais nova em *As mil e uma noites*. [N. T.]



SANDRA GUARDINI VASCONCELOS

VIRGINIA WOOLF

FORTUNA CRÍTICA: JEROME H. BUCKLEY

Prefácio à Norton Critical Edition

Sete romances de Dickens – de *Pickwick Papers* (1836) a *Dombey and Son* (1848) – antecedem *David Copperfield*, e sete o seguem – de *Bleak House* (1852) até o inacabado *Edwin Drood*, de 1870.[1] No centro da sequência, *David Copperfield* tem a vantagem da "centralidade" de tom, pois melhor que qualquer dos outros combina o humor e a movimentação brilhante dos primeiros escritos com algo da intensidade investigativa e da sóbria psicologia dos livros posteriores, mais sombrios. Tolstói, que situava Dickens acima de todos os escritores ingleses, considerava esse livro a maior realização de Dickens, e o capítulo da "Tempestade", sobretudo, o padrão pelo qual se deveria avaliar a boa ficção de todo o mundo. Embora outros leitores possam achar esse elogio exageradamente extravagante, *David Copperfield*, concluído em 1850, pode, de fato, ser o romance "central" em qualidade, assim como o é no tempo, de toda a tradição inglesa do século XIX. O livro tem amplitude, variedade de incidentes dramáticos, comédia, *pathos*, sátira e sentimento; apresenta mais de cinquenta personagens delineados com clareza; desenvolve uma trama de suspense com prazer narrativo; e revela em quase todos os episódios grande fertilidade de observação e invenção e o domínio magistral de um estilo firme e eloquente.

Ao longo dos anos, Dickens se mantém como o mais influente romancista da língua inglesa, e *David Copperfield*, seu "filho predileto", não só exerce amplo apelo popular como também despertou reações intensas em escritores de tendências literárias muito diversas. Henry James, por exemplo, se lembra de esconder-se debaixo da mesa quando menino para ouvir o primeiro capítulo que sua mãe leu em voz alta. Dostoiévski, numa prisão na Sibéria, debruçou-se, enlevado, sobre uma das primeiras traduções. Franz Kafka planejou seu último livro, *Amerika*, como uma "pura imitação". Swinburne declarou que *David*

Copperfield era a suprema obra-prima. Matthew Arnold admitiu com prazer seu encanto perene. James Joyce prestou ao livro o menos reverente tributo da paródia em *Ulysses*. O jovem D. H. Lawrence gostava de identificá-lo como o grau zero. E Virginia Woolf, que no geral tinha pouca simpatia por Dickens, confessou que a longevidade desse romance era uma força pertencente "às memórias e mitos da vida", uma experiência a ser vivida na educação de todos.

Seja qual for a atitude crítica do leitor em relação a *David Copperfield*, poucos negam suas virtudes evidentes. Os primeiros capítulos são insuperáveis na descrição da infância, na perspectiva da visão de uma criança, e na alteridade do mundo adulto. Poucos outros romances oferecem uma galeria tão vasta de personagens memoráveis. O byroniano e autodestrutivo Steerforth; o "azougue" da srta. Mowcher; a frustrada e amarga Rosa Dartle; a bondosa e rechonchuda Peggotty; a honesta tia Betsey Trotwood; e, acima de tudo, o incontrolável e retórico sr. Micawber – todos se tornaram bens imóveis, habitantes permanentes do país da imaginação. E todos os personagens são apresentados com uma dickensiana democracia de atenção, de tal forma que o desarticulado e disposto Barkis e o quase iletrado sr. Peggotty despertam ao menos tanta atenção quanto a aristocrática sra. Steerforth. Nenhum romance apresenta impressões visuais mais vívidas. Dickens – ou, mais precisamente, David, o narrador – prenuncia efeitos e técnicas cinematográficas. Ele tem o olho focado da câmera tanto para o close significativo como para o grande plano; ele capta igualmente o desenho da tampa de uma caixa de costura e a vastidão de uma praia tempestuosa. É capaz de organizar luz, sombra e cor, de focalizar detalhes significativos da mobília e da decoração, e padrões e objetos com tamanha clareza que definem um ambiente com sua realidade única e inesquecível – a arca ancorada do sr. Peggotty, por exemplo, ou o chalé de tia Betsey em Dover, a casa humilde dos Heep ou a bagunça doméstica de Dora. Ele entende a importância do ritmo. O tempo se torna qualitativo; às vezes, o momento se expande, e a entrevista ou episódio recebe uma ênfase portentosa; outras vezes, anos inteiros se encolhem em vinhetas, séries de breves imagens fixas, rodadas em rápida sucessão

como nos quatro esplêndidos “retrospectos”, cada um evocado no rápido tempo presente. Desde o começo, muitas cenas parecem implorar sua transferência para a tela ou para o palco, pois o narrador sempre atribui gestos físicos para acompanhar o diálogo, como se dirigisse a movimentação de atores. O romance como um todo vibra com uma intensa animação dos sentidos.

Depois de descrever muito circunstancialmente o dia de seu nascimento, de que só pode ter conhecimento por ouvir dizer e por sua própria fantasia ativa, no capítulo II David afirma seu maior dom: “e se, por qualquer coisa que eu ponha nesta narrativa, vier a parecer que fui uma criança muito observadora, ou que, como adulto, tenho uma forte lembrança de minha infância, eu sem dúvida admito ambas essas características”. David, que nesse caso com certeza fala por Dickens, retém ao longo de toda sua carreira o poder de observar com tamanho cuidado e intensidade que o objeto parece surgir com uma clareza de definição quase sobrenatural. Ele goza de uma “capacidade negativa” à qual Keats aspirava, a capacidade de suprimir o eu e o interesse em si mesmo a tal ponto que penetra enfaticamente na vida de outro ser. Tão intenso é o seu hábito de observação impessoal que podemos às vezes considerá-lo apenas passivo e opaco quando comparado às pessoas coloridas com que encontra. No entanto, faremos uma leitura equivocada se não percebermos que ele também tem a necessidade de autoanálise e a capacidade de relacionar seus amigos e aventuras a um desenvolvimento subjetivo muito consciente.

David Copperfield é, na realidade, o mais introspectivo dos romances de Dickens, o primeiro a ser escrito em primeira pessoa, e o mais próximo de sua própria carreira. Em correspondência privada, Dickens confessou um forte empenho pessoal na história de David e, num fragmento autobiográfico não destinado à publicação, descreveu a dolorosa experiência no depósito de graxa de sapato que serve – quase palavra por palavra – para o relato do sofrimento de David na firma Murdstone e Griny. No final de sua narrativa, David é um romancista bastante conhecido, tentando se adaptar à fama. Dickens, quando planejou o romance, tinha praticamente a mesma idade de David

maduro e escrevia, ao menos em parte, pelas mesmas razões.

Ao contrário de David, Dickens, nascido em 1812, era de uma família grande, segundo filho de um pai pomposo e irresponsável, sem dúvida protótipo de Wilkins Micawber. Sabemos relativamente pouco de seus primeiros anos, a não ser que se podem traçar paralelos entre sua infância lendo contos de fadas e literatura do século XVIII e a infância de David, e entre a vida escolar de ambos, embora a primeira escola de Dickens tenha sido, ao que parece, menos sombria que a do sr. Creakle. Quando, em 1824, John Dickens foi mandado para a prisão por dívidas, assim como Micawber, Charles entrou para o "serviço" do depósito, do qual seis meses depois seu pai, sob protestos da mãe, conseguiu resgatá-lo. Depois de mais algum tempo na escola, começou a trabalhar nas cortes judiciais, e depois, assim como David, aprendeu taquigrafia, habilidade que em pouco tempo o transformou em um repórter muito bem-sucedido de debates parlamentares. Aos dezessete anos, conheceu a Dora de sua suscetível juventude, Maria Beadnell, que se alternava em estimular e recusar sua aproximação. Quando Maria resolveu terminar o namoro quatro anos depois, ele havia publicado o primeiro de seus *Sketches by "Boz"*, uma série publicada com grande sucesso popular em forma de livro em 1836. No mesmo ano, ele começou *Pickwick Papers*, que imediatamente assegurou sua reputação e o levou a dedicar-se em tempo integral à escrita. Também em 1836, casou-se com Catherine Hogarth, que lhe daria dez filhos e com quem mesmo assim se tornaria cada vez mais incompatível. Por fim, Kate e Dickens se separaram em 1858; mas a irmã de Kate, Georgina, que tinha morado com o casal durante muitos anos e deve ter sido a inspiração para a bondosa Agnes Wickfield, permaneceu com Dickens e com a maioria dos filhos como uma dedicada governanta. Nesse meio-tempo, Dickens havia se tornado um escritor de fama internacional e, como leitor de cenas de seus romances, um intérprete de imensa intensidade. Os melhores de seus livros posteriores, *Great Expectations* (1861) e *Our Mutual Friend* (1865), mostram inalterada sua capacidade de imaginação e elaboração. Mas a febre de leituras públicas de seus últimos anos, nas quais empenhava demoníaca energia, se revelou irreparavelmente debilitadora. Ele chegou

perto de um colapso total em março de 1870, quando fez suas últimas apresentações dinâmicas de *Oliver Twist* e *David Copperfield*, as mais populares de suas leituras. Três meses depois, estava morto.

Dickens costumava reclamar da falta de uma felicidade real na vida, e David também sofre insistentemente da "velha sensação de infelicidade", de uma carência nunca de todo definida, que o perturba como "um acorde de música triste ouvido na noite". Mas David não se deixa consumir pela inquietação de um desejo; ele acaba encontrando a satisfação negada a seu criador. Embora sua experiência coincida em alguns detalhes com a de Dickens, ele é claramente diferente em temperamento. A semelhança mais próxima está na dedicação profissional de ambos, na maturidade da busca da vocação de escritor, apesar de todas as perturbações, e em seu inabalável interesse comum no aspecto humano e na idiossincrasia de todas as modalidades de memória. *David Copperfield* não descreve os problemas técnicos de um romancista, mas mesmo assim reflete a sensível observação do romancista em relação à psicologia em ação. David observa não só o desenvolvimento dos outros – a transformação em crise real da lamuriosa sra. Gummidge, a abrasadora repressão de Rosa Dartle, a luta de Steerfoth com "os horrores" – mas também suas próprias reações inexplicáveis e às vezes perversas: a sensação de evidência, na escola, ao saber que a mãe morreu; a semiatração por Uriah Heep, que ele abomina; a persistente lealdade a Steerforth depois da afronta dele; a sensação de súbito deslocamento quando vislumbra um "cavalheiro louco" olhando para o cemitério da janela de seu antigo quarto em Blunderstone. Ele tem em comum com Dickens o hábito da visão simbólica, isto é, a determinação de transformar o objeto percebido com intensidade na incorporação de um estado subjetivo. As correntes e pulseiras da srta. Murdstone, por exemplo, se tornam para ele um indício essencial de sua personalidade: "Isso me lembrou, em relação à natureza da srta. Murdstone, os grilhões numa porta de prisão, sugerindo do lado de fora, a todos que olhassem, o que esperar lá dentro". A força do capítulo sobre a grande "Tempestade" repousa sobre tal similaridade entre interior e exterior que empresta aos

acontecimentos uma vivacidade alucinatória:

> Mas agora havia também uma grande escuridão; e isso investia a tormenta de novos terrores, reais e fantasiosos.
>
> Não consegui comer, não conseguia ficar quieto, não conseguia fazer nada. Alguma coisa dentro de mim, reagindo tenuemente à tormenta externa, sacudia as profundidades de minha memória e as tumultuava.

Num clima mais caracteristicamente tranquilo, David recorda a sensação de déjà-vu e a estranha mistura de níveis temporais ou o poder das impressões dos sentidos, para evocar o passado com suas alegrias perdidas e anseios secretos. Dickens atribui assim a David a plena medida de seu próprio empenho e *insight* psicológico. No entanto, a história pessoal de David adquire independência como obra de ficção e deve ser lida como a autobiografia de David, não de Dickens.

Como narrativa do crescimento do herói da infância até o começo da maturidade, *David Copperfield* estabelece a forma e o padrão do *Bildungsroman* [romance de formação] na literatura inglesa. Como exemplo extremamente bem-sucedido do gênero, que geralmente se afirma ter surgido com o *Wilhelm Meister*, de Goethe, ele antecipa e influencia em termos gerais toda uma sucessão de romances notáveis: *Great Expectations*, do próprio Dickens, *The Ordeal of Richard Reverel*, de George Meredith, *Judas, o obscuro*, de Thomas Hardy, *The Way of All Flesh*, de Samuel Butler, *Tono-Bungay*, de H. G. Wells, *Filhos e amantes*, de D. H. Lawrence, *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce. Cada um desses segue mais ou menos de perto a fórmula padrão do *Bildungsroman*. Cada um apresenta uma criança órfã ou afastada até certo grau do pai, crescendo em um ambiente provinciano ou tacanho, acabando por abrir caminho na cidade grande, em busca de uma formação tanto dentro como fora da escola, aprendendo também com dois casos amorosos ou encontros sexuais (um em geral degradante, o outro, exaltante), mais sensível que a maioria de seus contemporâneos, mas bastante lento em descobrir seus dotes, encontrando depois de

muita luta e desorientação uma carreira ou, pelo menos, uma atitude filosófica quanto à sua variada experiência.

Embora cada um desses *Bildungsroman* tenha seu próprio estilo e tom, todos se concentram na identidade emergente do protagonista. Desde a primeira frase de sua autobiografia, David está preocupado com a questão de sua orientação "heroica": "Se eu serei o herói de minha própria vida, ou se essa posição será ocupada por alguma outra pessoa é o que estas páginas devem mostrar". Na infância e adolescência, David se sente com frequência inadequado e pouco heroico; ele admite sua disposição "sem firmeza e irresoluta" e uma suscetibilidade inquestionada de seu "indisciplinado coração". Quando jovem, espera encontrar o ideal heroico idealizado na pessoa de Steerforth, que parece ser o cavalheiro perfeito, totalmente seguro, sofisticado e versátil. Como narrador maduro, ao descrever sua juventude, ele sabe que Steerforth foi de fato o "anjo mau", perigosamente atraente, mas, na prática, falso e decepcionante, levado por um orgulho imperioso, egoísta e, no entanto, temeroso de verdadeiro autoconhecimento. No final de sua história, David é, claramente, o herói, na medida em que descobriu e afirmou sua identidade. Através de uma árdua autodisciplina, ele não só dominou o trabalho de sua vida, mas também adquiriu serenidade suficiente para aceitar as dolorosas realidades da experiência. Atingiu o que o psicólogo estudioso da identidade Erik Erickson chama de "integridade do ego" ou "a sólida segurança do ego em sua tendência para ordem e significado" que é a marca definitiva da maturidade.

No começo do penúltimo capítulo, David fala de um incidente que resta ser registrado, "sem o qual um fio da trama que teci ficaria emaranhado". *David Copperfield* como um todo é tão variado, tão múltiplo, tão rico em caráter e ação, que não pensamos nele de imediato como uma trama intrincada. A vida, como a conhecemos, é cheia dessas pontas soltas, e num quadro tão vasto e cheio de vitalidade como o que David desenvolveu dificilmente poderíamos exigir que todos os fios fossem amarrados, entrelaçados, integrados num único tecido. No entanto, o romance, enquanto *Bildungsroman*, tem um tema persistente, a disciplina da vida moral e emocional do herói, e não é difícil perceber a

relação de muitas pessoas e acontecimentos principais com esse motivo central. Annie Strong alerta com insistência quanto ao "primeiro impulso errado do coração indisciplinado" e David repete sua frase em autoacusação. O impetuoso casamento de tia Betsey muito tempo atrás e a tola paixão de Clara Copperfield pelo sr. Murdstone são correlatos à impulsiva paixão de David por Dora. Steerforth, Emily e Rosa fornecem lições objetivas de insatisfação indisciplinada, enquanto Uriah Heep exemplifica uma viciosa contenção voltada para si mesma. Traddles e Agnes, por outro lado, são modelos de autossacrifício voluntário e afeto desinteressado. O papel de David na trama e nas subtramas que envolvem as energias de todos esses personagens às vezes parece mínimo, como se ele não passasse de um observador atento. No entanto, ele aprende muito com suas reações, e cada grupo de capítulos, cada seção da série acrescenta algo novo e significativo a nossa impressão de sua personalidade em desenvolvimento.

A unidade mais profunda, porém, ampla o bastante para abranger aparentes excessos e irrelevâncias, se encontra menos no conteúdo que no estilo, não tanto na absoluta simetria da trama como na expressiva imaginação que a tece. *David Copperfield* foi lançado no mesmo ano de dois dos maiores poemas ingleses do século XIX, *The Prelude*, de Wordsworth, e *In Memoriam*, de Tennyson. Tematicamente, tem muito em comum com ambos, uma preocupação com a base do eu, a persistência da memória e a força de vocação ao confrontar os desafios da experiência. Como romance, evidentemente é diferente dos dois em método e colorido dramático. Mesmo assim, é comparável a ambos em um aspecto vital, sua atenção séria à linguagem. Nenhum romance inglês anterior chega mais perto da condição de poesia do que as passagens de reminiscências de *David Copperfield*. Nenhum mostra em seu corpo melhor controle de cadência, metáfora e recorrência de imagens, ou uma sensibilidade mais pronta para as conotações do mundo solitário. Se, como conclui F. R. Leavis numa observação seminal, Dickens é essencialmente "um grande poeta", cujos "infindáveis recursos numa feliz variedade de expressão são prova de uma excepcional receptividade para a vida", então este livro o mostra escrevendo no ápice de sua força

poética.

Jerome H. Buckley

JEROME H. BUCKLEY (1917-2003) foi professor emérito de literatura inglesa na Universidade Harvard. Membro da American Academy of Arts and Sciences, era especialista em literatura vitoriana, sobre a qual publicou diversos livros.

---

1 Texto originalmente publicado como prefácio a *David Copperfield Norton Critical Edition*. Nova York: W. W. Norton & Company, 1989. A edição foi coordenada pelo próprio Jerome H. Buckley.

Os anos de aprendizagem de David Copperfield

> *De todos os grandes escritores vitorianos, ele foi provavelmente o mais antagônico à própria era vitoriana.* [Edmund Wilson]

A Inglaterra da década de 1840 assistiu ao surgimento na cena literária de um escritor que soube, como poucos, traduzir suas conquistas, dilemas e contradições. Na sua própria trajetória de menino de poucos meios a autor célebre e aclamado, Charles Dickens (1812-70) encarnou o mito da mobilidade social e do sucesso pelo esforço pessoal – das carreiras abertas ao talento, nas palavras de Eric Hobsbawm – que a ideologia burguesa vendeu como sonho possível a todos. Suas atividades no jornalismo, as leituras públicas e o conjunto de sua produção ficcional fizeram dele o maior romancista da era vitoriana e uma espécie de porta-voz das esperanças e desilusões de seu tempo. Já em 1858 o jornalista Walter Bagehot dava um testemunho da sua penetração em todos os estratos sociais,{1} enquanto mais ao final do século (1898) um de seus pares, o romancista George Gissing, deixava registrada a extensão de sua fama:

> Suponho que, por pelo menos 25 anos de sua vida, não houve um lar de língua inglesa no mundo [...] no qual seu nome não fosse tão familiar quanto o de qualquer conhecido e no qual uma alusão às personagens criadas por ele deixasse de ser compreendida.{2}

Por ocasião de sua morte, Dickens havia se tornado uma unanimidade nacional e sua perda foi lamentada por toda a nação, do telegrama de

condolências da rainha Vitória enviado do castelo de Balmoral à esposa do romancista até os obituários nos jornais o descrevendo como o único escritor lido e amado por todos e como um amigo íntimo cuja partida seria sentida por milhões como um golpe de ordem pessoal.[3] Enterrado na abadia de Westminster, reservada apenas às grandes figuras nacionais, Dickens havia se convertido em uma instituição.

Se *Sketches by "Boz"* (1836)[4] marcou a entrada de Dickens na vida literária londrina, foi o romance *The Pickwick Papers*, publicado em dezenove fascículos entre março de 1836 e outubro de 1837, que lhe granjeou imediata popularidade e estabeleceu em definitivo sua reputação como escritor.[5] Ali, fiel ao preceito de fazer o público rir, chorar e esperar ("*make them laugh, make them cry, make them wait*"), ele lança mão dos artifícios da produção seriada para não apenas acompanhar a reação do público leitor e, graças a isso, introduzir alterações no enredo ou no desenvolvimento de suas criaturas, mas também para pôr em movimento os traços que fariam seu renome: a criação de personagens idiossincráticas e cômicas, o humor, a sátira e a crítica social que frequentam sua obra desde esse primeiro momento até a fase mais madura. Pelas frestas do otimismo e do culto à inocência que se tornaram a marca registrada de seus romances, porém, Dickens deixou penetrar as sombras das privações, da desolação e das injustiças que turvaram a vida de seus contemporâneos.

Integrante de uma importante geração de escritores, cuja consciência das mudanças que transformaram a vida social inglesa os levou a buscar, cada um a seu modo, respostas para a crise da experiência por meio da reconfiguração da forma romance, Dickens esteve no centro do processo de renovação do gênero e da incorporação de uma nova cultura popular urbana, tão fundamental em sua produção. Não surpreende, dessa maneira, que Londres tenha se tornado a nova realidade que o romancista introduziu como cenário e tema de seus romances e para cuja apreensão, levando-se em conta a diversidade do objeto e do ambiente físico, se fazia necessário um novo tipo de observação, um novo método, que mostra ao mesmo tempo a cidade como fato social e como paisagem humana, na qual se dramatiza uma estrutura muito complexa de

sentimento. A experiência urbana demanda a criação de modos de enxergar "através da densa nuvem escura" (*Dombey and Son*, 1848), de forma que toda questão moral individual se torna, por sua vez, social e exige uma intervenção criativa por parte do escritor.{6}

As críticas a Dickens pelos seus "defeitos", isto é, a falta de profundidade psicológica, a inconsistência na caracterização das personagens, a escrita frouxa, o enredo pautado por coincidências arbitrárias e revelações súbitas, a vulgaridade e o sentimentalismo piegas – Oscar Wilde, Henry James e Virginia Woolf foram alguns dos que apontaram esses problemas na obra do autor –, são rebatidas por Raymond Williams. Ele lembra que as técnicas dickensianas vinham do jornalismo popular, das ilustrações e caricaturas, e do teatro, portanto dessa nova cultura urbana que ele vivenciava; por outro lado, a bondade e a redenção pelo amor e pela inocência são as qualidades humanas a serem exaltadas em um mundo crivado de iniquidade e privações. À acusação de que ele não passava de um caricaturista e de um escritor cômico, pode-se responder que, no fundo, era um moralista consciente dos impasses de seu tempo, para quem a "decência nativa do homem comum" era um valor caro, um humanista romântico "generosamente irado"{7} que, mais do que uma mudança do sistema, advogava uma mudança de mentalidade entre os homens.

Ainda que partilhasse do mesmo sentimento a respeito da condição humana que Karl Marx, seu contemporâneo, Dickens nunca pregou a revolução; ao contrário, ele a temia, tinha horror à violência da "plebe" e se declarava "um reformador de corpo e alma".{8} Os dois periódicos semanais que dirigiu e para os quais contribuiu, *Household Words* (1850-59) e *All the Year Round* (1859-95), ambos com imensa circulação e influência,{9} foram, na verdade, a plataforma a partir da qual defendeu a necessidade de reforma, criticou os males e vícios sociais e o tratamento dado aos pobres. Seus artigos submeteram a nova civilização industrial inglesa a exame e avaliação, exigiram medidas para melhorar a condição de vida dos necessitados e tornaram públicas suas posições sobre os problemas de seu presente. Sua intervenção nos debates políticos e sociais da época se pautou pelo que George Orwell descreveu como uma

estranha combinação de radicalismo e conservadorismo.{10}

Não há nenhuma evidência de que Dickens tenha lido seus coetâneos Engels e Marx, que publicaram *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e *O manifesto comunista* em 1845 e 1848, respectivamente, mas o chão histórico que conformou seu pensamento, e afinal de contas era sua matéria, foi exatamente o mesmo: as lutas sociais que clamavam pela inclusão política da classe trabalhadora na Inglaterra dos anos 1830, os levantes na Prússia, em partes da Itália e no Império Austro-Húngaro, e as jornadas de junho de 1848 na França. Não se ouvem propriamente ecos dessa agitação e turbulência na obra de Dickens, o que não equivale a dizer que ele tenha sido impermeável ou indiferente às questões candentes que representavam o lado reverso do progresso capitalista; suas preocupações sociais o levaram a atacar as instituições inglesas, o governo parlamentar, o sistema educacional e jurídico, o trabalho infantil – temas frequentes em seus romances –, sem com isso contestar os pilares e fundamentos da sociedade burguesa capitalista.

As contradições de seu tempo, tão claramente expressas neste trecho de um artigo de jornal publicado por Marx em 1856, são aquelas a que Dickens buscará dar forma literária, pois acabará por compreender que, no limite, "a miséria, a injustiça e a exploração na sociedade capitalista industrial são os efeitos de um *sistema*", não podendo ser imputadas apenas às imperfeições, à cupidez ou à insensibilidade dos indivíduos:{11}

> Em nossos dias, tudo parece prenhe de seu contrário. As máquinas dotadas do maravilhoso poder de abreviar e fazer frutificar o trabalho do homem, nós as vemos matando-o de fome e o extenuando. As novas fontes de riqueza, por algum feitiço estranho e sobrenatural, se transformam em fontes de carência. As vitórias da arte parecem compradas pela perda do caráter. No mesmo ritmo em que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo dos outros homens ou de sua própria infâmia. Até mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar, exceto no escuro pano de fundo da ignorância. Toda nossa invenção e progresso parecem ter como resultado proporcionar vida intelectual às forças materiais, e

> reduzir a vida humana a uma força material. Esse antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, por um lado, entre sofrimento e dissolução, por outro; esse antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato, palpável, esmagador, a não ser contestado.{12}

É a partir de *Dombey and Son*, provavelmente como resposta a esse contexto complexo e à percepção mais aguda da força e da presença dessas contradições, que Dickens irá imprimir uma inflexão no tom e na atmosfera de seus romances, que, mais soturnos e pessimistas, não escondem certa desilusão e, tingindo-se de "ira e humor sombrio" (como em *Bleak House* e *Little Dorrit*), passam a abordar o que o historiador Thomas Carlyle chamou de "a condição da Inglaterra".{13} *David Copperfield*, publicado primeiro em fascículos mensais{14} e depois em livro em 1850, representa esse momento de virada na carreira literária de Dickens, em que ele passa a aliar ao seu talento de artista do entretenimento a preocupação com uma ordem social impiedosa.

Oitavo romance de Dickens e o mais autobiográfico deles, *David Copperfield* é uma narrativa em primeira pessoa sobre a educação e o desenvolvimento de seu protagonista do nascimento à maturidade, mas é também uma longa meditação sobre seus anos de aprendizagem e formação como escritor. Ali, vemos Dickens mobilizando todo o arsenal que o tornou o grande romancista da vida urbana londrina, de uma metrópole comercial povoada por amanuenses, advogados e funcionários que se movem em uma vasta tela e fazem parte de uma engrenagem a qual David conhecerá de perto e com que terá de negociar no seu processo de descoberta de sua própria identidade, de seu lugar no mundo e de sua vocação. A "história e experiência pessoais" de David, anunciadas desde o título, abrigam um grande número de enredos secundários em uma complicada trama que envolve ainda uma inesquecível galeria de personagens a que a imaginação de Dickens deu forma e que se tornaram figuras familiares para uma legião de leitores, como o sr. Micawber, a sra. Gummidge, Betsey Trotwood, Barkis, Uriah Heep, Steerforth, o sr. Spenlow (da Spenlow e Jorkins) e a srta.

Mowcher. Como já se disse de Dickens, ele sugere "a realidade por meio da multiplicação, não da subtração",[15] o que explica as repetições, a atenção aos detalhes e a proliferação de episódios e histórias paralelas que, ao fim e ao cabo, irão convergir para a narrativa principal. Contudo, é o narrador-protagonista que sobressai ao longo dessa trajetória, paulatinamente ampliando e apurando o alcance de seu olhar, treinando a sensibilidade, instrumentos essenciais, ambos, ao ofício do escritor que ele se tornará.

Seu foco na formação do eu, na socialização do herói e na sua integração à ordem social inscreve *David Copperfield* na tradição do *Bildungsroman*, cujo modelo inaugural e arquetípico é *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe (1795-96). Na sua forma paradigmática, o *Bildungsroman* – termo técnico alemão para o romance de formação – encena o conflito entre o ideal de autonomia e autodeterminação do indivíduo e as exigências do mundo externo, e narra "a reconciliação do indivíduo problemático [...] com a realidade social concreta",[16] operando uma síntese ou solução de compromisso entre interioridade e exterioridade, com a internalização das normas sociais por parte do herói e sua "adaptação à sociedade na resignada aceitação de suas formas de vida".[17]

É do embate entre a poesia do coração e a prosa do mundo (cf. Hegel) que se forma o indivíduo, e é do aprendizado de narrar sua própria vida que surge a figura do artista, fazendo de *David Copperfield* um *Künstlerroman*, isto é, um tipo de *Bildungsroman* cujo centro de interesse são a juventude e o amadurecimento de uma personagem que se torna romancista.[18] Embora David não discuta suas ideias sobre ficção, ou suas concepções sobre arte, não é difícil ler em sua narrativa um "retrato do artista quando jovem", no seu esforço de dar forma literária à experiência pessoal, pôr ordem na desordem do mundo e extrair algum sentido para o vivido. Há, assim, certo quê de autorreferência ou autorreflexividade nesse texto no qual a voz narrativa nos permite acompanhar seu processo de aquisição das aptidões necessárias para narrar o romance que estamos lendo e nos convida a compartilhar o trabalho da própria escrita do romance, como o faz

inúmeras vezes ao longo do relato. Por outro ângulo, não deveriam escapar ao leitor mais atento as palavras do próprio Dickens tanto no prefácio original de 1850 quanto no da edição de 1867, pois os paralelos entre ele e David, mesmo que implícitos, não são difíceis de traçar. Enquanto no primeiro prefácio ouvimos um lamento, no ato de deposição da pena ao final de dois anos de labor e de despedida das criaturas de sua invenção, no segundo, ao confessar que *David Copperfield* era, entre todos os livros, o "filho predileto", Dickens relembra a mescla de prazer e pesar com que o completara e se separara de "tantos companheiros", como se estivesse lançando "uma parte de si mesmo no mundo de sombras". Não deixam de ressoar as palavras finais do narrador David, quando também ele se despede dos companheiros de jornada ao fechar as páginas de sua história. Reconciliado com suas escolhas e com seu destino, é o escritor famoso que se dirige a nós e dá sua tarefa por cumprida, tendo passado em revista toda sua trajetória, e que, em um "último retrospecto", arremata sua narrativa – "a trama que teci" – contando-nos o desfecho e a sorte de cada um dos amigos e conhecidos, numa atmosfera de paz, felicidade e prosperidade que envolve a todos.

David Copperfield é uma história de iniciação e de aprendizado da difícil arte de viver; é também uma narrativa sobre afeto, desamor, amizade e perda, sobre escolhas morais e sobre os percalços e desafios que se apresentam ao narrador-protagonista no caminho da educação de si mesmo para a vida em sociedade. Nesse plano, esse romance caudaloso, que enlaça a trajetória de David à de um sem-número de personagens, ampliando assim por meio da mobilidade espacial o contato de seu protagonista com a diversidade social, se filia à linhagem do romance inglês que tem em Henry Fielding e Tobias Smollett seus mais célebres representantes. Não por acaso, junto com Miguel de Cervantes, Alain-René Lesage e Daniel Defoe, são os autores da "pequena coleção de livros" que alimentaram as fantasias de David menino:

> Fui Tom Jones (um Tom Jones criança, uma criatura inofensiva) durante toda uma semana. Alimentei minha própria ideia de

> Roderick Random durante um mês seguido, acredito sinceramente. [Capítulo IV]

O "bando glorioso" de personagens desses romances, assim como David, tem em comum a experiência de deixar ou perder o espaço protegido da casa e da família e ter de se valer de seus próprios recursos para sobreviver, seja material, seja emocionalmente. Eles ganham o mundo e se expõem às suas vicissitudes e dificuldades no longo processo de definição de sua identidade, ao mesmo tempo que possibilitam a seus criadores uma abertura de foco e uma visão panorâmica da sociedade no seu conjunto, abrangendo sua multiplicidade – traço que insere *David Copperfield* na tradição desse tipo de romance. Nessa vertente novelística, a perda em profundidade psicológica, de que Dickens muitas vezes foi acusado, significa um considerável ganho em amplitude e, paradoxalmente, em realismo. Sobre isso diz Terry Eagleton:

> "A personagem" em literatura, assim nos informam, deveria ser complexa, rica, desenvolvida e multifacetada, ao passo que a turma dickensiana de grotescos, pervertidos, idiotas afáveis e monstros morais não é nada disso. Mas isso se dá porque são realistas, não porque são mal desenhados. [...] são fiéis a um novo tipo de experiência social. O realismo grotesco de Dickens é uma distorção estilística a serviço da verdade, um tipo de astigmatismo que nos permite ver com maior precisão.{19}

A incorporação de conteúdos não realistas no realismo dickensiano explica, em parte, a opção do romancista pelas personagens planas, com suas excentricidades e idiossincrasias – vejam-se os bordões do sr. e sra. Micawber, de uma sra. Gummidge ou de um Uriah Heep –, ou as quase inverossímeis e etéreas personagens femininas – frágeis como Clara Copperfield, a "filhesposa" Dora Spenlow, anjos de bondade como Agnes Wickfield, cuja idealização esbarra na unidimensionalidade –, ou ainda aquelas que, como caricaturas, se fixam em nossa imaginação graças a uns poucos traços que as eternizam – o olhar penetrante e a cicatriz de

Rosa Dartle, as sobrancelhas grossas e o nariz largo da “metálica” srta. Murdstone – e desenham verdadeiros retratos morais.

Por outro lado, com o alargamento do foco, o próprio enredo se complica, na medida em que vários fios narrativos se entrelaçam para dar conta das diversas histórias paralelas e núcleos familiares que acabam por se vincular de alguma maneira à existência de David. A trama do romance se torna, assim, complexa, com as frequentes mudanças de cenário e paisagem e com os diferentes conflitos que arma – as dificuldades financeiras dos Micawber, o alcoolismo do sr. Wickfield, a prostituição de Emily e Martha, a ambição e vilania de Uriah Heep, a irresponsabilidade de James Steerforth, os dramas do dr. Strong e esposa. A narrativa de David é uma história de sucesso ao final da qual ele, como um *deus ex machina*, parece se valer da prerrogativa do romancista para resolver todos os subenredos e aplicar a justiça poética, punindo o vício e premiando a virtude. A cada personagem seu quinhão, que corresponde exatamente aos traços com que cada um foi representado ao longo do romance. De outra perspectiva, estamos sem dúvida diante de um enredo cômico tal como definido por Northrop Frye, isto é, aquele que se caracteriza não pelo tom ou pela presença de personagens cômicas, mas pela incorporação do herói à sociedade e o correspondente isolamento dos que não devem se integrar à ordem social.{20} O triunfo dos bons e dos merecedores e a reconciliação final, no entanto, não neutralizam nem apagam nossa percepção dos custos emocionais e pessoais para alcançar esse estado de felicidade. Não se podem esquecer todas as desventuras e sofrimentos do próprio David que, órfão, tem de abrir caminho em um mundo adverso e cruel; não passam despercebidas as privações dos Micawber, apesar de seu incontornável otimismo e de sua fé de que vai “aparecer alguma coisa” para tirá-los dos apuros e embaraços financeiros; não nos devem escapar as adversidades dos Peggotty e a condição de dependência de Rosa Dartle – todas elas personagens de poucos meios e cuja fragilidade do ponto de vista social não pode deixar de ser destacada. Há uma boa dose de desumanidade que atravessa a narrativa, um travo amargo que não se dissipa e cuja lembrança tinge o final feliz de cores sombrias.

Entre o burlesco e o sério, o tragicômico e o melodramático, *David Copperfield* se constrói como "um verdadeiro congestionamento de modalidades ficcionais em competição", imprimindo um teor de impureza em seu realismo.{21} Ainda assim, é o olhar do David adulto que tempera e intermedeia a presença do universo dos contos de fadas, a que o David criança recorre como chave de leitura do mundo, para interpretar as pessoas e os acontecimentos – por exemplo, a caracterização de Murdstone como o ogro que o ameaça e amedronta, ou a sugestão de Betsey Trotwood como a fada madrinha que o salva do desamparo e do abandono. É só adulto que percebe e pode comentar que "a vida era mais como um grande conto de fadas que eu estava a ponto de começar a ler" (capítulo XIX). Só o adulto pode concluir que as histórias de Steerforth e de Emily não tinham nada de conto de fadas, mas eram, ao contrário, episódios trágicos da vida real, e reconhecer que as fantasias do mundo romanesco não passam de ilusão.

A forma da autobiografia impõe ao eu que narra a necessidade de oscilar entre duas temporalidades – a do presente da narrativa e a do tempo vivido e narrado. Da mesma maneira, faz conviver os dois pontos de vista, o do David romancista e o do David cujo desenvolvimento e percepções são reconstituídos pelo trabalho da memória. À medida que cresce o menino, o adulto precisa adequar a visão e o estilo; precisa temperar o desconhecimento da criança sobre o presente e a vida com seu conhecimento dos fatos passados; precisa ordená-los, pois tem a prerrogativa, já os tendo vivido ou testemunhado, de adiantá-los ou atrasá-los no seu relato, como é o caso no trecho abaixo, em que é o David adulto que reflete sobre um episódio de sua vida de menino, se questiona e, já sabedor do destino de Emily, conclui que, àquela altura da narrativa, era ainda "prematuro" dar uma resposta para suas indagações:

> Mas houve momentos desde então, em minha idade adulta, muitos momentos houve, em que pensei: é possível, entre as possibilidades de coisas ocultas, que, no repentino arroubo da menina e em seu estranho olhar ao longe, houvesse alguma indulgente atração dela pelo perigo, alguma tentação advinda de seu falecido pai, e que a vida

> dela pudesse talvez terminar naquele dia? Houve um momento a partir do qual me perguntei, se a vida futura dela pudesse me ser revelada num relance, e revelada de tal forma que uma criança pudesse entender completamente, se a preservação dela poderia depender de um movimento de minha mão, e se eu a teria estendido para salvá-la. Houve um momento – não digo que tenha perdurado, mas houve – a partir do qual fiz a mim mesmo a pergunta: teria sido melhor para a pequena Em'ly que as águas tivessem se fechado sobre sua cabeça naquela manhã diante dos meus olhos?; e então respondi: sim, teria, sim.
>
> Isso pode ser prematuro. Cedo demais para escrever, talvez. Mas vamos deixar assim. [Capítulo III]

A complexidade do método ultrapassa a questão do arranjo dos vários fios narrativos; envolve, ainda, o manejo do foco narrativo que, no processo de evocação, de escrita da memória, precisa transitar entre o ponto de vista do adulto e o da criança, oscilando, por meio da técnica bifocal, entre os dois planos da narrativa – o vivenciado e o reconstituído. Se a vida é fluxo, dinâmico e desordenado, para o romancista se torna possível interromper a torrente da narrativa, a fim de, no impulso de ordenação da experiência, submeter o passado à análise e fazer uma pausa e um balanço. Esse parece ser o espírito dos quatro retrospectos que dividem o romance em quatro partes e marcam momentos importantes da vida do narrador, pontos de parada que visam indicar o cumprimento de alguma etapa, a consecução de algum objetivo ou a obtenção de algum conhecimento do mundo, passos fundamentais para seguir adiante. Até mesmo o uso dos verbos no presente do indicativo, em certos trechos, reforça a sugestão de atualidade e permanência dos efeitos da experiência vivida: o capítulo XVIII assinala o fim da infância de David e sua entrada no mundo adulto; no capítulo XLIII, ele reserva um momento para contemplar sua vida pregressa, vendo "passar por mim os fantasmas daqueles dias, acompanhando a minha sombra, em tênue procissão"; no capítulo LIII, a pausa se destina a rememorar a morte de Dora; o último deles, no derradeiro capítulo,

contém um olhar retrospectivo a todas as personagens que fizeram parte de sua vida.

David Copperfield é um romance sobre a memória, essa faculdade humana que encerra a propriedade de *construção* e *ressignificação* do passado. Esse território escorregadio, no qual tempo e espaço se embaralham e perdem os contornos nítidos, não corresponde necessariamente aos fatos tal como ocorreram. A distância temporal que se interpõe entre o passado da ação e o presente da narração revira tudo do lugar e possibilita o rearranjo dos acontecimentos e sua interpretação por parte daquele que rememora e busca o entendimento do sentido da sua vida. A memória atualiza os fatos passados, sejam eles vivenciados ou fantasiados, pode distorcê-los ou suprimi-los, permitindo novas representações. Ao reabrir feridas ou remexer cicatrizes, no confronto com lembranças dolorosas, experiências desagradáveis, eventos traumáticos, não raro entra em ação o que Freud descreveu como mecanismo do esquecimento, que torna possível ao sujeito lidar com o passado e aceitá-lo.{22} A "vida na Mursdstone e Grinby", por exemplo, é um desses episódios que, interpretados como condenação, David preferiria não ter de recordar:

> A lembrança daquela vida está tão envolta em dor para mim, em tal sofrimento mental e desesperança, que nunca tive a coragem de examinar por quanto tempo eu estive condenado a levá-la. Se durou um ano, mais ou menos, eu não sei. Só sei que aconteceu e deixou de acontecer; e isso escrevi e nisso ficamos. [Capítulo XIV]

Do "mar da [sua] lembrança", David faz emergir as imagens de fatos, pessoas e objetos para, no gesto de escavar o vivido, ligar passado e presente e traçar a linha de continuidade de sua vida. No ato da escrita, rememora os momentos felizes, revive os traumas, para dessa forma redescobri-los e conferir-lhes novos significados. A escrita autobiográfica – a narrativa de uma vida – implica esse acerto de contas com o processo de formação do sujeito e precisa encarar a experiência do tempo que, como Jano, olha para trás e para frente e pode representar tanto a

danação quanto a salvação. Em seu estudo sobre Proust, Beckett sugere:

> Não há como fugir de ontem porque ontem nos deformou, ou foi por nós deformado. [...] Ontem não é um marco de estrada ultrapassado, mas um diamante na estrada batida dos anos e irremediavelmente parte de nós, dentro de nós, pesado e perigoso.{23}

Revisitar o passado envolve também revolver as dores e remexer os fantasmas e demônios que o inconsciente deslocou ou soterrou. David não se furta a falar das perdas e do sofrimento que lhe causaram o trabalho na empresa de Murdstone e Grinby e a morte da mãe, de Dora e de Steerforth; mas há um veio subterrâneo que percorre sua narrativa e oculta segredos que, trancados no inconsciente, se esgueiram pelas frestas da escrita e se deixam entrever. A recordação do emprego na firma de Murdstone e Grinby é dolorosa não apenas porque nenhum gesto foi feito em favor de um menino de dez anos que, desse modo, se tornou "um pequeno trabalhador", mas sobretudo porque David vive a experiência do trabalho como "imerecida degradação":

> Impossível descrever a lembrança profunda da sensação de estar agora absolutamente sem esperança; da vergonha que sentia por minha situação; da desgraça que era para meu jovem coração acreditar que dia a dia o que eu havia aprendido, pensado, fruído, admirado e que me motivara, iria sair de mim pouco a pouco, para nunca mais voltar. Todas as vezes que Mick Walker se afastou no decorrer daquela tarde, misturei minhas lágrimas à água com que lavava as garrafas e soluçava como se houvesse uma abertura em meu peito, correndo o risco de explodir. [Capítulo]

A desesperança se mistura, assim, ao sentimento de humilhação. Nesse trecho, David deixa aflorar a consciência do risco que correu de ficar eternamente aprisionado nessa condição subalterna; expressa o temor de não poder desenvolver suas potencialidades (linhas antes ele havia se referido a si mesmo como um "menino de excelentes habilidades, com

forte poder de observação, rápido, interessado, delicado"); traz à tona a noção de que, para os padrões de respeitabilidade de qualquer cavalheiro vitoriano, o trabalho braçal é tabu e marca indiscutível das diferenças de classe em uma ordem social ainda profundamente hierarquizada e excludente. Talvez resida aí, na necessidade de ressaltar o que o distingue, a explicação da aversão de David a Uriah Heep, seu antagonista não apenas pelas pretensões desse último ao amor de Agnes Wickfield, mas pela curiosa relação especular que inconscientemente fica insinuada entre os dois,{24} pois é apenas pelas fissuras de seu relato que esse conteúdo subjetivo e latente vem à superfície. Por trás da humildade hipócrita de Uriah Heep se esconde um arrivista, alguém que habita o desconfortável mundo dos sem privilégio. Mesmo não sendo um criado, o vilão semieducado é um *déclassé*, alguém de condição social inferior. Para jovens de poucos meios, numa sociedade em que mobilidade pode significar ascensão social mas também descenso, a vulnerabilidade pressentida e experimentada por David não é muito diversa da que ele enxerga em seu duplo, esse outro que ele precisa confrontar no longo e difícil processo de constituição de sua subjetividade e identidade. Uriah – seu igual e seu reverso – é o espelho no qual se mira e vê um destino também possível para si, porém contra o qual intui que é imperioso lutar.

Se existem importantes diferenças morais – Uriah é ambicioso, ressentido, falso, ardiloso, e seu caráter parece traduzir-se perfeitamente na sua aparência física, nos olhos vermelhos e "meneios de cobra" –, do ponto de vista social ambos os rapazes estão na mesma situação, que Dickens resolve distribuindo a justiça poética. Para David, portanto, em lugar da prisão, estão reservadas uma carreira de sucesso, uma família e a prosperidade burguesa. Ao término de sua narrativa, já autor respeitado, David finalmente alcança a distinção que a ocupação intelectual lhe confere. A escrita é trabalho, mas de outra natureza, que não se deixa confundir nem com a labuta da classe operária industrial, nem com luta diária pela sobrevivência dos segmentos vulneráveis do sistema. A Betsey Trotwood, um David reconciliado com seu destino pode finalmente afirmar:

> [Betsey] – Ah, filho, você passa tantas horas aqui! Nunca pensei, quando eu lia livros, no trabalho que era escrever um.
>
> – Às vezes, já é trabalho demais ler um livro – repliquei. – Quanto a escrever, tem os seus encantos, tia. (Capítulo LXII)

Há de tudo em *David Copperfield* para quem queira ter o trabalho de ler. Com sua imaginação prodigiosa, a enorme capacidade de captar e incorporar a "arte das ruas" (o melodrama, a caricatura, o teatro popular, o pasquim)[25] e o empenho em dar voz aos conflitos de sua época, Charles Dickens realizou o compromisso da forma romance de figurar "a variedade multicolorida da vida em seu movimento".[26] Em *A Tale of Two Cities*, publicado em 1859, Charles Dickens resumiria a complexidade e os impasses de seu tempo em um dos mais potentes parágrafos de abertura em sua obra. O ano é 1775 e os cenários são Londres e Paris antes e depois da Revolução Francesa; as ressonâncias com seu presente, no entanto, são incontornáveis, e talvez não haja descrição tão contundente das contradições que o escritor buscou conformar:

> Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário – em suma, o período era em tal medida semelhante ao presente que algumas de suas mais ruidosas autoridades insistiram em seu recebimento, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo da comparação.[27]

Sandra Guardini Vasconcelos

SANDRA GUARDINI VASCONCELOS é professora titular de Literatura Inglesa e Comparada na Universidade de São Paulo. É autora de *Puras misturas: Estórias em Guimarães Rosa* (Hucitec / Fapesp, 1997), *Dez lições sobre o*

romance inglês do século XVIII (Boitempo, 2002) e *A formação do romance inglês: Ensaios teóricos* (Hucitec / Fapesp, 2007) – Prêmio Jabuti de Teoria / Crítica Literária de 2008. Desde 2006 é curadora do Arquivo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

---

1 "Não há nenhum escritor inglês contemporâneo cujas obras sejam lidas por todos de um extremo ao outro da casa, que podem dar prazer tanto aos criados como à senhora, tanto às crianças como ao senhor." Ver seu artigo "Charles Dickens", in *National Review*, Londres, out. 1858; também em *Literary Studies by the Late Walter Bagehot, M.A.*, 1879. Tradução minha.

2 Cit. por Claire Tomalin como epígrafe, in *Charles Dickens: A Life* (Nova York: The Penguin Press, 2011).

3 Ver, por exemplo, o obituário do *The Times*, 10 de junho de 1870.

4 Uma coletânea de histórias curtas assinadas com o pseudônimo "Boz".

5 Até 1879, *The Pickwick Papers* havia vendido 800 mil exemplares no formato livro. Ver Richard D. Altick, *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public, 1800-1900* [1957], 2ª ed. Columbus: Ohio State University Press, 1998, apêndice B, pp. 383-84.

6 Reproduzo aqui os principais argumentos de Raymond Williams em *The English Novel from Dickens to Lawrence* (Londres: The Hogarth Press, 1987), cuja contribuição para o entendimento desse período na história do romance inglês é inestimável. As mudanças a que se refere Williams, responsáveis pelo surgimento de um novo tipo de consciência, são a Revolução Industrial, a luta pela democracia, o crescimento das cidades e os anos de crise do cartismo.

7 As expressões são de George Orwell em "Charles Dickens", in *A Collection of Essays* (Orlando, Flórida: Harvest, 1981), pp. 48-104, parte VI.

8 Carta à amiga e correspondente baronesa Angela Burdett Coutts, 11 maio 1855, The Morgan Library and Museum.

9 O primeiro com circulação de 40 mil e o segundo, com 300 mil exemplares por semana. Após a morte de Dickens, em 1870, seu filho Charles Dickens Jr. assumiu a direção de *All the Year Round*.

10 G. Orwell, op. cit.

11 Terry Eagleton (org.), in "Introduction", *Hard Times*, Charles Dickens. Londres: Methuen, 1987, p. 10.

12 O artigo foi publicado originalmente em *People's Paper*. Cit. por Eagleton, ibid., pp. 9-10. Tradução minha.

13 C. Tomalin, op. cit.

14 Muitas edições atuais do romance incluem as notas e plano de redação do texto, capítulo por capítulo.

15 Antonio Candido, "A educação pela noite", in *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo:

Ática, 1987, p. 21.

16 Georg Lukács, *A teoria do romance*, trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 138.

17 G. Lukács, op. cit., p. 143.

18 Ver Irène Simon, "*David Copperfield*: A Künstlerroman?". *The Review of English Studies*, New Series, vol. 43, n. 169, fev. 1992, pp. 40-56.

19 Terry Eagleton, "Charles Dickens", in *The English Novel: An introduction*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 149.

20 Northrop Frye, *Anatomia da Crítica: Quatro ensaios*, trad. Marcus De Martini. São Paulo: É Realizações, 2014, pp. 157 e ss.

21 Terry Eagleton, "Ideology and Literary Form", in *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*. Londres: Verso, p. 126. Entre as modalidades ficcionais, Eagleton menciona "gótico, romanesco, fábula moral, romance de 'problemas sociais', teatro popular, 'conto', jornalismo, 'entretenimento' episódico".

22 Não por acaso, *David Copperfield* foi o primeiro livro que Sigmund Freud deu a sua noiva, Martha Bernays, por ocasião do noivado em 1882. Tratava-se de um romance que tinha um significado especial para um homem fascinado pela complexa relação entre autobiografia e narrativa.

23 Samuel Beckett, *Proust*, trad. Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 11.

24 Já se destacou a semelhança sonora entre Uriah e "You are I" (você é eu), o que apenas sublinharia a projeção de David nesse seu outro. A rivalidade entre eles ressoa ainda a de seus homônimos bíblicos: no Velho Testamento, Urias é um oficial hitita que Davi manda matar para poder se casar com Betsabeia (II Samuel, 11).

25 Terry Eagleton, "Charles Dickens", in *The English Novel*, op. cit., p. 162.

26 Georg Lukács, "O romance como epopeia burguesa", *Ensaios Ad Hominem*, n. 1, tomo II (Música e Literatura). São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 100.

27 Charles Dickens, *Um conto de duas cidades*, trad. Sandra Luzia Couto. São Paulo: Nova Cultural, 2011.

Sobre David Copperfield

Quando lemos Dickens, reformulamos nossa geografia psicológica; esquecemos que algum dia já sentimos os prazeres da solidão ou observamos com assombro as intricadas emoções de nossos amigos, ou nos deslumbramos com as belezas da natureza.{1} O que nos lembramos é do ardor, da excitação, do humor, da estranheza do caráter das pessoas; do cheiro, do sabor, da fuligem de Londres; das incríveis coincidências que conectam as vidas mais remotas; da cidade, dos tribunais, do nariz deste homem, do coxear daquele; de alguma cena debaixo de um arco ou numa avenida; e, acima de tudo, de alguma figura gigante e marcante, tão plena, tão repleta de vida que não existe isolada ou solitária, mas parece precisar de uma multidão de outras para se concretizar, para tornar existentes as partes seccionadas que a completam, de forma que aonde quer que vá ela é o centro do bom humor, da alegria, do preparo do ponche; a sala está cheia, as luzes brilham; lá estão a sra. Micawber, os gêmeos, Traddles, Betsey Trotwood – todos a pleno vapor.

É a força que não se apaga nem falha em seu efeito – a força não de analisar ou interpretar, mas de produzir, aparentemente sem pensar, sem esforço ou cálculo do efeito sobre a história, personagens que existem não em detalhe, não precisos ou exatos, mas abundantes num feixe de observações malucas e no entanto excepcionalmente reveladoras, bolha sobre bolha à medida que o hálito do criador as sopra. E a fecundidade e a aparente ineficiência têm um estranho efeito. Tornam-nos criadores e não apenas leitores e espectadores.

Sutileza e complexidade, está tudo lá se soubermos onde procurar, se superarmos a surpresa de encontrá-las – pelo que nos parece, nós que temos outra convenção a respeito – nos lugares errados. Como criador de personagens, sua peculiaridade é que ele cria onde quer que pouse os olhos – tem o poder extremo da visualização. Suas pessoas ficam

marcadas em nossos olhos antes que as ouçamos falar, pelo que ele as vê fazendo, e parece que é a visão que põe seu pensamento em ação. Ele viu que Uriah Heep “respirou na narina do cavalo e imediatamente a cobriu com a mão”; viu David Copperfield olhando no espelho para ver o quanto seus olhos estavam vermelhos quando a mãe morreu; em um segundo, ele via estranhezas e falhas, gestos e incidentes, cicatrizes, sobrancelhas, tudo o que existe na sala. É quase demais o que seu olhar capta e isso lhe dá um à vontade e uma dureza que anulam o sentimentalismo e o faz parecer uma concessão ao público, um véu posto sobre o olhar penetrante que por si só penetraria até os ossos. Com tamanha força nas mãos, Dickens fez seus livros se inflamarem, não apertando a trama ou afiando a fala, mas atirando mais um punhado de gente ao fogo.

Virginia Woolf

---

1 Publicado em *The Moment, and Other Essays*. Nova York: Harcourt Brace, 1948.

Sobre o autor

Charles Dickens nasceu em 1812, em Landport, perto de Portsmouth. Seu pai era escriturário do departamento financeiro da Marinha. A família mudou-se para Londres em 1815 e para Chatham em 1816. Ali, Dickens passou os anos mais felizes de sua infância. Os Dickens retornaram a Londres em 1822, mas as finanças familiares estavam severamente comprometidas. Charles foi tirado da escola e em 1824 começou a trabalhar num depósito de graxa para sapatos gerenciado por um parente. Seu pai foi preso por dívidas. Essas experiências afetaram profundamente o futuro romancista. Mas assim que a situação financeira do pai melhorou, Dickens voltou à escola, que deixou aos quinze anos para trabalhar sucessivamente como escriturário de advogado, repórter taquígrafo nos tribunais e repórter parlamentar. Em 1833, começou a publicar contos em jornais e revistas, depois editados como *Sketches by Boz* e, em 1836, iniciou a publicação em série de *Pickwick papers*. Antes de terminar *Pickwick*, Dickens, como editor da *Bentley's Miscellany*, havia também começado publicar em capítulos o romance *Oliver Twist* (1837-38). Em abril de 1836, casou-se com Catherine Hogarth, que lhe deu dez filhos entre 1837 e 1852. Percebendo que a publicação em série era ao mesmo tempo agradável e rentável, publicou *Nicholas Nickleby* (1838-39) em partes mensais, *The Old Curiosity Shop* (1840-41) e *Barnaby Rudge* (1841) em capítulos semanais. Visitou os Estados Unidos em 1842 e ao voltar publicou suas impressões com o título de *American Notes*, e um extenso episódio norte-americano em *Martin Chuzzlewit* (1843-44). O primeiro dos cinco "livros de Natal", *A Christmas Carol*, foi publicado em 1843, e o livro de viagens *Pictures from Italy*, em 1846. *Dombey and Son*, cuidadosamente planejado, foi publicado em série em 1846-49, seguido, em 1849-50, pelo "filho favorito" de Dickens, o semiautobiográfico *David Copperfield*. Vieram depois *Bleak*

House (1852-53), *Hard Times* (1854) e *Little Dorrit* (1855-57). Dickens editou e foi colaborador regular dos jornais *Household Words* (1850-59) e *All the Year Round* (1859-70). Diversos ensaios de jornal foram depois coligidos como *Reprinted Piece* (1858) e *The Uncommercial Traveller* (1861). Dickens adquiriu uma casa de campo, Grad's Hill, perto de Rochester, em 1856, e separou-se da mulher em 1858. Voltou à ficção histórica com *A Tale of Two Cities* (1859) e ao uso da narração em primeira pessoa em *Great Expectations* (1860-61), ambos publicados em série em *All the Year Round*. O último romance completo, *Our Mutual Friend*, foi publicado em 1864-65. *Edwin Drood* foi deixado incompleto com a morte de Dickens em 9 de junho de 1870.

Cronologia

1812 Charles John Huffham Dickens nasce em 7 de fevereiro no distrito de Landport, em Porsea, perto de Portsmouth. É o segundo dos oito filhos de John Dickens.

1816-22 Vive em Chatham, onde frequenta a escola.

1822 Muda-se com a família para Camden Town, Londres.

1824 É enviado para trabalhar na fábrica de graxa para sapatos de Warren, enquanto o pai está preso por dívidas na cadeia de Marshalsea.

1824-27 Frequenta o colégio Wellington House Academy, em Hampstead.

1828 Aprende estenografia e torna-se repórter na Doctors' Commons.

1830 Apaixona-se por Maria Beadnell, mas é recusado pelos pais dela.

1832 Torna-se repórter parlamentar.

1834 Junta-se à equipe do *Morning Chronicle*.

1835 Fica noivo de Catherine Hogarth.

1836 Antologia de contos *Sketches by Boz*. Casamento com Catherine. Conhece John Forster, seu futuro biógrafo.

1837 Morre Mary Hogarth, sua adorada cunhada. Nasce o filho Charles, o primeiro de seus dez filhos. Sucesso enorme do romance *Pickwick Papers*.

1838 *Oliver Twist*.{1}

1839 *Nicholas Nickleby*.

1840-41 Edita o seu próprio semanário, *Master Humphrey's Clock*.

1841 *Barnaby Rudge*.

1842 Primeira visita aos Estados Unidos, seguida pela publicação dos diários de viagens *American Notes*.

1843 *A Christmas Carol*, o primeiro dos cinco livros de Natal.

1844 *Martin Chuzzlewit*. Faz uma longa visita à Itália.

1846 *Pictures from Italy*.

1846-47 Faz longas viagens à Suíça e à França.

1848 *Dombey and Son*.

1850 *David Copperfield*.

1850-59 Edita a revista *Household Words*.

1853 *Bleak House*.

1854 *Hard Times*.

1855-56 Passa um longo período em Paris.

1857 Atua em *The Frozen Deep*, peça de Wilkie Collins, e sente-se atraído pela atriz Ellen Ternan. *Little Dorrit*.

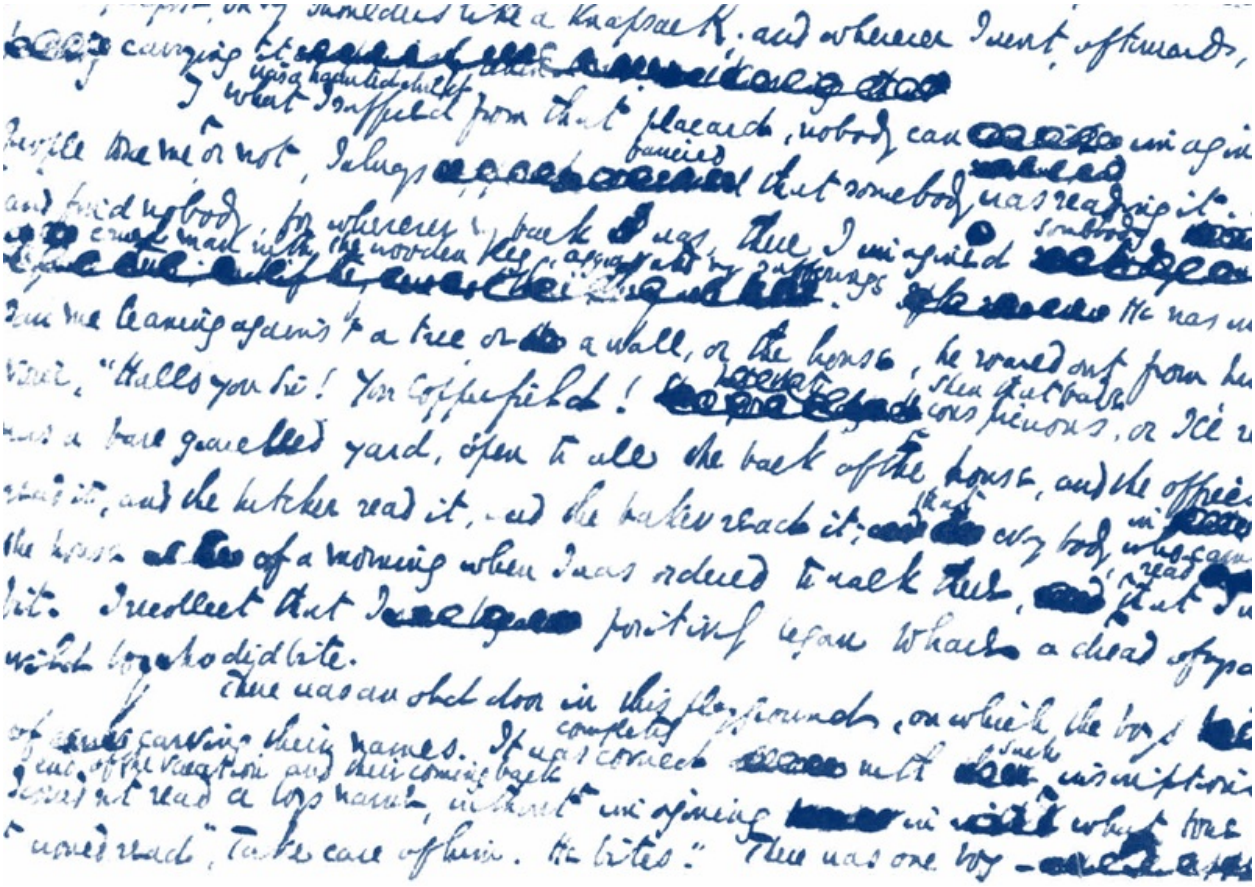
1858 Começa a realizar leituras públicas em Londres e nas províncias. Separa-se de

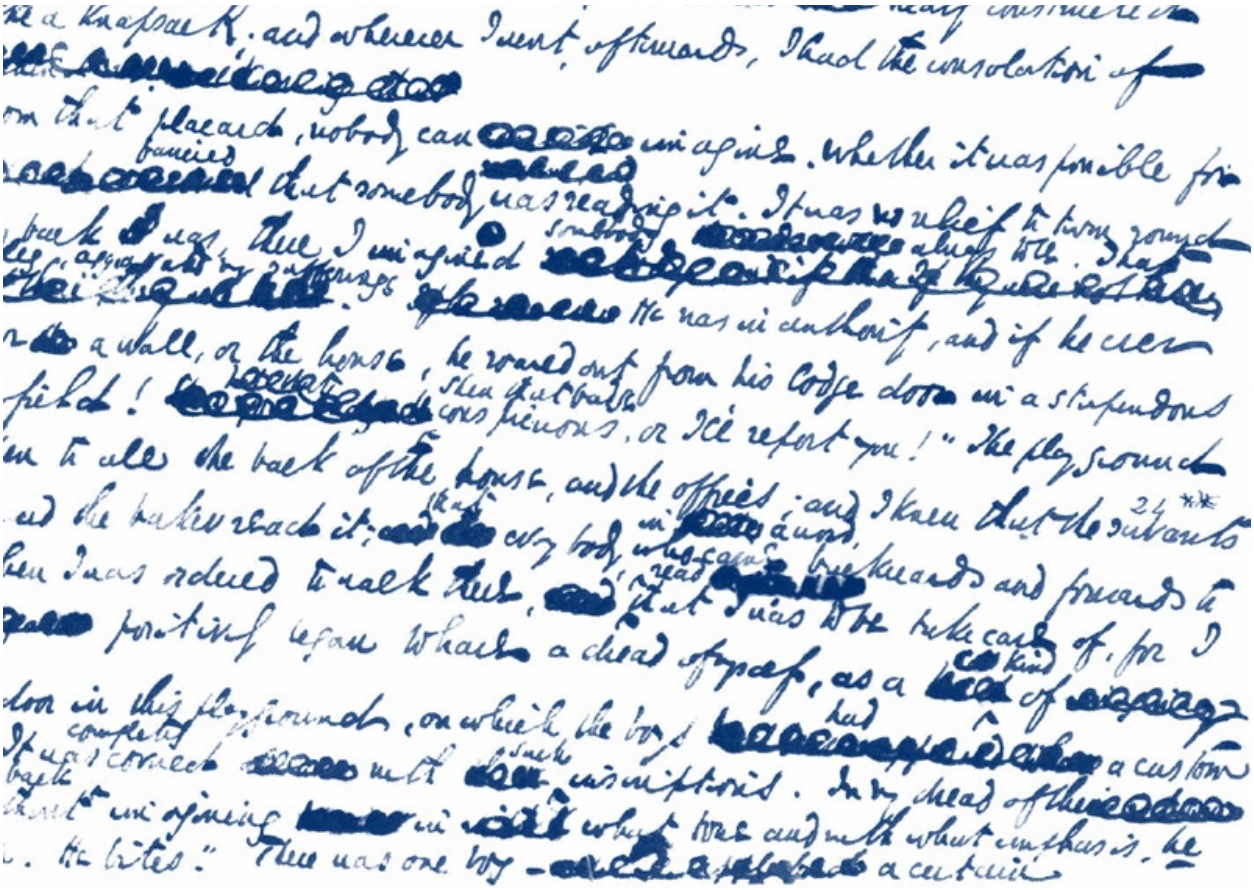
Catherine Dickens.

1859 *A Tale of Two Cities*.
1859-70 Edita o periódico *All the Year Round*.
1860 Muda-se de Londres para Gad's Hill Place, em Kent.
1861 *Great Expectations*.
1861-69 Participa frequentemente de leituras públicas.
1865 *Our Mutual Friend*.
1867-8 Percorre os Estados Unidos realizando leituras dramatizadas de seus romances.
1869 Desmaia em Preston, Lancashire, após um roteiro exaustivo de leituras.
1870 Começa a escrever *The Mystery of Edwin Drood* (que permaneceu inacabado). Morre no dia 9 de junho, em decorrência de um derrame, em Gad's Hill. Está enterrado na Westminster Abbey.

---

1 Data da publicação em livro.





Crédito da imagem

Páginas 1-2 e 1-2: manuscrito original de Charles Dickens para David Copperfield. © Victoria and Albert Museum, Londres.

© Cosac Naify, 2014
"Preface" by Jerome H. Bukcley, from *David Copperfield: a Norton Critical Edition* by Charles Dickens, edited by Jerome H. Buckley. © 1990 by W. W. Norton & Company, Inc. Used by permission of W. W. Norton & Company, Inc.
"Os anos de aprendizagem de David Copperfield"
© Sandra Vasconcelos, 2014

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marta Garcia
ASSISTENTE EDITORIAL Raquel Toledo
PREPARAÇÃO Leny Cordeiro
REVISÃO Carlos A. Inada, Pedro Paulo Silva
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Nathalia Cury, Paulo André Chagas
ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB EquireTech

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)

Dickens, Charles [1812-1870]
David Copperfield: Charles Dickens
Tradução: José Rubens Siqueira
São Paulo: Cosac Naify, 2014
2 ils.

ISBN 978-85-405-0860-6

1. Literatura inglesa - romance i. Buckley, Jerome H.

II. Siqueira, José Rubens III. Woolf, Virginia IV. Vasconcelos, Sandra G. V. Título

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura inglesa – romance 823

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em setembro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTE Ingeborg